Associação dos Arqueólogos Portugueses

A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo

Uma visão de síntese

André Tomás Santos

LISBOA

2019

Para a Helena, a minha mais bela (co)criação

Agradecimentos

Sendo um cliché, não é por isso que deixa de ser verdade: este trabalho só foi possível porque uma série de amigos concorreu para que ele se materializasse. Assim, começo por agradecer à minha orientadora, Doutora Maria de Jesus Sanches, pelo seu incentivo e amizade.

Ao António Martinho Baptista devo a possibilidade de neste momento estar a estudar arte paleolítica. Graças ao CNART, de que aquele autor era diretor, uma nova geração de investigadores, na qual orgulhosamente me incluo, encontra-se neste momento a estudar diversos fácies da arte rupestre ibérica. Foi no seio desta instituição que foi feita uma grande parte do trabalho que serviu de base a esta tese. Que ela seja também evidência do erro que foi extinguir este importante serviço público.

Devo agradecer de sobremaneira aos meus colegas e amigos do Projeto PalæoCôa, designadamente aos que comigo trabalham todos os dias: ao Thierry Aubry pela motivação e disponibilidade, ao Fernando Barbosa, com quem tanto aprendi sobre a arte do Paleolítico e a arte de a "reproduzir", ao Luís Luís pelas discussões sempre frutíferas, ao Marcelo Silvestre, por essa extraordinária capacidade de espalhar alegria por onde passa. Outros colegas estiveram sempre ao meu lado neste percurso, devendo aqui referir-se os nomes de José Pedro Branquinho, António Jerónimo, Marta Mendes ou Mário Reis. Este último foi de uma generosidade a toda a prova, dando-me a conhecer as suas descobertas que sabia serem pertinentes para o meu trabalho. Devo ainda lembrar outros dois amigos que, já não trabalhando comigo, a eles muito devo — o Manuel Almeida e o João Félix.

A forma final deste livro foi ainda melhorada pela introdução de algumas alterações advindas de sugestões que me foram feitas e que julguei pertinentes. Neste sentido, devo destacar as que me foram fornecidas pelos dois arguentes que estiveram presentes no meu júri de Tese, a eles devendo agradecer não só as palavras de elogio e simpatia, como estas mesmas sugestões. Assim, um grande obrigado aos Professores Denis Vialou e Rodrigo de Balbín Behrmann.

Uma série de pessoas foram fundamentais no processo de acesso a alguma bibliografia de difícil obtenção. Desde logo, devo agradecer aos investigadores Paul Taçon e Mário Varela Gomes a amabilidade e a celeridade no fornecimento de textos da sua autoria que me faziam falta. Ao investigador português devo ainda agradecer as suas palavras de incentivo. A Maria João Neves, a Cristina de Juana, o João Nuno Marques e o Bertrand Walter foram também cruciais no que à obtenção de bibliografia diz respeito. O meu irmão Jorge Eduardo Santos foi igualmente fundamental a este respeito. Contudo, pela recorrência "neste departamento" um destaque especial tem que ser dado ao Fernando Gonçalves, da Biblioteca de Arqueologia, e à Eunice Dionísio, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e digna continuadora do trabalho da nossa querida D. Milu (Pereira).

Deste último instituto devo lembrar o incentivo, o exemplo científico e ético e a amizade inquebrantável dos meus mestres Domingos Cruz e Raquel Vilaça.

Ao Sérgio Gomes agradeço a oportunidade de aqui apresentar placa exumada em escavações por si dirigidas no sítio do Vau, ainda inéditas.

Ao Pedro Guimarães e ao José Paulo Ruas agradeço a possibilidade de utilizar algumas das suas magníficas fotografias.

Não devo esquecer também o meu amigo Lois Ladra que, sob uma chuva intensa, me ajudou a carregar os exemplares da tese desde a tipografia até à Faculdade.

Ao Carlos Vázquez agradeço a disponibilidade e solicitude para comigo durante uma demorada visita a Siega Verde. Graças a visitas a outros sítios com arte paleolítica conheci uma série de pessoas que considero constituírem verdadeiros amigos, devendo aqui referir, pela sua cumplicidade, Javier Angulo, José María Ceballos, Joaquín Eguizabal, Marcos García, José Ignacio García, Jorge Lanza e Gonzalo Sánchez.

Uma palavra especial tem que ir para a "vandalagem" de Aveiras de Cima. Se parte deste trabalho me reflete um pouco, muito do que sou a eles devo: à(os) divers@s Joões, aos múltiplos Pedros, ao Bruno, à Betinha, à Carla, à Cláudia, à Eulália, ao Gil, ao Gonçalo, à Joana, ao Luís, à Lurdes, à Neuza, à Raquel, à Rita, ao Sérgio, à Sónia ou à (minha irmã)

Teresa... E em particular ao Rui, que por um cancro o ter levado em 2016, já comigo não conversa sobre a música (Santos, 2008a, 29).

Uma última palavra de agradecimento vai para a minha família, que sempre esteve ao meu lado nesta caminhada, designadamente para os meus pais José Tomás e Maria do Carmo Santos, a minha avó Angelina Pinto, os meus irmãos Maria Teresa e Jorge Eduardo Santos, mais recentemente as minhas sobrinhas Audrey, Diana e Hazel e, muito, muito particularmente, para a mulher amada Joana Teixeira, para a nossa pequena bípede Helena e para as duas quadrúpedes lá de casa Salo(mé) e (Cris)talina.

Resumo

Este trabalho debruça-se sobre a arte paleolítica do vale do Côa e do seu território de aprovisionamento em matérias-primas. Este estudo parte do princípio que a arte rupestre reflete a ideologia das comunidades que a produziram e experienciaram. Não sendo possível definir essa ideologia, será, no entanto, exequível identificar o tipo de ontologia dominante (*sensu* Descola) que lhe subjaz. Começaremos por demonstrar, através de uma análise historiográfica, que a arte paleolítica europeia não deve ser considerada como uma arte das cavernas, sendo esta apenas uma das facetas de um fenómeno muito mais variado, e onde a iluminação natural é altamente relevante. O estudo da arte ao ar livre é, portanto, crucial para a compreensão da arte paleolítica europeia como um todo. Antes de qualquer análise, é essencial inferir diacronias e sincronias. Assim, recorrendo-se a procedimentos estatísticos identificaram-se quatro classes de motivos, com possível significado cronológico, tal como demonstrado pelo estudo da estratigrafia parietal e da geoarqueologia dos sítios. Estas classes foram datadas recorrendo-se a argumentos geoarqueológicos, arqueológicos e estilísticos. Inferiu-se, assim, a existência de quatro fases de produção gráfica, datadas de entre o Gravettense e o Azilense. Em seguida procurou-se inferir para as três fases mais antigas, também mediante procedimentos estatísticos, as tendências de associação entre os diversos temas figurativos e chaves não figurativas e a forma como a informação se organiza na paisagem. Revelou-se assim a existência de regularidades quer no conjunto de sítios da fase 1, quer no dos das fases 2 e 3. Essas regularidades são compatíveis com uma ontologia de tipo totémico, devendo alguns dos sítios maiores do Vale de Côa terem funcionado como centros de agregação de grupos filiados em diferentes categorias sociais. A passagem para uma ontologia dominante de tipo animista, evidente na arte mesolítica, ter-se-á dado devido, muito provavelmente a alterações das estratégias de caça fomentadas pela melhoria climática que, começada no Tardiglaciar, se vai impor de forma definitiva, após o curto intervalo do Dryas recente, no Holoceno.

Palavras-chave: arte rupestre ao ar livre; Paleolítico superior; Meseta; Beiras, Trás-os-Montes e Alto Douro.

Abstract

The main focus of this thesis concerns the Palaeolithic rock art of the Côa valley and of its territory of raw material procurement, drawing on the hypothesis that rock art reflects the ideology of the communities that created and experienced it. Although we think that it is impossible to define this ideology, we believe that is feasible to identify the type of prevailing ontology (*sensu* Descola) that underscores it. We show, through a historiographical approach, that Upper Palaeolithic cave art is but one side of a more varied phenomenon where natural light is highly relevant. The study of open-air rock art is therefore highly important in order to better understand European Palaeolithic art as a whole. The definition of the diachronic range and synchronies of a rock art sample is of crucial importance and must be established before any deeper analysis is undertaken. We accomplished that by applying correspondence analysis and cluster analysis to our sample. The result of that work was the identification of four classes of motifs with possible chronological significance, as it was revealed by the study of the rock art stratigraphy of the panels and by a geoarchaeological approach of the sites. The dating of these classes was made by the concurrence of geoarchaeological, archaeological and stylistic arguments. Four phases of artistic production were identified, ranging from Gravettian to Azilian. In the three older phases, we identified, through statistical procedures, the existence of regularities in the tendencies of association between motifs and in the way information is spread in the landscape. These regularities are compatible with a totemic type of ontology. We hypothesised that some of the bigger sites of the Côa valley have functioned in this context as aggregation sites of people of different social affiliations. The transition from a totemic type of ontology to the animistic type reflected in the Mesolithic rock art, was likely due to the changes in the hunting strategies fomented by the climatic improvement started in the Late Glacial and finished, after the short break of the Late Dryas, during the Holocene.

Keywords: open air rock art; Upper Palaeolithic; Iberian Meseta; Portuguese Beiras; Portuguese Trás-os-Montes e Alto Douro.

0. Algumas considerações prévias: notas sobre uma revolução inacabada

No momento em que escrevemos estas linhas passaram mais de vinte anos desde que se revelou publicamente, em 1994, a existência de arte paleolítica ao ar livre nas margens do Côa (Luís, 2008, 25), descoberta por N. Rebanda um ou dois anos antes (Rebanda, 1995a, 11; 1995b, 6)[1]. Esta descoberta foi justamente considerada por muitos como uma "revolução coperniciana" (Zilhão, 1997a, 29), ou ainda como "*the most revolutionary discovery in Palaeolithic art*" (Sacchi, 2000, 8), até aí considerada como uma arte essencialmente cavernária, muito embora se conhecessem já outros sítios que indiciavam o contrário; referimo-nos não apenas às estações localizadas ao ar livre absoluto até então identificadas, mas também aos abrigos insculpidos do Sudoeste francês — já considerados como estações ao ar livre por Laming-Emperaire (1962, 303-359) — e às cavidades com gravuras não só no interior como também no exterior das mesmas, como sejam os casos de La Lluera 1 (Fortea, 1989) ou Hornos de la Peña (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 85-111 e Pls. LI-LVIII, em particular a LIV), só para citar duas estações da região cantábrica. É assim provável que, originalmente, a arte de ar livre fosse, de facto, mais habitual que a das profundezas (v. g. Bahn & Vertut, 1997, 133; Zilhão, 1997a, 29).

Contudo, um olhar crítico sobre as sínteses em torno da arte paleolítica que foram surgindo desde a referida revolução (v.g. Bahn & Vertut, 1997, 170-211; Sanchidrián, 2001, 337-350; White, 2003, 50-61; Lawson, 2012, 199-228; Groenen, 2012), permite-nos verificar que o facto da arte rupestre ocorrer (também) ao ar livre veio alterar em muito pouco as grandes narrativas interpretativas em torno do fenómeno, chegando mesmo a ser ignorada (Clottes, 2012). Ora, a Revolução a que nos temos vindo a referir só se cumprirá na medida em que a existência da arte ao ar livre permitir iluminar o porquê desse fenómeno mais vasto que é o da arte paleolítica europeia, nas suas diversas modalidades e contextos.

Denotam as nossas palavras a crença numa explicação unitária da arte paleolítica europeia? Evidentemente que não podemos pensar que um sítio como a Foz do Ocreza, onde apenas se observa um cavalo picotado (Baptista, 2001a), tenha desempenhado o mesmo papel na tessitura social que a Penascosa, onde se conhecem dez rochas gravadas (Santos, 2012, 50). Parece-nos, no entanto, plausível que quer estes sítios, quer os sítios coevos do Sudoeste europeu são emanados da mesma ideologia, ou pelo menos, do mesmo sistema de pensar; na verdade, apenas assim se compreenderá que numa área geográfica tão imensa os temas da arte rupestre sejam, com algumas nuances, praticamente os mesmos, como apesar de tudo, julgamos ainda poder ser defendido (v. g. González Sainz, 2012, 155).

A ideologia pode ser definida como "toda uma superstrutura de sensações, ilusões, modos de pensar e visões da vida diversos e formados de um modo peculiar" (Marx, 2008 [1852], 459), superstrutura essa que assenta "sobre as diversas formas de propriedade e sobre as condições sociais de existência" (*idem*, 459). Trata-se, portanto, de um sistema de interpretar o Mundo mas também um compêndio de como nele *habitarmos*. A ideologia é, porque originada a partir do próprio viver social do Homem, inerente à condição humana, e a sua natureza é decisiva — se bem que não determinante — para o funcionamento e devir de dado corpo social. Não sendo determinante, influi, no entanto, sobre esse devir. De facto, as ideologias contêm normas, interditos, formas de interpretar e de agir sobre a realidade que determinam as respostas de um corpo social a um determinado problema, a adopção ou recusa de determinada inovação técnica ou a abordagem epistemológica de determinados assuntos em detrimento de outros, só para citar alguns exemplos.

O estudo da(s) ideologia(s) de uma sociedade é, portanto, uma questão central para o conhecimento desta e para uma justa interpretação do que se vai passando nas outras esferas do seu devir social, designadamente na das relações sociais. Ora, se esta arte é emanada da ideologia que a produziu, então ela pode ser uma fonte importante para a compreensão desta, mesmo que num sentido lato.

Efetivamente, julgamos muito difícil chegar a definir de forma muito precisa as ideologias das comunidades do Paleolítico superior. Pensamos, no entanto, ser possível através do estudo da sua arte rupestre, chegar pelo menos a poder caraterizar a ontologia dominante dessas comunidades (Descola, 2005). Como veremos, Descola apenas concebe a existência de quatro tipos de ontologia. Se nenhuma destas ontologias pode ser entendida como uma ideologia em

1 Presumindo, no entanto, A. M. Baptista que esta descoberta se deu ainda em 1991 (Baptista, 1999b, 8).

sentido estrito, não restam dúvidas que se relacionam de forma muito direta com estas, até porque, como o autor bem demonstrou, cada uma delas permite apenas determinadas formas de relação entre humanos, ou entre humanos e a natureza, impedindo outras de se imporem (*idem*, 665-683). Por outro lado, em nenhuma sociedade humana se observa a presença exclusiva de um destes tipos de ontologia. De facto, se as sociedades, são sempre dominadas por uma dada ontologia, não são estanques às restantes. Nunca vamos encontrar uma sociedade puramente "analógica", "animista", "totémica" ou "naturalista". Mas também não se conhecem sociedades onde uma destas ontologias não se sobreponha a qualquer uma das outras que possa esporadicamente "despontar" em determinado contexto social. É essa ontologia dominante que julgamos ser possível inferir a partir do estudo da arte rupestre.

Estas inferências só serão possíveis se as manifestações gráficas forem entendidas como mais uma manifestação da cultura material de uma comunidade, tal como proposto por M. Conkey (Conkey, 2001a, 285). Mas tal só ocorrerá se as linhas de questionário adoptadas se adequarem às caraterísticas particulares desta fonte.

Um aspecto que não deve ser descurado é a caraterização rigorosa dos dispositivos parietais. Como é cabalmente demonstrado por Descola e os autores que com ele colaboraram em (exposição e) obra recente dirigida pelo primeiro (Descola, dir. 2010), cada ontologia produz imagens muito diversas mas que contêm elementos estruturais comuns. Naquela obra os autores partiram das ontologias e explicaram as obras. No nosso caso, encetaremos o processo inverso. Atingido esse objetivo, procuraremos perceber em que medida as nossas inferências podem ajudar a conhecer melhor as comunidades que habitaram na região durante o Paleolítico superior.

Mas como caraterizar rigorosamente os dispositivos parietais? Desde logo, começando pela inventariação e descrição rigorosa das unidades gráficas presentes em cada painel (parte 1 dos nossos anexos). A partir daqui deveremos identificar os temas e as relações que estes estabelecem entre si, as que se repetem mais e as raras, as que se dão em todo o lado e as que só ocorrem em determinados tipos de sítio.

Mas há que ampliar a análise para além do painel, é preciso igualmente estudar as relações deles na rocha, as relações entre rochas, entre conjuntos de rochas e entre sítios. Será fundamental ter em conta a "arquitetura da arte parietal paleolítica" tal como dela nos fala Denis Vialou (2004a): partir da unidade gráfica para o dispositivo parietal, deste para a construção simbólica e desta para o movimento entre as construções simbólicas, entrando aqui em jogo o factor tempo.

Mas é imperioso alargar esta abordagem arquitetural à escala da paisagem. Para este estudo, as metodologias advindas das abordagens fenomenológicas continuam a parecer-nos as mais indicadas (v.g. Tilley, 1994; Santos, 2008a). Poucos são os estudos sobre a arte rupestre das cavidades cársicas em que se tem em conta a paisagem. Não quer isto dizer que a análise espacial se encontre ausente destes estudos (Conkey,1980; Bahn, 1983; Moure, 1994; Cantalejo & Espejo, 1997; Ramos, Cantalejo & Espejo, 1999; Utrilla & Martínez, 2008; Balbín, 2008; 2014a). Contudo, espaço é diferente da paisagem (v. g. Tilley, 1994, 25) e esta só muito recentemente tem sido tido em conta nestes estudos (Baptista, Santos & Correia, 2006; 2008a; 2008b; Baptista & Santos, 2010; Santos, 2012; Lacombe & Conkey, 2008). Na verdade, o espaço nos primeiros trabalhos referenciados é entendido apenas como "contentor" de recursos e de comunidades. Nos último privilegia-se a *paisagem*, entendida como uma rede de *lugares* significantes. Na verdade, parece-nos que o espaço tal como percepcionado pelas comunidades de caçadores-recolectores é-o mais como uma rede de lugares, ligados por caminhos, onde se cruzam mito, moral, sabedoria, vida quotidiana, regras de conduta, e os eventos marcantes da vida de um indivíduo ou de um grupo (v. g. Ingold, 2000; Basso, 1996, Tilley, 1994).

Queremos com estas palavras sugerir que importam mais na paisagem estes *lugares* e *caminhos* que os vaus dos rios, as rotas das manadas de grandes herbívoros, as fontes de matéria-prima, ou os locais indicados para montar acampamento ou um bivaque? Longe de nós tal intenção. Desde logo, "aprende-se a paisagem" enquanto por ela se anda e se trabalha, não se passando o conhecimento sobre a mesma "*through their instruction in traditional lore, for example in the stories of the Dreaming among the Pintupi and of the Distant Time among the Koyukon*" (Ingold, 2000, 56). A "paisagem aprende-se" enquanto se cruza o rio (provavelmente este vau, ele próprio um lugar altamente significante), enquanto se segue a pista de um animal ou se informa o neófito dos percursos anuais dos auroques e cavalos, enquanto se percorrem os caminhos que levam até às fontes de matéria-prima e aos locais indicados para montar acampamento ou bivaque, etc.

Estes sítios, designadamente as fontes de matérias-primas podem ser *per se* lugares de elevado valor simbólico, tal como se documentou no Noroeste da Austrália (Taçon, 1991).

Antes de se proceder ao estudo da paisagem, há, no entanto, que definir bem a diacronia do fenómeno que abordamos, não com o fim único de criarmos uma sequência cronoestilística mas, pegando nesta, inferir sincronias entre os diversos dispositivos estudados. Este estudo cronológico passou pela inferência de classes formais de motivos, definidas a partir do cálculo estatístico de similitudes formais entre os mesmos. Procurou-se depois datar cada uma destas classes recorrendo-se às observações da estratigrafia parietal, às pistas fornecidas pela arqueologia e à geoarqueologia dos sítios. Procurou-se ainda identificar os paralelos para estas classes em outros sítios do Sudoeste europeu. A identificação destes paralelos não visa a utilização das similitudes formais entre as figuras *per se* como argumento para atribuirmos cronologias aos motivos que queremos datar, até porque a maior parte desses paralelos têm uma atribuição cronocultural baseada igualmente no estilo. Esse estudo procurará essencialmente demonstrar que a área por onde se distribuem os paralelos para cada uma das nossas classes não é sempre a mesma, sendo uma vezes mais vasta e outras mais restrita. Essas diferenças poderão ter que ver com a maior ou menor extensão das redes de interação em que se inserem as comunidades que produzem estes grafismos. João Zilhão propôs há uns anos que a uniformidade que se verificava ao longo de uma vasta área da Europa ao nível da produção gráfica, da tecnologia lítica e do comportamento funerário entre o Gravettense e o Solutrense médio se deveria à extensão destas redes, potenciada e permitida pelo rigor do Máximo Glaciar, que não só impunha o reforço da interação social a longa distância como o facilitava devido à desflorestação das paisagens (Zilhão, 2003). A confirmação desta hipótese passará pela verificação de que em momentos mais temperados do Paleolítico superior os paralelos para a arte coeva do Côa se distribuirão por uma área mais restrita e que em outras fases frias vamos voltar a encontrar paralelos distribuídos por uma área mais vasta. Se esta hipótese se verificar, tal poderá ser utilizado como um argumento suplementar de validação da nossa proposta cronoestilística. Como a maior parte destes paralelos não está datada diretamente, a discussão da sua atribuição cronocultural teve que ser feita caso a caso, de forma a avaliar criticamente a possibilidade de uma contemporaneidade relativa entre esses paralelos e cada uma das classes com que se comparam.

Na medida em que este trabalho se insere numa linha de estudo com mais de cem anos, procedeu-se também a uma síntese historiográfica sobre a arte paleolítica de ar livre e a uma breve exposição sobre as abordagens estilísticas em arte rupestre.

0.1. Os limites geográficos da área de estudo

Se cedo percebemos que as estações do Côa seriam o nosso ponto de partida para este trabalho, também depressa compreendemos que o tipo de abordagem a que iríamos proceder exigiria que não nos restringíssemos às margens deste rio; precisávamos de mais casos de estudo: de mais "construções simbólicas", de mais "locais", para que os resultados dos nossos estudos saíssem mais reforçados.

Por outro lado, as comunidades que aqui gravaram e pintaram não percorriam apenas as margens deste rio; pelo que sabemos dos territórios de outros caçadores-recolectores (v. g. Zilhão, 1997b, 146-152), a paisagem por onde circulariam no decorrer das suas atividades, seria bem mais vasta. Mesmo as características estilísticas das manifestações gráficas presentes em alguns dos sítios mais pequenos existentes fora do Côa parecem atestar a sua ligação numa mesma tessitura social.

Importa, portanto aumentar a nossa escala de análise, mas até onde? Nós optámos por permitir que fossem os dados arqueológicos a definir o território sobre o qual nos iríamos debruçar: assim, mais que uma área de estudo definida por critérios políticos ou geográficos, esta é definida com base em critérios de natureza sociocultural. Na verdade, para além da região do Baixo Côa ser uma das que, a sul da região Cantábrica, se encontra mais estudada ao nível da ocupação humana, dispõe também de uma valiosíssima informação ao nível do aprovisionamento das matérias-primas, designadamente de rochas siliciosas (Aubry & Mangado, 2003a; 2003b; 2006; Aubry, Mangado & Sampaio, 2009; Aubry *et al.*, 2002; 2003; 2004; 2012). Se num mapa de distribuição das fontes dessas matérias-primas, procurarmos as fronteiras geográficas que as contém, obteremos o mapa da nossa área de estudo (Fig. 0.1). Esta corresponde à bacia do Douro e a todo o território

imediatamente a sul, delimitado pela vertente noroeste da Cordilheira Central e pela margem direita do Tejo. Integram-se assim no nosso estudo, para além das estações do Côa, os sítios de ar livre do Sabor (Baptista, 2009a, 196-207), da Fraga do Gato (Baptista, 2009a, 226-229), de Mazouco (Jorge *et al.*, 1981), de Redor do Porco (Baptista & Reis, 2011), de Foz Tua (Teixeira & Sanches, 2013), de Poço do Caldeirão (Baptista, 2004) e Costalta (Baptista, 2009a, 221-223) — ambos no vale do Zêzere, junto à povoação de Barroca do Zêzere —, do Ocreza (Baptista, 2001a), de Siega Verde (Alcolea & Balbín, 2006a), de Domingo García (Ripoll & Municio, dirs, 1999) e de La Salud (Gárate *et al.*, 2016); para além destes sítios seguros terão que se ter em conta as rochas com potenciais gravuras incisas de cronologia paleolítica do Vale do Tejo (Gomes, 2007a, 85-87).

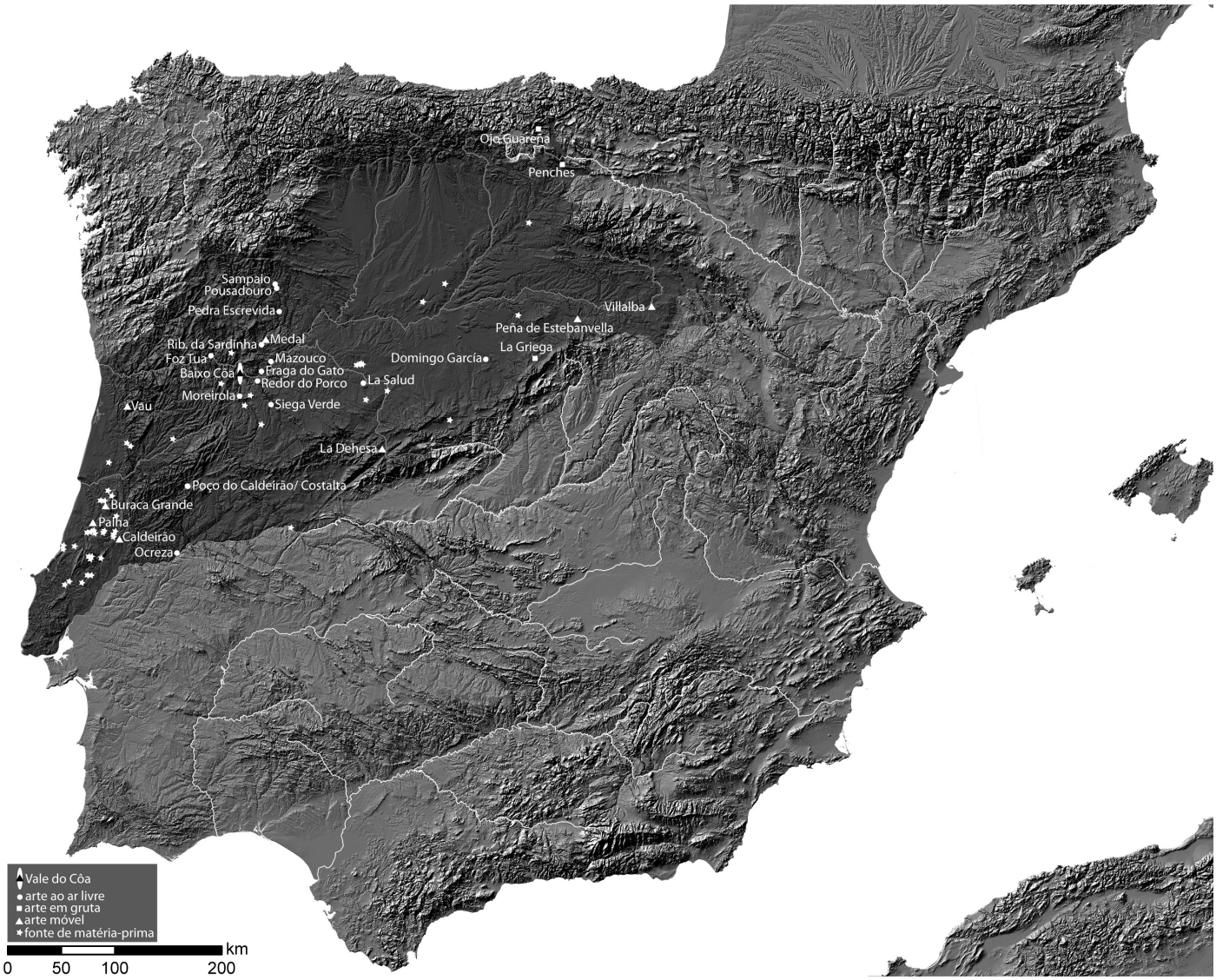


Fig. 0.1: As manifestações gráficas de cronologia pleistocénica na área de estudo por nós definida. Embora as grutas de Ojo Guareña e Penches não se localizem *stricto sensu* dentro dessa área, foram incluídas pelas razões aduzidas no texto. A localização das fontes de matéria-prima foram retiradas de Aubry *et al.*, 2012.

Para além destes sítios, conhecem-se outros na área delimitada onde os grafismos ocorrem sobre outras formas e suportes e que serão também tidos em conta no nosso trabalho, designadamente em algumas das análises multivariantes. Estes sítios correspondem a uma gruta e a várias estações com arte móvel. O primeiro é La Griega (Corchón, coord., 1997) enquanto entre os segundos se contam Fariseu (García & Aubry, 2002; Aubry, 2009a), Quinta da Barca Sul (García, 2009), Cardina I (García, 2009; Aubry, 2009a) — estes três localizados no vale do Côa —, Medal (Figueiredo *et alii*, 2014) — localizado no vale do Sabor —, grutas do Caldeirão (Zilhão, 1988) e da Buraca Grande (Aubry & Moura, 1993), abrigo da Palha (Braz & Gaspar, 2003) — situadas *grosso modo* na Estremadura —, Peña de Estebanvela (Cacho, Ripoll & Muñoz, coords., 2006; Cacho, coord., 2013), La Dehesa (Fabián, 1986) e Villalba (Jimeno & Fernández, 1988) — localizadas na Meseta norte. Excluímos do estudo a figura de equídeo do Portalón de Cueva Mayor da Serra

de Atapuerca, porquanto estudo recente aponta para uma cronologia de inícios do século XX para esta figura (García *et al.*, 2001). Por outro lado, serão adicionadas ao nosso estudo, pese embora se encontrem fora da área delimitada, as grutas de Penches (v.g. Hernández-Pacheco, 1917; Corchón, 2003, 115-117) e de Ojo Guareña (Corchón *et al.*, 1996), dada a proximidade e a ausência de "obstáculos" fisiográficos entre a sua localização e a área de estudo por nós definida.

0.2. As balizas cronológicas

Os limites cronológicos deste trabalho estão implícitos no seu título. Importa, no entanto, precisar quais são esses limites. O Paleolítico superior deve ser entendido como uma revolução no tempo longo (Gilman, 1984; Zilhão, 2011), uma revolução que passa, não pela substituição de uma espécie (o Neandertal) por outra (o "Homem Anatomicamente Moderno"), mas por profundas transformações ao nível da tecnologia, das estratégias de caça, das relações sociais e das representações que as conformam, e das quais a arte rupestre, a par dos enterramentos, é uma das manifestações mais evidentes. Que esta revolução arranca ainda no Paleolítico médio, como propunha há uns anos Gilman (1984) parece-nos, como tem vindo a ser defendido por outros autores (v.g. Zilhão, 2011), cada vez mais provável. No que à arte rupestre diz respeito, as evidências, de que esta pode ter começado a ser produzida ainda durante o Paleolítico médio aumentam de dia para dia (v.g. algumas das recentes datações de El Castillo [Pike *et al.*, 2012]).

Em Portugal não existem (ainda) evidências de arte mousteriense, ou mesmo coeva da chegada do Homem Anatomicamente Moderno, que se dá durante o Aurignacense Evoluído, depois de 37.000 calBP (Zilhão, 2009, 307). É verdade que durante a fase mais antiga do Vale do Côa, existem grafismos que poderão remeter morfologicamente para outros provenientes de sítios datados hipoteticamente do Aurignacense, como seja Pair-non-Pair (Guy, 2002, 71; Lenoir *et al.*, 2006, 26), sendo também verdade, no entanto, que este tecnocomplexo não está atestado no Côa, encontrando-se demonstrada a ocupação da região somente a partir do Gravettense (Aubry, 2009g, 348). Consequentemente, podemos definir o Gravettense como o limite inferior do intervalo temporal sobre o qual se debruçará o nosso estudo.

Já o limite superior é bem mais difícil de precisar. Como se referiu, a fase mais recente de gravação pleistocénica no Côa apresenta os seus paralelos mais evidentes na arte móvel proveniente da camada 4 do Fariseu, camada essa cujo material aí recolhido, assim como as datas absolutas que daí se conhecem, sugerem uma integração cultural no fácies Carneira do Magdalenense final (Aubry, 2009g, 355-356), tal como definido por João Zilhão para a Estremadura portuguesa (1997b, 237-239) (Fig. 0.2). Ora, este fácies (e a camada 4 do Fariseu) é coetâneo do Azilense de outras regiões (por exemplo, na região Cantábrica, as datas mais antigas deste tecnocomplexo andam em torno de 11.800/ 11.500 BP, o que nos dá uma data calibrada de c. de 13.500 BP [González & Utrilla, 2005]).

Em 1997 J. Zilhão não considerou possível distinguir o Azilense em Portugal, uma vez que à época a distinção entre este e o Magdalenense final na Cantábria era alicerçada nas diferenças existentes ao nível da indústria óssea, indústria essa que em Portugal estava ausente (Zilhão, 1997b, 45). Ou seja, o problema não tinha tanto que ver com a existência do Azilense, mas com a sua identificação. Em termos de arte este período é, como se verá, perfeitamente identificável. De facto, estes grafismos denotam, relativamente aos de períodos anteriores, um corte importante ao nível estilístico e temático, aproximando-se muito mais dos conjuntos rupestres dos inícios do Holoceno. Assim, pelo menos ao nível dos grafismos rupestres, o Azilense na região pode, de facto, ser considerado como um tecnocomplexo já do Epipaleolítico (v. g. Sanchidrián, 2001, 353-363; Baffier, 2002; Vialou, 2004b, 266). Assim, se Zilhão, na impossibilidade de distinguir nos conjuntos líticos diferenças entre o Magdalenense e o Azilense opta tomar a data de 10000 BP (c. 11.500 calBP) "como limite convencional do Paleolítico" (1997b, 45), nós, na medida em que identificamos um corte importante que aproxima os grafismos do Dryas recente não aos anteriores, mas aos que tradicionalmente são considerados como plenamente holocénicos, somos forçados a optar pela cronologia tradicional europeia, que admite que é ao longo do Alleröd que se dá a transição Paleolítico/ Epipaleolítico[2] (v.g. Orliac, 2002; Vialou, 2004c, 592-593).

Pensamos que esta ruptura detetada no registo gráfico deverá ser interpretada como manifestação de mudanças

2 Enquanto o Mesolítico corresponde à "totalidade do período considerado como intermediário entre o Paleolítico e o Neolítico", o Epipaleolítico "designa as indústrias, por exemplo o Azilense, marcadas por uma crescente microlitização dos tipos de utensílios [...] sem que os hábitos económicos e tecnológicos das derradeiras culturas paleolíticas sejam abandonadas" (Vialou, 2004c, 592); do ponto de vista da cronologia, "as culturas epipaleolíticas desenvolvem-se antes do extremo final do Pleistoceno, entre 12.000 e 10.000 anos BP durante a melhoria climática do Alleröd e a última oscilação fria, o Dryas III" (*idem*, 592).

ideológicas decorrentes da adaptação das comunidades pré-históricas às alterações climáticas que se dão imediatamente após o final do *Heinrich Event* 1 e se prolongam até ao Holoceno. Os efeitos do Dryas recente vêm provavelmente colocar em causa estas mudanças, mas não travá-las de forma definitiva. Elas poderão não ser é detetáveis se a análise se restringir exclusivamente aos conjuntos líticos (assim como não se detetam quando passamos dos conjuntos líticos do Pleistoceno para os dos inícios do Holoceno — Zilhão, 1997b, 45). A profusão da arte deste período poderá aliás, estar ligada às potenciais "crises" causadas precisamente por esse último episódio frio do Würm que poderiam estar a colocar em causa um processo iniciado imediatamente após o final do HE 1...

Esta é razão mais do que suficiente para excluirmos parcialmente do nosso estudo a arte rupestre azilense (será tida em conta apenas nos capítulos 3 e 4 do nosso trabalho, onde se procurará precisar as cronologias das diferentes manifestações gráficas que estudamos); no entanto, seria desonestidade intelectual da nossa parte não apontarmos uma outra razão bem mais prática para esta parcial exclusão. De facto, a maior parte dos grafismos azilenses do Côa está por estudar, estando nós ainda longe de possuirmos uma amostragem suficientemente representativa para que nos possamos atirar a uma análise temática, relacional e ao nível da localização da paisagem com a profundidade a que procedemos com os conjuntos mais antigos.

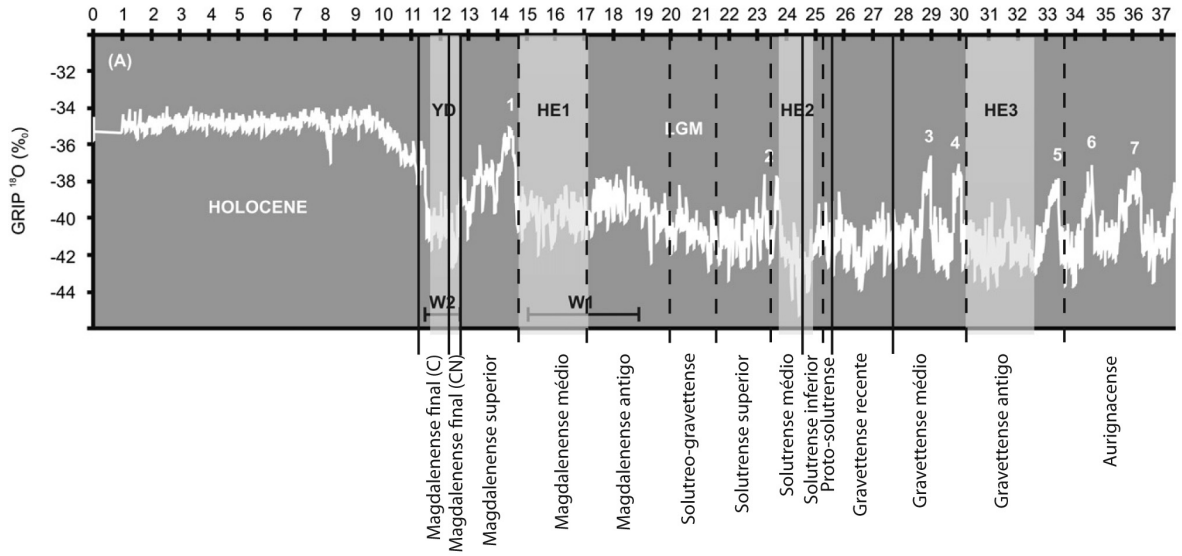


Fig. 0.2: Sequência do Paleolítico Superior português, a partir de Zilhão, 1997b e 2013 (imagem de base retirada de Aubry *et al.*, 2010); agradece-se ainda a preciosa ajuda de Thierry Aubry na elaboração desta figura).

0.3. A organização do trabalho

O ponto 1 do nosso trabalho trata da historiografia em torno da arte paleolítica europeia ao ar livre. Ao longo dele procurar-se-á, de igual modo, tecer uma pequena história da interpretação do fenómeno gráfico na sua globalidade, e do peso variável das estações de ar livre nas diferentes propostas. O capítulo 2 debruça-se sobre questões metodológicas subjacentes às análises que serão em seguida apresentadas. O capítulo 3 trata da classificação "estilística" (o uso das aspas tornar-se-á evidente para quem ler as primeiras linhas desse capítulo) do *corpus* gráfico estudado. Encontra-se dividido em dois pontos. O primeiro consiste numa breve historiografia e apresentação de um ponto da situação relativamente às abordagens estilísticas nos estudos de arte paleolítica. O segundo ponto do trabalho trata exclusivamente da classificação do *corpus* gráfico, confrontando o terceiro estes resultados com as observações da estratigrafia parietal dos espaços gráficos e da geoarqueologia dos sítios onde estes se encontram. O capítulo 4 debruçar-se-á exclusivamente sobre a datação das classes identificadas e a identificação dos respetivos paralelos na Europa do sudoeste. No capítulo 5 serão caraterizados cada um dos sítios estudados. Encontra-se dividido em sete subcapítulos, cada um deles dedicado a uma das regiões onde se encontram sítios com arte ao ar livre na nossa zona de estudo. No capítulo 6 procurar-se-á caraterizar formalmente e do ponto de vista do conteúdo os diferentes dispositivos gráficos. No capítulo 7 procurar-se-á sintetizar os resultados a que chegámos previamente, discutindo-se a sua relevância para um melhor conhecimento das sociedades do Paleolítico superior do sudoeste europeu. No capítulo 8, o leitor encontrará descriminada a bibliografia citada ao longo

do trabalho.

Um segundo volume será composto pelos anexos a este trabalho. Aí apresenta-se o inventário das unidades gráficas dos dispositivos parietais paleolíticos do território português da nossa área de estudo. Este inventário foi feito a partir dos decalques produzidos pelo antigo CNART ou nele depositados, resumindo-se, portanto, às figurações decalcadas. A maioria destes decalques encontrava-se já publicada. Contudo, as descrições aturadas dos mesmos eram raras e o inventário das suas unidades gráficas encontrava-se por fazer. Nos anexos, encontrará ainda o leitor todas as figuras, tabelas e gráficos que complementam este trabalho. Uma última nota antes de começarmos o trabalho propriamente dito: todas as calibrações de datas ^{14}C que se encontram ao longo deste trabalho foram feitas com o programa OxCal v. 4.2.4 (Bronk Ramsey, 2009; Bronk Ramsey & Lee, 2013) tendo sido utilizada a curva IntCal 13 (Reimer *et al.*, 2013).

1. A arte ao ar livre na Europa durante o Paleolítico superior: breve historiografia

1.1. Suspeições

As primeiras referências à (putativa) existência de arte ao ar livre de cronologia paleolítica remontam a 1909, sendo da autoria de Henri Breuil e Juan Cabré. É, de facto, nesse ano que estes autores publicam as estações de Calapatá e Cogul, referindo-se a ambas como um "*ensemble des fresques à l'air libre*" atribuíveis às populações que viviam em sítios das proximidades datados "*du paléolithique récent, contemporaines de notre civilisation de l'âge du Renne*" (Breuil & Cabré, 1909, 21).

Como é sabido, estas estações correspondem afinal a exemplos paradigmáticos de arte levantina, fácies rupestre do arco mediterrânico ibérico cuja cronologia pós-paleolítica é aceite consensualmente pela investigação atual, embora com algumas diferenças substanciais quanto à sua posição exata no quadro dos tempos pós-paleolíticos (v. g. Sanchidrián, 2001, 429-436; Ripoll, 2001; Mateo, 2008). Se num trabalho sobre arte paleolítica chamamos à colação sítios com arte pós-paleolítica, tal deve-se não aos sítios em si — que aliás haviam sido anteriormente publicados, Calapatá por Vidiella em 1907 e Cogul por Rocafort em 1908, embora nenhum destes autores se tenha atrevido a datar estes vestígios com precisão — mas ao facto de nesta época, em que a arte paleolítica enquanto assunto científico dava os primeiros passos, não haver razões de maior para se recusar a existência de arte ao ar livre atribuída a esta cronologia.

Antes pelo contrário, não são raras as situações em que Breuil pretende ver figurações de cronologia pleistocénica em painéis cujo reportório é maioritariamente holocénico, destacando-se neste aspecto a sua publicação sobre o abrigo português dos Gaivões em Arronches, onde sob os motivos esquemáticos reconhece a representação de um possível rinoceronte (Breuil, 1917, 19, 21, fig. 2). Se é verdade que na maior parte destes sítios (desde logo, nos Gaivões), as pretensas figurações paleolíticas acabaram por se infirmar, também é verdade que outras estações existem cujas figurações paleolíticas identificadas por Breuil se vieram a confirmar. Um exemplo paradigmático desta situação corresponde ao abrigo de Las Palomas I, em Tarifa (Andaluzia), onde Breuil & Burkitt assinalavam já a existência de pinturas que configurariam uma cabeça de cavalo e de uma outra figura que "*consists of bands, formed of double rows of fine dots, which take the shape of a cross on the left, a branching bough in the middle, and a double arch on the right*" (1929, 53; *pl.* XVII). A ocorrência de grafismos paleolíticos em painéis ao ar livre que vieram a ser posteriormente grafados com arte esquemática é, aliás, cada vez mais recorrente, mesmo entre sítios publicados pelo "papa da Pré-história", como seja a gruta Horadada em Cádis (Breuil & Burkitt, 1929, 75-76; Martínez, 2012, 244); entre outros exemplos recentemente descobertos devemos também referir a rocha 6 da Faia (Rebanda, 1995a, 14; 1995b, 12) no Vale do Côa, Sierra de San Pedro (Bueno *et al.*, 2010) em Santiago de Alcântara (Extremadura) ou o abrigo de Foz Tua (Sanches & Teixeira, 2013) em Trás-os-Montes[3].

Mas voltemos ao que aqui realmente nos importa: a citação "*ensemble des fresques à l'air libre [...] du paléolithique récent, contemporaines de notre civilisation de l'âge du Renne*" (Breuil & Cabré, 1909, 21). Breuil parece não ter dúvidas relativamente à datação paleolítica destas figurações[4]. Quando nos lembramos das resistências relativamente à aceitação da arte paleolítica ao ar livre, este facto parece assombrar-nos. Contudo, como dissemos atrás, a arte rupestre paleolítica, pelo menos executada sobre suportes fixos, era um assunto científico relativamente recente e, consequentemente, os dogmas eram ainda poucos. De facto, como lembrou Bahn recentemente (2015, 79), a existência de arte paleolítica ao ar livre era já em 1906 tida como muito provável por Cartailhac e Breuil, admitindo estes autores que as gravuras, dependendo da rocha, da profundidade do traço e das caraterísticas climáticas da região onde se encontravam, tinham mais probabilidades de chegarem até nós que as pinturas (Cartailhac & Breuil, 1906, 33). Para perceber porque não era

3 Será de lembrar que, assim como no Paleolítico superior não se grava ou pinta apenas em cavidades profundas, também na Pré-história recente não se produz "arte rupestre" apenas ao ar livre, ocorrendo esta também em cavidades profundas, algumas com grafismos pleistocénicos anteriores, como é o caso de, entre outros exemplos, La Pileta (Breuil, Obermaier & Verner, 1915), ou, já na nossa área de estudo, La Griega (Corchón, coord., 1997).

4 O mesmo não se podendo dizer de Cabré que em data não muito posterior parece expressar algumas dúvidas, como aliás outros colaboradores próximos de Breuil, como seria o caso de Alcalde del Río (Ripoll, 2001, 269-270).

estranho para Breuil a existência de arte paleolítica ao ar livre, será talvez necessário fazer um breve resumo da História da revelação e estudo da arte paleolítica até ao momento em que o Abade, em colaboração com Cabré, escreve as linhas a que nos temos vindo a referir.

1.2. Interlúdio: o estudo da arte paleolítica até 1909

A arte do Paleolítico superior começa por se revelar sob a forma de arte móvel. Ao que tudo indica, a primeira peça a ser exumada encontra-se hoje perdida, tendo aparecido nas escavações da gruta de Bize (Aude, França), dirigidas por Paul Tournal em 1827/1828 (Bahn & Vertut, 1997, 14); corresponderá a um fragmento de haste de rena decorado com "*une série de lignes à retours anguleux et disposés en forme de chevrons*" (Lartet, 1861, 214).

Estes objetos começaram por ser atribuídos aos celtas, ocorrendo ainda outros achados antes de se admitir uma cronologia pré-céltica para os mesmos (Bahn & Vertut, 1997, 14). Para o que aqui nos importa, será de reter que o reconhecimento destas peças como contemporâneas de espécies extintas ou não existentes atualmente na Europa se dá no artigo de Lartet também citado atrás, artigo onde se publicam os desenhos da haste de rena de Massat — decorada com uma cabeça de urso — e do osso de rena de Chaffaud (identificado como proveniente da gruta de Savigné), historiado com duas cervas. Para Lartet, estas peças teriam sido efectuadas pelos aborígenes europeus — caçadores e pescadores — que, de acordo com Nilsonn (que Lartet cita), seriam os habitantes originais do continente antes da chegada de povos de "origem gótica" já pastores e agricultores, tendo tudo isto ocorrido na *Idade da Pedra* (Lartet, 1861, 240-241); se Lartet tem dúvidas quanto à sucessão, defendida por Nilsonn, das raças que habitaram na Europa ao longo da referida Idade da Pedra (Lartet, 1861, 244), parece não as ter quanto à antiguidade dos vestígios que encontra, que datava desse mesmo período (Lartet, 1861, 201). Em parte alguma deste texto se utiliza a palavra "paleolítico", termo que, como é sabido, é cunhado por Lubbock quatro anos mais tarde (1865, 2).

Ainda antes daquela data, Lartet publica com H. Christy novo trabalho onde são dadas a conhecer outras peças de arte móvel executada por "*une race humaine, aborigène ou non, [qui] a vécu dans cette région qui fut plus tard le Périgord, en même temps que la renne, l'aurochs, le bouquetin, le chamois, etc.*" (1864, 262). As dúvidas quanto ao carácter aborígene destas populações parecem dissipar-se uns parágrafos à frente: "*Ces peuplades d'aborigènes ne connaissaient point l'emploi des métaux; leurs armes et leurs outils étaient tantôt en pierre simplement taillée et non polie, tantôt en os ou en cornes solides d'animaux façonnés pour diverses usages*". Estas populações eram ainda caraterizadas como caçadoras e pescadoras e como desconhecendo a domesticação dos animais; de acordo com os autores, existiam evidências quer do uso das peles dos animais, quer da costura (por via do aparecimento de agulhas) quer do uso dos tendões dos animais para a feitura de fios e cordas. Mais importante para o que aqui nos traz: "*Leurs objets de parure, leurs ustensiles ornés de façon si diverse et quelquefois avec une régularité symétrique, témoignent de leurs instincts de luxe et d'un certain degré de culture des arts. Leurs dessins et leurs sculptures nous en fournissent une manifestation plus élevée, par la manière dont ils ont réussi à reproduire la figure des animaux leurs contemporains*" (Lartet & Christy, 1864, 263).

Este artigo é também importante por outras razões. Uma destas tem que ver com a identificação de algumas objecções que são colocadas por outros investigadores relativamente às suas conclusões. Entre estas citemos uma que se vai repetir posteriormente aquando do debate em torno de Altamira, a saber — o "paradoxo" decorrente da idade atribuída uma arte tão conseguida, que seria, assim contemporânea de um estado de barbárie em que a Europa vivia ainda, não podendo as populações coevas usufruir dos metais e "*des autres ressources les plus élémentaires de nos civilisations modernes*". É extremamente interessantes a forma como os autores resolvem o suposto paradoxo: por um lado referem-se ao estado de "barbárie inculta" como a forma "*dans lequel nous nous représentons ces peuplades aborigènes*" (Lartet & Christy,1864, 264), isto é, como algo que poderá ser mais uma ideia (representação) que uma realidade; por outro lado rebatem a ideia de progressão na História da Arte e, por fim, acabam por aflorar o problema da funcionalidade: da mesma maneira que "*les plus simples bergers de l'Oberland suisse, sans autre ressource que la pointe de leur couteau, reproduire les animaux de leurs montagnes, le chamois entre autres, avec plus de vérité, plus de mouvement et d'animation dans les attitudes, que ne sauraient y en mettre les meilleurs ouvriers de nos cités*", assim poderiam os caçadores e pescadores "aborígenes" de antanho representar "*ces formes animales dont la vue leur était si familière*" (*idem*, 264). Isto porque, de acordo com as suas ideias, "*la chasse et la*

pêche fournissaient amplement aux besoins de ces aborigènes, et leur laissaient ainsi les loisirs d'une existence peu tourmentée. Or, si la nécessité est mère de l'industrie, on peut dire aussi que les loisirs d'une vie facile enfantent les arts." (*idem*, 264). Estavam assim lançados os primeiros alicerces para a primeira teoria explicativa sobre a arte do Paleolítico superior — a da arte pela arte — explicação essa que aparecerá de forma um pouco mais desenvolvida no que é considerado o *opus magnum* destes investigadores, a saber — a coletânea de textos publicada sobre o título *Reliquiæ Aquitanicæ; being contributions to the Archæology and Palæontology of Périgord and the adjoining provinces of Southern France* (*idem*, 1865-1875). As referências à arte como decorrência da "*easy living*" destas comunidades aparecem nas páginas 22 e 23 da obra referida, em ponto próprio intitulado "Works of Art of the Cave-dwellers", não deixando de ser curioso que o mesmo termine com referências às fontes de matéria-prima dos utensílios como evidências de contactos com regiões mais afastadas...

O interesse destas referências é múltiplo, desde logo porque refletem muito da ideologia da época e das ideias preconcebidas quer da "vida campestre", quer do "Passado mais remoto" como *lugares* de idílio, não deixando de ser altamente relevante a comparação dos caçadores e pescadores pré-históricos com os pastores do *Oberland* suíço, evidenciando a curta distância ideológica que se encontra entre estes escritos e, por exemplo, alguns *lieder* de Schubert ou a Sexta de Beethoven[5]... Mas sobretudo será de reter para o que aqui nos traz que nenhuma referência ao sobrenatural se discerne quando se fala de arte paleolítica nestas páginas. Esta é ainda uma arte profana... Burguesa e eurocêntrica, mas ainda não religiosa...Evidência do progresso humano e civilizacional de que a burguesia se sentia então a vanguarda, não seria de espantar que estas e outras peças que entretanto foram sendo exumadas em diversos sítios, fossem expostas nessa glorificação do "Progresso" que foi a *Exposition Universelle d'Art et d'Industrie*, inaugurada em Paris em 1867, tendo sido sintomaticamente exibidas na secção "História do Trabalho" (Bahn & Vertut, 1997, 15).

A arte paleolítica estava, portanto, perfeitamente autenticada sob a sua forma móvel; o reconhecimento de que esta poderia existir também gravada ou pintada em suportes pétreos de ambientes cavernários ou ao ar livre seria bem mais problemático. Se é verdade que em data anterior a 1880 alguns investigadores suspeitaram de alguns desenhos presentes nalgumas grutas francesas, designadamente Niaux, Ebbou e Chabot (Bahn & Vertut, 1997, 16), também o é que, para todos os efeitos, é naquela data que se publicam as primeiras linhas que defendem a existência de uma arte parietal de cronologia paleolítica. Referimo-nos, evidentemente, às que se encontram impressas nas páginas 15 a 24 dos *Breves apuntes sobre algunos objetos prehistóricos de la provincia de Santander* da autoria de Marcelino Sanz de Sautuola, páginas essas que, com as lâminas 3ª e 4ª do mesmo opúsculo, dão também a conhecer a arte rupestre da gruta de Altamira (Sanz, 1880). A esta gruta terá regressado o autor após ter contemplado "*las numerosas y curiosísimas colecciones de objetos prehistóricos [...] repetidas veces durante la Exposicion [sic] Universal de 1878 en Paris*" (Sanz, 1880, 3).

Com a publicação deste opúsculo arranca um debate sobre a autenticidade destes grafismos, debate esse que em muitos aspectos reflete as objeções referidas atrás a propósito da arte móvel, e noutros quantos o debate que, pouco mais de 100 anos depois, se iniciaria com as primeiras publicações que revelariam a arte de cronologia paleolítica ao ar livre (Jorge *et al.*, 1981; Martín & Moure, 1981) e que ia atingir o seu paroxismo aquando da descoberta da arte rupestre do Vale do Côa (Hernando, 2013; Bahn, 2015).

Não nos alargaremos sobre este primeiro debate a propósito da autenticidade dos grafismos de Altamira, sobre o qual muito foi já escrito (v. g. Bahn & Vertut, 1997, 17-20; Madariaga, 2000; Moro & González, 2004; Hernando, 2013). Não o poderemos, no entanto, ignorar por completo, pelo que recordaremos aqui alguns dos factos que julgamos mais pertinentes.

A gruta terá sido descoberta entre 1868 e 1872 por Modesto Cubillas (Madariaga, 2000, 21-22), tendo Sanz de Sautuola nela entrado em 1875, e logo nessa data descoberto as primeiras representações gráficas (Harlé, 1881, 277). Já as pinturas do teto foram avistadas apenas em 1879 (Sanz, 1880, 23). Logo em 1880 a gruta foi visitada por inúmeras personalidades, destacando-se entre estas Juan Vilanova Y Piera, no dia 6 de Setembro desse mesmo ano (Madariaga,

5 De acordo com Moro & González, um dos factores que terá contribuído para a aceitação "rápida" da arte móvel paleolítica, contrariamente ao que se verificará com a arte parietal teria que ver com a equivalência entre a primeira e "artesanato", compatível com comunidades primitivas, ao passo que a arte parietal, porque analogicamente percebida como relacionada com a pintura (uma das belas-artes), já não o seria (2004, 121). Se concordamos com esta leitura, não podemos deixar de discordar, no entanto, com a identificação deste "artesanato" como algo de eminentemente primitivo; a comparação de Lartet & Christy das peças de arte móvel com as peças de pastores do *Oberland* suíço prendem-se mais com a ideia da "pastoralidade" do que com a do primitivo, daí a comparação com a sexta de Beethoven. Será, no entanto, de referir que nos *Reliquiæ Aquitanicæ* já se encontrarão paralelismos entre peças arqueológicas e peças produzidas por nativos americanos.

2000, 33-35). Com o apoio do Ministério do Fomento espanhol, este autor providencia que se fotografasse pela primeira vez o interior da gruta e, ainda com o apoio do seu governo, pretende apresentar o sítio no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas de Lisboa que se realizaria nesta cidade no final desse mês, e que contaria com a presença dos mais eminentes pré-historiadores da época (Madariaga, 2000, 35-36). Este Congresso, realizado entre 19 e 29 de setembro, corresponde a um importante marco da historiografia dos estudos de arte paleolítica em Portugal, tratando-se da primeira entrada do país nos "anais da disciplina".

De acordo com a historiografia tradicional, a recepção do Congresso à ideia de Altamira teria sido terrível e vergonhosa (v. g. Bahn & Vertut, 1997, 17-18). Contudo, e como apontam Moro & González no artigo já citado por diversas vezes, a virulência destes primeiros debates parece ter sido largamente empolada pela historiografia espanhola. Desde logo, o Congresso de Lisboa parece não ter deixado em Vilanova senão boas recordações, como o próprio admite (Vilanova, 1884, 294; *idem*, 324); das 33 páginas que redige a propósito do Congresso, o assunto de Altamira aparece refletido apenas nas páginas 314-315 da obra citada, ocupando um parágrafo que termina da seguinte maneira: "*Con motivo de esta verdadera y extraña novedad, que ha originado ya y servirá aun de pretexto para sérios [sic] debates, se dirigió una atenta invitación á los congresistas que quisieran hacer el viaje hasta Santander, invitación que no pudo aceptarse por razones que debo reservar, y también porque la mayor parte de los Extranjeros que fueron á Lisboa habian [sic] tomado en Paris billetes de circulacion [sic] para la Península, que les obligaban á seguir un determinado itinerario, que no era por cierto hácia [sic] el Norte, sino más bien hácia [sic] Andalucía y Valencia*"[6]. Poderíamos ser levados a pensar que as razões que o autor quer reservar poderão ter que ver com a "má recepção" de que teriam sido alvo as suas palavras relativamente ao assunto. No entanto, e uma vez que relativamente ao Congresso de Argel de 1881, Vilanova não se coíbe de se manifestar abertamente sobre o assunto (1884, 381), talvez seja forçada tal interpretação.

Aquando deste último Congresso, organizado pela Associação Francesa para o Avanço das Ciências, já Cartailhac havia publicado na revista que dirige — *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme* — o artigo de Harlé sobre as deduções resultantes da sua visita a Altamira (Harlé, 1881). Podemos dizer que este artigo e o anteriormente referido de Sanz de Sautuola resumem os argumentos que se vão repetir ao longo dos vinte anos seguintes, acabando os deste último por se impor, por força dos novos achados que se sucederam, mas também porque novas condições subjetivas assim o permitiram (Moro & González, 2004; Hernando, 2013).

Sanz de Sautuola, como referimos atrás, defende a cronologia paleolítica dos seus achados, apresentando os seguintes argumentos: o aparecimento na escavação a que procedeu no sítio de ocres entre "*los huesos y cáscaras*" que "*pudieran haber servido para estas pinturas*"; o caso, entretanto já demonstrado, de que "*ya el hombre, cuando no tenia aun más habitacion (sic) que las cuevas, sabia reproducir con bastante semejanza sobre astas y colmillos de elefante, no solamente su propia figura, sino tambien (sic) la de los animales que veia (sic)*" (Sanz, 1880, 21); a pouca plausibilidade de feitura em época recente uma vez não ser "*admisible que por entretenimiento se metiera allí [na "quinta galeria"] ninguno á pintar unas pinturas indescifrables*" e "*se resiste el suponer que en fecha reciente haya habido quien tuviese el capricho de encerrarse en aquel sitio* [no famoso teto] *á reproducir por la pintura animales desconocidos en este país en la época de su autor*" (*idem*, 23).

Já Harlé socorre-se das seguintes razões para fazer valer o seu ponto de vista: a estranheza de se conservarem pinturas pré-históricas em grutas quando nunca foram encontrados em qualquer cavidade vestígios do fumo advindo das fogueiras que aí se exumavam; concomitantemente, se as pinturas se conservam em ambiente escuros porque não se encontram então também os vestígios do fumo proveniente das formas de iluminação pré-históricas que imperativamente tiveram que existir? (Harlé, 1881, 280); o facto de algumas pinturas estarem cobertas de incrustações (embora de data recente, como se lê páginas à frente — Harlé, 1881, 282) enquanto outras não, exibindo estas últimas grande frescura (Harlé, 1881, 280-281); a tinta saía facilmente com o dedo (?); o facto de se identificarem quer "obras de mestre", quer procedimentos avançados para um período recuado, como seria o caso do uso de pincéis (?); os bois deveriam corresponder a auroques o que não se verificava (?) (Harlé, 1881, 281); a escamação das paredes observada em alguns sítios não era

6 De acordo com Bahn, nos registos oficiais do Congresso de Lisboa não se encontra qualquer referência a Altamira (Bahn & Vertut, 1997, 19). Trata-se de uma imprecisão, seguramente devida à brevidade da menção nesses mesmos registos (Delgado, dir., 1884, 47). Esta menção corresponde, sem sombra de dúvidas, a um *pasticcio* da menção de Cartailhac ao assunto na sua crónica do mesmo Congresso (Cartailhac 1880, 76). O contributo desta crónica para as atas do Congresso é, aliás, reconhecido por Delgado, que o refere, muito embora se enganando na data de publicação do mesmo (Delgado, 1884, vii).

compatível com a preservação de motivos como os reticulados, executados sobre a "rocha viva" (Harlé, 1881, 282-283).

O ano de 1902 é tradicionalmente tido como o que marca o epílogo da polémica, quer porque Cartailhac profere a sua *Mea culpa* nas páginas de *L'Anthropologie* (Cartailhac, 1902), quer porque é nesse ano que, no âmbito do Congresso da Associação Francesa para o Progresso das Ciências, se dá o reconhecimento colectivo, por parte dos pré-historiadores franceses, da antiguidade dos grafismos presentes nestas cavidades, tendo-se para o efeito organizado, no dia 15 de Agosto uma visita às grutas de La Mouthe (orientada por E. Riviére), Combarelles (orientada por D. Peyrony) e Font-de-Gaume (orientada por H. Breuil) (Riviére, 1902-1903). Entre o ano que se publica Altamira e este ano de 1902 tinham entretanto sido publicadas as grutas de Chabot (Chiron, 1889), La Mouthe (Riviére, 1895; 1897), Pair-non-Pair (Daleau, 1896), Marsoulas (Regnault, 1897), Combarelles (Capitan & Breuil, 1901a) e Font-de-Gaume (Capitan & Breuil, 1901b).

Se não duvidamos da importância das novas descobertas para o desenlace da polémica, não podemos também descurar as alterações das condições subjetivas até então vigentes, e que foram já identificadas por outros investigadores. Assim, Moro e González apontam para as crises dos modelos evolucionistas[7] a par dos desenvolvimentos ao nível da Antropologia e da Etnografia — designadamente mediante os trabalhos de Durkheim e Frazer — que vieram demonstrar a complexidade do "pensamento selvagem" abrindo a possibilidade de aceitação quer da arte parietal pré-histórica, quer de interpretações mais complexas que a simples "arte pela arte" (2004, 133-135). Mais recentemente Clara Hernando aponta ainda as diferenças ao nível do capital simbólico e social entre os dois lados em contenda (2013, 45): de um lado temos um burguês provinciano e pouco experiente (Sanz de Sautuola) apoiado por um criacionista (Vilanova); do outro, académicos altamente respeitados e profundamente laicos, desconfiados de que uma armadilha lhes pudesse estar a ser lançada pelos "jesuítas espanhóis" para que "*todos se rían de los crédulos paleontólogos y prehistoriadores*" (Madariaga, 1972, 83).

Seja como for, o debate relativo à antiguidade dos grafismos presentes no interior das cavidades estava encerrado. Entre 1902 e 1909 é publicada uma série de grutas, quer em França, quer em Espanha que vêm reforçar esta ideia: Bernifal (Capitan, Breuil & Peyrony, 1902-1903), Teyjat (Capitan, Breuil & Peyrony, 1903), La Calévie (Capitan, Breuil & Peyrony, 1904) e La Grèze (Breuil, Capitan & Ampoulange, 1904a; 1904b), localizadas na Dordonha, Figuier (Raymond, 1906) no vale do Ardèche, Gargas (Regnault, 1906a; 1906b), Niaux (Cartailhac, 1906) e Le Portel (Cartailhac, 1908) nos Pirenéus franceses, Covalanas, Hornos de La Peña e Castillo (Alcalde, 1906), todas na Cantábria. Para além destes sítios, sabemos que Breuil conhecia ainda as restantes cavidades descobertas pelos cântabros Hermilio Alcalde del Rio e o Padre Lorenzo Sierra, e que só serão publicadas pelos três autores na sua monumental obra sobre as grutas da região cantábrica (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911) [8]; trata-se das grutas de Venta Laperra (País Basco), La Sotarriza, La Haza, Salitre, Santián, El Pendo, La Clotilde de Santa Isabel, Las Aguas de Novales, La Meaza (na Cantábria), La Loja, Pindal, Mazaculos e Quintanal (nas Astúrias). Da mesma forma, conhecia desde 1908 as gravuras de La Croze à Gontran na Dordonha (Capitan, Breuil & Peyrony, 1914, 277).

Ao todo seriam, portanto, pouco mais de 30 grutas, algumas delas com painéis ao ar livre (v.g. Hornos de la Peña, Venta Laperra), outras com grafismos iluminados pela luz do Sol ou muito perto das entradas (v.g. Pair-non-Pair, La Haza). Se tivermos em conta que, além destas novas cavidades historiadas, continuavam a ser exumadas e publicadas muitíssimas peças de arte móvel (v.g. Piette, 1907), não será de estranhar que embora a arte finipleistocénica cada vez mais estivesse a ser interpretada no contexto de práticas mágico-religiosas (v.g. Reinach, 1903), o lado "quotidiano" da mesma ainda estivesse muito presente. Não é portanto admirável que o que em meados de 1990 espantou a comunidade científica (o facto de existir arte paleolítica ao ar livre) não tenha incomodado minimamente Breuil em 1909. Se as estações publicadas por este autor e por Cabré nesse mesmo ano se vieram a revelar de cronologia posterior, o mesmo não poderá ser dito de uma outra estação, cujos vestígios artísticos serão revelados daí a um ano...

7 Motivadas pelas crises sociais e económicas do capitalismo inglês do século XIX e pela tomada de consciência das classes médias do "perigo operário", processo, que como referem Moro e González, tinha sido já identificado por Trigger (1992, 146).

8 Que o Abade conhecia pessoalmente ou de referência estes sítios antes de 1909 é-nos dito pelos próprios autores da obra (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, V-VI).

1.3. De Lalanne a Laming, ou o tempo das exceções

A estação a que nos referimos corresponde evidentemente a Cap Blanc, revelada por Lalanne em 1910 e publicada de forma mais extensiva por este autor e por Breuil em 1911. Trata-se de importante abrigo, famoso pelo seu monumental friso esculpido onde se destacam as figuras de equinos[9]. Passados pouco mais de 50 anos Laming-Emperaire inventaria outros nove sítios de ar livre com esculturas: Laussel[10], Fourneau du Diable[11], Laugerie-Haute[12], Gorge d'Enfer[13], Oreille d'Enfer[14], Reverdit[15], Angles-sur-Anglin[16], Le Roc[17] e La Chaire-à-Calvin[18] (Laming-Emperaire, 1962, 182).

Breuil também valorizava o facto destes sítios se encontrarem ao ar livre, admitindo que estes teriam sido mais numerosos, tendo muitos deles desaparecido devido ao facto de não se encontrarem abrigados (Breuil, 1985 [1952], 23-24). Embora os considerasse sagrados, admitia a possibilidade de que não o fossem tanto como os sítios sob gruta (*idem*, 23-24). De facto, estes sítios em nada vinham alterar a interpretação que o autor fazia desta arte. Esta seria produzida e utilizada em contextos de cultos religiosos oficiados por iniciados, que tinham como objetivo garantir, por meio de práticas mágicas, a fecundidade das espécies, o sucesso na caça ou a destruição de animais perigosos (*idem*, 23-24). Como se verá em seguida, as diferenças observáveis entre os sítios de ar livre e os localizados no interior das grutas, foram tidas em conta nas interpretações de Laming-Emperaire.

Para além dos sítios referidos atrás, a autora chama ainda à colação outros onde, não se encontrando as esculturas diretamente banhadas pela luz solar, se localizavam ainda assim suficientemente perto das entradas das cavidades para serem iluminadas naturalmente. Estes sítios correspondiam a Nancy[19], Comarque[20], La Grèze[21], Reverdit, Pair-non-Pair[22], La Magdeleine[23] e Isturitz[24]. Visto que nenhuma figuração deste tipo tinha sido encontrada em zonas obscuras de qualquer gruta, a autora chegou à conclusão lógica de que este tipo de figurações estava claramente associado a locais naturalmente iluminados.

Mais relevante, contudo, para a problemática que pretendemos aqui abordar é outra associação que a autora descortina, a saber — a relação entre o que a autora designa como gravuras profundas e a iluminação natural (1962, 186-187). Esta associação era revelada por dois factos: 35 dos 49 motivos gravados em sítios ao ar livre eram definidos por este tipo de sulco; no interior das cavidades não se encontravam estas "gravuras profundas" (1962, 187). Este último facto era precisado pela autora em nota de rodapé altamente pertinente para o assunto aqui em mãos: se bem que a autora admitisse que a presença de "gravuras profundas" era por vezes assinalada no interior das cavidades, também defendia que

9 Entre os estudos de referência desta estação, citemos Lalanne & Breuil, 1911; Laming-Emperaire, 1962, 341-342; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 500-501, Roussot, 1972; 1984a, 157-163; Bourdier *et al.*, 2009-1010.

10 A primeira referência à arte parietal do sítio encontra-se em Lalanne, 1911; ver ainda Lalanne, 1912; Breuil, 1985 [1952], 278-281; Laming-Emperaire, 1962, 314-316; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 443-444; Roussot, 1984b; Delluc & Delluc, 1991, 175-194.

11 Cuja arte parietal foi pela primeira vez publicada por L. Capitan e D. Peyrony (1925); ver ainda Laming-Emperaire, 1962, 316-317; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 457-458; Aujoulat, 1984a; Delluc & Delluc, 1991, 307-314.

12 Cuja arte parietal foi revelada pelos Peyrony em 1938; ver também Laming-Emperaire, 1962, 337-340; Guichard, Delluc & Delluc, 1984a; Delluc & Delluc, 1991, 167-175.

13 Também conhecido como Abri du Poisson. A sua arte parietal foi dada a conhecer por Peyrony (1932). Ver ainda Laming-Emperaire, 1962, 335-337; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 447; Roussot, 1984c; Delluc & Delluc, 1991, 212-224.

14 Aparentemente as figurações deste abrigo terão sido estudadas por Peyrony em 1923 (Breuil, 1985 [1952], 307), embora o seu decalque só seja dado a conhecer por Breuil (*idem*, 306-307); ver também Laming-Emperaire, 1962, 337; Guichard, Delluc & Delluc, 1984b; Delluc & Delluc, 1991, 194-202.

15 Cujo friso é divulgado por F. Delage (1935); ver ainda Laming-Emperaire, 1962, 346-347; Bourdier, 2008; 2011.

16 Na verdade este sítio é constituído por dois abrigos situados a curta distância um do outro: a Cave à Louis Taillebourg, cujos primeiros vestígios parietais são publicados em 1949 por S. de Saint-Mathurin e D. Garrod e o abrigo Bourdois cujo famoso friso é dado a conhecer pelas mesmas autoras em 1950. Ver ainda Breuil, 1985 [1952], 334-335; Laming-Emperaire, 1962, 347-350; Saint-Mathurin, 1984; Iakovleva & Pinçon, 1997.

17 Cujas primeiras manifestações gráficas são publicadas por H. Martin em 1928 (1928a; 1928b); ver ainda Breuil, 1985 [1952], 330-332; Laming-Emperaire, 1962, 350-352; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 457; Delporte, 1984; Tymula, 2002.

18 Cuja arte foi revelada por P. David em 1928; ver também Laming-Emperaire, 1962, 352-353; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 499; Lévêque & Vandermeersch, 1984; Pinçon & Bourdier, 2009.

19 Revelada por Capitan, Breuil & Peyrony, 1915, 515-517; ver também Laming-Emperaire, 1962, 343; Roussot, Andrieux & Chaufriasse (1968); Roussot, 1984d.

20 Publicada pela primeira vez por Capitan, Breuil & Peyrony, 1915, 505-514; ver também Laming-Emperaire, 1962, 342-343; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 501-502; Delluc *et al.*, 1981; Delluc & Delluc, 1984a.

21 Revelada por Capitan, Breuil & Ampoulange (1904a); ver também Laming-Emperaire, 1962, 340-341; Aujoulat, 1984b; Delluc & Delluc, 1991, 194-202.

22 Revelada por F. Daleau em 1896; ver também Breuil, 1985 [1952], 319-329; Laming-Emperaire, 1962, 354-355; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 444-445; Delluc & Delluc, 1991, 55-109; Lenoir *et al.*, 2006.

23 Revelada por P. Gaches em 1953, aparecendo os primeiros documentos gráficos no ano seguinte (Betirac, 1954); ver ainda Laming-Emperaire, 1962, 355-356; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 503; Bessac & Lautier, 1984; Rouzaud *et al.*, 1989.

24 Cuja arte parietal foi revelada por E. Passemard em 1913; ver também Passemard, 1918; 1944; Laming-Emperaire, 1962, 356-357; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 477-478; Laplace, Larribau & Barandiarán, 1984.

"*En aucun cas cependant on n'a rencontré dans les sanctuaires les gravures profondes obtenus par piquetage ou les silhouettes cernées d'un sillon profond et large caractéristique des sites de plein air*" (Laming-Emperaire, 1962, 187, nota 1, nosso sublinhado).

Contudo, a autora observa ainda outro tipo de relação que hoje não se pode defender: a associação entre escultura e as gravuras profundas de ar livre, considerando não ser possível estudar uma sem as outras (1962, 187). Esta proposta que hoje se verifica não ser sustentável teve que ver com a insuficiência dos dados de que a autora dispunha na época, designadamente com o desconhecimento, à data, da arte paleolítica de ar livre da Península Ibérica. Na verdade, para sustentar aquela hipótese, a autora baseou-se em duas premissas hoje ultrapassadas: que a maior parte dos sítios com "gravuras profundas ao ar livre"[25] se encontrava no "Périgord e zonas adjacentes", tal como os sítios insculpidos, fazendo ambos parte de um grupo culturalmente homogéneo (1962, 192); que os sítios ao ar livre, apenas gravados, em regiões onde a escultura era desconhecida — isto é, Hornos de la Peña e Venta Laperra — corresponderiam a locais periféricos relativamente àquele centro (1962, 192).

Evidentemente que Laming-Emperaire não ignora que também as "gravuras finas" e a pintura poderiam ocorrer ao ar livre. Contudo, pouco se debruçou sobre estes exemplos, uma vez que o seu objetivo manifesto era o estudo do grupo das esculturas do Sudoeste francês, grupo esse a que as duas últimas técnicas referidas pareciam não se associar de forma tão evidente quanto as "gravuras profundas". Não deixa de ser, no entanto, relevante que a autora se tenha apercebido que os únicos três sítios que apresentavam "gravuras finas" francamente ao ar livre eram já datados do Magdalenense[26] (Laming-Emperaire, 1962, 190). Da mesma forma, releva que, com exceção de Laussel, os sítios com esculturas ou gravuras profundas onde também aparece o gravado fino contém sempre níveis do Magdalenense III ou posteriores, ao mesmo tempo que sempre que naqueles sítios não se encontra o gravado fino, os níveis arqueológicos são sobretudo anteriores àquela fase do Magdalenense (Laming-Emperaire, 1962, 188).

Mesmo se só se debruçou sobre conjunto de sítios ao ar livre com escultura ou gravura profunda, que considerava como culturalmente homogéneo, Laming-Emperaire não deixou de tecer algumas considerações que julgamos pertinente lembrar: este conjunto seria parcialmente contemporâneo dos sítios subterrâneos, deixando praticamente de ocorrer no fim do Magdalenense III (Laming-Emperaire, 1962, 180-181; 291); as "gravuras profundas" e esculturas apenas se encontravam em sítios naturalmente iluminados (*idem*, 186-187); a importância das "gravuras profundas" aumentava com a antiguidade do sítio (*idem*, 192); os sítios de ar livre encontravam-se geralmente associados a habitats, mesmo que pudessem existir indícios de que as obras em si poderiam encontrar-se apartadas do restante sítio por intermédio de "barreiras" mais ou menos evidentes (*idem*, 194-203); do ponto de vista temático, os sítios de ar livre distinguir-se-iam dos subterrâneos pela ausência de signos, pela raridade de felinos (6), mamutes (12) ou rinocerontes (1)[27] e pela presença mais representativa da figuração humana (em particular da mulher). Aproximava-se do mundo cavernário ao nível da predominância do par cavalo/ bovino, ao qual se seguiam cabras-monteses, veados e cervas (*idem*, 1962, 209-214); do ponto de vista da composição, os frisos ao ar livre eram muito menos complexos (*idem*, 1962, 214-230).

Dadas as diferenças referidas, a autora admitiu que a existência das séries subterrâneas e ao ar livre se poderia dever a uma utilização diferente dentro do mesmo sistema de crenças ou à existência de dois sistemas diferentes (Laming-Emperaire, 1962, 181), o que logicamente conduziria à pressuposição de dois grupos culturalmente distintos. Dada a carta de distribuição dos sítios conhecidos à altura — que mostrava uma grande concentração de sítios ao ar livre

25 Entre estes sítios, para além daqueles já citados porque também dispunham de esculturas, a autora referia-se também a La Ferrassie (Capitan & Peyrony, 1921a; 1921b; Laming-Emperaire, 1962, 305-307; Delluc & Delluc, 1978, 277-325), Bernous (Peyrony, 1929, 71; Laming-Emperaire, 1962, 328; Delluc & Delluc, 1979; 1991, 27-35), La Sudrie (Peyrille & Delmas, 1932; Laming-Emperaire, 1962, 322-323; Aujoulat, 1984c; Delluc & Delluc, 1986), Oulins (Raymond, 1907; Laming-Emperaire, 1962, 334-335; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 562-563; Combier, 1984a), Chabot (Chiron, 1889; Laming-Emperaire, 1962, 333; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 560-561; Combier, 1984b) e Le Figuier (Raymond, 1906, Laming-Emperaire, 1962, 334; Combier, 1984c) em França, Romanelli (Regalia & Stasi, 1905; Graziosi, 1987, 213-215; Leonardi, 1988, 186-188) na Itália, Venta Laperra (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 2-8; García & Eguizabal, 2008) e Altamira (Sanz, 1880; Cartailhac & Breuil, 1906; Breuil & Obermaier, 1935; Lasheras, coord., 2003) em Espanha. Citava ainda os abrigos da bacia parisiense, admitindo que só o fazia "*pour mémoire*" (Laming-Emperaire, 1962, 182, nota 6). Relativamente a estes abrigos, apenas são retidos no *Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises* a gruta do Croc-Marin (Poignant, 1984), o abrigo do Cheval (Nelh, 1984) e a gruta de La Justice (Leroi-Gourhan, 1984a).

26 Esses sítios seriam Teyjat (Capitan, Breuil & Peyrony, 1903; Breuil, 1985 [1952], 312-314; Laming-Emperaire, 1962, 325-327; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 493-494; Aujoulat, 1984d; Paillet *et al.*, 2015), Sainte Eulalie (Lemozi, 1920; Laming-Emperaire, 1962, 328-329; Lorblanchet, 2010, 406-408) e Murat (Lemozi, 1924; Laming-Emperaire, 1962, 329-330; Lorblanchet, 2010, 425-427).

27 A presença destas três espécies era mesmo desvalorizada pela autora uma vez que, segundo ela, os motivos em questão encontravam-se em sítios "*qui se présente avec des caractéristiques assez différents de l'ensemble*" (Laming-Emperaire, 1962, 213). Eram estes Pair-non-Pair, La Croze à Gontran (Capitan, Breuil & Peyrony, 1914; Laming-Emperaire, 1962, 327; Delluc & Delluc, 1991, 35-55) e Bernous.

no Sudoeste francês, a par de um grupo mais meridional onde se encontravam sobretudo os "santuários interiores", ocorrendo apenas uma sobreposição geográfica naquela zona de França — Laming-Emperaire acaba por "tombar" para a segunda hipótese (*idem*, 1962, 292-294). Assim, segundo a autora, a arte teria aparecido no Périgord numa fase antiga do Paleolítico superior, sob a forma de gravuras sobre blocos; esta arte teria evoluído para outros suportes e, cerca do fim do Perigordense, propagar-se-ia pelo Sudoeste francês e por parte de Espanha; contudo, a arte ao ar livre ficar-se-ia pelo Sudoeste francês, correspondendo os exemplos do Sudeste gaulês, os espanhóis e os italianos a sítios marginais. Os grupos mais meridionais ter-se-iam aventurado para o interior das cavernas, acabando estes por se juntarem no Périgord aos mais antigos, substituindo-os ao longo do Magdalenense III. As diferenças entre os dois grupos teriam que ver com um diferente sistema de crenças: "*Dans les sanctuaires souterrains, les signes […] sont plus nombreux, les associations animales sont plus complexes. La présence des animaux imaginaires, des êtres semi-humains, des représentations humaines schématiques, l'obscurité, l'éloignement, le silence, créent une atmosphère de mystère, peut-être de terreur. Dans les sites de plein air, la variété des espèces animales est moins grande, et ce sont des animaux familiers, paisibles, qui sont de préférence représentés. L'importance des représentations humaines réalistes, et surtout des représentations de femmes augmente. […] L'habitat des membres de la tribu est tout proche. Le mystère et l'obscurité des cavernes profondes ont fait place à la pleine lumière sur la blancheur des falaises. Ce sont d'autres cérémonies qui se déroulaient en l'un et l'autre lieu, accompagnées d'autres chants et d'autres récits.*» (*idem*, 293).

Se mesmo em 1962 esta proposta interpretativa é discutível, hoje, sobretudo após as descobertas dos sítios ao ar livre peninsulares, é indefensável. Contudo, algumas das diferenças entre os dois tipos de sítio que Laming-Emperaire descortinou continuam válidas e saíram mesmo reforçadas após a identificação das mencionadas estações hispânicas. É interessante notar também que a autora levantou a hipótese de a ausência de grutas se encontrar na origem da arte ao ar livre, acabando, no entanto por a descartar uma vez que há época poder-se-iam encontrar "*dans les mêmes régions, dans le Périgord en particulier, à la fois des abris à sculptures et des oeuvres peintes et gravées dans les grottes profondes*" (*idem*, 180). Ora, não é esse o caso da nossa área de estudo onde a par de sítios com cavidades que não contém arte, muito provavelmente devido a razões tafonómicas (Zilhão, 1997b, 275), se encontram vastas zonas sem grutas. Estes factos ajudarão por certo a compreender porque apenas contabilizámos três grutas na nossa área de estudo, duas delas aliás já identificadas à época em que Laming-Emperaire publica a sua obra: Penches e Ojo Guareña, a primeira publicada por E. Hernández-Pacheco em 1917, sendo os primeiros grafismos da segunda dados a conhecer em 1960 por B. Osaba.

A nossa área de estudo torna-se assim duplamente importante: em primeiro lugar porque nela se concentra o maior conjunto de arte paleolítica ao ar livre da Europa ocidental, possibilitando uma comparação da arte pleistocénica de ar livre com a arte das grutas a partir de uma base material substancial; em segundo lugar porque também nos permite comparar a arte de ar livre de uma região sem grutas decoradas com a de regiões onde estas últimas também existem.

Contudo, os sítios de ar livre sobre os quais assenta o nosso trabalho só começaram a ser identificados a partir dos anos 80 do século passado, tendo o estudo da arte paleolítica no espaço temporal que medeia entre a publicação da obra de Laming-Emperaire e 1981 (um dos anos, como veremos, cruciais para o nosso estudo) sido marcado essencialmente pelo debate em torno das propostas cronológicas e interpretativas de Leroi-Gourhan, debate esse que, de algum modo, ainda se mantém, pelo que será necessário que também sobre ele nos debrucemos um pouco.

1.4. 1960-1970: O reinado de Leroi-Gourhan

Fala-se que quando o Abade Breuil morreu (1961), se dizia nas escavações de Pincevent: "*Le pape est mort, vive Leroi*" (Hurel, 2011, 433). Este dichote, mesmo que apócrifo, acaba por resumir o que, de facto, se passou naquele período, no campo dos estudos da arte paleolítica. Se até à sua morte a autoridade era Breuil, agora era Leroi-Gourhan que por ela se deixava investir. Por trás da autoridade de ambos, encontrava-se o profundo conhecimento que cada um destes investigadores tinha das estações com arte paleolítica. Ao primeiro devemos não só o seu contributo decisivo para o reconhecimento científico da antiguidade destes grafismos como também a divulgação de um sem número de estações em artigos e livros ricamente ilustrados, uns e outros geralmente coassinados por diversos colaboradores, mas todos alicerçados nos belíssimos (embora não necessariamente rigorosos) decalques que o abade efetuava no interior das cavidades, por vezes em condições que deixavam muito a desejar quer à luminosidade de que dispunha, quer ao

conforto, quer à sua própria segurança[28]. Ainda hoje, muitas das monografias mais recentes de algumas estações são as assinadas por Breuil e seus colaboradores, como é o caso sintomático de Castillo (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 112-193). Mas a Breuil devemos ainda outros importantes contributos, nomeadamente ao nível da nomenclatura — e por isso ainda hoje falamos de signos (Capitan & Breuil, 1901c, 1042-1043) —, a ele se devendo também a primeira proposta cronoestilística para a arte paleolítica, proposta essa que encontra a sua forma mais desenvolvida no seu *Quatre cents siècles d'art pariétal* (1985 [1952]). Já a Leroi-Gourhan devemos um corpo teórico e metodológico que ultrapassa largamente as fronteiras do estudo da arte paleolítica; o seu trabalho de sistematização incidiu não só sobre o estudo dos sítios em si — tendo o autor, para chegar às conclusões que chegou, trabalhado com todos os motivos e estações conhecidos na época —, como também sobre importantes aspetos metodológicos — e por isso continuamos a usar não só as suas propostas classificativas relativas à perspetiva ou à animação, como também a desenvolver o nosso trabalho sobre bases estatísticas que se vão complexificando e afinando com o decorrer da investigação. Também Leroi-Gourhan apresenta a sua proposta cronoestilística para a arte paleolítica, sendo no seu monumental trabalho *Préhistoire de l'Art Occidental*, editado pela primeira vez em 1965, que esta se encontra mais desenvolvida. Este seu contributo acabou por se tornar um dos que mais tinta fez e faz correr, mas sobre ele nos debruçaremos mais à frente neste trabalho.

Quanto a nós, o grande contributo de Leroi-Gourhan foi o facto de ter contribuído, de uma forma crucial, para a consolidação da ideia de que os motivos que enformam a arte paleolítica não correspondiam a simples adições de carácter semântico autónomo, devendo antes ser lidos no seu contexto gráfico, em relação uns com os outros e com o lugar que ocupavam em dada cavidade.

E se dizemos acima consolidação, tal deve-se ao facto de, já antes, outros investigadores terem chamado a atenção para isso, desde logo Annette Laming-Emperaire na obra, editada em 1962, que centralizou a nossa atenção no subponto anterior.

Na historiografia, este trabalho de Laming-Emperaire acaba, por isso (e quanto a nós, de forma algo injusta) por ser visto como prelúdio das interpretações de Leroi-Gourhan. Este posicionamento historiográfico da obra de Laming-Emperaire dever-se-á não só a proximidade temporal entre a sua obra e o *magnum opus* de Leroi-Gourhan, como também à "tradução semântica" de ambos os autores do par cavalo/ bovino[29] que no caso de Laming-Emperaire se resolveria como fêmea/ macho e no caso de Leroi-Gourhan como macho/ fêmea.

Por outro lado, é cada vez mais assumido pela larga maioria dos pré-historiadores que como "prelúdio" a ambos os trabalhos, devemos identificar a obra do investigador Max Raphael, que, infelizmente, não só se deve considerar como inacabada, como permaneceu durante muito tempo ignorada. Laming-Emperaire, no entanto, não só conhecia o seu contributo como também se correspondeu com o autor, a avaliar pela análise que faz ao seu trabalho a partir de manuscrito dactilografado que Raphael lhe terá enviado em 1951 (Laming-Emperaire, 1962, 118-120). Este autor terá sido o primeiro, como reconhecido por Laming-Emperaire (1962, 119-120), a relevar alguns factos altamente pertinentes, entre os quais será de citar: a predominância de uma espécie ou de um sexo em determinados sítios (Raphael, 1945, 4); a rena ser comparativamente pouco representada quando temos em conta a sua importância económica durante o Paleolítico superior francês, o que revelaria, nas palavras de Raphael, uma "discrepância entre a arte e a vida" (*idem*, 5); a necessidade de deixar de olhar as figurações de forma isolada uma vez que é impossível interpretar as grandes composições se estas forem vistas como resultado de acumulações de unidades isoladas (*idem*, 1945, 4). Para este autor era evidente que os painéis historiados correspondiam a composições, e que as relações entre as figuras neles existentes disporiam de significações precisas (Raphael, 1945, 4).

Laming-Emperaire concordava globalmente com estas observações, tendo destacado que, sobretudo as duas primeiras, contribuíam para a refutação da teoria da magia da caça. Mas não deixava de considerar que as conclusões a que o autor chegava careciam de demonstração. Segundo este, os animais representados na arte corresponderiam aos totens de um clã ou ao sexo de um clã (Raphael, 1945, 7); os animais portadores de signos ou feridos seriam assim a

28 É elucidativa a descrição da forma como acedia ao "Deus cornudo" de Trois Frères e das condições de trabalho à frente deste painel (Breuil, 1985 [1952], 170).

29 Sempre que nos referimos a bovino integramos na categoria auroques e bisontes; por outro lado, se nos referimos a bovinos indeterminados falamos de auroques ou bisontes.

representação simbólica de determinados clãs em luta (*idem,* 42); as sobreposições de animais sobre outros de espécie diferente corresponderiam à dominação, mediação ou promessa de apoio de um clã sobre outro (*idem*, 6). Ora, para Laming-Emperaire, esta proposta totémica "*est adoptée sans démonstration réelle, sans exemples ethnographiques précis et sans critique de cette méthode ethnographique*» (Laming-Emperaire, 1962, 119). Contudo, a autora não só reconhece que o trabalho de Raphael é um trabalho ainda em construção, como em certa medida vai acabar por se aproximar das deduções de Raphael, tal como se observa em texto publicado dez anos mais tarde (Laming-Emperaire, 1972).

É, no entanto, André Leroi-Gourhan quem vai levar mais longe este tipo de análises e, na medida em que, contrariamente aos seus predecessores, vai trabalhar com todo o repertório conhecido até então, vai apresentar a proposta mais sólida e que mais influência terá nas décadas seguintes. O cerne do trabalho deste investigador encontra-se condensado no seu já citado livro de 1965 (1995), embora a análise mais aprofundada da obra deste autor obrigue à leitura de outros trabalhos seus que, em certa medida, chegam a rectificar alguns pontos da sua proposta interpretativa, sendo disso exemplo o artigo que publica nas atas do Simpósio de Altamira (Leroi-Gourhan, 1981), onde, afastando-se da sua interpretação mais generalista relativamente aos signos, considera que os mais complexos poderão ser entendidos como marcadores étnicos regionais.

Segundo Leroi-Gourhan (1995 [1965]) a arte paleolítica deveria ser entendida como uma mitografia que se alicerçava no binómio masculino/ feminino. O autor chega a esta conclusão baseando-se em diversos argumentos: por um lado, tal como Laming-Emperaire anteriormente, constata a existência de relações regulares entre animais, designadamente do par cavalo (grupo A)/ bovino (grupo B); observa também a associação preferencial entre o cavalo e um conjunto de animais (veados, mamutes, cabras-monteses e renas — grupo C) por oposição ao grupo dos bovinos; observa também que a cada um destes grupos se associam signos de características diferentes (simples — grupo a, que se poderia eventualmente subdividir em a e c, englobando os primeiros os signos com base no traço e os segundos os baseados no ponto; e cheios — grupo b): assim aos grupos A e C associam-se os signos de tipo a ou a e c e aos do grupo B os de tipo b; observa ainda que a localização destes tipos de motivos nas cavidades também apresenta flagrantes regularidades: animais do grupo A e B nos painéis centrais e sempre em posição de destaque, animais do grupo C a flanquearem aquelas composições, nas entradas e nos fundos da cavidade, animais do grupo D (os carnívoros) sempre ao fundo. A mitografia resolver-se-ia na oposição princípio masculino, grupos A, C, D, a e, eventualmente c/ princípio feminino, grupos B e b, a própria cavidade.

Como referimos acima, Laming-Emperaire (1962) também considerava que o par cavalo/ bovino correspondia a um binómio com conotações sexuais, de natureza, no entanto, inversa relativamente à de Leroi-Gourhan. Tal deve-se à forma como foi feita a identificação por parte dos dois autores: enquanto Laming-Emperaire se baseava na possibilidade de trocas entre temas com o mesmo valor semântico, Leroi-Gourhan valorizava a genealogia, por si proposta, dos diferentes tipos de signos; assim, a partir do estudo diacrónico deste tipo de figurações, Leroi-Gourhan defende a ideia de que os seus signos do grupo a correspondem a esquematizações do falo e que os dos grupo b derivam das representações vulvares.

Relativamente à arte de ar livre, esta não é tão valorizada por Leroi-Gourhan como o foi por Laming-Emperaire. Contrariamente a esta autora, Leroi-Gourhan (1995 [1965], 195-197) considera estes locais como integráveis na mesma tradição cultural que a dos santuários interiores e acaba por valorizar mais as semelhanças do que as diferenças (às quais, aliás, não se refere), devendo-se as suas características particulares a uma cronologia diferente (os santuários exteriores teriam existido até ao Magdalenense III e voltado a ocorrer no final do período paleolítico). De acordo com Leroi-Gourhan, eram os santuários interiores que teriam sido utilizados durante um curto espaço de tempo, a partir do Magdalenense médio e muito provavelmente por muito pouca gente, dada a dificuldade de acesso a muitas das paredes historiadas e a raridade dos vestígios de circulação. Ora, o autor tem noção de que esta última inferência leva a uma aparente contradição. Na verdade, contrariamente a Laming-Emperaire, o autor também se debruça sobre a arte móvel (*idem*, 69-121) e nela identifica a mesma mitografia que nas paredes das grutas (designadamente porque também considera a existência de objetos masculinos e femininos); sendo assim, porquê esconder em alguns casos o que se mostra, não só na arte móvel, mas também na arte ao ar livre e junto da entrada das grutas? Segundo o autor, "*Il est possible que*

l'existence du sanctuaire souterrain ait été considérée comme nécessaire, mais que l'ensemble des pratiques qui y étaient attachées se soit réparti suivant les cas, dans des proportions variables, entre les plaquettes maniables de l'entré et les fonds plus ou moins facilement accessibles" (Leroi-Gourhan, 1965, 197). Que dizer então da presença da arte paleolítica ao ar livre e sobre suporte móvel em regiões onde algo de necessário — as grutas — não se formam?

A influência dos trabalhos destes autores no âmbito da interpretação da arte paleolítica, ainda hoje se fazem sentir. No entanto, a recepção a ambas as obras nem sempre foi positiva. Logo em 1967, Peter Ucko e Andrée Rosenfeld desferem críticas acirradas ao trabalho de ambos os autores, particularmente ao de Leroi-Gourhan.

De facto, se as críticas ao trabalho de Laming-Emperaire (Ucko & Rosenfeld, 1967, 221-223) nos parecem, na sua generalidade, francamente injustas, as que apontam aos trabalhos de Leroi-Gourhan parecem-nos mais pertinentes (195-221).

Relativamente à primeira crítica — a ambiguidade relativamente à divisão das regiões de uma gruta, ela parece-nos justa. Os conceitos operativos ligados à arquitetura parietal dos sítios, tal como definidos por D. Vialou (Vialou, 2004a) são tão pertinentes, por, de alguma forma, tentarem resolver esta ambiguidade.

Relativamente à ambiguidade do conceito de associação — também ela, uma crítica perfeitamente justificada — foi ultrapassada pelo próprio Leroi-Gourhan que defende que uma associação se pode dar por justaposição (se duas figuras se encontram a menos de 40 cm entre si, sendo este o raio de um círculo definido por um braço esticado) ou por sobreposição (1984b, 108).

Concordarmos igualmente com Ucko & Rosenfeld quando referem que as sobreposições poderão corresponder a associações conscientes ou não, devendo outros critérios ajudar-nos a decidir qual a interpretação mais parcimoniosa, critérios esses que corresponderão aos indicados por aqueles autores (o grau de completude das figurações, o número das mesmas, o tamanho ou a cor) mas também outros como sejam os técnicos, a homogeneidade formal dos motivos (Fortea *et al.*, 2004) ou a identificação da sequência estratigráfica de um painel (Aubry, Santos & Luís, 2014).

Também é pertinente a necessidade de demonstrar que as associações não se devem ao acaso e que, designadamente a frequência dos animais deve ser tida em conta de forma a testar as probabilidades dos motivos aparecerem associados devido a razões puramente casuais. Esse trabalho foi feito posteriormente pelos Sauvet e por Wlodarczyk, trabalho esse que veio confirmar que a arte paleolítica está sujeita a uma gramática (v.g. Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1977; Sauvet & Sauvet, 1979; Sauvet, 1988; Sauvet & Wlodarczyk, 1995; 2000-2001).

Também são justas as críticas relativas à subjetividade inerente à ocasional identificação sexual das figuras e ao facto de Leroi-Gourhan estudar a arte paleolítica fora do Périgord, tendo como termo de comparação esta última região, mas talvez não seja tão justa a que reprova a distinção entre painéis centrais e áreas marginais dos mesmos por condicionar os resultados a que se chega quando se junta estas últimas às áreas de entrada e terminais, de forma a evidenciar a sua oposição relativamente aos painéis centrais. Na verdade, parece-nos que o que se passa nas áreas centrais corresponde ao mesmo "discurso" que se espalha por toda a cavidade, daqui decorrendo que os painéis centrais estão para as regiões centrais como as áreas marginais destas estão para as de entrada e terminais.

Concordamos também com a crítica relativa à necessidade de demonstrar estatisticamente a diferença ao nível da localização entre bovinos e cavalos.

Relativamente ao facto do sistema proposto por Leroi-Gourhan ser regularmente contradito pelo estudo individual dos sítios, tal dever-se-á à própria metodologia adoptada pelo investigador. Assim, se o autor procede ao estudo ao nível do conjunto de todos os motivos conhecidos, decerto que os resultados finais, uma vez que denotam tendências gerais, não terão equivalência exatas nos estudos individuais das cavidades, sobretudo se estas se afastarem da norma consideravelmente. Que aliás as cavidades não refletem todas o mesmo discurso mas devem ser consideradas como entidades únicas, se bem que organizadas, foi entretanto demonstrado por Vialou no estudo que levou a cabo em torno da arte magdalenense do Ariège (1986).

Relativamente ao facto de Leroi-Gourhan não ter tido em conta que se bovinos e cavalos são os animais mais representados seriam também aqueles com maior probabilidade de aparecerem nos painéis centrais, parece-nos também um pouco gratuita: trata-se de dois factos dialeticamente conectados, da mesma maneira que se tal estudo fosse feito,

também chegaríamos à conclusão que corresponderiam aos animais maiores ou nos quais se investiu mais trabalho, etc. Estes aspetos apenas denunciam de forma clara a importância dos dois temas na arte paleolítica.

Relativamente ao facto de Leroi-Gourhan ter assumido uma equivalência entre zonas laterais das cavidades/ princípio masculino e zonas centrais/ princípio feminino, concordamos parcialmente com ela; isto é, pensamos que é forçada a equivalência entre o dualismo sexual e a arquitetura das cavidades, mas não podemos negar as relações que se estabelecem entre determinados motivos e as zonas laterais e centrais das cavidades, algo que nos demonstra que esta, como refere Vialou, participa ativamente no dispositivo parietal dos sítios (Vialou, 2004a).

Quanto à contradição, não observada por Leroi-Gourhan, entre por vezes interpretar a associação num mesmo painel como uma relação de complementaridade e noutras como a uma de oposição, também pensamos ser uma observação válida e nesse sentido será de ter em conta outros critérios para validarmos o tipo de associação; Laming-Emperaire, por exemplo, utiliza o critério da substituição, identificando a autora temas que parecem entrar alternativamente em associações que em tudo o resto são as mesmas [v.g. bovino/ cavalo, podendo este último ser substituído pela mulher (Laming-Emperaire, 1962, 236)].

Concordamos também com a crítica que Ucko e Rosenfeld fazem à equivalência entre os conjuntos de signos e os princípios sexuais com base na localização daqueles nas cavernas e na sua suposta evolução a partir de representações naturalistas do falo e da vulva; de facto, o conjunto dos "signos" é bem mais complexo do que pretendia Leroi-Gourhan, como é aliás evidenciado pelas novas propostas de sistematização que se seguiram (v.g. Casado, 1977; Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1977; Sanchidrián, 1991-1992); por outro lado, e como referimos no parágrafo anterior, as relações definidas entre determinados signos e zonas específicas das cavidades não deverão ser postas em causa (independentemente das significações que possam denotar).

Relativamente à identificação da caverna com o sexo feminino, também pensamos ser de difícil demonstração tal pressuposto, mesmo se, como referem Ucko & Rosenfeld, até existirem alguns paralelos etnográficos para tal situação (1967, 218).

Evidentemente que também consideramos justa a observação de Ucko & Rosenfeld relativa à existência de uma contradição entre um sistema baseado no dualismo sexual e a raridade de órgãos sexuais primários e de cenas de cópula.

Já o facto de o autor não ver nenhuma contradição entre um animal ser de um sexo e simbolizar outro (v. g. bisonte macho) não nos perturba; de facto, como foi já argumentado há uns anos, o género não pode ser confundido com o sexo, isto é, há que distinguir a construção cultural, que corresponde ao género, da condição física de cada um, que corresponde ao sexo. Embora na maior parte dos casos conhecidos (desde logo no mundo ocidental, até há bem pouco tempo), se observe uma equivalência entre sexo e género, é também verdade que se conhecem comunidades em que tal equivalência não se verifica de forma tão contundente (Yates, 1993).

Quanto à crítica relativa aos ritos mencionados por Leroi-Gourhan não terem nada que ver com a estrutura ideológica que pressupõe, tal não deixa de ser verdade, mas é o próprio autor que refere que "*La somme des documents que nous possédons sur les pratiques éventuellement religieuses des hommes du paléolithique, dans les sanctuaires, est très modeste.*" (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 201).

Muitas destas críticas foram, como tentámos demonstrar, tidas em conta, e entretanto ultrapassadas pelos pré-historiadores que, ainda assim, prosseguiram a abordagem de Leroi-Gourhan às manifestações gráficas do Paleolítico superior. Quanto a nós, pensamos, tal como refere M. Conkey, que a "via estruturalista" abriu portas e perspectivas sobre a arte e a complexidade das comunidades que a usaram (cfr. Conkey, 2001b).

Os anos 60 e 70 correspondem a duas décadas marcadas, do ponto de vista da interpretação, pelos debates em torno da teoria interpretativa de Leroi-Gourhan. Contudo será de destacar ainda, pela sua importância, um trabalho de Laming-Emperaire (1972). Neste trabalho, a autora procura outras explicações que poderão estar por trás da organização verificada na distribuição dos temas pelas paredes dos sítios historiados e, aproximando-se de Raphael, interroga-se se não nos encontramos perante o "registo" de interações intercomunitárias tais como matrimónios entre elementos de comunidades diferentes ou alianças entre essas mesmas comunidades. Trata-se de um importante marco porque volta a "trazer a arte à terra", procura explicar a sua necessidade social.

A par dos debates que se iam desenrolando, as descobertas de novos sítios continuavam a suceder-se, devendo-se destacar algumas pela sua pertinência para o nosso trabalho. E a primeira para a qual chamamos a atenção provem do Egito, correspondendo à estação de ar livre de Qurta (Smith, 1967 *apud* Huyge, 2005), que, no entanto, só foi atribuída ao Paleolítico superior recentemente. Esta releitura da estação só foi possível após a descoberta da arte finipleistocénica do Côa sendo disso reflexo o título de um dos textos que a divulgam: "Côa in Africa: Late Pleistocene rock art along the Egyptian Nile" (Huyge, 2008a).

Na Península Ibérica, algo de semelhante se passará. De facto, um dos cavalos picotados de Domingo García é dado a conhecer nos inícios da década de setenta, cavalo esse para o qual é apontada inclusivamente uma cronologia magdalenense (Gozalo, 1970, 9); contudo, tal achado é pouco valorizado até ao já referido ano de 1981 (Lucas, 1971; 1973; 1974; Martín & Moure, 1981).

Nas Astúrias é de referir uma série de achados extremamente importantes para a problemática da arte paleolítica iluminada pela luz do dia. Referimo-nos à arte rupestre dos sítios de El Conde (Jordá, 1969)[30], Traúno (Moure & Gil, 1972) e Coímbre (Moure & Gil, 1972; 1974). No primeiro dos sítios encontramos três conjuntos caraterizados por séries de incisões profundas, não figurativas (do tipo que em Portugal denominaríamos como "unhadas do diabo"), dois destes iluminados pela luz do dia (Fernández *et al.*, 2005). Pelo menos um destes conjuntos encontrar-se-ia alegadamente sobreposto em parte pelo nível aurignacense do sítio (Jordá, 1969, 26). Este facto, embora não corroborado com absoluta certeza (Márquez, 1981), tem vindo a ser valorizado pela generalidade dos investigadores para atribuírem a estes grafismos uma cronologia muito antiga (Fortea, 2000-2001; Fernández *et al.*, 2005).

Traúno é uma estação muito semelhante, correspondendo a abrigo onde se encontram também séries de incisões profundas iluminadas pela luz do dia; destaque-se neste sítio a existência de um habitat de cronologia pré-histórica não precisada (González, 1989).

Coímbre trata-se de uma ampla gruta, justamente famosa pelas suas gravuras, destacando-se entre estas o grande bisonte da sala principal; a maior parte destas gravuras encontra-se no interior da cavidade; no entanto, algumas profundas incisões verticais, triângulos e a cabeça de um cavalo encontram-se à entrada gruta. Todo o conjunto foi dado como genericamente contemporâneo e atribuído ao Magdalenense inferior, ou superior no caso do bisonte (Moure & Gil, 1972; 1974). Escavações recentes revelaram a existência de ocupações deste último período, não se descartando, no entanto, a cronologia azilense (Álvarez-Alonso *et al.*, 2009).

É também neste período que se revisita a arte parietal de sítios asturianos identificados anteriormente, designadamente a de Las Mestas, descoberta pelo conde Vega del Sella e por Obermaier em 1916, não tendo nessa altura sido valorizada (Obermaier, 1925, 262). É Jordá que se debruçará sobre os grafismos da estação que compara com as grafias de El Conde (Jordá, 1969, 26). Em 1975 González Morales dedica-lhe curto texto, relevando o facto do conjunto se encontrar iluminado pela luz solar. Relativamente ao conteúdo temático do pequeno painel deste sítio, a interpretação que nos parece mais correta é a que pretende ali ver um cavalo, interpretação pela primeira vez aventada por M. Mallo em 1986 (Fortea, 2005, 48). Refira-se que nesta estação existem também vestígios de uma ocupação do Paleolítico superior, já referidos por Hernández-Pacheco (1919, 27) e confirmados por González Morales (1975, 153-154).

Outro importante sítio que se revisita neste período (v.g. González Morales, 1975, 153) é Cueto de La Mina cujo estudo tinha dado origem a uma monografia da autoria de Vega del Sella (1916). Neste texto refere o autor uma série de incisões profundas que teriam aparecido "*al extraer la capa de la superficie del interior de la cueva [...] a unos 50 centímetros de la superficie del nivel B, en el mismo horizonte en que fueron encontrados los bastones perforados; altura que correspondería a un hombre que los hubiese trazado en cuclillas*" (Vega del Sella, 1916, 56). O referido nível B reportar-se-ia ao Magdalenense; como as restantes estações que temos vindo a referir, o repertório gráfico encontrava-se iluminado pelo dia.

Também na Cantábria apareceu nova cavidade com grafismos quer no interior, quer no exterior. Trata-se da gruta de Chufín dada a conhecer por Almagro Basch em 1973. Aqui, no vestíbulo exterior destaca-se painel gravado mediante incisão profunda com várias cervas e pelo menos um bisonte; para além destes zoomorfos, reconheceu-se ainda signo

30 Embora a identificação das gravuras deva ser atribuída a Vega del Sella, tal como referido por Obermaier na edição inglesa de *El Hombre Fósil* (*in* Márquez, 1981, 314, nota 16).

triangular e vários traços que poderão corresponder a vestígios de outras representações animais que aqui existiriam; a esta fase gráfica associar-se-á a um dos níveis de ocupação identificados nesta zona da gruta, que recuam até ao Solutrense, sendo este período o melhor representado

Para além dos trabalhos desenvolvidos em sítios iluminados pela luz natural[31], devemos destacar ainda os que decorreram, ao longo destas duas décadas, nas cavidades da nossa área de estudo, designadamente em Penches (Ripoll, 1957), Ojo Guareña (Osaba & Uribarri, 1968; Jordá, 1968-1969; Uribarri & Liz, 1973; Ibañez, 1980) e La Griega, que se dá entretanto a conhecer (Almagro, 1971). Embora, fora da nossa área de estudo, destaque-se também a descoberta da gruta do Escoural (Santos, 1964), única cavidade historiada conhecida até ao momento em território português[32].

1.5. 1981-1994: Do Mazouco ao Côa, ou os antecedentes de uma revolução

Mil novecentos e oitenta e um é um ano chave para os estudos em torno da arte paleolítica de ar livre. De facto, é nesse ano que é dada a conhecer a importante estação de Mazouco (Jorge *et al.*, 1981). Esta estação era conhecida no aro da aldeia epónima como "o carneiro", tendo o então jovem estudante Nélson Rebanda mostrado à Professora Susana Oliveira Jorge um decalque provisório e foto da rocha. No seguimento desta informação, uma equipa daquela Universidade desloca-se ao sítio e reconhece de imediato a importância das gravuras aí presentes. São, na altura, identificados três quadrúpedes — o famoso cavalo, e outros dois interpretados como da mesma espécie, todos atribuídos ao Magdalenense. É de relevar que neste texto não se infere qualquer surpresa relativamente ao facto das figurações se encontrarem ao ar livre. De facto, o achado é relacionado com os restantes sítios iluminados pelo luz do dia, designadamente os referidos por Laming-Emperaire (Jorge *et al.*, 1981, 10). Neste sentido será também de relevar o parecer de Jordá Cerdá, a quem os autores, conscientes quer da sua inexperiência, quer da importante descoberta que tinham em mãos, pediram ajuda. Nesse parecer, não só Jordá considera o achado "previsível" como refere ainda a existência de outras jazidas no vale do Douro (*in* Jorge *et al.*, 1981, 9).

A que estações se refere o Professor de Salamanca? Muito provavelmente a Domingo García, cuja cronologia do cavalo picotado é reavaliada, retomando-se a hipótese finipaleolítica aventada por Gozalo onze anos antes (Martín & Moure, 1981). Repare-se que, também neste texto, o facto de a gravura se encontrar ao ar livre não levanta problema de maior, sendo a estação relacionada com os "santuários exteriores" (*idem*, 103). É bastante mais problemático para os autores o uso da técnica da picotagem — que acabam por comparar com a pintura tamponada de La Pasiega ou da "escola de Ramales" — ou o facto de nos encontrarmos perante uma estação que foi "reutilizada" ao longo de uma tão larga diacronia (*idem*, 103-104).

Até 1982 saem dois outros textos sobre a estação de Mazouco, um onde se publica planta e secção do sítio, para além de se dar conta do resultado (infrutífero) das escavações aí realizadas (Jorge *et al.*, 1981-1982) e um outro cuja finalidade pensamos se relacionar com a possibilidade de difusão numa revista de âmbito peninsular, uma vez que nada de novo aí se encontra (Jorge *et al.*, 1982).

Aparentemente nada faria prever o intenso debate que se verificaria cerca de década e meia depois relativamente à arte paleolítica de ar livre. Contudo também é verdade que cedo algumas vozes se levantaram contra a cronologia paleolítica destas estações, destacando-se neste aspeto António Martinho Baptista que, baseando-se em discutíveis paralelos com figuras sidéricas do Vale da Casa, propõe uma cronologia proto-histórica para o cavalo de Mazouco (1983, 63; 1983-1984, 79-80). No entanto, note-se que, também neste caso, a discordância não se deve ao facto do Mazouco se encontrar ao ar livre, tendo antes que ver com uma (errada) avaliação estilística.

Até à revelação da arte do Côa, quer Mazouco, quer Domingo García, serão objeto de outros textos. Relativamente ao primeiro será justo referir os textos de Jordá (1984), de Balbín e Alcolea (1992, 436-441; 1994, 117-118) e de Varela Gomes (1994). Relevamos o primeiro porquanto o autor, a partir deste novo achado, procura reforçar a sua tese em torno

31 M. Varela Gomes (2006, 89) lembra a publicação do abrigo de Ségriès (Provença, França) por esta época (Lumley, 1968). Contudo, não a consideramos aqui, uma vez que a autenticidade do sítio não é consensual (cfr. Bahn & Vertut, 1997, 215, nota 94).

32 Sobre a gruta do Escoural, consultar ainda Glory, Vaultier & Santos, 1965; Santos, 1967a; 1967b, 16; 1972, 20-27; Santos, Gomes & Monteiro, 1981; Gomes, 1983; 1985; 1990a, 140-144; 1992; 1994; 1995a; 1995b; 2002, 155-156; Gomes, Cardoso & Santos, 1990, 23; Cardoso & Gomes, 1994, 19-20; Silva *et al.*, 1991; Silva & Araújo, 1995; Lejeune, 1995; 1996; 1997a; 1997b; Otte, 1996; Zilhão, 1997b, vol. II, 101-106; García *et al.*, 2000; Guy, 2000; 2002; Silva, 2011; Baptista, 2011; 2012, 308-313; Santos, Sanches & Teixeira, 2015, 126-127.

dos "santuários monotemáticos" e dos animais dominantes. Balbín e Alcolea (1992, 436-441) apresentam novo decalque dos painéis do sítio, apresentando este diferenças substanciais relativamente ao original; destaque-se a identificação de um cavalo no interior do "principal", a identificação de duas cabeças interpretadas como de cervas, a identificação de um novo quadrúpede reduzido à cérvico-dorsal e a identificação do conjunto gráfico situado à direita do cavalo n.º 3 da publicação original como cabeça orientada para a esquerda; integram o conjunto na passagem do estilo III para o IV de Leroi-Gourhan. O texto de 1994 corresponde a síntese sobre a Meseta, nada se adiantando de novo relativamente à estação do Mazouco. Já Varela Gomes (1994) volta a aproximar-se da interpretação dos autores originais, se bem que com algumas nuances, relevando o autor a ocorrência de "*taches*" no interior do animal, a identificação de incisões prévias à picotagem ou a possibilidade de existência de uma haste de cervídeo. A estação é atribuída pelo autor ao Solutrense.

Relativamente ao sítio de Domingo García, destacamos numa fase prévia à revelação da arte do Côa, as publicações de Balbín & Moure (1988), de Corchón e colaboradores (1988-1989), de Balbín & Alcolea (1992), de Ripoll & Municio (1992; 1994), de Balbín e Alcolea (1994, 118-120) e de Ripoll e colaboradores (1994). No primeiro texto, destaque-se o facto do achado do Mazouco já ser tido em conta para reforçar as conclusões a que Martín & Moure tinham chegado em 1981 (texto onde a estação de Mazouco é referida apenas em nota de rodapé). No texto de Corchón e colaboradores, destacamos o facto de aí se defender uma cronologia tardia e apenas parcialmente coetânea da arte das grutas, quer para o sítio de Domingo García, quer para as restantes estações ao ar livre da Meseta (Corchón *et al.*, 1988-1989, 16). Trata-se de uma perspetiva diametralmente oposta à que defenderão Balbín e Alcolea no seu trabalho de 1992, onde, tendo já em conta os restantes achados de arte ao ar livre e partindo de uma visão de conjunto da arte da Meseta, defendem a integração do cavalo de Domingo García no estilo III de Leroi-Gourhan. Nesse mesmo ano, Ripoll & Municio dão a conhecer novas figuras na rocha 12 do Cerro de San Isidro (onde se encontrava o cavalo de "estilo paleolítico"), assim como gravuras paleolíticas nas rochas 9b, 15, 28, 37 e 39, a maior parte delas incisas. É também dado a conhecer o sítios de Las Canteras. Refira-se também a divulgação da cerva da rocha 39 e a comparação estilística deste motivo com as cervas estriadas da Cantábria. O grosso do conjunto é atribuído a um período entre o Solutrense superior final e o Magdalenense inicial. O texto de 1994, dos mesmos autores, é essencialmente de divulgação; ainda assim são adiantados alguns dados importantes como sejam um inventário geral de figurações (82 há época) ou revelação de um novo sítio (Carbonero Mayor). Do texto de Balbín e Alcolea (1994, 118-120), destacamos a observação dos autores relativamente à integração aproblemática da estação no mundo da arte paleolítica de ar livre da Meseta, nomeadamente no que concerne à temática e à cronologia. O texto de Ripoll e colaboradores de 1994 é também de divulgação, centrando-se essencialmente sobre a rocha 12 do Cerro de San Isidro; por esta altura são já referidas 115 representações, sendo, no entanto, as novas representações da rocha 12 as principais novidades.

De qualquer forma os achados vão-se sucedendo. Assim, em 1984 é dado a conhecer o sítio de Fornols-Haut, rochedo localizado nos Pirenéus Orientais descoberto por J. Abelanet no ano anterior (Sacchi, 1984a, 25). No texto em causa são desde logo dadas a conhecer algumas caraterísticas deste sítio, desde logo a predominância da cabra-montês e da camurça, a exclusividade da técnica da incisão, etc. Sacchi, isoladamente ou com outros colaboradores vai publicando outros artigos "preliminares" (Sacchi *et al.*, 1986-1987; Sacchi, Abelanet & Brule,1987; 1988) ou sínteses onde a estação é referida (Sacchi, 1987, 48-51), acabando em 1988 por sair o texto que poderemos considerar como monográfico, embora ainda considerado pelos autores como um "esquisso" (Sacchi *et al.*, 1988). E, de facto, outros textos posteriores acabarão por precisar alguns aspetos do sítio (D'Errico, Sacchi & Vanhaeren, 2002; Sacchi, 2008). Esta estação corresponde ao único sítio ao ar livre absoluto localizado em território francês, se bem que já muito perto da fronteira ibérica. Trata-se de um imponente rochedo de xisto localizado no alto de uma montanha, de onde se tem uma vista de elevado dramatismo, integrando inclusivamente o Mediterrâneo (Sacchi, 2008a, 194-195, figs. 2 e 3). A face historiada apresenta inclinação subvertical, orientando-se para sudeste, nela se identificando quinze ungulados (oito cabras-monteses, duas camurças e cinco caprídeos cuja identificação específica não é possível), duas aves (um mergulhão-pequeno e um grifo) e várias figuras geométricas, sendo algumas delas de cronologia posterior. Refira-se a existência de grafismos semelhantes às nossas "unhadas do diabo", sempre sobrepostos às incisões lineares (Sacchi, 2008a, 204, fig. 13). O repertório figurativo seguramente paleolítico é exclusivamente conseguido por incisão, tendo sido atribuído ao Magdalenense (Sacchi *et al.*,

1988, 96; Sacchi, 2008a, 207).

Refira-se que é apenas a partir deste achado que o facto destas estações se encontrarem ao ar livre absoluto começa a ser visto como algo de extraordinário. Não espanta por isso que Abelanet intitule um artigo seu sobre o sítio como "Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre, le rocher grave de Campôme" (Abelanet, 1985). Nesse mesmo ano Paul Bahn carateriza o achado como "*The most dramatic find for many years in the field of Ice Age art*", porque *"never before has art of the period been found in isolation, in such an open-air, high-altitude site*" (1985, 530).

O sítio seguinte a ser identificado corresponde ao de Piedras Blancas, localizado também em ambiente montanhoso, na vertente meridional da Sierra de los Filabres, em Almería (Martínez-García, 1986-1987). Trata-se de um bloco de natureza xistosa com a face historiada inclinada a cerca de 30º relativamente à vertical, orientando-se para su-sudeste. Nela identifica-se um cavalo picotado, maioritariamente picotado, orientado para a direita. Como caraterísticas especiais refira-se a execução raspada (?) do bordo fronto-nasal e a duplicação da pata anterior e do ventre que atestam na figura a existência de animação. A figura foi atribuída ao Solutrense pelo seu descobridor (Martínez-García, 1986-1987, 54-56). O sítio é posteriormente referido em publicações de síntese sobre a arte paleolítica de Almería ou da Andaluzia (Martínez-García, 1992; 2008; 2012), destacando-se o texto de 2008, por aí se darem a conhecer novas gravuras paleolíticas descobertas por Rodrigo de Balbín e Primitiva Bueno em outras rochas da estação (Martínez-García, 2008, 241).

O último grande sítio a ser identificado antes da revelação da arte do Vale do Côa corresponde a Siega Verde, estação que, descoberta por Manuel Santonja em finais de 1988 é dada a conhecer em 1991 por Rodrigo de Balbín, Javier Alcolea, o autor da descoberta e Rosario Pérez. Neste texto são já referidos 18 conjuntos e uma série de figuras. Por esta altura todas as rochas conhecidas encontravam-se na margem esquerda do Águeda, em painéis de xisto maioritariamente verticais. Relativamente ao bestiário reconhecido até ao momento, referem-se cavalos, bovinos, veados, cervas, cabras e um canídeo, com claro predomínio dos primeiros. São já referidas as técnicas presentes no sítio: a picotagem, a abrasão e a incisão fina. O sítio é atribuído a um período solutreo-magdalenense, como, segundo os autores, seria o caso do Mazouco (Balbín *et al.*, 1991, 48).

Neste texto há que relevar uma série de observações enunciadas pelos autores: desde logo, é abordado mais uma vez o problema da picotagem que, como se viu anteriormente, era uma técnica não reconhecida na Península em períodos paleolíticos; ora, neste texto é recuperado o paralelismo formal com a pintura tamponada presente nas grutas cântabras (*idem*, 40), designadamente de La Pasiega ou Covalanas, grutas essas que, de resto, continham representações estilisticamente comparáveis com alguns dos motivos de Siega Verde (*idem*, 1991, 47). Por outro lado, são pela primeira vez enunciadas, de forma clara, as diferenças entre este tipo de sítios ao ar livre e os restantes que até aí eram considerados como tal; deste modo, segundo Balbín e colaboradores, os primeiros "*son yacimientos al aire libre en sentido estricto, sin ninguna de las connotaciones de cueva, abrigo o similar, y ni siquiera la de la roca soporte, que aquí es siempre el esquisto, y que propone un tratamiento particular*" (1991, 40). Ainda de acordo com estes autores, a organização presente nestes sítios não se submetia estritamente aos critérios de Leroi-Gourhan, devendo estes sítios apartar-se de "*lo oculto cavernario, a no ser por la dificultad que quizás supondría la observación de ciertos grabados desde el mismo momento de su realización*" (*idem*, 40). Por outro lado, é neste texto que pela primeira vez se ensaia de forma tímida uma espécie de síntese em torno da arte paleolítica de ar livre, valorizando os autores uma série de pontos em comum: a ausência de contexto arqueológico, a preferência pelo picotado, a natureza geológica dos suportes, a mesma orientação das faces historiadas (para este), a preferência por superfícies verticais (ocorrendo as exceções, até àquela data, precisamente em Siega Verde), a tendência a agruparem-se em zonas junto a cursos de água, ou a cronologia (*idem*, 45-48). Embora alguns destes pontos não sejam hoje em defensáveis, não podemos deixar de louvar a tentativa de compreensão do fenómeno a partir de uma perspetiva mais alargada.

Em 1992 Balbín e Alcolea, no seu trabalho de síntese, voltam a escrever sobre Siega Verde, sem, no entanto, acrescentarem algo de relevante relativamente à estação (Balbín & Alcolea, 1992, 442-445). Em 1994 sai novo texto onde se referem 190 figuras distribuídas por 12 conjuntos (Balbín, Alcolea & Santonja, 1994, 11). Neste mesmo texto são apresentados novos decalques e dado a conhecer o presumível megaceros (*idem*, 11). O problema da picotagem é, de novo, abordado, valorizando desta vez os autores não apenas as semelhanças formais com a pintura tamponada, como

também a presença da técnica em grutas peninsulares e francesas (*idem*, 10).

No mesmo ano sai a, já por várias vezes citada, síntese de Balbín e Alcolea sobre a arte paleolítica da Meseta, onde Siega Verde tem lugar de destaque; nas páginas consagradas ao sítio (120-128) encontramos importantes novidades e inferências; neste texto são já referidos 78 painéis distribuídos por 15 conjuntos, tendo entretanto aparecido já uma rocha na margem direita do rio. O bestiário mantém-se inalterado, dando-se apenas a conhecer a presença de rinoceronte lanudo. Por outro lado, é aprofundada a hipótese, já sugerida em textos anteriores, de existir uma tendência para as representações de cavalos e auroques serem picotadas e as de caprinos e cervídeos serem incisas; a esta distinção técnica parece corresponder uma distinção dimensional (os cavalos e auroques são sempre de talhe maior que os restantes animais) e espacial (no centro da estação predominam as grandes representações picotadas de cavalos e auroques cercadas pelos caprinos e cervídeos, geralmente incisos e de menores dimensões, enquanto na periferia predominam a incisão e as representações mais discretas deste último grupo de animais). Exceção a esta regra seria a zona norte do sítio onde os cervídeos, para além de parecerem substituir os auroques em termos de segunda espécie mais representada, apareciam picotados, acrescentando-se a esta diferença temática a preferência pelas superfícies horizontais, pela orientação setentrional, pelo tamanho mais discreto das representações e pela existência de alguma animação, factos que levam os autores a propor uma cronologia um pouco mais tardia para esta zona da estação. Trata-se portanto da primeira tentativa de compreensão da organização espacial de um sítio de arte paleolítica ao ar livre.

A par das descobertas destes sítios ao ar livre em sentido estrito, são identificados outras estações com manifestações gráficas iluminadas pela luz do dia. Entre estas, destaque-se as estações do vale do Nalón (Astúrias) que Javier Fortea começou a publicar nos inícios da década de 80 e que vinham assim a juntar-se à gruta de Las Mestas identificada anteriormente no mesmo vale. As estações a que nos referimos correspondem ao abrigo de La Viña (Fortea, 1981, 5, 11-13; 1990; 1992; 1994; 1995; 1999; Fernández & Rasilla, 2012; González-Pumariega *et al.*, 2017), à gruta de Los Murciélagos (Fortea, 1981, 5-6), ao abrigo de Entrefoces (*idem*, 6, 14; González, 1990; 1992), aos abrigos de La Lluera I (Fortea, 1981, 6-7, 14-15; 1989, 190-196; 1990b, 19-26) e II (Fortea, 1981, 7-8; 1989, 196-197; 1990b, 26-28) e ao abrigo de Godulfo (*idem*, 1981, 8). A estas estações devemos juntar Santo Adriano (Fortea & Quintanal, 1995; Fortea, 2005) e Los Torneiros (Fortea, Rodríguez & Rios, 1999), publicadas posteriormente.

La Viña corresponde a um amplo abrigo, aberto a sudeste na vertente de importante elevação, onde se identificaram dois horizontes artísticos: um, mais antigo, distingue-se pela ocorrência de grandes sulcos profundamente incisos; o segundo, mais recente, carateriza-se por painéis densamente gravados onde, por entre as sobreposições, se distinguem cavalos, cervas e bovinos. Graças às relações estabelecidas entre os níveis arqueológicos e os diferentes horizontes artísticos, o mais antigo pode ser atribuído ao Aurignacense e o mais recente essencialmente ao Solutrense, podendo este conter ainda algumas evidências do Gravettense. As escavações revelaram que o sítio foi ocupado desde o Proto-Aurignacense até ao Magdalenense superior.

Na gruta dos Murciélagos encontra-se, na entrada de uma das duas bocas da gruta, um bisonte acéfalo, conseguido por incisão profunda e disposto na vertical.

A estação de Entrefoces corresponde a um monumental abrigo (com cerca de 80 m de longitude) onde numa concavidade perfeitamente iluminada pela luz diurna se observa conjunto gráfico composto por duas (interpretação de Fortea) ou três (interpretação de González) cervas e um cavalo, também conseguidos por incisão profunda. As escavações revelaram ocupações do Magdalenense inferior; entre os achados refira-se um bloco com incisões profundas (González & Márquez, 1983, 189, nota 14).

La Lluera I corresponde a abrigo onde se identificam "cinco unidades topográficas" gravadas com temática variada onde se destacam o par cavalo/ auroque e a cerva; em menor medida observa-se a cabra-montês e dois eventuais mamutes; todo o repertório foi conseguido por incisão profunda; destaque-se a presença de densas sobreposições em alguns painéis, todos iluminados pela luz diurna, situando-se um destes completamente no exterior. As escavações realizadas no sítio detetaram ocupações que vão do Solutrense ao Azilense, destacando-se, pela representatividade, o tecnocomplexo mais antigo (Rodríguez, 1990).

La Lluera II localiza-se a 54 m para montante do abrigo I. Nele apenas se identifica temática geométrica,

designadamente triângulos, executada com a mesma técnica presente no abrigo I. Cobra especial importância o facto também aqui as escavações terem detetado uma ocupação solutrense (Rodríguez, 1992).

Godulfo corresponde a um abrigo onde, num covacho, foi encontrado um veado tecnicamente semelhante às gravuras que temos vindo a referir.

Santo Adriano corresponde a pequeno covacho aberto a sul onde se identificam essencialmente cervas, mas onde também estão presentes o auroque, o bisonte, o cavalo e a cabra-montês. Do ponto de vista tecno-estilístico trata-se de um conjunto semelhante aos que temos vindo a descrever.

No abrigo de Los Torneiros, o conjunto rupestre pré-histórico encontra-se já em zona de penumbra; contudo, as similitudes tecno-estilísticas que comparte com as estações até aqui tratadas levam Fortea (e nós com ele) a considerá-lo ainda como exterior; tematicamente, o cavalo domina a composição sendo ladeado por várias cervas.

Para além destes sítios com repertório figurativo, continuaram a ser identificados na região sítios caraterizados pela presença de "gravuras lineais exteriores", semelhantes às nossas "unhadas do diabo". Referimo-nos aos sítios de Samoreli (González, 1981, 274), El Covarón (*idem*, 274-275) e La Cuevona (González & Márquez, 1983) nas Astúrias e às estações de El Linar (CAEAP, 1980-1981), Las Brujas (González, Muñoz & San Miguel, 1986), El Perro e San Carlos (Moure & González, 1986) na Cantábria.

Também em Aragão é dada a conhecer a Fuente del Trucho (Beltrán & Baldellou, 1981). Trata-se de cavidade com pinturas no interior mas com um painel gravado localizado no exterior. Desde essa data que a estação aparece recorrentemente na bibliografia (Baldellou, 1991; 1994; Beltrán, 1993; Ripoll *et al.*, 2001; 2005; Mir, 2003; Utrilla *et al.*, 2012). No painel exterior destaque-se a presença de ursos, um cervídeo (que não veado) e vários cavalos. No interior descobrem-se vários signos, cavalos, veados, cabras-monteses e mãos.

Mas não só a norte ocorreram novas descobertas de arte paleolítica iluminada pela luz natural. Assim, na Andaluzia deu-se, em 1992, o achado de gravuras e pinturas ao ar livre na Cueva Ambrosio (Ripoll, 1994; Ripoll *et al.*, 1994) e de gravuras na estação de Cueva del Moro (Mas *et al.*, 1995). Mais discutíveis (v.g. Martínez, 2008, 253-254) são as gravuras identificadas no Tajo de las Figuras (Ripoll, Mas & Torre, 1991; Mas & Ripoll, 2002) e nas grutas de Arco e 1 e 2 de Levante (Mas, 1993; Mas & Ripoll, 2002).

Na Cueva Ambrosio (v. g. Ripoll, 1994; Ripoll *et al.*, 1994; 1995; Ripoll, Muñoz & Calleja, 2003; Ripoll, Muñoz & Latova, 2006; Ripoll *et al.*, 2012) identificaram-se três painéis historiados, onde se destaca a presença do cavalo, aparecendo em números bastante mais reduzidos a cabra-montês, a cerva, o auroque, uma ave e a figura humana. As representações são gravadas por incisão, por vezes profunda, ou pintadas a vermelho e, esporadicamente, a negro. É de especial importância o facto de se terem identificado relações entre camadas arqueológicas e as grafias paleolíticas. Assim, sabe-se que o painel Ia estaria coberto pelos níveis I, II [atribuído ao Solutrense superior avançado, e de onde saíram três amostras que foram datadas pelo radiocarbono de um período entre 19.250±70 e 20.150±200 BP] e III, enquanto que os painéis Ib, II e III se encontrariam cobertos pelo IV (atribuído ao Solutrense superior e de onde provém a datação 21.520±120 BP) (Ripoll *et al.*, 2012, 94). Os autores interpretam o sítio como um local onde se iria periodicamente "*renovar el utillaje lítico*" (*idem*, 76).

Cueva del Moro (Mas *et al.*, 1995; Bergmann, 1996) localiza-se numa escarpa, correspondendo a um sítio onde um abrigo se encontra sobre um outro; no que se encontra a cota inferior observa-se uma série de equídeos gravados por abrasão, encontrando-se por vezes o sulco pintado a vermelho; no abrigo superior observa-se uma série de pontos pintados a vermelho. Pelo menos as figuras dos equídeos têm vindo a ser atribuídas ao Solutrense.

O sítio do Tajo de las Figuras é conhecido de há muito (Hernández & Cabré, 1913, 354-359), tendo Breuil e Burkitt dedicado às suas pinturas esquemáticas importante espaço na sua obra sobre as pinturas rupestres do sul da Andaluzia (1929, 11-24, Pl. I-IV). As pretensas gravuras foram dadas a conhecer por Ripoll, Mas e Torra em 1991, descrevendo os autores uma cerva, um prótomo de cavalo e uma cabeça de cabra-montês conseguidos por incisão. O inventário mais atualizado refere um prótomo de cavalo, duas possíveis cabeças de cervídeo e um capríneo, a par de 15 combinações de traços indeterminados (Mas, 2005, 205). A autenticidade destas gravuras não é, como se disse, consensual, do mesmo mal padecendo as grutas do Arco e as de Levante, contendo ambas apenas figurações geométricas.

Contudo, ao longo das duas décadas que agora tratamos outros achados vieram a ocorrer que, não correspondendo a sítios de ar livre, nos interessam porque se deram na nossa área de estudo. Assim, cabe mencionar alguns importantes achados de arte móvel: a placa de La Dehesa em Salamanca (Fabián, 1986, 111-112, 120), a de Villalba, em Sória (Jimeno & Fernández, 1988; Jimeno *et al.*, 1990; Jimeno, Fernández & Gómez, 1995; Balbín *et al.*, 2016), a da Gruta do Caldeirão no Alto Ribatejo (Zilhão, 1988; 1989) e a da Buraca Grande no maciço do Sicó (Aubry & Moura, 1993). Por outro lado, estações já conhecidas são revisitadas, destacando-se a este nível os importantes contributos de Sauvet & Sauvet (1983), Sauvet (1983; 1985) e Apellaniz (1984-1985) relativamente à estação de La Griega, mas também o texto de García Soto (1983) sobre Penches e o de Ortega e Martín (1986) sobre Ojo Guareña.

Relativamente às teorias interpretativas, será de relevar o aprofundamento das abordagens estruturalistas, destacando-se a este nível os já referidos trabalhos de D. Vialou sobre o vale do Ariège (1986), os de Sauvet e colaboradores (v.g. Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1977; Sauvet & Sauvet, 1979; Sauvet, 1988; Sauvet & Wlodarczyk, 1995) ou, na Península Ibérica, os de Sanchidrián (1992; 1994). Contudo, outras portas foram abertas, relevando-se as abordagens no âmbito da arqueologia social que, embora franqueadas por Laming-Emperaire no artigo de 1972 referido atrás, foram escancaradas por M. Conkey em 1980, tendo tido um razoável acolhimento na península ibérica (v. g. Moure, 1994; Cantalejo & Espejo, 1997; Ramos, Cantalejo & Espejo, 1999; Utrilla & Martínez, 2008; Balbín, 2008; 2014a). Também a Fenomenologia faz a sua discreta entrada no campo de estudo da arte paleolítica, pela mão de D. Vialou na obra citada atrás (1986, 336).

Contudo, o acontecimento liminar da última década do século XX foi a revelação da arte rupestre de cronologia paleolítica do vale do Côa, cujo impacto científico pode ser avaliado mediante a análise bibliográfica da literatura científica referente ao tema produzida ao longo dos últimos 20 anos, análise essa a que dedicaremos as nossas próximas linhas. Podemos dizer que, se infelizmente tal acabou por não se verificar no estado da Arqueologia portuguesa como os primeiros anos pareciam indiciar, nos estudos sobre a arte paleolítica existe, de facto, um "a. C. / d. C. — antes e depois do Côa" (Raposo, 1995a, 23).

1.6. De 1995 à atualidade, ou da emersão definitiva da arte paleolítica

A bibliografia sobre o Côa é de tal forma vasta que sentimos necessidade de dividir este apartado em dois subpontos: um expressamente dedicado à que se produziu sobre a região e outro em que se abordará a que se foi produzindo em torno dos restantes sítios de arte rupestre ao ar livre, dos outros sítios com arte paleolítica localizados na nossa área de estudo e em torno da interpretação do fenómeno gráfico finipleistocénico.

1.6.1. O vale do Côa e o seu entorno

Em 1995 sai, em França, nova edição da *Préhistoire de l'art Occidental*, revista e aumentada pelos Delluc. Das estações "estritamente ao ar livre" apenas se refere Fornols-Haut (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 571). No entanto, as revelações que se darão em 1994 e 1995 vão ser de tal forma revolucionárias que em todas as sínteses sobre a arte paleolítica que se publicarão posteriormente as restantes estações ao ar livre terão forçosamente que ser mencionadas (Bahn, 2001, 157-158). As revelações a que nos referimos correspondem, evidentemente aos achados de arte rupestre no Vale do Côa, dados a conhecer pelo arqueólogo N. Rebanda no jornal *Público* do dia 21/11/1994 em artigo assinado por M. Carvalho. Por intermédio deste artigo fomos informados da existência de uma série de rochas com gravuras paleolíticas no sítio da Canada do Inferno, sítio esse que seria submerso pela albufeira da barragem de Foz Côa que, entretanto, já se construía a bom ritmo. Nesse artigo apenas se questiona a relutância da EDP (a dona da referida obra) em possibilitar as condições necessárias para o estudo daquelas gravuras. Na verdade, nada neste artigo fazia adivinhar os debates acesos e as batalhas que se iriam travar até à interrupção da construção da barragem e abandono definitivo do projeto em finais de 1995. Estes debates atravessaram toda a sociedade portuguesa, ultrapassando largamente os limites da Arqueologia, tendo sido um dos assuntos privilegiados dos *media* nacionais do ano de 1995. Mesmo a generalidade dos partidos políticos não tinha uma posição oficial relativamente ao assunto. Assim, se o governo de então — nas

mãos do PSD de Cavaco Silva — era frontalmente pró-barragem, tal não impedia que personalidades influentes dentro daquele partido se mostrassem abertamente a favor das gravuras, tal como o antigo Secretário de Estado da Energia Nuno Ribeiro da Silva (Silva, 1995a; 1995b) ou Durão Barroso (Abreu, 1995, 513); a generalidade do PS era favorável à defesa das gravuras, mas um militante tão importante no aparelho, como José Sócrates, mostrava-se favorável à barragem (Sócrates, 1994; Sepúlveda, 1994); na verdade, dos partidos políticos com assento parlamentar apenas o PCP e Os Verdes assumiram antes das eleições de 1995 uma posição frontalmente a favor das gravuras (Raposo, 1995b, 429; Serrão, 1995a; 1995b; Os Verdes, 2012, 22-24). A título individual, os deputados José Queiró (CDS-PP) e Mário Tomé (UDP) demonstraram também a sua posição "pró-gravuras" (Abreu, 1995, 513). Mas o "caso Côa" não se ficou pelo interior das nossas fronteiras, tendo sido noticiado a nível mundial, por vezes com chamadas de primeira página (*Herald Tribune*), ou sido objeto de editoriais (*Times*) (Abreu, 1995).

Não aprofundaremos, contudo, os aspectos relativos a este debate público e à batalha pela preservação do Côa que terminou com a interrupção da barragem e a salvação do vale (decisão tomada pelo governo PS/ Guterres, entretanto saído das eleições de outubro de 1995). De facto, este assunto não só se foi dando a conhecer ao longo do processo (v. g. Lemos, 1994; Abreu, 1995; Bahn, 1995a; 1995b; Jorge, 1995a; 1995b), como foi já objeto de textos que se debruçaram exclusivamente sobre ele (Baptista, 2000; 2002). Contudo, um dos aspetos centrais deste debate era um problema de índole científica, a saber — a cronologia dos grafismos em causa (Cabral, 1995; Raposo, 1995c; Zilhão, 1995a), pelo que sobre ele nos debruçaremos. No entanto, será de começarmos por lembrar o que se sabia da arte do Côa à época...

Os primeiros textos científicos sobre o conjunto rupestre disperso pelo Vale do Côa são da autoria do seu descobridor — Nelson Rebanda (1995a; 1995b). Nestes textos é referida já uma série de sítios e rochas com arte atribuída ao Paleolítico superior: Vale de Moinhos (2 rochas), Canada do Inferno (5 rochas emersas mais 10 submersas), Vale de Videiro (1 rocha), Vale de Figueira (1 rocha), Ribeira de Piscos (3 rochas), Faia (1 rocha), Penascosa (5 rochas[33]), Quinta da Barca (3 rochas), Canada do Amendoal (1 rocha), Vale de José Esteves (1 rocha), Vale de Cabrões (1 rocha) e Broeira (1 rocha). Atribui ao Epipaleolítico duas rochas da Canada do Inferno e o veado da rocha 1 de Vale de Cabrões. As figurações paleolíticas teriam sido executadas ao longo de um período compreendido entre o Perigordense e o Magdalenense, atribuindo-se a este tecnocomplexo as figuras preenchidas "por finos traços". O autor releva a predominância do cavalo e do auroque, a que se seguiria a cabra-montês, sendo o restante bestiário composto por um veado, uma rena e uma cerva. Releva também o facto da pintura utilizada nos auroques da Faia poder ser paleolítica uma vez que, para além de preencher os sulcos gravados dos auroques, completa detalhes não gravados. Relativamente à interpretação do sítio destaca já o facto da maior parte das rochas se encontrar orientada para oriente, assim como o facto de se localizarem preferentemente na margem esquerda. Admite as possibilidades de nos encontrarmos perante vários santuários ou apenas um, em que o Côa e os seus afluentes funcionariam como a galeria axial e os divertículos axiais de uma gruta. Este santuário poderia prender-se com a veneração das águas correntes, tal como sugerido por outros autores para outros sítios paleolíticos (designadamente P. Bahn, que o autor cita).

Assim se caraterizavam sucintamente os sítios que foram objeto das discussões acesas do ano de 1995. Se o estilo das gravuras apontava para o Paleolítico, se já se conheciam outras estações de ar livre com arte paleolítica, o que levou a que alguns levantassem tantas dúvidas quanto à autenticidade destes grafismos?

Estas objeções encontram-se sintetizadas em dois artigos de Bednarik (1995a; 1995b), prendendo-se essencialmente com resultados advindos da utilização de métodos de datação absoluta de fiabilidade discutível, e com argumentos contextuais e estilísticos. Estas objeções foram à época rebatidos de forma insofismável por J. Zilhão (1995b; 1995c) e, no que aos métodos de datação diz respeito, por A. M. Soares (1995a; 1995b).

Assim, segundo Bednarik, os quatro métodos utilizados para tentar datar de forma absoluta a arte do Côa coincidiam na verificação de uma data recente para estes grafismos. Estes métodos consistiram: na datação por ^{36}Cl (utilizado por Fred Phillips) que pretendia inferir a data máxima das gravuras calculando a data de exposição dos painéis

33 O autor não refere nos seus textos o número de rochas da Penascosa. No entanto, a dado momento indica o número de 25 rochas de tipologia paleolítica (v.g. Rebanda, 1995a, 9). Assim o número de rochas conhecidas na Penascosa até ao momento foi conseguido mediante a subtração da soma de rochas dos restantes sítios àquele valor.

à luz solar a partir da taxa de acumulação daquele isótopo nas superfícies historiadas; no cálculo por AMS do *terminus ante quem* de deposição da película superficial de alteração da rocha (utilizado por Ronald Dorn); no cálculo por AMS dos *terminii ante quem* das crostas minerais presentes na superfície da rocha e no interior do sulco gravado (utilizado por Alan Watchman), inferindo-se assim o intervalo temporal de execução da gravura; por análise da microerosão dos sulcos gravados (utilizado por R. Bednarik).

Relativamente aos dois primeiros métodos, como foi demonstrado por J. Zilhão, houve um claro abuso interpretativo dos resultados por parte de Bednarik (Zilhão, 1995c, 124-125). Assim, quando finalmente se publicaram os resultados das análise do ^{36}Cl (Phillips *et al.*, 1997), não só se confirmou que as superfícies gravadas já estavam expostas desde um período que poderia ir dos 36.000 aos 136.000 anos, como se demonstrou que "*rates of surface modification and erosion are slow enough to preserve Palaeolithic engraved panels*" (Phillips *et al.*, 1997, 102). Da mesma forma, "*^{36}Cl ages for associated joint faces and ^{36}Cl ages for Côa hillslope materials [...] argue for a landscape that is stable enough to support Palaeolithic art*" (*idem*, 104). Relativamente ao trabalho de Dorn, para além dos resultados daí advindos apenas deverem ser lidos como *terminii ante quem* (v. g. Zilhão, 1995c, 124-125; Soares, 1995a, 200), será de relevar outro facto. Na verdade, o trabalho deste investigador demonstrou bem que as películas protetoras da rocha não formavam um sistema fechado que permitisse corretas análises por radiocarbono. Demonstrou também a impossibilidade da utilização da análise da microerosão nos painéis do Côa (Dorn, 1997, 112-113). E sobretudo, cruzando as datas de ^{36}Cl, as datas AMS da película protetora dos painéis e a teoria do sistema aberto do radiocarbono, "*mixing time constants would be sufficiently slow for measured petroglyph ages to fall within the Upper Palaeolithic*" (Dorn, 1997, 113).

A inutilidade dos resultados a que chegou Watchman foi também suficientemente demonstrada por Zilhão e Soares nos textos atrás referidos. Mesmo se posteriormente Watchman vem a precisar que não recorreu ao laser para datar as amostras (1996, 25) e quais as razões que o levam a propor a data de introdução da agricultura no vale há cerca de 1700 anos (1996, 29), as restantes críticas de Zilhão e Soares não são rebatidas. Essas críticas prendiam-se essencialmente com uma série de pressuposição por parte de Watchman: as camadas de sílica depois de formadas não se alterariam (v.g. Zilhão, 1995c, 125-126); a matéria orgânica posterior àquela formação não penetraria por essa sílica (*idem*, 126-127); a sílica da superfície não gravada adjacente às gravuras seria necessariamente anterior à execução destas (*idem*, 127).

A Watchman foi ainda criticada a utilização do que Zilhão, seguindo Binford (1991 [1983], 26), denominou "argumento acomodativo *post-hoc*" (Zilhão, 1995c, 128-135). Isto é, não se conformando os resultados iniciais de Watchman às suas expectativas, viu-se este na necessidade de reformular o protocolo por si previamente apresentado, de forma a que os resultados a elas se adequassem, forma essa que por outro lado expõe ainda mais as debilidades quer do método, quer dos resultados.

Relativamente ao trabalho de Bednarik, J. Zilhão mais não faz do que socorrer-se (e bem) das próprias palavras de Bednarik (1992): que o xisto não é de todo a rocha indicada para se proceder a este tipo de análise e que é necessária uma curva de calibração local (tendo no Côa sido utilizada a do lago Onega, na Sibéria!) (Zilhão, 1995c, 1137-140).

Relativamente aos argumentos contextuais, Bednarik referia: a impossibilidade de conservação de superfícies gravadas durante o último glaciar, uma vez que os fenómenos coevos de crioclastia teriam forçosamente destruído as rochas historiadas que pudessem ter existido; a impossibilidade de preservação de gravuras existentes tão cerca do caudal do rio e por isso altamente susceptíveis de erosão fluvial; a ausência de fauna fria; o paradoxo de se representarem cavalos, auroques e veados numa zona que, por tão próxima do glaciar da Serra da Estrela, corresponderia a uma tundra, não permitindo a habitabilidade daqueles animais; a não validade do uso das representações da cabra-montês como marcador cronológico; a presunção de que figuras como o antropomorfo da rocha 1 de Piscos seriam executadas com utensílio metálico; a ausência de contexto arqueológico.

Como referimos atrás, Zilhão refutou estes argumentos de forma exemplar (v.g. 1995c, 140-147). No entanto, alguns dados novos exigem uma atualização ao nível de alguns destes pontos. Relativamente aos problemas da crioclastia, hoje sabemos que estes ocorreram durante pelo menos o HE1 e o Dryas recente (Aubry *et al.*, 2010a, 3314), danificando inclusivamente parte da rocha 1 do Fariseu, como se demonstra pelo achado de um fragmento da mesma na camada 8 do sítio; contudo, quer a película silico-metálica que protege estas rochas (Pope, 2000; Chauvière *et al.*, 2009), quer o facto de

poderem ter ocorrido diversos episódios de sedimentação (particularmente junto da planície aluvial) terá contribuído para a preservação destas mesmas rochas (Aubry *et al.*, 2010a, 3317). Assim, contrariamente ao que refere Bednarik a presença próxima do rio não deve ser vista como um entrave à conservação porque favorece a erosão, mas como fator importante de conservação na medida em que possibilita a sedimentação aluvial. A resposta de Zilhão relativamente à fauna fria mantém-se atual (se esta não está confirmada no registo osteológico, porque deveria aparecer na arte?), sendo, no entanto, de notar que no Côa existe um motivo que tem vindo a ser interpretado como bisonte (Luís, 2008, 65; Reis, 2011, 107-108), interpretação essa com a qual concordamos igualmente[34]; o ridículo das duas objeções seguintes (a da presumível existência de tundra na região e a impossibilidade de utilizar a cabra-montês como marcador cronológico) é condição suficiente para que sobre estes assuntos não nos debrucemos mais; relativamente à putativa execução do antropomorfo de Piscos com utensílio metálico, será de acrescentar ao que Zilhão já tinha referido, o facto do estudo de D'Errico sobre Fornols-Haut citado naquele texto como inédito (Zilhão, 1995c, 1995c, 146) ter sido entretanto publicado (D'Errico, Sacchi & Vanhaeren, 2002). Quanto à pretensa ausência de contexto arqueológico, não só Zilhão nos informa logo da descoberta da Cardina (1995c, 147) — que será aliás, logo nesse ano, alvo de uma publicação mais aprofundada (Zilhão *et al.*, 1995) — como, sobretudo, os trabalho desenvolvidos ao longo dos últimos 20 anos (v.g. Aubry, dir., 2009) tornaram a região num referencial de nível ibérico para o estudo do Paleolítico superior (Raposo, 2006). Quanto às objeções de Bednarik relativamente à análise estilística nem sequer nos deteremos sobre ela porque julgamos que o trabalho que o leitor tem em mãos será *per se* esclarecedor sobre a matéria[35].

Tendo em conta o que acabámos de referir, não espanta que a generalidade da comunidade científica internacional tenha aceite a datação pleistocénica desta arte mediante critérios estilísticos (v. g. Bahn, 1995a; 1995b; Beltrán, 1995; Clottes, 1995; Clottes, Lorblanchet & Beltrán, 1995; Sacchi, 1995). Alguns autores precisavam mesmo a cronologia destes grafismos. Assim, González Sainz, por exemplo, considerava a maior parte das gravuras que tinha visto integráveis nos estilos III e IV antigo de Leroi-Gourhan (1995, 471), Balbín inseria-as exclusivamente no estilo III (1995, 40), atribuindo-as Züchner (1995) também ao Solutrense

Outro problema científico que foi tido em conta no debate foi o da importância destes sítios enquanto raras sobrevivências de arte ao ar livre deste período. De facto, a existência de uma tão elevada concentração de rochas gravadas indiciava que muitos outros sítios deste tipo poderão ter sido destruídos por ação erosiva, designadamente nas zonas calcárias que, se correspondem às regiões onde se encontram mais grutas historiadas, também são aquelas mais atreitas a essa mesma erosão (Bahn, 1995a, 231; Moure, 1995, 375).

Em 1995 publicam-se também os primeiros decalques de arte paleolítica do Côa, designadamente os das rochas 1, 2, 3 e 14 da Canada do Inferno e um outro sectorial da rocha 2 de Piscos (Baptista & Gomes, 1995). Neste texto apresenta-se um primeiro esboço de caraterização da Canada do Inferno, destacando-se a referência a algo que vai deixar de ser mencionado em publicações posteriores: a da existência no interior do que virá a ser conhecido como "abrigo das cabras" de "unhadas do diabo" associadas a covinhas (Baptista & Gomes, 1995, 53). É exposta também uma primeira síntese do que se vai conhecendo da arte do Côa, onde se incluem observações que ainda hoje se mantém (v.g. a predominância da incisão sobre a picotagem), a par de outras que forçosamente serão alvo de revisão (v.g. a existência de dois períodos essenciais de gravação, sendo um solutrense e outro magdalenense com prolongamento para o Holoceno).

Neste ano de 1995 são já esboçadas algumas teorias explicativas relativas à impressionante quantidade de grafismos ao ar livre de cronologia paleolítica. V. Jorge, em texto assumidamente dirigido ao grande público e escrito num momento em que se batalhava ainda pela preservação do vale, considera o conjunto como "um imenso santuário [...] qual grande gruta ao ar livre" (1995c, 10); mais importante, contudo, é ter entendido que esta era uma oportunidade única de percebermos como é que os "nossos antepassados organizavam conceptualmente a paisagem" (1995d, 357) e que "o monumento é todo o rio, pois ele foi usado, pelos caçadores-recolectores paleolíticos, como uma arquitetura natural (1995e, 368). Estamos, contudo, ainda num contexto em que a interpretação da arte de ar livre reflete os discursos interpretativos da arte das

34 Refira-se que em 1995, vários autores consideraram a existência de outros exemplos de fauna fria no Côa, tal como a rena (Rebanda, 1995a, 10; Baptista & Gomes, 1995, 71), o leão das cavernas ou o megaceros (Vieira, 1995a, 754).

35 Contudo, convirá lembrar que é nestes textos em que João Zilhão rebate os argumentos de Bednarik que pela primeira vez se comparam os motivos do Côa, preenchidos interiormente por incisões, com os "estriados da Cantábria" (Zilhão, 1995b, 898; 1995c, 150).

grutas, sendo os sítios onde aparece caraterizados como "santuários". Este aspeto é não só evidente nos textos de V. Jorge que temos vindo a citar, como noutros que são publicados no mesmo ano (Vieira, 1995b).

Em contraste, D. Vialou releva as diferenças entre os conjuntos rupestres do Douro (Mazouco, Siega Verde e Côa) e os conjuntos gráficos de grutas e abrigos, opondo-se o "espartilhamento multidirecional do espaço simbólico" ao ar livre à distribuição desse mesmo espaço no interior de um volume, no caso das grutas, ou ao longo de um eixo linear, no caso dos abrigos. Este autor não deixa, no entanto, de sublinhar também que nestes conjuntos durienses a estruturação espacial é mais evidente que na maior parte das grandes concentrações rupestres de outros períodos conhecidas no mundo (Vialou, 1995, 765-766).

A maior parte dos textos de 1995 que temos vindo a citar foram publicados no volume VIII das Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, em forma de anexo, o qual se denominou "Dossier Côa" e a partir do qual se produziu um livro com esse nome (Jorge, coord., 1995), que foi lançado na Casa de Serralves em janeiro de 1996. O impacto desta edição foi instrumental no convencimento dos decisores políticos quanto à importância do Côa, e mesmo de alguns arqueólogos que ainda mostravam reservas quanto à necessidade de salvaguardar este importante património.

Em texto datado de 1995-1996, mas escrito seguramente antes da descoberta da Cardina (cujo achado aparece relatado em nota fora de texto apodada de "Dernière minute"), João Zilhão apresenta uma primeira síntese do que se vai conhecendo, dando particular destaque aos sítios da Canada do Inferno, Vale de Figueira, Ribeira de Piscos e Penascosa. São já feitas algumas observações que farão "escola", como a possibilidade de animais incompletos — como os da rocha 1 de Vale de Figueira ou os grandes auroques da rocha 13 de Piscos — poderem ter sido pintados, o papel de marcador territorial que poderia ter sido desempenhado por esta rocha ou a importância da sequência do Parpalló para a datação da arte do Côa. Relativamente à cronologia, parece valorizar-se o período entre o Solutrense e o Magdalenense antigo.

Em 1996 destaque-se a publicação de texto de Ripoll & Zilhão, onde a par da publicação de novos levantamentos (rochas 3 de Piscos, 1 de Rego da Vide e 11 da Canada do Inferno) se dão a conhecer novos sítios com vestígios de ocupação do Paleolítico superior (Quinta da Barca Sul, Quinta da Barca e Quinta da Granja), se referenciam já 15 estações com arte paleolítica e pelo menos 150 rochas. Pela primeira vez se releva o papel dos volumes na execução das figuras (Piscos 1 e Penascosa 5b) ou a longa diacronia de gravação que, arrancando no Gravettense ou no Solutrense, se prolongaria "*a lo largo de las diferentes etapas del Paleolítico superior*", tendo por isso "*la diferencia de coloración en la patina de algunas de las superposiciones [...] un significado cronológico de capital importancia que se ve reafirmada por el análisis estratigráfico de las representaciones*" (Ripoll & Zilhão, 1996, 288).

Destaque-se também a primeira edição de uma obra sobre o Côa destinada ao grande público (Carvalho, Zilhão & Aubry, 1996). Pese embora a audiência para a qual se dirigia, este texto apresenta algumas observações altamente pertinentes. Assim, se o peso dado ao Parpalló e ao significado cronológico das sobreposições é ainda excessivo, será de relevar que é neste texto que pela primeira vez se relaciona a presença da arte com lugares especiais e se adverte para a necessidade de estudar "a forma como os motivos se distribuem pelos diferentes núcleos de rochas gravadas, em função da sua localização topográfica (*idem*, 55).

Também de relevar é o texto de Balbín, Alcolea & Santonja (1996). Neste trabalho, os autores, desvalorizam de forma assumida o papel das sobreposições como indicador cronológico, encarando-as antes como conscientes e coetâneas (*idem*, 9), datando o conjunto rupestre de um período de há cerca de 18.000 a.C. (*idem*, 35). Os autores coincidem, portanto, com a opinião de Beltrán para quem era indubitável a atribuição ao solutrense dos grafismos do Côa (1996, 49). Já em texto de M. V. Gomes e A. M. Baptista é defendida uma longa diacronia para a arte paleolítica do Côa, que arrancaria no Solutrense e se prolongaria sem rupturas até ao final do Magdalenense, e mesmo para além dele (Gomes & Baptista, 1996, 65-68).

Se a maior parte dos autores considerava já por esta altura a inexistência de fauna fria na arte do Côa, tal ideia não era, contudo, unânime, reconhecendo Arcà (1996) na rocha 1 da Vermelhosa um megaceros, e até um eventual mamute!

Em 1997 sai a primeira grande síntese sobre a Arqueologia pré-histórica do vale do Côa, em obra coordenada por J. Zilhão. Aí encontramos os resultados da sondagem geológica efetuada a jusante das últimas rochas historiadas da

Penascosa que demonstram a origem holocénica do preenchimento do vale nesta zona (Meireles, 1997), os resultados das prospecções geofísicas realizadas naquele sítio e na Cardina (Almeida, 1997), os resultados das prospecções e escavações arqueológicas até então realizadas — destacando-se os dos trabalhos nos sítios magdalenenses da Quinta da Granja e Quinta da Barca, do Magdalenense final da Quinta da Barca Sul e do Gravettense e Magdalenense final da Cardina (Aubry, Carvalho & Zilhão, 1997, 120-182) —, e uma quantidade significativa de novos dados advindos dos estudos de arte rupestre (Baptista & Gomes, 1997). Relativamente a estes, destaque-se o facto de se discriminarem os 15 núcleos entretanto identificados com arte paleolítica (aos 12 já referidos por Rebanda, acrescentava-se agora Vale da Casa, Vermelhosa e Rego da Vide)[36], a publicação de novos decalques de rochas historiadas durante o Paleolítico (4, 10, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 22, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36 da Canada do Inferno; 6, 7 e 9 de Rego da Vide; 1, 2, 5, 6 e 7 de Rego da Vide; 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e os fragmentos numerados como 15 da Penascosa) e respetivas descrições, as primeiras descriminações temáticas por sítio e os primeiros levantamentos topográficos de pormenor com a localização das rochas. O balanço destes trabalhos é da autoria de J. Zilhão (1997a). Além de reafirmar determinadas observações hoje discutíveis (v. g. a longa diacronia das sobreposições ou o enfoque no Parpalló), o autor valoriza aspetos que devem ser relevados: as diferenças ao nível da localização, da técnica e da dimensão entre as gravuras das fases mais antigas (localizam-se nas grandes praias, a cotas mais baixas, sendo picotadas e/ou abradidas e de grande dimensão) e as das mais recentes (que se encontram dispersas pela paisagem, sendo de pequena dimensão e geralmente incisas), a importância de determinados locais como o vau que faz a ligação entre a Penascosa e a Quinta da Barca ou o filão de quartzo que atravessa ambos os sítios. Apresenta também uma explicação para a grande concentração de rochas neste vale, a saber — o facto de parte da sua bacia hidrográfica ser drenada pelos glaciares da serra da Estrela, o que possibilitava a existência de um grande caudal do rio Côa durante o degelo, facto que, por nos encontrarmos durante um período em que grande parte da água disponível se encontrava sob a forma sólida, condicionaria de maneira evidente o comportamento das manadas e, consequentemente, dos grupos humanos que daquela dependiam. É também neste texto que se dão a conhecer os materiais solutrense da Olga Grande, estação que será também referida, a par da Ínsula, em outro texto deste ano (Zilhão *et al.*, 1997, 17).

Ainda no ano de 1997 sai outro importante texto, o de Fernando Rebelo e de Rochete Cordeiro, texto esse onde se dá uma explicação alternativa para o "caráter aberrante" das datações diretas, a saber — estas refletiriam os diversos momentos em que a rocha teria sido exposta, uma vez que para estes autores o facto de muitos dos painéis do Côa não mostrarem evidências de exposição ao gelo, era evidência de terem estado durante muito tempo cobertos por depósitos periglaciais de vertente, tendo um destes sido identificado junto da rocha 3 da Canada do Inferno.

Do ano de 1998 deve destacar-se a publicação dos resultados das primeiras campanhas de escavação da Olga Grande 4, tendo-se aí identificado um nível gravettense com uma estrutura de combustão, e materiais atribuíveis ao Solutrense e ao Magdalenense (Aubry, 1998a). Mas outros sítios com ocupação paleolítica são dados a conhecer ainda durante este ano, designadamente Olga Grande 2 e Olga Grande 6 (Aubry, 1998a; Aubry & Carvalho, 1998). Por esta altura, a observação que grande parte da matéria-prima da indústria lítica era de origem local tinha levado T. Aubry a propor a existência de uma comunidade permanente na região (1998b, 189).

Relativamente à sequência artística, ainda se defende uma longa diacronia da mesma, que se poderia precisar mediante o estudo das sobreposições (Baptista, 1998, 201; Gomes & Baptista, 1998, 68). Vai-se formando a ideia de que a arte do Côa, pela sua "perfeição", só poderia ter sido feita por "talentosos iniciados" (Baptista, 1998, 200). O peso dado ao Parpalló e os paralelismos com os "estriados cantábricos" são ainda muito patentes (Gomes & Baptista, 1998, 72).

É também em 1998 que sai o primeiro texto referente à organização e funcionamento do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Zilhão, 1998) e um primeiro balanço em francês (Zilhão *et al.*, 1998-1999). Destaque-se também a publicação do primeiro texto sobre o Côa que se assume como claramente interpretativo (Jorge, 1998), onde a par da chamada de atenção para a necessidade de ter em conta a lateralização dos animais, se defende (de forma indireta) a ideia

36 Embora cada um destes já tivesse sido referido anteriormente: o Vale da Casa na nota de rodapé em que Baptista assume o seu erro em relação a Mazouco (Baptista & Gomes, 1995, 67, nota 11), a Vermelhosa em textos de Zilhão (1995b, 898; 1995c, 150), de Arcà (1996), de Campos (1996) e de Carvalho, Zilhão e Aubry (1996, 25, 27), e o Rego da Vide nos textos de Carvalho, Zilhão e Aubry (1996, 24) e de Ripoll e Zilhão (1996, 285, fig. 6).

das sobreposições[37] terem um "sentido sintáctico", devendo ser lidas como "um recurso "narrativo"" (Jorge, 1998, 202).

No ano seguinte publica-se a primeira síntese sobre a arte do Côa da autoria de A. M. Baptista, síntese essa que aparece sobre a forma de artigo (1999a) e de livro (1999b). Nestes trabalhos são dados a conhecer novos levantamentos de rochas, como o parcial da rocha 17 da Penascosa (v. g. Baptista, 1999a, 112), o da rocha 3 da Quinta da Barca (*idem*, 117), os parciais das rochas 1, 4, 5 e 6 de Vale de Cabrões (*ide*m, 130-139), ou o da rocha 6 da Faia (*idem*, 156-157). São igualmente publicadas fotografias de rochas até aí inéditas, como a rocha 2 da Quinta da Barca (*idem*, 114), a rocha 2 da Vermelhosa (*idem*, 140-145) ou as rochas 1 e 2 de Vale de Moinhos (*idem*, 148-151). Os sítios com arte paleolítica são já 23 (acrescem, aos referidos em publicações anteriores, Alto da Bulha, Foz do Côa, Canada da Moreira, Quinta das Tulhas, Meijapão, Moinhos de Cima, Fariseu e Ribeira de Urros) (Baptista, 1999a, 21). As ideias defendidas são as mesmas que até aqui têm sido dominantes, destacando-se a defesa da longa diacronia da arte paleolítica da região. Existem, no entanto, outras duas que serão de destacar. Uma é o aparecimento de um conceito (?) recorrente na obra de Martinho Baptista para caraterizar os painéis onde se observam grandes sobreposições — o de "acumulação estruturada em dispositivo ilusório". Da leitura dos textos de 1999 ficamos a saber que a *acumulação* se deve ao facto de as densas sobreposições denotarem mais acumulação que composição (v.g. Baptista, 1999b, 202). Esta acumulação é *estruturada* porque, ainda assim, algo das ideias de Leroi-Gourhan se deveria manter, se bem que "sem a rigidez programática" defendida por aquele autor (v.g. Baptista, 1999b, 202). Estas acumulações estruturadas seriam em *dispositivo ilusório* porque o que poderá à primeira vista ser lido como uma associação, na medida em que corresponde a dois ou mais momentos diferentes, não o é (v.g. Baptista, 1999b, 207). Pensamos que hoje em dia nada disto é defensável, como é, aliás, evidente a partir do estudo da rocha 1 do Fariseu, que demonstra que a ideia de acumulação deve ser colocada de lado (Aubry, Santos & Luís, 2014). A outra ideia que aparece no texto, e que por vezes reemerge em outros do mesmo autor, sustenta-se numa apreciação estética sendo, por conseguinte, de natureza altamente subjetiva, a saber — as diferenças estéticas entre Siega Verde e o Côa prendiam-se com um "outro estatuto [do] artista autorizado a gravar" no Côa e se bem que "uma aproximação ligeira levar-nos-á à conclusão que este seria mais considerado no Côa que em Siega Verde", "o evidente ar de família entre os dois complexos [...] nos levará antes à conclusão de estarmos perante dois localismos regionalistas em dois territórios claramente demarcados e provavelmente obedecendo a rituais comportamentais diferentes" (v.g. Baptista, 1999b, 210). Também esta ideia nos parece atualmente indefensável. Como veremos mais à frente, as diferenças entre Siega Verde e a generalidade das figurações do Vale do Côa terão que ver com uma diferença cronológica, devendo a maior parte das que no Côa são coevas de Siega Verde encontrar-se sob uma densa camada de sedimentos.

Ainda em 1999 sai um outro trabalho que, quanto a nós, é extremamente importante: trata-se de texto de E. Guy, onde pela primeira vez se adverte para as diferenças formais entre a arte do Parpalló e a picotada do Côa, e se relevam as semelhanças entre esta e a de outros sítios peninsulares e franceses (La Pileta, Escoural, La Croze à Gontran, Pair-non-Pair), atribuída a períodos mais antigos e bem precisos do Paleolítico (Guy, 1999).

Em 1999, quando são já conhecidos 20 sítios de ocupação datados do Paleolítico superior (Zilhão, Aubry & Carvalho, 1999, 54), escava-se o sítio do Fariseu, o que acabará de vez com a polémica da datação paleolítica das gravuras, uma vez que aí foram exumadas camadas datadas de vários momentos do Paleolítico superior que cobriam uma superfície decorada[38]. O fim da polémica foi o motivo principal das inúmeras publicações que começaram a sair neste final de século, mas o facto de se ter comprovado que a grande densidade de gravuras (contavam-se 82 figuras) maioritariamente sobrepostas tinha sido afinal gravada num curto espaço de tempo não era motivo de menor atenção (Aubry & Baptista, 2000; Aubry & García, 2000), até pelo peso que tinha na proposta cronológica de Guy de que já falámos e que volta a ser apresentada neste ano, desconhecendo o autor, todavia, as revelações do ano anterior (Guy, 2000, 24-26). No texto de Aubry & García aparece ainda a primeira referência ao achado de picos na camada 3 da Olga Grande 4 (atribuída

37 É verdade que o que o autor diz ter um "sentido sintático" e constituir um "recurso narrativo" são as justaposições, e como é sabido, "sobreposição" e "justaposição" têm nos estudos de arte paleolítica um significado distinto. Contudo, no texto de V. Jorge, é perceptível que o autor recorre a "justaposições" como significando o mesmo que sobreposições: "Na rocha 6 da Penascosa é do lado superior direito que se concentram as figuras sobrepostas (mais uma prova de que estas justaposições têm um sentido sintáctico [...]" (Jorge, 1998, 202). De resto, a leitura completa do texto em causa confirma tal ideia sem qualquer esforço interpretativo.

38 Não obstante, será necessário referir que a polémica em torno da datação das gravuras do Côa em geral, ou dos resultados da escavação do Fariseu em particular, ainda se faz notar em alguns ambientes marginais da ciência (v.g. Abreu, 2003; Abreu & Bednarik, 2000; Bednarik, 2002; 2003; 2004; 2009; 2014; Watchman, 2003).

ao Gravettense) que poderiam ter sido utilizados para executar as gravuras picotadas do Côa (2000, 54). Também desconhecendo os resultados das escavações do Fariseu, publica M. V. Gomes texto em que defende ainda uma longa diacronia para as figuras picotadas (Gomes, 2000). Refira-se ainda a publicação de dois textos de síntese que acabam por se focar, sobretudo o segundo, sobre a criação e gestão do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Luís, 2000; Zilhão, 2000). Refira-se ainda a publicação das primeiras peças de arte móvel no Fariseu e a revelação de que esta teria também aparecido na Quinta da Barca Sul (Aubry & García, 2000, 56).

Em 2001 Baptista publica importante texto onde admite a curta duração da fase dos picotados do Côa, algo que a escavação do Fariseu demonstrava (Baptista, 2001c). Por outro lado, neste texto é não só dada a conhecer uma nova estação com gravuras paleolíticas (Vale de João Esquerdo), como a rocha 24 de Piscos, sendo publicado levantamento parcial do seu painel 7.

Relativamente à ocupação humana do Vale durante o Paleolítico superior ficamos a saber, graças a texto de T. Aubry, da existência de pouco mais de 20 sítios deste período (2001, 255, fig. 1). Neste texto, que se pretende de balanço, apresenta-se uma primeira proposta de faseamento da ocupação do Paleolítico superior do Côa (Gravettense, Gravettense final, Proto-solutrense, Solutrense, Magdalenense antigo, um Magdalenense situado entre os 12.000 e os 11.000 BP e o Magdalenense do fácies Bairrada), ao mesmo tempo que se esboçam as primeiras hipóteses sobre a exploração dos recursos, hipóteses essas sustentadas acima de tudo pelos primeiros resultados do estudo do aprovisionamento das matérias-primas que demonstram um uso maioritário da matéria-prima local, a par de variedades de silicificações que são provenientes de uma área da ordem dos 500 km de extensão. Refira-se que a proposta de faseamento da ocupação humana proposta por Aubry está sustentada também por datações absolutas por termoluminescência dos sítios da Cardina I, Olga Grande 4 e Quinta da Barca Sul, cujos resultados são publicados também neste ano (Mercier *et al.*, 2001; Valladas *et al.*, 2001). Registe-se também a divulgação de um trabalho sobre o conjunto das estações de ar livre conhecidas até ao momento, onde o Côa tem, evidentemente, um lugar de destaque (Sacchi, 2001). Igualmente digna de nota é a publicação da *Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa* (Ribeiro, 2001).

Em 2002 sai nova síntese sobre a ocupação humana do Vale do Côa, sendo dado especial ênfase às relações da arte da rocha 1 do Fariseu com as camadas aí exumadas, à placa 1 do Fariseu recolhida na camada 4 e seus paralelos com as gravuras "estriadas" do Côa, e ao aparecimento nas Olga dos picos, mas também de fragmentos de xisto do fácies da Desejosa (Aubry, 2002). Neste ano são já referidos 30 sítios com vestígios de ocupação do Paleolítico superior, sendo igualmente apresentado um modelo de exploração de recursos na região, relevando-se a complementaridade entre os sítios do planalto e os do vale (Aubry *et al.*, 2002).

Ao nível das manifestações gráficas, registe-se a publicação das duas primeiras placas exumadas no Fariseu (García & Aubry, 2002) e o primeiro estudo ao nível do ordenamento espacial das rochas com grafismos (Baptista & García, 2002). Refira-se que é neste trabalho que pela primeira vez se descreve brevemente cada um dos sítios conhecidos até ao momento; destaque-se também a enunciação, até então inédita, das diferenças ao nível da localização entre os grafismos picotados e abradidos por um lado (de distribuição mais restrita e centrada no Côa) e os incisos por outro (cuja distribuição é mais alargada). A par de outras observações que serão recorrentes até aos dias de hoje (como a predominância de sítios na margem esquerda ou das orientações sul e sudeste dos painéis), registe-se que pela primeira vez se apontam outras hipóteses para a concentração de gravuras na região que não apenas a da marcação territorial, destacando-se a que identificava o Côa como um espaço sagrado de um grupo ou ainda como local de agregação de vários grupos humanos (Baptista & García, 2002, 203). Refira-se também a publicação de novo texto de E. Guy — onde o autor aprofunda as ideias que vinha a defender mesmo antes da revelação do Fariseu (valorização das sobreposições como associações conscientes, integração do Côa no mundo mais vasto da arte gravettense, etc.) (Guy, 2002) — ou outro de J. Zilhão, de novo mais centrado na gestão do PAVC (2002). Finalmente será de destacar texto de Balbín & Alcolea sobre a arte paleolítica do interior peninsular, onde pela primeira vez grutas e sítios e ao ar livre são estudados em conjunto. Relativamente ao Côa, os autores admitem a existência de uma fase arcaica dentro do estilo III de Leroi-Gourhan (a dos picotados), a que se poderia juntar uma outra já próxima do estilo IV antigo de Leroi-Gourhan (Balbín & Alcolea, 2002, 150). Esta proposta será novamente apresentada pelos mesmos autores no ano seguinte (Alcolea & Balbín, 2003a, 233-

239). Refira-se também o trabalho de M. V. Gomes sobre o estudo da arte rupestre portuguesa ao longo dos anteriores 100 anos, onde evidentemente o Côa tem lugar de destaque (Gomes, 2002, 174-178) e são publicado decalques parciais das rochas 23 da Quinta da Barca (*idem*, 177) e 19 da Penascosa (*idem*, 179).

De 2003 deve destacar-se a publicação do painel 11 da rocha 24 de Piscos (Baptista, 2003) e a de um importante texto de Zilhão (2003a). Nele, o autor atribui a arte picotada do Côa a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio, embora privilegie especialmente o Gravettense. Baseia-se para tal nas análises estilísticas de Guy, na presença de picos nas camadas gravettenses da Olga 4, na putativa cronologia gravettense da camada 7 do Fariseu (presumível solo contemporâneo da gravação da rocha 1 deste sítio), na "concordância" entre as indústrias líticas da Aquitânia e da Península nos períodos compreendidos entre 25.000-24.000 BP e 23.000-21.000 BP, e na inferência, a partir da escavação da sepultura do Lagar Velho (Zilhão e Trinkaus, eds., 2002), de que em torno a 24.500 BP as populações do Ocidente ibérico, também ao nível dos comportamentos funerários, estavam perfeitamente integradas numa rede de influências culturais que se estendia até à Rússia. Estas confluências eram explicadas pelo rigor do clima, vigente nos dois intervalos temporais referidos acima, que favoreceria a interação social e os contactos a longa distância, facilitados ainda pela desflorestação da paisagem. Como já referimos, pensamos que este modelo que interpreta as similitudes formais da arte identificadas em áreas muito distanciadas como fruto de contactos a longa distância potenciados e permitidos pelos períodos de maior rigor climático se poderá estender a todo o Paleolítico. Mais à frente procuraremos demonstrar isso mesmo.

Refira-se, também, a publicação de uma nova rocha no sítio da Quinta da Moreirola, localizado já para montante da Faia, até aqui o mais meridional dos sítios conhecidos no Côa (García *et al.*, 2003, 181). Nela observa-se exemplar macho de cabra-montês, conseguido por incisão e atribuído, com base em paralelos estilísticos, ao Magdalenense médio/superior.

Neste ano sai ainda outro importante texto, desta feita referente à conservação das gravuras (Rodrigues, 2003). Nele chama-se a atenção para os fatores de degradação subaérea das rochas do Côa, enquanto que até aqui — e particularmente na altura da polémica — os diversos estudos e pareceres se centraram (e bem) nos perigos para as rochas e encostas do Côa, decorrentes da criação de uma albufeira (Aires-Barros, 1995; Carvalho, 1995; Cortes, 1995; Cortez *et al.*, 1995; Figueiredo, 1995; Pedrosa, 1995). Refira-se também a publicação de novos textos de síntese sobre o PAVC, com especial enfoque no seu funcionamento (Luís, 2003; Zilhão, 2003b). Sai também estudo sobre o modelo de visitação (Fernandes, 2003), estudo esse que é republicado no ano seguinte (Fernandes, 2004a)

Entretanto, prosseguem os estudos ao nível do aprovisionamento de matérias-primas (Aubry & Mangado, 2003a; 2003b; Aubry *et al.*, 2004), que evidenciam cada vez mais a existência de uma comunidade em permanência na região, a que se juntavam outras provenientes de outras zonas a norte da Cordilheira Central, quer da Estremadura, quer do interior da Meseta. Por outro lado, estes estudos, associados à análise da repartição espacial dos achados pelos solos de ocupação dos sítios e ao estudo funcional das estruturas aí detetadas, vêm precisar o modelo de exploração do território da bacia do Côa esboçado em 2002 (Aubry *et al.*, 2003).

O ano de 2004, para além do artigo acima referido de Aubry e colaboradores, vê aparecer o primeiro trabalho sobre a conservação da arte rupestre do PAVC (Fernandes, 2004b), trabalho esse que é republicado posteriormente, de forma parcial (Fernandes, 2006) ou total (Fernandes, 2007).

O biénio de 2004-2005 marca os 10 anos da "batalha pelo Côa", não sendo de estranhar portanto que a Associação dos Arqueólogos Portugueses lhe dedique um dossier na sua revista *Arqueologia e História*. Neste dossier destacamos texto de D. Sacchi que ilustra bem a relevância do Côa no contexto da arte paleolítica europeia e a importância do trabalho realizado na região (Sacchi, 2004-2005), o trabalho de J. Zilhão, mais uma vez com a gestão do PAVC como motivo de reflexão (Zilhão, 2004-2005) ou o artigo de M. V. Gomes, onde, pela primeira vez, se aborda de forma mais sistemática a "representação da animação" no Côa (Gomes, 2004-2005).

Em 2005 sai um balanço da investigação na região do Côa ao longo dos 10 anos anteriores, onde se referem já 30 sítios provavelmente datados do Paleolítico superior a par de15 seguramente datados daquela época (Luís, 2005, 36).

Em 2006 sai novo artigo sobre o aprovisionamento das matérias-primas identificadas no Côa (Aubry & Mangado,

2006). No entanto, as grande novidades do ano prendem-se com o sítio do Fariseu, sendo publicadas as primeiras datações absolutas (TL, OSL e ^{14}C) do sítio (Aubry, Luís & Sampaio, 2006; Mercier *et al.*, 2006), três peças de arte móvel exumadas nas escavações de 2005 (Aubry, 2006) e os resultados preliminares dos estudos arqueozoológicos do sítio (Gabriel, 2006).

Neste ano é também publicado o primeiro estudo em que se pretende perceber a relação entre os diversos núcleos de gravuras da fase mais antiga da Penascosa e da Quinta da Barca, tendo em conta as caraterísticas geomorfológicas de cada um destes sítios, a temática presente nas rochas que os compõem e a relação espacial entre elas, relação essa que poderia ser inferida igualmente pela lateralização dos animais (Baptista, Santos & Correia, 2006). Neste trabalho é valorizada a hipótese da organização "espácio-gráfica" inferida corresponder ao reflexo da estrutura social das comunidades, contribuindo assim para a legitimação e reforço daquela mediante percursos rituais praticados no contexto de ações cujas caraterísticas mais específicas seriam difíceis de identificar. Destaque-se também a publicação neste trabalho de uma série de decalques até então inéditos (rochas 1 da Penascosa, 2, 4, 5, 8, 17 e 29 da Quinta da Barca). Neste ano o Côa é ainda referido em dois trabalhos de síntese: um dedicado à arte paleolítica portuguesa (Gomes, 2006) e outro à arte paleolítica da Meseta norte espanhola, tendo em conta as suas relações com Portugal (Corchón, 2006a). Refira-se finalmente a publicação de uma método de mapeamento das dinâmicas erosivas nas rochas gravadas (Fernandes, Rico & Huang, 2006), método esse que até hoje só se aplicou na rocha que serviu de *case study* da publicação.

Em 2007 o Côa aparece de novo referido em trabalhos de síntese, correspondendo um destes a um balanço dos estudos de arte rupestre em Portugal ao longo dos 25 anos anteriores (Gomes, 2007b, 24-25), e o segundo a uma visão de conjunto sobre a arte paleolítica da Península (Bicho *et al.*, 2007, 123-131). Parte da arte do Côa tem ainda lugar de destaque em trabalho saído nesse ano sobre o "estilo V" na bacia do Douro (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007). Novo texto de síntese centrado sobre a "batalha pelo Côa" e as características gerais da arte paleolítica do vale sai do prelo também por esta altura (Baptista & Fernandes, 2007).

Em 2007 o sítio do Fariseu é reescavado, daí resultando importantes novidades, entre as quais se destaca a recolha de mais exemplares de arte móvel ou a exumação na camada 8 do sítio (cujo topo estava datado de c. de 18.500 BP) de um fragmento gravado da rocha 1 (Aubry & Sampaio, 2008a). Ainda ao nível do contexto arqueológico da região, saem em 2008 textos de balanço (Aubry & Sampaio, 2008b; 2008c), sendo num deles publicadas novas placas do Fariseu (Aubry & Sampaio, 2008b, 222). Ainda sobre o Fariseu, destaque-se a publicação dos resultados obtidos até à escavação de 2005 (Aubry & Sampaio, 2008d) e o estudo aprofundado dos vestígios osteológicos ali identificados (Gabriel, 2008).

Relativamente ao estudo específico da arte rupestre, devemos destacar vários artigos saídos neste ano. Relativamente à prospecção saem dois textos. Um destes é de balanço (Baptista & Reis, 2008a), nele se referindo 330 rochas com arte paleolítica, distribuídas por 30 sítios: para além dos anteriormente publicados são dados a conhecer Vale do Forno, Canada do Arrobão, Ribeira das Cortes, Bulha, Ribeira da Cabreira e Tudão, sendo por outro lado eliminado o sítio do Alto da Bulha, agora integrado no Vale de José Esteves. A exponencial subida do número de rochas deve-se sobretudo à prospecção no sítio da Foz do Côa, durante a qual Mário Reis tinha identificado 85 rochas gravadas durante o Paleolítico. Estes valores, a que se devem acrescentar os números de rochas gravadas durante outros períodos, justificaram assim a publicação de um artigo específico sobre a prospecção naquele sítio (Baptista & Reis, 2008b).

Entretanto, os nossos próprios trabalhos em torno da organização temático-espacial da arte do Côa continuaram também, tendo sido publicados, nesse ano, dois textos. Um destes debruçava-se especificamente sobre as estações em torno do monte do Fariseu (Ribeira de Piscos, Fariseu e Vale de Figueira), nele se tendo publicado os decalques das rochas 13, 15 e 16 da Ribeira de Piscos e 1, 2, 3, 5 e 6 do Fariseu (Baptista, Santos e Correia, 2008a). No segundo trabalho, a nossa abordagem à arte estendia-se aos sítios de Vale de Videiro, Canada do Inferno e Rego da Vide; esta perspectiva de conjunto permitiu-nos valorizar a hipótese do Côa corresponder a uma zona de agregação de diversas comunidades, neste contexto se explicando os percursos rituais inferidos nos trabalhos anteriores (Baptista, Santos & Correia, 2008b). Neste texto são igualmente publicados os decalques das rochas 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 28 da Quinta da Barca e das 6, 16, 18 e 40 da Canada do Inferno.

Ainda no campo da documentação, Baptista dá a conhecer os decalques dos painéis 2, 3, 4, 5 e 7 da rocha 24 de

Piscos, da rocha 16 do Vale de José Esteves (Baptista, 2008a) e novo decalque da placa 1 do Fariseu (Baptista, 2008b, 134), tendo sido por nós publicados os das rochas 1 da Quinta da Barca e 41 da Canada do Inferno (Santos, 2008b).

Ainda em 2008 sai novo trabalho em que se analisa o conjunto das estações de ar livre conhecidas até ao momento na Península Ibérica e onde obviamente o Côa, e em particular o sítio do Fariseu, ocupam um importante lugar (Balbín, 2008). Também Corchón publica trabalho neste ano, com algumas páginas sobe o Côa (Corchón, 2008, 206-222), onde defende a existência, na região portuguesa, de uma fase do Solutrense final, outra do Magdalenense inferior, médio e superior (estas fases com paralelos na sequência que inferiu na gruta de La Griega) e uma última datada de finais do Paleolítico e do Epipaleolítico antigo (a que corresponderiam os "estriados").

Registe-se também a publicação de uma série de trabalhos sobre o programa de conservação do Côa (Fernandes, 2008a; 2008b; 2008c; Fernandes & Rodrigues, 2008; Fernandes & Jardim, coord., 2008) ou de novo balanço da atividade científica da região, desta feita dirigido ao grande público (Luís, 2008). Neste mesmo ano é também publicado trabalho sobre "planos especiais de ordenamento", trabalho esse que tem o PAVC como *case study* (Pau-Preto, 2008).

Ainda no ano de 2008 é publicado trabalho que demonstra bem como a abordagem experimental é algo de altamente relevante para o estudo do Paleolítico superior da região (Sampaio & Aubry, 2008), e cujo aprofundamento dará origem a um importante trabalho académico sobre a Olga Grande 4 (Sampaio, 2009).

O ano de 2009 é sobretudo marcado pela publicação de dois livros. Um destes, editado por T. Aubry, pretende fazer um balanço aprofundado da investigação arqueológica em torno do Paleolítico superior realizada no Côa desde que aí se começou a trabalhar. Nele podemos encontrar textos que nos informam: dos resultados das prospecções (Aubry & Sampaio, 2009a), das escavações na Ínsula II, Quinta da Barca Sul, Cardina 1, Olga Grande 4 e 14, Fariseu (Aubry & Sampaio, 2009b) e Rocha 24 de Piscos (Luís, 2009a); sobre a arte móvel até então encontrada no Côa — Cardina, Quinta da Barca Sul e Fariseu (Aubry, 2009a; García, 2009); sobre as relações entre a arte e os sítios escavados (Aubry, 2009b; García, Aubry & Sampaio, 2009; Plisson, 2009); sobre os estudos das indústrias líticas (Aubry, 2009c; 2009d; Aubry, Chauvière & Sampaio, 2009; Aubry, Mangado & Sampaio, 2009; Aubry, Sampaio & Chauvière, 2009; Calvo, 2009; Gameiro, 2009); sobre os estudos de geomorfologia e sedimentologia (Aubry, 2009e; 2009f; Bergadà, 2009; Sellami, 2009a; 2009b); sobre os resultados da arqueozoologia (Gabriel & Béarez, 2009); sobre as datações absolutas (Mercier *et al.*, 2009); ou ainda sobre a conservação das rochas (Chauvière *et al.*, 2009). Destaque-se a proposta, com base no estudo das indústrias líticas, de um novo faseamento para a ocupação humana do Vale do Côa durante o Paleolítico superior — com três fases gravettenses, a que se sucedem uma proto-solutrense, uma solutrense (dividida em duas subfases), uma Magdalenense *senso lato* e uma Magdalenense final — Azilense (Aubry, 2009g).

O outro livro a sair em 2009 é da autoria de A. M. Baptista (2009a), correspondendo a um balanço do estudo da arte dirigido ao grande público. Deve destacar-se neste livro, para além da publicação dos decalques inéditos de uma série de sítios estudados pelo CNART fora do Côa, a publicação de outros tantos de rochas desta região, devendo destacar-se os das rochas 8 do Fariseu, 1 de Vale de Figueira, 17 da Canada do Inferno (parcial), 5 de Vale de Cabrões, 20 da Quinta da Barca, dos painéis 6, 8, 10, 12 e 13 da rocha 24 da Ribeira de Piscos, assim como da placa 33 do Fariseu.

Para além destes dois livros, destaque-se a publicação no ano de 2009 de um trabalho onde se dão a conhecer os resultados da análise traceológica efetuada sobre utensílios de Cardina 1 e Olga Grande 4 (Aubry & Igreja, 2009), de um outro texto de síntese de A. M. Baptista (2009b) e de novo texto sobre o conjunto de sítios com arte paleolítica de ar livre (Balbín & Bueno, 2009). Destaque-se neste último o laborioso estudo historiográfico, a análise aprofundada dos contextos em que esta arte pode ocorrer e a divulgação de uma nova e importante estação — La Grajera 2, em Santiago de Alcantara (Extremadura).

Em 2010 sai um primeiro texto de síntese onde se pretende sistematizar a genealogia das várias fases de sedimentação e erosão do Vale do Côa (Aubry *et al.*, 2010a), tendo como base as observações efetuadas durante as escavações dos sítios do vale, nomeadamente das Olgas da Ervamoira, cuja publicação específica sai também durante este ano (Aubry *et al.*, 2010b). Também em 2010 sai texto onde se pretende explicar as diferenças e semelhanças entre as diferentes fases de gravação na Penascosa e na Quinta da Barca, ao nível da localização das rochas decoradas, das relações espaciais ou visuais entre os painéis, e das potencialidades ao nível da audiência frente a cada uma das rochas, tendo-se defendido a existência

de um maior controlo no acesso à informação durante o Magdalenense, o que poderia denunciar a existência de alguma diferenciação social durante este período (Baptista & Santos, 2009).

Em 2011 deve destacar-se a publicação de textos sobre os trabalhos de arqueologia experimental desenvolvidos no Côa (Aubry, Sampaio & Luís, 2011; Sampaio & Aubry, 2011). Destaque-se no primeiro a publicação das primeiras observações relativas à picotagem executada com picos semelhantes aos encontrados nas Olgas. Outro texto importante a sair neste ano é o de M. Reis, que nos faz um ponto da situação até 2009 relativamente à prospecção no vale do Côa e imediações (Reis, 2011). Neste texto são já referidos 457 registos do Paleolítico superior, distribuídos por 37 sítios (aos anteriores acrescentam-se Foz da Ribeirinha, Vale d'Arcos, Cachão, Olgas de Ervamoira, Porto Velho, Alto da Cotovia e Canada da Meca).

Em 2012 são publicados uma série de artigos importantes. Assim, nós publicámos texto onde propomos novo faseamento para a arte paleolítica do Vale do Côa, tendo considerado que esta se distribuía por três períodos — um pré-magdalenense, um solutrense final-magdalenense e um Azilense (Santos, 2012). São apontadas diferenças ao nível da temática e da distribuição das rochas pela paisagem, assim como são estatisticamente demonstradas algumas das observações que tínhamos feito anteriormente, mormente no que concerne à lateralização dos animais, fator que sempre apontámos como decisivo para a definição dos nossos percursos. De facto, a visibilidade *per se* não permite a experienciação sequencial de grande parte das rochas (Aubry & Luís, 2012). Por outro lado, lateralização dos animais é utilizada também para "domesticar" essa mesma visibilidade, isto é para permitir perceber qual a sequência correta de observação numa área em que se observa um número considerável de rochas, tal como é o caso do grupo situado mais a montante na Penascosa (v.g. Baptista, Santos & Correia, 2008, 98). Neste nosso texto são pela primeira vez publicados os decalques das rochas 6, 14,15, 22, 25, 27, 33, 56 e 60 da Quinta da Barca, 7 e 32 de Vale de Cabrões, 11 e 25 da Ribeira de Piscos e 16 da Penascosa.

Este ano sai outro texto que vem reforçar a hipótese do Côa corresponder a uma zona de agregação. Trata-se de trabalho de Aubry e colaboradores, onde a hipótese é suportada quer por paralelos etnográficos quer pela análise SIG de *least cost paths* entre o Côa a as diversas fontes de matérias-primas alógenas (Aubry *et al.*, 2012). T. Aubry, L. Luís e L. A. Dimuccio (2012), publicam ainda importante trabalho sobre os fatores que poderão ter condicionado a preservação e a visibilidade atual das superfícies historiadas do Côa, assunto a que voltaremos adiante. Outro importante texto é o de T. Aubry e de J. Sampaio (2012), que incide sobre o estudo técnico da arte, designadamente da gravura, aí se apresentando os primeiros contributos para a construção de um referencial experimental para o estudo das manifestações artísticas do Vale do Côa. Neste mesmo ano é ainda publicado trabalho onde mais uma vez se analisa a preferência dos painéis historiados por determinadas orientações, valorizando-se tal preferência como resultado de uma escolha cultural (Fernandes, 2012a). O mesmo autor defende, nesse ano, tese de doutoramento sobre a conservação da arte do Côa e os processos naturais que a condicionam (Fernandes, 2012b). L. Luís apresenta novo trabalho sobre a representação do movimento na arte do Côa, e com base nos contributos de Leroi-Gourhan e de M. Azéma, constrói uma tipologia que permite a sistematização das ocorrências do Côa, atualizando-se assim o primeiro esboço de Varela Gomes a que aludimos atrás. Em 2012 o Côa aparece ainda em dois importantes trabalhos de síntese: um sobre a arte paleolítica do interior peninsular (Alcolea & Balbín, 2012) e outro sobre a arte paleolítica portuguesa (Baptista, 2012).

Em 2012 ainda, Mário Reis inicia a publicação de novo ponto da situação ao nível da prospecção no Côa, trabalho que se distribui por três artigos (Reis, 2012; 2013; 2014) onde se descrevem todas as estações conhecidas até ao final de 2013. No conjunto dos artigos são mencionadas 531 registos do Paleolítico superior distribuídos por 48 sítios[39] — aos anteriormente divulgados acrescem Vale Escuro, Ribeira da Volta, Canada das Corraliças, Ninho d'Água, Ribeira da Cumieira, Cascalheira, Ribeira do Arroio, Lodão, Ribeira do Molha Pão (Reis, 2013), Poio e Casa do Muro (Reis, 2014).

Do ano de 2013 chamamos a atenção para dois textos: um que se debruça sobre as metodologias de registo dos conjuntos rupestres do Côa e de Siega Verde (Baptista *et al.*, 2013) e um segundo, a que já atrás aludimos, sobre os

39 Excluímos os dois registos da Quinta da Barca Sul e Cardina, assim como os sítios epónimos referidos pelo autor, porquanto constituem peças de arte móvel.

paralelismos entre os processos de aceitação da cronologia paleolítica dos conjuntos gráficos de Altamira e o do Côa (Hernando, 2013).

Do ano de 2014 relevamos a publicação de três trabalhos. Um destes, dirigido ao grande público, debruça-se sobre as representações do veado no Côa ao longo do tempo (Santos, Aubry & Walter, 2014), podendo ser lido como exemplo da evolução das formas de uma espécie determinada ao longo do Paleolítico superior; nele se publica pela primeira vez o decalque do painel direito da rocha 4 do Vale de José Esteves. O segundo texto que relevamos debruça-se sobre a rocha 1 do Fariseu (Aubry, Santos & Luís, 2014). Nele é apresentada pela primeira vez a sequência estratigráfica das gravuras presentes na rocha, bem como a relação entre essa sequência e a estratigrafia do sítio. A partir do estudo destas relações e da análise ao nível da homogeneidade formal dos motivos presentes na rocha, pensamos ter ficado claramente demonstrada a proeminência da ideia de composição frente à de acumulação. O terceiro texto que relevamos dá a conhecer uma "escala de urgência de intervenção conservativa para os afloramentos gravados no Vale do Côa" (Fernandes, 2014). Essa escala, resultante da aplicação de uma série de critérios, identifica a rocha 24 de Piscos como prioritária em termos de intervenção, algo que facilmente se comprova pelo facto de dois fragmentos da mesma se encontrarem já no Museu porque se desprenderam da rocha nos últimos tempos. Deste modo, se estranhamos a não identificação de algumas rochas naquela tabela, também é verdade que a realidade confirma que ela pode servir de importante guia. Contudo, o que se verifica também é que não se dá consequência a nenhum destes trabalhos. De facto, desde 2003 que se publica sobre os problemas de conservação do Vale do Côa e nada ainda se fez sobre nenhuma das rochas em causa! Antes pelo contrário, foram tomadas medidas bastante discutíveis, como seja a execução de moldes de látex sobre rochas identificadas naquela escala, uma destas em segundo lugar e outra em quinto!

Durante o ano de 2015, o Côa é alvo de diversas publicações. Algumas destas prendem-se com o retomar dos trabalhos na Cardina no ano imediatamente anterior (Aubry *et al.*, 2015a; 2015b). Destaque-se nestes textos a revelação de uma nova estrutura de habitat atribuída ao Gravettense e de novas peças de arte móvel, exumadas nas camadas mais recentes do sítio. O uso do quartzo e o seu peso no conjunto das matérias-primas exploradas desde o Paleolítico médio ao Neolítico antigo é alvo de trabalho que demonstra as diferenças ao nível do aprovisionamento ao longo dos tempos e as alterações ao nível das redes sociais em que a região se ia situando (Aubry *et al.*, 2016). A sua integração no mundo mais vasto da Meseta é problematizada em texto próprio (Aubry, 2015a), sendo alvo ainda de um trabalho comparativo com outras regiões do Sudoeste europeu (Aubry *et al.*, 2015c). A arte paleolítica é ainda objeto de de trabalho no qual se procura relacionar as caraterísticas tecno-estilísticas de cada uma das fases por nós propostas, localização dos sítios, visibilidade dos mesmos, estruturas de habitat coevas e respetivas redes de aprovisionamento de matérias-primas (Luís, Aubry & Santos, 2015). Este trabalho, em que o SIG foi preponderante, veio reforçar a nossa hipótese de um maior caráter público dos sítios mais antigos frente aos mais recentes. Com os primeiros relacionam-se as estruturas mais antigas dos sítios de habitat, que pelas suas dimensões exigiriam um maior esforço coletivo para a sua construção, parecendo a arte mais recente relacionar-se com um tipo de organização espacial dos sítios de habitat mais dispersa e constituída por estruturas que não exigiriam grandes esforços coletivos. Concomitantemente, as redes de aprovisionamento onde a região se insere durante as fases mais antigas parecem ser mais intensamente "utilizadas" que durante as fases mais recentes, pese embora esta não se altere significativamente. As evidências, particularmente para as fases mais antigas, vão todas no sentido de nos encontrarmos numa região de agregação.

No ano de 2015 é editado novo livro de síntese sobre o Côa destinado ao grande público, mas cuja distribuição se encontra praticamente reduzida à Coreia do Sul (Lee, Baptista e Fernandes, 2015). Destaque-se, para o que aqui nos traz, os capítulos relativos ao contexto arqueológico (Aubry, 2015b) e à evolução da arte rupestre durante o Paleolítico superior (Santos, 2015a), tendo neste capítulo sido dados a conhecer os decalques das rochas 4 do Fariseu e do sector superior da rocha 23 da Quinta da Barca 23. Este texto é republicado nesse mesmo ano (Santos, 2015b), destacando-se neste último a publicação de painel inédito da rocha 4 do Vale de José Esteves. Em 2015 sai ainda trabalho sobre a arte paleolítica portuguesa no seu contexto peninsular (Santos, Sanches & Teixeira, 2015), aí se dando a conhecer-se os grafismos paleolíticos da rocha 7 da Canada da Moreira.

1.6.2. "D. C."...

Desde que foi ganha a batalha pelo Côa que sítios com arte paleolítica ao ar livre não pararam de ser identificados, embora em nenhum deles se tenha encontrado o mesmo número de rochas historiadas ou de motivos gravados.

A primeira estação de ar livre a ser revelada neste período "d. C." é a Fraga do Gato, logo em 1996, em artigo de M. V. Gomes e A. M. Baptista (1996, 64) e num outro da autoria de Beltrán, sendo em ambos os textos designada como "Penedo do Gato" (1996, 45). O sítio, localizado junto à ribeira de Alpajares, na margem direita do Douro, em Freixo-de-Espada-à Cinta terá sido, contudo, identificado por N. Rebanda em 1992 (Gomes, 2006, 104). É também mencionada por A. M. Baptista e M. García (2001, 187) e por M. V. Gomes (2002, 175; 2006, 104), oferecendo este autor a primeira descrição do sítio, onde se refere um bufo ou mocho pintado a negro e um quadrúpede a vermelho. O levantamento parcial do CNART é, finalmente, publicado em texto de A. M. Baptista, onde se precisa o quadrúpede como mustelídeo e o estrigídeo como *Asio otus* (Baptista, 2009a, 225-229).

A estação seguinte a ser identificada corresponde à do Ocreza (Baptista, 2001a), localizada na margem direita do rio epónimo, junto à confluência deste com o Tejo. Corresponde a rocha onde em superfície subvertical se observa um cavalo acéfalo picotado. A estação volta ser referida em diversas publicações (v.g. Baptista, 2009b, 208-211), destacando-se uma de M. V. Gomes, quer porque este autor apresenta novo decalque (2010, anexo 2, 551-552), quer porque refere painel subvertical inédito onde se terão identificado motivos incisos (*idem*, 476).

A publicação de Baptista referida acima deve ainda destacar-se porque é aí publicado pela primeira vez o decalque da rocha de Ribeira da Sardinha (Baptista, 2001a, 172, 191-192), localizada na margem esquerda do curso de água epónimo, tributário da margem esquerda do rio Sabor, e atualmente submersa. Trata-se de superfície vertical onde se observa representação parcial de auroque picotado. Volta a ser referida em diversas publicações destacando-se a de Baptista (2009b, 196-197).

Também em 2001 são divulgadas outras três estações do Vale do Sabor, entretanto identificadas por Luís Pereira e Mário Reis da extensão do IPA de Macedo de Cavaleiros (Baptista, 2001b, 202). Correspondem estas estações a Fraga Escrevida, Sampaio e Pousadouro, que serão alvo de estudo mais aprofundado em 2009, sendo nesta altura dados a conhecer os decalques respetivos (Baptista, 2009b, 197-207). A Fraga Escrevida corresponde a superfície vertical muito erodida onde, sob uma série de gravuras mais recentes já identificadas pelo abade de Baçal (Alves, 1934, 567, 643-644), se observa pelo menos um imenso auroque picotado e abradido orientado para a direita. Em Sampaio foram identificados três painéis onde se descobre uma série de auroques picotados e abradidos. Em Pousadouro foram inventariados dois painéis com diversos animais picotados e algum repertório não figurativo inciso. Entre os primeiros reconhece-se apenas cavalos, um veado e uma cerva.

Ainda na nossa área de estudo é identificada a estação do Poço do Caldeirão em 2001 por Diamantino Gonçalves e Belarmino Lopes. A estação localiza-se na margem direita do Zêzere, no aro da freguesia de Barroca do Zêzere (Fundão, Castelo Branco). Foi publicada em 2004 por A. M. Baptista, autor que volta a debruçar-se sobre ela em 2009 (Baptista, 2009b, 216-221). No sítio encontram-se duas rochas localizadas face a face, observando-se na rocha 1 três cavalos picotados e na segunda dois quadrúpedes que aquele autor interpreta como cabras-monteses. Balbín refere ainda neste sítio uma outra rocha da qual publica uma fotografia (Balbín, 2008, 37). Na margem oposta, praticamente em frente, João Caninas, Francisco Henriques e Armando Sabrosa vêm a descobrir uma outra rocha, no sítio da Costalta, que acaba por ser publicada por A. M. Baptista (2009b, 221-223). O painel historiado corresponde a superfície sub-horizontal onde se observa pequeno cavalo picotado.

Em 2011 é publicada a rocha do Redor do Porco (Baptista & Reis, 2011), descoberta por Mário Reis na margem esquerda do Águeda. Nela pode observar-se um auroque picotado orientado para a direita.

Finalmente, refira-se o abrigo de Foz Tua, descoberto em 2010 por Joana Teixeira e Joana Valdez-Tullett na margem direita daquele rio, a curta distância da sua confluência com o Douro (Teixeira, Valdez & Sanches, 2010; Sanches & Teixeira, 2013; Valdez-Tullett, 2013). A estação corresponde a abrigo no interior do qual se encontram vários painéis preenchidos essencialmente por incisões e traços profundos do tipo "unhadas do diabo"; no exterior, à direita da abertura observa-se painel com pinturas esquemáticas, e, à esquerda daquela, painel com motivos zoomórficos picotados

e abradidos, destacando-se um vareto e um veado a bramir, do corpo do qual sai cabeça de auroque transformada numa de cavalo.

Mas por toda a Península continuam a descobrir-se novas estações. Particular destaque deve ser dado a Molino Manzánez (Extremadura), estação localizada na margem esquerda do Guadiana, e atualmente submersa pela albufeira do Alqueva. Foi estudada por H. Collado (2006), tendo este autor nela identificado rochas gravadas de diversos períodos desde o Paleolítico superior à Idade do Ferro. Do primeiro daqueles períodos foram identificados 250 motivos (entre os quais 20 zoomorfos), distribuídos por 128 rochas (Collado, 2006, 247). Estes motivos são exclusivamente incisos e, de acordo com o responsável pelo seu estudo, deverão ter sido gravados ao longo de um intervalo temporal que vai do Solutrense inferior ao Magdalenense superior e final (Collado, 2006, 273-283). Já tivemos oportunidade de referir que provavelmente o inventário de Molino Manzánez se encontrará hiperdimensionado, uma vez que apenas a técnica (neste caso, a incisão) e a sobreposição por motivos de discutível cronologia epipaleolítica não são critérios suficientes para datar rigorosamente o repertório figurativo de uma rocha (Baptista & Santos, 2013, 236-237).

Ainda no Guadiana, foram identificadas por Manuel "Pisco" Barradas outras duas rochas em território português, ambas atribuídas ao Magdalenense final (Baptista & Santos, 2013, 235-236). Uma localiza-se no sítio da Moinhola, praticamente no leito de cheia do rio, correspondendo à rocha 30 deste sítio (Baptista & Santos, 2013, 119, 147-149). Nela observa-se cavalo inciso preenchido interiormente. A segunda localiza-se bastante para jusante, no sítio de Porto Portel, nela identificando-se um veado conseguido por incisão (Baptista & Santos, 2013, 220, 226).

Também o estudo aprofundado da arte do Tejo veio a revelar a existência de motivos não figurativos incisos nas rochas 11 e 27 de Gardete e 196 de Fratel que Mário Varela Gomes atribui ao Paleolítico superior (Gomes, 2004, 109-110; 2006, 137; 2010, 476). Este autor refere-se também a achados do mesmo tipo no rio Erges, correspondendo um destes seguramente ao painel vertical do abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas (Henriques *et al.*, 2011, 205-207; 2012, 296-300).

Ainda em Portugal, refira-se a provável identificação por M. Varela Gomes de possíveis equídeos gravados durante o Paleolítico superior em painéis graníticos do Monte de Góios, na margem esquerda do rio Minho, em Caminha (Gomes, 2007b, 121).

Mas no restante território da Península Ibérica continuam a dar-se importantes descobertas de abrigos iluminados pela luz solar. Assim, na Andaluzia destacam-se os achados de Atlanterra (Bergmann, 1996, 16; Ripoll & Mas, 1999; Bergmann, 2009, 49-50), Cueva del Ciervo (Bergmann *et al.*, 2006, 118-119; Martínez, 2008, 251-252), Cueva del Realillo (Martínez, 2008, 249-250), Cueva de La Jara I (*idem*, 251), Cueva Horadada (*idem*, 253-254), Cueva del Buitre 2 (Bergmann, 2009, 51) e Cueva del Caminante (*idem*, 2009; Martínez, 2012, 244). Em Atlanterra observou-se uma ou duas cervas (interpretações de Ripoll e Mas, 1999 e de Bergmann, 2009, respetivamente) uma cabeça de um animal indeterminado e um prótomo de cavalo, todos pintados a vermelho. Ripoll e Mas atribuem o cavalo ao Solutrense e as restantes figuras ao Magdalenense superior. Na Cueva del Ciervo encontra-se um veado pintado com uma cor vermelho-alaranjada. Na Cueva del Realillo observa-se a representação parcial de um cavalo e seis traços verticais, tudo pintado a vermelho, a que se deve juntar um provável segundo cavalo. Na Cueva de La Jara 1 encontra-se a cabeça de um veado pintada a vermelho. A Cueva Horadada encontra-se bastante destruída, nela se identificando todavia cérvico-dorsais e garupas de possíveis cavalos, tudo gravado mediante incisão profunda. A Cueva del Buitre 2 não é considerada por Martínez em 2012. Contudo, as fotos publicadas por Bergmann evocam de facto restos de figurações paleolíticas, mesmo que não correspondam necessariamente a um plantígrado, como pretende este último autor. Na Cueva del Caminante observa-se dois equídeos pintados a vermelho.

Também no País Valenciano se identificaram sete estações ao ar livre com grafismos de cronologia finipaleolítica ou contemporânea do "epipaleolítico laminar" (Martínez, Guillem & Villaverde, 2008). Encontram-se todos em Castellón, tendo três deles sido já parcialmente publicados: Abric d'en Melià (Guillem, Martínez & Melià, 2001; Martínez, Guillem & Villaverde, 2003; Martínez & Guillem, 2005; Martínez, Guillem & Villaverde, 2008), Cova del Bovalar (Martínez & Guillem, 2005; Martínez, Guillem & Villaverde, 2008; Martínez, Guillem & Cueva, 2008) e Cingle del Barranc

de l'Espigolar (Martínez & Guillem, 2005; Martínez, Guillem & Villaverde, 2008; Guillem & Martínez, 2009)[40]. No primeiro são referidos 35 motivos entre animais e signos, destacando-se as formas de cabras-monteses e cervídeos, totalmente estriadas no interior e por vezes atingindo elevados graus de esquematismo. No segundo caso, a par de gravuras semelhantes, encontram-se algumas figurações pintadas a vermelho cujas formas remetem para os exemplares gravados. Na terceira estação referida, os motivos adscritos a este período são também gravuras totalmente estriadas e bastante geometrizadas, distinguindo-se sobretudo cervídeos.

A última região peninsular que destacaremos corresponde a Aragão, da qual referiremos duas estações. Uma destas é o Barranco Hondo, abrigo onde a par de alguns zoomorfos gravados, um deles parcialmente estriado, se encontram antropomorfos cujas formas remetem para a arte levantina. O abrigo, desde a sua revelação por A. Sebastián (1988) até à sua "publicação definitiva" (Utrilla & Villaverde, 2004) tem vindo a ser atribuído ora a períodos pós-paleolíticos, ora a períodos paleolíticos, acabando os últimos autores referidos por valorizarem a primeira hipótese. Nós próprios já propusemos a existência de uma atualização "levantina" de uma composição finipaleolítica (Baptista & Santos, 2013, 247). Mais recentemente Primitiva Bueno atribuíram a construção de todo o painel a momentos finais do Pleistoceno/inícios do Holoceno (Bueno, Balbín & Barroso, 2016, 44), paralelizando os antropomorfos nele presentes com alguns do Vale do Côa, um destes identificado em peça exumada na camada 4 do Fariseu, datada do Dryas recente (Aubry, 2009a).

A outra estação de Aragão corresponde à "Roca Hernando", onde numa superfície vertical de um bloco em grés, se observa uma série de incisões profundas, parecendo algumas delas formar animais, entre os quais um veado (Utrilla, Villaverde & Martínez, 2001). Contudo, tal como os autores do seu estudo, dificilmente podemos asseverar a cronologia paleolítica da gravação da rocha.

Finalmente, será de ter em conta que após a descoberta do Côa se começou a olhar com outros olhos para rochas gravadas de outras partes do mundo (v.g. Bahn, 2001; 2002), destacando-se obviamente as novas descobertas do Nilo (v.g. Huyge, 2005; 2008a; 2008b; 2013; Huyge & Claes, 2008; Huyge & Vandenberghe, 2011; Huyge *et al.*, 2011; Kelany, 2012; Storemyr *et al.*, 2008) e, muito possivelmente, em Hunsrück na Alemanha (Welker, 2014), já ocorridas já após a publicação daqueles textos.

Mas o progresso na disciplina não se fez apenas graças aos novos achados de arte ao ar livre. Deve destacar-se também a continuação de trabalhos de investigação em sítios já conhecidos e a revelação de sítios de outra natureza, designadamente na nossa área de estudo.

Assim, relativamente ao sítio de Mazouco serão de referir a publicação de Baptista de 2009, em que se publica novo decalque, desta feita da autoria de Fernando Barbosa (2009b, 194-195). Para além deste texto, o sítio é obviamente referido nas sínteses que referimos acima a propósito do Côa.

De Domingo García, para além das referências naquelas sínteses, será de destacar, obviamente, a publicação da respetiva monografia (Ripoll & Municio, dirs., 1999). Nesta obra são publicados os decalques das sete estações conhecidas daquela zona: Cerro de San Isidro (a que se conhecia já), Las Canteras, Ortigosa del Pestaño, Migueláñez, Valdebernardo-Cañamares, Río Eresma e La Dehesa de Carbonero. Neste conjunto de estações são identificadas cento e quinze figuras, maioritariamente incisas, atribuídas ao Solutrense e ao Magdalenense final. O animal mais representado é o cavalo, seguido dos cervídeos e capríneos, e finalmente, dos bovinos. Nesta publicação é ainda relevado outro importante aspeto, a saber — o da possível relação entre sítio e espécie, algo que, como é sabido, também foi por nós detetado no Côa em períodos mais antigos. Refira-se que este aspeto já tinha sido dado a conhecer pelos autores num congresso realizado em 1992, mas infelizmente as respetivas atas só foram publicadas em 2003 (Ripoll *et al.*, 2003). Outro trabalho sobre Domingo García foi publicado em 2001, centrando-se os seus autores, desta feita, na problemática da cronologia do sítio (Ripoll, Municio & LEP., 2001). Em 2006 sai a lume outro trabalho onde se dá a conhecer novo cavalo picotado na rocha 12 do Cerro de San Isidro (Ripoll *et al.*, 2006, 152-154)

Também Siega Verde, para além de ocupar destacado lugar nas sínteses que já referimos, vê aparecer a respetiva

40 As restantes estações referidas são Abric de la Belladona, Mas de la Vall, La Marfullada II e Mas de Serra Amporta (Martínez, Guillem & Villaverde, 2008, 227).

monografia (Alcolea & Balbín, 2006a). São publicadas 443 figuras, distribuídas por 91 painéis, agrupados em 19 conjuntos. A temática, maioritariamente picotada mas com significativo número de motivos incisos, é dominada pelo cavalo e pelo auroque, espécies a que se seguem os cervídeos, capríneos e, bastante mais raros, os felinos, plantígrados, rinocerontes, antropomorfos, canídeos e indeterminados. Especial destaque é dado à presença de espécies frias, presença essa que tinha já dado azo à publicação de artigo específico sobre a matéria (Alcolea & Balbín, 2003b). Os autores integram a grossa maioria dos motivos de Siega Verde no estilo III-IV, destacando a clara diferença entre o conjunto castelhano e o os portugueses do Côa e Alto Sabor, que consideram mais antigos. De destacar também o facto de sublinharem a relação entre estes sítios e o norte peninsular, explicando as semelhanças que se podem estabelecer entre as fases mais antigas da arte da Meseta e a arte móvel do Parpalló com a grande uniformidade artística que se verifica na Europa em tempos pré-magdalenenses. Relativamente à estrutura do sítio, os autores relevam a sua conformação linear, distribuindo-se os três temas principais de forma homogénea ao longo da estação. No entanto, destacam também uma maior diversidade temática no sector norte do sítio, que relacionam com uma possível *décalage* cronológica (Alcolea & Balbín, 2006a, 233). Visões mais parcelares ou de síntese podem ser encontradas noutras publicações anteriores ou já posteriores à publicação da monografia (v.g. Balbín, Alcolea & Santonja, 1995; 1996; Alcolea & Balbín, 2006b; 2007a; 2008; Balbín & Alcolea, 2001), devendo destacar-se entre estas, uma onde se demonstra a utilização de pigmentos nos painéis historiados do sítio (Balbín & Alcolea, 2009).

Também a gruta de Penches é revisitada, sendo referida em vários trabalhos de S. Corchón (Corchón, 2003, 115-117; 2006a, 126), autora que se debruçará também sobre La Griega (Corchón, coord., 1997; Corchón, 2006a, 122-126; 2006b, 86-100; Corchón *et al.*, 2012a; 2012b) e Ojo Guareña (Corchón *et al.,* 1996; Corchón, 2006b, 100-103).

Para além da revisitação de sítios já conhecidos, dão-se alguns novos achados na bacia do Douro que, não correspondendo a grafismos rupestres paleolíticos ao ar livre, são, no entanto, de extrema pertinência para o nosso estudo. Assim, deve-se destacar a revelação de gravuras de tipo "unhadas do Diabo" no abrigo de La Uña, na província de León. Trata-se de um sítio que se encontra ocupado desde o Azilense antigo até ao Neolítico (Neira *et al.*, 2006, 117-127) e onde foi também exumado um fragmento de peça em osso com incisões formando o que parece ser composição geométrica (*idem*, 122-124).

Esta peça de arte móvel vem assim juntar-se, não só às que já eram conhecidas antes de 1995, como a outras que entretanto se vêm a descobrir, designadamente as da importante coleção até ao momento exumada na Peña de Estebanvela, em Segóvia (Cacho, Ripoll & Municio, 2001; Cacho, Muñoz & Ripoll, 2001; Ripoll & Muñoz, 2003; Ripoll, 2007; Ripoll *et al.*, 2006, 154-166; García, 2013) e à que foi recolhida no sítio do Medal, no Baixo Sabor (Figueiredo *et al.*, 2014a; 2016).

Relativamente ao progresso epistemológico do campo de estudo, seria de esperar que as revelações em catadupa de tantos sítios com arte paleolítica de ar livre provocassem grandes mudanças nos discursos vigentes. Contudo, tal não se verificou. De facto, como referimos no capítulo 0, contam-se pelos dedos os trabalhos que procuraram olhar para a arte paleolítica a partir de uma perspetiva que tenha em conta as suas manifestações ar livre como algo que, longe de ser a exceção que confirmava a regra, seria absolutamente comum ao longo do Paleolítico superior, não se conhecendo mais exemplos devido à não conservação destes sítios, designadamente nas regiões calcárias (v.g. Bahn, 1985; Balbín, 2008; Balbín & Alcolea, 1999; Balbín & Bueno, 2009; Sacchi, 2000; 2001; Santos, 2012).

Na verdade, este fenómeno, cuja repercussão social nos parece tão evidente, é de alguma forma, apagado pela centralidade atual de alguns debates, como sejam os que têm que ver com a cronologia ou a com a provável natureza xamânica da arte rupestre, aspetos a que não será alheia a ideologia dominante do tempo em que vivemos, tal como já foi suficientemente demonstrado (Ramos, Cantalejo & Espejo, 1999).

De facto, dos três C's de que se falava em 1998 (Clottes, 1998), parece que apenas vingou o que inicia a palavra Chauvet. Tal dever-se-á sobretudo às datações diretas das pinturas desta importante cavidade do Ródano que se revelaram muito mais antigas do que era previsível mediante a simples análise estilística, facto que deu origem a uma agra polémica que se tem prolongado até hoje, levando alguns autores a colocarem em causa as atribuições cronológicas baseadas no estilo (v.g. Clottes, 2001; Pettitt & Bahn, 2003; 2014; 2015; Geneste, dir., 2005; Alcolea & Balbín, 2007b; Züchner, 2007;

Combier & Jouve, 2012; 2014; Balbín, 2014b; Djindjian, 2014; Fontugne *et al.*, 2014; Lorblanchet, 2014; Martin, 2014a; 2014b). A cronologia da arte paleolítica europeia é, de facto, um dos tópicos mais debatidos da atual investigação. Neste debate, têm vindo a lume novas datações absolutas, conseguidas por métodos alternativos ao radiocarbono, como seja o das séries de Urânio (v.g. Pike *et al.*, 2012). Ao nível da datação da arte será ainda de referir a "aparição" de uma "terceira via" que, não descartando as datas de Chauvet e tendo em conta outros dados, procura aprofundar o estudo da evolução estilística da arte, reabilitando assim os estudos estilísticos (v. g. Guy, 2010; Petrognani, 2013).

O estudo da morfologia das figuras (outra forma de designar estilo sem causar pruridos a muita gente) é aliás outro dos assuntos que parece estar na ordem do dia, multiplicando-se os trabalhos que utilizam métodos estatísticos que, embora conhecidos de há muito, estão agora mais democratizados graças à variedade de pacotes informáticos que os investigadores têm à disposição. Os pioneiros da utilização destes métodos continuam, no entanto, a utilizá-los com grande proveito para a disciplina, destacando-se a este nível G. Sauvet. Entre os trabalhos em que este autor se envolveu destaque-se aqueles que, demonstrando estatisticamente a homogeneidade formal entre formas provenientes de diferentes cavidades apartadas entre si, evidenciam a existência de contactos entre determinadas regiões (v.g. Sauvet *et al.*, 2008).

Ao nível das abordagens estruturalistas deve destacar-se o já citado trabalho de G. Sauvet e A. Wlodarczyk (2000-2001). Há ainda que referir importante trabalho de R. Layton (2000) e outros dos três autores antes referidos e ainda coassinados por R. Layton, E. López-Montalvo, T. Lenssen-Erz e P. Taçon, que se debruçam sobre o fundo socioideológico das comunidades que produziram a arte paleolítica europeia (v.g. 2006; 2009).

Outras abordagens que importa destacar correspondem àquelas que, num sentido lato, podemos caraterizar como fenomenológicas, destacando-se a este nível trabalhos de M. Groenen (2000), R. González (2001), R. Pigeaud (2004a) ou D. Vialou (2004a).

Alguns dos assunto que temos vindo a referir ecoam também nos estudos que se debruçam especificamente sobre a arte paleolítica de ar livre. De facto, nestes trabalhos também se problematiza a pertinência do estilo enquanto critério de datação (v.g. Alcolea & Balbín, 2007a) ou se abordam os sítios num contexto estruturalista e fenomenológico (v.g. Santos, 2012). No entanto, pensamos que o nível de integração destes trabalhos no contexto mais vasto da problemática da arte paleolítica está ainda longe do desejável.

1.7. Em suma

Procurámos ao longo deste ponto demonstrar que desde há muito que a arte ao ar livre se encontra presente nos estudos sobre a os grafismos de cronologia paleolítica. Mais do que o facto destes grafismos ocorrerem em contextos ao ar livre absoluto, parece ter sido a predominância da técnica da picotagem o motivo de debate mais aceso aquando das primeiras descobertas dos primeiros sítios deste tipo no interior peninsular.

Há assim razões válidas para colocar a hipótese das acesas polémicas que se verificaram à época da descoberta da arte do Côa se terem devido mais ao que estava em jogo do ponto de vista dos interesses político-financeiros que dos científicos. Note-se que nem um só especialista de arte rupestre paleolítica defendeu uma cronologia holocénica para as figurações que se distribuem pelos vales daquele rio e dos seus tributários.

Evidentemente que não pensamos que só em aparência a revelação da arte do Côa poderia ser considerada uma revolução. Mas o impacto das descobertas nesta região não se deve tanto ao facto dos grafismos aqui aparecerem no exterior, mas à inusitada quantidade de rochas onde estes se encontram. Demonstrou-se à saciedade que a expressão de uma ideologia não está limitada por constrangimentos geológicos (neste caso, a existência de grutas e de um substrato calcário). Demonstrou-se que a arte de ar livre não é mera complemento da arte das grutas. Procurar-se-á igualmente demonstrar que poderá ser essencial para melhor a compreender.

2. Sobre alguns conceitos e metodologias utilizados ao longo deste trabalho

Neste capítulo definir-se-ão alguns conceitos operativos e metodologias adoptados ao longo deste trabalho, pretendendo-se desta forma torná-lo mais escrutável. Os conceitos operativos que definiremos são as unidades espaciais de análise e os que têm que ver com as unidades gráficas que estudaremos. Estes últimos incluem não só a caraterização do que entendemos como unidades gráficas e que tipos podemos encontrar, como aspetos ligados à sua própria descrição morfológica, técnica e compositiva. As metodologias que trataremos referem-se apenas às análises estatísticas a que procederemos nos próximos capítulos, pretendendo-se explicar sucintamente em que consiste cada uma delas.

2.1. Unidades espaciais de análise

O *sítio* é a nossa unidade de análise espacial mais ampla. Por vezes, a definição de sítio parece-nos evidente mas pode revelar-se também como algo de escorregadio e subjetivo. Mário Reis, por exemplo, admite que a sua definição "obedece sobretudo a uma lógica de inventário mas, de forma geral, procura-se que a sua definição obedeça a critérios geomorfológicos consistentes e coerentes" (Reis, 2011, 12). Estes critérios, que o autor vai explicitando caso a caso, não são, por exemplo, os mesmos que utilizaria hoje alguém da região, para quem a toponímia é o critério mais adequado para se situar no espaço. Este critério, também ele subjetivo mas mais disseminado entre os investigadores, foi já utilizado durante os primeiros inventários do PAVC. Uma boa ilustração da subjetividade inerente à definição de sítios é-nos, assim, dada pela eliminação do sítio do Alto da Bulha que passou a integrar o do Vale de José Esteves (Reis, 2013, 25), processo que se deu devido à mudança de critérios referida acima.

Temos noção que qualquer critério é arbitrário e o importante é ele encontrar-se bem definido. Sendo Mário Reis o responsável pela inventariação dos sítios do Côa e o autor que mais tem escrito sobre a matéria é justíssimo que respeitemos o seu critério neste trabalho, não alterando a identificação de qualquer rocha. Contudo, poderemos identificar vários lugares em determinada área que aquele autor definiu como um sítio. Este processo dar-se-á sempre que distâncias consideráveis separarem conjuntos coevos de rochas gravadas. Por exemplo, é evidente que entre o grupo de rochas 4, 5, 6 e 7 de Vale de Cabrões e aquele, que julgamos coevo, formado pelas rochas 55, 56 e 57 se encontram várias outras rochas gravadas em períodos posteriores. No entanto, os cerca de 120 metros de "vazio" que originalmente separavam estes dois grupos de rochas historiadas fazem com que os consideremos como dois lugares distintos. Ora, por vezes aparece um termo na bibliografia arqueológica para designar estas situações, termo que utilizaremos ao longo deste trabalho e que mais não é que a tradução latina de lugar — *locus*.

Mas ao longo deste trabalho sentimos por vezes necessidade de definir unidades ainda mais pequenas dentro do mesmo sítio ou *locus*, a que chamámos zonas. Tal ocorre quando duas ou mais áreas com rochas historiadas, embora não se encontrando distantes entre si, apresentam caraterísticas topográficas, ou ao nível da organização, suficientemente distintivas para se poderem individualizar. Esta necessidade foi já sentida pelos colegas que estudaram Siega Verde, tendo estes autores dividido o sítio em *áreas*, mesmo que por vezes a distância entre elas fosse irrelevante (Alcolea & Balbín, 2006a, 59-65). Todos os *loci* e zonas definidas por nós serão devidamente identificados e descritos no momento próprio.

A rocha é, depois da zona, a nossa unidade de descrição mais ampla. Consideramos como rocha todo o afloramento onde se encontrem gravuras[41]. A rocha pode, por outro lado, conter vários painéis; estes devem definir-se como superfícies historiadas que se destacam da rocha por meio de limites naturais. Este critério que distingue rocha de painel, e que à partida, pode parecer evidente, não é, no entanto, consensual. Por exemplo, no estudo de Siega Verde, Alcolea e Balbín (2006a, 42-43) utilizam *grosso modo* o mesmo conceito de painel que nós, não os integrando, no entanto, em rochas, mas em conjuntos, podendo estes conter mais que uma rocha. Já Collado (2006, 116) utiliza uma nomenclatura semelhante à dos autores antes referidos, nomeando a entidade "conjunto" daqueles como "estação". Da leitura da monografia de

41 Pontualmente poderão existir exceções a este critério. Estas exceções devem-se ao fato de determinados painéis (segundo os nossos critérios) terem sido já publicados como rochas. Lembramos aqui os casos das rochas 5 e 6 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999b, 130-131, 136-137), que, embora individualizadas, se encontram no mesmo afloramento. Estas exceções serão devidamente assinaladas ao longo do texto.

Domingo García (Ripoll & Municio, dirs., 1999) e das várias publicações de Baptista (v.g. 1999b; 2009a) denota-se uma conceptualização de rocha e painel semelhante à nossa.

Contudo, se painel e rocha, tal como definidos acima, são importantes unidades de descrição, não o são de análise. De facto, existem casos na arte paleolítica de ar livre, designadamente no Côa, em que as composições ultrapassam os limites naturais de uma superfície, isto é, ultrapassam os limites de um painel. Ora, este facto recorda-nos que para Vialou, painel é essencialmente caraterizado pela íntima relação entre o espaço gráfico (construído) e o parietal (natural), sendo "*les cadrages naturels (pariétaux) de panneau [...] des valeurs surajoutées pour leur définition à partir de l'espace pariétal*" (Vialou, 2004a, 10). Ou seja, um painel é essencialmente definido pelo dispositivo gráfico que por ele se distribui e não tanto por limites naturais. A rocha 24 de Piscos é um bom exemplo disso. Segundo o nosso critério, identificámos aí trinta e dois painéis, mas se tomarmos em conta os critérios de Vialou, eles serão muito menos, senão mesmo apenas um, que se distribui por um espaço parietal caraterizado morfologicamente por uma particular forma de fracturação da rocha. A relação entre os diversos painéis por nós descriminados é particularmente evidente quando observamos o conjunto formado pelos auroques que nos olham de frente (Fig. 2.1). Deste modo, em termos de unidade de análise, poderíamos utilizar o conceito de painel definido por Vialou. Contudo, existem situações em que, pese embora a superfície seja a mesma, esta parece comportar duas composições distintas. Veja-se o caso da rocha 1 da Canada do Inferno (Fig. 111 do nosso inventário). Não deveremos valorizar aí a separação do cervídeo **CI01-14** relativamente às restantes figuras daquele espaço parietal?

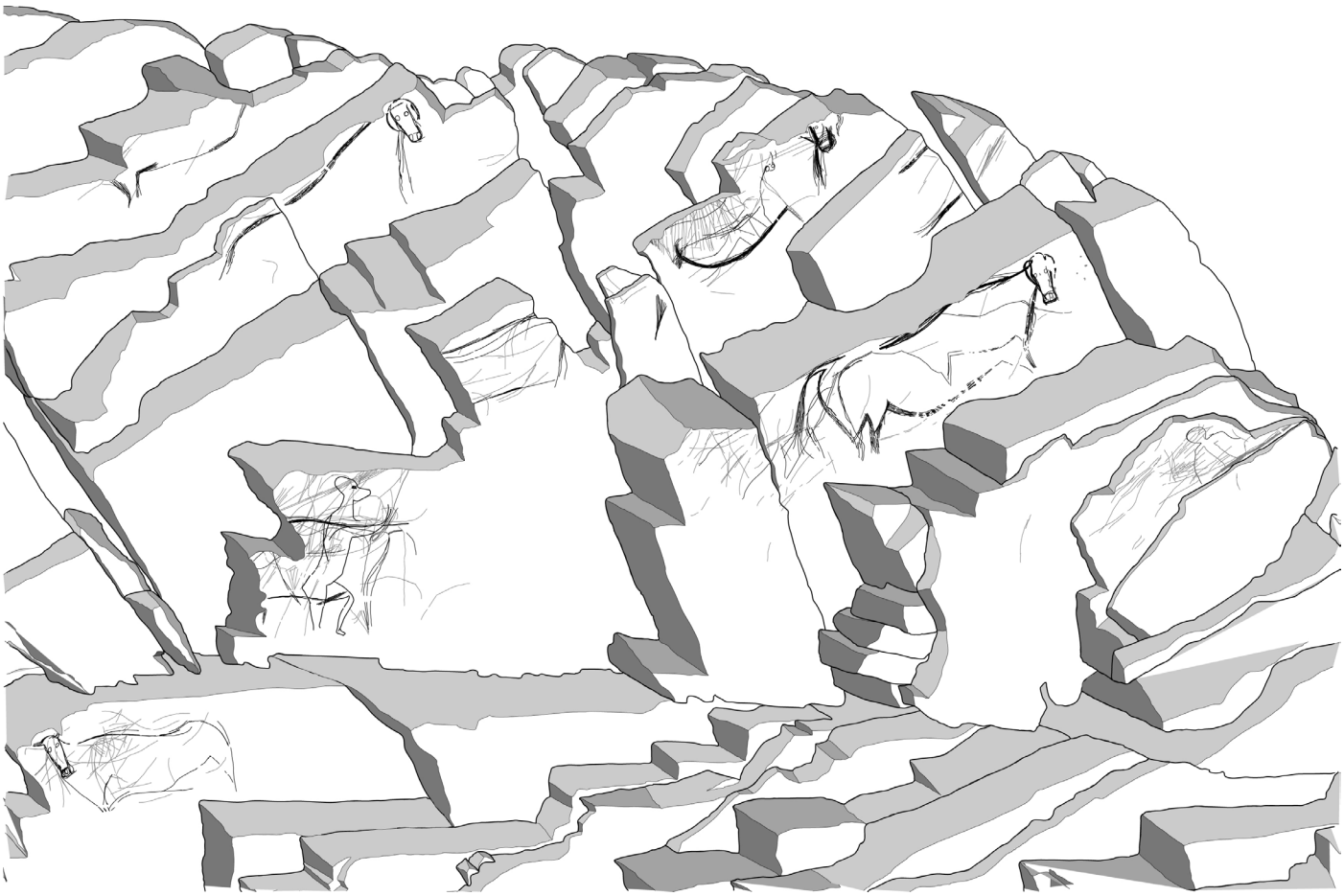


Fig. 2.1: Detalhe da rocha 24 de Piscos. O facto da maior parte destes painéis disporem de um auroque que nos olha de frente permite-nos inferir a necessidade da sua leitura conjunta (montagem efetuada a partir de decalques de F. Barbosa e foto do autor).

Estes problemas não são de agora e são inerentes ao estudo das associações nos dispositivos gráficos de qualquer época. Segundo Leroi-Gourhan dois grafismos consideram-se associados se se encontrarem sobrepostos, ou separados por uma distância menor que 40 cm, valor que corresponderia ao raio de um círculo definido por um braço aberto (Leroi-Gourhan, 1984b, 108). Ora, de facto, tomando este critério em consideração, o referido cervídeo da rocha 1 da Canada do

Inferno só se encontraria associado ao auroque **CI01-05**, o qual faria parte de uma composição composta pelos os restantes animais daquele espaço parietal. Mas se esta última é evidente, a relação que se estabelece entre **CI01-05** e **CI01-14** só com base no critério acima referido é mais discutível. Por outro lado, será que não há uma relação de associação entre as cabras-monteses **Pn03-01** e **Pn03-07** só porque se encontram a mais de 40 cm uma da outra?A questão das associações é altamente subjetiva e não somos nós que a vamos resolver. Neste trabalho, as composições — entendidas aqui como um conjunto de unidades gráficas relacionadas por associação mútua — serão definidas contextualmente pelo espaço gráfico[42] que conformam no espaço parietal. Assim, se na rocha 1 da Canada do Inferno encontramos duas composições, na rocha 24 de Piscos, apenas consideraremos uma. Cada um destes espaços é, portanto, uma área contextualmente definida pela composição que aí se encontra. Esta área em muitas das situações confundir-se-á com o painel tal como definido atrás, mas em outras distinguir-se-á bem, como nos casos referidos ou ainda em outros que, por se encontrarem muito destruídos, foram considerados como contendo apenas uma composição, pese embora hoje neles se reconheçam vários painéis, como é o caso da rocha 1 da Quinta da Barca. A nossa unidade de análise a esta escala é, portanto, não a do painel, mas a da composição.

Mas entre a rocha e a zona sentimos também necessidade de criar uma outra unidade espacial intermédia. De facto, tal como nas grutas, ocorrem ao ar livre concentrações de superfícies historiadas cujos "*emplacement choisis ont été cadrés en fonction de leurs particularités morphologiques et topographiques couplées*" (Vialou, 2004a, 12). Exemplos ilustrativos destas concentrações são a que se encontram na colina localizada a montante na Penascosa ou em torno do abrigo das Cabras na Canada do Inferno. Para designar esta unidade intermédia, adoptámos o termo "conjunto parietal". O termo "conjunto" foi utilizado por Alcolea e Balbín em Siega Verde (Alcolea & Balbín, 2006a, 43). Contudo, para estes investigadores, o termo não implica vínculos significativos. O nosso "conjunto parietal" tem implícita a existência desses vínculos, não só conformados pelas relações entre as figurações como pelas que se estabelecem entre estas e as particularidades morfológicas e topográficas referidas acima.

Assim, da paisagem até à unidade gráfica, trabalharemos com as seguintes unidades de análise: sítio, *locus*, zona, conjunto parietal e composição.

2.2. As unidades gráficas

Na nossa descrição, a unidade de análise mais circunscrita corresponde à unidade gráfica. O grau de objetividade na definição de cada uma destas unidades é, no entanto muito variável. Um auroque é mais objetivamente definível que, por exemplo, um tetiforme, mas como refere Vialou (2004a, 8) existe na arte paleolítica ocidental toda uma série de representações indeterminadas, a par de outras, que só são delimitadas e definidas *a priori*. É, aliás, este aspeto que leva Tosello (2003, 19) a preferir o termo entidade gráfica a unidade, uma vez que aquela é definida como um ente dotado de unidade material, sendo a sua existência objectiva fundada sobre relações. Compreendendo a opção daquele autor, preferimos continuar a utilizar o termo unidade gráfica, dada a generalização do mesmo na bibliografia.

Por uma questão de análise, podemos dividir o nosso *corpus* entre unidades gráficas figurativas e não figurativas, pese embora tenhamos noção, como Sauvet (1993a, 85) que tal distinção, embora compreensível no nosso contexto da modernidade ocidental, poderia não fazer qualquer sentido entre as sociedades paleolíticas europeias. Como figurativas entendemos as unidades gráficas que se conformam à forma de um objecto real (Lorblanchet, 1993b, 211). Como não figurativa consideramos as unidades gráficas que "não fazem aparentemente referência ao real" (Lorblanchet, 1993b, 211, nosso sublinhado).

2.2.1 As unidades gráficas figurativas

Dentro deste conjunto consideramos apenas as figuras zoomórficas e antropomórficas (Sauvet, 1993a, 83). Estas unidades encontram-se inventariadas e descritas nos anexos, sendo identificadas por um código que permite identificar

42 Recorremos, uma vez mais, a D. Vialou para caraterizar o espaço gráfico como aquele definido pelas unidades gráficas e pelo espaço vazio entre elas (Vialou, 2004a, 8).

o sítio, o número da rocha e o motivo (v. g. **CI16-01** corresponderá ao motivo 1 da rocha 16 da Canada do Inferno). Esta opção, utilizada também por M. Varela Gomes, na sua monumental obra sobre o Tejo (2010) tem duas finalidades: responder à necessidade de ao longo do texto chamarmos à colação determinado motivo de forma eficaz; e permitir a sua manipulação estatística. Também por esta razão, foi atribuído um código do mesmo tipo a cada figura de cada uma das estações estudadas por outros autores sobre as quais vamos trabalhar. Esta aposição reflete sempre o inventário original publicado; por exemplo, a figura 1 do painel 1 de Siega Verde aparece identificada como **SV01-01**.

Na descrição das unidades figurativas, na caracterização das variáveis utilizadas nas análises de correspondências, e nas referências ao longo do trabalho, procurámos sempre que possível recorrer aos termos anatómicos normalizados, quer para os animais quer para os humanos. Relativamente aos quadrúpedes, recorremos aos termos anatómicos definidos nos *Nomina Anatomica Veterinaria* (ICVGAN, 2012)[43]. Os termos referentes à topografia e direccionalidade anatómicas foram também aí recolhidos. Procurámos ainda, sempre que possível, utilizar os termos portugueses para as regiões dos animais, algo que se revelou relativamente fácil no caso dos cavalos (Cid, 1999) e dos auroques, para os quais adoptámos a terminologia utilizada para os touros (Cid, 2001). No caso das cabras-monteses, adoptámos a nomenclatura utilizada para o exterior das cabras domésticas (Serra, 1979), que corresponde, com algumas distinções, à da generalidade dos bovídeos. No caso dos veados, adoptámos a nomenclatura dos bovídeos, com algumas alterações e com a adição da terminologia específica para as hastes (Barroso & Rosa, 1999). Contrariamente aos mamíferos e às aves, não está estabelecida qualquer nomenclatura relativamente aos peixes. Deste modo, ater-nos-emos ao que vem publicado sobre a matéria no GRAPP (Lorblanchet, 1993a). Relativamente às aves estão também publicados os *Nomina anatomica avium* (Baumel, ed., 1993), pelo que também neste caso procurámos seguir a nomenclatura definida para a sua topografia externa e tegumentos comuns (Clark, Jr, 1993a; 1993b); para as traduções para português baseámo-nos (com algum espírito crítico) na tradução portuguesa da obra de Bruun, Delin e Svensson (2002). Para os humanos recorremos à *Terminologia Anatomica* (FICAT & IFM, 1998). Nos anexos, o leitor encontrará descrição mais detalhada do léxico adoptado.

Relativamente à perspetiva, acudimos aos conceitos definidos por Leroi-Gourhan (1984c, 134-135). Assim, considera-se que uma representação se encontra em *perfil absoluto* quando corresponde a uma infinidade de pontos que se distribuem por uma linha paralela ao sujeito representado (Fig. 2.2a); trata-se, nas palavras de Leroi-Gourhan do "estado 0 da perspectiva" (1984c, 134). Considera-se que uma representação está em *perfil biangular reto* (a perspetiva torcida de Breuil), quando alterna vistas de frente e de lado do sujeito representado, podendo alcançar-se desdobramentos até aos 90° (Fig. 2.2b) (Leroi-Gourhan, 1984c, 135). *Perfil biangular oblíquo* aplica-se a uma representação em que existe alternância de pontos de vistas, mas cuja diferença entre estes se apresenta próxima dos 45° (Fig. 2.2c), correspondendo à perspetiva semitorcida de Breuil (Leroi-Gourhan, 1984b, 136). Quando a representação está executada a partir de um só ponto de vista, situado um pouco atrás ou à frente do sujeito (Fig. 2.7) diz-se que está em *perfil uniangular* (Leroi-Gourhan, 1984b, 136). Alcolea e Balbín (2006a, 40) apontam a necessidade de distinção entre uma restituição irreal do espaço e uma real torção de um elemento anatómico de um animal, particularmente evidente em alguns casos em que se poderia sugerir a utilização do perfil biangular reto. A título de exemplo, refiram-se alguns dos auroque da rocha 24 de Piscos, cujas cabeças estão vistas de frente. No nosso caso, só nos referiremos a perfil biangular quando está em causa uma real distorção do espaço. No exemplo de Piscos, não definiríamos, portanto, a cabeça como representada segundo um perfil biangular reto.

Um outro aspeto a ter em conta na descrição das unidades gráficas figurativas é o da morfometria. Neste caso, durante a descrição das figuras, apenas faremos indicação do índice corporal das figuras, tal como proposto por Lión Valderrábano (1971, 33) relativamente aos cavalo[44]. No nosso caso será aplicado este índice a todos os quadrúpedes. Como foi referido por outros autores (Alcolea & Balbín, 2006a, 37), este índice não terá grande significado paleozoológico

43 A par do NAV foi de extrema importância a consulta da obra *Illustrated Veterinary Anatomical nomenclature* (Schaller, ed., 2007).

44 O índice corporal é dado pela seguinte fórmula $\frac{(L*100)}{(K*\pi)}$, sendo L a longitude escápulo-esquial e K a altura do tronco.

no que concerne às outras espécies, mas permite-nos a comparação intraespecífica dentro do quadro da iconometria proposto por Aujoulat (1993, 106). Outros índices poderiam ser usados; por exemplo, Pales & Saint Péreuse (1981, 35-45) propõem a utilização de 5 no estudo dos cavalos; Pigeaud (1997), para além de modificar ligeiramente alguns destes 5, acrescenta um sexto. Contudo, do estudo exaustivo que este autor tem vindo a efetuar sobre cavalos, ressalta a ideia de que o estudo das proporções não contribui para a inferência de cronologias (1997, 311), objectivo último da nossa análise. Deste modo, pensámos ser mais razoável um estudo morfométrico mais ligeiro, a aprofundar se os resultados entretanto obtidos assim o justificarem. Como se verificará mais à frente, o peso do índice corporal dos animais só por vezes e com algumas espécies parece ser pertinente para a caraterização formal das mesmas.

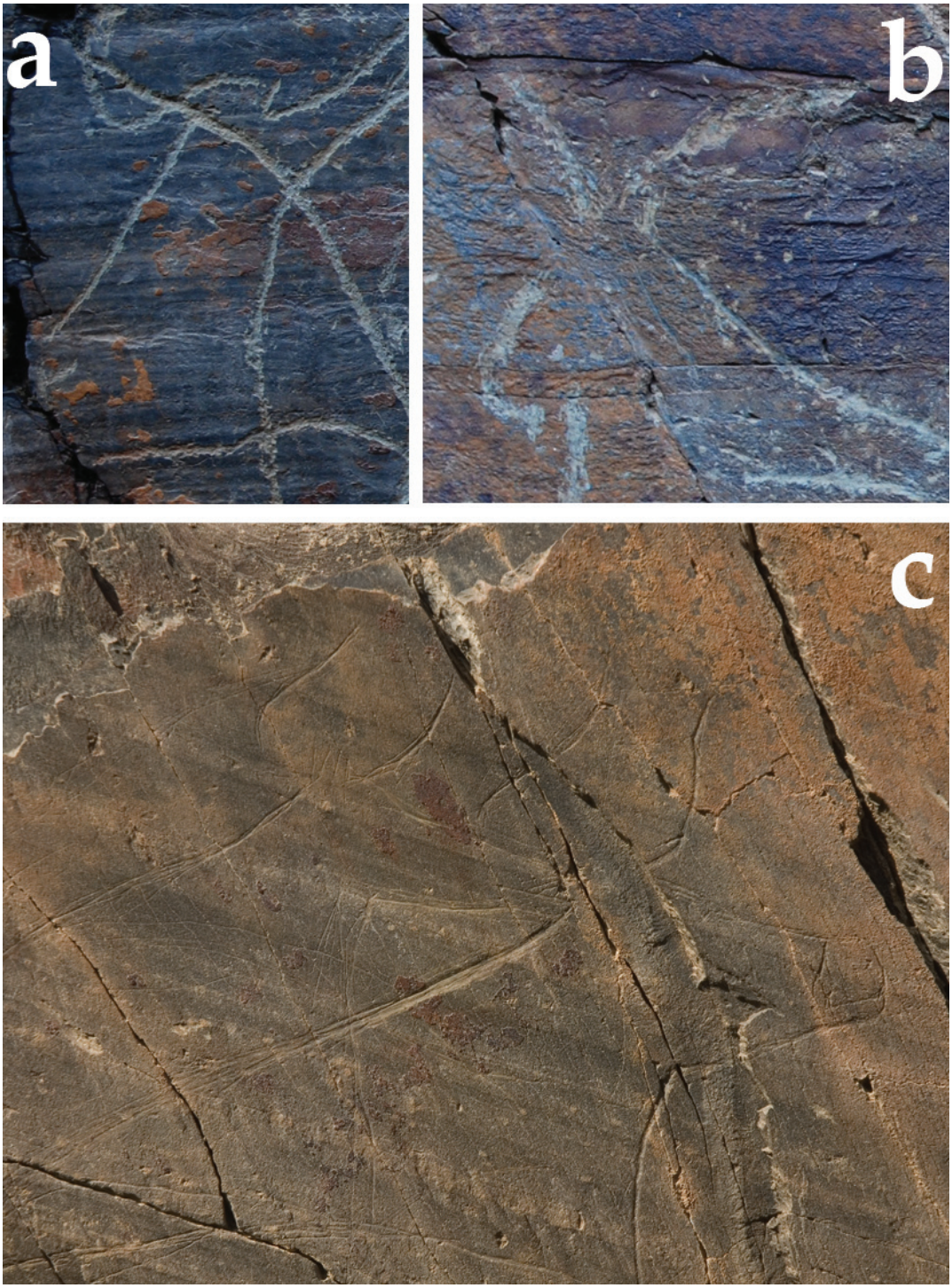


Fig. 2.2: a) auroque com um corno em perfil absoluto (Fariseu 1); b) macho de cabra-montês com os cornos em perfil biangular reto (Fariseu 1); c) dois auroques com os cornos em perfil biangular oblíquo (Piscos 24, painel 27).

2.2.2. As unidades gráficas não figurativas

Na bibliografia encontramos recorrentemente uma distinção entre "traços indeterminados" e "signos" (v. g. duas

obras generalistas relativamente recentes — Vialou, 1999, 258-259, 263-264; Sanchidrián, 2001, 254). Comecemos por tentar perceber o que são estes "traços indeterminados".

De acordo com Lorblanchet são "*traits ou des taches polymorphes, généralement multiples, souvent enchevêtrés et superposés, apparemment dépourvus de toute organisation interne*" (1993c, 235).

Para alguns autores, esta definição não será suficiente. Por exemplo, Vialou, considera que entre os traços indeterminados devemos distinguir dois grupos: um composto pelos elementos não estruturados e outro pelos estruturados (Vialou, 1986, 345). O que separa estes últimos das restantes figuras é o facto "*de leur nature exceptionnelle, unique, n'évoquant ni les types de signes rencontrés ni bien sûr les figures animales ou humaines*" (1986, 335). Se é (aparentemente) óbvio o que separa um conjunto de traços indeterminados de uma forma animal, poderá já não ser assim para o caso dos signos. Por exemplo, Vialou considera como signos os temas abstratos (1986, 347), distinguindo-os dos temas que poderão corresponder a uma "representação simbólica por transformação única [...] dum objeto ou de um ser" (1986, 347)[45]. Ou seja, o autor valoriza a reiteração das formas como critério para as definir como signos. Mas não poderão os conjuntos de traços indeterminados corresponder a formas que se repetem constantemente nos painéis, associadas entre si por sobreposição?

De facto, o que parece ressaltar das definições que temos vindo a referir é que a distinção entre "traços indeterminados" e signos tem mais que ver com a existência de formas definidas *a priori* que com a existência, *de facto*, dessa mesma distinção. Na verdade, se olharmos para um painel onde se encontram uma série de sobreposições de animais, conseguimos reconhecê-los uma vez que as suas formas entram nos nossos esquemas apriorísticos. Mas suponhamos que nos encontramos perante um painel onde o que se verifica é uma sobreposição de signos... ora, umas das características destes conjuntos de traços indeterminados é precisamente, como referimos acima, serem compostos por "*traits ou des taches polymorphes, généralement multiples, souvent enchevêtrés et superposés*" (Lorblanchet, 1993c, 235, nosso sublinhado). É, isso aliás, que explica a manutenção dessas mesmas distinções até aos dias de hoje. Neste sentido, será de destacar a opção de Collado, que no seu estudo de Molino Manzánez, na abordagem que faz às figuras "esquemáticas", não procede a qualquer tipo de distinção entre signos e traços indeterminados, criando, no entanto, duas categorias ("marañas" e "indefinido") que acabam por corresponder aos "traços indeterminados" usuais (Collado, 2006, 244-245). Se bem que não concordemos com a categorização destes motivos como esquemáticos[46], não deixamos de salientar a opção do autor de não proceder a uma separação entre signos e traços indeterminados.

Esta distinção entre signos e traços indeterminados coloca-nos perante outro problema, a saber — qual o papel destes grafismos na arte rupestre do paleolítico? Desta resposta dependeu, em larga medida, a valorização deste fenómeno gráfico ao longo da história da investigação. Assim, entre os primeiros investigadores, estes traços eram, de uma forma geral, simplesmente ignorados, na medida em que eram considerados como parasitas. Breuil, por exemplo, refere-os como "*un fouillis de gravures*", (1985 [1952], 159, fig. 122), "*entrelacs*" (1985 [1952], 253), "*macaronis*" (1985 [1952], 254), não deixando, na maior parte das vezes, de os ignorar totalmente (Lorblanchet, 1993c, 238).

Laming-Emperaire, como nos diz Lorblanchet (1993c, 238), considera que em Lascaux podem definir-se traços intencionais e outros acidentais. Relativamente aos primeiros é de notar que verifica que são muito mais finos e discretos que aqueles que configuram figuras, sobrepondo-se muitas das vezes a estes últimos (1962, 266). Este aspeto é interessante porquanto tal parece contradizer Breuil que considerava que a maior parte destes traços eram aurignacenses (v. g. 1985 [1952], 159, fig. 122). Ora, esta ilusão pode dever-se precisamente às características dos traço — sendo estes mais finos e menos profundos que os que definem figuras, parecem sempre sobrepostos por aquelas. A mesma situação tem levado a que no Côa se tenha vindo a considerar que todos estes grafismos ocupam sempre a base figurativa dos painéis (Baptista, 1999b, 25). Contudo, tal pode não ser assim; de facto, como em Lascaux, no Côa os "traços indeterminados" são sempre mais finos e menos profundos que aqueles que formam figuras (sejam elas picotadas ou mesmo incisas) o que poderá

45 Lorblanchet considera que a abstração "supõe uma intenção, um processo mental particular" (1993b, 211). Neste sentido a distinção de Vialou deixa de fazer sentido no contexto do pensamento deste último autor, porque os traços indeterminados poderão também eles corresponder a abstrações.

46 Porque, como defende Lorblanchet, "*une représentation est schématique lorsqu'elle réduit le modèle à ses traits essentiels. La schématisation est ainsi une interprétation du visible qui omet le fortuit pour mettre l'accent sur le permanent et l'essentiel*" (1993b, 211); ora, nada nas figuras categorizadas por Collado como esquemáticas pode ser considerado como vestígio do visível.

provocar a ilusão de uma sobreposição. Neste momento pensamos não poder dizer, apenas pela observação macroscópica, quais as relações estratigráficas que envolvem este tipo de motivos.

De qualquer modo, será de reter que Laming-Emperaire intui uma significação destes traços, admitindo que poderão corresponder a simulacros de golpes ou feridas, ou mesmo à destruição de figuras (1962, 266).

L. Pales, como refere Lorblanchet (1993c, 238-239), tem o condão de chamar a atenção dos investigadores para este tipo de grafismos, apelando a que não sejam ignorados nos levantamentos que se fazem (Pales, 1969, 44), apelo esse que, felizmente, se fez ouvir. Admite que estes traços "*ont pu avoir entre eux quelque relation dans l'esprit du graveur*" (1969, 29).

Leroi-Gourhan, também referido por Lorblanchet (1993c, 239) nunca utilizou a expressão. Contudo, identifica em ambientes subterrâneos o que chama de painéis de "contornos inacabados" (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 204-207); estes painéis situar-se-iam nas imediações das primeiras grandes composições e após os primeiros animais ou signos da entrada (*idem*, 204). Seriam compostos por "*de méandres, de faisceaux, de traits en "comètes", de lignes de bâtonnets gravés, de figures d'animaux souvent très incomplètes, mais parfois très finement exécutées*" (*idem*, 204). Mais à frente diz-nos algo de alta importância para a estratégia de inventariação de unidades não figurativas pela qual optámos: "*On trouve dans ces surfaces les mêmes sujets que dans les compositions centrales, mais exécutés avec moins de soin, le plus souvent réduits à des courbes dorsales d'animaux et à <u>des signes griffonnés</u>*" (*idem*, 205, nosso sublinhado). Para este autor, estes painéis seriam o testemunho mais cabal dos ritos que se passariam nas grutas, uma vez que refletiam as ações de gravar e acumular o mesmo tipo de figuras encontradas nas composições principais, ações essas levadas a cabo durante esses mesmos ritos (*idem*, 207). Refira-se ainda que Leroi-Gourhan chegou a considerar os "contornos inacabados" e feixes de traços como uma categoria de signos (1958, 314).

Lorblanchet, pela sua parte, considera um erro isolar este tipo de traços dos restantes motivos que compõem o "tecido gráfico" dos sítios (1993c, 240), encarando estas composições como manifestações gráficas de mitologias da criação, que refletiriam o nascimento das formas a partir do informe (*idem*, 240). É desta forma que ainda hoje interpreta, por exemplo, alguns conjuntos (designadamente digitados) de Pech-Merle (Lorblanchet, 2010, 166).

Lorblanchet (1993c, 240), no seu trabalho sobre os traços indeterminados refere ainda o trabalho de P. Foucher (1991). Um pouco na linha de Leroi-Gourhan, este autor considera os traços indeterminados como a expressão de ritos ligados às manifestações parietais. O próprio Lorblanchet tem vindo a valorizar esta interpretação, definindo como uma categoria de motivos as "marcas rituais". Destaque-se a este nível o seu estudo sobre a gruta de Roucadour (Lorblanchet, 2010, 335-365).

De tudo o que atrás foi dito, devem salientar-se alguns aspetos: a necessidade de não ignorar estes grafismos; a dificuldade da sua delimitação como unidades gráficas; a possibilidade de corresponderem a fenómenos que se prendem com comportamentos rituais sobre os painéis; a possibilidade (que não se opõe à anterior) destes conjuntos corresponderem a concentrações de motivos, figurativos ou não, que se encontram de forma mais definida noutros painéis.

No caso do Côa tem-se vindo a apontar a escassez de signos, a par de uma dificuldade "em isolar motivos quando não sejam bem objetivados" (Baptista, 2009a, 108), devendo-se tal à "profusão de linhas bastante comum em muitos dos painéis" (*idem*, 108), ou, dito de outra forma, à grande quantidade de traços indeterminados existentes no vale do Côa.

Os dois parágrafos anteriores justificam as opções que tomámos na inventariação a que procederemos: não distinguiremos "traços indeterminados" de "signos", sendo cada unidade identificada categorizada simplesmente como "unidade gráfica não figurativa". Assim, assumindo a hipótese de Leroi-Gourhan referida acima (a de que estes painéis correspondem a uma amálgama de motivos figurativos e signos), procuraremos identificar as unidades básicas que conformam estes conjuntos. Essas unidades corresponderão às formas apriorísticas que aparecem referidas na bibliografia como "signos". Ou seja, utilizaremos no estudo destes conjuntos a mesma estratégia que no estudo dos conjuntos que envolvem grandes concentrações de animais; simplesmente neste último caso as formas apriorísticas são as formas animais. Temos perfeita consciência da subjetividade imanente à identificação destas formas apriorísticas nos conjuntos de traços que estudaremos (Fig. 2.3), razão pela qual procuraremos explicar os critérios que se encontram na sua base. Estes são: critérios de simetria (v. g. um par de traços paralelos, uma forma cruciforme), critérios de convergência (v. g.

um ângulo); critérios técnicos (está o motivo por nós isolado constituído por traços de iguais características?) e critérios de reiteração. A relevância dos resultados acabará por ser testada mediante os testes estatísticos que daremos a conhecer perto do final deste trabalho.

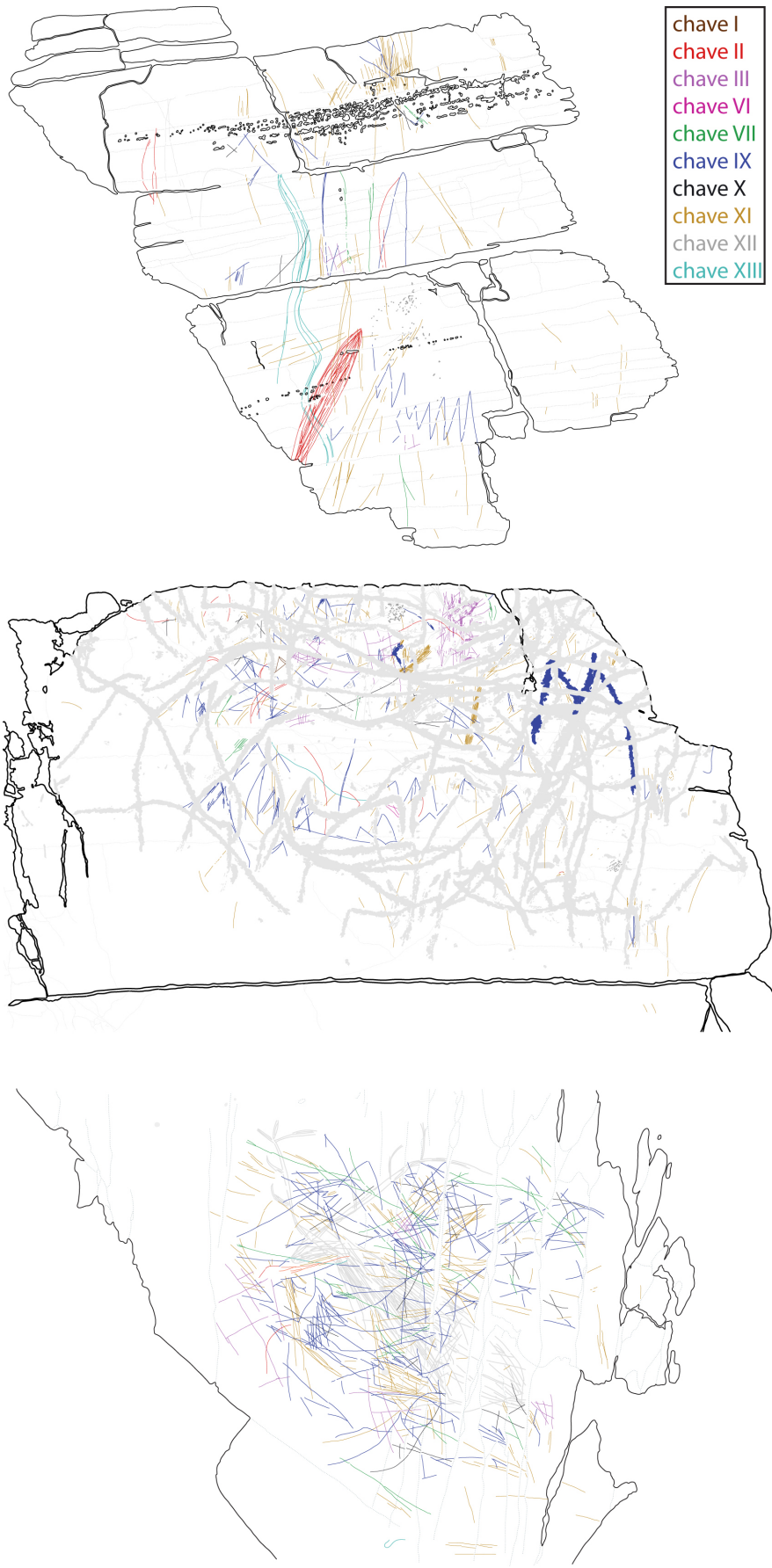


Fig. 2.3: Exemplos de unidades gráficas não figurativas por nós individualizadas nas rochas 8 do Fariseu (topo), 1 do Fariseu (meio) e 10 da Penascosa (base). Repare-se como a par da maior concentração de traços vem uma maior subjetividade no isolamento das unidades gráficas em causa.

Como referimos, as unidades básicas que procuraremos isolar são as formas comummente designadas como signos. O termo signo é utilizado em arte rupestre[47] desde pelo menos 1901, tendo sido introduzido por Capitan e Breuil durante uma das sessões de apresentação da gruta de Combarelles na Academia das Ciências francesa (Capitan & Breuil, 1901c, 1042-1043); como refere Sauvet (1993b, 219), o termo foi paulatinamente adoptado pelos pré-historiadores, sendo o seu uso praticamente universal. De acordo com Sauvet, considera-se como um signo "*tout tracé dans lequel nous ne reconnaissons pas d'intention figurative, sans que cela préjuge de l'existence ou non d'une telle intention*" (Sauvet, 1993b, 219). É interessante notar que dentro desta definição (também adoptada, por exemplo, por Alcolea & Balbín, 2006a, 32) cabem perfeitamente os chamados "traços indeterminados". Talvez, por isso, por si só esta definição não encontre uma aceitação tão generalizada. Por exemplo, Vialou, como vimos acima, chama a atenção para a reiteração, algo com que também concordamos.

Não nos querendo alongar sobre a evolução dos significados atidos aos signos ao longo da historiografia, algo sobre o qual já Sauvet se pronunciou (1993b), debruçar-nos-emos agora sobre o quadro tipológico de signos (no nosso caso, unidades gráficas não figurativas) que adoptámos ao longo deste trabalho. Comungando com Sauvet a necessidade de uma tipologia suficientemente ampla, para que os resultados sejam relevantes, e suficientemente reduzida, para permitir extrair conclusões de ordem estatística (1993b, 224), optámos pela tabela proposta por este autor e seus colaboradores (Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1977). Esta proposta foi também a adoptada por Alcolea e Balbín (2006a, 32) no estudo de Siega Verde, algo que é um fator de suma importância se pretendemos estudar a arte paleolítica de ar livre num contexto regional mais vasto.

Refira-se apenas que o sistema não será utilizado *tel quel* (Fig. 2.4). Desde logo acrescentaremos quatro subtipos à sua chave IX (IXaa: *chevron* apontado para cima com um lado maior que outro; IXab: *chevron* apontado para cima com projeção a partir do vértice; IXba: *chevron* apontado para baixo com um lado maior que outro; IXbb: *chevron* apontado para baixo com projeção a partir do vértice); por outro lado, pensamos que a sua chave XI deve ser dividida em subchaves mais discriminatórias. Assim, propomos a subdivisão desta chave em traços simples (XIa), pares de traços (XIb), feixes (XIc) e alinhamentos de traços (XId); finalmente refira-se a necessidade de acrescentar uma chave: a das linhas onduladas (chave XIII), que se deverá dividir entre ondulados (XIIIa) e meandros (XIIIb).

2.2.3. A técnica

No nosso caso, as modalidades técnicas com que as comunidades pré-históricas efetuaram os seus grafismos serão tidas em conta apenas como mais um elemento descritivo.

Uma destas técnicas corresponde à pintura. Embora a ocorrência desta técnica se encontre confirmada em Siega Verde (Balbín & Alcolea, 2009), os parcos vestígios neste sítio não permitem uma caraterização aprofundada da modalidade específica aí empregue. Esta caracterização só é possível em dois dos sítios de ar livre da nossa área de estudo. Um destes corresponde à rocha 6 da Faia (Baptista, 1999b, 154-157); aqui, a pintura vermelha cobre os traços picotados e abradidos que conformam a cabeça de quatro auroques, para além de configurar *per se* a delimitação interna do focinho de alguns destes animais. A modalidade deste traço pintado pode ser definida como "traço único ou contínuo" – "*un trazado continuo y uniforme que despeja la silueta del motivo*" (Sanchidrián, 2001, 206). O segundo caso corresponde à Fraga do Gato, em Freixo de Espada à Cinta (Baptista, 2009a, 226-229); aí, a par de um mustelídeo definido por traço único a vermelho, reconhece-se também uma ave da família *strigidae*; esta é pintada a negro, sendo definida pela modalidade do "traço modelado, modelante ou caligráfico" – "*se presenta continuo pero con diferentes grosores de la línea a lo largo de su trayecto, alternando sectores gruesos y delgados [...] con el fin de delimitar volúmenes y despieces anatómicos*" (Sanchidrián, 2001, 206-207).

Relativamente à gravura, foram reconhecidas no Côa as modalidades da "picotagem, com ou sem prévia incisão do motivo com traço fino, picotagem e abrasão, incisão fina simples e de traço múltiplo, com acentuação ou não dos corpos dos animais e [...] raspagem" (Baptista, 2009a, 76). Em texto anterior, Baptista aprofunda mais estas distinções (1999b, 24-29). Nos textos em que são publicadas as restantes estações portuguesas não se percebe qualquer alteração

47 Para uma elucidação breve do conceito em semiótica, consultar Sauvet, 1993b, 219.

a este esquema. Já em Domingo García, os autores responsáveis pelo seu estudo identificam a picotagem e, ao nível da incisão, o traço simples, o traço estriado, o traço descontínuo, o traço múltiplo e o traço raspado (LEP, 1999c, 212). Em Siega Verde foram considerados (Alcolea & Balbín, 2006a, 33-35): ao nível da incisão o traço simples único, o traço simples repetido, o traço estriado, o traço raspado e o traço angular profundo; ao nível do picotado o contínuo e indireto, o contínuo e indireto de inserção oblíqua e perpendicular, o direto e descontínuo, o direto e descontínuo de inserção oblíqua e perpendicular, o picotado contínuo e indireto seguido de abrasão e o aproveitamento de acidentes naturais.

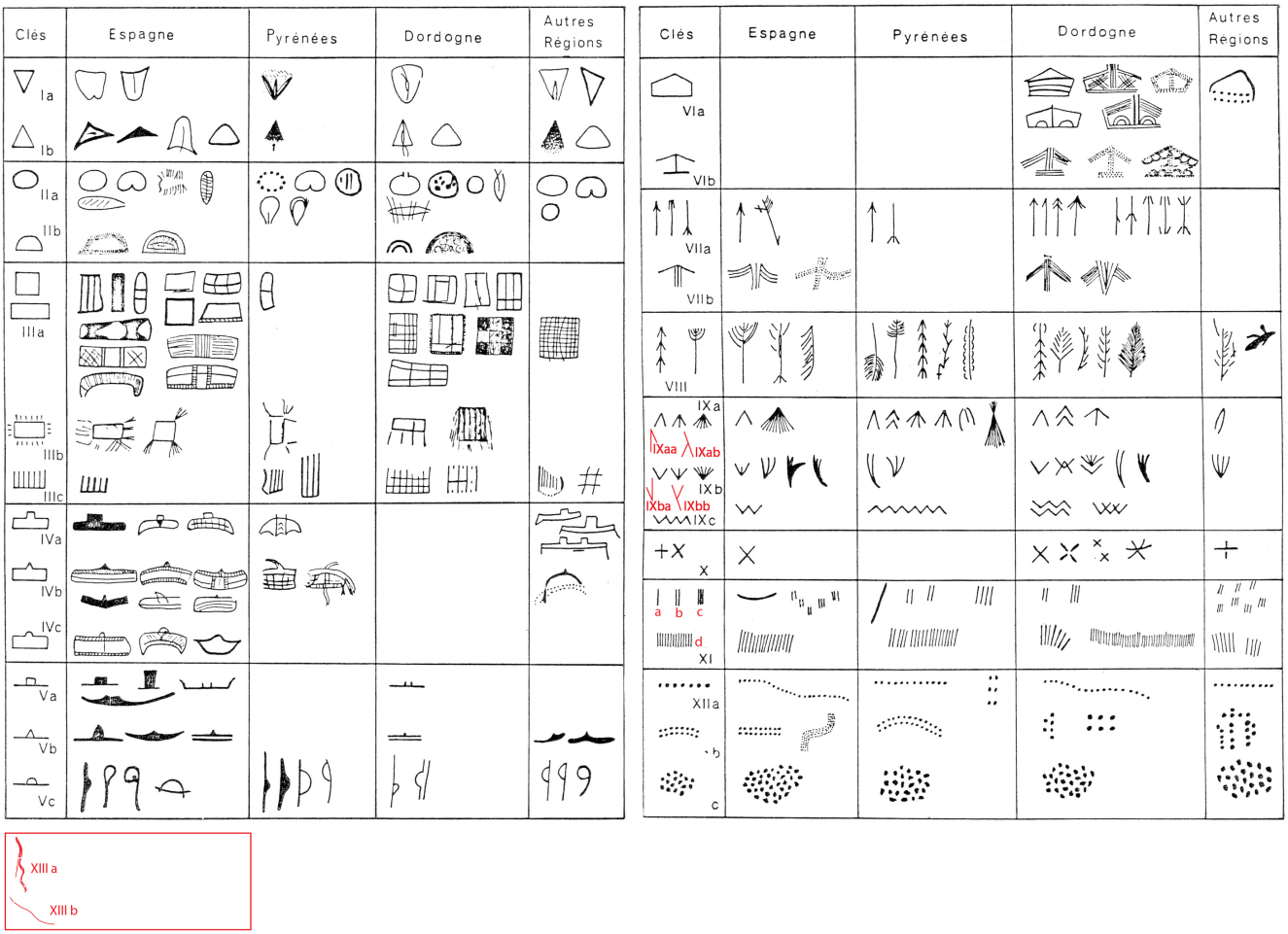


Fig. 2.4: A tabela tipológica de signos de Sauvet, Sauvet & Wlodarczik (1977), com as nossas atualizações marcadas a vermelho.

Dados os nossos objetivos, tentámos definir um número de modalidades suficientemente amplo para que uma análise de conjunto seja representativa e suficientemente reduzido de forma a possibilitar o seu tratamento estatístico. Passemos então a descrever cada uma dessas modalidades:

Picotagem A (Fig. 2.6a): resulta da martelagem da superfície, correspondendo portanto a um traço formado pela "*adjonction de cupules coalescentes, jointives ou disjointes*" (Féruglio, 1993, 270). No nosso caso faremos uma distinção com base no grau de adjunção entre os negativos; consideraremos assim um "picotado A" quando o grau de adjunção é grande, conformando traços de perfil regular. Corresponde às variantes contínuas de Alcolea e Balbín (2006a, 34)[48].

Picotagem B: resulta do mesmo processo que a modalidade anterior, sendo aqui menor o grau de adjunção entre motivos, conformando-se assim traços de perfil bastante mais irregular. Corresponde às variantes descontínuas de Alcolea e Balbín (2006a, 34). Como se verifica, a diferença entre as duas modalidades de picotado é de grau. Este facto explica as diferenças que se podem encontrar entre a nossa classificação de alguns motivos de Siega Verde e a proposta por Alcolea e Balbín (2006). De facto, alguns motivos que no universo exclusivo de Siega Verde podem ser descritos como executados pela modalidade "A", serão melhor categorizados como "B" se tivermos em conta igualmente o universo do Côa.

48 Considerámos irrelevante a distinção entre picotagem direta e indireta porquanto um gravador experimentado consegue gravar traços contínuos de forma direta, tal como comprovado por experimentação levada a cabo pelo nosso colega e amigo Fernando Barbosa.

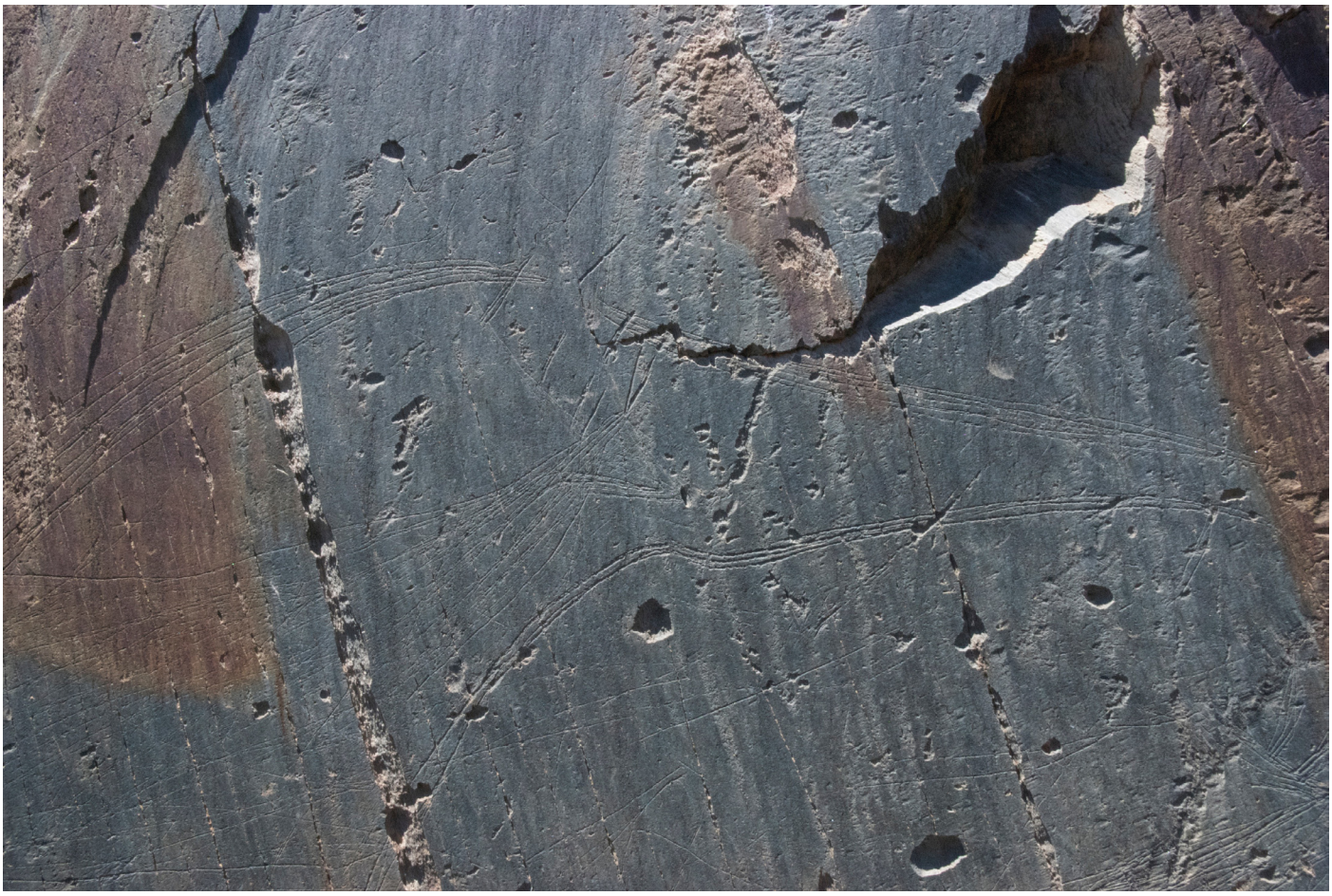


Fig. 2.5: Cabeça de cavalo definida por contorno múltiplo e veado inciso preenchido pelo estriado invasor (Quinta da Barca 23).

Abrasão (Fig. 2.6a): usualmente é um procedimento que se dá após o referido anteriormente; corresponde a um traço regularizado pela fricção repetida de um utensílio sobre o mesmo traçado, podendo dar origem a sulcos polidos de secção em V ou em U (Alcolea & Balbín, 2006a, 35). O "traço angular e profundo" destes últimos autores é definido por nós também como abrasão, neste caso não precedida de picotagem

Incisão simples (Fig. 2.6b): corresponde a um traço inciso resultante de uma só passagem do utensílio (Féruglio, 1993, 270).

Incisão reiterada (Fig. 2.6c): corresponde ao *tracé à passage multiple* de Féruglio (1993, 270), ao traço múltiplo do LEP (1999c, 212) e ao traço simples repetido de Alcolea & Balbín (2006a, 33); um traço é assim caracterizado quando "*est obtenu par répétition de traces simples accolés ou superposés*" (Féruglio, 1993, 270).

Incisão múltipla (Fig. 2.5): termo utilizado para caraterizar perímetros de figuras definidos por múltiplos traços. Diferencia-se da modalidade anterior por não implicar o aprofundamento ou alargamento do traço principal que a anterior implica (Féruglio, 1993, 270). Trata-se do procedimento que quer o LEP (1999c, 212), quer Alcolea & Balbín (2006a, 33), quer Féruglio (1993, 270) denominam de estriado; não o utilizamos neste contexto precisamente pela confusão — referida por Alcolea e Balbín — que pode causar a identificação desta modalidade com a denominação aplicada a "*determinadas representaciones muebles y rupestres cantábricas*", confusão essa que já ocorreu no caso do Côa (Baptista, 1999b, 25-27)[49].

Estriado[50] parcial (Fig. 2.7): aplica-se quando identificamos partes do corpo do animal preenchidas por incisões múltiplas. É uma das características das gravuras estriadas cântabras de Almagro (1981, 62)[51]. Chamamos, no entanto,

49 Neste sentido ganha toda a pertinência a chamada de atenção que Baptista faz (1999b, 27-29) aos cuidados de Lorblanchet nesta matéria: "*les gravures « striées » […] sont principalement des gravures des biches en tracé multiple et à remplissage hachuré, découvertes sur les parois d'une dizaine de grottes […] et sur une quarantaine d'omoplates gravées provenant de niveaux d'habitats bien datés*" (1995, 61).

50 Ao que chamamos nós estriado designam o LEP (1999c, 212) e Alcolea & Balbín (2006a, 35) como raspado.

51 Os "gravados estriados" correspondem à segunda fase do traço múltiplo de Almagro (1981, 62). Segundo este autor poderíamos ainda identificar uma fase anterior que o autor denomina de "*trazo desmañado*" (1981, 60-61) — que tecnicamente seria definido pela nossa incisão múltipla — e uma fase posterior ("*grabado abigarrado*") que se distinguiria por todo o corpo dos animais desta fase estar preenchido por incisões múltiplas; ou seja cujo preenchimento seria caracterizado por

a atenção de, *per se*, esta técnica não chegar para definir um estilo, uma vez que, como demonstram algumas placas do Fariseu esta modalidade foi empregue também nos finais do Paleolítico, alguns milhares de anos após aquelas gravações cântabras.

Estriado invasor (Fig. 2.5): aplica-se quando o preenchimento por intermédio da incisão múltipla se observa sobre todo o corpo do animal.

Raspagem (Fig. 2.8): é resultante da remoção da superfície da rocha mediante o "brunir" da mesma; como refere Féruglio (1993, 270-271), mais que um traço, procura-se uma superfície contrastante com o suporte.

2.2.4. As sobreposições

A sobreposição é, como referimos atrás, um dos tipos de associação entre figuras definidos por Leroi-Gourhan (1984b, 108). Se aqui voltamos à questão das sobreposições, tal deve-se à necessidade de explicitar desde já, não só algumas opções metodológicas relativamente à nossa descrição da arte paleolítica do Vale do Côa (que se encontra nos anexos), mas tecer algumas considerações que ecoarão ao longo do corpo do trabalho, designadamente quando tratarmos da estratigrafia parietal de algumas rochas (subponto 2.2.6.1).

Uma das grandes dificuldades da análise das sobreposições tem que ver com o sentido das mesmas quando estas envolvem figuras definidas por diferentes tipos de traços incisos, ou envolvem figuras incisas e outras picotadas (ou abradidas); na verdade, já nos apercebemos que uma análise macroscópica do painel poderá não ser suficiente para a identificação da sequência de gravação de dois ou mais motivos[52]. Um bom exemplo deste problema é-nos dado pela rocha 22 da Quinta da Barca (Fig. 19 do inventário); aí um quadrúpede estriado (**QB22-07**) parece sobreposto pelo garrote e dorso de um equídeo (**QB22-03**), uma vez que o traço picotado deste parece cortar aquele; contudo, uma análise da orientação das incisões que conformam o quadrúpede permite-nos observar que ele foi condicionado pela existência prévia do traço definidor do dorso do equídeo. Neste caso a sequência de gravação dos motivos é-nos dada pela observação de outros aspetos (designadamente a orientação das incisões relativamente ao traço picotado) que não o interface entre os traços de ambas as unidades gráficas; dado que o traço picotado é mais profundo que os incisos, estes não chegaram a gravar o fundo daquele; por outro lado, a sua pré-existência levou a que os traços do pescoço do quadrúpede sejam por ele interrompidos, sendo o tronco do animal já definido por traços incisos paralelos ao dorso do cavalo.

A segunda observação que queremos fazer relativamente às sobreposições tem que ver com as características dos painéis intensamente gravados com gravuras sobrepostas entre si. Nestes casos, a par da reutilização de traços de um animal para a definição de um outro[53], observa-se o reavivamento de traços definidores de um dado animal após a gravação de um outro. Este fenómeno, obrigou-nos à utilização do método de Harris (Harris, 1979) para o estudo destas grandes composições (Aubry, Santos & Luís, 2014), estratégia essa que já tinha sido utilizada por outros autores em casos menos complexos (Chippindale & Taçon, 1993; Loubser, 1996; Gomes, 2010; Hernando, 2010). A matriz resultante da aplicação do método só se apresentará nos anexos, e apenas nos casos em que a intensidade de sobreposições o justifique.

2.3. As análises estatísticas multivariantes

As análises deste tipo, como a análise de correspondências ou a análise de *clusters*, correspondem a procedimentos desde há muito utilizado em Arqueologia (v. g. Binford & Binford, 1966; Renfrew & Bahn, 1993, 185), e muito particularmente nos estudos de arte rupestre (Layton, 2009 [1992]). Correspondem a procedimentos que visam

aquilo que nós chamamos de estriado invasor (*vide infra*). Refira-se, no entanto, que a definição de gravado estriado já tinha sido apresentada por Jordá, definição essa que passamos a transcrever pelo eloquente que é: "*Se trata de dibujos realizados al buril, en los que se tiende a rellenar ciertas partes del interior de la figura con una serie de líneas que unas veces forman masas de rayados paralelos y otras se agrupan en haces apiramidados. Mediante tal procedimiento se logra producir el efecto de masa y corporeidad, con lo cual nos encontramos ante una nueva técnica […] que intenta expresar una tercera dimensión y que al crear zonas con rayado de claroscuro y zonas sin él, llega a producir efectos distintos a los puramente lineales y planos*" (1964, 12, nosso sublinhado).

52 Já Breuil alertava para o facto de, por vezes, "*le silex ait sauté d'un bord à l'autre de l'incision ancienne sans pénétrer à l'intérieur, de sorte que l'ordre de superposition reste incertain et devra être établi par comparaison*" (Breuil, 1985 [1952], 38). Também Laming-Emperaire chamou a atenção para a dificuldade em observar as sobreposições entre motivos gravados (Laming-Emperaire, 1962, 45). Já Leroi-Gourhan considerava não só difícil o estudo das sobreposições que envolviam gravuras como também o das que envolviam pinturas (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 147).

53 Fenómeno identificado por Alcolea & Balbín (2006a, 43) como uma associação por imbricação.

"interrogar" grandes conjuntos de dados, compostos por objetos, cada um com determinados atributos. A análise de correspondências pretende identificar que atributos se correlacionam mais entre si mediante o cálculo do coeficiente de correlação entre cada par de atributos e a análise de *clusters* permite o agrupamento dos objetos com base na similitude dos mesmos, similitude essa que é dada pela maior ou menor existência de atributos em comum em cada um deles. Esta partição em *clusters* (ou classes), deve ser pois precedida de uma análise de correspondências, através da qual se calcule a similitude entre cada par de objetos do conjunto, que no nosso caso, é dada pela distância euclidiana[54].

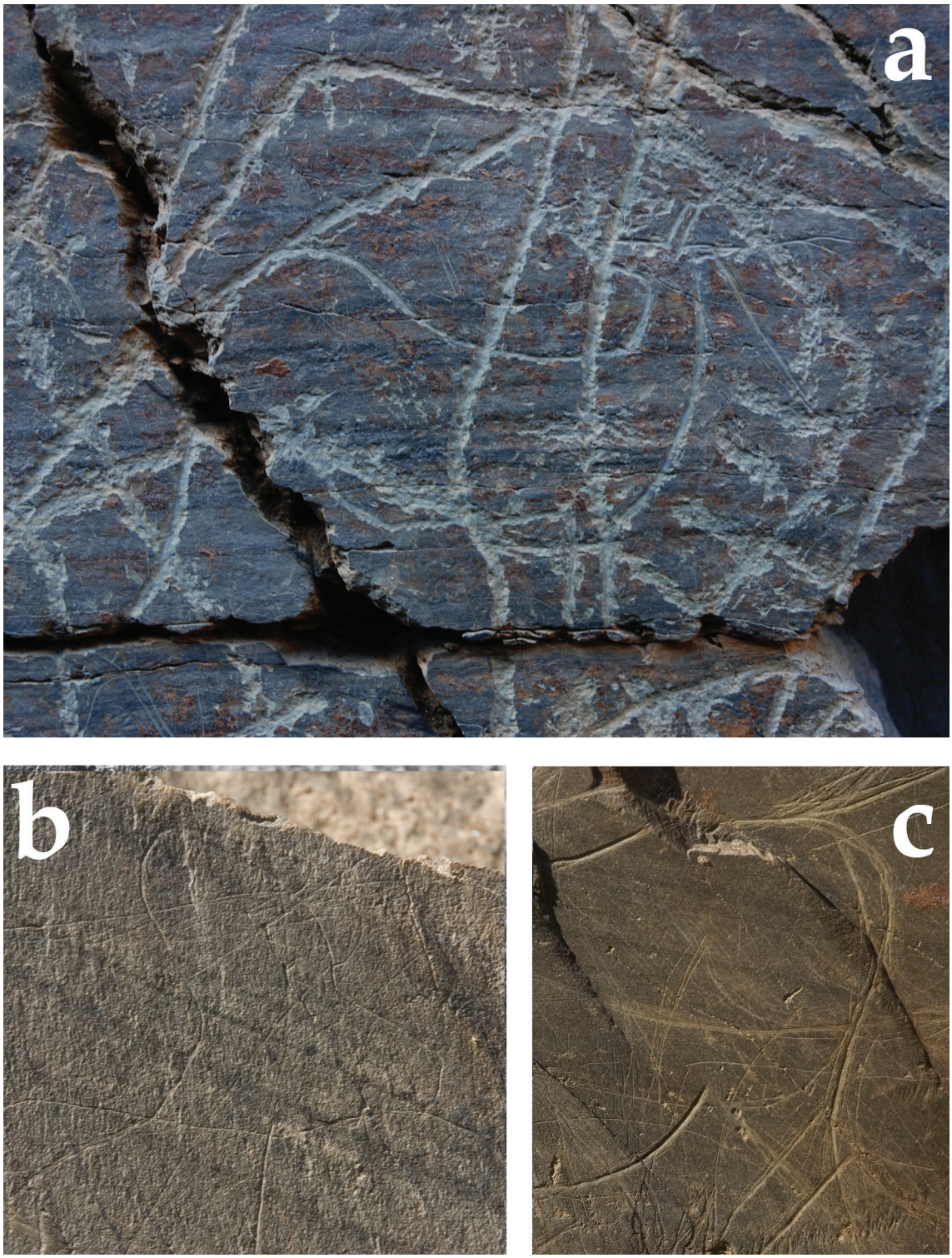


Fig. 2.6: a) cabeça de auroque picotada e veado abradido (Fariseu 1); b) cabeça de antropomorfo definida por incisão simples (Piscos 24, painel 7); c) quartos traseiros de auroque definido por incisão reiterada (Piscos 24, painel 27).

54 Dada pela fórmula $D_{1,2} = \sqrt{\Sigma(X_{j,1} - X_{j,2})^2}$, sendo D1,2= à distância euclidiana entre os objetos 1 e 2, Xj,1= ao valor da variável J do objeto 1 e Xj,2= ao valor da variável J do objeto 2 (v.g. Drennan, 2009, 273).

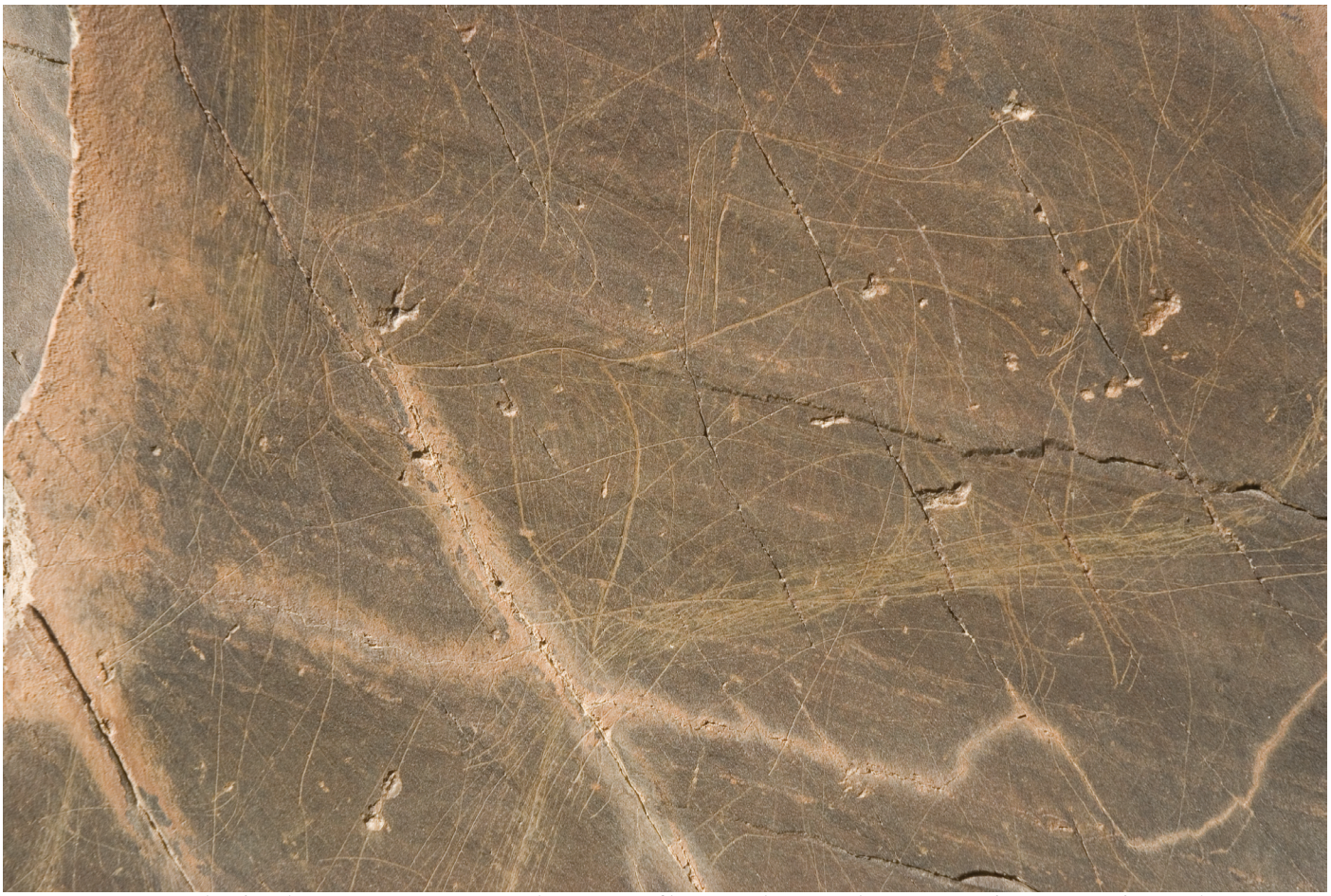


Fig. 2.7: Macho de cabra-montês com os membros em perfil uniangular, parcialmente estriado na região dos antebraços e coxas (Piscos 24, painel 3).



Fig. 2.8: Bordo cérvico-dorsal de auroque, definido por raspagem (Piscos 24, painel 22).

Os atributos (ou variáveis) dos objetos podem ser de diferente natureza, condicionando essa mesma natureza o tipo de análise a que se procederá. Assim, os atributos podem ser mensuráveis, binários, ou corresponder a categorias que podem, por sua vez, relacionar-se hierarquicamente entre si (Drennan, 2009, 267). Os atributos são mensuráveis quando quantificáveis ou binários se restringidos a duas variantes autoexclusivas (por exemplo "presença/ ausência"). São considerados categorias se contém mais que duas variantes autoexclusivas (por exemplo "ausente/ olho circular/ olho amendoado"). Estas por sua vez podem fazer parte de uma escala de grandeza, relacionando-se hierarquicamente entre si (por exemplo "frio/ temperado/ quente").

Nós trabalharemos com variáveis mensuráveis e com categorias. Quando pretendemos estudar a relações entre variáveis mensuráveis da mesma natureza, efetuaremos uma Análise de Correspondência Simples; quando estivermos a estudar variáveis mensuráveis de diferente natureza, procederemos a uma Análise das Componentes Principais; quando as variáveis corresponderem a categorias, a análise mais adequada é a de Correspondências Múltiplas" (Husson *et al.*, 2013).

A Análise de Correspondências Múltiplas, na medida em que trabalha sobre categorias (isto é, variáveis autoexclusivas) mais não é que uma análise de correspondências efetuada sobre uma matriz binária (de 0 e 1). No caso, em que as categorias de uma variável são apenas duas (v.g. presença/ ausência estriado invasor), apenas é criada uma coluna em que 1 é presença e 0 ausência. Mas se as categorias forem mais que duas por variável (por exemplo, ausência de olho/ olho circular/ olho amendoado), são criadas tantas colunas quanto categorias, sendo cada uma delas transformada numa variável independente (presença/ ausência de "ausência de olho", presença/ ausência de "olho circular", presença/ ausência de "olho amendoado"), pese embora a presença de uma destas categorias implicar a ausência das outras duas (daí serem autoexclusivas). Como é lógico, temos aqui um número "inflacionado" de colunas, o que por sua vez vai provocar quer uma inflação da inércia total da série (a soma das inércias de cada dimensão), quer uma severa subestimação da percentagem da inércia explicada pela primeira dimensão (Abdi & Valentín, 2007)[55].

Para termos uma ideia mais realista da inércia expressa nos nossos gráficos há que corrigir os autovalores de cada dimensão recorrendo à fórmula proposta por Benzécri (Benzécri, 1979 *apud* Abdi & Valentín, 2007)[56] e, a partir dessa correção, calcular uma percentagem da inércia mais aproximada da realidade, a partir de fórmulas proposta por Greenacre (Greenacre, 1983 *apud* Abdi & Valentín, 2007)[57]. Nos gráficos por nós construídos serão apresentadas as percentagens das inércias não corrigidas e corrigidas (estas últimas, entre parêntesis retos).

A Classificação Hierárquica Ascendente, também conhecida por Análise Hierárquica de Clusters (Drennan, 2009, 309-310), corresponde a um processo aglomerativo em que se vão emparelhando os indivíduos mais parecidos entre si, e cada par destes com os mais parecidos, tudo isto em sucessivas combinações que vão formando classes cada vez maiores até se chegar a apenas um *cluster* com todos os indivíduos (*idem*, 310). Este processo tem como resultado um dendrograma que, nos nossos casos, se construirá recorrendo-se ao critério de Ward (Husson, Josse & Pagès, 2010, 4). A classificação propriamente dita parte do número de classes inferido a partir da leitura do dendrograma (*idem*, 4). Se estivermos a trabalhar com uma amostra composta por um número substancial de indivíduos, após a definição do número de classes, a atribuição de cada indivíduo a cada uma delas será conseguida mediante a aplicação do algoritmo "K-médias" (*idem*, 4-5)

---

55 A inércia de cada dimensão corresponde à percentagem da variabilidade de um conjunto de dados expressa pela distribuição dos objetos ao longo do seu eixo.

56 Sempre que os autovalores sejam menores ou iguais que 1/K (sendo K o número de variáveis), devem ser corrigidos para 0. No caso de serem superiores àquele valor deve-se utilizar a seguinte fórmula $_c\lambda_\ell = \left[\left(\frac{K}{K-1}\right)\left(\lambda_\ell - \frac{1}{K}\right)\right]^2$, sendo λ_ℓ o autovalor corrigido, λ_ℓ o autovalor dado pelo programa e K, como acima, o número de categorias.

57 Segundo este autor, uma melhor aproximação da percentagem da inércia à realidade do que se está a analisar é conseguida pela seguinte fórmula $\tau_c = \frac{c\lambda}{\bar{\varphi}}$, sendo τ_c a percentagem da inércia corrigida e $\bar{\varphi}$ a inércia média dos blocos fora da diagonal da matriz de Burt. Calcula-se mediante a seguinte fórmula $\bar{\varphi} = \frac{K}{K-1} \times \left(\sum_\ell \lambda_\ell^2 - \frac{J-K}{K^2}\right)$, sendo J o total das categorias de todas as variáveis.

no mapa fatorial[58]. Esta consolidação corresponde a um processo iterativo que pode ser descrito da seguinte forma: após a definição do número de classes é calculado o centróide de cada uma destas no mapa fatorial; em seguida são agregados a cada classe os indivíduos que se encontram mais perto desse centróide; este é recalculado e o processo volta-se a repetir até a convergência ser alcançada. Nestes casos, o resultado do dendrograma pode não ser igual ao representado no mapa fatorial, servindo o primeiro apenas como base para a escolha do número de classes a definir.

Em jeito de informação complementar, o índice corporal dos indivíduos será tido em conta enquanto variável quantitativa suplementar nas Análises de Correspondências Múltiplas a que procederemos no próximo capítulo. Este tipo de análise não permite o cálculo de dados quantitativos mas permite perceber a relação de variáveis desse tipo com as restantes, assim como o peso que teria na distribuição dos indivíduos. Poderíamos utilizar as tradicionais categorias de animais brevilíneos, mediolíneos ou longilíneos, que partem desses mesmos valores. Tal não foi, no entanto, a nossa opção, devido essencialmente a duas questões fundamentais: por um lado, a equivalência entre determinados valores do índice corporal e aquela classificação só se aplica aos cavalos (Lión Valderrábano, 1971, 33-34); por outro, e como referimos atrás, pensamos que este valor é desprovido de qualquer significado paleozoológico, sendo apenas útil em termos de comparação intraespecífica. Sendo assim, será melhor procedermos a uma comparação que seja mais rigorosa e menos arbitrária que uma que apenas considera três variantes com base na figura ideal de um cavalo atual.

Para procedermos a estas análises utilizámos a linguagem R (R Core Team, 2016). Os pacotes informáticos a que recorremos foram o FactoMineR (Husson *et al.*, 2013) e o missMDA (Husson & Josse, 2013). Os gráficos resultantes da utilização destes programas foram em seguida manipulados em programa de desenho vetorial de forma a melhorar a sua leitura. Os cálculos dos valores corrigidos das inércias dos gráficos resultantes da várias Análises de Correspondências Múltiplas a que procedemos foram por nós calculados, a partir das fórmulas de Benzécri e Greenacre, expostas nas notas 15 e 16 do presente capítulo. O método utilizado para lidar com os valores em falta foi o "Average" (Husson *et al.*, 2013, 28).

58 Sempre que tal ocorra, o leitor será informado da sua utilização.

3. A classificação do *corpus* gráfico

No capítulo que agora começamos pretende-se proceder à classificação das unidades figurativas que compõem o nosso *corpus* de estudo, com base na sua similitude formal. Esta classificação é, no fundo, o objetivo primevo dos tradicionais estudos estilísticos, podendo nestes trabalhos cada estilo ser considerado como uma *classe* de motivos agrupados com base na sua similitude formal. Se não intitulámos este capítulo como "classificação estilística", tal deveu-se simplesmente ao facto de que um estudo estilístico, hoje em dia, não se ficar pelo estudo dos atributos formais de um corpo de motivos, devendo estender-se a todo o processo de produção de uma "obra", processo esse ao longo do qual se pode observar evidências de comportamento estilístico (Domingo & Fiore, 2014, 7109). De acordo com as autoras atrás citadas, uma abordagem estilística da arte pré-histórica deve integrar uma análise formal, uma análise tecnológica e uma análise funcional (*idem*, 7110).

Tendo em conta as definições destas autoras, a classificação a que procedermos não pode, de facto, ser considerada estilística. Contudo, no contexto específico dos estudos da arte paleolítica, a análise estilística tem uma conotação algo diferente e muito mais restrita. Na verdade, os principais critérios de análise estilística na arte paleolítica europeia são critérios técnicos e morfológicos que tendem a centrar-se mais nas figuras que no painéis, tendo em vista essencialmente a atribuição cronológica daquelas (Francis, 2001, 231). A nossa abordagem também por aí, se insere nesta tradição, porque embora tenhamos consciência de que uma abordagem deste tipo nos possa ajudar a problematizar outras questões, a ela procedemos com o intuito principal de nos ajudar a precisar a diacronia das manifestações gráficas sobre as quais nos debruçaremos. Neste sentido, a caracterização como "estilística" da nossa classificação não era descabida, e pese o facto de não a termos adjetivado como tal, não podemos ignorar, ainda assim, o contexto do "campo do saber" no qual nos movemos.

Desta forma, sentimos necessidade de preceder a nossa análise de um ponto onde se recordará o lugar das abordagens estilísticas nos estudos da arte paleolítica. Este ponto encontrar-se-á dividido em dois: um primeiro onde se abordam as principais propostas anteriores ao advento das datações diretas de pinturas paleolíticas nos finais do século XX; um segundo, onde se procura descrever o debate que se tem vindo a dar desde aquela altura até aos dias de hoje, e que teve como factor de ignição a divulgação dos primeiros resultados das referidas datações (v.g. Lorblanchet & Bahn, dirs., 1993; Clottes, 1995; Lorblanchet, 1995, 241-256; Francis, 2001). O primeiro destes subpontos encontra-se, por sua vez dividido em três, onde se resumem as três propostas cronoestilísticas que consideramos mais influentes nos estudos da arte paleolítica europeia.

O segundo ponto debruçar-se-á sobre a nossa classificação propriamente dita. Encontrar-se-á dividido em três subpontos, que se debruçarão respetivamente sobre: a seleção das amostras e das variáveis por nós analisadas; o resultado das análises; a validação dos resultados mediante o seu confronto com as evidências materiais. O segundo subponto está dividido em cinco, onde se apresentam os resultados para cada um dos temas analisados (cavalos, auroques, cabras-monteses, veados e cerva) e o terceiro dividido em dois, dedicados às evidências provenientes da estratigrafia parietal e da geoarqueologia.

3.1. As abordagens estilísticas nos estudos de arte paleolítica

3.1.1. Antes das primeiras datações diretas de pinturas

3.1.1.1. Breuil

Desde os primórdios da investigação em torno da arte paleolítica, que os investigadores tentaram integrar os elementos que iam aparecendo num quadro diacrónico preciso. A primeira tentativa digna de monta deve-se a Breuil, que logo em 1905 apresenta ao primeiro *Congrès Préhistorique de France* uma proposta de periodização da arte paleolítica até então conhecida, considerando a existência de 5 fases sequenciais (Breuil, 1906). Esta primeira proposta fundamentava-se no estudo das sobreposições e na comparação de outras figuras isoladas, mas assimiláveis aquelas (*idem*, 107). As

sobreposições revelavam, segundo o autor, uma "ordem constante" de pinturas executadas segundo diversas técnicas, concepções de contorno, de modelado e de cor; Nesta sua proposta, Breuil apresenta, literalmente a par, a evolução da gravura (em coluna à esquerda) e da pintura (em coluna à direita). A primeira fase (*idem*, 107-108) caraterizava-se pela gravura larga e profunda, de difícil descrição mas de inegável caráter figurativo; as figuras disporiam apenas de uma pata por par, os cornos eram vistos de face, as silhuetas eram frustres e os detalhes omissos; as figuras pintadas, raramente "inteligíveis", eram inicialmente de cor negra e definidas por traço linear ou "pontilhado", aparecendo em seguida figurações monocromas com formas semelhantes às gravadas. Durante a segunda fase (*idem*, 108) os quatro membros podem aparecer representados "lado a lado" e alguns detalhes, como os cascos, ocorrem ocasionalmente; o traço gravado acaba por perder em profundidade e ganhar em nitidez, o baixo-relevo aparece, assim como o modelado interior; o traço pintado, sobretudo negro mas também vermelho, alarga-se, verificando-se igualmente o aparecimento do modelado na pintura e a associação desta à gravura. Durante a terceira fase (*idem*, 109) as figuras gravadas diminuem de tamanho, perdendo profundidade os traços que as conformam; ao lado de figuras "informes" surgem outras "*admirables de détails, d'expression, de proportions, de vrais chefs-d' oeuvres*"; ao nível da pintura, divulga-se o uso do preenchimento total, eliminando-se assim os modelados interiores e a associação à gravura, podendo, no entanto, esta ocorrer antes da pintura. Durante a quarta fase (*idem*, 109-110) a gravura perde importância, tornando-se os preenchimentos das figuras mais importantes que os seus contornos; na pintura, o modelado é recuperado através da introdução da policromia e da associação recorrente à gravura. A quinta fase (*idem*, 110) carateriza-se pelo desaparecimento da gravura e pela geometrização da pintura.

Este esquema é posteriormente revisto, apresentando o autor em 1934 uma nova periodização dividida em dois ciclos — um aurignacense e outro magdalenense (Breuil, 1935). Esta nova proposta será mais tarde alvo de pequenos acertos, passando o primeiro ciclo a caracterizar-se como aurignaco-perigordense[59] e o segundo como solutreo-magdalenense (v.g. Breuil, 1985 [1952], 38-40). A nova periodização continua a ser sustentada pelo estudo das sobreposições, devendo o estilo das figuras que se encontram envolvidas nestes "palimpsestos" ser comparado com o de outras que se encontram cobertas por camadas arqueológicas (como Pair-non-Pair, por exemplo), sobre solos arqueológicos (como Sergeac ou Bourdeilles) ou representadas em suportes móveis de "idade conhecida" (*idem*, 37-38)[60]. Segundo Breuil, a existência de grutas historiadas ao longo de um só momento, ou onde só se encontra representado um estilo representado, "*nous donne pour le comparaisons à établir des éléments purs extrêmement précieux*" (*idem*, 38). Por outro lado, o autor alerta-nos para a possibilidade das camadas arqueológicas de um sítio não serem necessariamente contemporâneas dos grafismos aí presentes (*idem*, 37).

Segundo a sua nova periodização, a arte parietal paleolítica distribuir-se-ia por dois ciclos: um ciclo aurignaco-perigordense e um ciclo solutreo-magdalenense. Também neste caso, o abade carateriza a evolução da pintura e da gravura de forma separada. O primeiro ciclo (Breuil, 1985 [1952], 38-39) arrancaria com as mãos negativas de cor vermelha, castanha, violeta, amarela ou branca, a que se associariam raras pontuações, séries de discos e alguns desenhos lineares. Em seguida surgiriam as mãos positivas vermelhas, os meandros vermelhos ou amarelos e algumas figuras digitadas, a que se associariam os signos em forma de mãos e pés de Santián, os grandes claviformes e os grandes animais vermelhos "*si barbares d'Altamira, en large bandes rouges ou en peinture unie (espèce de tachisme)*". Seguir-se-iam os grandes desenhos lineares, amarelos, vermelhos e por vezes negros, a que se associariam os tetiformes também lineares. O ciclo continuava com os traços largos e "*baveux*" e com as figuras tamponadas cântabras a que se associavam os grandes tetiformes da região. Em seguida vinham os animais totalmente preenchidos interiormente e os tetiformes "*à larges plages de Castillo et de la Pasiega*". O ciclo conclui-se, ao nível da pintura, com o aparecimento da bicromia e com a progressiva correção da perspetiva dos cornos dos animais. Relativamente à gravura, o ciclo arranca com os desenhos digitais sobre argila a que se seguem os feitos com utensílios "com vários dentes". Estas figuras são geralmente não figurativas, aparecendo no seu

59 O Perigordense foi definido em 1933 por Peyrony, que o subdividiu em 5 fases supostamente contemporâneas do Aurignacense. Hoje sabe-se que o seu Perigordense I corresponde ao Chatelperronense, o II ao Aurignacense antigo, o III, IV e V ao Gravettense e o VI e VII (identificados posteriormente por Bordes e Movius) ao Gravettense superior terminal (Vialou & Aubry, 2004).

60 No texto de 1935 encontra-se uma inventariação detalhada, quer das sobreposições valorizadas pelo autor, quer dos paralelos utilizados para a inferência dos dois ciclos. Esta descrição restringe-se, no entanto, ao território francês, faltando, por outro lado, estações importantes que só seriam reveladas posteriormente, como é o caso de Lascaux.

seio os primeiros animais "já de um naturalismo intenso". Estes animais não têm patas ou quando as têm são frustes; os cornos são quase sempre vistos de frente; de acordo com o autor, deveriam datar desta época as gravuras que utilizam os acidentes naturais dos suportes, assim como as vulvas e raros falos do vale do Vézère. Ao Perigordense deveriam atribuir-se as figuras incisas, primeiro de forma ligeira e em seguida profundamente, desembocando estas últimas nos baixos-relevos de Sergeac, Gorge d'Enfer, Laussel ou Figuier. Ao final deste período pertenceriam as gravuras de Lascaux, algumas delas associadas às pinturas.

O segundo ciclo (Breuil, 1985 [1952], 39-40), ao nível da pintura arrancaria apenas no Magdalenense antigo[61], com um retorno ao desenho linear a negro, a que se associariam os tetiformes da mesma cor de Altamira. Viriam em seguida os largos traços negros "*baveux*" e em seguida a tinta plana negra e incompleta. No Magdalenense 4 apareceriam nos Pirenéus os desenhos a negro bem delineados e com modelados internos em forma de pequenos traços, e no Magdalenense 5 as figuras modeladas a negro "evanescente" (como Font de Gaume, por exemplo) a que se seguiriam as figuras com o interior "pastilhado". O ciclo atingiria o paroxismo com a policromia (primeiro simples e depois delimitada a negro), e terminaria com "*les très rares petits traces naturaliste rouges, tout à fait simples, de Niaux, Ussat et du Cantal (Cabrerets), associés à de nombreux signes proto-aziliens, et finalement ces signes aziliens ou proto-aziliens isolés comme à Marsoulas*" (*idem*, 40). Ao nível das outras técnicas, identificar-se-iam os frisos de baixos-relevos quer no Solutrense (Roc de Sers, Chaire à Calvin, Fourneau du Diable) quer no Magdalenense (Isturitz, Cap Blanc e Angles-sur-Anglin). A perspetiva utilizada nestas obras já seria a "normal". De acordo com Breuil, onde a rocha seria muito dura para produzir estes relevos, a representação do volume era conseguida mediante a "*remplissage hachuré*" — que devemos identificar como o "*grabado estriado*" clássico. Ao Magdalenense 4 atribuir-se-iam as figuras em "camafeu" de Trois Frères ou as modelagens em argila de Montespan e Tuc d'Audoubert. A gravura identificar-se-ia ainda sob os grandes policromos de Font-de-Gaume e Altamira. Do Magdalenense 5 e 6 conheciam-se as gravuras de Teyjat e algumas figurações de mamutes de Font-de Gaume.

3.1.1.2. Laming-Emperaire

As primeiras críticas a este esquema surgem em 1962, pela mão de A. Laming-Emperaire. Segundo esta autora, "*trois catégories de faits*" não permitiam que o esquema de Breuil se adequasse "*plus complètement avec l'ensemble des faits connus*" (Laming-Emperaire, 1962, 53-54). Uma destas categorias tinha que ver com a necessidade de revisão das estações estudadas antes da identificação do Aurignacense ou do Perigordense, e se por vezes a leitura dos textos monográficos poderia ser suficiente para se precisar a cronologia dos sítios, noutros casos haveria que reestudar os materiais, por vezes dispersos por várias instituições (Laming-Emperaire, 1962, 54).

Outra categoria de factos tinha que ver com a excessiva valorização das sobreposições. De facto, não só Breuil poderia estar a valorizar sobreposições que afinal não passavam de uma figura definitiva sobre um esboço, como estas sobreposições não indicavam o tempo decorrido entre a execução de cada uma das figuras envolvidas, podendo este ser mesmo muito curto (*idem*, 54-55). Por outro lado, a autora apercebeu-se de uma série de equivalências entre as fases do ciclo solutreo-magdalenense e as mais recentes do ciclo aurignaco-perigordense (v.g. figuras lineares, seguidas das de traço largo e "*baveux*", seguidas de figuras preenchidas com tinta plana, etc.), o que poderia indiciar contemporaneidades entre os dois ciclos (*idem*, 55-56).

Dadas estas observações, Laming-Emperaire considerava mais prudente considerar apenas as etapas evidentes da evolução da arte paleolítica, que seriam em número de três: uma etapa arcaica, correspondente às fases mais antigas do ciclo aurignaco-perigordense de Breuil, que se caracterizaria pelas silhuetas de animais gravadas profundamente, os signos e meandros amarelos e vermelhos, as mãos negativas e positivas e os animais pintados a elas associados; uma etapa média, correspondente ao fim do ciclo aurignaco-perigordense e ao início do ciclo seguinte, caracterizada pela ocorrência da perspetiva torcida muito evidente e ao qual pertenceriam as obras de Lascaux; e uma etapa de apogeu, inteiramente magdalenense, cujo ápex eram os policromos presentes em grutas como Altamira ou Lascaux, mas onde se podiam integrar as gravuras de Teyjat ou parte das de Trois Frères (*idem*, 56-58).

61 Segundo Breuil, as únicas pinturas datáveis do Solutrense eram as da arte móvel do Parpalló (Breuil, 1985 [1952]39).

A terceira categoria de factos tinha que ver com a então recente técnica do ^{14}C, que aparentava estar recorrentemente a rejuvenescer a cronologia das estações, desde logo de Lascaux. A partir deste facto, a autora explora um problema da periodização de Breuil: o do hiato, ao nível das pinturas, entre o final do Perigordense e o Magdalenense, hiato esse que a autora considerava mascarado pela denominação do segundo ciclo como "solutreo-magdalenense", não podendo as "esculturas solutrenses" servir de ponte entre os dois períodos, uma vez que não se conheciam pinturas daquele período (Laming-Emperaire, 1962, 58-59). A questão do hiato poderia resolver-se segundo a autora, se se admitisse que desde os inícios do comportamento artístico existiam duas tradições *grosso modo* contemporâneas, uma vocacionada para a escultura e outra para a pintura, desenvolvendo-se a primeira ao longo do Aurignacense e do Solutrense e a segunda entre o Perigordense e o Magdalenense, algo que parecia demonstrado pela recente datação pelo radiocarbono de Lascaux (*idem*, 60). Evidentemente que esta pressuposição implicava a aceitação de contemporaneidades parciais entre os diversos tecnocomplexos do Paleolítico superior, contemporaneidades essas que a autora encontrava na periodização de Peyrony do Paleolítico superior do Périgord (*idem*, 178), mas que hoje sabemos não terem ocorrido.

Ainda antes de passarmos ao ponto seguinte será de referirmos outra observação de Laming-Emperaire relativamente à periodização de Breuil. Trata-se da necessidade de não valorizarmos excessivamente algumas das características formais das figuras que isoladamente poderiam ser vistas como "marcadores cronológicos" (Laming-Emperaire, 1962, 49). Por exemplo, a perspetiva torcida dos cascos, que poderia ser encarada como aurignaco-perigordense, não o é seguramente quando aparece nos bisontes policromos de Altamira (*idem*, 49). Segundo a autora "*Il ne s'agit pas en ce domaine d'appliquer aveuglément des critères quasi-mathématiques, mais d'apprécier et de juger en fonction d'un faisceau de preuves et de présomptions*» (*idem*, 50). Como veremos adiante, este feixe de provas e presunções pode ser construído sobre bases estatísticas, mas sobre isso voltaremos a falar no momento apropriado.

3.1.1.3. Leroi-Gourhan

Como Laming-Emperaire, Leroi-Gourhan desvaloriza as sobreposições como elementos de grande valor cronológico, considerando que os exemplos de sobreposições significativas a este respeito são raros (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 147, 257-258). Como aquela autora, releva a necessidade de não se hipervalorizar, como marcadores cronológicos, determinadas características das figuras tomadas isoladamente, como seria o caso da "perspectiva torcida" (*idem*, 147-148). O autor, também partindo da série de equivalências que Laming-Emperaire tinha observado entre as diversas fases dos dois ciclos de Breuil, critica profundamente o valor cronológico atribuído por este último às diferentes técnicas, demonstrando com vários exemplos, a não validade daquele critério (*idem*, 250-251).

Os alicerces fundamentais da sistematização estilística de Leroi-Gourhan são as peças de arte móvel e as obras parietais (fragmentos ou painéis) aparecidas em, ou sob, camadas arqueológicas bem datadas (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 255-257). De crucial importância foi a observação de que as únicas obras parietais ao ar livre descobertas em estratigrafia correspondiam a exemplos que iam do Aurignacense ao Solutrense, com alguns exemplos (Cap Blanc e Roc aux Sorciers) do Magdalenense III e Teyjat do Magdalenense V-VI. Por outro lado, ao longo do período onde no exterior não se encontravam fragmentos de parede ou painéis historiados, abundavam as peças de arte móvel com motivos muito semelhantes aos que se encontravam no interior das grutas (*idem*, 256-257). Estas duas observações levaram o autor a propor a hipótese de que aos santuários exteriores se seguiram os profundos, passando a experienciação da mitografia presente nestes últimos a dar-se no quotidiano sob a forma de arte móvel. Por outro lado, esta ideia, vai influir no argumento do "aprofundamento dos santuários sucessivos", de que falaremos em seguida.

O "aprofundamento dos santuários sucessivos", as "sobreposições" e as "anotações" constituem-se como um tipo de argumentos que Leroi-Gourhan vai utilizar para defender a sua proposta cronológica, tipo esse que o autor designa como de "posicionamento". Relativamente às sobreposições, como já referimos, o autor considerava existirem poucos casos em que esta forma de relação entre figuras fosse "significativa" do ponto de vista da cronologia, algo que denunciaria o respeito dos artistas paleolíticos pelas obras anteriores (*idem*, 257). Ora este aspeto, aliado ao processo de "aprofundamento do santuários" leva o autor a considerar que se poderão encontrar diversos santuários na mesma gruta,

que se vão deslocando para o interior da gruta à medida que os painéis mais perto do exterior se vão historiando (*idem*, 258). As "anotações" correspondem a pequenos arranjos de detalhe com vista a adequar os santuários mais antigos às exigências do momento, podendo dar-se sob a forma de acrescentos de motivos (Ebbou), transformação de animais (Combarelles) ou atualização formal de um dado conteúdo semântico como seria a substituição, em Lascaux, de antigos signos femininos por claviformes (*idem*, 259).

O último grupo de argumentos brandidos pelo autor prendia-se com a evolução dos signos. As mãos, que eram consideradas signos por Leroi-Gourhan, datariam das fases mais antigas do Paleolítico superior, uma vez que apareciam apenas em contextos que o autor considerava do estilo II e III (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 259-260). Relativamente aos restantes signos, Leroi-Gourhan tinha consciência que as figuras bem datadas eram provenientes apenas dos contextos mais antigos (estilos I e II) e mais recentes (estilo IV recente), sendo a datação dos signos dos estilos intermédios dada pela relação deste tipo de figuras com os animais respetivos. Assim, a evolução dos signos poderia caracterizar-se pela progressiva geometrização das formas genitais, desde o realismo dos estilos I e II até às formas mais abstratas dos períodos III e IV antigo, acabando com um parcial retorno a formas mais realistas durante o IV recente (*idem*, 260-261).

Contrariamente a Laming-Emperaire e a Breuil antes dela, o autor considerava que a evolução estilística da arte paleolítica era linear, podendo caracterizar-se brevemente da maneira que em seguida se apresenta.

Período I (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 279): Integra todos as manifestações artísticas anteriores à aparição do estilo II, tendo sido atribuída ao Chatelperronense, ao Aurignacense e ao Gravettense antigo. As manifestações gráficas do Chatelperronense e do Aurignacense corresponderiam apenas a traços desconexos ("*griffonnages*"), aparecendo as primeiras "silhuetas coordenadas" durante o Aurignacense evoluído e o Gravettense antigo. As figuras animais reduziam-se essencialmente às cabeças, quartos dianteiros e bordos dorsais, associando-se a figuras vulvares, pontos e barras. Segundo o autor, não se conheciam exemplos parietais deste período, mas apenas fragmentos de osso e de placas de pedra. Os temas seriam já os clássicos, destacando-se a associação do bovino com o cavalo, do mamute com o cavalo e das vulvas com os pontos.

Período II (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 280): Surgiria no Gravettense, prolongando-se pelo Solutrense, sendo difícil perceber o exato momento em que seria já possível falar-se de estilo III. Alguns santuários profundos (Gargas) seriam deste período, embora esta arte fosse, essencialmente, de exterior. As figuras animais caracterizavam-se pelas cérvico-dorsais altamente pronunciadas, com a zona dianteira a corresponder a mais de um terço deste elemento anatómico, o que conduziria à hipertrofia dos quartos dianteiros. Este procedimento aplicava-se a todos os animais, que seriam particularizados por pequenos arranjos do contorno e pela adição de detalhes próprios de cada espécie. A importância da curva cérvico-dorsal atestava-se não só pela sua uniformidade ao longo de uma vasta área geográfica, como também pela predominância da mesma entre os painéis de "contornos inacabados" contemporâneos dos estilos II e III. A acentuação das curvas verificava-se também nas figuras humanas, essencialmente esculturas e baixos-relevos, onde a tónica era colocada nos torsos, seios, ancas e abdómenes. Entre os signos, observava-se formas ainda próximas das vulvas, pontos e barras do estilo I (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 282). Algumas mãos datariam também deste período (*idem*, 282).

Período III (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 281-283): Era atribuído ao Solutrense e aos inícios do Magdalenense. Durante este período, a curva cérvico-dorsal suavizar-se-ia subtilmente, desaparecendo a uniformidade anterior, comum a todas as espécies. A representação de movimento surgia mediante a utilização de "convenções específicas" que não afetavam o animal na sua totalidade, incidindo antes na "deslocação isolada" de elementos da figura, como seriam as patas. Os detalhes corporais começariam a precisar-se, embora a curva cérvico-dorsal continuasse a ser a forma chave. Durante este período, a escultura atingiria o seu ápice, e entre as figuras pintadas observava-se já o preenchimento interno a vermelho, de motivos delimitados a negro ou por meio de gravura. Os signos associados a estes animais seriam os mais complexos e abstratos de todo o Paleolítico superior, adquirindo um carácter decorativo como seriam os brasões de Lascaux, os aviformes de Pech-Merle ou os tetiformes de La Mouthe ou Castillo. As figuras humanas associavam-se intimamente aos motivos referidos anteriormente, enquanto as mãos se continuariam a representar. O período III caracterizar-se-ia também pela identificação de divisões regionais nítidas, referindo o autor as regiões do Périgord, do

Lot, a região cantábrica e o Ardèche.

Período IV (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 283-288): Segundo Leroi-Gourhan, impunha-se a divisão entre um estilo IV antigo e um estilo IV recente. O primeiro teria sido vigente ao longo do Magdalenense III e IV. Ao nível da forma geral ainda subsistiria alguma desproporção entre quartos dianteiros e traseiros, entre ventres e patas. Dar-se-ia o aparecimento do traço modelado e do *dégradé*, passando o volume a ser representado mediante um jogo entre zonas preenchidas e não preenchidas dos animais. O estilo IV antigo caracterizava-se ainda pelo convencionalismo extremo dos detalhes, verificado essencialmente ao nível dos modelados de bochechas, olhos, cornos ou flancos (o "M" ventral nos cavalos, por exemplo). A aproximação ao real dar-se-ia mais por via do detalhe que pela forma, ainda muito ancorada na tradição anterior. O estilo IV recente teria sido vigente ao longo Magdalenense V e VI e a aproximação ao real dar-se-ia-se pela conformação da forma em detrimento do detalhe, perdendo-se assim a predominância da curva cérvico-dorsal relativamente ao restante corpo do animal. Se os animais "*sont d'excellentes photographies, vrais en proportions et en mouvement […] les figures sont souvent vides de tout détail, hormis les yeux et quelques traits essentiels*" (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 286). Abundariam as figuras em movimento, o que contrastava com um certo estatismo precedente. As grutas começariam gradualmente a ser abandonadas, passando as mitografias a ser representadas essencialmente na arte móvel.

Este quadro cronoestilístico foi o que dominou os estudos de arte paleolítica até aos anos noventa[62]. Entretanto, com a acumulação de novos dados e, particularmente, com a possibilidade de se proceder a datações absolutas de pinturas, nem este nem nenhum dos esquemas anteriormente referidos sobrevive *tel quel* à crítica. Poderá este facto deitar por terra a validade da comparação estilística como ferramenta de datação, obrigando-nos de facto a entrar numa "era pós-estilística" (v.g. Lorblanchet & Bahn, 1993)? A resposta a esta pergunta não é unânime. Pelo menos três correntes são reconhecíveis atualmente: uma que recusa qualquer tipo de datação estilística; uma que defende a análise crítica de algumas das recentes datações absolutas e a validade em termos gerais do quadro cronoestilístico de Leroi-Gourhan, não deixando de admitir uma atualização e modificação pontual do mesmo; uma terceira que, criticando em grande parte o quadro de Leroi-Gourhan, defende a validade da comparação estilística, devendo-se, no entanto, ter em conta as novas datações.

3.1.2. Depois das primeiras datações diretas de pinturas

Desde que se generalizaram os métodos de datação direta da arte rupestre que os investigadores responderam de forma distinta aos resultados advindos da aplicação daqueles, variando, consequentemente, a avaliação que fazem sobre a validade da comparação estilística.

Uma corrente mais radical nega de forma absoluta a comparação estilística como ferramenta de aproximação cronológica, confiando apenas em métodos de suposta datação absoluta. Entre os paladinos desta corrente, destaca-se Robert G. Bednarik. O radicalismo desta corrente não admite mesmo a cronologia paleolítica de sítios consensualmente aceites como tal, como sejam as estações do Côa, Siega Verde, Creswell Cregs ou mesmo de Lascaux (v.g. Bednarik, 2014). Os grandes problemas desta corrente foram em grande parte colocados a nu aquando do debate sobre a cronologia do Côa: a excessiva confiança em métodos ainda embrionários (na melhor das hipóteses), ou uma confiança cega nos resultados daí advindos, não admitindo uma análise crítica dos mesmos. A esta mesma análise crítica procedeu, por exemplo, Ronald Dorn, demonstrando assim como os mesmos resultados de datações AMS que eram brandidos por Watchmann e Bednarik como mais um argumento para sustentar a cronologia recente da arte do Côa, poderiam afinal demonstrar a antiguidade da mesma (Dorn,1997). Mas o radicalismo da corrente é particularmente evidente porquanto até resultados inquestionáveis de escavações são descartados se estes colocam em causa as certezas dos seus seguidores. Tal aconteceu, por exemplo, com as escavações do Fariseu (v.g. Abreu & Bednarik, 2000). É deveras impressionante como em artigo de 2014(!), R. Bednarik volta com os mesmos argumentos de 2000 a criticar as escavações daquele

62 Embora não tenha sido o único. Entre outras propostas destaque-se a de Jordá (v.g. 1964), que não será aqui tratada por não ter sido tão influente como as que foram antes analisadas.

sítio, correspondendo o trabalho de Aubry e colaboradores de 2002(!) ao trabalho mais recente que cita relativamente à Arqueologia do Côa[63]. Não podia ser de outra maneira, ou teria o autor que se haver com os resultados de datações TL, OSL e ^{14}C do sítio, com os desenhos de materiais exumados, com as evidências de fases de sedimentação e de erosão no vale, e com outros dados de cuja inexistência Bednarik se queixa, ou que explicam as dúvidas que poderia ter sobre a cronologia do vale e das suas gravuras. Esta corrente radical é, como seria de esperar, marginal na comunidade científica, sendo por vezes difícil perceber se os seus trabalhos não ultrapassam já os limites daquilo que ainda poderemos caraterizar como Ciência.

Uma segunda corrente tem em conta os resultados advindos das datações diretas, mas continua a valorizar a comparação estilística, designadamente o trabalho de Leroi-Gourhan (v.g. Moure & González, 2000; Züchner, 2003; Alcolea & Balbín, 2007b). Estes autores relevam o facto da maior parte das datações diretas acabarem por confirmar a proposta de Leroi-Gourhan, sendo em menor número as que a contrariam (v.g. González & San Miguel, 2001, 189-199; Alcolea & Balbín, 2007b). Estes autores não ignoram a existência de alguns sítios cujas datas parecem deitar por terra os sistemas clássicos de classificação cronológica (como Chauvet, de que trataremos adiante), mas defendem que algumas datas que foram lidas como argumentos contra a proposta de Leroi-Gourhan, são afinal evidências da sua validade. Veja-se, a título de exemplo, as leitura divergentes que Alcolea & Balbín (2007b, 445) e Lorblanchet (1993, 70) fazem das mesmas datas de Altamira.

Os seguidores desta corrente não contestam, no entanto, a necessidade de modificações na proposta de Leroi-Gourhan. Se atrás apodámos de "radical" a revisão a que a proposta de Leroi-Gourhan, segundo alguns, deve ser sujeita, tal deve-se ao facto de que é consensual a necessidade de "mexidas" nesse esquema. Balbín, por exemplo, admite que as recentes datações de U/Th da Cantábria (Pike *et al.*, 2012) obrigam a recuar a cronologia de algumas obras parietais (Balbín, 2014, 161). Contudo, como o autor refere, a estas obras faltam a elaboração, modelação e detalhe presentes, por exemplo na série negra de Chauvet. Ora, são precisamente as datações desta série, caraterizada pelo uso de procedimentos técnicos altamente complexos (designadamente o modelado das figuras ou o *chiaro-oscuro* que se observa em algumas delas), que parecem colocar mais em causa o esquema cronoestilístico de Leroi-Gourhan (v.g. Balbín, 2014, 160-161).

Contudo, as datações desta gruta são colocadas em causa quer por investigadores que sempre defenderam o esquema de Leroi-Gourhan (como Alcolea e Balbín), quer por outros que sempre se bateram pela insuficiência da análise estilística, como P. Bahn (v.g. Bahn, 1993). Na base destas críticas encontram-se, explícita ou implicitamente, as caraterísticas formais daquela série negra.

Se críticos da comparação estilística não se deixam, ainda assim, entusiasmar pelas datas de Chauvet, outros investigadores que nunca puseram em causa o procedimento (e não põem) aceitam-nas perfeitamente. Estes investigadores integrarão uma terceira corrente que não coloca em causa o método da comparação estilística, mas que tem em conta as novas datações, designadamente de Chauvet. Jean Clottes será um bom exemplo, desta corrente (v.g. Clottes, 1993; 2001, 213-214), assim como G. Sauvet (v.g. Sauvet, 2004). Para a maioria dos investigadores que integramos nesta corrente, no momento atual só se poderá distinguir uma ruptura clara na evolução da arte paleolítica da Europa ocidental, ruptura essa que se terá dado no Magdalenense. Nesse sentido, a única organização possível da arte paleolítica da Europa ocidental é entre a arte magdalenense e a arte imediatamente anterior, dificilmente distinguível entre si (v.g. Petrognani, 2013; Sauvet & Wlodarczyk, 2000-2001).

Não deixa de ser curioso que este corte profundo entre uma arte magdalenense e uma outra anterior é também a cesura maior identificada pelos investigadores que defendem ainda a validade global do esquema cronoestilístico de Leroi-Gourhan (González & San Miguel, 2001, 198-199; Alcolea & Balbín, 2007b, 458). De facto, da leitura crítica da bibliografia atual em torno da cronologia da arte paleolítica o que se releva em termos de resultados práticos é, mais que uma oposição entre "estilistas" e "pós-estilistas", uma oposição entre os que aceitam as datas recuadas da série negra de Chauvet e os que não as aceitam. Por outro lado, nenhum dos "campos" descura a importância da identificação de recorrências formais no conjunto dos grafismos paleolíticos para o estabelecimento da cronologias dos mesmos, ou, dito

63 Bastará ao leitor passar os olhos pela bibliografa do nosso trabalho para verificar o que Aubry e os seus diversos colaboradores foram publicando sobre o Fariseu desde 2002 até 2014, para avaliar a má-fé (ou simples ignorância) de Bednarik.

de outra maneira, da importância do "estilo" das figuras. E se tal palavra não é pronunciada (ou, neste caso, escrita), tal reforça ainda mais a importância da mesma. Afinal, "*Changing the name of a concept itself supports its use by showing that even if it is no longer fashionable because of over-usage, it still cannot be dispensed with*" (Clottes, 1993, 19).

E de facto, os "estudos estilísticos" estão na ordem do dia, proliferando na bibliografia atual as análises estatísticas em torno das caraterísticas formais de conjuntos diversos de grafismos paleolíticos (v.g. Petrognani, 2009; 2013; Bourrillon, 2009; Rivero, 2009; Bourdier, 2010; Gárate, 2010; Corchón *et al.*, 2012a; Ruiz, 2014; Vázquez, 2014). A nosso ver, esta proliferação deve-se essencialmente a diversos fatores: um destes, de natureza muito prática, prende-se com a multiplicação de pacotes informáticos dedicados a estas operações estatísticas, pacotes estes cada vez mais acessíveis (muitos deles são mesmo *freeware*) e mais intuitivos; outro factor tem que ver com a possibilidade que estas operações estatísticas têm de ultrapassar uma das grandes contrariedades da análise estilística tradicional, a saber — a da valorização isolada de alguns critérios formais como definidores estilísticos. Este problema foi detetado, como referimos já, por Laming-Emperaire e por Leroi-Gourhan, mas nunca foi verdadeiramente ultrapassado. Por um lado, determinadas caraterísticas formais continuam a ser valorizadas (veja-se, por exemplo, a importância do M ventral dos cavalos no esquema de Leroi-Gourhan), mas sobretudo tem-se a impressão que se pretendeu valorizar o conjunto das caraterísticas formais das figuras sem, no entanto, descriminar cada uma destas caraterísticas nem o peso que teriam para a definição de um dado estilo, distinguindo-se estes essencialmente por gradação (a suavização da curva cérvico-dorsal ou a aproximação das proporções ao real, por exemplo) que mediante a alteração de caraterísticas claramente definidas. Ora, a utilização complementar dos dois métodos de análise estatística a que recorreremos permite obviar estas limitações. Esses dois métodos correspondem, à Análise de Correspondências Múltiplas e à Classificação Hierárquica Ascendente, descritas no capítulo anterior.

Obviamente que a classificação daqui decorrente poderá não ter qualquer significação cronológica. As classes definidas por estes métodos poderão por exemplo ter que ver com a funcionalidade dos elementos que as compõem[64] ou denunciar a existência de contactos entre determinadas regiões durante um dado intervalo de tempo[65]. Caberá ao investigador interpretar os resultados, recorrendo aos tradicionais métodos de investigação arqueológica: ter em conta a posição de alguns dos elementos que compõem cada classe na sequência estratigráfica de escavações onde estes porventura possam ter ocorrido; procurar paralelos para esses elementos em contextos arqueológicos bem definidos; verificar se alguns dos paralelos encontrados não se encontram diretamente datados e, nesse caso, proceder a uma análise crítica dessas datações, etc. No fundo, estas opções pouco ou nada diferem dos métodos utilizados por Leroi-Gourhan para construir a sua sequência cronoestilística. E, de facto, pensamos que os métodos de classificação poderão ser vistos como um contributo decisivo para a análise estilística e não tanto como uma alternativa a essa mesma análise (Francis, 2001).

Em conclusão, parece-nos que hoje o debate aceso que se verificava há vinte anos entre "estilistas" e "pós-estilistas" arrefeceu grandemente. Se é verdade, que aqui e ali ainda se ouvem algumas vozes mais radicais, as diferenças entre ambos os campos parecem ter que ver mais com uma questão de expectativas. De facto, e como vimos acima, se para uns os diferentes resultados das datações dos bisontes do teto de Altamira e do bisonte "policromo" de Castillo são razões suficientes para que a análise estilística seja colocada em causa, para outros são evidência de que esta análise é válida, uma vez que não só as datas de Altamira são estatisticamente semelhantes como, do ponto de vista cultural e no tempo longo, se podem considerar contemporâneas das do bisonte de Castillo.

É talvez por isso que em termos de inferências globais não se observa grandes diferenças de fundo entre "estilistas" e pós-estilistas", observando-se uma certa "universalização" de algumas ideias, como a que defende que atualmente, apenas são identificáveis com clareza duas fases na(s) sequência(s) gráfica(s) paleolítica(s) europeia(s): uma pré-magdalenense e uma magdalenense (v.g. Sauvet & Wlodarczyk, 2000-2001; González & San Miguel, 2001, 198-199; Alcolea & Balbín, 2007b, 458; Petrognani, 2013).

A afinação e precisão dessa(s) sequência(s) é assim um dos problemas maiores da atual investigação. Quanto a nós, ela não se poderá dar sem o estudo aprofundado das caraterísticas formais dos grafismos paleolíticos, designadamente

64 Veja-se o estudo de Smits (1993) no Lesoto.
65 Refira-se o estudo de Corchón et al. (2012a), relativamente às gravuras de La Griega.

mediante ferramentas estatísticas. Atualmente, estes estudos não procuram apenas responder a questões diretamente cronológicas. De facto, a análise estatística das caraterísticas formais dos grafismos paleolíticos poderá revelar quer a existência de tradições locais, quer evidências de contactos entre as diversas regiões do Ocidente gráfico do Paleolítico superior (v.g. Fortea *et al.*, 2004). Sem mais delongas, apresentemos os resultados a que chegámos.

3.2. A análise estatística

3.2.1. Das amostras e dos atributos

Nas análises que em seguida se apresentarão não foram tidos em conta apenas os motivos das estações de ar livre da nossa área de estudo, tendo sido igualmente integradas nas amostragens as unidades gráficas inventariadas nas peças de arte móvel, e nas paredes das grutas da região.

Por outro lado, nem todos motivos do universo referido acima foram incluídos nas amostras. Desde logo, só se teve em conta as espécies animais que contassem com um número de efetivos suficientemente vasto para permitir alguma segurança estatística, ou seja, apenas se trabalhou com cavalos, auroques, cabras-monteses, veados e cervas. Mesmo os resultados das análises dos conjuntos dos dois últimos temas — dado o número de cervídeos na zona de estudo — só podem ser lidos à luz dos resultados a que se chegou nas análises dos primeiros.

Um aspeto que reduziu ainda mais as amostras a analisar prendeu-se com a enorme quantidade de figuras incompletas do nosso *corpus*. Se bem que, como dissemos, a análise de amostras com dados em falta seja possível, não é de todo desejável que estes sejam em grande número. Deste modo, colocámos de parte todos os animais acéfalos e todos aqueles reduzidos apenas à cabeça e/ ou cérvico-dorsal.

Após esta seleção, restaram-nos 170 cavalos (10 das estações de Domingo García, 1 da Costalta, 1 do *corpus* de arte móvel do Fariseu, 5 de La Griega, 3 de Ojo Guareña, 1 de Mazouco, 2 do *corpus* de arte móvel do Medal, 2 do Poço do Caldeirão, 1 do *corpus* da arte móvel da Peña de Estebanvela, 2 do Pousadouro, 43 de Siega Verde, 4 da placa do Vau, 5 da placa de Villalba e 90 das estações do Côa), 143 auroques (3 de Domingo García, 6 do *corpus* da arte móvel do Fariseu, 1 da Fraga Escrevida, 1 de Ojo Guareña, 1 de Redor do Porco, 3 de Sampaio, 11 de Siega Verde e 117 das estações do Côa), 128 cabras-monteses (6 das estações de Domingo García, 1 do *corpus* de arte móvel do Fariseu, 1 de Ojo Guareña, 1 do *corpus* de arte móvel do Medal, 3 de Penches, 4 de Siega Verde, 5 da placa de Villalba e 107 do vale do Côa), 91 veados (3 de Domingo García, 2 da arte móvel do Fariseu, 3 de La Griega, 4 de Ojo Guareña, 7 de Siega Verde e 72 do Vale do Côa) e 65 cervas (2 de Domingo García, 10 do *corpus* de arte móvel do Fariseu, 1 de La Griega, 1 do Poço do Caldeirão, 1 do Pousadouro, 3 de Siega Verde e 47 do Côa).

Relativamente às categorias consideradas, definimos um conjunto de atributos comuns a todas as espécies. Assim, em todas as espécies aparecerá como variável a picotagem (pic), que terá como categorias possíveis a sua ausência (pic_n) e as modalidades por nós caraterizadas atrás — a picotagem A (pic_A) e a picotagem B (pic_B); ainda no campo das técnicas, as variáveis abrasão (abr), incisão simples (inc_s), incisão reiterada (inc_r) e incisão múltipla (inc_m) terão apenas as categorias de ausência (abr_n, inc_s_n, inc_r_n e inc_m_n respetivamente) e presença (abr_s, inc_s_s, inc_r_s e inc_m_s respetivamente).

Uma outra variável comum a todas as espécies corresponde à do preenchimento interior dos corpos dos animais (int), preenchimento esse que pode ser total (int_t), parcial (int_p) ou encontrar-se ausente (int_n).

No interior da cabeça dos animais também se encontram uma série de elementos cujas categorias são comuns. Assim, em todas as espécies o olho (oc) pode encontrar-se ausente (oc_n), corresponder a um ponto (oc_p), apresentar forma amendoada (oc_am) ou forma circular ou outra que não amendoada[66] (oc_c). A orelha (or) pode, em todas as espécies, encontrar-se ausente (or_n), apresentar forma linear (or_l) ou ser definida ao longo de todo o seu contorno (or_cont). A boca (bc) corresponde a outra variável comum, podendo encontrar-se ausente (b_n), ser linear (b_l) ou apresentar uma forma mais naturalista (b_mod). As narinas (nar) podem ser lineares (n_l), contornadas (n_cont) ou

66 Incluímos aqui os olhos compostos por adjunção de pontos, em forma de linha ou esboçados. Estas formas são raras, pelo que a criação de uma nova categoria só para elas poderia causar ruído indesejável.

encontrar-se ausentes (n_n), embora seja de referir que entre os veados e as cervas não se identificou qualquer narina linear. Por outro lado, a raridade de narinas entre as cervas levou-nos a colocar de parte esta variável nas análises relativas a este tema.

Numa primeira fase considerou-se várias categorias para caraterizar cada bordo dos corpos dos animais. Contudo, verificou-se que tal opção originava um grande número de dados em falta. Optou-se assim por apenas se considerar a variável corpo (corpo) que pode apresentar uma forma definida por curvas acentuadas (cor_c), uma forma tendente à geometrização (cor_geo) ou uma forma definida por curvas suaves e pouco acentuadas (cor_nat). Para caraterizar desta forma um corpo não é necessário que todos os bordos do mesmo se encontrem presentes, diminuindo-se assim o número de dados em falta. Deve, no entanto referir-se que o bordo ventral foi o privilegiado para caraterizar os troncos dos animais, visto que é um elemento anatómico menos sujeito à variação interespecífica que os restantes. Já no interior dos corpos as diferentes regiões anatómicas podem encontrar-se delimitadas internamente (di_s) ou não (di_n), oposição que encontramos expressa na variável das delimitações internas (di).

Os membros dos animais, quanto à sua forma (memb_f), podem ser definidos apenas pelos seus bordos (memb_bs), serem lineares (memb_l), ou apresentarem diversos graus de naturalismo; um primeiro grau corresponde aos membros onde se distinguem pelo menos duas regiões anatómicas, como coxa e canela, ou um jarrete destacado (memb_m1); um segundo grau corresponde aos membros que apresentam mais que duas regiões anatómicas (memb_m2); uma variante específica do primeiro grau corresponde aos membros cujas coxas apresentam formas triangulares e as canelas são lineares (memb_m1a), variante essa que é rara entre as cabras-monteses e, até ao momento, ausente entre os auroques (embora **Pi24-99** se aproxime). Sempre que num dado animal as patas de um par apresentem forma diferente das do remanescente, será considerada a categoria menos comum.

Os membros dos animais podem também ser caraterizados segundo a perspetiva adotada na sua representação (memb_p). As hipótese possíveis são as que referimos atrás, se bem que neste caso considerámos apenas a existência de um perfil biangular em detrimento de dois (reto e oblíquo), uma vez que verificámos que não só estes ocorriam com alguma frequência em simultâneo, como a substituição destas duas variáveis por apenas uma alterava em muito pouco os gráficos ao mesmo tempo que aumentava ligeiramente a percentagem da inércia das duas primeiras dimensões do gráfico. Em suma, relativamente à perspetiva, retivemos as seguintes categorias: perfil absoluto (memb_pa), perfil biangular (memb_bi) e perfil uniangular (memb_un). Como relativamente à forma, no caso em que cada par de membros adote uma solução diferente, será considerada na análise a solução menos comum.

A última variável qualitativa comum a todos os animais corresponde aos cascos (cas), sendo neste caso de natureza binária, encontrando-se aqueles presentes (cas_s) ou ausentes (cas_n).

Como se referiu acima, o índice corporal (ic) também será considerado como variável comum a todas as espécies, sendo neste caso de natureza quantitativa. Recordemos que esta variável só será tida em conta enquanto variável suplementar.

As restantes variáveis consideradas são compostas por categorias comuns a todos os temas, categorias comuns a alguns deles e categorias exclusivas de apenas um tema. Deste modo, embora algumas variáveis e categorias se repitam, pensamos ser mais adequado, a partir de agora, proceder à exposição das mesmas tema a tema.

Comecemos pelos cavalos. Este tema conta com seis variáveis mais para além das que foram referidas já. Três destas são partilhadas pelos restantes temas, correspondendo ao bordo dorsal da cabeça, ou fronto-nasal (fn), ao bordo ventral da cabeça (cbv) e ao bordo rostral ou focinho (foc). Relativamente ao bordo fronto-nasal, este pode ser convexo (fn_cv), reto (fn_r), côncavo (fn_cc) ou com fronte convexa e chanfro reto (fn_cr). O bordo ventral da cabeça pode ser reto (cbv_r), convexo (cbv_cv), côncavo (cbv_cc), apresentar ganacha convexa e barbada e queixo indiferenciados (cbv_cr), ou ainda ganacha convexa, barbada côncava e queixo convexo (cbv_cvc). O focinho pode ser convexo (foc_cv), reto (foc_r), apontado (foc_ap) ou modelado (foc_mod), no caso de se observarem distinções na extremidade rostral (por exemplo, entre os beiços superior e inferior).

As restantes três variáveis são exclusivas dos cavalos e reportam-se às que têm que ver com a crineira. Correspondem à forma do perímetro exterior da crineira (cri), à forma da sua delimitação interna (dcri) e à forma da sua extremidade

cranial (tcri). A delimitação interna da crineira corresponde afinal ao bordo crinal do pescoço. Contudo, por uma questão muito simples, optámos por não nomear a variável desta forma. Na verdade, por vezes é difícil perceber se nos encontramos perante um cavalo com um bordo dorsal da crineira de configuração reta e sem bordo crinal ou se o animal foi definido sem crineira e com o bordo crinal reto (v.g. **CI14-21**). Se admitíssemos esta segunda hipótese, iríamos criar um dado em falta na variável de extremidade cranial da crineira do animal, ao mesmo tempo que ignorávamos um factor gráfico fundamental — o da união do pescoço com a extremidade caudal da cabeça do animal). Deste modo, para os efeitos desta análise, o perímetro dorsal do pescoço do cavalo será sempre considerado como crineira, mesmo que do ponto de vista anatómico exista a eventualidade de poder ser considerado como bordo crinal. Feita esta ressalva, passemos à exposição das categorias.

O perímetro exterior da crineira (cri) pode ser convexo (cri_cv), ou reto (cri_r). A sua delimitação interna (dcri) pode ser reta (dcri_r), convexa (dcri_cv), côncava (dcri_cc) ou não se encontrar representada (dcri_n). Relativamente à sua extremidade cranial (tcri), a crineira pode terminar em ângulo na nuca (tcri_nu), em ponta destacada para além da nuca (tcri_pt), contra o topo da orelha (tcri_cto) ou alteada relativamente à nuca (tcri_alt), sendo a terminação em escada a variante mais comum desta categoria.

Os auroques para além das variáveis comuns, dispõem de outras oito. Três destas são partilhadas pelos restantes temas, correspondendo às já referidas atrás para os cavalos: bordo fronto-nasal (fn), bordo ventral da cabeça (cbv) e extremidade rostral (foc). As categorias de cada uma destas variáveis são, no entanto, ligeiramente diferentes. Assim, relativamente aos bordos fronto-nasais, para além dos já referidos para os cavalos(fn_r, fn_cc, fn_cv, fn_cr), podemos ainda encontrar animais com os chanfros alteados relativamente às frontes (fn_rc) e animais com as frontes convexas e os chanfros côncavos (fn_cvc). Relativamente aos bordos ventrais da cabeça, consideraram-se as mesmas categorias que para os cavalos, com exceção dos bordos ventrais côncavos que não se identificaram entre os auroques. Os focinhos dos auroques podem ser, tal como o dos cavalos, convexos (f_conv), retos (f_re) e apontados (f_apont). Não se tendo identificado nenhum claramente modelado, observam-se alguns deixados em aberto (f_ab).

Duas das variáveis dos auroques prendem-se ainda com a forma da cabeça. Uma destas é partilhada pelos restantes temas, com exceção dos cavalos, correspondendo à forma da nuca (nu). No caso dos auroques, esta pode apresentar forma convexa (nu_cv) ou reta (nu_r). Pode ainda não ser representada, sendo o espaço entre os cornos deixado em aberto (nu_n), ou encontrar-se destacada, definindo-se claramente a marrafa (nu_mar). A outra variável relacionada com a cabeça é exclusiva dos auroques, correspondendo à que se prende com a delimitação interna do focinho (delfoc), podendo esta encontrar-se presente (delfoc_s) ou ausente (delfoc_n).

Outra das variáveis dos auroques que é partilhada pelos restantes temas, com exceção do cavalo corresponde ao bordo dorsal do pescoço. Nos bovinos esta variável denomina-se "bordo cervical" (bcerv). As categorias correspondentes são o bordo cervical reto (bc_r), o côncavo (bc_cc) e o convexo (bc_cv).

As duas restantes variáveis dos auroques têm que ver com os cornos e são partilhadas por veados e cabras-monteses. Uma prende-se com a forma global dos cornos (crn_f), podendo esta ser linear (crn_l) ou contornada (crn_cont). A segunda variável prende-se com a perspetiva adotada na representação dos mesmos (crn_perf), podendo esta ser biangular reta (crn_bir), biangular oblíqua (crn_bio) ou corresponder ao perfil absoluto (crn_p). Não se identificou, no caso dos auroques, qualquer representação dos cornos numa perspetiva uniangular.

Relativamente às cabras-monteses foram consideradas mais sete variáveis para além das que são comuns a todas as espécies. Estas variáveis correspondem às dos auroques, com exceção da delimitação interna do focinho. Quanto aos bordos fronto-nasais, as categorias das cabras-monteses são as mesmas das dos auroques, com exceção das frontes convexas e chanfros côncavos, que não ocorrem nas cabras-monteses. Restam assim as categorias fn_r, fn_cc, fn_cv, fn_cr e fn_rc. Quanto ao bordo ventral da cabeça (cbv), as cabras podem apresentar, como cavalos e auroques, as formas cbv_r, cbv_cc, cbv_cv e cbv_cr. Para além destas, pode ainda ocorrer uma forma com ganacha e queixo convexos, correspondendo a zona da tábua a simples estrangulamento do bordo ventral da cabeça (cbv_cvcv). As categorias que se reportam à extremidade rostral da cabeça (foc) são exatamente as mesmas que se identificaram para os auroques, ou seja: f_conv, f_re, f_apont e f_ab.

Como no caso dos auroques, a nuca (nu) também foi considerada como variável das cabras-monteses. As categorias são praticamente as mesmas (nu_n, nu_cv, nu_r), aparecendo a variante triangular (nu_tri) e não ocorrendo, evidentemente, a marrafa.

As categorias das cabras monteses relativas aos bordos cervicais (bcerv), forma dos cornos (crn_f) e perspetiva dos cornos (crn_perf) são exatamente as mesmas que as dos auroques.

Relativamente aos veados, foram consideradas mais sete variáveis para além das comuns: bordos fronto-nasais (fn), bordos ventrais da cabeça (cbv), focinhos (foc), nucas (nu), bordos cervicais (bcerv), forma das hastes (hts_f) e perfil das hastes (hts_p). Os bordos fronto-nasais podem ser retos (fn_r), convexos (fn_cv) ou com frontes convexas e chanfros retos (fn_cr). Os bordos ventrais da cabeça podem ser convexos (cbv_cv), retos (cbv_r) ou apresentar uma descontinuidade entre a ganacha e a região do queixo (cbv_desc). As extremidades rostrais podem ser convexas (f_conv), apontadas (f_apont), deixadas em aberto (f_ab) ou, como no caso dos cavalos, apresentarem distinções anatómicas (f_mod). As categorias das nucas (nu) e dos bordos cervicais (bcerv) são as mesmas que as da cabras-monteses. As formas e perfis das hastes refletem também as formas e perfis dos cornos dos bovídeos. Assim as hastes podem ser lineares (h_l) ou contornadas (h_cont), tendo-se identificado, ao nível das perspetivas, o perfil absoluto (h_p), o biangular oblíquo (h_bio) e o biangular reto (h_bir). O único caso onde se poderá identificar a perspetiva uniangular corresponde à figura **Ca06.D-08** do nosso inventário (LEP, 1999a, 153). Não sendo evidente esta situação e, a sê-lo corresponder a um *unicum*, optámos por a caracterizar como um caso de perspetiva biangular oblíqua.

As cervas dispõem de mais seis variáveis para além das comuns. Cinco delas são comuns aos bovídeos e aos veados, correspondendo aos atributos que se reportam à cabeça e ao bordo cervical. As categorias dos bordos fronto-nasais (fn) das cervas são as mesmas dos veados (fn_re, fn_cv e fn_cr), devendo-se ainda juntar a forma côncava (fn_cc). Também os bordos ventrais da cabeça são mais variados que os dos veados, podendo ser retos (cbv_re), convexos (cbv_cv), côncavos (cbc_cc), com ganachas convexas e regiões da tábua/ queixo retas (cbv_cr) ou com ganachas convexas e regiões da tábua/ queixo côncavas (cbv_cvc). As formas dos focinhos (foc) são as mesmas dos veados, devendo-se ainda juntar a categoria da extremidade rostral reta (f_re). As categorias de nucas (nu) e bordos cervicais (bcerv) são as mesmas que as de veados e cabras-monteses. As cervas têm como variável exclusiva a perspetiva adotada na representação das orelhas (or_perf), podendo estas encontrar-se figuradas em perfil biangular oblíquo (or_bio) ou reto (or_bir), em perfil uniangular (or_u) ou, no caso em que apenas uma orelha está presente, em perfil absoluto (or_p). Refira-se que, no caso das cervas, embora se tenha identificado uma situação (**JE04-01**) onde se verifica a existência de uma boca modelada (bc_mod), dado tratar-se de um caso único, foi considerado nas nossas análises como boca linear. De qualquer forma, como se verificará no momento apropriado, esta unidade gráfica continua a destacar-se das restantes. Entretanto, e sem mais delongas, passemos à análise dos resultados.

3.2.2. Os resultados

3.2.2.1. Cavalos

A tabela sobre a qual trabalhámos corresponde à nossa tabela 3.1. É composta por unidades gráficas de estações portuguesas e por outras da Meseta castelhana publicadas por colegas do outro lado da fronteira. Ora, em algumas unidades gráficas da nossa tabela podem verificar-se algumas divergências quanto à descrição dos autores responsáveis pelo seu estudo. Importa desde já identificá-las. Assim, considerámos que o traço paralelo ao membro anterior de **DC06.C-02** (LEP, 1999a, 190-191, fig. 262) pode ser interpretado como segunda pata deste animal, que assim passa a ter os membros representados em perfil uniangular e em movimento. Também no decalque de **DC06.D-01** (LEP, 1999a, 192, fig. 263), julgamos poder reconhecer uma segunda pata dianteira, encontrando-se ambas em perfil uniangular. Considerámos igualmente que **SI44.C-01** possui boca linear, visível quer no decalque, quer na foto (LEP, 1999a, 115-116, figs. 135-136).Em La Griega, interpretamos o traço imediatamente à esquerda da pata dianteira do cavalo do conjunto X do sector III — **Gr_III_10** — (Corchón *et al.*, 1997, 68-69, fig. 52) como esboço de uma segunda pata,

encontrando-se o par representado em perfil uniangular. As unidades gráficas de Siega Verde tivemos oportunidade de as ver *in loco*. As únicas precisões relativamente aos cavalos publicados prendem-se com a existência de uma orelha contornada em **SV13-09** (Alcolea & Balbín, 2006a, 75-76, fig. 32), de um olho circular em **SV40-01** (*idem*, 115, fig. 82) e de um olho em forma de ponto em **SV74-05** (*idem*, 162, fig. 158). Feitas estas ressalvas, analisemos os gráficos resultantes das nossas análises.

Uma observação atenta do gráfico 3.1 é profundamente sugestiva. Nele observamos que a nossa análise considera a existência de três classes. Estas três classes correspondem *grosso modo* às três fases que temos vindo a defender para as manifestações gráficas do vale do Côa (v.g. Santos, 2012), correspondendo cada uma destas às classes representadas no gráfico[67].

As variáveis que mais condicionam a distribuição dos motivos encontram-se representadas no gráfico 3.2. O primeiro facto a relevar é a pouca importância dos índices corporais (ic) na análise da variabilidade formal dos cavalos. No extremo oposto encontramos variáveis como a forma e o perfil dos membros (memb_f e memb_p respetivamente), a forma geral do corpo (corpo), o preenchimento interior (int), a incisão simples (inc_s) e a picotagem (pic), estas três essencialmente ao longo da dimensão 1. Na dimensão 2 têm especial importância a presença/ ausência de cascos (cas), a forma das narinas (nar), boca (bc) e olhos (oc), a incisão reiterada (inc_r) e as delimitações internas (di).

A distribuição das categorias pelo mapa fatorial pode ser observada no gráfico 3.3. Dada a quantidade de categorias, este gráfico é de leitura algo difícil. Nele observamos a existência de uma série importante cerca do centro do gráfico. As categorias que mais contribuem para a distribuição encontram-se, no entanto na periferia.

No gráfico 3.4 optámos por apresentar apenas a metade que mais contribui para a distribuição dos indivíduos pelo gráfico. Assim, no quadrante inferior esquerdo encontramos a picotagem A (pic_A), a existência de abrasão (abr_s), os membros simples (memb_bs), os corpos com curvas acentuadas (cor_c), a não ocorrência de incisão simples ou múltipla (inc_s_n e inc_m_n), as narinas e bocas lineares (n_l e b_l) e os membros em perfil absoluto. No quadrante superior esquerdo encontramos apenas os corpos naturalistas (cor_nat) e a ocorrência de delimitações internas. No quadrante superior direito identificamos a não ocorrência de picotagem (pic_n), a presença de cascos (cas_s), as narinas contornadas (n_cont), a ocorrência da incisão simples e múltipla (inc_s_s e inc_m_s), o preenchimento parcial dos corpos (int_p), as orelhas contornadas (or_cont), a modalidade 2 dos membros modelados (memb_m2), os olhos amendoados (oc_am), a incisão reiterada (inc_r_s), a utilização do perfil uniangular na representação dos membros (memb_un) e a boca modelada (b_mod). Finalmente, no quadrante inferior direito observamos a inexistência de delimitações internas (di_n), a inexistência de olhos (oc_n), a utilização das perspetivas biangulares na representação dos membros (memb_bi), as crineiras retas (cri_r) e as suas terminações em ponta (tcri_pt), os bordos ventrais da cabeça retos (cbv_r), os corpos geométricos (cor_geo), os membros lineares (memb_l), o interior dos corpos totalmente preenchido (int_t) e os focinhos apontados (f_apont).

Uma enumeração das categorias responsáveis pela partição originada é elucidativa (Tab. 3.2). Assim, a classe 1 é essencialmente caraterizada pela proeminência das técnica do picotado (sobretudo na sua modalidade A, mas também na B) e da abrasão, pela utilização do perfil absoluto na representação dos membros, que tendem a ser definidos simplesmente pelos bordos; os corpos apresentam curvas acentuadas; as crineiras tendem a ser convexas, as orelhas lineares, os olhos em forma de ponto ou circulares; a forma mais comum do bordo ventral da cabeça é a que dispõe de ganacha convexa e zona da barbada/ queixo reta; as linhas fronto-nasais tendem a ser convexas, assim como as delimitações internas das crineiras, embora estas últimas possam ser também retas.

Embora possamos estranhar a ausência, no rol atrás descriminado, de categorias como a ausência de cascos (que desde logo, não é exclusiva desta classe), tal deve-se ao facto das classes serem também definidas pela negativa, isto é, pela ausência de determinadas categorias, ausências essas cujo contributo para a sua definição pode ser mais importante que o de uma categoria que, embora presente, não é tão significativa.

67 A imagem original produzida pelo programa identifica as classes 2 e 3 de forma inversa à por nós adotada. De facto, o programa nomeia as classes a partir da leitura da esquerda para a direita do dendrograma produzido (cfr. Graf. 3.5). De forma a facilitar a compreensão da análise, a numeração das classes identificadas através das nossas análises sujeitar-se-á a um critério cronológico.

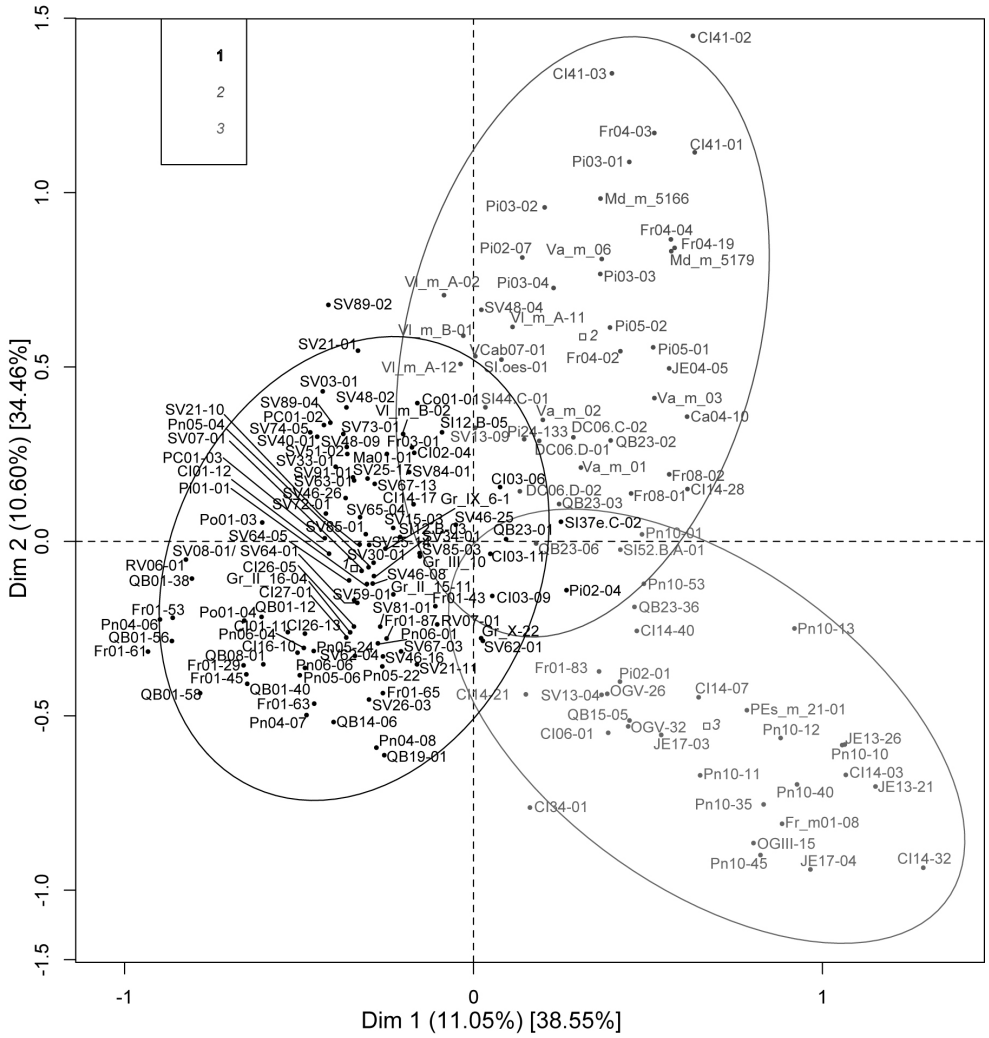
U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	foc	cri	dcri	tcri	ic
Ca04-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	62,52515621
CI01-11	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	NA	NA	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	69,09051793
CI01-12	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	71,55803643
CI02-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_l	n_cont	cor_c	di_n	memb_bs	memb_un	cas_s	fn_r	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	86,17402511
CI03-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_r	tcri_alt	67,58732337
CI03-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	84,34540444
CI03-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
CI06-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	82,38608819
CI14-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	99,84101327
CI14-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	65,88194962
CI14-17	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	62,07215587
CI14-21	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_re	cri_r	dcri_n	tcri_nu	NA
CI14-28	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	85,87811346
CI14-32	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	77,26957501
CI14-40	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_cc	cbv_cv	f_conv	NA	dcri_n	NA	NA
CI16-10	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	73,68158179
CI26-05	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	NA
CI26-13	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	87,35639292
CI27-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	f_re	NA	NA	NA	NA
CI34-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	cri_r	dcri_n	tcri_pt	NA
CI41-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_bi	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	106,2022839
CI41-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	110,0414852
CI41-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_alt	78,58443059
Cost01-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_un	cas_s	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_pt	86,07448155
DC06.C-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	NA
DC06.D-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	66,55570347
DC06.D-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	NA	NA	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	NA
Fr_m01-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	cri_r	dcri_n	tcri_nu	91,71640788
Fr01-29	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	69,31343214
Fr01-43	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	NA	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	76,82516802
Fr01-45	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_alt	62,01554679
Fr01-53	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	76,81182827
Fr01-61	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	69,38323336
Fr01-63	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	76,43695595
Fr01-65	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	79,08776403
Fr01-83	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	66,31455962
Fr01-87	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	NA	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cv	NA	cri_cv	dcri_n	NA	78,24589632
Fr03-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_s	fn_cc	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_pt	90,12388344
Fr04-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
Fr04-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
Fr04-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_mod	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	87,62928191
Fr04-19	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_n	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_r	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_alt	NA
Fr08-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_re	cri_r	dcri_n	tcri_nu	89,88543418
Gr_II_15-11	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	98,14554824
Gr_II_16-04	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	99,02974237
Gr_III_10	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
Gr_IX_6-1	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_alt	74,68039637
Gr_X-22	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	NA
OGIII-15	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_apont	cri_r	dcri_n	tcri_nu	190,9859317
OGV-26	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	73,45612758
OGV-32	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	95,49296586
Ma01-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_p	NA	NA	NA	cor_c	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_r	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_r	NA	80,18747307
Md_m_5166	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_l	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	88,44641112
Md_m_5179	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	b_mod	n_cont	NA	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	NA
PC01-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
PC01-03	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_r	tcri_nu	NA
Pn04-06	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	NA
Pn04-07	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	NA
Pn04-08	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	NA

Tab. 3.1: Caraterização dos cavalos estudados com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.

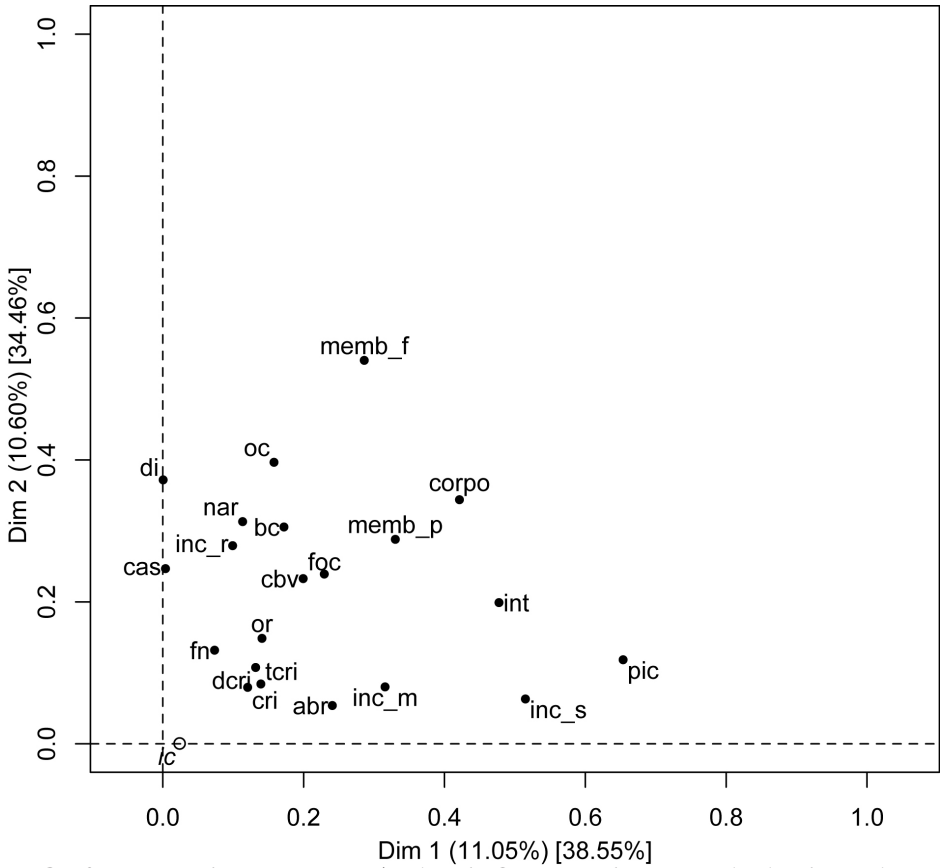
Pn05-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	NA	NA	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	NA	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	81,98197069
Pn05-06	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	79,2758132
Pn05-22	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	120,865493
Pn05-24	pic_B	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	77,16824534
Pn06-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	64,66778914
Pn06-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	NA	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	84,55106352
Pn06-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	67,16783787
Pn10-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	78,83474848
Pn10-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	NA	cas_n	NA	cbv_r	NA	cri_r	dcri_n	tcri_pt	69,2046867
Pn10-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	NA
Pn10-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	NA	cri_r	dcri_n	tcri_pt	62,35943039
Pn10-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	71,90471258
Pn10-35	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	12,52366765
Pn10-40	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_apont	cri_cv	dcri_cc	tcri_pt	76,93617675
Pn10-45	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	83,12341069
Pn10-53	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	82,45110246
PEs_m_21-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	67,6929758
Po01-03	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_l	n_cont	cor_c	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_cc	cbv_cr	f_conv	cri_cv	NA	tcri_cto	71,52351674
Po01-04	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	NA	b_l	NA	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cvc	f_re	cri_cv	dcri_r	NA	80,55188956
QB01-12	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	NA
QB01-38	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	59,09624915
QB01-40	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	68,67179378
QB01-56	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	61,22210193
QB01-58	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	NA	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	NA	66,60332175
QB08-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	78,11448739
QB14-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	NA
QB15-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_cto	121,2386184
QB19-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_conv	cri_r	dcri_n	tcri_nu	NA
QB23-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	87,80159962
QB23-02	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cv	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	73,72496843
QB23-03	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	NA	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	95,02242081
QB23-06	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cv	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	85,06323767
QB23-36	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	97,38215107
Pi01-01	pic_A	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	59,74259429
Pi02-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	97,1393963
Pi02-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	NA
Pi02-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_l	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	88,09788769
Pi03-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	82,3705881
Pi03-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_l	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	56,62161112
Pi03-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	85,11193617
Pi03-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_c	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	79,91770777
Pi05-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	73,22493519
Pi05-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	58,05058611
Pi24-133	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_re	cri_r	dcri_n	tcri_nu	NA
RV06-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	69,97215769
RV07-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	62,19285469
SI12.B-03	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	NA	dcri_n	NA	NA
SI12.B-05	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	72,97836415
SI37e.C-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	NA	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	NA	cbv_cvc	f_conv	NA	dcri_n	NA	82,23005393
SI44.C-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_l	n_cont	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	108,2253613
SI52.B.A-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	NA	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_r	dcri_cc	tcri_cto	NA
SI.oes-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	57,69366687
SV03-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	88,41941283
SV07-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	84,88263632
SV08-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
SV13-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	63,66197724
SV13-09	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_n	NA	NA	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	NA	NA	NA	NA
SV15-03	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_pt	95,49296586

U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	foc	cri	dcri	tcri	ic
SV21-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cvc	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	80,81910585
SV21-10	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	85,9094424
SV21-11	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	cri_cv	dcri_r	tcri_alt	110,6320946
SV25-17	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	NA	90,59589068
SV26-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cv	NA	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	62
SV30-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_alt	NA
SV33-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	69,11052484
SV34-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	103,8695418
SV40-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	88,60553569
SV46-08	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	55,70423008
SV46-16	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_re	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	71,61972439
SV46-25	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	NA	cri_cv	dcri_cc	tcri_pt	83,55634512
SV46-26	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	82,76057041
SV48-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	71,61972439
SV48-04	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_cont	cor_c	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	67,52027889
SV48-09	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_cont	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
SV51-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	NA	NA	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_r	tcri_nu	104,2739282
SV59-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	NA	84,92569002
SV62-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
SV62-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	NA
SV63-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	76,55901573
SV64-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	66,11051482
SV64-05	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	95,49296586
SV65-04	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	88,46426044
SV67-03	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	NA
SV67-13	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	96,51977194
SV72-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cc	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	68,82375917
SV73-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_r	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	65,43036549
SV74-05	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_cto	67,48169587
SV81-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	81,89262966
SV84-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	73,67622085
SV85-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_n	tcri_cto	70,02817496
SV85-03	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_alt	63,93876844
SV89-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cvc	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	77,38909108
SV89-04	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_r	cbv_cr	f_re	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	69,72502269
SV91-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	NA	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	80
Va_m_01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_mod	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cc	cbv_cvc	f_mod	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	NA
Va_m_02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
Va_m_03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_r	f_mod	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	81,11413996
Va_m_06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_alt	71,36429053
VCab07-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_re	cri_cv	dcri_cv	tcri_cto	93,71043049
Vl_m_A-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_mod	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	46,68544997
Vl_m_A-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_l	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	83,9180609
Vl_m_A-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_l	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	87,5352187
Vl_m_B-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
Vl_m_B-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cv	tcri_nu	NA
JE04-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_alt	88,03581451
JE13-21	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_pt	88,61960773
JE13-26	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_apont	cri_cv	dcri_n	tcri_nu	106,9305414
JE17-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_conv	cri_cv	dcri_cc	tcri_nu	NA
JE17-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_apont	cri_r	dcri_n	tcri_pt	67,93259349

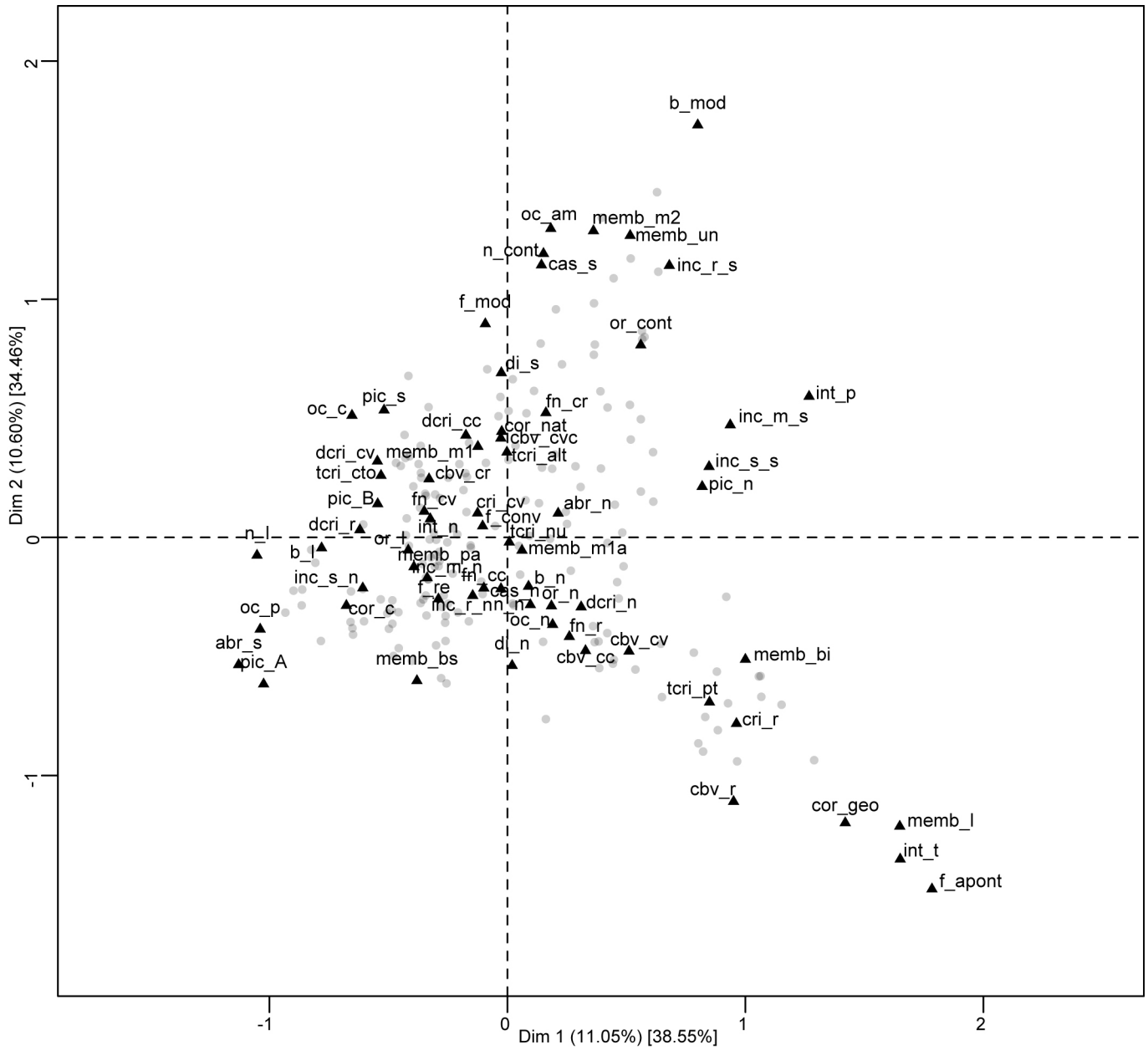
Tab. 3.1 (cont.): Caraterização dos cavalos estudados com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.



Graf. 3.1: Mapa fatorial com a distribuição dos cavalos pelas três classes sugeridas pela Classificação Hierárquica Ascendente.



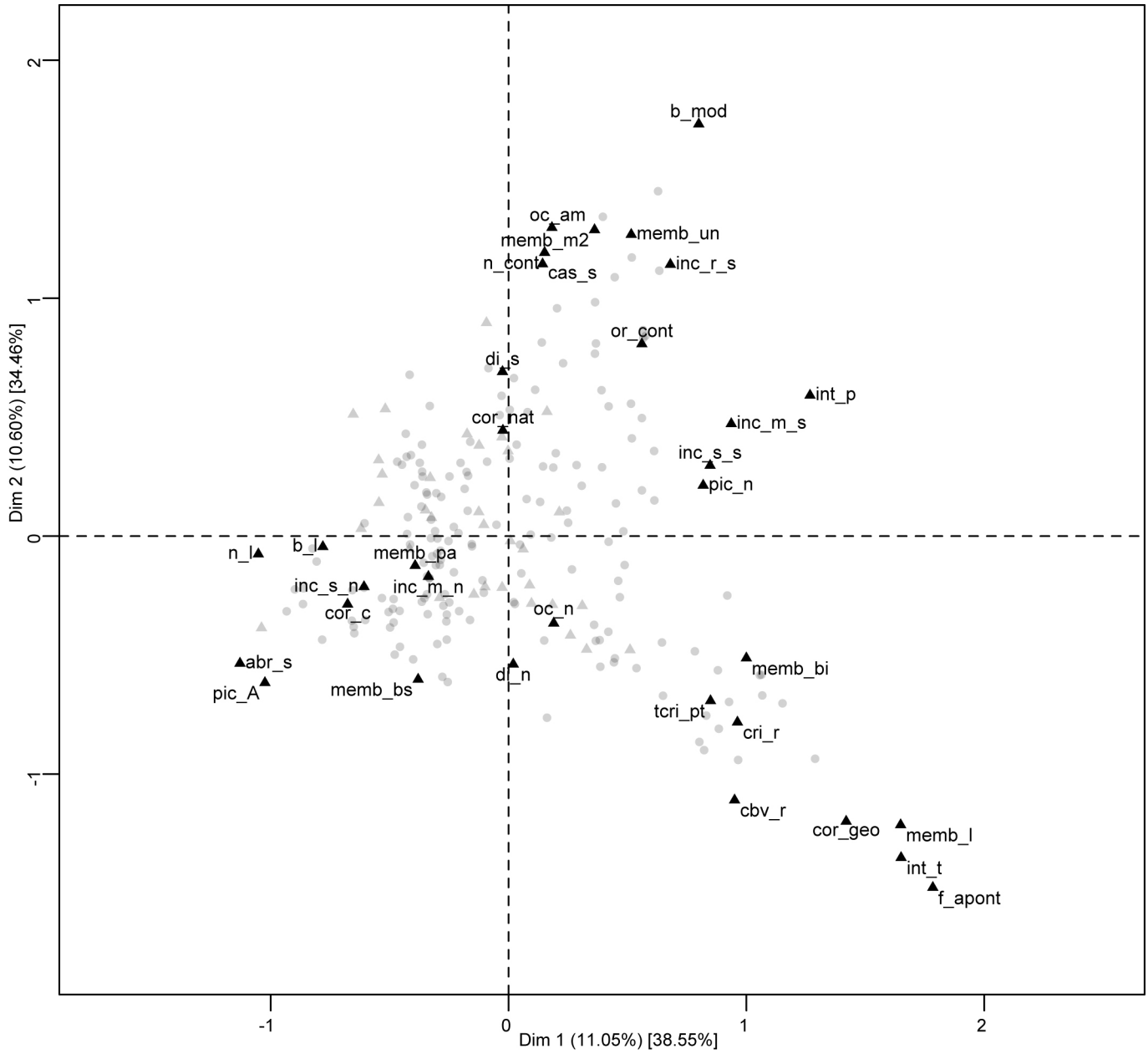
Graf. 3.2: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de cavalos.



Graf. 3.3: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa resultante da análise de Correspondências Múltiplas de cavalos.

As categorias cuja ausência contribui mais para a definição da classe 1 são a incisão (nas suas três variantes), os corpos geometrizados, as orelhas contornadas, os preenchimentos interiores (nas suas duas variantes), as bocas modeladas, as crineiras retas, os membros de forma linear e em perfil biangular (embora o perfil uniangular também seja residual), os focinhos apontados, a ausência de delimitação interna da crineira, os olhos amendoados, o bordo fronto-nasal convexo-reto, os olhos amendoados, as terminações das crineiras em ponta ou diretamente sobre a nuca, os bordos ventrais da cabeça retos (e em menor medida, convexos), os membros modelados na sua segunda variante, e as narinas contornadas.

A classe 2 (Tab. 3.3) carateriza-se pela proeminência da incisão reiterada (mas também da simples e da múltipla), pelas bocas modeladas e pelas orelhas contornadas, pelos membros em perfil uniangular, pelos olhos amendoados, pelas narinas contornadas, pelos membros modelados (sobretudo na sua modalidade 2), pelas delimitações internas, pelo preenchimento interior parcial dos corpos, pelos corpos naturalistas, pelos bordos fronto-nasais convexo-retos, pelos focinhos modelados e pela presença de cascos. A classe 2 carateriza-se ainda pela ausência ou raridade de membros definidos apenas simplesmente pelos bordos (e em menor medida, dos lineares), da picotagem em ambas as modalidades, da abrasão, dos corpos geométricos, dos membros em perfil absoluto, de extremidades rostrais sem boca ou narina, dos bordos fronto-nasais retos, dos interiores dos corpos totalmente preenchidos, de orelhas lineares ou de cabeça sem orelhas, de bordos ventrais da cabeça retos e de olhos em forma de ponto.



Graf. 3.4: Distribuição da metade das categorias mais relevante para a distribuição dos cavalos estudados.

A classe 3 carateriza-se essencialmente (Tab. 3.4) pelos corpos geometrizados, pelo total preenchimento dos corpos, pelos membros lineares dispostos em perfil biangular, pelos focinhos apontados, pela ausência de olhos e narinas, pelos bordos ventrais da cabeça retos (e em menor medida convexos), pela ausência de delimitações internas, pelas crineiras retas, não delimitadas interiormente e terminadas em ponta, pelo uso da incisão simples (e em menor medida, pela da múltipla), pelos bordos fronto-nasais retos e pela ausência de boca e de orelhas. As categorias cujas ausências mais contribuem para a definição desta classe são os corpos sem qualquer preenchimento interior e de formas naturalistas (e em menor medida, os definidos por curvas acentuadas), as delimitações internas, os bordos ventrais da cabeça convexo-retos (e, em menor medida, os convexo-côncavos), as crineiras convexas, o picotado A (e em muito menor medida, o B), os membros em perfil absoluto, os bordos fronto-nasais convexos, as narinas contornadas, a abrasão, os membros modelados (sobretudo a modalidade 2, mas também a 1), os olhos amendoados (e, em menor medida, os circulares), o perfil uniangular nos membros, as delimitações da crineira convexas, os focinhos modelados, as terminações das crineiras alteadas, as bocas modeladas e as narinas lineares.

Uma primeira conclusão a tirar é que a Classificação Hierárquica Ascendente parece refletir a proposta de faseamento da arte paleolítica do Côa que apresentámos em 2012 (Santos, 2012, 46). Assim, a classe 1 é composta pelos motivos que atribuímos ao período entre o Gravettense e o Solutrense médio, a classe 2 pelos que situámos num intervalo entre o Solutrense final e o Magdalenense superior, e a classe 4 pelos que integrámos no Magdalenense final/ Azilense.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
inc_s=inc_s_n	87,878788	88,77551	58,235294	1,98E-22	9,742961
int=int_n	70,503597	100	81,764706	2,43E-14	7,625797
inc_m=inc_m_n	73,6	93,877551	73,529412	1,25E-12	7,099218
pic=pic_A	100	40,816327	23,529412	3,57E-12	6,953093
inc_r=inc_r_n	68,571429	97,959184	82,352941	1,88E-10	6,370913
memb_p=memb_pa	74,336283	85,714286	66,470588	5,78E-10	6,196448
pic=pic_B	91,489362	43,877551	27,647059	6,31E-09	5,808383
abr=abr_s	100	27,55102	15,882353	5,89E-08	5,422207
memb_f=memb_bs	79,365079	51,020408	37,058824	8,86E-06	4,443331
corpo=cor_c	82,978723	39,795918	27,647059	2,46E-05	4,218447
cri=cri_cv	63,69863	94,897959	85,882353	1,06E-04	3,877545
or=or_l	73,134328	50	39,411765	9,90E-04	3,293415
oc=oc_p	100	12,244898	7,058824	9,94E-04	3,292324
dcri=dcri_cv	78,787879	26,530612	19,411765	5,80E-03	2,758772
or=NA	100	9,183673	5,294118	5,97E-03	2,749273
cbv=cbv_cr	67,021277	64,285714	55,294118	6,48E-03	2,722653
tcri=NA	87,5	14,285714	9,411765	9,94E-03	2,577875
nar=NA	100	8,163265	4,705882	1,08E-02	2,550691
oc=oc_c	84,210526	16,326531	11,176471	1,20E-02	2,511934
oc=NA	100	7,142857	4,117647	1,93E-02	2,340514
fn=fn_cv	69,642857	39,795918	32,941176	2,73E-02	2,206634
dcri=dcri_r	100	6,122449	3,529412	3,43E-02	2,116196
bc=NA	100	6,122449	3,529412	3,43E-02	2,116196
foc=NA	78,947368	15,306122	11,176471	4,74E-02	1,983041
tcri=tcri_nu	50	44,897959	51,764706	3,84E-02	-2,070153
cbv=cbv_cv	38,461538	10,204082	15,294118	3,62E-02	-2,094561
tcri=tcri_pt	33,333333	6,122449	10,588235	3,28E-02	-2,134501
nar=n_cont	37,931034	11,22449	17,058824	2,13E-02	-2,302039
memb_f=memb_m2	36	9,183673	14,705882	2,10E-02	-2,308622
fn=fn_cr	40,540541	15,306122	21,764706	1,97E-02	-2,33149
cbv=cbv_r	27,777778	5,102041	10,588235	8,52E-03	-2,630611
oc=oc_am	30,769231	8,163265	15,294118	3,26E-03	-2,94255
dcri=dcri_n	46,153846	42,857143	53,529412	1,20E-03	-3,238965
memb_p=memb_un	25	6,122449	14,117647	6,24E-04	-3,420988
memb_f=memb_l	7,692308	1,020408	7,647059	1,66E-04	-3,766127
foc=f_apont	0	0	5,882353	1,26E-04	-3,833354
memb_p=memb_bi	25	8,163265	18,823529	4,36E-05	-4,087499
cri=cri_r	10,526316	2,040816	11,176471	1,05E-05	-4,406036
bc=b_mod	0	0	8,823529	9,97E-07	-4,892215
int=int_t	0	0	8,823529	9,97E-07	-4,892215
int=int_p	0	0	9,411765	3,67E-07	-5,085496
abr=abr_n	49,65035	72,44898	84,117647	5,89E-08	-5,422207
or=or_cont	7,142857	2,040816	16,470588	1,59E-09	-6,034847
inc_r=inc_r_s	6,666667	2,040816	17,647059	1,88E-10	-6,370913
corpo=cor_geo	0	0	14,117647	7,99E-11	-6,50086
inc_m=inc_m_s	13,333333	6,122449	26,470588	1,25E-12	-7,099218
inc_s=inc_s_s	15,492958	11,22449	41,764706	1,98E-22	-9,742961
pic=pic_n	17,073171	14,285714	48,235294	4,16E-28	-10,992418

Tab. 3.2: Peso das categorias na definição da classe 1 de cavalos. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Contudo, esta análise não se deu apenas sobre os equinos do Côa, estendendo-se aos de toda a nossa área de estudo, o que nos permitiu perceber o seu lugar relativamente aos do Côa. Alguns destes, como seria expectável, caíram na classe 3 (da arte magdaleno-azilense), designadamente os motivos de Ojo Guareña (**OG-15**, **OGV-26** e **OGV-32**) e de Peña de Estebanvela (**PE_m_21-01**). **SV13-04** cai também nesta classe, o que, não sendo impossível dadas as outras figurações coevas já identificadas na estação (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007), pensamos dever-se a outras razões que exploraremos adiante. A ocorrência do motivo **SI52.B.A-01** de Domingo García nesta classe pode parecer estranho, mas como se verifica no gráfico, localiza-se em região partilhada pelas elipses das classes 2 e 3. Situação semelhante verifica-se com a unidade gráfica **Pn10-01,** da Penascosa.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
inc_r=inc_r_s	86,666667	63,414634	17,647059	3,56E-16	8,152706
pic=pic_n	48,780488	97,560976	48,235294	8,56E-15	7,758972
inc_s=inc_s_s	50,704225	87,804878	41,764706	4,00E-12	6,937049
bc=b_mod	100	36,585366	8,823529	5,47E-11	6,557445
or=or_cont	75	51,219512	16,470588	3,37E-10	6,280537
inc_m=inc_m_s	57,777778	63,414634	26,470588	6,12E-09	5,813579
memb_p=memb_un	75	43,902439	14,117647	1,30E-08	5,686553
oc=oc_am	69,230769	43,902439	15,294118	1,11E-07	5,307577
nar=n_cont	62,068966	43,902439	17,058824	1,55E-06	4,804785
memb_f=memb_m2	64	39,02439	14,705882	4,50E-06	4,586716
di=di_s	39,189189	70,731707	43,529412	6,78E-05	3,983795
int=int_p	68,75	26,829268	9,411765	9,41E-05	3,905315
abr=abr_n	28,671329	100	84,117647	2,75E-04	3,637978
corpo=cor_nat	33,684211	78,04878	55,882353	9,38E-04	3,308391
memb_f=memb_m1	39,655172	56,097561	34,117647	9,84E-04	3,29506
fn=fn_cr	43,243243	39,02439	21,764706	3,72E-03	2,901398
foc=f_mod	56,25	21,95122	9,411765	4,43E-03	2,846029
cas=cas_s	44,444444	29,268293	15,882353	1,20E-02	2,512289
oc=oc_n	18,867925	48,780488	62,352941	4,45E-02	-2,009814
cbv=cbv_r	5,555556	2,439024	10,588235	4,38E-02	-2,016073
oc=oc_p	0	0	7,058824	3,20E-02	-2,144435
or=or_n	15,151515	24,390244	38,823529	2,94E-02	-2,177892
or=or_l	14,925373	24,390244	39,411765	2,37E-02	-2,261885
memb_f=memb_l	0	0	7,647059	2,37E-02	-2,262043
int=int_t	0	0	8,823529	1,29E-02	-2,486359
cas=cas_n	20,27972	70,731707	84,117647	1,20E-02	-2,512289
fn=fn_r	10,714286	14,634146	32,941176	3,36E-03	-2,932988
nar=n_n	16,949153	48,780488	69,411765	1,57E-03	-3,161169
bc=b_n	16,666667	48,780488	70,588235	7,59E-04	-3,367396
corpo=cor_geo	0	0	14,117647	7,45E-04	-3,372546
memb_p=memb_pa	15,929204	43,902439	66,470588	6,92E-04	-3,392866
abr=abr_s	0	0	15,882353	2,75E-04	-3,637978
di=di_n	11,578947	26,829268	55,882353	2,02E-05	-4,262372
pic=pic_B	2,12766	2,439024	27,647059	4,42E-06	-4,590754
pic=pic_A	0	0	23,529412	2,69E-06	-4,693542
memb_f=memb_bs	1,587302	2,439024	37,058824	6,26E-09	-5,809579
inc_m=inc_m_n	12	36,585366	73,529412	6,12E-09	-5,813579
inc_s=inc_s_n	5,050505	12,195122	58,235294	4,00E-12	-6,937049
inc_r=inc_r_n	10,714286	36,585366	82,352941	3,56E-16	-8,152706

Tab. 3.3: Peso das categorias na definição da classe 2 de cavalos. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Outro motivo de Domingo García (**SI37e.C-02**) e um da Ribeira de Piscos (**Pi02-04**) são integrados na classe 1, localizando-se, no entanto, em zona partilhada pelas elipses das classes 2 e 3. Na zona exclusivamente partilhada pelas classes 1 e 3 apenas se observa um motivo de La Griega (**Gr_X-22**) e outro de Siega Verde (**SV62-01**), ambos integrado pela análise na classe 1. Três motivos da classe 1 (**CI03-09**, **CI03-11** e **QB23-01**) e um da classe 2 (**QB23-06**) localizam-se em zona partilhada pelas três elipses.

Contudo, a maior parte dos motivos "partilhados" localizam-se em zona mista das classes 1 e 2, correspondendo 9 destes à classe 1 (**Co01-01**, **SI2.B-05**, **Vl_m_B-02**, **Fr03-01**, **CI02-04**, **CI03-06**, **CI14-17**, **SV46-25** e **SV84-01**) e cinco à classe 2 (**SI44.C-01**, **DC06.D-02**, **Vl_m_A-12**, **SV13-09** e **RI24-133**).

O caráter de transição de algumas das rochas e sítios que se localizam nestas zonas partilhadas por várias elipses é evidenciado quando observamos a localização dos restantes motivos que se encontram nas rochas e sítios respetivos. Por exemplo, relativamente aos cavalos da rocha 23 da Quinta da Barca, não seria expectável que **QB23-01** (classe 1) se apartasse de **QB23-02**, **QB23-03** e **QB23-06** (classe 2). No entanto, para além da distância entre **QB23-01** e **QB23-06** ser muito pouca, a verdade é que o grande cavalo desta rocha se encontra ainda bem dentro da elipse da classe 2, e os restantes motivos no hemisfério inferior da elipse da classe 2. A rocha parece assim ser constituída por um repertório de transição entre as duas classes (e ainda por um horizonte magdaleno-azilense, representado no gráfico por **QB23-36**).

Outra rocha que aparenta encontrar-se na mesma situação é a rocha 3 da Canada do Inferno, cujos equinos, embora integrados na classe 1, se encontram todos em zona partilhada pelas classe 1 e 2 (dois destes encontram-se mesmo em zona partilhada pelas três classes). O cavalo da rocha 2 da Canada do Inferno e o da Costalta (já no vale do Zêzere) podem também corresponder a uma situação do género.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	100	77,419355	14,117647	2,64E-23	9,945386
int=int_t	100	48,387097	8,823529	2,59E-13	7,313979
memb_f=memb_l	92,307692	38,709677	7,647059	2,02E-09	5,996538
memb_p=memb_bi	59,375	61,290323	18,823529	2,60E-09	5,954946
foc=f_apont	100	32,258065	5,882353	1,05E-08	5,723166
oc=oc_n	29,245283	100	62,352941	6,12E-08	5,415207
pic=pic_n	34,146341	90,322581	48,235294	9,17E-08	5,342499
cbv=cbv_r	66,666667	38,709677	10,588235	1,67E-06	4,790064
nar=n_n	26,271186	100	69,411765	2,94E-06	4,674638
cri=cri_r	63,157895	38,709677	11,176471	4,05E-06	4,608827
di=di_n	29,473684	90,322581	55,882353	8,21E-06	4,459596
inc_s=inc_s_s	33,802817	77,419355	41,764706	1,13E-05	4,3901
fn=fn_r	35,714286	64,516129	32,941176	7,85E-05	3,948947
dcri=dcri_n	28,571429	83,870968	53,529412	1,36E-04	3,815259
tcri=tcri_pt	55,555556	32,258065	10,588235	1,81E-04	3,744163
bc=b_n	24,166667	93,548387	70,588235	9,43E-04	3,307143
abr=abr_n	21,678322	100	84,117647	2,59E-03	3,013046
or=or_n	27,272727	58,064516	38,823529	1,83E-02	2,360304
cbv=cbv_cv	34,615385	29,032258	15,294118	3,05E-02	2,163157
inc_m=inc_m_s	28,888889	41,935484	26,470588	3,99E-02	2,054559
nar=n_l	0	0	8,823529	4,21E-02	-2,032233
bc=b_mod	0	0	8,823529	4,21E-02	-2,032233
inc_m=inc_m_n	14,4	58,064516	73,529412	3,99E-02	-2,054559
foc=f_mod	0	0	9,411765	3,37E-02	-2,123595
cbv=cbv_cvc	3,703704	3,225806	15,882353	2,43E-02	-2,251871
tcri=tcri_alt	0	0	10,588235	2,15E-02	-2,299701
memb_f=memb_m1	8,62069	16,129032	34,117647	1,76E-02	-2,3744
oc=oc_c	0	0	11,176471	1,71E-02	-2,384821
pic=pic_B	6,382979	9,677419	27,647059	1,02E-02	-2,56829
dcri=dcri_cv	3,030303	3,225806	19,411765	6,70E-03	-2,711469
memb_p=memb_un	0	0	14,117647	5,32E-03	-2,786852
memb_f=memb_m2	0	0	14,705882	4,19E-03	-2,863325
oc=oc_am	0	0	15,294118	3,30E-03	-2,938698
abr=abr_s	0	0	15,882353	2,59E-03	-3,013046
nar=n_cont	0	0	17,058824	1,58E-03	-3,158934
fn=fn_cv	5,357143	9,677419	32,941176	1,42E-03	-3,190629
corpo=cor_c	2,12766	3,225806	27,647059	2,29E-04	-3,685139
memb_p=memb_pa	9,734513	35,483871	66,470588	1,11E-04	-3,86584
pic=pic_A	0	0	23,529412	9,18E-05	-3,911276
cbv=cbv_cr	7,446809	22,580645	55,294118	5,80E-05	-4,020954
cri=cri_cv	12,328767	58,064516	85,882353	1,60E-05	-4,313816
inc_s=inc_s_n	7,070707	22,580645	58,235294	1,13E-05	-4,3901
di=di_s	4,054054	9,677419	43,529412	1,12E-05	-4,392871
corpo=cor_nat	5,263158	16,129032	55,882353	7,76E-07	-4,94138
int=int_n	7,913669	35,483871	81,764706	6,30E-11	-6,536535

Tab. 3.4: Peso das categorias na definição da classe 3 de cavalos. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

A placa de Vilalba corresponde também, muito provavelmente, a um período de transição, com um motivo integrado na classe 1 (mas em zona de elipses partilhadas [**Vl_m_B-02**]) e os restantes quatro integrados já na classe 2, embora um destes também em zona de elipses partilhadas (**Vl_m_A-12**).

As estações de Domingo García parecem, no seu todo poderem integrar-se nesta fase de transição, não se localizando nenhum dos equinos respetivos nos hemisférios superior da classe 2 e inferior da classe 1. Será aliás de referir que apenas um motivo de Domingo García se localiza numa região exclusivamente delimitada pela elipse da classe 1 (**SI12.B-03**) e

dois na zona exclusiva da classe 2 (**DC06.C-02** e **Ca04-10**).

Uma parte importante dos motivos de Siega Verde parece integrar-se nesta situação de transição, embora mais de metade dos equinos se localize ainda em zona exclusiva da elipse da classe 1. Contudo, a maior parte destes motivos, a par de outros de estações como Poço do Caldeirão, localiza-se no hemisfério superior da elipse, onde os motivos do Côa rareiam mais. Uma distinção entre estes motivos e os do Côa parece-nos portanto confirmada. Esta situação é claramente verificada quando olhamos para o dendrograma com a partição dos grupos (Graf. 4.5). Verificamos aí que os motivos de Siega Verde (com exceção de **SV13-09**, **SV48-04** e **SV13-04**, os dois primeiros integrados na classe 2 e o remanescente na 3) se encontram num subgrupo com poucos efetivos da fase mais antiga do Côa, subgrupo esse que, por outro lado, integra toda a série de motivos a que nos temos vindo a referir como representantes de uma putativa fase de transição. Antes de voltarmos a este dendrograma, voltemos à figura que estávamos a analisar.

Claramente fazendo parte da classe 1 encontramos a maior parte dos motivos que sempre considerámos da fase mais antiga do Côa, motivos esses que se encontram presentes nas rochas 1, 16, 26 e 27 da Canada do Inferno, 1 do Fariseu, 4, 5 e 6 da Penascosa, 1, 8, 14 e 19 da Quinta da Barca, 1 de Piscos, e 6 e 7 de Rego de Vide. Destaque-se, contudo, a proximidade deste último relativamente à elipse da classe 3. Para além destes motivos do Côa, encontram-se ainda perfeitamente integrados na classe 1 os equinos do Pousadouro e, se bem que em menor medida, os de La Griega.

Os motivos do Côa que se encontram exclusivamente na classe 3, com exceção de um, não levantam grandes questões: correspondem ao cavalo da rochas 6 e à maior parte dos da 14 da Canada do Inferno, aos cavalos da rocha 10 da Penascosa, a um da rocha 2 de Piscos (**Pi02-01**), ao do painel esquerdo da rocha 15 da Quinta da Barca (**QB15-05**), a um cavalo da rocha 23 desse mesmo sítio (**QB23-36**), aos cavalos das rochas 13 e 16 do Vale de José Esteves e ao único que foi possível analisar da arte móvel do Fariseu (**Fr_m01-08**). Destaque-se a presença de figuras picotadas, algumas delas consideradas previamente como da fase pré-magdalenense do Côa (v.g. **CI06-01**). Refira-se ainda a presença nesta classe de um motivo da rocha 1 do Fariseu (**Far01-83**). A presença deste motivo nesta classe é perfeitamente possível do ponto de vista estratigráfico (encontrando-se o motivo coberto apenas pela camada 2). No entanto, a sua integração nesta classe pode dever-se a um outro aspeto que exploraremos adiante e ao qual se deverá a inclusão do motivo de Siega Verde nesta classe a que já fizemos atrás referência.

Os motivos do Côa que encontramos exclusivamente na elipse da classe 2 são os equinos das rochas 41 da Canada do Inferno, um da rocha 14 deste sítio (**CI14-28**), um da rocha 23 da Quinta da Barca (**QB23-02**) os das rochas 4 e 8 do Fariseu, o cavalo presente na composição principal da rocha 2 de Piscos (**Pi02-07**), os das rochas 3 e 5 deste sítio, e o da rocha 4 do Vale de José Esteves. Para além destes motivos do Côa e dos outros já mencionados atrás, refira-se ainda a integração nesta classe dos equinos da arte móvel do Vau e do Medal.

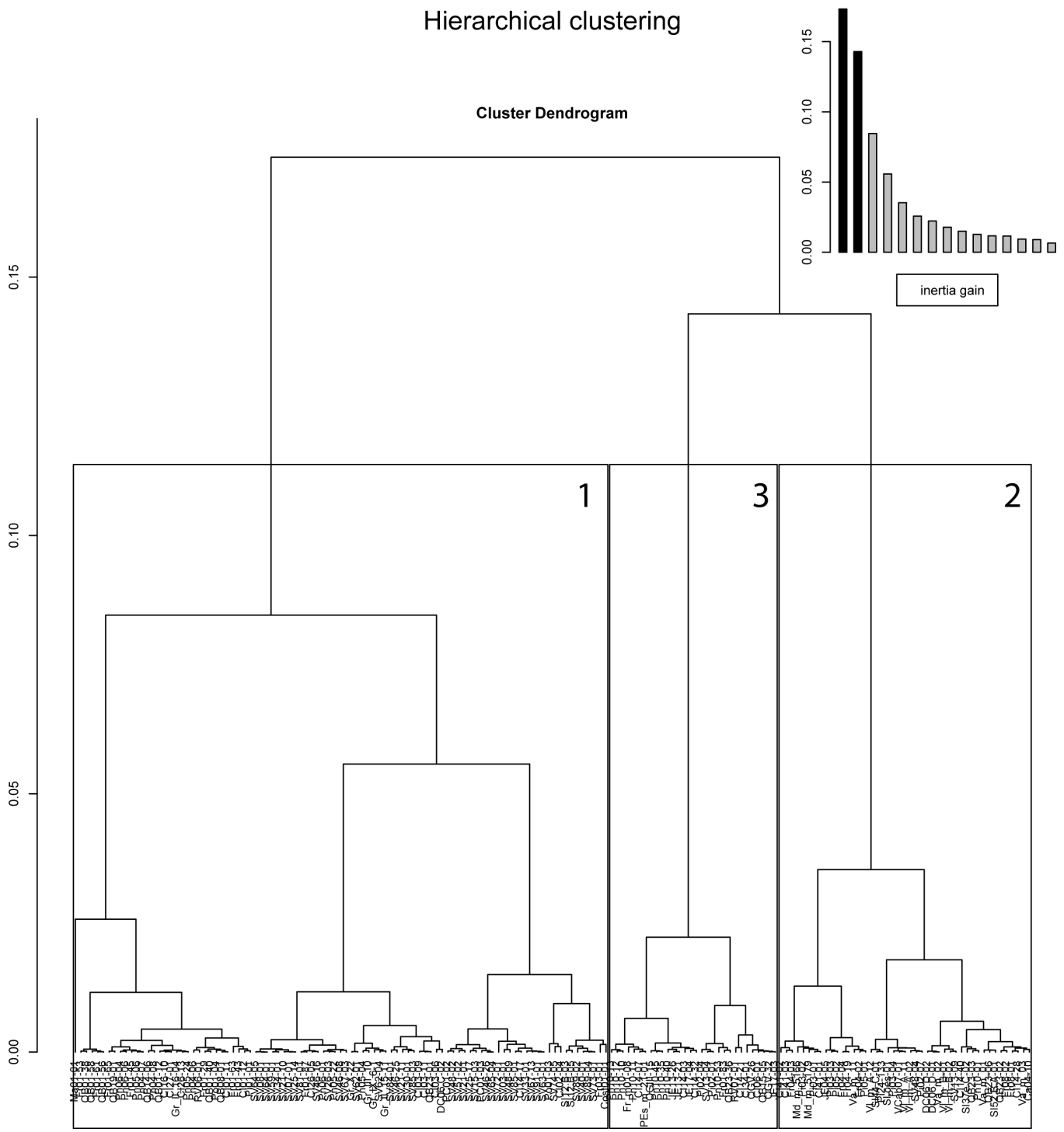
Voltemos agora ao dendrograma (Graf. 3.5). Nesta figura observamos algumas diferenças relativamente ao mapa fatorial. De facto, neste último parece observar-se uma maior relação entre as classes 1 e 2 (com dezoito motivos destas classes a localizarem-se na zona de elipses partilhadas) que entre as classes 2 e 3 (com apenas três motivos das duas classes em zona de elipses partilhadas). No entanto, no dendrograma observa-se uma maior proximidade formal entre estas duas classes, aparecendo-nos ambas com origem no mesmo ramo.

Este aspeto alertou-nos para o facto das variáveis relacionadas com a técnica estarem a "distorcer" os nossos resultados. De facto, como vimos acima, as categorias relacionadas com as variáveis técnicas têm um peso muito considerável na classificação dos equinos. As classes 2 e 3 parecem relacionar-se no dendrograma devido ao predomínio da incisão, a par da raridade da picotagem, em ambos os conjuntos de motivos que as conformam.

Na arte do Côa conhecida até ao momento, as opções técnicas parecem ter relevância cronológica. Mas, por exemplo em Siega Verde, as diferenciações ao nível da técnica parecem mais condicionadas por razões topográficas e temáticas que cronológicas (v.g. Alcolea & Balbín, 2006a, 189-191). Ou seja, em Siega Verde o predomínio de determinada técnica não pode ser considerado como indicador cronológico. Estas observações levaram-nos a sentir necessidade de proceder a uma análise multivariante apenas com as variáveis morfológicas. Esta análise encontra-se expressa nos gráficos 3.6 a 3.10.

No primeiro destes encontra-se graficamente representado o contributo das variáveis para a nova distribuição que agora se apresenta. Destaque-se a continuidade da contribuição residual dos índices corporais dos animais. A par de

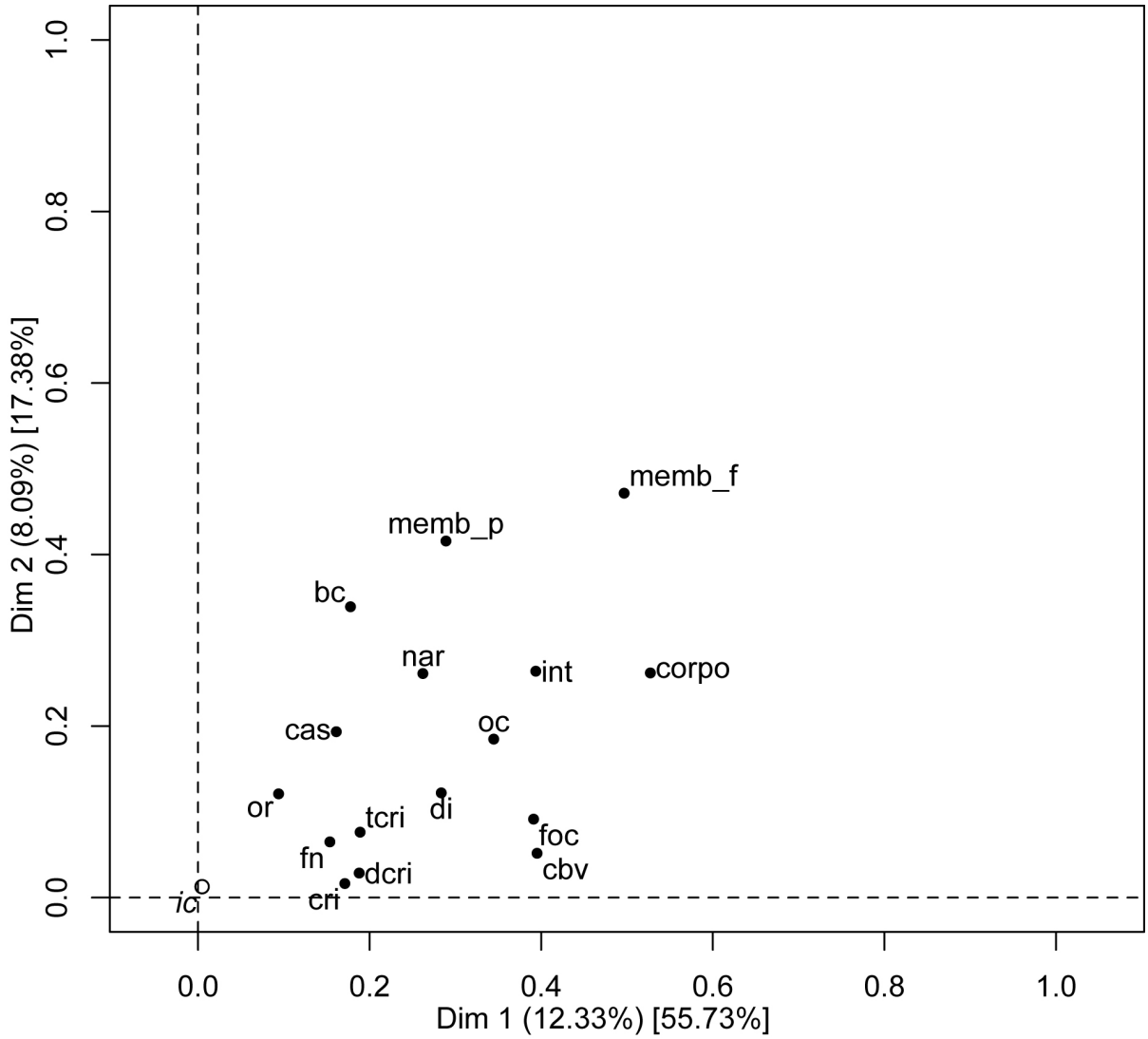
algumas variáveis cuja importância para a distribuição das unidades analisadas já se tinha verificado (corpo, forma e perfil dos membros, preenchimento interior), refira-se ainda a forma da boca, narina, olhos, focinho e bordo ventral da cabeça (bc, nar, oc, foc e cbv).



Graf. 3.5: Dendograma com a distribuição dos cavalos pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente.

No gráfico 3.7 apresentamos a distribuição do total das categorias pelo gráfico e no seguinte a distribuição da metade que mais contribui para a dispersão dos indivíduos pelo mapa fatorial. Aqui distinguimos sensivelmente três grupos: um primeiro na zona inferior do gráfico composto pela inexistência de preenchimento interior (int_n), pela representação dos membros em perfil absoluto (memb_pa), pelos corpos com curvas acentuadas (cor_c), pelas bocas e narinas lineares (b_l e n_l), pelos olhos em forma de ponto (oc_p) — todas estas no quadrante inferior esquerdo —, pelos membros definidos por bordos simples (memb_bs), pela inexistência de delimitações internas (di_n) e pela ausência de olho — estas três localizadas no quadrante inferior direito. Um segundo grupo de categorias localiza-

se no quadrante superior esquerdo, sendo constituído pelos corpos naturalistas (cor_nat), pelas orelhas contornadas (or_cont), pelas delimitações internas (di_s), pelas narinas contornadas (n_cont), pelos olhos amendoados (oc_am), pela presença de cascos (cas_s), pela representação dos membros em perfil uniangular (memb_un), pela modalidade 2 dos membros modelados (memb_m2) e pelas bocas modeladas (b_mod). Um terceiro grupo localiza-se na extremidade direita do quadrante superior direito, sendo constituído pelos bordos ventrais da cabeça retos (cbv_r), pelas crineiras retas (cri_r) e terminadas em ponta (tcri_pt), pela representação dos membros em perfil biangular (memb_bi), pelos corpos geométricos (cor_geo), pelos interiores dos corpos totalmente preenchidos (int_t), pelos focinhos apontados (f_apont) e pelos membros lineares (memb_l). A categorias dos interiores parcialmente preenchidos localiza-se ainda neste quadrante mas já em zona de transição para o segundo grupo definido.

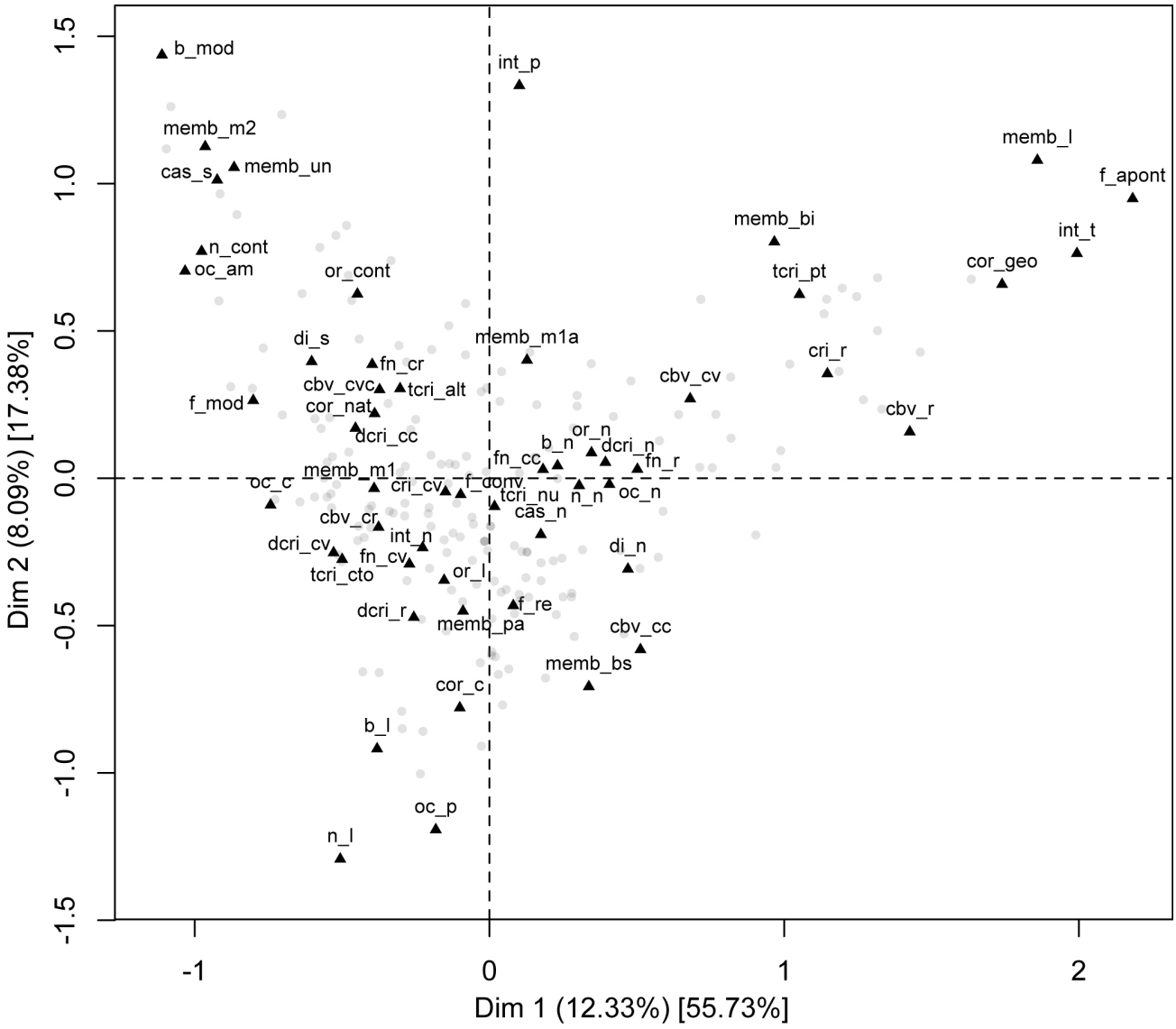


Graf. 3.6: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas sem as correspondentes às técnicas.

O gráfico mais sugestivo é, contudo, o mapa fatorial com os indivíduos já distribuídos pelas respetivas classes (Graf. 3.10). De facto, se não tivermos em conta as variáveis técnicas, uma análise do dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente permite-nos inferir, com elevado grau de probabilidade, a existência de quatro classes (Graf. 3.9). A primeira destas (Tab. 3.5) é definida essencialmente pelas seguintes categorias: corpos com curvas acentuadas, bocas e narinas lineares, olhos em forma de ponto, bordo ventral da cabeça convexo-reto, membros representados em perfil absoluto, orelhas lineares, terminação da crineira contra a orelha, focinhos retos e membros definidos simplesmente pelos bordos. A classe é ainda definida pela ausência ou raridade das seguintes categorias: corpos naturalistas (e, em menor medida, de tendência geométrica), delimitações internas, ausência de boca (e, em menor medida de bocas modeladas), orelhas ausentes ou contornadas, bordos ventrais da cabeça convexo-côncavos, olhos ausentes, narinas ausentes ou contornadas, preenchimentos interiores, membros em perfil biangular e uniangular, membros lineares e terminações da

crineira contra a nuca.

A classe 2 (Tab. 3.6) é definida pelas categorias seguintes: corpos naturalistas, membros delimitados por bordos simples, bordos ventrais da cabeça convexo-côncavos (e, em menor medida, côncavos), terminações da crineira alteadas, focinhos convexos, membros em perfil absoluto e bordos ventrais da cabeça côncavos. Predominam ainda as cabeças sem detalhes (narinas, olho, boca e orelhas), os membros sem cascos, os corpos geométricos, as terminações da crineira contra a orelha, os preenchimentos interiores totais e os focinhos.

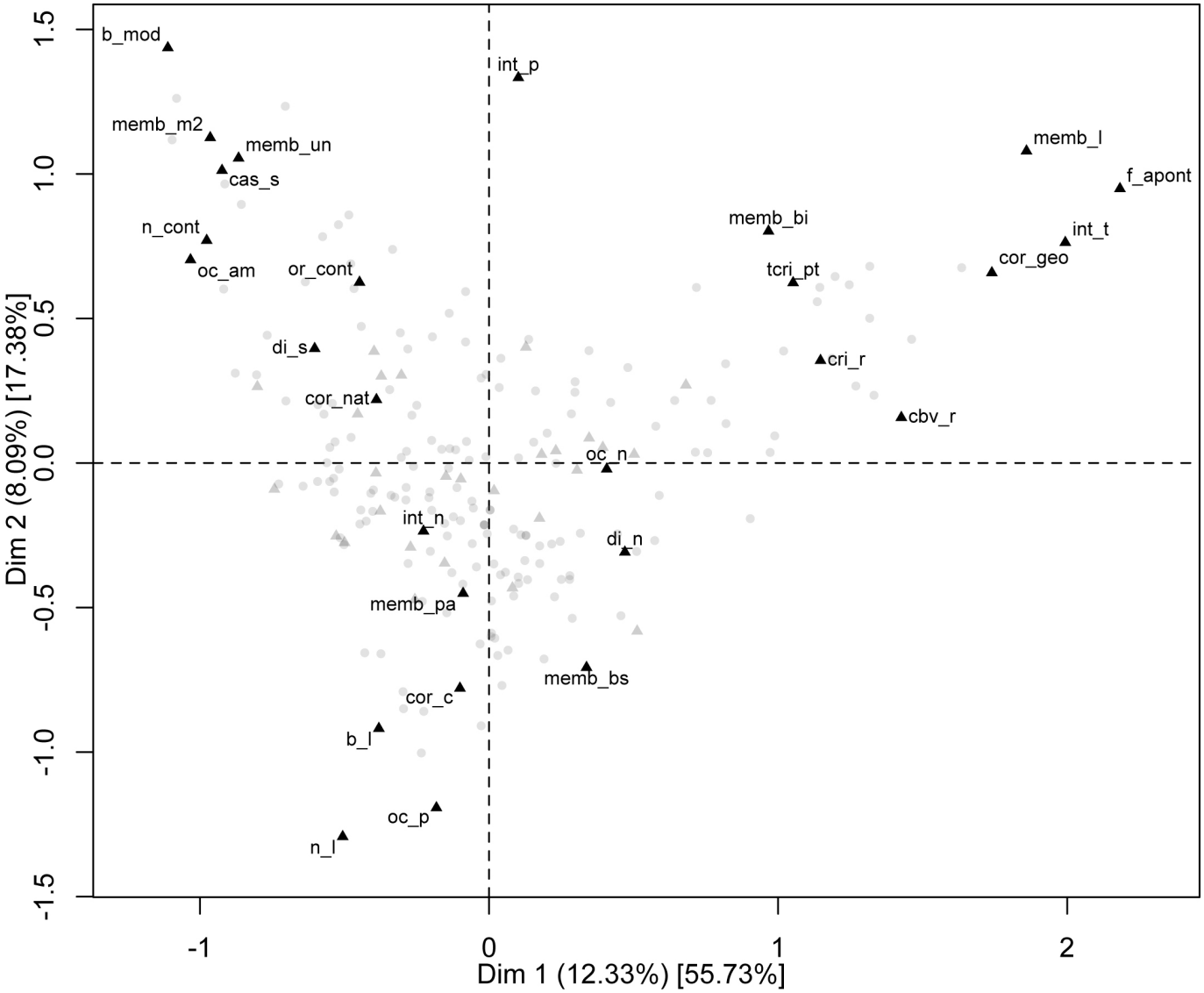


Graf 3.7: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial (Análise de Correspondências Múltiplas de cavalos, sem técnicas).

A classe 3 (Tab. 3.7) é definida pelas narinas contornadas, pelos olhos amendoados (e em menor medida, circulares), pelas bocas e focinhos modelados, pelas delimitações internas, pela presença de cascos, pelo predomínio da modalidade 2 dos membros modelados (e em menor medida da 1) representados em perfil uniangular, pelas orelhas contornadas, pelos bordos fronto-nasais convexo-retos e pelos bordos ventrais da cabeça convexo-côncavos. Pela negativa é definida pela ausência de cabeças sem detalhes (bocas, olhos, narinas e orelhas), membros definidos por bordos simples ou lineares, corpos geométricos e definidos por curvas acentuadas, bordos fronto-nasais retos, membros sem cascos e dispostos em perfil absoluto, bordos ventrais da cabeça retos, crineiras não delimitadas interiormente, corpos totalmente preenchidos e focinhos apontados.

A classe 4 (Tab. 3.8) é definida por corpos geometrizados totalmente preenchidos, focinhos apontados, membros lineares dispostos em perfil biangular, bordos ventrais da cabeça retos (e, em menor medida, convexos), ausência de olhos, narinas e delimitações internas, crineiras e linhas fronto-nasais retas, ausência de delimitações da crineira que tendem a

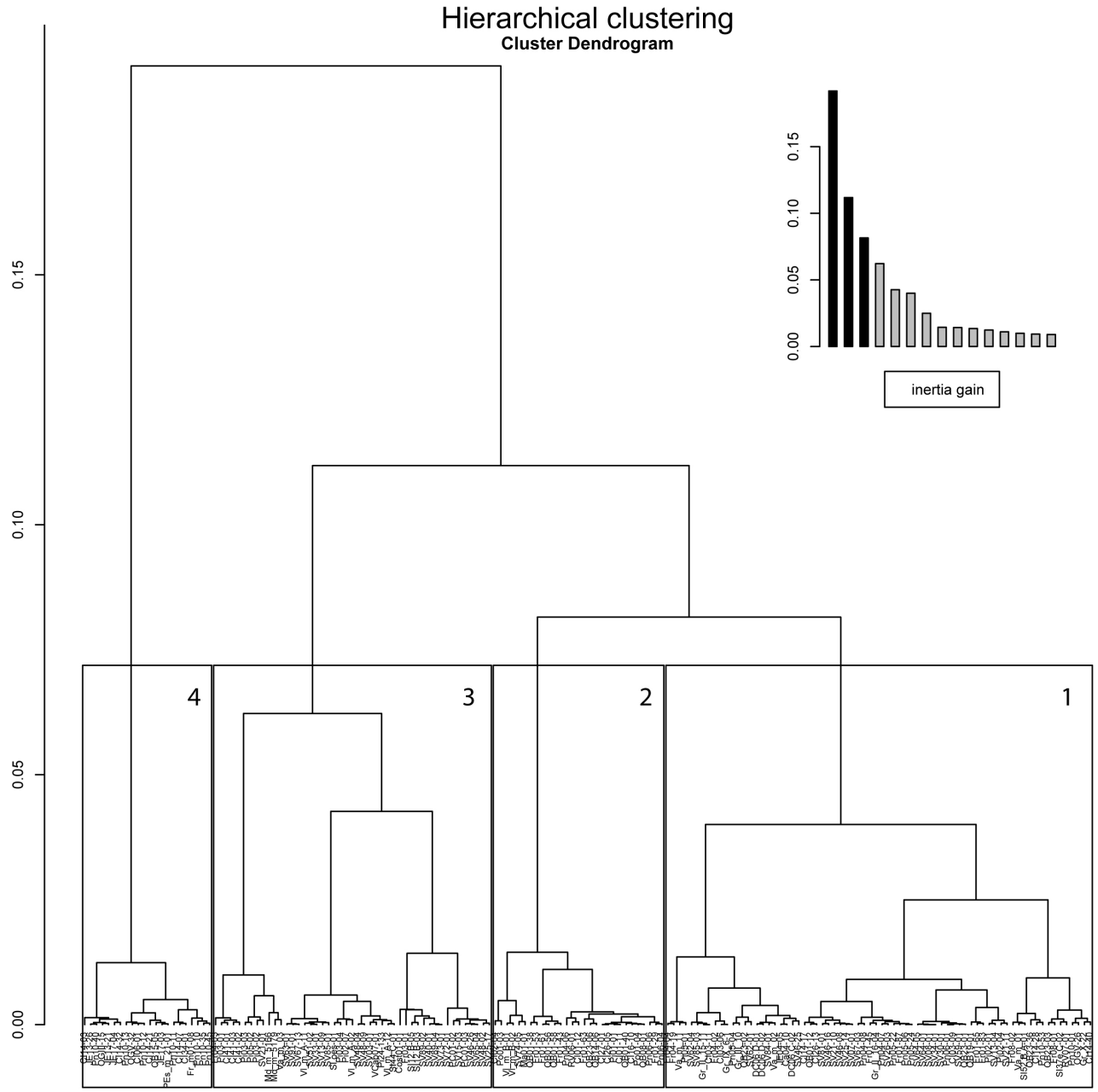
terminar em ponta e ausência de bocas. Pela negativa é definida pela ausência ou raridade de corpos sem preenchimento interior ou delimitados interiormente, de formas naturalistas (e, em menor medida, de curvas acentuadas), de bordos ventrais da cabeça convexo-retos, crineiras convexas, fronto-nasais convexas, narinas contornadas, delimitações da crineira convexas, focinhos convexos, membros modelados (nas variantes 1 e 2) em perfil uniangular e sobretudo em perfil absoluto, olhos amendoados ou circulares e terminações da crineira contra a orelha ou alteadas.



Graf. 3.8: Distribuição da metade mais relevante das categorias, pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial (Análise de Correspondências Múltiplas de cavalos, sem técnicas).

A consolidação com o algoritmo "K-médias" no mapa fatorial origina a configuração presente no gráfico 3.10. Nele apreciamos claramente a existência de uma classe de transição entre as anteriores 1 e 2 (agora classificadas como 1 e 3). A esta classe de transição pertencem os motivos que na análise anterior já considerámos de transição: uma grande parte dos cavalos de Siega Verde (com vinte e nove dos seus quarenta e três cavalos integrados nesta classe, encontrando-se dois dos remanescentes na classe 1 e doze na 3), um dos cavalos do Zêzere (encontrando-se os outros dois na 3), os cavalos da rocha 3 da Canada do Inferno, da rocha 3 do Fariseu, três dos cinco cavalos da rocha 23 da Quinta da Barca (encontrando-se um na 1, e o segundo, como na análise anterior, na 4), metade das figuras de Domingo García (cinco motivos nesta classe e os restantes na 3) e a totalidade dos de La Griega. Integram também esta classe alguns motivos problemáticos da análise anterior, como **Pn10-0**, a que se junta agora **Pn10-53**, algo que parece indiciar a existência de uma fase de gravação nesta rocha, prévia à Azilense. Os motivos do painel esquerdo da rocha 2 de Piscos integram-se também ambos nesta classe, reforçando-se assim a hipótese de uma fase mais antiga nesta rocha que a representada por **Pi02-07**. Por outro lado, integram também esta classe motivos que anteriormente se localizavam na 2 (atual 3),

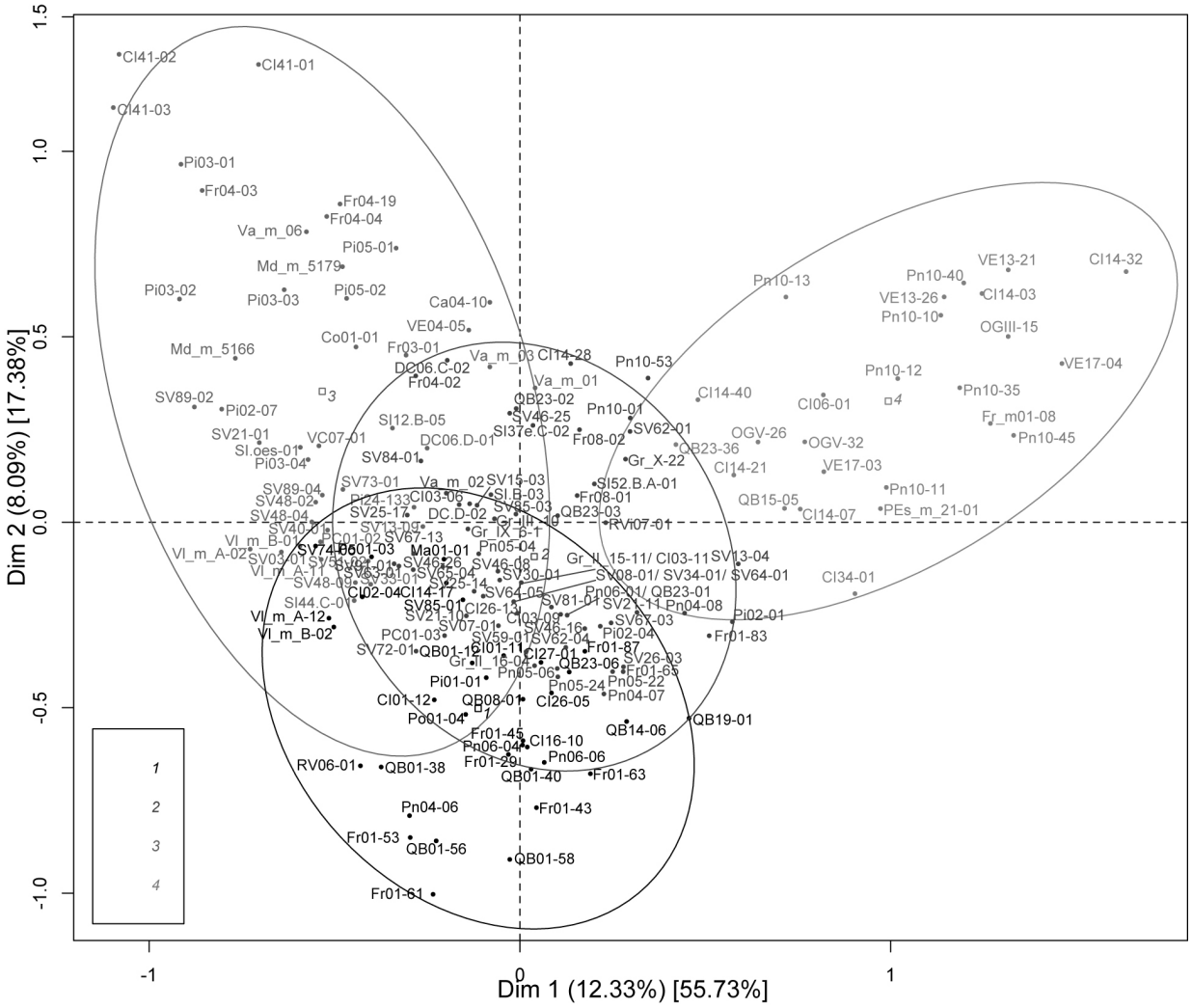
destacando-se os cavalos da rocha 8 do Fariseu e um dos quatro cavalos da rocha 4 deste sítio (embora localizado em zona partilhada pelas elipses das classes 2 e 3). Mais estranha é a ocorrência nesta classe de motivos que julgaríamos plenamente integráveis na classe1, como os cavalos da rocha 5 da Penascosa, dois cavalos da rocha 1 do Fariseu, dois dos três cavalos da rocha 4 deste sítio, **Pn06-01** e **CI26-13**. Relativamente aos dois últimos, tal dever-se-á à coocorrência fortuita de alguns atributos (designadamente do bordo ventral da cabeça convexo-côncavo e da terminação da crineira na nuca, a que se deve juntar a ausência de orelhas em **Pn06-01**), algo que parece corroborado pela presença de outros equinos destas rochas na classe 1. A presença dos dois cavalos da rocha 1 do Fariseu nesta classe é perfeitamente possível, tendo em conta a estratigrafia parietal e sedimentar do sítio (Aubry, Santos & Luís, 2014). Os cavalos das rochas 4 e 5 da Penascosa levantam um problema muito interessante, na medida em que podem apontar para uma data algo mais recente de gravação destes painéis do que até aqui suspeitávamos, algo de que voltaremos a falar.



Graf. 3.9: Distribuição dos cavalos pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente (Análise sem variáveis técnicas).

Relativamente à classe 1 verificamos que são integrados nesta classe alguns motivos que diríamos da classe 2, como **QB23-06**, **CI02-04** (que na análise anterior se localizavam na antiga classe 2), o cavalo de Mazouco e **CI14-17**. A presença destes motivos nesta classe, deve contudo ser relativizada. Quanto ao primeiro, já vimos que três da mesma rocha integram-se, de facto, na 2, não havendo razões de monta para admitir uma não contemporaneidade destes

quatro motivos. Quanto a **Ma01-01** e **CI14-17** devemos encontrar-nos perante mais um caso fortuito de coocorrências específicas, encontrando-se no gráfico estes motivos praticamente rodeados por equinos da classe 2. **CI14-17** não pode aliás ser excessivamente antigo, como demonstram as análises do Cloro 36 (Phillips *et al.*, 1997).



Graf. 3.10: Distribuição dos cavalos pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial (análise sem variáveis técnicas). As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%

No entanto, os dois maiores problemas que se verificam no gráfico prendem-se com a posição dos motivos do Vau (com um na classe 2 e três na 3) e, particularmente com o dos da placa de Vilalba (com dois motivos na classe 1 e três na classe 3). Estes problemas dever-se-ão à conjugação de dois factores: às limitações intrínsecas do método e aos constrangimentos do suporte móvel. A peça de Vilalba corresponde a achado isolado. A do Vau foi exumada em escavação (Ameijenda *et al.*, 2015), provindo de contexto estratigráfico sobre o qual nos debruçaremos adiante. Relativamente a esta última peça será de reter que apenas nela e em Siega Verde foram inventariados cavalos com a categoria "focinho modelado".

Em termos gerais, será de destacar a profunda relação que se verifica entre as classe 1, 2 e 3, por oposição à 4, o que parece denunciar um corte cultural, também verificado a outros níveis da análise (como o da variabilidade temática, por exemplo).

Pese o facto de se detetarem alguns problemas na classificação, parece-nos possível considerar que, em traços gerais, o gráfico reflete a variabilidade morfológica dos equinos estudados da nossa área de estudo.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_c	55,319149	74,285714	27,647059	7,14E-11	6,517747
nar=n_l	86,666667	37,142857	8,823529	1,21E-08	5,698745
bc=b_l	62,068966	51,428571	17,058824	5,48E-08	5,434833
oc=oc_p	91,666667	31,428571	7,058824	7,09E-08	5,388778
cbv=cbv_cr	30,851064	82,857143	55,294118	1,78E-04	3,748461
memb_p=memb_pa	28,318584	91,428571	66,470588	2,12E-04	3,704649
or=NA	77,777778	20	5,294118	2,56E-04	3,656677
int=int_n	25,179856	100	81,764706	3,46E-04	3,578082
tcri=tcri_cto	46,666667	40	17,647059	3,79E-04	3,554275
di=di_n	29,473684	80	55,882353	1,11E-03	3,260998
or=or_l	32,835821	62,857143	39,411765	1,92E-03	3,102498
oc=NA	71,428571	14,285714	4,117647	4,72E-03	2,825816
tcri=NA	50	22,857143	9,411765	6,66E-03	2,713462
nar=NA	62,5	14,285714	4,705882	1,10E-02	2,541853
foc=f_re	44,444444	22,857143	10,588235	1,69E-02	2,388475
memb_f=memb_bs	30,15873	54,285714	37,058824	2,15E-02	2,298999
memb_f=memb_l	0	0	7,647059	4,40E-02	-2,013766
nar=n_cont	6,896552	5,714286	17,058824	3,85E-02	-2,069067
bc=b_mod	0	0	8,823529	2,65E-02	-2,218209
int=int_t	0	0	8,823529	2,65E-02	-2,218209
memb_p=memb_un	4,166667	2,857143	14,117647	2,35E-02	-2,265649
int=int_p	0	0	9,411765	2,05E-02	-2,316196
memb_p=memb_bi	6,25	5,714286	18,823529	2,01E-02	-2,324597
cbv=cbv_cvc	3,703704	2,857143	15,882353	1,15E-02	-2,526838
or=or_cont	3,571429	2,857143	16,470588	9,02E-03	-2,611224
tcri=tcri_nu	12,5	31,428571	51,764706	7,55E-03	-2,671773
oc=oc_n	13,207547	40	62,352941	2,96E-03	-2,972222
corpo=cor_geo	0	0	14,117647	2,47E-03	-3,026891
di=di_s	9,459459	20	43,529412	1,44E-03	-3,186544
or=or_n	7,575758	14,285714	38,823529	5,81E-04	-3,440143
nar=n_n	12,711864	42,857143	69,411765	2,68E-04	-3,644014
corpo=cor_nat	9,473684	25,714286	55,882353	6,57E-05	-3,991515
bc=b_n	11,666667	40	70,588235	2,42E-05	-4,222008

Tab. 3.5: Peso das categorias na definição da classe 1 de cavalos (sem variáveis técnicas). A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
nar=n_n	51,694915	92,424242	69,411765	5,51E-08	5,433866
oc=oc_n	52,830189	84,848485	62,352941	8,48E-07	4,923903
bc=b_n	50	90,909091	70,588235	1,53E-06	4,80703
or=or_n	60,606061	60,606061	38,823529	4,35E-06	4,593838
cas=cas_n	44,055944	95,454545	84,117647	8,16E-04	3,347356
corpo=cor_nat	49,473684	71,212121	55,882353	1,38E-03	3,199157
memb_f=memb_bs	52,380952	50	37,058824	6,14E-03	2,740033
int=int_n	43,165468	90,909091	81,764706	1,30E-02	2,484765
tcri=tcri_alt	66,666667	18,181818	10,588235	1,39E-02	2,458799
foc=f_conv	45,794393	74,242424	62,941176	1,54E-02	2,422789
memb_p=memb_pa	45,132743	77,272727	66,470588	1,77E-02	2,372272
cbv=cbv_cc	100	6,060606	2,352941	2,15E-02	2,299804
or=or_l	28,358209	28,787879	39,411765	2,47E-02	-2,245839
foc=f_mod	12,5	3,030303	9,411765	2,13E-02	-2,30306
or=or_cont	17,857143	7,575758	16,470588	1,16E-02	-2,523215
foc=f_apont	0	0	5,882353	6,15E-03	-2,739509
bc=b_mod	6,666667	1,515152	8,823529	5,35E-03	-2,785043
int=int_t	6,666667	1,515152	8,823529	5,35E-03	-2,785043
tcri=tcri_cto	16,666667	7,575758	17,647059	5,20E-03	-2,794547
corpo=cor_geo	12,5	4,545455	14,117647	3,27E-03	-2,940678
oc=oc_p	0	0	7,058824	2,11E-03	-3,073674
cas=cas_s	11,111111	4,545455	15,882353	8,16E-04	-3,347356
nar=n_l	0	0	8,823529	4,12E-04	-3,53247
nar=n_cont	10,344828	4,545455	17,058824	3,09E-04	-3,607674
bc=b_l	10,344828	4,545455	17,058824	3,09E-04	-3,607674
oc=oc_am	7,692308	3,030303	15,294118	1,85E-04	-3,738599

Tab. 3.6: Peso das categorias na definição da classe 2 de cavalos (sem variáveis técnicas). A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
nar=n_cont	82,758621	54,545455	17,058824	1,06E-12	7,122304
oc=oc_am	84,615385	50	15,294118	6,91E-12	6,859539
bc=b_mod	93,333333	31,818182	8,823529	1,29E-08	5,687439
di=di_s	47,297297	79,545455	43,529412	2,20E-08	5,59558
cas=cas_s	70,37037	43,181818	15,882353	1,21E-07	5,292389
foc=f_mod	81,25	29,545455	9,411765	1,67E-06	4,789524
memb_f=memb_m2	68	38,636364	14,705882	1,81E-06	4,773873
or=or_cont	64,285714	40,909091	16,470588	2,83E-06	4,683113
memb_p=memb_un	66,666667	36,363636	14,117647	6,53E-06	4,508438
corpo=cor_nat	37,894737	81,818182	55,882353	4,23E-05	4,094504
fn=fn_cr	45,945946	38,636364	21,764706	2,85E-03	2,983703
oc=oc_c	52,631579	22,727273	11,176471	9,29E-03	2,601133
memb_f=memb_m1	37,931034	50	34,117647	1,22E-02	2,507279
cbv=cbv_cvc	44,444444	27,272727	15,882353	2,37E-02	2,2615
foc=f_apont	0	0	5,882353	4,54E-02	-2,000767
cbv=cbv_r	5,555556	2,272727	10,588235	3,00E-02	-2,170315
memb_p=memb_pa	20,353982	52,272727	66,470588	2,43E-02	-2,251979
foc=NA	5,263158	2,272727	11,176471	2,24E-02	-2,2836
memb_f=memb_l	0	0	7,647059	1,72E-02	-2,38276
corpo=cor_c	12,765957	13,636364	27,647059	1,39E-02	-2,459951
int=int_t	0	0	8,823529	8,88E-03	-2,616664
fn=fn_r	12,5	15,909091	32,941176	4,42E-03	-2,846295
dcri=dcri_n	16,483516	34,090909	53,529412	3,00E-03	-2,968035
or=or_n	12,121212	18,181818	38,823529	9,03E-04	-3,31919
bc=b_n	18,333333	50	70,588235	8,28E-04	-3,343257
corpo=cor_geo	0	0	14,117647	3,99E-04	-3,540439
nar=n_n	14,40678	38,636364	69,411765	7,77E-07	-4,941005
cas=cas_n	17,482517	56,818182	84,117647	1,21E-07	-5,292389
memb_f=memb_bs	3,174603	4,545455	37,058824	1,98E-08	-5,614149
oc=oc_n	10,377358	25	62,352941	5,27E-09	-5,83826
di=di_n	8,421053	18,181818	55,882353	4,17E-09	-5,877288

Tab. 3.7: Peso das categorias na definição da classe 3 de cavalos (sem variáveis técnicas). A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	87,5	84	14,117647	6,37E-20	9,137827
int=int_t	93,333333	56	8,823529	5,63E-13	7,209065
foc=f_apont	100	40	5,882353	7,71E-10	6,150871
memb_p=memb_bi	53,125	68	18,823529	2,86E-09	5,939723
memb_f=memb_l	84,615385	44	7,647059	4,84E-09	5,852711
cbv=cbv_r	61,111111	44	10,588235	1,34E-06	4,834278
oc=oc_n	23,584906	100	62,352941	2,19E-06	4,734801
cri=cri_r	52,631579	40	11,176471	3,41E-05	4,143879
di=di_n	24,210526	92	55,882353	3,64E-05	4,129284
nar=n_n	21,186441	100	69,411765	4,49E-05	4,080662
dcri=dcri_n	24,175824	88	53,529412	1,20E-04	3,846859
fn=fn_r	30,357143	68	32,941176	1,27E-04	3,831918
tcri=tcri_pt	50	36	10,588235	1,76E-04	3,751345
bc=b_n	20	96	70,588235	1,08E-03	3,26916
cbv=cbv_cv	34,615385	36	15,294118	5,56E-03	2,772838
tcri=tcri_alt	0	0	10,588235	4,83E-02	-1,974995
tcri=tcri_cto	3,333333	4	17,647059	4,32E-02	-2,021731
oc=oc_c	0	0	11,176471	4,03E-02	-2,050355
memb_p=memb_un	0	0	14,117647	1,61E-02	-2,406696
memb_f=memb_m2	0	0	14,705882	1,33E-02	-2,474531
foc=f_conv	9,345794	40	62,941176	1,33E-02	-2,475299
oc=oc_am	0	0	15,294118	1,10E-02	-2,541401
memb_f=memb_m1	5,172414	12	34,117647	9,27E-03	-2,60195
nar=n_cont	0	0	17,058824	6,20E-03	-2,736829
dcri=dcri_cv	0	0	19,411765	2,82E-03	-2,987212
fn=fn_cv	3,571429	8	32,941176	2,49E-03	-3,024136
corpo=cor_c	2,12766	4	27,647059	1,98E-03	-3,092978
cri=cri_cv	9,589041	56	85,882353	6,47E-05	-3,995026
di=di_s	2,702703	8	43,529412	4,68E-05	-4,071199
memb_p=memb_pa	6,19469	28	66,470588	2,68E-05	-4,1992
cbv=cbv_cr	4,255319	16	55,294118	1,89E-05	-4,277898
corpo=cor_nat	3,157895	12	55,882353	1,42E-06	-4,822087
int=int_n	5,035971	28	81,764706	6,50E-11	-6,531746

Tab. 3.8: Peso das categorias na definição da classe 4 de cavalos (sem variáveis técnicas). A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

3.2.2.2. Auroques

A tabela 3.9 corresponde à que serviu de base às nossas análises sobre os auroques. Apenas na descrição dos motivos **SV13-20** e **SV15-01** (Alcolea & Balbín, 2006a, 77-78, 80-81, figs. 33 e 36) diferimos um pouco da dos autores que as publicaram originalmente. Assim, na primeira reconhecemos *in loco* a existência de uma boca linear e de uma orelha contornada, enquanto na segunda interpretamos como olho uma picotagem existente no interior da cabeça do animal.

Passemos agora à leitura dos gráficos, começando pela dos que são resultantes das análises com todas as variáveis. Olhando para o gráfico 3.11, observamos que o índice corporal continua a ser irrelevante. Por outro lado, pelo menos duas variáveis técnicas — picotagem e incisão múltipla[68] — têm um grande peso nos mapas de distribuição, sobretudo ao longo da primeira dimensão. A importância da incisão reiterada não deve também ser descurada mas o peso da abrasão e da incisão simples é já bastante menor. A forma do corpo, os preenchimentos interiores, a forma e o tipo de perspetiva utilizado na configuração dos membros, e os detalhes da cabeça — como a forma do focinho, os olhos, a boca e as orelhas — apresentam, por outro lado, um peso considerável.

No gráfico 3.12 apresenta-se a distribuição das categorias pelo gráfico. Nele observa-se uma grande concentração em torno do cruzamento das duas dimensões, uma distribuição gradual de categorias ao longo de uma transversal que atravessa o quadrante superior direito e, sobretudo, um conjunto de categorias, praticamente isolado, no quadrante inferior direito.

No gráfico 3.13, onde apenas está representada a metade mais relevante das categorias, a leitura é, como nos casos anteriores, mais facilitada. Aí observamos que o último conjunto referido atrás é composto pelos focinhos abertos e apontados, pelos corpos geométricos, pelos membros lineares, pelos interiores totalmente preenchidos e pelas linhas fronto-nasais convexas. Ainda neste quadrante parece definir-se um outro grupo (em que as categorias, se dispersam, no entanto, um pouco mais) constituído pelos bordos cervicais retos, orelhas ausentes, cornos em perspetiva biangular reta, ausência de picotagem, proeminência da incisão múltipla, bordos ventrais da cabeça convexos, nucas retas e membros representados em perfil biangular. A ausência de olhos, embora localizada no quadrante inferior esquerdo parece ainda relacionar-se com este grupo. Um segundo grupo de categorias localiza-se no quadrante superior direito, sendo composto pelos olhos amendoados, pelas orelhas contornadas, pela presença de cascos, pela ocorrência de delimitações internas, pela ocorrência da incisão reiterada, pelo preenchimento parcial dos corpos, pela modalidade 2 dos membros modelados representados em perfil uniangular, e pelas bocas modeladas. O derradeiro grupo identificado localiza-se no quadrante superior esquerdo, sendo composto pelas seguintes categorias: ausência de incisão múltipla, modalidade A da picotagem e da abrasão, ausência de nuca, corpos de curvas acentuadas, e orelhas, narinas e bocas lineares. Os corpos naturalistas e os cornos contornados localizam-se no quadrante superior direito, ocupando uma posição intermédia entre os grupos antes referidos.

O dendrograma (Graf. 3.14) resultante da Classificação Hierárquica Ascendente aponta para a ocorrência de quatro classes. Reparemos que, como no caso dos cavalos, a classe 1 se encontra mais próxima da 4 que da 2, algo que só se pode explicar pelo peso das variáveis técnicas na análise.

Se observarmos o gráfico seguinte (Graf. 3.15), reparamos que a classe 4 se aparta completamente das restantes. Esta classe corresponde às figuras do final do Magdalenense final/ Azilense, sendo composta pelos bovinos da arte móvel do Fariseu, da rocha 14 da Canada do Inferno, da 32 deste mesmo sítio (**CI32-01**) e da 16 do Vale de José Esteves, e ainda por auroques da rocha 10 da Penascosa (**Pn10-21**) e da rocha 12 deste sítio (**Pn12-04**). Fora do Côa apenas aparece aqui representado bovino de Ojo Guareña (**OGII-08**). Repare-se que mesmo o peso das variáveis técnicas não retira desta classe uma figura picotada como **CI32-01**.

As restantes classes são compostas, com algumas nuances, pelos motivos expectáveis. Assim, a classe 1 é composta por todos os bovinos do Côa que sempre considerámos como antigos: metade dos bovinos da rocha 1 da Canada do Inferno (**CI01-09** e **CI01-10**), o bovino picotado da rocha 3 deste mesmo sítio (**CI03-02**), os da rocha 11, 15, 16, 17, 26,

68 Pensamos ser desnecessário, a partir deste momento, continuar a apresentar em texto os acrónimos de variáveis e categorias, uma vez que partimos do princípio que a esta altura já o leitor estará familiarizado com eles.

27 e 40 deste sítio, 1 do Fariseu, 3 e 5 da Penascosa, 1, 5, 9, 14, 17, 21 e 29 da Quinta da Barca, **QB56-03** deste mesmo sítio, rocha 13 da Ribeira de Piscos e metade dos da rocha 1 de Vale de Figueira (**VF01-07** e **VF01-10**). Os bovinos de fora do Côa que aqui se encontram correspondem aos de Sampaio, Fraga Escrevida, Redor do Porco e sete dos onze de Siega Verde (**SV04-02, SV15-01**, **SV18-01, SV19-07**, **SV46-18**, **SV51-01** e **SV86-01**). Dos motivos desta classe, **QB56-03**, **FE01-01**, **CI17-06**, **Pn05-25** e **SV19-07** localizam-se em zona partilhada pelas elipses das classes 1 e 2, encontrando-se **CI26-11** e **Sa01-04** na zona exclusiva da elipse da classe 2.

Integram a classe 2 motivos de rochas e estações que já no caso dos cavalos vimos pertencerem a esta classe de transição, tal como os de Domingo Garcia (**DC.A-02**, **SI12.A-02** e **SIsid12.B-07**), alguns dos motivos de Siega Verde (**SV13-20**, **SV21-06**, **SV32-08** e **SV46-22**), Vale de Cabrões (**VC05-02** e **VC06-03**), os bovinos incisos da rocha 3 da Canada do Inferno, os bovinos das rochas 2 e 6 da Ribeira de Piscos e uma grande parte dos bovinos da rocha 24 deste sítio (**Pi24-04**, **Pi24-19**, **Pi24-22**, **Pi24-58**, **Pi24-64**, **Pi24-67**, **Pi24-76**, **Pi24-84**, **Pi24-90**, **Pi24-95**, **Pi24-96**, **Pi24-97**, **Pi24-98**, **Pi24-102**, **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-137** e **Pi24-139**, sendo os restantes seis integrados na classe 3), e ainda um de Rego de Vide (**RV01-03**). Aparecem ainda nesta classe o bovino da rocha 35 da Canada do Inferno, um da rocha 10 da Penascosa (**Pn10-24**) e um da rocha 4 do Fariseu (**Fr04-18**).

A localização destes motivos nesta classe parece relacionar-se com os cavalos destas rochas que foram integrados na classe equivalente. Ganha, assim, força a existência de duas fases de gravação nestes painéis. São ainda integrados nesta classe motivos provenientes de rochas com figuras integráveis na classe 1: dois bovinos da rocha 1 da Canada do Inferno (**CI01-04** e **CI01-05**), um da rocha 56 da Quinta da Barca (**QB56-04**) e dois da rocha 1 de Vale de Figueira (**VF01-02** e **VF01-04**). Alguns destes casos são perfeitamente possíveis, correspondendo a figuras que não só se apartam morfologicamente como espacialmente — tal é o caso de Vale de Figueira 1 ou Quinta da Barca 56. Já o caso da rocha 1 da Canada do Inferno é mais perturbador, não sendo de colocar de parte a possibilidade daqueles motivos serem, de facto, posteriores aos restantes existentes naquele espaço parietal. No entanto, e como veremos seguidamente, nas análises a que procedemos sem as variáveis técnicas, estes motivos, se bem que ainda integrados na classe 2, localizam-se em zona de elipses partilhadas ou muito perto.

Na classe 3 encontramos os bovinos da rocha 7 da Canada da Moreira e de Vale de Cabrões 32, para além de um da rocha 4 do Fariseu (**Fr04-01**) e seis da rocha 24 da Ribeira de Piscos (**Pi24-35**, **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-104**, **Pi24-113** e **Pi24-114**).

Contribuem para a definição da classe 1 (Tab. 3.10) a predominância das seguintes categorias: a modalidade A da picotagem, os corpos com curvas acentuadas, a abrasão, as orelhas, narinas, cornos e bocas lineares, os membros definidos por bordos simples e dispostos em perfil absoluto, os bordos ventrais da cabeça convexo-retos, os olhos em forma de ponto, os focinhos retos, os bordos fronto-nasais convexo-côncavos e os cornos em perfil. A classe é ainda definida pela ausência ou raridade de: animais não picotados, definidos por incisão simples ou múltipla, cornos contornados, corpos naturalistas (e, em menor medida, geometrizados), incisão reiterada, cabeças sem orelhas (e, em menor grau, com orelhas contornadas, com narinas contornadas, sem narinas e sem boca, ou com boca modelada), nucas retas (e, em menor medida, convexas), delimitações internas, olhos amendoados, bordos ventrais da cabeça convexos (e, em menor medida, retos), preenchimento interior total (e, em menor grau, parcial), modalidade 2 dos membros modelados (e, em menor medida, lineares), bordos fronto-nasais convexo-retos (e, em menor medida, reto-convexas e convexas), membros em perfil biangular e uniangular, focinhos apontados e bordos cervicais retos.

A classe 2 (Tab. 3.11) é definida por corpos naturalistas, ausência de orelhas, cornos contornados, bordos fronto-nasais convexo-retos (e, em menor medida, reto-convexos), nucas convexas, incisão reiterada, cornos em perfil biangular oblíquo, bordos ventrais da cabeça retos, ausência de boca, olhos amendoados e ausência de narinas. Pela negativa, define-se pela ausência ou raridade da modalidade A da picotagem, de corpos com curvas acentuadas (e, em menor medida, geometrizados), da abrasão, das orelhas, narinas, cornos e bocas lineares, dos olhos em forma de ponto, cabeças sem nuca, dos bordos ventrais da cabeça convexo-retos e dos cornos em perfil biangular reto.

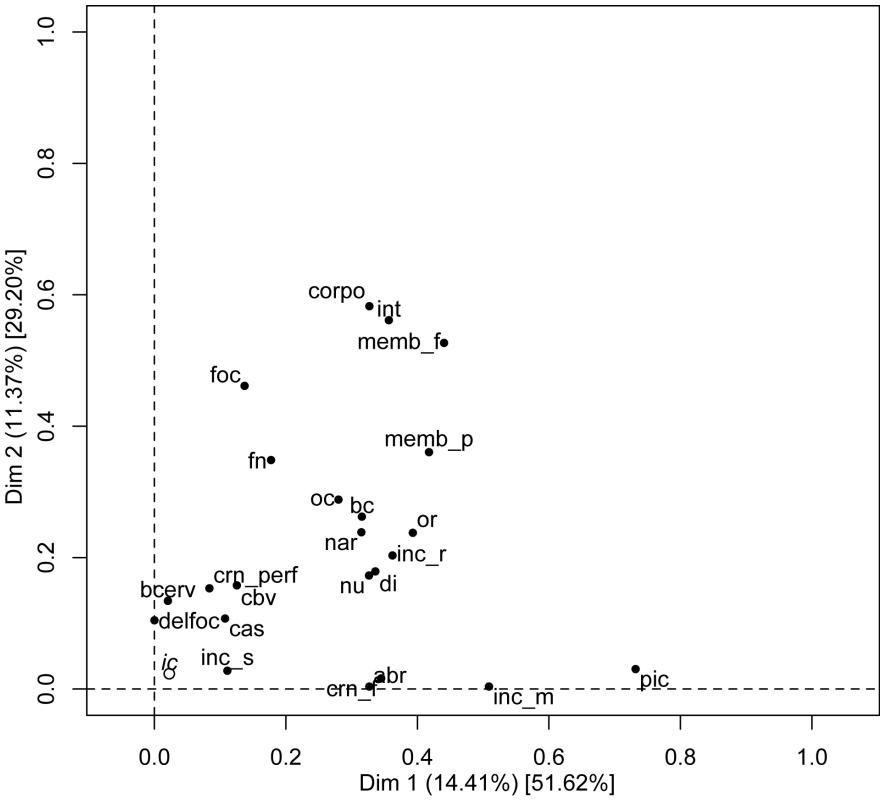
U.G.	Pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	foc	nu	delfoc	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
CI01-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cv	NA	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
CI01-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	NA	NA	66,65 7
CI01-09	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	74,22054
CI01-10	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	78,04147
CI03-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
CI03-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	NA	nu_n	delfoc_n	bc_r	NA	NA	NA
CI03-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	76,81527
CI03-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	NA	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_p	NA
CI11-09	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	NA	NA	delfoc_n	bc_cc	NA	NA	72,52214
CI11-11	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	62,01148
CI11-13	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	63,24858
CI11-14	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	70,38267
CI11-19	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_n	NA	crn_l	crn_bio	NA
CI11-21	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	f_conv	NA	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
CI11-22	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	68,07783
CI11-25	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	73,06173
CI14-30	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_apont	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_bir	NA
CI15-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	NA	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	74,03244
CI15-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
CI16-04	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	60,01720
CI16-05	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_p	67,32472
CI17-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_s	NA	crn_l	crn_p	76,01101
CI17-05	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	78,77513
CI17-06	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	NA	NA	73,38526
CI17-09	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	NA
CI26-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
CI26-11	pic_A	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	62,55834
CI26-12	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bir	NA
CI26-14	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cv	NA	NA	NA
CI27-03	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	84,71940
CI32-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cvc	NA	nu_mar	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	66,99263
CI35-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	53,22848
CI40-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bio	62,53853
CM07-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cc	cbv_cv	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
CM07-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cvc	cbv_cv	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bir	67,98542
DC.A-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	NA	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_conv	NA	delfoc_n	NA	crn_cont	NA	69,34608
Fr_m01-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	89,80886
Fr_m01-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	77,03099
Fr_m01-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	67,32071
Fr_m01-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	81,63906
Fr_m01-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_apont	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	64,59818
Fr_m66-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	203,7705
Fr01-11	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	40,16033
Fr01-13	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cv	crn_l	crn_p	61,34245
Fr 01-21	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	50,80097
Fr01-24	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	NA	NA	NA	fn_cvc	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	NA
Fr01-26	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_p	75,05632
Fr01-46	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_s	NA	crn_l	NA	NA
Fr01-49	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	NA	66,43471
Fr01-50	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bio	66,36173
Fr01-58	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_s	bc_cv	crn_l	crn_bio	51,04338
Fr01-62	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bio	65,30583
Fr01-68	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_p	NA
Fr01-77	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_l	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_p	NA
Fr04-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cv	crn_cont	crn_bir	52,76681
Fr04-18	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	NA	di_n	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_r	NA	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
FE01-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_n	NA	bc_cc	NA	NA	108,2704
Pn03-08	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cr	NA	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	59,92530
Pn03-10	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_re	nu_mar	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	59,32139

Tab. 3.9: Caraterização dos auroques estudados com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.

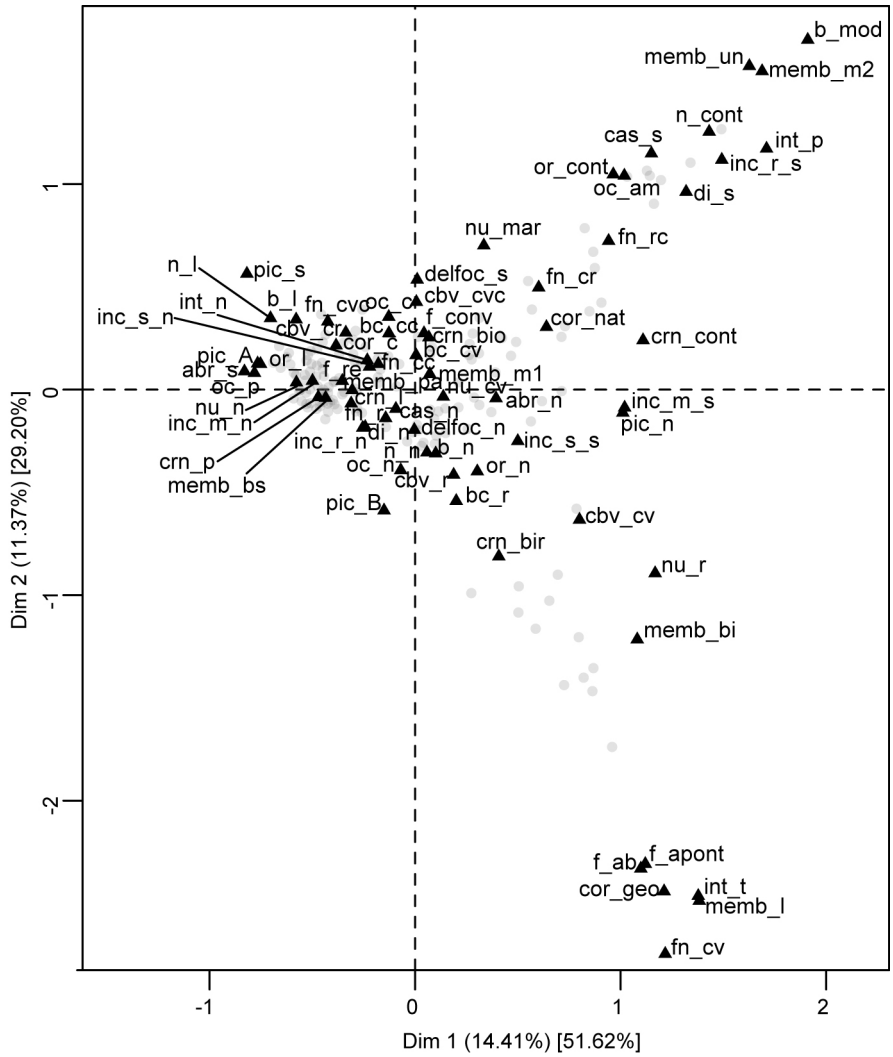
U.G.	Pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	foc	nu	delfoc	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
Pn03-11	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	73,84789
Pn03-12	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	64,23773
Pn03-13	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_mar	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bio	53,37387
Pn05-05	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	NA	NA	NA	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
Pn05-16	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	64,41514
Pn05-21	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_n	NA	NA	NA	fn_cvc	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	NA
Pn05-25	pic_B	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	NA	NA	NA	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	NA	NA
Pn10-21	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_ab	nu_r	delfoc_n	NA	crn_cont	crn_p	71,24587
Pn10-24	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_p	NA
Pn12-04	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_cv	crn_cont	crn_bir	102,1623
QB01-32	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	64,92127
QB01-35	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	57,69610
QB01-53	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	f_re	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	60,59724
QB01-57	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	f_re	nu_n	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_p	59,14019
QB01-59	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	NA	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	NA
QB01-60	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	61,37568
QB05-05	pic_A	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_p	66,55982
QB09-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
QB14-05	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	70,29880
QB17-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	50,10779
QB17-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_cv	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bir	NA
QB21-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	NA	b_l	n_l	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	f_re	NA	delfoc_s	NA	crn_l	crn_bio	NA
QB29-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	NA	NA
QB56-03	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_re	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_cont	crn_bio	75,25550
QB56-04	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_cont	crn_bir	58,24085
Pi02-06	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_c	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_bio	59,18815
Pi06-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	NA	b_l	n_l	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	NA	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_bio	96,45430
Pi06-09	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_bio	NA
Pi13-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
Pi13-02	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	52,75446
Pi13-03	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
Pi24-04	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_c	or_n	b_mod	n_cont	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	72,17911
Pi24-100	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_rc	cbv_cvc	f_re	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_cont	crn_bio	56,95879
Pi24-102	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_bio	69,21351
Pi24-104	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_n	b_l	n_cont	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_cont	crn_bio	66,65598
Pi24-113	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_mod	n_l	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_bio	74,39357
Pi24-114	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_cont	cor_c	di_s	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	nu_mar	delfoc_s	NA	crn_cont	crn_bio	NA
Pi24-126	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	crn_cont	crn_bio	NA
Pi24-128	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cc	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	65,76119
Pi24-129	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_re	nu_r	delfoc_s	bc_cc	crn_cont	crn_bio	75,20409
Pi24-137	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_re	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_bio	NA
Pi24-139	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	65,84019
Pi24-19	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cv	crn_l	crn_bio	73,39374
Pi24-22	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	56,08804
Pi24-35	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_s	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_r	crn_cont	crn_bio	NA
Pi24-58	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cv	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cv	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-64	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-67	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_c	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-76	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	NA	NA	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_cvc	cbv_r	NA	nu_r	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	66,90421
Pi24-84	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	NA	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_conv	nu_cv	delfoc_n	NA	crn_cont	crn_bio	NA
Pi24-90	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	NA	NA	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	NA	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_bio	72,91379
Pi24-95	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_cv	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	109,8105
Pi24-96	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-97	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-98	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-99	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_c	or_cont	b_mod	n_cont	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_r	delfoc_s	bc_r	crn_cont	crn_bio	82,67789
RP01-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	75,60014
RV01-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
Sa01-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	f_conv	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	NA

U.G.	Pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	foc	nu	delfoc	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
Sa01-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cvc	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	73,33449
Sa01-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	NA	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
SIsid12.B-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cv	f_re	nu_cv	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	79,17624
SIsis12.A-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	NA	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	73,60916
SV04-02	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
SV13-20	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	NA	cor_nat	di_n	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_r	f_re	nu_cv	delfoc_s	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
SV15-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_p	75,45650
SV18-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_mar	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	87,76258
SV19-07	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_re	nu_mar	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bir	NA
SV21-06	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_n	NA	NA	NA	NA	NA	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_r	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	52,65321
SV32-08	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_s	bc_cc	crn_l	crn_bio	64,79880
SV46-18	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cvc	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_p	84,12476
SV46-22	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
SV51-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_s	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	NA
SV86-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_n	n_cont	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_re	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	56,18169
VC05-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_cont	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bir	31,83099
VC06-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_l	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_conv	nu_n	delfoc_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	61,99761
VC32-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	57,31387
VF01-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_r	cbv_cv	f_apont	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	89,32165
VF01-07	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_cv	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	62,66245
VF01-10	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cvc	cbv_cr	NA	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	NA
VJEs16-16	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_r	cbv_r	f_ab	nu_r	delfoc_n	bc_r	crn_cont	crn_bir	67,52208
VJEs16-24	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_cv	delfoc_n	bc_r	crn_l	crn_bio	56,02556
OGII-08	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_ab	nu_n	delfoc_n	bc_cv	crn_l	crn_bir	59,41785
VF01-04	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_r	cbv_cr	f_conv	nu_r	delfoc_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	70,11139

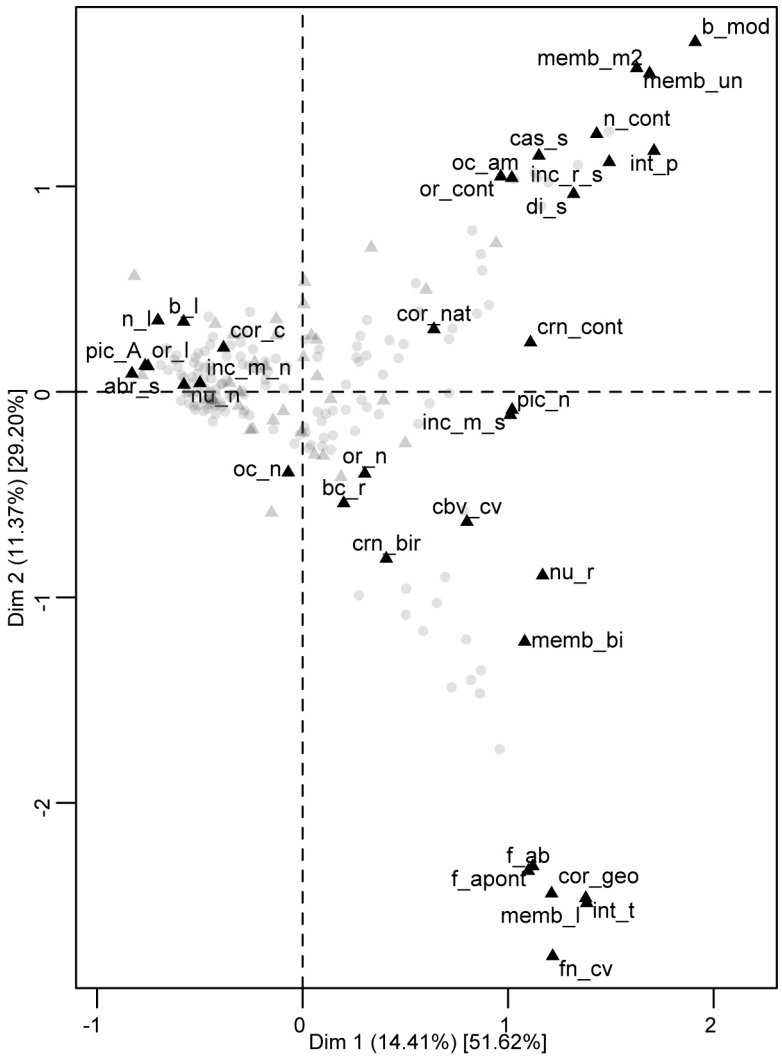
Tab. 3.9 (cont.): Caraterização dos auroques estudados com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.



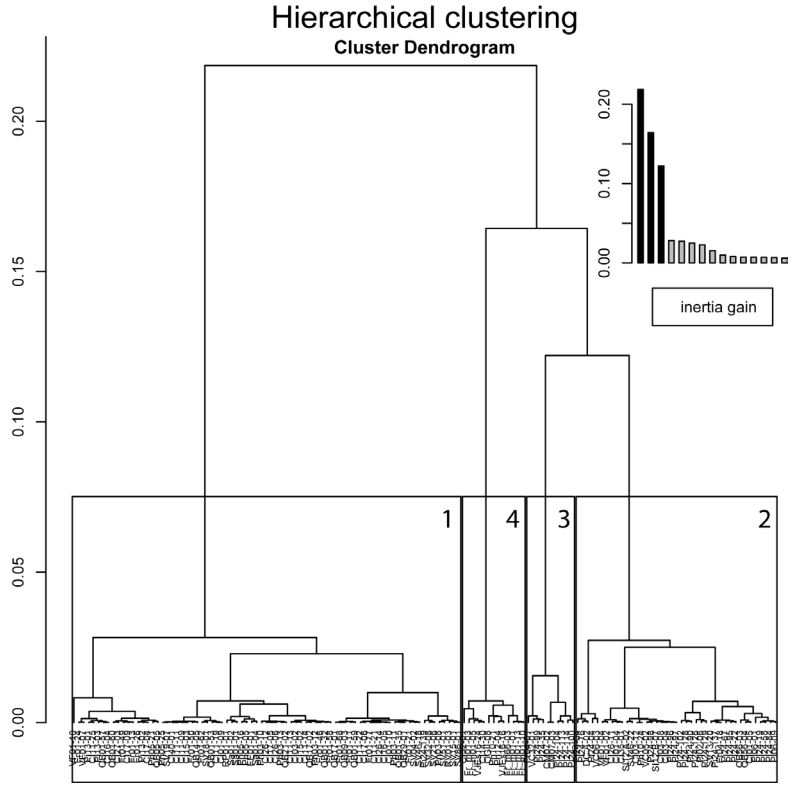
Graf. 3.11: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de auroques.



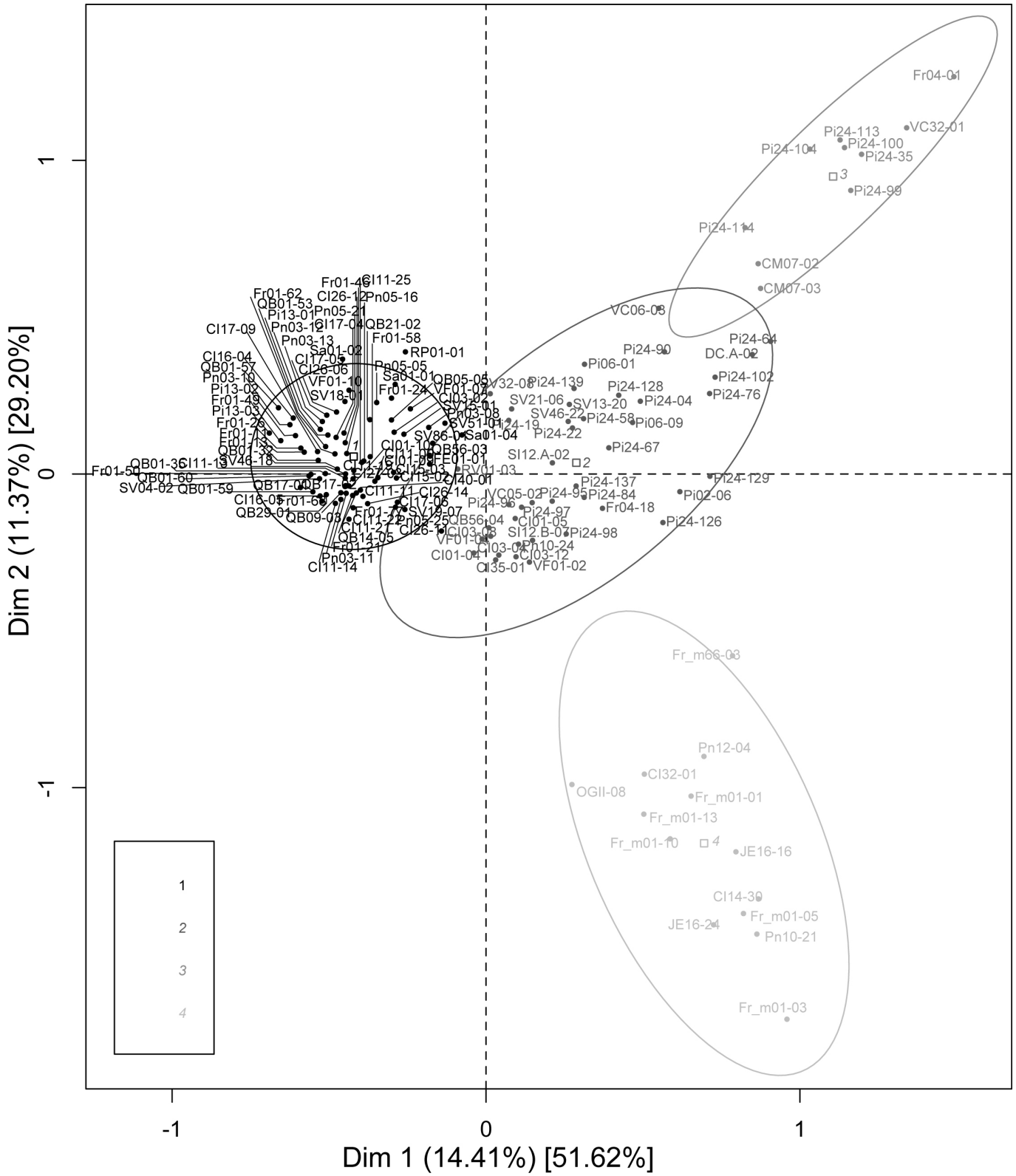
Graf. 3.12: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de auroques.



Graf. 3.13: Distribuição da metade das categorias mais relevante para a distribuição dos auroques estudados.



Graf. 3.14: Dendograma com a distribuição dos auroques pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente.



Graf. 3.15: Distribuição dos auroques pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial. As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

A classe 3 (Tab. 3.12) define-se pela predominância das seguintes categorias: delimitações internas, modalidade 2 dos membros modelados, orelhas contornadas, membros em perfil uniangular, olhos amendoados, incisão reiterada e múltipla, presença de cascos, bocas modeladas, interiores parcialmente preenchidos, narinas contornadas, nucas em forma de marrafa, cornos contornados, delimitações internas dos focinhos predominando as formas convexas entre as terminações destes. Pela negativa, a classe define-se ainda pela ausência ou raridade de cabeças sem olhos (e, em menor medida, sem nuca, boca ou narinas), dos membros definidos por bordos simples dispostos em perfil absoluto, da modalidade A da picotagem, dos cornos lineares, dos animais sem preenchimento interno, das orelhas lineares (e ausentes), da abrasão e dos bordos ventrais da cabeça retos.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
pic=pic_A	94.805195	94.805195	53.846154	2.013565e-30	11.463439
corpo=cor_c	78.021978	92.207792	63.636364	2.926339e-15	7.894008
abr=abr_s	95.652174	57.142857	32.167832	1.937243e-13	7.353057
or=or_l	92.000000	59.740260	34.965035	2.292936e-12	7.015399
inc_m=inc_m_n	72.916667	90.909091	67.132867	2.995200e-11	6.646807
inc_s=inc_s_n	71.717172	92.207792	69.230769	5.862509e-11	6.547202
nar=n_l	94.117647	41.558442	23.776224	1.187819e-08	5.701465
crn_f=crn_l	67.289720	93.506494	74.825175	1.735853e-08	5.636456
inc_r=inc_r_n	62.601626	100.000000	86.013986	3.117419e-08	5.534711
int=int_n	62.096774	100.000000	86.713287	8.224680e-08	5.362129
di=di_n	63.025210	97.402597	83.216783	5.276360e-07	5.015981
nu=nu_n	78.947368	58.441558	39.860140	7.794937e-07	4.940433
bc=b_l	83.333333	45.454545	29.370629	3.490964e-06	4.639593
memb_p=memb_pa	64.814815	90.909091	75.524476	3.752398e-06	4.624645
memb_f=memb_bs	72.222222	67.532468	50.349650	9.464629e-06	4.429056
cbv=cbv_cr	75.000000	58.441558	41.958042	1.563935e-05	4.319485
oc=oc_p	90.909091	25.974026	15.384615	8.748655e-05	3.922908
foc=f_re	70.731707	37.662338	28.671329	1.071454e-02	2.551873
fn=fn_cvc	80.000000	20.779221	13.986014	1.158733e-02	2.524469
crn_perf=crn_p	70.967742	28.571429	21.678322	3.231828e-02	2.140452
bcerv=bc_cc	62.686567	54.545455	46.853147	4.910546e-02	1.967675
nu=nu_cv	40.909091	23.376623	30.769231	4.171382e-02	-2.036364
nar=n_n	46.739130	55.844156	64.335664	2.331368e-02	-2.268255
fn=fn_cv	0.000000	0.000000	3.496503	1.924789e-02	-2.340695
bcerv=bc_r	38.095238	20.779221	29.370629	1.642236e-02	-2.399391
bc=b_n	45.555556	53.246753	62.937063	1.014243e-02	-2.570935
cbv=cbv_r	37.209302	20.779221	30.069930	9.905585e-03	-2.579108
fn=fn_rc	0.000000	0.000000	4.195804	8.508126e-03	-2.631211
foc=f_apont	0.000000	0.000000	4.895105	3.726187e-03	-2.900457
memb_f=memb_l	0.000000	0.000000	4.895105	3.726187e-03	-2.900457
or=or_cont	21.052632	5.194805	13.286713	2.396372e-03	-3.036129
memb_p=memb_un	9.090909	1.298701	7.692308	2.130144e-03	-3.071460
memb_p=memb_bi	14.285714	2.597403	9.790210	1.992423e-03	-3.091359
bc=b_mod	0.000000	0.000000	5.594406	1.616507e-03	-3.152912
int=int_p	0.000000	0.000000	5.594406	1.616507e-03	-3.152912
fn=fn_cr	16.666667	3.896104	12.587413	7.830067e-04	-3.358733
nar=n_cont	7.692308	1.298701	9.090909	4.387604e-04	-3.515601
memb_f=memb_m2	0.000000	0.000000	7.692308	1.243880e-04	-3.837313
int=int_t	0.000000	0.000000	7.692308	1.243880e-04	-3.837313
cbv=cbv_cv	6.666667	1.298701	10.489510	8.500767e-05	-3.929825
corpo=cor_geo	0.000000	0.000000	8.391608	5.182832e-05	-4.047225
oc=oc_am	12.500000	3.896104	16.783217	6.852509e-06	-4.498219
di=di_s	8.695652	2.597403	16.083916	1.298314e-06	-4.840012
or=or_n	31.818182	27.272727	46.153846	1.016594e-06	-4.888399
nu=nu_r	0.000000	0.000000	11.888112	5.507598e-07	-5.007729
inc_r=inc_r_s	0.000000	0.000000	13.986014	3.117419e-08	-5.534711
corpo=cor_nat	6.250000	2.597403	22.377622	2.063156e-10	-6.356565
inc_s=inc_s_s	13.636364	7.792208	30.769231	5.862509e-11	-6.547202
crn_f=crn_cont	3.333333	1.298701	20.979021	5.457920e-11	-6.557877
inc_m=inc_m_s	14.893617	9.090909	32.867133	2.995200e-11	-6.646807
abr=abr_n	34.020619	42.857143	67.832168	1.937243e-13	-7.353057
pic=pic_n	0.000000	0.000000	41.258741	9.286972e-33	-11.920214

Tab. 3.10: Peso das categorias na definição da classe 1 de auroques. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

A classe 4 (Tab. 3.13) é definida pelos corpos geometrizados, pelos interiores totalmente preenchidos, pelos membros lineares dispostos em perfil biangular, pelos cornos em perfil biangular reto, pelos focinhos apontados (e, em menor medida, abertos), pelos bordos fronto-nasais retos, pela incisão múltipla, pelos bordos cervicais retos e pelos bordos ventrais da cabeça retos e convexos. Define-se, pela negativa, pela ausência de corpos sem preenchimento interior, de corpos com curvas acentuadas (e, em menor medida, naturalistas), de picotados (em particular da modalidade A), dos bordos cervicais côncavos, dos bordos ventrais da cabeça convexo-retos, das orelhas lineares, dos cornos em perfil

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_nat	84,375	62,790698	22,377622	2,55E-13	7,316302
pic=pic_n	62,711864	86,046512	41,258741	5,82E-13	7,204744
inc_s=inc_s_s	65,909091	67,44186	30,769231	1,50E-09	6,044261
abr=abr_n	42,268041	95,348837	67,832168	6,87E-07	4,965027
or=or_n	46,969697	72,093023	46,153846	5,08E-05	4,05178
crn_f=crn_cont	60	41,860465	20,979021	1,39E-04	3,810433
fn=fn_cr	66,666667	27,906977	12,587413	7,65E-04	3,365201
nu=nu_cv	47,727273	48,837209	30,769231	3,00E-03	2,968073
inc_r=inc_r_s	60	27,906977	13,986014	3,25E-03	2,943177
fn=fn_rc	83,333333	11,627907	4,195804	1,02E-02	2,570484
crn_perf=crn_bio	38,461538	69,767442	54,545455	1,73E-02	2,379799
cbv=cbv_r	44,186047	44,186047	30,06993	1,94E-02	2,337703
bc=b_n	36,666667	76,744186	62,937063	2,51E-02	2,239248
oc=oc_am	50	27,906977	16,783217	2,68E-02	2,214274
nar=n_n	35,869565	76,744186	64,335664	4,28E-02	2,025227
nu=nu_n	19,298246	25,581395	39,86014	2,26E-02	-2,279772
oc=oc_p	9,090909	4,651163	15,384615	1,59E-02	-2,41085
crn_perf=crn_bir	8,695652	4,651163	16,083916	1,13E-02	-2,532509
corpo=cor_geo	0	0	8,391608	1,11E-02	-2,540833
cbv=cbv_cr	18,333333	25,581395	41,958042	9,38E-03	-2,597989
inc_r=inc_r_n	25,203252	72,093023	86,013986	3,25E-03	-2,943177
bc=b_l	11,904762	11,627907	29,370629	1,70E-03	-3,138594
crn_f=crn_l	21,495327	53,488372	74,825175	2,29E-04	-3,684696
nar=n_l	2,941176	2,325581	23,776224	1,53E-05	-4,324341
or=or_l	8	9,302326	34,965035	1,03E-05	-4,409945
abr=abr_s	4,347826	4,651163	32,167832	6,87E-07	-4,965027
corpo=cor_c	13,186813	27,906977	63,636364	1,08E-08	-5,718301
inc_s=inc_s_n	14,141414	32,55814	69,230769	1,50E-09	-6,044261
pic=pic_A	5,194805	9,302326	53,846154	5,21E-13	-7,219581

Tab. 3.11: Peso das categorias na definição da classe 2 de auroques. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
di=di_s	43,478261	100	16,083916	1,60E-09	6,033752
memb_f=memb_m2	72,727273	80	7,692308	2,02E-09	5,996358
or=or_cont	47,368421	90	13,286713	1,63E-08	5,647306
memb_p=memb_un	63,636364	70	7,692308	1,77E-07	5,221858
oc=oc_am	37,5	90	16,783217	2,23E-07	5,178766
inc_r=inc_r_s	40	80	13,986014	1,38E-06	4,827611
cas=cas_s	60	60	6,993007	3,79E-06	4,622413
inc_m=inc_m_s	21,276596	100	32,867133	7,25E-06	4,486199
bc=b_mod	62,5	50	5,594406	2,82E-05	4,187275
int=int_p	62,5	50	5,594406	2,82E-05	4,187275
nar=n_cont	46,153846	60	9,090909	2,90E-05	4,180845
pic=pic_n	16,949153	100	41,258741	8,80E-05	3,921569
nu=nu_mar	28,571429	60	14,685315	7,68E-04	3,364139
crn_f=crn_cont	23,333333	70	20,979021	7,76E-04	3,361302
delfoc=delfoc_s	18,421053	70	26,573427	4,11E-03	2,869619
abr=abr_n	10,309278	100	67,832168	1,76E-02	2,373719
foc=f_conv	11,538462	90	54,545455	2,01E-02	2,324069
bc=b_n	3,333333	30	62,937063	3,65E-02	-2,091661
nar=n_n	3,26087	30	64,335664	2,86E-02	-2,188376
cbv=cbv_r	0	0	30,06993	2,42E-02	-2,253329
or=or_n	1,515152	10	46,153846	1,80E-02	-2,366014
abr=abr_s	0	0	32,167832	1,76E-02	-2,373719
or=or_l	0	0	34,965035	1,13E-02	-2,532877
nu=nu_n	0	0	39,86014	4,96E-03	-2,809745
delfoc=delfoc_n	2,884615	30	72,727273	4,91E-03	-2,812994
int=int_n	4,032258	50	86,713287	4,42E-03	-2,846226
crn_f=crn_l	2,803738	30	74,825175	2,83E-03	-2,985676
memb_f=memb_bs	0	0	50,34965	6,47E-04	-3,4113
pic=pic_A	0	0	53,846154	2,95E-04	-3,619282
memb_p=memb_pa	1,851852	20	75,524476	2,12E-04	-3,703928
oc=oc_n	0	0	55,944056	1,79E-04	-3,747007
cas=cas_n	2,439024	30	86,013986	3,56E-05	-4,134625
inc_m=inc_m_n	0	0	67,132867	7,25E-06	-4,486199
inc_r=inc_r_n	1,626016	20	86,013986	1,38E-06	-4,827611
di=di_n	0	0	83,216783	2,75E-09	-5,946091

Tab. 3.12: Peso das categorias na definição da classe 3 de auroques. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

biangular oblíquo e dos membros em perfil absoluto, assim como da abrasão, de bocas lineares, de focinhos retos, de nucas, de delimitações do focinho, de narinas lineares de membros definidos por bordos simples. Refira-se que no caso da classe 4, o índice corporal parece ter relevância, observando-se um valor médio de 82,87±36,91 por comparação com a média total de 69,80±15,14 (valor-p=0,001 e teste estatístico V= 3,25).

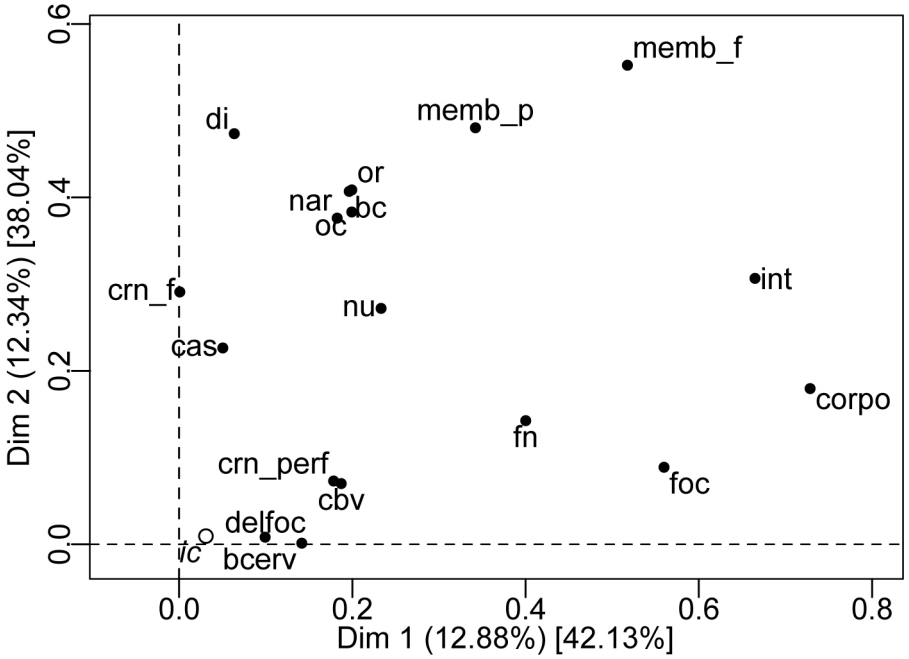
Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	100	92,307692	8,391608	1,37E-16	8,267441
int=int_t	90,909091	76,923077	7,692308	4,32E-12	6,926171
memb_f=memb_l	100	53,846154	4,895105	8,21E-09	5,764082
crn_perf=crn_bir	43,478261	76,923077	16,083916	3,56E-07	5,090991
memb_p=memb_bi	57,142857	61,538462	9,79021	9,10E-07	4,910095
foc=f_apont	85,714286	46,153846	4,895105	1,08E-06	4,875785
fn=fn_cv	100	38,461538	3,496503	2,77E-06	4,687038
nu=nu_r	47,058824	61,538462	11,888112	6,72E-06	4,502221
or=or_n	19,69697	100	46,153846	2,14E-05	4,250133
inc_m=inc_m_s	23,404255	84,615385	32,867133	9,38E-05	3,906215
pic=pic_n	20,338983	92,307692	41,258741	1,07E-04	3,874819
bcerv=bc_r	23,809524	76,923077	29,370629	3,04E-04	3,612081
oc=oc_n	16,25	100	55,944056	3,29E-04	3,591132
foc=f_ab	100	23,076923	2,097902	5,99E-04	3,431913
bc=b_n	14,444444	100	62,937063	1,72E-03	3,135271
nar=n_n	14,130435	100	64,335664	2,33E-03	3,044233
abr=abr_n	13,402062	100	67,832168	4,87E-03	2,815532
delfoc=delfoc_n	12,5	100	72,727273	1,28E-02	2,489819
cbv=cbv_r	18,604651	61,538462	30,06993	1,67E-02	2,39243
cbv=cbv_cv	26,666667	30,769231	10,48951	3,72E-02	2,083322
memb_f=memb_bs	4,166667	23,076923	50,34965	4,45E-02	-2,009407
corpo=cor_nat	0	0	22,377622	3,14E-02	-2,152258
nar=n_l	0	0	23,776224	2,44E-02	-2,250325
foc=f_conv	3,846154	23,076923	54,545455	2,05E-02	-2,316416
delfoc=delfoc_s	0	0	26,573427	1,46E-02	-2,442479
nu=nu_n	1,754386	7,692308	39,86014	1,09E-02	-2,545112
foc=f_re	0	0	28,671329	9,77E-03	-2,583804
bc=b_l	0	0	29,370629	8,53E-03	-2,630485
abr=abr_s	0	0	32,167832	4,87E-03	-2,815532
memb_p=memb_pa	4,62963	38,461538	75,524476	3,62E-03	-2,909923
crn_perf=crn_bio	2,564103	15,384615	54,545455	3,50E-03	-2,920117
or=or_l	0	0	34,965035	2,71E-03	-2,998647
cbv=cbv_cr	0	0	41,958042	5,53E-04	-3,453854
bcerv=bc_cc	0	0	46,853147	1,60E-04	-3,775696
inc_m=inc_m_n	2,083333	15,384615	67,132867	9,38E-05	-3,906215
pic=pic_A	0	0	53,846154	2,14E-05	-4,250133
corpo=cor_c	1,098901	7,692308	63,636364	2,09E-05	-4,254537
int=int_n	1,612903	15,384615	86,713287	6,15E-10	-6,18646

Tab. 3.13: Peso das categorias na definição da classe 4 de auroques. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

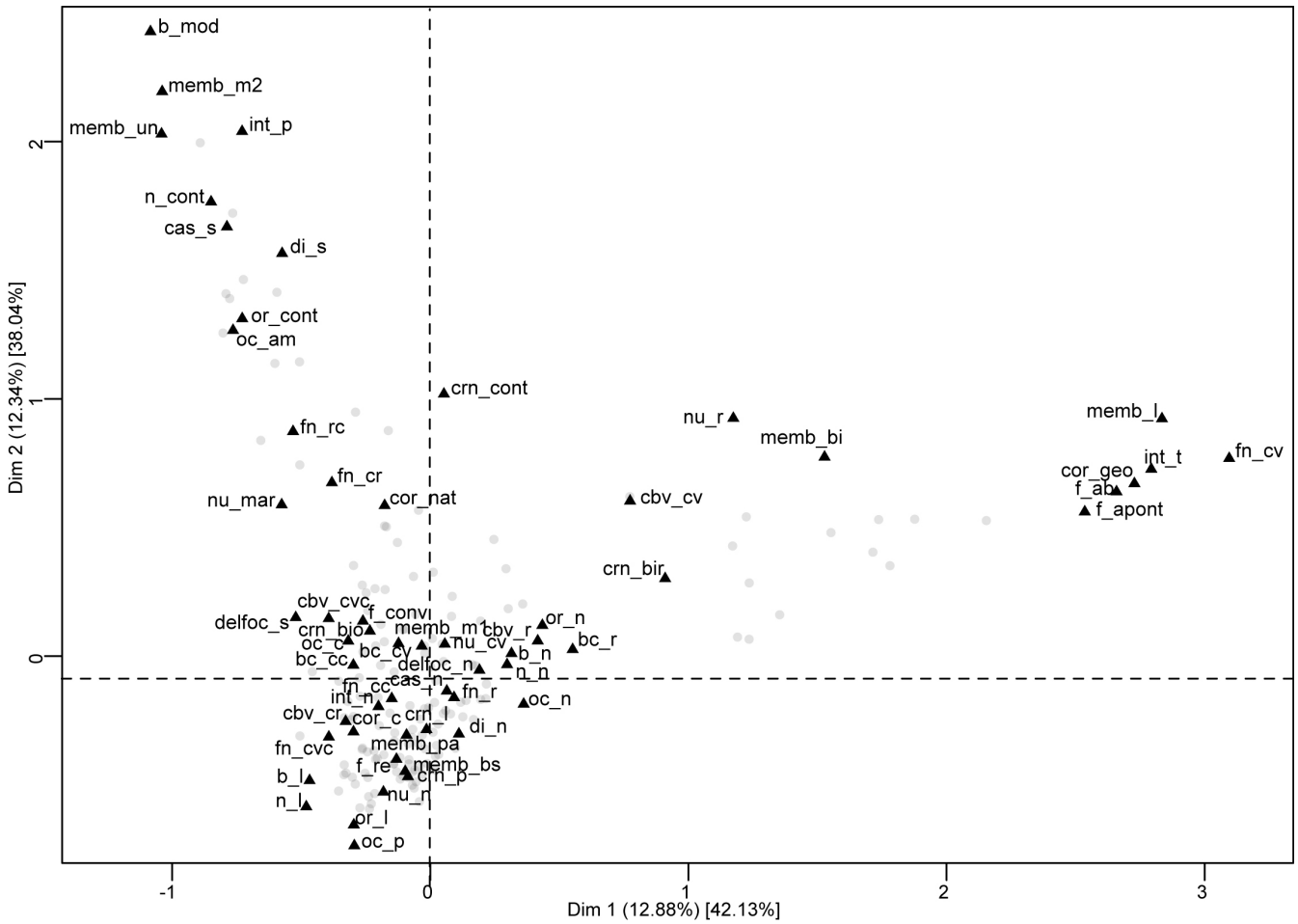
Observemos agora os gráficos resultantes das análises sem as variáveis técnicas. Relativamente aos gráficos das variáveis e das categorias (Grafs. 3.16 a 3.18), as diferenças que vemos têm mais que ver com a rotação dos mapas que com qualquer dissemelhança de monta. Esta rotação prende-se com o peso acrescido das variáveis ligadas à forma do corpos e dos preenchimentos internos na distribuição dos motivos ao longo da primeira dimensão, quando antes este peso era mais distribuído por esta e pela segunda (Graf. 3.16). Por outro lado, quando comparamos o novo gráfico em que só a metade das categorias mais influentes são representadas (Graf. 3.18), reparamos que os cornos contornados se aproximam das restantes categorias que conformam a arte magdalenense. A nuca em forma de marrafa aparece como categoria importante de transição entre os motivos das classes 2 e 3, o olho em forma de ponto aparece entre as categorias que conformam a classe 1.

Por outro lado, categorias como a forma naturalista dos corpos parecem perder preponderância, não aparecendo representadas no gráfico.

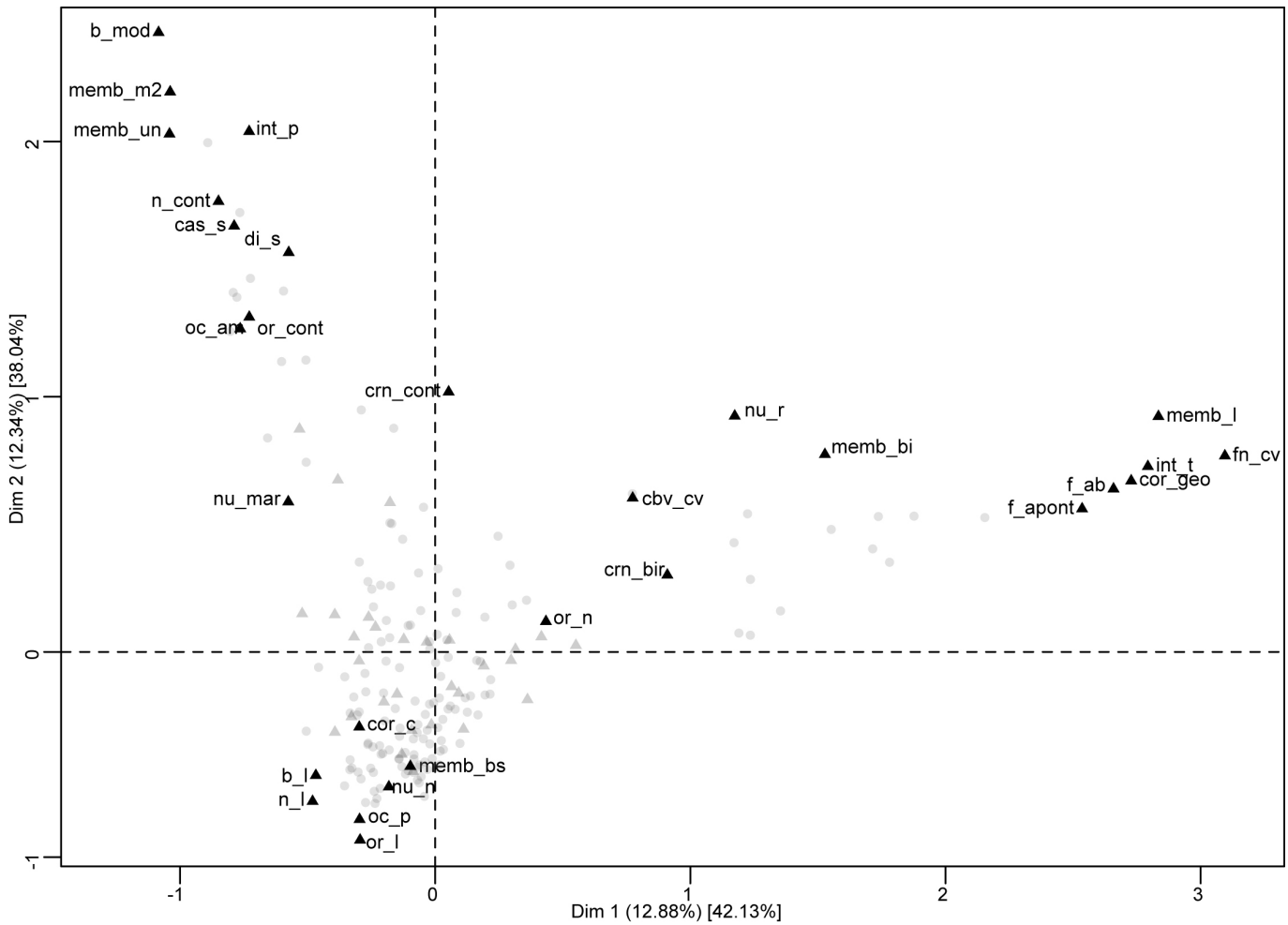
Quando se efetua a Classificação Hierárquica Ascendente, a existência de 4 classes não é tão evidente, sugerindo o programa a existência segura de apenas 3. Consideramos, contudo, que quer as análises anteriores, quer a disposição do dendrograma, quer o gráfico de barras do ganho ao nível da inércia interna, permitem-nos considerar, ainda assim, a existência dessas quatro classes, desta feita distribuindo-se na árvore segundo uma sequência mais compatível com a distribuição dos motivos no mapa fatorial (Grafs. 3.19 e 3.20).



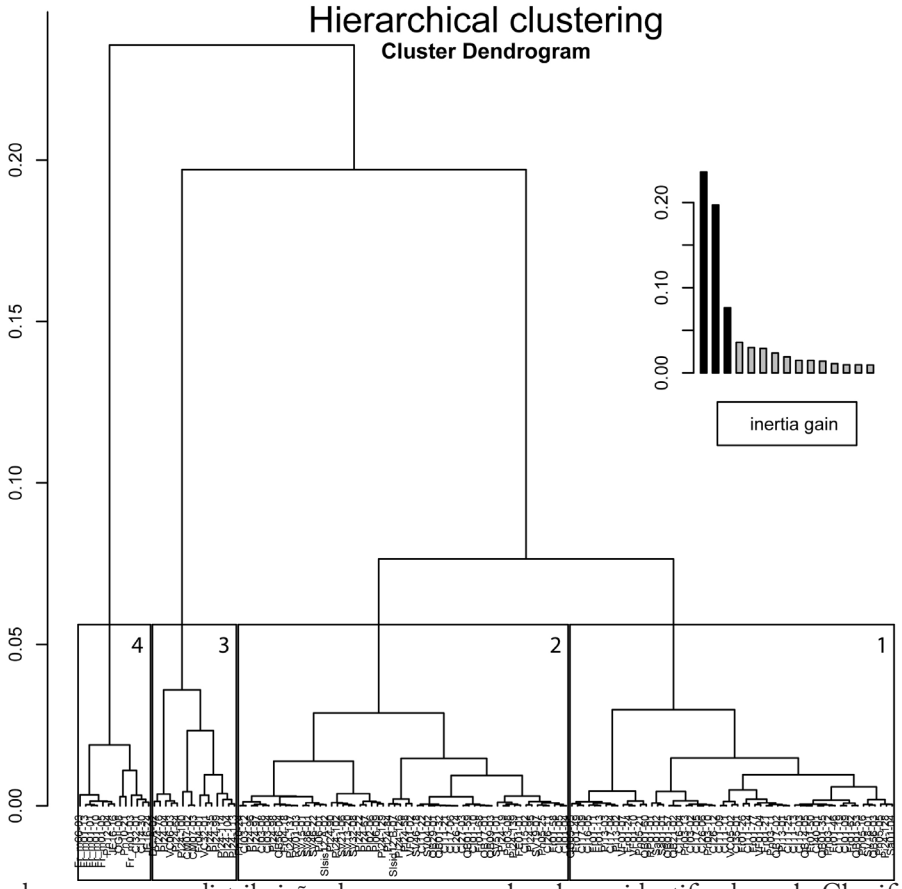
Graf. 3.16: Peso das variáveis (excluindo-se as técnicas) na Análise de Correspondências Múltiplas de auroques.



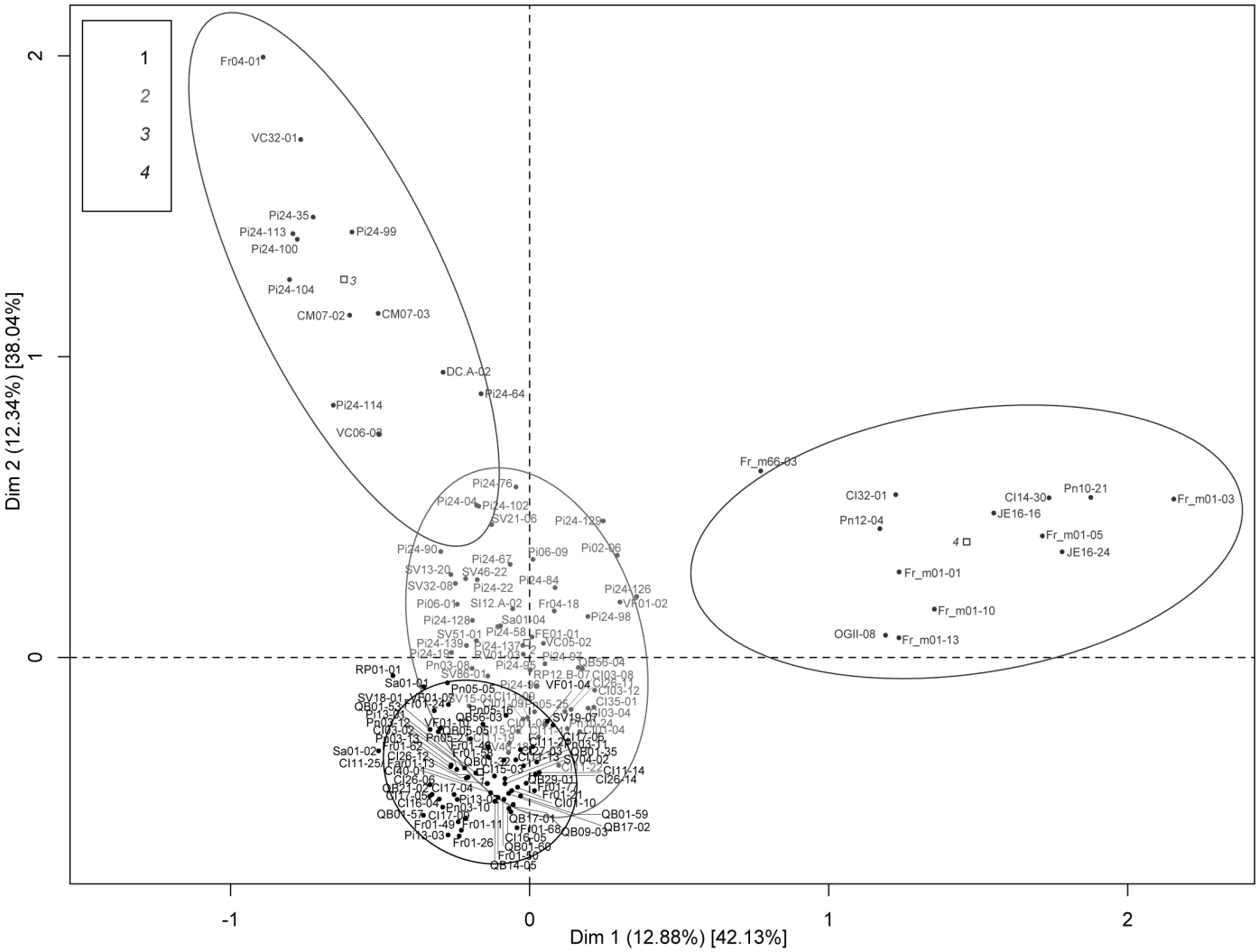
Graf. 3.17: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de auroques (sem variáveis técnicas).



Graf. 3.18: Distribuição da metade das categorias mais relevante para a distribuição dos auroques estudados (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.19: Dendograma com a distribuição dos auroques pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.20: Distribuição dos auroques pelo mapa fatorial (análise sem variáveis técnicas. As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

Neste último não encontramos diferenças de monta relativamente à correspondente surgida das análises com as variáveis técnicas, razão pela qual não aprofundaremos a sua análise. De facto, a grande diferença prende-se com a transferência da maior parte dos motivos de Siega Verde para a classe 2 (só restando na classe 1 os bovinos **SV04-02**, **SV18-01**, **SV19-07**), assim como o bovino da Fraga Escrevida. A manutenção nesta classe de três bovinos da rocha 1 da Canada do Inferno (**CI01-04**, **CI01-05** e **CI01-09**) e a migração de outros das rochas 11 (**CI11-09**, **CI11-11**, **CI11-12** e **CI11-19**) e 15 (**CI15-02**) deste sítio para a classe 2 parece algo estranho. Contudo, com a exceção de **CI01-04**, estas unidades são, a par de **SV15-01** e de **Pn05-25**, as únicas da classe 2 que se encontram em zona partilhada de elipses, razão pela qual não se deve valorizar excessivamente este resultado, embora não deva ser mera coincidência o facto de todas estas figuras serem provenientes de um número reduzido de rochas localizadas no mesmo sítio. Como no caso dos cavalos, um auroque da rocha 5 da Penascosa foi classificado como 2. Contudo, neste caso, as restantes três unidades analisadas foram classificadas como 1. No caso de **Pn05-25**, o auroque é executado a partir de cavalo pré-existente, num painel onde ocorrem gravações seguramente posteriores à classe 1, pelo que o seu caráter mais recente não deve ser colocado de parte. Diga-se ainda que, tendo em conta a classificação dos cavalos desta rocha e da 4 deste sítio, assim como algumas observações que faremos adiante, não se deve colocar de parte a hipótese de todo o dispositivo parietal ser algo posterior à fase mais antiga de gravação deste sítio.

Em resumo, este segundo mapa fatorial serve sobretudo para despistar os motivos que, por razões técnicas, possam ter sido no mapa anterior mal classificados. Que as maiores diferenças se observem no caso de Siega Verde é suficientemente esclarecedor quanto à muito provável existência de um "fácies monumental" coevo da classe 2, que no Côa ainda se encontra mal identificado. O bovino da Fraga Escrevida pertencerá muito provavelmente a esta fase.

3.2.2.3. Cabras-monteses

Na tabela 3.14 encontra-se a descrição, por categorias, do nosso *corpus* das cabras-monteses. Relativamente às publicações originais, observamos diferenças na nossa descrição relativamente a **Ca04-01** (LEP, 1999a, 135-138, figs. 172-174), **SI15-01** (*idem*, 75-78, figs. 73-75), **SI28.I.B-01** (*idem*, 92-93, fig. 98) e **SV13-25** (Alcolea & Balbín, 2006a, 77-78, fig. 33). Relativamente à primeira parece-nos clara a existência de duas patas traseiras dispostas em perfil uniangular (particularmente evidente na fig. 174 da monografia do sítio). Relativamente à segunda figura, observámos *in loco* a existência de um olho (que, desde logo, nos parece evidente na fig. 74 dos autores). Relativamente à última figura de San Isidro referida, pensamos que se pode haver dúvidas quanto à perspetiva utilizada na construção das patas dianteiras, estas desaparecem quando olhamos para as traseiras, definida a esquerda segundo a nossa modalidade m1a, sendo a direita linear e encontrando-se ambas em perfil uniangular. Quanto a **SV13-25**, parece-nos que o desenho desta figura deve ser completado com parte do que os autores que a publicaram consideraram **SV13-27**. De facto, a observação *in loco* levou-nos a considerar este último conjunto de traços como as patas traseiras de **SV13-25**, sendo estas aliás bastante bem modeladas e dispostas em perfil uniangular.

Como tem sido prática até ao momento, debrucemo-nos primeiro sobre os gráficos resultantes das análises em que foram tidas em conta as variáveis técnicas. No primeiro gráfico (3.21) salta à vista que o índice corporal nas cabras-monteses é mais relevante para a sua diversidade formal que este mesmo índice na das restantes espécies que temos analisado até ao momento. Por outro lado, relativamente às variáveis técnicas, a picotagem mantém-se como uma variável importante, sobretudo ao longo do eixo da primeira dimensão. Destaque-se também a variável do preenchimento interior, particularmente forte ao longo do eixo da segunda dimensão. Outras variáveis com um peso considerável são a forma do corpo e dos membros, assim como a perspetiva destes últimos.

No gráfico seguinte (Graf. 3.22) observamos a distribuição das categorias pelo mapa fatorial. Neste observamos já um grupo relativamente isolado no quadrante inferior direito, composto pelas categorias dos corpos geométricos, dos membros lineares e em perfil biangular reto, dos preenchimentos interiores totais do corpo e das nucas retas. No gráfico em que apenas se representa a metade das categorias com mais peso (Graf. 3.23), observamos, para além deste grupo, outros quatro conjuntos. Um destes localiza-se ainda no quadrante inferior direito, sendo composto pelas categorias da incisão múltipla e incisa, da ausência de picotagem, e dos cornos contornados. No quadrante inferior esquerdo observamos um outro grupo composto pelos bordos fronto-nasais retos, pelas cabeças sem orelhas, pelos focinhos apontados e pelas nucas triangulares. No quadrante superior esquerdo observa-se um conjunto composto pelos membros simples e em perfil absoluto, pela predominância da modalidade A da picotagem e da abrasão, pelos corpos com curvas acentuadas, pela ausência da incisão e dos preenchimentos interiores, pelas orelhas lineares e pelos olhos em forma de ponto. No quadrante superior direito identifica-se um quinto grupo de categorias composto pelos corpos naturalistas, pelas delimitações internas, pela incisão reiterada, pela existência de cascos, pelas orelhas contornadas, pelos bordos fronto-nasais convexo-retos, pela modalidade 2 dos membros modelados, predominando o perfil uniangular na representação dos mesmos, pelos olhos amendoados e pelas narinas contornadas. Os focinho convexos e as bocas lineares, encontrando-se ainda localizadas neste quadrante, parecem, no entanto, corresponder a categorias intermédias entre os dois últimos conjuntos referidos.

A Classificação Hierárquica Ascendente sugere apenas a existência de três grupos, como se pode verificar pela análise do dendrograma (Graf. 3.24). No gráfico seguinte (Graf. 3.25) observamos o resultado da aplicação do algoritmo das K-médias ao mapa fatorial. Na classe que consideramos mais antiga apenas encontramos uma figura de Siega Verde (**SV67-01**) e gravuras do Vale do Côa. Na classe 2 encontramos representações provenientes de rochas e sítios com cavalos e auroques classificados como da classe 2 (nas distribuições por quatro classes) — como sejam as rochas 6 e 7 de Ribeira de Piscos, 1 de Rego de Vide, Siega Verde — e de superfícies e sítios com cavalos e auroques das classes 2 e 3 — como Vale de Cabrões, Fariseu 4 e 8, Canada da Moreira 7, as estações de Domingo García ou a placa de Villalba. Aparecem também sítios novos, como seja o caso de Penches. Na classe 3 do nosso gráfico vamos encontrar os motivos expectáveis, sendo de destacar aqui a presença de alguns motivos picotados, usualmente dados como epipaleolíticos, como sejam os capríneos da rocha 36 da Canada do Inferno.

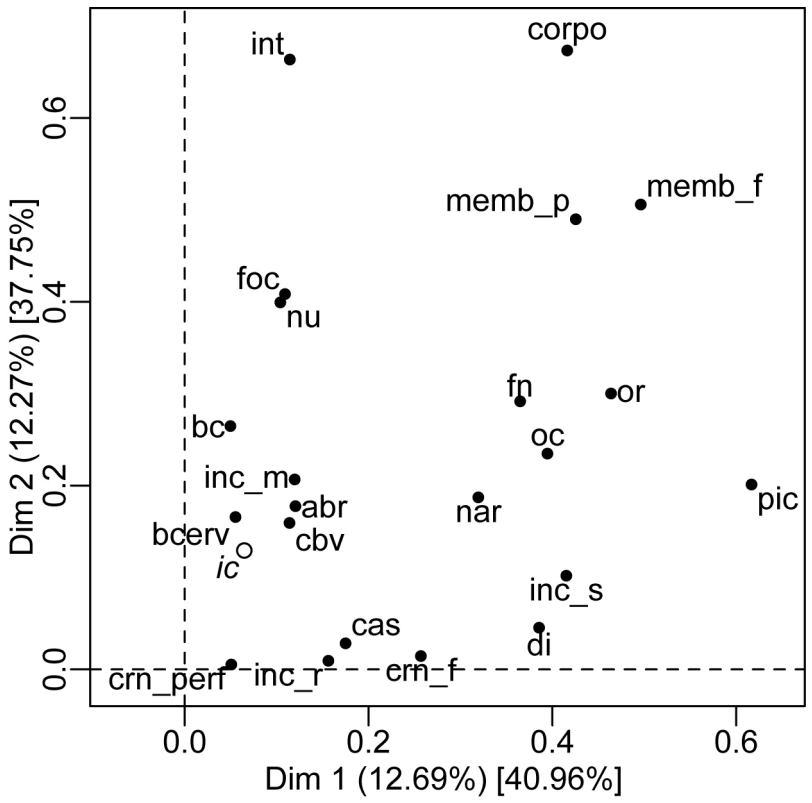
U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	Cbv	foc	nu	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
Ca04-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_c	NA	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	NA	fn_cr	cbv_r	f_conv	NA	NA	NA	NA	NA
Ca04-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	NA	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
Ca06.D-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cc	f_apont	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	81,3458598
Ca06.D-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_s	fn_cr	cbv_cc	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	75,90466517
CI01-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	NA	NA	f_apont	nu_n	bc_r	NA	NA	64,97189446
CI01-08	pic_A	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	75,2626042
CI02-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_re	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bir	NA
CI03-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_r	crn_cont	crn_p	72,3818249
CI12-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	NA	crn_l	crn_p	131,1891459
CI15-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_re	NA	f_apont	nu_tri	bc_cc	crn_l	crn_p	137,0834557
CI16-02	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	crn_l	crn_bir	71,60761214
CI16-08	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	78,08624124
CI17-08	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	68,62348761
CI18-01	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_ab	nu_n	bc_r	crn_l	crn_p	75,80289221
CI26-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_n	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_r	NA	nu_n	NA	crn_l	crn_p	NA
CI26-03	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_mod	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	NA	64,98551107
CI27-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	59,7742229
CI28-03	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_r	crn_cont	crn_bio	48,41725089
CI30-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	70,1276468
CI30-02	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_apont	nu_cv	bc_r	crn_l	crn_bio	60,84150989
CI31-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	76,01647054
CI36-05	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_r	bc_r	crn_l	crn_bio	154,203456
CI36-07	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_r	bc_r	crn_l	crn_bio	128,4607755
CI36-08	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_r	bc_r	crn_l	crn_bio	161,2614056
CI41-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	NA	b_n	n_cont	cor_nat	NA	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cvcv	f_conv	NA	bc_cc	crn_cont	crn_p	NA
CM07-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_bio	85,83526652
CM07-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_cont	crn_bio	82,79443316
Fr_m01-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_conv	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_bio	154,8631244
Fr01-23	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_ab	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	61,30693989
Fr01-31	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
Fr01-38	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	NA	NA	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_p	70,19987739
Fr01-48	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_bio	56,51203595
Fr01-52	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_bio	55,16442666
Fr01-59	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_l	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	61,12857378
Fr01-72	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	64,36933254
Fr01-74	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_re	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	65,69683496
Fr01-80	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	55,31950439
Fr01-82	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	59,40898502
Fr01-88	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	69,33961088
Fr04-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	71,63020891
Fr08-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_re	nu_n	bc_cv	crn_cont	crn_bir	130,0680052
Fr08-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvcv	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_cont	crn_bio	NA
Fr08-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_l	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cc	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_cont	crn_bio	71,4875359
OGV-37	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_r	bc_r	crn_l	crn_bir	86,58028904
Md_m5168-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_r	crn_cont	crn_bio	74,55152597
Pn02-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	69,04875993
Pn03-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	NA	f_apont	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	63,0910178
Pn03-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_p	60,96326298
Pn03-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_ab	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	64,39541015
Pn04-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_cc	crn_cont	crn_p	64,60745215
Pn04-05	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_p	63,13770213
Pn05-20	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bio	67,88646029
Pn05-26	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_ab	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_p	54,32419938
Pn06-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_r	crn_l	crn_p	66,40778137
Pn06-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	61,64967336
Pn06-05	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	65,54919
Pn10-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_r	bc_r	crn_cont	crn_p	NA
Pn10-16	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	52,3535997

U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	Cbv	foc	nu	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
Pn10-26	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_cv	bc_r	crn_cont	crn_bio	103,3790216
Pn10-32	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_cv	bc_r	crn_cont	crn_bio	56,75779097
Pn10-39	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_cont	crn_bio	79,944188
Pn12-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_re	cbv_r	f_re	nu_cv	bc_cv	crn_cont	crn_bio	66,55570347
Pn12-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_r	crn_l	crn_bio	120,1894225
Pn17-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_r	crn_cont	crn_p	92,98411946
Pn23-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	77,62293716
Pe01-01	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	crn_l	crn_bio	74,49183084
Pe02-02	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bio	57,507345
Pe03-01	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	NA	NA	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bio	70,18055735
QB01-36	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	57,06515904
QB01-37	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_l	n_l	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	NA	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	74,14620778
QB01-39	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	68,19779276
QB01-42	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_p	NA
QB01-44	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	61,49965182
QB01-48	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_p	67,96968334
QB02-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	crn_l	crn_p	51,01119971
QB02-04	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cv	crn_l	crn_p	78,31433708
QB02-05	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_cv	bc_cv	crn_l	NA	68,43662553
QB02-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_p	45,73773122
QB03-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_cont	crn_p	58,77186803
QB03-02	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_p	64,59504642
QB09-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_l	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_p	73,61517156
QB09-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	NA
QB09-06	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_cc	crn_l	crn_p	58,02711296
QB11-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
QB11-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	60,27015058
QB11-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	42,37908749
QB13-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cvcv	f_conv	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_p	59,76061418
QB13-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	NA	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	NA	bc_cc	crn_l	NA	68,45191256
QB15-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_r	bc_r	crn_cont	crn_p	109,1100373
QB22-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bir	70,92014222
Pn03-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	NA	f_apont	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_bio	63,0910178
QB23-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	crn_l	crn_p	NA
QB23-28	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	61,38640018
QB25-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	crn_l	crn_p	69,27590821
QB56-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_l	n_cont	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cvcv	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_cont	crn_p	81,47647939
Pi06-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	NA	crn_l	crn_bir	NA
Pi07-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	76,22684117
Pi07-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bio	85,89314389
Pi07-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
Pi24-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_cont	crn_bir	80,36928718
Pi24-24	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_n	bc_r	crn_cont	crn_p	89,09018079
Pi24-51	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	NA
RV01-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_ab	nu_cv	bc_cv	crn_cont	crn_p	60,31134686
SI15-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_cc	crn_cont	crn_p	79,57747155
SI28.I.B-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	NA	NA	cor_c	di_n	memb_m1a	memb_un	cas_n	fn_rc	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_cont	crn_p	71,61972439
SV13-25/27	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_cont	b_n	n_l	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_cont	crn_p	81,85111359
SV51-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_cont	crn_p	NA
SV51-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cv	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_r	crn_cont	crn_p	95,49296586
SV67-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_cv	crn_l	crn_p	62,45320552
VC05-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_r	bc_cv	crn_l	crn_p	31,83098862
VC06-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_cc	crn_cont	crn_p	85,83219888
VC32-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_l	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_r	crn_l	crn_p	71,29031874
VC32-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_l	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_rc	cbv_cvcv	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	69,16658429
Vr01-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	NA	45,0094234
Vl_m_A-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bir	65,53438833
Vl_m_A-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cc	NA	NA	66,55570347

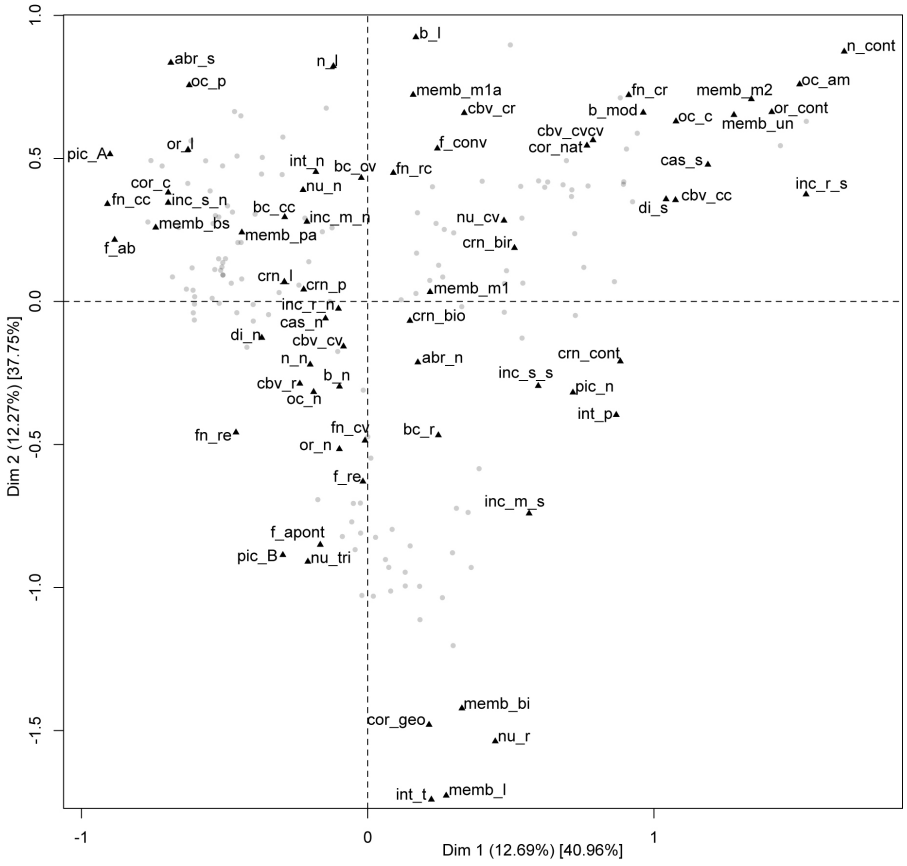
Tab. 3.14: Caraterização das cabras-monteses estudadas com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.

Tab. 3.14 (cont.): Caraterização das cabras-monteses estudadas com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.

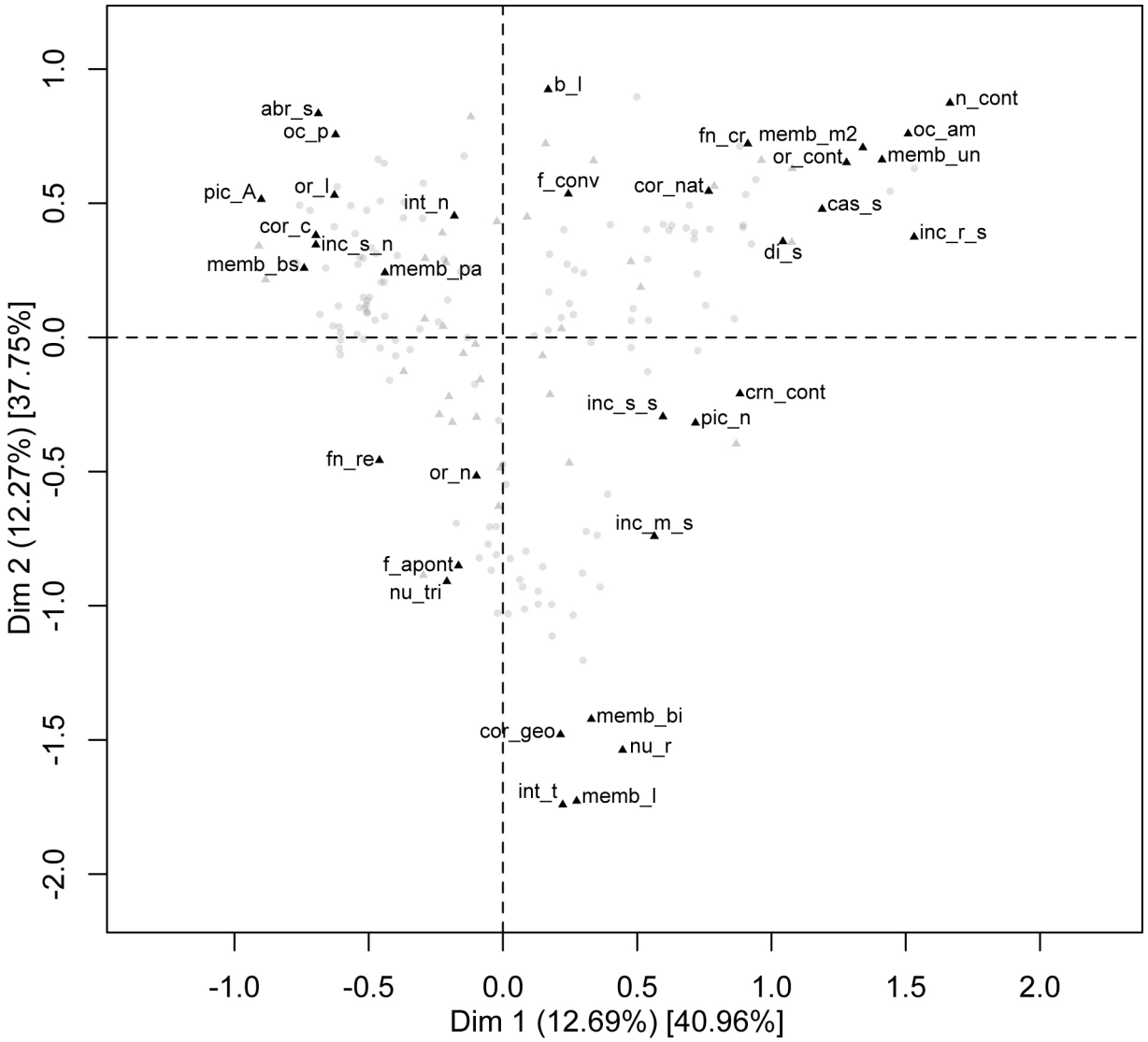
U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	Cbv	foc	nu	bcerv	crn_f	crn_perf	ic
V1_m_B-09	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_n	b_mod	n_l	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_rc	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cv	crn_l	crn_bio	63,66197724
V1_m_B-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_p	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	68,55905241
V1_m_B-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
JE04-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_l	cor_nat	NA	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvcv	f_conv	nu_cv	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
JE04-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_cc	crn_l	crn_bio	NA
JE13-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_bio	74,22472682
JE13-15	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_r	crn_l	crn_bio	55,33237274
JE13-20	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_r	bc_r	crn_cont	crn_bio	82,90862152
JE13-24	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	67,28501659
JE16-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_bio	NA
JE16-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	crn_cont	crn_bio	66,40504268
JE16-17	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_s	fn_rc	cbv_cr	f_conv	nu_tri	bc_cc	crn_cont	crn_bio	59,06316585
VM07-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_r	crn_l	crn_p	NA



Graf. 3.21: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de cabras-monteses.



Graf. 3.22: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de cabras-monteses.



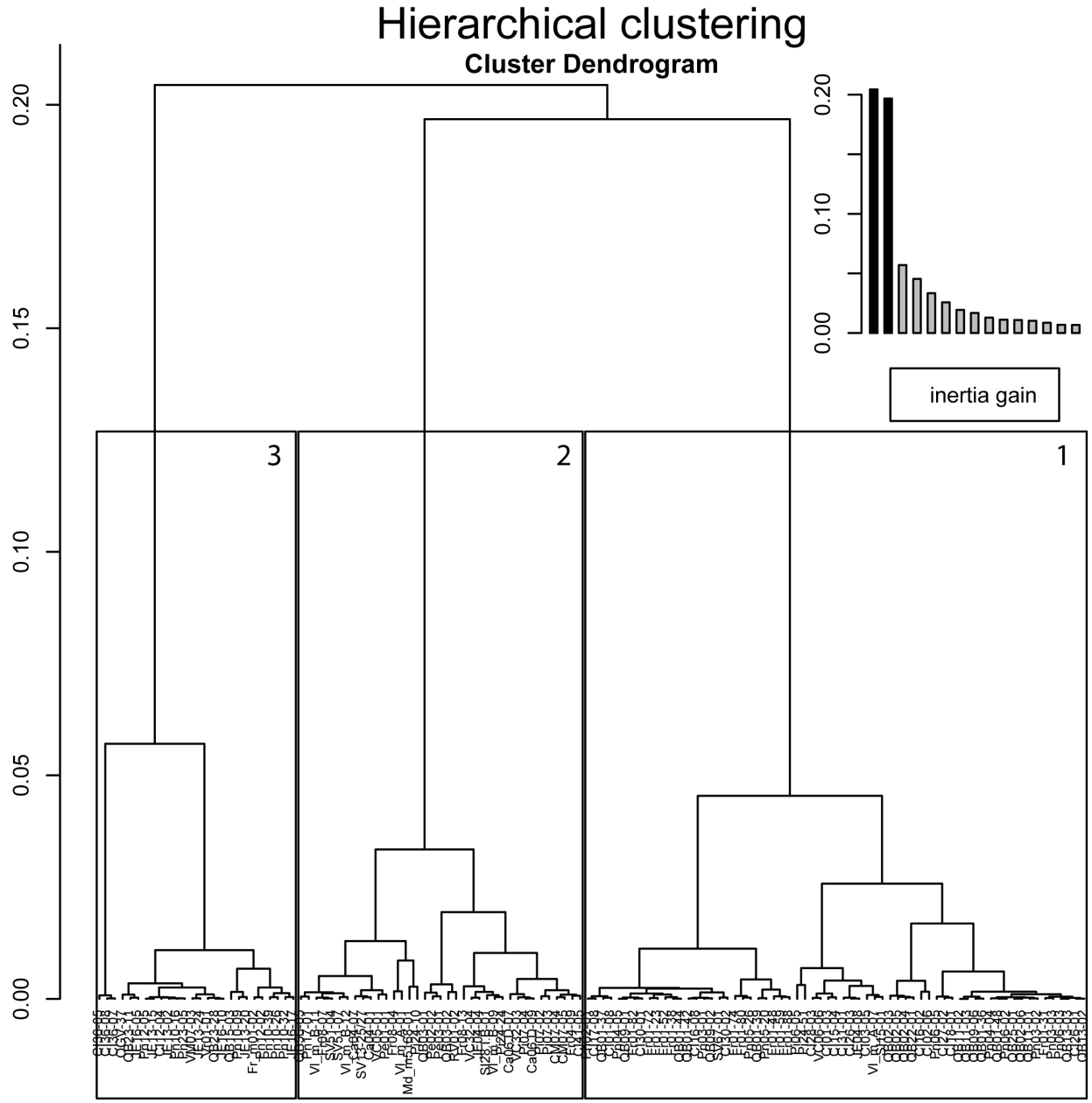
Graf. 3.23: Distribuição da metade das categorias mais relevante para a distribuição das cabras-monteses estudadas.

É interessante verificar como se distinguem bem as classes, quase não ocorrendo indivíduos em zonas mistas do gráfico. No entanto, algumas localizações e atribuições são bastante problemáticas, destacando-se, entre estes, os capríneos da rocha 3 da Quinta da Barca, tendo a fêmea sido classificada como da classe 1 e o macho como da classe 2, se bem que ambos se encontrem fora das elipses respetivas. A atribuição de **JE04-08** à classe 1 é também problemática, se bem que a sua localização em zona partilhada de elipses contribui para matizar essa classificação. Finalmente refira-se a classificação de **CI15-04** como da classe 3, algo igualmente não expectável.

Na definição da classe 1 (Tab. 3.15) contribuem positivamente a modalidade A da picotagem, os membros definidos por bordos simples e dispostos em perfil absoluto, os corpos com curvas acentuadas, os cornos e orelhas lineares, a abrasão, os olhos em forma de ponto, os bordos cervicais côncavos, os focinhos abertos e os bordos fronto-nasais retos. Contribuem pela negativa a ausência ou raridade de incisão simples, cornos contornados, delimitações internas, corpos geométricos, interiores totalmente preenchidos (e mesmo parcialmente, se bem que em menor grau), orelhas contornadas, incisão múltipla, modalidade 2 de membros modelados ou de membros lineares, membros em perfil biangular e uniangular, olhos amendoados (e, em menor medida, circulares), narinas contornadas, corpos naturalistas, bordos cervicais retos, cascos, bordos fronto-nasais convexo-retos, incisão reiterada e nucas, quer retas, quer convexas.

Para a classe 2 (Tab. 3.16) contribuem pela positiva as categorias dos corpos naturalistas, das delimitações internas, das orelhas contornadas, da modalidade 2 dos membros modelados, dos bordos fronto-nasais convexo-retos (e, em menor medida, reto-convexos), dos membros em perfil uniangular, dos olhos amendoados (e, em menor medida, circulares), das narinas contornadas, da incisão simples, dos focinhos convexos, dos cornos contornados, da presença de cascos, das nucas convexas, dos interiores parcialmente preenchidos, dos bordos ventrais da cabeça convexo-convexos e côncavos, e das

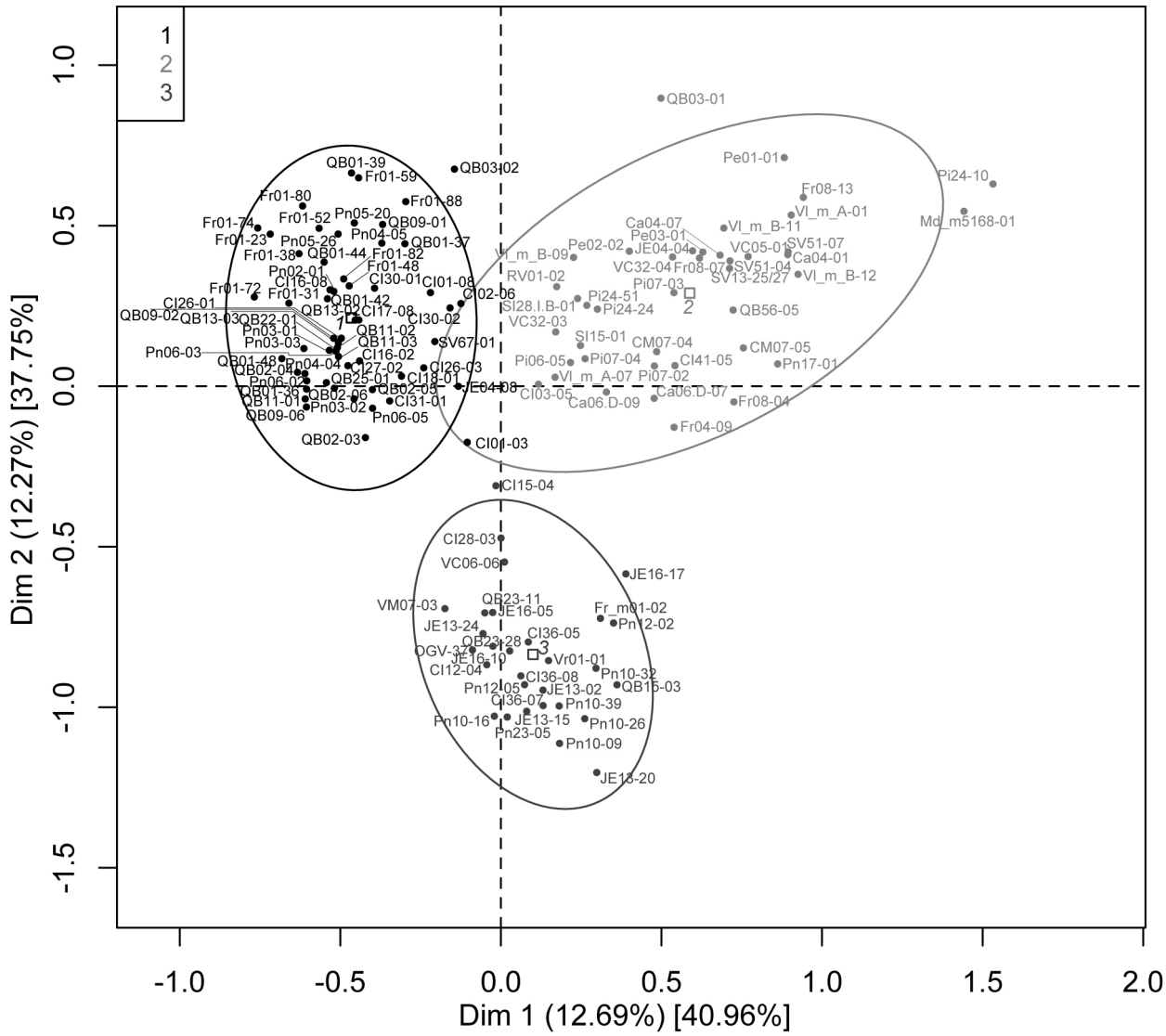
bocas modeladas. Contribuem pela negativa a ausência ou raridade da picotagem (particularmente da modalidade A), dos bordos fronto-nasais retos, das cabeças sem olhos, dos membros definidos por bordos simples, das cabeças sem narinas, dos cornos lineares, dos interiores totalmente preenchidos, dos focinhos apontados, dos corpos com curvas acentuadas e geométricos, das nucas triangulares, dos membros em perfil absoluto, dos bordos ventrais da cabeça retos, das orelhas lineares, das cabeças sem boca, dos membros lineares, das cabeças sem orelhas, dos membros em perfil biangular e da abrasão.



Graf. 3.24: Dendrograma com a distribuição das cabras-monteses pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente.

Para a classe 3 (Tab. 3.17) contribuem os corpos geométricos, os interiores totalmente preenchidos, os membros em perfil biangular e de forma linear, a incisão múltipla, os focinhos apontados, as cabeças sem orelhas, os bordos cervicais retos, as cabeças sem olhos, os animais não picotados, as nucas triangulares (e, em menor medida, retas), as cabeças sem boca, os bordos fronto-nasais retos, as cabeças sem narinas, a incisão simples e os bordos ventrais da cabeça retos. Pela negativa, contribui a ausência ou raridade de animais definidos pela modalidade A da picotagem, de focinhos convexos, de animais sem nucas, de corpos com curvas acentuadas (e, em menor mediada, naturalistas), de membros em perfil absoluto (e em menor grau, em perfil uniangular), de bordos fronto-nasais convexo-retos, de membros definidos por bordos simples (e, em menor grau, pela modalidade 2 dos membros modelados), de bocas lineares, da abrasão, das

orelhas lineares (e, em menor medida, contornadas), dos bordos cervicais convexos (e côncavos, se bem que em menor grau), de olhos em forma de ponto (e, em menor grau, amendoados), de narinas contornadas e lineares, e de bordos ventrais da cabeça convexo-retos.



Graf. 3.25: Distribuição das cabras-monteses pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial. As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

Relativamente ao índice corporal, este é relevante para a definição das classes 1 e 3. Assim, observa-se que por comparação com a média global de 73,75±20,48, a média do índice corporal dos animais da classe 1 é de apenas 65,59±7,65 (valor-p=4,31 e teste estatístico V=-4,09), enquanto a dos da classe 3 é de 88,29±33,57 (valor-p=1,50 e teste estatístico V=4,33).

Vejamos agora os resultados das análises sem as variáveis técnicas. No gráfico das variáveis (Graf. 3.26) não se observa alterações de monta relativamente ao correspondente que antes analisámos. Como no caso dos auroques, as diferenças que encontramos nos gráficos das categorias (Grafs. 3.27 e 3.28) prendem-se sobretudo com a rotação dos gráficos. O dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente (Graf. 3.29) continua sem mostrar a existência de quatro classes, embora a classe 2 pareça, de facto, poder ser dividida em dois ramos. Esta separação é, no entanto, demasiado ténue para poder ser considerada.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
pic=pic_A	96,226415	87,931034	41,40625	2,01E-25	10,419852
inc_s=inc_s_n	81,355932	82,758621	46,09375	7,48E-15	7,776019
memb_p=memb_pa	68,292683	96,551724	64,0625	1,30E-13	7,40575
memb_f=memb_bs	84,313725	74,137931	39,84375	1,79E-13	7,363817
corpo=cor_c	81,481481	75,862069	42,1875	8,82E-13	7,147846
int=int_n	62,365591	100	72,65625	3,48E-12	6,956939
di=di_n	60,215054	96,551724	72,65625	5,53E-09	5,830247
crn_f=crn_l	59,574468	96,551724	73,4375	1,30E-08	5,686545
or=or_l	81,081081	51,724138	28,90625	2,04E-07	5,195559
inc_m=inc_m_n	58,064516	93,103448	72,65625	1,12E-06	4,869931
abr=abr_s	84,615385	37,931034	20,3125	6,22E-06	4,518893
nu=nu_n	64,516129	68,965517	48,4375	2,53E-05	4,212405
oc=oc_p	83,333333	25,862069	14,0625	5,39E-04	3,460668
cas=cas_n	50,442478	98,275862	88,28125	9,57E-04	3,302799
bcerv=bc_cc	62,790698	46,551724	33,59375	5,39E-03	2,782819
inc_r=inc_r_n	48,333333	100	93,75	6,60E-03	2,716229
foc=f_ab	81,818182	15,517241	8,59375	1,38E-02	2,463539
corpo=NA	100	6,896552	3,125	3,98E-02	2,056126
fn=fn_re	55,172414	55,172414	45,3125	4,43E-02	2,01079
oc=oc_c	0	0	3,90625	4,57E-02	-1,997724
nu=nu_cv	28,125	15,517241	25	2,54E-02	-2,235546
nu=nu_r	0	0	6,25	6,60E-03	-2,716229
inc_r=inc_r_s	0	0	6,25	6,60E-03	-2,716229
fn=fn_cr	23,529412	13,793103	26,5625	2,92E-03	-2,97623
cas=cas_s	7,142857	1,724138	10,9375	1,81E-03	-3,12052
bcerv=bc_r	26,415094	24,137931	41,40625	3,19E-04	-3,599153
corpo=cor_nat	21,95122	15,517241	32,03125	2,54E-04	-3,658614
nar=n_cont	0	0	10,15625	2,24E-04	-3,690058
int=int_p	0	0	10,9375	1,11E-04	-3,864918
oc=oc_am	0	0	11,71875	5,46E-05	-4,035059
memb_f=memb_l	0	0	13,28125	1,28E-05	-4,36332
memb_p=memb_un	4,545455	1,724138	17,1875	8,04E-06	-4,464036
abr=abr_n	35,294118	62,068966	79,6875	6,22E-06	-4,518893
memb_f=memb_m2	0	0	14,0625	6,12E-06	-4,522316
memb_p=memb_bi	4,166667	1,724138	18,75	1,84E-06	-4,770445
inc_m=inc_m_s	11,428571	6,896552	27,34375	1,12E-06	-4,869931
or=or_cont	0	0	16,40625	6,26E-07	-4,982911

Tab. 3.15: Peso das categorias na definição da classe 1 de cabras-monteses. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

O novo gráfico das elipses (Graf. 3.30) parece, no entanto, resolver alguns dos problemas identificados no anterior. Os dois capríneos da rocha 3 da Quinta da Barca são agora ambos considerados da classe 2 e **CI15-04** é agora classificado como da 1. Por outro lado, **JE04-08** continua a ser classificado como 1, o que não era expectável. Refira-se também que ao mesmo tempo que os motivos da classe 3 se mantém irredutivelmente separados dos restantes, entre as classes 1 e 2 aumenta o número de motivos que se encontram em zona mista ou dos que, classificados como 1, se localizam na área exclusiva da 2.

A principal pergunta que nos ocorre é porque não se identifica aqui uma classe intermédia entre a 1 e a 2, tal como se observou com cavalos e auroques. Se tivermos em conta os resultados das análises desses animais verificamos que a maior parte dos capríneos que se poderiam classificar como da classe intermédia (tendo em conta a sua proveniência) se encontram todos na classe 2, e, de facto, o dendrograma mostra a existência de dois ténues ramos nesta fase.

Uma possível explicação para a não identificação de uma classe intermédia entre as cabras-monteses pode assim residir numa não distinção gráfica tão relevante entre os capríneos das duas fases contemporâneas das classes 2 e 3 de cavalos e auroques. Isto é, a evolução gráfica que se verificou nestas duas espécies não teve correlato no caso das cabras-monteses. Outra possível explicação pode ter que ver com uma insuficiência do número de cabras monteses na análise. Se é verdade que o número total de cabras-monteses (128) não é assim tão mais pequeno quanto o dos auroques (143), também não podemos descurar o facto de entre estes apenas se terem identificado 13 motivos da classe mais

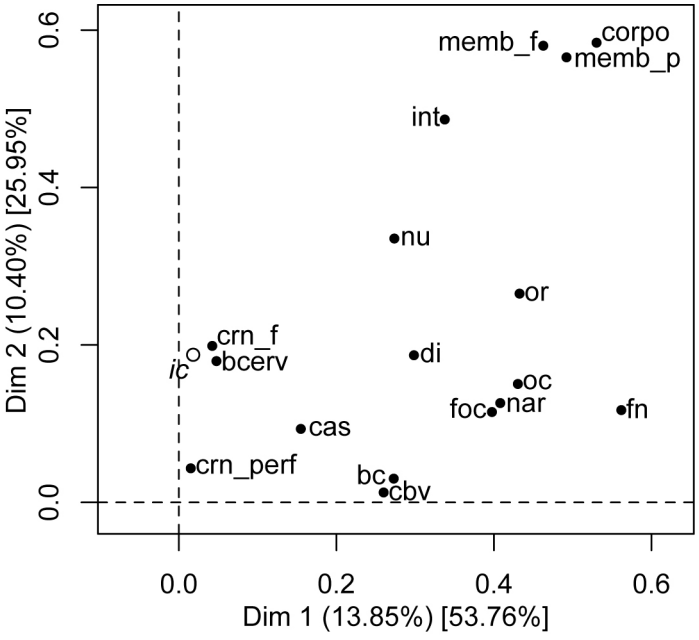
recente, enquanto no caso das cabras-monteses estas são 27. Ou seja, enquanto, no caso dos auroques temos 130 motivos para distribuir pelas classes mais antigas, no caso das cabras-monteses temos apenas 101. Este poderá ser um número insuficiente para demonstrar a existência de mais que uma classe. Por outro lado, esta insuficiência numérica pode ter que ver com uma diminuição da representatividade das cabras-monteses durante um daqueles períodos (2 ou 3 de auroques e cavalos). Seja qual for a razão, vamos verificar que este fenómeno se verifica nas análises dos veados e das cervas.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_nat	75,609756	75,609756	32,03125	8,88E-13	7,14685
di=di_s	81,818182	65,853659	25,78125	4,45E-12	6,922079
pic=pic_n	56,521739	95,121951	53,90625	1,04E-11	6,800681
or=or_cont	95,238095	48,780488	16,40625	3,89E-11	6,60812
memb_f=memb_m2	100	43,902439	14,0625	5,33E-11	6,561426
fn=fn_cr	76,470588	63,414634	26,5625	3,44E-10	6,277353
memb_p=memb_un	90,909091	48,780488	17,1875	3,52E-10	6,273862
oc=oc_am	100	36,585366	11,71875	4,80E-09	5,853982
nar=n_cont	100	31,707317	10,15625	8,32E-08	5,359988
inc_s=inc_s_s	50,724638	85,365854	53,90625	5,67E-07	5,001968
foc=f_conv	50,746269	82,926829	52,34375	1,44E-06	4,820055
crn_f=crn_cont	61,290323	46,341463	24,21875	1,25E-04	3,836274
cas=cas_s	78,571429	26,829268	10,9375	2,28E-04	3,685386
nu=nu_cv	56,25	43,902439	25	1,15E-03	3,249809
inc_r=inc_r_s	87,5	17,073171	6,25	1,50E-03	3,174349
oc=oc_c	100	12,195122	3,90625	2,83E-03	2,985349
int=int_p	64,285714	21,95122	10,9375	1,07E-02	2,551219
cbv=cbv_cvcv	83,333333	12,195122	4,6875	1,37E-02	2,46558
cbv=cbv_cc	100	7,317073	2,34375	3,12E-02	2,154174
bc=b_mod	80	9,756098	3,90625	3,90E-02	2,064538
abr=abr_n	36,27451	90,243902	79,6875	4,01E-02	2,052419
fn=fn_rc	57,142857	19,512195	10,9375	4,59E-02	1,996093
abr=abr_s	15,384615	9,756098	20,3125	4,01E-02	-2,052419
memb_p=memb_bi	12,5	7,317073	18,75	2,05E-02	-2,317136
or=or_n	21,538462	34,146341	50,78125	1,07E-02	-2,551999
memb_f=memb_l	5,882353	2,439024	13,28125	9,51E-03	-2,593298
bc=b_n	25,263158	58,536585	74,21875	7,42E-03	-2,677333
or=or_l	13,513514	12,195122	28,90625	3,50E-03	-2,919793
cbv=cbv_r	19,354839	29,268293	48,4375	3,11E-03	-2,957011
inc_r=inc_r_n	28,333333	82,926829	93,75	1,50E-03	-3,174349
memb_p=memb_pa	21,95122	43,902439	64,0625	1,48E-03	-3,178817
nu=nu_tri	4,347826	2,439024	17,96875	7,69E-04	-3,363725
corpo=cor_geo	6,896552	4,878049	22,65625	5,00E-04	-3,480759
corpo=cor_c	14,814815	19,512195	42,1875	3,23E-04	-3,596449
foc=f_apont	10,25641	9,756098	30,46875	2,99E-04	-3,615871
int=int_t	0	0	16,40625	1,23E-04	-3,839754
cas=cas_n	25,663717	70,731707	88,28125	7,38E-05	-3,963711
crn_f=crn_l	21,276596	48,780488	73,4375	3,12E-05	-4,164496
nar=n_n	22	53,658537	78,125	1,18E-05	-4,380661
memb_f=memb_bs	9,803922	12,195122	39,84375	6,30E-06	-4,515968
oc=oc_n	19,101124	41,463415	69,53125	4,58E-06	-4,583023
inc_s=inc_s_n	10,169492	14,634146	46,09375	5,67E-07	-5,001968
fn=fn_re	6,896552	9,756098	45,3125	8,80E-09	-5,752338
pic=pic_A	3,773585	4,878049	41,40625	8,82E-10	-6,129462
di=di_n	12,903226	29,268293	72,65625	1,31E-13	-7,40512

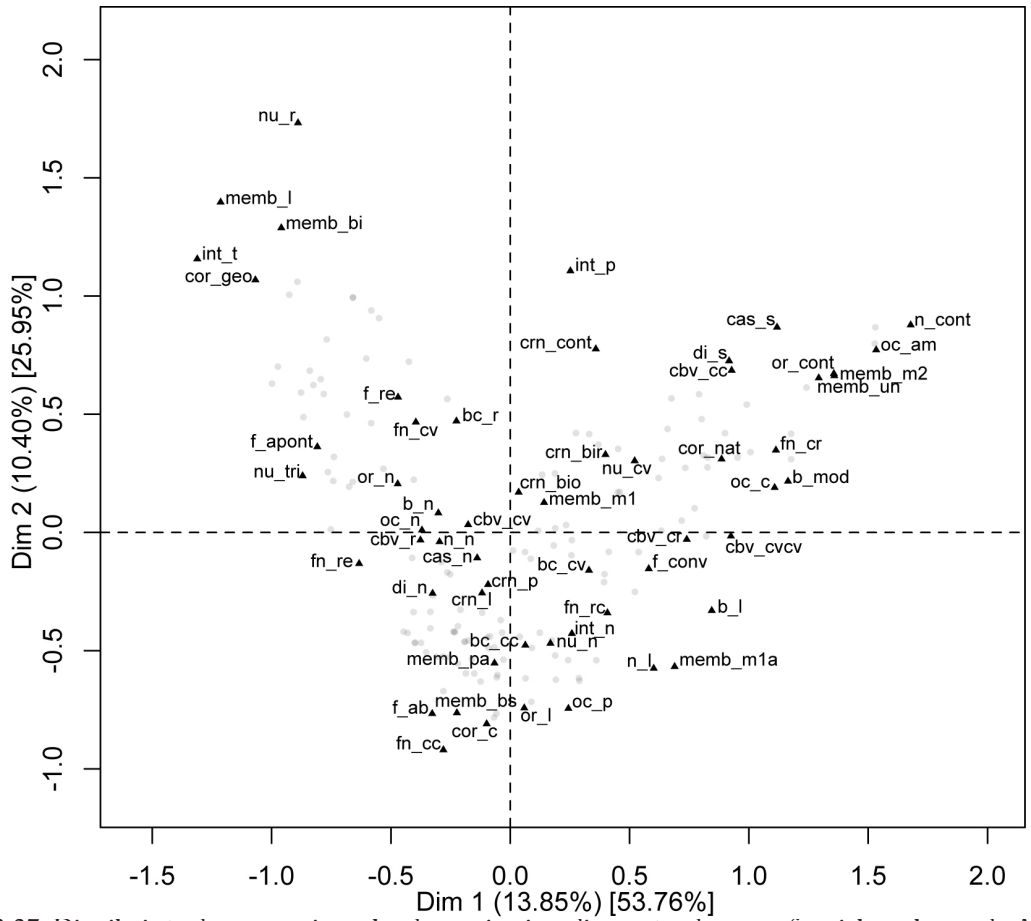
Tab. 3.16: Peso das categorias na definição da classe 2 de cabras-monteses. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	89,655172	89,655172	22,65625	1,23E-20	9,313675
int=int_t	100	72,413793	16,40625	6,97E-18	8,615317
memb_p=memb_bi	83,333333	68,965517	18,75	6,47E-13	7,190133
memb_f=memb_l	94,117647	55,172414	13,28125	1,11E-11	6,791546
inc_m=inc_m_s	57,142857	68,965517	27,34375	7,76E-08	5,372652
foc=f_apont	53,846154	72,413793	30,46875	1,10E-07	5,30893
or=or_n	40	89,655172	50,78125	9,78E-07	4,895932
bcerv=bc_r	43,396226	79,310345	41,40625	3,31E-06	4,650478
oc=oc_n	32,58427	100	69,53125	4,80E-06	4,573286
pic=pic_n	37,681159	89,655172	53,90625	5,75E-06	4,535448
nu=nu_tri	60,869565	48,275862	17,96875	1,18E-05	4,380998
bc=b_n	30,526316	100	74,21875	4,59E-05	4,075442
nu=nu_r	87,5	24,137931	6,25	1,14E-04	3,858509
fn=fn_re	37,931034	75,862069	45,3125	2,01E-04	3,717794
nar=n_n	29	100	78,125	2,66E-04	3,646755
inc_s=inc_s_s	34,782609	82,758621	53,90625	3,38E-04	3,583925
abr=abr_n	28,431373	100	79,6875	5,21E-04	3,46996
cbv=cbv_r	32,258065	68,965517	48,4375	1,32E-02	2,47736
cbv=cbv_cr	7,692308	6,896552	20,3125	3,64E-02	-2,092431
nar=n_l	0	0	10,15625	2,92E-02	-2,180504
nar=n_cont	0	0	10,15625	2,92E-02	-2,180504
or=or_cont	4,761905	3,448276	16,40625	2,54E-02	-2,234514
memb_p=memb_un	4,545455	3,448276	17,1875	1,95E-02	-2,336771
oc=oc_am	0	0	11,71875	1,63E-02	-2,402289
bcerv=bc_cc	9,302326	13,793103	33,59375	8,89E-03	-2,616126
memb_f=memb_m2	0	0	14,0625	6,63E-03	-2,714852
oc=oc_p	0	0	14,0625	6,63E-03	-2,714852
bcerv=bc_cv	3,571429	3,448276	21,875	3,53E-03	-2,917701
or=or_l	5,405405	6,896552	28,90625	1,77E-03	-3,126415
abr=abr_s	0	0	20,3125	5,21E-04	-3,46996
bc=b_l	0	0	21,09375	3,73E-04	-3,558809
inc_s=inc_s_n	8,474576	17,241379	46,09375	3,38E-04	-3,583925
memb_f=memb_bs	5,882353	10,344828	39,84375	1,29E-04	-3,82815
corpo=cor_nat	2,439024	3,448276	32,03125	4,81E-05	-4,064795
fn=fn_cr	0	0	26,5625	3,19E-05	-4,159409
memb_p=memb_pa	9,756098	27,586207	64,0625	6,71E-06	-4,502605
corpo=cor_c	3,703704	6,896552	42,1875	4,07E-06	-4,607985
nu=nu_n	4,83871	10,344828	48,4375	1,55E-06	-4,805146
foc=f_conv	4,477612	10,344828	52,34375	1,40E-07	-5,26478
inc_m=inc_m_n	9,677419	31,034483	72,65625	7,76E-08	-5,372652
pic=pic_A	0	0	41,40625	1,09E-08	-5,715915
int=int_n	3,225806	10,344828	72,65625	2,00E-16	-8,221844

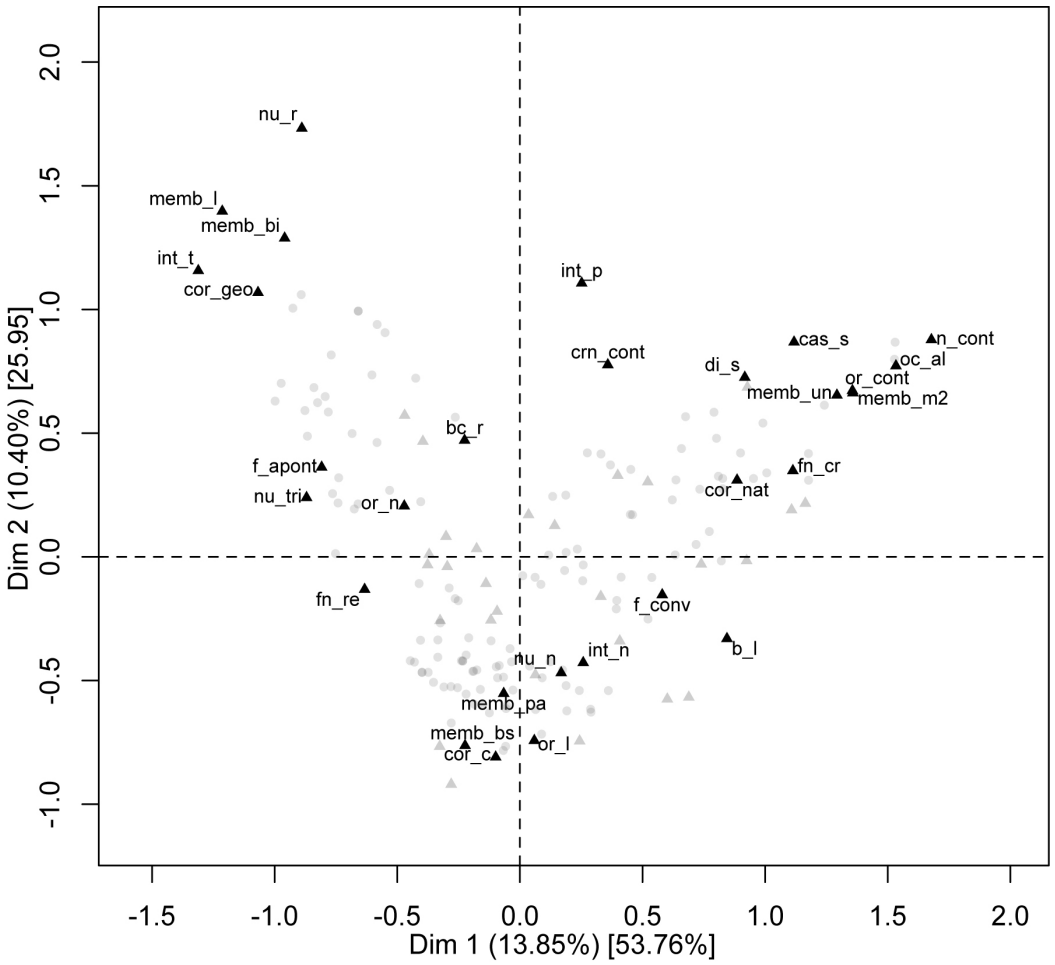
Tab. 3.17: Peso das categorias na definição da classe 3 de cabras-monteses. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.



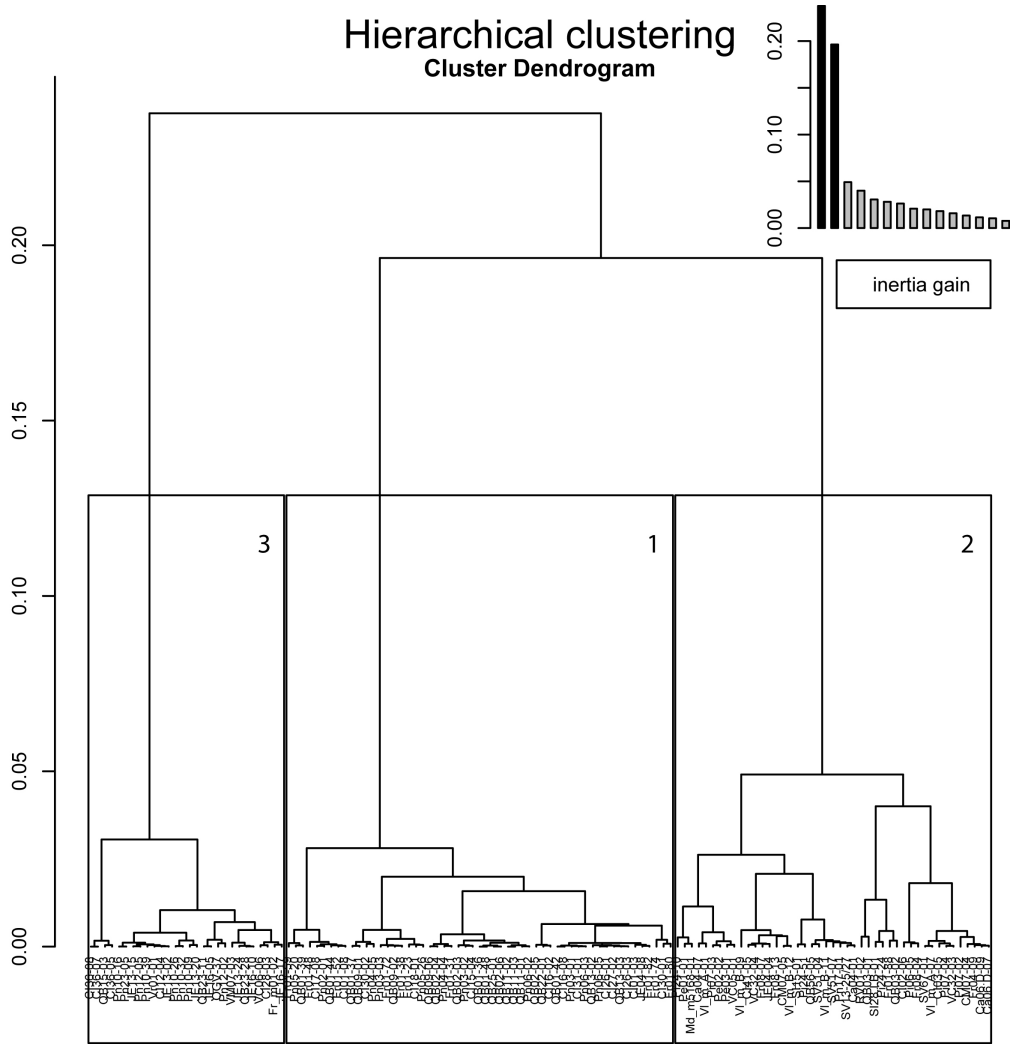
Graf. 3.26: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de cabras-monteses (análise sem variáveis técnicas).



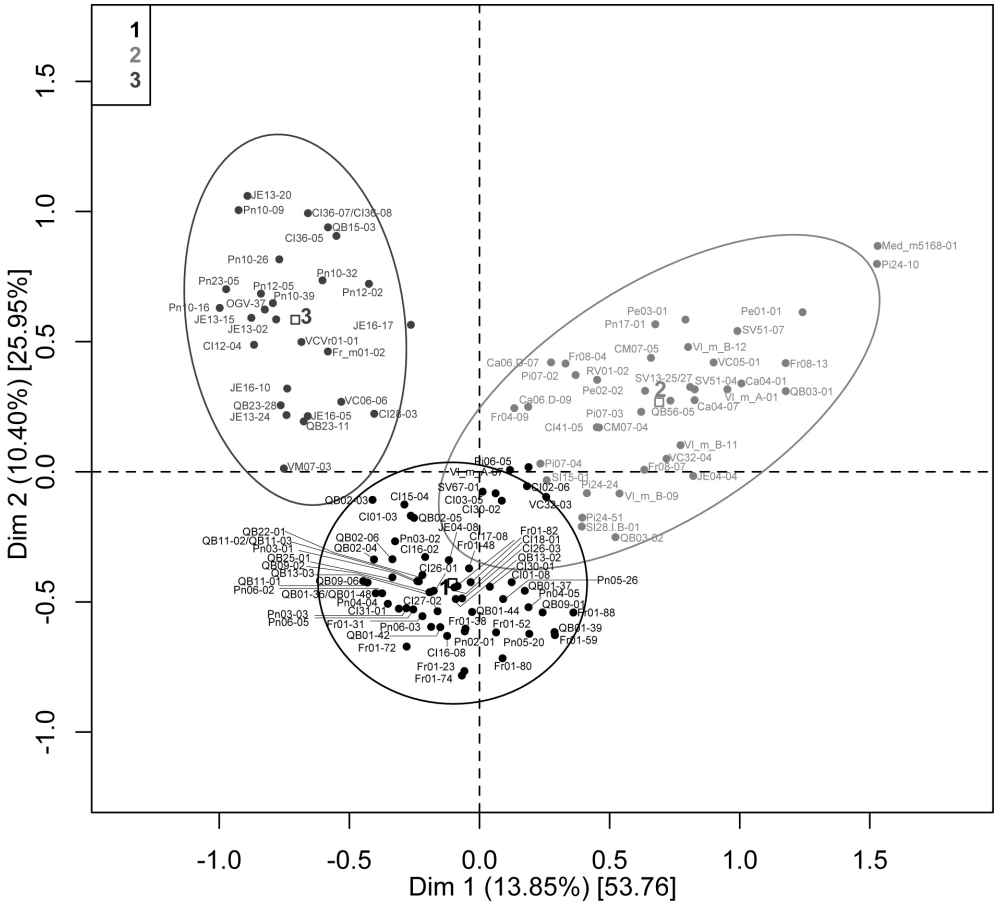
Graf. 3.27: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de cabras-monteses (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.28: Distribuição da metade das categorias mais relevante para a distribuição das cabras-monteses estudadas (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.29: Dendrograma com a distribuição das cabras-monteses pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.30: Distribuição das cabras-monteses pelo mapa fatorial (análise sem as variáveis técnicas). As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

3.2.2.4. Veados

A tabela 3.18 discrimina os dados com que trabalhámos nas análises que se seguem. Quanto às nossas diferenças interpretativas relativamente às descrições originais das unidades gráficas com que trabalhamos, estas reportam-se a **SV12-01** (Alcolea & Balbín, 2006a, 74, fig. 31), **SV13-29** (*idem*, 77, fig. 33, 79), **SV23-01** (*idem*, 93-94, fig. 51) e **SV51-19** (*idem*, 136, fig. 113). As diferenças são mínimas e prendem-se com a existência, observada *in loco*, de orelha e narina contornada na primeira figura, de orelhas contornadas nas duas seguintes e de um esboço de olho amendoado na última. Refira-se, por fim, que quer **SV13-29**, quer **SV67-11** (*idem*, 154, fig. 146), embora interpretados como megaceros (identificação que julgamos insegura) e rena respetivamente, apresentam caraterísticas formais que permitem a sua análise no conjunto das figuras que agora analisamos.

No gráfico relativo ao peso das variáveis na construção do mapa fatorial (Graf. 3.31), observa-se que a picotagem é a única variável técnica relevante quanto a este aspeto. Por outro lado, verificamos também que, ainda assim, variáveis como a forma dos corpo e dos membros, assim como a o preenchimento interior, têm muito mais peso na distribuição dos indivíduos.

No gráfico em que se representam todas as categorias (Graf. 3.32) apenas as bocas modeladas e olhos amendoados, localizadas no quadrante superior direito, parecem destacar-se algo do conjunto das restantes. Estas duas categorias mantém-se isoladas quando observamos o gráfico em que apenas a metade das categorias com mais peso são representadas (Graf. 3.33).

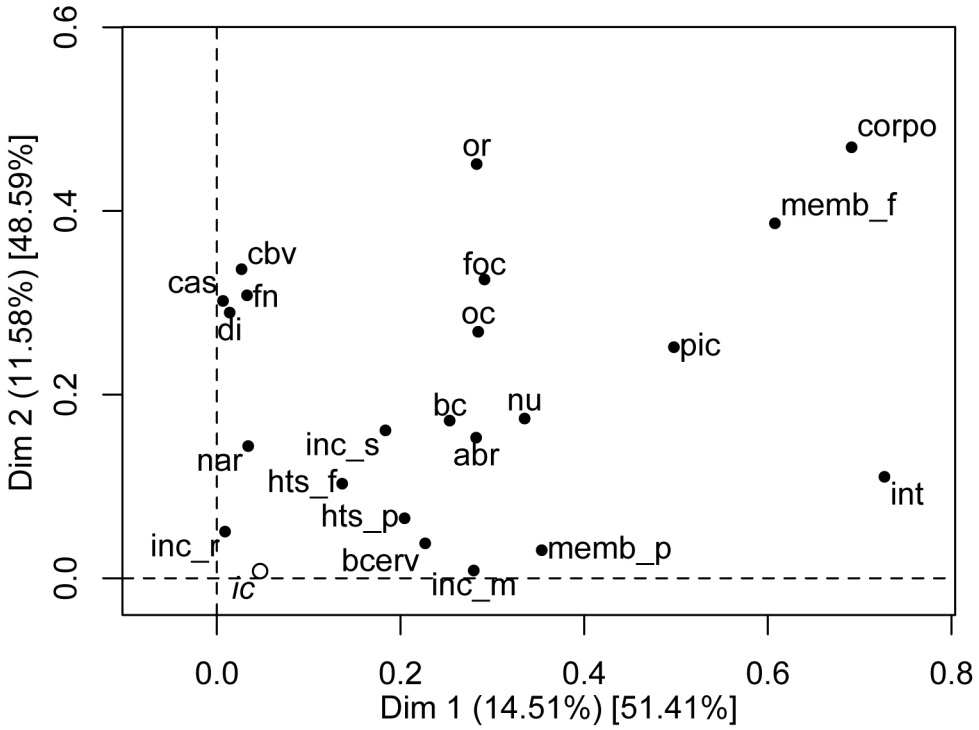
De todas as formas, apresentam uma relação de forte proximidade com um conjunto de categorias localizado imediatamente abaixo (bordos ventrais da cabeça descaídos, modalidade 2 dos membros modelados, presença de cascos, focinhos modelados, narinas e orelhas contornadas, corpos naturalistas, ocorrência de delimitações internas e bordos fronto-nasais convexo-retos. Mais abaixo e para a direita observa-se um segundo grupo que se distribui essencialmente pelo quadrante inferior direito (interiores sem preenchimentos internos, hastes e orelhas lineares, olhos em forma de ponto, corpos com curvas acentuadas, ausência de incisão, predominância da modalidade A da picotagem e da abrasão, e membros definidos por bordos simples), embora algumas se encontrem ainda no superior direito (bocas lineares e inexistência de nucas). Um último grupo identifica-se no quadrante inferior esquerdo, sendo composto pela modalidade 1a dos membros modelados, dispostos em perfil biangular, pelos corpos geométricos, pelos interiores totalmente preenchidos, pelos focinhos apontados, pelas nucas triangulares, pela inexistência de orelhas e pelos bordos fronto-nasais retos. Entre este e o primeiro grupo referido identificam-se duas categorias técnicas — a inexistência de picotagem e a presença de incisão simples.

O dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente (Graf. 3.34) evidencia a existência de três classes. Da aplicação do algoritmo das médias-K ao mapa fatorial resulta o gráfico 3.35. Nada de muito surpreendente se verifica, para além da ocorrência de **Pi02-03** e **Fr05-02** na classe 3, embora o primeiro se localize no limite da elipse da classe 2 e o segundo fora de qualquer classe. Destaque-se a presença de duas figuras de Siega Verde na classe 1 (**SV27-08** e **SV67-11**), embora uma destas ocorra na zona partilhada de elipses desta classe e da 2 e outra fora de qualquer elipse. Outras quatro localizam-se na classe 2 (**SV12-01**, **SV-13-29**, **SV23-01** e **SV51-19**) e uma última na classe 3 (**SV48-11**). Trata-se de algo que reflete o que já tínhamos verificado em análises anteriores — uma predominância do fácies de transição, completada pela presença de evidências gráficas do Magdalenense final/ Azilense. Refira-se também a presença de dois motivo de La Griega na classe 1 (**Gr_III_9-4** e **Gr_III_9-16**), e de um outro na classe 2 (**Gr_III_9-17**), o que acaba por também ilustrar o caráter de transição do seu dispositivo gráfico, sobretudo se tivermos em conta que os três motivos se localizam no mesmo painel. Por outro lado, os motivos das estações de Domingo García encontram-se nas classes 2 (**SI12.B-09** e **Ca06.D-08**) e 3 (**SI12.A-01**), sendo de destacar este último aspecto uma vez que denuncia também a existência de evidências gráficas do Azilense neste sítio.

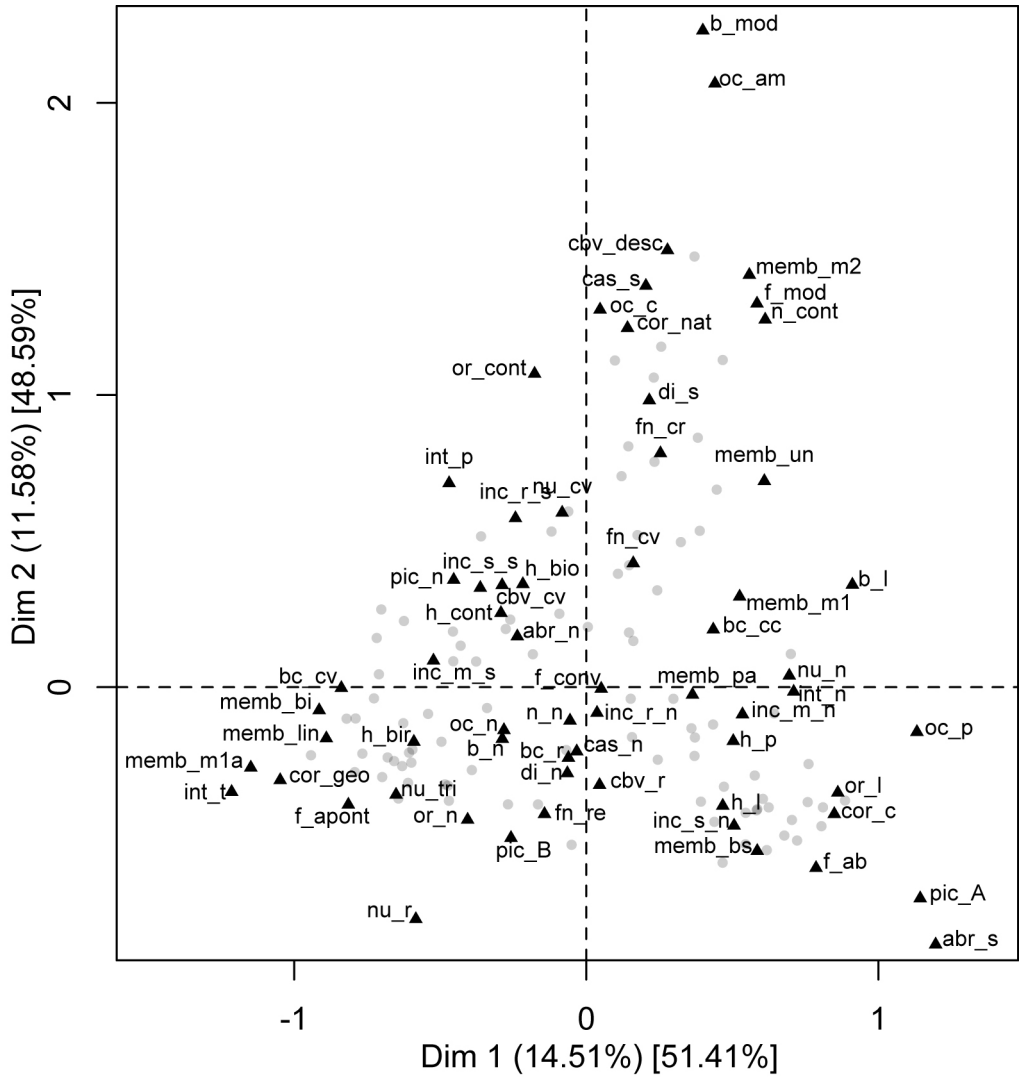
U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	Cbv	foc	nu	bcerv	hts_f	hts_p	ic
Ca06.D-08	pic_n	abr_n	inc_zs_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_desc	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bio	101,8591636
CI01-14	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	h_l	NA	70,60091247
CI03-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	86,08619608
CI11-18	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_c	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_desc	f_conv	nu_n	bc_cc	h_cont	h_bio	NA
CI11-24	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_cv	bc_r	h_cont	h_p	NA
CI14-20	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bir	63,29398893
CI20-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	NA	NA	NA	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_p	11,71457198
CI22-06	pic_B	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	h_cont	h_p	96,03708532
CI26-07	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	75,57247845
CI28-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_r	h_l	h_p	66,33124253
CI28-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bio	108,0751265
CI33-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bir	121,4774464
CI41-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_lin	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cv	h_cont	h_p	70,69986068
Fr_m01-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_lin	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_r	h_cont	h_bio	105,8165297
Fr_m02-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	NA
Fr01-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_p	59,15622086
Fr01-20	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_p	NA	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	h_l	h_bio	56,52498427
Fr01-25	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_conv	nu_tri	NA	h_l	h_bio	87,8022572
Fr01-30	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	NA	NA	NA	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	NA	nu_n	NA	h_l	h_p	NA
Fr01-33	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_desc	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_p	69,58774619
Fr01-70	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	NA	NA	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	NA
Fr02-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	67,01260762
Fr04-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m2	memb_bi	cas_s	fn_cr	cbv_r	f_ab	nu_tri	NA	h_cont	h_p	NA
Fr05-02	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	h_l	h_bir	NA
FC148-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	67,1519533
Gr_III_9-16	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	h_cont	h_bir	68,43662553
Gr_III_9-17	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bio	77,06449876
Gr_III_9-4	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_p	111,4084602
OGI-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_r	bc_cv	h_l	h_bir	116,7136249
OGV-27	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	NA	NA	NA	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_r	bc_r	h_l	h_bir	127,3239545
OGV-29	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_r	bc_cv	h_l	h_bio	95,49296586
OGV-30	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_r	bc_cv	h_l	h_bir	58,35681247
Pn02-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_l	n_cont	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_mod	nu_cv	bc_r	h_l	h_bio	66,73531407
Pn05-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_r	h_l	h_bio	90,15484975
Pn10-19	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_c	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_cv	bc_cv	h_cont	h_bio	NA
Pn10-22	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_lin	memb_bi	cas_s	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	69,92012069
Pn10-29	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_cv	h_cont	h_bir	119,0996799
Pn10-38	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	h_cont	h_bir	72,83549132
Pn10-44	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	79,86269546
Pn10-54	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cv	h_cont	h_bir	114,0775182
Pn11-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	69,22848017
Pn13-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_p	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cv	h_cont	h_bir	69,29462131
Pn19-01	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_p	or_cont	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	h_cont	h_bio	99,43821515
Pn23-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_cc	h_cont	h_bir	89,28204125
Pn23-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_cv	h_cont	h_bir	88,09678089
QB01-11	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	NA	NA	nu_tri	bc_r	h_l	h_p	67,89109444
QB01-31	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_n	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_r	h_cont	h_bio	79,32975957
QB01-45	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_r	h_cont	h_p	67,76920157
QB01-55	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cc	h_l	h_p	59,94852349
QB02-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	77,19873049
QB10-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	NA	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	84,62849669
QB23-14	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	h_cont	h_p	54,79104598
QB23-25	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_cv	h_cont	h_bio	52,38997904
QB23-26	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_cc	h_cont	h_p	49,88609287
QB23-27	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_desc	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	91,61561086
QB23-35	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	h_cont	h_bir	94,43852317
QB23-42	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_r	h_cont	h_p	95,11289435
QB25-03	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	NA	nu_tri	bc_cc	h_l	h_p	NA

U.G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	nar	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	Cbv	foc	nu	bcerv	hts_f	hts_p	ic
QB33-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	NA	f_conv	nu_n	NA	h_l	h_p	NA
QB56-01	pic_A	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	85,44107471
Pi15-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_n	NA	or_l	NA	NA	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	h_l	h_p	70,55407825
Pi24-130	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_mod	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_desc	f_mod	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	81,19635274
Pi24-140	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_l	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_un	cas_n	fn_re	cbv_r	f_mod	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_p	87,51675525
SI12.A-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_r	bc_r	h_l	h_bio	190,9859317
SI12.B-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_cv	NA	f_conv	nu_n	bc_r	h_cont	h_p	69,3609752
SV12-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	NA	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_p	86,45984746
SV13-29	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_s	inc_m_n	int_p	oc_n	or_cont	b_n	n_cont	cor_nat	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_desc	f_mod	nu_cv	bc_r	h_cont	h_p	104,7071994
SV23-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_cont	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_cv	NA	h_l	h_p	57,03052127
SV27-08	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_nat	di_s	memb_lin	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_conv	nu_n	bc_r	h_l	h_p	76,45678639
SV48-11	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	NA	h_cont	h_p	NA
SV51-19	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_s	int_p	oc_am	or_l	NA	NA	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	84,77094864
SV67-11	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	n_cont	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	h_cont	h_p	70,54435315
VC01-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_s	fn_re	cbv_r	f_mod	nu_cv	NA	h_l	h_bir	112,8576551
VC04-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_cv	h_l	h_bio	89,74037755
VC04-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_mod	nu_n	bc_cc	h_l	h_bio	96,30914505
VC04-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	n_n	cor_c	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_desc	f_conv	nu_n	bc_cv	h_l	h_bir	92,30986699
VC04-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_cont	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_desc	f_mod	nu_n	bc_cc	h_cont	h_bio	84,73925348
VC04-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_cont	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cv	f_mod	nu_n	bc_cc	h_cont	h_bio	103,8179936
VC04-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_s	fn_cr	cbv_cv	f_mod	nu_cv	bc_cc	h_l	h_bio	109,2047763
VC04-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_l	n_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_cv	cbv_cv	f_mod	nu_n	bc_cv	h_cont	h_bio	82,58249495
VC06-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_lin	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	h_cont	h_bir	93,54908869
JE04-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_c	or_n	b_mod	n_cont	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_desc	f_mod	nu_cv	bc_cc	h_l	h_bir	NA
JE13-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_lin	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bir	97,98803147
JE13-09	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_lin	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	h_l	h_bio	88,85072704
JE13-10	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_lin	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_p	83,95423248
JE13-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	h_cont	h_bio	115,9962005
JE13-19	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_cv	bc_r	h_cont	h_bio	101,3752946
JE16-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	h_cont	h_bio	65,05458299
JE16-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cv	h_l	h_bio	70,88354514
VV01-01	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_p	or_l	b_l	n_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_r	bc_r	h_l	h_bir	63,3486801
OGV-27	pic_n	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_n	b_n	n_n	cor_geo	di_n	NA	NA	NA	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_r	bc_r	h_l	h_bir	127,3239545

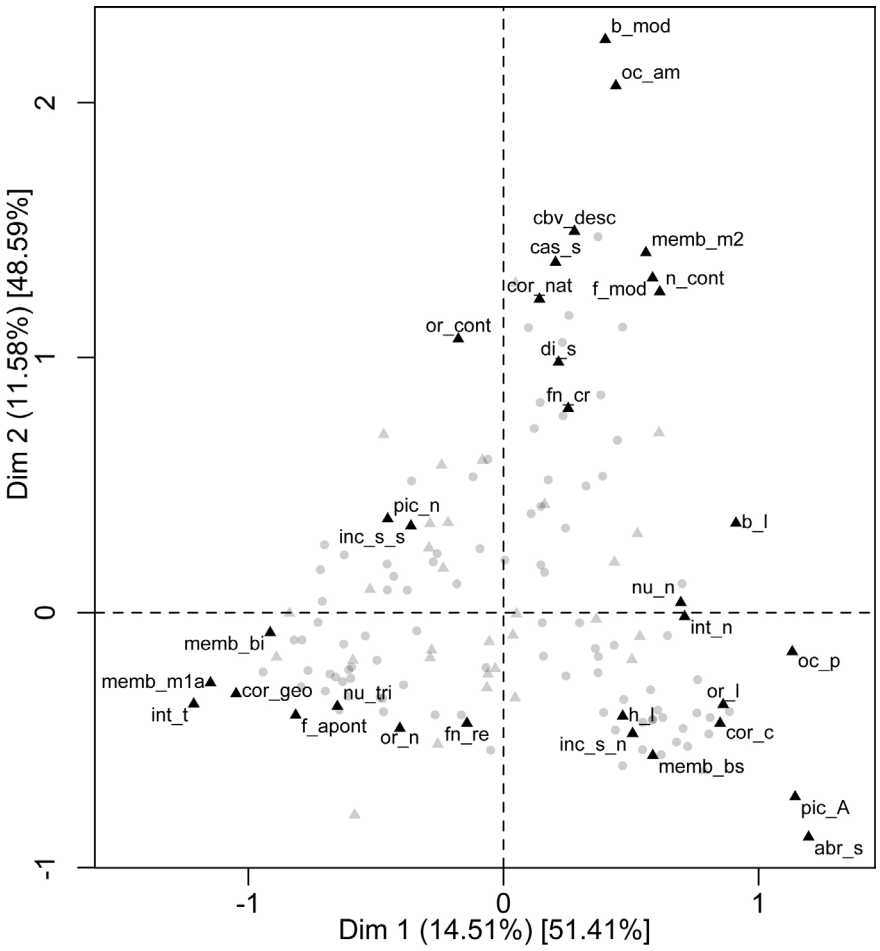
Tab. 3.18: Caraterização dos veados estudados com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.



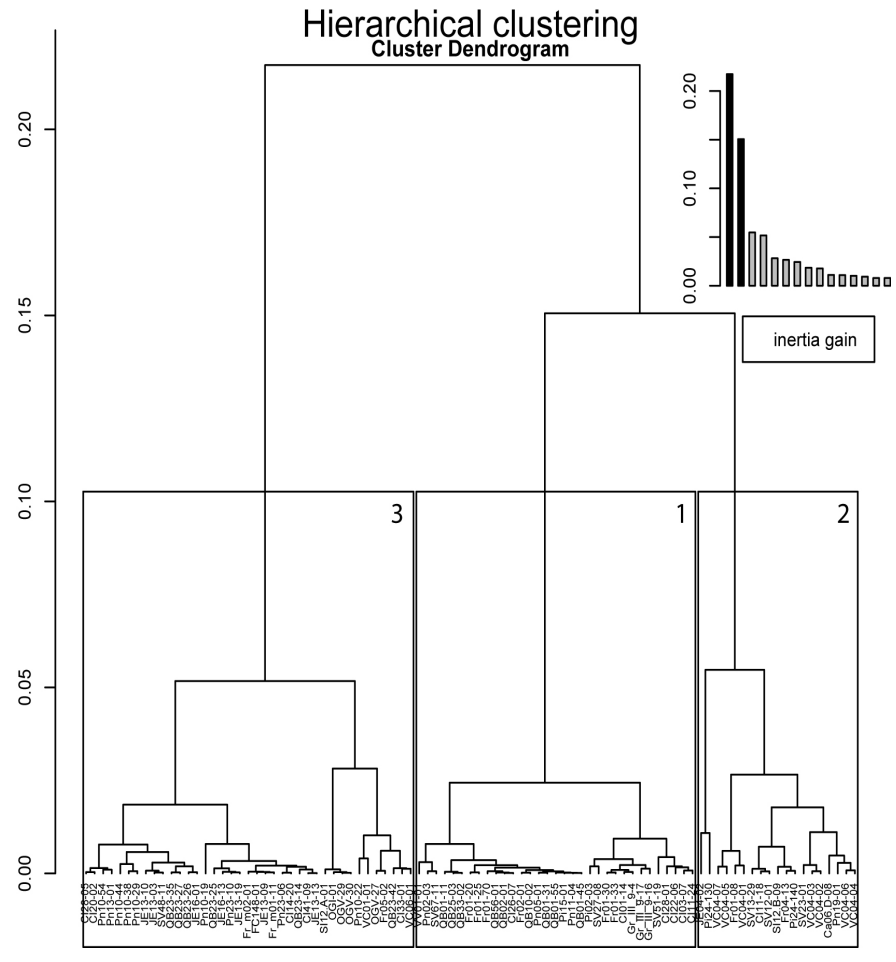
Graf. 3.31: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de veados.



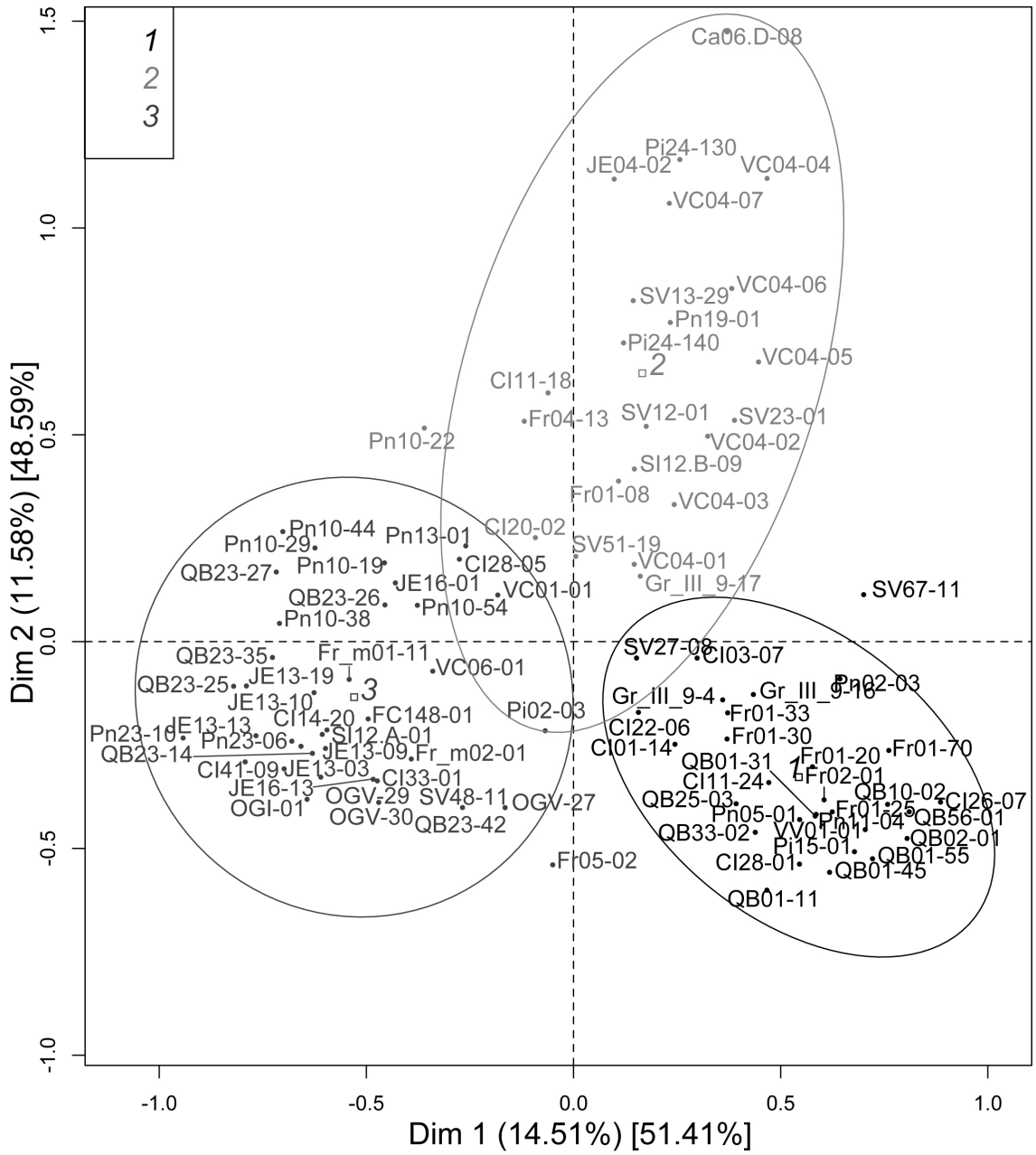
Graf. 3.32: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de veados.



Graf. 3.33: Distribuição pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da metade das categorias mais relevante para a distribuição dos veados estudados.



Graf. 3.34: Dendrograma com a distribuição dos veados pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente.



Graf. 3.35: Distribuição dos veados pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial. As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

Contribui para a definição da classe 1 (Tab. 3.19): a predominância da modalidade A da picotagem e dos corpos com curvas acentuadas, a inexistência de corpos não preenchidos interiormente, a predominância da abrasão, dos membros definidos por bordos simples dispostos em perfil absoluto, as orelhas lineares, as hastes lineares dispostas em perfil absoluto, os animais sem nuca, a inexistência de animais com cascos, a predominância dos olhos em forma de ponto, a raridade da incisão múltipla, a relativa ocorrência de focinhos abertos e dos bordos ventrais da cabeça retos, a raridade de delimitações internas, a raridade de incisão simples, a inexistência de membros da forma m1a, a raridade dos membros em perfil biangular, a inexistência de focinhos apontados e de bordos cervicais convexos, a raridade de cabeças sem boca, de corpos naturalistas e de hastes contornadas, a raridade de hastes dispostas em perfil biangular reto ou oblíquo, de animais sem olho, de nucas convexas, de animais sem narinas e de bordos ventrais da cabeça convexos.

A classe 2 (Tab. 3.20) carateriza-se pelos corpos naturalistas, orelhas contornadas, modalidade 2 dos membros modelados (e em certa medida, também modalidade 1), presença de cascos, delimitações internas, linhas fronto-nasais convexo-retas, focinhos modelados, bordos ventrais da cabeça descaídos, narinas contornadas, olhos amendoados, bocas lineares, nucas convexas e incisão simples. São raros os bordos fronto-nasais retos, as cabeças sem orelhas, os bordos ventrais da cabeça retos, os membros definidos por bordos simples, a modalidade A da picotagem, as nucas triangulares e as cabeças sem boca. São inexistentes os corpos geométricos, os preenchimentos internos e a abrasão.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
pic=pic_A	96	80	27,472527	2,28E-15	7,92509
corpo=cor_c	75	90	39,56044	2,55E-12	7,000529
int=int_n	57,692308	100	57,142857	2,69E-10	6,315432
abr=abr_s	100	50	16,483516	2,83E-09	5,941234
inc_s=inc_s_n	60,526316	76,666667	41,758242	2,85E-06	4,681375
memb_f=memb_bs	69,230769	60	28,571429	7,53E-06	4,478259
or=or_l	70,833333	56,666667	26,373626	1,05E-05	4,407304
hts_p=h_p	57,894737	73,333333	41,758242	2,49E-05	4,21612
foc=NA	90,909091	33,333333	12,087912	4,10E-05	4,101573
nu=nu_n	58,823529	66,666667	37,362637	7,85E-05	3,94908
memb_p=memb_pa	47,368421	90	62,637363	1,01E-04	3,887079
oc=oc_p	73,333333	36,666667	16,483516	6,42E-04	3,413328
cas=cas_n	40	100	82,417582	7,79E-04	3,360284
hts_f=h_l	54,285714	63,333333	38,461538	8,72E-04	3,328884
inc_m=inc_m_n	48,888889	73,333333	49,450549	1,59E-03	3,158016
nar=NA	85,714286	20	7,692308	4,98E-03	2,808454
bc=NA	85,714286	20	7,692308	4,98E-03	2,808454
foc=f_ab	70	23,333333	10,989011	1,50E-02	2,432033
cbv=cbv_r	40,677966	80	64,835165	3,50E-02	2,107899
nar=n_n	28,571429	73,333333	84,615385	4,97E-02	-1,962583
cbv=cbv_cv	11,111111	6,666667	19,78022	2,60E-02	-2,225494
nu=nu_cv	13,043478	10	25,274725	1,77E-02	-2,371907
hts_p=h_bio	16,129032	16,666667	34,065934	1,41E-02	-2,455852
oc=oc_n	25,373134	56,666667	73,626374	1,38E-02	-2,461569
hts_p=h_bir	9,52381	6,666667	23,076923	7,65E-03	-2,667056
corpo=cor_nat	9,52381	6,666667	23,076923	7,65E-03	-2,667056
cas=cas_s	0	0	13,186813	5,52E-03	-2,774919
int=int_p	0	0	15,384615	2,11E-03	-3,074644
bc=b_n	22,222222	46,666667	69,230769	1,66E-03	-3,145251
inc_m=inc_m_s	17,391304	26,666667	50,549451	1,59E-03	-3,158016
hts_f=h_cont	19,642857	36,666667	61,538462	8,72E-04	-3,328884
bcerv=bc_cv	0	0	18,681319	4,67E-04	-3,498904
foc=f_apont	0	0	21,978022	9,54E-05	-3,901884
memb_p=memb_bi	3,846154	3,333333	28,571429	7,09E-05	-3,973182
memb_f=memb_m1a	0	0	24,175824	3,15E-05	-4,162374
or=or_cont	0	0	27,472527	5,49E-06	-4,544993
int=int_t	0	0	27,472527	5,49E-06	-4,544993
inc_s=inc_s_s	13,207547	23,333333	58,241758	2,85E-06	-4,681375
corpo=cor_geo	0	0	35,164835	5,89E-08	-5,422151
abr=abr_n	19,736842	50	83,516484	2,83E-09	-5,941234
pic=pic_n	6,779661	13,333333	64,835165	4,24E-13	-7,24771

Tab. 3.19: Peso das categorias na definição da classe 1 de veados. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

A classe 3 (Tab. 3.21) carateriza-se pela predominância dos corpos geométricos, dos preenchimentos totais do corpo, da modalidade 1a dos membros modelados, dos animais sem boca, dos focinhos apontados, dos membros em perfil biangular, das cabeças sem orelhas, das hastes em perfil biangular reto, dos animais sem olhos, das nucas triangulares, das cabeça sem narinas, dos bordos cervicais convexos, da incisão múltipla, dos bordos fronto-nasais retos, da incisão simples, das hastes contornadas e das nucas retas. São raros os animais sem qualquer preenchimento interno, com os corpos definidos por curvas acentuadas (sendo os corpos naturalistas ainda mais raros), sem nuca, com hastes em perfil absoluto, com as orelhas lineares, com a variante 1 dos membros modelados (sendo ainda mais raros os membros definidos por bordos simples), com os membros em perfil absoluto, com os bordos cervicais côncavos, com os olhos em forma de ponto, com os bordos fronto-nasais convexo-retos, com os focinhos modelados, com delimitações internas e com hastes lineares. Encontram-se ausentes figuras definidas pela modalidade A da picotagem, com membros definidos pela modalidade 2 dos membros modelados e com narinas contornadas.

Como no caso das cabras-monteses, o índice corporal parece ser relevante para a definição das classes 1 e 3. Assim, observa-se que, por comparação com a média global de 84,11±21,55, a média do índice corporal dos animais da classe 1

é de apenas 76,84±11,55 (valor-p=0,02 e teste estatístico V=-2,24), enquanto a dos da classe 3 é de 90,72±25,99 (valor-p=0,01 e teste estatístico V=2,46).

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value
corpo=cor_nat	71,428571	65,217391	23,076923	2,67E-07
or=or_cont	64	69,565217	27,472527	8,52E-07
memb_f=memb_m2	90,909091	43,478261	12,087912	1,70E-06
cas=cas_s	83,333333	43,478261	13,186813	8,85E-06
foc=f_mod	81,818182	39,130435	12,087912	4,27E-05
di=di_s	61,904762	56,521739	23,076923	4,60E-05
fn=fn_cr	58,333333	60,869565	26,373626	4,85E-05
pic=pic_n	37,288136	95,652174	64,835165	1,50E-04
cbv=cbv_desc	77,777778	30,434783	9,89011	8,00E-04
oc=oc_am	100	17,391304	4,395604	3,31E-03
abr=abr_n	30,263158	100	83,516484	8,09E-03
nar=n_cont	71,428571	21,73913	7,692308	1,12E-02
bc=b_l	47,368421	39,130435	20,879121	2,06E-02
inc_s=inc_s_s	33,962264	78,26087	58,241758	2,56E-02
bcerv=bc_cc	37,837838	60,869565	40,659341	2,73E-02
nu=nu_cv	43,478261	43,478261	25,274725	2,87E-02
memb_f=memb_m1	42,857143	39,130435	23,076923	4,71E-02
inc_s=inc_s_n	13,157895	21,73913	41,758242	2,56E-02
bc=b_n	17,460317	47,826087	69,230769	1,45E-02
memb_f=memb_bs	7,692308	8,695652	28,571429	1,26E-02
abr=abr_s	0	0	16,483516	8,09E-03
nu=nu_tri	7,142857	8,695652	30,769231	6,44E-03
pic=pic_A	4	4,347826	27,472527	2,49E-03
cbv=cbv_r	13,559322	34,782609	64,835165	8,16E-04
memb_f=memb_m1a	0	0	24,175824	5,70E-04
int=int_t	0	0	27,472527	1,65E-04
corpo=cor_geo	3,125	4,347826	35,164835	1,50E-04
or=or_n	5	8,695652	43,956044	4,84E-05
di=di_n	14,285714	43,478261	76,923077	4,60E-05
cas=cas_n	14,666667	47,826087	82,417582	4,68E-06
fn=fn_re	7,272727	17,391304	60,43956	1,58E-06

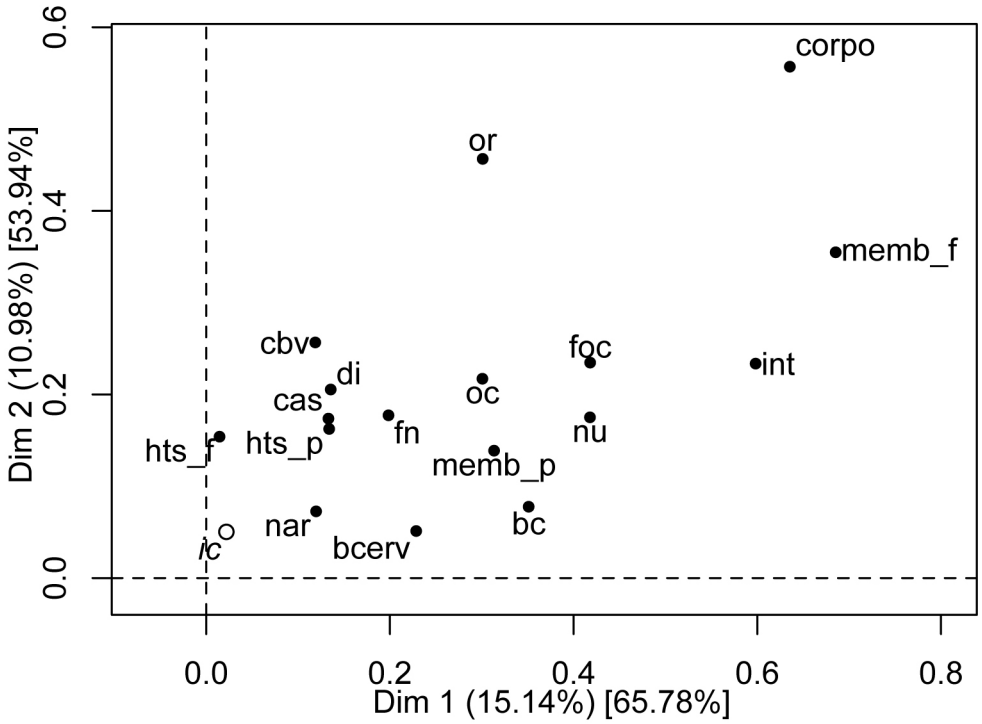
Tab. 3.20: Peso das categorias na definição da classe 2 de veados. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Os resultados provenientes das análises que não tiveram em conta as variáveis técnicas apresentam poucas alterações. Relativamente ao peso das variáveis (Graf. 3.36), verificamos que as diferenças são de detalhe. No gráfico da totalidade das categorias (Graf. 3.37) parece observar-se apenas uma ligeira rotação para a direita. Contudo, se tivermos em conta apenas a metade que mais contribui para a configuração do mapa fatorial (Graf. 3.38), observamos uma melhor individualização dos grupos antes identificámos. Por outro lado, relativamente às duas categorias antes identificadas que pareciam funcionar quase como *outliers*, uma (as bocas modeladas) não faz parte da metade das categorias com mais peso (embora se localize ainda apartada das restantes), mantendo-se os olhos amendoados ainda algo afastados, o que denuncia a raridade desta forma em particular. Já a partir da análise do dendrograma (Graf. 3.39) não se definem mais que três classes, embora se possa prever a futura partição da classe 2 quando mais indivíduos forem adicionados à análise. O novo mapa fatorial (Graf. 3.40) vem reforçar a nossa ideia quanto ao carácter de transição de estações como Siega Verde ou La Griega, que, desta feita, vão dispor de mais indivíduos na classe 2 (provenientes da 1) a par de outros que, ainda que classificados como 1, se vão localizar em zona partilhada de elipses, num grupo apartado dos restantes desta classe. Por outro lado, é mais estranha a passagem de **SV27-08** para a classe 3, sendo, no entanto, de chamar a atenção para o facto deste motivo se localizar, ainda assim, em zona partilhada das elipses 2 e 3. A mesma estranheza sente-se quando observamos a classificação de **VC04-01** como 1. A classificação dos restantes motivos da rocha como 2 e a sua localização em zona partilhada de elipses leva-nos, no entanto, a não valorizar excessivamente esta classificação. Também a classificação de **Pi02-03** como 1 se poderá dever ao facto de atualmente não ser possível definir uma classe de veados entre as 1 e 2. Também **Fr05-02**, classificado como 3 e localizado fora de qualquer elipse merece um comentário. De

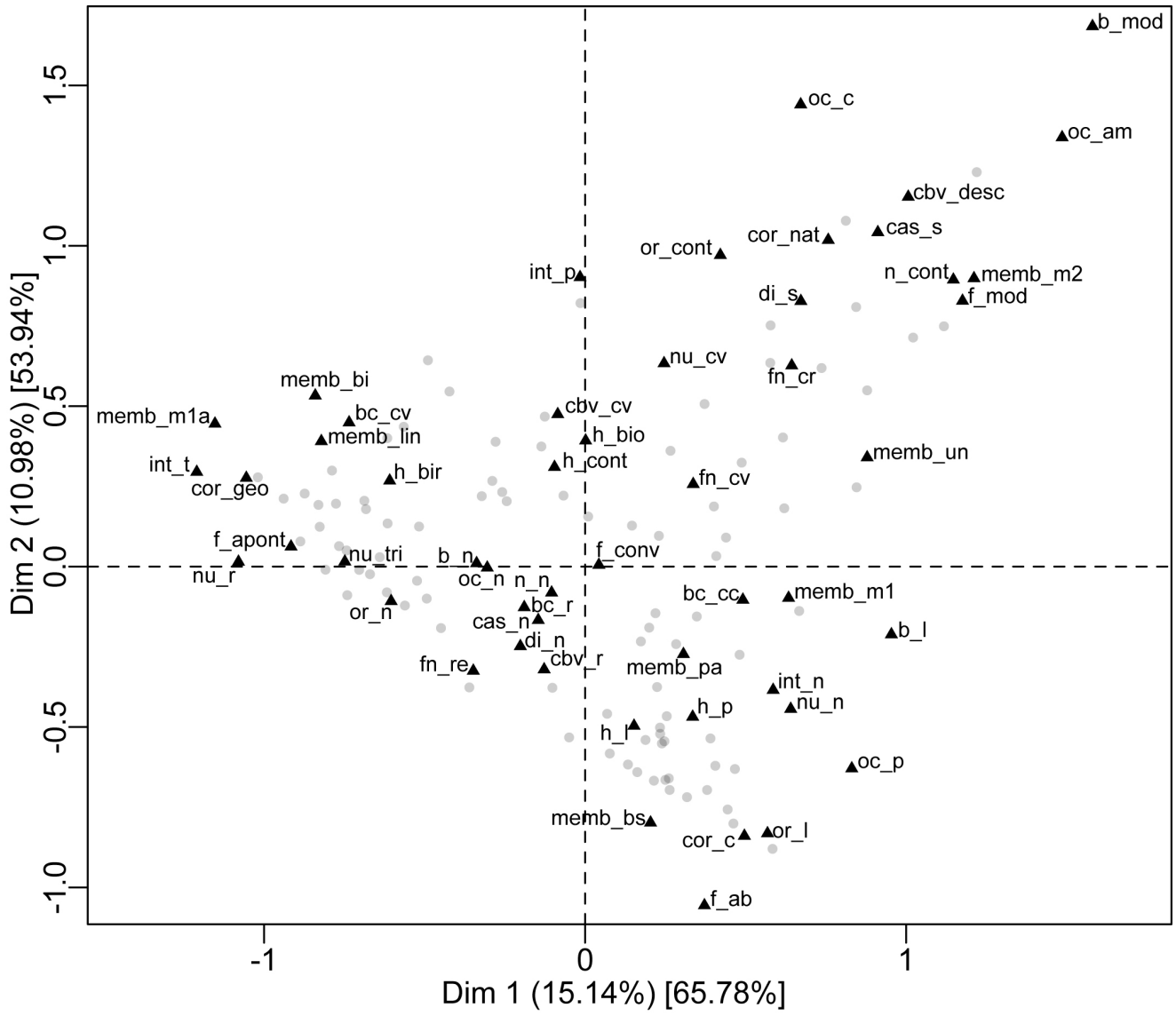
facto, junto deste animal encontra-se um cavalo (**Fr05-01**) cujo estado de incompletude não nos permitiu considerá-lo na análise. O que dele resta, contudo, é suficiente para o podermos classificar como um motivo integrável nas classes 2 ou 3 dos cavalos. Que **Fr05-02** seja, por outro lado, integrado na 3 dos veados (contemporânea da 4 de cavalos) resulta estranho. Contudo é de referir que a posterioridade deste motivo é certa, uma vez que utiliza o ventre de **Fr05-01** como seu bordo cérvico-dorsal. Este aspeto pode, por outro lado, contribuir para explicar a estranheza deste veado. No entanto, não terá condicionado outras caraterísticas formais que acabam por fazer com que a análise o considere da classe 3, como seja o perfil adotado na configuração dos membros.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	96,875	81,578947	35,164835	1,82E-16	8,233366
int=int_t	100	65,789474	27,472527	3,38E-13	7,278253
memb_f=memb_m1a	100	57,894737	24,175824	3,16E-11	6,638731
bc=b_n	60,31746	100	69,230769	4,04E-09	5,882487
foc=f_apont	90	47,368421	21,978022	7,66E-07	4,943709
memb_p=memb_bi	80,769231	55,263158	28,571429	2,37E-06	4,718929
or=or_n	67,5	71,052632	43,956044	1,21E-05	4,375955
hts_p=h_bir	80,952381	44,736842	23,076923	4,57E-05	4,076453
oc=oc_n	53,731343	94,736842	73,626374	6,26E-05	4,002745
abr=abr_n	50	100	83,516484	1,14E-04	3,858712
pic=pic_n	55,932203	86,842105	64,835165	1,72E-04	3,757385
nu=nu_tri	71,428571	52,631579	30,769231	1,78E-04	3,748749
nar=n_n	49,350649	100	84,615385	2,25E-04	3,689099
bcerv=bc_cv	82,352941	36,842105	18,681319	2,36E-04	3,67663
inc_m=inc_m_s	58,695652	71,052632	50,549451	1,05E-03	3,275706
fn=fn_re	54,545455	78,947368	60,43956	2,37E-03	3,039518
inc_s=inc_s_s	52,830189	73,684211	58,241758	1,25E-02	2,49764
di=di_n	48,571429	89,473684	76,923077	1,66E-02	2,396324
hts_f=h_cont	50	73,684211	61,538462	4,72E-02	1,984926
nu=nu_r	83,333333	13,157895	6,593407	4,82E-02	1,975655
hts_f=h_l	28,571429	26,315789	38,461538	4,72E-02	-1,984926
memb_f=memb_bs	23,076923	15,789474	28,571429	2,36E-02	-2,264156
nar=NA	0	0	7,692308	1,90E-02	-2,344666
nar=n_cont	0	0	7,692308	1,90E-02	-2,344666
bc=NA	0	0	7,692308	1,90E-02	-2,344666
foc=f_mod	9,090909	2,631579	12,087912	1,89E-02	-2,347929
di=di_s	19,047619	10,526316	23,076923	1,66E-02	-2,396324
corpo=cor_nat	19,047619	10,526316	23,076923	1,66E-02	-2,396324
fn=fn_cr	20,833333	13,157895	26,373626	1,60E-02	-2,408577
inc_s=inc_s_n	26,315789	26,315789	41,758242	1,25E-02	-2,49764
oc=oc_p	6,666667	2,631579	16,483516	1,89E-03	-3,106381
foc=NA	0	0	12,087912	1,61E-03	-3,153974
memb_f=memb_m2	0	0	12,087912	1,61E-03	-3,153974
bcerv=bc_cc	21,621622	21,052632	40,659341	1,33E-03	-3,208646
inc_m=inc_m_n	24,444444	28,947368	49,450549	1,05E-03	-3,275706
memb_f=memb_m1	9,52381	5,263158	23,076923	4,51E-04	-3,508125
memb_p=memb_pa	26,315789	39,473684	62,637363	1,42E-04	-3,803889
abr=abr_s	0	0	16,483516	1,14E-04	-3,858712
or=or_l	8,333333	5,263158	26,373626	6,26E-05	-4,002745
hts_p=h_p	15,789474	15,789474	41,758242	1,82E-05	-4,286068
bc=b_l	0	0	20,879121	6,56E-06	-4,507548
nu=nu_n	8,823529	7,894737	37,362637	3,86E-07	-5,07561
pic=pic_A	0	0	27,472527	5,65E-08	-5,42969
corpo=cor_c	5,555556	5,263158	39,56044	3,10E-09	-5,926371
int=int_n	9,615385	13,157895	57,142857	1,45E-13	-7,39126

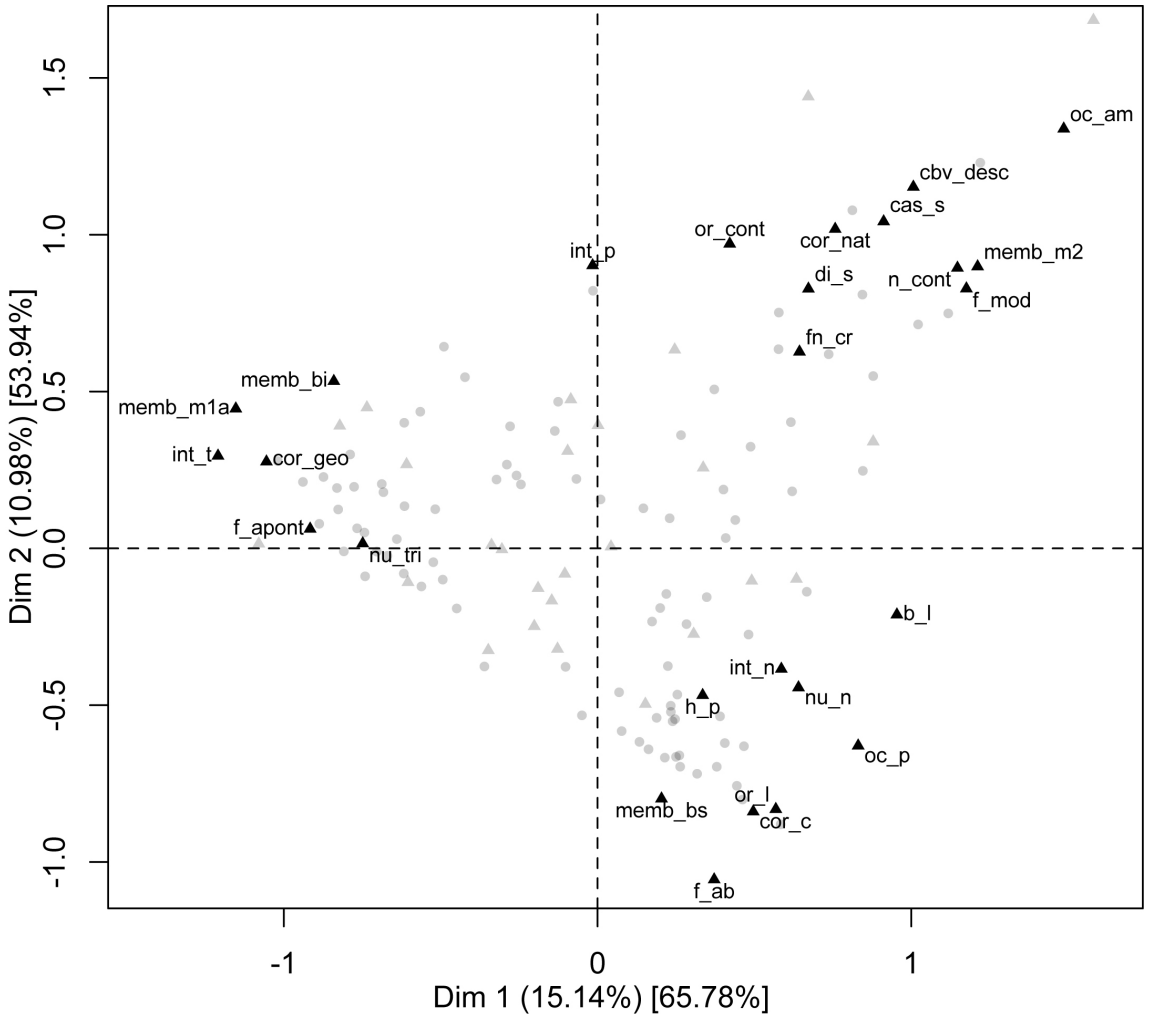
Tab. 3.21: Peso das categorias na definição da classe 3 de veados. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.



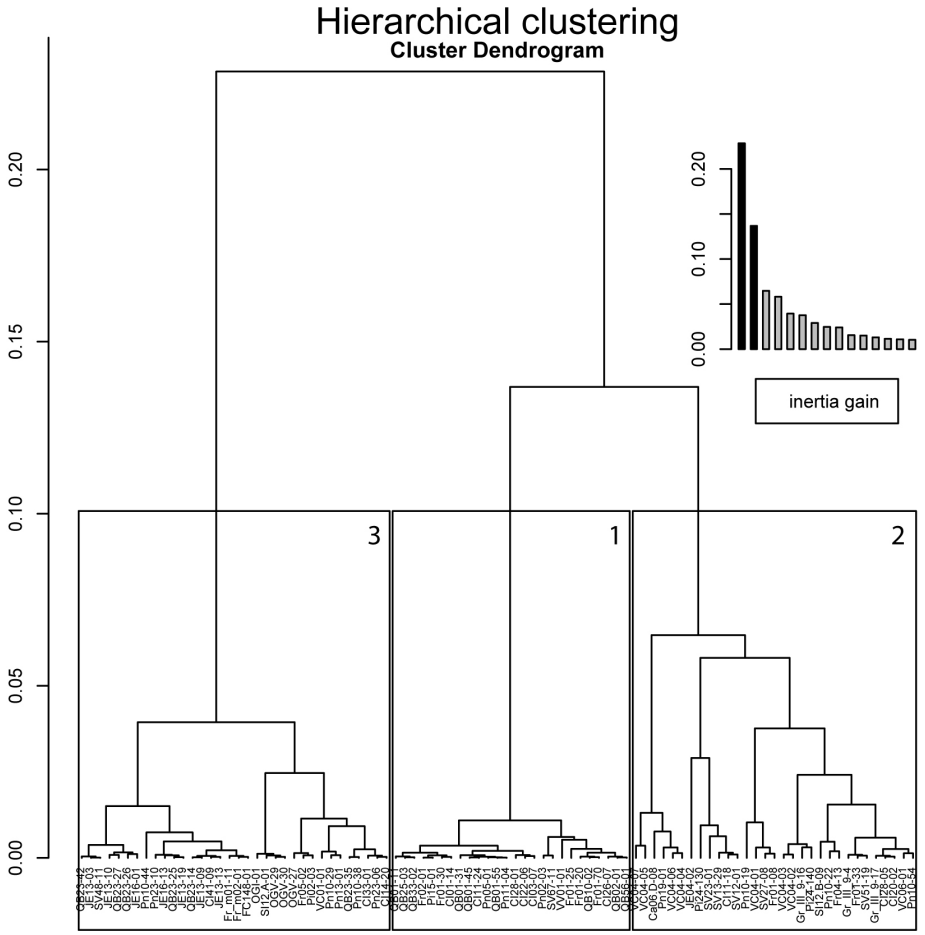
Graf. 3.36: Peso das variáveis (excluindo-se as técnicas) na Análise de Correspondências Múltiplas de veados.



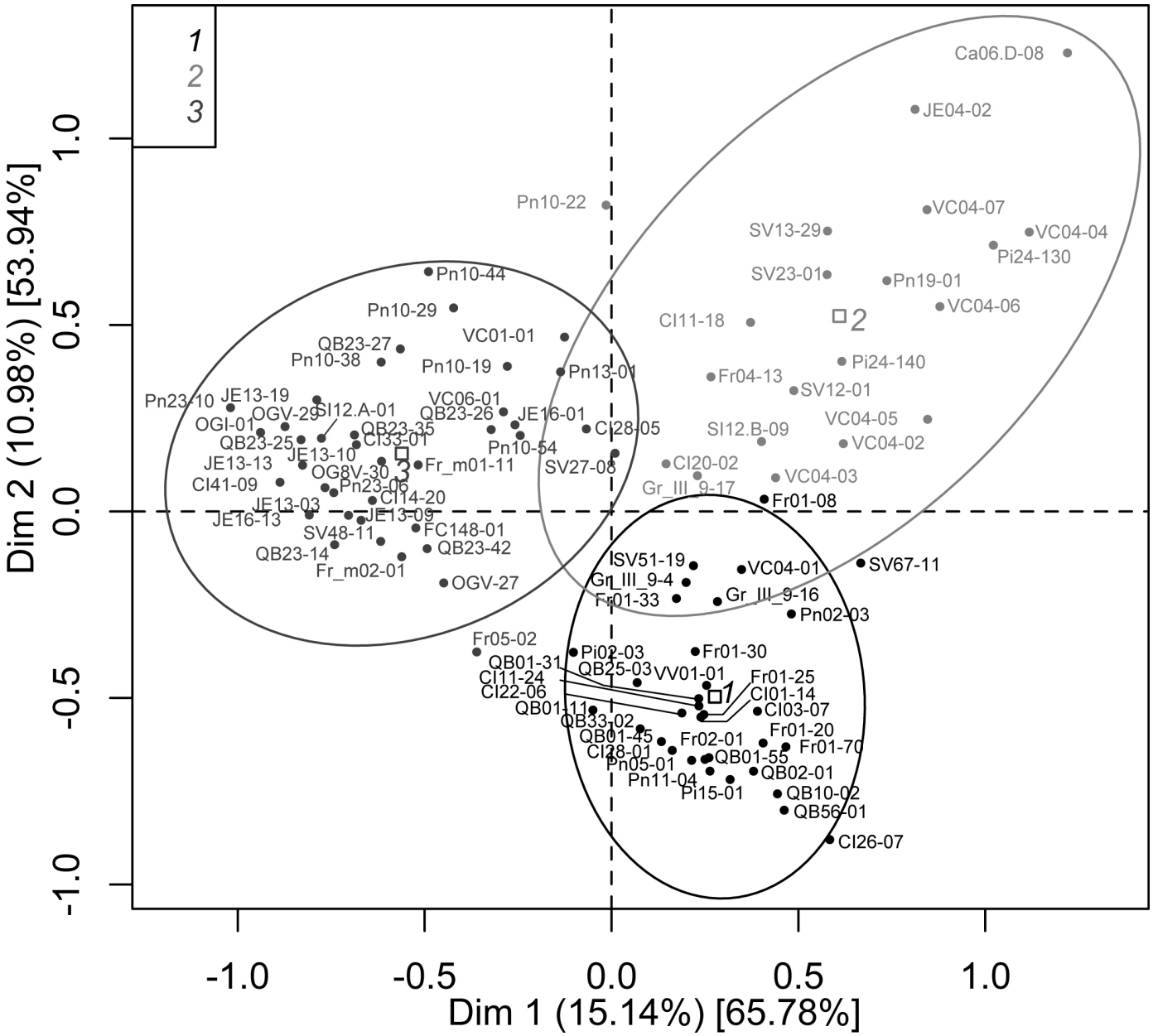
Graf. 3.37: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Múltiplas de veados (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.38: Distribuição pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da metade das categorias mais relevante para a distribuição dos veados estudados (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.39: Dendrograma com a distribuição dos veados pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.40: Distribuição dos veados pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial (análise sem variáveis técnicas). As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

3.2.2.5. Cervas

Os resultados das análises às cervas devem ser considerados com cautela, dado o número diminuto de motivos (Tab. 3.22). Apenas os damos a conhecer porque complementam o que temos visto até aqui. A única unidades gráfica cuja nossa descrição não coincide com a original corresponde a **SV46-12** (Alcolea & Balbín, 2006a, 123, fig. 99); de facto, a sua observação *in loco* permite-nos levantar a hipótese da figura dispor de um olho amendoado e de orelhas contornadas.

Começando por analisar os resultados dos cálculos que consideraram todas as variáveis, verificamos que, se a forma do corpo é preponderante para a configuração do mapa fatorial, as variáveis da picotagem e da incisão simples apresentam igualmente um grande peso.

No gráfico 3.42 destaque-se a forte concentração verificada no lado esquerdo junto ao cruzamento dos eixos. Tal denota a existência de um grupo muito homogéneo de indivíduos. Quando olhamos para o gráfico em que apenas a metade das categorias com mais peso são representadas (Graf. 3.43) observamos que este grupo é sobretudo definido pelas orelhas contornadas, pela incisão simples e múltipla, pela ausência de picotagem, pelos corpos geométricos, pelos membros em perspetiva biangular, pelo preenchimento total dos corpos, pelos focinhos apontados e pela inexistência de delimitações internas. Um segundo grupo de categorias ocupa essencialmente o quadrante inferior direito (animais

sem nuca, com focinhos retos, olhos em forma de ponto, orelhas lineares, membros definidos por bordos simples, corpos com curvas acentuadas, essencialmente picotados e abradidos, sendo a incisão múltipla rara ou inexistente) mas também parte do superior direito (inexistência de preenchimento interior e bordos cervicais côncavos). Um terceiro grupo ocupa o quadrante superior direito, encontrando-se as suas categorias mais dispersas. É constituído pelas bocas lineares, ocorrência de delimitações internas, corpos naturalistas, bordos fronto-nasais convexo-retos, presença de cascos, orelhas dispostas em perfil uniangular, membros definidos segundo a modalidade 2 dos membros modelados, usualmente representados em perfil uniangular, bordos ventrais da cabeça convexo-côncavos, focinhos modelados e olhos amendoados.

O dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente (Graf. 3.44) evidencia apenas a existência de três classes. No mapa fatorial observamos a distribuição das unidades gráficas por estas classes (Graf. 3.45).

Na mais antiga encontramos figuras cuja presença aí seria expectável (das rochas 16 e 31 da Canada do Inferno, 1 do Fariseu, 5 da Penascosa e 1 do Pousadouro) assim como outras cuja proveniência corresponde a rochas e sítios cujas análises de cavalos e auroques haviam classificado como de uma fase de transição (rochas 2 de Piscos, 2 do Poço do Caldeirão, La Griega e Siega Verde). Surgem também nesta análise as cervas da rocha 16 de Piscos, que até aqui não tinha sido referida. Na classe 2 vamos encontrar figuras provenientes de rochas e sítios classificados nas análises anteriores como de transição ou já plenamente magdalenenses (Canteras, Siega Verde, rochas 2 e 24 de Piscos, 10 da Penascosa e 4 do Vale de José Esteves), a par de uma novidade — 19 da Canada do Inferno. É, contudo, na classe 3 que se encontra a maior parte das cervas analisadas, o que denuncia também as diferenças temáticas que se vão verificando ao longo do tempo. Aqui encontramos as cervas gravadas na arte móvel do Fariseu, as que se encontram nas rochas 13, 16, 17 e 19 do Vale de José Esteves, 5, 12, 13 14, 22, 28 e 3 da Canada do Inferno, 26 do Vale da Casa, 5 do Vale de Cabrões, 10 e 22 da Penascosa, 8 do Fariseu e 39 de San Isidro. Deste conjunto apenas causa uma certa estranheza a classificação de **CI10-04**. Contudo, será de destacar a sua localização algo apartada do restante conjunto, encontrando-se já fora da elipse da classe 3, em zona partilhada pelas elipses das classes 1 e 2.

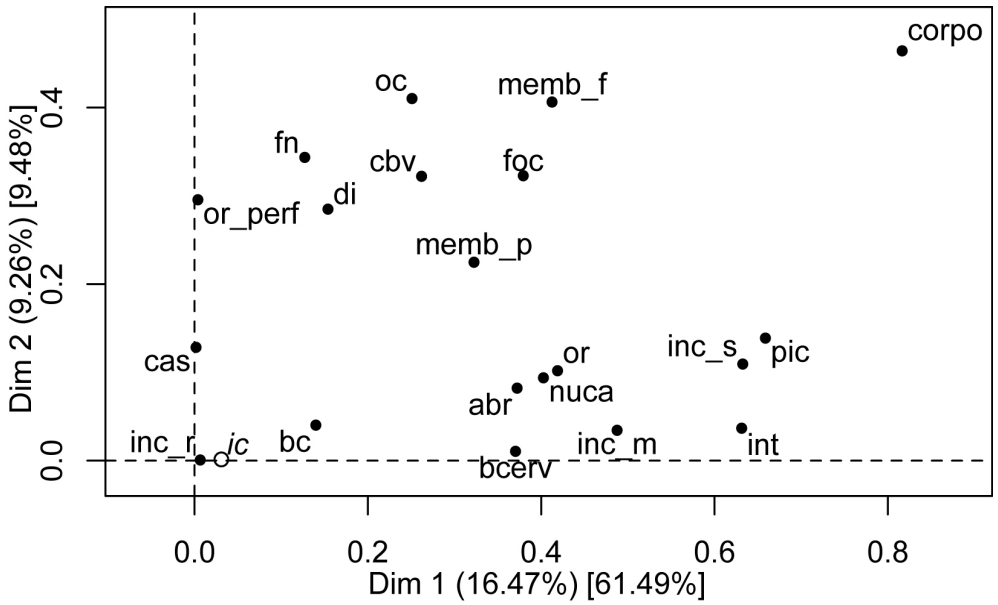
A classe 1 (Tab. 3.23) carateriza-se pelo predomínio dos corpos definidos por curvas acentuadas, da modalidade A da picotagem (e, em menor medida da B), dos corpos sem preenchimento interior, das orelhas lineares, da abrasão, dos bordos cervicais côncavos, das cabeças sem nuca representadas, dos membros definidos por bordos simples e dispostos em perfil, dos olhos em forma de ponto e dos focinhos retos. São raros os animais não picotados, definidos por incisão simples ou sem utilização da abrasão, com bordos cervicais retos, sem olhos, com nucas triangulares e membros definidos segundo a modalidade 1a dos membros modelados. São inexistentes os animais definidos por incisão múltipla, com orelhas contornadas, corpos geométricos, interiores totalmente preenchidos e de focinhos apontados.

A classe 2 (Tab. 3.24) carateriza-se pelo predomínio de corpos naturalistas, delimitações internas, bordos fronto-nasais retos, modalidade 2 dos membros modelados em perspetiva uniangular, olhos amendoados, sem preenchimento interior e bordos ventrais da cabeça convexo-côncavos. São raros os animais sem delimitações internas, com bordos ventrais e dorsais da cabeça retos, membros em perfil biangular, nucas triangulares e bordos cervicais retos. São inexistentes os animais com corpos geométricos, membros definidos segundo a modalidade 1a e com interiores preenchidos.

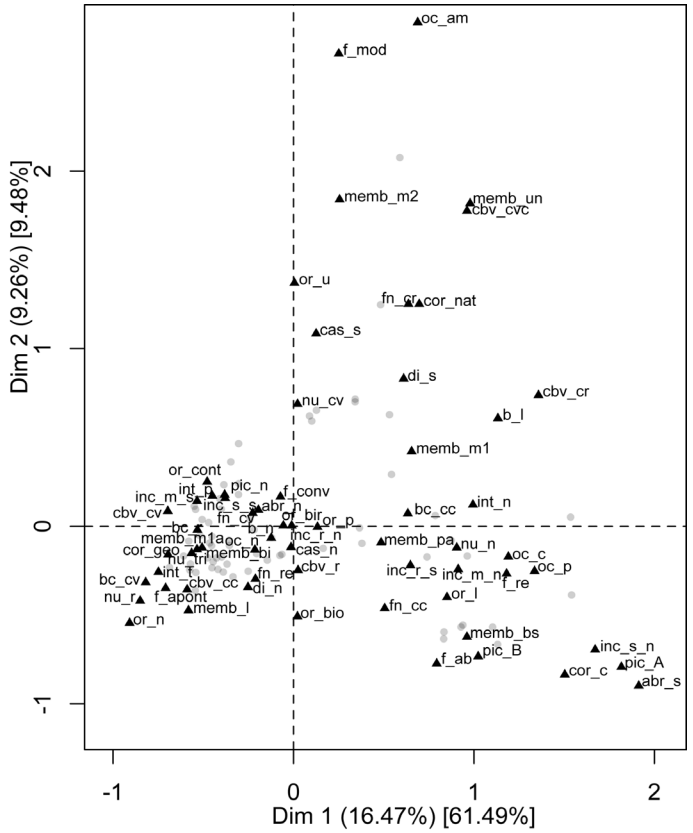
A classe 3 (Tab. 3.25) carateriza-se pelos corpos geométricos, pela utilização da incisão simples e múltipla, pelo preenchimento interno dos corpos, pelos membros em perfil biangular, pelos bordos cervicais retos, pela definição dos membros segundo a modalidade 1a (podendo também ser lineares), pelas nucas triangulares, pelas orelhas contornadas, pela inexistência de delimitações internas, pelas cabeças sem olhos, pelos focinhos apontados e pelas linhas fronto-nasais retas. São raros os animais sem qualquer tipo de preenchimento interno, com corpos naturalistas ou definidos por curvas acentuadas, bordos cervicais côncavos, delimitações internas, orelhas lineares, cabeças sem nuca, membros dispostos em perfil absoluto, focinhos retos, membros definidos por bordos simples ou segundo a modalidade 1 dos membros modelados e com bordos fronto-nasais convexo-retos. São inexistentes os animais definidos pela modalidade A da picotagem ou abradidos, com membros em perfil uniangular, olhos amendoados e bordos ventrais da cabeça convexo-retos.

U. G.	pic	abr	inc_s	inc_r	inc_m	int	oc	or	bc	corpo	di	memb_f	memb_p	cas	fn	cbv	Foc	nuca	bcerv	or_perf	ic
Ca04-14	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	NA	or_cont	NA	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_bi	cas_n	fn_cr	NA	NA	nu_n	NA	or_bir	NA
CI05-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_pa	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	or_u	81,91340515
CI10-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_nat	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	or_bio	49,20487484
CI12-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	NA	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	or_p	100,1000826
CI13-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bir	78,22615599
CI14-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_r	or_bir	72,72209629
CI14-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_r	or_bir	119,7264346
CI14-22	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_n	b_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	NA	bc_r	NA	NA
CI14-23	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cc	f_apont	nu_tri	bc_r	or_bio	69,98248455
CI14-26	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_bs	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_r	or_p	83,35003316
CI14-34	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_c	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	or_bio	98,051727
CI16-09	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_n	bc_cc	or_bir	77,1901474
CI19-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cvc	f_conv	nu_n	bc_cc	or_bir	NA
CI22-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_r	or_u	88,24688715
CI28-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_l	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_mod	nu_tri	bc_r	or_p	119,7640947
CI31-02	pic_B	abr_s	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_ab	nu_n	bc_cc	or_bir	NA
CI33-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	NA	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cc	f_conv	nu_tri	bc_cv	or_bir	NA
Fr_m08-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_r	bc_r	or_bir	NA
Fr_m08-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_r	bc_cc	or_bir	NA
Fr_m08-07	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bir	NA
Fr_m33-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_conv	nu_cv	bc_cc	or_bir	58,94627522
Fr_m48-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_re	nu_tri	bc_r	or_p	58,11784108
Fr_m52-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_n	bc_r	or_bio	82,80508927
Fr_m52-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_re	nu_n	bc_r	or_bir	174,5570344
Fr_m66_01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	NA	memb_bi	NA	fn_cv	cbv_cvc	f_conv	nu_tri	bc_cc	or_bir	75,89506306
Fr_m66-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bir	62,57929055
Fr_m66-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	or_p	90,5813593
Fr01-04	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	or_bio	NA
Fr01-34	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_re	nu_n	bc_cc	or_bio	55,70423008
Fr01-42	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_c	or_l	b_l	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_re	nu_n	bc_cc	or_bir	58,66888098
Fr01-51	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	NA	cor_c	di_n	NA	NA	NA	NA	cbv_r	NA	nu_n	bc_cc	or_bio	NA
Fr08-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_p	or_cont	b_l	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_n	bc_r	or_u	116,2201212
Gr_II_15-8	pic_n	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_cc	or_p	95,49296586
PC02-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	or_l	b_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_ab	nu_tri	bc_cc	or_p	89,96421177
Pn05-10	pic_A	abr_s	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	NA	or_l	b_n	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_re	nu_n	bc_cc	NA	75,56822489
Pn05-29	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	cor_nat	di_s	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_conv	nu_cv	bc_cc	or_u	89,12676813
Pn10-15	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	NA	NA	NA	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cv	or_u	NA
Pn10-23	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_re	nu_tri	bc_cc	or_bir	84,80022599
Pn22-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_r	or_bio	NA
Po01-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_l	cor_c	di_n	memb_bs	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_re	nu_n	bc_cc	or_bio	NA
Pi02-13	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_s	inc_m_n	int_p	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cc	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cc	or_bir	86,51676516
Pi02-15	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	NA	NA	or_p	78,32756362
Pi16-01	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	NA	b_n	cor_c	di_s	memb_m1a	memb_un	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_n	bc_cc	NA	NA
Pi16-02	pic_A	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_p	NA	b_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_conv	NA	bc_cc	NA	70,3954556
Pi24-132	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_l	b_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_un	cas_n	fn_cr	cbv_cr	f_re	nu_n	bc_cc	or_bio	85,13728422
SI39.II.A-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	f_apont	nu_tri	bc_cv	or_bio	59,41784542
SV51-08	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_am	or_cont	b_n	cor_nat	di_s	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_cvc	f_conv	nu_cv	bc_cc	or_u	101,1101991
SV68-01	pic_B	abr_n	inc_s_n	inc_r_n	inc_m_n	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_nat	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_r	or_bir	86,4429789
VC05-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_s	memb_l	memb_bi	cas_n	fn_cc	cbv_cv	f_conv	nu_tri	bc_cc	or_bir	31,83098862
VCas26-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	NA	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_s	fn_re	cbv_r	NA	nu_tri	bc_r	or_bio	119,7273935
JE04-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_am	or_cont	b_l	cor_nat	di_s	memb_m2	memb_un	cas_s	fn_cr	cbv_cvc	f_mod	nu_n	bc_cc	or_u	79,23607688
JE13-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_l	b_n	cor_c	di_s	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cc	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bio	NA
JE13-04	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cc	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bir	92,25268558
JE13-05	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_n	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cc	f_conv	nu_tri	bc_cc	or_bir	105,7610267
JE13-06	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_l	memb_pa	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cv	or_bio	109,7087472
JE13-11	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cc	or_bir	103,7349183
JE13-12	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	NA	cor_geo	di_n	memb_m2	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_cv	NA	nu_cv	bc_cc	or_bir	104,969367
JE13-14	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_l	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_cv	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	or_bio	81,42509512
JE13-18	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_cv	or_bio	105,7073876
JE13-23	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_apont	nu_tri	bc_cc	or_bio	96,75610032
JE16-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_s	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_cv	bc_r	or_bir	63,26491709
JE16-03	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1	memb_pa	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bio	70,83182863
JE17-02	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_n	int_p	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_bi	cas_n	fn_re	cbv_r	f_conv	nu_tri	bc_r	or_bio	NA
JE19-01	pic_n	abr_n	inc_s_s	inc_r_n	inc_m_s	int_t	oc_n	or_cont	b_n	cor_geo	di_n	memb_m1a	memb_pa	cas_n	fn_cr	cbv_r	f_apont	nu_cv	bc_r	or_bir	NA

Tab. 3.22: Caraterização das cervas estudadas com base nas variáveis e categorias definidas para o tema.



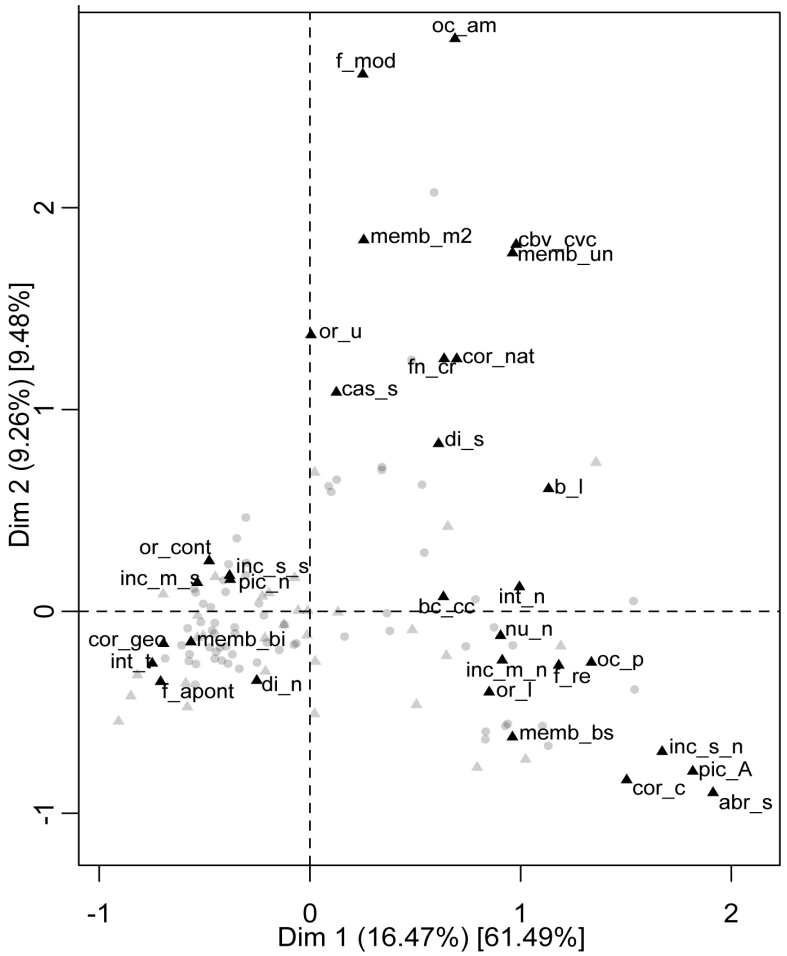
Graf. 3.41: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de cervas.



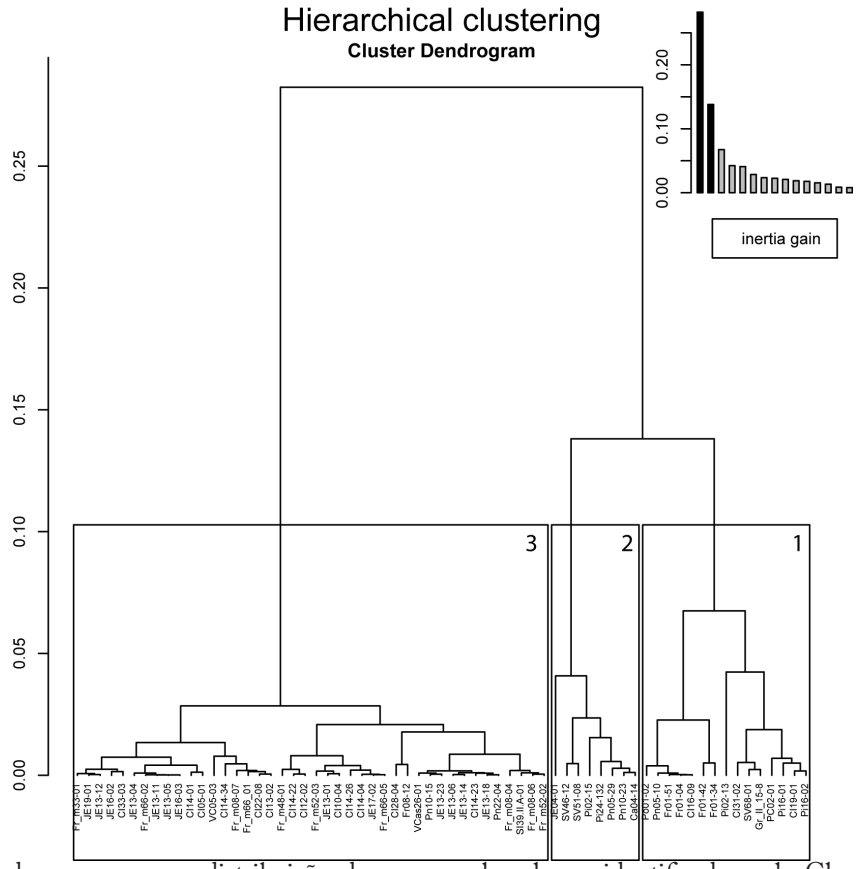
Graf. 3.42: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da Análise de Correspondências Múltiplas de cervas.

Vejamos agora os gráficos resultantes das análises sem as variáveis técnicas. Relativamente aos das variáveis, das categorias e daquele em que só se apresentam a metade das categorias com mais peso (Grafs. 3.46, 3.47 e 3.48), as diferenças são mínimas. De igual forma, o dendrograma (Graf. 3.49) não apresenta qualquer pista para a ocorrência que mais que três classes. O gráfico 3.50 acaba, no entanto, por sugerir isso mesmo.

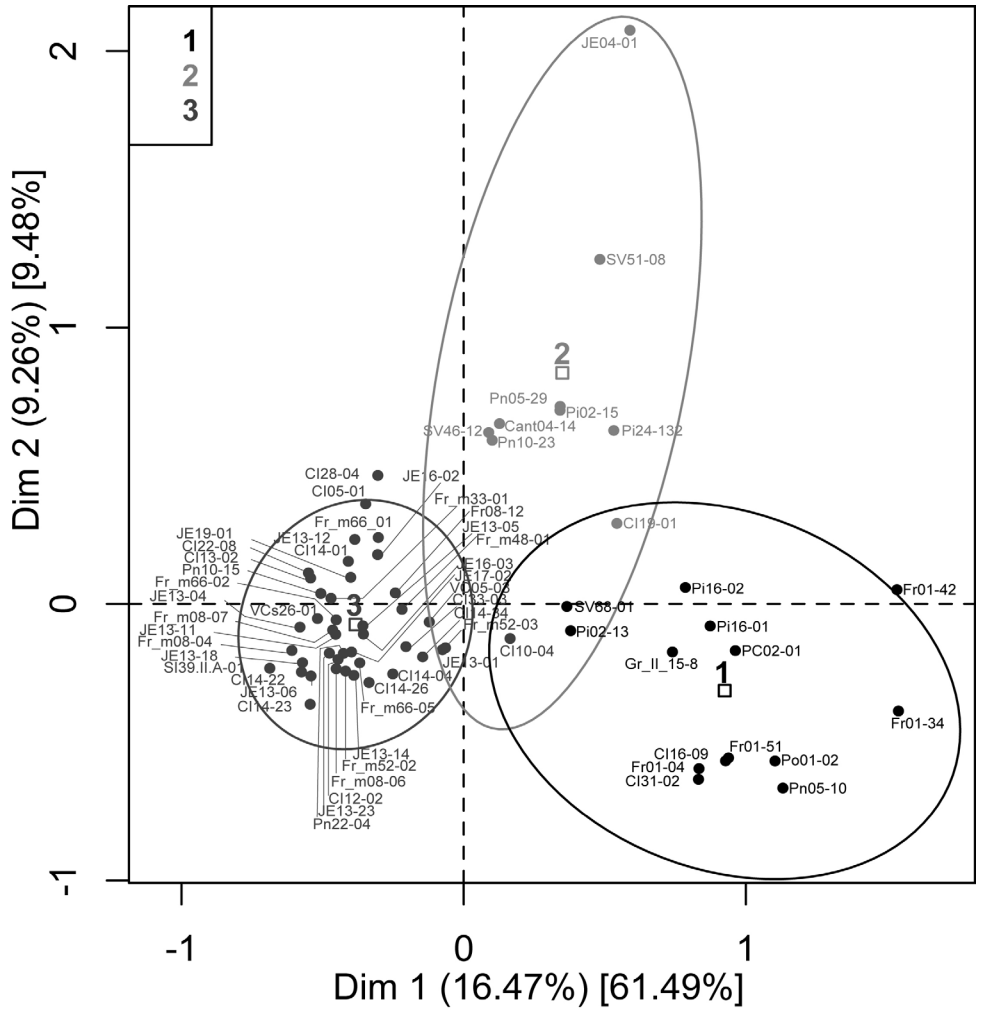
De facto, como se verifica, se retirarmos as variáveis técnicas, os motivos provenientes de rochas e sítios cujas análises de auroques e cavalos eram classificados como da classe de transição e que no gráfico correspondente anterior eram classificados como 1 passam agora a 2 (da rocha 2 de Piscos, La Griega, Siega Verde ou Poço do Caldeirão). Passam também a classe 2 as cervas da rocha 16 de Piscos, o que é uma importante pista para a integração destes motivos numa fase de transição entre a fase mais antiga e a claramente magdalenense. Por outro lado, **CI10-04**, embora mantendo-se fora da elipse da classe 3 (e localizando-se apenas na da classe 2), continua a ser classificado como tal.



Graf. 3.43: Distribuição pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da metade das categorias mais relevante para a distribuição de cervas.



Graf. 3.44: Dendrograma com a distribuição de cervas pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente.



Graf. 3.45: Distribuição das cervas pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial. As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
inc_s=inc_s_n	100	85,714286	18,461538	2,26E-11	6,688202
corpo=cor_c	91,666667	78,571429	18,461538	4,65E-09	5,859089
pic=pic_A	100	71,428571	15,384615	5,59E-09	5,828531
inc_m=inc_m_n	58,333333	100	36,923077	3,22E-08	5,529275
int=int_n	52	92,857143	38,461538	3,56E-06	4,635741
or=or_l	52,173913	85,714286	35,384615	2,07E-05	4,257322
abr=abr_s	100	42,857143	9,230769	3,64E-05	4,129493
bcerv=bc_cc	43,333333	92,857143	46,153846	7,35E-05	3,964689
nuca=nu_n	47,368421	64,285714	29,230769	2,61E-03	3,010311
memb_p=memb_pa	39,285714	78,571429	43,076923	3,45E-03	2,924801
oc=oc_p	80	28,571429	7,692308	6,67E-03	2,713118
memb_f=memb_bs	54,545455	42,857143	16,923077	9,94E-03	2,577799
foc=f_re	55,555556	35,714286	13,846154	1,98E-02	2,329232
or_perf=NA	75	21,428571	6,153846	3,04E-02	2,165148
or=NA	100	14,285714	3,076923	4,38E-02	2,016478
pic=pic_B	100	14,285714	3,076923	4,38E-02	2,016478
memb_f=memb_m1a	7,142857	14,285714	43,076923	1,50E-02	-2,433543
foc=f_apont	0	0	24,615385	1,11E-02	-2,54045
nuca=nu_tri	6,451613	14,285714	47,692308	5,17E-03	-2,796275
oc=oc_n	13,461538	50	80	4,69E-03	-2,827816
bcerv=bc_r	3,571429	7,142857	43,076923	1,84E-03	-3,115604
int=int_t	0	0	35,384615	8,67E-04	-3,330575
memb_p=memb_bi	3,225806	7,142857	47,692308	5,17E-04	-3,471635
abr=abr_n	13,559322	57,142857	90,769231	3,64E-05	-4,129493
corpo=cor_geo	0	0	60	1,58E-07	-5,242585
or=or_cont	0	0	60	1,58E-07	-5,242585
inc_m=inc_m_s	0	0	63,076923	3,22E-08	-5,529275
inc_s=inc_s_s	3,773585	14,285714	81,538462	2,26E-11	-6,688202
pic=pic_n	3,773585	14,285714	81,538462	2,26E-11	-6,688202

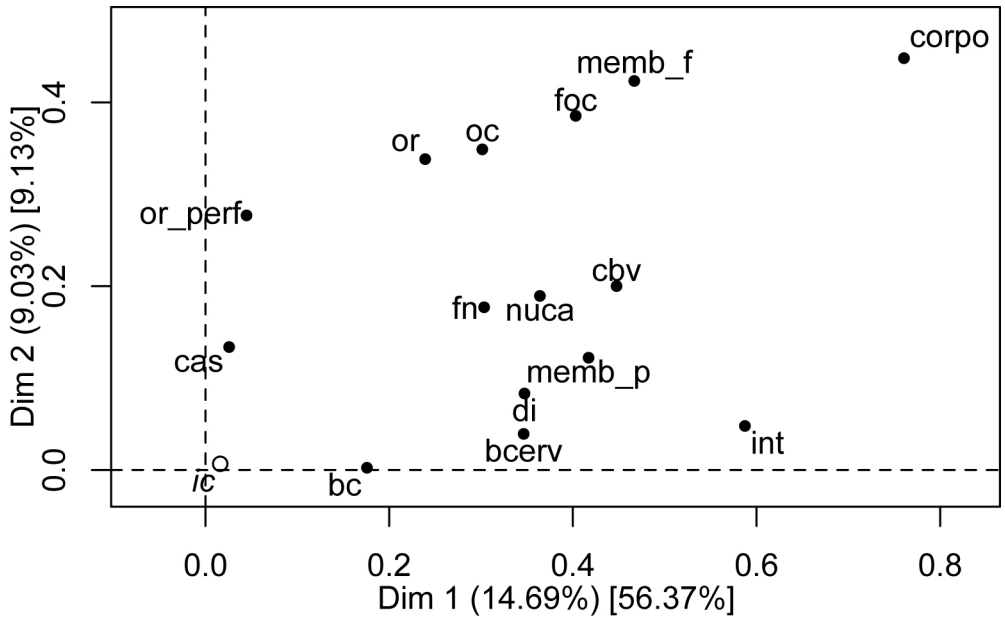
Tab. 3.23: Peso das categorias na definição da classe 1 de cervas. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_nat	69,230769	100	20	2,24E-08	5,592619
di=di_s	42,105263	88,88889	29,230769	1,15E-04	3,857523
fn=fn_cr	54,545455	66,66667	16,923077	3,89E-04	3,547717
memb_f=memb_m2	80	44,44444	7,692308	8,85E-04	3,32482
oc=oc_am	100	33,33333	4,615385	1,92E-03	3,101862
memb_p=memb_un	75	33,33333	6,153846	7,32E-03	2,68192
int=int_n	28	77,77778	38,461538	1,46E-02	2,443048
bcerv=NA	100	22,22222	3,076923	1,73E-02	2,380105
cbv=cbv_cvc	60	33,33333	7,692308	1,74E-02	2,37814
bcerv=bc_r	3,571429	11,11111	43,076923	4,16E-02	-2,037495
nuca=nu_tri	3,225806	11,11111	47,692308	2,09E-02	-2,30999
memb_p=memb_bi	3,225806	11,11111	47,692308	2,09E-02	-2,30999
fn=fn_re	5,128205	22,22222	60	1,93E-02	-2,340547
int=int_t	0	0	35,384615	1,39E-02	-2,458584
cbv=cbv_r	4,878049	22,22222	63,076923	1,08E-02	-2,547604
memb_f=memb_m1a	0	0	43,076923	3,89E-03	-2,886813
di=di_n	2,173913	11,11111	70,769231	1,15E-04	-3,857523
corpo=cor_geo	0	0	60	9,77E-05	-3,896126

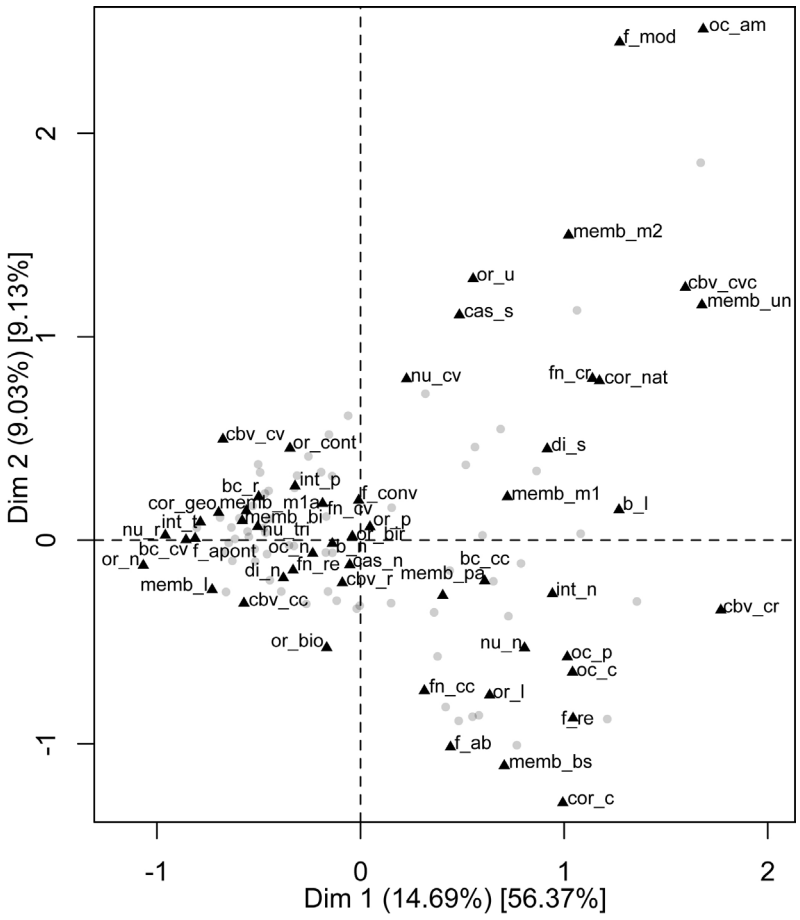
Tab. 3.24: Peso das categorias na definição da classe 2 de cervas. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.

Categoria	Cla/Mod	Mod/Cla	Global	p.value	v.test
corpo=cor_geo	100	92,857143	60	1,15E-14	7,722017
inc_s=inc_s_s	79,245283	100	81,538462	3,36E-07	5,102224
pic=pic_n	79,245283	100	81,538462	3,36E-07	5,102224
inc_m=inc_m_s	87,804878	85,714286	63,076923	4,83E-07	5,032893
int=int_t	100	54,761905	35,384615	1,97E-06	4,756726
memb_p=memb_bi	93,548387	69,047619	47,692308	2,05E-06	4,748175
bcerv=bc_r	92,857143	61,904762	43,076923	2,38E-05	4,225913
memb_f=memb_m1a	92,857143	61,904762	43,076923	2,38E-05	4,225913
nuca=nu_tri	90,322581	66,666667	47,692308	3,15E-05	4,162283
or=or_cont	84,615385	78,571429	60	5,33E-05	4,040607
di=di_n	80,434783	88,095238	70,769231	6,58E-05	3,990993
oc=oc_n	76,923077	95,238095	80	7,79E-05	3,950621
foc=f_apont	100	38,095238	24,615385	2,57E-04	3,65524
abr=abr_n	71,186441	100	90,769231	1,22E-03	3,233663
fn=fn_re	76,923077	71,428571	60	1,40E-02	2,456808
memb_f=memb_l	100	16,666667	10,769231	3,88E-02	2,066817
cbv=cbv_cr	0	0	4,615385	4,05E-02	-2,048154
oc=NA	0	0	4,615385	4,05E-02	-2,048154
oc=oc_am	0	0	4,615385	4,05E-02	-2,048154
memb_p=memb_un	0	0	6,153846	1,31E-02	-2,481611
fn=fn_cr	27,272727	7,142857	16,923077	7,97E-03	-2,653285
memb_f=memb_m1	27,272727	7,142857	16,923077	7,97E-03	-2,653285
memb_f=memb_bs	27,272727	7,142857	16,923077	7,97E-03	-2,653285
foc=f_re	22,222222	4,761905	13,846154	7,94E-03	-2,654498
memb_p=memb_pa	42,857143	28,571429	43,076923	1,87E-03	-3,109557
abr=abr_s	0	0	9,230769	1,22E-03	-3,233663
nuca=nu_n	31,578947	14,285714	29,230769	6,09E-04	-3,427445
or=or_l	34,782609	19,047619	35,384615	3,18E-04	-3,600141
di=di_s	26,315789	11,904762	29,230769	6,58E-05	-3,990993
corpo=cor_c	8,333333	2,380952	18,461538	1,48E-05	-4,332088
bcerv=bc_cc	36,666667	26,190476	46,153846	1,44E-05	-4,33759
pic=pic_A	0	0	15,384615	6,39E-06	-4,513025
corpo=cor_nat	7,692308	2,380952	20	3,60E-06	-4,633374
inc_m=inc_m_n	25	14,285714	36,923077	4,83E-07	-5,032893
inc_s=inc_s_n	0	0	18,461538	3,36E-07	-5,102224
int=int_n	20	11,904762	38,461538	2,40E-09	-5,968159

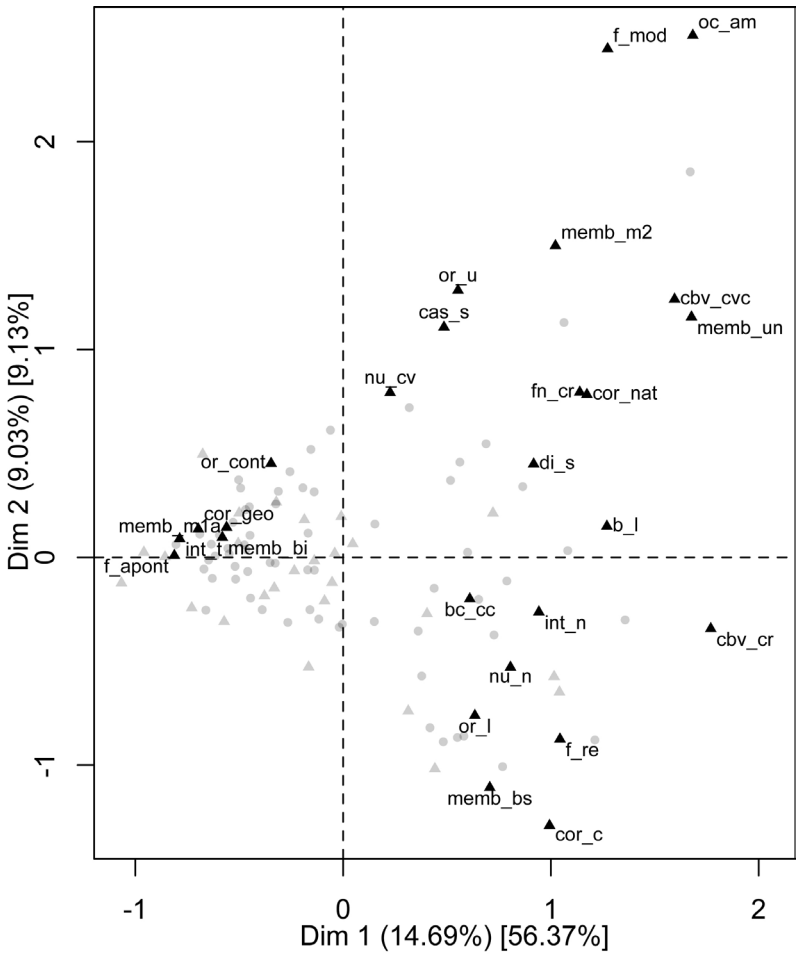
Tab. 3.25: Peso das categorias na definição da classe 3 de cervas. A coluna identificada como "Cla/Mod" refere-se à percentagem de unidades da amostra com a referida categoria que se encontram na classe; a coluna identificada como "Mod/Cla" refere-se à percentagem de unidades na classe com determinada categoria; "Global" refere-se à frequência de determinada categoria na amostra; p.value refere-se ao valor p e v.test ao teste v.



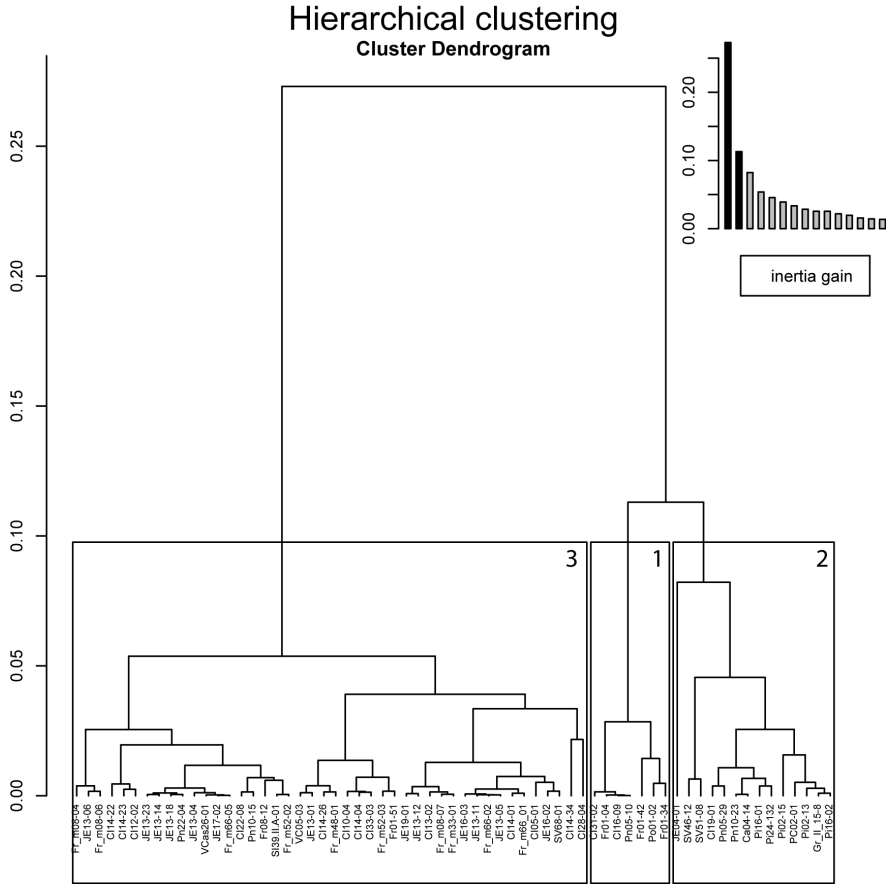
Graf. 3.46: Peso das variáveis na Análise de Correspondências Múltiplas de cervas (análise sem variáveis técnicas).



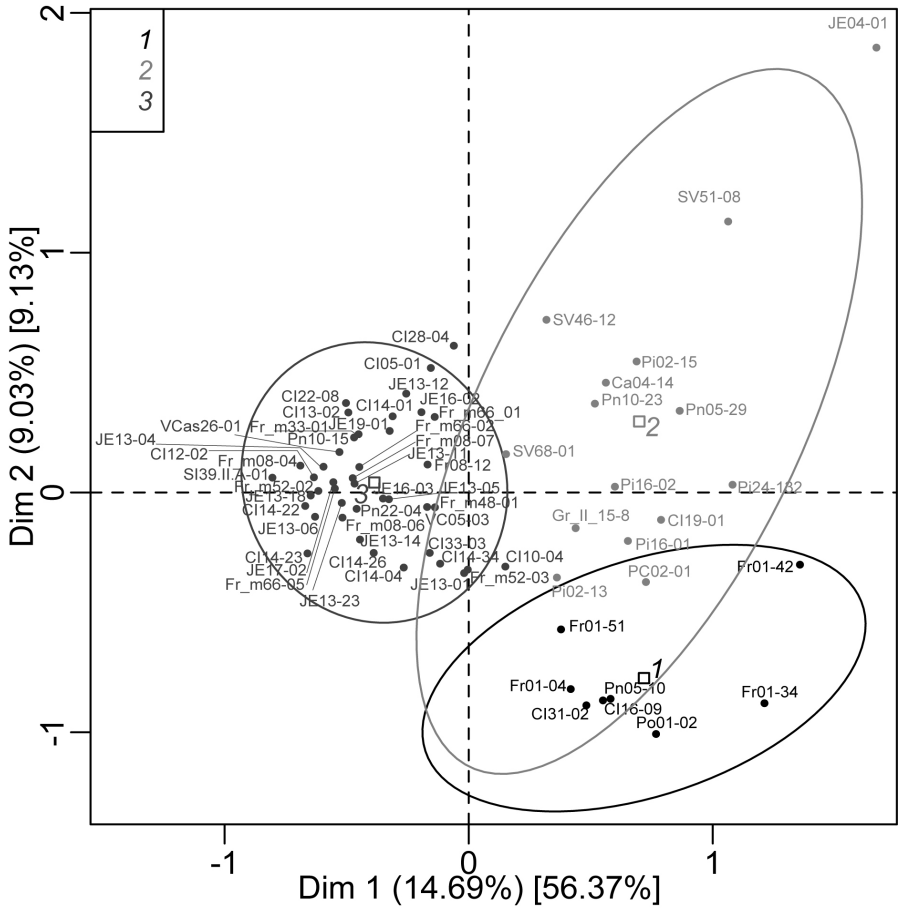
Graf. 3.47: Distribuição das categorias pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da Análise de Correspondências Múltiplas de cervas (sem variáveis técnicas).



Graf. 3.48: Distribuição pelas duas primeiras dimensões do mapa fatorial da metade das categorias mais relevante para a distribuição de cervas (sem variáveis técnicas).



Graf. 3.49: Dendrograma com a distribuição de cervas pelas classes identificadas pela Classificação Hierárquica Ascendente (análise sem variáveis técnicas).



Graf. 3.50: Distribuição das cervas pelo mapa fatorial (análise sem as variáveis técnicas). As elipses delimitam as áreas de cada classe com uma probabilidade de 95%.

3.2.3 A validação dos resultados

Muito resumidamente, os resultados da nossa análise traduzem-se na existência de três classes seguras cuja sequência é dada pela própria numeração que atribuímos a essas mesmas classes. Uma quarta classe entre a mais antiga e a segunda segura será ainda de ter em conta. Esta sequência é-nos dada nos gráficos pela distribuição dos motivos e pela relação que estabelecem entre si. Nos subpontos seguintes, verificaremos se esta classificação encontra correlato no terreno. Um primeiro subponto debruçar-se-á sobre a estratigrafia parietal dos espaços onde se encontram unidades gráficas que a Classificação Hierárquica Ascendente considerou pertencerem a classes diferentes. Em seguida procurar-se-á perceber se essa sequência é também compatível com os dados advindos das análises geoarqueológicas dos sítios.

3.2.3.1. A estratigrafia parietal

No decurso da análise a que agora damos início haverá que ter em conta que, se nos conjuntos de cavalos e auroques foram detetadas quatro classes, nos conjuntos dos restantes temas analisados apenas três foram identificadas. Deste modo, se em dado espaço parietal se identificar, por exemplo, um cavalo da classe 3 e uma cabra-montês da classe 2, tal não implica necessariamente a existência de duas fases de construção gráfica do dispositivo aí presente. Da mesma forma, não se pode concluir que os mesmos temas classificados como classe 2 sejam necessariamente coevos.

Por outro lado, pelas razões aduzidas páginas atrás, nem todas as unidades gráficas foram alvo da nossa análise, desde logo aquelas reduzidas apenas às cabeças. Alguns destes motivos apresentam contudo caraterísticas tão vincadas de uma dada classe que poderão ser facilmente integráveis numa delas. As rochas em que estes motivos ocorram juntamente com outros classificados de forma diferente serão também alvo da nossa atenção.

As rochas do Vale do Côa que apresentam unidade gráficas de diferentes classes são as seguintes: 1, 3, 11, 12, 14, 15, 19, 20, 22, 26, 28 e 41 da Canada do Inferno, 4, 5 e 8 do Fariseu, 3, 5, 6, 10, e 17 da Penascosa, 2, 15, 23 e 56 da Quinta da Barca, 2, 6 e 24 da Ribeira de Piscos, 6 do Rego da Vide, 1, 6 e 32 de Vale de Cabrões, 4 do Vale de José Esteves. Fora

do Vale do Côa, devem ser tidos em conta o painel 9 do sector III de La Griega e as rochas 12 do Cerro de San Isidro, e 13, 21, 46, 48, 51 e 67 de Siega Verde.

Na rocha 1 da Canada do Inferno, três auroques foram classificados como da classe 2, o que contrasta com as restantes unidades gráficas destes espaço parietal, classificadas como 1. Encontrando-se dois destes animais em zona partilhada de elipses e o terceiro muito perto, julgamos não ser possível valorizar esta diferença ainda mais tendo em conta a sequência das sobreposições (Baptista & Gomes, 1997, 219)

Na rocha 3 da Canada do inferno foram classificadas como classe 1 o auroque **CI03-02**, a cabra-montês **CI03-05** e o veado **CI03-07**, sendo as restantes figuras analisadas consideradas como da classe 2. Do ponto de vista da organização do painel, tal classificação é bastante coerente. De facto, as figuras classificadas como da classe 1 são as maiores do painel, parecendo as remanescentes terem vindo a ocupar os lugares deixados livres mais acima no painel. O cavalo **CI03-06** é a este nível bastante eloquente, porquanto a localização das suas patas parece francamente condicionada pela pré-existência de **CI03-02**. A única figura que parece fugir a este esquema trata-se do auroque **CI03-04** que aparentando, pelo tamanho e disposição relativamente a **CI03-02**, ser uma associação clara com esta, foi classificada como da classe 2.

Na rocha 11 encontramos uma série de auroques (**CI11-0**9, **CI11-11**, **CI11-19**, **CI11-22**) e um veado (**CI11-18**) classificados como da classe 2. Relativamente aos primeiros já tivemos oportunidade de referir que esta classificação se deve relativizar, encontrando-se todos estes motivos em zona partilhada das elipses das classes 1 e 2. Diga-se que, em abono desta interpretação, **CI11-19** e **CI11-22** estão sobrepostos por **CI11-21**, integrado na classe 1. Já o veado encontra-se claramente apartado dos grafismos anteriores, bastante mais baixo no painel, devido provavelmente a razões que apontam também para uma gravação mais recente deste motivo, razões essas que exploraremos adiante.

A rocha 12 da Canada do Inferno corresponde a um dos casos onde a par de dois motivos analisados — a cerva **CI12-02** e a cabra-montês **CI12-04**, ambas integradas na classe 3 — ocorrem outros motivos não analisados, apresentando um destes (o cavalo **CI12-07**) particularidades de classes mais antigas, como o focinho modelado, típico da classe 3 onde ocorrem 81,25% dos cavalos com focinhos deste tipo (representando 29,54% dos cavalos desta classe). Por outro lado, não será de descurar que 12,5% destas cavalos ocorrem ainda na classe 2, pelo que será ainda de ter esta classe em conta. Será de ter em conta que a modalidade B da picotagem, com que não só este cavalo é feito como também a cabeça de cavalo **CI12-05** e o auroque **CI12-06**, é própria das fases mais antigas, como é revelado pela análise dos cavalos em que as técnicas são tidas em conta (91,49 % destes cavalos ocorrem na classe 1 da análise com variáveis técnicas, correspondendo a 43% dos equinos nela incluídos). Lembramos que este número elevado é devido essencialmente aos equinos de Siega Verde, cuja pertença a uma classe de transição é já sugerida pela análise com as variáveis técnicas e definitivamente exposta na que estas não são tidas em conta. De qualquer forma, tudo aponta para uma maior antiguidade destas figuras relativamente às restantes, algo que parece confirmar-se pela distribuição das unidades gráficas pelo painel, encontrando-se as mais antigas ao centro e as mais recentes um pouco acima, já cerca do limite do painel.

Na rocha 14 da Canada do Inferno a maior parte das figurações foi integrada nas classes terminais (classes 4 para auroques e cavalos e classe 3 para cabras-monteses e veados). Ocorrem, no entanto duas exceções. Uma destas (**CI14-17**) foi já referida atrás. Independentemente de ser muito vetusta como sugere a análise sem as variáveis técnicas, ou mais recente como aponta a análise com essas mesmas variáveis e a datação pelo Cloro 36 (Phillips *et al.*, 1997), a sua maior antiguidade relativamente à generalidade das figuras da rocha não é posta em causa pelas sobreposições verificadas, aí ocorrendo uma sobreposição desta figura por uma outra (**CI14-18**) (Baptista & Gomes, 1997, 236), que embora não tenha sido incluída na análise é claramente atribuível à fase terminal. A outra exceção corresponde ao cavalo **CI14-28**, atribuído à classe 2. Neste caso, a sua dimensão e posicionamento central no painel parecem confirmar a sua maior antiguidade. Encontramo-nos, portanto, perante mais um caso em que a análise fatorial parece ser confirmada pela análise da rocha.

Na rocha 15, um auroque foi classificado como da classe 2 (**CI15-02**), contrastando com cabra-montês e segundo auroque analisado, ambos integrados na classe 1. Mais uma vez, esta figura encontra-se em zona partilhada de elipses, não devendo ser valorizada uma possível construção do dispositivo parietal ao longo de um tempo excessivamente longo.

Na rocha 19 do mesmo sítio apenas a cerva **CI19-01** foi incluída na análise, tendo sido classificada como

pertencendo à classe 2. As restantes figuras integram perfeitamente as classes terminais, algo que não é contrariado pela análise das sobreposições, uma vez que aquando do estudo desta rocha, infelizmente submersa pelas águas do Pocinho, foi possível verificar que a referida cerva (então interpretada como cavalo) se encontrava "na base da estratigrafia figurativa do sector" (Baptista & Gomes, 1997, 237).

Também da rocha 20 da Canada do Inferno foi apenas incluída na análise uma figura (**CI20-02**). Trata-se de um veado atribuído à classe 2. As restantes figuras aparentam pertencer períodos mais recentes. Infelizmente não foi possível perceber a ordem das sobreposições aquando do seu estudo (Baptista & Gomes, 1997, 238), agora impossível devido à submersão da rocha pela albufeira do Pocinho. Contudo a sobreposição entre estes veados aparentemente mais antigos por outros mais recentes, estriados e de maior dimensão, identifica-se numa outra superfície (rocha 1 do Tudão), atualmente a ser estudada por nós e por Fernando Barbosa. Pode ser um indício da ordem da sobreposição aqui identificada, mas não podemos deixar de assumir a fragilidade desse indício pelo que em abono do rigor, a análise desta rocha em nada nos ajuda relativamente à validade dos resultados da nossa análise estatística.

Na rocha 22 da Canada do Inferno foi identificada uma relação por sobreposição entre três unidades gráficas que julgamos da máxima importância. Estas unidades correspondem ao veado **CI22-06**, ao cavalo **CI22-07** e à cerva **CI22-07**. De acordo com os autores que estudaram a rocha, a cerva encontrar-se-ia na base da estratigrafia figurativa, o cavalo no topo e o veado numa posição intermédia (Baptista & Gomes, 1997, 239), algo que contrariaria a análise a que procedemos, visto que a cerva foi classificada como da classe 3 e o veado como da 1, e por outro lado, a cabeça do cavalo, se bem que não incluída na análise integra-se perfeitamente na classe 2. Pensamos, no entanto, que outra interpretação é possível. De facto, julgamos encontrarmo-nos aqui perante um dos casos identificados por Breuil em que "*le silex ait sauté d'un bord à l'autre de l'incision ancienne sans pénétrer à l'intérieur, de sorte que l'ordre de superposition reste incertain et devra être établi par comparaison*" (Breuil, 1952, 38). De facto, se observarmos com atenção a zona de sobreposição entre o cavalo e a cerva quer no decalque, quer na fotografia publicada (Baptista, 1999b, 84) verificamos uma descontinuidade no contorno da cerva entre cada um dos lados do bordo cérvico-dorsal do cavalo, descontinuidade essa que se manifesta no número de traços incisos e na direção dos mesmos. Tal descontinuidade só se explica se considerarmos que o traço picotado é anterior à execução da cerva. Já a relação entre o veado e a cerva é de mais difícil precisão. No entanto, a relação entre o veado e o cavalo é, quanto a nós, sumamente elucidativa. De facto, os quartos traseiros do veado correspondem também à crineira do cavalo. Deste modo, parece-nos altamente provável que a crineira do cavalo não foi representada porque "já estava lá". Resta saber há quanto tempo estava lá. De acordo com a análise de correspondências múltiplas, este veado é classificado como da classe 1. Contudo, como se referiu já, na análise dos veados só se isolaram três classes o que denota uma maior estabilidade das formas deste tema ao longo do tempo. A unidade gráfica em questão apresenta, por outro lado algumas caraterísticas que a apartam da classe 1 mais clássica, como sejam as coxas representadas, a técnica utilizada na sua gravação ou mesmo a dimensão. Serve esta reflexão para dizer que a contemporaneidade relativa entre o cavalo e o veado não deve ser descartada. E de facto, como referiremos adiante, temos outras pistas para defender a invisibilidade desta superfície durante as fases mais antigas de gravação no Vale do Côa.

Relativamente à rocha 26 da Canada do Inferno e ao seu cavalo **CI26-13**, integrado na classe 2 em franco contraste com todas as outras unidades gráficas da rocha classificadas como 1, já nos referimos atrás, pelo que sobre o assunto apenas recordamos que esta diferença não deve ser valorizada, porquanto se esta figura encontra na zona partilhada pelas elipses das classes 1 e 2. De qualquer modo, na descrição conhecida desta rocha (Baptista & Gomes, 1997, 245-246) não é referida a relação estratigráfica entre os motivos nela presentes.

Relativamente à situação da rocha 28 da Canada do Inferno, os animais aí presentes que são classificados como de diferentes classes não estabelecem entre si relações de estratigrafia vertical. Também a análise da estratigrafia horizontal não contraria os resultados da análise de correspondências múltiplas, embora também não os reforce de maneira evidente.

Quanto à rocha 41 da Canada do Inferno, já em outro texto (Santos, 2012, 45) tivemos oportunidade de nos referirmos à importância das suas estratigrafias horizontal e vertical para a sustentação da relação entre a arte magdalenense e azilense, algo que parece confirmado também pela análise de correspondências múltiplas.

Debrucemo-nos agora sobre as rochas do Fariseu cuja análise revelou possuírem unidades gráficas de diferentes

classes. Uma destas corresponde à rocha 4. Nesta rocha as cabras-monteses e cervídeos analisados foram integrados na classe 2, encontrando-se auroques e cavalos classificados como 2 e 3. A gravação desta rocha em ambas as fases é corroborável pela estratigrafia parietal. Assim, o único cavalo classificado como 2 (**Fr04-02**) encontra-se, de facto, sob as restantes figuras que são classificadas como 3, reutilizando o auroque **Fr04-01** como sua a cérvico-dorsal do equino que temos vindo a tratar. Por outro lado, também o único auroque classificado como 2 (**Fr04-18**) se encontra sob o cavalo **Fr04-19**, classificado como 3.

Na rocha 5 do Fariseu apenas o veado **Fr05-02** foi analisado, tendo sido integrado na classe 3 deste tema. O cavalo **Fr05-01** integra-se, contudo, perfeitamente na classe 2 dos equinos. Tal é corroborado pela estratigrafia figurativa da rocha, correspondendo o bordo cérvico-dorsal do veado ao bordo ventral do tronco do cavalo.

Na rocha 8 do Fariseu a cerva **Fr08-12** foi classificada como da classe 3 do tema, contrariamente às restantes figuras da rocha que foram classificadas como classe 2 (quer de cavalos, quer de cabras-monteses). O isolamento morfológico desta figura relativamente às restantes tem um correlato no seu isolamento temático e espacial, tendo este último já sido por nós valorizado enquanto evidência de um distanciamento temporal entre a gravação destas figuras (Santos, 2012, 45).

Voltemo-nos agora para a Penascosa. Na rocha 3 uma figura apenas não foi classificada como da classe 1. Trata-se do bovino **Pn03-08**. Pensamos que esta classificação deve ser desvalorizada. Não apenas a estratigrafia da rocha impede essa valorização, como também a localização do motivo na classe 1 no mapa da análise com variáveis técnicas.

Na rocha 4 dispomos de um cavalo classificado como classe 1 (**Pn04-06**) e dois classificados como 2 (**Pn04-07** e **Pn04-08**), para além de duas cabras-monteses classificadas como 1. Tendo em conta o que se verifica na rocha que em seguida focaremos e aspetos ligados à geoarqueologia, é de supor que esta dupla classificação do dispositivo gráfico da rocha 4, possa denunciar a sua construção numa fase terminal da fase 1. Diga-se que a estratigrafia parietal da rocha não contraria a classificação proposta (Baptista & Gomes, 1997, 338).

Na rocha 5 encontramos igualmente motivos das classes 1 (todas as cabras-monteses analisadas e os auroques **Pn05-05**, **Pn05-16** e **Pn05-21**) e 2 (a cerva **Pn05-29** e todos os cavalos). A análise da rocha não nos permite defender a existência de dois momentos distintos de gravação. Pensamos mais parcimonioso supor que todo o sector picotado da rocha datará de um momento terminal da vigência da classe 1. Já a localização da cerva ligeiramente separada dos restantes motivos e a uma cota algo mais baixa parece ser evidência suficiente para podermos inferir que a sua gravação se deu posteriormente à do restante dispositivo.

Relativamente à inclusão do cavalo **Pen06-01** na classe 2, contrariamente a todas as restantes figuras da rocha, integradas na classe 1, já nos referimos atrás, pelo que a ele não voltamos.

Vejamos agora o caso da rocha 10. Aqui cinco motivos não são integrados nas respetivas classes terminais. São eles os cavalos **Pn10-01**, **Pn10-53**, o veado **Pn10-22**, a cerva **Pn10-23** e o auroque **Pn10-24**. Refira-se ainda que no caso de cavalos e auroques, a classificação respetiva não é classe 3 mas 2, o que indicia alguma antiguidade. Tal atribuição relativamente a **Pn10-01** não nos deve perturbar. De facto, a associação composta pelos cavalos aí presentes, pela cabra-montês **Pn10-03** e ainda pelo veado **Pn10-04** parece-nos sumamente homogénea e morfologicamente apartada da maioria das figurações da rocha. A primazia destas figurações no painel em que se encontram parece-nos evidente tendo em conta a sua localização no mesmo. Por outro lado, o próprio painel parece uma entidade com autonomia suficiente, o que aliás levou os investigadores que primeiro estudaram esta rocha a identificá-lo como 10A. Também **Pn10-22**, **Pn10-23** e **Pn10-24** nos parecem formar uma associação evidente, quer pelas dimensões, quer pela orientação, quer pelo entrosamento entre as figuras. Esta simbiose entre as unidades gráficas referidas é de tal forma que apenas **Pn10-22** foi identificada nos estudos mais antigos, embora os seus autores admitissem a reelaboração desta figura (Baptista & Gomes, 1997, 356-357). A localização desta associação no painel, é por outro lado, evidência suficiente da sua precedência relativamente às restantes unidades gráficas. O contrário é dito na publicação original, tendo sido considerado como da "última fase de gravação" (Baptista & Gomes, 1997, 355). Trata-se seguramente de um lapso, uma vez que nos decalques originais desses autores (em depósito no Museu do Côa), a relação estratigráfica aí registada é precisamente a inversa. A ordem correta é aliás facilmente inferida se num exercício mental concebermos o painel sem as figuras centrais. Se as

unidades gráficas que até agora nos referimos denunciam com clareza a existência de uma fase mais antiga de gravação nesta rocha tendencialmente tardia, tal não chega para valorizarmos a classificação de **Pn10-53** como sendo da classe 2 dos cavalos. De facto, contrariamente às figuras sobre as quais nos debruçámos até agora, esta aparece-nos perfeitamente integrável no conjunto gráfico do painel onde se encontra, não ocupando nenhuma posição que denuncie a sua maior antiguidade. Será também de ter em conta a sua posição no mapa fatorial da análise sem técnicas — fora dos limites da elipse da classe 2 e muito perto da elipse da classe 4.

Na rocha 17 da Penascosa, para além da cabra-montês **Pn17-01**, classificada como da classe 2 na nossa análise, ocorrem ainda outras unidades gráficas que, embora não analisadas, se inserem bem no mundo da arte tardo-paleolítica e até mais recente, como seja o caso do antropomorfo (Baptista, 1999b, 112). Se ao nível da estratigrafia vertical não há forma de confirmar ou infirmar tal hipótese, ao nível da estratigrafia horizontal verificamos que ela sai reforçada.

Na Quinta da Barca encontramos quatro importantes rochas que confirmam a nossa análise. Em duas delas — rochas 2 e 15 —encontramos superfícies colocadas a descoberto após fracturação das superfícies onde se encontram as gravuras mais antigas (**QB02-01** a **QB02-11**; **QB15-06**), superfícies essas onde apenas se observam figurações mais recentes (**QB02-12** a **QB02-15**; **QB15-01** a **QB15-05**).

Quanto à rocha 23, já em texto anterior (Santos, 2012, 45) nos havíamos referido as sobreposições aí identificadas entre figuras que consideramos mais antigas (neste caso atribuídas à classe 2 dos equinos) e as mais recentes (compostas essencialmente por cervídeos). Um dos cavalos foi mesmo integrado na classe 1 (**QB23-06**), algo que pensamos, como referimos já linhas atrás, dever-se a uma série de coocorrências fortuitas, devendo aquele cavalo ser coevo dos restantes.

Também a rocha 56 parece comprovar os resultados da análise. Aqui, as unidades atribuídas à classe 1 (**QB56-01, QB56-03** e **QB56-02**, esta última por comparação) encontram-se em painel distinto do que contém as unidades atribuídas à 2 (auroque **QB56-04** e cabra-montês **QB56-05**), sugerindo dois momentos distintos de gravação.

Na ribeira de Piscos encontramos três rochas com unidades gráficas atribuídas a diferentes classes. Uma destas corresponde à rocha 2. Nela a par de cervídeos atribuídos à classe 2, encontramos dois cavalos e um auroque atribuídos à classe 2, um cavalo atribuído à classe 3 e um veado atribuído à classe 1. A análise da rocha confirma em grande medida esta atribuição. De facto, o cavalo atribuído à classe 3 (**Pi02-07**) encontra-se sobre o auroque **Pi02-06**, atribuído pela análise à classe 2. Mais *sui generis* é a atribuição do veado **Pi02-03** à classe 1, mas as caraterísticas da amostragem deste tema não nos permitem valorizar excessivamente esta atribuição, devendo esta figuração ser coeva dos cavalos e auroque das respetivas classes 2.

Na rocha 6 deste sítio encontramos a par de dois auroques classificados como da classe 2, uma cabra-montês (**Pi06-05**) classificada como da classe 1, motivo ao qual se devem juntar outras duas que se encontram no mesmo painel e que apresentam as mesmas caraterísticas morfológicas (**Pi06-03** e **Pi06-04**). Embora a análise da rocha não desminta tal classificação encontrando-se as referidas cabras em painéis diferentes daqueles onde se encontram os auroques, pensamos que serão contemporâneas destes últimos. Por um lado, não nos devemos esquecer que entre as cabras-monteses só se identificaram três classes, encontrando-se seguramente as coevas de auroque e cavalos das respetivas classes 2 integradas quer na classe 1 quer na 2 das cabras-monteses. Tendo isto em conta, não é fraco argumento lembrar o posicionamento de **Pi06-05** no gráfico — embora classificada como classe 1 encontra-se no interior da elipse da classe 2.

A derradeira rocha do sítio onde se encontram motivos de diferentes classes é a 24. Aí podemos encontramos auroques atribuídos quer às sua classes 2 (**Pi24-04**; **Pi24-19**; **Pi24-22**; **Pi24-35**; **Pi24-58**; **Pi24-67**; **Pi24-76**; **Pi24-84**; **Pi24-90**; **Pi24-95**; **Pi24-96**; **Pi24-97**; **Pi24-98**; **Pi24-102**; **Pi24-126**; **Pi24-128**; **Pi24-129**; **Pi24-137**; **Pi24-139**), quer à 3 (**Pi24-64**; **Pi24-99**; **Pi24-100**; **Pi24-104**; **Pi24-113**; **Pi24-114**) e um cavalo atribuído à sua classe 3 (**Pi24-133**). Relativamente às outras espécies analisadas foram também identificadas três cabras-monteses (**PI24-10**; **PI24-24**; **Pi14-51**) e dois veados (**Pi24-130**; **Pi24-132**) atribuídos à classe 2.

É verdade que apenas uma pequena parte dos motivos desta rocha foram analisados, mas os resultados são, no mínimo, curiosos. Assim, verificamos que a distribuição dos motivos de diferentes classes pelos painéis da rocha não se faz de forma aleatória. De facto, sempre que no mesmo painel se encontram diversos motivos, estes tendem a pertencer à mesma classe. Assim, no painel 3 um auroque é classificado como 2 e uma cabra-montês também como 2, ocorrendo

o mesmo no painel 6; no painel 23 os dois bovinos analisados pertencem à classe 2, no 26 os três analisados pertencem também à 2, no painel 27, dos seis bovinos analisados, apenas um pertence à classe 2, sendo os restantes da 3; no painel 28 os seis bovinos são da classe 2, encontrando-se ainda um cavalo da classe 3 e dois veados da 2.

Esta distribuição não aleatória sugere que a distinção entre as classes 2 e 3 (pelo menos no caso de auroques) parece fazer sentido. Se tal distinção reflete uma grande diferença cronológica já é mais incerto. Uma observação atenta da rocha demonstra-nos que as grandes diferenças entre os auroques das classes 2 e 3 se prendem não com profundas diferenças estruturais mas com a presença de detalhes anatómicos na cabeça. Neste sentido, o painel 27 destaca-se, mas terá sido efetivamente gravado numa fase posterior aos restantes, designadamente à da gravação do painel 28? De uma coisa podemos estar certos — quando aquele foi gravado, este ainda não se encontrava fraturado, tal como se observa pela disposição das gravuras no sector esquerdo do painel 27, claramente condicionadas por uma superfície que aí já não se encontra — a superfície desaparecida que completava o painel 28. Mas sobre a relação entre as classes 2 e 3 de auroques e cavalos voltaremos a debruçarmo-nos adiante. De momento será apenas de relevar que também a rocha 24 da Ribeira de Piscos parece confirmar a validade dos resultados da análise de correspondências múltiplas.

Em Rego da Vide, na rocha 6 encontramos um cavalo atribuído à classe 1 e vestígios de um quadrúpede que, por comparação com o cavalo da rocha 7 deste mesmo sítio, se pode classificar como da classe 2. Infelizmente a relação estratigráfica entre ambos não foi registada, não sendo sequer a segunda figura referida na publicação original (Baptista & Gomes, 1997, 259).

Em Vale de Cabrões encontramos quatro rochas cujos resultados da análise indiciam poderem conter motivos de diferentes classes. Uma destas corresponde à rocha 4, onde uma das sete unidades gráficas aí identificadas foi classificada como 1, em franco contraste com as restantes seis todas classificadas como 2. Já nos referimos a este caso acima, pelo que apenas recordamos a conclusão a que chegámos — trata-se de um conjunto de sete figuras cuja contemporaneidade nos parece evidente.

Na rocha 5 encontramos uma cabra-montês classificada como 2, um auroque classificado como 2 e uma cerva classificada como 3. Tal distribuição dos temas pelas classes referidas é corroborada pela disposição das figuras na rocha, ocorrendo a cerva em posição claramente marginal relativamente aos restantes motivos.

Na rocha 6 foram detetadas também duas classes. As únicas figuras que possibilitam a confrontação com os resultados da análise de correspondências múltiplas são a cerva **VC06-01** e o auroque **VC06-03** cuja classificação como classes 3 (das cervas) e 3 (dos auroques) é confirmada pela relação de sobreposição verificada no painel.

Na rocha 32 de Vale de Cabrões encontramos um auroque da classe 3 e duas cabras-monteses, uma classificada como 1 e outra como 2. É de alguma estranheza a classificação de um destes últimos animais como da classe 1. No entanto, esta classificação é matizada quando olhamos para o seu posicionamento no gráfico, encontrando-se **VC32-03** em zona partilhada de elipses, no limite da da classe 1 e bem dentro da da classe 2.

Na rocha 1 de Vale de Figueira o bovino **VF01-02** foi classificada como 2, em franco contraste com as restantes figurações da rocha, classificadas como 1. Não sendo muitíssimo evidente esta distinção, não podemos deixar de referir uma observação que parece confirmá-la. De facto, **VF01-02** encontra-se entre a linha ventral e os bordos dos membros de um quadrúpede incompleto cujas caraterísticas são claramente da classe 1 (**VF01-01**), parecendo a sua diminuta dimensão relacionar-se com a pré-existência daquela figura. Assim, se a distância temporal entre a gravação de ambas as figuras não é possível de aferir, podemos pelo menos assegurar-nos que quando **VF01-02** foi gravado o espaço parietal já não se encontrava vazio.

A derradeira rocha estudada do Vale do Côa com motivos de diferentes classes corresponde à rocha 4 do Vale de José Esteves, mas sobre ela já nos debruçámos acima, pelo que apenas recordamos que muito provavelmente todas as unidades gráficas do painel em questão são da mesma cronologia.

Vejamos agora as situações fora do Vale do Côa. Em La Griega encontramos no painel 9 do sector 3 dois veados classificados como 1 e um outro classificado como 2. Pensamos ser uma distinção que deve ser matizada, encontrando-se as duas unidades classificadas como 1 em zona partilhada de elipses.

Entre os sítios de Domingo García apenas na rocha 12 do Cerro de San Isidro se observa a coocorrência de

motivos de diferentes classe. Aí a maior parte dos animais são classificados como classe 2 (dois cavalos, dois auroques e um veado), sendo a exceção o veado **SIsid12.A-01**, identificado como classe 3. O seu posicionamento marginal no painel corrobora perfeitamente esta classificação.

Em Siega Verde foram detetadas seis rochas com unidades gráficas atribuíveis a diferentes fases. Uma destas corresponde à rocha 13, onde um cavalo (**SV13-09**) foi classificado como da classe 3, contrastando com um outro cavalo (**SV13-04**) e um auroque (**SV13-20**), ambos classificados como 2. Este contraste é mais difícil de avaliar relativamente à cabra-montês **SV13-25/27** e ao cervídeo **SV13-29** — ambos classificados como da classe 2 —, pelas razões aduzidas acima. Pensamos, no entanto, que esta distinção não deve ter correlato com a realidade. Resulta altamente interessante verificar que o cavalo **SV13-09** (como aliás **PI24-133**, também classificado como 3 e proveniente, como se disse atrás, de um painel dominado por figuras da classe 2) se localizem no gráfico rodeados por motivos da classe 2.

Na rocha 21 identificou-se um cavalo (**SV21-01**) classificado como 3 em contraste com um auroque (**SV21-06**) e dois cavalos (**SV21-10** e **SV21-11**) classificados como 2. Tal distinção é, pelo menos, corroborada pela análise das sobreposições (Alcolea & Balbín, 2006, 89, 399, *lámina* 26).

Na rocha 48, o veado **SV48-11** aparece classificado como 3, contrastando com todas as restantes figuras deste espaço parietal, classificadas como 2. Tal classificação é perfeitamente aceitável se bem que problemática. De facto, segundo Alcolea e Balbín, este veado encontra-se sob o cavalo 4. Em decalque posterior da rocha (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, 262) é mais legível a interpretação que os autores fazem da zona em causa do painel. Observa-se assim que o que para nós se afigura como um veado quase completo com claros paralelos no Côa, é interpretado pelos autores como três realidades distintas: a cabeça do veado, uma figura pisciforme e o preenchimento interior da barriga do cavalo **SV48-04**. Contudo, se a nossa interpretação se verificar o que se observa é uma adequação da barriga do veado à do cavalo **SV48-04**, algo que denuncia a posteridade do cervídeo relativamente ao equino. A ser assim, a sobreposição verificada entre o veado, o M ventral deste cavalo e até o peito de **SV48-01** pode corresponder a mais um dos casos em que o fenómeno descrito por Breuil do salto do utensílio de um lado do traço para o outro se verifica.

Na rocha 51 observa-se um veado da classe 1 (**SV51-19**) em franco contraste com as restantes figurações, classificadas como 2. Trata-se de algo que é confirmado pela estratigrafia (Alcolea & Balbín, 2006, 136).

Na rocha 67 foram identificados uma cabra-montês e um cervídeo, ambos classificados como classe 1, e um cavalo classificado como 2. Se bem que esta distinção possa dever-se mais ao facto, já por várias vezes referido, de apenas se terem isolado três classe entre cabras-monteses e cervídeos, não devemos deixar de frisar o facto do cavalo **SV67-13** ser necessariamente posterior ao cervídeo **SV67-11**, correspondendo o dorso e inserção da cauda daquele à anca e bordo da pata traseira deste.

Um balanço global dos casos que acabámos de referir pode ser resumido da seguinte maneira: em vinte e três casos, a observação dos painéis confirma a sequência das classes por nós proposta, em dois casos (Canada do Inferno 22 e Siega Verde 48) a reinterpretação das sobreposições confirma igualmente essa proposta, e em sete casos não é possível verificar se a relação entre os motivos a confirma ou não (Canada do Inferno 20, 26 e 28, Vale de Cabrões 4 e 32, Vale de José Esteves 4 e Siega Verde 13). Em dois casos, a integração em duas classes distintas de diversas figuras de um painel pode dever-se ao facto do respetivo dispositivo parietal ser datado de uma fase de transição entre classes (Penascosa 4 e 5), ocorrendo apenas cinco casos que parecem matizar a Classificação (Canada do Inferno 1, 11 e 15 e Penascosa 3 e 6). Estes casos, contudo, reportam-se sempre a figuras residuais dos painéis e que, com uma exceção, se encontram sempre em zona partilhada de elipses. No cômputo geral, podemos dizer que a estratigrafia parietal confirma a validade da nossa classificação.

3.2.3.2. A geoarqueologia dos sítios

A sequência das classes por nós proposta é, também, particularmente evidenciada pela análise geoarqueológica do sítio da Canada do Inferno, especialmente da zona meridional atualmente submersa. De facto, o dispositivo parietal da zona mais cerca do rio da Canada do Inferno (*locus 1*) apresenta duas realidades distintas: uma zona montante,

correspondente a uma ampla praia delimitada a leste por uma escarpa paralela às diáclases dos afloramentos xistosos (orientadas genericamente para oeste), e a norte pelas faces da xistosidade de uma bancada que se prolonga cerca de 40 m para oeste (cfr. Figs. 3.1, 5.55 e 5.56). As diáclases desta bancada correspondem à segunda zona da Canada do Inferno, aí se destacando o conjunto de faces historiadas em torno do "abrigo das cabras".

Na zona montante, em frente da escarpa melhor definida encontramos outros afloramentos que afloram a cota mais baixa. As faces historiadas encontram-se quer nos sectores mais altos da referida escarpa — rochas 10, 11, 16, 17 e 18 —, quer nas diáclases dos afloramentos situados a cota mais baixa — rochas 19, 20 e 22 — (Fig. 3.1). A esta diferença de cota corresponde igualmente uma diferença ao nível das classes dos motivos presentes em cada um dos conjuntos de rochas. Assim, só nos painéis existentes a cotas mais altas encontramos motivos atribuídos à classe 1, enquanto que nas rochas localizadas a cotas mais baixas apenas se encontram motivos das classes 2 a 4. Existem mesmo rochas onde as gravuras mais antigas se encontram separadas das mais recentes por sectores completamente vazios, como é o caso da rocha 11, já atrás referida. A diferença de cota entre estes motivos é ainda amplificada pela posição dos painéis na escarpa, grande parte destes fora do alcance atual da mão humana, tendo este aspeto sido valorizado como resultado de uma escolha intencional por parte dos gravadores. A localização destes painéis nos sectores mais altos das rochas, deixando livres de qualquer gravura as zonas mais baixas dos painéis, foi aliás considerada como uma das caraterísticas da arte mais antiga do Côa (Baptista, 1999b, 34). Mas será mesmo assim?

Que dizer então da maior parte das rochas da Quinta da Barca, do Fariseu e mesmo da Canada do Inferno? De facto, a localização de gravuras em sectores atualmente inacessíveis é algo de excecional, sendo que na maior parte dos casos onde tal ocorre existe uma interpretação alternativa à que lê este aspeto como resultado de uma escolha por parte dos gravadores. Estas rochas excecionais são: 6, 9/15 e 11 da Penascosa, 17, 19 e 56 da Quinta da Barca, 13 da Ribeira de Piscos, 1 de Vale de Figueira, e 1, 10, 11, 15, 16 e 17 da Canada do Inferno. São apenas catorze rochas, em sessenta e sete, ocorrendo quatro delas na zona montante da Canada do Inferno, zona sobre a qual voltaremos agora a centrar a nossa atenção.

Os quatro painéis deste sector que apresentam gravuras em zonas inacessíveis ou dificilmente acessíveis são os correspondentes às rochas 10, 11, 16 e 17. Chamamos a atenção para o facto de em duas destas rochas encontrarmos motivos atribuídos a classes mais recentes em sectores mais baixos do painel — rochas 10 e 11 (cfr. decalques respetivos nos anexos). Por outro lado, em frente das rochas 16 e 17 encontramos outras rochas a cotas mais baixas onde apenas se encontram motivos de classes mais recentes — rochas 19, 20 e 22. Também as gravuras da rocha 12 se localizam a cota mais baixa que as gravuras da classe 1 que se encontram mais perto (neste caso, da rocha 11), tal como verifica na figura 3.2.

Tendo em conta os diversos episódios de sedimentação e erosão identificados no Vale do Côa (v.g. Aubry *et al.*, 2010a), pensamos ser altamente provável que a diferença de cota verificada na zona montante da Canada do Inferno entre a localização das gravuras da classe 1 e a das restantes classes reflita a ocorrência de um destes episódios — neste caso, erosivo — entre a gravação dos motivos mais antigos e a dos mais recentes. Ou seja, aquando da gravação dos motivos da classe 1, as rochas onde apenas se encontram motivos da classe 2 ou posteriores não se encontravam ainda expostos.

Se tivermos em conta este episódio erosivo, verificamos que na maior parte das rochas referidas acima que possuem motivos atualmente fora do alcance da mão humana, este facto poder-se-á explicar por este (ou outro) episódio erosivo. Desde logo, em duas delas — rocha 56 da Quinta da Barca e 1 de Vale de Figueira — encontramos mais uma vez motivos da classe 1 na zona superior das rochas e da classe 2 ou posteriores na zona inferior (cfr. Figs. 5. 20 e 5.54). Nas rochas 6 e 9/15 da Penascosa e na rocha 1 da Canada do Inferno não seria necessário um solo muito mais alto para que as gravuras deixassem de se localizar num sector particularmente elevado das rochas, pelo que julgamos que a existência de um solo antigo entretanto desaparecido é, dados os factos que temos vindo a apresentar, uma hipótese altamente parcimoniosa[69].

69 Em abono desta hipótese, remetemos o leitor para linhas à frente onde se discutirá a releitura das datações de Dorn, proposta por T. Aubry, e a sua relevância para a identificação de períodos de sedimentação no vale.

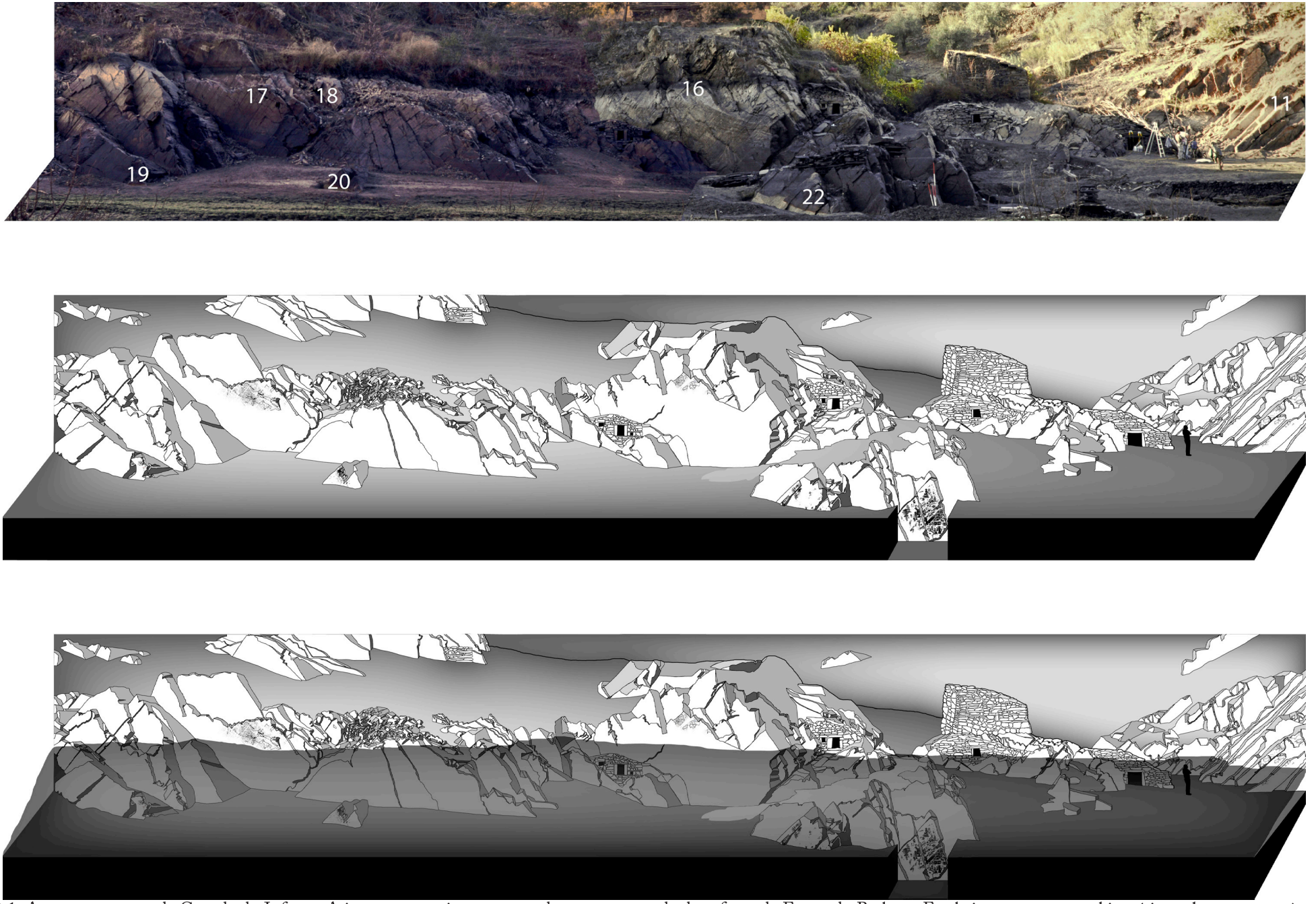


Fig. 3.1: A zona montante da Canada do Inferno. A imagem superior corresponde a montagem de duas fotos de Fernando Barbosa. Em baixo representa-se hipotético solo contemporâneo da execução das gravuras da classes 1, antes do episódio erosivo que terá colocado a descoberto as superfícies onde se gravaram as figuras mais recentes.



Fig. 3.2: Sector setentrional da zona montante da Canada do Inferno, onde se observa a relação entre as rochas 11 e 12 do sítio. As linhas coloridas marcam os limites da rocha 12, que em 2007 se encontrava já sedimentada pelos aluviões decorrentes da albufeira do Pocinho. A foto mais pequena encontra-se depositada no arquivo de diapositivos do antigo CNART, tendo sido obtida em 1995 por autor desconhecido.

As gravuras da rocha 11 da Penascosa encontram-se atualmente localizadas a uma altitude bastante mais considerável que as referidas no parágrafo anterior. Julgamos, no entanto, que mesmo neste caso, existem evidências de um processo erosivo do solo à sua frente, posterior à gravação dos seus motivos. Essas evidências podem ser encontradas na margem oposta, ou seja, na zona jusante da Quinta da Barca.

De facto, aí encontramos uma situação semelhante à da zona montante da Canada do Inferno. Ou seja, as gravuras mais antigas não se encontram abaixo de determinada cota, a partir da qual só encontramos gravuras mais recentes, designadamente da classe 3 de cervídeos (cfr. Fig. 5.25).

Restam-nos, portanto, apenas quatro rochas cuja existência de um solo antigo à sua frente, entretanto desaparecido, carece de evidências claras: 17 e 19 da Quinta da Barca, 13 da Ribeira de Piscos e 15 da Canada do Inferno, se bem que nos casos da 19 da Quinta da Barca e da 13 da Ribeira de Piscos não será de colocar de parte, a hipótese da existência, não de um solo, mas de blocos que permitissem o acesso às zonas onde se encontram as gravuras. Se na rocha 19 da Quinta da Barca, a dimensão e posicionamento no painel do cavalo aí gravado não sugere, de facto, nenhuma intenção de o tornar conspícuo na paisagem, as dimensões das gravuras ou de algumas das gravuras existentes nas restantes rochas sugere exatamente o oposto. Correspondendo essas gravuras na sua totalidade a auroques, devemos considerar neste caso a provável relação entre este tema específico e a sua ocorrência em localizações conspícuas.

Ora, a existência no Côa de pelo menos uma fase erosiva entre a gravação das unidades gráficas que compõem a nossa classe 1 e a das que compõem as restantes pode reforçar a hipótese dos dispositivos gráficos das rochas 4 e 5 da Penascosa serem algo mais recentes que os restantes classificados seguramente da classe 1. Não nos esqueçamos que as rochas 4 e 5 são as rochas do sítio que se encontram a cota mais baixa (cfr. Figs. 5.7 e 5.9). Contudo, o facto de também encontrarmos nestes espaços parietais unidades gráficas da classe 1 obriga-nos a uma grande precaução relativamente à possibilidade destes só se terem colocado a descoberto aquando da referida fase erosiva. Lembremos que todos os motivos classificados como classe 2 se encontram ainda na zona partilhada de elipses das classes 1 e 2. A cerva **Pn05-29**,

classificada como 2 da sua espécie e sendo a figura localizada a mais baixa altitude na rocha, já nos parece claramente posterior à generalidade do dispositivo gráfico, pelo que a possibilidade do espaço parietal onde esta se encontra ter sido colocado a descoberto apenas durante uma fase erosiva posterior à gravação dos motivos mais antigos, nos parece mais provável. Contemporâneas da cerva seriam as unidades gráficas incisas existentes no espaço parietal E da rocha 5.

Desta forma, podemos afirmar que também os dados da Geoarqueologia corroboram a nossa classificação. Mas mais que corroborarem a nossa classificação, eles podem ajudar-nos a datar as classes por nós identificadas. De facto, se as diferenças de cota observadas entre os espaços parietais com unidades gráficas atribuídas a classes diferentes pode refletir a existência de um ou mais episódios erosivos entre a gravação dos motivos pertencentes a cada classe, então é de elevada pertinência datar com rigor esses episódios, algo que começou já a ser feito no vale do Côa (Aubry *et al.*, 2010a, 3315, fig. 5). A este assunto voltaremos no primeiro subponto do nosso próximo capítulo, dedicado exclusivamente à datação das classes identificadas.

3.3. Em suma

A confirmação de que as classes por nós identificadas se sucedem entre si permite interpretá-las como conjuntos de unidades gráficas executadas durante, pelo menos, quatro fases distintas de produção artística na nossa zona de estudo.

A fase 1 é constituída pelas classes 1 dos temas analisados. Carateriza-se pelos animais com ventres e dorsos proeminentes, cabeças naturalistas mas pouco detalhadas; quando existem, as bocas e narinas são lineares e os olhos circulares ou em forma de ponto; usualmente, apenas uma pata por par, definida por bordos simples, está representada, encontrando-se aberta na extremidade; o perfil absoluto é recorrente na representação dos membros e usual na de cornos e hastes, sendo, no entanto, o perfil biangular oblíquo mais comum nos último caso. As técnicas mais utilizadas são a picotagem (mormente a modalidade A, mas também a B) e a abrasão, mesmo se a incisão também está identificada. Na Faia, cujas figurações devem ser atribuídas a um momento final desta fase ou a um inicial da seguinte, encontra-se atestada a pintura a vermelho (modalidade do traço único e contínuo).

À fase 2 devem ser atribuídas as unidades das classes 2 de auroques e cavalos e parte das unidades que conformam as classes 2 de caprinos e cervídeos e, eventualmente, alguns das respetivas classes 1. Estas figuras caraterizam-se pela utilização menos frequente da picotagem e por uma utilização mais acentuada da abrasão e da incisão simples e múltipla, tendo-se igualmente, identificado a raspagem. Os corpos tornam-se menos massivos e nas cabeças aparecem mais detalhes, designadamente ao nível da configuração dos focinhos dos cavalos, cujas terminações podem aparecer modeladas. A representação das quatro patas é ainda excepcional, sendo os cascos, quando aparecem, de forma globular ou, menos frequentemente, de forma globular; algumas delimitações internas aparecem durante esta fase, designadamente estriadas.

À fase 3 atribuímos os cavalos e auroques das respetivas classes 3 e parte dos cervídeos e capríneos que conformam as respetivas classes 2. Estas figuras caraterizam-se pelo naturalismo, sendo os seus corpos representados de forma muito proporcional; os detalhes da cabeça são comuns, nomeadamente olhos, usualmente de forma amendoada, e narinas, delimitadas perimetralmente; é frequente a representação modelada das duas patas por par, em perfil uniangular e rematadas por cascos naturalistas; as delimitações internas dos corpos são igualmente comuns, assim como outros detalhes corporais, por exemplo, ao nível da pelagem; as modalidades simples e reiterada da incisão tornam-se as técnicas mais usuais.

À fase 4 atribuímos os cavalos e auroques das respetivas classes 4 e os caprinos e cervídeos das classes 3; estas figuras caraterizam-se pelo geometrismo dos seus corpos, muito frequentemente preenchidos interiormente; os detalhes estão completamente ausentes das cabeças; as patas, de forma linear ou com coxas e antebraços triangulares e braços e pernas lineares, são usualmente representadas em perfil biangular oblíquo, mas também reto. A incisão é a técnica mais utilizada, quer na definição dos corpos, quer no preenchimento interno dos corpos (estriado invasor), mas a picotagem e a raspagem estão igualmente identificadas.

4. A datação das fases

Neste capítulo procurar-se-á datar as fases definidas no anterior, e desse modo construir uma proposta cronoestilística válida para a região. Para a prossecução deste intento utilizaremos essencialmente dois tipos de argumentos, correspondendo cada um destes a um subcapítulo próprio. Assim, no primeiro subcapítulo procurar-se-á perceber que pistas nos fornece a Geoarqueologia, designadamente mediante o que se vai conhecendo dos episódios de sedimentação e erosão no vale do Côa. Como se viu, a localização de algumas manifestações gráficas parece relacionar-se de forma bastante clara com alguns destes episódios, razão pela qual a data em que estes ocorreram podem ajudar-nos a perceber a da gravação dessas mesmas manifestações. No segundo subcapítulo daremos a conhecer o contexto arqueológico em torno das estações estudadas, assim como elencaremos as peças com arte móvel que na região de estudo apareceram em estratigrafia. Algumas destas peças apresentam grafismos que foram incluídos nas nossas análises, sendo portanto a datação das camadas onde foram exumadas um elemento de datação fundamental das classes por nós definidas. No terceiro subcapítulo procuraremos identificar os paralelos da Europa sudocidental para os motivos que compõem as nossas classes. Discutir-se-á a cronologia destes paralelos de forma a verificarmos se a nossa proposta cronológica é coerente com a hipótese de nos períodos de frio mais rigoroso se observar uma distribuição mais vasta de figuras com o mesmo "estilo", tal como inicialmente proposto por João Zilhão para o período do Pleniglaciar (Zilhão, 2003). Se essa coerência se verificar, tal poderá ser utilizado como um argumento suplementar de validação da nossa proposta. Nesse subcapítulo procurar-se-á ainda identificar as regiões de contacto privilegiadas durante os períodos em que se observa uma contração das áreas por onde se distribuem os paralelos identificados. No quarto subcapítulo sintetizar-se-á a nossa proposta cronoestilística.

4.1. Evidências geoarqueológicas

Como se referiu no final do capítulo precedente, entre a execução das manifestações gráficas da fase 1 e a das mais recentes, ocorreram um ou mais episódios erosivos. Importa, portanto, perceber quando estes se deram, trabalho esse que começou já a ser feito (Aubry *et al.*, 2010a).

No trabalho citado, os autores identificam uma fase importante de hiato sedimentar, ou mesmo de erosão em diversos sítios do vale do Côa. Assim, na Cardina 1 foi identificada um hiato sedimentar entre 25.000 e 15.000 calBP (Aubry *et al.*, 2010a, 3314), também atestado nos sítios 4 e 14 da Olga Grande, associado a um evento erosivo (*idem*, 3314). No Fariseu foi detetada uma inconformidade erosiva datada de um período compreendido entre 22.581-23.174 calBP e 18.400 ± 1600 calBP (*idem*, 3314). Na Quinta do Vale Meão, já no Vale do Douro, alguns quilómetros para jusante da foz do Côa, foi também identificada uma inconformidade sedimentar anterior a 17.600 ± 2900 calBP (*idem*, 3311, fig. 4).

Na Quinta da Barca Sul identificou-se um episódio erosivo anterior a 12.700 ± 1000 calBP (Aubry *et al.*, 2010a, 3310), sendo no entanto, necessário apurar a sua data precisa, até porque nos sítios do Vale do Côa e na Quinta do Vale Meão foram detetados outros eventos erosivos entre aquela data e o intervalo de tempo a que nos referimos no parágrafo anterior (Aubry *et al.*, 2010a, fig. 4). Assim, no Fariseu, após o período de sedimentação de natureza coluvial, provavelmente ligado à erosão das vertentes contemporâneas do evento Heinrich 1 (cuja data mais antiga proveniente do Fariseu corresponde aos 18.400 ± 1600 calBP referidos acima), observa-se um novo evento erosivo anterior a nova fase de sedimentação, desta feita de natureza aluvial e provavelmente ligada às novas condições climáticas do evento interestadial 1 da Gronelândia. Este evento erosivo pode encontrar-se refletido na dispersão dos resultados das datações TL e OSL das amostras recolhidas no interface entre os dois conjuntos sedimentares do Fariseu — 15.200 ± 1600 calBP, 14.300 ± 1100 calBP e 13.700 ± 1000 calBP —, mas também na inexistência do pacote aluvial na sondagem efetuada no sector central do sítio (Aubry *et al.*, 2010a, 3311, fig. 4). De facto, nesta zona do sítio passa-se do pacote coluvial relacionado com o evento Heinrich 1 diretamente para o do Dryas recente, também de natureza coluvial e datado de entre 12.287-12.621 calBP e 10.800 ± 1100 calBP (datações pelo radiocarbono, Tl e OSL provenientes de ambos os sectores do

sítio). Um outro evento erosivo foi identificado não só no Fariseu, como no Colmeal, nas Olgas da Ervamoira e no Vale Meão, correspondendo às alterações verificadas aquando da passagem do Pleistoceno para o Holoceno (Aubry *et al.*, 2010a, 3313). Por outro lado, verifica-se nos cortes da Penascosa, do Vale Meão e do Fariseu, a ausência de sedimentação desde os inícios do Neolítico até momentos avançados do Holoceno, fruto provável da adoção da agricultura e das desflorestações associadas àquela prática produtiva (Aubry *et al.*, 2010a, 3313).

Ora, como aponta T. Aubry (2009b, 371-373), é interessante notar que os resultados das datações pelo radiocarbono efetuadas por R. Dorn (1997) sobre os microfragmentos orgânicos recolhidos nas rochas 1 da Canada do Inferno, 1 da Ribeira de Piscos e 3 da Penascosa se inserem nos intervalos de tempo correspondentes aos eventos erosivos identificados. Assim, as datas da Canada do Inferno 1 denotariam o período erosivo pré-evento Heinrich 1 (Beta-80758), o evento erosivo da passagem do Pleistoceno para o Holoceno (Beta-82451) e o hiato do Holoceno pós-neolítico (Beta-82450, Beta-82453, Beta-82452, Beta 87060 e Beta-82449). Os mesmos eventos erosivos poderão encontrar-se documentados na rocha 1 de Piscos pelas datas Beta-87059 (episódio erosivo pré-evento Heinrich 1), Beta-82463 (transição Pleistoceno-Holoceno), e Beta-82460 e Beta-82462 (hiato pós-Neolítico). A transição entre o evento Heinrich 1 e o evento interestadial 1 da Gronelândia encontrar-se-ia igualmente documentado nesta rocha pela data Beta-82464. De igual forma, na rocha 3 da Penascosa, as datas podem testemunhar momentos prévios (Beta-86633) ou contemporâneos da execução das gravuras (Beta-82457), o evento erosivo pré-evento Heinrich 1 (Beta-86632), a transição evento Heinrich 1 – evento interestadial 1 da Gronelândia (Beta-86013) e o hiato pós-neolítico (Beta-82454, Beta-82455, Beta-82459, Beta-82458 e Beta-86014). O agrupamento das datas em torno destes intervalos específicos de tempo encontrar-se-ia assim explicado, correspondendo os intervalos em que elas se encontram ausentes aos períodos em que as rochas se encontrariam sedimentadas. Contudo, esta hipótese desemboca num outro problema, a saber — porque é que todas as datas efetuadas diretamente sobre as gravuras se reportam aos momentos do hiato pós-neolítico, enquanto todas as datas mais antigas se reportam a amostras recolhidas em torno dessas mesmas gravuras?

A aceitação da hipótese atrás referida obriga a admitirmos a manipulação das gravuras em momentos avançados do Holoceno, manipulações essas que teriam limpo as deposições orgânicas depositadas nas gravuras durante os períodos anteriores em que estas se encontravam a céu aberto. Se tal situação é plausível, é também dificilmente demonstrável. Deste modo, não será ainda de colocar de parte a interpretação do próprio Dorn que, como referimos atrás, socorrendo-se da teoria do sistema aberto do radiocarbono, não exclui uma datação paleolítica das gravuras (Dorn, 1997, 113). O que importa reter de toda esta discussão é que nada obsta à existência das fases erosivas a que nos referimos, podendo os resultados das datações carbónicas das amostras recolhidas nas rochas gravadas vir mesmo a reforçar a hipótese da sua ocorrência.

Ora, chegados a este ponto é altura de perguntarmo-nos qual o evento erosivo que, ocorrendo após a execução das gravuras da classe 1 existentes das rochas 10, 11, 16 e 17 da Canada do Inferno, poderá ter colocado a descoberto as rochas do sítio onde encontramos as figuras da classe 2 de cavalos e auroques (rochas 12 e 22) ou 3 de caprinos (rocha 19) e cervídeos (rocha 20 e 22). Dos eventos que falámos apenas dois poderão corresponder ao que procuramos identificar: ou o episódio erosivo pré-evento Heinrich 1 ou o da transição deste para o evento interestadial 1 da Gronelândia.

Relativamente ao primeiro, sabemos pelas escavações no Fariseu que este episódio destruiu, de facto, o solo antigo situado em frente da rocha 1 do sítio, enquanto que o segundo não foi suficiente para erodir o pacote correspondente ao evento Heinrich 1 que entretanto cobriu parcialmente a rocha. Por outro lado, uma vez que as rochas na Canada do Inferno que contém motivos da fase 2, dispõem igualmente de motivos azilenses, podemos concluir que: ou os episódios de acumulação coluvial correspondente ao evento Heinrich 1 e aluvial correspondente ao evento interestadial 1 da Gronelândia só parcialmente se fizeram notar na Canada do Inferno, ou os eventos erosivos intercalares se fizeram notar com muito maior intensidade neste sítio que no Fariseu. Se a acumulação aluvial correspondente ao evento estadial 1 da Gronelândia aparentemente só se fez notar nos sectores mais cerca do rio — lembremos que mesmo no Fariseu, as camadas correspondentes só se identificaram na sondagem mais junto do rio — os depósitos coluviais correspondentes ao evento Heinrich 1 poderão ter ocorrido também na Canada do Inferno, pelo menos junto da encosta. A este título recordamos que na rocha 12, ao contrário do que se verifica na rocha 22, os motivos das classes terminais se encontram

acima dos da classe 2. Poderá esta diferença denunciar, por um lado a cobertura de parte da rocha 12 pelos coluviões do evento Heinrich 1, e por outro a não cobertura da 22, diferença essa resultante da distância de cada uma das rochas à encosta da Canada do Inferno (cfr. Figs. 5.55 e 5.56)?

Infelizmente, a tal pergunta não poderemos responder. A verificar-se esta situação, teríamos para além de um *terminus post quem* para a gravação das figuras da classe 2 de cavalos e auroques (posterior à fase erosiva pré-evento Heinrich 1), também um *terminus ante quem* (anterior à formação dos coluviões contemporâneos daquele evento), ou seja as gravuras desta classe teriam sido feitas entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo, período de tempo que Alcolea e Balbín apontam como sendo o da gravação da maioria das figuras de Siega Verde (v.g. Alcolea & Balbín, 2006a, 319), figuras essas que, na nossa análise, integram as classes 2 das respetivas espécies.

De qualquer forma, por tudo o que temos vindo a dizer parece-nos mais parcimoniosa a hipótese de ter sido a fase erosiva pré-evento Heinrich 1 que terá ocorrido entre a gravação dos motivos da fase 1 e a dos da fase 2. Consequentemente, podemos apontar as fases iniciais do Solutrense como *terminus ante quem* dos motivos da fase 1.

Apenas com base em argumentos da geoarqueologia, que data poderemos propor para a gravação dos motivos da fase 3? Nos zonas dos sítios da Canada do Inferno e do Fariseu que nos temos vindo a referir não encontramos qualquer motivo atribuível a estas fases (encontrar-se-íam as rochas sedimentadas pelos aluviões coevos do episódio interestadial 1 da Gronelândia?). Na Ribeira de Piscos podemos encontrar uma pista, que é, no entanto, demasiado ténue, para ser valorizada excessivamente. Não podemos, no entanto, deixar de a referir. Referimo-nos ao cavalo **Pi02-07**. De facto, a rocha 2 do sítio, onde se encontra este cavalo, integrado pela análise na classe 3 e sobreposto a auroque classificado como da 2, localiza-se a cerca de 15 metros para nordeste da rocha 1 e a uma altitude sensivelmente mais baixa que as gravuras existentes nesta última rocha (cfr. Fig. 5.32). Deste modo podemos assumir que sempre que a rocha 1 se encontrava coberta de sedimentos, o mesmo aconteceria forçosamente com a 2. Ora a distribuição dos resultados das datações diretas efetuadas sobre amostras recolhidas nesta rocha apresenta, como referimos atrás, sensivelmente o mesmo padrão que as da Penascosa. Deste modo, o cavalo poderia ter sido feito ou na fase erosiva pré-evento Heinrich 1 ou durante a transição entre o evento Heinrich 1 e o evento interestadial 1 da Gronelândia. Inclinamo-nos, sem grande convicção, para esta segunda hipótese, baseando-nos para tal na diferença de classes entre o auroque sobreposto e o cavalo que agora tratamos.

Na Penascosa, a cerva **Pn05-29** poderá também ter sido gravada durante esta fase erosiva, se bem que a gravação durante o episódio erosivo pré-evento Heinrich 1 não deva ser colocado de parte, até porque uma cerva integrada na classe 2 tanto pode ser coeva de cavalos e auroques classificados como 2 ou como 3. Não podemos também deixar de lembrar que existe uma possibilidade das rochas 4 e 5 terem sido gravadas em momento posterior à das unidades gráficas mais antigas do sítio. A ser assim, teria sido o episódio erosivo anterior ao evento Heinrich 1 o responsável pela descoberta destas superfícies. Esta hipótese, sendo plausível, não pode fazer-nos esquecer que a maior parte das figuras destas rochas integradas na classe 2 encontram-se em zona partilhada de elipses, parecendo, por outro lado, relacionar-se de forma estreita com as que foram classificadas como 1.

Para uma maior precisão da cronologia das fases de produção artística necessitamos de outras aproximações, designadamente as que têm que ver com o contexto arqueológico da região e com as dinâmicas ao nível da geografia social da Europa Ocidental detetável mediante a identificação de paralelos nessa área para as classes por nós identificadas, assuntos que trataremos nos próximos subcapítulos.

4.2. O contexto arqueológico

A maior parte dos sítios estudados neste trabalho não dispõe de um contexto arqueológico diretamente associado, tal ocorrendo apenas na estação do Fariseu, no vale do Côa (v.g. Aubry, Santos e Luís, 2014 e bibliografia anterior aí citada). Contudo, não podemos deixar de ter em conta os estudos desenvolvidos em sítios que, embora não associados diretamente a uma rocha historiada, se localizam nas imediações, e cuja relação com esses grafismos é altamente provável. Deste modo, no Vale do Côa, não só são importantes as informações provenientes do sítio do Fariseu, como também as inferências que se podem fazer a partir dos resultados de outros trabalhos em sítios coevos da região.

A importância do Fariseu no nosso estudo é capital. Recordamos que na escavação efetuada em frente à rocha 1 do sítio, identificou-se uma camada (U. E. 7) que cobria parcialmente o painel gravado, camada, por sua vez coberta por uma outra (U.E. 6) de onde provêm três datas TL e OSL (15.200±1600 BP; 14.300±110 BP; 13700±1000 BP) que permitem assegurar uma idade mínima para as gravuras cobertas pela camada 7 de *ca* de 14.500 BP (Mercier *et al.*, 2009, 346). Por outro lado, numa camada subjacente (U. E. 8) identificou-se um fragmento historiado que, com uma grande probabilidade, poderá corresponder à ponta do focinho do auroque **Fr01-36** (cfr. reconstituição no decalque da rocha existente nos anexos). Desta camada provém a data 18.400±1600 BP (datação OSL) que nos dá um *terminus ante quem* para a queda do fragmento e para a gravação daquela figura e das que a precederam (Aubry, 2009b, 368). Mas a cronologia da gravação desta rocha poderá ser ainda mais recuada. De facto, não só se demonstrou que mais de metade dos motivos existentes no painel foi gravado previamente à deposição da camada 7, como o estudo morfoestilístico das figurações atestou a sua elevada homogeneidade formal, algo bastante compatível com a execução do painel num tempo curto (Aubry, Santos & Luís, 2014). Ora, o facto da base das figurações formar uma linha regular permite-nos inferir a existência de um solo antigo entretanto desaparecido. Este solo, a partir do qual se gravou a rocha terá existido forçosamente antes dos 18.400±1600 da data da camada 8. Por outro lado, o aparecimento na zona central do sítio da U.E. 9, datada pelo radiocarbono de 22.581-23.174 calBP (GrA-40167: 19.020±80 BP), permite-nos confirmar, de facto, uma ocupação do sítio anterior a 18.400, e com grande probabilidade a ocorrência de um processo erosivo após a gravação da rocha (Aubry, Santos & Luís, 2014, 265). Este processo erosivo aparece atestado, como já vimos, em outras estações do vale, correspondendo ao episódio anterior ao evento Heinrich 1 de que falámos atrás.

Os resultados da escavação do Fariseu são, consequentemente, de extrema importância para a datação dos motivos da na nossa fase 1. Mas também os motivos da nossa fase 4 encontram na arte móvel do Fariseu importantes paralelos. A coleção do sítio é composta por oitenta e nove peças, sendo quatro delas pintada e as restantes gravadas. Em pouco mais de metade das peças (45) surgem motivos figurativos, encontrando-se, contudo, a maior parte deles em estado bastante fragmentário. No entanto, como se verificou linhas atrás, aqueles motivos cuja integridade assim o permitiu, foram integrados nas nossas análises, aparecendo classificados como das classes mais recentes das espécies analisadas. Ora, a grande maioria das peças é proveniente da U. E. 4, tendo apenas sido exumadas fora dela oito peças (duas na U.E. 3, uma na U.E. 5, uma na U. E. 6, duas da U. E. 8 e duas numa das camadas entre a U.E. 5 e a U. E. 8). Salvo uma exceção, todos os animais integrados na nossa análise encontram-se em peças exumadas na U.E. 4. A exceção corresponde à cerva **Fr_m48-01**, gravada em peça encontrada aparentemente na U.E 6, mas em posição incerta uma vez que foi recolhida aquando da limpeza de corte. Tudo indica que provirá do pequeno pacote aluvionar existente entre as unidades estratigráficas 5 e 6, pelo que será seguramente posterior à data mais recente da camada 6 (13.700±1000 BP). Mas será verdadeiramente anterior à mais antiga da camada 4 (11.800 ± 900 BP)? Na análise fatorial, este motivo, identificado claramente como classe 3 (portanto da fase 4), encontra-se ainda nos limites da elipse da classe 2 (portanto, da fase 2 ou 3). Consideramos, contudo, ser arriscado valorizar uma maior antiguidade do mesmo, dada a proveniência estratigráfica algo imprecisa da peça onde se encontra gravado. Todas as evidências apontam para a gravação generalizada destas peças entre 10. 000 e 12.000 cal BP[70], embora a gravação de algumas delas em momentos ligeiramente anteriores não seja de colocar totalmente de parte.

Se a recolha de uma outra peça gravada com repertório não figurativo nos níveis do Magdalenense final da Quinta da Barca Sul (García, 2009, 376-377) atesta a generalização da gravação de suportes móveis durante este período no vale do Côa, alguns dos achados de arte móvel na Cardina poderão eventualmente confirmar a sua existência em períodos anteriores. Deste sítio já era conhecida uma peça, recolhida nos níveis magdalenenses (García, 2009, 377), peça essa para a qual foi apresentada nova interpretação gráfica (Aubry *et al.*, 2015a, 10). Mais recentemente não só foram dadas a conhecer duas peças recolhidas no interior da "estrutura gravettense A", datada dos momentos finais do tecnocomplexo, como também de outras sete peças recolhidas em níveis de ocupação do Magdalenense final comparáveis às do topo da camada 4 do Fariseu (Aubry *et al.*, 2015a, 16-17). Por outro lado, foi possível precisar a cronologia dentro do

70 Datas TL e OSL para a camada 4 (Mercier et al., 2009, p. 346, Tab. 6.1-2): 11.000±1100 BP; 10.800±1700 BP; 11.800±900 BP. Datas de C14 a 2 sigma: Beta-213130 – 10.510±40 BP; Ua-32645 – 9.830±130 BP; Gx-32147 – 8.930±80 BP (Aubry, 2009b, p. 367).

Magdalenense do topo da camada 4 do sítio (onde se recolheu a peça publicada por García), devendo esta corresponder à sua fase terminal (Aubry *et al.*, 2015a, 22). Nas escavações de 2015 foram exumadas nesta mesma camada mais algumas peças, ainda por publicar. A maioria destas peças apresenta-se muito fragmentada e a maior parte do repertório é de natureza não figurativa. Contudo, os parcos elementos figurativos disponíveis apontam para uma cronologia da maioria destas peças coeva das nossas classes mais tardias. Algumas, contudo, como uma onde se observa um cervídeo inciso (Aubry *et al.*, 2015a, 16, fig. 14, 1), ou uma outra ainda inédita onde se reconhece o que tudo aponta ser uma cérvico-dorsal de um cavalo executada mediante incisão reiterada, parecem apontar para cronologias ligeiramente mais recuadas, o que não é contrariado pela análise dos materiais recolhidos na camada 4 do sector onde estas peças foram recolhidas. De facto, também nesta sondagem foram identificados materiais solutrenses (com talhe bifacial) acima da estrutura gravettense, o que aponta para episódios erosivos ou de ausência de sedimentação entre as fases finais do Gravettense e o Magdalenense final. Tendo em conta a data TL de 20.700 ± 1300, a ocupação magdalenense "pré-fase final" do sítio não deve ser colocada de lado, podendo esta última corresponder à data da segunda peça. De facto, como vimos na análise fatorial, a incisão reiterada ocorre sobretudo nas fases intermédias[71].

Outra estação do vale do Côa que é de extrema importância para a datação da fase 1, corresponde ao sítio da Olga Grande 4. De facto, nesse sítio foram encontrados quatro picos na U.E. 3 (Aubry, 2001, 262), cuja análise traceológica dos mesmos revelou poderem ter sido usados para gravarem os motivos picotados e abradidos desta fase (Plisson, 2009). Ora, daquela camada provêm duas datas TL, uma com o valor de 26.800±2300 BP e outra de 31.000±2500 BP (Mercier *et al.*, 2001, 277).

Outros sítios do vale e da região foram alvo de escavações, tais como Colmeal (Aubry *et al.*, 2002, 67), Olga Grande 14 (Aubry & Sampaio, 2009b, 53-57, 59-60) ou Ínsula II, já no vale da ribeira de Aguiar, um outro curso de água subsidiário da margem esquerda do Douro (*idem*, 36-41). Se é fundamental o contributo das escavações nestes sítios para a caraterização socioeconómica das populações que produziram e viveram a arte coeva, a contribuição das mesmas em matéria de datação da arte não é, no entanto, tão evidente como a dos sítios que tratámos anteriormente. Não esqueçamos, no entanto, que os seus resultados foram fundamentais para se perceber as dinâmicas de sedimentação e erosão na região, algo que nos dá pistas importantíssimas, como se viu, para a datação de algumas das fases. Mas sobretudo, estas escavações foram fundamentais para o faseamento da ocupação humana do vale durante o Paleolítico superior (Aubry, 2009g). A caraterização deste faseamento é de suma importância, porquanto o contexto arqueológico pode ser um dos argumentos para a datação das manifestações gráficas de uma região. Assim, se é verdade que a cronologia de uma dada manifestação gráfica pode não ser necessariamente a mesma que a de uma ocupação existente no mesmo sítio, também é verdade que a ausência de contextos a nível regional pode ser um óbice importante para a defesa de determinada cronologia. Assim, se no vale do Ardèche, a ausência de contextos aurignacenses tem sido um dos óbices para a aceitação das cronologias recuadas de Chauvet (Combier & Jouve, 2012, 139-141), no Côa, a pronta descoberta de contextos do Paleolítico superior rapidamente tirou razão aos que defendiam uma cronologia holocénica para a arte da região, fundamentando-se na ausência de contexto arqueológico (Zilhão, 1995b, 895-896). Importa, portanto, recordar, o faseamento proposto por T. Aubry para a ocupação humana no vale do Côa durante o Paleolítico superior.

Segundo este autor, com base nos estudo dos conjuntos líticos exumados na região, podem distinguir-se sete fases. A primeira (Aubry, 2009g, 348-350) encontra-se identificada na U.E. 3 da Olga Grande 4, sendo caraterizada pela presença de buris de ângulo sobre fratura ou truncatura em cristal de rocha, entalhes sobre lasca e lamela em sílex, micrograveltes atípicas, segmentos de círculo, triângulos, lamelas de dorso truncado e lamelas de dorso marginal. Daquela camada da Olga Grande 4 provêm cinco datas TL compreendidas entre os 31.000± 2.500 e os 26.800± 2.300 BP (Mercier *et al.*, 2009, 345, tab. 6.1-1).

A segunda fase (Aubry, 2009g, 350) foi detetada na unidade 4b da Cardina, eventualmente na unidade 3a da Olga

71 86,6% dos cavalos executados com esta técnica são classificados como da classe 2, correspondendo a 63,4% dos cavalos dessa mesma classe; 100% dos auroques executados com esta técnica integram as classes 2 e 3 desta espécie, correspondendo a 27,9% dos auroques da classe 2 e a 80% dos da classe 3; 87,5% das cabras-monteses executadas com esta técnica são integradas na classe 2, correspondendo a 17% dos motivos da classe. Refira-se que, no caso dos cavalos e cabras-monteses, os restantes motivos executados com esta técnica são das classes tardias. Por outro lado, não foram identificados quaisquer veados ou cervas executados com esta técnica.

Grande 14 e no topo da unidade 2 da Ínsula II, sendo caraterizada pela presença de raspadeiras sobre lasca ou lasca retocada, micrograveттes atípicas, lamelas de dorso cruzado, truncado, lamelas ou pequenas lascas de retoque marginal direto e inverso e buris de ângulo sobre fratura ou truncatura. Dado o posicionamento estratigráfico da camada da Cardina onde aparece (sob a u.e. 9 de onde provêm as datações que em seguida se falarão) e paralelos de alguns dos seus materiais com outros de outros contextos datados do sudoeste europeu, designadamente da Estremadura portuguesa, pode-se datar-se esta fase do Gravettense médio.

A terceira fase (Aubry, 2009g, 351) foi detetada nas unidades artificiais 9 e 10 da U.E. 4 da Cardina, sendo caraterizada pela presença de raspadeiras sobre lasca ou lasca retocada, raspadeiras carenadas, lamelas de dorso marginal, truncadas, de dorso, de lamelas ou pequenas lascas de retoque marginal direto e inverso e por buris de ângulo sobre fratura ou truncatura. Esta fase deverá ser datada do Gravettense médio e final, encontrando um correlato em quatro das cinco datações TL provenientes da camada 9 da Cardina, compreendidas entre 26.500±1.800 e 28.000±2.100 BP (Mercier *et al.*, 2009, 345, tab. 6.1-1).

A quarta fase (Aubry, 2009g, 352) foi identificada entre as fases 3 e 6 da Olga Grande 14, sendo caraterizada pela associação de raspadeira espessa, lamelas de dorso e de dorso abatido por retoque marginal ou pouco invasor. É datada, com base nos estudos tecnológicos desenvolvidos na Estremadura, do Proto-Solutrense.

A quinta fase é de cronologia solutrense, sendo provável a individualização de duas subfases no seu interior. A fase 5a (Aubry, 2009g, 352) foi identificada nas unidades artificiais 7 e 8 da U.E. 4 da Cardina e na base da U.E. 2b da Olga Grande 14, sendo representada por fragmento de folha de loureiro e dois fragmentos de ponta de face plana, cujos paralelos com conjuntos da Estremadura permitem apontar para uma fase média do Solutrense. A data TL da camada 9 Cardina [23.400±1500 BP (Mercier *et al.*, 2009, 345, tab. 6.1-1)] deve refletir esta ocupação, embora sua proveniência ateste a existência de um período erosivo entre esta fase e a 3. A fase 5b (Aubry, 2009g, 354), apresenta os seus maiores paralelos nos conjuntos cântabros do solutrense superior, sendo caraterizada pela presença de pontas de pedúnculo lateral de tipologia fanco-cantábrica, lamelas de dorso de tipo solutrense e raspadeiras sobre extremo de lâmina. Esta subfase está atestada na camada 2c da Olga Grande 14 e na base da camada 2 da Olga Grande 4 (Aubry, informação pessoal), podendo ainda ser dela contemporânea a U.E. 9 do Fariseu, a avaliar pela data ^{14}C que dela se conhece (GrA-40167 —19.020±80 BP).

A sexta fase (Aubry, 2009g, 354) corresponderá *grosso modo* ao Magdalenense, sendo difícil precisar, com base na estratigrafia, quais os materiais que pertencem a fases mais antigas e aqueles que ocorrem em fases mais recentes deste tecnocomplexo. De facto, esta fase, identificada nas unidades artificiais 5 e 6 da camada 4 da Cardina e na unidade 2b da Olga Grande, dispõe de um conjunto lítico compatível quer com os de fases antigas do Magdalenense da Estremadura quer com os de fases mais recentes, sendo caraterizado pela presença de raspadeiras sobre extremo de lasca ou lasca retocada, lamelas de dorso marginal, lamelas de dorso e lamelas de Areeiro. A esta fase deve pertencer o conjunto lítico da camada 6 do Fariseu, de onde provém a data TL 15.200±1.600 BP (Mercier *et al.*, 2009, 346, tab.6.1-2). Contudo, os efetivos líticos aí exumados "não contém elementos suficientes para permitir uma caracterização tipológica" (Aubry, 2009g, 354). Esta fase apresenta um carácter francamente artificial, refletindo sobretudo a "degradação dos níveis de ocupação por processos erosivos e lacunas de sedimentação, constatados [previamente] na zona da Estremadura (Zilhão e Almeida, 2003) [e que] impedem, também nesta região do interior, a definição com pormenor da sequência intermediária entre o fim do Solutrense e o Dryas III" (Aubry, 2009g, 356). Assim, não só a ela se devem atribuir os materiais referidos como também uma série de datas TL e OSL provenientes da Cardina [neste caso, da camada 8: 20.700±1.300 (Mercier *et al.*, 2009, 345, tab. 6.1-1)] e do Fariseu [da camada 8: 18.400±1.600; da camada 7: 14.300±1.100 e 13.700±1.000; da camada 6: 15.200±1.600 (Mercier *et al.*, 2009, 346, tab.6.1-2)].

A sétima fase (Aubry, 2009g, 355-356) é atribuída ao Magdalenense final/ Azilense e carateriza-se pela presença de raspadeiras unguiformes e pontas azilenses. Está atestada no topo da U.e. 4 da Cardina I, na U. E. 2 da Cardina 2, na base da U.E. 3 da Quinta da Barca Sul e na U.E. 4 Fariseu, para além de na U.E. 5 do Prazo (Monteiro-Rodrigues,

2011, 141), estação já localizada nos limites orientais do planalto beirão, mas ainda muito perto do vale do Côa[72]. Esta fase encontra-se datada por três datações TL provenientes da U.E. 3 da Quinta da Barca Sul — 11.900±1.100, 11.600±1.200 e 12.700±1.000 (Mercier *et al.*, 2009, 345, tab.6.1-1) —, por três datações TL da camada 4 do Fariseu — 11.000±1.100, 10.800±1.700 e 11.800±900 (*idem*, 346, tab. 6.1-2), por três datações ^{14}C sobre amostras recolhidas na camada 4 do Fariseu — GX-32147-MAS (8930±80 BP), Beta-213130 (10.510±40 BP) e Ua-32645 (9830±130 BP) (Aubry & Sampaio, 2009b, 76-77)[73] e por duas da U.E. 5 do Prazo — GrA-15861 (9410±70 BP) e Ua-20495 (9525±70 BP) (Monteiro-Rodrigues, 2011, 150)[74]

Infelizmente, a intensidade da investigação no Vale do Côa não tem paralelo ao nível da investigação local e regional dos restantes sítios que abordamos neste trabalho. Importante exceção corresponde ao sítio do Medal, no vale do Sabor, sobre as ocupações paleolíticas do qual foram já publicadas algumas informações (Gaspar, 2014, 42-45; Gaspar *et al.*, 2015; 2016a; 2016b; Figueiredo, 2014, 18-20; Figueiredo *et al.*, 2014a; 2014b; 2016; Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015). Este sítio, atualmente submerso pela barragem do Sabor, correspondia a um terraço da margem esquerda daquele rio, localizado a cerca de nove metros acima do seu leito. O sítio localizava-se a cerca de sete quilómetros para montante da foz da ribeira da Sardinha, na margem esquerda da qual se encontra rocha historiada com grafismos paleolíticos (v.g. Baptista, 2009b, 196-197).

Neste terraço foram identificadas ocupações humanas de diversos períodos (Gaspar, 2014; Gaspar *et al.*, 2014), mas apenas nos referiremos àquelas atribuídas ao Paleolítico superior. Estas ocupações não se identificam necessariamente nas mesmas áreas. Assim, as ocupações do "Paleolítico superior antigo", do Gravettense e do Magdalenense apenas se observam na margem direita da ribeira do Medal, linha de água que atravessa o terraço, dividindo-o em dois sectores (Gaspar *et al.*, 2015; 2016a). Os vestígios do Solutrense só se encontram na margem esquerda (Gaspar *et al.*, 2015). Infelizmente, o nível de precisão cronológica dentro dos tecnocomplexos referidos é ainda pouco conhecido, sendo apenas levantada como hipótese a pertença da ocupação solutrense à sua fase média (Gaspar *et al.*, 2015, 558). Relativamente à ocupação Magdalenense sabemos ser anterior a nível datado por OSL de 12.350±930 BP (Gaspar *et al.*, 2016b, 7, tab. 2, datação X6566). Já a datação *post quem* para esta ocupação é mais difícil de precisar. De facto, sob o nível magdalenense (U.E. 1055) foram datadas amostras recolhidas na camada 1098, na camada 1134 (coberta pela 1085, que é, por sua vez, coberta pela referida 1098), na camada 1332 (coberta pela anterior) e na 1297 (coberta pelas duas anteriores) (Gaspar *et al.*, 2016b, 7, tab. 2). Da camada 1098 provêm as datas UGA 13OSL-865 e X6263 cujos valores são muito díspares — 32.2840±2840 e 19.200±4630 BP. Da 1134 provêm outras duas datações (UGA 13OSL-862 e X6565), cujos intervalos se acabam por sobrepor parcialmente — 39.800±4540 e 32.700±2540. Da camada 1332 conhece-se uma data TL (BXS1) e uma ^{14}C (GrA-56779), fornecendo a primeira o resultado 25.100+2.600/-2.300 BP, e a segunda o resultado 27.500+140/-130 BP. Finalmente, da última camada referida provém a data OSL X6562, cujo valor é de 28.910±9.600. A equipa responsável pela escavação do sítio considera anómalas todas as datas em torno dos 30.000, uma vez que se decanta pela maior precisão das datas AMS relativamente às resultantes da termoluminescência, só retendo as que se conformam com o resultado GrA-56779 (*idem*, 8-11). Contudo, se calibrarmos a data AMS[75], verificamos que, muito provavelmente, serão as datas mais recentes que terão de ser revistas, uma vez que o resultado da calibração é o seguinte: 31.572—31.106 calBP[76]. Deste modo, a camada 1055, sendo mais antiga ou contemporânea do intervalo 13.280-11.410 BP, pode ser de qualquer época mais antiga até há cerca de 30.000 anos!!!

Se as ocupações do Medal oferecem um importante contexto para a arte rupestre dispersa pelo vale, assim como um importante elemento de comparação com os sítios de habitat do vale do Côa, o grande contributo do sítio para a

72 Não percamos de vista que o vale do Côa se encontra nos limites ocidentais da Meseta, encontrando-se o seu troço terminal a cerca de dez quilómetros para leste do limite entre esta unidade geomorfológica e o planalto beirão, limite esse que coincide *grosso modo* com o *graben* de Longroiva e o vale da Vila, ambos com um desenvolvimento sul-norte, paralelo, portanto, ao vale do Côa (Ferreira, 1978, 81).

73 Cuja calibração a 2 sigma oferece os seguintes resultados: GX-32147-MAS — 10.234-9764 calBP; Beta-213130 — 12.601-12384 calBP (94,1% de probabilidade), 12.266-12.244 calBP (1,3% de probabilidade); Ua-32645 — 11.759-11.056 calBP (83,5% de probabilidade), 11.036-10.781 calBP (11,9% de probabilidade).

74 Cuja calibração a 2 sigma oferece os seguintes resultados: GrA-15861 — 11.068-10956 cal BP (6,1% de probabilidade), 10.864-10.850 (0,5% de probabilidade), 10.800-10.478 (86,6% de probabilidade) e 10.468-10.424 calBP (2,2% de probabilidade); Ua-20495 — 11.126-10.650 calBP (93,1% de probabilidade) e 10.624-10.595 calBP (2,3% de probabilidade).

75 A não ser que a data se encontre já calibrada. Nesse caso não há qualquer menção no texto a esse facto.

76 Se tomarmos como referência da tolerância o valor de 140.

datação das nossas classes prende-se com a sua coleção de arte móvel (Figueiredo, 2014, 18-20; Figueiredo *et al.*, 2014a; 2014b; Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015; Figueiredo *et al.*, 2016). De facto, no sítio foram exumados mil quinhentos e onze fragmentos de peças de xisto ou grauvaque com evidências gráficas (Figueiredo *et al.*, 2016, 67), tendo mil duzentas e cinquenta e sete provindo da U.E. 1055, atribuída ao Magdalenense (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1574), vinte e quatro de contextos gravettenses e quatro de contextos solutrenses, existindo ainda duzentas e vinte e seis peças exumadas em contextos indefinidos (Figueiredo *et al.*, 2016, 67). Ainda pouco se conhece deste conjunto, tendo sido dadas a conhecer algumas peças da camada Magdalenense (Figueiredo, 2014, 18-20; Figueiredo *et al.*, 2014a; 2014b; Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015) e, mais recentemente, do Gravettense e do Solutrense (Figueiredo *et al.*, 2016, 69-73).

Relativamente às peças do Gravettense, apenas se identificou uma com repertório figurativo (peça 5252), designadamente o que parece corresponder à zona ventro-cranial de um auroque (Figueiredo *et al.*, 2016, 69-70, fig. 4). Como referem os autores, esta figura apresenta claros paralelos na arte arcaica francesa. Os autores apenas referem como paralelos bloco proveniente de La Ferrassie, estação que é, contudo, datada do Aurignacense (Delluc & Delluc, 1978, 277-325). Paralelos mais conformes à data do contexto de onde provem a peça do Medal encontram-se, por exemplo, na gruta de Cussac (Jaubert *et al.*, 2012, e bibliografia anterior aí citada) e de Gargas (Barrière, 1976). Mais relevante é o facto da figura do Medal não se encontrar formalmente distanciada de **Fr01-57**, designadamente no que toca à forma e perspetiva dos membros, pese embora no Medal estes sejam os dianteiros e no Fariseu os traseiros.

Do Solutrense apenas se recolheu uma peça com uma unidade figurativa (peça 403), correspondente à cabeça de um cavalo (Figueiredo *et al.*, 2016, 70, fig. 5, 73). Embora muito reduzida, o que resta dos bordos da cabeça, designadamente o estrangulamento que se verifica junto da goela e da fronte remete para equídeos que na nossa análise foram integrados na classe 2 (v.g. **Pi02-01**, **Pi02-04**, **RV07-01**) e para outros que, não tendo sido integrados nas análises se encontram em sítios dominados pela classe 2, como é o caso de La Griega. Como se referiu acima, o nível de precisão cronológica dentro do Solutrense é ainda vago, sendo apenas levantada como hipótese a pertença da ocupação à sua fase média (Gaspar *et al.*, 2015, 558).

O conjunto mais conhecido é datado do Magdalenense. Sabe-se que este é constituído sobretudo por fragmentos de peças (97% dos casos), medindo 80% delas menos de 10 cm de comprimento e 1 cm de espessura (Figueiredo *et al.*, 2014b, 431). Deste modo, não é de estranhar que, se se tiver em conta apenas o repertório figurativo, apenas se tenham contabilizado na U.E. 1055 o número máximo de sessenta e sete peças (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1576). Nestas sessenta e sete peças foram identificados noventa e dois motivos figurativos[77], correspondendo a maior parte destes a capríneos, a que se seguem os cavalos e os auroques, sendo os cervídeos muito raros e a figura humana residual — apenas uma figuração identificada (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1576). Do ponto de vista morfológico foram isolados pelos autores dois estilos: um mais esquemático e outro mais naturalista (Figueiredo *et al.*, 2014a, 18), cujas diferenças foram, em artigo mais recente, interpretadas como reflexo de um distanciamento temporal entre ambos, embora continuem a ser os dois atribuídos ao Magdalenense (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1577). Se aceitarmos esta última hipótese, é forçoso questionarmos a "integridade da coleção" (*idem*, 1575).

A análise fatorial a que procedemos integrava os motivos do Medal que então conhecíamos nas nossas classes 2 (de cabras-monteses) e 3 (de cavalos). Com a saída do artigo de 2015 observamos que alguns dos motivos entretanto dados a conhecer confirmam esses resultados (como o auroque e a cabra-montês da placa 5879) mas outros não se integrarão necessariamente nessas classes (como os cavalos da placa 5154). De facto, a análise estilística só por si, assim como a análise fatorial por nós realizada, já permitia perceber estarmos em face de manifestações gráficas magdalenenses. Mas que fase do Magdalenense? Esta pergunta, crucial quanto a nós, porquanto poderá contribuir para a compreensão da relação entre as classes 2 e 3 de cavalos e auroques, só conseguirá ser respondida com o estudo aprofundado da U.E. 1055. Já vimos, páginas atrás, que motivos da mesma peça podem ser adscritos a classes diferentes (como nas peças do Vau ou de Villalba), mas nos casos publicados do Medal os dois estilos identificados não parecem coexistir nas mesmas peças, o

77 No mesmo texto são referidos, páginas antes, 170 motivos zoomórficos (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1573-1574). Corresponderão os sessenta e dois motivos "em excesso" aos presentes nas peças de outras camadas que não a u.e. 1055? Neste caso, será de admitir que sessenta destes encontram-se em peças provindas de contextos mal definidos. Já em 2016, são apenas contabilizados noventa e um motivos, tendo-se ignorado o antropomorfo (Figueiredo *et al.*, 2016, 74).

que dá mais força à hipótese dos dois momentos cronológicos e da heterogeneidade cultural da U.E. 1055.

Ainda na nossa zona de estudo, mas não associadas a nenhum sítio com arte ao ar livre, conhecemos outras estações onde foram exumadas peças de arte móvel. Uma destas estações corresponde ao sítio do Vau (Oliveira de Frades, Viseu). Esta peça foi por nós descrita (Santos & Barbosa, 2015), nela se identificando, entre repertório não figurativo variado, cinco cavalos e três antropomorfos (Fig. 4.1). A peça apareceu no interface "entre a U.E. 005 e os depósitos de *debris flow* de vertente no Sector Sul" do sítio (Ameijenda *et al.*, 2015, 120). Será coeva de um momento de remobilização ocorrido após a formação da U.E. 005, camada que os autores atribuem, com reservas, ao Gravettense (*idem*, 162). Este momento de remobilização poderá, consequentemente ser coevo da fase erosiva pré-evento Heinrich 1 identificada no Côa.

Outras três peças — uma encontrada no abrigo da Palha (Braz & Gaspar, 2003), outra na gruta do Caldeirão (Zilhão, 1988) e uma última no sítio de La Dehesa (Fabián, 1986; 1997) — apenas dispõem de motivos geométricos ou indeterminados, pelo que não nos ajudam particularmente no problema que agora abordamos. Outros dois sítios apresentam contudo alguns dados de interesse.

Um destes sítios corresponde à Buraca Grande (Aubry, Moura & Zilhão, 1992; Aubry & Moura, 1993; 1995; Aubry, Fontugne & Moura, 1997). Trata-se de uma cavidade localizada no Vale do Poio Novo (serra de Sicó, no norte da Estremadura portuguesa) onde se identificaram níveis conservados do Gravettense, Proto-Solutrense, Solutrense médio e superior, assim como evidências de uma ocupação Magdalenense, pese embora sem níveis conservados (Aubry, Moura & Zilhão, 1992; Aubry, Fontugne & Moura, 1997)[78]. Esta última ocupação está atestada pelas datações ^{14}C efetuadas sobre uma esquírola de osso e sobre uma baguete semirredonda também em osso, cujos resultados são os seguintes: GifA 96307 — 11.390± 110 BP e OxA-5522 — 13.050±100 BP (Aubry *et al.*, 2008, 16)[79]. Pese embora a importância da baguete porque evidencia contactos com a zona cantábrica durante o período de que foi datada, para o assunto que agora abordamos interessa-nos destacar a placa de xisto gravada que foi encontrada no sítio (Aubry & Moura, 1993). Nesta apenas se identifica com clareza um cavalo que pelas suas caraterísticas morfológicas se pode integrar numa das classes intermédias deste tema. Tal atribuição é, aliás, reforçada pela técnica utilizada para gravar este animal — a incisão reiterada —, que, como foi já referido (ver nota 71), é mais utilizada durante a vigência destas classes. Infelizmente a peça não foi encontrada num contexto seguro (Aubry & Moura, 1993, 13). Se a chamamos à colação é porque, embora no sítio se tenham apenas identificado níveis conservados dos tecnocomplexos referidos atrás, a pertença desta placa a momentos magdalenenses cujos níveis não se conservaram é altamente provável. Incidentalmente, será ainda de destacar neste sítio a evidência do episódio erosivo anterior ao evento Heinrich 1, designadamente entre o Solutrense médio e superior (Aubry *et al.*, 2008; 2011).

A outra estação que desejamos destacar é a Pena de Estebanvela, localizada na província de Segóvia, cerca dos limites nordeste da nossa área de estudo. Aí foram escavados níveis arqueológicos que contém vestígios de ocupações humanas desde a fase média do Magdalenense até à sua fase terminal (Cacho, Ripoll & Muñoz, coords., 2007; Cacho, coord., 2013). Neste importante sítio foi exumado um conjunto de arte móvel composto por quarenta e três peças, onde o repertório não figurativo é dominante, mas onde ainda assim se identificaram três representações de equinos distribuídas por duas peças (Cacho *et al.*, 2001; Ripoll, Municio & LEP, 2001; Ripoll & Muñoz, 2003; Ripoll, 2007; García, 2013). Uma destas figuras foi integrada na nossa análise estatística, tendo sido classificada como da classe 4. A peça onde tal figura se encontra (peça 22) foi exumada no nível 1, datado tecno-tipologicamente e pelo radiocarbono do Magdalenense final (García, 2013, 485)[80]. A outra peça com representações de equinos (peça 18) vem do nível abaixo, atribuído também ao Magdalenense final, mas com datas ^{14}C ligeiramente mais antigas (García, 2013, 481)[81]. Esta coleção apresenta algumas caraterísticas que justificam que sobre ela nos detenhamos umas linhas.

78 Para além de ocupações holocénica sobre as quais não nos debruçaremos aqui (v.g. Aubry, Fontugne & Moura, 1997).

79 A calibração a 2 sigma das datas fornece os seguintes resultados: GifA 96307 — 13.446-13.066 calBP; OxA-5522 — 15.957-15.287 calBP.

80 Deste nível foram consideradas válidas as datas Beta-290779 — 10.640±60 BP [12.716-12.526 calBP (92,2% de probabilidade); 12465-12435 (3,2% de probabilidade)], Beta-155114 — 11.060±50 BP (13.062-12.790 calBP), Beta-155113 (13.138-12892 calBP) e Beta-287754 — 11330±50 BP (13.280-13082 calBP) (Jordá & Cacho, 2013, 78, 81-83).

81 Foram consideradas válidas as datas Beta-155116 — 11.400±120 BP (13.468-13.056 calBP), Beta-228872 — 11.530±70 BP (13.492-13.211 calBP) e Beta-197376 —11.700±70 BP (13.724-13405 calBP) (Jordá & Cacho, 2013, 78, 81).

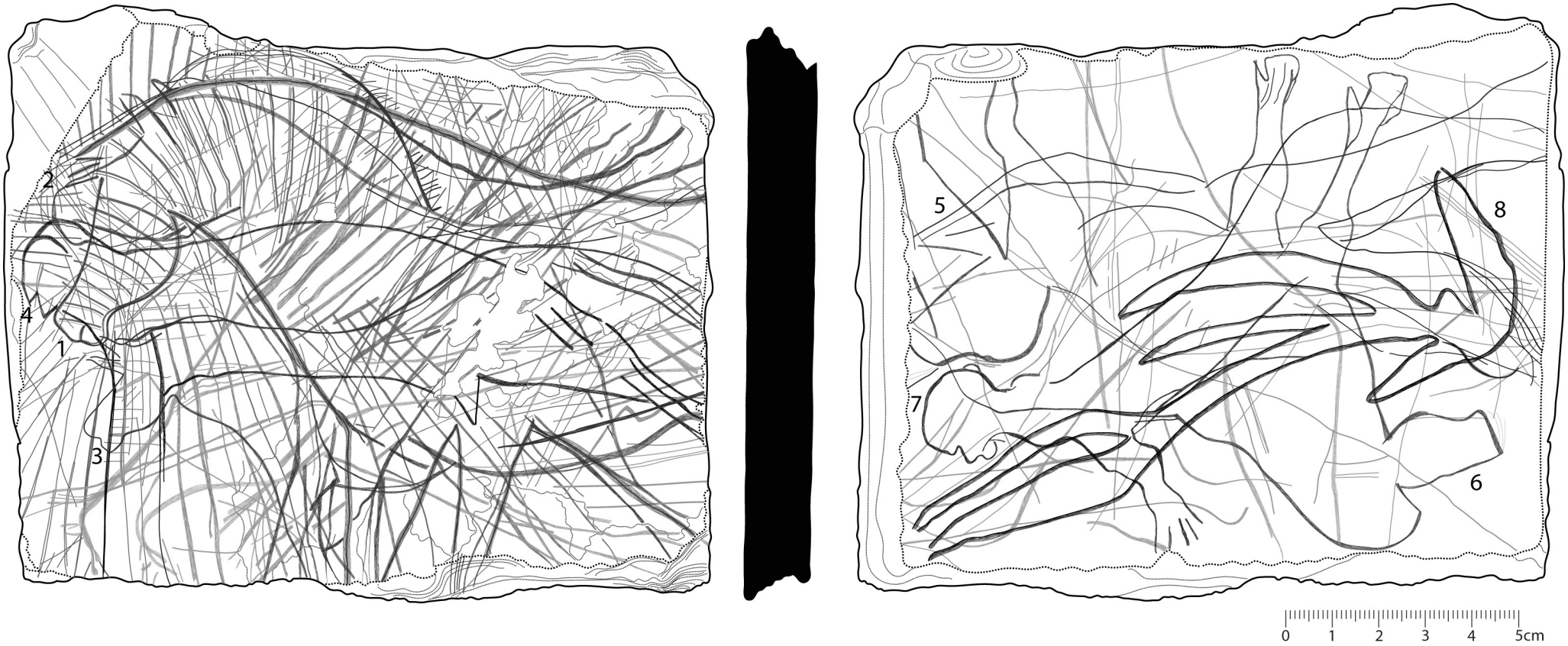


Fig. 4.1: Placa do Vau (decalque de Fernando Barbosa); 1 a 3 e 5 e 6: cavalos; 4 e 7: antropomorfos; 8: esta figura, se a placa se orientar com o lado esquerdo como topo, parece configurar um antropomorfo, mas se a peça se orientar na posição inversa, parece configurar as hastes e orelhas de um cervídeo, motivo conhecido da arte paleolítica magdalenense.

Assim, embora o único motivo desta coleção integrado na nossa análise tenha sido atribuído à classe 4, não podemos deixar de salientar as diferenças entre esta série, a do Fariseu e a série parietal do Côa atribuída à classe 4. Referimo-nos evidentemente ao peso do repertório não figurativo na série de Estebanvela. Se a diferença relativamente aos dispositivos parietais se poderia dever a um condicionalismo dos suportes, tal argumento não pode explicar as diferenças relativamente ao conjunto móvel do Fariseu. Registe-se também a originalidade dos temas figurativos de Estebanvela, que se verifica não só quando comparamos os seus grafismos com os do Côa, mas também com o de outras áreas da Península, designadamente do Sudeste, onde cervídeos e capríneos assumem o papel central. Poderão as diferenças temporais entre a camada mais recente de Estebanvela e, a camada 4 do Fariseu explicar esta diferença? Ou dependerá a centralidade dos temas do peso das diferentes espécies na alimentação de quem produz a arte? Tal aspeto poderá explicar as diferenças ao nível do repertório figurativo, uma vez que em Estebanvela o cavalo foi a espécie mais consumida (Yravedra & Andrés, 2013), espécie que não foi identificada no Fariseu, ao contrário do veado (Gabriel, 2008), tema mais representado na arte móvel e suportes parietais do Côa atribuível às classes terminais. As diferenças ao nível do peso do repertório não figurativo ficam, no entanto, por explicar.

Outro aspeto de suma importância da coleção da Peña de Estebanvela prende-se com as diferenças entre os equino das placas 22 e 18, diferenças que García valoriza para defender uma progressiva esquematização das formas (García, 2013, 504). Se é verdade, como refere aquele autor, que o número de peças com este tipo de motivos exige cautela nas interpretações que se possam fazer (García, 2013, 503), também o é que, tendo em conta os resultados da nossa análise estatística, talvez se possam valorizar as diferenças detetadas entre aquelas duas peças separadas entre si cerca de 500 anos. De facto, se o animal da peça mais recente foi integrado na classe 4, os da peça mais antiga (não integrados na análise porque reduzidos às cabeças) apresentam caraterísticas que ocorrem apenas na classe 3, como o olho amendoado, a orelha contornada ou a representação da boca. A estratigrafia da Peña de Estebanvela revela assim a sequência entre as nossas duas classes (e fases) mais recentes, podendo os animais da peça 18 refletirem os momentos finais da nossa fase 3, que ficariam assim datados da primeira metade do décimo quarto milénio calBP.

Até ao momento temos visto que não só a sequência proposta entre as classes por nós se confirma, como as restantes evidências arqueológicas da região nos dão pistas para a datação daquelas. É neste momento que pensamos ser útil confrontarmos os resultados a que temos chegado com a datação dos paralelos que encontramos na Península Ibérica e em França para cada uma das classes identificadas e, desta forma, tentar inferir a contração e expansão dos contactos a longa distância ao longo do tempo. Se for correta a hipótese do clima mais rigoroso potenciar uma intensificação dos contactos (*sensu* Zilhão, 2003), será de prever que os paralelos para as fases 1 (até ao evento Heinrich 2) e 4 (contemporâneas do Dryas recente) se distribuam por uma área mais vasta que aquela por onde se distribuem os das fases intermédias (cfr. fig. 0.2). Vejamos então o que ocorre.

4.3. Os paralelos estilísticos

4.3.1. Fase 1

Os motivos desta fase encontram-se no Côa, no Sabor, em Mazouco, no Ocreza, Redor do Porco, Foz Tua e residualmente, em Siega Verde. Na Meseta sul podemos encontrar paralelos para estes grafismos nas grutas de El Niño e de El Reno.

Em El Niño (Gárate & García, 2011, e bibliografia anterior aí citada) destacamosos grafismos A.I.9, A.I.10, B.II.5 e B.II.6 do inventário dos autores atrás referidos. Os dois primeiros encontram-se sobrepostos por um dos veados que se encontram na gruta (A.I.8). Estes veados, assim como dois machos de cabras-montês presentes na mesma composição apresentam caraterísticas estilísticas mais complexas, o que levou diversos autores a admitirem a existência de duas fases gráficas na gruta. Fortea atribuiu estes dois animais, assim como as grafias A.I.5 e A.I.6 de Gárate e García, interpretadas igualmente como cervas, ao Solutrense médio ou superior, sendo as restantes figuras atribuídas ao Magdalenense (Fortea, 1978, 137). Também Balbín e Alcolea defendem a existência de duas fases, se bem que não tão distanciadas no tempo, devendo todo o repertório da gruta ter sido executado entre o fim do Solutrense e as primeiras fases do Magdalenense

(v.g. Balbín & Alcolea, 1994, 134), aproximando-se assim da atribuição cronológica da primeira publicação sobre o sítio (Almagro, 1971, 43). Mais recentemente, Gárate e García admitem não se poder decantar por uma das hipóteses possíveis (sincronia ou não do repertório). Dão, no entanto, a conhecer datação efetuada sobre osso recolhido em antiga escavação junto ao painel, cujo valor — 22780±60 BP (UGAMS-7738) — permite a associação de pelo menos algumas pinturas ao Gravettense recente ou ao Solutrense inferior (Gárate & García, 2011, 33)[82]. Relativamente às restantes figuras, pensamos que os paralelos evocados por Balbín e Alcolea há uns anos atrás são ainda válidos. Em abono de uma cronologia tardia para os motivos A.I.5 e A.I.6, que interpretamos como fêmeas de cabra-montês, refira-se o paralelismo destas figuras não só com a da composição n.º 17 de Los Casares (Cabré, 1934, Lam. XIII), como com grafismos do Côa (v.g. **CM07-04** e **CM07-05**), ou mesmo de peças do Medal, estas últimas provenientes de um contexto magdalenense (v. g. Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1582, fig. 9).

De El Reno (Alcolea *et al.*, 1997a; 1997b; 2000) destacamos alguns dos cavalos, em particular os da série pintada. Por outro lado, pensamos que quer os veados do fundo, quer o cavalo arcaico que se sobrepõe a um destes, devem ser de cronologia algo mais tardia, assunto a que voltaremos mais à frente.

Os grandes animais pintados da sala 1 do Escoural são também bons paralelos para a nossa classe 1. A cronologia da arte da cavidade não é consensual. Glory, Vaultier e Santos começaram por defender uma atribuição aurignacense (1965, 116-117). Posteriormente, Santos, valorizando os supostos paralelos entre algumas figuras e as cervas estriadas da Cantábria rejuvenesce a cronologia destas figuras até ao Solutrense recente/ Magdalenense (1967a, 21-27), cronologia que acaba por estender às restantes (1972, 25). Em 1981 defende-se a existência de uma fase atribuída ao Solutrense, composta pelas figuras que paralelizamos com as nossas da classe 1 e de uma que se prolongaria pelo Magdalenense (Santos, Gomes & Monteiro, 1981, 238).

Esta proposta é depois aprofundada por Varela Gomes, defendendo o autor, a existência de três fases (1983, 60): uma primeira atribuída a um período entre o Aurignacense e o Solutrense antigo onde se integrariam as pinturas e as gravuras incisas de perfil largo e profundo; uma segunda atribuída ao Magdalenense, onde se deviam integrar as figuras incisas com traço mais fino, designadamente os animais estriados; uma terceira fase atribuída ao Magdalenense final mas que podia prolongar-se pelo Holoceno, onde se integrariam uma série de "signos geométricos e de figuras abstractas, manchas de traços, escalariformes e reticulados". Esta cronologia vai posteriormente sofrendo ajustes pontuais. Pelo menos desde 2002 que Varela Gomes defende que a primeira fase deverá ser atribuída ao Gravettense final/ Solutrense antigo e médio, a segunda ao Solutrense superior e Magdalenense Inicial e a terceira ao Magdalenense médio e final (Gomes, 2002, 155).

Marylise Lejeune atribui a maior parte das figurações do Escoural ao Solutrense, admitindo que determinados temas não figurativos possam prolongar-se pelo Magdalenense antigo e até pelo Holoceno(1995, 144-145).

Já João Zilhão, admitindo a existência de pelo menos duas fases de pintura/gravação e que ambas teriam que ter deixado vestígios arqueológicos na gruta, atribui a fase mais antiga (designadamente as pinturas) ao Aurignacense (atestado na gruta por um conjunto de lamelas Dufour) e a mais recente ao Solutrense (atestado pelas folhas de loureiro) (Zilhão, 1997b, vol. II, 106).

Entretanto, foi chamada a atenção para a semelhança entre as grandes pinturas da gruta e as gravuras picotadas do Côa (Guy, 2000; 2002). Esta similitude leva García e colaboradores a atribuírem a fase mais antiga do Escoural ao Gravettense ou ao Proto-solutrense (2000, 10-11). A segunda fase, composta pelas restantes figuras gravadas, deveria ser adscrita ao Solutrense superior e/ou Magdalenense inferior, embora se admitisse uma distância temporal entre a execução das figuras preenchidas no interior e a daquelas não preenchidas (García *et al.*, 2000, 11).

Corchón atribui a fase mais antiga do Escoural ao Solutrense final/ Magdalenense inicial, e a maioria das gravuras e mesmo de "*los toscos perfiles de cabezas equinas y cuartos traseros de tratamiento subnaturalista, en negro y rojo*" ao Paleolítico final—Epipaleolítico, podendo esta fase atingir o Neolítico/ Calcolítico (Corchón, 2008, 219-220).

Quanto a nós, julgamos que a cronologia da arte do Escoural, tendo em conta os dados atualmente disponíveis, só se conseguirá inferir a partir de paralelos estilísticos, designadamente de sítios datados do sul peninsular, sobre os quais

82 Calibração a 2 sigma: 27.392-26.940 calBP.

nos debruçaremos adiante. Como veremos, pensamos não ser possível atribuir as figuras mais antigas do Escoural a uma data posterior ao Solutrense antigo ou médio.

No âmbito mais alargado da arte paleolítica, os paralelos que encontramos para as figuras da nossa fase 1 (e para as figuras mais antigas do Escoural) são invariavelmente atribuídos a momentos pré-magdalenenses. Em França encontramos figuras semelhantes nas paredes ou blocos das grutas e abrigos de La Croze à Gontran, Laussel, Oreille d'Enfer e Fongal (Dordonha), Pair-non-Pair e Labattut (Gironda), Marcenac e Pech-Merle (Lot), Mayenne-Sciences (Mayenne) e Tête-du-Lion (Ardèche). Na Península Ibérica, encontramos importantes paralelos para as figuras da nossa fase 1 no sector exterior de Hornos de la Peña, em Altamira, Micolón, Castillo e La Luz (Cantábria), em Venta Laperra e El Rincón (País Basco), em La Lluera I e La Viña (Astúrias), em Fuente del Trucho (Aragão), nos sítios de La Pileta, Nerja, Piedras Blancas, Malalmuerzo, Ardales, El Toro, El Ciervo, El Moro, La Jara 1, Atlanterra, Cueva Horadada e El Caminante (Andaluzia) e em Parpalló (País Valenciano).

Na Croze à Gontran (Delluc & Delluc, 1991, 35-55 e bibliografia anterior aí citada) destaque-se os paralelos evidentes dos animais do seu painel 8 (Delluc & Delluc, 1991, 47-51) com os da nossa fase 1. Nesta gruta foram encontrados materiais, entretanto desaparecidos, mas ainda observados por Breuil, que os atribui a um velho Aurignacense (Capitan, Breuil & Peyrony, 1914, 277). A atribuição cronocultural das gravuras tem, contudo, sido feita sobre bases estilísticas, gravitando entre o Aurignacense e o Gravettense (v.g. Breuil, 1985 [1952], 306; Delluc & Delluc, 1991, 54-55), até porque, como tem sido apontado por várias vezes, o "velho Aurignacense" do princípio do século XX tanto poderá remeter para este tecnocomplexo como para o Gravettense (v. g. Petrognani, 2013, 61).

De Laussel (Delluc & Delluc, 1991, 175-194, e bibliografia anterior aí citada) interessam-nos como paralelos alguns dos animais encontrados nos blocos exumados no sítio (Lalanne & Bouyssonie, 1941-1946, 142-148, figs. 100 a 108), cujos paralelos técnicos e morfológicos com as nossas figuras da fase 1 são evidentes. Referimo-nos, em concreto às cabeças de cavalo. No sítio identifica-se uma estratigrafia compreendida entre o Mousteriense e o Solutrense (Delluc & Delluc, 1991, 177). Se o aparecimento da "Vénus com o corno" e da "Vénus com cabeça quadriculada" na camada gravettense é indubitável, a figura masculina e a "Vénus de Berlim" encontravam-se acima desta camada, e a placa com as duas personagens afrontadas na base da do Solutrense inferior (Roussot, 1984b, 168). Infelizmente, as informações que temos relativamente ao contexto das placas com os animais não são tão precisas, exceção feita à placa com as duas cervas, exumada perto do bloco com a personagem masculina (Delluc & Delluc, 1991, 193). Será assim mais rigorosa a atribuição de Leroi-Gourhan para estes blocos ao Gravettense e/ou ao "inter-gravetto-solutrense" (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 443) — que a que considera que os pequenos blocos com figurações animais poderiam ser aurignacenses (Petrognani, 2013, 58).

Já os motivos do painel de Oreille d'Enfer (Delluc & Delluc, 1991, 194-202) remetem-nos para figuras da nossa fase 1, como as gravadas ma rocha 11 da Quinta da Barca. Trata-se de importante estação porquanto este painel estava coberto por níveis do Gravettense (Perigordense V) (Delluc & Delluc, 2003, 26).

Ainda na Dordonha, merece referência o abrigo de Fongal (Delluc & Delluc, 1991, 148-151), de onde provém bloco, atualmente desaparecido, com um animal picotado semelhante aos de Oreille d'Enfer e aos referidos da Quinta da Barca. Do pouco que da estação se sabe, podemos presumir tratar-se de um sítio gravettense.

As similitudes dos animais de Pair-non-Pair (Lenoir *et al.*, 2006, e bibliografia anterior aí citada) com os nossos da fase 1 são mais que evidentes, manifestando-se ao nível dos cavalos, das cabras-monteses e até dos bovinos, quer ao nível da técnica, quer das formas. Importa portanto reter o facto de que a relação entre a estratigrafia do sítio e os grafismos aí presentes demonstram que estes são necessariamente contemporâneos ou anteriores ao Gravettense antigo (Delluc & Delluc, 2006, 26).

Do abrigo de Labattut (Delluc & Delluc, 1991, 151-166, e bibliografia anterior aí citada) merece destaque o cavalo gravado sobre bloco, encontrado entre duas camadas gravettenses (Delluc & Delluc, 1991, 153).

Ao contrário dos sítios anteriores, classificados por Leroi-Gourhan como do seu período II, Marcenac foi integrado no período IV (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 546). Contudo, Lorblanchet atribui o dispositivo parietal da gruta a momentos arcaicos da arte do Quercy, isto é, ao Gravettense (Lorblanchet, 2010, 242-243). Ambos os autores utilizam

argumentos estilísticos para defenderem as suas propostas. Consideramos, no entanto, que a posição de Lorblanchet é mais parcimoniosa pela natureza das suas comparações com sítios bem datados das imediações, nomeadamente Pech-Merle, a que voltaremos adiante. De Marcenac, destacamos como paralelo o cavalo negro do fundo da cavidade, cavalo esse que é justamente paralelizado também com os cavalos do "friso negro" de Pech-Merle (*idem*, 242).

E é precisamente nesse painel de Pech-Merle, conhecido coloquialmente como "friso negro", que vamos encontrar alguns dos mais fortes paralelos para os nossos grafismos da fase 1, designadamente auroques e cavalos (v.g. Lorblanchet, 2010, 59-101). Mas são inúmeros os paralelos para esta fase que se encontram nesta gruta do vale do Lot, em França. Assim, para além dos auroques e cavalos do "friso negro", citemos, sem preocupação de exaustividade, o auroque gravado da cascata estalagmítica da "sala pré-histórica" (*idem*, 138) ou os cavalos da "jaula do Leão" (*idem*, 186-188). Se bem que Lorblanchet considere que estes exemplos pertencem a três diferentes "santuários" (embora um destes com uma relação indefinida com os dois remanescentes, que aparecem um a seguir ao outro), atribui-os todos ao Gravettense. Recordemos que de Pech-Merle provem uma datação ^{14}C (GifA 95357) de um dos cavalos pontuados, atribuídos por Lorblanchet ao "santuário" mais antigo: 24.600±390 BP (Lorblanchet, Cachier & Valladas, 1995)[83].

Na gruta de Mayenne-Sciences (Pigeaud, 2004b) encontramos também uma série de equinos que fornecem bons paralelos para os nossos da fase 1. Revestem-se de especial importância, porquanto deles provêm duas amostras datadas pelo radiocarbono cujos resultados correspondem a 24.220±850 BP (Gif A 100 647) e 24.900±360 BP (Gif A 100 645) (Pigeaud, 2004b, 127)[84].

Na gruta de Tête-du-Lion (Combier, 1984d) encontra-se auroque pintado muito semelhante aos da nossa fase 1. Trata-se de sítio de enorme importância, nele se tendo identificado um solo arqueológico, muito provavelmente ligado à execução daquela pintura, do qual provêm duas data ^{14}C: Ly 847 — 21.650±800 BP (*idem*, 597) e GifA 10296/SacA 23069 — 22.120±150 (Monney *et al.*, 2014, 274-276)[85].

No sector exterior de Hornos de la Peña (Rivero & Gárate, 2013, e bibliografia anterior aí citada) observa-se cavalo muito semelhante aos da nossa fase 1. Infelizmente, a atribuição cronocultural desta figura (e de todo o sector exterior da gruta) tem-se baseado somente em critérios estilísticos, sendo, no entanto, unânime, a sua adscrição a tempos pré-magdalenenses[86].

Da gruta de Altamira destacamos um cavalo profundamente gravado (Breuil & Obermaier, 1935, fig. 50), assim como alguns cavalos do teto, pintados a vermelho (Breuil & Obermaier, 1935, Láms. V.a, VIII). Estes motivos integram série à qual foi recentemente atribuída uma possível cronologia gravettense (Heras *et al.*, 2007). A datação urânio-tório O-53, de amostra recolhida sobre um dos cavalos vermelhos do teto (lâmina Va de Breuil & Obermaier, 1935, pl. Va), forneceu um valor de 22.110±130 (Pike *et al.*, 2012, 1410, tab. 1), garantindo-nos o Solutrense superior como idade mínima para os grafismos zoomórficos da cavidade. No entanto, a amostra O-50 — recolhida sobre o signo de tipo claviforme, também do teto — forneceu a data 36.160±610 (*idem*, 1410, table 1), o que demonstra que na gruta ocorreram episódios de produção gráfica anteriormente à cronologia dos vestígios arqueológicos mais antigos melhor preservados no vestíbulo, que não são anteriores ao Gravettense final (Heras, Montes & Lasheras, 2012). Contudo, o argumento mais forte para uma atribuição gravettense de, pelo menos, os cavalos vermelhos do teto prende-se com a sobreposição de um deles por duas mãos em negativo (*idem*, 488), tipo de motivo para o qual é hoje difícil defender cronologias pós-gravettenses (García *et al.*, 2015).

Em Micolón (García & Angel, 1982) destacamos os cavalos pintados a vermelho (n.ºs 12 e 19 da monografia citada), assim como figura interpretada como urso (n.º 11), que paralelizamos com **Fa06-03**. Pelo menos o "urso" encontra-se sobreposto por uma cerva gravada (Gárate, 2010, 248) que integra conjunto aparentemente mais recente. Ao conjunto pintado tem vindo a ser atribuído uma cronologia antiga, aurignacense ou gravettense (v.g. Gárate & González, 2010, 82;

83 Calibração a 2 sigma: 29.504-27852 calBP. Refira-se que esta data é a única do sítio que Lorblanchet considera relacionar-se com o dispositivo parietal da gruta. Foram efetuadas outras análises sobre amostras, recolhidas no solo ou em escavação, que ora foram interpretadas pelos seus autores como inválidas, ora foram interpretadas por Lorblanchet como testemunhos de frequentações posteriores da gruta (Lorblanchet, 2010, 19-20).

84 Calibração a 2 sigma: 30.555-27060 calBP e 29.860-28.145 calBP respetivamente.

85 Calibração a 2 sigma: 27.608-24.290 calBP e 26.772-25.984 calBP, respetivamente.

86 Em Rivero & Gárate, 2013, 60-61 encontra-se resumo historiográfico, onde se encontra sintetizada a problemática relativa à atribuição cronológica do sítio.

Gárate, 2010, 426; Angulo, García & Gómez, 2011, 61).

Em Castillo merecem referência os cavalos da série amarela recentemente estudados por Diego Gárate (Gárate, 2006a). É, por isso, particularmente relevante que a esta série seja, quase unanimemente, atribuída a um momento antigo, designadamente gravettense (v.g. Breuil, 1985 [1952], 368; Gárate, 2006, 357; Ripoll *et al.*, 2014, 160-161). Já Leroi-Gourhan, considerava que as figuras mais antigas da gruta se deveriam atribuir ao seu estilo III, não fazendo, portanto, recuar a sua cronologia para lá do Solutrense (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 485-487). As novas datações urânio-tório demonstram, contudo, a atribuição de parte do dispositivo ao Aurignacense e ao Gravettense (Pike *et al.*, 2012, 1411-1412).

Em La Luz, um abrigo cântabro onde as gravuras são iluminadas pela luz solar (Montes, Muñoz & Morlote, 2002; García & Eguizabal, 2010), observa-se alguns motivos gravados, designadamente a metade ventral de um quadrúpede e a cérvico-dorsal e quartos traseiros de um outro, cujas morfologias remetem para os nossos motivos da fase 1. No museu de Santander encontra-se uma coleção com alguns materiais líticos exumados no abrigo, que foram adscritos ao Solutrense (Gómez & Chauvin, 1998-2004; 2004; Gómez *et al.*, 2006). As gravuras, contudo, com base em paralelos estilísticos, têm sido atribuídas a um período anterior, entre o Aurignacense e o Gravettense (Montes, Muñoz & Morlote, 2002; García & Eguizabal, 2010)

Não muito longe do abrigo anterior, mas já no País Basco, encontra-se Venta Laperra (García & Eguizabal, 2008 e bibliografia anterior aí citada). Neste sítio foram obtidas duas datações de termoluminescência sobre crostas estalagmíticas — uma delas (MAD-984) recolhida sobre o painel das incisões não figurativas de tipo "unhada do diabo" (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 6, fig. 7) e outra sobre o painel com as gravuras animais (MAD-985) (Arias *et al.*, 1998-1999). Embora as figuras que paralelizamos com as nossas da fase 1 correspondam, na sua maioria, a bisontes, não podemos deixar de destacar a extraordinária semelhança das metades ventrais de ambos os conjuntos. Importa, portanto, reter as datas obtidas, que são respetivamente 25.938±2157 e 25.498±2752 BP (*idem*, 87).

Na gruta de El Rincón (Montes *et al.*, 2005; González & Gárate, 2006; 2007) observa-se, entre outras figurações, um veado e um auroque gravados, passíveis de comparação com as nossas figuras da fase 1, em particular o auroque. A atribuição cronocultural destes motivos tem variado entre os inícios do Magdalenense (Montes *et al.*, 2005, 73) e o Gravettense ou Solutrense (González & Gárate, 2006, 148-149).

No sítio de La Viña (González, 2014 e bibliografia anterior aí citada) encontramos figuras, particularmente as publicadas por Fortea nos anos 80 (Fortea, 1981, 6), que lembram quer algumas figuras integráveis pelas nossas análises na classe 1, quer outras integráveis na classe 2. O sítio é de extrema importância, porquanto estas figuras se integram no segundo horizonte artístico do sítio. Este horizonte poderá remontar, pelo menos, ao Gravettense recente, uma vez que um fragmento decorado da parede apareceu num contexto, que embora perturbado por trabalhos agrícolas ou escavações clandestinas, pertenceria ao "*tramo sedimentário graveto-solutrense*" do sítio (Fortea, 1992, 27). Mais recentemente, contudo, os estudos topográficos no sítio que têm vindo a procurar correlacionar os solos de ocupação com os painéis gravados têm vindo a revelar uma forte correlação entre estes frisos e os solos de ocupação solutrenses (González-Pumariega *et al.*, 2017).

Também em La Lluera I encontramos cavalos e auroques cujos corpos apresentam algumas semelhanças com os da fase 1 (v.g. Fortea, 1989, fig. 2). Contudo, tal como em La Viña, outras caraterísticas destas figuras assemelham-se mais às das nossa fase 2. Ora, este abrigo foi aberto pela última vez durante o Solutrense médio, encontrando-se até aí colmatado por aluviões do Nalón (Hoyos, 1995, 26-27). Mais recentemente, este facto tem vindo a ser valorizado como indicativo da impossibilidade das gravações do sítio serem anteriores ao Solutrense médio (Rodríguez, Barrera & Aguillar, 2012, 246). Sendo tal hipótese provável, o estudo de Hoyos não descarta, no entanto, a hipótese das gravuras terem sido feitas antes da deposição dos aluviões do Solutrense médio do Nalón. Contudo, a semelhança entre o dispositivo de La Lluera e o de La Viña, a forte correlação entre os solos do Solutrense e os frisos do segundo horizonte gráfico desse sítio, a inacessibilidade de La Lluera durante o Solutrense médio e as caraterísticas gráficas destas figuras com particularidades que remetem para as classes 1 e 2 das nossas análises sugerem que o Solutrense (médio ou superior) poderá, de facto, ser o período durante o qual se gravou em La Lluera I.

Na Fuente del Trucho (Utrilla *et al.*, 2012 e bibliografia anterior aí citada) observa-se também bons paralelos para os cavalos e veados da nossa fase 1 (v.g. cavalo invertido do painel XII, cavalos do painel XXII, veado do painel VII). Embora todas as datas de U-Th obtidas sobre amostras localizadas sobre as figurações do sítio (que incluem mãos, pontos e um cavalo) remetam para o Gravettense (Hoffman *et al.*, 2016), Utrilla e colaboradores admitem a existência de fases posteriores, fases essas onde integram algumas dos nossos paralelos, designadamente o cavalo invertido do painel XII, atribuído, por comparação estilística com a arte móvel do Parpalló, ao Solutrense inferior/médio, ou o veado do painel VII, atribuído ao estilo III de Leroi-Gourhan devido à presumível existência de delimitações internas e à forma massiva dos quartos traseiros, igual à do cavalo do painel IV do mesmo sítio (Utrilla *et al.*, 2014, 130-131). Pensamos, no entanto, que ambas as caraterísticas podem aparecer em fases mais antigas. Em abono duma cronologia mais antiga do cervídeo, destaque-se, por um lado, a diferença ao nível dos detalhes entre as patas traseiras do cavalo referido e as do veado e, por outro, a semelhança entre a pata traseira do veado e a dos animais da nossa fase 1, designadamente ao nível do bordo cranial em forma de arco de círculo, caraterística que Guy chegou a apontar como uma das recorrências gráficas na figuração dos animais gravettenses da Europa Ocidental (2000, 417, fig. 1).

Na gruta de La Pileta (Breuil, Obermaier e Verner, 1915; Sanchidrián, 1997) encontramos importantes paralelos, designadamente nos blocos 3, 6 e 9 de Sanchidrián (1997), que este autor atribui, com base nas sobreposições e nos paralelos com as placas do Parpalló, ao Solutrense antigo (blocos 3 e 9) e a um Solutrense não especificado (bloco 6) (*idem*, 425-429). Curiosamente, é de uma figura integrada neste último bloco (*idem*, 418, fig. 6.4) que provém a data ^{14}C GifA 98162 — 20.130±350 (Sanchidrián *et al.*, 2001)[87].

É também a Sanchidrián que se deve o estudo mais exaustivo de Nerja (Sanchidrián, 1994), onde encontramos também paralelos para a nossa fase 1 (cavalo 297, cabras-monteses 119/III, 302, cerva 133/III-IV ou veado 241/I do catálogo de Sanchidrián). Estes motivos foram atribuídos ao Solutrense (*idem*, 239-240), atribuição que se viu reforçada pela datação ^{14}C GifA 98191, efetuada sobre carvões localizados em cornija cerca do veado 240/I referido atrás, cujo resultado foi 19.900±210 BP (Sanchidrián *et al.*, 2001, 18)[88]. A utilização das zonas profundas da gruta durante o Solutrense antigo (ou mesmo Proto-solutrense) parece também confirmada pela datação Beta-271212, cujo valor é 20.980±100 BP (Romero *et al.*, 2012, 1113)[89]. Já as datações Beta-277744 (24.130±140 BP), Beta-271211 (23.800±140 BP) e Beta-298419 (23.880±130 BP) (Sanchidrián, Medina & Romero, 2012, 503) demonstram também a frequentação gravettense desses espaços[90]. De outras duas amostras provêm os valores 35.320±360 BP (Beta-277745) e 14.320±90 BP (Beta-270020) (Romero *et al.*, 2012, 1113), que apontam respetivamente para um momento muito recuado (e problemático) do Aurignacense regional e para o Magdalenense[91]. Veja-se como o único conjunto de datas cujos intervalos se recobrem é composto pelas de cronologia gravettense.

De Piedras Blancas (Martínez-García, 1986-1987), destacamos o cavalo atribuído, com base no estilo, ao Solutrense (Martínez-García, 1986-1987, 54-56).

Outro cavalo, localizado no painel 4 da gruta de Malalmuerzo (Cantalejo, 1983, 64), oferece também importante paralelo. Como todo o dispositivo da gruta, foi atribuído, com bases estilísticas, ao Solutrense (Cantalejo, 1983, 75-81).

Também na importante gruta de Ardales (Cantalejo *et al.*, 2006 e bibliografia anterior aí citada) se encontram alguns paralelos para os nossos motivos da fase 1, designadamente os cavalos IVb8, IV.b.39.e, os presentes nos conjunto IV.B.35.a, IV.B.39.a ou o auroque II.C.6. Trata-se de figuras atribuídas aos ciclos inicial e II do sítio, atribuídos, com bases estilísticas e no estudo das sobreposições, respetivamente ao Gravettense e ao Solutrense antigo (Cantalejo *et al.*, 2014, 182-183).

De El Toro (Fortea & Giménez, 1972-1973; Fortea, 1978, 142-143) refira-se quadrúpede pintado semelhante aos animais da nossa fase 1. Na altura da descoberta foi adscrito a uma fase solutreo-magdalenense (Fortea & Giménez, 1972-1973, 17), cronologia que foi posteriormente recuada para o Solutrense inferior (Fortea, 1978, 143), atribuição

87 Calibração a 2 sigma: 25.224-23444 calBP.
88 Calibração a 2 sigma: 24.454-23447 calBP.
89 Calibração a 2 sigma: 25.600-25.060 calBP.
90 Calibração a 2 sigma: 28.532-27.832 calBP, 28.184-27.618 calBP e 28.257-27.676 calBP respetivamente.
91 Calibração a 2 sigma: 40.795-39.032 calBP e 17.704-17.138 calBP respetivamente.

cultural que é hoje globalmente aceite (v. g Martínez, 2012, 250).

Na gruta de El Ciervo (Bergmann *et al.*, 2006, 119) observa-se veado pintado cuja forma remete para os nossos animais da mesma espécie da classe 1. A cronologia da estação dentro do Paleolítico superior não foi, no entanto, precisada, tendo sido integrada num conjunto de estações atribuídas *grosso modo* ao Solutrense, podendo algumas chegar ao Magdalenense (Martínez, 2008, 254).

Também os cavalos do Vencejo Moro (Mas *et al.*, 1995; Bergmann, 1996) são importantes paralelos para os da nossa fase 1. Aquando das publicações originais foi defendida a existência de uma fase de gravação no sítio atribuída ao Solutrense inferior e de uma atribuída a uma fase superior do tecnocomplexo (v.g. Mas *et al.*, 1995, 73). Contudo, um dos argumentos correspondia às semelhanças entre o prótomo do painel B da estação e os cavalos do painel I e II da gruta de Ambrosio, que eram à altura atribuídos ao Solutrense superior evolucionado e ao Solutrense superior, respetivamente (*idem*, 73). Hoje, defende-se que o cavalo do painel Ia da Cueva Ambrosio (paralelo que não consideramos muito evidente) teria sido gravado durante o Solutrense superior, enquanto os restantes painéis o teriam sido durante o Solutrense médio, uma vez que se encontravam cobertos pela camada IV, do Solutrense superior (Ripoll *et al.*, 2012, 94). De qualquer forma, os nossos resultados estatísticos não apartam formalmente figurações semelhantes a qualquer um dos motivos da estação do Vencejo Moro, razão pela qual não encontramos objeções à caraterização do repertório do sítio como sincrónico. De Cueva Ambrosio, as cabeças dos cavalos vermelhos do painel II assemelham-se às das nossas da classe 1. Contudo a curva cérvico-dorsal muito matizada é algo que as aparta. Como veremos seguidamente, este aspeto é de elevada pertinência para avaliar a validade dos paralelos do sul peninsular, quando reduzidos às cabeças ou a pouco mais que as cabeças.

De qualquer forma, estes paralelos, se bem que devendo ser avaliados com cuidado, não podem ser ignorados. Por isso, referimos também a estação de La Jara 1, onde se observa cabeça de cervídeo (Martínez, 2008, 251-252, fig. 20) muito semelhante a algumas das da nossa fase 1 (v.g. **CI26-07**). Integra também o lote de estações consideradas *grosso modo* do Solutrense, podendo algumas remontar ao Magdalenense (*idem*, 254).

Em Atlanterra (Ripoll & Mas, 1999) foram identificados uma cerva, uma cabeça de cavalo e uma cabeça de quadrúpede muito semelhante à dos nossos auroques da fase 1. Para os autores atrás citados, a cerva e quadrúpede evocariam o Magdalenense superior, enquanto o cavalo remeteria para o Solutrense (*idem*, 4). Para Martínez, apenas a cerva poderia ser considerada magdalenense (Martínez, 2008, 249). No Côa, os três animais, representados com morfologias semelhantes aos de Atlanterra, ocorrem no mesmo contexto (v.g. Fariseu 1) sem que se possa defender uma diferença cronológica entre a feitura de qualquer um deles.

Na Cueva Horadada apenas se conservam bordos cérvico-dorsais (Martínez, 2008, 251-253, 254, fig. 22). Contudo, quer a sua morfologia, quer a técnica utilizada na sua execução remetem indiscutivelmente para os nossos cavalos da fase 1. Trata-se de outra das estações que integram o grupo atribuído globalmente ao Solutrense, se bem que com eventuais exemplos magdalenenses (*idem*, 254).

Na Cueva del Caminante (Bergmann, 2009, 52-54) destaque-se a presença de dois cavalos pintados atribuídos genericamente ao Solutrense (Martínez, 2012, 244).

No Parpalló observa-se painel com cavalo (Beltrán, 2002) muito semelhante a pelo menos um nosso cavalo da fase 1 (**Pn04-06**). Resulta assim particularmente relevante o estudo da relação entre a estratigrafia do sítio e o painel referido, que demonstra a gravação da figura entre o Solutrense inferior e médio (Villaverde, 2006, 76-77). Recorde-se que na rocha da Penascosa onde se encontra o paralelo atrás referido, ocorrem também outros cavalos integrados na classe 2 e que o posicionamento topográfico dessa rocha nos levou a admitir que a sua gravação se tenha dado num momento terminal da fase 1.

Se nos ativermos à coleção de arte móvel do Parpalló verificamos, como Guy (Guy, 1999), mais as diferenças que as semelhanças entre as nossas figuras da fase1 e as representadas na coleção do sítio levantino. De facto, só encontramos alguns vagos paralelismos para as figuras do Côa em três auroques e sete cavalos. Os três auroques correspondem aos das peças 16005 A, 160006 A e 16041, o primeiro datado do Gravettense, o segundo do Gravettense ou do Solutrense inferior e o terceiro do Solutrense inferior (Villaverde, 1994). Relativamente aos cavalos, só encontramos paralelos ao nível das cabeças dos motivos existentes nas peças 16061 A, 16120 B, 16343, 16373, 17989 e 18705 (*idem*), sendo os corpos,

quando aparecem representados, muito diferentes dos do Côa. Aquelas peças distribuem-se pelo Solutrense inferior (as duas primeiras), Solutrense médio antigo (as duas seguintes), Solútreo-gravettense I (a penúltima) e Solútreo-gravettense III (a última) (*idem*). Estas peças demonstram a dificuldade em precisar cronologias com base nos paralelos do Parpalló, assim, como em figuras do sul peninsular reduzidas à cabeça ou à cabeça e pouco mais. De facto, a partir do estudo das placas do Parpalló, as diferenças que Villaverde conseguiu detetar entre as figurações do Gravettense/ Solutrense inferior e as do Solutrense médio e evolucionado prendem-se com critérios ligados ao corpo ou às relações do corpo com a cabeça (Villaverde, 1994, 336-337), algo que evidentemente não é passível de avaliar quando apenas dispomos das cabeças. Refira-se que uma das diferenças prender-se-ia com a "*menor entidad de las líneas cérvico-dorsales en S pronunciada*" (*idem*, 337) a partir do Solutrense médio. Ora, se cabeças do tipo das que se encontram nos níveis gravettenses e solutrenses do Parpalló definem grande parte das nossas figuras da fase 1, estas são também caraterizadas pelas curvas cérvico-dorsais acentuadas, algo que não se verifica nem nas peças da arte móvel do Parpalló a partir do Solutrense médio, nem nos cavalos da Cueva Ambrosio a que nos referimos acima.

É aliás muito difícil encontrar paralelos evidentes na arte móvel para as nossas figuras da fase 1. De facto, mais que apontar semelhanças, podemos talvez falar mais de caraterísticas comuns, tais como a simplicidade das formas, a ausência de detalhes ou a curvatura exagerada dos corpos. Nesta categoria entram algumas peças ibéricas do Gravettense, para além da referida acima do Parpalló — Castillo, Antoliñako koba, Les Mallaetes (García & Ochoa, 2012 e bibliografia anterior aí citada). Contudo algumas das caraterísticas das figurações identificadas por García e Ochoa parecem prolongar-se no tempo, como seja o espaço vazio entre as orelhas das cervas (Petrognani, 2013, 198-199; García & Ochoa, 2012, 365). Aliás, como referem os autores, a série solutrense do Parpalló demonstra uma grande continuidade relativamente aos grafismos precedentes (García & Ochoa, 2012, 369). Tal continuidade é igualmente manifesta na placa de Vale Boi, recolhida em nível do Solutrense médio (Simón, Cortés & Bicho, 2012; Bicho, Simón & Cortés, 2012). Na cornija cantábrica é, no entanto, difícil identificar esta continuidade ao nível da arte móvel, até pela ausência de peças das primeiras fases do Solutrense (v.g. Corchón, 2004). Já em França, ao mesmo tempo que conhecemos peças gravettenses que poderiam entrar na categoria referida acima, como sejam as placas de Gargas (Breuil & Cheynier, 1958, 381-382), ou as seguramente gravettenses de Isturitz — as provenientes do seu nível IV (Rivero & Gárate, 2014) —, encontramos outras com caraterísticas estilísticas mais complexas, como, por exemplo, a do abrigo Labattut (Delluc & Delluc, 1991, 164-165). Tal diversidade reflete aliás o que se passa na arte parietal, uma vez que a par dos sítios que referimos existem outros que, sendo parcial ou totalmente atribuídos ao Gravettense — como Cussac (Jaubert *et al.*, 2012, e bibliografia anterior aí citada), Cosquer (Clottes, Courtin & Vanrell, 2005) ou Gargas (Barrière, 1976) — apresentam caraterísticas mais complexas. Não é assim de espantar que a arte móvel francesa datada do Solutrense[92] não denote, como a do Parpalló, a mesma continuidade relativamente à precedente. As exceções a esta regra seriam as peças das camadas IIIa e III de Isturitz, se não forem, de facto, gravettenses (Rivero & Gárate, 2014), a de Bize (Sacchi, 1990, 18, fig. 3.4) ou a placa de xisto de Solutré (Combier, 2002, 256), embora também para estas se admita uma cronologia gravettense (Djindjian, 2013, 278). De facto, os únicos paralelos para a nossa fase 1, ainda assim vagos, que se podem identificar na arte móvel da cornija cantábrica e de além-Pirenéus, reportam-se essencialmente a exemplos do Gravettense.

Em suma, a maior parte dos paralelos que encontramos reporta-se ao Gravettense e, em menor medida, ao Solutrense inferior. Os paralelos que possam eventualmente ser atribuídos ao Solutrense médio apresentam já caraterísticas que também os aproximam dos nossos animais da fase 2. A atribuição cultural dos paralelos para as nossas figuras da fase 1 coincide assim com a que propomos para essa mesma fase, tal como aduzido a partir dos resultados das escavações arqueológicas e das análises geoarqueológicas expostos nos subcapítulos anteriores. A correlação entre as caraterísticas formais das figuras paralelizadas e a atribuição cronocultural das mesmas permite-nos levantar a hipótese de que ela reflete uma rede de contactos (em grande parte, seguramente, indiretos) que, entre o Gravettense e o Solutrense médio, se estendia do sul da Península Ibérica até ao Noroeste francês e que, possivelmente, se deveria às caraterísticas específicas do Pleniglaciar, tal como proposto por J. Zilhão no seu texto de 2003 a que já por várias vezes aludimos.

92 Ver Djindjian, 2013, 278 para uma lista de peças, a que se deve juntar a de Les Maîtreaux (Tymula et al., 2013) e as da gruta Rochefort (Hinguant et al., 2013; Hinguant & Biard, 2013; Pigeaud, 2013).

4.3.2. Fase 2

Esta fase encontra-se representada em algumas importantes rochas do Côa, no Poço do Caldeirão, em La Griega, em Siega Verde e nas estações de Domingo García.

A estação de La Griega merece alguns comentários mais, uma vez que os seus cavalos foram recentemente alvo de uma análise semelhante às que nós apresentámos no capítulo anterior (Corchón *et al.*, 2012a).

Contrariamente à nossa opção de apenas utilizarmos animais com um grau mínimo de integridade, os autores optaram por integrar na sua análise todas as figuras de equídeos existentes na gruta. Assim, se nós trabalhámos com cinco cavalos de La Griega, naquele caso trabalhou-se com quarenta. A diferença fundamental relativamente ao nosso estudo prende-se com a identificação pelos autores de dois grupos, o que seria expectável dado o aumento do número de indivíduos. Mais difícil de justificar é a inclusão das figuras por nós estudadas em dois grupos distintos, quando na nossa análise elas integravam todas a mesma classe. Tal diferença demonstra não tanto uma diferença advinda do aumento do número de indivíduos estudados, como a necessidade de adequarmos bem os atributos e variáveis com que trabalhamos à amostra que temos. De facto, sete dos dezasseis atributos definidos pelos autores do estudo (a que correspondem dezasseis das quarenta e duas variáveis) referem-se ao corpo do animal, corpo esse que na maior parte dos casos está ausente das figuras analisadas pelos autores. Assim, da escolha destes atributos resulta não a representação gráfica da proximidade formal das figuras mas as diferenças ao nível do seu grau de integridade, algo que é claramente representado pela distribuição das figuras ao longo do eixo 1 da figura 5 do trabalho assinado pela equipa referida (Corchón *et al.*, 2012a, 534). Assim, todos os motivos da classe laranja apresentam um corpo com elevado grau de completude, a figura que mais se distancia da norma apenas dispõe de corpo, e aquelas da classe azul que mais perto se encontram da laranja correspondem às que se encontram num grau de completude intermédio entre as da norma (ou seja aquelas que se situam mais perto do cruzamento dos eixos) e as da classe laranja.

A mesma crítica se pode fazer ao morfótipo identificado naquele trabalho, uma vez que metade dos atributos que o definem, definem igualmente qualquer prótomo de qualquer tempo. Deste modo, é natural que se encontre um índice de homogeneidade formal elevado numa coleção que, como a do Parpalló, é constituída essencialmente por animais reduzidos a pouco mais que a cabeça, algo particularmente acentuado nas camadas referidas pela equipa como contendo as figuras com maior índice de homogeneidade formal relativamente ao morfótipo de La Griega[93] (Corchón *et al.*, 2012a, 537). De qualquer forma, em termos globais até concordamos com os autores do artigo, uma vez que os cavalos que se encontram mais completos apresentam caraterísticas que os aproximam, de facto, das figurações do Parpalló provenientes das camadas atribuídas às fases finais do Solutrense (*idem*, 537). Entre essas caraterísticas, refira-se a maior proporção entre as partes anatómicas do animal, a suavização da curva cérvico-dorsal, a ocorrência de detalhes nos membros ou o uso do modelado interno (Villaverde, 1994, 336-337), caraterísticas, que por outro lado as apartam da nossa fase 1.

Três dos veados da estação foram analisados por nós, tendo dois sido classificados como classe 1 (mas localizados em zona de elipses partilhadas) e outro como 2. Tal ocorrência numa amostra em que apenas foram identificadas três classes corresponde a importante dado para considerá-los como coevos da classe 2 de cavalos e, conseuqntemente, da fase 2 de produção gráfica da nossa área de estudo. Também a única figuração clara de auroque, reduzida à cabeça e portanto não integrada na nossa análise, se integra bem ou nos momentos finais da fase 1 ou na fase classe 2, sendo evidentemente mais parcimoniosa a sua inserção nesta última fase.

Procuremos agora outros paralelos para as figuras da fase 2, para além da coleção do Parpalló. Os primeiros a serem considerados serão evidentemente os das estações situadas na Meseta, imediatamente a sul da cordilheira central. De facto, paralelos paras as figuras que tratamos agora podem ser encontrados em El Reno (de que já falámos atrás), El Turismo, La Hoz e Los Casares.

As figuras de El Reno que paralelizamos com as desta fase são basicamente as da segunda fase identificada pela equipa que estudou a cavidade (Alcolea *et al.*, 2000, 529-530), mas incluímos também nesta fase o cavalo vermelho do painel 8 (Alcolea *et al.*, 2000, lám. II) e os veados e "cavalo arcaico" do painel 12 (Alcolea *et al.*, 1997a, 158). Relativamente

93 Nas camadas do Parpalló datadas de entre o Solutrense superior e o Solútreo-Gravettense III apenas contabilizámos três peças onde se encontra representada, para além da cabeça, pelo menos uma pata — 1708, 17414 e 17757B (Villaverde, 1994).

ao bovino, os autores chegaram a considerá-lo como desta segunda fase (Alcolea *et al.*, 1997a, 162). Hoje esta hipótese parece-nos mais parcimoniosa, encontrando-se forma similar de configurar a pata, por exemplo, em Siega Verde (**SV03-01**, **SV89-02** ou **SV89-04**, estes classificados como da classe 3). Já os paralelos mais evidentes para o cavalo arcaico encontram-se em figuras do Côa classificadas como classe 2 (como os cavalos da rocha 23 da Quinta da Barca, referidos atrás). Por outro lado, os veados são, de facto, paralelizáveis com os de La Griega (sobre os quais falámos também atrás), e com os de Las Chimeneas (González Etchegaray, 1974), gruta à qual voltaremos adiante, porquanto dispõe de mais figuras paralelizáveis com outras por nós atribuímos à fase 2. As restantes figuras da segunda fase de El Reno paralelizam-se essencialmente com as de Siega Verde.

A gruta de El Turismo é ainda muito pouco conhecida (Alcolea *et al.*, 1995). Algumas das figuras já publicadas parecem aproximar-se de unidades gráficas integradas pelas nossas análises na classe 2. Tal é o caso de equídeo e bovino do conjunto I do sítio (*idem*, 134-135), paralelizáveis com, por exemplo, **SV30-01** no caso do cavalo, e **SV46-22**, **SV86-01**ou **CI03-08** no caso dos auroques. As grafias do sítio foram classificadas como a cavalo entre o estilo III recente e o IV antigo de Leroi-Gourhan (*idem*, 131) e portanto atribuídas ao Solutrense superior/ Magdalenense antigo.

Também do sítio de La Hoz se conhece ainda muito pouco (Balbín *et al.*, 1995 e bibliografia anterior aí citada; outros decalques em Alcolea & Balbín, 2003a, 231-232, 241-244). Parecem-nos bons paralelos para a nossa fase 2 os cavalos da Galeria Alta (Beltrán & Barandiarán, 1968, 4-6; Balbín *et al.*, 1995, 52, figs. 7 e 8), integrados na série mais antiga da cavidade, atribuída estilisticamente do Solutrense superior/ Magdalenense antigo (Balbín *et al.*, 1995, 45).

A gruta de Los Casares é um pouco mais conhecida que as anteriores (v.g. Angulo & Moreno, 2011; Acosta & Molinero, 2003; Balbín & Alcolea, 1992 e bibliografia anterior aí citada). Os paralelos para a nossa fase 2 integram a série mais antiga da gruta (Balbín & Alcolea, 1992, 423-429). Destaque-se o número 12a da galeria entre os sectores B e C (Cabré, 1934, 77, Lám. X; Angulo & Moreno, 2011, 82), quer ao nível do cavalo pintado (comparável, por exemplo, a **CI03-06**), quer dos auroques gravados (cujos paralelos com os da rocha 24 de Piscos são, por demais evidentes). Na gruta encontram-se ainda paralelos para esta fase no sector C, correspondendo estes aos animais mais pequenos das composições 17 (Cabré, 1934, 79, Lám XII), 23 (*idem*, 86, Lám, XIX) ou 25 (*idem*, 87, Lám. XX). Destaque-se não apenas os cavalos e auroques, mas também os veados, podendo estes últimos ajudar-nos a perceber quais os que, na nossa análise integrados nas classes 1 ou 2, poderão ser coevos da classe 2 de auroques e cavalos, e logo atribuíveis à fase 2 (veja-se a este título a notável semelhança entre o pequeno veado central da composição 17 de Cabré e o nosso **Pi24-140**). A proposta cronológica para o sítio que nos parece mais aceitável é a de Balbín e Alcolea, segundo a qual esta série se deve atribuir ao estilo III de Leroi-Gourhan (Balbín & Alcolea, 1992, 423-429).

Fora da Meseta são igualmente consideráveis os paralelos que podemos encontrar para os animais que atribuímos à nossa fase 2. Contudo, contrariamente ao que vimos anteriormente, estes paralelos encontram-se mais para norte que para sul e sudeste.

De facto, da área mediterrânica apenas encontramos paralelos algo vagos e isolados em cinco sítios: Les Meravelles (País Valenciano), Morrón, Cueva Navarro, La Pileta e Ardales (Andaluzia).

Na gruta valenciana (Villaverde, Cardona & Martínez, 2009) apenas encontramos uma figura paralelizável com os nossos auroques da classe 2. Trata-se do bovino M7, atribuído à fase recente do sítio, datada do Solutrense evolucionado (*idem*, 769; *idem*, 2009, 17)[94]. Este animal apresenta evidentes paralelismos com alguns da rocha 24 de Piscos. Trata-se, no entanto, do único animal do sítio entre os 16 publicados, que se aproxima dos de alguns que agora abordamos.

Em Cueva Navarro (Sanchidrián, 1981) apenas se identificou um animal, identificado como auroque, que foi atribuído, por comparação estilística, ao Solutrense. Embora identificado como bovino, esta figura apresenta evidentes semelhanças com algumas figuras da nossa área de estudo identificadas como cavalos. Referimo-nos aos equídeos com cabeças definidas por bordo dorsal convexo e ventral côncavo-convexo, presentes, por exemplo, em La Griega [**Gr_VI-10** (Corchón *et al.*, 1997, 74, fig. 59)] na rocha 7 de Rego da Vide (**RV07-01**) e até na rocha 2 de Piscos (**Pi02-01**, **Pi02-04**). O sítio é dado como solutrense, e contemporâneo de outros com figuras paralelizáveis com as da nossa fase 1 e dos

94 Da crosta calcítica que cobria esta e outras gravuras do painel provêm duas datas Tl, cujos resultados são os seguintes: 18.849±3023 BP e 18.106±2534 BP (Villaverde, Cardona & Martínez, 2009, 766).

quais já falámos atrás, tais como Nerja, Ardales, La Pileta ou Malalmuerzo (Sanchidrián, Medina & Romero, 2012, 508). Contudo a sincronia destas cavidades é inferida sobretudo a partir dos signos que nelas se encontram (*idem*, 508). Estes signos, altamente estereotipados, sobrepõem em La Pileta quer o auroque datado a que nos referimos atrás, quer cavalo atribuído estilisticamente ao Solutrense médio (*idem*, 508-509). Se tal sobreposição pode não ter significado diacrónico, tal como defendem os autores que temos vindo a citar, também é verdade que nada nos impede de admitir que o tenha. De qualquer forma, trata-se de um outro paralelo que nos parece muito isolado e, que podendo denunciar um fundo comum, não deixa de nos parecer fortuito.

Em Morrón (Sanchidrián, 1982) apenas se observa duas cabras. A de cor vermelha lembra vagamente a da rocha 1 de Rego de Vide (**RV01-01**), classificada como classe 2 na análise da sua espécie e associada a auroque classificado como classe 2 (**RV01-03**). Foi atribuída a um período entre o Solutrense "*y las nuevas tendencias "realistas" en las etapas finales de los inventarios plásticos del Niño y La Pileta*" (Sanchidrián, 1982, 11).

Em La Pileta e em Ardales descobrem-se algumas cervas que se aproximam de **PC02-01**, designadamente no que se refere aos longos pescoços, ao focinho deixado em aberto, aos bordos ventral e dorsal da cabeça retilíneos e subparalelos entre si, ou às orelhas lineares em posição vertical (Sanchidrián, 1997, 421; Cantalejo *et al.*, 2006, 231-234). Em Ardales este tipo de grafismos ocorre nos grupos E, F, G e L definidos pela equipa responsável pelo seu estudo (*idem*, 267-273), que os integram na fase III do ciclo inicial e na fase I do ciclo final (*idem*, 311) de produção gráfica na cavidade, sendo a primeira atribuída ao Gravettense e a segunda ao Solutrense evolucionado ou eventualmente ao Magdalenense (Cantalejo *et al.*, 2014, 182-184). Refira-se, no entanto, que em La Pileta figurações deste tipo foram atribuídas ao Solutrense antigo (Sanchidrián, 1997, 425) e no Parpalló apenas foram detetadas nas peças provenientes das camadas do Solutrense médio evolucionado (Villaverde *et al.*, 2009, 780-781). Recorde-se que entre as nossas cervas apenas se detetaram três classes, sendo a contemporaneidade desta figura com a nossa classe 2 de cavalos e auroques inferida a partir da sua associação com equinos classificados como tal. Se invocamos paralelos para esta cerva, paralelos esses que ainda por cima são atribuídos a diferentes cronologias, tal deve-se ao facto de estes serem os que mais se aproximam das figuras do Zêzere. De facto, cabeças deste tipo não ocorrem nem no Côa nem nas estações da nossa zona de estudo, sendo também muito raras a norte da cordilheira cantábrica. Trata-se de um aspeto de crucial importância a que voltaremos adiante.

À escassez de paralelos meridionais e levantinos contrapõe-se a sua abundância a norte. Assim, só na região Cantábrica, estes podem ser encontrados em Castillo, Altamira, La Pasiega, Las Chimeneas, Chufín, La Haza e Covalanas (Cantábria), El Arco A e Arenaza (País Basco), La Lluera 1, El Buxu, La Lloseta, Llonín, El Bosque, El Covarón e Tito Bustillo (Astúrias).

De Castillo, devemos destacar alguns animais da série vermelha, como a cabeça de auroque da galeria dos discos (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 129), o cavalo "com grandes orelhas" (*idem*, 132)[95] ou a cabeça de cavalo localizada à direita do painel dos policromos (*idem*, 136). Também da série negra se podem referir as figuras da localização 54 (*idem*, 143) ou o auroque do n.º 51 (*idem*, 147). Entre as gravuras, destaque-se os cavalos da localização n.º 37 ou o auroque da n.º 12 (*idem*, 160). Se os machos de cabra-montês **QB56-05** e **VC05-01** — classificadas como classe 2 — forem contemporâneos dos auroques **QB56-04** e **VC05-02** aos quais se associam — classificados como classe 2 — é legítima a invocação da figura 47 de Castillo como paralelo importante (*idem*, 165). Segundo Breuil, algumas destas figuras pertenceriam à segunda fase do seu primeiro período, enquanto outras se deveriam reportar ao segundo período, sendo este último atribuído ao Magdalenense inferior (*idem*, 208-211). Posteriormente, a cronologia é precisada, distribuindo-se os nossos paralelos pelo Aurignacense (lembremo-nos que o Gravettense não tinha sido identificado ainda), pelo Solutrense e pelo Magdalenense inferior (Breuil & Obermaier, 1935, 98-105). Segundo Leroi-Gourhan, era possível distinguir-se em El Castillo quatro ocupações integráveis nos seus estilos III e IV antigo, atribuídas, portanto, ao período entre o Solutrense superior e o Magdalenense médio (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 485-487). Para González, Cacho

95 É interessante notar que este cavalo foi originalmente delineado a amarelo, sendo a sua aparência atual resultado de duas fases de execução (Groenen, 2007, 318). Segundo Groenen, é na zona da cabeça que o vermelho é mais evidente. Este facto é particularmente pertinente porquanto é ao nível da cabeça que as similitudes com as nossas figuras da classe 2 são mais evidentes. De facto, se tivermos apenas como referência o corpo do animal, este poderia perfeitamente ser paralelizado com as nossas figuras da classe 1. Seria importante identificar se realmente não houve pequenas adições durante a fase vermelha, como o olho ou a delimitação do focinho, por exemplo.

e Fukazawa, a um momento antigo, dentro dos estilos II e III dever-se-iam atribuir as pinturas lineares vermelhas, podendo as lineares negras serem algo mais recentes, tal como a maior parte das gravuras (González, Cacho & Fukazawa, 2003, 106-107). Também para a equipa de Ripoll, os paralelos que referimos integram as suas fases 3 e 4, devendo, consequentemente, ser atribuídos, respetivamente, ao Solutrense e ao Magdalenense inferior (Ripoll *et al.*, 2014, 161-164). Da série negra conhecem-se algumas datações. Infelizmente cobrem um largo lapso temporal, compreendido, no entanto, entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo[96].

Na gruta vizinha de La Pasiega citemos, como paralelos para os motivos da nossa classe 2, os cavalos presentes nas localizações 3, 5, 16, 27 30, 34, 43 e 44 da galeria A da monografia original do sítio (Breuil, Alcalde & Obermaier, 1913, Pl. II.5, Pl. II. 16, Pl. II 43, Pl. II. 44, Pl. VIII.3, Pl. VIII. 30, Pl. XI. 34), assim como o auroque da localização 27 da mesma galeria (*idem*, Pl. XVIII.27). Os cavalos e o auroque da galeria A paralelizam-se essencialmente com os equinos de Siega Verde, se bem que o do painel 34 se aproxima sobretudo de **QB23-06**, que embora classificado como classe 1 na nossa análise, se localiza num painel onde a maior parte dos cavalos foi integrada na classe 2, devendo também este ser atribuído à mesma fase[97]. Os trabalhos posteriores na gruta deram a conhecer novos motivos paralelizáveis com alguns da nossa fase 2, tal como o cavalo da localização 4 de González & Ripoll — localizado na sala VIII de Breuil, sector ocidental da galeria D de Leroi-Gourhan — (González & Ripoll, 1953-1954, 65, lám. IV.1), ou o cavalo n.º 1 e o macho de cabra-montês n.º 9 da sala B-8 de Balbín e González (González, 1964, 33-34, lám. IV; Balbín & González, 1995). Relativamente aos motivos da galeria A, Breuil considerava-os como fazendo parte quer da primeira, quer da segunda fase (Breuil, Alcalde & Obermaier, 1913, 50-51), de um total de três que eram integradas no seu ciclo aurignaco-perigordense (Breuil, 1985 [1952], 372-375). Leroi-Gourhan atribuía as figuras do sector leste da galeria A ao Solutrense evoluído ou ao Magdalenense antigo (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 484), relacionando as do sector ocidental (que integrava num sector D), com as da galeria C, que atribuía ao Magdalenense III (*idem*, 485). A atribuição da maior parte dos grafismos da gruta (designadamente os que nos interessam de momento) ao Solutrense evoluído/ Magdalenense antigo é, *grosso modo*, consensual entre os autores que mais recentemente se têm debruçado sobre o sítio (v.g. Balbín, González & Alcolea, 2014)[98]. Esta atribuição cronocultural é reforçada pelos achados do Paleolítico superior junto das entradas das galerias B (através da qual se tem acesso à A) e C, que são atribuídos aqueles dois períodos (González & Ripoll, 1953-1954, 47-59)[99].

Ainda no monte Castillo, deve referir-se a gruta de Las Chimeneas (González, 1974). Do sítio, já referimos atrás os cervídeos (González, 1974, Láms. XV-XXI), mas são igualmente notáveis as semelhanças das cabeças dos auroques desta cavidade (*idem*, Láms. VII-X) com as dos da nossa classe 2, designadamente os da rocha 24 de Piscos. González Echegarray atribuía estes grafismos aos finais do Solutrense (*idem*, 42), no que coincidia *grosso modo* com Leroi-Gourhan que os atribuía ao seu estilo estilo III, e, portanto, a um momento entre o Solutrense final e o Magdalenense antigo (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 478-479). De um dos veados provem a datação GifA-95194, cujo resultado (15.070±140) dataria estas figurações do Magdalenense antigo (Moure *et al.*, 1996, 316-317)[100]. No entanto, a existência de uma outra datação, desta feita de motivos lineares do painel dos signos (GifA-95230), com um resultado mais recente (13949±140 BP)[101], aponta para a possibilidade destes resultados serem anómalos, uma vez que a homogeneidade de todo o conjunto parece muito evidente (*idem*, 318-320).

De Altamira, retemos como paralelos os cavalos gravados do n.º 23 da sala IV (Breuil & Obermaier, 1935, 67,fig. 39), assim como alguns do teto, pintados a negro (Breuil & Obermaier, 1935, Lám. VI). Breuil atribuía aqueles cavalos gravados ao Aurignacense ou ao Perigordense (Gravettense), devendo as figuras negras do teto a que nos referimos ser

96 Datação U-Th de crosta calcítica sobre animal indeterminado (O-80): 22.880±270 (Pike et al., 2012, 1410); datações 14C do cavalo da figura 126 de Alcalde, Breuil e Sierra (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 140): 16.980±180 BP (GifA-98153) e 19.140±230 BP (GifA-98154) (Moure & González, 2000, 468). Datações 14C da cabra-montês da figura 136 de Alcalde, Breuil e Sierra (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 148): 13.900±130 BP (GifA-98155) e 14.740±140 BP (GifA-98156). As calibrações das datas referidas dão os seguintes resultados: 20949-20030 calBP (GifA-98153), 23.614-22.510 calBP (GifA-98154), 17.261-16387 calBP (GifA-9855) e 18.300-17594 calBP (GifA-98156).

97 Ver acima o que referimos sobre a classificação deste motivo em particular.

98 As figuras datadas de outros períodos são muito pertinentes, mas a elas voltaremos adiante.

99 Para além das indústrias finipaleolíticas, foram também identificados materiais mousterienses (González & Ripoll, 1953-1954, 45-46). Refira-se também que os vestígios do Magdalenense inferior terão aparecido apenas junto da entrada da galeria B (González & Balbín, 2010, 194).

100 Calibração a dois sigma: 18.633-17.966 calBP.

101 Calibração a 2 sigma: 17.382-16.460 calBP.

atribuídas ao final do Solutrense/ inícios do Magdalenense (Breuil, 1985, 71). Outros autores defendem a cronologia solutrense ou ligeiramente anterior para estes animais (v.g. González, Cacho & Fukazawa, 2003, 95; Heras, Montes & Lasheras, 2012, 489).

Em Chufín vamos encontrar no painel exterior um excelente paralelo para a fêmea de cabra-montês **Fr04-09**. Trata-se do motivo 5 de Almagro[102] (Almagro, 1973). A cabra-montês da rocha 4 do Fariseu (classificada como classe 2) deve, de facto, ser contemporânea dos cavalos e auroques aí existentes classificados como classe 2. O painel exterior de Chufín foi atribuído por Almagro ao estilo II de Leroi-Gourhan, considerando-o ainda mais antigo que Venta Laperra e Hornos de la Peña (*idem*, 50). Posteriormente, vêm a ser identificados mais gravuras no interior da cavidade — designadamente um cavalo claramente paralelizável com os de Lascaux, e com particularidades que o aproximam de algumas figuras do Côa classificadas como classe 2 — que são datadas do Solutrense, por associação com os vestígios arqueológicos da entrada (Almagro, Cabrera & Bernaldo, 1977)[103]. No final do século passado são dadas a conhecer três novas figurações de bisontes, cujos paralelos com o de Venta Laperra (estação entretanto datada) e o de Hornos parecem confirmar uma relação estreita entre estes sítios, que em traços globais são atribuídos a um período entre o Aurignacense e o Solutrense antigo (González, 2000). A ocorrência, em Chufín e Hornos de la Peña, de cervas com a mesma morfologia, a par destes bisontes arcaicos levam González a considerar ambos os motivos como sincrónicos, e consequentemente a defender uma cronologia gravettense não só para estes sítios como, por exemplo, para os do Nalón. No entanto, como vimos acima, pelo menos em La Lluera e La Viña há fortes probabilidades das suas cervas, em tudo iguais às que ocorrem em Chufín, não terem sido gravadas antes do Solutrense médio. Que a cerva sobreponha o bisonte de Hornos de La Peña (Rivero & Gárate, 2013, 62) pode ser uma evidência de um lapso temporal entre a execução de ambos os motivos, e não uma sobreposição sem significado cronológico, como defende González Sainz (2000, 267). Da mesma forma, apenas um dos três bisontes de Chufín se encontra justaposto ao painel exterior da cavidade (González, 2000, 267), mas nada impede que este corresponda igualmente a uma adição (como a mais consensual da zona I). Não existem, consequentemente, dados que obstem à execução destes grafismos durante o Solutrense.

Os nossos cavalos da fase 2, em particular os de Siega Verde, encontram também bons paralelos nas grutas de La Haza (García & Eguizabal, 2007 e bibliografia anterior aí citada), de Covalanas (*idem*, 2003 e bibliografia anterior aí citada) — localizadas ambas no monte Pando, no extremo oriental da Cantábria — ou de El Arco A (González & San Miguel, 2001, 66-81) — localizada já no extremo oriental do País Basco, mas muito perto das anteriormente referidas. Em Covalanas vamos ainda encontrar excelentes paralelos para as nossas cervas da rocha 16 de Piscos (as unidades 6 e 31 de García e Eguizabal), e na de El Arco A para as cabras-monteses da rocha 6 daquela estação duriense (o grafismo n.º 8 de González e San Miguel). Os motivos do Côa são classificados como 2 e 1 respetivamente, mas o seu contexto permite-mos considerá-los coevos da classe 2 de cavalos e auroques e, consequentemente da nossa fase 2. Outros paralelos para as cervas de Piscos podem ser encontrado na gruta de Arenaza, também no País Basco (Gárate, 2006b, 147-212, e bibliografia anterior aí citada), designadamente nas unidades A.VI.13 e A.VI.14 (*idem*, 199-200).

Todas estas cavidades integram um grupo tradicionalmente visto como sincrónico, caraterizado pela presença de animais definidos por contorno tamponado a vermelho e pela utilização de modelados interiores (Gárate, 2010, 13-14). A esse grupo foi atribuída uma cronologia do Solutrense (Jordá, 1964, 23), eventualmente da sua fase final (Moure, González & González, 1991, 82), ou já do Magdalenense antigo (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 210-211; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 488-489) Atualmente, a atribuição cronocultural deste grupo varia entre o Gravettense avançado (v.g. García & Eguizabal, 2007, 217), um período entre o Gravettense final e o Solutrense (v.g. González & San Miguel, 2001, 198) ou um ainda mais dilatado entre o Aurignacense e o Solutrense (Gárate, 2010, 426-428). Como vimos, a cronologia pré-magdalenense é hoje consensual, essencialmente devido a uma série de dados provenientes da estratigrafia figurativa de várias cavidades da região cantábrica (v.g. García & Eguizabal, 2007, 216-217). O recuo da atribuição

102 Identificado como cerva por este e por diversos autores até aos nossos dias. Quanto a nós, pensamos que a diferença evidente entre esta figura e as remanescentes do painel — interpretadas por Almagro como cabras-monteses e como cervas pelos restantes autores — autoriza-nos a identificar a figura como uma fêmea de cabra-montês, como aliás, a da rocha 4 do Fariseu. Contudo, para o que aqui nos traz importa mais o estabelecimento de similitudes entre ambas as figuras que a identificação temática de cada uma delas.

103 Onde foram identificados dois níveis solutrenses (o mais recente datado da fase recente do tecnocomplexo) e um mais antigo de cronologia indefinida (Almagro, Cabrera & Bernaldo, 1977, 10).

cronológica prende-se com datações TL de Pondra efetuadas sobre crostas calcíticas recolhidas por cima do traço n. 8 e sobre o cervídeo n. 16 (González & San Miguel, 2001, 172), e com datações U-Th e TL de La Garma efetuadas sobre dois capríneos da zona IV (González, 2003, 214-216).

Contudo, uma datação tão recuada para as estações com que paralelizamos as nossas figuras da classe 2 não nos parece muito evidente. Por um lado, nenhuma das amostras datadas foi recolhida diretamente sobre os traços que se pretendiam datar, tal como seria desejável (v.g. Pike *et al.*, 2012b, 464-465), e por outro lado, o método da termoluminescência apresenta ainda problemas que levam a que o método do U-Th seja preferível para datar crostas calcíticas (Pike *et al.*, 2016, 5). Finalmente, pensamos que este grupo das figuras tamponadas a vermelho apresenta uma maior variabilidade formal que aquele que lhe é usualmente adjudicado. Poderemos, de facto, considerar as cervas de Covalanas um bom paralelo para as cabras de La Garma apenas porque ambas estão pintadas a vermelho segundo a técnica do tamponado? Não estaremos assim a incorrer no "*sinsentido de considerar que, en un determinado horizonte cronológico, únicamente se realizaran "polícromos" o "ciervas estriadas" o "figuras en negro"*" (González & San Miguel, 2001, 191)? Tendo estes aspetos em conta, é altamente significativo que Gárate, a partir do estudo global que efetuou sobre este tipo de motivos (Gárate, 2010), acabe por valorizar a sua diversidade, designadamente cronológica. De facto, este autor acaba por concluir que é preferível entender este conjunto de grafismos como resultado de uma tradição, e não de um horizonte concreto (*idem*, 411). Segundo o mesmo autor, Covalanas e Arenaza devem ser adscritas ao Solutrense e El Arco A ao Gravettense, não havendo dados que permitam datar com fiabilidade La Haza (Gárate, 2010, 413). No entanto, o argumento utilizado pelo autor para datar as restantes cavidades que considera de períodos mais recentes — o facto de não ocorrerem motivos claramente de fases antigas — aplica-se também a La Haza. Por outro lado, terão aparecido junto da entrada da cavidade materiais que poderão ser adscritos ao Solutrense (García & Eguizabal, 2007, 182). Da mesma forma, não nos parecem argumentos suficientes para garantir uma cronologia antiga para El Arco 1 a ocorrência do macho de cabra-montês "profundamente gravado" ou a ocorrência de filas e nuvens de pontos (Gárate, 2010, 413), sobretudo quando segundo o mesmo autor, estes últimos se prolongam no tempo até ao Magdalenense (*idem*, 426). A datação destes sítios de um momento médio ou até superior do Solutrense, não deve, consequentemente, ser colocada de lado.

Centremo-nos agora nas estações asturianas, começando por La Lluera 1. Referimos atrás alguns aspetos formais das figuras que as aproximavam das nossas da fase 1, mas referimos também que outros atributos as aproximavam das que atribuímos à nossa fase 2. Esses atributos prendem-se essencialmente com as formas das cabeças dos auroques e cavalos, que se aproximam mais das nossas figuras da fase 2 que da 1. Mais uma vez, sublinhamos a forte probabilidade da gravação deste abrigo só se ter dado após a sua abertura definitiva, durante o Solutrense médio, momento em que se parece desenhar a transição entre as nossas fases 1 e 2.

Como referimos já, La Viña, apresenta um horizonte artístico que, atendendo aos trabalhos mais recentes aí realizados (González-Pumariega *et al.*, 2017) poderá igualmente datar do Solutrense. Se bem que este horizonte apresente algumas caraterísticas que remetem para as nossas figuras da fase 1, é sobretudo com as da fase 2 que apresenta as maiores similitudes. A este título compare-se Pn05-22 e o cavalo publicado por Fortea em 1981 (Fortea, 1981, 6, fig. 3). Recorde-se ainda que é nesta rocha da Penascosa (cuja análise geoarqueológica nos permite inferir que, a par da rocha 4, só foi colocada a descoberto num momento posterior à execução do grosso das figuras que, no sítio, devem ser atribídas à fase 1) que se encontram as cervas mais semelhantes, do ponto de vista técnico e estilístico, às das Astúrias.

Em El Buxu vamos encontrar cavalos semelhantes aos das nossa fase 2, presentes, por exemplo na rocha 3 da Canada do Inferno, na rocha 23 da Quinta da Barca ou na rocha 7 de Vale de Cabrões. Os cavalos a que nos referimos correspondem aos n.º 1 da galeria A, do grupo VI da galeria B ou o cavalo A do grupo XIII da galeria B (Obermaier & Vega del Sella, 1918). Complementarmente, refira-se ainda o excelente paralelo da figura g do grupo XII da galeria C para os machos de cabra-montês das rochas 5 de Vale de Cabrões e da 56 da Quinta da Barca, ou ainda de alguns dos signos retangulares da gruta com outros do Côa que ocorrem essencialmente em Vale de Cabrões (na rocha 32, por exemplo). Estes grafismos são atribuídos em El Buxu ao Solutrense final/ Magdalenense antigo, até por comparação com a arte móvel que apareceu nos níveis correspondentes exumados à entrada da cavidade (v.g. Menéndez, 1984a; 1984b; 2003; Menéndez & Ocio, 1996).

Em La Lloseta devemos destacar os cavalos do painel 1 do conjunto XI (Balbín, Alcolea & González, 2005, 674-679, 687-688, figs. 55-58), mas também as cabeças das cabras-monteses deste mesmo conjunto (*idem*, 686, fig. 54, 688, fig. 68), cujos paralelos com as cabeças das cabras-monteses sentadas da rocha 7 de Piscos nos parecem muito evidentes. Este conjunto de figurações foi atribuído ao Solutrense final/ Magdalenense antigo (*idem*, 689, 697, fig. 69).

Recorde-se que não apenas em Piscos se encontram figuras sentadas com cabeças deste tipo, mas também em Llonín, animal que tem vindo a ser interpretado como rena e integrado na fase IV de atividade gráfica daquela cavidade (Fortea, Rasilla & Rodríguez, 2004, 21; 2007, 84, fig. 2). Desta fase, caraterizada pelas figuras delineadas a negro, vamos encontrar outras figuras, designadamente de equídeos, que não se afastam de alguns dos nossos motivos da fase 2. A fase de Llonín é atribuída ao Magdalenense médio (Fortea, Rasilla & Rodríguez, 2004, 24-25). Contudo, esta atribuição baseia-se apenas no facto de algumas destas figuras sobreporem ou reutilizarem cervas estriadas do tipo Castillo/Altamira. Se este tipo de situações for do tipo ilustrado pelos autores (Fortea, Rasilla & Rodríguez, 2004, 20, 18, 20, fig. 14), não vemos razão para assumir uma longa diferença temporal entre as duas fases, parecendo-nos que as três (?) figuras envolvidas no exemplo dos autores (um bisonte completo, um acéfalo e uma cabeça de cerva) formam uma cena bastante homogénea de apenas duas figuras (um bisonte e um animal fantástico com corpo de bisonte e cabeça de cerva, seguindo este último o primeiro). Por outro lado, foram recolhidas duas amostras de um dos bisontes desta cena (o da esquerda) a partir das quais se procedeu a datações ^{14}C, três da fração carbonosa (GifA 95147: 11.900±110 BP, GifA 98024: 12.550±110 BP e GifA 98205: 13.540±170 BP) e uma da fração húmica (GifA 28206: 13.260±220 BP), que forneceram resultados entre o Magdalenense médio e superior (Fortea, 2007a, 98)[104]. A falta de consistência entre as datas é evidenciada por apenas dois dos intervalos se sobreporem [sendo um da fração húmica (GifA 28206) e outro da carbonosa da mesma amostra (GifA 98205)], e ainda pelo facto de nenhum destes se sobrepor ao resultado de terceira datação sobre fração carbonosa da mesma amostra (GifA 98024)]. Consequentemente estes resultados não devem ser excessivamente valorizados, como aliás, outros dois da mesma cavidade, que o próprio Fortea considerava anómalos (Fortea, 2000-2001, 207-208), sobrando uma data efetuada sobre pontos que é difícil valorizar *per se* (*idem*, 2007, 98)

Refira-se também a gruta de El Bosque (Rios & Garcia, 2007, 122-126 e bibliografia anterior aí citada) Trata-se de uma gruta dominada pelo tema da cabra-montês. Aí vamos encontrar bons paralelos para **RV01-02** e para outras figuras como **SI15-01**, por exemplo. Como vimos, os paralelos para a primeira figura referida também foram identificados no Meio-dia peninsular. Contudo, na gruta de El Bosque vamos encontrar também figuração de auroque (Fortea, 2007b, 224, fig. 4) algo parecida com outra figura existente na mesma rocha do Rego de Vide (**RV01-03,** classificada como classe 2), com outras figuras distribuídas pelo Vale do Côa, como as da rocha 14 da Foz do Côa e ainda várias outras de Siega Verde (**SV07-03**, **SV32-08**, **SV55-01**), tendo uma destas últimas sido igualmente integrada na classe 2. Também nesta gruta encontramos, pelo menos, um macho de cabra-montês sentado (Fortea, 2007, 224, fig. 4.b). Por comparação com a fase 4 de Llonín, tem sido atribuído ao repertório gráfico desta cavidade uma cronologia dentro do Magdalenense.

Muito perto da gruta de El Bosque encontra-se a de El Covarón (Arias & Pérez, 1994), igualmente com vários machos de cabra-montês semelhantes aos que temos vindo a tratar, quer de El Bosque, quer da nossa área de estudo (v.g. unidades 5, 10 ou 14, só para citar os paralelos mais evidentes com as figuras da bacia do Douro). Para além destas figuras refira-se também figura de cavalo (unidade 19) cujos paralelos com algumas figuras de Siega Verde nos parecem também evidentes (v.g. **SV85-03**)[105]. Para além das figuras animais, exclusivamente pintadas a negro, ocorrem também na gruta signos pintados a vermelho. Por comparação estilística, os autores que a estudaram admitem a existência de duas fases: a primeira, caraterizada apenas pelos signos vermelhos e atribuída ao Solutrense superior/ Magdalenense antigo e a segunda, dos animais pintados a negro, aos finais do Magdalenense médio/ Magdalenense superior, embora também não coloquem taxativamente de parte a possibilidade de todo o conjunto ser sincrónico (Arias & Pérez, 1994, 68-72).

Refira-se ainda a gruta de Tito Bustillo, onde se localizam alguns grafismos que se aproximam formalmente dos animais da nossa fase 2. Referimo-nos essencialmente a alguns cavalos da série vermelha do sector XC e XD do painel principal (Balbín *et al.*, 2000, 404-407; Gárate, 2010, 278-279). Para os autores que primeiro publicaram estes

104 A calibração a dois sigma fornece os seguintes resultados: 14.011-13.480 calBP, 15.198-14.253 calBP, 16.879-15.842 calBP e 16.567-15.264 calBP.
105 Pese embora esta figura ter sido recentemente interpretada como mais uma cabra (Ruiz-Redondo & Gárate, 2014, 146).

cavalos, alguns deles deveriam datar de fases pré-solutrenses, enquanto outros (designadamente o tamponado do sector XC, um dos nossos mais fortes paralelos) datariam de uma fase intermédia entre aqueles e as figurações plenamente magdalenenses do painel principal (Balbín *et al.*, 2000, 408-409). Gárate parece também atribuir todos estes cavalos a períodos mais antigos, relacionando-os com os antropomorfos que surgem também na gruta (Gárate, 2010, 413). Se os antropomorfos foram claramente datados do Aurignacense (Pike *et al.*, 2012, 1412), o mesmo não se pode dizer dos cavalos, para os quais se obteve duas datas que devem ser lidas como *termini ante quem* para a sua execução:15.330±600 e 14.600±1150 (Balbín & Alcolea, 2013, 564). Se por um lado, a distância entre os antropomorfos de Tito Bustillo datados do Aurignacense e o painel principal onde se encontram os cavalos a que nos referimos não nos parece indiciar qualquer tipo de relação numa gruta que foi decorada ao longo de um tempo tão longo, a semelhança formal entre o cavalo tamponado e as restantes figurações parece-nos por demasiado evidente para se inferir uma larga diacronia temporal entre a execução de ambas as pinturas. Por tudo o que referimos acima a propósito das figurações tamponadas, julgamos que também a de Tito Bustillo, a par de uma grande parte das figurações vermelhas [veja-se, por exemplo a do sector XD — (Balbín *et al.*, 2000, 407)] deve ser atribuída ao Solutrense.

De Aragão, devemos ainda referir alguns cavalos da Fuente del Trucho designadamente os listados do painel VI, atribuídos, mediante critérios estilísticos, ao Solutrense superior (Utrilla *et al.*, 2014, 130). Refira-se as estreitas semelhanças entre estes cavalos e alguns da placa do Vau.

Também em França vamos encontrar mais paralelos para a nossa arte da fase 2 que no sul e sudeste peninsulares. Nos Altos Pirenéus, estes paralelos são também esporádicos, devendo-se referir, por exemplo, o auroque 21 do vestíbulo de Gargas (Barrière, 1976, 238, fig. 81) ou o macho de cabra-montês do painel 9 de Labastide (Simonnet, Simonnet & Simonnet, 1984, 532-533, figs. 11 e 12). Ambos provêm de contextos dados *grosso modo* como homogéneos, sendo o primeiro atribuído ao Gravettense (Barrière, 1976, 405) e o segundo ao Magdalenense médio (v.g. Breuil 1985 [1952], 258; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 521-522; Simonnet, Simonnet & Simonnet, 1984).

A atribuição ao Gravettense dos grafismos do primeiro sítio parece confirmada pelos resultados das escavações realizadas no sítio, escavações essas de onde provém uma dezena de datas, todas atribuídas ao Gravettense (Foucher *et al.*, 2008) e contemporâneas de uma outra efetuada sobre esquírola de osso que se encontrava na parede associada a uma das famosas mãos em negativo que aqui se encontram (Clottes *et al.*, 1992, 273). Entre os resultados das escavações refira-se os achados de arte móvel que têm sido utilizados como boas referências para a arte que se encontra nas paredes (Breuil & Cheynier, 1958, 366-368, 381-382, pl. XXI-XII; Barrière, 1976, 405; Foucher & Rumeau, 2007, 83). Não colocando em causa a atribuição cronocultural da larga maioria dos grafismos de Gargas, não será de admitir a esporádica visitação posterior do sítio, que se refletiria não só no auroque 21 referido acima, mas também em outros motivos, como o cavalo 6 da parede esquerda do camarim (Barrière, 1976, 297, fig. 106) ou mesmo em alguns machos de cabra-montês do vestíbulo e do camarim. De facto, poderá alguma destas figuras ser comparada com as das placas provenientes da escavação? E não se encontram todas elas no topo da estratigrafia figurativa do sítio (Barrière, 1976, 392-393)? Um óbice importante à posteridade pós-gravettense de alguns grafismos é o facto da entrada da "gruta inferior" de Gargas (onde se encontram os grafismos em causa) ter sido colmatada durante o Gravettense. No entanto, a comunicação entre esta "gruta inferior" e a "superior" é possível em pelo menos dois sítios do sistema cársico (Barrière, 1984, 514). Tendo a "gruta superior" figurações dadas como mais recentes, porque não admitir a gravação esporádica da "gruta inferior" por pessoas que nela tenham entrado a partir da "superior"? Para Leroi-Gourhan, na gruta de Gargas poder-se-iam identificar três fase: a mais representativa, datada do Gravettense, a segunda (onde se inclui o auroque em causa) perfeitamente integrada no estilo III e a terceira, datada já de um magdalenense claro (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 453).

Em Labastide, toda uma série de datações ^{14}C de amostras do sítio confirmam também a atribuição do sítio ao Magdalenense médio (Valladas *et al.*, 2013, 1429). Uma certa variabilidade estilística do sítio não deixou, no entanto, de ser apontada, mesmo que não valorizada enquanto indicação cronológica (Simonnet, Simonnet & Simonnet, 1984, 532). Um dado interessante para fazer recuar a cronologia de parte do repertório da gruta é a extraordinária similitude entre cabeça de felino aí existente (v.g. Omnes, 1984, 22, pl. 2; Leroi-Gourhan 1995 [1965], 382, fig. 573) e a de Gabillou (Gaussen, 1964, pls. 5-6), sítio do qual falaremos adiante e para o qual uma atribuição cronocultural ao Solutrense final/

Magdalenense inicial é consensualmente aceite.

Tanto num caso como noutro nos encontramos perante paralelos isolados em contextos ora mais antigos, ora mais tardios que o expectável, que dificilmente poderão ser valorizados claramente coevos da nossa fase 2. Servem, no entanto, para demonstrar o claro enraizamento dessa fase no mundo mais setentrional da arte paleolítica.

Este enraizamento encontra-se também demonstrado por outros paralelos que, não correspondendo a figuras isoladas, têm sido atribuídos a períodos algo mais recentes que o expectável. É o caso da gruta de Etxeberri, localizada nos Pirenéus Atlânticos (Gárate, Bourrillon, 2012 e bibliografia anterior aí citada), onde vamos encontrar paralelos para os nossos cavalos da fase 2, particularmente os de Siega Verde (v.g. Laplace, 1985 [1952]; Lauga & Valicourt, 1981; Laplace *et al.*, 1984). Assim, se a atribuição cronológica de Breuil dentro do Magdalenense antigo (Laplace & Jauretsche, 1985 [1952], 261) se conforma às nossas expectativas, as que atribuem estas figuras ao Magdalenense médio ou superior (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 550; Gárate & Bourrillon, 2012, 205) parecem-nos algo desajustadas, sobretudo se tivermos em conta os argumentos por si utilizados: a localização dos motivos em zonas profundas da gruta, argumento que hoje não pode ser utilizado para justificar a qualquer cronologia que seja (v.g. Balbín *et al.*, 2000, 412; González & San Miguel, 2001, 191-192); a associação bisonte/ cavalo/ cabra-montês que seria própria destes momentos, mas cuja existência de importantes exceções (apontadas algumas delas pelo próprio Leroi-Gourhan) não podem deixar de ser tidas em conta; o facto de se valorizar nos cavalos a existência de bordo crinal, e em um bisonte as caraterísticas da sua crineira (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 550, nosso sublinhado), correspondendo este último argumento a algo que no momento próprio criticámos (na senda de outros, como Laming-Emperaire), isto é — a valorização de caraterísticas isoladas das figuras como "fóssil diretor". Se as datações de duas amostras de osso provenientes de uma sondagem realizada frente ao painel das pinturas forneceram resultados do Magdalenense médio[106], uma outra efetuada sobre concha recolhida no mesmo contexto aponta para o Magdalenense antigo[107], facto que, aliado à descoberta de uma ponta *à cran* transformada num buril, pode indiciar a frequentação da gruta em momento anterior ao Magdalenense médio (Gárate, Bourrillon & Rios-Garaizar, 2012, 646-648), deixando assim em aberto a possibilidade de atividade gráfica coeva.

Também no Lot podemos referir como paralelos os cavalos do Cuzoul des Brasconies (Lorblanchet, 2010, 396-397) e da gruta de Escabasses (*idem*, 398-399), ambos os sítios atribuídos, segundo critérios estilísticos, a um período entre o Gravettense e o Magdalenense — o primeiro "*aux environs du XXII au XX*e *millénaire avant le présent*" (*idem*, 397) e o segundo contendo "*des indices stylistiques de type Gravettien et d'autres évoquant le Magdalénien*" (*idem*, 399).

Os últimos sítios com paralelos para a nossa fase 2 encontram-se na Dordonha. O primeiro que queremos referir corresponde à gruta de Villars (Delluc & Delluc, 1984b e bibliografia anterior aí citada). Referimo-nos aos cavalos e auroques cujas similitudes com os de Siega Verde e até com alguns do Côa são perturbadoramente evidentes. A títulos de exemplos, veja-se os paralelismos entre animal E11 (Delluc & Delluc, 1974, 36-37) e **SV-89-01**, embora esta última figura tenha sido interpretada como felino (Alcolea & Balbín, 2006a, 178-179), ou ainda entre o prótomo de cavalo E10 (Delluc & Delluc, 1974, 34) e **CI12-02**. Este conjunto parietal tem vindo a ser atribuído ao estilo III de Leroi-Gourhan, mais precisamente, aos inícios do Magdalenense (Delluc & Delluc, 1974, 63-66; 1984, 251). Uma série de datas, quer de vestígios arqueológicos distribuídos pelo solo (um carvão e fragmentos de ossos), quer de marcas de tochas nas paredes da cavidade, parecem confirmar esta atribuição cronocultural, pese embora o largo intervalo entre a mais antiga e a mais recente (Valladas *et al.*, 2013, 1429-1430)[108].

Outra cavidade com alguns paralelos interessantes para a nossa fase 2 é Gabillou (Gaussen, 1964), destacando-se essencialmente os seus auroques (que se paralelizam essencialmente com alguns da rocha 24 de Piscos), mas também certos cavalos, que não só se paralelizam com os daquela rocha mas com outros da estação epónima, como o par da rocha

106 Trata-se das datações Beta-284730 (13.370±60 BP) e Beta-284731 (13.770±60 BP) (Gárate, Bourrillon & Rios-Garaizar, 2012, 647, tabl. 2), cuja calibração fornece os resultados 16.280-15.864 calBP e 16.920-16.380 cal. BP.

107 Trata-se da datação Beta-284733 (16.570±60 BP) (Gárate, Bourrillon & Rios-Garaizar, 2012, 647, tabl. 2), cuja calibração fornece o resultado 20.199-19.764 cal BP).

108 Trata-se das datas GifA 09508/SacA 118206 (16.730±80 BP), GifA 11013/SacA 23428 (16.100±80 BP), não identificada (16.480±210 BP), Gif A 10177/ Sac A 19773 (18.420±130 BP), GifA 10118/ SacA 19774 (18.470±130 BP), GifA 10053/ SacA 19021 (18.790±140 BP), GifA 09393/ SacA 15482 (17.460±90 BP), GifA 10313/ SacA 23086 (18.150±110 BP). GifA 10316/SacA 23089 (17.680±100 BP), GifA 10314/SacA 23087 (14.350±90 BP) e GifA 10315/ SacA 23088 (14.610±90 BP), cuja calibração fornece os seguintes resultados: 20.440-19955 calBP, 19651-19185 calBP, 20449-19394 calBP, 22.529-21924 calBP, 22.596-21955 calBP, 22996-22390 calBP, 21.396-20.800 calBP, 22.330-21.705 calBP, 21.728-21042 calBP, 17.765-17180 calBP e 18.015-17550 calBP.

5. Estes paralelos são evidentes não só ao nível da comparação isolada de motivos, mas também ao do aspeto geral dos painéis, e até mesmo de determinados detalhes (compare-se, por exemplo, a traseira da cabra-montês **Pi24-10** com a do bisonte (?) da prancha 40.1 de Gaussen, 1964). Tal é evidente quando olhamos paras fotos, mais que para os decalques, publicados por Gaussen (v.g. Gaussen, 1964, pls. 39, 40, 44, 47, 54, 62 ou 65). As similitudes que invocamos entre a rocha 24 de Piscos e a gruta de Gabillou prendem-se essencialmente com as figuras "mais simples" da primeira (exceção feita a **Pi24-10**), tais como **Pi24-19**, **Pi24-22** ou **Pi24-58**, só para citar alguns exemplos.

Curiosamente, as figuras mais complexas da rocha 24 de Piscos (de auroques, essencialmente) são comparáveis com as de outro sítio, dado muitas vezes como coevo de Gabillou, mas cujas diferenças foram já postas em relevo. Referimo-nos, evidentemente, a Lascaux (Laming-Emperaire, 1959; Leroi-Gourhan & Allain, eds., 1979; Aujoulat, 2004; Petrognani & Sauvet, 2012). Entre as gravuras de bovinos de Lascaux, ocorrem algumas cujas semelhanças com as da rocha 24 de Piscos são evidentes, tais como os n.ºs 125 da "passagem" ou 188 da "abside" do inventário de André Glory (Vialou, 1979, 207, fig. 193, 230, Pl. IX). Paradoxalmente, as semelhanças são mais evidentes quando olhamos para as grandes figuras pintadas (Fig. 4.2).

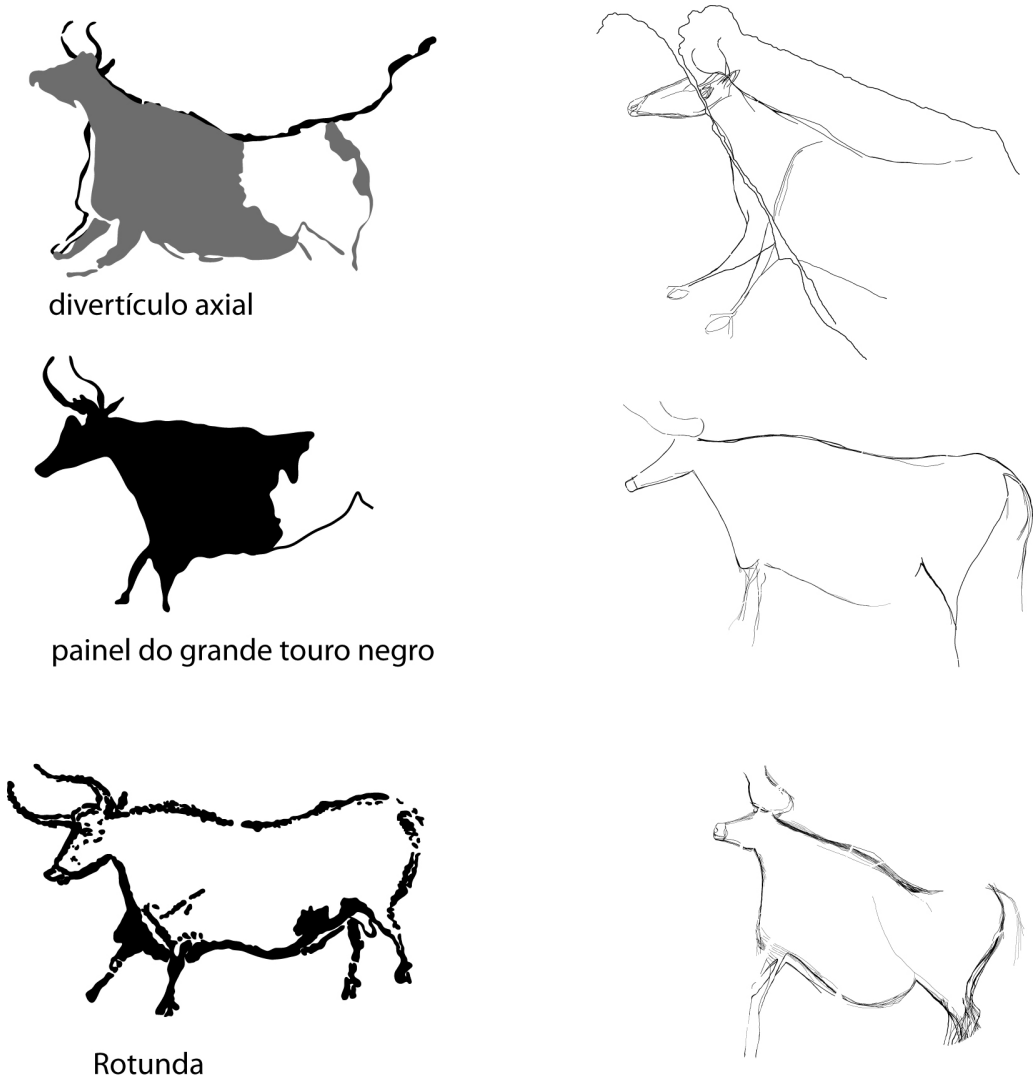


Fig. 4.2. Comparação entre alguns auroques de Lascaux e da rocha 24 de Piscos (a partir de desenhos de N. Aujoulat [2004] e A. F. Barbosa).

Refira-se também a ocorrência, na rocha 24 de Piscos, de uma forma específica de figurar os cascos dos bovídeos (**Pi24-35** e **Pi24-149**) que é extremamente rara fora de Lascaux — este apresenta forma de grão de café e encontra-se associado ao boleto, representado apenas por um traço oblíquo (Petrognani, 2013, 157-160). Como refere Petrognani, esta forma apenas se identificou na laje gravada de Solvieux, datada do Magdalenense antigo (Gaussen & Sackett, 1984). Outra evidência gráfica que parece relacionar os sítios é a presença de figuras com as cabeças em visão frontal,

tema raríssimo na arte paleolítica. Na rocha 24 de Piscos estas figuras correspondem a auroques, encontrando-se os seus corpos em perfil. Em Lascaux, a figura mais conhecida tem sido interpretada como cavalo, encontrando-se todo o animal visto de frente (Aujoulat, 2004, 183, fig. 132). As similitudes das cabeças são, no entanto, evidentes. Tendo em vista as figuras do Côa, poderemos interrogar-nos se os traços curvos que saem da extremidade dorsal da cabeça de Lascaux, parcialmente desenhados no decalque de Glory (Leroi-Gourhan, 1979, 325, fig. 316) e perfeitamente visíveis nas fotos do motivo (Leroi-Gourhan, 1979, 326, fig. 317; Aujoulat, 2004, 183, fig. 132), não são afinais cornos de um auroque como os da rocha 24 de Piscos (Fig. 4.3). Em abono desta hipótese, refira-se a figura 48 de Glory, localizada muito perto do suposto cavalo, e cuja identificação como auroque semelhante aos da rocha 24 de Piscos (com corpo de perfil e cabeça de frente) nos parece evidente (Leroi-Gourhan, 1979, 325, fig. 316, 327, fig. 320).



Fig. 4.3: Animais a olhar em frente. O primeiro é de Lascaux, sendo tradicionalmente interpretado como cavalo, correspondendo os dois últimos a claros auroques, gravados na rocha 24 de Piscos (desenho de Lascaux efetuado a partir de foto de N. Aujoulat [2004, 183, fig. 132], sendo os de Piscos da autoria de A. F. Barbosa).

A atribuição de ambos os sítios franceses a um período entre o Solutrense final e o Magdalenense inicial é hoje mais ou menos consensual (v.g. Petrognani & Sauvet, 2012; Delluc & Delluc, 2012; Petrognani, 2013, 32-33, 56-57), algo que é reconfortado pelas datações ^{14}C efetuadas sobre uma série de vestígios de ambas as grutas[109].

Poderá a rocha 24 de Piscos ter sido gravada também durante um curto espaço de tempo? Note-se que na análise dos auroques foram identificadas nesta rocha duas classes, sendo que os auroques da classe 2 são *grosso modo* os paralelizáveis com Gabillou e os da classe 3 os que se paralelizam com Lascaux. Este resultado acaba por espelhar os de Petrognani e Sauvet (2012) sobre os cavalos de Gabillou e Lascaux, que ainda assim os autores consideram contemporâneos. Tal hipótese parece-nos também plausível para a rocha 24 de Piscos. Mas que dizer então dos antropomorfos da rocha? Alguns destes evocam formas aparentemente mais recentes, como por exemplo **Pi24-30**, que não está longe da bem conhecida figura sobre *rondelle* de Maz d'Azil (v.g. Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 102, fig. 52). De facto, existem algumas figuras que nos obrigam a alguma precaução relativamente à possibilidade de acrescentos posteriores na rocha 24 de Piscos, como por exemplo a cabra-montês **Pi24-73** cuja língua deitada para fora pode indiciar uma cronologia dentro do Magdalenense médio (Sacchi, 2008b).

Os paralelos que encontramos para a nossa fase 2 parecem concentrar-se no mesmo intervalo temporal que para ela inferimos, ou seja, entre o Solutrense superior e o Magdalenense inicial. Contudo, a atribuição cronocultural de grande parte dos sítios que invocámos é feita sobre bases que nos parecem muito frágeis. A confirmar-se esta cronologia, haveria que assumir uma contemporaneidade geral dos nossos motivos da fase 2 e das figuras estriadas de tipo Castillo/Altamira (v.g. Almagro, 1976, 1981; Valladas *et al.*, 1992, 69; Moure *et al.*, 1996, 304). Há uns anos era dada como certa a recorrência deste tipo de figuras na nossa área de estudo (v.g. Baptista, 2009a, 170; LEP, 1999c, 232; Alcolea & Balbín, 2006a, 316). Hoje sabemos que talvez não seja esse o caso (Santos, 2012, 45). Contudo, a presença esporádica deste tipo de figuras não deve ser colocada de lado. Bons exemplos delas serão os cervídeos **Pn10-22**, **Pn10-23** ou **Pi02-13**, ou ainda

109 De Gabillou apenas se conhece uma data (Aujoulat et al., 1998, 320) efetuada sobre zagaia (GifA 95583 — 17.180±170 BP), cuja calibração fornece o resultado de 21.282-20.280 calBP. De Lascaux, conhecem-se cinco datações (Valladas et al., 2013, 1425), três sobre carvão, uma sobre uma baguete em osso e outra sobre uma haste de rena (C 406 — 15.516±900 BP; GrN 1632 — 17.190±140 BP; Sa 102 — 16.000±500 BP; GifA 101110 — 18.930±230 BP; GifA 95582 — 18.600±230), cuja calibração fornece os seguintes resultados: 21.358-16740 calBP, 21.140±20364 calBP, 20.618-18286 calBP, 23.421-22385 calBP e 22.998-21918 calBP.

o auroque **Pi02-06**, todos classificadas como classe 2 das respetivas espécies, ao contrário das restantes figuras estriadas que, tendo sido classificadas como 3 e 4 dos diversos temas estudados, abordaremos adiante.

A distribuição geográfica dos paralelos para os motivos da nossa fase 2 é mais restrita que a dos da fase 1. Apenas se contabilizam três estações mediterrânicas com paralelos vagos para as nossas figuras da bacia do Douro. Por outro lado, deve-se destacar a forte similitude entre as cervas do Poço do Caldeirão, estação já localizada na bacia do Tejo, e representações do mesmo tema do Meio-dia peninsular, designadamente de Pileta e Ardales. Poderá esta estação refletir o caráter de transição entre influências setentrionais e meridionais da região onde se encontra?

4.3.3. Fase 3

Identificam-se motivos da fase 3 no Côa, em Siega Verde, em Domingo García e em Penches. Ainda na Meseta, mas a sul da cordilheira central, motivos paralelizáveis com esta classe encontram-se na gruta de Los Casares (v.g. Angulo & Moreno, 2011; Acosta & Molinero, 2003; Balbín & Alcolea, 1992 e bibliografia anterior aí citada). Os paralelos para as nossas figuras correspondem às da série mais recente de Balbín e Alcolea, integrada por estes autores no estilo IV antigo de Leroi-Gourhan, e, consequentemente atribuída ao Magdalenense médio (Balbín & Alcolea, 1992, 424-429). Entre as figuras de Los Casares que paralelizamos com as nossas da fase 3 refiram-se a figura 6 do sector A (Cabré, 1934, Láms. V.2, XXIV.2), os cavalos do grupo 8 daquele sector (*idem*, Lám. VI), as composições 18 e 22 do sector C (*idem*, Láms. XIV, XV) ou os auroques das composições 12, 21 ou 26 (*idem*, Láms. XVII, XVIII, XXI).

Contudo, a maior parte dos paralelos para os grafismos da fase 3 encontra-se a norte. Assim, nas Astúrias refira-se a sua existência nas grutas de Pindal, Llonín, La Loja, Covaciella, Tito Bustillo ou Peña de Candamo.

Na primeira (González-Pumariega, 2011 e bibliografia anterior aí citada) merecem referência os cavalos gravados, sobretudo o 28 da autora citada (*idem*, 145). Para além da problemática relativa à longa ou curta diacronia do dispositivo gráfico, releve-se o consenso verificado em torno da atribuição destes cavalos ao Magdalenense médio e superior (*idem*, 93-103).

De La Loja (Rios & Garcia, 2007, 90-94 e bibliografia anterior aí citada) destacamos o famoso painel principal. As similitudes entre os bovinos aí presentes e os da rocha 7 da Canada da Moreira são de tal forma fortes que mesmo uma forma raríssima de representar os cornos está presente em ambas as estações. Referimo-nos ao uso de uma perspetiva biangular reta zenital que se pode apreciar em dois auroques de La Loja (no do canto superior esquerdo e na cabeça situada abaixo do ventre do anterior) e em **CM07-03**. Por outro lado, também a forma do corpo destes animais está muito próxima, por exemplo, da dos cavalos da rocha 3 de Piscos. A estação de La Loja tem vindo a ser atribuída, com base no estilo, a momentos avançados do magdalenense (*idem*, 94). Refira-se a este título que escavações realizadas no sítio revelaram a existência de materiais datáveis da fase média e final do Magdalenense cantábrico (*idem*, 91).

Os paralelos que evocamos de Llonín (Rios & Garcia, 2007, 98-108 e bibliografia anterior aí citada) integram a fase 5 da sua estratigrafia parietal (Fortea, Rasilla & Rodríguez, 2004, 22). Referimo-nos sobretudo aos capríneos e cervídeos gravados, cujos paralelos com figurações da mesma espécie em rochas como Fariseu 8 (no caso das cabras-monteses), Tudão 1 ou Quinta das Tulhas 5 (veados) são evidentes. Esta fase é atribuída ao Magdalenense médio ou, com maior probabilidade, ao superior (*idem*, 24-25).

O repertório gráfico da cavidade de Covaciella (García, Ochoa & Rodríguez, eds., 2015, e bibliografia anterior aí citada) é caraterizado pelo domínio do bisonte, espécie raríssima na nossa região de estudo. Dispõe, no entanto, de outras unidades gráficas cujos paralelos com as nossas da fase 3 são evidentes. Referimo-nos ao bovino 2 (compare-se com **VC32-01** ou **Fr04-01**) ou ao veado 8, paralelizável com os das rochas referidas no parágrafo anterior (García *et al.*, 2015a, 65, fig. 44, 72, fig. 53). Este dispositivo gráfico foi atribuído ao Magdalenense. Os autores que mais recentemente estudaram a cavidade admitem quer a execução de todo o repertório num tempo curto entre os momentos finais do Magdalenense antigo e o Magdalenense médio, quer a sua concepção ao longo de um tempo mais longo, entre as fases finais do Magdalenense antigo e o Magdalenense final (García *et al.*, 2015b, 119-121). A execução de parte do painel durante um momento cerca da transição Magdalenense inferior/ médio está atestado pelo resultado das datações

radiocarbónicas de duas amostras procedentes dos bisontes 18 e 20 (Fortea *et al.*, 1995, 268)[110].

De Tito Bustillo destacamos, como paralelos para a nossa fase 3, os cavalos bícromos do painel principal (Balbín & Moure, 1982) ou os auroques e cavalos gravados da galeria dos cavalos (Balbín & Moure, 1981). Ambos os casos correspondem a conjuntos datados de momentos avançados do Magdalenense, a partir da sua fase média "*o quizás algo antes*" (Balbín & Alcolea, 2013, 567). O número de datações absolutas desta fase de Tito Bustillo bem como a complexidade da sua leitura não autorizam a que as descriminemos como tem sido o nosso hábito até aqui. Remetemos o leitor mais interessado para texto recente onde os resultados dessas datas são abordados com a profundidade desejável (Balbín & Alcolea, 2013).

Como Tito Bustillo, a cavidade de Peña de Candamo corresponde a um sítio muito complexo e cujo dispositivo parietal foi sendo construído ao longo de uma longa diacronia (Rodríguez & Barrera, 2014, 17-34; Corchón *et al.*, 2012, e bibliografia anterior aí citada). Os paralelos que encontramos nesta cavidade para os nossos motivos correspondem essencialmente a determinados cavalos e auroques. Desde logo devemos referir as grandes figuras de auroques (n.ºs 11, 12 e 13 de Hernández Pacheco) ou o cavalo completo (n.º 38) do "*muro de los grabados*" (Hernández, 1919, 74-76, figs. 21-23, 105, fig. 49, lám. XXI) a cabeça de cavalo gravada no "*mogote estalagmítico*" (*idem*, 50, fig. 10) ou os cavalos do camarim (*idem*, Lám. XXII). Mas também entre os veados vamos encontrar bons paralelos, nomeadamente para os das rochas 10 e 19 da Penascosa, como por exemplo o veado de "*hastas digitadas*" (*idem*, 61, fig. 12) ou mesmo o famoso veado ferido (*idem*, 1919, 64, fig. 14). Estas figuras são consensualmente atribuídas às fases mais recentes de decoração da gruta, já do Magdalenense, eventualmente inferior e médio (v.g. González, Cacho & Fukazawa, 2003, 152; Corchón *et al.*, 2011, 410-414). Neste sentido, refira-se que do primeiro cervídeo evocado provem a data GifA 98172: 13.870±120 BP (fração carbonosa), do auroque 11 as datas GifA 96137: 10.810±100 BP (fração carbonosa) e GifA 96150: 17.180±310 BP, e do bisonte 27 (que integrava, segundo Hernández Pacheco, o mesmo "pacote" que o auroque 11) a data GifA 98195: 12.260±100 BP (Fortea, 2007a, 92)[111]. Infelizmente, também é muito difícil valorizar estas datas de forma isolada. A do auroque apresenta uma enorme discrepância entre a fração húmica e carbonosa da mesma amostra e, dados os problemas das restantes datações desta cavidade (v.g. Pike *et al.*, 2016, 6), será também prematuro aceitar as duas restantes, mesmo que conformes às nossas expectativas.

Também na região autónoma da Cantábria encontramos diversos paralelos, designadamente em Castillo, Pasiega, Las Monedas, Hornos de La Peña e Altamira.

De Castillo destacamos algumas figuras pintadas a negro como o auroque da localização 6 de Alcalde, Breuil & Sierra (1911, 146, fig. 134) ou o cavalo da 59 (Alcalde, Breuil & Sierra, 149, fig. 139), ou gravadas como o auroque de 53bis (*idem*, 163, fig. 159), o cavalo de 78 (*idem*, 169, fig. 165), a cabra-montês de 36 (*idem*, 174, fig. 170) ou ainda as gravuras do bloco gravado à esquerda da grande sala (*idem*, 177, fig. 173-174). Trata-se de exemplos genericamente atribuídos ao Magdalenense (v.g. Breuil & Obermaier, 1935, 104-105; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 485-487; González, Cacho & Fukazawa, 2003, 106-107; Ripoll *et al.*, 2014, 164-167).

Também em La Pasiega vamos encontrar bons paralelos para as figuras da nossa fase 3, sendo os cavalos gravados do sector B1 (v.g. González & Balbín, 2010, 193) um excelente paralelo para, por exemplo, os nossos cavalos da rocha 41 da Canada do Inferno. Cavalos semelhantes encontramo-los também na galeria C, nas localizações 69, 70 ou 86 de Breuil, Obermaier e Alcalde (1913, 22, fig. 7, 23, fig. 8, 30, fig. 15). Por outro lado, devemos ainda referir outras figuras, como o auroque da localização n.º 88 (*idem*, 21, fig. 6) ou o cavalo da n.º 63 (*idem*, 28, fig. 11— este paralelizável com equinos da rocha 4 do Fariseu. Trata-se de figuras que ocorrem na zona B, C e ocidental da D, sendo a sua atribuição cronocultural ao Magdalenense, eventualmente médio, aproblemática (v.g. González & Balbín, 2010, 202).

Ainda no monte Castillo devemos referir a gruta de Las Monedas (Ripoll, 1972), onde o cavalo 20 (Ripoll, 1972, Lám. XIX) é um bom paralelo para determinadas representações de Siega Verde, e mesmo do Côa, designadamente

110 Trata-se de quatro datas efetuadas sobre duas amostras, tendo duas sido efetuadas sobre a fração carbonosa (GifA 95281: 14.060±140 BP; GifA 95364: 14.260±130 BP) e as outras duas sobre a fração húmica (GifA 95370: 13.290±140 BP; Gif 95362: 13.710±180 BP). A calibração a dois sigma das datas fornece os seguintes resultados: 17.502-16620 calBP (GifA 95281), 17.733-16.973 calBP (GifA 95364), 16.400-15.534 calBP (GifA 95370) e 17.122-16.058 calBP (Gif 95362).

111 Calibração a dois sigma das datas: 17.180-16.378 calBP, 12.944-12.560 calBP, 21.610-20.000 calBP e 14.737-13.847 calBP.

da rocha 16 da Foz do Côa, correspondendo estes últimos a recente descoberta de Mário Reis, a quem agradecemos a informação (cfr. Fig. 5.83). O sítio de Las Monedas era atribuído por comparação estilística ao Magdalenense recente (v.g. Ripoll, 1972, 66; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 540-541), algo que parece ter sido confirmado pelas datações ^{14}C das suas pinturas — uma sobre o cavalo n.º 20 (GifA-95360) que forneceu o resultado 11.950±120 BP e duas sobre a cabra-montês n.º 16 (GifA-95203 e GifA-95284) cujos resultados foram respetivamente 12.170±110 BP e 11.630±120 BP (Moure *et al.*, 1996, 315-312-315)[112].

Da gruta de Hornos de La Peña (Gálvez & Cacho, 2010, e bibliografia anterior aí citada), devemos destacar algumas gravuras do interior da cavidade, designadamente os cavalos das localizações 19, 20 e painel principal de Alcalde, Breuil & Sierra (Alcalde, Breuil & Sierra, 1911, 97, fig. 89, 99, fig. 90, 107, fig. 97), os auroques das localizações 9, 10 e 11 (*idem*, 103, fig. 94, 110, fig. 100), as cabras-monteses da localização 23 (*idem*, 101, fig. 92) ou ainda o veado da localização 3 (*idem*, 102, fig. 93). O antropomorfo itifálico da localização 18 do plano (*idem*, 106, fig. 96; Ucko, 1989, 318) oferece excelente paralelo quer para **Pi02-08**, quer para figura humana da placa 5879 do Medal (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1581, fig. 8). As figuras referidas de Hornos de la Peña eram atribuídas por Breuil a diversas cronoculturas, desde o Aurignacense, passando pelo Gravettense (Perigordense) até ao Magdalenense antigo (Breuil, 1985 [1952], 352-359). Já para Leroi-Gourhan, todo este conjunto interior dever-se-ia classificar como estilo IV antigo (Leroi-Gourhan, 1995, 542). Hoje em dia, a cronologia magdalenense da maior parte das figuras do interior é consensual, pese embora a eventual ocorrência marginal de figurações mais antigas (v.g. Gálvez & Cacho, 2010, 148; García & Garrido, 2014, 659).

Em Altamira os paralelos não são tão evidentes como os que temos vindo a tratar, não devendo, no entanto, deixar de ser mencionados. Um destes está há muito identificado na bibliografia, correspondendo à forma de representar os membros posteriores dos bisontes do teto, muito semelhante à que se encontra em **QB03-01** (v.g. Baptista, Santos & Correia, 2006, 158, nota 12). Os outros são mais esporádicos, correspondendo essencialmente a algumas gravuras, sendo de destacar o auroque 26 (Breuil & Obermaier, 1935, 71, fig. 44). Mas devemos também destacar as representações de cervas do teto — particularmente evidente quando olhamos apenas para as partes gravadas de figuras também pintadas, ou para as exclusivamente gravadas (*idem*, 48, fig. 22, 82, fig. 58.4) —, ou outras pinturas a negro e gravuras espalhadas pela cavidade — como, por exemplo, as cervas n.º 18 ou 35 (*idem*, 55, fig. 30, 82, fig. 58.3), a cabra-montês do grande teto (*idem*, 86, fig. 61), etc. Merecem ainda referência os antropomorfos, sendo que um dos itifálicos do teto é particularmente parecido com os atrás referidos de Hornos de La Peña, e Medal (*idem*, 80, fig. 56). Algumas destas figuras eram atribuídas por Breuil ao Aurignacense (que podia chegar ao Gravettense) — como os antropomorfos ou o auroque 26 —, sendo as restantes classificadas como magdalenenses (*idem*, 69-72, 96-97). Como é sabido, Leroi-Gourhan, considerava que todo o dispositivo parietal teria sido concebido num tempo relativamente curto, entre o Solutrense superior e o Magdalenense avançado (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 482). Hoje, as datações ^{14}C de alguns motivos de Altamira (Valladas *et al.*, 1992, 69; Moure *et al.*, 1996, 297-307) [113] permitem confirmar a pertença de, pelo menos alguns deles ao Magdalenense, devendo esta atribuição estender-se às restantes figuras que invocámos (v.g. González, Cacho & Fukazawa, 2003, 95; Heras & Lasheras, 2014, 625).

No País Basco encontramos também alguns paralelos. Estes podem ser esporádicos, mas são também exemplares. Observe-se por exemplo as semelhanças dos cavalos 436 de Santimamiñe (González & Ruiz, 2010, 68, fig. 61) e alguns da Ribeira de Piscos (v.g. **Pi03-04**), pese embora a diferença de tamanho e de técnicas empregues. Veja-se ainda o cavalo A.5 de Alkerdi (Gárate & Rivero, 2015, 25, fig. 8) e compare-se com exemplares da rocha 41 da Canada do Inferno (v.g. **CI41-04** e **CI41-07**) e da peça 14929/14972 do Medal, recentemente publicada (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015, 1578, fig. 4). No entanto, onde vamos encontrar os paralelos mais significativos para os últimos cavalos referidos,

112 Cujos resultados calibrados a 2 sigma são os seguintes: GifA-95360 — 14.100-13.544 calBP (94,8%); 13.507-13.493 calBP (0,6%); GifA-95203 — 14.544-13.750 calBP; GifA-95284 — 13740-13246 calBP.

113 Foram efetuadas sobre amostras dos bisontes 16 (GifA-91178: 13.570±190 BP; GifA-91249: 14.410±200 BP; GifA-96067: 13.130±120 BP), 43 (GifA-981181: 14.330±190 BP; GifA-91330: 14.250±180 BP; GifA-96071: 14.820±130 BP) e 42 (GifA-91179: 13.940±170 BP; GifA-91254: 14.710±200 BP; GifA-96060: 14.800±150 BP) da numeração do teto de Heras & Lasheras (2014, 624, fig. 10), de signo reticulado da localização 57c (GifA-91185±200 BP), da cerva da localização 35 (GifA-96062: 15.050±180 BP), de traço negro infraposto à cerva da localização 15 (GifA-96059: 14.650±140 BP) e de mancha negra da localização 52 ((GifA-96061: 16.480±210 BP) de Breuil e Obermaier (1935). A calibração a dois sigma destas datas fornece os seguintes resultados: 16.972-15841 calBP, 18.037-17.008 calBP, 16.100-15.329 calBP, 17.949-16.933 calBP, 17.860-16.827 calBP, 18.360-17.700 calBP, 17.424-16.374 calBP, 18.405-17.435 calBP, 18.380-17.635 calBP, 19.168-18.258 calBP, 18.692-17.895 calBP, 18.692-17.895 calBP e 20.449-19.394 calBP.

assim como para alguns da classe 3 de Siega Verde ,é na icónica gruta de Ekain (v.g. Altuna & Apellániz, 1978; Altuna, 1997, 49-100). As três grutas biscainhas tem sido, consensualmente, atribuídas ao Magdalenense médio ou superior (v.g. González & Ruiz, 2010, 149-151; Gárate & Rivero, 2015, 36; Altuna & Apellániz, 1978, 150-151; González, Cacho & Fukazawa, 2003, 195).

A relação da fase 3 com o mundo franco-cantábrico torna-se mais evidente quando observamos a quantidade de sítios franceses com paralelos para os motivos que a compõem. Um primeiro grupo pode encontrar-se ao longo dos Pirenéus, em sítios como Sinhikole-ko-Karbia (Pirenéus Atlânticos), Labastide, Tibiran (Altos Pirenéus) Ker de Massat, Le Portel, Niaux, Trois-Frères (Ariège) e Fornols-Haut (Pirenéus Orientais).

De Sinhikole-Ko-Karbia, gruta atribuída, pelo estilo, ao Magdalenense (Séronie-Vivien, 1974; 1984), refira-se como paralelo para alguns dos nossos equinos da fase 3 (designadamente os da rocha 41 da Canada do Inferno) o cavalo pintado aí existente (v.g. Séronie-Vivien, 1974, 41, fig. 3). De Labastide, cavidade a que já fizemos referência atrás, devemos referir a maior parte dos seus equinos, quer gravados, quer o icónico cavalo policromo (v.g. Simonnet, Simonnet & Simonnet, 1984, , 528, fig. 2, 534, figs. 16 e 17). Como se referiu acima, estas figuras são claramente diferentes das do painel 9. A sua adscrição ao Magdalenense médio, tal como proposto pelos autores que temos vindo a citar (*idem*, 533), parece-nos mais evidente. Será seguramente a esta fase que se deverão reportar as datas ^{14}C efetuadas sobre amostras recolhidas em diversos pontos da cavidade (Valladas *et al.*, 2013, 1425)[114]. De Tibiran refira-se o cavalo n. 12, figura considerada coeva das anteriores (Clot, 1984, 539).

É no Ariège, no entanto, que se encontra a maior concentração pirenaica de sítios com bons paralelos para os motivos da nossa fase 3. No sítio de Ker de Massat (Barrière, 1990) veja-se os cavalos da sala Paloumé, assim como os seus antropomorfos, por vezes reduzidos às faces, e compare-se com as nossas figurações da Ribeira de Piscos (rochas 2, 3 ou 24). Trata-se de um dispositivo gráfico atribuído ao Magdalenense médio e superior (Vialou, 1986, 255; Barrière, 1990, 120-122; Clottes, 1995, 30)[115]. De Le Portel (Beltrán, Robert & Vézian, 1966) destacamos alguns cavalos pintados a negro, tal como os n.ºs 3, 47, 48, 50, 51 ou 54 dos autores citados, que se paralelizam essencialmente com algumas figuras de Siega Verde. Mais uma vez, a estas figuras é atribuída uma cronologia Magdalenense, ora dentro das fases antiga e média (*idem*, 198), ora especificamente da fase média (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 523; Vialou, 1986, 260, 281). A datação ^{14}C de dois cavalos da gruta (os n.ºs 50 e 54 dos autores atrás citados) parecem apontar para uma cronologia entre o Magdalenense médio e superior (Igler *et al.*, 1994)[116]. Na gruta de Trois-Frères vamos encontrar mais cavalos comparáveis aos da nossa fase 3, tais como os das figs. 9, 50, 61-62, 68, 81 ou 82 de Bégouën e Breuil (Bégouën & Breuil, 1958, 15, 47, 56-57, 63, 78, 79)[117] ou ainda o cavalo SF-5-3 da Salle du Foyer (Bégouën *et al.*, 2014, 204-205). Para além destes paralelos, que são os mais evidentes, devemos ainda referir outros motivos, como alguns antropomorfos mais simples ou ainda algumas cabras-monteses, pese embora as óbvias diferenças que se podem verificar entre a subespécie alpina de Trois-Frères e a pirenaica da nossa região de estudo. A adscrição destas figuras ao Magdalenense, designadamente à sua fase média, não oferece dúvidas (v.g. Bégouën & Breuil, 1958; Vialou, 1986, 186-188; Bégouën *et al.*, 2014, 234-237) e, é aliás corroborada por datações efetuadas sobre sete amostras recolhidas em diversos pontos da cavidade[118]. Também em Niaux vamos encontrar excelentes paralelos para os nossos cavalos, tais como os n.ºs 59, 73,

114 Trata-se das datas GifA-99423 (13.870±130 BP), GifA-99104 (14.150±130 BP), Gif-6367 (12.700±110 BP), Gif-6612 (13.500±120 BP), Gif-6611 (13.700±120 BP), GifA-102394 (13.610±120), GifA-99105 (14.010±140 BP), LY405 (14.250±440 BP) e GifA-99424 (14.360±120 BP). As calibrações das datas fornecem os seguintes resultados: 17.206-16.352 calBP, 17.595-16.799 calBP, 15.557-14.590 calBP, 16.653-15.897 calBP, 16.957-16.196 calBP, 16.837-16.061 calBP, 17.455-16.552 calBP, 18.429-16.165 calBP, 17.845-17.144 calBP.

115 Barrière considera ainda a possibilidade dos grafismos da sala Méroc serem mais antigos, assim como a possibilidade do grupo de cervídeos da sala Paloumé ser já atribuída ao Magdalenense superior terminal (Barrière, 1990, 120-122).

116 Trata-se das datas AA-9465: 12.180 BP e AA-9766: 11.600 BP. A calibração a dois sigma fornece os resultados: 14.665-13.750 calBP e 13.741-13.1148 calBP. Refira-se ainda que a escavação do sítio revelou uma ocupação do Magdalenense médio, ocupação essa de onde provem a data Gif-2943: 12.760±170 BP (Baills, 1997, 230). A calibração desta data (15.775-14.415 calBP) parece apontar para uma certa anterioridade da ocupação relativamente aos resultados das pinturas, em particular do cavalo 54. Dada a exiguidade de amostras datadas, estes resultados devem, no entanto, ser lidos com cuidado, até porque ainda assim existe mais sobreposição de intervalos entre a data da ocupação e a do cavalo 50 que entre os das datações deste e do cavalo 54.

117 Veja-se ainda a figura 83 da obra citada para uma leitura mais facilitada dos cavalos do sector do "santuário".

118 Trata-se das datas GifA-99550: 14.060±110 BP, GifA-99555: 13.930±110 BP, GifA-99551: 13.980±120 BP, GifA-99553: 14.400±120 BP, GifA-99552: 14.210±110 BP, GifA-99554: 14.200±120 BP e Col-1569.1.1: 14.149±57 BP (Bégouën et al., 2014, 80, 107, 114, 144, 187). A calibração a dois sigma das datas fornece os seguintes resultados: 17.457-16.707 calBP, 17.259-16.482 calBP, 17.380-16.556 calBP, 17.887-17.200 calBP, 17.615-16.969 calBP, 17.631-16.922 calBP e 17.454-17.014 calBP. Refira-se que existem outras datações que se apartam destes resultados. Algumas destas foram feitas sobre amostras sem relação com a atividade humana na gruta (quedas de animais por antigas aberturas, por exemplo). Outras três denunciam, no entanto, a frequentação humana em períodos anteriores (duas datas) e posteriores (uma data). Para uma síntese destes resultados, veja-se Bégouën et al., 2014, 160-161.

74, 78, 79, 100 (Clottes, 1995, 102, 104, 108, 112-113). Mas veja-se também o auroque 28 (*idem*, 90), cujas semelhanças com algumas figuras da rocha 14 da Foz do Côa não devem ser descuradas, ou a cabra-montês 82, cujas semelhanças com **Fr08-07** são evidentes. Estas figuras são unanimemente atribuídas ao Magdalenense médio e/ou superior (v.g. Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 528; Vialou, 1986, 322; Clottes, 1995, 157), admitindo Breuil a realização de alguns signos durante uma fase posterior aos bisontes negros, "*proche de l'époque azilienne*" (Breuil, 1985 [1952], 194-195). A atribuição cronocultural às fases média e superior do Magdalenense parece confirmada pelas datas GifA-91319 — 12.890±160 BP, GifA-91173 — 12.440±190 BP (Valladas *et al.*, 1992, 69), GifA-92499 — 12.890±160 BP, GifA-92501 — 13.850±150 BP e GifA-92504 —13.740±190 BP (Clottes *et al.*, 1992, 271-272), resultando as duas primeiras de análises feitas às frações carbonosa e húmica de amostra do bisonte 130, a terceira de amostra de traço localizado acima do cavalo 125, e as duas últimas das frações carbonosa e húmica do bisonte 54, correspondendo a numeração ao inventário de Clottes (Clottes, 1995)[119].

Nos Pirenéus orientais encontra-se Fornols-Haut (Sacchi, 2008a, e bibliografia anterior aí citada), sítio de ar livre sobre o qual falámos atrás. Entre os motivos presentes no rochedo, refiram-se os capríneos, cujos paralelos vamos encontrar em diversas rochas da nossa região de estudo (v.g. **JE04-04**, **SV51-04**, **Ca04-01**). Como referimos atrás, o dispositivo parietal de Fornols-Haut, é atribuído ao Magdalenense (Sacchi, 2008a, 207).

Para nordeste, já na França mediterrânica, devemos referir outros três sítios: Gazel, no vale do Aude, e gruta e abrigo de Colombier, no do Ardèche. Na primeira das cavidades (Sacchi, Brulé & Escarguel, 2004; Sacchi, 1984a, 14-16; 1984b, e bibliografia anterior aí citada) vamos encontrar uma série de caprinos semelhantes aos que referimos no parágrafo anterior, assim como alguns cavalos cujas cabeças em particular também lembram alguns dos nossos motivos da fase 3. Este dispositivo tem vindo a ser adscrito ao Magdalenense médio, sendo altamente pertinente a exumação de arte móvel na camada coeva, com motivos comparáveis aos parietais (Sacchi, 1984b, 316). Deste nível provém a datação Gif-2655 — 15.070±270 BP (Sacchi, 1988, 180)[120].

Os sítios de Colombier devem ser entendidos como coevos e intimamente relacionados entre si (Combier *et al.*, 1984, 621). Da gruta de Colombier (Combier, 1984e, e bibliografia anterior aí citada) devemos destacar como paralelos não só os caprinos do tipo que temos vindo a descrever, como também a representação de auroque macho aí existente. Este dispositivo é atribuído ao Magdalenense recente (*idem*, 619). A mesma cronologia é atribuída ao dispositivo do abrigo, cujas cabras-monteses são, mais uma vez, semelhantes às que temos vindo a descrever (Combier *et al.*, 1984). Neste caso, a cronologia do dispositivo parece confirmada pelo achado de fragmento decorado da parede em camada datada do Magdalenense superior, de onde provem a data Gif-8717: 11.460±310 BP[121] (Onoratini, Combier & Ayroles, 1992, 409). De acordo com os autores que publicaram esta data, o dispositivo parietal terá sido executado antes dela e após a deposição da camada imediatamente abaixo, também integrável no Magdalenense superior, e de onde provém a datação Ly-5291: 14.660±660 BP[122] (*idem*, 405, 409). Refira-se, contudo, que de nível estratigráfico mais antigo provêm duas datas mais recentes, e que poderão encurtar ligeiramente o intervalo durante o qual se gravou o dispositivo (*idem*, 409)[123].

Uma segunda concentração de sítios pode ser identificada numa outra zona crucial da arte paleolítica francesa. Referimo-nos aos vales do Dordonha e do Lot. No primeiro devemos referir os sítios de Combarelles 1, Font-de-Gaume, Teyjat e Rouffignac, merecendo menção, no segundo, Sainte Eulalie, Pergouset e Christian.

De Combarelles (Barrière, 1997 e bibliografia anterior aí citada) destacamos, mais uma vez, alguns cavalos — n.ºs VID47, VID52, VIG37, VIIID81, XD168, XD171, XD173, XD180, XD185, XD191, XD195, XD197, XG147, XG163, XG177 (*idem*, 190, 200, 235, 285, 393, 396, 397, 402, 404, 407, 409, 436, 447), mas também outras figuras, como as faces antropomórficas VIG36, VIG60, VIG64 (*idem*, 233, 252, 255), o antropomorfo itifálico de VIIG70 (*idem*, 272),

119 A calibração a 2 sigma destas datas fornece os seguintes resultados: 15.946-14.880 calBP, 15.257-13.976 calBP, 16.237-15099 calBP, 17.233-16.289 calBP e 17.195-16.070 calBP.

120 Cuja calibração a dois sigma fornece o resultado 18.873-17.705 calBP.

121 Calibração a dois sigma: 13.994-12.725 calBP.

122 Calibração a dois sigma: 19.486-16.160 calBP.

123 Correspondem às datas Ly-5292 — 14.480±360 BP e UtC-1737 — 13.280±110 BP. A sua calibração a dois sigma fornece os seguintes resultados: 18.514-16.650 calBP e 16.286-15.640 calBP.

ou os auroques VIIID97 e XG199 (*idem*, 303, 466). Como as restantes estações que temos vindo a tratar, o dispositivo gráfico de Combarelles I tem vindo a ser atribuído ao Magdalenense médio ou superior (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 507; Barrière, 1997, 540-541). Breuil, contudo, admitia que algumas das gravuras pudessem recuar até ao Magdalenense antigo (Breuil, 1985 [1952], 101). A este título será de lembrar que M. Archambeau publica na sua tese duas datas de ossos recolhidos em sondagem efetuada por J.-Ph. Rigaud sob o pórtico de Combarelles (Archambeau, 1984, *apud* Barrière, 1997, 541). Estas datas — Ly-3201: 11.380±210 BP e Ly-3202: 13.680±210 BP[124] — recolhidas respetivamente nos níveis superior e inferior da sondagem, vieram ampliar a cronologia (Magdalenense IV-V) atribuída pelo escavador ao material por ele exumado, mas reforçam a hipótese da construção do dispositivo gráfico entre o Magdalenense médio e superior.

Os paralelos que se encontram na gruta de Font-de-Gaume não são tão eloquentes, porquanto esta cavidade, contrariamente à anterior, é dominada por temas que não ocorrem, ou são muito raros, na nossa zona de estudo. Contudo, merecem referência algumas representações gravadas de cavalos, tais como as do divertículo final (Capitan, Breuil & Peyrony, 1910, 129) ou ainda o cavalo pintado da localização 49 (*idem*, 109, fig. 79, pl. VII). Breuil considerava estas figuras contemporâneas, integrando-as na terceira de seis fases de decoração da cavidade (Breuil, 1985 [1952], 88)[125]. Se bem que a cronologia desta fase não tivesse sido precisada, sabemos que a segunda era atribuída ao Perigordense (*idem*, 88) e que as suas gravuras eram consideradas contemporâneas das da gruta de Combarelles I (Capitan, Breuil & Peyrony, 1910, 248), que, como vimos linhas atrás, Breuil considerava do Magdalenense antigo/ médio. Para Leroi-Gourhan, a cavidade continha duas séries, uma classificada como estilo III e a mais recente (onde se integram os nossos paralelos) classificada como estilo IV e atribuída ao Magdalenense IV-V (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 510). Como refere Roussot, os dois faseamentos só à primeira vista se contradizem, devendo as fases de Breuil apenas serem enquadradas na cronologia proposta por Leroi-Gourhan (Roussot, 1984e, 133).

De Teyjat (Paillet *et al.*, 2015, e bibliografia anterior aí citada) devemos destacar as figurações de auroques do painel da grande cascata estalagmítica (Capitan *et al.*, 1912, 500-502, figs. 2-3), e cavalos do painel anterior e dos 2, 3, 4, 5 e 6 (*idem*, 499, fig. 1, 505, fig. 5, 506, fig. 6, 508, fig. 8, 510, fig. 9, 512, fig. 11). Merecem ainda referência os veados dos painéis 4 e 5 (*idem*, 508-511, figs. 8-10). Parte destes painéis encontram-se em blocos encontrados em estratigrafia, porquanto a sua atribuição ao Magdalenense superior não oferece dúvidas (v.g. Breuil, 1985 [1952], 313; Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 494; Aujoulat, 1984d, 234; Paillet *et al.*, 2015, 445).

Da gruta de Rouffignac (Plassard, 1999, e bibliografia anterior aí citada) merecem menção os cavalos do grande teto (Barrière, 1982, 44-45), assim como as figurações humanas, que não deixam de apresentar um certo ar de família relativamente às do Vale do Côa. À gruta de Rouffignac é atribuída uma cronologia do Magdalenense médio ou, eventualmente, superior (v.g. Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 512; Barrière, 1982,193; Plassard, 1999, 41).

Também as grutas do Lot referidas acima são adscritas ao Magdalenense médio. Em Sainte-Eulalie (Lorblanchet, 2010, 406-408) mencione-se, como paralelos, os cavalos do painel 5 (Lorblanchet *et al.*, 1973, 32, fig. 28). Refira-se que nesta gruta foi identificado um habitat com ocupações do Solutrense superior ao Magdalenense recente (*idem*, 233-267), sendo parte das gravuras recobertas pelo nível mais recente (*idem*, 317-318). De acordo com os autores que temos vindo a citar, o dispositivo parietal relacionar-se-á com a camada de ocupação do Magdalenense médio, a partir da qual as gravuras se situam à altura da mão de alguém aí em pé (*idem* , 318). Deste nível provém as datas Gif-1745 — 15.100±270 BP — e Gif-2194 — 15.200±300 BP — e do Magdalenense superior as datas Gif-1697 — 10.830±200 BP — e Gif-2193 — 10.400±300 BP (*idem*, 269)[126]. Da gruta de Pergouset (Lorblanchet, 2010, 409-411, e bibliografia anterior aí citada) destacamos essencialmente como paralelos os diversos cavalos da sala II (Lorblanchet, 2001, 63-82). De Christian (Lorblanchet, 2010, 414, e bibliografia anterior aí citada) destacamos o único cavalo aí identificado.

Mais para norte continuamos a encontrar pontuais paralelos em contextos do Magdalenense médio. Um destes

124 A calibração das datas a dois sigma da data Ly-3201 fornece os seguintes resultados: 13.698-13.682 CalBP (0,4%); 13.612-12.784 calBP (95%). A da data Ly-3202 fornece o seguinte: 17.174-15.593 calBP.

125 Aquando da publicação da monografia original, Capitan, Breuil e Peyrony apenas consideravam quatro fases (sendo a última dividida em 2 subfases), tendo os paralelos que invocamos sido integrados na segunda (Capitan, Breuil & Peyrony, 1910, 247-248)

126 Cuja calibração a dois sigma fornece os resultados 18.902-17.738 calBP (Gif-1745), 18.890±17.735 calBP (Gif-2194), 13.135-12.375 cal BP (92,5%), 12.348-12.235 calBP (2,4%), 12.202-12.174 (0,5%) (Gif-1697) e 12.794-11.248 calBP (Gif-2193).

contextos corresponde ao Réseau Guy Martin (Vienne), cujos cavalos e, mesmo o antropomorfo do painel principal, evocam algumas das nossas figuras da fase 3 (Airvaux, 1998; 1999). Refira-se que escavações no vestíbulo da cavidade revelaram uma ocupação do Magdalenense, dela provindo a datação Orsay-3780: 14.240±85 BP[127] (Airvaux, 1998, 496).

Evocar os paralelos da arte móvel para os nossos motivos da fase 3, tal como fizemos nos casos anteriores, seria uma empreitada que duplicaria seguramente a dimensão deste trabalho, redundando apenas as conclusões a que se podem chegar a partir da análise feita até aqui. De facto, os paralelos na arte móvel magdalenense são imensos. A este título, talvez seja de relembrar que um dos aspetos do quadro cronoestilístico de Leroi-Gourhan que se continua a verificar com uma grande acuidade prende-se com a cronologia da arte magdalenense (v.g. Alcolea & Balbín, 2007b, 459). De facto, se alguma precisão será ainda assim necessária no que toca à distinção de um estilo IV antigo e recente (v.g. Clottes, 1989), a proposta estilística do autor francês relativamente à arte magdalenense mantém-se globalmente atual. Se tal se verifica, isso deve-se ao facto de, contrariamente aos períodos anteriores, se conhecerem milhares de peças de arte móvel provenientes de contextos magdalenenses[128]. Ora, como se sabe, a comparação entre as figuras de peças provenientes de contextos estratigráficos seguros e as das paredes rochosas é um dos pilares que sustentam o edifício de Leroi-Gourhan (Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 33). Refira-se que mesmo a crítica de Clottes relativamente às diferenças entre o estilo IV, hoje amplamente aceite (v.g. Alcolea & Balbín, 2007b, 437), se fundamenta em grande parte, no mesmo tipo de comparações. Mesmo que nenhum paralelo da arte móvel seja por nós referido (para além dos referidos no subcapítulo 4.2), podemos dizer que, se o fizéssemos, iríamos apenas reforçar as inferências que se podem fazer com a exclusiva evocação dos paralelos parietais, a saber — as figurações da fase 3 de cavalos e auroques, e motivos contemporâneos, devem ser atribuídos a um período entre o Magdalenense médio e superior.

Em termos de distribuição geográfica, destaque-se a ausência de paralelos no sul e sudeste peninsular, contrastando com a grande profusão que se verifica no mundo franco-cantábrico.

4.3.4. Fase 4

Na nossa região de estudo encontramos motivos desta fase no Vale do Côa, em Siega Verde, em Domingo García e em Ojo Guareña. Este último sítio é particularmente importante porquanto se conhecem cinco datações diretas das suas pinturas: GifA-95283 — 11.470±110 BP, GifA-96134 — 11.540±100 BP, GifA-95229 — 11.130±100 BP, GifA-95363 — 10.980±160 BP e GifA-96136 — 10.950±100 BP (Corchón *et al.*, 1996)[129]. Estas datações são genericamente coevas das da Peña de Estebanvela e apenas ligeiramente mais antigas que as do Fariseu referidas atrás, sítios de onde provêm peças de arte móvel com figurações integráveis nas classes que agora tratamos.

As semelhanças entre estes motivos genericamente contemporâneos foi há uns anos destacada por Bueno, Balbín e Alcolea (2007), defendendo estes autores a existência de um estilo V, tal como proposto anos antes por Roussot para as regiões da Gironda e do Périgord (Roussot, 1990, 199-201). Independentemente da denominação que se adopte para identificar este conjunto de motivos (v.g. arte pós-magdalenense, estilo V, azilense figurativo), a existência de uma arte figurativa produzida ao longo do intervalo temporal 11.500-9.000 BP[130] tem-se tornado paulatinamente um dado adquirido da investigação atual (v.g. Beltrán, 1987; 1989; 1990; Lorblanchet, 1989; Guy, 1993; 1997; D'Errico, 1994, 254-275; Bueno, Balbín & Alcolea, 2007).

Se é verdade que Breuil já colocava a hipótese de poderem ocorrer pinturas e gravuras de cronologia azilense no interior das cavidades cársicas (Breuil, 1985, 405-406), também é verdade que a maior parte dos investigadores que

127 Cuja calibração a dois sigma resulta no intervalo 15.645-15.128 calBP.

128 Para se ter uma ideia do número de peças de arte móvel magdalenenses refira-se que só no sítio de La Marche, foram exumados mais de seis mil lajes e plaquetas (inteiras e fragmentadas) (Airvaux, 2001, 88-89). Na gruta de Enlène, até 1987, já tinham sido recolhidas 1150 plaquetas e fragmentos de plaquetas (Bégouën & Clottes, 1990, 157). Agora conte-se com os restantes sítios e suportes (designadamente em osso e haste) para se ter uma ideia do número de peças conhecidas atribuídas a este período.

129 Cuja calibração a dois sigma fornece os seguintes resultados: GifA-95283 — 13.531-13.528 calBP (0,1%), 13.490-13.088 calBP (95,3%); GifA-96134 — 13.566-13.172 calBP; GifA-95229 — 13.385-12.983 calBP; GifA-95363 — 13.159-12.640 calBP; GifA-96136 — 13.040-12.701 calBP.

130 A referência a este intervalo preciso encontra-se em Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, 549. Em datas calibradas, corresponde *grosso modo* ao intervalo 13.300-10.200 calBP.

começaram a debruçar-se sobre a matéria, desde há cerca de trinta anos a esta parte, o tem feito sobre manifestações gráficas de suportes móveis. As exceções notáveis eram a gruta de Gouy[131] (Seine-Maritime) e a de Badanj[132], já na Jugoslávia (v.g. Roussot, 1990, 201).

Hoje, são já apontados vários exemplos parietais, em gruta ou ao ar livre, na Península Ibérica. No artigo de Bueno, Balbín & Alcolea referido acima, para além de Gouy e de alguns dos motivos integrados pelas nossas análises nas classes terminais, são também justamente referidos alguns motivos de La Griega (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, 565), o dispositivo parietal da gruta de La Clotilde[133] (*idem*, 571), algumas figuras do Tejo[134] e do Guadiana[135] (*idem*, 574) e ainda o Abric d'en Melià[136] (*idem*, 581).

Dada a longa diacronia dos conjuntos do Tejo e do Guadiana, teceremos algumas considerações sobre eles. A arte figurativa de cronologia epipaleolítica está desde há muito identificada no vale do Tejo (v.g. Baptista, 1981; Gomes, 1990b), tendo sido alvo de recente tratamento específico (Gomes, 2007a). As representações do Tejo que julgamos paralelizáveis com os motivos das nossas classes terminais correspondem aos que Varela Gomes integra na sua subfase antiga do período subnaturalista (*idem*, 87). Encontram-se essencialmente nas estações de Cachão do Algarve e Fratel (*idem*, 91-102). Algo que parece apartar as figurações da fase 4 da nossa região de estudo, das figuras epipaleolíticas do Tejo é o predomínio da picotagem nesta última região, frente ao da incisão na primeira. Contudo, a estreita semelhança entre pelo menos algumas das figuras incisas do Côa e as atribuídas ao Epipaleolítico do Tejo, designadamente na rocha F-155, foi ainda há pouco tempo destacada (Baptista, 2009a, 211-212). Como referimos no momento próprio, nas nossas classes terminais tanto se encontram figuras picotadas como incisas. As primeiras, mais que "prolongando afinal as formas incisas da desconstrução dos animais patentes nas placas do Magdalenense final do Fariseu e em muitas outras rochas do Côa" (Baptista, 2009a, 215) devem afinal corresponder à variante monumental do mesmo fácies — particularmente presente no vale do Tejo —, não de cronologia estritamente magdalenense, mas posterior. Afinal, e como foi já referido, a ocorrência do picotado nesta época "*confirme que cette technique n'a pas perdu, durant le Finiglaciaire, l'importance qu'elle avait exercée tout au long du Paléolithique Supérieur*" (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, 574).

Já a situação do Guadiana é um bocado mais complexa. As figuras que são paralelizáveis com as nossas da fase 4 correspondem às da rocha 30 da Moinhola (Baptista & Santos, 2013, 147-149, fig. 144), e a algumas de Molino Manzánez que Collado atribuiu ao Solutrense/ Magdalenense antigo (Collado, 2006, 279-280), tal como a cerva 13 do painel 2 da estação CVII (Collado, 2006, 224-225) ou a 14 da estação CDVII (*idem*, 228-229)[137]. Relativamente ao conjunto que o autor considera epipaleolítico, já tivemos oportunidade de manifestar a nossa discordância (Baptista & Santos, 2013, 244-248). Contudo, admitimos que o autor possa ter razão quanto à atribuição cronológica do bovino da estação CXXV (Collado, 2006, 289, fig. 2).

Collado tinha também razão quanto à necessidade de uma nova revisão crítica no que respeitava à atribuição cronológica de "*una buena parte de los grabados filiformes del conjunto portugués*" (Collado, 2006, 370), *mea culpa* que já tivemos ocasião de proferir em trabalho recente (Santos, Sanches & Teixeira, 2015, 130). Essa revisão deve, no entanto, estender-se às figuras referidas acima de Molino Manzánez.

No trabalho de Collado, este refere outros paralelos que julgamos aplicáveis às nossas figuras da fase 4, designadamente alguns motivos do Escoural e de Barranco Hondo (Collado, 2006, 370, 379). Relativamente às figuras do Escoural, pensamos que Collado tem razão, devendo aquelas figuras "estriadas" ser adscritas ao Magdalenense final/ Azilense. De facto, os grandes paralelos para estas figuras não estão nos animais "estriados" da Cantábria, caraterizados pelo seu naturalismo, mas nas figuras pouco detalhadas e algo geometrizadas de que tratamos neste ponto.

Em Barranco Hondo (Utrilla & Villaverde, 2004) encontramos, de facto, bons paralelos para os nossos animais da fase 4, designadamente os motivos 1 e 2 (*idem*, 37-47). Todo o painel, onde se observa também figuras antropomórficas,

131 Martin, 2007; Martin & Martin, 1984, e bibliografia anterior aí citada.
132 Basler *et al.*, 1979 *apud* Roussot, 1990, 201.
133 Fernández, 2010, e bibliografia anterior aí citada.
134 Gomes, 2010, e bibliografia anterior aí citada.
135 Collado, 2006; Baptista & Santos, 2013.
136 Martínez, Guillem & Villaverde, 2003.
137 Que o autor justamente paraleliza com figuras que as nossas análises integram nas classes terminais dos respetivos temas (Collado, 2006, 277).

foi, no entanto, integrado no ciclo levantino, nomeadamente nas suas "etapas iniciais" (*idem*, 70). Já anteriormente tivemos ocasião de refletir sobre esta estação (Baptista & Santos, 2013, 247). Nessa altura, admitimos como hipótese a existência de uma atualização levantina de uma composição mais antiga, correspondendo a gravação dos antropomorfos a uma fase posterior à dos animais. Contudo, tendo em conta as observações de Bueno, Balbín e Alcolea (2007, 570-571; 572, fig. 15), relativamente às semelhanças entre um dos antropomorfos da Faia, o feiticeiro de Ojo Guareña e algumas figuras humanas levantinas, hoje pensamos que todo o conjunto pode ser sincrónico, e integrável no referido estilo V da equipa de Alcalá de Henares. De facto, se o antropomorfo da rocha 3 da Faia foi integrado por estes autores nesse estilo, o mesmo se poderá dizer do antropomorfo da direita da rocha 5 do mesmo sítio (Luís, 2009b, 137, fig. 6B). Já o da esquerda apresenta notáveis semelhanças precisamente com o motivo 4 do Barranco Hondo (Utrilla & Villaverde, 2004, 51).

De facto, as figuras das rochas 3 e 5 da Faia, assim como os bovinos pintados da rocha 1 deste sítio (Baptista, 1999b, 159) devem ser coevos das classes terminais do nosso estudo, tal como aliás já tinha sido apontado por Bueno, Balbín e Alcolea (2007, 567-568)[138]. Sintomático deste facto são os paralelo que se podem estabelecer entre os referidos bovinos e os da rocha 12 da Penascosa (cfr. descrição e decalque nos anexos), integrados na classe 4 pela classificação hierárquica ascendente.

Voltando ao Levante da Península Ibérica, será de lembrar que os motivos publicados dos sítios paleolíticos de ar livre da região a que nos referimos no capítulo da historiografia são todos paralelizáveis com os da nossa fase 4. Assim, para além do Abric d'en Melià já referido parágrafos acima, recordemos a Cova del Bovalar (Martínez & Guillem, 2005; Martínez, Guillem & Villaverde, 2008; Martínez, Guillem & Cueva, 2008) e o Cingle del Barranc de l'Espigolar (Martínez & Guillem, 2005; Martínez, Guillem & Villaverde, 2008; Guillem & Martínez, 2009). Lembremos também que estes, assim como os restantes quatro abrigos de Castellón ainda não publicados, são atribuídos aos finais do Paleolítico ou ao Epipaleolítico laminar (Martínez, Guillem & Villaverde, 2008).

Mais recentemente, foram publicadas outras estações com paralelos para os motivos da nossa fase 4. Uma destas encontra-se no vale do Sabor, correspondendo ao sítio de Pedra de Asma 7, cujos motivos mais antigos foram justamente comparados com os que tratamos agora (Figueiredo, 2014, 20-22)[139]. Na Galiza, devemos referir a série mais recente do dispositivo parietal da Cova Eirós, igualmente comparado com figuras que a nossa análise integrou nas classes terminais da respetivas espécies (Lombera & Fábregas, eds., 2013; Fábregas *et al.*, 2015, 176).

E na região cantábrica, podemos encontrar igualmente paralelos que possam datar desse tal intervalo 11.500-9.000 BP? De facto, nesta região "*avec tellement d'abondantes manifestations du Paléolithique Supérieur, le style V doit posséder une large représentation pariétale*" (Bueno, Balbín & Alcolea, 2007, 581). Balbín apresenta como possíveis exemplos, cervídeo de El Buxu ou ainda algumas representações de Tito Bustillo, como o cavalo XC 58 ou o bovino XD 89 (Balbín, 2014, 85). Se é verdade que ambos os motivos apresentam datas compatíveis com esta hipótese, também não se pode esquecer que no caso do da figura de El Buxu[140] e de XD 89 apenas se dispõe de uma data (Fortea, 2002, 8, 22) e no caso de XC 58 dispõe-se de outras três datas, sendo que as duas mais antigas (ambas sobre a fração húmica) são as únicas cujos intervalos se sobrepõem entre si (*idem*, 23). Contudo, como valorizar mesmo estas datas, quando as diferenças entre as da fração carbonosa e as da fração húmica são da ordem dos cinco, seis mil anos?

Por outro lado, o estilo de qualquer das figuras referidas não se assemelha em nada às que temos vindo a tratar, especialmente no que toca à perspetiva, à ausência de detalhes anatómicos, preenchimento interior, corpos geométricos, etc. No entanto, pensamos que na região cantábrica existem bons paralelos para as figuras das nossas classes terminais. Um destes encontra-se na gruta de Pindal e até está datado. Referimo-nos ao veado 64 do inventário mais recente da gruta (González-Pumariega, 2011, 198). Trata-se de uma figura cujas semelhanças com **VC01-01** são notórias, ao nível da forma do corpo, das patas, do uso da perspetiva na representação das mesmas, no modelado parcial do corpo, etc[141].

138 Se bem que neste texto os bovinos apareçam identificados como provenientes da rocha 3.

139 No vale do Sabor encontramos ainda outras estações cujos paralelos com motivos da segunda fase do período subnaturalista e das duas fases do estilizado-dinâmico de Varela Gomes nos permitem datar de momentos já plenamente epipaleolíticos e posteriores aos das nossas classes terminais. São eles os sítios de Cabeço de Aguilhão (Figueiredo, 2013, 75-76), Passadeiro (Sanches & Teixeira, 2014) e Parada (Teixeira, 2016).

140 Esta datação apresenta ainda outros problemas. Por um lado, foi feita sobre o conjunto de seis amostras (três recolhidas na pata do veado maior do grupo XV de Obermaier e outras três do modelado interno do "gamo" do mesmo grupo – o único referido por Balbín no texto que citamos). Por outro lado, o próprio laboratório alerta para a prudência com que deve ser lida a data, devido à pouca massa de carbono datável após tratamento químico (Fortea, 2002, 8).

141 Mais que o decalque de Breuil, aconselhamos o leitor a consultar a foto publicada por González-Pumariega. Refira-se, contudo, que tivemos oportunidade

Esta figura, o prótomo de um cavalo e os quartos traseiros de um animal indeterminado conformam um painel que Alcalde, Breuil e Sierra caraterizaram por "dos desenhos negros" (1911, 63), tratando-se dos únicos animais desta cor na gruta. Por outro lado, estes motivos encontram-se isolados da grossa maioria do dispositivo parietal da cavidade, no lado esquerdo da gruta e claramente relacionados com um outro painel, desta feita composto apenas por signos, também pintados a negro (v.g. n.ºs 66 e 67 do inventário de González-Pumariega), alguns deles evocando de sobremaneira grafismos mais recentes[142]. Tendo em conta estes aspetos, pensamos que as duas datações efetuadas sobre amostras do referido veado devem ser valorizadas. Estas correspondem às datas 10.240±90 BP (GifA-95539) e 10.040±100 BP (GifA-98199) (Fortea, 2002, 21)[143].

Outros paralelos evidentes encontram-se na gruta de Les Pedroses (Balbín *et al.*, 2000, 387-389, fig. 5; Rios & Castro, 2007, 170-171). Referimo-nos não só às icónicas figuras acéfalas, com os seus corpos sub-retangulares, o seu preenchimento interno ou os seus pescoços sem cabeça (com variados paralelos gravados no vale do Côa — v.g. **CI41-10**, **QB23-32**, **JE16-08**) mas também motivo recentemente identificado que, embora interpretado como antropomorfo (Balbín *et al.*, 2000, 389, fig. 5), apresenta evidentes similitudes com o nosso cavalo **CI34-01** (figura integrada na classe 4 pelas nossas análises)..

Seguramente que no futuro outras motivos se identificarão que se possam atribuir a este período. De momento, queremos destacar o facto de voltarmos a encontrar, no sul e sudeste peninsular, paralelos para as nossas figuras, algo que poderá denunciar uma expansão das redes de contacto para sul e sudeste promovido por novo e intenso deterioramento climático – o Dryas recente.

4.4. Em suma

A análise de correspondências múltiplas seguida da classificação hierárquica ascendente revelou a existência de quatro classes. Estas terão um valor cronológico, tal como inferido a partir de outros indicadores e, como tal, resultarão da atividade artística desenvolvida ao longo de, pelo menos, quatro fases distintas.

Os motivos da **fase 1** são claramente anteriores aos das restantes, tal como evidenciado pela estratigrafia parietal (vertical ou horizontal) de rochas como 3 da Canada do Inferno, 2, 15 e 56 da Quinta da Barca, 1 de Vale de Figueira ou 51 de Siega Verde. A análise geoarqueológica nos sítio da Canada do Inferno, na rocha 1 de Vale de Figueira e, eventualmente na 56 da Quinta da Barca, revela a existência de uma fase erosiva entre a execução dos motivos das fases 1 e 2. Esta, a avaliar pelos estudos geoarqueológicos de diversos sítios da região deverá corresponder à que se deu em momento prévio ao evento Heinrich 1, cuja destruição do solo contemporâneo da gravação de figuras da fase 1 está atestada no Fariseu. Estas figuras não terão sido, portanto, executadas posteriormente ao Solutrense final. Resulta assim altamente pertinente o achado de picos na camada 3 da Olga Grande 4, camada essa datada do Gravettense mas cujo topo se encontra truncado por fase erosiva anterior ao Solutrense médio. Por outro lado, a grossa maioria dos paralelos do sudoeste europeu para os motivos da fase 1 está datada ou é atribuída ao Gravettense, podendo alguns chegar ao Solutrense inferior e mesmo médio. Esta fase será portanto *grosso modo* coeva das fases 1 a 5a (?) de Aubry, datando de um período entre o Gravettense e o Solutrense médio. A distribuição geográfica dos seus paralelos e a adscrição crono-cultural dos mesmos sugere a existência de uma rede de contactos indiretos que se estendia do norte de França ao sul peninsular.

A **fase 2** é seguramente posterior à classe 1, tal como demonstrado pela estratigrafia parietal das rochas 3 da Canada do Inferno, 56 da Quinta da Barca, 1 de Vale de Figueira e 51 de Siega Verde. A anterioridade relativamente à classe 3 de auroques e cavalos está atestada pela estratigrafia parietal das rochas 4 do Fariseu, 2 de Piscos e 21 de Siega Verde, e relativamente às classes terminais pela das rochas 12, 14 e 22 da Canada do Inferno, 5 e 8 do Fariseu, 10 da Penascosa, 23 da Quinta da Barca, 5 de Vale de Cabrões, 48 de Siega Verde e 12 de San Isidro. Nas rochas 19 da Canada do Inferno, 1 do Tudão e 17 da Penascosa observa-se a posteridade das classes terminais relativamente a veados

de observar esta figura in situ durante o congresso de guias de sítios com arte paleolítica realizado nas Astúrias no ano de 2011.

142 Existem na gruta outros signos pintados a negro, encontrando-se no lado direito da gruta, por onde se distribui o grosso do dispositivo gráfico da cavidade. Contudo, os signos negros resumem-se, neste lado, a simples pontos (cfr. inventário de González-Pumariega (2011).

143 Cuja calibração a dois sigma fornece os seguintes resultados: GifA-95539 — 12.395-11.614 calBP; GifA-98199 — 11.969-11.252 calBP.

e cabras-monteses integradas na classe 2. A análise geoarqueológica da Canada do Inferno e, eventualmente, da rocha 56 da Quinta da Barca, indicia igualmente a posteridade desta fase relativamente à mais antiga. A leitura da estratigrafia horizontal da rocha 12 da Canada do Inferno à luz da sequência de sedimentação e erosão verificada no Fariseu poderá indiciar a vigência desta classe entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo, período ao qual é atribuída a maioria dos paralelos que identificamos para esta classe. Resulta particularmente relevante os paralelos de La Viña e La Lluera, com grafismos com caraterísticas mistas das nossas fases 1 e 2, e cuja análise conjunta sugere terem sido gravados durante o Solutrense médio. Os restantes paralelos para esta fase encontram-se sobretudo para norte da cordilheira cantábrica, sendo os paralelos meridionais parcos e vagos. Tal parece encontrar um correlato no registo arqueológico, uma vez que durante a fase Vb de Aubry, coeva da nossa classe 2, são evidentes, ao nível das indústrias líticas, as relações com a Cantábria. A fase 2 poderá ainda ser também parcialmente contemporânea da fase 6 de Aubry. Datará de um período entre o Solutrense médio/ superior e o Magdalenense antigo.

A posteridade da **fase 3** relativamente às anteriores está atestada pela estratigrafia parietal dos casos referidos atrás. A sua anterioridade relativamente à fase 4 está atestada nas rochas 41 da Canada do Inferno e 6 de Vale de Cabrões. Os achados do nível 1055 do Medal garantem-nos que ela é anterior a 12.350±930 BP. Na Peña de Estebanvela, a diferença entre os cavalos de duas peças provenientes de camadas distintas, sendo um classificado como classe 4 e o outro comparável com motivos da 3, permite-nos levantar a hipótese do intervalo de entre c. de 13.500 e c. de 13.000 calBP corresponder a charneira entre fases. Tal inferência é compatível com os paralelos que temos para a fase 3 que são atribuídos às fases média e final do Magdalenense. Estes encontram-se sobretudo a norte da cordilheira cantábrica, cujos contactos com o Ocidente peninsular estão atestados num sítio tão a sul como a Buraca Grande. Consequentemente, a fase 3 será parcialmente coeva da fase 6 de Aubry, datada das fases média e superior do Magdalenense.

A **fase 4** é claramente posterior às anteriormente referidas, tal como demonstrado pela análise da estratigrafia parietal dos casos atrás referidos. A sua atribuição ao Azilense está bem documentada pelos paralelos na arte móvel exumada em contextos bem datados do Fariseu, Quinta da Barca Sul, Cardina, Peña de Estebanvela e, eventualmente, La Dehesa. Por outro lado, é também a este período que se atribuem os paralelos que encontramos para esta fase, desta feita distribuídos por toda a Península ibérica. Os paralelos parietais são, no entanto, mais difíceis de identificar na região cantábrica e, sobretudo além-Pirenéus, onde, no entanto, abundam os paralelos na arte móvel. Esta fase será coeva da fase 7 de Aubry, datando essencialmente do Azilense.

De extrema importância é o facto do nosso estudo sobre os paralelos para as diferentes fases ter demonstrado que estas são genericamente coevas daqueles e que que, consequentemente, a análise da sua distribuição nos permite inferir a extensão e direccionalidade das redes de contactos a longa distância no contexto das quais devem ter emergido as estações estudadas. Os fluxos de expansão e contração destas redes parecem confirmar a inferência de Zilhão (2003) relativamente à relação entre rigor climático e extensão das redes de contacto. De facto, se observarmos a distribuição dos paralelos para as nossas fases verificamos que é para os das fases 1 e 4, genericamente coevas do pleniglaciar e do Dryas recente, que a área de distribuição é maior (Fig. 4.4).

A contrario os paralelos para a fase 3 restringem-se à área franco-cantábrica, começando, já durante a vigência da fase 2, a ser parcos os que se podem encontrar no sul e sudeste da Península. Isto é algo que os conjuntos da fase Vb de Aubry, caraterizados por pontas solutrense de tipo cantábrico, já pareciam indiciar. Durante a vigência das fases 2 e 3, a atividade gráfica não foi seguramente interrompida no sul e levante peninsular, mas os grafismos daí resultantes (v.g. Molino de Manzánez, Porto Portel, Mina de Ibor, Escoural) são muito diferentes dos que ocorrem na maioria das estações estudadas. Os sítios do Zêzere são, a este nível, bastante pertinentes, porquanto à sua localização (as nossas estações mais a sul com grafismos pós-classe 1) corresponde uma situação de charneira entre a fase 2 setentrional (cavalos) e a arte rupestre coeva do sul peninsular (cervas).

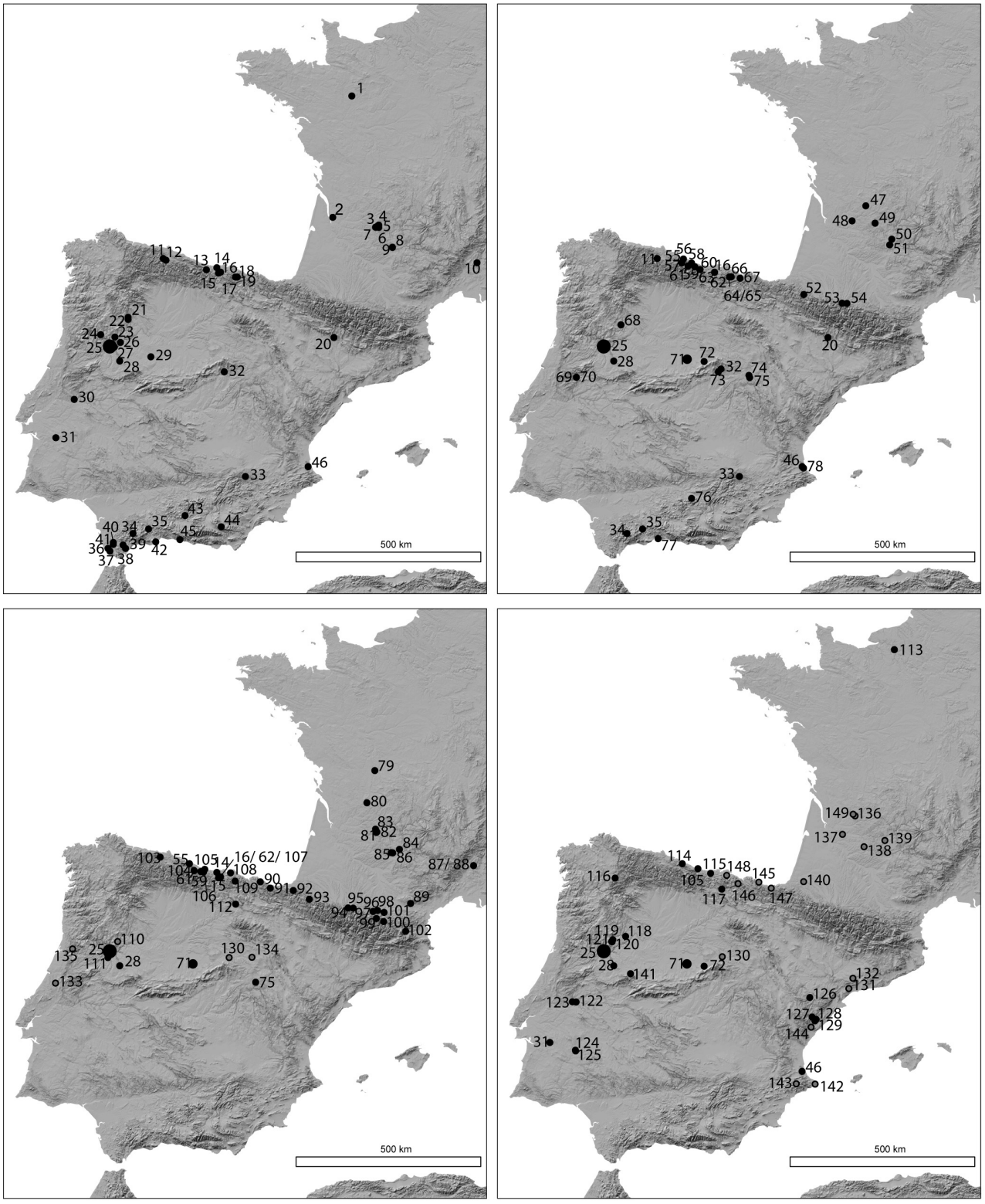


Fig. 4.3: Repartição dos sítios estudados pelas diferentes classes e respetivos paralelos. Apenas se indicam os sítios com arte móvel (círculos cinzentos) da zona de estudo que contenham unidades gráficas figurativas e aqueles, fora da zona de estudo, com paralelos para a classe 4. Os sítios do Côa (25) e de Domingo García (71) encontram-se agrupados em círculos maiores. 1: Mayennes-Sciences; 2: Pair-non-Pair; 3: Fongal; 4: Labattut; 5: Laussel; 6: La Croze à Gontran; 7: Oreille d'Enfer; 8: Marcenac; 9: Pech-Merle; 10: La Tête-du-Lion; 11: La Lluera 1; 12: La Viña; 13: Micolón; 14: Altamira; 15: Hornos de la Peña; 16: El Castillo; 17: La Luz; 18: El Rincón; 19: Venta Laperra; 20: Fuente del Trucho; 21: Pousadouro; 22: Sampaio; 23: Ribeira da Sardinha; 24: Foz Tua; 26: Mazouco; 27: Redor do Porco; 28: Siega Verde; 29: La Salud; 30: Ocreza; 31: Escoural; 32: El Reno; 33: El Niño; 24: La Pileta; 35: Ardales; 36: Atlanterra; 37: Vencejo Moro; 38: Cueva Horadada; 39: Ciervo; 40: Jara 1; 42: El Toro; 43: Malalmuerzo; 44: Piedras Blancas; 45: Nerja; 46: Parpalló; 47: Villars; 48: Gabillou; 49: Lascaux; 50: Escabasses; 51: Le Cuzoul des Brasconies; 52: Etxeberri; 53: Labastide; 54: Gargas; 55: Tito Bustillo; 56: La Lloseta; 57: El Buxu; 58: El Covarón; 59: Llonin; 60: Chufín; 61: El Bosque; 62: La Pasiega; 63: Las Chimeneas; 64: La Haza; 65: Covalanas; 66: Arco A; 67: Arenaza; 68: Fraga Escrevida; 69: Poço do Caldeirão; 70: Costalta; 71: Domingo García; 72: La Griega; 73: El Turismo; 74: La Hoz; 75: Los Casares; 76: Morron; 77: Cueva Navarro; 78: Les Meravelles; 79: Réseau Guy Martin; 80: Teyjat; 81: Font-de-Gaume; 82: Les Combarelles 1; 83: Rouffignac; 84: Sainte Eulalie; 85: Pergouset; 86: Grotte Christian; 87: Grotte du Colombier; 88: Abri du Colombier; 89: Gazel; 90: Santimamiñe; 91: Ekain; 92: Alkerdi; 93: Sinhikole-ko-Karbia; 94: Labastide; 95: Tibiran; 96: Les Trois Frères; 97: Le Tuc d'Audoubert; 98: Le Mas d'Azil; 99: Le Ker de Massat; 100: Niaux; 101: Le Portel; 102: Fornols-Haut; 103: Peña de Candamo; 104: Covaciella; 105: Pindal; 106: La Loja; 107: Las Monedas; 108: La Garma; 109: Cullalvera; 110: Medal; 111: Quinta da Moreirola; 112: Penches; 113: Gouy; 114: Los Pedroses; 115: La Clotilde; 116: Cova Eirós; 117: Ojo Guareña; 118: Passadeiro; 119: Pedra de Asma 7; 120: Cabeço do Aguilhão; 121: Parada; 122: Cachão do Algarve; 123: Fratel; 124: Moinhola; 125: Molino Manzánez; 126: Barranco Hondo; 127: Cova del Bovalar; 128: Cingle del Barranc de l'Espigolar; 129: Abric d'en Melià; 130: La Peña de Estebanvella; 131: Sant Gregori; 132: Molí del Salt; 133: Buraca Grande; 134: Villalba; 135: Vau; 136: Pont d'Ambon; 137: Abri Morin; 138: La Borie del Rey; 139: Abri Murat; 140: Abri Dufaure; 141: abrigo del Castillo; 142: Les Cendres; 143: Tossal de la Roca; 144: Cova Matutano; 145: Lumentxa; 146: Arenaza; 147: Urtiaga; 148: Chora; 149: Rochereil. A base cartográfica corresponde a um *shaded relief,* realizado a partir do SRTM 90 DEM (Jarvis et alii, 2008). Georreferenciação dos sítios por Luís Luís.

Já durante a fase de revisão deste trabalho tivemos acesso ao trabalho de Clara Hernando sobre a arte pré-magdalenense da região cantábrica (Hernando, 2014). Neste trabalho, a autora define os morfótipos de cervas e de cavalos da região cantábrica (*idem*, 306-314, 354-361), comparando-os seguidamente com algumas unidades gráficas das áreas centro-ocidental e sudeste da Península (*idem*, 420-428). Na primeira integra as estações de Faia, Fariseu, Penascosa, Piscos, Rego da Vide, Quinta da Barca, Vale de Figueira, Canada do Inferno, Pousadouro, Mazouco, Poço do Caldeirão, Costalta, Ocreza, de Siega Verde, de La Griega e de El Niño, e na segunda as estações de Parpalló, Les Meravelles, Nerja, La Pileta e Ardales. Os resultados desta comparação traduzem-se quantitativamente em índices de homogeneidade formal médios do conjunto de cervas e cavalos de cada uma destas regiões relativamente aos morfótipos definidos para a região cantábrica. Ora, os índices do sudeste são bastante mais elevados que os da região centro-ocidental, pelo que a autora defende uma interação mais forte entre a região cantábrica e o sudeste que entre a primeira e a região centro-ocidental (*idem*, 425-428), algo que contrasta com a distância geográfica entre as regiões e com o processo que defendemos vir a passar-se a partir da nossa fase 2, processo esse que se intensificará durante a nossa fase 3, deixando nesta época de se verificar convergências significativas entre o sudeste e a nossa zona de estudo, assim como entre o sudeste e a região cantábrica.

Para compreendermos o contraste entre as nossas inferências e as de Hernando vamos debruçar-nos sobre os trabalhos da autora em torno dos cavalos, uma vez que o número de cervas estudadas da região centro-ocidental é bastante reduzido. Como referimos anteriormente, levantamos muitas reservas quanto aos estudos de amostragens que contém animais completos e incompletos. A diferença fundamental entre os morfótipos 1 e 2 de cavalos identificados pela nossa colega prende-se com isso. Ainda assim, pensamos que aqueles morfótipos podem ser comparados com as unidades gráficas quer do sudeste quer da região centro-ocidental. Contudo, devem ser comparados com motivos *grosso modo* coevos e não com a totalidade das manifestações gráficas pré-magdalenenses. Ora, as unidades gráficas da nossa zona de estudo comparadas pela autora aos seus morfótipos, são pelas nossas análises integráveis em duas fases distintas. Ora, se das unidades gráficas da nossa região de estudo comparadas pela autora retirarmos os motivos da nossa fase 3 (**SV03-01**, **SV13-19**, **SV21-01**, **SV33-01**, **SV40-01**, **SV51-02**, **SV48-02**, **SV48-04**, **SV48-09**, **SV73-01**, **SV89-02**, **SV89-04**) e aqueles sobre os quais temos dúvidas quanto à sua identificação como cavalos (**SV89-01** e **Pn05-17**), se distinguirmos as unidades da fase 1 das da fase 2 e procedermos aos mesmos cálculos que a autora, chegamos aos resultados da tabela 4.1[144].

Morfótipos RC	I.H. (Centro—Oeste 1)	I.H. (Centro—Oeste 2)	I.H. (Sudeste)
MCC1-RC	0,59	0,69	0,67
MCC2-RC	0,58	0,57	0,58
MCC3-RC	0,5	0,62	0,6
MCC-PIN1	0,6	0,71	0,68
MCC-PIN2	0,58	0,57	0,59

Tab. 4.1: Índices de Homogeneidade formal dos cavalos da fase 1 da região centro-ocidental, da fase 2 da mesma região e dos do sudeste (valores da última região retirados de Hernando, 2014, 426).

Assim, verifica-se que os cavalos da nossa fase 2 apresentam na generalidade (designadamente relativamente aos morfótipos cântabros mais comuns — MCC1-RC e MCC-PIN1) índices mais elevados que os da região sudeste. Por outro lado, os cavalos da fase 1 apresentam índices ainda mais baixos que os apontados por Clara Hernando (Hernando, 2014, 426).

Ora, os nossos resultados demonstram dois aspetos cruciais: os morfótipos cântabros são essencialmente inferidos a partir de unidades paralelizáveis com a nossa fase 2; durante a vigência desta fase é já evidente que as relações da nossa região de estudo são mais fortes com a região cantábrica do que com o Sudeste, tal como indiciava aliás a diferença entre número de estações do Sudeste com figuras paralelizáveis com as da nossa fase 1 e as da nossa fase 2.

Relativamente ao primeiro ponto, será de recordar, que do universo de noventa e sete cavalos estudado por Clara Hernando (Hernando, 2014, 355), apenas três de Micolón foram por nós apontados como paralelos claros para a nossa

144 Nos nossos cálculos não foram tidos igualmente em conta as figuras inéditas de La Griega, que não conhecemos (Hernando, 2014, 633), nem os de El Niño (Hernando, 2014, 634), que não foram por nós alvo de análise fatorial.

fase 1. Na sua análise a autora integrou ainda quatro de La Lluera que, como referimos em altura própria, apresentam caraterísticas quer da nossa fase 1, quer da 2. Inversamente, utilizou muitos dos cavalos que paralelizámos com os da nossa fase 2 (*idem*, 575-578). Por outro lado, o elevado índice de homogeneidade formal das unidades gráficas do sudeste identificado pela autora coaduna-se com o facto destas serem essencialmente paralelizáveis com as nossas da fase 2, como referimos em devida altura (embora algumas destas estações contenham igualmente unidades paralelizáveis com motivos da nossa fase 1).

Relativamente ao segundo aspeto, será de ter em conta que os índices de homogeneidade formal da fase 2 da nossa região de estudo são na sua globalidade mais elevados que os da região sudeste, pelo que durante esta fase se nota já a existência de contactos preferenciais da nossa região com o norte. Será de lembrar que durante a vigência da fase 1, conhecemos mais estações do sudeste com paralelos para as nossas unidades gráficas, ocorrendo a situação inversa na região cantábrica.

Assim, se tivermos em conta a nossa sequência cronoestilística, os morfótipos da região cantábrica definidos por Clara Hernando demonstram não uma primazia de contactos daquela região com o sudeste durante o período pré-magdalenense, mas um reforço dos contactos daquela região com a nossa zona de estudo a partir do Solutrense médio/final, *terminus post quem* muito provável dos morfótipos definidos pela autora no seu trabalho.

5. Análise dos sítios

No capítulo que agora encetamos, procuraremos descrever sucintamente cada um dos sítios analisados, relevando aspetos como a variabilidade temática de cada um deles ou a relação das rocha entre si e com a paisagem envolvente. No caso dos sítios possuírem rochas já decalcadas, o repertório não figurativo será também abordado.

Recordamos que apenas nos debruçaremos sobre as rochas historiadas durante as nossas classes 1 e 2 de cervídeos e cabras-monteses, e 1, 2 e 3 de cavalos e auroque.

5.1. Vale do Côa

O rio Côa desagua na margem esquerda do Douro a cerca de 135 km para norte da sua nascente, localizada na serra da Mesas, concelho de Sabugal. Trata-se de um rio que corre embutido na superfície fundamental da Meseta ibérica. No seu sector terminal (Fig. 5. 1) segue um traçado paralelo ao do próprio limite da Meseta que, a um par de quilómetros para oeste, segue *grosso modo* o vale da Vila e o *graben* de Longroiva (Ferreira, 1978, 81). Este paralelismo denuncia uma das razões que está por trás da configuração do vale do Côa — a tectónica (Meireles, 1997, 42). É esta que, associada ao substrato geológico cortado pelo rio, explica o contraste entre uma área a montante — essencialmente granítica e caracterizada por um curso rectilíneo do rio, sendo este bordejado por fortes pendentes — e uma área a jusante, já perto da sua confluência com o Douro – xistosa e caracterizada pela "meandrização" do rio e pelo perfil em V do vale. Estes spectos condicionam toda a rede hidrográfica da região. Assim, os tributários do Douro seguem a mesma direção do Côa, enquanto que os do Côa se desenvolvem numa direção *grosso modo* sudoeste-nordeste, fruto também da tectónica regional. A região aparece-nos assim como uma imensa platitude (característica de toda a Meseta) entrecortada profundamente pelos cursos de água que a atravessam. A platitude da Meseta é interrompida "negativamente" pela rede hidrográfica, mas também "positivamente" por relevos residuais, destacando-se na região o Monte de S. Gabriel cujos quartzitos do Ordovícico permitiram a resistência à erosão geral da superfície da Meseta (Silva e Ribeiro, 1991, 8).

Do ponto de vista da Geologia, a maior parte dos grafismos são executados sobre superfícies de xisto integráveis no fácies da Desejosa (Ribeiro, 2001, 13). Excepcionalmente ocorrem no fácies de Pinhão (Penascosa, Foz da Ribeirinha, Quinta da Barca e Ribeira das Cortes), e em granitos (no seu fácies da Ribeira de Massueime – Galegos) (Ribeiro, 2001, 30). Os painéis disponíveis estão também condicionados pela tectónica, uma vez que correspondem a diáclases que fracturam segundo a direção das falhas mais relevantes da região, não sendo por isso estranho que a maior parte dos painéis historiados se orientem entre és-sudeste e este, ocorrendo também situações em que se orientam para direções opostas (v. g. todas as rochas da Penascosa e rocha 2 do Fariseu) e outras mais raras, fruto da existência de fenómenos mais localizados de fracturação (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012, 858).

Na região do Baixo Côa conhecem-se vinte e cinco sítios com arte pleistocénica (Fig. 5.1). A grande concentração de sítios dá-se *grosso modo* nos últimos quinze quilómetros do vale, onde se encontram vinte e quatro deles. A Faia parece corresponder a um sítio isolado dos restantes, encontrando-se a cerca de 7 km para montante da estação mais próxima (Foz da Ribeirinha).

A maior parte dos sítios encontra-se na margem esquerda do Vale, se bem que na margem direita também se conheçam alguns. Esta distribuição foi interpretada como resultante de uma escolha por parte dos gravadores (Fernandes, 2012). Contudo, outros estudos vieram demonstrar que os painéis da margem direita estão mais sujeitos a processos erosivos (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012). Importaria agora perceber quando se começaram a verificar esses processos e, desta forma, avaliar se a distribuição atual de superfícies conservadas se deve à não preservação de painéis historiados ou se esses mesmos processos erosivos, tendo começado logo no Paleolítico, condicionaram desde logo a disponibilidade de boas superfícies para a gravação. O elevado grau de erosão do painel esquerdo da rocha 16 do Vale de José Esteves demonstra que estes processos começaram a dar-se nesta rocha em momentos iniciais do Holoceno, uma vez que destroem motivos claramente azilenses (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012). Contudo poderá este *terminus post quem* ser generalizado para todo o Côa? Ou poderá a proximidade da pala que cobre grande parte da rocha, ou mesmo uma putativa maior

extensão original desta, ter atrasado processos erosivos que nas rochas da imediações começaram antes? Trata-se de uma pergunta que só será passível de resposta com o aprofundamento dos estudos encetados por aqueles autores.

Para além destes processos naturais, haverá ainda que ter em conta as destruições de origem antrópica (Baptista e Reis, 2008a, 161-164): exploração da pedra, trabalhos agrícolas, construção de barragens e de vias de comunicação (com destaque para a linha do Douro). Será, finalmente, de lembrar que as fases de sedimentação a que atrás nos referimos terão coberto variadíssimas rochas historiadas quer das fases mais antigas (v.g. no Fariseu), quer das mais recentes (Penascosa?).

Como referimos noutro texto (Santos, 2012, 49), esta consciência de que não temos, atualmente, acesso a todas as rochas gravadas durante o Paleolítico superior, não nos deve impedir de encetar o estudo interpretativo deste repertório gráfico, sobretudo das fases mais antigas. De facto, os dados que temos relativos ao grupo de motivos que constituem a nossa classe 1 apresentam alguma segurança estatística. Quanto às rochas com motivos das classes 2 e 3, estas parecem organizar-se em *clusters* que parecem fechar-se sobre si, pelo que o seu estudo é possível. Admitimos, contudo, a forte possibilidade de no vale do Côa, o fácies monumental desta(s) fase(s) se encontrar sedimentado. O sítio de Siega Verde reveste-se assim de especial importância, por poder corresponder ao único exemplo regional desse mesmo fácies.

O estudo das figurações azilenses já levanta mais problemas, uma vez que este repertório parece distribuir-se de forma quase indiscriminada na paisagem, existindo portanto uma maior probabilidade de, mesmo sendo a fase com mais rochas conhecidas, poder ser, paradoxalmente, a mais afetada pelos processos tafonómicos, designadamente de origem natural. Tal parece ser corroborado pelo facto de apenas rochas deste *corpus* terem sido identificadas nas encostas mais susceptíveis de sofrerem efeitos erosivos, neste caso, sempre em situações que permitiram a sua conservação, como é o caso de se encontrarem sob palas – v. g. rocha 16 do Vale de José Esteves (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012, 861-862).

Em volta da foz do Côa, designadamente nos vales de pequenos afluentes da margem esquerda do Douro e, em menor número, nos da sua margem direita, localizam-se outras vinte e uma estações cuja proximidade e caraterísticas da arte rupestre aí presente nos permitem inferir uma estreita relação elas e as que se distribuem pelas encostas do Côa (Fig. 3.1). O ambiente geomorfológico destas estações é exatamente o mesmo. Distribuem-se por vales estreitos, cortados no xisto do fácies da Desejosa, segundo uma direção *grosso modo* sul-norte, fruto, mais uma vez, da tectónica regional. As superfícies apresentam as mesmas orientações que as do vale do Côa, encontrando-se sujeitas aos mesmos condicionalismos que estiveram por trás da disponibilidade dos painéis durante o Paleolítico superior e que determinam a sua preservação e visibilidade atuais.

Contrariamente a estas estações do Douro que se relacionam estreitamente com as que se localizam no Baixo Côa, vamos encontrar outras duas estações, já no Alto Côa, cuja distância a que se encontram das restantes não nos permite relacioná-las de forma evidente com as suas congéneres setentrionais. Trata-se das estações do Alto da Cotovia (Reis, 2012, 51-52) e da Quinta da Moreirola (García *et al.*, 2003) cujas caraterísticas e ambiente geomorfológico são sumamente diferentes das restantes.

Nem todas estas quarenta e oito estações serão analisadas, mas apenas aquelas onde se localizam rochas cujo repertório gráfico remeta para períodos pré-azilenses, sendo estas em número de 24 (Fig. 3.1).

5.1.1 Quinta da Moreirola

Sítio identificado por M. García e colaboradores (García *et al.*, 2003, 181) e posteriormente referido por M. Reis (2012, 52-53). Localiza-se no Alto Côa, na freguesia de Colmeal, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Encontra-se no sopé de uma encosta suave da margem direita do Côa. O sítio encontra-se cartografado na folha 171 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 40º 49' 43,7" N 07º 05' 17,5" O, à altitude de 325 m (Fig. 5.2). Apenas se localizou uma rocha com grafismos paleolíticos seguros, inventariada com o número 2 (García *et al.*, 2003, 181). Trata-se de um afloramento de xisto do fácies da Excomungada, com um painel historiado, de inclinação vertical, orientado para oés-noroeste.

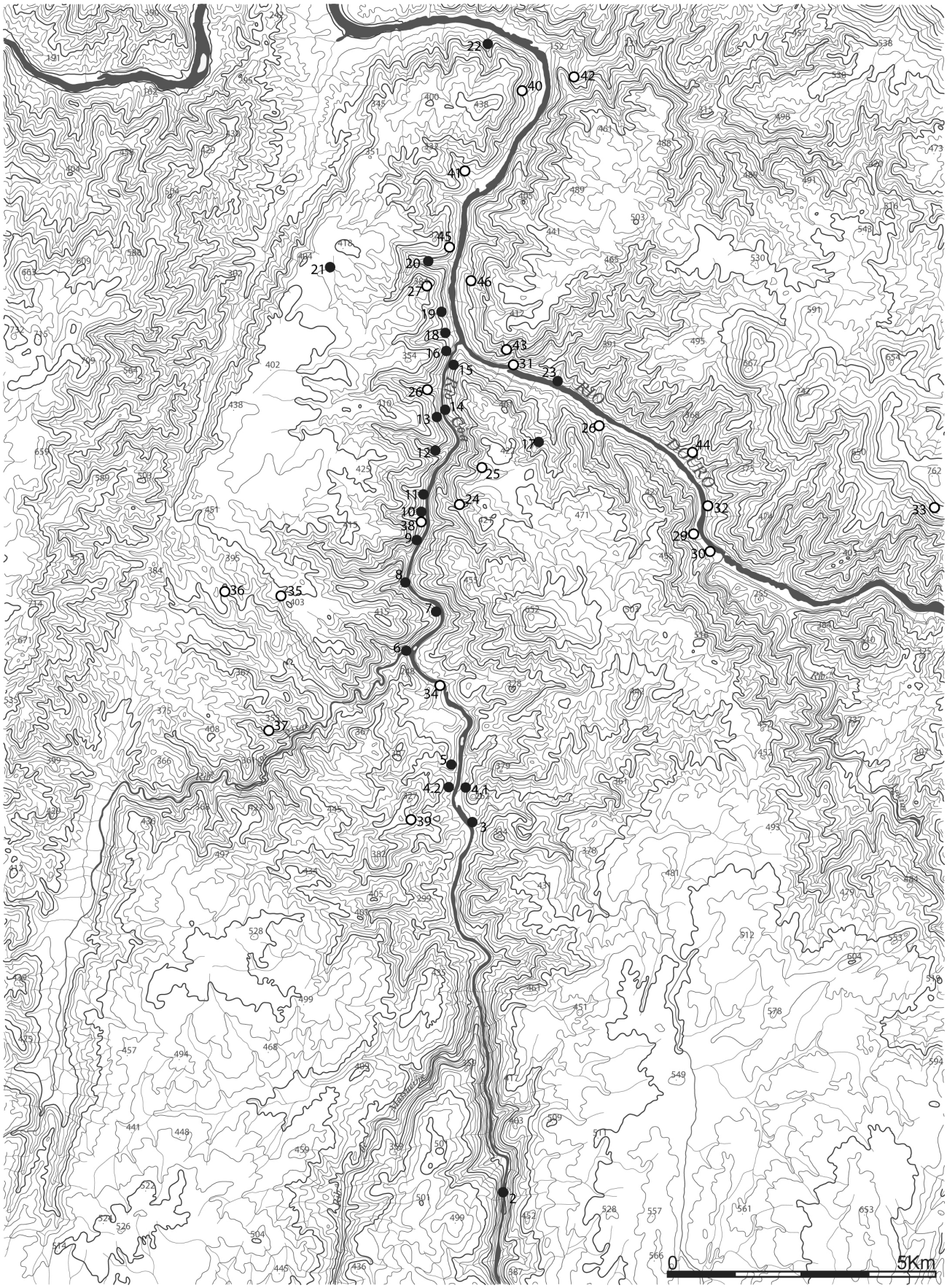


Fig. 5.1: Sítios com dispositivos parietais pleistocénicos do Baixo Côa. Até ao número 23, a identificação das estações decalca a numeração dos subcapítulos respetivos da região do Vale do Côa, não aparecendo neste mapa, devido à distância, o sítio da Quinta da Moreirola (que seria o n.º 1). As restantes estações (círculos brancos) apenas contém grafismos das classes terminais. 24: Canada do Amendoal; 25: Meijapão; 26: Vale do Forno; 27: Bulha; 28: Ribeira da Cabreira; 29: Canada do Arrobão; 30: Canada da Meca; 31: Ribeira de Urros; 32: Vale de João Esquerdo; 33: Vale de Arcos; 34: Olgas de Ervamoira; 35: Ninho de Águia; 36: Ribeiro da Cumieira; 37: Casa do Muro; 38: Poio; 39: Ribeira da Volta; 40: Cachão; 41: Vale da Casa; 42: Ribeira do Arroio; 43: Cascalheira; 44: Lodão; 45: Porto Velho; 46: Molha Pão. Referências mais precisas a estas estações podem ser encontradas em Reis, 2012; 2013; 2014.

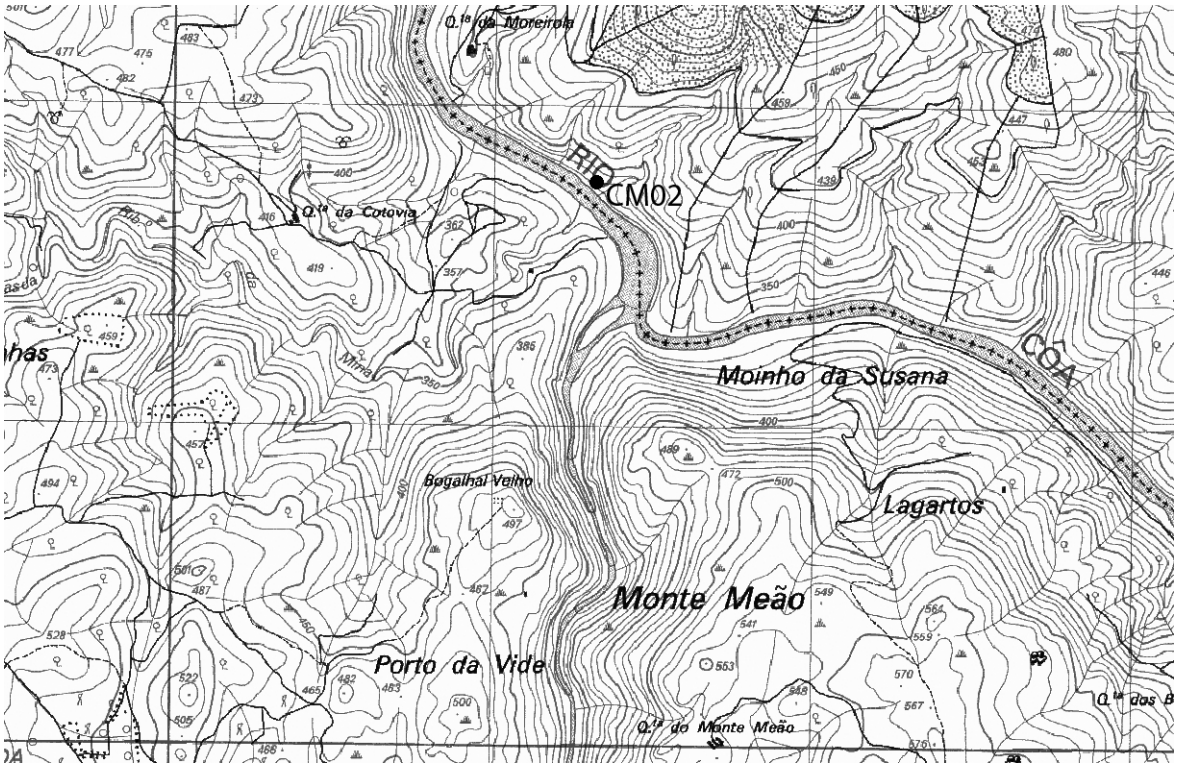


Fig. 5.2: Localização da rocha 2 da Quinta da Moreirola na folha 171 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

No painel destaca-se a figura incisa de macho de cabra-montês definida por contorno simples e orientada para a esquerda, cujas caraterísticas nos permitem enquadrar na classe 2 daquele tema (García *et al.*, 2003, 181).

O painel não se destaca de forma evidente na paisagem, nem o espaço à sua frente permite uma audiência de dimensões consideráveis. Quer estes aspetos, quer a técnica escolhida para representação das unidades gráficas aqui existentes, assim como as suas próprias dimensões não nos permitem inferir uma frequentação regular do sítio. No entanto, se bem que no contexto gráfico do Côa, esta estação se deva considerar marginal, ela não se encontra longe do sítio da Quinta da Cotovia, localizado na margem oposta, e onde foram identificados em prospecção, por T. Aubry, J. Sampaio e M. Reis, materiais possivelmente datados do Paleolítico superior (Reis, 2012, 52). Infelizmente, as características destes materiais não permitem precisar mais esta cronologia, pelo que a relação com o sítio de que agora nos ocupamos não pode deixar de ser senão conjuntural.

5.1.2. Faia

Este sítio localiza-se a cerca de 12 km para nor-noroeste do anteriormente descrito. Nele encontra-se um dispositivo parietal distribuído por dois conjuntos, um em cada margem do Côa. Um destes conjuntos é composto pela rocha 6, sita no concelho de Pinhel (freguesia de Cidadelhe) e o outro pela rocha 7, localizada na freguesia de Algodres, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. As rochas encontram-se cartografadas na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000 (Fig. 5.3), ocupando a numerada como 6 as seguintes coordenadas geográficas: 40º 56' 12,7" N; 7º 05' 48,6" O, altitude de 215 m. O sítio é identificado por Francisco Sande Lemos em 1989 (Lemos, 1994, 146). Contudo, a primeira rocha com motivos paleolíticos (a rocha 6) só é descoberta em 1995 por Manuel Almeida e João Félix, sendo já referida por N. Rebanda nos primeiros textos sobre o Côa (Rebanda, 1995a, 14; 1995b, 12). Após estas primeiras notícias são vários os trabalhos que a ela se referem, sendo aqui de destacar-se artigo de A. M. Baptista, onde o decalque da rocha, da autoria de Fernando Barbosa, Manuel Almeida e João Félix, é dado a conhecer pela primeira vez (Baptista, 1999a, 156-157). Já a rocha 7 foi identificada, anos mais tarde, por Marcos García e colaboradores (García *et al.*, 2003, 181).

O sítio da Faia corresponde a um canhão rasgado pelo rio Côa nos granitos da formação de Massueime. Trata-se de uma zona do vale bastante apertada, que se carateriza ainda pelos declives que a definem, sendo não raras vezes bordejada por falésias (Fig. 5.4). As margens e o próprio leito do rio são acidentados e pontuados por batólitos de grande tamanho,

o que dificulta a circulação humana neste sector do vale, levando-nos a supor uma frequentação ocasional do sítio. Para tal interpretação concorre ainda o relativo isolamento do sítio relativamente aos que se encontram mais para jusante. Quanto à audiência que comportariam, as superfícies historiadas do sítio correspondem a duas situações opostas. A rocha 6, localizada na margem esquerda do rio, dispõe de uma ampla área em frente, com espaço suficiente para um número considerável de pessoas (Fig. 5.4). As figuras que conformam o dispositivo são de dimensão considerável, o que facilitaria a sua perceptibilidade, potenciada ainda pela utilização da picotagem/ abrasão, associada à pintura a vermelho.

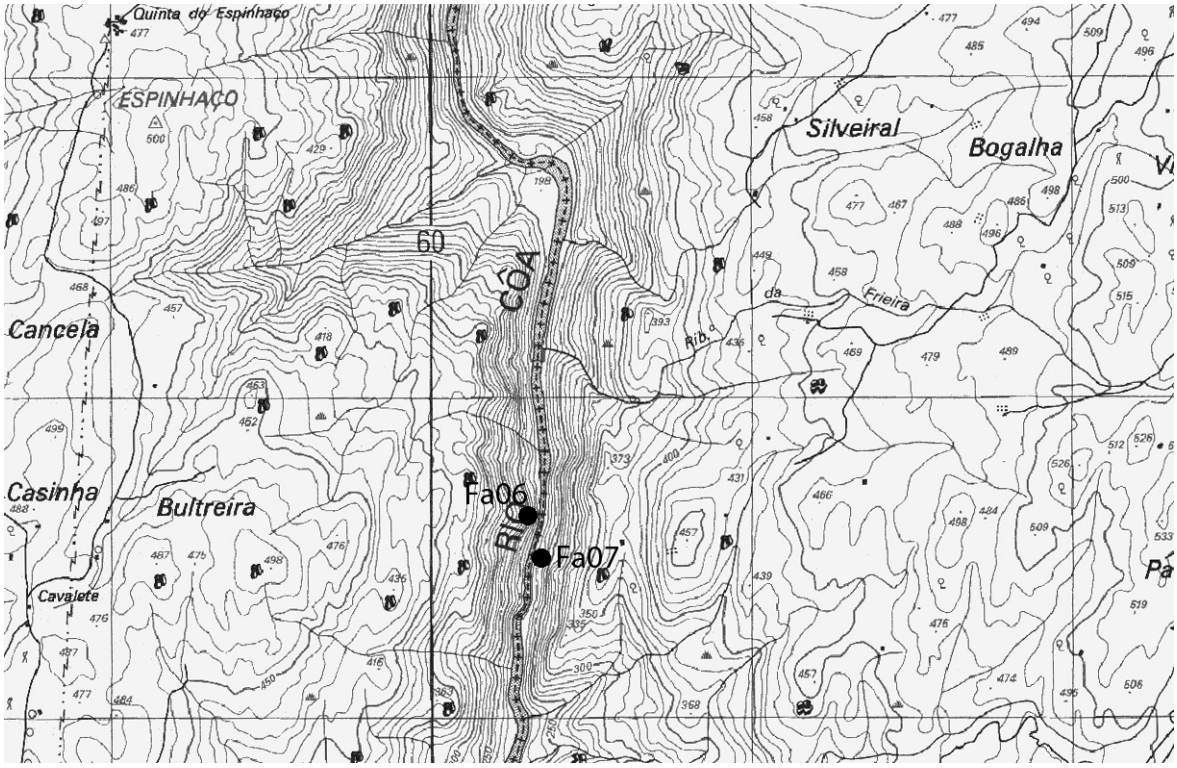


Fig. 5.3: Localização das rochas com grafismos paleolíticos da Faia na folha 171 da Carta Militar de Portugal.



Fig. 5.4: A rocha 6 da Faia, vista de montante.

A rocha 7 corresponde à parede sul de um abrigo, localizado na margem oposta (Fig. 5.5), a cerca de 150 metros para montante da anterior. A visualização desta superfície só é possível a partir do interior do abrigo, que não é amplo. Por outro lado, o acesso a este não é fácil, particularmente a partir do rio, onde somos forçados a subir a uma bancada que se encontra elevada relativamente à margem. Assim, pese o facto da única unidade gráfica aí detetada ser conseguida por picotagem, não podemos dizer que a audiência potencial deste painel seja tão elevada como a da rocha 6.



Fig. 5.5: O abrigo onde se encontra o painel 7 da Faia, visto de oeste.

Relativamente à arquitetura parietal do sítio, identificam-se assim dois conjuntos. O que corresponde à rocha 6 é composto por duas composições (descrição e decalque nos anexos). Um destas é composta por quatro prótomos de fêmeas de auroque, orientados para a esquerda e inclinados para baixo. A segunda composição encontra-se para a esquerda, sendo constituída por outros dois prótomos — um de cavalo e outro de auroque — e por um quadrúpede indeterminado (**Fa06-03**) cuja forma se encontra, no entanto, repetida quer no Vale do Côa (**Pi02-11**), quer em Domingo García (**SI15_C'-04**).

O segundo conjunto do sítio trata-se da superfície inventariada como rocha 7. Encontra-se, como dissemos já, na margem oposta do rio, correspondendo à parede sul de um abrigo. O dispositivo aparta-se, segundo variados parâmetros, dos que observámos até aqui. Desde logo, a superfície não é plana mas ondulada; por outro lado, apenas indiretamente a figura é iluminada pelo sol. Finalmente, há que referir o tema. Trata-se, tal como proposto por Marcos García e colaboradores, de um cervídeo fêmea (García *et al.*, 2003, 180). O animal encontra-se numa posição vertical, orientando-se para a esquerda, na direção do interior do abrigo. Apenas dispõe de uma pata por par, ambas desprovidas de cascos, encontrando-se a dianteira atirada para a frente. A cabeça (Fig. 5.6) é fortemente modelada, nela se observando um par de orelhas lineares, o olho e a boca.

Pensamos ser possível a integração de todo o sítio na classe 1, possivelmente perto do seu final. De facto, não só a cerva apresenta algumas caraterísticas da classe 2 desse tema, como o quadrúpede indeterminado aparece numa outra rocha — 2 de Piscos — cujo dispositivo parietal é, com poucas exceções, integrado nessa classe. As cabeças dos auroques e do cavalo parecem integrar bem a classe 1 de ambos os temas, pelo que poderiam ser mais antigas. Contudo, as cabeças dos auroques não se distinguem igualmente das de alguns auroques da rocha 24 da Ribeira de Piscos, atribuíveis à classe 2. Para resolvermos este dilema precisaríamos que os corpos dos animais se encontrassem também representados. Em

abono da nossa hipótese, recordemos o posicionamento dos auroques de Sampaio e de Redor do Porco — todos com claros paralelismos com os da Faia — no mapa fatorial do tema respetivo; de facto, se apenas um é classificado como da classe 2 (**Sa01-04**), os restantes, embora classificados como 1 encontram-se todos fora da elipse respetiva. Outro facto que nos faz colocar a hipótese relativamente recente dentro da fase pré-magdalenense, corresponde ao franco paralelismo entre a nossa associação auroque/ cavalo/ animal indeterminado **Fa06-01**, **Fa06-02** e **Fa06-03** e a presente em SI15C de San Isidro, cujas unidades gráficas analisadas se integram nas classes 2 e 3 dos temas analisados.



Fig. 5.6: Detalhe da cerva da rocha 7 da Faia.

No seu conjunto, o sítio é dominado pelas fêmeas de auroque, com cinco figuras, a que se segue cavalo, cerva e quadrúpede indeterminado (um exemplar de cada). Uma oposição parece verificar-se entre a cerva e os restantes animais. De facto, aquela encontra-se na margem direita, em superfície ondulada, no interior de um abrigo, de acesso medianamente difícil e sem espaço para grandes audiências, enquanto os restantes animais se observam na margem oposta, em superfícies direitas, avistáveis de longe, e frente a um espaço com capacidade para audiências de dimensão considerável. Em nenhuma das superfícies se identificou repertório não figurativo claro, podendo algumas manchas de pigmento vermelho que se observam na rocha 6 corresponder a unidades gráficas figurativas entretanto desaparecidas, ou mesmo a representações de cronologia mais recente, uma vez que a rocha dispõe também de uma fase gráfica exclusivamente pintada, datada da Pré-história Recente.

5.1.3. Foz da Ribeirinha

No sítio da Foz da Ribeirinha, Mário Reis e Delfina Bazaréu identificaram uma rocha com grafismos passíveis de serem integrados numa das nossas fases de estudo, correspondendo essa rocha à referenciada como 7 pelo primeiro dos autores (Reis, 2012, 39). Localiza-se na margem direita da Ribeirinha, um tributário da margem direita do Côa, a cerca de 360 m da confluência de ambos os cursos de água (Fig. 5.7). Esta confluência localiza-se, por sua vez, a perto de 7 km

para jusante da Faia, marcando o inicio da grande concentração de rochas e sítios do Vale do Côa. Administrativamente, pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Localiza-se na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000 nas coordenadas 41' 00' 17,6" N; 7º 05' 43,1" W, à altitude de 162 m.

A rocha em localiza-se em encosta suave, não se destacando na paisagem envolvente. Esta pode-se caraterizar como correspondendo a um pequeno vale de configuração meândrica, de pouca altura, mas algo declivoso. A possibilidade de uma audiência vasta em frente ao painel é verosímil do ponto de vista meramente espacial, mas indefensável quando temos em linha de conta a técnica utilizada para a gravação do dispositivo gráfico — a incisão, na sua modalidade do contorno simples. A superfície historiada apresenta uma inclinação vertical, orientando-se para és-sudeste.

Trata-se de uma composição de difícil leitura, nela ocorrendo vários traços incisos que podem corresponder quer a unidades gráficas figurativas incompletas, quer a unidades não figurativas, algo que só um decalque aturado vai poder destrinçar. Menos duvidoso é o facto do painel ser dominado por figura de veado inciso, definido por incisão simples, orientado para a direita.

É difícil aferir a cronologia desta figura, quer porque a cabeça se encontra destruída (Fig. 5.8), quer porque relativamente aos veados, já vimos que é difícil distinguir aqueles que, sendo classificados como da classe 1 (como esta figura), pertencem a uma fase anterior ou coeva do Solutrense médio (classe 1 de auroques e cavalos) ou a uma fase de transição entre o Solutrense e o Magdalenense (classe 2 de cavalos e auroques). Inclinamo-nos, contudo, para esta hipótese, uma vez que são raros os veados incisos claramente definidos como da fase mais antiga.

Do ponto de vista da arquitetura parietal, podemos definir o sítio como contendo um dispositivo parietal pouco evidenciado na paisagem, dominado pela figuração de um veado, também ele de características discretas.

5.1.4 Penascosa/Quinta da Barca

Estes dois sítios, localizados em face um do outro, de cada um dos lados do rio Côa, só são passíveis de interpretação se lidos em conjunto. Antes, contudo, de procedermos a um balanço que tenha em conta as duas estações, vamos, numa primeira fase de cariz essencialmente analítico, tratá-las separadamente.

5.1.4.1 Penascosa

Localiza-se na margem direita do Côa, surgindo as suas primeiras rochas historiadas a cerca de 160 m para jusante da confluência da Ribeirinha com este rio. O sítio foi descoberto por Adriano Ferreira em 1995 (Gomes, 2006, 130), sendo referido desde os trabalhos de N. Rebanda (1995a, 3; 1995b, 12), e alvo de tratamento monográfico em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 327-406). Entre outros textos que se debruçaram sobre o sítio, destaque-se os nossos próprios trabalhos (Baptista, Santos & Correia, 2006; 2008, 93-114; Baptista & Santos, 2010; Santos, 2012, 49-57). Administrativamente, o sítio pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Encontra-se cartografado na folha 151 da Carta Militar de Portugal. A rocha 3, que ocupa um lugar mais ou menos central no sopé da encosta, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41º 00' 23,40" N e 07º 06' 12,42" O, encontrando-se à altitude de 140 m.

O sítio corresponde à encosta oeste d a colina epónima e à praia fluvial que se estende cerca de 150 m desde o seu sopé até ao Côa. A encosta apresenta um declive considerável, observando-se ao longo dos 200 m da vertente uma variação de cota na ordem dos 125 m. O sítio é definido a sul pela linha de água que se desenvolve imediatamente para jusante da Ribeirinha, e a norte pela linha de água seguinte, localizada a cerca de 370 m para norte. Um marco geomorfológico de elevado destaque no sítio é o filão de quartzo clorítico com intercalações de magnetite que atravessa a encosta junto do seu limite setentrional, segundo uma direção este-oeste (Ribeiro, 2001, mapa f.t.). Frente à encosta, a praia que aí se encontra é constituída por sedimentos recentes que começaram a preencher esta zona do vale há cerca de 6000 anos (datação OSL), podendo estes sedimentos atingir a espessura de 5 m (Almeida, 1997; Zilhão, 1997, 13-14). Como referimos já, trata-se de um facto que pode apontar para a existência de rochas sedimentadas, designadamente de cronologia magdalenense ou algo anterior.

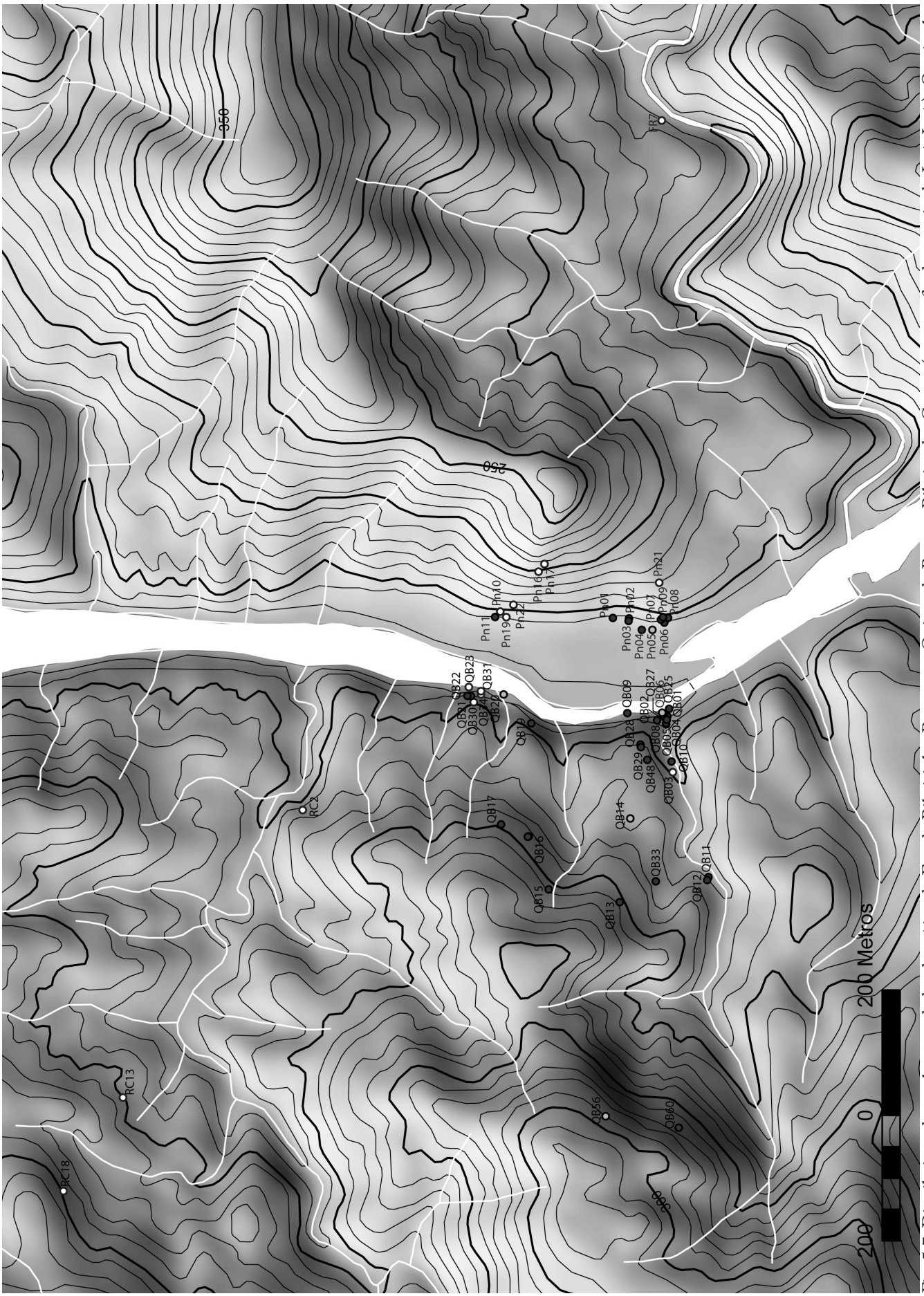


Fig. 5.7: Distribuição das rochas estudadas dos sítios da Foz da Ribeirinha, Penascosa, Quinta da Barca e Ribeira das Cortes (cartografia da auroria de Luís Luís). Os círculos cheiros representam as rochas da fase 1 e os vazios os das fases 2 e/ou 3.



Fig. 5.8: Detalhe da cabeça do veado da rocha 7 da Foz da Ribeirinha.

As rocha gravadas durante as fases que nos interessam, e que se encontram atualmente visíveis, localizam-se todas na encosta (Figs. 5.7 e 5.9). Quando olhamos para as figuras acima mencionadas percebemos que estas rochas se podem distribuir por dois grupos: um localizado a norte e que se distribui por uma linha *grosso modo* paralela à pendente da encosta e ao filão de quartzo que a atravessa, e um segundo, localizado a sul, concentrando-se as rochas mais cerca do sopé. Contudo, quando verificamos as caraterísticas morfotécnicas das figuras apercebemo-nos que esta distribuição por dois grupos só parcialmente tem conotações cronológicas. De facto, o grupo norte é constituído essencialmente por rochas com figuras da classe 2, mas ocorrendo aí também uma rocha com motivos da classe 1. No grupo meridional observamos uma situação oposta: nas rochas encontramos essencialmente motivos da nossa classe 1, não deixando de se ter identificado um espaço parietal com motivos da classe 2. Se tivermos em conta as nossas classes, verificamos que continuam a ser identificados dois grupos: um, mais antigo, que se distribui pelo sopé da encosta e um segundo, mais recente, que parece, maioritariamente, seguir a referida linha paralela ao declive da encosta.

Passemos agora à caraterização da Penascosa durante cada uma destas fases.

5.1.4.1.1. Penascosa (Fase 1)

Da fase 1 identificamos seis conjuntos, distribuídos por duas zonas. Na zona setentrional apenas se identifica um conjunto (rocha 11) composto por três composições (cfr. descrição da rocha e respetivo decalque nos anexos). As duas da esquerda são compostas apenas por unidades gráficas não figurativas, sendo insegura a sua cronologia, razão pela qual sobre elas não nos debruçaremos. A composição da direita corresponde à única que teremos em conta nesta análise.

Os restantes conjuntos integram a zona meridional. O primeiro dos seus conjuntos, coevo da fase que agora tratamos, encontra-se a cerca de 200 m para sul do conjunto anterior, sendo constituído apenas por um espaço parietal, correspondente ao painel subvertical, inclinado positivamente, da rocha 1 (descrição e decalque nos anexos).

O conjunto seguinte encontra-se a cerca de 25 m para sul, sendo composto por dois espaços parietais distintos, onde se encontram as composições das rochas 2 e 3 (Fig. 5.10 e descrição das rochas em causa e respetivos decalques nos anexos). A rocha 2 localiza-se imediatamente acima da 3, a cerca de 3 m dela.



Fig. 5.9: O conjunto parietal formado pelas rochas 2 e 3 da Penascosa (vista de oeste). Montagem com decalques das rochas respetivas.



Fig. 5.10: Distribuição das rochas estudados pelo sítio da Penascosa (vista de oeste). As identificadas a escuro dispõem de dispositivos com origem na fase 1, correspondendo as restantes às que contém grafismos da fase 2.

Dada a distância entre elas, considerámos as rochas 4 e 5 como dois conjuntos distintos. Contudo, não colocamos de parte a hipótese de outros painéis gravados se encontrarem sedimentados entre ambas (Fig. 5.11), pelo que a adscrição destas duas rochas a dois conjuntos distintos deve ser encarada como passível de alteração.

No conjunto a que corresponde a rocha 4 encontramos três espaços parietais distintos (Fig. 5.12 e descrição da rocha e respetivo decalque nos anexos).

O conjunto da rocha 5 (Fig. 5.13; descrição da rocha e respetivo decalque nos anexos) é composto por seis espaços parietais, por onde se distribuem outras tantas composições, sendo uma delas constituída exclusivamente por figurações

da classe 2, pelo que só será tratada páginas à frente.



Fig. 511: Zona meridional da Penascosa (vista de noroeste), com indicação das diversas rochas aí existentes.



Fig. 5.12: Os espaços parietais da rocha 4 da Penascosa (vista de oeste). Montagem com decalques.

O quinto conjunto da zona meridional distribui-se em torno da vertente ocidental de pequeno relevo que marca o limite meridional do sítio, aí ocorrendo quatro composições distribuídas por outros tantos espaços parietais (Fig. 5.14). A primeira composição corresponde à da rocha 6 do sítio (cfr. descrição e respetivo decalque nos anexos), tratando-se da que se encontra a cota mais baixa no referido relevo. O segundo espaço parietal encontra-se mais acima e para noroeste,

correspondendo à rocha 7 (cfr. descrição e respetivo decalque nos anexos). O terceiro espaço parietal encontra-se um pouco acima, à sudeste, dele restando *in situ* apenas o que foi inventariado como rocha 9. Como foi defendido por Baptista e Gomes (1997, 363), esta rocha poderia ser completada por dois dos fragmentos que inventariaram como rocha 15. Nós julgamos que os três fragmentos pertencem a esta rocha. Na verdade, os traços do fragmento *C* não são quanto a nós a cauda de um capríneo, mas parte do bordo ventral da cabeça e respetiva pera, tal como se demonstra na reconstrução a que procedemos (cfr. Fig. 5.14 e descrição da rocha e respetivo decalque nos anexos). O derradeiro espaço parietal encontra-se para a su-sudoeste, correspondendo à rocha 8.



Fig. 5.13: Os espaços parietais da rocha 5 da Penascosa (vista de Oeste). Montagem com decalques.

Analisemos agora a última dimensão da arquitetura parietal referida por Vialou, a saber — o tempo, a sequência pela qual seriam lidas as diferentes construções simbólicas do sítio. A localização dos painéis só em raras ocasiões permite que um painel se veja a partir de outro, pelo que a visibilidade não pode, neste caso, ser a chave para a sequência de leitura dos painéis. Como defendemos já em outros trabalhos (Baptista, Santos & Correia, 2006; 2008a; 2008b; Santos, 2012), pensamos que essa chave é a lateralização dos animais: se num painel a maior parte dos animais se orienta para a esquerda, tal é uma indicação de que é nessa direção que devemos seguir, devendo a opção contrária ser escolhida na situação inversa. Tal hipótese tem-se revelado credível quer porque se tem vindo a revelar no terreno, quer porque tem validade estatística (Santos, 2012).

Na tabela 5.1 observamos a distribuição dos animais de cada rocha da Penascosa pelas duas orientações possíveis.

Como se verifica, apenas uma rocha apresenta a maior parte dos seus motivos orientados para a esquerda. Cinco apresentam a maior parte dos seus motivos orientados para a direita, duas apresentam o mesmo número de motivos orientados para cada lado e uma última apresenta um motivo para cada lado e um terceiro com a cabeça de face. As duas que dispõem do mesmo número de motivos orientados para cada um dos lados são as rochas 1 e 2. A primeira encontra-se muito erodida pelo que deve ser lida com todos o cuidado. Contudo, mesmo que aí se encontrem de facto, o mesmo número de animais virados para a esquerda que para a direita, tal não contraria "as indicações" da rocha anterior. Se relativamente à rocha 2, também poderíamos utilizar este último argumento, não devíamos sobretudo esquecer que este painel deve ser lido em simultâneo com a rocha 3 (lembremos a localização de ambas no sítio), devendo o conjunto

ser lido como 9 animais virados para a esquerda e 18 para a direita (e um vigésimo oitavo cuja cabeça olha de frente). Na rocha 8, para além dos animais cujas cabeças se orientam para a direita (1) e para a esquerda (1), encontra-se um terceiro cuja cabeça se encontra de frente. Como veremos seguidamente, se tivermos em conta a orientação dos animais enquanto indicadores de orientação, esta rocha será a última a ser observada.



Fig. 5.14: O último conjunto parietal da Penascosa (vista de oeste), indicando-se a vermelho a reconstrução da rocha 9 a partir dos fragmentos inventariados como rocha 15. Montagem com decalques das rochas 6, 7, 8, 9 e 15.

Rocha	Esquerda	Direita	Face	TOTAL
Pn11	0	5	0	5
Pn01	2	2	0	4
Pn02	2	2	0	4
Pn03	7	11	1	19
Pn04	2	7	0	9
Pn05	11	16	0	27
Pn06	4	2	0	6
Pn07	0	1	0	1
Pn09	0	1	0	1
Pn08	1	1	1	3
TOTAL	**29**	**48**	**2**	**79**

Tab. 5.1: Lateralização dos animais por cada rocha da Penascosa.

A rocha 6 trata-se da única rocha do sítio com uma maioria de animais orientada para a esquerda. Pensamos que tal é intencional e uma forma de indicar a forma correta de experienciar o último conjunto da Penascosa. De facto, se atentarmos à localização das rochas desta construção simbólica (Figs. 5.7, 5.9 e 5.14) verificamos que se este espaço parietal é o que se encontra a cota mais baixa (e, portanto, aquele a que se acede primeiro), ele não é o que se encontra mais a norte, pelo que se a maior parte dos animais se orientasse para a direita, estaria a encaminhar-nos para a rocha 8 onde os animais não nos remetem para a esquerda, ficando assim de fora da sequência as rochas 7 e 9. Contudo, encontrando-se a maior parte dos animais da rocha 6 orientados para a esquerda, a indicação que temos permite-nos chegar à rocha 7 que nos remete, ela sim, para a direita, na direção da rocha 9 que por sua vez nos orienta igualmente para a direita, na direção da rocha 8. Ou seja, se admitirmos que as orientações dos animais são relevantes enquanto indicações de percurso, a única forma de ler em sequência todas as rochas deste conjunto obrigava a que a maior parte dos animais da rocha 6 se orientasse, de facto, para a esquerda.

Rocha	B	Ca-m	Ca-f	Ce-m	Ce-f	E	R	Al.	Ind.	TOTAL
Pn11	2	0	0	2	0	0	0	0	1	5
Pn01	1	0	0	0	0	0	0	0	3	4
Pn02	0	2	0	1	0	1	0	0	0	4
Pn03	5	7	0	0	0	1	0	0	6	19
Pn04a	0	1	1	0	0	4	0	0	2	8
Pn04b	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Pn05a	2	0	0	1	4	4	0	0	0	11
Pn05c	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2
Pn05d	5	1	0	0	0	2	0	0	3	11
Pn05e	1	1	0	0	0	1	0	0	0	3
Pn06	0	2	1	0	0	3	0	0	0	6
Pn07	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pn09	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Pn08	0	0	1	0	0	1	0	0	1	3
TOTAL	**17**	**15**	**3**	**5**	**4**	**17**	**0**	**1**	**17**	**79**

Tab.5.2: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 1 da Penascosa por temas e composições.

Vejamos agora a distribuição dos temas animais pelas diferentes composições identificadas (Tab. 5.2).

O sítio é dominado por cavalos, auroques e cabras-monteses, encontrando-se muito atrás os veados, sendo o peixe residual. Refira-se ainda que todos os auroques correspondem a fêmeas. Relativamente às cabras-monteses, dispomos de três fêmeas (rochas 4, 6 e 8) e onze machos seguros. Quanto aos cavalos, reconhece-se, pelo menos, um macho seguro (na rocha 8). O número de animais indeterminados é, no entanto, elevado, o que pode condicionar em muito as nossas conclusões.

Apenas três espaços parietais da Penascosa desta fase são monotemáticos: o 4b, onde não se identifica o animal aí existente, o 7 onde surge um auroque e o 9 onde (pelo menos atualmente) só se identifica uma representação de cabra-montês. Nos dispositivos 11 e 5e encontramos associações binárias: em 11 auroque/ veado e em 5e veado/peixe. A associação cavalo/ cabra-montês macho pode ocorrer na rocha 8, se o quadrúpede não identificado que aí se encontra corresponder, de facto, a cavalo. Associações ternárias identificam-se em 2, 3, 5d, 5e e 6: em 2 encontramos cavalo/ cabra-montês/ veado, em 3, 5d e 5e cavalo/cabra-montês/ auroque, associação que se pode repetir em 8, se o quadrúpede aí presente corresponder a auroque. Em 6 encontramos a associação cavalo/ cabra-montês macho/ cabra-montês fêmea, associação que se pode repetir em 4a, a não ser que o quadrúpede indeterminado aí existente corresponda a um auroque, o que faria desta rocha uma das duas do sítio com uma associação de quatro temas. Contudo, o painel 5a é o único onde se encontra uma associação com 4 temas seguros: auroque/ cavalo/ veado/ cerva. Infelizmente pouco podemos dizer da rocha 1, onde temos pelo menos uma associação binária que envolve o auroque.

Destaca-se a ausência de uma associação binária auroque/ cavalo ou auroque/ cabra-montês (a não ser que alguma destas ocorra na rocha 1). Sendo o veado uma espécie com poucos efetivos, é de destacar a associação presente na rocha 11 como a única binária em que surge o auroque (o quadrúpede indeterminado desta rocha encontra-se claramente incompleto, parecendo-nos a sua indeterminação intencional). Estes aspetos levam-nos a levantar a hipótese da existência na Penascosa de uma oposição entre quatro temas: de um lado temos auroque e veado e do outro cavalo e cabra-montês.

Esta oposição reflete-se também na sequência de visualização das rochas: o sítio começa com a associação veado/ auroque (rocha 11) e termina, muito provavelmente, com cavalo/cabra-montês (rocha 8). Mesmo que o animal indeterminado aí presente corresponda ao auroque, o veado não aparece seguramente na última construção simbólica da Penascosa. Por outro lado, já vimos que a associação entre dois animais de um grupo (cabra-montês e cavalo) e de um de outro grupo (o veado como na rocha 2, ou auroque como, eventualmente na 4a, e seguramente em 5d e 5e) é comum no sítio. Já a presença de dois motivos do grupo oposto (veado e auroque) com um do segundo grupo só ocorre na 5a (cavalo) e mesmo assim a par de um quarto tema (a cerva).

O conjunto de que faz parte esta última composição deve ser encarada como a central do sítio. De facto, dispõe do maior número de animais (27), da maior variedade de temas, aí se encontrando todos os que aparecem na estação, com exceção da cabra-montês fêmea (auroque, cavalo, cabra-montês macho, veado, cerva e peixe).

O sítio, se apenas tivermos em conta os temas animais, aparece-nos assim como um espaço onde se observa a norte uma zona dominada pelo par veado/ auroque e a sul uma outra dominada pelo par cabra-montês/ cavalo, ocorrendo entre ambas um conjunto de rochas onde todos estes animais se tendem a associar. Esta associação nunca envolve os quatro animais no mesmo espaço parietal, nem é alguma vez simétrica, isto é, em nenhuma rocha vamos encontrar o mesmo número de unidades de cada grupo, ocorrendo sempre pelo menos uma a mais de um dos grupos.

Analisemos agora o repertório não figurativo. Comecemos por observar a distribuição das unidades gráficas não figurativas pelos espaços parietais (Tab. 5.3).

Rocha	I	II	III	VII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Pn11	0	0	0	2	12	0	39	0	3	56
Pn01	0	0	0	0	0	0	7	0	0	7
Pn02	0	2	0	2	3	0	49	2	0	58
Pn03	0	2	4	5	34	3	186	4	2	240
Pn04	0	0	0	0	1	0	4	1	0	6
Pn04b	1	0	0	0	2	1	9	1	2	16
Pn05a	0	1	0	2	4	3	43	0	0	53
Pn05b	1	0	1	1	2	0	27	0	0	32
Pn05c	0	0	1	0	4	0	12	0	0	17
Pn05d	0	0	1	0	23	4	127	1	1	157
Pn05e	0	0	0	0	2	1	10	0	0	13
Pn06	0	2	0	2	3	0	27	0	0	34
Pn07	0	1	0	0	1	0	15	0	0	17
Pn09	1	0	1	1	7	2	44	0	0	56
Pn08	0	0	0	3	5	0	20	0	4	32
TOTAL	**3**	**8**	**8**	**18**	**103**	**14**	**619**	**9**	**12**	**794**

Fig. 5.3: Distribuição das unidades gráficas não figurativas da fase 1 pelas chaves e espaços parietais da Penascosa.

Mais de metade das unidades por nós isoladas pertencem à chave XI, valor que estará seguramente inflacionado, devendo-se em parte à subjetividade intrínseca à nossa classificação, tal como foi referido no momento próprio. A nossa inventariação não deixa, no entanto, de mostrar de forma objetiva quais os espaços parietais mais historiadas com repertório não figurativo, correspondendo estes à rocha 3 e ao painel D da rocha 5. No seu conjunto percebe-se bem que a grande maioria das unidades gráficas não figurativas se encontra na zona central do sítio, entre os conjuntos 2 a 4 da zona meridional, aí se encontrando unidades pertencentes às nove chaves existentes no sítio.

Quando olhamos para a relação destas unidades com os animais (Tab. 5.4), observamos alguns factos dignos de nota: duzentas e sessenta e duas unidades não figurativas não se associam a qualquer animal; o auroque, se isolado, é o animal a que mais unidades se associam (129) e o cavalo, se igualmente isolado, aquele a que menos se associam (45), encontrando-se mesmo atrás dos veados (66). Se tivermos, contudo, em conta, apenas a diversidade de chaves, verificamos algo curiosos: se isolados, é a cabras-monteses machos (8) e a veados (7) que se associa a maior variedade de chaves, seguindo-se os cavalos e os auroques (ambos com 6)[145]. Contudo, se tivermos em conta todas as associações que os animais integram, os cavalos aproximam-se de veados (com sete chaves), apenas ultrapassados por machos de cabra-montês (8). É, no entanto, numa situação de não associação a qualquer animal que encontramos a maior variedade (9).

5.1.4.1.2. Penascosa (Fase 2)

Relativamente à Penascosa, durante a fase 2, arriscamo-nos a dispor apenas de uma parte muito residual da informação. Podendo ser a esta fase que pertencerá o grosso do dispositivo parietal de Siega Verde, não será despropositado lembrar que aí as figuras incisas se encontram nas áreas marginais do sítio. Ora, o que temos na Penascosa durante a fase 2 são, precisamente, figuras incisas nas áreas marginais do sitio. De facto, como foi já referido, sob os sedimentos da Penascosa poder-se-á encontrar um grande número de rochas com gravuras pertencentes ao fácies monumental dessa fase. A valorização global das nossas observações na Penascosa são assim de um carácter fortemente provisório.

145 Não nos referiremos ao peixe (a que se associa apenas uma unidade da chave XIc), nem às cabras-monteses fêmeas, às quais se associam uma da IXa (numa associação que também envolve macho da espécie) e duas da XIa (numa associação que envolve cavalo e espécie indeterminada). Relativamente às cervas, não foi claramente identificada nenhuma unidade gráfica não figurativa a elas associadas.

TEMA	I	II	III	VII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B	0	2	3	1	16	2	105	0	0	129
B/Ca-m	0	0	0	0	13	4	40	0	0	57
B/Ca-m/E	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/Ca-m/Ind	0	0	1	0	3	0	22	0	0	26
B/E	0	0	0	0	1	0	15	0	0	16
B/E/Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/Ind	0	0	0	0	3	0	25	0	0	28
B/Ce-m	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
TOTAL (B)	**0**	**2**	**4**	**1**	**37**	**6**	**211**	**0**	**0**	**261**
Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Ca-f/E/Ind	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL (Ca-f)	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**2**	**0**	**0**	**3**
Ca-m	1	1	1	3	11	3	77	1	0	98
Ca-m/E	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
Ca-m/Ce-m	0	0	0	0	0	0	12	0	0	12
B/Ca-m	0	0	0	0	13	4	40	0	0	57
B/Ca-m/E	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/Ca-m/Ind	0	0	1	0	3	0	22	0	0	26
Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL (Ca-m)	**1**	**1**	**2**	**3**	**29**	**7**	**156**	**1**	**0**	**200**
E	0	2	0	3	4	2	33	1	0	45
E/Ind	0	0	0	0	5	0	9	0	2	16
B/Ca-m/E	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/E	0	0	0	0	1	0	15	0	0	16
B/E/Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ca-f/E/Ind	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-m/E	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
TOTAL (E)	**0**	**2**	**0**	**3**	**11**	**2**	**65**	**1**	**2**	**86**
Ce-m	0	2	1	1	13	0	47	1	1	66
B/Ce-m	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
Ca-m/Ce-m	0	0	0	0	0	0	12	0	0	12
TOTAL (Ce-m)	**0**	**2**	**1**	**1**	**14**	**0**	**60**	**1**	**1**	**80**
Ind	0	0	0	1	1	0	23	1	0	26
B/Ca-m/Ind	0	0	1	0	3	0	22	0	0	26
B/E/Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/Ind	0	0	0	0	3	0	25	0	0	28
Ca-f/E/Ind	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
E/Ind	0	0	0	0	5	0	9	0	2	16
Ca-f/E/Ind	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL (Ind.)	**0**	**0**	**1**	**1**	**12**	**0**	**84**	**1**	**2**	**101**
Isoladas	**2**	**1**	**2**	**9**	**30**	**3**	**202**	**5**	**8**	**262**

Tab. 5.4: Relação das unidades gráficas figurativas com as não figurativas nas composições da Penascosa, datadas da Fase 1.

Durante esta fase, encontramos na Penascosa quatro conjuntos criados *ex nihilo* e dois que, tendo sido criadas durante a fase anterior, são agora alvo de atualizações.

Quatro conjuntos desta fase distribuem-se pela encosta da Penascosa, na sua zona norte, de forma mais ou menos paralela ao filão que a atravessa. O que se encontra mais perto do sopé corresponde ao conjunto 1 desta zona da fase anterior, a que agora se acrescentam quatro novas composições distribuídas por outros tantos espaços parietais (e um quinto, correspondente ao painel esquerdo da rocha 11?) (Fig. 5.15). Dois destes espaços correspondem aos sectores esquerdo e direito da rocha 19 do sítio, localizada imediatamente a sul da pré-existente rocha 11 (cfr. Fig. 5.15, descrição e decalque respetivo nos anexos), tendo a composição do segundo sido já publicada por Mário Varela Gomes (Gomes, 2002, 179).

O terceiro espaço parietal corresponde ao que foi inventariado como rocha 10a (Baptista & Gomes, 1997, 352-353). Localiza-se acima e para leste das rochas que temos vindo a tratar, encontrando-se à altitude de 147 m. Corresponde ao limite esquerdo da rocha 10 (cfr. descrição e decalque respetivo nos anexos). No painel que agora tratamos encontramos motivos integrados na nossa classe 2 de cavalos, a par de outros azilenses que ignoraremos na análise.

A quarta composição construída *ex nihilo* corresponde ao painel da rocha 10 publicado por Baptista e Gomes como sector direito da 10c (Baptista & Gomes, 1997, 355-357). Localiza-se para a direita do painel anteriormente



Fig. 5.15: O primeiro conjunto parietal da zona setentrional da Penascosa durante a fase 2 (vista de oeste). Montagem com os decalques das rochas 10,11 e 19.

referido, nele se identificando igualmente figuras atribuíveis a pelo menos dois momentos do Pleistocénico (cfr. descrição e decalque respetivo nos anexos), sendo que apenas nos debruçaremos sobre o mais antigo.

Eventualmente terá sido criado nesta altura uma quinta composição, correspondente ao sector esquerdo da rocha 11. Como, mesmo que o tenha sido anteriormente, ele continuaria a integrar este conjunto, desta vez será tido em conta.

O segundo conjunto desta zona encontra-se a cerca de 24 m para su-sudeste da rocha 10, correspondendo à rocha 22 da Penascosa (cfr. descrição e decalque nos anexos). O dispositivo gráfico é globalmente atribuível às nossas classes 2, mas identifica-se igualmente uma pequena cerva atribuível à classe 3 deste tema. O conjunto é constituído por duas composições distribuídas por dois espaços parietais distintos.

O terceiro conjunto parietal corresponde à rocha 16, que se localiza a cerca de 65 m para sudeste do anterior. Como as rochas que temos vindo a tratar, dispõe de gravuras integradas nas nossas classes 2 de auroques e cavalos, a par de outras de cronologia azilense, que não serão tidas em conta nesta análise.

O conjunto seguinte encontra-se a cerca de 15 m para sudeste, correspondendo à rocha 17 (cfr. descrição e respetivo decalque nos anexos). Como o caso anterior, este conjunto é constituído por apenas um espaço parietal. Também, como nos casos anteriores, encontramos aqui motivos atribuíveis a pelo menos duas fases. Contudo, no caso presente é difícil precisar a atribuição cronológica do repertório não figurativo. Por esta razão só será tido em conta aquele diretamente associado à única unidade gráfica figurativa da rocha atribuída ao Magdalenense.

Os dois restantes conjuntos desta fase encontram-se na zona meridional do sítio. Um destas corresponde ao quarto conjunto da zona da fase anterior (rocha 5), aí se observando quer acrescentos no seu quinto espaço parietal, quer a gravação de um sexto. Relativamente ao primeiro caso, observa-se o acréscimo no painel de um auroque orientado para a esquerda e de um quadrúpede orientado para a direita, ambos incisos. Até aqui, quando descrevemos um espaço parietal com mais de uma fase de gravação, apenas temos tido em conta as unidades gráficas magdalenenses. Contudo, os casos para trás referiam-se a situações em que a fase ou fases existente(s) para além da magdalenense são posteriores. Ora, neste caso, a atualização do painel parece apontar para a manutenção do valor simbólico das unidades gráficas mais antigas. Assim, não só há que ter em conta a pré-existência de um macho de cabra-montês, de um auroque e de um cavalo, como

na discriminação das unidades gráficas não figurativas há que ter em conta todas elas. No espaço parietal gravado *ex nihilo* apenas se reconhece uma cerva, a par de algumas unidades não figurativas, todas incisas.

O sexto e último conjunto desta fase encontra-se a cerca de 115 m para leste da rocha 7, correspondendo à rocha 21 (cfr. descrição e respetivo decalque nos anexos).

Procuremos agora inferir a sequência de visualização das novas composições. Quanto às rochas da zona meridional, estas parecem integrar-se na sequência pré-existente. Assim, a atualização do conjunto parietal da rocha 5 mais que alterar, parece aprofundar as características daquela rocha. Assim, uma cerva é acrescentada ao único conjunto da Penascosa onde o tema se encontrava já representado. Também o auroque (e o quadrúpede, qualquer que ele seja) não alteram a dimensão temática da construção simbólica. Relativamente ao repertório não figurativo, são gravadas doze novas unidades gráficas no quinto dispositivo parietal. As "novidades" são a associação de uma unidade da chave XIIIa a cabra-montês, auroque e quadrúpede e de uma da XIIIb a auroques. Se tivermos em conta que a primeira chave durante a fase anterior se podia associar a cavalos e agora aparece numa associação em que a cabra-montês se encontra envolvida, podemos desde já levantar a hipótese que durante o período coevo da classe 2, esta chave se associará ao grupo constituído por estes dois temas. Já a associação da chave XIIIb ao auroque reforça, por outro lado a associação desta chave ao grupo remanescente, visto que durante a fase anterior em duas situações ela apareça associada ao veado (e numa outra a cavalo e quadrúpede). O repertório não figurativo do sexto espaço parietal da rocha 5 não adianta grande coisa ao já estabelecido, porquanto é constituído apenas pelas variantes da chave XI.

O conjunto referente à rocha 21 remete-nos para situações identificadas por Alcolea e Balbín no sítio coevo de Siega Verde, onde os capríneos e cervídeos incisos parecem marcar os limites do sítio (Alcolea & Balbín, 2006, 192). Quer a temática (uma fêmea de cabra-montês incisa), quer a técnica, quer a localização da rocha 21 nos remetem para essa situação. Relativamente ao repertório não figurativo destaquemos a ocorrência de nove unidades que correspondem a variantes da chave IX.

De qualquer forma, quer a atualização da rocha 5, quer a criação da composição da rocha 21 apontam para a continuação, durante esta fase, do eixo norte-sul da Penascosa e, muito possivelmente, para a sua complexificação mediante a muito provável gravação de novas rochas atualmente ocultas sob os sedimentos holocénicos do sítio.

Os conjuntos parietais do sector setentrional parecem configurar um novo eixo que se desenvolve ao longo da pendente da encosta. Desta feita, a sequência de experienciação das rochas não nos é dada pela lateralização dos motivos mas, muito provavelmente, pela orientação dos painéis. Relativamente à primeira questão, o que observamos é um notável equilíbrio entre os animais construídos *ex nihilo* orientados para a esquerda (11) e para a direita (13), equilíbrio esse que é reforçado se incluirmos na contagem as quatro unidades figurativas mais antigas do sector meridional (14 para cada lado), algo expectável se a lateralização se dever puramente ao acaso. Já a orientação das faces historiadas permite-nos inferir que os painéis só serão observados em sequência se o forem desde o sopé até ao topo da encosta, uma vez que na direção contrária nenhum dos painéis historiados é observável. Este aspeto mostra-nos duas grandes diferenças relativamente à fase anterior — um maior dispêndio de energia para visualizar a sequência (uma vez que obriga a uma subida íngreme), assim como uma progressiva diminuição do potencial da audiência possível frente a cada uma das construções simbólicas. Assim, se durante a primeira fase, todas as composições são vistas desde a imensa praia da Penascosa, durante a fase que agora nos importa, tal só acontece com a primeira e, ainda assim, de forma parcial. O caráter público das manifestações rupestres ao longo deste eixo é, portanto, menos evidente que o do eixo com origem mais antiga.

Do ponto de vista da temática, observa-se algumas diferenças, assim como algumas semelhanças relativamente ao eixo mais antigo (Tab. 5.5).

As diferenças prendem-se com a representatividade dos temas, sendo cavalos (6) e veados (5), os mais frequentes. Em seguida surgem os machos de cabra-montês e os auroques (com 3 exemplares cada) e, finalmente, as fêmeas de veado e cabra-montês (com 2 unidades cada). Se não tivermos em conta as distinções de sexo, verificamos que a importância do veado se reforça, assim como a de cabras-monteses. Quanto às semelhanças será de destacar o facto do eixo se iniciar com um repertório dominado pelo grupo veado/ auroque e terminar com duas rochas onde apenas se observa, na penúltima (na direção de quem sobe a encosta) cavalos e na última uma fêmea de cabra-montês. A oposição de um par auroque/

veado a um outro cavalo/cabra-montês parece assim repetir-se aqui. Será de frisar contudo, que, contrariamente à fase anterior, temos durante esta fase o mesmo número de fêmeas que de machos de cabra-montês (se contarmos com a rocha 21, do sector meridional), correspondendo a fêmea da rocha 17 ao único animal completo deste tema. Assim, as mesmas oposições da fase anterior parecem manter-se. Contudo, uma outra diferença se observa: enquanto que durante a fase anterior era ao centro do eixo que se encontravam as composições mais complexas do ponto de vista da variedade e quantidade de temas, desta feita, o conjunto mais complexo encontra-se logo ao inicio. Os últimos conjuntos são, inversamente, os mais simples, sendo compostos por composições monotemáticas.

Rocha	B	Ca-m	Ca-f	Ce-f	Ce-m	E	Ind	TOTAL
Pn11	2	0	0	0	2	0	1	5
Pn19a	0	1	1	1	0	1	1	5
Pn19b	0	0	0	0	1	0	2	3
Pn10a	0	1	0	0	1	3	1	6
Pn10b	1	1	0	1	1	0	0	4
Pn22	0	0	0	0	0	0	3	3
Pn16	0	0	0	0	0	2	0	2
Pn17	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL	**3**	**3**	**2**	**2**	**5**	**6**	**8**	**29**

Tab.5.5: Distribuição das unidades figurativas da zona setentrional da Penascosa da fase 2, por temas e composições. A cinzento indicam-se as unidades pré-existentes.

A diminuição gradual da complexidade temática das composições à medida que se sobe a encosta da Penascosa encontra um correlato na distribuição das unidades gráficas não figurativas pelos espaços parietais do eixo oeste-este da Penascosa, tal como se pode observar na tabela 5.6.

Rocha	I	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL	Observações
Pn11a	0	0	0	0	2	0	12	0	39	3	56	
Pn11b	1	0	0	0	12	1	124	26	158	1	323	
Pn19a	2	1	1	0	7	0	37	6	82	3	139	
Pn19b	0	0	0	1	13	1	45	3	148	4	215	
Pn10a	0	1	0	1	0	0	9	2	43	2	58	mais 32
Pn10b	0	2	0	0	5	0	49	10	149	1	216	mais 96
Pn22a	0	0	0	0	1	0	10	1	30	1	43	
Pn22b	1	2	0	0	6	0	36	5	95	3	148	
Pn16	0	0	0	0	4	0	22	4	53	1	84	
Pn17	0	0	0	0	0	0	3	1	14	0	18	
TOTAL	**4**	**6**	**1**	**2**	**50**	**2**	**347**	**58**	**811**	**19**	**1300**	

Tab. 5.6: Distribuição das unidades gráficas não figurativas da Fase 2 da Penascosa por chaves e espaços parietais. Nas observações indicam-se ainda as unidades que não se encontrando associadas diretamente a grafismos desta fase poderão dela datar.

De facto, verifica-se que no primeiro conjunto, mesmo não contando com as unidades da composição mais antiga da rocha 11 (56) nem com as que não se associam a qualquer motivo das composições da rocha 10 (32 e 96, respetivamente), se encontram 76,45% das unidades não figurativas que se distribuem ao longo deste eixo. De igual forma, é no sector inicial deste novo eixo que encontramos a maior variedade de formas — dez em dez chaves possíveis, por oposição ao sector terminal onde apenas se isolaram cinco (cinco na 16 e apenas três na 17). Na rocha 22 observam-se sete, o que demonstra bem a diminuição da variedade à medida que se sobe a encosta.

Durante esta fase, não se gravou neste eixo unidades da chave XII. Por outro lado, aparecem as chaves V e VIII, que não foram identificadas entre o repertório mais antigo.

Observemos agora a relação entre as unidades gráficas figurativas e as não figurativas, algo que pode ser observado na tabela 5.7. Nesta tabela apenas teremos em conta as relações construídas *ex nihilo*, assim como as do painel da esquerda da rocha 11.

Relativamente à tabela congénere verificamos algumas semelhanças, assim como substanciais diferenças. Assim, também durante esta fase, a maior quantidade de unidades gráficas se encontra isolada, sendo igualmente entre estas que se identifica uma maior variedade de chaves. Por outro lado, é também a cabras-monteses machos e veados que, se

isolados, se encontra associada a maior variedade de chaves (seis e oito, respetivamente). Se não tivermos em conta as distinções de género, a variedade de chaves associada a veados aumenta para nove. A grande diferença relativamente à fase anterior prende-se com a quantidade de unidades gráficas não figurativas que se associa a cada tema animal. Assim, se nas fases anteriores era a auroques que maior quantidade se associava e a cavalos a menor, agora é a veados que mais se associam e a auroques que menos se associam, situação que não é alterada se tivermos em conta as pré-existências da rocha 11. Se tivermos, no entanto, em conta apenas os grupos antes definidos (auroques/ veados e cavalos/ cabras-monteses machos) verificamos que tanto num caso como noutro é a auroques e veados que mais unidades se associam [auroques/ veados (fase 1) — 341; cabras-monteses machos/ cavalos (fase 1) — 286; auroques/ veados (fase 2) — 255; cabras-monteses machos/ cavalos (fase 2) — 127].

TEMA	I	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	7
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
TOTAL (B)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**9**	**0**	**9**
Ca-f	0	0	0	0	0	0	3	2	21	0	26
Ca-f/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL (Ca-f)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**2**	**21**	**0**	**27**
Ca-m	1	1	0	0	0	0	5	2	18	1	28
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	3
TOTAL (Ca-m)	**1**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**6**	**2**	**19**	**2**	**31**
E	0	0	0	0	5	0	22	3	58	1	89
E/ Ind	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	3
Ca-f/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	3
TOTAL (E)	**0**	**1**	**0**	**0**	**5**	**0**	**25**	**3**	**60**	**2**	**96**
Ce-m	0	1	0	1	14	1	49	5	157	4	232
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	7
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	1	0	3	0	5
TOTAL (Ce-m)	**0**	**1**	**0**	**1**	**15**	**1**	**50**	**5**	**169**	**4**	**246**
Ce-f	1	0	0	0	0	0	7	1	12	1	22
Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	1	0	3	0	5
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	7
TOTAL (Ce-f)	**1**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**8**	**1**	**22**	**1**	**34**
Ind	**1**	**0**	**0**	**0**	**5**	**0**	**35**	**3**	**87**	**3**	**134**
Isoladas	**1**	**3**	**1**	**1**	**23**	**1**	**210**	**42**	**405**	**5**	**692**

Tab. 5.7: Relação das unidades gráficas não figurativas com as figurativas da Penascosa durante a Fase 2.

5.1.4.2 Quinta da Barca

Localiza-se na margem esquerda do Côa, imediatamente em face da Penascosa. Trata-se de sítio descoberto por Manuel Almeida e João Félix em 1995, sendo, como a Penascosa, referida desde os primeiros trabalhos de N. Rebanda (1995a, 3; 1995b, 12). Embora não tenha sido ainda alvo de tratamento monográfico, temos sobre ele publicado diversos textos, nos quais se pode encontrar muitos decalques das suas rochas (v.g. Baptista, Santos e Correia, 2006; 2008; Santos, 2012, 49-57). Administrativamente, o sítio pertence à freguesia de Chãs, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Encontra-se cartografado na folha 151 da Carta Militar de Portugal. Contrariamente às rochas da Penascosa, que se distribuem *grosso modo* pela mesma realidade geomorfológica, as rochas da Quinta da Barca distribuem-se por diversas concentrações em distintos pontos de uma paisagem heterogénea (Figs. 5.7 e 5.16). A rocha 13, que ocupa a posição mais central encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 00' 18,3" N 7º 06' 33,9" O, à altitude de cerca de 300 m.

Estão inventariadas sessenta rochas historiadas na Quinta da Barca (Reis, 2012, 33). Contudo, se apenas tivermos em conta as rochas de cronologia claramente pré-azilense, contamos apenas com trinta e duas. Temos, contudo, consciência que podemos estar a colocar de parte quer rochas onde apenas se identificou repertório não figurativo, quer outras cujo estado de conservação não permite aferir com precisão a sua cronologia.

A maior concentração de rochas historiadas encontra-se em torno da foz do afluente do Côa imediatamente para jusante da ribeira da Volta (doravante ribeira da Quinta da Barca), ribeira esta que desagua na margem esquerda do Côa, imediatamente para oeste do quinto conjunto parietal da zona meridional da Penascosa (Fig. 5.7).



Fig. 5.16: Distribuição das rochas estudadas pela Quinta da Barca (vista de sudeste). As identificadas a escuro dispõem de dispositivos com origem na fase 1, correspondendo as restantes às que contém grafismos da fase 2.

Esta ribeira, que hoje em dia só raramente tem água, apresenta um curso meândrico que se desenvolve num sentido és-sudoeste nor-nordeste e é alimentada por pequenos corgos que descem as encostas que a delimitam. As duas rochas mais ocidentais — e que se encontram a maior altitude — localizam-se em encosta declivosa delimitada pelos dois afluentes da margem esquerda da ribeira localizados mais a montante, uma de cada lado de um colo existente nessa encosta. Ao longo da ribeira propriamente dita localizam-se outras quatro rochas sobre as quais nos debruçaremos, todas na sua margem esquerda. Uma outra concentração importante de rochas encontra-se no sector setentrional do sítio, junto ao Côa e praticamente em frente da zona setentrional da Penascosa (cfr. fig. 5.7), nele se encontrando sete rochas que nos interessam. Entre este grupo e o da foz da ribeira da Quinta da Barca observa-se uma encosta algo declivosa onde se localizam duas rochas que nos importam — uma cerca do grupo da foz e outra mais perto do grupo setentrional. O limite superior desta encosta localiza-se a apenas 30 m do leito atual do Côa, correspondendo a vestígios de um terraço de cronologia do Pleistocénico inferior ou médio (Zilhão, 1997a, 13; Aubry *et al.*, 2002, 64-65, fig. 4). Cerca do limite meridional deste terraço foram identificadas outras três rochas de cronologia pré-azilense, encontrando-se uma outra junto do seu limite ocidental. Para lá deste limite observa-se nova encosta de declive acentuado por onde se distribuem quatro outras rochas. Esta encosta apresenta uma topografia algo ondulada devido aos pequenos corgos que a recortam. O que corre mais a sul corresponde a um outro afluente da margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, aí se encontrando, na sua margem direita uma outra rocha historiada sobre a qual nos debruçaremos.

Como no caso da Penascosa, trataremos primeiro das rochas com unidades gráficas integráveis na classe 1 e em seguida das rochas com unidades gráficas integradas na classe 2, não se tendo identificado no sítio qualquer rocha com evidências claras da classe 3.

5.1.4.2.1 Quinta da Barca (Fase 1)

Durante esta fase reconheceram-se na Quinta da Barca dezasseis conjuntos parietais distribuídos por diversas realidades geomorfológicas do sítio. Seis destes conjuntos distribuem-se ao longo da ribeira da Quinta da Barca.

Junto da foz encontra-se o que dispõe de maior número de composições, em número de oito, encontrando-se dois destes atualmente deslocados (Fig. 5.7). A densa vegetação envolvente não permite uma visão global deste conjunto. Contudo, até pelas suas caraterísticas, a rocha 1 do sítio (cfr. descrição e decalque nos anexos) corresponde ao seu centro nevrálgico (Fig. 5.17).



Fig. 5.17: A zona central da zona da foz da ribeira da Quinta da Barca (vista de sudeste), observando-se em primeiro plano as rochas 1, 2 e 27 (tombada sobre o painel direito da rocha 1; ao fundo ainda se vislumbram as rochas 4 e 5. Montagem com os decalques das rochas respetivas.

Imediatamente acima do painel direito da rocha anterior encontra-se outro espaço parietal, correspondente à rocha 27 (cfr. descrição e decalque nos anexos). Trata-se de fragmento, atualmente tombado sobre o seu lado esquerdo, onde se observa cavalo picotado orientado para a esquerda. Embora deslocado, pensamos que, dado seu posicionamento, não se encontrará longe da sua posição original. Imediatamente em frente situa-se a rocha 2 (cfr. descrição e decalque nos anexos), onde se observa grafismos integrados nas classes terminais e na mais antiga, sobre os quais nos debruçaremos em exclusivo.

Imediatamente para oés-noroeste, sempre junto à margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, localiza-se a rocha 4 (cfr. fig. 5.17, descrição e decalque nos anexos), e imediatamente a seguir a rocha 5 (cfr. fig. 5.17, descrições e

decalques nos anexos).

Para leste dos espaços parietais anteriores, a cerca de 10 m da rocha 1, encontram-se, imediatamente junto ao Côa, outros dois. Um destes encontra-se ainda *in situ*, na margem esquerda da foz da ribeira da Quinta da Barca, correspondendo à rocha 6 (cfr. fig. 5.7, descrição e decalque nos anexos). O segundo espaço parietal, correspondente à rocha 25, encontra-se atualmente também na margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, mas até 2014 encontrava-se na margem oposta, tendo sido deslocado para o local onde agora se encontra no âmbito de obras de qualificação do espaço, de duvidosa utilidade, questionável resultado estético e imprevisíveis consequências na conservação das margens do Côa e das rochas gravadas que aí se encontram[146].

O derradeiro espaço parietal que consideramos pertencer a este conjunto encontra-se a cerca de 10 m para norte da rocha 2, correspondendo à rocha 8 do sítio (cfr. fig. 5.7, descrição e decalque nos anexos).

O segundo conjunto localiza-se ainda na margem esquerda desta linha de água, mas a cerca de 60 m para montante da rocha 5. Os seus motivos da classe 1 concentram-se num espaço parietal, correspondente à rocha 10 do sítio (cfr. figs. 5.7, descrição e decalque nos anexos).

O terceiro conjunto parietal da ribeira encontra-se a cerca de 200 m para oés-noroeste, localizando-se também margem esquerda da ribeira, mas algo afastado do seu leito, junto da confluência da linha de água que limita meridionalmente a vertente onde se encontram, a cotas mais elevadas, outros conjuntos parietais da Quinta da Barca (Figs. 5.7 e 5.18). Nesta zona, o vale alarga-se, fruto da confluência acima referida. O conjunto em causa parece relacionar os da ribeira e os que se encontram a cotas mais altas, para norte do curso de água que aqui vem confluir. O conjunto que agora nos ocupa é constituída por apenas um espaço parietal, correspondente à rocha 33 (Fig. 5.7, descrição e decalque nos anexos).

O quarto conjunto da ribeira encontra-se para montante, a cerca de 80 m para sul da rocha 33, sendo constituído por dois espaços parietais, correspondentes às rochas 11 e 12 (Fig. 5.19).

Os dois conjunto restantes da ribeira encontram-se cerca de uma das suas nascentes, de cada um dos lados de um colo aí existente (Fig. 5.7, rochas 56 e 60). Um dos conjuntos localiza-se cerca do limite sudoeste do colo, correspondendo à rocha 60 (descrição e decalque nos anexos). O remanescente encontra-se cerca do limite noroeste do colo, sendo constituída por apenas um espaço parietal, que corresponde ao painel direito da rocha 56 (Fig. 5.20, descrição e decalque nos anexos).

O sétimo conjunto da Quinta da Barca localiza-se nos limites orientais do terraço referido, a ele se acedendo a partir da ribeira, por corgo que desagua na margem esquerda desta, uns metros a montante da rocha 5. O conjunto é composto por duas composições seguras e uma hipotética, existentes nas rochas 28, 29 e 48 respetivamente (Fig. 5.21). Esta última encontra-se muito destruída, não se identificando nenhum tema claro.

O sétimo conjunto parietal encontra-se cerca do limite ocidental do terraço, em zona imediatamente anterior ao começo da vertente delimitada a sul pelo curso de água que desagua cerca da rocha 33. Este conjunto é constituída por apenas um espaço parietal, correspondente a parte da rocha 14 (descrição e decalque nos anexos).

Quatro conjuntos localizam-se, sensivelmente à mesma cota, ao longo da vertente referida no parágrafo anterior. Uma destes corresponde à rocha 13, que se localiza a cerca de 65 m para oeste da 14 (descrição e decalque em anexo).

O décimo conjunto parietal da Quinta da Barca localiza-se a cerca de 120 m para norte, correspondendo à rocha 15 (descrição e decalque em anexo) onde se observa cabeça de cavalo da classe 1 num espaço parietal e figuras azilenses num outro.

O décimo primeiro conjunto localiza-se a 80 m para és-nordeste da anterior, correspondendo à rocha 16 (descrição e decalque em anexo).

A décima segunda construção simbólica corresponde à rocha 17, localizada a cerca de 50 m para nor-nordeste da anterior (descrição e decalque em anexo).

146 Uma coisa pudemos já confirmar: estas obras causaram uma importante alteração do curso do rio, evidente quando o caudal sobe acima do habitual. Assim, o "caminho" que foi feito entre a Penascosa e a zona onde antes se passava o rio a vau durante a estação seca, vê-se agora transformado num braço de rio. Tal dever-se-á à alteração topográfica de monta junto da margem direita, associada à ereção de poldras no leito do mesmo, contribuindo esta última construção para a acumulação, durante as cheias periódicas, de detritos sólidos de grande dimensão (designadamente troncos de árvores), o que dificulta a passagem da água precisamente onde esta devia correr com mais fluidez — nesta zona onde se encontram tantas rochas gravadas.



Fig. 5.18: Foto tirada a partir do leito da ribeira, a alguns metros para montante da rocha 10. As duas setas maiores indicam as direções para onde nos devemos dirigir para encontrar outros espaços parietais gravados. A seta menor sinaliza a rocha 33.



Fig. 5.19: O conjunto parietal composto pelas rochas 11 e 12 da Quinta da Barca (vista de noroeste). Montagem os decalques respetivos.



Fig. 5.20: A rocha 56 da Quinta da Barca (vista de nordeste). Montagem com decalques.



Fig. 5.21: Conjunto parietal composto pelas rochas 28, 29 — ambas em primeiro plano, à direita — e 48, localizada frente ao autor (foto de Fernando Barbosa, tirada sensivelmente de leste). Montagem com decalques das rochas 28 e 29.



Fig. 5.22: Rocha 9 da Quinta da Barca, vista de leste, observando-se o Côa em primeiro plano. Montagem com decalque.



Fig. 5.23: Conjunto parietal formado pelas rochas 22 e 23 da Quinta da Barca (foto de Mário Reis, tirada de sudeste). Montagem com os decalques respetivos.

Os restantes conjuntos da Quinta da Barca desta fase localizam-se na vertente oriental do sítio, que dá diretamente sobre o Côa. Um destes (o décimo terceiro) localiza-se a cerca de 60 m para norte da foz da ribeira da Quinta da Barca,

correspondendo à rocha 9 do sítio (descrição e decalque nos anexos). Esta rocha abate-se hoje diretamente sobre o Côa, encontrando-se a base do painel historiado a cerca de 2 m acima do leito atual do rio (Fig. 5.22).

O décimo quarto conjunto da Quinta da Barca encontra-se a cerca de 150 m para norte da anterior, correspondendo à rocha 19 (descrição e decalque respetivo nos anexos).

O décimo quinto conjunto parietal localiza-se a 70 m para nordeste, correspondendo à rocha 20 (descrição e decalque nos anexos), onde, da fase que agora tratamos, se identificam dois cavalos picotados e abradidos, orientados para a direita.

O décimo sexto, e último, conjunto parietal da Quinta da Barca desta fase localiza-se a cerca de 60 m para norte, sendo composta por dois espaços parietais (rochas 21 e 22) que formam entre si um ângulo quase reto (Fig. 5.23, descrições e decalques em anexo).

A dispersão dos espaços parietais pelas diferentes realidades geomorfológicas que hoje reunimos sob a designação Quinta da Barca não permite inferir nenhuma visualização sequencial de todas as rochas do sítios, tal como ocorria na Penascosa. Mais, a dispersão das rochas por aquelas diferentes realidades geomorfológicas, a par da aplicação do principio da lateralização dos animais como orientadores de movimento pelo espaço, levou-nos a levantar a hipótese de na Quinta da Barca podermos distinguir cinco espaços com diferentes "discursos" (v.g. Santos, 2012): o da foz da ribeira da Quinta da Barca, o da ribeira propriamente dita (se bem que este se relacione intimamente com o anterior), o do terraço do Pleistocénico médio, o sector setentrional do sítio, e o da vertente que se desenvolve para oeste do terraço referido (doravante vertente noroeste). Estes espaços serão tratados como zonas, sendo que o da ribeira deve ser dividido em três (ribeira, nascente 1 [rocha 56] e nascente 2 [rocha 60]).

A análise da lateralização dos animais por estes diferentes espaços revela alguns dados de sumo interesse (Tab. 5.8).

Rocha	Esquerda	Direita	Face	TOTAL
QB09	4	2	0	6
QB06	1	0	0	1
QB25	3	1	0	4
QB01	28	30	6	64
QB27	1	0	0	1
QB02	4	6	0	10
QB04	6	3	0	9
QB05	6	1	0	7
QB08	1	1	0	2
QB10	1	2	0	3
QB33	0	2	0	2
QB11	2	1	0	3
QB12	1	0	0	1
QB56	0	3	0	3
QB60	0	1	0	1
TOTAL (RIBEIRA)	**58**	**53**	**6**	**117**
QB28	2	0	0	2
QB29	1	1	0	2
QB14	1	4	0	5
TOTAL(TERRAÇO)	**4**	**5**	**0**	**9**
QB13	2	1	0	3
QB15	0	1	0	1
QB16	1	0	0	1
QB17	1	2	0	3
TOTAL(VNO)	**4**	**4**	**0**	**8**
QB19	0	1	0	1
QB20	0	2	0	2
QB21	1	3	0	4
QB22	0	4	0	4
TOTAL(VO)	**1**	**10**	**0**	**11**
TOTAL(ABSOLUTO	**67**	**72**	**6**	**145**

Tab. 5.8: Lateralização dos animais ao longo dos espaços parietais da Quinta da Barca.

Assim, nas rochas que se distribuem pela ribeira, ao contrário do que se tinha verificado para a Penascosa, observa-se uma predominância de animais orientados para a esquerda. Uma observação mais detalhada vai fazer-nos verificar que apenas nas rochas 1, 2, 10, 33, 56 e 60 (de entre as quinze aí inventariadas) se verifica uma maioria de animais orientados para a direita. Desde há muito que temos vindo a explicar a predominância de animais orientados para a esquerda neste sector específico da Quinta da Barca como uma forma de sinalizar a ribeira como eixo de circulação a partir do qual se deverá proceder a uma "experienciação" das rochas segundo uma prossecução de jusante para montante (a única forma possível de os painéis historiados nos aparecerem pela frente). Uma vez que as rochas se localizam todas na margem esquerda da ribeira (lado direito de quem a sobe), se a maior parte dos animais presentes nas rochas se encontrasse orientada para a direita, essa indicação poderia apontar para uma saída da mesma. Contudo, o inverso ocorre, apontando a maior parte dos animais para a ribeira. As exceções, no entanto, existem e, pelo menos uma, pode ser problemática. Vejamos em maior detalhe a sequência que propomos ao longo da ribeira, desde a sua confluência com o Côa.

Assim, as rochas 9 e 6 apresentam a maior parte das suas figuras orientadas para a esquerda porque, situando-se ainda na margem do Côa, se encontram para a direita (norte) da foz da ribeira. A rocha 25 encontra-se deslocada do sítio original, razão pela qual não pode ser valorizada. Na foz propriamente dita encontramos a rocha 1 e a rocha 2, ambas com a maior parte dos animais orientados para a direita. Contudo, poderiam os animais da rocha 1, mesmo que a maior parte deles estivesse orientada para a esquerda, servir de indicadores de movimento? Ou poderemos nós valorizar uma diferença de dois indivíduos (28 e 30, respetivamente orientados para a esquerda e para a direita) numa rocha com este grau de destruição e intensidade de sobreposições? E na rocha 2, embora a maior parte dos animais que aí ocorrem se encontre orientada para a direita, não é o veado aí existente que acaba por ser o grande elemento orientador da rocha, uma vez que as suas dimensões o tornam a única figura que salta à vista no painel? Por outro lado, como se verifica pela nossa figura 5.17, as rochas 1, 2, 27, 4 e 5 são observáveis em simultâneo desde a foz da ribeira da Quinta da Barca, e, tal como ocorria com as rochas 2 e 3 da Penascosa, devem ser lidas em simultâneo. Neste caso, temos uma maioria de animais orientados para a esquerda (45, contra 40 orientados para a direita). O veado com duas cabeças da rocha 2 poderá estar a indicar quer o percurso pela ribeira, quer o "caminho" para a área mais setentrional da Quinta da Barca. A este título recorde-se que imediatamente a 5 m para a direita da rocha 2 se encontra a rocha 8, com apenas dois cavalos, orientados em direções opostas (e portanto, sem anular a informação anterior).

As exceções correspondentes às rochas 56 e 60 da Quinta da Barca explicam-se também facilmente: tratam-se das últimas rochas a serem experienciadas, não havendo já necessidade de indicar a continuidade do percurso pela ribeira. Que o animal da rocha 60 se oriente para a direita pode ser uma indicação de que aqui a sequência de visualização das rochas é 60-56 e não ao contrário.

Será, contudo, de levantar a hipótese de entre o conjunto parietal constituído pelas rochas 11/12 e a rocha 56 poderem ter existido elementos de ligação. A este título recorde-se que em texto de 2008 admitimos que a relação entre as rochas da ribeira e as da vertente noroeste se faria a partir da zona onde a ribeira alargava (Baptista, Santos & Correia, 2008, 104). Ora, passados uns anos, a descoberta da rocha 33 veio confirmar esta hipótese e é, de facto, o seu papel de ligação entre as duas realidades geomorfológicas (ribeira e vertente noroeste) que explica não só a temática específica da rocha (como veremos adiante) como também o que se verifica em termos de lateralização dos animais aí presentes, ambos com as cabeças orientadas para a direita, mas no caso do veado, esta encontra-se fletida, ou seja, o animal apresenta o corpo virado para a esquerda. Repare-se que não nos encontramos perante um caso que não nos informa (como é o da rocha 8, referida atrás). Neste caso, é indubitável a informação de que para cima e para a direita existem rochas, mas há algo mais: o veado ainda não se voltou totalmente, algo o mantém ainda orientado para a esquerda, algo esse que julgamos corresponder ao conjunto parietal composto pelas rochas 11 e 12. Que seja o veado a desempenhar este papel é altamente significativo, porquanto, como veremos em seguida, o veado é o tema-chave da ribeira da Quinta da Barca.

A única exceção problemática da ribeira da Quinta da Barca é a da rocha 10. De facto, se até hoje sempre defendemos a existência nesta rocha de dois animais orientados para a esquerda e de um para a direita, uma observação mais atenta obrigou-nos a mudar de opinião, sendo de assumir que nos encontramos perante um caso com dois animais orientados para a direita e apenas um para a esquerda. A figura que está na origem da nossa confusão corresponde a

QB10-01. De facto, a ocorrência da delimitação interna do membro da direita do animal, a par da curvatura do seu limite do mesmo lado foram evidências gráficas tomadas por nós como evidência deste membro ser o traseiro do animal. Contudo, a observação atenta do painel permitiu-nos perceber que essa delimitação interna é um lascamento e que o ângulo formado pelo bordo cranial da pata e o do bordo do peito/pescoço é muito semelhante ao verificado em **QB10-03**. Tal é perfeitamente verificável na fotografia de Pedro Guimarães que neste trabalho publicamos (Fig. 5.24). Poderá esta exceção infirmar o nosso modelo? Pensamos que não. De facto, a ocorrência da combinação que se verifica nesta rocha pode ter várias explicações, sendo todas, infelizmente difíceis de confirmar. Assim, podíamos supor que a rocha 3 poderia ser contemporânea da 10, devendo toda a construção simbólica assim formada ser lida como um conjunto de dois animais orientados para a direita e três para a esquerda. Tal não é compatível com a nossa análise de correspondências múltiplas (onde ambos os motivos da rocha 3 são integrados na classe 2). Uma segunda hipótese leria na rocha 10 a indicação da existência de rochas decoradas para a direita no corgo imediatamente seguinte (a rocha 14). Tal deixar-nos-ia um vazio na ribeira entre as rochas 10 e 33. A hipótese que nos parece mais plausível prende-se com a possibilidade de **QB10-01** corresponder a um animal retrospiciente, o que poderia explicar a excessiva curvatura do bordo ventral do pescoço/ peito, muito mais acentuado que em **QB01-03** (só para falar de um outro raro caso de não distinção entre peito e pescoço) e comparável com o de **QB33-02**. Em suma, existe forte probabilidade de todas as rochas da ribeira se conformarem ao modelo que interpreta a lateralização dos animais como formas de sinalização de outras rochas no espaço.



Fig. 5.24: Rocha 10 da Quinta da Barca (Foto de Pedro Guimarães, obtida de sudeste).

O modelo aplica-se também no grupo setentrional, uma vez que todas as rochas apresentam a maior parte das suas figuras orientadas para a direita, sendo assim presumível que a sequência de leitura deste grupo seja 19–20–21/22, com um eventual começo logo na 8, para onde somos direcionados pelo grande veado da rocha 2.

É mais difícil perceber o esquema por trás dos espaços parietais do terraço. Relativamente à rocha 14, esta está muito destruída e quanto ao conjunto parietal composto pelas rochas 28 e 29 apenas podemos inferir que a sua leitura conjunta nos remete para a ribeira.

Nas rochas da vertente noroeste podemos, com muitas reservas, inferir uma leitura 13–15–16–17. Que a primeira é a que mais se relaciona com os conjuntos da ribeira parece-nos atestado pela sua relação com a rocha 33. Refira-se

que um interessante paralelismo pode ser inferido entre **QB33-01** e **QB13-01** e **QB13-03**, correspondendo todas estas unidades gráficas a capríneos, orientando-se a primeira para cima e para a direita e as duas últimas para baixo e para a esquerda, ou seja, são figuras que apontam umas para as outras. O arranque da sequência neste caso só pode ser dado pelo macho de cabra-montês, a maior figura do painel, que se orienta para a direita, apontando para a rocha 15. Daqui somos orientados de novo para a direita, para a rocha 16. Esta aponta-nos para a esquerda, pese embora a próxima rocha, e última da vertente, se encontrar à direita (a rocha 17). Trata-se de algo que só se pode explicar se admitirmos que o elevado grau de destruição da rocha 16 terá estado na origem da eventual desaparição de animais orientados para a direita.

Refira-se, por fim, que a não aleatoriedade da lateralização dos animais da Quinta da Barca, tendo em conta a localização das rochas pelas diferentes unidades geomorfológicas da Quinta da Barca já foi por nós estatisticamente demonstrada (Santos, 2012)

Olhemos agora para a distribuição das unidades gráficas figurativas pelas composições da Quinta da Barca (Tab. 5.9). Destacaremos assim alguns aspetos: a ausência de veados nas zonas fora da ribeira da Quinta da Barca; forte presença deste tema ao longo das zonas da ribeira, presença essa que se vai reforçando à medida que nos afastamos da foz, verificando-se paralelamente a diminuição progressiva de machos de cabra-montês; a forte presença do cavalo no sector setentrional, que vai, no entanto, diminuindo a sua frequência à medida que se avança para norte; a exclusiva ocorrência de rochas monotemáticas na vertente noroeste. Estes aspetos foram já alvo de análises aprofundadas da nossa parte, tendo sido também sujeitos a testes estatísticos que confirmaram a sua não aleatoriedade (Santos, 2012).

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	Ce-m	Ce-f	E	Ind.	R	Al.	TOTAL
QB09	0	1	2	1	0	0	1	1	0	0	6
QB06	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
QB25	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	4
QB01	3	16	11	3	5	1	18	5	0	2	64
QB27	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
QB02	0	0	1	3	1	0	1	4	0	0	10
QB08	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
TOTAL (F)	**3**	**18**	**15**	**8**	**7**	**1**	**23**	**11**	**0**	**2**	**88**
QB04	0	1	0	0	1	0	1	6	0	0	9
QB05	0	3	0	0	1	0	2	1	0	0	7
QB10	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3
QB33	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2
QB11	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	3
QB12	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL (R)	**0**	**5**	**0**	**4**	**4**	**0**	**4**	**8**	**0**	**0**	**25**
QB56	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	3
QB60	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
QB28	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
QB29	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2
QB14	0	1	1	0	0	0	2	1	0	0	5
TOTAL(T)	**0**	**2**	**2**	**0**	**0**	**0**	**2**	**3**	**0**	**0**	**9**
QB13	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	3
QB15	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
QB16	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
QB17	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
TOTAL(VNO)	**0**	**3**	**1**	**2**	**0**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**	**8**
QB19	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
QB20	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
QB21	0	1	1	0	0	0	2	0	0	0	4
QB22	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	4
TOTAL(VO)	**0**	**2**	**2**	**0**	**0**	**0**	**6**	**0**	**0**	**1**	**11**
TOTAL(ABS)	**3**	**33**	**24**	**14**	**13**	**1**	**36**	**23**	**1**	**3**	**145**

Tab. 5.9: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 1 da Quinta da Barca por rochas e temas.

Importa, no entanto, aprofundar a análise temáticas das sequências de conjuntos parietais por nós identificadas. Assim, relativamente à ribeira, observamos que os machos de cabra-montês só aparecem na zona da foz, correspondendo a rocha 2 ao último espaço parietal onde se encontram. Se tivermos em conta a diversidade temática dos espaços parietais da ribeira a partir daqui, verificamos que o veado e o auroque se tornam os temas mais representados, terminando a

sequência numa maioria clara de veados (rocha 56). Destaque-se também que é em torno da foz que não só se verifica maior diversidade de temas, como o maior equilíbrio entre as três espécies mais figuradas durante a fase mais antiga do Côa. Saliente-se o facto do último conjunto parietal da ribeira apresentar virtualmente a mesma composição que o primeiro da Penascosa, sendo constituído por auroques e veados.

Relativamente à sequência conformada pelos conjuntos parietais da vertente setentrional observamos a passagem de uma situação em que os cavalos são exclusivos — seguramente rochas 19 e 20, eventualmente rocha 8 — para uma de partilha do espaço com machos de cabra-montês, auroques fêmeas e felino. Repare-se como, exceção feita à presença do felino, o último conjunto desta sequência decalca o último da Penascosa. Se **Pn08-03** corresponder a um auroque, podemos dizer que a última composição da zona setentrional da Quinta da Barca praticamente reflete a última da zona meridional da Penascosa.

Observemos agora a distribuição das unidades gráficas não figurativas pelo espaços parietais da Quinta da Barca (Tab. 5.10). O primeiro aspeto que salta à vista é o menor número de unidades frente às que se encontram na Penascosa (755, frente às 794 da Penascosa), diferença que não seria de valorizar, não se desse o caso de na Quinta da Barca se encontrarem mais dez espaços parietais que na Penascosa. Ou seja, enquanto na Penascosa temos uma média de 52,93 unidades gráficas por espaço parietal, na Quinta da Barca temos apenas 29,04.

Rocha	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
QB09	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
QB06	0	0	0	1	0	2	0	23	0	0	26
QB27	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
QB02	0	0	0	2	2	5	0	63	0	0	72
QB08	0	0	0	0	0	3	0	38	2	0	43
TOTAL(FOZ)	**0**	**0**	**0**	**3**	**2**	**10**	**0**	**128**	**2**	**0**	**145**
QB04	0	0	0	2	0	0	0	16	0	0	18
QB05	0	0	0	1	0	0	0	10	0	2	13
QB10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
QB33	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
QB11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
QB12	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (RIBEIRA)	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**0**	**28**	**0**	**2**	**33**
QB56	0	1	0	3	0	3	0	15	0	2	24
QB60	0	0	1	0	0	5	1	21	0	2	30
QB28	0	0	0	2	0	4	1	21	0	0	28
QB29	0	0	0	1	0	0	1	6	0	0	8
QB14	0	0	0	0	0	0	0	29	1	0	30
TOTAL(TERRAÇO)	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**4**	**2**	**56**	**1**	**0**	**66**
QB13	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
QB15	0	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
QB16	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
QB17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL(VNO)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**8**	**1**	**0**	**10**
QB19	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	5
QB20	2	0	0	17	2	49	13	137	0	5	225
QB21	0	0	2	3	1	8	4	19	0	0	37
QB22	1	1	3	4	1	44	3	122	0	1	180
TOTAL(VO)	**3**	**1**	**5**	**24**	**4**	**101**	**20**	**283**	**0**	**6**	**447**
TOTAL(ABSOLUTO)	**3**	**2**	**6**	**36**	**6**	**124**	**23**	**539**	**4**	**12**	**755**

Tab. 5.10: Distribuição das unidades gráficas não figurativas pelos espaços parietais da fase 1 da Quinta da Barca.

Por outro lado, a distribuição das unidades gráficas não figurativas pela Quinta da Barca não se faz de forma homogénea. De facto, no sector setentrional encontramos mais de metade das unidades gráficas não figurativas (447). Em seguida vem a zona da foz da Ribeira da Quinta da Barca (145), o terraço (66), a ribeira (33), o conjunto da rocha 60 (30), o da rocha 56 (24) e a vertente noroeste (com apenas 10). A proximidade relativamente ao Côa parece ser um fator importante por trás da concentração deste tipo de grafismos nos espaços parietais.

Vejamos agora a relação das unidades não figurativas com as figurativas (Tab. 5.11).

Um dos aspetos mais interessantes da distribuição das unidades gráficas não figurativas pela Quinta da Barca é o facto de, contrariamente ao que se verificava na Penascosa, ser a cavalos que, se isolados, mais unidades se associam

(376). Muitíssimo atrás vêm os auroques, (33), os veados (30), sendo as associações exclusivas a cabras-monteses residuais (oito a machos, dando-se sete delas no terraço, e apenas uma a fêmeas, na zona da Foz). Relativamente à diversidade, verificamos o mesmo: se isolados, é a cavalos que mais se associam (9). Seguem-se, muito atrás, os auroques e os veados (4) e as cabras-monteses (duas a machos, e apenas uma a fêmeas). Se tivermos em conta todas as associações que os animais integram, são as composições que envolvem cavalos e cabras monteses aquelas que apresentam maior diversidade de chaves (10 e 7 respetivamente, frente a 5 de auroques e veados).

TEMA	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	total
B	0	0	0	4	0	6	0	21	0	2	33
B/Ce-m	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/Ce-m/Ind	0	0	0	1	0	0	0	10	0	0	11
B/E	0	1	0	0	0	9	0	17	0	0	27
B/E/Ce-m	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	4
B/Ind	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL (B)	**0**	**2**	**0**	**6**	**0**	**15**	**0**	**54**	**0**	**2**	**79**
Ca-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ca-f/E	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ca-f)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**		**0**	**2**	**0**	**0**	**2**
Ca-m	0	0	0	0	0	2	0	6	0	0	8
Ca-m/E	0	0	1	3	1	7	1	16	0	0	29
Ca-m/E/F	1	0	0	0	0	3	0	4	0	0	8
TOTAL (Ca-m)	**1**	**0**	**1**	**3**	**1**	**12**	**1**	**26**	**0**	**0**	**45**
Ce-m	0	0	0	1	0	1	0	26	0	2	30
Ce-m/Ind	0	0	0	1	0	2	0	16	0	0	19
B/Ce-m	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/Ce-m/Ind	0	0	0	1	0	0	0	10	0	0	11
B/E/Ce-m	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	4
TOTAL (Ce-m)	**0**	**1**	**0**	**4**	**0**	**3**	**0**	**56**	**0**	**2**	**66**
E	2	0	2	15	3	77	14	255	2	6	376
E/F	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	3
B/E	0	1	0	0	0	9	0	17	0	0	27
B/E/Ce-m	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	4
Ca-f/E	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ca-m/E	0	0	1	3	1	7	1	16	0	0	29
Ca-m/E/F	1	0	0	0	0	3	0	4	0	0	8
TOTAL (E)	**3**	**1**	**3**	**20**	**4**	**96**	**15**	**298**	**2**	**6**	**448**
R	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**1**
Ind	0	0	1	1	0	8	1	51	0	2	64
B/Ce-m/Ind	0	0	0	1	0	0	0	10	0	0	11
B/Ind	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ce-m/Ind	0	0	0	1	0	2	0	16	0	0	19
TOTAL (Ind.)	**0**	**0**	**1**	**3**	**0**	**10**	**1**	**79**	**0**	**2**	**96**
Isoladas	**0**	**0**	**2**	**8**	**2**	**9**	**7**	**107**	**1**	**0**	**136**
TOTAL(Absoluto)	**3**	**2**	**6**	**36**	**6**	**124**	**23**	**539**	**4**	**12**	**755**

Tab. 5.11: Associação das unidades não figurativas às figurativas da fase 1 da Quinta da Barca.

5.1.4.2.2 Quinta da Barca (Fase 2)

Durante a fase 2 observa-se na Quinta da Barca a criação *ex nihilo* de três conjuntos parietais no sector noriental, de uma composição no terceiro conjunto da ribeira da Quinta da Barca, de outra no conjunto parietal correspondente à rocha 56, e da adição de unidades gráficas nos espaços parietais correspondentes às rochas 6 (foz da ribeira da Quinta da Barca), 14 (terraço) e 20 (vertente noroeste).

Observemos o que ocorre ao longo da ribeira da Quinta da Barca. Junto à confluência desta com o Côa é incisa na rocha 6 (descrição e decalque nos anexos) possível cerva ou fêmea de auroque (**QB06-01**). Nos anexos já explicámos as razões das nossas dúvidas, mas a ocorrência no sector norientalnal de motivo semelhante (ver *infra*) que interpretámos como auroque impelem-nos a interpretar este da mesma forma.

Se continuarmos na ribeira, sempre na direção de montante, observamos no terceiro conjunto a criação de novo espaço parietal, correspondente à famosa rocha 3 do sítio (descrição e decalque nos anexos).

Na zona 1 das nascentes da Quinta da Barca é construída *ex nihilo* uma composição no painel esquerdo da rocha 56 (Fig. 5.20, descrição e decalque nos anexos).

Na zona do terraço observa-se a adição na rocha 14 (descrição e decalque nos anexos) de uma cabra-montês orientada para a esquerda, finamente picotada e abradida (**QB14-01**).

As restantes atualizações dão-se no sector setentrional. Na rocha 20 (descrição e decalque nos anexos) foram adicionados ao espaço parietal seis cavalos, uma fêmea de cabra-montês, um veado e um quadrúpede indeterminado, praticamente todos incisos e orientados para a direita (exceção feita a uma representação parcial de cavalo).

As atualizações remanescentes do sector correspondem, como se disse, a três conjuntos parietais construídos *ex nihilo*. Um destes é composto por dois espaços parietais, correspondentes às rochas 31 e 34 (Fig. 5.25). Este conjunto localiza-se a cerca de 18 m para norte da rocha 20. Os espaços parietais em causa não foram ainda estudados em profundidade pelo que apenas nos referiremos às unidades figurativas que conseguimos identificar. Ambos os espaços parietais correspondem a painéis verticais orientados para és-sudeste, localizando-se a rocha 34 imediatamente acima da 31. Nesta última identificam-se pelo menos três animais orientados para a direita, todos incisos. Um destes corresponde a um cavalo. Os outros dois são de identificação mais difícil. Um deles apresenta bordo cérvico-dorsal de auroque e só por isso identificamo-lo com essa espécie, pese embora a cabeça possa remeter mais para uma cerva. O animal restante identificámo-lo como vareto. No interior das cabeças destes dois últimos animais releve-se a presença de olhos amendoados (Fig. 5.26). Na rocha 34 encontramos um auroque macho inciso orientado para a esquerda.



Fig. 5.25: Os espaços parietais da zona setentrional da Quinta da Barca (vista de leste), historiados durante a fase 2. Montagem com decalque da rocha 23.

O segundo conjunto construído *ex nihilo* é constituído por apenas um espaço parietal, correspondente ao repertório gráfico da fase 2 da rocha 23 (Figs. 5.25, descrição e decalque respetivo nos anexos).

O terceiro conjunto parietal criado de raiz localiza-se a cerca de 7 m para oés-sudoeste do formado pelas rochas 21 e 22. É composto por apenas um espaço parietal, correspondente à rocha 30 (Fig. 5.25). Infelizmente esta rocha também ainda não foi estudada. As únicas unidades gráficas figurativas que se reconhecem são três veados incisos orientados para a esquerda, cujas caraterísticas nos remetem para a classe 2 do tema respetivo.

A atualização da rocha 14 corresponde à adição de um macho de cabra-montês, tema já representado neste espaço parietal. No entanto esta rocha encontra-se profundamente alterada, devendo faltar-lhe toda a sua zona central.



Fig. 5.26: Detalhe de auroque provável da rocha 31 da Quinta da Barca.

Já as atualizações na ribeira, se bem que discretas, são de monta, porquanto se adiciona um tema que até ao momento não se encontrava presente — o macho de cabra-montês —, cujo esmero gráfico evidenciado na composição da rocha 3, espaço integrado num conjunto parietal localizado a meio do percurso da sequência, denota um particular simbolismo. A importância do tema é reiterada pela sua gravação num dos conjuntos das nascentes da ribeira da Quinta da Barca, numa associação (auroque/ macho de cabra-montês) que não ocorria durante a fase mais antiga[147] e que, como veremos, é bastante comum durante a fase 2. Relativamente ao repertório não figurativo adicionado durante esta fase na ribeira da Quinta da Barca (Tab. 5.12), destacamos uma certa continuidade evidenciada pela maior variedade de associações de unidades não figurativas a cabras-monteses que a auroques.

Tema	III	VII	VIII	IX	X	XIc	XIII	TOTAL
B	0	0	1	0	0	1	1	3
Ca-m	0	1	2	6	0	2	0	25
Is	1	2	0	7	1	5	1	42
TOTAL	**1**	**3**	**3**	**13**	**1**	**8**	**2**	**70**

Tab. 5.12: Associação de unidades gráficas não figurativas a figurativas na ribeira da Quinta da Barca, durante a fase 2.

É, no entanto, no sector setentrional que se verificam as maiores alterações do dispositivo parietal. Estas, no que toca ao repertório figurativo (Tab. 5.13) resumem-se ao aparecimento do auroque macho, ao reforço do peso dos cavalos e ao aparecimento do veado, que passa a segundo tema mais representado[148].

Relativamente ao repertório não figurativo (Tab. 5.14) temos que ser muito cautelosos porquanto não estão estudadas a fundo três rochas que aumentarão seguramente o *corpus* deste tipo de grafismos. O total de unidades inventariadas é de 369, distribuídas por apenas duas rochas (20 e 23). Assim, se o número global é de valor mais reduzido que o total de unidades não figurativas deste sector durante a fase anterior (447), a média por rocha é já muito maior (184,5 contra 111, 75).

147 Na rocha 21 da Quinta da Barca um macho de cabra-montês aparece numa relação de sobreposição com um auroque, mas este par encontra-se aí ladeado por duas cabeças de cavalo.

148 Não devemos, no entanto, esquecer que estamos a trabalhar com valores provisórios, podendo o estudo das rochas 30, 31 e 34 vir a revelar provocar importantes alterações, especialmente no que toca à relação entre veados e auroques.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	Ce-f	Ce-m	E	Ind	Al.	TOTAL
QB19	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
QB20	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
QB21	0	1	1	0	0	0	2	0	0	4
QB22	0	1	1	0	0	0	1	0	1	4
QB20	0	0	0	1	0	1	6	1	0	9
QB31	0	1	0	0	0	1	1	0	0	3
QB34	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
QB23	0	0	0	0	0	0	8	1	0	9
QB30	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3
TOTAL	**1**	**3**	**2**	**1**	**0**	**5**	**21**	**2**	**1**	**37**

Tab. 5.13: Distribuição das unidades gráficas figurativas da vertente oriental da Quinta da Barca da fase 2, por temas e espaços parietais. Pré-existências indicadas a cinzento.

TEMA	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
Ca-f	0	0	0	1	6	19	4	44	3	77
Ca-f/Ce-m	1	0	0	3	0	5	2	20	0	31
Ca-f/E	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2
Ca-f/E/Ce-m	0	0	0	2	0	4	0	2	0	8
TOTAL (Ca-f)	**1**	**0**	**1**	**6**	**6**	**28**	**6**	**67**	**3**	**118**
E	1	2	1	14	1	37	1	116	8	181
E/Ind	0	1	0	1	0	3	1	11	1	18
TOTAL (E)	**1**	**3**	**1**	**15**	**1**	**40**	**2**	**127**	**9**	**199**
Ind.	0	0	0	0	0	0	0	3	0	3
Isoladas	1	1	0	1	1	13	0	32	0	49
TOTAL(Abs.)	**3**	**4**	**2**	**22**	**8**	**81**	**8**	**229**	**12**	**369**

Tab. 5.14: Associação de unidades gráficas não figurativas a figurativas na vertente oriental da Quinta da Barca, durante a fase 2.

5.1.4.3 A relação Penascosa/ Quinta da Barca

A simples observação da nossa figura 5.7 servirá por si só para demonstrar a profunda relação entre estes dois sítios. Mas não apenas a proximidade entre eles e entre as rochas neles localizadas, como também as relações estabelecidas pelos conteúdos das respetivas composições nos conduzem a essa conclusão.

Assim, a primeira relação que se pode estabelecer entre a Penascosa e a Quinta da Barca a partir dos conteúdos das suas composições prende-se com a que se infere entre a composição da rocha 8 do primeiro sítio e a zona da foz da ribeira da Quinta da Barca. Como referimos atrás, a rocha 8, se seguirmos a lógica orientadora da lateralização dos animais será o último espaço parietal a ser lido na Penascosa. Como se torna evidente, o conjunto parietal da foz da ribeira da Quinta da Barca é o ponto a partir de onde se acede às restantes construções simbólicas do sítio, quer às da ribeira, quer às da vertente noroeste (ligada à ribeira pela rocha 33), quer ao sector setentrional para onde aponta uma das cabeças do veado da rocha 2, quer eventualmente aos espaços parietais do terraço, localizados em corgos subsidiários da ribeira. Ora, se seguirmos a lógica da lateralização dos animais, somos forçados a considerar como altamente relevante a ocorrência da fêmea de cabra-montês com a cabeça a olhar de frente existente na rocha 8 da Penascosa (**Pn08-03**). De facto, encontrando-se os outros dois animais da rocha orientados em direções opostas, a que é apontada pela cabra-montês é a única que não é anulada por nenhuma das outras. Ora, a direção para onde aponta essa cabra-montês é precisamente para a zona da foz da ribeira da Quinta da Barca, onde, pelo menos atualmente, se atravessa o Côa a vau e onde se encontra a figura mais parecida com aquela cabra-montês (**QB01-36**) assim como o número mais elevado de animais desta fase com a cabeça virada para a frente. Se a estes aspetos juntarmos ainda facto de ser na rocha 8 da Penascosa que se encontram as únicas unidades gráficas da chave XIIIa (cuja relação com a água é, pelo menos plausível, devido à forma ondulada) do sítio e aquelas de todo o complexo Penascosa/ Quinta da Barca cuja forma parece ser mais claramente resultante de um ato intencional (por oposição às unidades das rochas 20 e 60 classificadas como tal mas que podem ter resultado de um ato mais ou menos inconsciente da forma que resultaria do mesmo), pensamos ficar definitivamente estabelecida a relação entre os dois sítios a partir destas construções simbólicas em particular.

Outros aspetos que reforçam a ligação entre os dois sítios prendem-se com a simetria verificável nos seus conjuntos parietais (Fig. 5.27). Assim, o primeiro conjunto parietal da Penascosa, caraterizado pelo par auroque/veado opõe-se,

quer à última deste sítio, quer ao último da zona nordeste da Quinta da Barca, localizado imediatamente a oeste, do outro lado do rio, sendo ambos definidos pela associação ternária auroque/ cabra-montês-macho/ cavalo. Por outro lado, reflete o último conjunto parietal da ribeira da Quinta da Barca, caraterizada também pelo par auroque/ veado. Ou seja, os extremos dos sítios parecem alternadamente refletir-se um aos outros. Entre o conjunto da zona setentrional da Penascosa e o último conjunto da zona nordeste da Quinta da Barca não se verifica a existência de nenhuma composição (porque o rio não se passava a vau nesta zona?). Os eixos restantes entre os pontos extremos implicam sempre a passagem por conjuntos parietais intermédios. Os que se distribuem pelo "lado" oriental (na Penascosa) caraterizam-se pela ocorrência de todos os quatro temas principais (auroque, cavalo, macho de cabra-montês, veado), nunca, no entanto, aparecendo todos simultaneamente num só espaço parietal. O lado meridional carateriza-se também pela ocorrência de todos os temas principais, ocorrendo estes no mesmo espaço parietal logo ao início (rocha 1 da Quinta da Barca), desaparecendo, em seguida, o macho de cabra-montês ao longo da parte remanescente do eixo (restantes conjuntos da ribeira). No eixo noroeste observa-se também a ocorrência de praticamente todos os temas (falta o veado, mas ocorre a camurça) mas estes nunca se misturam.

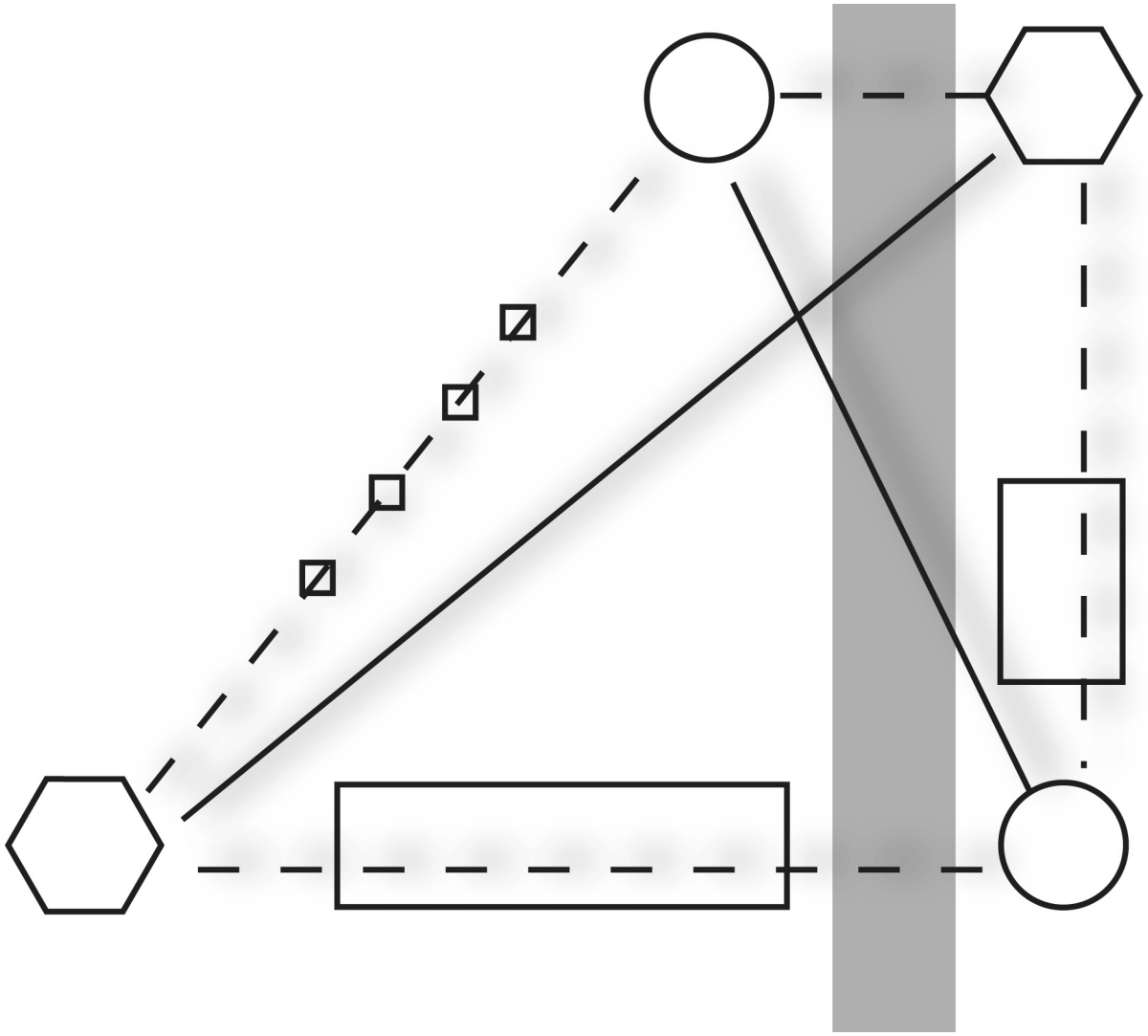


Fig. 5.27: Representação esquemáticas das relações entre os diferentes conjuntos parietais da Penascosa e da Quinta da Barca, durante a fase 1. Cada figura geométrica corresponde a uma associação temática específica. A imagem orienta-se para norte e o rio indica-se a cinzento.

Em resumo, a oposição verificada na Penascosa durante a fase antiga entre os seus dois extremos, verifica-se também se analisarmos o complexo dos dois sítios na sua globalidade. A passagem de uma situação para a outra passa sempre por um estádio em que, de uma forma ou outra, as espécies mais importantes aparecem. Se junto ao Côa, esses temas podem tender a juntar-se no mesmo espaço parietal, a cotas mais altas os temas tendem a aparecer isolados, podendo o veado encontrar-se mesmo ausente. A esta relação entre proximidade ao rio/ tendência aglomerativa dos temas, deve juntar-

se a que relaciona proximidade ao rio/ concentração de unidades gráficas não figurativas. Relativamente a estas, se se observa diferentes tendências quanto aos temas que com elas mais se associam, será de relevar que em ambas as margens se verificou que é a cabras-monteses e cavalos que se associa a maior variedade de chaves. Ou seja, se a quantidade de unidades gráficas não figurativas que se encontra num espaço parietal parece ser condicionada pela proximidade ao rio, a escolha da chave parece relacionar-se com o tema.

Durante a fase 2, os sítios parecem continuar a relacionar-se de forma sistemática. Lembremos que na Penascosa a grande alteração durante a fase 2 se prende com a criação de novo eixo, desta feita perpendicular ao curso do Côa. Seria assim expectável que as alterações mais profundas se verificassem na zona nordeste da Quinta da Barca e tal é o que ocorre. Para que a complementaridade entre os dois sítios se desse, seria, desta feita, necessária a adição do veado na Quinta da Barca e tal verifica-se igualmente. Na Penascosa observa-se a criação de um polo a cota mais baixa caraterizado pela maior diversidade temática, mas onde o par auroque/ veado é predominante e a criação de um outro a cota mais alta em que as rochas são monotemáticas e dominadas pelo par cavalo/ cabra-montês. No lado oposto da Quinta da Barca, a relação proximidade do rio/ complexidade temática também se parece verificar, sobretudo se tivermos em conta apenas as rochas gravadas durante esta fase. Se do lado da Penascosa os temas que se encontram a cota mais alta são a fêmea de cabra-montês e o cavalo, na Quinta da Barca é o veado que se encontra nessa situação.

5.1.5 Ribeira das Cortes

Este sítio localiza-se a jusante da Quinta da Barca, igualmente na margem esquerda do Côa, sendo definido pela bacia hidrográfica da ribeira epónima. A confluência deste curso de água com a o Côa localiza-se a cerca de 290 m para nor-noroeste da foz da ribeira da Quinta da Barca (Fig. 5.7). O sítio foi descoberto por Manuel Almeida e João Félix em 2003, sendo referido pela primeira vez em 2008 (Baptista & Reis, 2008, 168) e tendo desde então voltado a ser alvo de textos da autoria de Mário Reis (2011, 120-123; 2012, 32-33). Estão inventariadas 24 rochas, considerando Mário Reis que 15 destas terão uma cronologia do Paleolítico superior. Destas 15, apenas 3 dispõem de unidades gráficas figurativas cujas caraterísticas permitem a sua integração numa das fases sobre as quais nos debruçamos (neste caso, na 2), correspondendo às rochas 2, 13 e 18. As restantes apenas dispõem de grafismos azilenses e repertório não figurativo ou de delicada leitura, sendo consequentemente difíceis de datar. Será, no entanto, de ter em conta que as unidades gráficas não figurativas da rocha 22, essencialmente da chave XIIIa não são raras entre o repertório gráfico pré-azilense. Se não a tivemos em conta foi porque os animais aí identificados (um quadrúpede e um veado) são de morfologia claramente azilense.

Todas os espaços parietais referidos localizam-se na freguesia de Chãs, concelho de Vila Nova de Foz Côa, encontrando-se todas cartografadas na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000, ocupando a numerada como 2 as seguintes coordenadas geográficas: 41º 00' 36,1" N; 7º 06' 29,6" O, altitude de 215 m. A distância entre as rochas referidas não permite a sua consideração como espaços parietais de um mesmo *locus*, sendo aproblemática a sua leitura como conjuntos parietais de três *loci* distintos.

A rocha 2 trata-se da única construção simbólica que se localiza diretamente sobre o Côa, a cerca de 50 m para sul da margem esquerda da ribeira da Quinta das Cortes. O espaço parietal corresponde a um painel vertical orientado *grosso modo* para és-sudeste onde se identifica um quadrúpede inciso orientado para a esquerda.

A rocha 13 encontra-se a cerca de 550 m para oés-noroeste, em encosta suave delimitada por dois subsidiários da margem esquerda da ribeira das Cortes. Apenas se observa macho de cabra-montês inciso orientado para a direita (Fig. 5.28). A ele parece associar-se uma unidade gráfica da chave XIb. O posicionamento desta em localização onde se encontraria o estoque e contraestoque do veado poderia tornar a leitura da figura algo discutível. A forma dos cornos, contudo, não possibilita outra identificação temática que não o macho de cabra-montês.

A rocha 18 encontra-se a 170 m para noroeste da anterior, correspondendo à que se encontra mais afastada do Côa e a altitude mais elevada. Na rocha identifica-se sobretudo grafismos azilenses. No entanto, pelo menos uma figura parece poder atribuir-se à nossa fase 2. Trata-se de um quadrúpede não identificado orientado para a direita (Fig. 5.29).



Fig. 5.28: Macho de cabra-montês, orientado para a direita, da rocha 13 da Ribeira das Cortes.

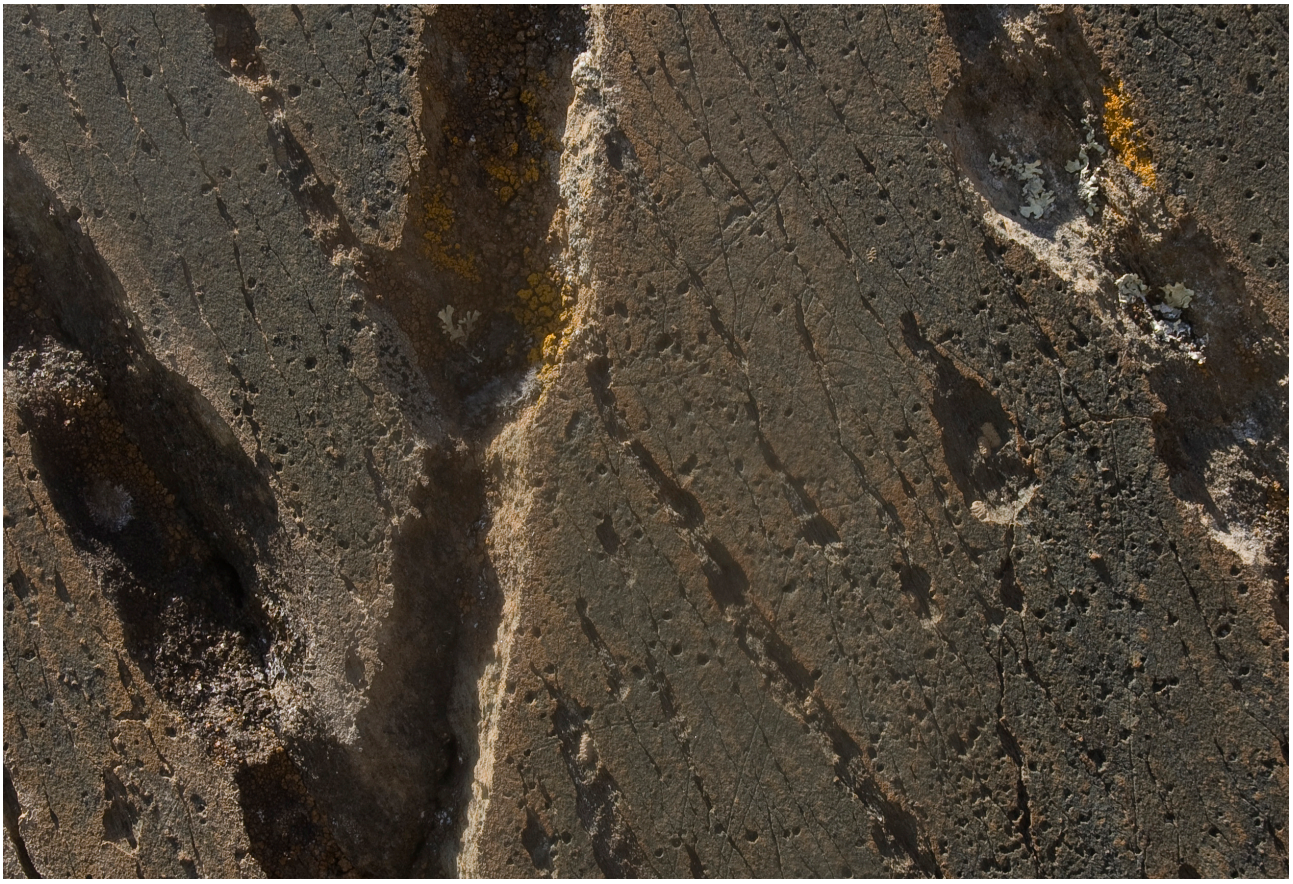


Fig. 5.29: Cabeça de quadrúpede inciso, orientada para a direita, da rocha 18 da Ribeira das Cortes.

Os *loci* da Ribeira das Cortes que podem ser atribuídos à fase 2 caraterizam-se quer pelo seu isolamento, quer pela simplicidade dos dispositivos que contém. Infelizmente, apenas um tema foi passível de identificação como cabra-montês. Refira-se contudo que a unidade gráfica da rocha 2 apresenta uma cérvico-dorsal que, dada a sua forma apenas pode pertencer a um veado ou cabra-montês. Já o da rocha 18 poderá corresponder a uma representação fruste de um tema habitual, a um animal raramente representado (e por isso de difícil identificação) ou a uma representação de um animal "fantástico".

5.1.6. Ribeira de Piscos

O sítio é descoberto por João Félix e Manuel Almeida em 1994, sendo dado a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 7-8; 1995b, 12), e desde, então referido, regularmente (v.g. Baptista & García, 2002, 194-195; Reis, 2012, 29-31). Conhece-se atualmente quarenta e duas rochas, considerando Mário Reis a existência de vinte e sete com gravuras paleolíticas (Reis, 2014, 23). Decalques de várias das suas rochas dispersam-se por uma série de publicações (Baptista & Gomes, 1997, 307-326; Baptista, 2008a, 16-22; 2009, 100-101-156-157; Baptista, Santos & Correia, 2008b, 117-119; Santos, 2012, 58). As rochas distribuem-se por uma ampla área, correspondente quer à bacia hidrográfica da ribeira de Piscos, quer às margens do Côa, adjacentes à foz daquele seu tributário. A confluência da ribeira de Piscos com o Côa dá-se na margem esquerda deste, a cerca de 2,5 km para jusante da foz da ribeira das Cortes. Todas as rochas do sítio localizam-se na freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa. A rocha 1 do sítio encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 nas coordenadas geográficas 41º 01' 51,2" N; 7º 07' 03,4" O, à altitude de 120 m.

As rochas sobre as quais nos debruçaremos encontram-se distribuídas por três *loci* (Fig. 5.30), distribuição essa que tem parcial significado cronológico. O *locus* com maior número de rochas historiadas localiza-se a cerca de 130 m para oeste da foz de Piscos, nele se distinguindo duas zonas. A primeira situa-se na margem esquerda da ribeira. Trata-se de colina claramente individualizada na paisagem (Fig. 3.31), correspondente a degrau intermédio entre o leito do rio e o topo do monte do Fariseu, sendo delimitado a sudoeste pela ribeira de Legas, a sudeste pela ribeira de Piscos e a norte pela vertente meridional do monte do Fariseu.

A segunda zona encontra-se imediatamente a sul, já na margem direita da ribeira de Piscos, imediatamente em frente das rochas localizadas na base da colina correspondente à zona antes referida. O segundo *locus* encontra-se mais distante, localizando-se já na margem do Côa, para jusante da confluência da Ribeira de Piscos com o Côa. Finalmente, o terceiro *locus* localiza-se também na margem esquerda do Côa, mas para montante da foz da ribeira de Piscos.

No sítio foram identificados grafismos das fases 1, 2 e 3 (para além da 4 que aqui não abordaremos). As relações verificadas entre as unidades gráficas das fases 2 e 3 são de tal forma estreitas que não serão tratados de forma independente.

5.1.6.1. Ribeira de Piscos (Fase 1)

Da fase mais antiga da arte do Côa apenas foram identificadas três conjuntos parietais. Um destes localiza-se na base da colina do *locus* 1 (Fig. 5.32), sendo constituído pela rocha 1 do sítio (descrição e decalque respetivo nos anexos). Nele apenas se identifica um par de cavalos picotados, cujas cabeças se entrelaçam. Trata-se da representação de um ato de *grooming*, comum na espécie representada. Relativamente ao repertório não figurativo, apenas se observa uma possível unidade gráfica da chave XIa, associada a um dos cavalos.

Os dois conjuntos restantes desta fase localizam-se no *locus* 2 (Fig. 5.7), lugar no qual não se conhecem grafismos das fases 2 ou 3. Um deles corresponde à rocha 13. Uma das duas composições que o constituem (descrição e decalque respetivo nos anexos) foi claramente construída para ser vista de longe (Fig. 5.33). Atualmente o acesso à mesma é impossível sem apoio de escada ou andaime. A sua localização no alto de um paredão, a par das dimensões dos três auroques aí existentes, conseguidos por picotagem e abrasão, contribuem para a nossa interpretação de que o dispositivo

foi construído para ser visto de longe. Dois dos animais encontram-se orientados para a direita, virando-se o terceiro na direção oposta. Não se identificou qualquer repertório não figurativo. Um possível cavalo conseguido por raspagem (não decalcado), parece observar-se à esquerda do painel principal, conformando uma segunda composição (Fig. 5.34).

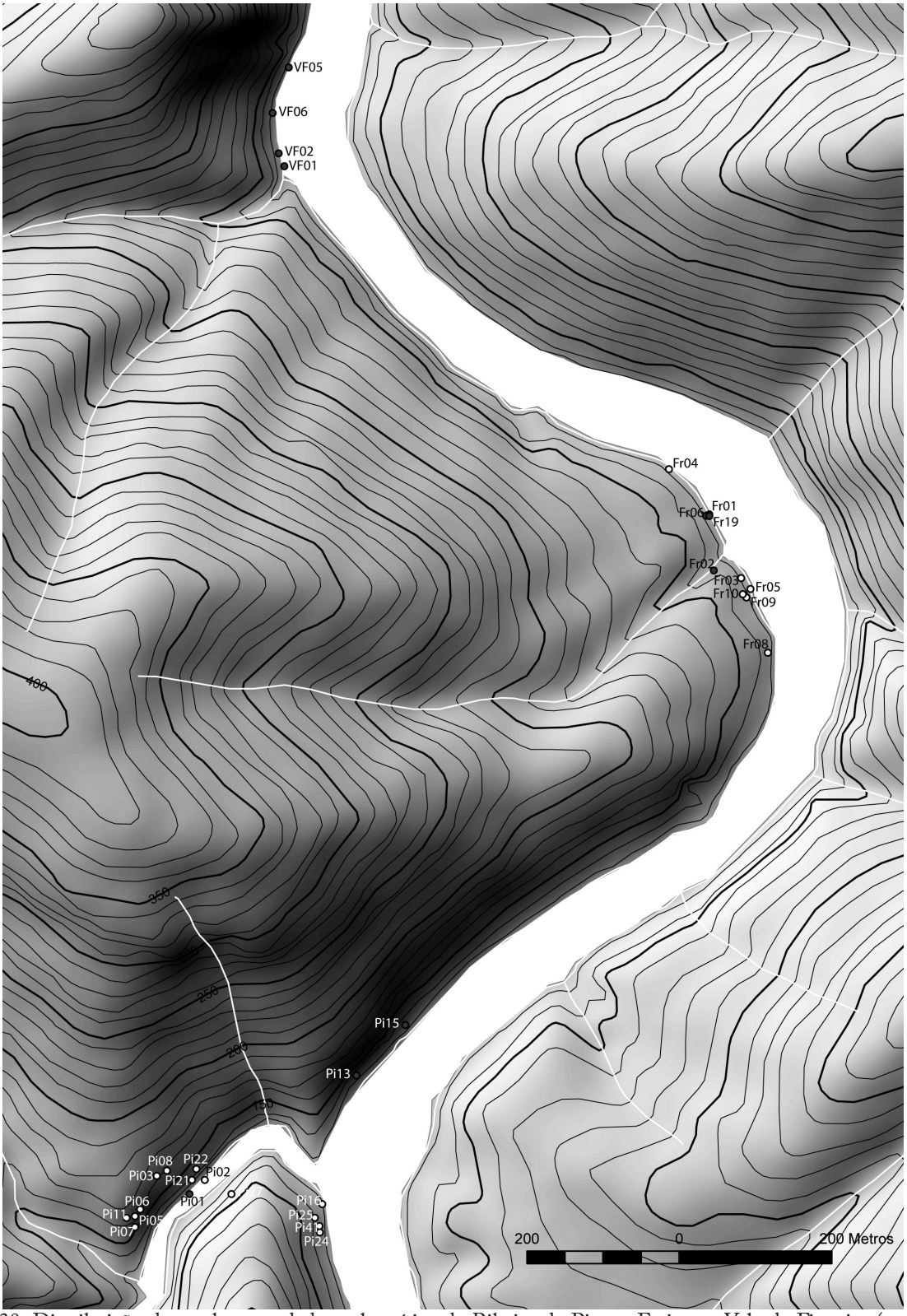


Fig. 5.30: Distribuição das rochas estudadas pelos sítios de Ribeira de Piscos, Fariseu e Vale de Figueira (os círculos brancos indicam as rochas com gravuras das fases 2 e 3.

O segundo conjunto parietal deste *locus* corresponde à rocha 15 (descrição e decalque respetivo nos anexos). O espaço parietal é dominado por imensa figura de veado picotado e abradido, orientado para a esquerda. É ladeado por duas figuras bastante mais pequenas, sendo ambas picotadas e orientadas cada uma delas para o lado exterior da rocha. A figura da direita corresponde a um capríneo de sexo indeterminado e a da esquerda a possível cervídeo, também de sexo

indeterminado. A rocha 15 corresponde ao espaço parietal desta fase com o número mais elevado de unidades gráficas não figurativas. A veados associam-se doze unidades (uma da chave VII, duas da IX e nove da XI), observando-se ainda outras cinco não associadas a qualquer animal (uma da chave IX, três da XI e uma da XII).



Fig. 5.31: A colina do locus 1 de Piscos, vista de sudeste. Implantação de algumas das rochas referidas em texto.

A oposição verificada, durante a fase 1, nos sítios da Penascosa e Quinta da Barca entre cavalos/ machos de cabras-montês e auroques/ veados parece verificar-se também na Ribeira de Piscos. Assim, os cavalos encontram-se em conjunto parietal afastado do Côa, não se estabelecendo qualquer relação de intervisibilidade entre ambos. Já as duas rochas do *locus* 2 não são avistadas a partir da ribeira, mas são-no facilmente por quem caminha junto ao Côa. Resulta assim particularmente relevante que uma seja dominada por três imensos auroques e outra por imponente veado. Esta, no entanto, pode conter também um macho de cabra-montês, se bem que de dimensões mais modestas. Refira-se que como se tem visto até ao momento, é gravado outro motivo que permite a assimetria do conjunto, isto é, a ocorrência de possível macho de cabra-montês é contrabalançada por mais um veado (ou cerva). Se na Penascosa o veado era um dos temas a que maior variedade de unidades não figurativas se associavam, o mesmo se passa em Piscos. De facto, para além das doze unidades associadas a veado e de cinco não associadas diretamente a qualquer animal apenas se observa uma da chave XI associada a cavalo. Também como na Penascosa e na Quinta da Barca, é na rocha mais perto do Côa que se encontra a maior quantidade de unidades gráficas não figurativas.

A complexidade do dispositivo parietal de Piscos é, durante a fase 1, muito reduzida, verificando-se tal ao nível do repertório figurativo e não figurativo. De facto, o sítio deve ser entendido como de passagem entre os de montante e o que se localiza imediatamente a jusante — o importante sítio do Fariseu. Para tal interpretação concorre também a lateralização dos animais das rochas das margens do Côa (três para a direita e um para a esquerda na rocha 13 e dois para a direita e um para a esquerda na rocha 15). A rocha 1, isolada no interior da ribeira, é apenas o primeiro caso de outros que vamos observar para jusante em que uma rocha monotemática vai ser encontrada relativamente apartada das restantes junto de uma margem de um tributário do Côa.



Fig. 5.32: Vista de nordeste do locus 1 de Piscos, observando-se a localização das rochas estudadas deste lado da colina. Montagem com decalque.



Fig. 5.33: A rocha 13 de Piscos, vista da margem oposta (leste). Montagem com decalque.

5.1.6.2. Ribeira de Piscos (Fases 2 e 3)

A maior parte dos conjuntos parietais das fases 2 e 3 encontra-se no *locus* 1 (Fig. 5.30). Quatro deles localizam-se na vertente sudeste da colina correspondente à zona 1. A que se localiza a cota mais baixa corresponde à rocha 2

(descrição e decalque respetivo nos anexos), que se encontra a cerca de 13 m para jusante da rocha 1. Trata-se da rocha mais complexa deste *locus*, tendo muito provavelmente sido gravada durante as fases 2, 3 e 4, nela se distinguindo pelo menos dois espaços parietais.



Fig. 5.34: Cavalo raspado, orientado para a direita, da rocha 13 de Piscos.

A cerca de 15 m para oeste, a uma cota ligeiramente mais elevada, localiza-se o segundo conjunto parietal do *locus* 1, formado apenas por um espaço parietal, correspondente à rocha 21. Esta rocha ainda não foi estudada em profundidade. Nela destaca-se a ocorrência de pelo menos quatro unidades gráficas não figurativas da chave XI incisas, que se associam entre si, mediante convergência das suas extremidades esquerdas (Fig. 5.35). Pensamos poder atribuir esta composição a uma das fases que aqui abordamos devido à sua relação com as rochas mais próximas que contém grafismos de mais fácil interpretação.

A cerca de 15 m para nor-noroeste localiza-se o terceiro conjunto, correspondente à rocha 22. Como a anterior ainda não foi desenhada. A única figura que se observa com clareza trata-se da pata dianteira de um bovino orientado para a esquerda, conseguida por incisão simples (Fig. 5.36).

A cerca de 45 m para oeste, a uma cota bastante mais alta localiza-se o quarto e último conjunto parietal da vertente sudeste do *locus* 1 (Fig. 5.30). Esta construção parece organizar-se em torno de um dos afloramentos que mais se destacam neste relevo. É composta por dois espaços parietais, um localizado para nor-nordeste do referido afloramento, correspondente à rocha 8, e outro para su-sudoeste daquele, correspondente à rocha 3 (Fig.5.37).

A rocha 8 ainda não foi alvo de decalque. O dispositivo parietal parece dominado por uma unidade gráfica da chave XIII incisa, disposta na horizontal e conformada por uma série de traços paralelos entre si (Fig. 5.38).

Outros quatro conjuntos parietais localizam-se na vertente sul do da zona 1 do *locus* 1 (Fig. 5.30). O mais complexo corresponde à rocha 6, localizada a cerca de 50 m para su-sudoeste da rocha 3. Este conjunto dispõe de diversos espaços parietais, tendo cinco deles sido já desenhados (Fig. 3.39, descrição e decalques em anexos). Para além dos variados espaços parietais, contribui também para a complexidade desta construção parietal o facto de algumas destas superfícies terem voltado a ser gravadas quer durante o Azilense, quer na Idade do Ferro.

O conjunto seguinte localiza-se a cerca de 11 m para sudoeste, sendo composto por apenas um espaço parietal

correspondente à rocha 5 (Fig. 5.40, descrição e decalque respetivo nos anexos). Como no caso das rochas 3 e 8, este pequeno painel relaciona-se com um grande afloramento, sob o qual se localiza um abrigo onde, todavia, não se recolheu qualquer material.



Fig. 5.35: Unidades não figurativas da chave XIc Rocha 21 da Ribeira de Piscos.

A cerca de 12 m para oeste localiza-se a rocha 11, que corresponde a outro conjunto parietal (Fig. 5.41, descrição e decalque nos anexos).

O oitavo e último conjunto desta zona do *locus* 1 de Piscos localiza-se a cerca de 16 m para su-sudoeste da rocha 5, sendo constituída por um único espaço parietal, correspondente à rocha 7 (descrição e decalque respetivo nos anexos).

A segunda zona do *locus* 1 do sítio de Piscos encontra-se imediatamente em frente das rochas da vertente sudeste da zona anteriormente descrita, sendo constituída por apenas um conjunto parietal, correspondente à rocha 27. Trata-se de uma rocha que ainda não foi estudada, parecendo nela observar-se vestígios de quadrúpedes assim como uma série de unidades gráficas não figurativas, destacando-se uma da chave XIII de grandes dimensões (Fig. 5.42), única unidade gráfica que será tida em conta na nossa análise.

No *locus* 3 localizam-se quatro conjuntos todos coevos das classes 2 e 3 (Figs. 5.30 e 5.43). O que se encontra mais perto da foz corresponde à rocha 16, onde se identifica um par de espaços parietais (descrição e decalque nos anexos).

A cerca de 20 m para sudoeste localiza-se o segundo conjunto parietal, correspondente à rocha 25 (descrição e decalque nos anexos). A 11 m para sudeste localiza-se o terceiro conjunto parietal, correspondente à rocha 41 (Fig. 5.44). O único tema identificado corresponde a um auroque macho, gravado com a variante B da picotagem, inclinado para baixo.



Fig. 5.36: Extremidade distal de membro anterior de bovino inciso, orientado para a esquerda, da rocha 22 de Piscos.



Fig. 5.37: A rocha 3 de Piscos no seu contexto geomorfológico. Montagem com decalque.



Fig. 5.38: Detalhe da unidade gráfica da chave XIIIa, disposta na horizontal, da rocha 8 de Piscos.



Fig. 5.39: Rocha 6 de Piscos (vista de sudeste). Montagem com decalques.



Fig. 5.40: Implantação da rocha 5 de Piscos no seu contexto geomorfológico (vista de sudoeste). Montagem com decalque.



Fig. 5.41: Implantação das rochas 5 e 11 no seu contexto geomorfológico (vista de sudoeste). Montagem com decalque.



Fig. 5.42: Detalhe de unidade gráfica da chave XIIIa, disposta na vertical, da rocha 27 de Piscos.



Fig. 5.43: Distribuição das rochas estudadas pelo locus 3 de Piscos (vista de sudeste).



Fig. 5.44: Auroque picotado, disposto na vertical, da rocha 41 de Piscos.

Imediatamente a su-sudeste encontra-se o conjunto mais complexo do *locus*. Trata-se da rocha 24, onde se identificam trinta e dois painéis gravados (Fig. 5.45, descrição e decalque nos anexos). A disposição dos painéis não nos permite considerá-los como composições autónomas. O facto de em alguns destes se terem gravado animais muito semelhantes entre si permite-nos levantar a hipótese da topografia desta rocha ter sido utilizada como recurso para dar profundidade a um mesmo dispositivo parietal. Se estamos perante uma ou várias composições é difícil perceber, mas com muita segurança, podemos dizer que não estamos perante trinta e duas (cfr. *supra*, fig. 2.1). Assim, todos os grafismos desta rocha serão encarados como pertencendo à mesma composição, nela se tendo identificado cento e quarenta e nove unidades figurativas e mil setecentas e noventa e três unidades gráficas não figurativas.

Como se verificou nos outros sítios onde a fase 2 foi identificada, a lateralização dos animais não parece relacionar-se com qualquer forma de marcar um percurso. Aliás, não nos parece que se possa formalizar algum como os que se inferem para a fase anterior. Os diversos conjuntos parietais parecem-nos, contudo, condicionados por regras bem específicas que parecem relacionar-se com a localização de cada um deles no espaço e com posição que ocupam relativamente aos restantes. Assim, numa primeira abordagem geral às unidades gráficas figurativas (Tab. 5.15) verificamos que no *locus* 1 predominam os cavalos, em contraste com o *locus* 3 onde são os auroques que dominam largamente, aparecendo os machos exclusivamente aqui. Por outro lado, não se verifica qualquer associação clara entre cabras-monteses e cavalos ou entre auroques e veados como se verificava na Penascosa. No *locus* 1, onde a diferença ao nível de cota dos diferentes conjuntos parietais é significativa, destaque-se mais uma vez a maior complexidade do que se encontra a cota mais baixa (e mais cerca do Côa), correspondendo o dispositivo da rocha 2 ao único onde se encontram mais de três temas num só espaço parietal (nove, para além dos quadrúpedes indeterminados). Já nos restantes conjuntos parietais observa-se uma esmagadora maioria de composições monotemáticas, correspondendo a rocha 7 à exceção, nela se encontrando fêmeas de cabras-montês, uma possível camurça e um quadrúpede indeterminado). Diga-se que, no *locus* 1, a camurça apenas se encontra representada neste espaço parietal. Se tomarmos como unidade de análise não o espaço parietal, mas o conjunto, observamos no correspondente à rocha 6 a coexistência de auroques e cabras-monteses. Em ambos os *loci*, apenas nas rochas mais complexas (rochas 2 e 24), os cavalos aparecem junto de outros temas. Apenas nesses conjuntos aparecem felinos, veados e antropomorfos, sendo que na rocha 24 estes últimos são o segundo tema mais representado.



Fig. 5.45: Distribuição dos painéis gravados pela rocha 24 da Ribeira de Piscos (vista de sudeste).

Mais uma vez, a análise do repertório não figurativo confirma as mesmas tendências. Assim, se olharmos para a distribuição de unidades gráficas não figurativas pelos diversos espaços parietais (Tab. 5.16), verificamos que é nas rochas mais complexas de cada um dos *loci* que se encontra a maior variedade de chaves, a par da maior quantidade de grafismos. A chave XII, por exemplo, só ocorre nas rochas 2 e 24 e a III apenas nestas duas e na 11, dispositivo constituído apenas por repertório não figurativo. Se relativamente à análise das unidades gráficas figurativas nos apercebemos da diferença entre os dois *loci* quanto ao peso relativo de auroques e cavalos, a análise da relação entre as unidades não figurativas e figurativas em cada um dos lugares revela aspetos que conduzem igualmente ao reforço desta inferência (Tabs. 5.17 a 5.25). De facto, se no *locus* 1 é a cavalos que mais unidades não figurativas se associam, no *locus* 3 é a auroques. Retenha-se também a relativa importância das cervas no *locus* 1, tema ao qual se associam quase tantas unidades como a auroques. Já no *locus* 3, o segundo tema a que mais unidades se associam corresponde ao antropomorfo (284 contra 153 de cavalos). Refira-se que no sítio de Piscos não se identifica nenhuma tendência para se associarem determinadas chaves a temas específicos, parecendo a localização do espaço parietal condicionar mais a escolha das chaves que os temas aos quais estas se associam. Por exemplo, a chave II aparece seis vezes no *locus* 1 e apenas uma vez no 3, pese embora neste último ocorram muitas mais unidades que no primeiro.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	Ind.	R	Al.	A.	Total
Pi02a	0	0	0	0	2	0	1	1	0	1	0	5
Pi02b	0	3	1	1	2	3	2	4	0	1	1	18
Pi22	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pi03	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	4
Pi06a	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pi06c	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Pi06d	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pi05	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Pi07	0	0	0	3	0	0	0	1	1	0	0	5
TOTAL (L1)	**0**	**6**	**4**	**4**	**10**	**3**	**3**	**6**	**1**	**2**	**1**	**40**
Pi16	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Pi41	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pi24	9	45	5	4	14	4	5	36	3	4	20	149
TOTAL (L3)	**10**	**45**	**5**	**4**	**14**	**6**	**5**	**36**	**3**	**4**	**20**	**152**

Tab. 5.15: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 2 de Piscos por temas e espaços parietais.

Rocha	I	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Pi02a	0	1	1	0	3	0	21	12	205	1	1	245
Pi02b	3	6	4	0	37	2	167	25	618	2	8	872
Pi21	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	4
Pi08	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Pi03	1	0	0	0	3	1	20	4	104	0	9	142
Pi06a	0	2	0	0	0	0	4	0	25	0	1	32
Pi06c	0	1	0	0	4	0	18	2	62	0	1	88
Pi06d	0	0	0	0	0	0	2	0	6	0	0	8
Pi06e	0	0	0	0	2	0	12	0	32	0	7	53
Pi05	0	2	0	0	2	0	3	1	31	0	0	39
Pi11	2	0	1	0	0	0	4	1	14	0	0	22
Pi07	0	0	0	0	0	0	2	0	16	0	2	20
TOTAL (L1)	**6**	**12**	**6**	**0**	**51**	**3**	**253**	**45**	**1117**	**3**	**30**	**1526**
Pi16a	0	0	0	0	0	1	1	0	13	0	0	15
Pi16b	0	0	0	0	0	0	2	0	22	0	0	24
Pi25	0	0	0	0	0	0	3	1	8	0	0	12
Pi24	1	43	6	1	67	12	404	42	1135	2	80	1793
TOTAL (L3)	**1**	**43**	**6**	**1**	**67**	**13**	**410**	**43**	**1178**	**2**	**80**	**1844**

Tab. 5.16: Distribuição das unidades gráficas não figurativas da fase 2 de Piscos por chaves e espaços parietais.

TEMA	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
Ant	2	0	0	4	0	33	5	79	4	127
Ant/ Orn	0	0	0	0	0	1	0	5	0	6
Ant/ Ca-f/ Orn	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Ant/ Ca-m	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ant/ E	0	0	0	1	0	1	0	6	0	8
B/ Ant	1	0	0	2	0	14	5	39	4	65
B/ Ant/ Ca-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ant/ Ca-m	1	1	0	0	0	7	1	11	1	22
B/ Ant/ Ca-m/ R	0	0	0	0	0	3	0	1	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ E	0	0	0	0	0	4	0	5	0	9
B/ Ant/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m/ Al.	1	1	0	0	0	1	0	1	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
B/ Ant/ R	1	0	0	1	0	0	0	7	0	9
B/ Ant/ E	2	0	0	1	0	2	0	2	1	8
B/ Ant/ E/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ Ant/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2
B/ Ant/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	6	1	9
B/ Ant/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
B/ Ant/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
TOTAL	**9**	**2**	**0**	**10**	**0**	**73**	**12**	**166**	**12**	**284**

Tab. 5.17: Distribuição das unidades não figurativas pelos antropomorfos da rocha 24.

TEMA	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
Ca-m/ Al.	1	0	0	0	0	1	0	0	2
Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Ant/ Ca-m	1	0	0	0	0	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m	1	1	0	0	7	1	11	1	22
B/ Ant/ Ca-m/ R	0	0	0	0	3	0	1	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ E	0	0	0	0	4	0	5	0	9
B/ Ant/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	1	0	0	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m/ Al.	1	1	0	0	1	0	1	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	2	0	0	0	2
B/ Ca-m	0	0	0	0	7	0	10	2	19
B/ Ca-m/ R	0	0	0	0	1	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E	0	0	0	1	3	1	7	1	13
B/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	18	1	28	2	49
B/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
TOTAL	**4**	**2**	**1**	**1**	**48**	**4**	**66**	**7**	**133**

Tab.5.18: Distribuição das unidades não figurativas pelos machos de cabra-montês da rocha 24 de Piscos.

TEMA	II	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
E	1	1	0	7	3	28	0	40
E/ Ind.	0	0	0	1	0	6	0	7
Ce-f/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	2	0	3
Ant/ E	0	1	0	1	0	6	0	8
B/ Ant/ E	2	1	0	2	0	2	1	8
B/ Ant/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ Ant/ E/ Ind.	0	0	0	0	1	1	0	2
B/ Ca-m/ E	0	0	1	3	1	7	1	13
B/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ E	0	0	0	3	0	21	0	24
B/ E/ Al.	0	1	0	0	0	0	0	1
B/ E/ Ind.	1	0	0	7	3	12	0	23
B/ Ce-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	1	1	2
B/ Ce-f/ Ce-m/ E/ Ind	0	1	0	2	1	6	0	10
B/ Ce-m/ E	0	0	0	1	0	0	0	1
B/ Ce-m/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	4	0	5
TOTAL(E)	**6**	**5**	**1**	**29**	**9**	**98**	**5**	**153**

Tab.5.19: Distribuição das unidades não figurativas pelos cavalos da rocha 24 de Piscos.

TEMA	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B	9	1	0	14	5	96	4	296	1	14	440
B/ Ant	1	0	0	2	0	14	5	39	0	4	65
B/ Ant/ Ca-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m	1	1	0	0	0	7	1	11	0	1	22
B/ Ant/ Ca-m/ R	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ E	0	0	0	0	0	4	0	5	0	0	9
B/ Ant/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m/ Al.	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	4
B/ Ant/ Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
B/ Ant/ R	1	0	0	1	0	0	0	7	0	0	9
B/ Ant/ E	2	0	0	1	0	2	0	2	0	1	8
B/ Ant/ E/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
B/ Ant/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2
B/ Ant/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	6	0	1	9
B/ Ant/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ant/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	3	0	4	1	2	11
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	7	0	10	0	2	19
B/ Ca-m/ R	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E	0	0	0	0	1	3	1	7	0	1	13
B/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	0	18	1	28	0	2	49
B/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ E	0	0	0	0	0	3	0	21	0	0	24
B/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
B/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	7	3	12	0	0	23
B/ Ce-f	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
B/ Ce-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
B/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	2	0	2	0	11	0	0	16
B/ Ce-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	2	1	6	0	0	10
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	2	0	0	4
B/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ind.	6	1	0	7	3	47	5	125	0	8	202
B/ Ce-m	0	0	1	5	0	6	1	26	0	4	43
B/ Ce-m/ R	0	0	0	1	0	5	0	9	0	1	16
B/ Ce-m/ E	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ce-m/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0	5
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	6	1	11	1	13	0	5	37
B/ M	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ R	1	0	0	1	0	3	0	7	0	0	12
TOTAL	**27**	**4**	**1**	**43**	**10**	**257**	**24**	**666**	**2**	**49**	**1083**

Tab.5.20 Distribuição das unidades não figurativas pelos auroques da rocha 24 de Piscos.

TEMA	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Ant	0	0	0	0	0	1	0	26	0	0	27
B	3	3	0	9	1	33	6	109	1	1	166
B/ Ce-f	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL(B)	**3**	**3**	**0**	**10**	**1**	**33**	**6**	**109**	**1**	**1**	**167**
Ca-f	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**6**	**0**	**1**	**8**
Ca-m	**0**	**1**	**0**	**4**	**0**	**18**	**2**	**69**	**0**	**1**	**95**
Ce-f	0	0	1	5	0	37	6	107	0	1	157
Ce-f/ E	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
B/ Ce-f	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL(Ce-f)	**0**	**0**	**1**	**6**	**0**	**38**	**6**	**110**	**0**	**1**	**162**
Ce-m	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**9**	**1**	**38**	**0**	**0**	**49**
E	1	2	0	6	1	25	5	144	1	9	194
Ce-f/ E	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
TOTAL(E)	**1**	**2**	**0**	**6**	**1**	**26**	**5**	**147**	**1**	**9**	**198**
R	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**5**	**0**	**0**	**6**
F	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**7**	**0**	**0**	**8**
Al.	0	0	0	2	0	4	0	8	0	0	14
Al./ Ind	0	0	0	0	0	5	0	3	0	0	8
TOTAL(Al.)	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**9**	**0**	**11**	**0**	**0**	**22**
Ind.	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**5**	**4**	**41**	**0**	**0**	**52**
Isoladas	**2**	**6**	**5**	**21**	**1**	**112**	**21**	**551**	**1**	**17**	**737**

Tab.5.21: Distribuição das unidades não figurativas pelas unidades figurativas do locus 1 de Piscos.

TEMA	II	IX	XI	XII	XIII	TOTAL
Ca-f	0	0	1	0	0	1
Ant/ Ca-f/ Orn	0	1	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-f	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ind.	1	3	4	1	2	11
TOTAL	**1**	**4**	**7**	**1**	**2**	**15**

Tab.5.22: Distribuição das unidades não figurativas pelas fêmeas de cabra-montês da rocha 24 de Piscos.

TEMA	IIa	IIb	VII	IX	XI	XIII	TOTAL
R	0	0	0	1	5	0	6
B/ Ant/ R	0	1	1	0	7	0	9
B/ Ant/ Ce-m/ R	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ant/ Ca-m/ R	0	0	0	3	1	0	4
B/ Ce-m/ R	0	0	1	5	9	1	16
B/ R	1	0	1	3	7	0	12
Ce-m/ R	0	0	0	0	1	0	1
TOTAL	**1**	**1**	**3**	**12**	**31**	**1**	**49**

Tab.5.23: Distribuição das unidades não figurativas pelas camurças da rocha 24 de Piscos.

TEMA	IX	XI	TOTAL
Or	0	1	1
Ant/ Orn	1	5	6
Ant/ Ca-f/ Orn	1	0	1
TOTAL	**2**	**6**	**8**

Tab.5.24: Distribuição das unidades não figurativas pelas aves da rocha 24 de Piscos.

TEMA	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
Ce-m	0	0	0	1	0	3	0	9	1	14
Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Ce-m/ Ind.	0	0	0	1	0	3	0	7	0	11
B/ Ant/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
B/ Ant/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ce-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	2	1	6	0	10
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	2	0	4
B/ Ce-m	0	0	1	5	0	6	1	26	4	43
B/ Ce-m/ R	0	0	0	1	0	5	0	9	1	16
B/ Ce-m/ E	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
B/ Ce-m/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	4	0	5
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	6	1	11	1	13	5	37
TOTAL(Ce-m)	**2**	**0**	**1**	**15**	**1**	**34**	**3**	**80**	**12**	**148**
Ce-f	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
Ce-f/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	2	0	2
Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	3	0	2	1	6
B/ Ce-f	0	0	0	0	0	1	0	3	0	4
B/ Ce-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
B/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	2	0	2	0	11	0	15
B/ Ce-f/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	1	0	2	1	6	0	10
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	2	0	3
TOTAL(Ce-f)	**3**	**0**	**0**	**3**	**0**	**9**	**1**	**29**	**2**	**44**
M	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
M/ Al.	1	0	0	0	0	1	0	1	0	2
B/ M	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL(M)	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**2**	**0**	**5**
Al.	1	0	0	0	0	1	0	6	0	7
B/ Ant/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
B/ Ant/ Ca-m/ Al.	1	1	0	0	0	1	0	1	0	2
B/ Ant/ E/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
B/ Ca-m/ E/ Al.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ E/ Al.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
B/ Al.	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
Ca-m/ Al.	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL(Al.)	**3**	**1**	**0**	**2**	**0**	**4**	**1**	**9**	**1**	**17**
F	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**	**8**	**0**	**10**
ISOLADAS	**7**	**2**	**0**	**14**	**2**	**89**	**7**	**291**	**24**	**376**

Tab.5.25: Distribuição das unidades não figurativas pelos veados, cervas, mustelídeos, "outros" e felinos da rocha 24 de Piscos. Discriminam-se ainda as isoladas.

5.1.7. Fariseu

No sítio do Fariseu conhece-se atualmente dezanove rochas, dezassete delas com cronologia pré-holocénica (Reis, 2012, 27). O sítio é descoberto em 1994 por João Félix e Manuel Almeida, sendo referido pela primeira vez em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 214-215). Contudo, é a partir de 1999 que a escavação de Thierry Aubry lhe vai dar um destaque inusitado, devido às descobertas a que já nos referimos múltiplas vezes neste trabalho (v.g. Aubry, Santos & Luís, 2014 e bibliografia anterior aí citada). Os decalques já produzidos sobre rochas do sítio encontram-se distribuídos por diversas publicações (Baptista, Santos & Correia, 2008a, 57; 2008b, 119-121, 125; Baptista, 2009, 106-107; Santos, 2015a, 78). As rochas sobre as quais nos debruçaremos localizam-se todas muito perto do atual leito do Côa, na vertente leste do monte do Fariseu. Algumas delas, como as rochas 1, 4, 5 e 19, encontram-se mesmo atualmente inacessíveis, fruto do alteamento artificial das águas causado pela represa do Pocinho. Por outro lado, e como foi já referido em momento próprio, as escavações frente a estas mesmas rochas demonstraram a elevadíssima probabilidade de existirem muitos espaços parietais historiados durante as nossas fases 1 e 2 sob os sedimentos holocénicos e finipleistocénicos do sítio. A estação é atravessada pela ribeira epónima. Esta linha de água começa por apresentar uma direção oeste-este, infletindo a cerca de dois terços do seu percurso para sudoeste—nordeste, direção que mantém *grosso* modo até à sua confluência com o Côa (Figs. 5.30 e 5.46). O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. A rocha 2, que se situa na margem direita dessa ribeira, a cerca de 30 m da sua confluência com o Côa localiza-se nas coordenadas geográficas 41º 02' 15,8" N; 07º 06' 36" O, à altitude de cerca de 133 m.



Fig. 5.46: Distribuição das rochas estudadas pelo sítio do Fariseu. A vermelho identificam-se os espaços parietais que se começam a gravar durante a fase 1: a laranja representam-se os espaços parietais gravados durante as fases 2 ou 3 (Foto de José Paulo Ruas, obtida de nordeste).

Administrativamente, o sítio é partilhado pelas freguesia de Muxagata (a sul da ribeira epónima) e Vila Nova de Foz Côa, concelho de Vila Nova de Foz Côa.

No sítio identificam-se atualmente seis conjuntos parietais datáveis de fases que nos propusemos analisar neste trabalho. Um destes corresponde à já referida rocha 2, localizando-se um segundo — constituído pelas rochas 1, 6 e 19 — a cerca de 73 m para norte. Estes dois conjuntos deverão ser atribuídos à fase 1. Os restantes quatro são integráveis nas fases 2 e 3. O que se localiza mais perto da ribeira do Fariseu é constituído apenas pela rocha 3, que se localiza a 35 m para montante da confluência daquele curso de água com o Côa. Um quarto conjunto é formado pelas rochas 5, 9 e 10, localizando-se a rocha 5 a cerca de 21 m para sudeste da rocha anterior. O conjunto mais meridional localiza-se a cerca de 82 m para montante, correspondendo à rocha 8. O sétimo conjunto do sítio marca o limite jusante do dispositivo parietal que agora estudamos. Trata-se da rocha 4, localizada a cerca de 80 m para jusante do conjunto constituído pelas

rochas 2, 6 e 19.

5.1.7.1. Fariseu (Fase 1)

O primeiro conjunto parietal que trataremos trata-se do que contém as rochas 1, 6 e 19. Dada a forma como se distribuem as unidades gráficas pelos diferentes painéis da rocha 1, pensamos ser razoável a identificação aí de pelo menos sete composições distintas (descrição e decalque nos anexos). Tal não impede, contudo que ocorram algumas figuras que "atravessam" diferentes espaços parietais, tal como referido na descrição da rocha nos anexos. Contudo, dessas figuras, apenas uma passa para um segundo espaço parietal (e, neste, caso, até para um terceiro) sem ser de forma marginal. Trata-se de um enorme cavalo, que é partilhado pelos espaços parietais C, E e G (**Fr01-28**). As restantes figuras serão integradas nas composições definidas pelos limites dos espaços parietais onde se encontram maioritariamente definidas. As unidades não figurativas a elas associadas serão inventariados nos espaços parietais onde se encontram. O primeiro (doravante, espaço parietal A) encontra-se recuado relativamente aos restantes (Fig. 5.47). Estes últimos encontram-se *grosso modo* no mesmo plano, sendo a distinção que fazemos entre eles baseada nas divisões naturais da superfície da rocha. Utilizámos acima a expressão *grosso modo* porque o espaço parietal ocupado pela a sétima composição (espaço parietal G) se estende por duas superfícies de fratura com orientações distintas. A maior parte das figurações encontra-se apenas no painel orientado para és-sudeste, mas uma figura prolonga-se pela superfície orientada a oés-sudoeste. Trata-se de enorme figura de cavalo retrospiciente (**Fr01-64**) com cada uma das faces da cabeça representadas numa superfície distinta, sendo o bordo ventral do pescoço definido pelo limite entre painéis (Fig. 5.48). Trata-se de um extraordinário exemplo de utilização do suporte para conferir tridimensionalidade a uma figura que, neste caso, permite a representação das duas faces laterais da cabeça, aproximando esta figura da escultura. Refira-se ainda que neste espaço parietal, foi gravado um macho de cabra-montês (**Fr01-38**) cuja cabeça é conformada pelo limite direito do painel, constituindo-se como outro exemplo de utilização das caraterísticas naturais do suporte a definição de uma figura.



Fig. 5.47: Espaço parietais A, C e G da rocha 1 do Fariseu (Foto de Fernando Barbosa). Montagem com decalques.



Fig. 5.48: O espaço parietal G, destacando-se **Fr01-38** (macho de cabra-montês orientado para a direita, com o bordo da rocha a definir a cabeça) e **Fr01-64** (cavalo retrospiciente com as faces laterais da cabeça representadas em planos de fratura distintos, sendo o bordo ventral do pescoço do animal representado pelo ângulo formado pelo encontro daqueles planos de fratura).

À esquerda do espaço parietal F observa-se uma superfície que poderá corresponder a um espaço parietal autónomo (espaço parietal H) onde se observa macho de cabra-montês picotado, orientado para a direita e duas unidades gráficas não figurativas incisas das chaves XIa e XIb. Como referimos acima, uma enorme cérvico-dorsal de equídeo atravessa os espaços parietais C, E e G.

O conjunto que agora tratamos é ainda composto por outros dois espaços parietais. Um corresponde à rocha 6 onde apenas se observa prótomo de veado picotado orientado para a esquerda. O outro corresponde à rocha 19 cuja observação cuidada não foi possível, devido ao facto da sua face historiada se ter encontrado a poucos centímetros do limite da sondagem que a revelou. Do pouco que se vislumbrou deste painel ficou-se com a impressão de que se encontra intensamente gravado com motivos picotados e abradidos, tal como os espaços parietais C a G da rocha 1.

O segundo conjunto parietal da fase 1 do Fariseu localiza-se na margem direita da ribeira do Fariseu, correspondendo à rocha 2 do sítio.

É notória no Fariseu a centralidade, durante a fase 1, do conjunto parietal composto pelas rochas 1, 6 e 19. É particularmente relevante que tendo-se identificado aí oitenta e nove motivos, se verifique um impressionante equilíbrio entre as três espécies mais representadas no Côa durante este período (Tab. 5.26): dezanove auroques (seis machos), vinte cabras-monteses (cinco fêmeas seguras) e vinte cavalos. Os veados vêm pouco atrás com treze exemplares (cinco fêmeas) e as camurças atingem aqui o máximo da sua representação em toda a região, com seis exemplares. Note-se, contudo, que até ao momento não se identificaram no Fariseu nem carnívoros, nem aves, como, por exemplo, na Quinta da Barca (onde no conjunto parietal da foz se identificou praticamente o mesmo número de animais — 88).

Por outro lado, se no conjunto da foz da ribeira da Quinta da Barca pouco repertório não figurativo se identificou (143 unidades), aqui este não é despiciendo, encontrando-se exclusivamente na rocha 1, em número de seiscentos e noventa e duas unidades (Tab. 5.27), distribuídas por onze chaves. Não parece ser igualmente uma coincidência que mais de metade destas unidades gráficas se localize nos espaços parietais centrais da rocha 1 (E e F). Por outro lado, destacamos o facto de, pese embora existir um tão grande equilíbrio entre o número de unidades gráficas pertencentes a

cada uma das três espécies mais representadas, não existir uma igual distribuição de unidades gráficas não figurativas por cada um desses temas (Tabs. 5.28 a 5.33).

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	Ce-m	Ce-f	E	R	Ind.	TOTAL
Fr01a	0	1	1	0	0	0	1	0	1	4
Fr01b	0	1	2	0	0	0	0	1	0	4
Fr01c	0	6	4	1	2	2	3	0	3	21
Fr01d	0	1	0	3	1	0	0	4	1	10
Fr01e	2	1	2	0	2	1	4	1	3	16
Fr01f	2	2	2	0	2	2	5	0	2	17
Fr01g	2	1	3	1	0	0	6	0	1	14
Fr01h	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Fr01(c, e, g)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Fr06	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL(CP1)	**6**	**13**	**15**	**5**	**8**	**5**	**20**	**6**	**11**	**89**
Fr02	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**

Tab. 5.26: Distribuição das unidades figurativas por temas e composições da fase 1 do Fariseu.

Rocha	I	II	III	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Fr01b	0	0	0	0	2	0	1	0	9	0	1	13
Fr01c	0	1	0	0	3	0	12	1	99	0	3	119
Fr01d	0	0	0	0	1	0	1	0	10	1	0	13
Fr01e	0	0	0	0	5	0	17	7	133	2	3	167
Fr01f	1	0	4	1	4	1	47	9	191	3	3	264
Fr01g	0	3	3	0	0	1	18	3	86	0	0	114
Fr01h	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL	**1**	**4**	**7**	**1**	**15**	**2**	**96**	**20**	**530**	**6**	**10**	**692**

Tab. 5.27: Distribuição das unidades não figurativas por chaves e composições da fase 1 do Fariseu.

TEMA	I	II	III	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	Total
B	0	0	0	0	1	0	9	4	43	0	1	58
B/ Ca-f	0	0	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-f/ E/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-f/ E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-f/ Ce-f/ R	0	0	0	0	1	0	2	1	10	0	0	14
B/ Ca-f/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	2	1	10	0	2	15
B/ Ca-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	2	0	9	0	0	11
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	4
B/ Ca-m/ E	0	2	3	0	0	0	4	2	32	0	0	43
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	0	1	0	0	0	0	0	7	0	0	8
B/ Ca-m/ E/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	3
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	0	1	0	0	0	0	0	4	0	0	5
B/ E	0	2	0	0	2	0	13	0	41	1	0	59
B/ E/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	6	0	35	0	0	41
B/ E/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	1	0	0	1	7	0	0	9
B/ E/ Ind.	0	0	1	1	3	1	18	4	67	0	1	96
B/ E/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	2	1	22	0	1	26
B/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	4	0	0	5
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	1	2	5	1	0	9
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	9	0	0	10
B/ Ind.	0	0	0	0	1	0	3	0	17	0	1	22
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-m/ R	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL(B)	**1**	**4**	**6**	**1**	**10**	**1**	**72**	**18**	**353**	**2**	**6**	**474**

Tab. 5.28: Distribuição das unidades não figurativas pelos auroques da fase 1 do Fariseu.

TEMA	I	II	III	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	Total
E	0	0	0	0	0	0	4	0	20	0	0	24
E/ Ce-f	0	0	0	0	1	0	0	0	8	1	0	10
E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
E/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0	0	9
E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	4	0	0	5
E/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	3
B/ Ca-f/ E/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-f/ E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-m/ E	0	2	3	0	0	0	4	2	32	0	0	43
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	0	1	0	0	0	0	0	7	0	0	8
B/ Ca-m/ E/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ E	0	2	0	0	2	0	13	0	41	1	0	59
B/ E/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	6	0	35	0	0	41
B/ E/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	1	0	0	1	7	0	0	9
B/ E/ Ind.	0	0	1	1	3	1	18	4	67	0	1	96
B/ E/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-f/ Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	3
Ca-f/ E	0	0	0	0	1	0	0	0	6	0	1	8
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	1	10	1	57	0	0	69
TOTAL(E)	**1**	**4**	**5**	**1**	**8**	**2**	**62**	**8**	**311**	**2**	**2**	**406**

Tab. 5.29: Distribuição das unidades não figurativas pelos cavalos da fase 1 do Fariseu.

TEMA	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	Total
Ca-f/ Ca-m/ E	0	0	0	0	1	0	2	0	0	3
Ca-f/ R/ Ind.	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-f/ E	0	0	1	0	0	0	6	0	1	8
Ca-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-f/ E/ Ce-f	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-f/ E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-f	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-f/ Ce-f/ R	0	0	1	0	2	1	10	0	0	14
B/ Ca-f/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	2	1	10	0	2	15
B/ Ca-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	2	0	9	0	0	11
TOTAL(Ca-f)	0	0	2	0	11	2	59	0	3	77
Ca-m	0	0	0	0	0	0	4	1	0	5
Ca-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Ca-m/ E	0	0	0	1	10	1	57	0	0	69
Ca-m/ Ce-f/ Ce-m	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
Ca-m/ Ce-m	0	0	1	0	1	0	5	0	1	8
B/ Ca-m/ E	2	3	0	0	4	2	32	0	0	43
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	1	0	0	0	0	7	0	0	8
B/ Ca-m/ E/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	0	0	2	0	1	0	0	3
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	1	0	0	0	0	4	0	0	5
Ca-f/ Ca-m/ E	0	0	0	0	1	0	2	0	0	3
TOTAL(Ca-m)	**2**	**6**	**1**	**1**	**20**	**3**	**118**	**1**	**2**	**154**

Tab. 5.30: Distribuição das unidades não figurativas pelas cabras-monteses (fêmeas e machos) da fase 1 do Fariseu.

TEMA	III	VII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Ce-m	0	0	1	0	3	1	0	5
B/ Ca-f/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ R	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-m/ Ind	0	0	2	0	9	0	0	11
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ce-m	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	2	0	1	0	0	3
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind	1	0	0	0	4	0	0	5
B/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	1	0	1	7	0	0	9
B/ E/ Ce-m	0	0	0	0	2	0	0	2
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	1	2	5	1	0	9
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	1	0	9	0	0	10
B/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-m/ R	0	1	0	0	0	0	0	1
Ca-m/ Ce-f/ Ce-m	1	0	0	0	1	0	0	2
Ca-m/ Ce-m	0	1	1	0	5	0	1	8
E/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	9	0	0	9
E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	1	0	4	0	0	5
E/ Ce-m	0	0	1	0	2	0	0	3
TOTAL(Ce-m)	**2**	**3**	**12**	**3**	**69**	**2**	**1**	**92**

Tab. 5.31: Distribuição das unidades não figurativas pelos veados da fase 1 do Fariseu.

TEMA	I	III	VII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Ce-f	0	0	0	0	0	10	0	0	10
B/ Ca-f/ E/ Ce-f	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-f/ E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ca-f/ Ce-f	0	0	0	1	0	5	0	0	6
B/ Ca-f/ Ce-f/ R	0	0	1	2	1	10	0	0	14
B/ Ca-f/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	2	1	10	0	2	15
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ E/ Ce-f	0	0	0	6	0	35	0	0	41
B/ E/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	0	2
B/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	1	0	1	7	0	0	9
B/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	1	4	0	0	5
B/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	1	2	5	1	0	9
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	1	0	9	0	0	10
Ca-m/ Ce-f/ Ce-m	0	1	0	0	0	1	0	0	2
E/ Ce-f	0	0	1	0	0	8	1	0	10
E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	0	2
E/ Ce-f/ Ce-m	0	0	0	0	0	9	0	0	9
E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	1	0	4	0	0	5
TOTAL(Ce-f)	**1**	**1**	**3**	**17**	**6**	**121**	**2**	**2**	**153**
R	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ce-f/ R	0	0	1	2	1	10	0	0	14
B/ Ca-f/ Ce-m/ R	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-m/ R	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Ca-f/ R/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-m/ R	0	0	0	0	0	0	0	1	1
TOTAL(R)	**0**	**0**	**2**	**2**	**1**	**14**	**0**	**1**	**20**

Tab. 5.32: Distribuição das unidades não figurativas pelas cervas e camurças da fase 1 do Fariseu.

TEMA	I	III	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Ind.	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	7
B/ Ca-f/ E/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	2	1	10	0	2	15
B/ Ca-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ca-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	9	0	0	11
B/ Ca-m/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
B/ Ca-m/ E/ Ind.	0	1	0	0	0	0	0	7	0	0	8
B/ Ca-m/ Ce-m/ Ind.	0	1	0	0	0	0	0	4	0	0	5
B/ E/ Ce-f/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/ E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	1	0	0	1	7	0	0	9
B/ E/ Ind.	0	1	1	3	1	18	4	67	0	1	96
B/ Ce-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	4	0	0	5
B/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	9	0	0	10
B/ Ind.	0	0	0	1	0	3	0	17	0	1	22
Ca-f/ R/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-f/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
E/ Ce-f/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	4	0	0	5
TOTAL(Ind.)	**1**	**3**	**1**	**5**	**1**	**29**	**7**	**155**	**1**	**4**	**207**
Isoladas	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**5**	**1**	**34**	**0**	**1**	**43**

Tab. 5.33: Unidades não figurativas da fase 1 do Fariseu associadas a animais indeterminados e isoladas.

De facto, não só os auroques se destacam largamente (474), como as cabras-monteses (228) têm muito menos que cavalos (406) e auroques. É impressionante que havendo muito menos veados (machos e fêmeas), as unidades que a eles se associam (209) sejam quase tantas como as que se associam a cabras-monteses. Refira-se que o grande contributo para este valor é dado pelas cervas, tema ao qual se associam 153 unidades (sendo que 36 destas encontram-se também associadas a veado). Em termos de variedade de chaves, auroques e cavalos dispõem do mesmo número (11), mas cabras-monteses apresentam maior variedade que veados (9 e 8, respetivamente).

Relativamente ao conjunto parietal correspondente à rocha 2, apenas retemos o facto de, como ocorria com o conjunto 1 desta fase do *locus* 1 de Piscos (igualmente no interior do vale de um subsidiário do Côa), estarmos perante uma rocha monotemática, desta feita dedicada ao veado. Em ambas encontramos associada ao repertório figurativo uma unidade da chave XIa.

5.1.7.2. Fariseu (Fases 2 e 3)

Como na Ribeira de Piscos, os grafismos integráveis na fase 3 parecem complementar os espaços parietais construídos durante a fase 2, pelo que a análise será feita em conjunto. Os conjuntos parietais que agora analisaremos, em número de quatro, distribuem-se pela zona imediata ao rio, três deles para montante da foz da ribeira do Fariseu e um já para jusante, parecendo os conjuntos mais antigos manter a centralidade anterior. Como ocorre com o conjunto onde se integra a rocha 1, pelo menos um dos que trataremos agora dispõe atualmente de espaços parietais sedimentados, sendo altamente provável que existam mesmo conjuntos inteiros (de todas as fases) que hoje não estejam à vista no Fariseu.

O conjunto parietal localizado mais a montante corresponde à rocha 8 (descrição e decalque nos anexos), que se localiza a cerca de 140 m para sul da foz da ribeira epónima (Figs. 5.30 e 5.46). É constituído por três espaços parietais.

O segundo conjunto parietal do sítio localiza-se a cerca de 80 m para nor-noroeste, sendo formado por, pelo menos, quatro espaços parietais (Fig. 5.49). Destes espaços parietais, apenas o correspondente ao painel direito da rocha 5, atualmente sedimentado, se encontra estudado (descrição e decalque nos anexos).

O segundo espaço parietal do conjunto corresponde ao painel esquerdo da rocha 5, onde se identificaram duas possíveis unidades gráficas não figurativas da chave XIa, ambas picotadas.

O terceiro espaço parietal corresponde à rocha 9, onde apenas se identificou um traço picotado, cuja natureza é difícil de avaliar, podendo corresponder a restos de um animal ou a uma unidade gráfica da chave XIa.

O quarto espaço parietal seguro corresponde à rocha 10 onde se identifica pelo menos um macho de cabra-montês e uma unidade gráfica da chave XIIIa (Fig. 5.50), ambos incisos. Identificam-se ainda outros traços incisos que podem

corresponder a unidades não figurativas associadas ao macho de cabra-montês. Assim parece-nos provável a identificação de outras oito unidades (uma da chave VII, cinco da IX e duas da XI).

Neste conjunto ainda se identifica mais um espaço parietal (rocha 11), mas o seu conteúdo, exclusivamente não figurativo, não permite uma atribuição cronocultural segura.



Fig. 5.49: Conjunto parietal do Fariseu, formado pelas rochas 5, 9 e 10 (foto de Fernando Barbosa, obtida a partir de sudeste).



Fig. 5.50: Macho de cabra-montês e várias unidades gráficas não figurativas da rocha 10 do Fariseu. Decalque sobre fotografia.

O terceiro conjunto parietal atribuível a uma das fases que agora tratamos encontra-se a cerca de 20 m para norte do anterior sendo composto exclusivamente por três espaços parietais, inventariados como rocha 3 (Fig. 5.51 e descrição e decalque respetivo nos anexos). Contudo, pelo facto de alguns destes espaços se encontrarem bastante deslocados, não podemos garantir com a segurança desejável a sua autonomia original.



Fig. 5.51: Rocha 5 do Fariseu (vista de sudoeste). Montagem com decalque.



Fig. 5.52: Localização da rocha 4 do Fariseu no seu contexto geomorfológico, a partir sensivelmente de sudeste (foto de Fernando Barbosa tirada em 2007, durante a última vez que a barragem do Pocinho baixou). Montagem com decalque.

O último conjunto parietal do sítio localiza-se a cerca de 85 m para jusante da rocha 1, correspondendo à rocha 4 do sítio (Fig. 5.52, descrição e decalque respetivo nos anexos). Embora as fissuras da rocha tenham condicionado a distribuição dos motivos, não nos parece poder considerar-se a existência de mais que um espaço parietal.

Qualquer avaliação global do dispositivo gráfico das fases 2 e 3 do Fariseu tem também de ter em conta a fortíssima possibilidade de muitos espaços parietais se encontrarem sedimentados. Com os dados que temos no momento são muito provisórias as conclusões a que podemos chegar. Elas não poderão, contudo, deixar de ser passadas a escrito. Comecemos por olhar para a distribuição das unidades gráficas figurativas (Tab. 5.34). Os aspetos que nos saltam mais à vista são: cavalos são, de longe, o tema mais representado, seguidos de cabras-monteses machos, veados, antropomorfos, auroques machos, auroques fêmeas e cabras-monteses fêmeas. Os três últimos temas só ocorrem na rocha 4. Antropomorfos ocorrem nesta e na que se situa mais a montante (rocha 8). É também nestes conjuntos parietais que encontramos a maior quantidade de informação, com 12 e 21 unidades, respetivamente. No entanto, a variedade de unidades figurativas na rocha 4 é mais ampla que na rocha 8. Não esqueçamos, contudo, que durante, pelo menos parte, da fase 2, a rocha 1 do Fariseu estava à vista (uma vez que terá sido durante esta fase que se terá dado a erosão do solo a partir de onde se gravaram os grafismos da fase mais antiga), pelo que o centro da estação ainda seria a construção simbólica onde se encontra. É ainda aqui que se encontra a maior quantidade e variedade de temas, aí ocorrendo todos os que se encontram na estação, com exceção do antropomorfo. Mas estará este mesmo ausente? Ou poderá **Fr01-89**, cujas caraterísticas antropomórficas são evidentes e que corresponde à figura mais recente do espaço parietal onde se encontra, ser uma adição desta época de forma a manter esta construção simbólica como síntese gráfica de todo o sítio? Note-se, contudo, que durante a vigência da fase 3, a rocha 1 estaria colmatada pelas camadas 5/6 do sítio.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-m	Ind.	Ant.	TOTAL
Fr08A	0	0	1	0	2	0	0	1	4
Fr08B	0	0	2	0	2	0	0	0	4
Fr08c	0	0	1	0	2	0	1	0	4
Fr05a	0	0	0	0	1	1	0	0	2
Fr10	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Fr03A	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Fr03B	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Fr03C	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Fr04	1	1	1	1	8	3	4	2	21
TOTAL	**1**	**1**	**6**	**1**	**18**	**4**	**6**	**3**	**40**

Tab. 5.34: Distribuição das unidades gráficas figurativas das fases 2 e/ou 3 pelo sítio do Fariseu.

A análise do repertório não figurativo também revela alguns dados de interesse. Comecemos por olhar para a distribuição das unidades gráficas não figurativas (Tab. 5.35). Mais uma vez é nos conjuntos parietais dos extremos que encontramos a maior quantidade de informação. Contudo, não esqueçamos que, por exemplo, as unidades gráficas não figurativas que se possam vir a identificar na rocha 19 podem alterar esta situação, podendo ainda assim, ser o conjunto onde se encontra esta última rocha, a 6 e a 1 aquela que contém também a maior quantidade de unidades não figurativas (recordemos que na rocha 1 se identificaram 692 unidades gráficas não figurativas). É também particularmente interessante que ao nível da variedade de temas se perceba que praticamente todas as chaves ocorrem nos dois conjuntos das extremidades. Apenas a chave XII só ocorre na 8. Se compararmos com as chaves do conjunto parietal onde se encontra a rocha 1 (Tab. 5.27) verificamos que a grande diferença se prende com a existência nesta última da chave VI.

Relativamente às associações com as unidades figurativas (Tabs. 5.36 a 5.38) é de referir que a maior parte das não figurativas (948) não se associa diretamente a nenhuma daquelas. O cavalo é o tema a que mais unidades se associam (796, 274 das vezes de forma exclusiva), a ele se associando todas as chaves com exceção da XII. Ao auroque associam-se trezentas e quarenta unidades, a ele se associando as mesmas chaves que a cavalo. Contudo se tivermos em conta apenas as unidades que se associam exclusivamente a auroque (47), verificamos que ele se encontra atrás de cabra-montês macho, tema ao qual se associam em exclusivo noventa e nove unidades, pese o facto de, no total, a esta espécie só se associarem cento e vinte. Especial destaque merecem também os veados ao qual se associam duzentas e setenta e quatro unidades não figurativas, se bem que apenas vinte e duas unidades se associem em exclusivo a esta espécie.

Rocha	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Fr08A	2	5	8	22	6	138	33	336	1	6	557
Fr08B	0	2	3	12	2	68	16	168	0	4	275
Fr08C	0	1	3	5	0	27	4	121	0	1	162
TOTAL(CP1)	**2**	**8**	**14**	**39**	**8**	**233**	**53**	**625**	**1**	**11**	**994**
Fr10	0	0	0	1	0	5	0	2	0	1	9
Fr03A	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Fr04	2	8	4	73	7	171	36	662	0	22	985
TOTAL(Abs)	**2**	**8**	**4**	**74**	**7**	**177**	**36**	**664**	**0**	**23**	**995**

Tab. 5.35: Distribuição das unidades não figurativas da fase 2 e/ou 3 do Fariseu.

TEMA	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
A/ B/ Ca-f/ E	0	0	0	1	0	3	0	6	0	10
A/ B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ B/ Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ B/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ E	0	2	0	0	0	6	3	20	1	32
A/ Ca-f/ E	0	0	0	0	0	0	0	3	0	3
A/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	1	0	3	0	5
A/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	2	1	3	1	8
A/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
TOTAL(A)	**0**	**2**	**0**	**3**	**0**	**12**	**4**	**40**	**2**	**63**
B	0	1	0	0	1	9	2	32	2	47
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	0	1	0	2	0	8	1	12
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-f/ E	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	0	2	0	2	2	13	0	19
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	5	0	6
B/ Ce-m/ E	0	0	0	3	1	9	0	25	1	39
B/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	7	1	10
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	2	1	6	0	9
B/ E	2	1	2	11	0	22	2	120	4	164
B/ E/ Ind.	0	1	1	0	0	1	1	4	0	8
B/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	7	0	8
B/Ca-m/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2
A/ B/ Ca-f/ E	0	0	0	1	0	3	0	6	0	10
A/ B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ B/ Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ B/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
TOTAL(B)	**2**	**4**	**3**	**19**	**2**	**53**	**9**	**239**	**9**	**340**

Tab. 5.36: Associações de unidades gráficas não figurativas a antropomorfos e auroques da fase 2 e/ou 3 do Fariseu.

TEMA	I	II	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
Ca-f/ Ce-m/ E	0	0	0	0	2	0	2	0	4
Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	1	0	0	2	0	3	0	6
Ca-f/ E	0	0	3	0	1	2	8	0	14
Ca-f/ E/ Ind.	0	1	4	1	5	0	3	0	14
Ca-f/ Ind.	0	0	0	1	1	0	5	0	7
A/ B/ Ca-f/ E	0	0	1	0	3	0	6	0	10
A/ B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
A/ B/ Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-f/ E	0	1	0	0	0	0	1	0	2
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	1	0	2	0	8	1	12
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	1
TOTAL(Ca-f)	0	3	9	2	16	2	39	1	72
Ca-m	0	1	6	0	24	3	63	2	99
B/Ca-m/ E/ Ind.	0	0	1	0	0	0	1	0	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	2	0	2	2	13	0	19
TOTAL(Ca-m)	**0**	**1**	**9**	**0**	**26**	**5**	**77**	**2**	**120**
Ce-m	0	0	3	0	3	0	16	0	22
Ce-m/ E	0	0	8	1	17	3	64	1	94
Ce-m/ E/ Ind.	0	0	5	0	14	0	21	1	41
Ce-m/ Ind.	0	0	1	0	1	0	7	1	10
A/ B/ Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	1	0	2	0	8	1	12
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	0	0	0	1	0	1
B/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	2	0	2	2	13	0	19
B/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	5	0	6
B/ Ce-m/ E	0	0	3	1	9	0	25	1	39
B/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	2	0	7	1	10
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	2	1	6	0	9
Ca-f/ Ce-m/ E	0	0	0	0	2	0	2	0	4
Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	1	0	0	2	0	3	0	6
TOTAL(Ce-m)	**0**	**1**	**23**	**2**	**57**	**6**	**179**	**6**	**274**

Tab. 5.37: Associações de unidades gráficas não figurativas cabras-monteses (machos e fêmeas) e veados da fase 2 do Fariseu.

TEMA	I	II	III	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
E	0	2	2	23	1	48	24	171	0	3	274
E/ Ind.	0	0	0	1	0	5	2	23	0	0	31
A/ B/ Ca-f/ E	0	0	0	1	0	3	0	6	0	0	10
A/ B/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
A/ B/ Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
A/ B/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
A/ E	0	2	0	0	0	6	3	20	0	1	32
A/ Ca-f/ E	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
A/ Ca-f/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	1	0	3	0	0	5
A/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	2	1	3	0	1	8
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	0	1	0	2	0	8	0	1	12
B/ Ca-f/ Ca-m/ Ce-m/ E/ Ind	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ E	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2
B/ Ca-m/ Ce-m/ E	0	0	0	2	0	2	2	13	0	0	19
B/ Ce-m/ E	0	0	0	3	1	9	0	25	0	1	39
B/ Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	0	0	2	0	7	0	1	10
B/ E	2	1	2	11	0	22	2	120	0	4	164
B/ E/ Ind.	0	1	1	0	0	1	1	4	0	0	8
B/Ca-m/ E/ Ind.	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2
Ca-f/ Ce-m/ E	0	0	0	0	0	2	0	2	0	0	4
Ca-f/ Ce-m/ E/ Ind.	0	1	0	0	0	2	0	3	0	0	6
Ca-f/ E	0	0	0	3	0	1	2	8	0	0	14
Ca-f/ E/ Ind.	0	1	0	4	1	5	0	3	0	0	14
Ce-m/ E	0	0	0	8	1	17	3	64	0	1	94
Ce-m/ E/ Ind.	0	0	0	5	0	14	0	21	0	1	41
TOTAL(E)	**2**	**9**	**5**	**65**	**4**	**144**	**40**	**513**	**0**	**14**	**796**
Ind.	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**6**	**1**	**19**	**0**	**1**	**30**
Isoladas	**2**	**5**	**9**	**35**	**9**	**219**	**41**	**615**	**1**	**12**	**948**

Tab. 5.38: Unidades não figurativas da fase 2 e/ou 3 do Fariseu associadas a cavalos, a indeterminados e isoladas.

5.1.8. Vale de Figueira

No sítio de Vale de Figueira conhece-se atualmente sete rochas historiadas, seis delas com figurações que Mário Reis atribui ao Paleolítico superior (Reis, 2012, 24-26). O sítio foi descoberto por Francisco Sande Lemos em 1989, detetando este autor apenas rochas com figurações da Pré-história recente (Lemos, 1994, 45). A primeira rocha com motivos paleolíticos é descoberta em 1994 por Manuel Almeida e João Félix, a ela se aludindo nos primeiros textos de N. Rebanda sobre o Côa (Rebanda, 1995a, 7; 1995b, 12). O sítio volta a ser referido por várias vezes em diversos textos (v.g. Baptista & García, 2002, 194; Baptista, Santos & Correia, 2008a; 2008b, 114-127; Reis, 2011, 120-123). Pese embora estas múltiplas referências, apenas em 2009 é publicado o primeiro decalque de uma rocha com gravuras pleistocénicas (Baptista, 2009, 108-111). Neste trabalho apenas nos debruçaremos sobre quatro das seis rochas da estação atribuídas ao Paleolítico superior (rochas 1, 2, 5 e 6). Uma das remanescentes (rocha 7) apresenta motivo claramente integrável no repertório azilense. A outra (rocha 4) apresenta motivos incisos que poderão datar das nossas fases 2 ou 3. Contudo, este espaço parietal exige um estudo mais aprofundado que não tivemos oportunidade de fazer. Todas as restantes rochas apresentam motivos perfeitamente integráveis na nossa fase 1. Na rocha 1 encontramos outros, que como referimos anteriormente, poderão já ser atribuídos à fase 2 e ainda uns quantos que integrarão as classes terminais que aqui não abordamos.

Pelo vale de Figueira propriamente dito corre o curso de água epónimo, marcando este o limite setentrional do monte do Fariseu (Figs. 5.30 e 5.53). A rocha 1 do sítio localiza-se na margem esquerda da ribeira, precisamente no ângulo formado pela sua confluência atual com o rio Côa. Nos painéis orientados para és-sudeste (na direção da ribeira) encontramos os grafismos das nossas fases 1 e/ou 2, localizando-se os da fase 4 em painel virado para leste, já na direção do Côa. Como anteriormente referimos, o dispositivo parietal mais recente encontra-se a uma cota mais baixa que o mais antigo, denunciando a existência de pelo menos uma fase de erosão entre a execução de ambos (Fig. 5.54). As restantes rochas sobre as quais nos debruçaremos, todas com grafismos da fase 1, distribuem-se a intervalos regulares pela encosta esquerda do vale do Côa, todas para jusante da foz da ribeira. O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, localizando-se a rocha 1 nas coordenadas geográficas 41º 02' 31,8" N; 7º 07' 00,4' O, à altitude de cerca de 125 m. Administrativamente, o sítio pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa.

A rocha 1 corresponde a um conjunto onde se identificam quatro espaços parietais (Fig. 3.54, descrição e decalques

nos anexos). Alguns dos grafismos — designadamente os auroques do primeiro espaço parietal — são classificados como classe 2. Contudo, dado os restantes auroques serem classificados como 1 e dado o facto dos auroques do primeiro espaço parietal parecerem apenas reforçar uma realidade simbólica pré-existente onde o auroque já é maioritário, pensámos não ser relevante a abertura de dois apartados para descrever a estação de Vale de Figueira. Será, no entanto, de ter em consideração que a unidade gráfica da chave IVb identificada neste espaço poder ser já atribuída à fase 2. O nosso argumento para esta atribuição prende-se com a semelhança de picotados entre esta unidade e os auroques da classe 2.



Fig. 5.53: Rochas do Vale de Figueira e do Vale de Videiro, estudadas neste trabalho (vista de nordeste).

O segundo conjunto do sítio encontra-se a cerca de 20 m para nor-noroeste, correspondendo à rocha 2 (descrição e decalque respetivo nos anexos). A cerca de 50 m para nor-noroeste encontra-se o conjunto seguinte, correspondente à rocha 6 do sítio. O último conjunto localiza-se a 65 m para jusante, correspondendo à rocha 5.

O sítio de Vale de Figueira dispõe (pelo menos, atualmente) de um dispositivo parietal bastante simples. Se tivermos em conta a lateralização dos animais (Tab. 5.39), a sequência adoptada acima para descrever os conjuntos parietais do sítio, seria a forma "ortodoxa" de experienciar o sítio. Se observarmos a distribuição das unidades figurativas pelos espaços parietais (Tab. 5.40) verificamos alguns dados dignos de interesse. Assim, apenas no primeiro conjunto parietal encontramos mais que um animal representado. O auroque é o animal mais representado no sítio, sendo também ele o tema dominante da rocha 1. Por outro lado, será de ter em conta que pelo menos quatro dos animais indeterminados (**VF01-01**, **VF01-03**, **VF01-05** e **VF02-01**) nunca foram completamente definidos por gravação. Isto é, se alguma vez foram concluídos, foram-no com pintura. Por outro lado, será também de levantar a hipótese destes animais se terem deixado indeterminados de forma intencional. Um destes — **VF02-01** — parece aproveitar uma série de acidentes naturais do painel para configurar a cauda e respetiva inserção, que o identificaria como auroque ou cavalo.

A importância do auroque no sítio está ainda atestada pelo facto do repertório não figurativo só se distribuir pelos conjuntos parietais onde aquele tema está claramente representado, localizando-se oitenta e seis das cento e cinco unidades identificadas na rocha 1, e as restantes dezanove na 6 (Tab. 5.41). Sessenta e seis dessas unidades não se associam a qualquer animal, vinte e nove associam-se a auroque e dez a animal indeterminado (Tab. 5.42).



Fig. 5.54: A rocha 1 de Vale de Figueira, vista de sudoeste. Note-se a diferença de cota entre a base do dispositivo da fase 1 e o topo do da fase 4 (no interior do retângulo inferior esquerdo definido pelos tubos do andaime). Montagem com decalques.

Rocha	Esquerda	Direita	Face	TOTAL
VFig01	2	8	1	11
VFig02	0	1	0	1
VFig06	0	1	0	1
VFig05	0	1	0	1
TOTAL	**2**	**11**	**1**	**14**

Tab. 5.39: Lateralização das unidades gráficas da fase 1 de Vale de Figueira.

Rocha	B-f	Ce-f	Ind.	TOTAL
VF01A	2	0	4	6
VF01B	2	0	0	2
VF01D	1	0	2	3
VF02	0	0	1	1
VF06	1	0	0	1
VF05	0	1	0	1
TOTAL	**6**	**1**	**7**	**14**

Tab. 5.40: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 1 pelos espaços parietais de Vale de Figueira.

Rocha	IV	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
VF01A	1	1	1	8	1	51	1	1	65
VF01B	0	0	0	0	0	8	0	0	8
VF01C	0	0	0	1	0	3	0	0	4
VF01D	0	0	0	3	0	6	0	0	9
VF06	0	0	0	0	0	18	0	1	19
TOTAL	**1**	**1**	**1**	**12**	**1**	**86**	**1**	**2**	**105**

Tab. 5.41: Distribuição das unidades gráficas não figurativas da fase 1 pelos espaços parietais de Vale de Figueira.

TEMA	IV	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B	0	1	0	0	0	27	0	1	29
Is.	1	0	1	10	1	51	1	1	66
Ind.	0	0	0	2	0	8	0	0	10

Tab. 5.42: Associação das unidades não figurativas às figurativas da fase 1 de Vale de Figueira.

5.1.9. Vale de Videiro

No sítio de Vale de Videiro conhecem-se atualmente duas rochas, sendo apenas uma atribuída ao Paleolítico superior (Reis, 2012, 24). Esta rocha foi identificada por João Félix e Manuel Almeida em 1994, tendo sido dada a conhecer no ano seguinte por N. Rebanda, que levanta a hipótese do motivo nela presente corresponder a uma rena (Rebanda, 1995a, 9; 1995b, 13). Posteriormente, este motivo foi interpretado como bovino (Baptista & García, 2002, 194) e como figura compósita, com caraterísticas comuns a cabra-montês e veado (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 131).

O nome do sítio deve-se ao vale por onde corre tributário da margem esquerda do Côa com aquele nome. Contudo, a rocha 1, o único conjunto parietal do sítio datada do Paleolítico superior, encontra-se em vertente abrupta sobre o Côa, a cerca de 125 m para montante da confluência daquele curso de água com o Côa (Figs. 5.53 e 5.55). Infelizmente, o painel encontra-se atualmente submerso pelas águas da albufeira do Pocinho. A rocha encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000, nas coordenadas geográficas 41º 02' 46,3" N; 7º 06' 57,1" O, à altitude de 120 m. Administrativamente, integra-se na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa

No único conjunto parietal que nos interessa apenas encontramos um animal picotado e abradido orientado para a direita. Como se refere na descrição da figura nos anexos, estamos perante uma figura que parece compartir caraterísticas de diversos animais. Não fosse a ocorrência de pêra na cabeça do animal e poderíamos interpretar a figura como um vareto seguro. A ele associam-se, pelo menos, duas unidades gráficas da chave XI.

5.1.10. Canada do Inferno

Naa Canada do Inferno conhecem-se atualmente quarenta e seis rochas historiadas (Reis, 2012, 22; 2014, 23-24), sendo trinta e nove delas atribuídas por Mário Reis ao Paleolítico superior (Reis, 2014, 31). As primeiras menções ao sítio datam da década de 30 do século passado, consistindo em referências a grafismos históricos aí existentes (Alves, 1938, 282-283). As figurações paleolíticassó serão dadas a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 6-7; 1995b, 1-12), ano em que sai um primeiro trabalho monográfico, sendo aí publicados os primeiros decalques das rochas 1, 2, 3 e 14 (Baptista & Gomes, 1995). Em 1997 são publicados os das rochas 4, 10 a 13, 19, 20, 22, 28 e 30 a 36 (Baptista & Gomes, 1997, 269-297). Em 2008 são publicados os das rochas 6, 18, 40 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 128-131) e 41 (Santos, 2008b, 10). Em 2009 são dados a conhecer os das rochas 5 e 17 (Baptista, 2009, 130-131, 214). Neste trabalho apresentamos, nos anexos, decalque mais completo da rocha 17 e, pela primeira vez, os das rochas 27 e 37.

O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, localizando-se a rocha 1 — que ocupa uma posição algo central — nas coordenadas geográficas 41º 03' 16,5" N; 7º 06' 44,5" O, à altitude de 125 m. Administrativamente, o sítio pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa.

Das trinta e nove rochas que M. Reis atribui no Paleolítico superior, apenas vinte e duas poderão com o rigor exigível serem integradas numa das fases que nos propusemos a estudar. As três fases encontram-se representadas na Canada do Inferno (para além da 4). Se tivermos em conta este faseamento, reparamos que os respetivos dispositivos parietais apresentam diferentes padrões de localização na paisagem (Figs. 5.55 e 5.56), padrões esses que serão discutidos adiante.

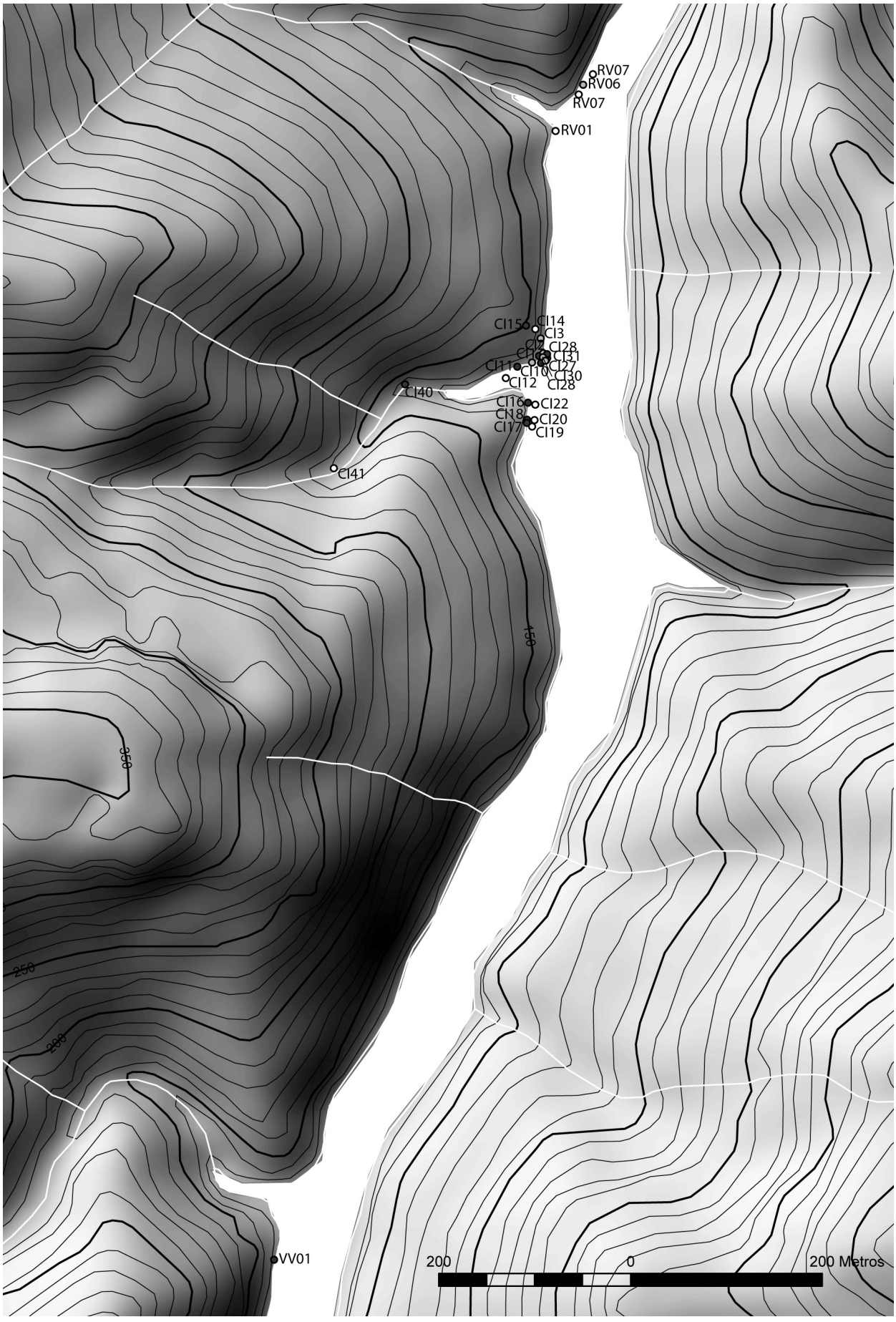


Fig. 5.55: Distribuição das rochas estudadas pelos sítios de Vale de Videiro, Canada do Inferno e Rego de Vide, identificando-se as rochas da fase 1 pelos círculos cheios (cartografia de Luís Luís).



Fig. 5.56: Vista de leste da Canada do Inferno com a albufeira do Pocinho vazia (foto de Manuel Almeida, tirada em 1995). Círculos brancos: Fase 1; círculos cinzentos: Fase 2; círculo vermelho: fase 3.

Infelizmente, grande parte do dispositivo parietal da Canada do Inferno que nos interessa (quinze das vinte e duas rochas que analisaremos) encontra-se submerso. A Canada do Inferno é composta por dois *loci*. O que comporta mais conjuntos parietais (*locus* 1) é o que se situa mais perto do Côa. Como referimos anteriormente, este *locus* pode ser dividido em duas zonas distintas: a zona montante, que corresponde a uma ampla praia delimitada a leste por uma escarpa paralela às diáclases dos afloramentos xistosos (orientadas genericamente para oeste), e a norte pelas faces da xistosidade de uma bancada que se prolonga alguns metros para oeste (Figs. 5.55 e 5.56). Esta bancada corresponde à base da segunda zona da Canada do Inferno, que se prolonga pela encosta, correspondendo a zona atualmente visitável ao seu sector mais elevado (Fig. 5.57). O *locus* 2 é constituído apenas pela rocha 41, que se localiza apartada das restantes, na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno, a cerca de 240 m da confluência daquela com o Côa.

5.1.10.1. Canada do Inferno (Fase 1)

Desta fase isolámos na Canada do Inferno nove conjuntos parietais. Três deles encontram-se na zona montante (cfr. Fig. 3.1). O que se encontra mais a sul dispõe de dois espaços parietais. O mais amplo e complexo corresponde à rocha 17 (descrição e decalque nos anexos). O segundo encontra-se imediatamente a norte, correspondendo à rocha 18 (descrição e decalque nos anexos).

O segundo conjunto parietal localiza-se a cerca de 20 m para nor-noroeste, correspondendo à rocha 16 do sítio (cfr. Fig. 3.1, descrição e decalque nos anexos), onde se identificam três espaços parietais.

O conjunto parietal seguinte encontra-se a 40 m para nor-noroeste, correspondendo à rocha 11, onde se identificam três espaços parietais com figurações da fase que agora tratamos (Figs. 3.1, 5.56 e 5.58; descrição e decalque nos anexos).

Cinco conjuntos parietais desta fase localizam-se na colina correspondente à zona jusante da Canada do Inferno (Figs. 3.1, 5.55- 5.57). Um destes localiza-se no seu rebordo meridional, parecendo relacionar-se mais com a zona montante propriamente dita que com a zona jusante. Na verdade, não nos esqueçamos que o rebordo meridional da zona jusante corresponde ao limite setentrional da zona montante (cfr. Fig. 5.56). O conjunto parietal a que nos referimos

corresponde à rocha 10 (decalque nos anexos), onde se identifica pelo menos uma unidade gráfica que poderá ser integrada na nossa fase 1.



Fig. 5.57: A zona jusante do locus da Canada do Inferno, vista de sensivelmente de leste (Foto de Fernando Barbosa, tirada em 1995). Montagem com decalques.



Fig. 5.58: Rocha 11 da Canada do Inferno, vista sensivelmente de leste (foto de 2007).

O quinto conjunto da fase 1 da Canada do Inferno corresponde à zona em torno do abrigo das cabras, onde se identificam nove espaços parietais (Figs. 5.57 e 5.59). Em torno do abrigo propriamente disto encontram-se cinco destes espaços, correspondendo eles aos dois painéis da rocha 27 e às rochas 30, 31 e 35. Dois localizam-se algo afastados para norte, correspondendo aos dois painéis da rocha 28. Outros dois encontram-se também algo apartados, desta feita para sul, correspondendo aos dois painéis da rocha 26.

O sexto conjunto parietal da Canada do Inferno localiza-se acima do anterior, correspondendo ao topo do extremo sudeste da colina correspondente à zona jusante. É constituído por seis espaços parietais. Dois destes encontram-se na rocha 1 (descrição e decalque nos anexos) e os restantes quatro na rocha 2.

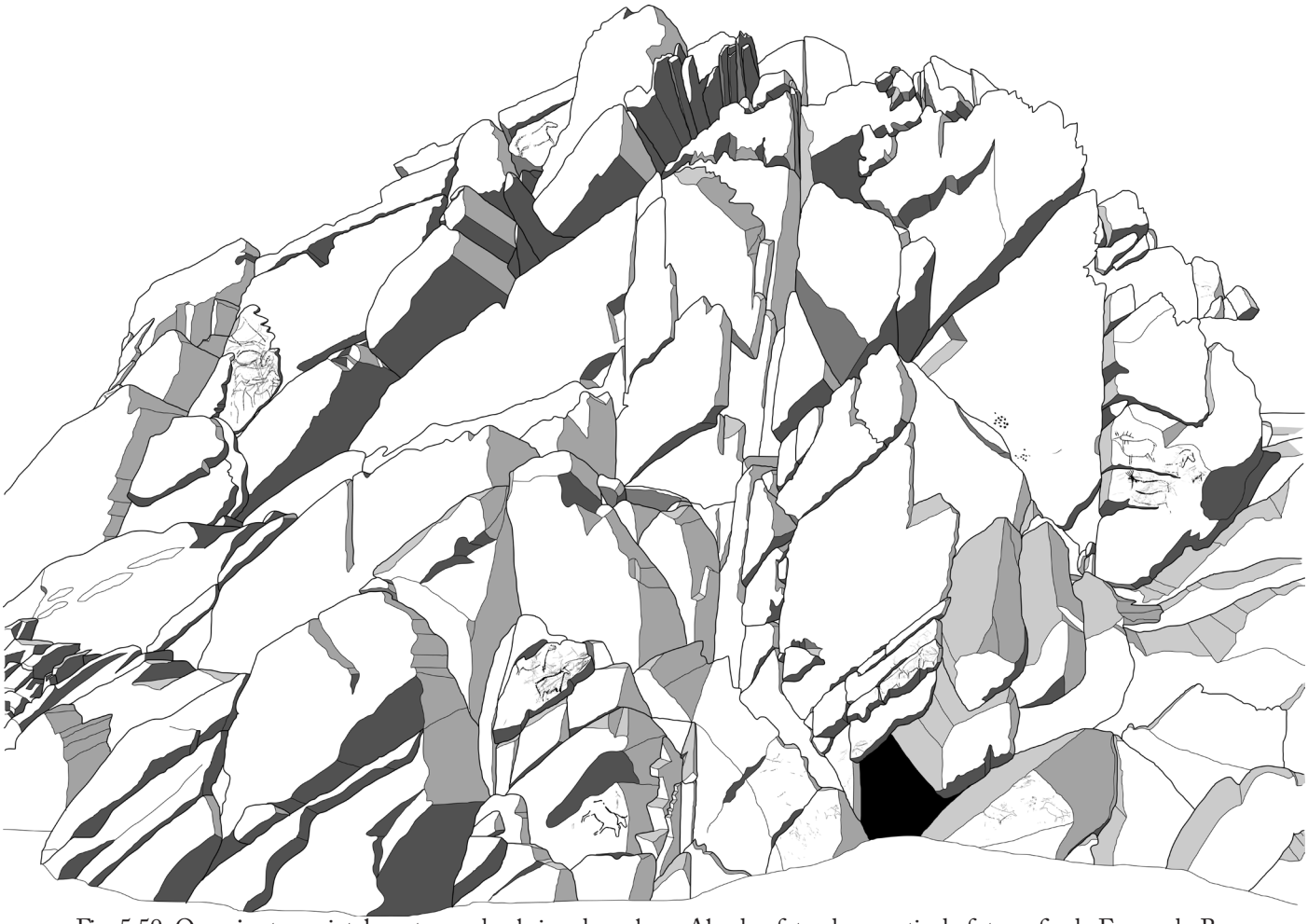


Fig. 5.59: O conjunto parietal em torno do abrigo das cabras. Alçado efetuado a partir de fotografia de Fernando Barbosa, obtida a partir sensivelmente de leste.

O sétimo conjunto parietal localiza-se um pouco acima na encosta, a cerca de 12 m para nor-noroeste da anterior, correspondendo ao painel B da rocha 3 do sítio (descrição e decalque nos anexos).

O oitavo conjunto localiza-se a 20 m para oés-noroeste, correspondendo à rocha 15 (descrição e decalque nos anexos), onde se observam dois espaços parietais.

O nono conjunto parietal da Canada do Inferno encontra-se na margem esquerda da ribeira epónima a cerca de 115 m para montante da confluência desta linha de água com o Côa. Trata-se da rocha 40, tendo sido integrada, para efeitos de análise na zona montante.

A arquitetura parietal da Canada do Inferno carateriza-se pela existência de dois eixos fundamentais: um de sentido sul-norte que se desenvolve na zona montante; um de sentido sudeste-noroeste que se distribui pela encosta da zona jusante. Um conjunto parietal localiza-se ainda no interior da ribeira, separado dos restantes.

Nos conjuntos que se distribuem ao longo do primeiro eixo continua-se a verificar uma conformidade entre a lateralização dos animais e a sequência de visualização das rochas (Tab. 5.43). Como nos casos que temos vindo a ver até aqui, tal aplica-se apenas se tivermos em conta os conjuntos parietais na sua totalidade e não apenas os diversos espaços

parietais (isto é, não se pode ler a rocha 18 de forma independente da 17). Repare-se como a diferença entre os animais orientados para a esquerda e aqueles que se orientam para a direita se vai esbatendo à medida que se avança para norte, sendo esta imensa no primeiro conjunto parietal (rochas 17 e 18) e residual no último (rocha 11).

Rocha	esquerda	direita	Indefinido	TOTAL
CI17	1	12	0	13
CI18	1	0	0	1
CS1	2	12	0	14
CI16A	2	3	0	5
CI16B	1	4	0	5
CI16c	0	1	0	1
CS2	3	8	0	11
CI11A	8	8	1	17
CI11B	3	2	0	5
CI11C	1	3	0	4
CS3	12	13	1	26
CI10	1	0	0	1
TOTAL (zona m.)	**18**	**33**	**1**	**52**
CI26A	1	3	0	4
CI26B	2	9	0	11
CI27A	0	2	0	2
CI27B	0	1	0	1
CI35	1	1	0	2
CI30	0	4	0	4
CI31	0	2	0	2
CI28	1	1	0	2
CS5	5	23	0	28
CI01A	5	8	0	13
CI01B	0	1	0	1
CI02A	0	3	0	3
CI02B	0	1	0	1
CI02C	0	1	0	1
CI02D	0	0	1	1
CS6	5	14	1	20
CI03	2	2	0	4
CI15	0	4	0	4
TOTAL (zona j.)	**12**	**43**	**1**	**56**
CI40	0	1	0	1
TOTAL (Absoluto)	**30**	**77**	**2**	**109**

Tab. 5.43: Lateralização dos animais da fase 1 da Canada do Inferno.

Na zona jusante, a arquitetura parietal define-se quer pela lateralização dos animais quer pelas relações de visibilidade dos painéis. Como se verifica nas figuras 5.57 e 5.59, não é difícil observar toda conjunto parietal do abrigo das cabras simultaneamente. É sobretudo de ter em conta que o sexto espaço parietal do conjunto parietal formado pelas rochas 1 e 2 (**CI02D**) pode também, sem dificuldade ser vislumbrado desde baixo. A subida que necessariamente se fará entre os dois conjuntos deverá, consequentemente fazer-se por aqui. Tal parece, de facto, inferir-se igualmente pela lateralização dos animais em torno do abrigo das cabras, cujos espaços parietais estão maioritariamente ocupados por animais orientados para a direita. As exceções são os espaços parietais correspondentes às rocha 35 e 28 que apresentam, cada uma, um par de animais orientados em direções opostas. No caso da 35, esta encontra-se "encravada" entre as rochas 27 e 30, ambas com a totalidade das suas figuras da fase 1 orientadas para a direita, pelo que a leitura se fará conjuntamente. Já o espaço parietal da 28 é o último a ser visualizado se seguirmos a sequência proposta pela lateralização dos animais. Quando a ele nos chegamos, a visualização dos espaços parietais da rocha 2 já será patente. A partir destes espaços parietais consegue-se estabelecer uma sequência de visualização até ao conjunto parietal da rocha 15, baseada na visibilidade entre os painéis, deixando a lateralização dos animais de ser pertinente.

Da totalidade dos conjuntos parietais da Canada do Inferno, haverá ainda que falar de outras duas: as correspondentes às rochas 10 e 40. No caso da primeira, ela encontra-se no sopé meridional do relevo que constitui a zona jusante da Canada do Inferno. O seu dispositivo parietal — um capríneo orientado para a esquerda — não parece contudo

relacionar-se com os restantes conjuntos desta zona. De facto, tal ocorreria se aí encontrássemos um animal orientado para a direita, algo que poderia fazer a ligação entre as duas zonas. Contudo, o capríneo aponta para a zona montante. Como referimos acima, o limite meridional da zona jusante é também o setentrional da montante. Como tal, esta rocha deve ser integrada na zona montante. Ela parece refletir igualmente uma certa autonomia entre as duas zonas, uma vez que não existe nada que permita inferir a união destes dois eixos fundamentais da Canada do Inferno.

Relativamente à rocha 40, ela encontra-se a uma distância suficientemente ampla para que possamos admitir o isolamento dela relativamente aos restantes conjuntos do sítio. Como acontecia na ribeira de Piscos e na ribeira do Fariseu, estamos perante uma rocha monotemática, desta feita dedicada ao auroque.

Observemos agora a distribuição das unidades figurativas pelos espaços parietais da Canada do Inferno (Tab. 5.44). Os temas mais representados na Canada do Inferno são a fêmea de auroque, seguido do macho de cabra-montês, do cavalo, do veado, da fêmea de cabra-montês, da cerva, do macho de auroque e da camurça. Esta representatividade verifica-se nos totais por zonas e na maior parte dos conjuntos parietais.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	Ce-m	Ce-f	E	R	Ind.	TOTAL
CInf17	0	7	1	0	0	0	3	0	2	13
CInf18	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
CS1	0	7	2	0	0	0	3	0	2	14
CInf16A	0	2	2	1	0	0	0	0	0	5
CInf16B	0	1	1	0	0	1	2	0	0	5
CInf16c	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
CS2	0	3	4	1	0	1	2	0	0	11
CInf11A	0	11	0	0	0	0	1	0	5	17
CInf11B	0	3	0	0	0	0	0	0	2	5
CInf11C	0	1	0	0	1	0	0	0	2	4
CS3	0	15	0	0	1	0	1	0	9	26
CInf10	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL (zona m.)	**0**	**25**	**7**	**1**	**1**	**1**	**6**	**0**	**11**	**52**
CInf26A	0	0	2	1	0	0	0	0	1	4
CInf26B	0	5	1	0	2	0	2	0	1	11
CInf27A	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
CInf27B	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2
CInf35	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
CInf30	0	0	3	0	0	0	0	0	1	5
CInf31	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
CInf28	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
CS5	0	7	6	2	3	1	5	1	3	28
CInf01A	1	5	2	0	0	1	2	0	2	13
CInf01B	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
CInf02A	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
CInf02B	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
CInf02C	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
CInf02D	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
CS6	1	5	3	0	1	1	3	0	6	20
CInf03	0	2	1	0	1	0	0	0	0	4
CInf15	0	3	0	1	0	0	0	0	0	4
TOTAL (zona j.)	**1**	**17**	**10**	**3**	**5**	**2**	**8**	**1**	**9**	**56**
CInf40	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
TOTAL (Absoluto)	**1**	**43**	**17**	**4**	**6**	**3**	**14**	**1**	**20**	**109**

Tab. 5.44: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 1 pela Canada do Inferno.

Na zona montante, apenas no segundo conjunto parietal (rocha 16) encontramos todas as espécies representadas (se bem que cervídeos e auroques estão representados pela fêmea). No primeiro (rochas 17 e 18) está ausente o cervídeo, na rocha 11 está ausente a cabra-montês, que por sua vez dispõe do único espaço parietal monotemático desta zona (rocha 10)

Na zona setentrional apenas nos conjuntos correspondentes às rochas 3 e 15 não encontramos todas as espécies representadas. Contudo, elas apenas aparecem no mesmo espaço parietal no painel B da rocha 26. Recorde-se que esta combinação (auroque, cavalo, cabra-montês e veado) apenas se repete nas rochas 1 do Fariseu e 1 da Quinta da Barca.

Se o eixo da zona montante termina com um conjunto parietal dedicado à cabra-montês, o da zona jusante termina com um que, embora dispondo também de uma cabra-montês fêmea incisa, é claramente dominada pelo tema do auroque fêmea.

Destaque-se a importância residual do cavalo que apenas conjunto da rocha 11 apresenta mais efetivos que cabra-monteses (simplesmente porque aí foi gravado um sem que o tenham sido cabras-monteses). Este aspeto é tão mais pertinente porquanto na zona jusante, se não tivermos em conta distinções de género, o cavalo tem o mesmo número de efetivos que cervídeos.

Observemos agora a distribuição das unidades gráficas não figurativas pelos diversos espaços parietais do sítio (Tab.5.45). A primeira observação que podemos fazer prende-se com a profunda diferença quantitativa entre as unidades da zona montante e da jusante, sendo o número destas últimas mais do triplo das primeiras. Por outro lado, no caso da zona jusante observa-se, como até aqui, a maior concentração de unidades nos conjuntos localizados mais perto do Côa. Contudo, se tivermos em conta a média de unidades gráficas por espaço parietal, reparamos que se observa a tendência inversa (conjunto parietal 5: 43; conjunto parietal 6: 47; conjunto parietal 7: 78; conjunto parietal 8: 115). Trata-se, portanto, de uma tendência exatamente inversa à que se verifica nos outros sítios do Côa que analisámos até agora. Do ponto de vista da diversidade, apenas se observa a existência exclusiva da chave II na zona jusante.

Rocha	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	Total
CInf17	0	1	0	2	0	7	7	52	0	0	69
CInf16A	0	0	0	2	0	11	4	60	0	0	77
CInf16B	0	0	1	0	0	3	0	7	0	0	11
CInf16c	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
CS2	0	0	1	2	0	14	4	68	0	0	89
CInf11A	0	1	0	0	2	7	0	32	0	1	43
CInf11B	0	0	0	0	0	1	0	9	0	0	10
CInf11C	0	0	0	2	0	19	2	78	0	0	101
CS3	0	1	0	2	2	27	2	119	0	1	154
CInf10	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	4
TOTAL (z m.)	**0**	**2**	**1**	**6**	**2**	**48**	**13**	**242**	**1**	**1**	**316**
CInf26A	0	0	0	1	0	0	1	15	0	3	20
CInf26B	1	0	0	0	1	1	0	19	0	0	22
CInf35	0	0	0	0	0	3	0	51	1	0	55
CInf27A	0	0	0	3	0	13	0	63	0	0	79
CInf27B	0	0	0	2	0	0	0	2	0	0	4
CInf30	2	0	0	1	0	10	3	74	1	0	91
CInf31	0	0	0	1	0	18	1	47	0	1	68
CInf28A	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	4
CInf28B	0	0	0	2	0	2	0	39	0	0	43
CS5	3	0	0	10	1	47	5	312	4	4	386
CInf01A	3	0	0	2	0	19	3	86	0	2	115
CInf01B	1	0	0	1	0	6	0	35	0	0	43
CInf02A	1	0	1	5	0	13	0	41	0	1	62
CInf02B	0	0	0	1	0	3	0	16	1	0	21
CInf02C	0	0	0	1	0	0	0	20	0	0	21
CInf02D	0	0	0	0	0	0	0	16	2	0	18
CS6	5	0	1	10	0	41	3	214	3	3	280
CInf03	0	0	0	1	0	13	0	63	0	1	78
CInf15A	0	0	0	4	0	28	3	147	0	3	185
CInf15B	0	1	0	0	0	3	0	39	0	1	44
CS8	0	1	0	4	0	31	3	186	0	4	229
TOTAL (zona j.)	**8**	**1**	**1**	**25**	**1**	**132**	**11**	**775**	**7**	**12**	**973**
TOTAL (Abs)	**8**	**3**	**2**	**31**	**3**	**180**	**24**	**1017**	**8**	**13**	**1289**

Tab. 5.45: Distribuição das unidades gráficas não figurativas da fase 1 pela Canada do Inferno.

Observemos asa associações das unidades gráficas não figurativas aos animais. Na zona montante (Tab. 5.46) verifica-se que a maior parte das unidades se associam a auroques (178), sendo que em setenta e sete casos, tal dá-se em exclusividade. Mais espantoso é que os veados sejam o segundo tema mais envolvido em associações diretas com unidades gráficas não figurativas, seguindo-se as fêmeas de cabra-montês, os machos dessa espécie e os cavalos.

Na zona jusante observa-se o expectável (Tab. 5.47), sendo o auroque o tema a que mais unidades se associam, a que se segue o macho de cabra-montês e o cavalo.

TEMA	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B	0	0	0	1	17	0	58	0	1	77
B/ Ca-f	0	0	1	0	1	1	14	0	0	17
B/ Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	3	2	6	0	0	11
B/ Ca-m	0	1	1	0	1	0	14	0	0	17
B/ E	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
B/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-m	0	0	1	0	10	2	38	0	0	51
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (B)	**0**	**1**	**3**	**1**	**32**	**5**	**135**	**0**	**1**	**178**
Ca-f	0	0	0	0	3	1	12	0	0	16
B/ Ca-f	0	0	1	0	1	1	14	0	0	17
B/ Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	3	2	6	0	0	11
TOTAL (Ca-f)	0	0	1	0	7	4	32	0	0	44
Ca-m	0	0	0	0	0	0	9	1	0	10
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	3	2	6	0	0	11
B/ Ca-m	0	1	1	0	1	0	14	0	0	17
TOTAL (Ca-m)	**0**	**1**	**1**	**0**	**4**	**2**	**30**	**1**	**0**	**39**
E	0	0	0	0	2	3	20	0	0	25
B/ E	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
TOTAL (E)	0	0	0	0	2	3	23	0	0	28
Ce-m	0	0	1	0	1	0	15	0	0	17
B/ Ce-m	0	0	1	0	10	2	38	0	0	51
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ce-m)	**0**	**0**	**2**	**0**	**11**	**2**	**54**	**0**	**0**	**69**
Ce-f	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ind.	0	0	0	0	0	0	5	0	0	5
B/ Ce-m/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ind.)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**6**	**0**	**0**	**6**
Isoladas	**1**	**0**	**2**	**1**	**10**	**4**	**44**	**0**	**0**	**62**

Tab. 5.46: Associações entre unidades gráficas figurativas e não figurativas da fase 1 da zona montante do locus 1 da Canada do Inferno.

5.1.10.2. Canada do Inferno (Fase 2)

Na Canada do Inferno, durante a fase 2, dá-se a atualização de cinco espaços parietais distribuídos por quatro conjuntos, cria-se um espaço parietal novo numa conjunto já existente, verificando-se ainda a construção de cinco novos conjuntos parietais.

Quatro das cinco atualizações de espaços parietais dão-se na zona jusante. Duas destas dão-se na construção simbólica em torno do abrigo das cabras, mais precisamente nos espaços parietais correspondentes ao painel A da rocha 27 e à rocha 30, observando-se em cada um deles a adição de um macho de cabra-montês, executado por abrasão e orientado para a direita o do painel 27A, e gravado por picotagem e incisão e orientado para a esquerda o do painel 30. Ao nível das unidades gráficas não figurativas, poderão datar desta fase as que se associam ao primeiro motivo referido (uma da chave X e onze da XI) e as que se encontram em torno da nova figura da rocha 30 (uma da VII e sete da XI). Estas atualizações reforçam ainda mais o tema da cabra-montês macho neste conjunto parietal, passando este a ser o tema mais representado. A um nível mais pormenorizado observa-se o aparecimento do macho de cabra-montês e da unidade gráfica não figurativa da chave X no espaço parietal do painel A da rocha 27.

A terceira atualização dá-se no espaço parietal A da rocha 2, já no sexto conjunto parietal da Canada do Inferno. Aí observa-se a adição de um cavalo e de uma fêmea de cabra-montês, ambos incisos e orientados para a direita. Ao nível do repertório não figurativo, consideramos desta fase as unidades gráficas que se associam a estes animais. Ao cavalo associam-se treze unidades (uma da chave II, três da IX, uma da X e oito da XI) e à fêmea de cabra-montês uma da chave XI. Em termos de alterações observa-se o incremento de cavalos e o aparecimento da fêmea de cabra-montês (ou reforço, no caso de algum dos três indeterminados da fase anterior corresponder a uma representação deste tema). Ao

nível do repertório não figurativo, as alterações só se verificam ao nível do espaço parietal, aí aparecendo agora unidades da chave II e X.

TEMA	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B	1	0	0	5	0	25	2	121	0	3	157
B/ Ca-f	0	0	0	0	0	2	0	20	0	0	22
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	6	0	21	0	0	27
B/ Ca-m/ E	1	0	0	0	0	1	0	4	0	0	6
B/ Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	8	0	0	10
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/ E	0	0	0	1	0	3	2	30	0	0	36
B/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	4
B/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2
B/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	0	8	0	0	9
TOTAL (B)	**4**	**0**	**0**	**6**	**1**	**39**	**5**	**216**	**0**	**4**	**275**
Ca-f	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Ca-f/ Ca-m	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
B/ Ca-f	0	0	0	0	0	2	0	20	0	0	22
TOTAL (Ca-f)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**		**0**	**1**	**5**
Ca-m	0	0	0	2	0	6	1	55	2	0	66
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-m/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0	5
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	6	0	21	0	0	27
B/ Ca-m/ E	1	0	0	0	0	1	0	4	0	0	6
B/ Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	8	0	0	10
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL (Ca-m)	**3**	**0**	**0**	**2**	**0**	**14**	**1**	**97**	**2**	**0**	**119**
R	0	0	0	1	0	2	0	21	0	0	24
E	0	0	0	3	0	0	0	43	0	0	46
B/ Ca-m/ E	1	0	0	0	0	1	0	4	0	0	6
B/ E	0	0	0	1	0	3	2	30	0	0	36
B/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	4
Ca-m/ E	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL (E)	**2**	**0**	**0**	**4**	**0**	**5**	**2**	**80**	**0**	**1**	**94**
Ce-m	0	0	0	1	0	5	0	24	0	0	30
B/ Ca-m/ Ce-m	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
B/ Ce-m	0	0	0	0	1	0	0	8	0	0	9
TOTAL (Ce-m)	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**	**5**	**0**	**34**	**0**	**0**	**41**
Ce-f	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-m/ Ce-f	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ce-f)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**3**
Ind.	1	0	1	1	0	13	0	40	2	0	58
B/ Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	8	0	0	10
B/ E/ Ind.	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	4
B/ Ind.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2
Ca-m/ Ind.	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0	5
TOTAL (Ind.)	**4**	**0**	**1**	**1**	**0**	**15**	**1**	**54**	**2**	**1**	**79**
Isoladas	**2**	**1**	**0**	**11**	**0**	**65**	**5**	**367**	**4**	**7**	**462**

Tab. 5.47: Associações entre unidades gráficas figurativas e não figurativas da fase 1 da zona jusante do locus 1 da Canada do Inferno.

As maiores alterações ao nível das atualizações dos espaços parietais pré-existentes dão-se na rocha 3, onde se verifica a gravação, por incisão, de quatro cavalos e dois auroques orientados para a direita e um quadrúpede indeterminado orientado para a esquerda. Relativamente ao repertório não figurativo, poderão ter sido gravadas nesta fase sessenta e cinco unidades gráficas. A auroque, macho de cabra-montês e cavalo associa-se uma unidade da chave II. Àqueles três temas e ainda a veado associam-se cinco unidades (uma da chave X e quatro da XI). A auroque, cavalo e veado associam-se vinte e uma unidades (uma da chave VII, seis da IX, doze da XI e duas da XIII). Exclusivamente a cavalo associam-se quinze unidades (uma da chave VII, duas da IX e doze da XI). A cavalo e veado associam-se seis unidades (uma da chave II, duas da IX e três da XI). Exclusivamente a auroque associam-se duas unidades da chave XI. A auroque e cavalo associam-se outras duas da XI. A animal indeterminado associam-se oito unidades (uma da chave VII e sete da XI). Não

associadas a qualquer unidade observa-se ainda cinco unidades da chave XI. A grande novidade destas alterações prende-se com o aparecimento do cavalo neste conjunto parietal, passando este a formar com auroque o par mais representado deste dispositivo parietal.

A zona jusante vê também, durante a fase 2, o aparecimento de um novo conjunto parietal — a rocha 14 (descrição e decalque nos anexos). A maior parte do seu repertório é datável da fase 4. Contudo, como vimos no capítulo anterior, algumas figuras serão de fases mais antigas, provavelmente da 2, designadamente os cavalos **CI14-17** e **CI14-28**. **CI14-07** e **CI14-21** foram integrados pela análise fatorial na classe 4. Contudo, estas figuras, pelas suas dimensões e posicionamento, parecem, de alguma forma, equilibrar o par seguramente mais antigo (Fig. 5.60). Por outro lado, no mapa fatorial, estes cavalos encontram-se mais perto dos limites das elipses da classes mais antigas que os restantes cavalos da rocha. Finalmente, refira-se que novas observações na rocha, designadamente mediante utilização do RTI (v.g. Díaz-Guardamino *et al.*, 2015), trabalho esse que tivemos oportunidade de levar a cabo com A. Pike, P. Pettitt, M. Díaz-Guardamino e D. Wheatley no ano de 2015, revelaram que o sentido da sobreposição entre **CI14-21** e **CI14-22** é exatamente o inverso do originalmente identificado (Baptista & Gomes, 1997, 235). Na descrição da rocha referimos também porque consideramos que **CI14-23** é também posterior a este cavalo. É verdade que relativamente a **CI14-24** não foi possível definir com clareza o sentido da sobreposição estabelecida com o cavalo, mas essa figura parece relacionar-se essencialmente com **CI14-23**. Em suma, consideramos que **CI14-07** e **CI14-21** poderão datar também da fase 2.

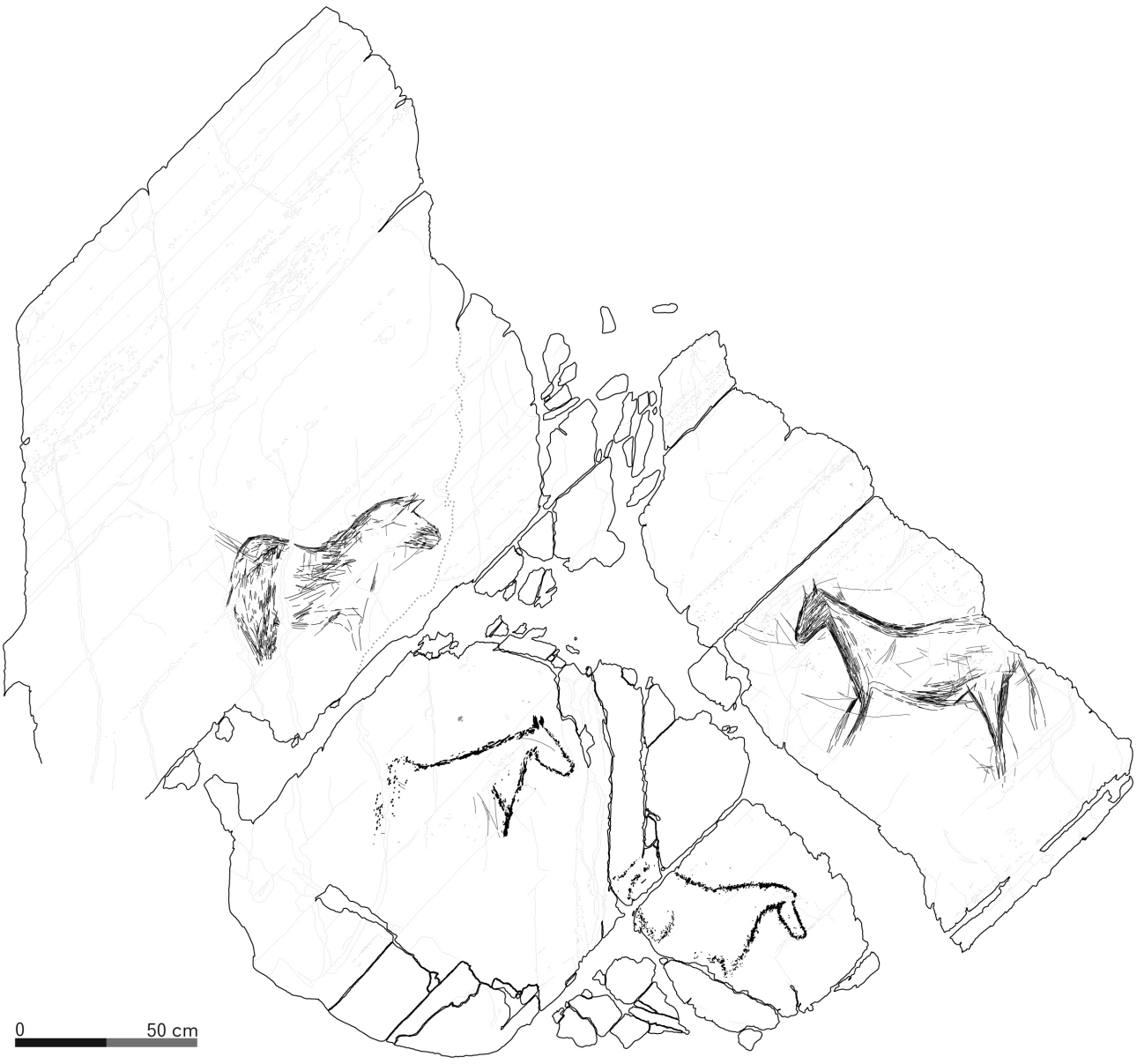


Fig. 5.60: Fase 2 (?) da rocha 14 da Canada do Inferno. A partir de decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar.

Relativamente ao repertório não figurativo, apenas reteremos as unidades que se associam exclusivamente a estes cavalos, que são em número de oitenta e sete, todas incisas (uma da chave III, vinte da IX, duas da X e sessenta e seis da XI).

Estas alterações na zona jusante são importantes, sobretudo no que toca ao reforço do cavalo, que passa a segunda espécie mais representada, com praticamente o mesmo número de efetivos que auroques (16 e 18, respetivamente). Note-se que, mesmo que na rocha 14 apenas contássemos com os dois cavalos que a análise fatorial não considerou da classe 4, ainda assim os cavalos contariam com mais exemplares que cabras-monteses machos (14 e 12 respetivamente). Por outro lado, o reforço das cabras-monteses no conjunto parietal 5 e dos cavalos nos 6, 7 e no criado *ex-nihilo*, vai marcar uma oposição interessante entre o começo do eixo (onde o macho de cabra-montês passa a espécie mais representada, com oito efetivos) e a zona terminal do eixo, onde cavalos e auroques se apresentam com o mesmo número de efetivos (11). Quanto às alterações provocadas pela adição de repertório não figurativo, destaque-se apenas o reforço da importância da zona terminal do eixo, reforçando-se assim o contraste com os sítios analisados até ao momento, onde as superfícies mais fortemente historiadas com repertório não figurativo se encontravam cerca do Côa.

Na zona montante observa-se a atualização de um espaço parietal, a criação de um num conjunto pré-existente e a criação de quatro novos conjuntos parietais. O espaço parietal atualizado é o da rocha 10 onde se identificam cinco novos animais gravados por incisão. Um peixe, dois quadrúpedes indeterminados e uma cerva orientam-se para a esquerda, identificando-se ainda outro quadrúpede orientado em direção oposta. Podemos agora igualmente tomar em linha de conta as unidades não figurativas associadas a estes animais, maioritariamente incisas e em número de setenta. Oito da chave XI associam-se a peixe, oito da mesma chave a cerva, uma da chave XI associa-se a cerva e animal indeterminado, uma da chave IX e vinte e uma da XI associam-se a animal indeterminado, identificando-se ainda trinta não associadas a qualquer animal (três da chave IXa e vinte e sete da XI.

No conjunto parietal correspondente à rocha 11 é criado novo espaço parietal, no sector inferior do painel A, muito provavelmente libertado — como referido no capítulo anterior — pelo episódio erosivo posterior à fase 1. Aí encontramos veado inciso orientado para a direita e um conjunto de trinta e quatro unidades não figurativas, igualmente incisas. Metade destas associa-se diretamente ao animal (seis da chave IX e onze da XI), distribuindo-se a restante metade em seu torno (uma da chave III, uma da VII, uma da IX, uma da X e treze da XI.

Os quatro conjuntos parietais criados *ex nihilo* encontram-se, como se referiu no capítulo anterior, em superfícies deixadas a descoberto pela fase erosiva posterior à execução da arte rupestre da fase 1 (cfr. Fig. 3.1).

A cerca de 20 m para su-sudeste da rocha 11 encontra-se um destes conjuntos, correspondente à rocha 12 (descrição e decalque nos anexos). Localiza-se já na margem esquerda ribeira da Canada do Inferno (Figs. 3.2 e 5.55), nela se identificando apenas um espaço parietal onde se gravaram, por picotagem, representações parciais de dois cavalos e um auroque orientados para a esquerda, assim como quatro unidades gráficas da chave XI, três delas associadas exclusivamente ao auroque e uma ao auroque e ao cavalo.

Para oeste do paredão onde se encontra a rocha 16 localiza-se um segundo conjunto parietal, correspondente à rocha 22 (descrição e decalque nos anexos). Nela isolam-se pelo menos dois espaços parietais. O primeiro destes localiza-se à esquerda. Entre os seus grafismos que com alguma segurança podemos datar da fase 2 contam-se quatro cavalos e um vareto picotados, e um veado inciso e abradido. Os cinco animais picotados encontram-se reduzidos praticamente às cabeças, sendo o remanescente o único animal íntegro desta fase. Este último e duas das representações de cavalos orientam-se para a direita, direcionando-se para a esquerda as figurações remanescentes (encontrando-se um dos cavalos inclinado para baixo). Isolaram-se ainda cento e vinte e nove unidades gráficas não figurativas incisas. Trinta e duas associam-se a cavalo (uma da chave IX, vinte e trinta e uma da XI), cinco a cavalo e veado (duas da chave IX e três da XI), uma da XI exclusivamente a veado, encontrando-se as restantes noventa e uma não associadas a qualquer motivo, mas nas proximidades dos da fase que tratamos agora (uma da chave VII, sete da IX, nove da X, setenta e três da XI e uma da XIII). No segundo espaço parietal apenas se identifica prótomo de cavalo picotado, orientado para a direita.

Um terceiro conjunto parietal corresponde à rocha 20 (descrição e decalque respetivo nos anexos), que se localiza para oés-noroeste do paredão onde se encontra a rocha 17. A única figura aí identificada que se poderá datar da fase 2 corresponde a cervídeo inciso orientado para a esquerda, animal esse usualmente interpretado como gamo (Baptista,

2009, 78). Não vemos, no entanto, razões para isso. As hastes encontram-se contornadas mas sem chegarem a formar uma pala propriamente dita. Encontramo-nos muito provavelmente perante um veado ao qual falta o contraestoque. Relativamente ao repertório não figurativo, apenas reteremos, como até aqui, aquele que se associa em exclusivo a este veado, tendo consciência que muito do que se associa, atualmente, também às figuras posteriores, datará da fase que agora estudamos. Isolaram-se trinta e três unidades incisas (uma da chave II, uma da VIII, três da IX e vinte e oito da XI.

O derradeiro conjunto parietal desta fase corresponde à rocha 19 (descrição e decalque nos anexos) para sul da anterior, nela se tendo identificado pelo menos dois espaços parietais, tendo apenas um sido estudado (Baptista e Gomes, 1997, 237-238). Como tem sido o caso dos últimos dispositivos parietais que temos vindo a analisar, também este foi gravado durante a fase 4. Da fase que agora tratamos podemos com alguma segurança referir uma cerva incisa orientada para a esquerda, dada pelos autores do estudo original como da base da sequência figurativa da rocha (Baptista & Gomes, 1997, 237), se bem que interpretada como equídeo. Exclusivamente a ela associam-se treze unidades não figurativas incisas (uma da chave VII, três da IX e nove da XI).

A alteração mais impressiva que se dá nesta zona corresponde ao incremento das espécies que faltavam anteriormente, passando o cavalo a ser a segunda espécie mais representada a par do veado (5 machos e três fêmeas) e de cabras-monteses (7 machos e 1 fêmea). Mas talvez o mais interessante se verifique ao nível da organização espacial. De facto, a partir de agora observa-se uma zona afastada do rio dominada por auroques e cabras-monteses e uma zona mais cerca do rio onde aquelas espécies estão ausentes. Poderíamos pensar que tal dever-se-ia à pura coincidência da maior parte das criações *ex nihilo* se encontrarem no sector cerca do rio, mas isso era descurar o facto de que uma delas se construiu na escarpa (rocha 12), aí se encontrando o único auroque gravado desta fase.

5.1.10.3. Canada do Inferno (Fase 3)

Contrariamente ao que se tinha verificado na Ribeira de Piscos, na Canada do Inferno, o único conjunto parietal da fase 3 isola-se de forma bastante clara das de cronologia mais antiga. Corresponde esta construção simbólica à rocha 41 (Figs. 5.54, 5.55; descrição e decalque respetivo nos anexos).

A composição encontra-se em painel de xisto vertical que se encontra numa reentrância existente numa bancada xistosa que se desenvolve no sentido sudeste-noroeste. A poucos metros para sudeste encontra-se impressiva interrupção desta bancada, causada pela abertura do leito da ribeira (Fig. 5.61). Apenas se descrimina um espaço parietal claro, onde se observa um dispositivo parietal, conseguido essencialmente por incisão (as exceções correspondem a alguns picotados dispersos de cronologia incerta). O dispositivo parietal é caraterizado pela existência de unidades gráficas das fases 3 e 4. Da fase 3 (Fig. 5.62) isolaram-se sete cavalos e um macho de cabra-montês, orientando-se este último e três dos cavalos para a esquerda, e direcionando-se no sentido oposto as restantes quatro unidades gráficas. Relativamente ao repertório não figurativo diretamente associado ou imediatamente nas imediações destes animais, isolaram-se cento e sessenta unidades. Obviamente, a fatia de leão (87) associa-se a cavalos (uma da chave II, uma da III, duas da VII, vinte e três da IX, uma da X, quarenta e sete da XI e duas da XIII). Ao macho de cabra-montês apenas se associam dez unidades (duas da chave IX e oito da XI). Não se associam a qualquer animal sessenta e três unidades (duas da chave VII, quatro da IX, uma da X e cinquenta e seis da XI).

5.1.11. Rego da Vide

A estação de Rego da Vide encontra-se nas imediações da confluência do curso de água epónimo com o Côa. Esta confluência dá-se na margem esquerda deste rio, a cerca de 250 m para jusante do abrigo das cabras da Canada do Inferno (Fig. 5.55). O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000. A rocha 1, que se encontra a poucos metros para montante da confluência de águas, encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 03' 24,2" N; 7º 06' 44,1" O, à altitude de cerca de 120 m. Administrativamente, pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Na estação encontram-se registadas 13 rochas, considerando Mário Reis que cinco delas apresentam

figurações paleolíticas (Reis, 2012, 20-21). As rochas paleolíticas foram descobertas em 1993 por N. Rebanda, tendo sido dadas a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 7; 1995b, 12).



Fig. 5.61: Rocha 41 da Canada do Inferno, vista de nordeste.



Fig. 5.62: A rocha 41 da Canada do Inferno no seu contexto geomorfológico. Montagem com decalque.

Deste conjunto, apenas nos debruçaremos sobre quatro rochas, todas submersas atualmente pela albufeira do Pocinho. Estas quatro rochas (1, 6, 7 e 9) foram, no entanto, alvo de estudo aquando do abaixamento da barragem do Pocinho, tendo os seus levantamentos sido prontamente publicados (Baptista & Gomes, 1997, 298, 303, 305-306).

A partir da leitura do mapa de pormenor do sítio publicado há uns anos (Baptista & Gomes, 1997, 261) pode-se inferir a existência de dois conjuntos parietais que se distribuem pelo sopé da encosta. Um destes — correspondente à rocha 1 (cfr. descrição e decalque nos anexos) — encontra-se, como se disse, a poucos metros para montante da foz do Rego de Vide. O segundo conjunto parietal encontra-se a cerca de 40 m para jusante desse ponto, sendo constituído pelos espaços parietais das rochas 7, 6 e 9, segundo o seu aparecimento de sul para norte.

Três das quatro figuras da estação que foram alvo das nossas análises estatísticas foram integradas na classe 2, tendo a remanescente (o cavalo da rocha 6) sido classificado como 1.

Assim, da fase 1, apenas se pode contar com um espaço parietal, caraterizado pela presença de um cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda, ao qual se associa uma unidade gráfica da chave XIII.

O restante dispositivo parietal do Rego da Vide deve ser integrado já na fase 2. Na rocha previamente gravada é adicionado provável cavalo (por comparação com **RV07-01**) apenas picotado, orientado para a direita. A ambos os cavalos associam-se duas unidades gráficas das chaves VII e IX.

Para montante deste espaço parietal é criado o da rocha 7, onde se picotaram um cavalo orientado para a direita, um quadrúpede para a esquerda e uma unidade gráfica da chave XI.

Para jusante da rocha 6 encontra-se o derradeiro espaço parietal deste conjunto parietal, correspondente à rocha 9, onde se gravou, por picotagem, possível cavalo orientado para a direita. No topo do painel isolaram-se ainda duas unidades gráficas da chave XI, ambas incisas.

A rocha 1 corresponde ao único conjunto parietal criado de raiz. Distinguem-se dois espaços parietais: um a nível superior, onde se observa provável cavalo picotado orientado para a direita, e outro a cota mais baixa onde se gravaram por picotagem um macho de cabra-montês, um auroque e um cavalo, todos orientados para a esquerda.

Nesta estação deve-se chamar a atenção para a raridade de repertório não figurativo, sendo altamente sugestivo que o espaço parietal mais complexo (RV01) não disponha de nenhum grafismo deste tipo. Trata-se de um sítio onde ao par auroque/ cabra-montês macho ladeado por dois cavalos se opõe conjunto parietal dominado por este último tema.

5.1.12. Vale de Moinhos

O sítio corresponde a todo o vale de Moinhos e ainda parte das vertentes do Côa de cada lado da foz da ribeira epónima. Esta confluência dá-se a cerca de 100 m para jusante da do Rego Vide. Toda a área encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. A confluência das duas linhas de água dá-se em torno das coordenadas geográficas 41º 03' 51,2" N; 7º 06' 23,6" O. Administrativamente, pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa.

O sítio é descoberto por N. Rebanda e Manuel Almeida em 1992, tendo sido dado a conhecer nos primeiros textos sobre a região (Rebanda, 1995a, 6; 1995b,11). Atualmente, encontram-se inventariadas quarenta e duas rochas, considerando Mário Reis a existência de figurações paleolíticas em dezanove superfícies. Deste conjunto de rochas, apenas três contém grafismos que, com algum rigor, podemos datar das fases que agora tratamos. A distância que separa estas três rochas não permite considerarmos que estamos perante um só sítio. Devemos falar, portanto, de três *loci*, contendo cada um deles um conjunto parietal. São todos atribuídos à fase 2.

O *locus* 1 localiza-se na margem esquerda da ribeira, na zona alta do vale (Figs. 5.63 e 5.64). O conjunto parietal aí existente é constituída por apenas um espaço parietal, correspondente à rocha 3 (descrição e decalque nos anexos). Aí encontramos representação picotada de bovino, orientado para a direita. Na senda de outros investigadores (v.g. Reis, 2011, 107-108), pensamos que esta unidade gráfica corresponde a um bisonte. A ele associam-se trinta e uma unidades gráficas não figurativas incisas (três da chave IX, uma da X, vinte e seis da XI e uma da XIII). À sua volta encontramos outras dez unidades não figurativas (uma da chave IX e nove da XI).

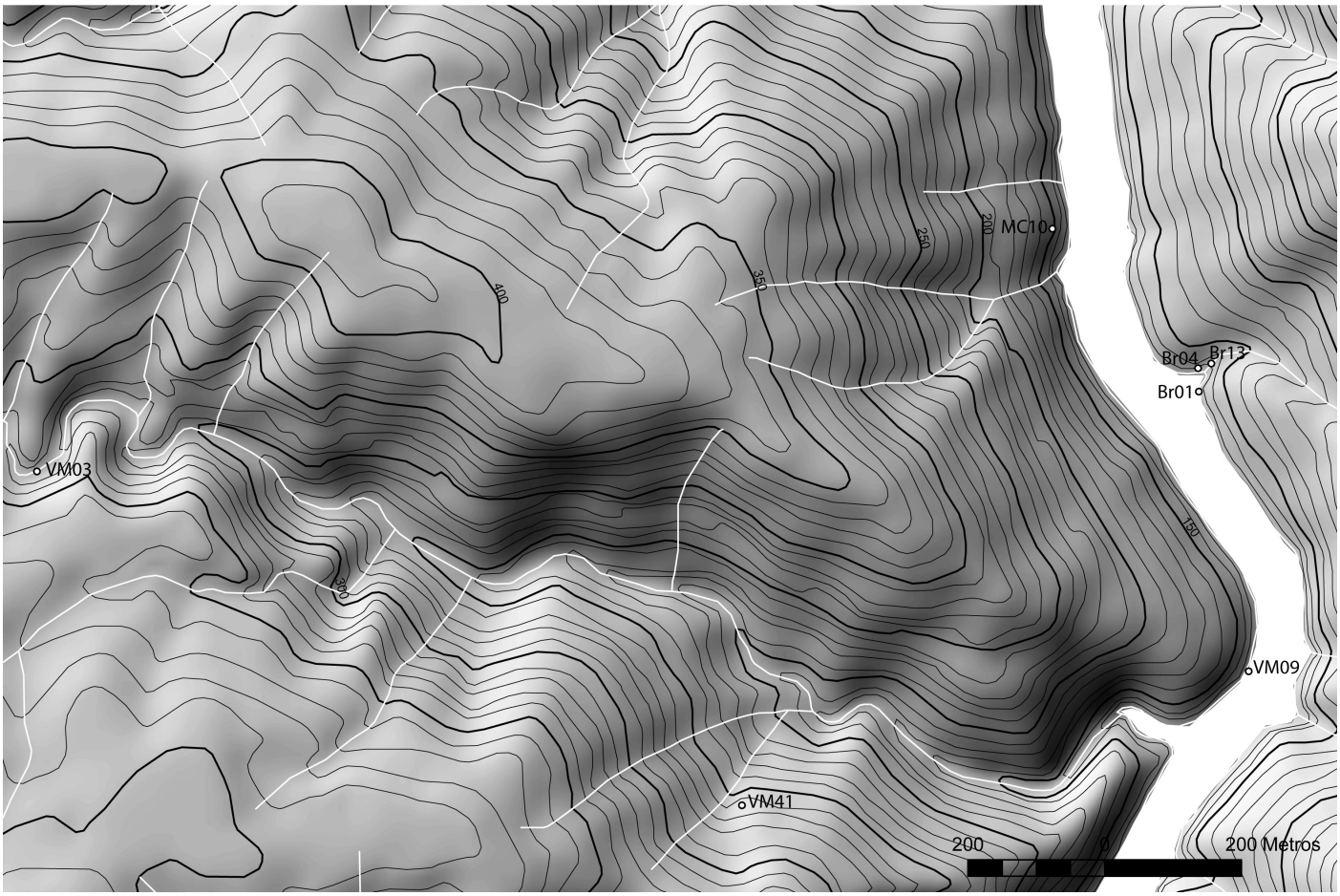


Fig. 5.63: Distribuição das rochas estudadas pelos sítios de Vale de Moinhos, Moinhos de Cima e Broeira. Cartografia da autoria de Luís Luís.



Fig. 5.64: As rochas estudadas de Vale de Moinhos (círculos vermelhos), Broeira (círculos amarelos) e Moinhos de Cima (círculo laranja), vistas de sudeste.

Mais abaixo no vale, mas agora na margem direita do mesmo, alguns metros para sudeste de tributário da ribeira de Moinhos (Figs. 5.63 e 5.64) localiza-se o *locus* 2, onde se encontra o conjunto parietal inventariado como rocha 41, descoberto por Delfina Bazaréu em 2010 (Reis, 2012, 15). Esta rocha não foi alvo de decalque, pelo que apenas nos referiremos à única unidade gráfica figurativa aqui existente, que corresponde à cabeça de um veado inciso orientado para a esquerda (Fig. 5.65).



Fig. 5.65: Detalhe da cabeça de veado da rocha 41 de Vale de Moinhos (decalque sobre fotografia).

O *locus* 3, onde se localiza a rocha 9, localiza-se já sobre o Côa, encontrando-se atualmente muito perto do leito do rio, na extremidade sudeste de esporão, delimitado a sul pela ribeira de Moinhos e a norte por tributário do Côa, já localizado no sítio de Moinhos de Cima (Figs. 5.63 e 5.64). Na rocha definem-se pelo menos três composições compostas por unidades das fases 2 e 4. Apenas nos debruçaremos sobre as que consideramos mais antigas. No painel da esquerda encontramos cavalo picotado orientado para a esquerda (cfr. Baptista e Reis, 2008a, 176, fig. 10). Sensivelmente a meio do espaço parietal observa-se composição composta por dois cavalos incisos orientados para a direita (Fig. 5.66).

Na extremidade direita observa-se veado inciso orientado igualmente para a direita (Fig. 5.67). Esta inventariação é muito provisória. Dada a dimensão dos espaços parietais, seguramente que outras unidades gráficas serão aqui identificadas aquando do estudo aprofundado do mesmo.

5.1.13. Moinhos de Cima

O sítio de Moinhos de Cima situa-se na margem esquerda do Côa, para jusante do anterior. Embora apareça cartografado desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 215), apenas em 1999 é referida a sua existência (Baptista, 1999, 19). O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. Administrativamente, pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa A rocha 10, sobre a qual nos debruçaremos, ocupa as coordenadas geográficas 41º 04' 15,4" N, 7º 06' 30,4" O, à altitude de cerca de 150 m. Atualmente conhecem-se vinte e seis rochas, seis das quais com motivos paleolíticos ou imediatamente posteriores (Reis, 2012, 14). Das seis rochas, apenas a 10 contém grafismos que atribuímos a uma das nossas fases, neste caso da 3.



Fig. 5.66: Detalhe de cavalo inciso da rocha 9 de Vale de Moinhos (decalque sobre fotografia).

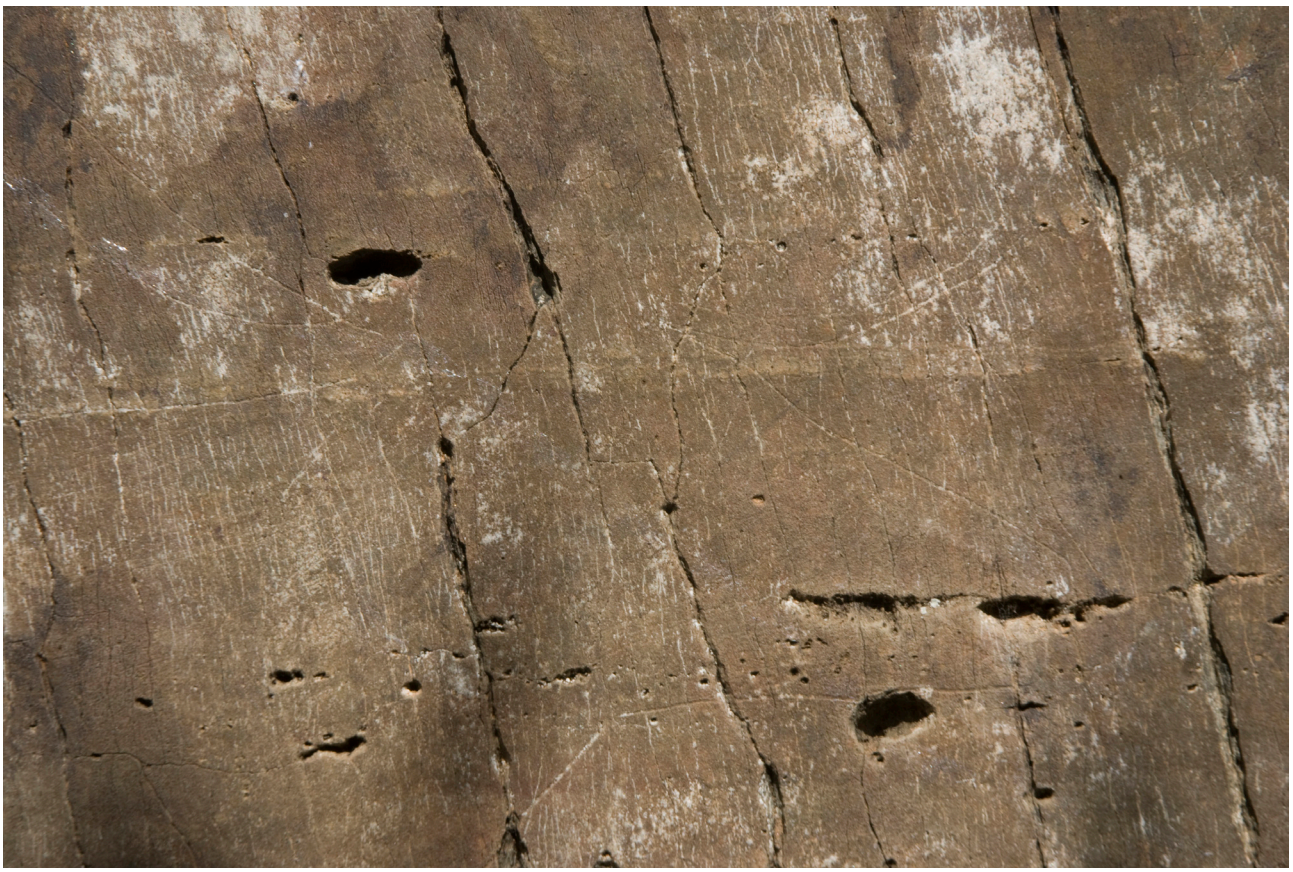


Fig. 5.67: Cabeça de veado inciso, orientado para a direita, da rocha 9 de Vale de Moinhos.

O conjunto parietal em causa, localiza-se em vertente sobre o Côa, a cerca de 70 m para norte de tributário da sua margem direita, a uma cota que podemos considerar elevada relativamente ao leito natural do Côa (Figs. 5.63 e 5.64).

No conjunto parietal identificaram-se um auroque macho (Fig. 5.68) e um possível vareto orientados para a direita, assim como um macho de cabra-montês orientado para a esquerda. Trata-se, muito seguramente, de um número mínimo que o estudo aprofundado da rocha vai permitir aumentar.



Fig. 5.68: Detalhe do auroque da rocha 10 de Moinhos de Cima (decalque sobre fotografia).

5.1.14. Broeira

Localiza-se na margem direita do Côa, em frente da vertente entre a ribeira de Moinhos e o curso de água imediatamente a jusante. O sítio foi descoberto por M. Almeida e J. Félix em 1995, sendo publicado nesse mesmo ano (Rebanda, 1995a, 12; 1995b, 14). Atualmente conhecem-se quinze rochas historiadas, seis delas com unidades gráficas pleistocénicas (Reis, 2012, 17). Destas rochas, interessam-nos três delas, todas atribuídas à fase 2 e localizadas em torno da confluência da ribeira da Broeira com o Côa (Figs. 5.63 e 5.64). O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, ocupando a rocha 1 as coordenadas geográficas 41º 04' 07,4" N, 7º 06' 22,4" O, à altitude de 123 m. Administrativamente pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa.

Na rocha 1, que corresponde ao único conjunto parietal da margem esquerda da ribeira, localizando-se junto à sua foz atual, apenas se observa um espaço parietal. Da fase que nos interessa, isolaram-se dois cavalos profundamente incisos, orientados para a direita.

Na margem oposta encontram-se os dois restantes espaços parietais sobre os quais nos debruçaremos. Um destes corresponde à rocha 4, espaço parietal único localizado a cerca de 10 m para nordeste da foz atual da ribeira. Identifica-se aí, pelo menos, um felino (Fig. 5.69) e um auroque, ambos incisos e orientados para a direita.

A 17 m para leste localiza-se o terceiro conjunto parietal do sítio, composto por um espaço parietal correspondente à rocha 13. Aí identifica-se um cavalo orientado para a direita (Fig. 5.70) e um quadrúpede orientado para a esquerda, ambos incisos.

Porque nenhuma destas rochas foi alvo de decalque este inventário deve ser encarado como provisório.



Fig. 5.69: Rocha 4 da Broeira. Detalhe de felino inciso, orientado para a direita.



Fig. 5.70: Detalhe da rocha 13 da Broeira. Atente-se ao cavalo inciso orientado para a direita.

5.1.15. Quinta das Tulhas

Este sítio encontra-se também na margem direita do Côa, já muito perto da sua confluência com o Côa, a cerca de 500 m para jusante da foz da Broeira. Trata-se de um sítio muito amplo e, como referido por Mário Reis, de difícil individualização relativamente à Broeira (Reis, 2012, 10). O sítio encontra-se publicado desde 1995, sendo então nomeado como Fonte Frieira (Rebanda, 1995a, 3; 1995b, 13). No sítio conhecem-se atualmente 17 rochas historiadas, três delas com figurações paleolíticas (Reis, 2012, 10-11). Como referimos anteriormente, apenas nos debruçaremos sobre a construção simbólica correspondente à rocha 5, dada a conhecer em 2011 (Reis, 2011, 105). Como as restantes rochas do sítio encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar e Portugal, escala 1:25.000, ocupando a rocha 5 as coordenadas geográficas 41º 04' 41,35" N, 7º 6' 17,14" O, à altitude de cerca de 132 m. Administrativamente, pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa.

A rocha 5 corresponde a uma construção simbólica que contém pelo menos dois espaços parietais que se encontram lado a lado, encontrando-se as unidades gráficas que nos interessam todas no da direita. Se hoje a rocha se encontra muito próxima do rio (Figs. 5.71 e 5.72), tal deve-se à albufeira do Pocinho. Se tivermos em conta o leito original, a rocha encontra-se bastante afastada deste. Nenhum dos espaços parietais deste conjunto foi ainda alvo de decalque, pelo que a nossa discriminação de unidades gráficas é forçosamente provisória e apenas referente às figurativas. Assim, contabilizámos um cavalo e cinco veados (Fig. 5.73), todos incisos e orientados para a esquerda.

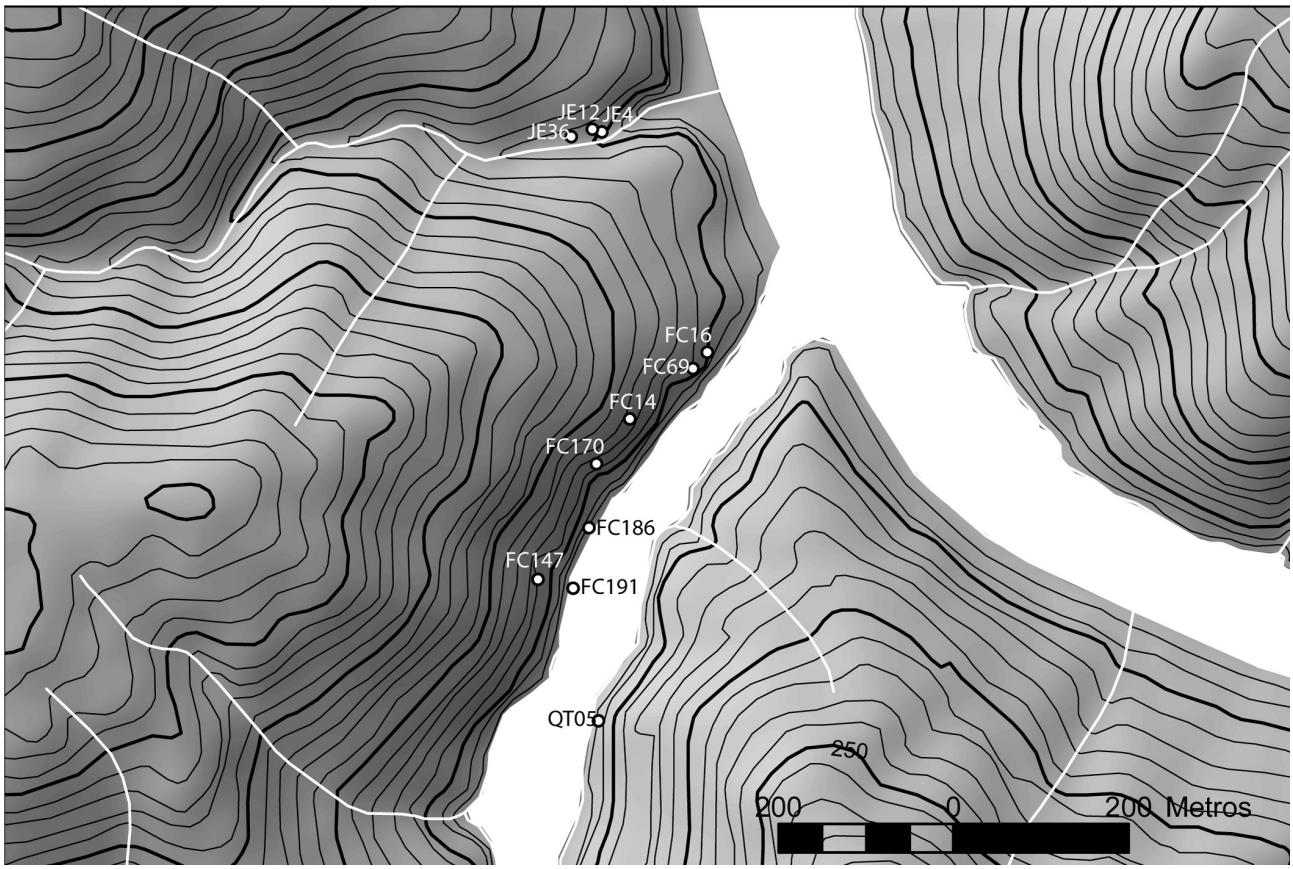


Fig. 5.71: Distribuição das rochas estudadas dos sítios da Quinta das Tulhas, Foz do Côa e Vale de José Esteves. Cartografia de Luís Luís.

5.1.16. Foz do Côa

O sítio localiza-se na margem esquerda do Côa, imediatamente em frente da Quinta das Tulhas. Corresponde à vertente oriental do interflúvio formado pelo vale de José Esteves a oeste, o Côa a este, e o Douro a norte. Encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, pertencendo à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Atualmente conhecem-se 195 superfícies historiadas, considerando Mário Reis a existência de grafismos do Paleolítico superior em 99 delas (Reis, 2014, 31). O sítio é conhecido desde o início dos anos 80, quando se identificaram as primeiras rochas com figurações históricas (Baptista, 1983, 79, nota 2). Em 1995 aparece nos inventários publicados

como contendo gravuras da Idade do Ferro (Rebanda, 1995a, 3; 1995b, 13). A primeira referência à arte paleolítica do sítio surge apenas em 2001, (Baptista, 2001, 238), sendo neste texto apenas referida uma rocha, descoberta entretanto por João Félix e Manuel Almeida (Baptista & Reis, 2008b, 64). Só a partir de 2008 começaram a ser publicados os primeiros textos que dão uma ideia do número de espaços parietais do sítio (Baptista & Reis, 2008a, 173; 2008b).



Fig. 5.72: Localização da rocha 5 da Quinta das Tulhas (vista aproximada de noroeste).

Das noventa e nove rochas que M. Reis considera de cronologia paleolítica, apenas sete contêm grafismos que podem ser atribuídos com alguma segurança às nossas fases 2 e/ ou 3. São elas as rochas 14, 16, 69, 147, 170, 186 e 191. Como se pode verificar, não consideramos fazerem parte deste conjunto as rochas 20, 92, 143 e 157, referidas por Mário Reis como contendo grafismos que datariam do Magdalenense (Reis, 2014, 37). No caso da rocha 20, pensamos que o cavalo aí gravado não pode com clareza ser atribuído a alguma das nossas fases. A relação que se estabelece entre a sua cabeça e bordo cérvico-dorsal é, por outro lado, muito semelhante a equídeos que a nossa análise estatística integra na classe 4 (**Pn10-12** ou **Pn10-14**). Quanto aos grafismos da rocha 92, pensamos ocorrerem aí unidades gráficas claramente azilenses (as que apresentam o interior preenchido com incisões) e outras cuja forma e volumetria dos corpos, a par da microcefalia evidente, remetem para paralelos mais tardios (v.g. Soria & López, 1999, 165-174). A posteridade deste tipo de figuras relativamente às azilenses encontra-se aliás, perfeitamente corroborada pelas sobreposições que se verificam na rocha[149] e é, aliás, reconhecida pelo próprio Mário Reis (2011, 110-113; 2014, 50). A referência de Mário Reis a figuras magdalenenses na rocha 92 deve ser, pois, entendida como um lapso. Não integramos na nossa análise a rocha 143 porque, como refere Mário Reis, a possível figura aí existente é difícil de avaliar no seu conjunto, sendo a sua real identificação como quadrúpede incerta (Reis, 2014, 38, nota 14). A rocha 157 é um caso muito particular. De facto, identifica-se aí uma série de traços que sugerem a existência de um grande auroque inciso orientado para a esquerda. Estes traços conformariam um corno, parte dos bordos traqueal e ventral da cabeça, parte do fronto-nasal e parte do cérvico-dorsal. Contudo, se juntarmos as diferentes partes (cujas ligações não são evidentes), verificamos que a figura que daí resulta se afasta grandemente da dos bovinos que classificamos como das fases que tratamos neste trabalho (Fig. 5.74).

149 Visível, por exemplo, em fotografia publicada no sitio do Museu e Parque Arqueológico do Côa. Consultar sítio e foto respetiva em http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gravuras&SubPage=ArteRupestre&Sitio=12. Trata-se da segunda foto da rocha que aparece no respetivo portfólio.



Fig. 5.73: Detalhe da rocha 5 da Quinta das Tulhas (decalque sobre fotografia).



Fig. 5.74: Rocha 157 da Foz do Côa (decalque sobre fotografia).

Relembre-se ainda que da Foz do Côa provêm também dois blocos com grafismos paleolíticos, sendo que pelo menos um destes, onde se gravou cavalo inciso orientado para a esquerda, datará da fase 2 ou 3. Segundo Mário Reis (informação pessoal), a curta distância entre o local onde se encontrava este bloco e a rocha 16 (onde aparecem outros cavalos) sugere que é desta última que terá sido removido aquele bloco.

As rochas que abordaremos correspondem cada uma delas a um conjunto parietal autónomo, distribuindo-se, de montante para jusante, a intervalos mais ou menos regulares até às duas últimas (rochas 69 e 16), que não se distanciam muito entre si (Figs. 5.71 e 5.75). Localizam-se todas na metade mais baixa da encosta entre os cerca de 118 m da rocha 191 e os cerca de 175 da rocha 14. A rocha 170, que ocupa uma posição algo central, encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 04' 49,2" N 7º 06' 23,2" O. Que a rocha 191 se encontre submersa pela albufeira do Pocinho é bem ilustrativo do facto de só estarmos perante o topo de um dispositivo parietal cuja maioria das construções simbólicas se deve encontrar debaixo de água, se não mesmo sedimentada.



Fig. 5.75: Localização das rochas estudadas da Foz do Côa (vista aproximada de leste).

Nenhum dos conjuntos parietais a que nos vamos referir foi alvo de decalque, pelo que mais uma vez, as nossas observações devem ser tidas como provisórias. Antes que esse trabalho seja efetivado, sairá seguramente a lume o inventário fotográfico de todas as unidades gráficas — figurativas e não figurativas de morfologia mais complexa — que o nosso colega e amigo Mário Reis tem vindo a realizar sobre o sítio, e que constituirá seguramente importante referência para o estudo do sítio que agora tratamos. Feitas estas ressalvas, passemos à descriminação das unidades gráficas figurativas pelos espaços parietais do sítio atualmente conhecido como Foz Do Côa.

A rocha 147 localiza-se para montante, a cerca de 500 m para su-sudeste da confluência do Côa com o Douro (Figs. 5.72 e 5.75). Nela apenas se encontra um espaço parietal onde se identificam, pelo menos, dois cavalos orientados para a esquerda e dois veados orientados em direções opostas. Todas as figuras são definidas por incisão, nas modalidades do contorno simples (os dois veados e um cavalo) e múltiplo (o cavalo remanescente) (Fig. 5.76).

Uns metros para jusante e a cota bastante mais baixa localiza-se a rocha 191 (Figs. 5.71 e 5.75), onde num espaço parietal se observa dois veados incisos definidos por contorno simples e orientados para a esquerda (Reis, 2012, 9-10; informação pessoal).

Para jusante, a uma cota algo mais alta, localiza-se a rocha 186 (Figs. 5.71 e 5.75). Nela apenas se identifica um espaço parietal onde se definem por incisão uma cerva e possível veado, ambos orientados para a esquerda (Fig. 5.77).

O conjunto parietal seguinte encontra-se a cerca de 75 m para nor-nordeste, a uma cota bastante mais elevada (Figs. 5.71 e 5.76). Trata-se da rocha 170, espaço parietal único onde se observa um conjunto de, pelo menos, quatro cavalos incisos orientados para a direita (Fig. 5.78).

A cerca de 60 m para nordeste localiza-se o conjunto parietal correspondente à rocha 14. Nela identificam-se unidades gráficas das fases 2 e/ ou 3 e ainda da 4. As figurações mais antigas distribuem-se por, pelo menos, sete espaços

parietais (Fig. 5.79). No espaço parietal A observa-se quatro auroques seguros e um possível, todos orientados para a direita e definidos por incisão simples e múltipla. Destes, dois interpretamos como machos devido à configuração do bordo cérvico-dorsal. No espaço parietal B observa-se dois auroques, também orientados para a direita, e gravados com as mesmas técnicas que foram empregues para a execução dos referidos anteriormente (Fig. 5.80). Um destes aparenta ser macho. No espaço parietal C observa-se um macho de cabra-montês orientado para a esquerda e um quadrúpede para a direita, ambos gravados mediante a modalidade simples da incisão. No espaço parietal D observa-se uma fêmea de cabra-montês e um auroque macho orientados para a direita e definidos por incisão simples. Nos dois últimos espaços parietais referidos observa-se uma grande quantidade de unidades gráficas não figurativas, destacando-se as da chave XIIIa, chave essa que carateriza uma grande parte dos espaços E, F e G, onde não se isolou qualquer animal.



Fig. 5.76: Detalhe da rocha 147 da Foz do Côa. Destaca-se cavalo definido por incisão múltipla, orientado para a esquerda e veado definido por incisão simples, orientado para a direita.

O conjunto parietal correspondente à rocha 69 encontra-se a cerca de 90 metros para nordeste, sendo composta por dois espaços parietais (Fig. 5.81). No primeiro, localizado à esquerda, isolaram-se um auroque macho e quatro veados, todos orientados para a esquerda e executados por incisão. No da direita identificou-se cavalo orientado para a esquerda e possível cerva para a direita, todos igualmente conseguidos por incisão (Fig. 5.82).

O derradeiro conjunto parietal, correspondente à rocha 16, localiza-se a 25 m para nordeste, já a poucos metros da confluência do Côa com o Douro, dele se observando já muito bem os dois cursos de água. Trata-se de um amplo paredão profusamente gravado com grafismos de diversos períodos, desde o Paleolítico ao século XX. Das fases que nos interessam, deve-se destacar alguns grafismos que podem ser atribuídos à nossa fase 2 ou à 3. Estes distribuem-se por, pelo menos quatro espaços parietais. O primeiro destes localiza-se à esquerda, nele se tendo identificado apenas um quadrúpede inciso indeterminado, orientado para a direita e inclinado na vertical para cima. No espaço parietal B, localizado mais para a direita, observa-se um veado, um vareto e um quadrúpede, todos incisos, encontrando-se o primeiro orientado para a direita e os restantes para a esquerda. Nos espaços parietais C e D, localizados na extremidade direita da rocha, observa-se em cada um deles um cavalo inciso, destacando-se ambos por disporem da representação do M ventral (Fig. 5.83). Se, de facto, o bloco solto A provem da mesma rocha, ele poderá ser considerado como espaço parietal E, também caraterizado pela presença de um cavalo inciso orientado para a esquerda.

O sítio da Foz do Côa encontra-se ainda numa fase incipiente de estudo e, como se disse, apenas devemos dispor da extremidade superior do seu dispositivo parietal, razão pela qual não é possível tecer grandes considerações sobre a arquitetura parietal do sítio. Relativamente aos temas identificados e à sua distribuição (Tab. 5.48) podem, no entanto, tecer-se algumas considerações.



Fig. 5.77: Rocha 186 da Foz do Côa. Detalhe das cabeças de dois cervídeos incisos, orientados para a esquerda.



Fig. 5.78: Cabeças de cavalos orientados para a direita da rocha 170 da Foz do Côa.



Fig. 5.79: Disposição dos diferentes espaços parietais da rocha 14 da Foz do Côa.



Fig. 5.80: Detalhe da cabeça de um dos auroques da rocha 14 da Foz do Côa.



Fig. 5.81: Rocha 69 da Foz do Côa.



Fig. 5.82: Cabeça do cavalo orientado para a esquerda da rocha 69 da Foz do Côa.



Fig. 5.83: Cavalo com M ventral da rocha 16 da Foz do Côa.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	Ind.	TOTAL
FC147	0	0	0	0	2	0	2	0	4
FC191	0	0	0	0	0	0	2	0	2
FC186	0	0	0	0	0	1	1	0	2
FC170	0	0	0	0	4	0	0	0	4
FC14A	2	3	0	0	0	0	0	0	5
FC14B	1	1	0	0	0	0	0	0	2
FC14C	0	0	1	0	0	0	0	1	2
FC14D	1	0	0	1	0	0	0	0	2
FC69A	0	1	0	0	0	0	4	0	5
FC69B	0	0	0	0	1	0	1	0	2
FC16A	0	0	0	0	0	0	0	1	1
FC16B	0	0	0	0	0	0	2	1	3
FC16C	0	0	0	0	1	0	0	0	1
FC16D	0	0	0	0	1	0	0	0	1
FC16E	0	0	0	0	1	0	0	0	1
TOTAL	**4**	**5**	**1**	**1**	**10**	**1**	**12**	**3**	**37**

Tab. 5.48: Distribuição das unidades gráficas figurativas da fase 2 pelo sítio da Foz do Côa.

Verifica-se um grande equilíbrio entre o número de veados (12), cavalos (10) e auroques (9), encontrando-se as cabras-monteses muito atrás, com apenas uma representação de macho e outra de fêmea. Veados, cavalos e auroques surgem em composições monotemáticas (191 no caso de veados, 170, 16C, 16D e 16E no caso de cavalos; 14B e eventualmente 14A, no caso de auroques), se bem que, se não tivermos em conta distinções de género, os veados também apareçam em exclusivo na construção simbólica 186. Auroques e cavalos nunca compartem o mesmo espaço parietal, podendo aparecer, contudo, no mesmo conjunto parietal (69). Os veados ocorrem em todos os conjuntos exceto no correspondente à rocha 14, que, por outro lado, é o único onde ocorrem cabras-monteses. Se tivermos em conta os conjuntos parietais apenas veados (rocha 191) e cavalos (rocha 170) aparecem em composições monotemáticas.

Relativamente às unidades gráficas não figurativas, destaque-se a rocha 14 pela profusão de unidades e pela variedade de chaves, pese embora se perceba a importância da chave XIIIa nos seus espaços parietais.

5.1.17. Canada da Moreira

Trata-se do único sítio com grafismos de uma das fases sobre as quais nos debruçamos — neste caso, da 3 — localizado na margem esquerda do Douro, para montante da foz do Côa. Corresponde a um pequeno vale por onde corre tributário da margem esquerda da ribeira do Picão (Fig. 5.84), ribeira essa que vai confluir com o Douro a cerca de 2 km para és-sudeste da foz do Côa.

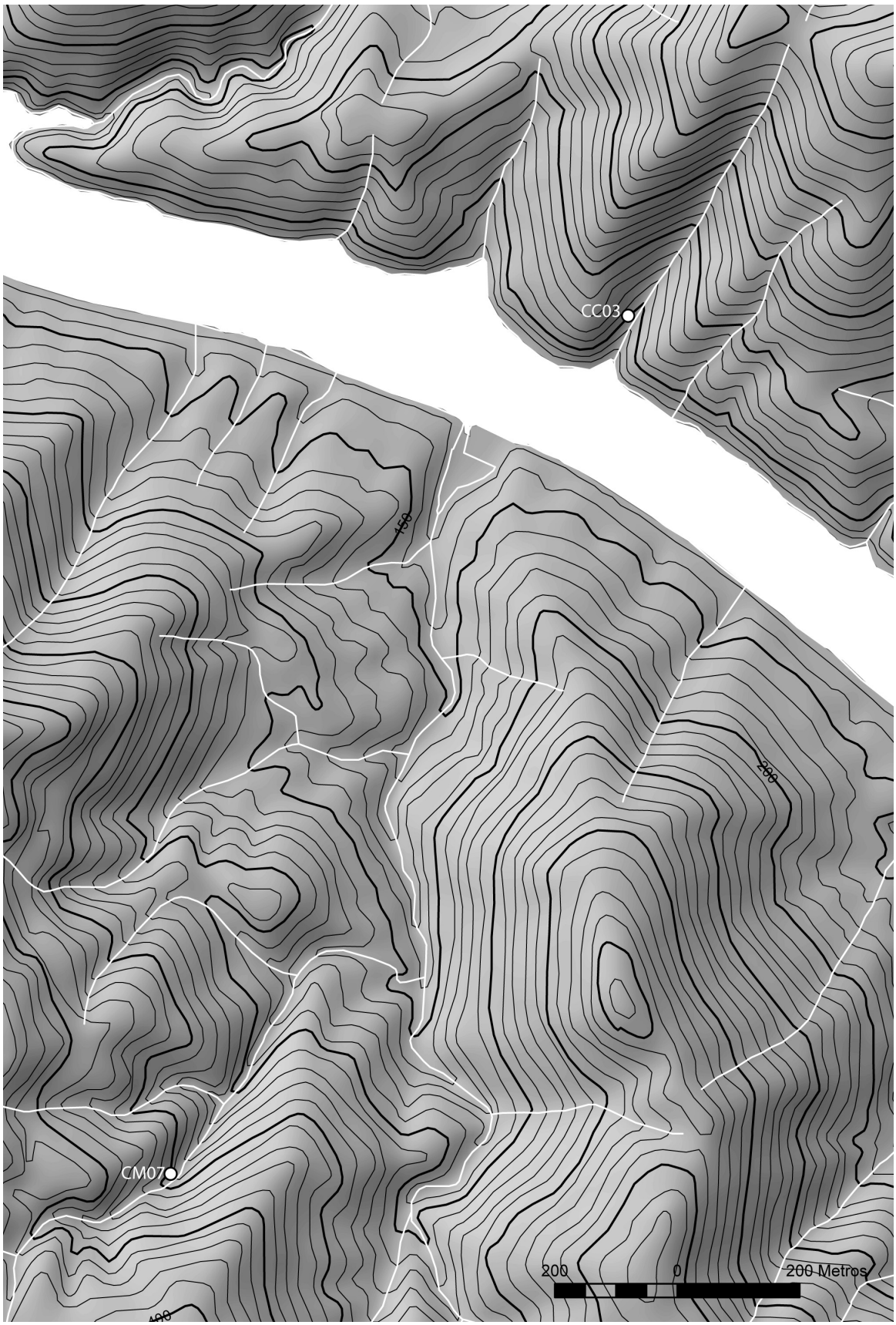


Fig. 5.84: As rochas analisadas da Canada da Moreira e da Canada das Corraliças.

Administrativamente, pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Foz Côa. O sítio aparece referido nas listagens de estações do Côa desde 1999 (Baptista, 1999, 19), mas as primeiras referências textuais sobre o mesmo só são publicadas dois anos mais tarde, referindo-se então a existência de duas rochas com cervídeos definidos por contorno simples e múltiplo (Baptista & García, 2002, 193), entretanto identificadas por equipa constituída por Marcos García, Manuel Almeida, João Félix e Fernando Barbosa. Atualmente, conhecem-se trinta e cinco rochas historiadas, considerando Mário Reis a existência de quatro com grafismos paleolíticos (Reis, 2013, 30-32). A única rocha sobre a qual nos debruçaremos — a rocha 7 — encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, nas coordenadas geográficas 41º 03' 45,4" N, 7º 05' 20,6" O, à altitude de cerca de 300m.

Implanta-se no na base da vertente sudeste de pequeno relevo delimitado desse lado pela Canada da Moreira e a nordeste e noroeste por pequeno tributário daquela (Figs. 5.84 e 5.85). Refira-se que esta rocha se encontra em sítio de horizontes apertados, sem que se aviste sequer o Douro, pese embora este se encontre relativamente perto.

A rocha em questão dispõe de grafismos posteriores à nossa fase 3, designadamente da Idade do Ferro. Atendo-nos exclusivamente aos primeiros, podemos caraterizar esta rocha como uma construção simbólica composta por dois espaços parietais (descrição e decalque respetivo nos anexos). No primeiro destes, localizado à esquerda, apenas se observa cabeça de auroque incisa, orientada para a direita. A ela associam-se alguns traços, mas parecem relacionar-se com os grafismos sidéricos que também se encontram nesta zona da superfície.

No segundo espaço parietal observa-se dois auroques orientados para a esquerda e duas fêmeas de cabra-montês, orientadas para a direita, sendo ambas as figuras delimitadas por contorno simples e múltiplo. Isolaram-se ainda trinta e quatro unidades não figurativas incisas. A maior parte (19) não se associa diretamente a qualquer animal (duas da IX, treze da XI e quatro da XIII). Doze unidades associam-se diretamente a auroques (uma da chave VII, uma da IX e dez da XI). Duas unidades das chaves III e XI associam-se a auroque e cabra-montês fêmea. A este último tema associa-se ainda uma unidade da chave XI.



Fig. 5.85: Localização da rocha 7 da Canada da Moreira no seu contexto paisagístico (vista de nordeste).

5.1.18. Vale de José Esteves

O Vale de José Esteves delimita por nor-noroeste a colina por onde, nas suas vertentes sudeste e nordeste, se distribuem as rochas da estação da Foz do Côa. Por ele corre tributário da margem esquerda do Douro, ao longo de um percurso algo meândrico que se desenvolve numa direção *grosso modo* este-oeste. Administrativamente pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. O sítio é descoberto por Manuel Almeida e João Félix em 1994, surgindo as primeiras referências ao mesmo em 1995 (Rebanda, 1995a, 8; 1995b, 12). É alvo de uma pequena descrição em 2002, quando são referidas já cinco rochas paleolíticas (Baptista & García, 2002, 192). Atualmente encontram-se inventariadas sessenta e sete superfícies historiadas, trinta e quatro delas com unidades gráficas atribuíveis ao Paleolítico superior (Reis, 2013, 28). Destas, apenas três têm os seus decalques publicados: a rocha 4 (Santos, 2015b, 24), a rocha 13 (Baptista, 2012, 321) e a rocha 16 (Baptista, 2008a, 22-31; 2009, 108-129).

Das trinta e quatro rochas com grafismos atribuídos por Mário Reis ao Paleolítico apenas em três delas observámos unidades gráficas passíveis de serem atribuídas a tempos pré-azilenses. Referimo-nos às rochas 4, 12 e 36. Existem outras rochas no sítio que exigem que expliquemos a sua não inclusão neste apartado. Uma delas é a rocha 34 (Reis, 2013, 20) onde se identifica uma ave orientada para a esquerda e um quadrúpede orientado para a direita, ambos incisos e definidos por contorno simples. O quadrúpede seria a única unidade gráfica que poderia dar-nos alguma indicação sobre a cronologia do sítio. Infelizmente, este apresenta uma forma demasiado simples, não destoando a sua inserção em qualquer uma das nossas fases. Este aspeto e o facto da rocha se encontrar a uma certa distância das que analisaremos neste ponto (que, como veremos, se localizam todas no mesmo sector do vale) estão assim na origem da não inclusão da rocha 34 nesta análise. Na rocha 46 encontramos um cavalo inciso delimitado por contorno simples, orientado para a direita. A utilização do contorno simples poderia sugerir uma cronologia mais antiga que o Azilense, mas a forma pesada e geometrizada do animal (particularmente da sua cabeça) integra-se perfeitamente nos cânones da classe 4 de equídeos. Outras rochas, como a 14 ou a 45, apresentam uma intensa colonização liquénica, o que não permite avaliar com rigor os grafismos que aí se encontram.

As rochas que estudaremos encontram-se na vertente ocidental do vale, na sua zona terminal, mas a uma distância ainda considerável da confluência do seu curso de água com o Douro (Figs. 5.71 e 5.86). Estas rochas encontram-se cartografadas na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. A rocha 12 que ocupa uma posição central no conjunto das três que estudaremos encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 05' 01,3" N, 7º 06' 23,6" O, à altitude de cerca de 155 m.

A rocha 36 corresponde a conjunto parietal autónomo, aí se distinguindo pelo menos dois espaços parietais, um sobre o outro. No de baixo parece distinguir-se bordo cérvico-dorsal, inciso, de auroque orientado para a direita, e no de cima isola-se macho de cabra-montês inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (Fig. 5.87).

O segundo conjunto parietal, correspondente à rocha 12, encontra-se a cerca de 25 m para leste (Figs. 5.71 e 5.86), nela se identificando apenas um espaço parietal dominado por cervídeo inciso orientado para a direita (Fig. 5.88).

O conjunto parietal correspondente à rocha 4 localiza-se a 11 m para sudeste (Figs. 5.71 e 5.86). Identificam-se, pelo menos, cinco espaços parietais (Fig. 5.89), encontrando-se dois destes — o C e o D — já estudados (descrição e decalques respetivos nos anexos). No espaço parietal A apenas se descobrem unidades gráficas não figurativas incisas. No espaço B observa-se, pelo menos dois cervídeos — um macho e uma fêmea — incisos e orientados para a direita.

No espaço parietal C identificou-se um vareto, um quadrúpede, um macho e uma fêmea de cabra-montês orientados para a esquerda, e uma cerva e um cavalo orientados para a direita. Foram todos conseguidos por incisão, simples e múltipla. Para além disso, isolaram-se oitenta e nove unidades gráficas não figurativas. Algumas destas podem estar associadas ao peixe, já paralelizável com as figurações do Azilense. Contudo, se ignorarmos todas as unidades gráficas que também se associam àquele animal, não descriminaríamos aqui qualquer uma. Como estas unidades parecem formar composição semelhante à que se encontra no espaço parietal D, onde não se identificou com clareza grafismos do Azilense, optámos por considerar que todo o repertório não figurativo se encontra associado ao dispositivo magdalenense. Exclusivamente à cerva, associam-se vinte e sete unidades (uma da chave VII, sete da IX, uma da X, dezasseis da XI e uma da XIII). A

macho e fêmea de cabra-montês, cavalo, cerva e veado associa-se uma da chave VIII. A macho de cabra-montês, cerva, veado e quadrúpede associam-se duas da chave XI e XI. A cerva, veado e quadrúpede associam-se uma da chave IX e duas da XI. A macho de cabra-montês e cerva associam-se três da chave XI. Aos dois temas anteriores e a quadrúpede associam-se uma da chave VII e uma da XI. A fêmea de cabra-montês e cerva associam-se duas da chave XI. A veado associam-se duas da chave X. A veado e macho de cabra-montês associam-se dez unidades (duas da chave IX, sete da XI e uma da XIII). A veado e quadrúpede indeterminado associam-se uma unidade da chave VII e uma da XI. A macho de cabra-montês associam-se quatro unidades (uma da chave IX, duas da XI e uma da XIII). A fêmea de cabra-montês associam-se dez unidades (quatro da IX e seis da XI. A cavalo associam-se cinco unidades da chave XI. A quadrúpede indeterminado associam-se uma unidade da chave IX e uma da XI. Não se associam diretamente a nenhum tema animal catorze unidades (uma da chave VII, duas da, uma da X e dez da XI).



Fig. 5.86: Localização das rochas estudadas da margem esquerda do Vale de José Esteves (vista de oeste). Da esquerda para a direita: rocha 36; rocha 12 e rocha 4.

No espaço parietal C observa-se um auroque e um cavalo orientados para a direita e um macho de cabra-montês e uma cerva orientados para a esquerda, todos incisos. Isolaram-se ainda oitenta e seis unidades gráficas não figurativas. Mais de metade (45) não se associa a nenhum animal (duas da chave II, três da VII, duas da IX, uma da X, trinta e quatro da XI e três da XIII). A cavalo associam-se catorze unidades gráficas (uma da chave II, três da IX, uma da X e nove da XI). A cerva associam-se dez unidades (uma da chave II, quatro da IX, uma da X e três da XI). A macho de cabra-montês associam-se sete unidades (uma da chave VII, uma da IXa e quatro da XI). A auroque associam-se três unidades da chave XI. A auroque e cabra-montês macho associam-se quatro unidades (uma da chave VIII e três da XI). Aos dois anteriores e ainda a cerva associa-se uma unidade da chave VIII, associando-se outras duas desta chave simultaneamente a todos os animais do espaço parietal. No espaço parietal D conseguiu-se identificar um cavalo inciso orientado para a direita.

A rocha 4 é a mais complexa do dispositivo parietal estudado, aqui aparecendo todos os animais presentes na estação, sendo a única onde ocorrem cavalos. É também o único conjunto parietal onde um só espaço parietal é partilhado por várias espécies — casos dos espaços parietais 4C e 4D. O veado é a espécie mais representada do conjunto, só não ocorrendo na rocha 36. Resulta também interessante verificar que poderão existir tantas representações de cervas como

de veados, podendo estas serem mesmo mais (no caso do cervídeo da rocha 12 ser identificado como tal). Na rocha 4, ela só não aparece nos espaços parietais A e E.

Relativamente às unidades não figurativas, pouco se pode destacar, para além da evidente importância da chave VIII na rocha 4.



Fig. 5.87: Cabeça do macho de cabra-montês da rocha 36 do Vale de José Esteves (decalque sobre foto).



Fig. 5.88: Cervídeo da rocha 12 do Vale de José Esteves (decalque sobre foto).



Fig. 5.89: Rocha 4 do Vale de José Esteves. Montagem com decalques.

5.1.19. Vermelhosa

Localiza-se no vale por onde corre tributário da margem esquerda do Douro imediatamente para jusante do Vale de José Esteves, encontrando-se a foz daquele a cerca de 260 m para jusante da deste. Trata-se de um vale que se desenvolve no sentido noroeste-sudeste, infletindo ligeiramente no seu troço terminal para este-oeste, tornando-se mais íngreme nesta zona. Administrativamente, o sítio pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Foi descoberto por João Félix e Manuel Almeida em 1995, sendo referido pela primeira vez na bibliografia em 1996 (Arcà, 1996), tendo as sobreposições envolvendo guerreiro e macho de cabra-montês azilense sido instrumentais para argumentar uma idade paleolítica para uma grande parte das gravuras da região (v.g. Zilhão, 1997a, 16). Atualmente conhecem-se vinte e quatro rochas historiadas no sítio, doze das quais com grafias atribuíveis ao Paleolítico superior (Reis, 2013, 22-23). Destas, apenas uma — a rocha 2 (Baptista, 1999b, 141-142) — dispõe de figurações que podemos integrar na nossa fase 2.

A rocha 2 corresponde a construção simbólica com, pelo menos, dois espaços parietais integráveis na nossa fase 2. Localiza-se na margem esquerda do vale, na sua zona terminal, a uma altitude (c. de 162 m) considerável relativamente ao sopé da vertente onde se encontra (Figs. 5.90 e 5.91). Encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 05' 11,9" N, 7º 06' 24,5" O.

Pelos seus espaços parietais descobrem-se quatro cabras-monteses machos incisos, orientados para a esquerda. Um destes encontra-se num espaço parietal e os restantes num outro (Fig. 5.92). Mais uma vez frisamos o facto da rocha ainda não se encontrar decalcada, razão pela qual este número dever ser entendido como provisório.

5.1.20. Vale de Cabrões

Por este vale corre tributário da margem esquerda do Douro, que desagua neste a cerca de 1 km para jusante da foz da ribeira da Vermelhosa. O curso de água que corre por Vale de Cabrões nasce à cota dos 400 m, começando por desenvolver um percurso norte—sul, infletindo progressivamente para noroeste—sudeste, oés-sudoeste—és-nordeste e sudoeste—nordeste. É a partir deste ponto que o vale se torna profundamente encaixado, começando aqui a zona

conhecida localmente como Vale de Cabrões. O vale infletirá uma última vez para oeste—este, antes de se encontrar com o Douro. Em termos de inventário, as rochas que bordejam o troço de vale com a direção oés-sudoeste—és-nordeste foram ainda integradas em Vale de Cabrões, pese embora o sítio seja localmente conhecido como Rolento. Já a zona mais a montante deste curso de água foi inventariada como Tudão (cfr. Fig. 5.90).

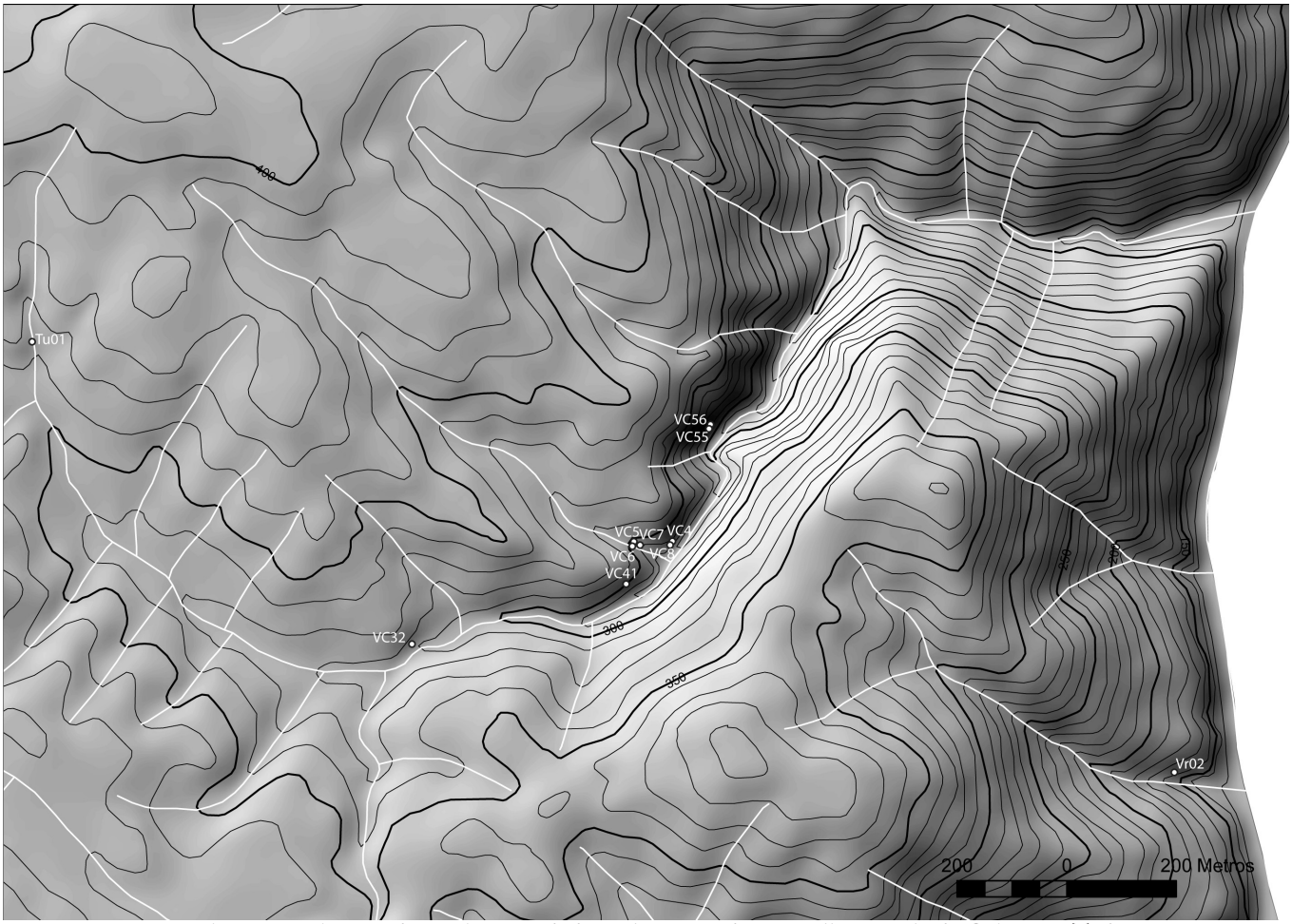


Fig. 5.90: Distribuição das rochas estudadas pelos sítios de Vermelhosa, Vale de Cabrões e Tudão.



Fig. 5.91: Localização da rocha 2 da Vermelhosa no seu contexto paisagístico (vista de és-sudeste).



Fig. 5.92: Rocha 2 da Vermelhosa (decalque sobre foto).

Administrativamente pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. A rocha 5, que ocupa uma posição central no conjunto do dispositivo parietal que estudaremos encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 05' 25,2" N; 7º 07' 07" O.

O sítio terá sido identificado por José Constâncio em Fevereiro de 1995, tendo sido publicado nesse mesmo ano, sendo então apenas referidas rochas com grafismos sidéricos e epipaleolíticos (Rebanda, 1995a, 8; 1995b, 12). As primeiras evidências pleistocénicas foram identificadas por João Félix e Manuel Almeida ainda em 1995, mas apenas referidas em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 214-215). Em 1999 são dados a conhecer alguns desses grafismos (Baptista, 1999b, 130-139). Os decalques das rochas 4 e 5 são publicados em 2009 (Baptista, 2009a, 162, 166) e os das 7 e 32 em 2012 (Santos, 2012, 58, 60).

Atualmente conhecem-se sessenta e uma rochas no sítio, vinte e seis das quais com grafismos atribuídos, pelo seu

estilo, ao Paleolítico superior (Reis, 2013, 16-20). Destas, apenas nove podem, com alguma segurança, ser atribuídas a uma das fases sobre as quais nos debruçamos, distribuindo-se por três *loci* que passaremos a descrever sucintamente.

O *locus* localizado mais a montante (*locus* 1) corresponde ao grupo de rochas que se localizam no troço de vale com a direção oés-sudoeste—és-nordeste. Aí encontra-se apenas um conjunto parietal que atribuímos à nossa fase 3. Trata-se da rocha 32, onde se distinguem quatro espaços parietais (descrição e decalque nos anexos). Trata-se de painéis verticais protegidos por uma pequena pala. O espaço parietal localizado mais à esquerda é dominado por imponente macho de auroque, conseguido por incisão. A ele associam-se trinta e seis das setenta e cinco unidades gráficas não figurativas destes espaço parietal (uma da chave III, uma da VII, uma da VIII, nove da IX, vinte e duas da XI e duas da XIII). As unidades restantes correspondem a quatro da chave IX, trinta e três da XI e duas da XIII.

No espaço parietal seguinte identifica-se um quadrúpede indeterminado orientado para a esquerda e quarenta e uma unidades não figurativas, sendo todo o dispositivo conseguido por incisão. Catorze das unidades associam-se ao quadrúpede (seis da chave IX e oito da XI). As restantes correspondem a uma da chave II, uma da VII, uma da IX e vinte e quatro da XI.

No terceiro espaço parietal observa-se dois machos de cabra-montês orientados para a esquerda e vinte unidades gráficas não figurativas, todas incisas. Três delas (das chaves III, XI e XI), associam-se aos animais, encontrando-se as restantes (uma da chave III, uma da V, uma da IX e catorze da XI) isoladas.

O quarto espaço parietal é composto por apenas vinte e cinco unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão (duas da chave IX, uma da X e vinte e duas da XI).

O segundo *locus* encontra-se na zona onde o vale começa a desenvolver-se no sentido sudoeste-nordeste, estruturando-se em torno da confluência de um tributário da ribeira de Cabrões com este curso de água (Figs. 5.90 e 5.93). Identificam-se, pelo menos, três conjuntos parietais que atribuímos à nossa fase 2.



Fig. 5.93: O *locus* 2 de Vale de Cabrões visto de sudeste.

Para montante daquela confluência encontramos o conjunto correspondente à rocha 41, onde apenas se identificou um espaço parietal com figuração incisa de possível veado orientado para a esquerda (Fig. 5.94). Mário Reis interpreta esta figura como um auroque (Reis, 2013, 19). Pensamos, no entanto, que tanto a curvatura suave do bordo cérvico-dorsal, quer a cauda obrigam à identificação temática por nós proposta. Se definimos também o sexo do animal, tal deve-se à possibilidade de alguns traços existentes acima e para a esquerda do animal poderem corresponder a parte das hastes do animal.

O segundo conjunto encontra-se para nor-noroeste, já na margem esquerda do tributário da ribeira de Cabrões, nela se isolando pelo menos três espaços parietais, correspondentes às rochas 5, 6 e 7 (Figs. 5.90 e 5.93). Na primeira destas (descrição e decalque respetivo nos anexos) observa-se um dispositivo parietal com figuras atribuíveis às nossas fases 2 e 4. Da primeira encontramos um auroque e um macho de cabra-montês incisos. Isolaram-se ainda dezasseis

unidades gráficas não figurativas associadas exclusivamente a estes animais. Identificaram-se doze associadas apenas a auroque (quatro da chave IX e oito da XI). A auroque e macho de cabra-montês associam-se quatro da chave XI.



Fig. 5.94: Detalhe da rocha 41 de Vale de Cabrões.

O segundo espaço parietal, correspondente à rocha 6 (descrição e decalque respetivo nos anexos), localiza-se no mesmo afloramento que o espaço parietal anteriormente referido, a alguns metros para a esquerda. Tal como o anterior, o dispositivo parietal é constituído por grafismos atribuíveis às nossas fases 2 e 4. Da fase 2 apenas se identifica um auroque e um macho de cabra-montês, ambos incisos e localizados no que na descrição da rocha inventariámos como painel esquerdo. O auroque encontra-se inclinado para baixo e orientado para a esquerda, orientando-se o macho de cabra montês para a direita. Associados exclusivamente a estes grafismos encontramos ainda cinquenta e duas unidades gráficas não figurativas. Outras 25, embora se encontrem em relação direta com auroque e com o cervídeo da fase 4, parecem pela sua localização associarem-se exclusivamente ao primeiro. Assim, descriminámos sessenta e seis unidades associadas a auroque (duas da chave III, uma da VIII, doze da IX, três da X, quarenta e sete da XI e uma da XIII). Outras doze associam-se a macho de cabra-montês (duas da chave IXa, uma da X e nove da XI), perfazendo-se o total de setenta e oito unidades gráficas não figurativas.

O derradeiro espaço parietal desta construção simbólica encontra-se uns metros abaixo, correspondendo à rocha 7 (Figs. 5.90 e 5.93; descrição e decalque respetivo nos anexos). Apenas se identifica cavalo orientado para a esquerda e catorze unidades gráficas não figurativas, sendo todo o dispositivo conseguido por incisão. Diretamente ao cavalo associam-se três unidades da chave XI, encontrando-se à sua volta uma da IX e dez da XI.

O terceiro conjunto parietal localiza-se a cerca de 60 m para leste, a uma cota cerca de 10 m mais baixa (Figs. 5.90 e 5.93). É formado por dois espaços parietais. Um destes corresponde à rocha 4, onde se observa sete varetos incisos e orientados para a esquerda. O conjunto foi interpretado como um conjunto de capríneos (Baptista, 1999b, 134-135; Reis, 2013, 19). Contudo, os corpos são indubitavelmente de cervídeos e as hastes são esguias como as dos varetos (contrariamente aos cornos das cabras-monteses, que são em forma de S ou curvos). O único óbice a esta interpretação poderia ser o traço que se observa na goela de **VC04-07**, que poderia ser lido como uma pêra. Contudo, uma observação cuidada demonstra que este traço não só se encontra deslocado relativamente a uma pretensa pêra, como não tem ligação

direta com o restante perímetro do animal. Para além destes animais, isolaram-se ainda oitenta e cinco unidades gráficas não figurativas, também gravadas por incisão. Diretamente aos varetos associam-se vinte e cinco unidades (uma da chave IX, uma da X e vinte e três da XI). As restantes sessenta não se associam diretamente a nenhum dos animais (três da chave IX e cinquenta e sete da XI).

O segundo espaço parietal corresponde à rocha 8, que não se encontra estudada. Localiza-se a uns metros para su-sudoeste da rocha 4. Apenas se identifica um quadrúpede inciso, orientado para a esquerda.

O terceiro *locus* de Vale de Cabrões localiza-se a cerca de 250 m para jusante, numa zona onde o vale é já muito profundo, sendo composta por dois espaços parietais correspondentes às rochas 55 e 56 (Figs. 5.90 e 5.95), que atribuímos à(s) nossa(s) fase(s) 2/3. Nenhum destes painéis foi estudado em profundidade. No que se situa a uma cota mais baixa — a rocha 56 — observa-se um conjunto muito grande de motivos incisos, tendo sido possível individualizar três cavalos, dois machos de cabra-montês e uma cerva orientados para a direita, e dois veados, um auroque e um quadrúpede orientados para a esquerda.



Fig. 5.95: O *locus* 3 de Vale de Cabrões e localização da rocha 15 do mesmo sítio.

O outro espaço parietal encontra-se imediatamente acima à direita, não tendo também sido alvo de decalque. Destaca-se aí um grande cavalo (Fig. 5.96) e um pequeno macho de cabra-montês, ambos incisos e orientados para a direita. Para além destes animais seguros, distinguem-se pelo menos duas outras figurações de cavalos reduzidos aos bordos cérvico-dorsais.

Pouco podemos adiantar relativamente a Vale de Cabrões. Destaque-se, contudo, que, apenas uma vez, auroques e cavalo por um lado, e cabras-monteses e veados, por outro, surgem no mesmo espaço parietal — o correspondente à rocha 56. O conjunto parietal que integra é o único onde surgem todos os temas presentes em Vale de Cabrões. Nos restantes apenas surgem auroques e cabras-monteses (*locus* 1), auroques, cabras-monteses e cavalos (segundo conjunto parietal do *locus* 2), veados isolados (primeiro conjunto do *locus* 2) ou veados a par de possível cavalo (terceiro conjunto do *locus* 2. Sobre o repertório não figurativo ainda menos se poderá dizer, uma vez que poucos espaços parietais estão estudados. Ressalta, contudo, à vista, a importância do auroque enquanto tema a que mais unidades se associam nos dois *loci* com painéis estudados (Tab. 5.49).



Fig. 5.96: Cabeça de cavalo da rocha 55 de Vale de Cabrões.

TEMA	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XIII	TOTAL
B	**0**	**1**	**0**	**1**	**1**	**9**	**0**	**22**	**2**	**36**
Ca-m	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**3**
Isoladas	**1**	**1**	**1**	**1**	**0**	**8**	**1**	**93**	**2**	**108**
Ind.	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**6**	**0**	**8**	**0**	**14**
TOTAL (*Locus* 1)	**1**	**3**	**1**	**2**	**1**	**23**	**1**	**125**	**4**	**161**
B	0	2	0	0	1	16	3	55	1	78
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	0	0	4	0	4
TOTAL (B)	**0**	**2**	**0**	**0**	**1**	**16**	**3**	**59**	**1**	**82**
Ca-m	0	0	0	0	0	2	1	9	0	12
B/ Ca-m	0	0	0	0	0	0	0	4	0	4
TOTAL (Ca-m)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**1**	**13**	**0**	**16**
Ce-m	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**	**23**	**0**	**25**
E	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**3**
Is.	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**	**67**	**0**	**71**
TOTAL (*Locus* 2)	**0**	**2**	**0**	**0**	**1**	**23**	**5**	**165**	**1**	**197**

Tab. 5.49: Associação das unidades gráficas não figurativas às figurativas de Vale de Cabrões.

5.1.21. Tudão

O sítio do Tudão corresponde, como se disse atrás, à zona onde nasce a ribeira de Cabrões. Trata-se de uma zona de limite de planalto, onde a topografia é ainda pouco acidentada e declivosa (Fig. 5.90). Corresponde a um sítio descoberto pela enóloga Teresa Ameztoy, nele se conhecendo atualmente duas rochas historiadas, assim como dois fragmentos insertos num muro de propriedade, contendo todas estas superfícies grafismos paleolíticos (Reis, 2013, 14-15). Administrativamente, o sítio pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa, encontrando-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000. A rocha 1 — a única que contém unidades gráficas que atribuímos a uma das fases que aqui abordamos — encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 05' 25,2" N, 7º 07' 07" O, à altitude de cerca de 365 m.

A rocha corresponde a um conjunto com um dispositivo parietal construído ao longo de vários períodos cronoculturais, desde o Magdalenense até à Idade do Ferro, destacando-se um importante conjunto do Azilense. A rocha

encontra-se atualmente a ser estudada por nós e Fernando Barbosa. Relativamente à fase que agora nos interessa, foram isolados nos dois espaços parietais mais à direita dez veados incisos, definidos por incisão simples. No espaço mais exterior encontram-se dois deles orientados em direções opostas, localizando-se os oito restantes, todos orientados para a direita, no espaço parietal remanescente. Estas figuras estão cobertas por outros veados, desta feita já datados do Azilense. Este facto não permite assim distinguir as unidades gráficas não figurativas que se associam exclusivamente a estas figuras. Esta rocha trata-se, no entanto, de uma das mais historiadas com "traços indeterminados" no contexto da região.

5.1.22. Vale Escuro

Trata-se de um vale que se desenvolve no sentido sul—norte, desaguando a linha de água que o percorre na margem esquerda do Douro, no troço em que este conforma um meandro devido à sua passagem pela falha da Vilariça. Integra-se na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Distribuem-se pelo vale doze rochas historiadas, oito delas com grafismos do Paleolítico superior (Reis, 2013, 8-10). Destas oito, apenas a rocha 4 contém uma unidade gráfica que integramos na nossa fase 1. Encontra-se nas coordenadas geográficas 41º 07' 57,9" N, 7º 05' 48,8" O, à altitude de 140 m.

Esta rocha, descoberta por Delfina Bazaréu (Reis, 2013, 9), localiza-se na margem esquerda do vale a pouco mais de 100 m da confluência deste com o Douro (Fig. 5.97). A unidade gráfica que nos importa corresponde a prótomo de veado picotado, orientado para a esquerda (Reis, 2013, 9). Trata-se de uma rocha ainda não estudada, razão pela qual não aprofundaremos a sua análise.

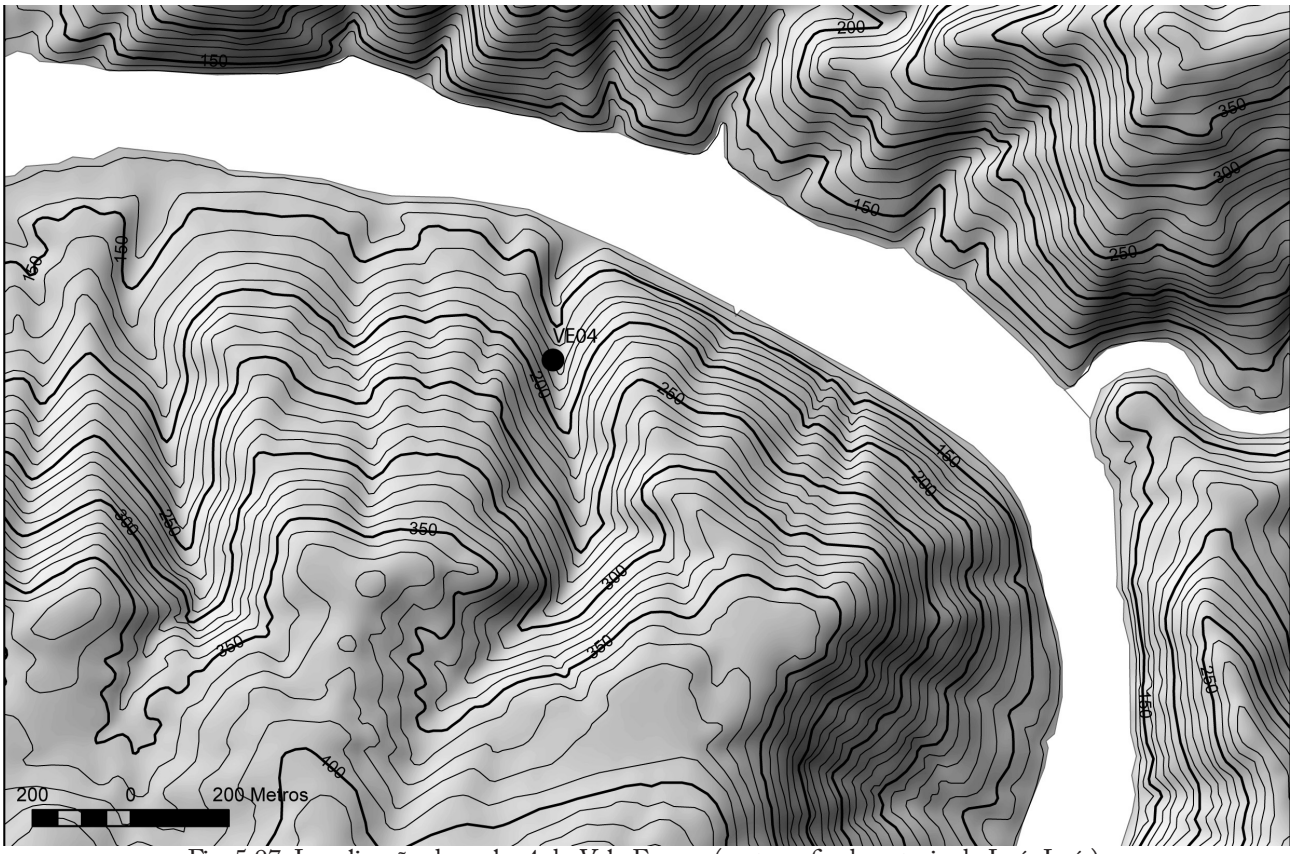


Fig. 5.97: Localização da rocha 4 do Vale Escuro (cartografia da autoria de Luís Luís).

5.1.23. Canada das Corraliças

Localiza-se para nor-noroeste da Canada da Moreira, já na margem direita do Douro. Pertence à freguesia de Urros, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança. A inserção deste sítio no conjunto de estações do Côa deve-se evidentemente à sua proximidade relativamente aos que tratámos anteriormente. O sítio foi descoberto por Mário Reis em 2008, tendo sido publicado em 2011 (Reis, 2011, 122). Atualmente conhecem-se quatro rochas, dispondo a

inventariada com o número 3 de grafismos paleolíticos (Reis, 2013, 44-45).

Localiza-se na margem direita de pequeno vale, a uma cota de 150 e a cerca de 80 m da confluência com o Douro (Fig. 5.84). Encontra-se cartografada na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas 41º 04' 28,9" N, 7º 04' 48,4" O. Neste conjunto parietal, ainda não profundamente estudado, apenas se observa possível capríneo inciso, orientado para a esquerda (Reis, 2013, 44-45).

5.2. Vale do Águeda

O Águeda, como o Côa, nasce na serra das Mesas, mas já em território espanhol, vindo a desaguar na margem esquerda do Douro, após um percurso de 130 km. Percorre diversas unidades geológicas que caraterizam esta zona ocidental da Meseta. Entre estas realidades contam-se a fossa de Ciudad Rodrigo e as Arribas do Douro.

A primeira corresponde a uma depressão tectónica de direção nordeste—sudoeste preenchida por sedimentos detríticos que vão do Eoceno até ao Mioceno Superior—Plioceno (Alonso & Polo, 1986-1987, 21). Esta unidade geológica contacta a nordeste com a peneplanície zamorano-salmantina, caraterizada por um substrato geológico constituído por granitos e séries xistosas hercínicas (Alcolea & Balbín, 2006a, 51). A estação de Siega verde localiza-se já neste ambiente xistoso, mas muito perto do contacto entre as duas unidades geológicas, numa zona a partir do qual o vale começará a aumentar bruscamente os declives e alturas das suas encostas (*idem*, 58).

Esta zona onde o vale é mais abrupto prolongar-se-á até ao final do curso do Águeda e para lá dele, caraterizando também todo o troço transfronteiriço do vale do Douro e uma parte importante dos seus afluentes. Trata-se das Arribas do Douro referidas acima, unidade geológica onde vamos encontrar as estações de Redor do Porco, Arroyo de las Almas e Mazouco, já na margem direita do Douro. A particular morfologia das Arribas deve-se, quer à orientação das fraturas tectónicas de origem tardivarisca, reativadas durante a orogenia alpina, quer ao substrato rochoso — essencialmente granitos e rochas metassedimentares — sobre o qual se encaixou a rede fluvial durante o Plio-Pleistocénico (Rodrigues, Dias & Alves, 2009, 250).

Na bacia do Águeda conhecem-se atualmente três sítios com grafismos paleolíticos, que trataremos em seguida.

5.2.1 Siega Verde

Localiza-se no vale do Águeda, entre os municípios de Villar del Ciervo e Villar de Argañan, província de Salamanca, Castilla-León, Espanha. Encontra-se cartografado na folha 500-4 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000, correspondendo as coordenadas geográficas 40º 41' 49,3" N; 6º 39' 39,7" O a um ponto central do sítio (Fig. 5.98), ponto esse situado a uma altitude de 580 m.

O sítio foi descoberto por Manel Santonja, datando de 1991 as primeiras referências à estação (Balbín *et al.*, 1991). Desde então o sítio tem sido alvo de diversas publicações (v.g. Balbín, Alcolea & Santonja, 1994; 1995; 1996; Balbín & Alcolea, 2001; 2002; 2009; Alcolea & Balbín, 2003a; 2003b; 2006a; 2006b; 2007; 2008). A publicação de referência e sobre a qual basearemos a nossa análise é, contudo, a monografia publicada em 2006 (Alcolea & Balbín, 2006a).

O dispositivo parietal de Siega Verde concentra-se na margem esquerda do Águeda (Fig. 5.99), apenas ocorrendo uma rocha na sua margem direita. Os afloramentos sobre os quais se distribuem os grafismos correspondem aos xistos paleozoicos que o Águeda descobriu ao atravessar esta zona específica da peneplanície zamorano-salmantina referida acima (Alcolea & Balbín, 2006a, 58). O dispositivo parietal distribui-se por noventa e um painéis que se agrupam em 29 conjuntos (*idem*, 59-65). Tendo em conta os critérios adoptados pelos investigadores do sítio para definir painéis e os conjuntos (*idem*, 41-43), a publicação das superfícies em causa e a observação de algumas delas no terreno, pensamos ser possível equivaler o "conjunto" dos autores ao nosso conjunto parietal (com as devidas ressalvas efetuadas no momento próprio) e os seus "painéis" aos nossos espaços parietais. Neles podem contudo identificar-se diversas composições que serão descriminadas no momento apropriado.

Alcolea e Balbín distinguiram, com base essencialmente em critérios topográficos, três zonas no sítio: sul, central e norte. A zona sul carateriza-se por uma pendente suave entre o fundo do vale e a peneplanície do topo e pela baixa

frequência de afloramentos, muitos deles provavelmente cobertos por sedimentos de origem fluvial e outros ainda destruídos durante a construção do moinho próximo de Pedrogordo (Alcolea & Balbín, 2006a, 59-60). Atualmente, cerca de 250 m separam o único conjunto parietal identificada na zona sul (conjunto I) do mais meridional (conjunto II) da zona central (*idem*, 60). Em termos de arquitetura parietal, os três espaços que compõem o conjunto da zona sul configuram um percurso paralelo ao rio, que nesta zona tem uma direção sudeste—noroeste.

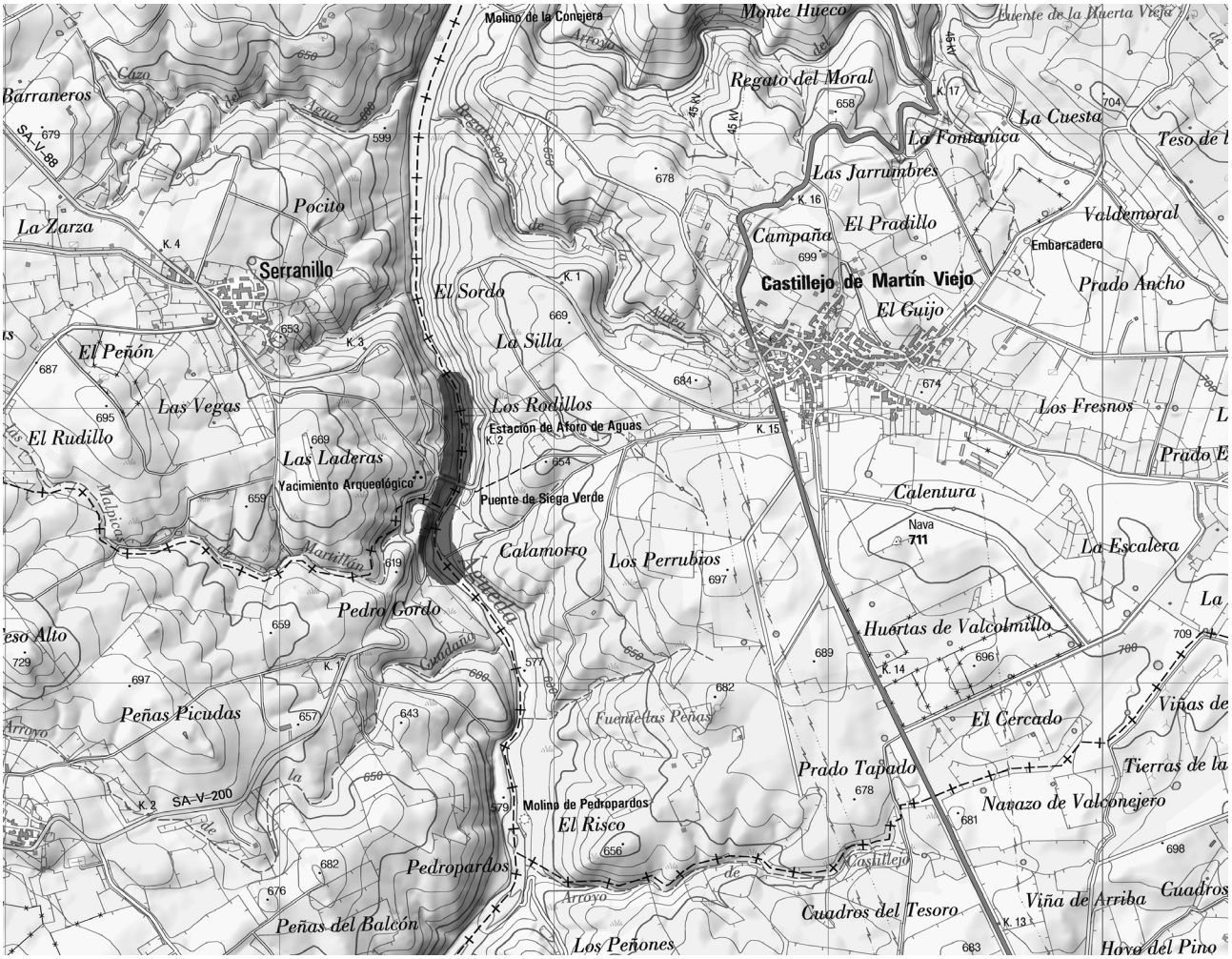


Fig. 5.98: Localização de Siega Verde na folha 500-4 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000.

A zona central — exclusiva igualmente da margem esquerda do rio — carateriza-se pela existência de pendentes mais abruptas e pela existência de uma estreita faixa plana junto à margem do Águeda, correspondente à zona de inundação sazonal do rio. Trata-se da zona mais acidentada e com mais e maiores afloramentos, podendo estes atingir os 4 m de altura. Não admira pois que seja por aqui que se distribui a maior quantidade de espaços e conjuntos parietais (conjuntos II a XVIII) (Alcolea & Balbín, 2006a, 62). Em termos de arquitetura parietal, a disposição dos diversos espaços parietais configura um percurso igualmente paralelo ao rio, que nesta zona apresenta uma direção sul—norte (*idem*, 62)

O limite entre a zona central e a setentrional não é marcado por qualquer hiato. Esta zona norte apresenta, no entanto, uma série de caraterísticas que permitem a sua individualização (Alcolea & Balbín, 2006a, 64-65). Desde logo, começa no ponto em que o rio se estreita, deixando as margens de ser compostas por sedimentos. O rio dá diretamente sobre as rochas e a vertente. Trata-se de uma zona do vale bastante mais encaixada e acidentada, com maior variedade de formas ao nível da micromorfologia dos suportes. Abundam as composições construídas sobre planos zenitais ou sobre superfícies irregulares (*idem*, 64). Por esta zona distribuem-se onze conjuntos e os restantes espaços parietais, sendo que um daqueles, composto por um destes, se encontra na margem direita do rio. Em termos de arquitetura parietal, deixa de se observar aqui um percurso lineal, se bem que "*el hilo conductor sigue siendo la ribera fluvia*l" (*idem*, 64). De facto, aqui os

espaços parietais distribuem-se "*por las diferentes terrazas rocosas de la zona, y su propia orientación cenital propone un sistema más complejo, tendente más al agrupamiento local*" (*idem*, 64).

Como vimos no capítulo anterior, existem algumas evidências de que o sítio de Siega Verde terá começado a ser utilizado durante a nossa fase 1. É extremamente interessante que esta inferência de natureza estatística encontre uma equivalência nas conclusões a que chegam Alcolea e Balbín a partir de uma análise estilística convencional (Alcolea & Balbín, 2006a, 317). Contudo, como aqueles autores defendem, a maioria do dispositivo parietal de Siega Verde deve ser atribuído a um período compreendido entre o Solutrense superior e o Magdalenense (*idem*, 320). Ou seja, mais uma vez verificamos uma convergência entre as inferências daqueles autores e as nossas, uma vez que a nossa análise coloca a maioria das figurações de Siega Verde na nossa fase 2. Ocorrem ainda figurações das fases 3 e 4, tendo estas últimas sido alvo de trabalho recente (Bueno *et al.*, 2007). Como tem sido habitual, apenas trataremos dos grafismos das fases mais antigas.



Fig. 5.99: O sítio de Siega Verde (áreas central e norte), visto sensivelmente de sul.

5.2.1.1. Siega Verde (Fase 1)

As nossas análises estatísticas permitem reforçar a hipótese, levantada por Alcolea e Balbín, de no sítio existirem algumas figurações antigas (Alcolea & Balbín, 2006a, 317). Se tivermos em conta as nossas análises apenas podemos considerar como antigas as figurações de auroques das rocha 4 (**SV04-02** e, por acréscimo, **SV04-01**), 18 (**SV18-01**) e de um da rocha 19 (**SV19-07**). Já a antiguidade dos cavalos **SV74-05** e **SV85-01** não deve ser aceite de ânimo leve. De facto, estas figuras, duas da Canada do Inferno 14 (**CI02-04** e **CI14-17**), o cavalo de Mazouco (**Ma01-01**) e o grande cavalo do Pousadouro (**Po01-03**) encontram-se rodeados por outros da classe 2 e até da 3, devendo a sua classificação como classe 1 ser aceite sob muitas reservas.

Recorde-se que os autores da monografia levantam a hipótese de também se encontrarem no sítio cavalos da fase mais antiga, paralelizáveis com os de La Griega, Canada do Inferno 14 e Ribeira de Piscos 1 (Alcolea & Balbín, 2006a, 293). Ora a nossa análise estatística vem confirmar os paralelos relativamente aos dois primeiros sítios. Contudo, também demonstra que a proximidade entre estes animais (de Siega Verde, da Canada do Inferno 14 e de La Griega) e os restantes de Siega Verde é maior que entre os primeiros e os motivos que a análise considera da classe 1.

Assim, as únicas possíveis figurações antigas de Siega Verde correspondem a auroques, em número de quatro, distribuídos por três espaços parietais, todos localizados na zona central. Recorde-se que no caso da rocha 19 se observam outros motivos cujas caraterísticas nos parecem mais recentes. Estes motivos encontram-se, no entanto, bastante apartados do auroque antigo (Alcolea & Balbín, 2006a, 87, fig. 44), levando-nos a considerar estarmos perante dois espaços parietais distintos. Refira-se a inexistência de unidades gráficas não figurativas atribuíveis à fase 1.

5.2.1.1. Siega Verde (Fase 2)

Antes de aprofundarmos a nossa análise da fase 2 de Siega Verde, será de explicarmos as nossas divergências relativamente ao material publicado de Siega Verde (Alcolea & Balbín, 2006a). Estas diferenças são muito pontuais. Algumas delas não correspondem exatamente a diferenças mas à distinção de diferentes composições num mesmo espaço parietal. É o caso das rochas 7, 15, 19, 21, 26, 46, 58, 66, 67, 74. No primeiro caso julgamos que devem ser identificados duas composições, distribuídas por duas superfícies que se encontram em diferentes planos (cfr. *idem*, 71, lams. 8 e 9). No caso da rocha 15 considerámos igualmente a existência de duas composições: uma no interior da marmita, e outra no exterior a uma distância considerável daquela (cfr. *idem*, 80, fig. 35). Relativamente à rocha 19 já atrás nos pronunciámos. No caso da rocha 21 considerámos a existência de dois espaços parietais, localizando-se um no interior da marmita (*idem*, 89, fig. 46) e outro no exterior (*idem*, 91, fig. 47). Situação semelhante verifica-se com a rocha 26 (*idem*, 99-100, figs. 57-58). No caso da rocha 46 pensamos ser possível a individualização de quatro composições separadas entre si pelas fraturas que atravessam o espaço parietal (cfr. *idem*, 120, figs. 91 e 92). No caso das rochas 58, 67 e 74 é a distância entre as figuras (cfr. *idem*, 141, fig. 123) que nos impele a distinguir três, quatro e oito composições, respetivamente. Também no caso da rocha 66 distinguimos duas composições distribuídas por diferentes volumes do espaço parietal (*idem*, 151, fig. 141),

Considerámos ainda que algumas figuras deveriam ser eliminadas do nosso estudo por poderem datar já do Azilense. É este o caso já referido de **SV48-11** e de todas as unidades das rochas 52, 60 e 61 (Alcolea & Balbín, 2006a, 143-144).

Outras diferenças prendem-se com distintas interpretações de unidades gráficas não figurativas. Assim, na rocha 12 (Alcolea & Balbín, 2006a, 74, fig. 31), o que os autores interpretam como quartos traseiros de um quadrúpede (**SV12-03**) e uma linha curva paralela (**SV12-04**) interpretamos nós como uma unidade da chave XIb. Considerámos ainda a existência de uma unidade da chave XIa (localizada imediatamente à direita). Na rocha 13 (Alcolea & Balbín, 2006a, 75-77, figs. 32 e 33), **SV13-02** e **SV13-03**, considerados indeterminados pelos autores, foram por nós interpretados como unidades gráficas da chave XId, **SV13-05** foi interpretado por nós como uma associação entre uma unidade da chave VIII com uma da XIa, **SV13-06** como uma da XIb, **SV13-12** como uma associação de uma da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb, **SV13-13** como uma associação de três da XIb e duas da XIa, **SV13-14** como uma da chave IXa, **SV13-16** como uma associação entre uma da XIb e uma da XIa, **SV13-23** como uma da XIa e **SV13-30** como uma da XId. Na rocha 32 (*idem*, 107, fig. 69) considerámos **SV32-14** como uma unidade da chave IXa. Na rocha 48 (*idem*, 131, fig. 110) considerámos **SV48-08** como uma associação de uma unidade da chave IXaa com uma da XIIIb. Na rocha 51 (*idem*, 136, fig. 113) considerámos **SV51-09** e **SV51-12** como uma unidades da chave IXb, **SV51-18** como duas unidades da chave VIII, e **SV51-21** como uma unidade da chave XIb (não associada diretamente ao cavalo) e outra da XIa (associada ao cavalo). Na rocha 53 (*idem*, 2006, 138, fig. 117) considerámos o traço existente na extremidade esquerda do corno do animal como uma unidade da chave XIa. Na rocha 62 (*idem*, 146, fig. 134) considerámos **SV62-05** e **SV62-06** como uma unidade da chave XIb. Na rocha 65 (*idem*, 149, fig. 139) considerámos **SV65-02** como uma unidade da chave XIIc e **SV65-05** e **SV65-06** como uma unidade da chave XIb. Finalmente na rocha 86 (*idem*, 176, fig. 184), considerámos que **SV86-02**, **SV86-03**, **SV86-04**, **SV86-05** e **SV86-06** correspondem apenas a uma unidade da chave XIc.

Refira-se por fim, algumas divergências ao nível da interpretação dos temas. Assim, na rocha 13 (Alcolea & Balbín, 2006a, 75-77, figs. 32 e 33) considerámos que **SV13-19** pode não corresponder exatamente a um bovino, apresentando certas semelhanças com, por exemplo, **Fa01-03**. Como tal, foi identificado no nosso trabalho como "outro". **SV13-14** e **SV13-16** foram, como se disse atrás interpretadas como unidades gráficas não figurativas. Considerámos **SV13-27** como quartos traseiros de **SV13-25** (Fig. 5.100). **SV13-29** foi englobado no mesmo grupo dos veados, pese embora a

sua pertença a esta espécie não ser segura. Contudo, pensamos igualmente que a identificação da figura como megaceros também não o é (Fig. 5.101). Na rocha 15 (*idem*, 80, fig. 36) também consideramos que **SV15-04** não pode, com segurança, ser interpretado como megaceros. A zona do peito, pescoço e mandíbula desse possível animal podem corresponder, efetivamente, a representação da espádua e braço de **SV15-03**. Na rocha 19 (*idem*, 87, fig. 44) também não vemos razões para considerar **SV19-04** como rena, tendo este animal sido identificado como veado. No mesmo espaço parietal pensamos que **SV19-02** e **SV19-03** correspondem a cauda, membro posterior e ventre de quadrúpede indeterminado orientado para a direita.



Fig. 5.100: Foto de macho de cabra-montês da rocha 13, na qual se percebe que SV13-27 corresponde parcialmente aos quartos traseiros de SV13-25 (Foto de Pedro Guimarães).

No exterior da marmita da rocha 21 (*idem*, 91, fig. 47) julgamos ser possível identificar mais uma cabeça de cavalo localizada acima de **SV21-18**, aproveitando crineira deste último como mandíbula. Na rocha 27 (*idem*, 101, fig. 59) julgamos que **SV27-02**, interpretado como megaceros, pode ser interpretado como rena, podendo os dois traços localizados atrás da haste direita corresponder ao estoque posterior existente nestes animais. Faltam, no entanto estoque e contraestoque (ausência que se manteria no caso do animal corresponder a um veado). Relativamente à rocha 32 (*idem*, 107, fig. 69), pensamos ser difícil identificar a sua figura 5 como um quadrúpede. No caso da rocha 36 (*idem*, 112-113, fig. 77 e lám. 44) pensamos que **SV36-02** corresponde a um cavalo, com notáveis semelhanças aliás, com **CI14-17**. O mesmo sucede na rocha 39 (*idem*, 114, fig. 81 e lám. 45), onde consideramos que **SV39-01** corresponde a cavalo. Na rocha 40 (*idem*, 115, fig. 82) pensamos poder identificar **SV40-02** como cerva, com paralelos, por exemplo, em **Pi24-66**. No caso da rocha 43 (*idem*, 117, fig. 86) pensamos que **SV43-02** corresponde a um auroque macho e que é difícil confirmar a identificação de **SV43-04** como felino. Na rocha 45 (*idem*, 119, fig. 90 e lám.50) pensamos que **SV45-01** corresponde a cavalo associado a unidade gráfica da chave XI. Repare-se na diferença de traços entre a cabeça do animal e o suposto garrote do mesmo. As nossas divergências no que toca à rocha 51 prendem-se com as já referidas identificações de **SV51-09** e **SV51-18** como unidades gráficas não figurativas. Na rocha 69 (*idem*, 155-157, fig. 148 e lám. 87) pensamos ser pouco segura a identificação de **SV69-01** e **SV69-05** como rinocerontes lanudos, tendo estas figuras sido identificadas como "outros". No caso da rocha 74 (espaço parietal G) pensamos que a identificação de **SV74-15** como auroque também não

é segura, tendo nós optado pela identificação como cavalo.

Passemos agora à nossa análise. O sítio de Siega Verde corresponde a uma estação de importância crucial, porquanto se trata do único sítio atualmente acessível onde temos um dispositivo parietal da fase 2 caraterizado pela monumentalidade e por um vincado caráter público[150]. Isto é, a maior parte das estações que conhecemos com conjuntos parietais desta fase são constituídas essencialmente por espaços parietais que se caraterizam pela presença de animais finamente incisos, de dimensões reduzidas e em sítios de acesso mais complicado que os da fase anterior, aspetos que parecem condicionar o acesso à informação neles contida. Em Siega Verde, pelo contrário, quer a localização das construções simbólicas, quer a dimensão dos animais, quer a técnica mais usual para a sua execução impelem-nos a considerar o seu dispositivo como essencialmente público, aproximando-se as caraterísticas acima referidas das que encontramos nos sítios da fase anterior.



Fig. 5.101: O cervídeo SV13-29 (Foto de Pedro Guimarães).

Importa, portanto, perceber as diferenças e semelhanças deste sítio relativamente aos de cronologia anterior e aos seus contemporâneos de caraterísticas mais discretas.

Como se referiu acima, os investigadores responsáveis pelo estudo de Siega Verde inferiram a existência de um percurso lineal paralelo ao rio que se verificaria ao longo dos seus sectores sul e central. Importa portanto começar por perceber se neste caso a lateralização dos animais continua a funcionar como indicação de movimento. Olhemos então para a tabela 5.50, onde se descrimina a orientação dos animais por espaço parietal ao longo das zonas sul e central do sítio.

Verificamos que mais de metade das unidades gráficas figurativas se orienta para a direita, algo que se repercute pela maior parte dos espaços parietais (apenas em onze dos quarenta e sete espaços parietais, a maioria dos animais está orientada para a esquerda). Se tivermos em conta os conjuntos parietais, apenas em três dos dezoito encontramos uma

150 Como referimos atrás, no Vale do Côa deve existir pelo menos um sítio deste tipo, devendo este encontrar-se atualmente sedimentado. Tendo em conta os 4 m de sedimento holocénico que existem em frente das rochas da fase 1 da Penascosa, não podemos deixar de levantar a hipótese de ser precisamente aí que ele se encontra.

maioria de animais orientados para a esquerda (conjuntos IX, X e XVIII, compostos respetivamente pelas rochas 22 e 23, 24 e 25, e 53). Se valorizarmos a orientação dos animais, o percurso far-se-á, consequentemente, de montante para jusante.

Rocha	Esquerda	Direita	TOTAL
SV03	0	1	1
SV05	0	1	1
SV06	0	1	1
SV07A	0	1	1
SV07B	0	2	2
SV08	1	0	1
SV11	0	1	1
SV12	0	1	1
SV13	5	8	13
SV15A	3	4	7
SV15B	0	1	1
SV16	0	4	4
SV17	2	0	2
SV19A	2	3	5
SV20	1	3	4
SV21A	1	9	10
SV21B	1	4	5
SV23	1	0	1
SV24	1	0	1
SV25	5	3	8
SV26A	0	4	4
SV26B	1	0	1
SV27	1	7	8
SV28	0	1	1
SV29	0	2	2
SV30	0	2	2
SV31	0	1	1
SV32	3	3	6
SV33	0	1	1
SV34	1	0	1
SV35	0	2	2
SV36	1	2	3
SV39	3	0	3
SV40	1	2	3
SV42	0	1	1
SV43	2	1	3
SV44	0	2	2
SV45	0	1	1
SV46A	2	6	8
SV46B	4	6	10
SV46C	1	0	1
SV46D	1	0	1
SV47	0	1	1
SV48	1	5	6
SV51	4	3	7
SV53	1	0	1
TOTAL	**50**	**101**	**150**

Tab. 5.50: Lateralização dos animais de Siega Verde das zonas sul e central (Fase 2).

Mesmo algumas das exceções referidas acima poderão reforçar este aspeto. Tomemos como referência a distribuição das rochas pelo sítio (cfr. Alcolea & Balbín, 2006a, 60-61, fig. 11) e vejamos essas situações caso a caso. Comecemos pela rocha 8 onde encontramos um cavalo orientado para a esquerda, quando para a direita temos outras duas rochas (9 e 10). Contudo estas apenas dispõem de unidades gráficas não figurativas de identidade muito discreta (uma unidade da chave XIb e uma da XII respetivamente). O cavalo orientado para a esquerda poderá encontrar-se assim a precisar o percurso seguinte: SV7–SV8–SV11, etc.

No caso da rocha 17, devemos estar perante a mesma situação, encontrando-se os prótomos de cavalo a definir um

percurso SV15–SV16–SV17–SV18. A mesma coisa para a rocha 23, devendo o veado estar a definir o percurso 23–24.

Os casos das rochas 24 e 25 são problemáticos, mas tratam-se das rochas que se encontram parcialmente escondidas pelo pilar da ponte sobre o Águeda (cfr. Alcolea & Balbín, 2006a, 94-99, figs. 52-54), estrutura que, seguramente, está a esconder motivos.

O caso da rocha 34 só se compreende se, de facto, assumirmos que esta rocha tem que ser lida em conjunto com a 35, o que julgamos provável.

A rocha 51 apresenta quatro motivos orientados para a esquerda e três para a direita. Contudo, são estes últimos os mais visíveis, quer pela dimensão, quer pela técnica utilizada na sua execução (cfr. Alcolea & Balbín, 2006a, Lám, 66). Por outro lado, este espaço parietal tem que ser indubitavelmente lido em conjunto com os restantes que compõem o conjunto onde se encontra (*idem*, 128, fig. 108).

Resta-nos a rocha 53. Dadas as suas caraterísticas, pensamos que não terá sido executada para ser visualizada. Ela não é, aliás, vista por quem vem da rocha anterior (ou, desde logo, de qualquer ponto de montante) uma vez que a superfície historiada se orienta para nordeste (Alcolea & Balbín, 2006a, 137). Por outro lado, este mesmo aspeto pode explicar porque se encontra o animal orientado para a esquerda, uma vez que a partir desta rocha e tendo em conta a orientação do seu painel, é nessa direção que temos de caminhar para encontrar a 54 (*idem*, 60-61, fig. 11). A partir daqui começa a zona norte onde o percurso deixa de ser evidente. É provável contudo que um levantamento topográfico de pormenor, conjugado com um posicionamento de cada figura nos painéis respetivos, nos possa dar algumas pistas quanto a este aspeto.

De qualquer modo, parece-nos evidente que a arquitetura parietal do sítio se define por um percurso *grosso modo* paralelo ao rio onde passamos de uma situação monotemática dedicada ao cavalo (zona sul) para uma onde se observa a maior variedade temática da estação (zona norte) (Tabs. 5.51 e 5.52). Esta variedade não tem, no entanto, equivalência com a quantidade de informação, encontrando-se a maior parte desta na zona central, zona essa onde é também mais visível a ocorrência de sobreposições e de unidades gráficas não figurativas (Tab. 5.53 e 5.54). Na zona central não ocorrem felinos e ursos seguros, e o equilíbrio entre auroques e veados (sem distinção de género) é grande, sendo o seu número igual se considerarmos a possível rena da rocha 27 como veado.

Na zona central ocorrem, no entanto, dois temas em exclusividade: um possível canídeo (**SV32-09**) e um antropomorfo (**SV13-21**). A rocha onde este último aparece localiza-se no início da zona central, tratando-se do único espaço parietal onde ocorrem simultaneamente auroques, cavalos, cabras-monteses (machos e fêmeas) e veados. No final desta mesma zona ocorre espaço parietal semelhante, não se encontrando o macho de cabra-montês ou antropomorfo mas observando-se cerva. Bisontes, ursos e felinos só ocorrem na zona norte. Por outro lado, esta zona carateriza-se pelos espaços parietais maioritariamente monotemáticos, sendo raros os que dispõem de dois tema figurativos (67C, 67D, 69, 74A, 74G, 77, 78, 80, 81e 89, número que diminui quando temos em conta que nos casos de 67C, 74G, 77 e 78 o segundo tema é quadrúpede indeterminado) e ainda mais os que dispõem de três ou mais (SV66A, 75, 82, sendo que no caso do primeiro o terceiro tema é indeterminado). Refira-se, por fim, que nesta zona os auroques são superiores aos veados, algo que não se altera quando adicionamos o número de renas ao destes últimos animais.

Toda a estação é, no entanto, marcada pela omnipresença do cavalo, correspondendo os seus efetivos a mais de metade do repertório figurativo do dispositivo parietal. Devemos destacar o grande peso dos veados, sobretudo em comparação com as cabras-monteses, observando-se assim a inversão de uma tendência que se verificava na maioria da estações da nossa fase 1. Por outro lado, será de destacar a ausência de camurças e aves, presentes durante a fase coeva na rocha 24 de Piscos. Já canídeos e renas parecem ser exclusivos de Siega Verde.

Relativamente a esta última espécie e a bisontes será de tecer algumas considerações. Como é sabido, a presença de fauna fria em Siega Verde (e em toda a Meseta) é algo que vem sendo defendido pelos investigadores do sítio desde há muito, tendo inclusivamente dado origem a um texto específico sobre a matéria (Alcolea & Balbín, 2003b). Esta ideia não tem sido, contudo, unanimemente aceite (v.g. Corchón, 2006a, 127). Se bem que, como referido anteriormente, não achemos segura a ocorrência de megaceros ou de rinocerontes lanudos em Siega Verde, pensamos que a identificação como renas ou bisontes de alguns dos animais é, não só admissível, como muito provável. Refira-se que relativamente

aos últimos, também no Côa dispomos de uma possível ocorrência. Estas figuras são residuais no computo geral dos sítios do Douro e apresentam caraterísticas algo frustes relativamente às representações existentes a norte da cordilheira cantábrica.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	U	Ind.	F	al.	Ra	A	TOTAL
SV03	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL (zs)	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
SV05	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV06	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV07A	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV07B	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
SV08	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV11	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
SV12	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
SV13	0	1	2	1	3	0	1	0	3	0	1	0	1	13
SV15A	0	1	0	0	5	0	0	0	1	0	0	0	0	7
SV15B	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV16	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0	0	0	0	4
SV17	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV19A	1	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	5
SV20	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4
SV21A	2	2	0	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	10
SV21B	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
SV23	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
SV24	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV25	1	0	0	0	5	1	0	0	1	0	0	0	0	8
SV26A	0	0	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4
SV26B	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV27	0	0	0	0	6	0	1	0	0	0	0	1	0	8
SV28	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
SV29	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
SV30	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
SV31	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV32	2	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	6
SV33	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV34	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV35	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2
SV36	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
SV39	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
SV40	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	3
SV42	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV43	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	3
SV44	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV45	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV46A	0	1	0	0	5	2	0	0	0	0	0	0	0	8
SV46B	1	1	0	0	3	3	0	1	1	0	0	0	0	10
SV46C	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV46D	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV47	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV48	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	6
SV51	2	0	0	2	1	1	1	0	0	0	0	0	0	7
SV53	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL (zc)	**12**	**8**	**5**	**4**	**83**	**11**	**9**	**1**	**12**	**0**	**2**	**1**	**1**	**149**

Tab. 5.51: Distribuição das unidades gráficas figurativas pelas zonas sul e central de Siega Verde (Fase 2).

No entanto, pensamos haver dois argumentos que abonam em favor da hipótese da identificação das figuras em causa com renas e bisontes. Um destes prende-se com a cronologia e com as relações à distância entre diferentes regiões durante períodos específicos. Como tem vindo a ser apontado por Alcolea e Balbín, estes motivos surgem no Magdalenense (v.g. Alcolea & Balbín, 2012, 93-94, 204-205), época durante a qual a nossa zona de estudo se parece relacionar de sobremaneira com a região cantábrica, como já se referiu anteriormente. A ocorrência residual nas estações do Douro de representações mais habituais na região cantábrica não nos deve, portanto espantar. O segundo argumento tem que ver com as caraterísticas morfológicas das figuras, em particular das figuras tidas como renas. De facto, é muito

curioso que a representação das hastes dos veados seja em todos os casos do Côa sempre muito fiel à realidade. Ora, as hastes das figuras de Siega Verde interpretadas como renas, se bem que afastadas do modelo natural de veados e renas, aproximam-se mais destas últimas que dos primeiros. Que a aproximação ao real não seja tão profunda como no caso dos veados explica-se exatamente pela pouca familiaridade com o modelo, sendo este argumento extensível aos bisontes. A representação de animais em sítios muito distantes das suas zonas de habitat é, aliás, ocorrência bem conhecida na arte paleolítica (Bahn & Vertut, 1997, 135, 154).

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	U	Ind.	F	al.	Ra	A	TOTAL
SV54	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV55	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV58A	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV58B	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
SV58C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV59	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV62	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV63	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV64	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
SV65	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV66A	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	3
SV66B	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV67A	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV67B	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV67C	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
SV67D	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	3
SV68	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
SV69	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	3
SV70	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV71	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
SV72	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV73	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV74A	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3
SV74B	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV74C	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV74D	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV74E	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV74F	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV74G	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	3
SV74H	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
SV75	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	4
SV76	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV77	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
SV78	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	2
SV79	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV80	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
SV81	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2
SV82	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	3
SV83	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV84	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV85	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
SV86	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV87	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
SV89	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	3
SV90	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV91	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL (zn)	**2**	**9**	**2**	**2**	**43**	**1**	**5**	**1**	**5**	**2**	**4**	**2**	**0**	**78**

Fig. 5.52: Distribuição das unidades gráficas figurativas pela zona norte de Siega Verde.

Relativamente ao *corpus* não figurativo, salta à vista a sua pouca frequência em comparação com o que se verifica nas estações do Côa. Parte desta diferença dever-se-á a razões tafonómicas. O facto de um grande número de superfícies de Siega Verde se encontrar muito perto do rio, torna-as mais passíveis de erosão fluvial, processo que vai afetar sobretudo as figurações incisas. Este aspeto é facilmente verificável numa grande parte dos traços picotados e se não o é nos incisos, é porque estes terão desaparecido. Tome-se como exemplo, no vale do Côa, os espaços parietais em torno do abrigo

das cabras (Fig. 5.59) e veja-se a diferença entre o número de unidades não figurativas existentes nos espaços parietais localizados a uma cota mais baixa e onde a erosão sobre os traços picotados é mais visível (CI 27B, 31 ou 35) e o das identificadas nos painéis imediatamente acima, não sendo neles evidente o mesmo grau de erosão (CCI27A, 30).

Rocha	II	III	V	VIII	IX	XI	XII	XIII	TOTAL
SV01	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (zs)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**
SV05	0	0	0	0	0	0	1	0	1
SV06	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV08	1	0	0	0	7	0	0	0	8
SV09	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV10	0	0	0	0	0	0	1	0	1
SV12	0	0	0	0	0	2	0	2	4
SV13	1	0	0	1	1	22	0	1	26
SV14	0	0	0	0	1	0	0	0	1
SV15A	0	2	0	0	1	3	0	0	6
SV15B	0	0	0	0	2	0	0	0	2
SV16	0	0	0	0	0	2	0	0	2
SV17	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV21	1	0	0	0	0	2	1	0	4
SV22	1	0	0	0	0	0	0	0	1
SV25	1	0	3	0	0	3	1	0	8
SV27	0	0	1	0	0	1	1	0	3
SV28	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV29	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV31	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV32	1	0	0	0	1	5	0	0	7
SV33	0	0	0	0	0	2	1	0	3
SV37	0	0	0	0	0	0	0	1	1
SV38	0	0	0	0	1	0	0	0	1
SV40	0	0	0	0	0	2	1	0	3
SV41	0	0	0	0	0	0	0	1	1
SV43	0	1	0	0	0	1	0	0	2
SV45	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV46A	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV46B	1	0	1	0	0	2	0	0	4
SV47	0	0	0	0	0	1	1	0	2
SV48	0	0	0	0	1	2	0	1	4
SV49	1	0	0	0	0	1	0	0	2
SV50	1	1	0	0	1	2	1	0	6
SV51	1	0	1	2	3	10	0	0	17
SV53	0	0	0	1	0	4	0	0	5
TOTAL (zc)	**10**	**4**	**6**	**4**	**19**	**75**	**9**	**6**	**133**

Tab. 5.53: Distribuição das unidades gráficas não figurativas pelas zonas sul e central de Siega Verde.

Tendo sempre estes aspetos presentes, será de relevar a maior quantidade de unidades (cento e trinta e três das cento e setenta e sete unidades do sítio) e variedade de chaves na zona central, onde são exclusivas as chaves III e XIII (Tabs. 5.53 e 5.54). Mais uma vez, tais factos poder-se-ão dever à maior proximidade ao rio das superfícies da zona norte. Relativamente às associações com os animais (Tab. 5.55) verifica-se que a maior parte das unidades não se associa diretamente a qualquer animal.

Como seria de esperar, é a cavalos que mais unidades se associam. Contudo, dada a frequência de auroques, não seria expectável que tantas se associassem a este tema. Como se viu, na zona central existem quase tantos veados como auroques. No entanto, ao primeiro associam-se quinze unidades e a veados e cervas seis (sendo que duas destas são partilhadas por auroques). Por outro lado, sendo o número de cavalos na zona central praticamente o quádruplo de auroques, seria de esperar uma relação semelhante ao nível das associações com as unidades não figurativas. No entanto, a diferença é apenas de dezasseis unidades. A importância do auroque verifica-se ainda pela associação exclusiva da chave III a este tema. Já ao cavalo, associa-se exclusivamente a chave V e ao veado a chave VIII.

Rocha	II	III	V	VIII	IX	XI	XII	XIII	TOTAL
SV62	0	0	0	0	0	3	0	0	3
SV63	0	0	1	0	0	2	0	0	3
SV64	0	0	0	0	0	1	1	0	2
SV65	0	0	0	0	0	3	1	0	4
SV67A	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV67B	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV67C	1	0	0	0	0	1	1	0	3
SV67D	0	0	0	0	0	3	0	0	3
SV69	0	0	0	0	0	3	0	0	3
SV73	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV74B	0	0	0	0	0	2	0	0	2
SV74C	0	0	0	0	1	0	0	0	1
SV74D	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV74F	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV75	1	0	0	0	0	0	0	0	1
SV76	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV77	0	0	0	0	0	1	1	0	2
SV78	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV82	0	0	0	0	0	2	0	0	2
SV85	0	0	2	0	0	0	0	0	2
SV86	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SV89	0	0	0	0	0	1	1	0	2
SV91	0	0	1	0	0	1	0	0	2
TOTAL(zn)	**2**	**0**	**4**	**0**	**1**	**31**	**5**	**0**	**43**

Tab. 5.54: Distribuição das unidades gráficas não figurativas pela zona norte de Siega Verde.

TEMA	II	III	V	VIII	IX	XI	XII	XIII	TOTAL
Isoladas	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**
TOTAL (zs)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**
B	1	3	0	0	1	7	0	0	12
B/ E	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-f	0	0	0	0	0	1	0	0	1
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (B)	**1**	**3**	**0**	**0**	**1**	**10**	**0**	**0**	**15**
Ca-f	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**2**
Ca-m	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL(Ca-m)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**3**
E	1	0	6	0	8	13	3	0	31
B/ E	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (E)	**1**	**0**	**6**	**0**	**8**	**14**	**3**	**0**	**32**
Isoladas	**7**	**1**	**0**	**2**	**10**	**46**	**5**	**5**	**76**
Ind.	0	0	0	0	0	1	1	0	2
Ca-m/ Ind.	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ind.)	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**1**	**0**	**3**
Ce-m	0	0	0	2	0	1	0	1	4
B/ Ce-m	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL (Ce-m)	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**2**	**0**	**1**	**5**
TOTAL (zc)	**10**	**4**	**6**	**4**	**19**	**75**	**9**	**6**	**133**
B	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**1**	**0**	**4**
Bi	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
E	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**9**	**2**	**0**	**14**
Is.	**0**	**0**	**1**	**0**	**1**	**20**	**2**	**0**	**24**
TOTAL(zn)	**2**	**0**	**4**	**0**	**1**	**31**	**5**	**0**	**43**

Tab.5.55: Associação das unidades gráficas não figurativas às figurativas no sítio de Siega Verde.

5.2.2 Redor do Porco

Localiza-se na margem esquerda do Águeda, já na zona geográfica das arribas. Administrativamente integra a freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda, Portugal. Encontra-se cartografado na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 00' 02,8" N; 6º 55' 24,7" O (Fig. 5.102). Foi descoberto por Mário Reis em 2011, tendo sido publicado por este autor e por António Martinho Baptista nesse mesmo ano.

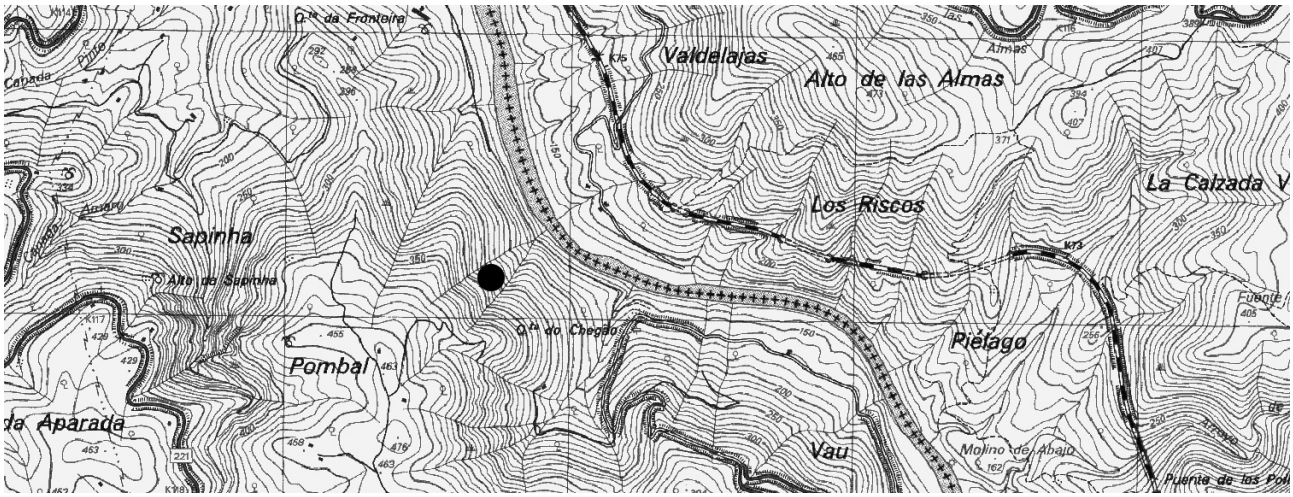


Fig. 5.102: Localização do sítio de Redor do Porco na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

Implanta-se em vertente declivosa entre duas linhas de água que se juntam uns metros abaixo antes de confluírem no Águeda. Do ponto de vista geológico, esta zona carateriza-se pela ocorrência de xistos da formação da Desejosa (Silva & Ribeiro, 1994, 14-15). Apenas se identificou um espaço parietal onde se observa auroque picotado e abradido, orientado para a direita. Na nossa análise foi integrado na classe 1. Não se observa qualquer unidade gráfica não figurativa.

5.2.3. Arroyo de las Almas

Deste sítio ainda pouco se conhece. Localiza-se em afluente do Arroyo de las Almas, subsidiário da margem direita do Águeda, já na no município de La Fregeneda, província de Salamanca, Castilla-León, Espanha. Foi descoberto por Mário Reis e Carlos Vázquez em 2015, tendo os autores publicado curta notícia nesse mesmo ano (Reis & Vázquez, 2015, 37-41). Pelo menos um espaço parietal poderá datar de uma das nossas fases (2 ou 3). Apenas se refere um veado inciso que é atribuído ao Magdalenense médio (Reis & Vázquez, 2015, 40-41, fig. 7).

5.3. Os sítios em torno de Domingo García

Domingo García é uma pequena povoação da província de Segóvia, região autónoma de Castilla León, Espanha. Nas imediações desta povoação conhece-se atualmente sete sítios com grafismos atribuídos ao Paleolítico superior, todos ao ar livre (Ripoll & Municio, dirs., 1999)[151] (Fig. 5.103). Este conjunto de sítios localiza-se já cerca dos limites leste da Meseta norte, junto do seu contacto com a cordilheira central. Trata-se de uma zona de caraterísticas aplanadas, mas onde aqui e ali sobressaem alguns relevos e os rios abrem vales, por vezes muito encaixados. Embora só dois sítios se localizem no município de Domingo Garcia, o facto do Cerro de San Isidro (que é um deles) ter sido o primeiro a ser identificado e a ser alvo de estudos mais aprofundados (para além de ser o sítio mais extenso), levou a que o conjunto de sítios seja conhecido sob aquele nome.

Os sítios têm em comum o facto dos seus espaços parietais se terem construído em xistos que datarão de um período entre o Pré-câmbrico e o Ordovícico, sendo fortes as probabilidades de poderem remontar ao Câmbrico (Jordá, 1999, 31).

Três destes sítios (Cerro de San Isidro, Las Canteras, Ortigosa de Pestaño) localizam-se nas vertentes sul, noroeste e oeste do *inselberg* de Cuesta Grande (Jordá, 1999, 30), uma de várias formas que constituem a unidade geomorfológicas regional denominada "*superfície inferior exumada*", que se trata de uma "*superficie de aplanamiento de morfología irregular*" onde se destacam esses mesmos relevos residuais (Jordá, 1999, 28). Nesta unidade geomorfológica encontram-se ainda os sítios de Miguelánez (LEP, 1999b, 162) e La Dehesa de Carbonero (*idem*, 175-196). Os sítios restantes (Valdebernardo-Cañamares e Rio Eresma) localizam-se nas margens de cursos de água colocadas a descoberto já durante o Quaternário (Jordá, 1999, 28).

151 Na monografia dedicada a estes sítios é ainda referido o sítio de Santa María Real de Nieva (v.g. LEP, 1999b, 197), mas nada se refere sobre os grafismos nele presentes, razão pela qual não o contabilizamos neste estudo.

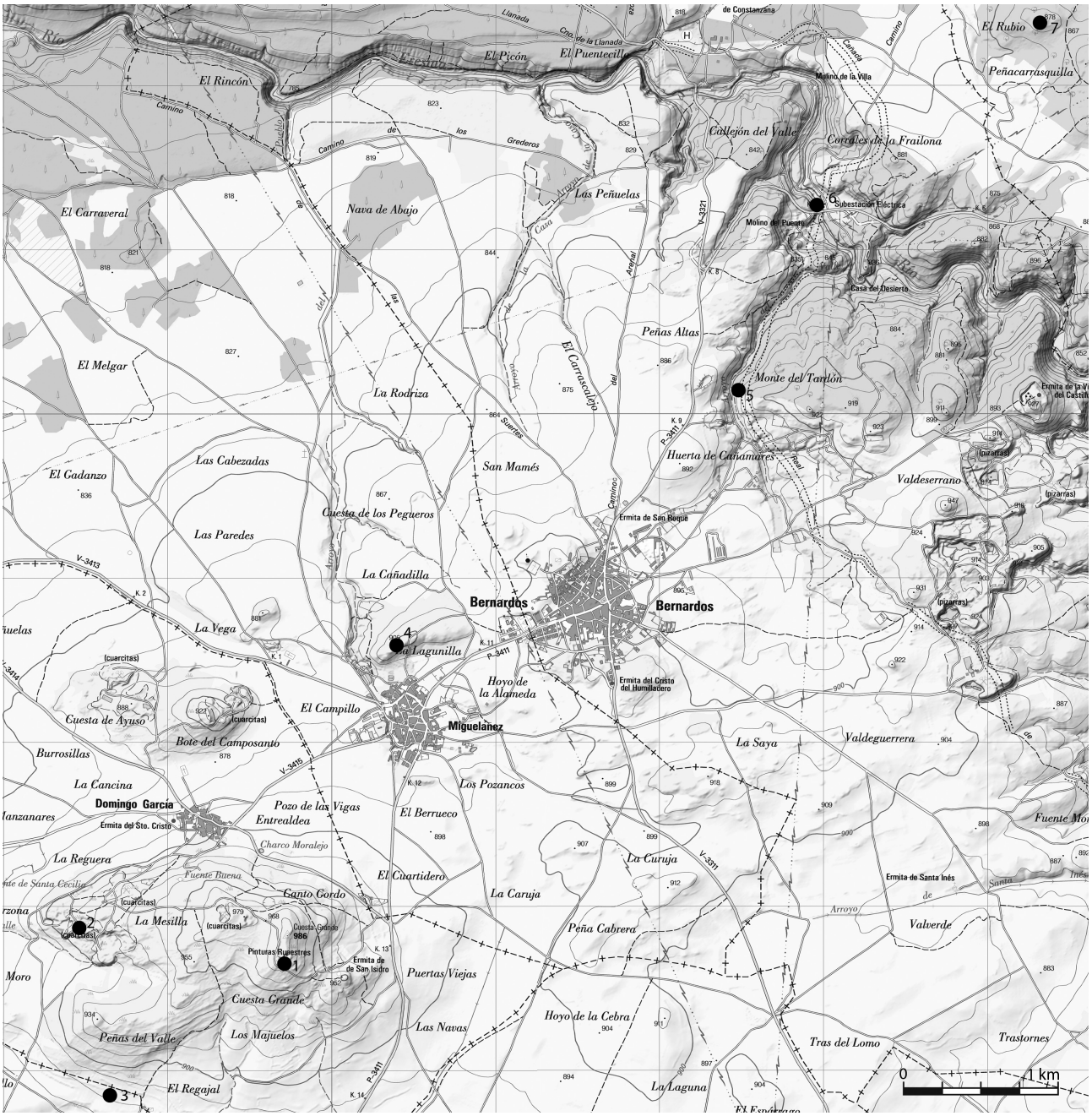


Fig. 5.103: Localização dos sítios em tono de Domingo García nas folhas 456-1 e 456-2 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000.

De todos estes sítios apenas analisaremos os que contém unidades gráficas figurativas, pelo que Ortigosa de Pestaño (LEP, 1999b, 159-161) não será alvo da nossa atenção.

5.3.1. Cierro de San Isidro

Como se referiu acima, localiza-se na vertente sul do *inselberg* da Cuesta Grande (Figs. 5.103 e 5.104). Localiza-se no município de Domingo Garcia, província de Segóvia, Castilla-León. Encontra-se cartografado na folha 456 do Mapa Topográfico Nacional nas coordenadas geográficas: 41º 6' 40" N; 4º 22' 10" O, entre os 940 e os 960 m de altitude (LEP, 1999b, 59).

Os grafismos atribuídos ao Paleolítico superior foram referidos pela primeira vez em 1970 (Gozalo, 1970). No entanto apenas em 1981 foram devidamente valorizados (Martín & Moure, 1981). Desde essa data que o sítio foi alvo de diversos estudos (v.g. Balbín & Moure, 1988; Ripoll & Municio, 1992; 1994; Ripoll *et al.*, 1994), tendo a sua monografia sido publicada em 1999 (LEP, 1999B, 59-125). Este é o texto que nos servirá de referência no nosso trabalho, sendo as informações nele contidas complementadas por novos achados publicados alguns anos mais tarde (Ripoll *et al.*, 2006).



Fig. 5.104: O inselberg da Cuesta Grande, visto de su-sudeste.

A nossa análise estatística revelou a existência de figuras das classes 2, 3 e 4 no sítio. Neste trabalho apenas nos referiremos às mais antigas. Embora os decalques publicados (LEP, 1999B, 61-124) revelem um repertório não figurativo de considerável quantidade e variedade, este não foi alvo de um tratamento aprofundado por parte dos autores. Como tal não será também tido em conta neste trabalho que apenas se debruçará sobre o repertório figurativo discriminado pelos autores da monografia.

Assim, identificam-se unidades gráficas das nossas classes 2 e 3 em vinte e um espaços parietais distribuídos por nove conjuntos parietais (Fig. 5.105). Como em alguns dos sítios do Vale do Côa, é difícil isolar as composições exclusivamente da classe 2 das que datariam já da fase 3, pelo que a análise será conjunta. O material analisado encontra-se publicado na referida monografia do sítio, encontrando-se resumido na tabela 5.56. Como no caso de Siega Verde, temos algumas divergências relativamente às descrições dos autores do estudo das estações de Domingo García. Assim, no conjunto parietal da rocha 12, que os autores dividem em dois painéis, consideramos a existência de três composições encontrando-se duas no painel B, separadas por uma grande fratura (LEP, 1999B, 66, fig. 56). Estas aparecerão descriminadas como SI12-B e SI12-B'. Por outro lado, a figura 1 do painel A foi classificada pelas nossas análises como classe 4, pelo que não a consideraremos. Recordamos ainda que há um cavalo nesta rocha que apenas foi publicado em 2006 (Ripoll *et al.*, 2006, 153-154). Por outro lado, será também de ter presente que este último e outros dois motivos deste tema correspondem aos únicos grafismos picotados de todo o conjunto de sítios que estamos agora a tratar. Na rocha 15 pensamos que se devem distinguir sete composições, ocorrendo duas no painel C (*idem*, 80-82, figs. 78-80), aparecendo estas identificadas na nossa tabela como SI15-C e SI15-C'. Neste mesmo painel (*idem*, 82, fig. 80) parece-nos que a figura 5 corresponde a duas unidades gráficas distintas. A cabeça, a ser identificada como tal, orientar-se-ia para a esquerda (aparecendo assim a orelha atrás do corno, como usualmente) e nada teria que ver com o corpo da esquerda, que nos parece de um cavalo, sendo continuado pelos dois traços imediatamente à direita que corresponderão à crineira e bordo crinal do animal. De qualquer forma, temos dúvidas quanto à interpretação da putativa cabeça como tal, pelo que não será contabilizada. O quadrúpede 4 parece-nos configurar o mesmo tema que **Fa6-03** e, como tal, foi classificado como "outro". A cerva da rocha 39.II (*idem*, 109, fig. 126) não foi tida, igualmente, em conta, porquanto a nossa análise a classifica como azilense.

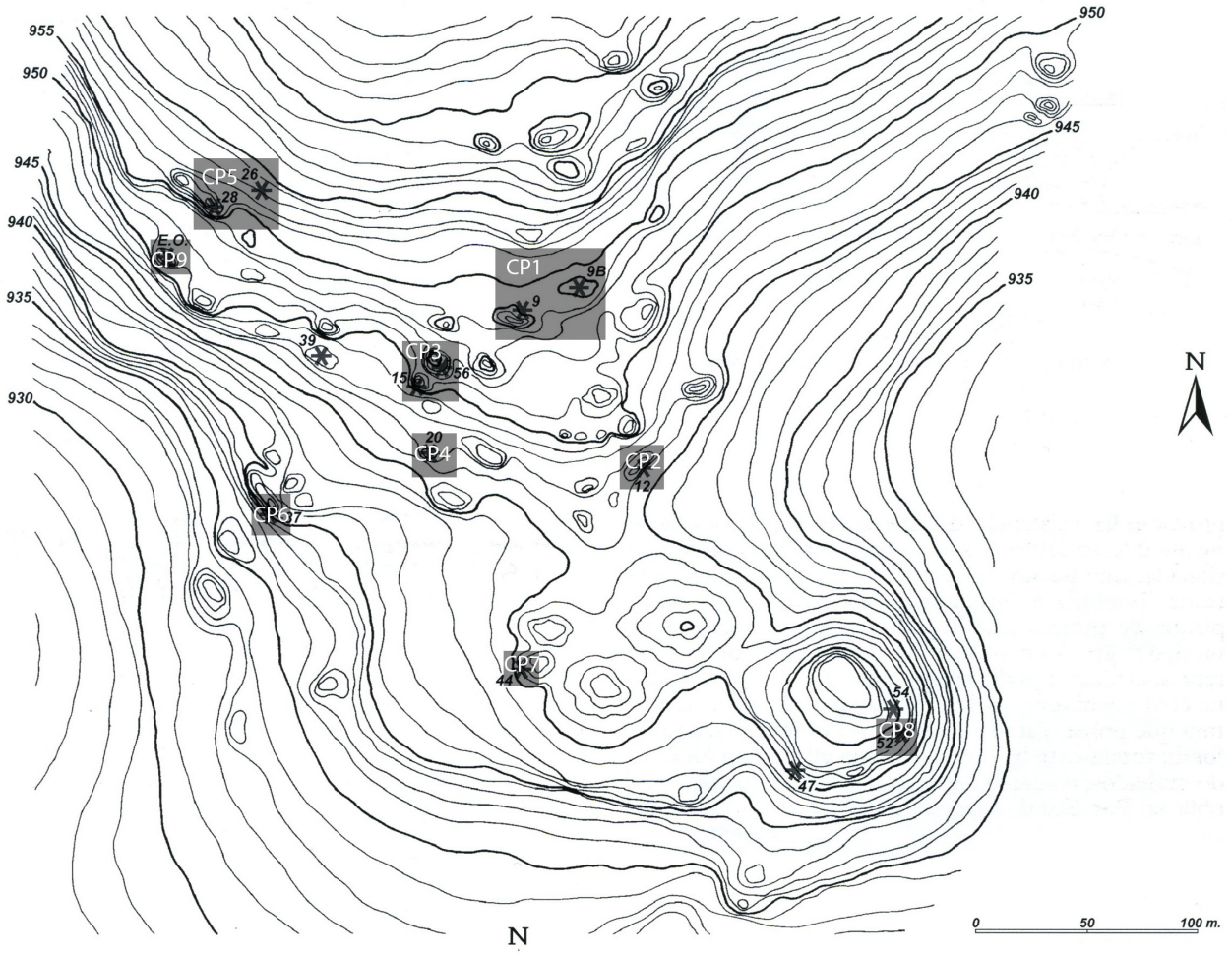


Fig. 5.105: Os conjuntos parietais do Cierro de San Isidro (base topográfica retirada de Ripoll & Municio, dirs., 1999, 59, fig. 43).

Feitas estas ressalvas, olhemos então para a tabela 5.56.

Da sua leitura vários aspetos saltam à vista. O mais evidente é o peso dos cavalos com mais do triplo de efetivos que o segundo tema mais representado — o dos auroques. Destaque-se a ausência de claros machos de cabra-montês, podendo o caprino do espaço parietal SI28.III-A corresponder ao único exemplar, o que está longe de ser seguro. Destaque-se também a presença do cavalo em todos os conjuntos parietais.

Em termos de arquitetura parietal, é difícil defender a existência de um percurso bem definido. A própria visibilidade e dimensão das gravuras não o permite, correspondendo o conjunto parietal 2 ao único com unidades gráficas cuja técnica de execução (picotagem) e a dimensão permitem considerar como imbuídas de carácter público. Se um "caminho" entre as rochas não é possível de definir, não podemos, no entanto, deixar de chamar a atenção para o facto da distribuição dos temas pelos conjuntos parietais do sítio não nos parecer aleatória. Assim, nos que bordejam o sítio por sul apenas encontramos cavalos, passando os que se encontram para lá desta linha a conter outros animais. O conjunto parietal de caráter mais central do ponto de vista da sua inserção topográfica no meio dos restantes (CP3), composto pelos espaços parietais das rochas 15 e 56, é o que comporta maior diversidade de temas, sendo ainda o único em que as quatro espécies presentes na estação aparecem seguramente. Para sudeste deste conjunto encontra-se o conjunto parietal 2, composto pelos espaços parietais da rocha 12, que corresponde à única cujo número de cavalos é menor que os de outra espécie — no caso, os auroques. Contudo, é, paradoxalmente, aí que os cavalos são mais visíveis. Em sentido oposto (para noroeste do conjunto 3) encontra-se o conjunto 5 com um dispositivo semelhante ao 2, mas onde as cabras-monteses substituem os veados.

Rocha	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	Ind.	Al.	Total
SI09-B	0	0	0	0	3	0	0	1	0	4
SI09bis	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL (CP1)	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**1**	**0**	**5**
SI12-A	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SI12-B	4	0	0	0	4	0	1	0	0	9
SI12-B'	0	0	0	0	0	0	2	1	0	3
TOTAL(CP2)	**5**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**	**3**	**1**	**0**	**13**
SI15-A	0	0	0	1	0	0	0	2	0	3
SI15-C	0	0	0	0	1	1	0	1	0	3
SI15-C'	0	1	0	0	1	1	0	0	1	4
SI15-D	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
SI56B	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
SI56C	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL(CP3)	**0**	**1**	**0**	**1**	**2**	**2**	**2**	**4**	**1**	**13**
SI20	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
SI26.I	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
SI28.I-A	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2
SI28.I-B	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
SI28.II-A	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
SI28.III-A	0	0	?	?	3	0	0	1	0	5
TOTAL(CP5)	**0**	**1**	**1?**	**1 ou 2**	**4**	**0**	**0**	**4**	**0**	**11**
SI37E-B	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
SI37E-C	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3
TOTAL(CP6)	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**
SI44-B	0	0	0	0	3	0	0	1	0	4
SI44-C	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
TOTAL(CP7)	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**1**	**0**	**5**
SI52B-A	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
Extremo Oeste	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
TOTAL(sítio)	**5**	**2**	**1?**	**2 ou 3**	**25**	**2**	**5**	**11**	**1**	**54**

Tab.5.56: Distribuição das unidades gráficas figurativas pelas composições do Cierro de San Isidro.

5.3.2. Las Canteras

Localiza-se na vertente noroeste do *inselberg* da Cuesta Grande (Fig. 5.103). Administrativamente, pertence ao município de Domingo García. Como no caso anterior encontra-se cartografada na folha 456-1, escala 1:25.000 do Mapa Topográfico Nacional nas coordenadas geográficas: 41º 6' 45" N; 4º 23' 10" O (LEP, 1999b, 126). Foi dado a conhecer em 1992 (Ripoll & Municio, 1992, 130-135). A monografia do sítio, que seguiremos neste trabalho é publicada em 1999 (LEP, 126-158). Nesse trabalho são referidas sete rochas, mas não se dá conta da sua distribuição espacial. Deste modo, apenas abordaremos as diferentes associações temáticas que se identificam no sítio. Como no caso anterior, o repertório não figurativo não foi alvo de estudo aprofundado, razão pela qual não o trataremos aqui. Por outro lado, uma vez que não conhecemos as relações que as rochas estabelecem umas com as outras vamos partir do princípio que cada uma das rochas inventariadas pelos autores é um conjunto, correspondendo os seus distintos painéis aos diversos espaços parietais.

Também neste caso, a nossa interpretação do dispositivo parietal diverge pontualmente da dos autores responsáveis pela monografia. Assim, pensamos que a figura 2 do painel C da rocha 1 (LEP, 1999b, 130, fig. 162) apresenta caraterísticas já azilenses (acefalia, corpo geométrico, patas em perfil biangular, etc.), pelo que não será tomada em linha de conta. No painel A da rocha 3 (*idem*, 134, fig. 169) encontramos duas composições que aparecerão discriminadas como Cant03-A e Cant03-A'. Na rocha 4, julgamos que a figura 4 (*idem*, 139, fig. 176) não apresenta suficientes caraterísticas que a permitam identificar como caprino, pelo que a discriminaremos como quadrúpede indeterminado. No caso da figura do painel B da rocha 6 (*idem*, 147, fig. 190) pensamos estar perante o mesmo tema representado por **Fa6-03** e por **SI15-04**, pelo que será identificado como "outro". Na rocha 6 consideramos que a figura 6, justamente paralelizado com os prótomos de equídeos do Escoural (*idem*, 152, fig. 196) deverá datar já do Azilense, razão pela qual não será contabilizada.

Recordemos que todas as figuras deste sítio que foram alvo das nossas análises foram classificadas como classe 3, incluindo um cavalo. Este sítio poderá, portanto, ser algo posterior ao Cierro de San Isidro. Observemos agora as associações temáticas do dispositivo (Tab. 5.57).

Rocha	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	Ind.	R	Al.	TOTAL
Ca01-A	0	0 ou 1	0 ou 1	0	0	0	1	0	0	2
Ca01-B	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Ca01-C	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
TOTAL (CP1)	**0**	**1—2**	**0—1**	**1**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**5**
Ca02	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Ca03-A	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ca03-A'	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
TOTAL (CP3)	**1**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**
Ca04	0	2 ou 3	0 ou 1	2	1	3	4	1	0	14
Ca05	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Ca06-A	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Ca06-B	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Ca06-D	0	2	1	1	0	2	4	0	0	10
TOTAL (CP6)	**0**	**2**	**1**	**2**	**0**	**2**	**4**	**0**	**1**	**12**
TOTAL	**1**	**5—8**	**1—4**	**6**	**1**	**6**	**11**	**1**	**1**	**35**

Tab. 5.57: Distribuição das unidades gráficas figurativas pelo sítio de Las Canteras.

Destaque-se a raridade do auroque e o predomínio da cabra-montês e do veado, particularmente do sexo masculino. Se tivermos em conta os conjuntos parietais, o cavalo apenas não aparece na rocha 2, só ocorrendo aí um veado. Este está ausente do 1 e do 3. A cabra-montês está ausente do 2 e do 3. Infelizmente não sabemos que espécie está representada no 5. De qualquer forma, parece que o cavalo, pese embora não ser maioritário, é o tema que melhor se distribui no sítio. Contudo em nenhum conjunto é o animal dominante (com a exceção possível da rocha 5). O auroque apenas aparece uma vez em espaço parietal próprio. A camurça e a cerva também só ocorrem uma vez, no mesmo espaço parietal, também constituído por veado, cavalo, cabra-montês macho e, eventualmente, fêmea. Este conjunto é não só o que apresenta maior variedade de temas, como também a maior quantidade de unidades gráficas figurativas.

5.3.3. Migueláñez

Trata-se de um afloramento de xisto localizado no topo de uma colina com alguma amplitude visual, a cerca de 3 km para nor-nordeste do *inselberg* da Cuesta Grande (LEP, 1999b, 162) (Fig. 5.103). Administrativamente pertence ao município epónimo, província de Segóvia, região de Castilla—León, encontrando-se cartografado na folha 456-1 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 7' 35" N, 4º 21' 50" O (*idem*, 162).

Foi publicado em 1999 (LEP, 1999b, 162-164), tendo os autores do seu estudo identificado apenas um painel onde se distingue um quadrúpede orientado para a esquerda e um veado orientado para a direita, animal que pelas suas caraterísticas, será datado da nossas fases 2 ou 3. Ambas as figurações são incisas.

5.3.4. Valdebernardo-Cañamares

Localiza-se na margem direita do Arroyo del Valle, um pequeno curso de água tributário da margem esquerda do Eresma (Fig. 5.103). Administrativamente pertence ao município de Bernardos, província de Segóvia, Castilla-León, encontrando-se cartografado na folha 456-2 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 8' 30" N, 4º 20' 32" O (LEP, 1999b, 165). Foi dado a conhecer em 1999, na monografia do conjunto de sítios de Domingo García (*idem*, 165-168).

Conhecem-se duas rochas no sítio, sendo que apenas uma contém unidades gráficas figurativas incisas, que pelas suas caraterísticas podemos situar na nossa fase 2. A rocha em questão foi inventariada com o número 1, nela se identificando apenas um cavalo orientado para a esquerda e um macho de cabra-montês para a direita (LEP, 1999b, 165-167).

5.3.5. Río Eresma

Esta estação distribui-se pelas duas margens do Eresma, em zona de trânsito natural entre as povoações de Bernardos e Carbonero el Mayor (LEP, 1999b, 169) (Fig. 5.103). Administrativamente localiza-se também no município de Bernardos, encontrando-se cartografada na folha 456-2 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000 nas coordenadas 41º 9' 10" N, 41º 19' 59" O (*idem*, 169). Apenas se apresentam as coordenadas que os autores fornecem para a rocha da margem direita, a única que contém unidades gráficas figurativas.

O sítio foi publicado, como se referiu, em 1999 (LEP, 1999b, 169-174). Apenas a rocha da margem direita contém unidades figurativas. Esta rocha localiza-se na zona alta do vale, em "*ubicación dominante, pues desde este alto se controla el paso por el valle*" (*idem*, 170). Nesta rocha identificaram-se quatro painéis, sendo que apenas no inventariado como C se observou um quadrúpede indeterminado inciso, orientado para a esquerda (*idem*, 172-173).

5.3.6. La Dehesa de Carbonero

Localiza-se no município de Carbonero el Mayor, em zona de defesa, encontrando-se cartografado na folha 456-2 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000 nas coordenadas geográficas 41º 9' 30" N, 4º 16' 30" O (LEP, 1999b, 175) (Fig. 5.103). Foi publicado pela primeira vez em 1999, mencionando os autores do seu estudo a existência de nove rochas com grafismos paleolíticos conseguidos exclusivamente por incisão (*idem*, 175-196).

Não foi até ao momento publicada qualquer planta com a distribuição das rochas do sítio. Pela descrição, poder-se-á inferir que as rochas 1 a 6 formarão um conjunto parietal, localizando-se em pequena elevação do terreno com grande amplitude visual sobre troço importante do Eresma (LEP, 1999b, 175). As restantes encontram-se para sul, distribuindo-se de forma mais dispersa (*idem*, 175). Destas últimas não teremos em conta as rochas 8 e 9, por apenas conterem unidades gráficas não figurativas (*idem*, 195-196). Quanto às do conjunto parietal 1 ignoraremos a rocha 2 (*idem*, 182) pelas mesmas razões.

Também no caso deste sítio, a nossa interpretação do dispositivo parietal diverge em alguns pontos relativamente à dos autores que o estudaram originalmente. Uma destas prende-se com a nossa identificação da figura 2 da rocha 1 (LEP, 1999b, 178-179, fig. 242) como um auroque. Este diagnóstico prende-se com as caraterísticas do seu bordo cérvico-dorsal, com a identificação do "topete" do animal como marrafa, dos traços semicirculares à esquerda da cabeça como corno do animal, e com os paralelos desta unidade gráfica com figurações do Côa claramente identificadas como auroques, por exemplo **QB56-04**, **Pi24-084** ou **PI24-095**. Já quanto ao animal da rocha 4, não vemos razões para não o considerarmos como bisonte, observando-se no desenho publicado o poderoso garrote, a face quase vertical e os dois cornos dispostos em perspetiva biangular oblíqua (*idem*, 185, fig. 254). Também não contabilizámos o veado 1 do painel B da rocha 6, que datamos já, pelas suas caraterísticas, do Azilense. Feitas estas ressalvas, olhemos para a tabela 5.58.

Rocha	B-m	B-f	E	Ind.	Al.	TOTAL
DC01	1	0	2	1	0	4
DC03	0	0	1	0	0	1
DC04	0	0	0	0	1	1
DC05	0	0	1	0	0	1
DC06-A	0	1	0	0	0	1
DC06-B	0	0	1	0	0	1
DC06-C	0	0	2	1	0	3
DC06-D	0	0	2	0	0	2
TOTAL (CP1)	**1**	**1**	**9**	**2**	**1**	**14**
DC07	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**
TOTAL	**1**	**1**	**10**	**2**	**1**	**15**

Tab. 5.58: Distribuição das unidades gráficas figurativas pelo sítio de La Dehesa de Carbonero.

Destaque-se a pouca variabilidade temática da estação que é, largamente dominada pelo cavalo. Devemos ainda assim relevar o papel dos bovinos, em particular dos auroques, pertencendo a este tema a maior figuração do sítio (**DC01-**

02). Refira-se também que apenas neste espaço parietal se encontram, de forma clara, diversas espécies representadas.

5.4. Vale do Sabor

O Sabor é um rio ibérico que nasce na serra da Gamoneda, ainda em León, vindo a desaguar na margem direita do Douro após percorrer cerca de cento e vinte quilómetros num sentido *grosso modo* norte—sul. Apresenta um vale profundamente encaixado ora na superfície da Meseta norte, ora entre esta e o terraço rochoso superior, que se encontra particularmente "desenvolvido em rochas brandas (xistos, xistos verdes)" a cerca de 100 m abaixo da superfície da Meseta (Ribeiro, 2004, 129). Mais para jusante, o vale torna-se menos escarpado, deixando de cortar a superfície da Meseta, mas apenas o referido terraço superior (cfr. Fig. 5.114). Apresenta um traçado em semicírculo, fruto de um "processo de reorganização da rede de drenagem terciária, controlada, entre outros, por factores litológicos e tectónicos" (Pereira, 2004, 74), mas também de uma alteração da drenagem, datada dos inícios do Quaternário, quando o rio deixa de correr na direção da bacia terciária do Douro (localizada já em Espanha), passando a dispor de uma captura atlântica (Pereira, 2004, 80).

Ao longo do vale conhecem-se quatro estações com arte parietal ao ar livre de cronologia paleolítica. Para além destas estações, importa não esquecer a existência do sítio do Medal, a que fizemos alusão atrás. Para além da sua importante coleção de arte móvel genericamente atribuída ao Magdalenense, não devemos perder de vista que o sítio também revelou vestígios de ocupações gravettenses e solutrenses que poderão ser genericamente coevas das estações que em seguida analisaremos. Recorde-se que todos os motivos analisados por nós foram, com uma exceção, integrados na classe 1 de cavalos e auroques. A exceção corresponde ao auroque da Fraga Escrevida, que foi classificado como 2. Pelo menos um cavalo (**Po01-03**) e um auroque (**Sa01-04**), embora classificados como 1, encontram-se em regiões dos respetivos gráficos que nos permitem levantar a hipótese destes grafismos serem de um período avançado da fase 1.

5.4.1. Sampaio

Localiza-se na margem direita do Sabor, muito perto do leito natural deste rio, a pouco menos de 1 km para jusante da zona de vau do mesmo, onde hoje se localiza a ponte de Valbom (Fig. 5.106). Integra-se, administrativamente na freguesia de Alfaião, concelho e distrito de Bragança. Encontra-se cartografado na folha 38 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 46' 20,27" N; 6º 40' 44,95" O, a uma altitude de cerca de 495 m. Foi identificado por Mário Reis em 2001, tendo sido dado a conhecer nesse mesmo ano (Baptista, 2001b, 202). Contudo, o sítio só será alvo de tratamento mais aprofundado em 2009 (*idem*, 2009a, 200-203), quando são publicados os desenhos sobre os quais trabalhámos.

O sítio corresponde a um afloramento xistoso de alguma imponência na paisagem, nele se identificando três espaços parietais (Fig. 5.107).

O primeiro corresponde a superfície vertical orientada para és-sudeste. Localizado a maior altura relativamente aos restantes, nele apenas se observa auroque picotado orientado para a esquerda, ao qual se associa unidade gráfica da chave XI igualmente picotada.

O segundo espaço parietal localiza-se mais abaixo, correspondendo a superfície sub-horizontal orientada para és-nordeste, onde se identificam dois auroques picotados orientados para a direita e nove unidades gráficas incisas da chave XI.

O terceiro espaço parietal localiza-se ainda mais abaixo, encontrando-se atualmente dividido em dois painéis. Trata-se de superfície vertical orientada para és-sudeste onde se observa auroque picotado com duas cabeças, orientado para a esquerda, e três unidades da chave XI, igualmente picotadas.

Trata-se, portanto de um sítio monotemático dedicado ao auroque. Destaque-se o facto do repertório não figurativo se resumir igualmente a uma chave apenas.

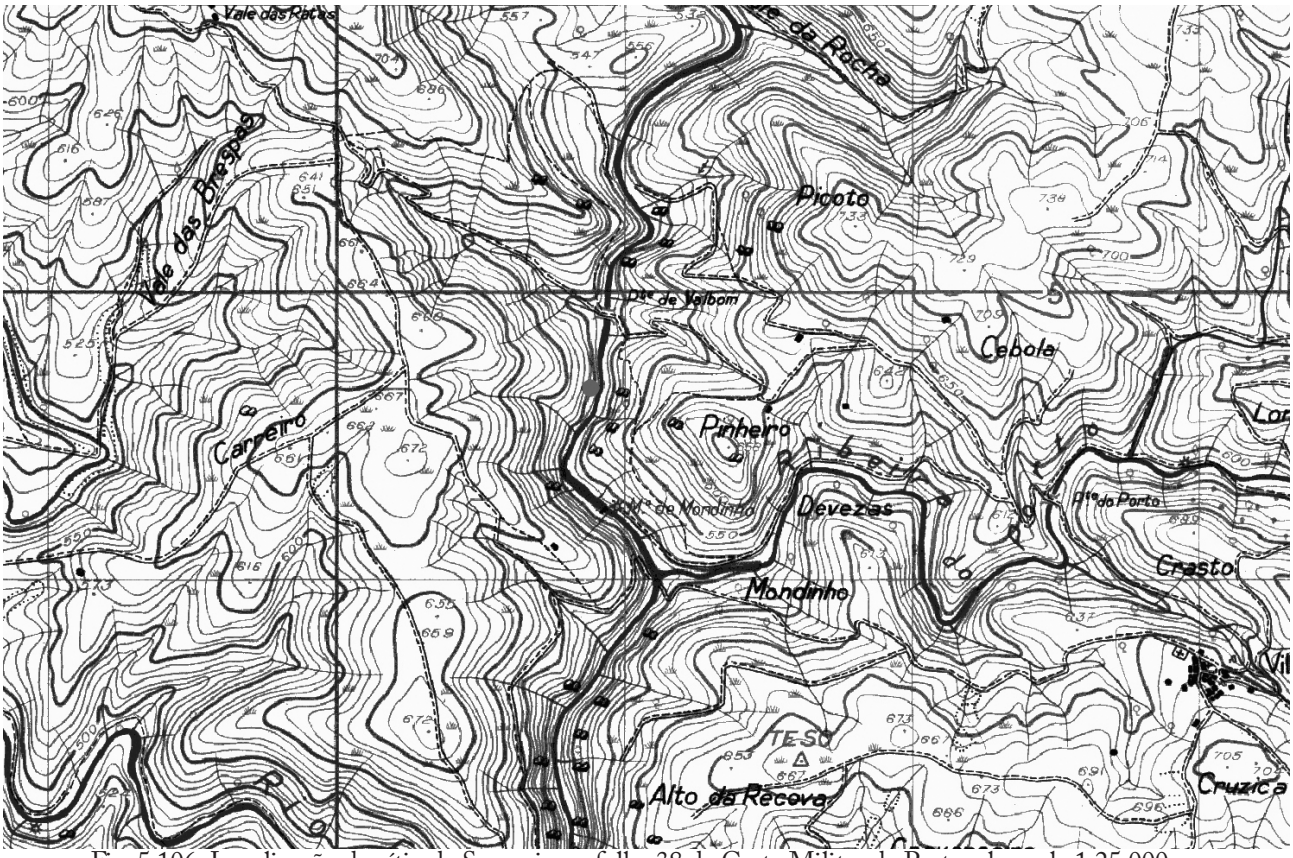


Fig. 5.106: Localização do sítio de Sampaio na folha 38 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.



Fig. 5.107: O conjunto parietal do Sampaio. O painel 1 encontra-se em frente de Joana Teixeira, o 2 é apontado por Luís Luís e Thierry Aubry, e o 3 encontra-se imediatamente à direita da mochila situada em primeiro plano. Montagem com decalques.

5.4.2 Pousadouro

Localiza-se na margem direita da ribeira do Pousadouro, a cerca de 50 m para montante da sua confluência com o Sabor, que se dá na margem direita deste. Implanta-se numa área de limite entre uma zona relativamente aplanada, que se desenvolve para leste, e a vertente profundamente inclinada do vale do Sabor. Refira-se que o sítio se localiza na zona terminal de uma área, *grosso modo* definida a norte pelo ribeiro do Amedo e a sul pela ribeira do Pousadouro, que corresponde ao sector onde o declive entre o topo da superfície da Meseta e o fundo do vale é mais suave (cfr. Fig. 5.108). Geologicamente, o substrato corresponde ao xisto.

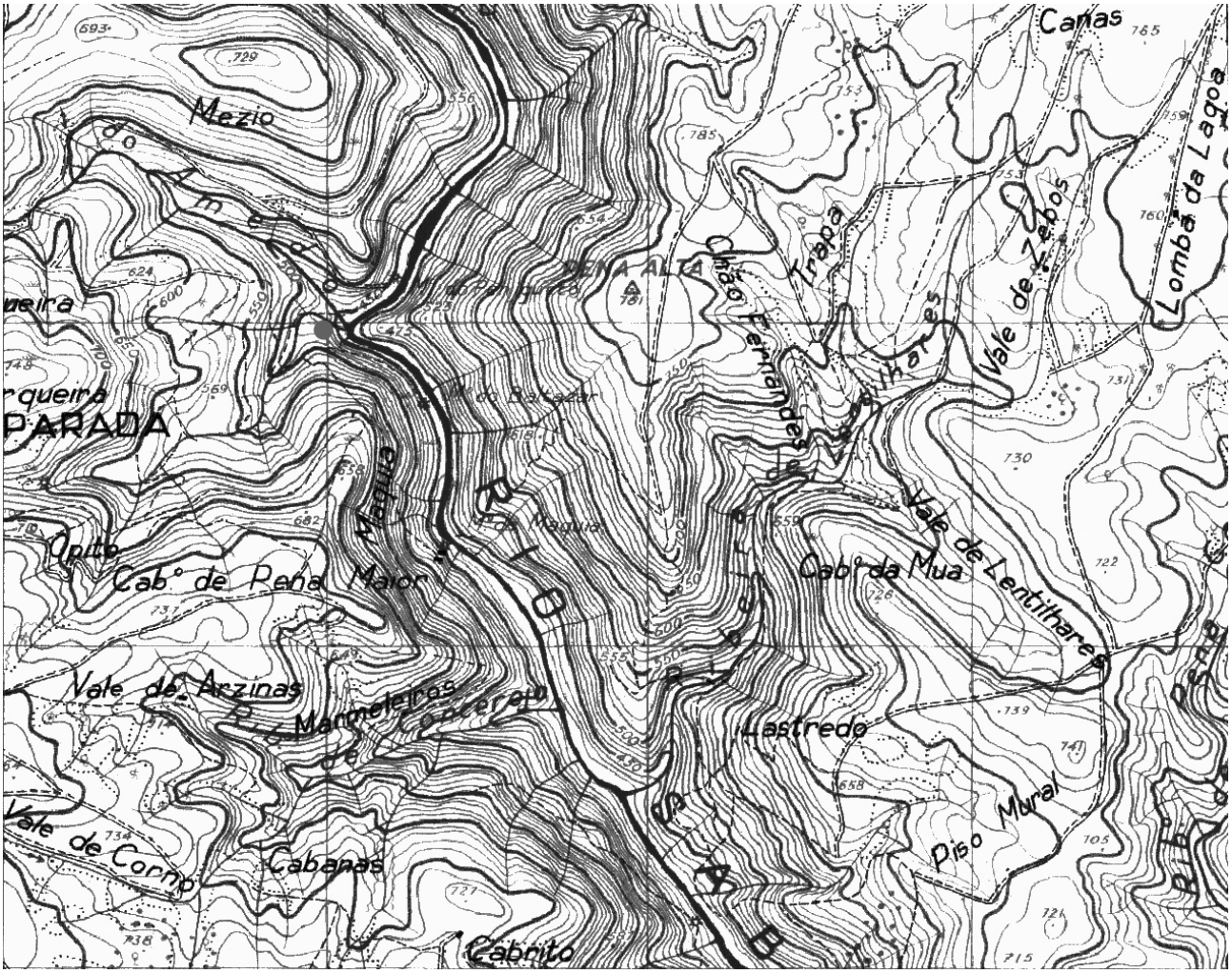


Fig. 5.108: Localização do Pousadouro na folha 51 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

O sítio foi descoberto por António Luís Pereira, Celina Martins e Mário Reis em 2001, tendo sido dado a conhecer em 2001 (Baptista, 2001b, 202). Uma publicação mais aprofundada, onde são dados a conhecer os decalques sobre os quais trabalhámos, surge apenas em 2009 (Baptista, 2009a, 204-207). Administrativamente, localiza-se na freguesia de Grijó, concelho e distrito de Bragança. Encontra-se cartografado na folha 51 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas 41º 43' 16,22" N; 6º 39' 56,52" O, a uma altitude de cerca de 465 m.

O sítio é composto por dois espaços parietais que correspondem a dois painéis verticais orientados para leste, que se encontram adossados à parede rochosa imediatamente a sul (Fig. 5.109), aspeto que acaba por contribuir para a preservação destas superfícies. O acesso aos mesmos dá-se por via da área aplanada situada a oeste, sendo muito difícil a partir do fundo do vale, uma vez que o sítio se eleva cerca de 20 m acima do Sabor.

O sítio datará dos finais da fase 1, tal como inferido a partir da posição de **Po01-03** no respetivo mapa fatorial e das semelhanças entre **Po01-08** e **Fr05-01**.

No primeiro espaço parietal identificam-se sete animais picotados e pontualmente abradidos: cinco cavalos, uma cerva e um veado, encontrando-se a cerva e um cavalo (o de maiores dimensões) orientados para a esquerda e os restantes

para a direita. O repertório não figurativo é maioritariamente inciso, encontrando-se a maior parte das unidades que o compõem não associadas diretamente a qualquer animal. Estas são em número de cinquenta e sete : uma da chave I, três da VII, nove da IX, uma da X e quarenta e três da XI. As restantes nove associam-se a cavalo: oito da XI e uma da XIII.



Fig. 5.109: Os espaços parietais do Pousadouro, observando-se o B em primeiro plano. Montagem com decalques.

O segundo espaço parietal encontra-se num plano mais avançado, a altitude mais baixa e para a direita, nele se reconhecendo um cavalo picotado orientado para a direita. Apenas se contabilizaram as unidades gráficas não figurativas incisas, em número de quarenta. Vinte e três associam-se diretamente ao cavalo: uma da chave II, três da IX, uma da X e dezoito da XI. As restantes dezassete não se associam diretamente a ele, correspondendo a uma da chave VII, uma da IX e quinze da XI.

Releve-se a forte presença do cavalo, a que se segue o veado sob a forma dos dois sexos. A importância do cavalo é reiterada pela distribuição do repertório não figurativo. De facto, se é verdade que a maior parte não se associa diretamente a nenhum tema animal, as trinta e duas unidades que o fazem, associam-se exclusivamente a cavalo.

5.4.3. Fraga Escrevida

Localiza-se na margem direita do Sabor, em vertente bastante declivosa, sensivelmente a meia-encosta, a uma cota de cerca 450 m (Fig. 5.110). Administrativamente localiza-se na freguesia de Paradinha-a-Nova, concelho e distrito de Bragança. Geologicamente, e segundo a Carta Geológica, escala 1:500.000, estamos no interior do complexo Vulcano-silicioso, numa área de transição entre xistos verdes e metavulcanitos. Encontra-se cartografado na folha 65 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 35' 14,59" N; 6º 39' 52,97" O, a uma altitude de cerca de 400 m. Foi identificado pelo abade de Baçal (Alves, 1934, 567, 643-644), que apenas observou as figurações históricas. Os grafismos paleolíticos apenas foram reconhecidas por M. Reis em 2001, tendo o sítio sido dado a conhecer nesse ano (Baptista, 2001b, 202). Como as restantes estações do Sabor, esta só será alvo de tratamento mais aprofundado em 2009 (*idem*, 2009b, 200-2003), quando é publicado o decalque que utilizámos como referência.

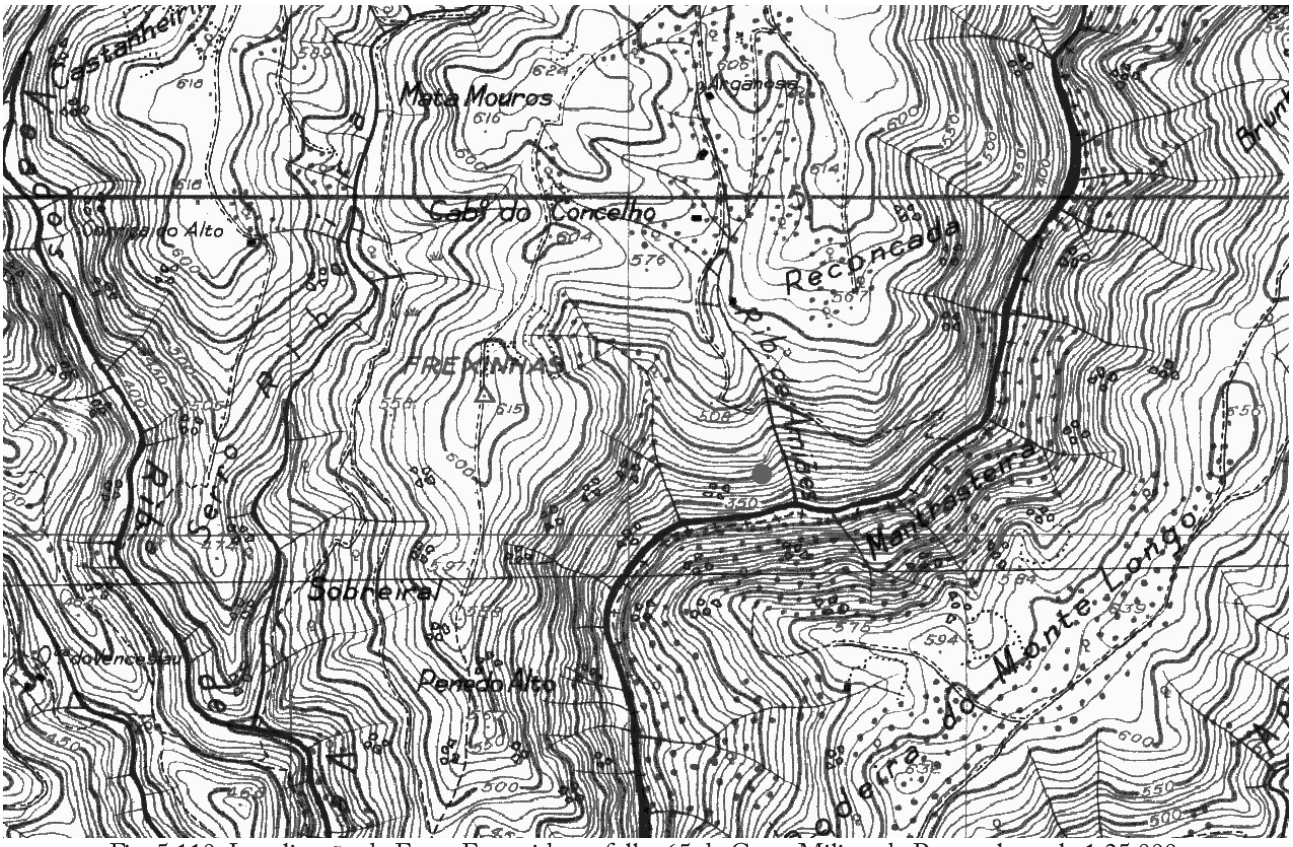


Fig. 5.110: Localização da Fraga Escrevida na folha 65 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

O sítio é composto por um espaço parietal. Trata-se de um paredão que se encontra na base de um caos de blocos (Fig. 5.111). Provavelmente devido à natureza do suporte, os traços que conformam o dispositivo parietal encontram-se muito erodidos, o que dificulta a sua leitura. Reconhecem-se dois auroques orientados para a direita e o que poderão ser três unidades não figurativas da chave XI. Recorde-se que um dos auroques é colocado pela nossa análise na classe 2.



Fig. 5.111: A Fraga Escrevida, vista sensivelmente de sudeste.

5.4.4. Ribeira da Sardinha

Localiza-se na margem esquerda da ribeira epónima, a cerca de 200 m para montante da sua confluência na margem esquerda do Sabor. Administrativamente, integra a freguesia de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança. Encontra-se atualmente submersa pela albufeira da barragem do Sabor. Encontrava-se cartografada na folha 119 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000, nas coordenadas geográficas 41º 14' 7,30" N; 6º 57' 58,91" O, a uma altitude de cerca de 200 m (Fig. 5.112).

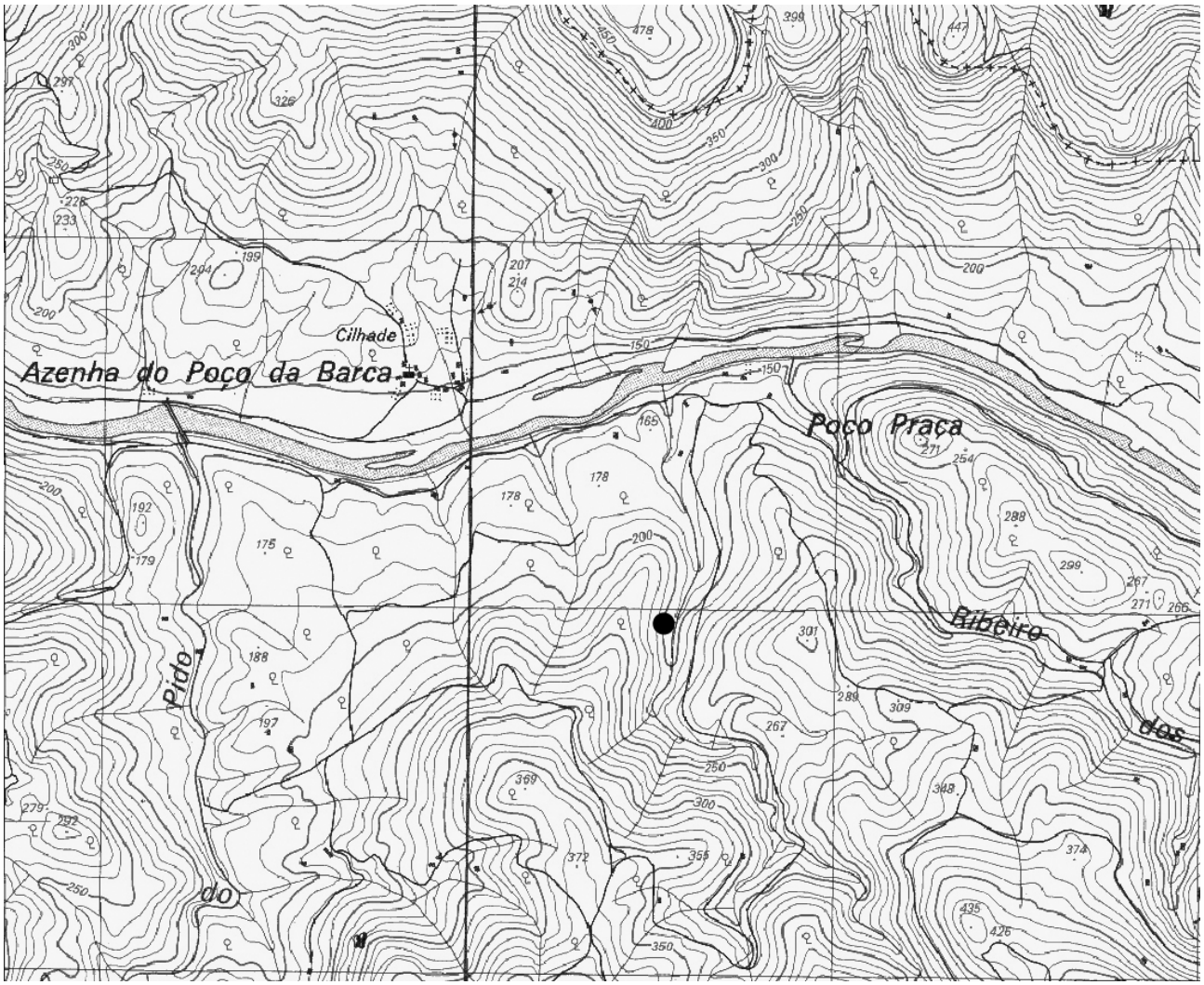


Fig. 5.112: Localização da Ribeira da Sardinha na folha 119 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000.

O sítio foi descoberto por Miguel Rodrigues em 1997, tendo sido dado a conhecer em 2001 (Baptista, 2001a, 191-192) e de novo tratado por este autor em 2009 (*idem*, 2009a, 196-197). Mais recentemente foi alvo de novo estudo por Joana Teixeira, que veio a precisar alguns detalhes, tendo esta autora identificado os picotados existentes na extremidade do corno "natural" do animal aqui representado.

O sítio encontra-se já na zona do Baixo Sabor, onde o vale era menos escarpado, fruto da incisão da rede fluvial na superfície do terraço superior a que nos referimos atrás (Fig. 5.113). Localiza-se em sítio que não se destacava na paisagem, sendo constituído por apenas um espaço parietal.

Trata-se de painel subvertical orientado *grosso modo* para leste, onde se identifica representação parcial de auroque orientado para a esquerda. Como particularidade, refira-se a utilização de uma fissura natural da rocha como corno do animal, apreciando-se apenas alguns picotados na zona do que seria a extremidade distal do mesmo (Fig. 5.114).



Fig. 5.113: O vale do Sabor antes da construção das barragens aí existentes, nele se indicando a localização do sítio da Ribeira da Sardinha (vista de norte).

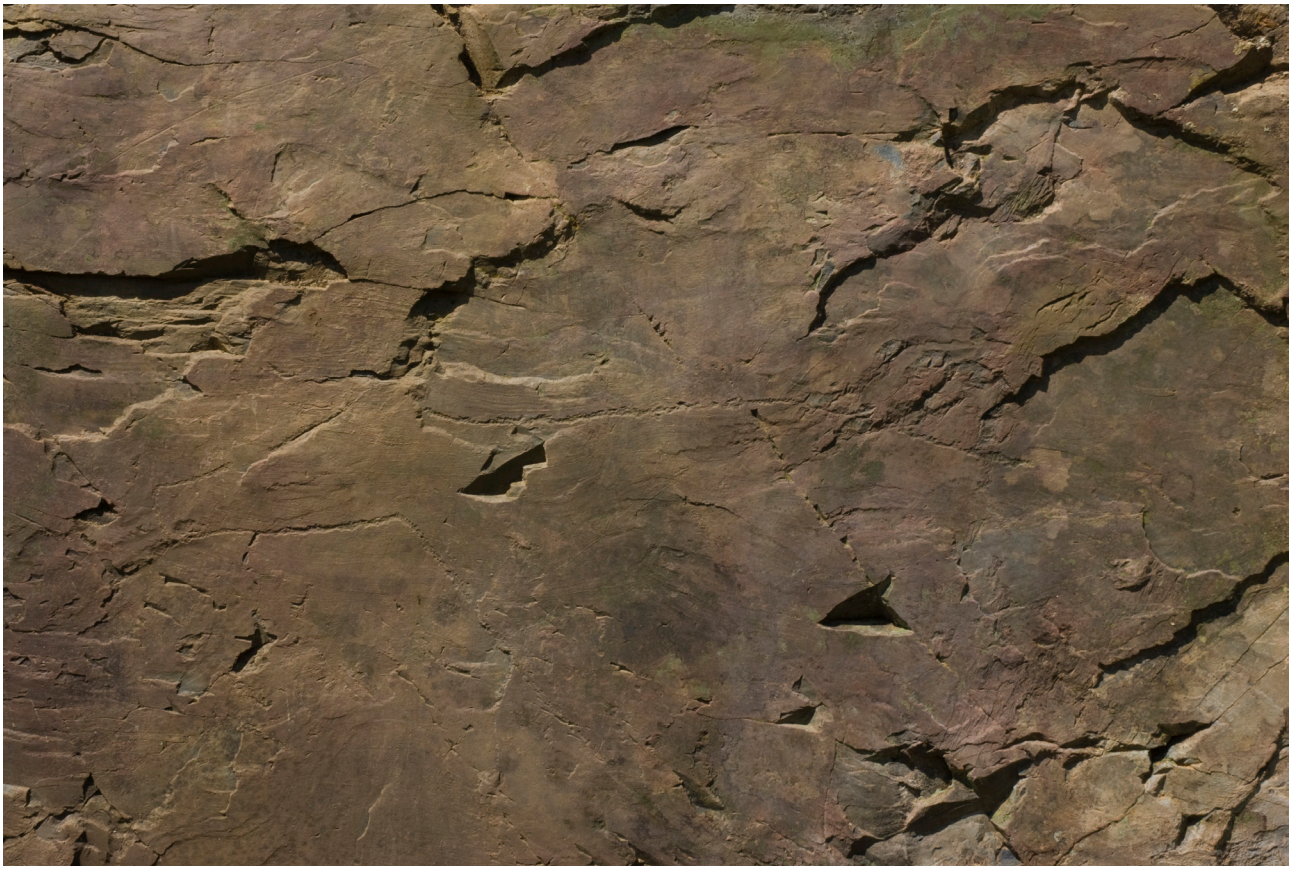


Fig. 5.114: O auroque da ribeira da Sardinha (atente-se à forma como uma fratura natural é utilizada no dispositivo como corno do animal.

5.5. Outras estações isoladas da bacia do Douro

Para além das estações a que nos temos vindo a referir, conhecem-se ainda outros quatro conjuntos parietais no vale do Douro que, atualmente se caraterizam pelo seu isolamento. Dois deles — Mazouco e Foz Tua — localizam-se a poucos metros do leito do Douro, em zonas onde a rede hídrica se encontra fortemente alteada devido às barragens que

pontuam o grande rio ibérico. É assim altamente verosímil que estas estações possuam outros conjuntos hoje submersos ou, no caso de Foz Tua, destruídas pela construção da linha férrea.

O caso do terceiro conjunto — localizado no sítio da Fraga do Gato — é diferente, não se conhecendo qualquer outra manifestação gráfica nas imediações que se possa atribuir ao Paleolítico superior, abundando, por outro lado, a pintura esquemática. Como veremos, a estação da Fraga do Gato apresenta caraterísticas especiais que não permitem a sua inclusão de ânimo leve no conjunto de sítios com arte paleolítica. Por outro lado, essas caraterísticas especiais, e a sua conservação, podem ambas dever-se às caraterísticas únicas do entorno onde se encontra a estação.

O quarto conjunto que trataremos — La Salud — encontra-se já em Espanha, na margem esquerda do Tormes, em zona também afetada por albufeira de uma barragem, pelo que o seu isolamento deve ser igualmente ilusório.

5.5.1. Mazouco

Trata-se do primeiro sítio com arte paleolítica de ar livre a ser descoberto em território português e o primeiro a causar algum impacto na arqueologia ibérica. Foi descoberto por Nélson Rebanda em 1981, tendo sido dado a conhecer à comunidade científica ainda esse ano (Jorge *et al.*, 1981). O sítio é alvo de diversos trabalhos da responsabilidade da equipa que o publicou originalmente (Jorge *et al.*, 1981-1982; 1982), de Balbín e Alcolea (1992, 436-441), de Mário Varela Gomes (1994) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (Baptista, 2009a, 194-195).

O sítio localiza-se na zona geográfica das Arribas, na margem direita da ribeira de Albargueira, imediatamente antes desta se encontrar com o Douro (Fig. 5.115). Encontra-se cartografado na folha 132 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000, nas coordenadas geográficas 41º 08' 25,14" N; 6º 45' 45" O, a uma altitude de 215 m. Localiza-se na freguesia de Mazouco, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, distrito de Bragança. Atualmente parece encontrar-se praticamente sobre o rio, mas tal deve-se à influência das barragens do Douro. Na figura 1 do texto de Susana Jorge e colaboradores do ano de 1982 pode-se observar a implantação da rocha a meia encosta da vertente sudeste da colina denominada Cabeço da Vigia, cujo cume se encontra a 295 m de altitude absoluta. Do outro lado da ribeira de Albargueira encontra-se outra colina que destaca nesta zona do vale: o Picão do Navalho (Fig. 5.116). De acordo com a folha 11D da Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000 estamos perante um afloramento de xisto (formação de Pinhão).

O único conjunto parietal aqui existente é composto por três espaços parietais, correspondendo estes a painéis subverticais orientados para su-sudeste e separados entre si por fraturas e diferenças de plano (Fig. 5.117; descrição e decalque nos anexos).

No painel mais visível observa-se cavalo originalmente inciso, picotado e talvez abradido, sendo-o hoje seguramente; orienta-se para a direita, sendo os seus quartos traseiros compostos por diversos *layouts*. No espaço parietal localizado à direita observa-se dois quadrúpedes picotados e abradidos, orientando-se ambos para a direita. O que se encontra mais em baixo poderá ser com grande segurança identificado com um cavalo, dada a existência de uma cauda longa e de uma garupa convexa. No espaço parietal superior observa-se veado picotado e abradido orientado para a direita. O repertório não figurativo concentra-se no primeiro espaço parietal referido, aí se encontrando quarenta unidades maioritariamente incisas. Trinta e seis delas associam-se diretamente ao cavalo — duas da chave VII, cinco da IX, duas da X, vinte e seis da XI e uma da XII — encontrando-se três da XIa e uma da XIb à sua volta.

Trata-se, portanto, de um sítio onde se atesta a presença de, pelo menos, cavalo e veado. Como no caso do Pousadouro, as unidades gráficas parecem associar-se exclusivamente a esta espécie. Recorde-se que, também como no caso do Pousadouro, o cavalo de Mazouco foi integrado pela nossa análise na classe 1, mas fazendo parte do grupo de motivos que se encontra rodeado por outros da classe 2.

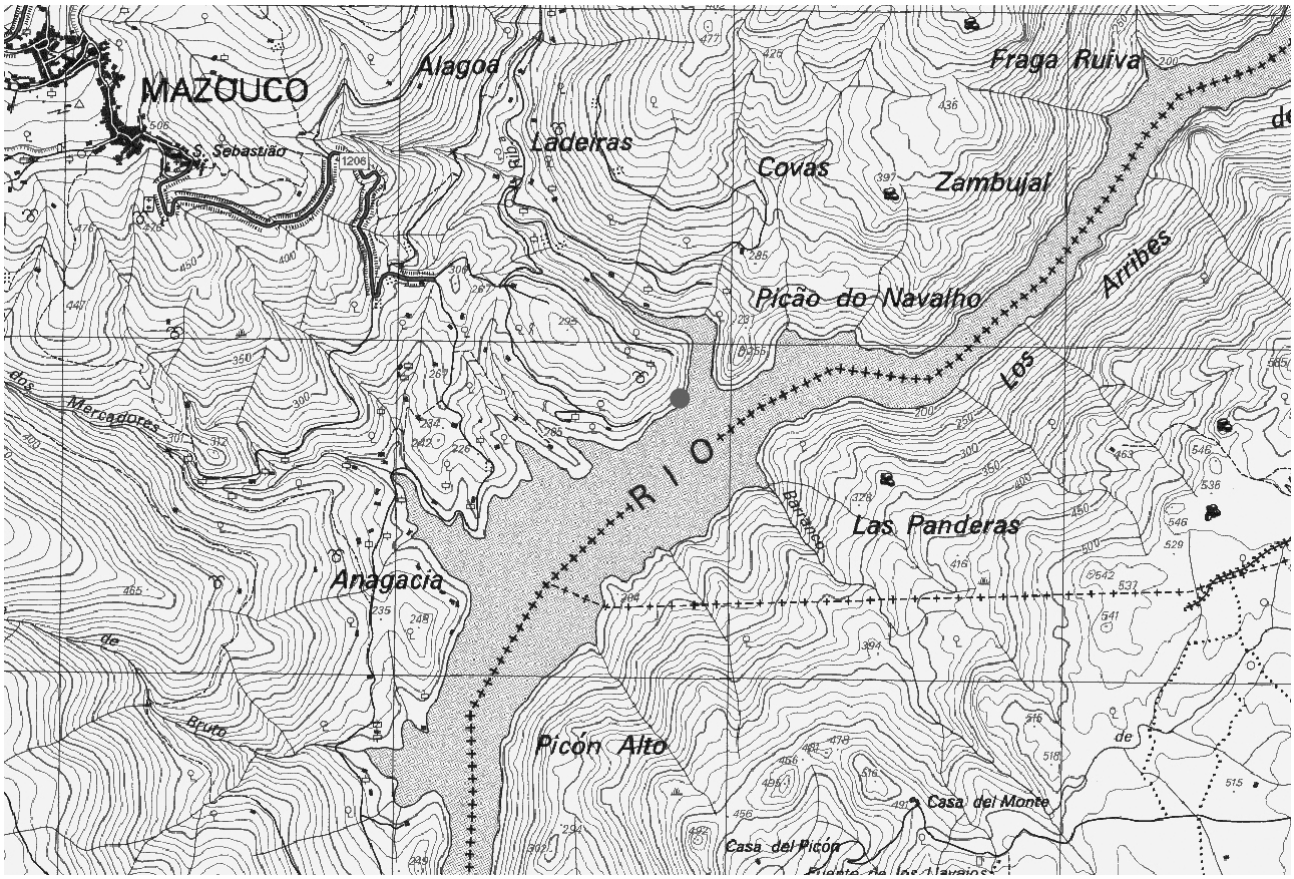


Fig. 5.115: Localização do sítio de Mazouco na folha 132 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000.


Fig. 5.116: O Cabeço da Vigia (onde se encontra o sítio de Mazouco) visto de noroeste, observando-se ainda à sua esquerda o Picão do Navalho.



Fig. 5.117: O conjunto parietal de Mazouco. Montagem com decalques.

5.5.2. Fraga do Gato

O sítio foi identificado por N. Rebanda em 1992 (Gomes, 2006, 104), tendo sido posteriormente estudado pelo CNART, e publicado em 2009 (Baptista, 2009b, 226-228). Integra-se na freguesia de Poiares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, distrito de Bragança. Está cartografado na folha 142 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000 nas coordenadas 41º 03' 20" N; 6º 54' 0,4" O, à altitude de cerca de 257 m (Fig. 5.118).

O sítio localiza-se na margem esquerda da ribeira de Mosteiro, um afluente da margem direita do Douro. Encontra-se no limite setentrional de uma chã existente na extremidade sul de um esporão delimitado a oeste pela ribeira de Mosteiro e a sudeste pela ribeira da Brita, a cerca 150 m acima do leito da ribeira do Mosteiro (Fig. 5.119). Trata-se de um vale apertado, fruto da sua incisão nas litologias ordovícicas do sinclinório de Poiares, que obriga inclusivamente o rio a desviar o seu curso (Silva & Ribeiro, 1994, 8). Contudo, encontramo-nos já cerca do limite meridional do sinclinório, controlando-se do sítio o acesso para o vale do Douro. A estação encontra-se nos xistos intermédios da formação quartzítica do Aregiano (*idem*, 17).

O espaço parietal corresponde a um painel vertical onde se observa estrigídeo pintado a negro e possível mustelídeo pintado a vermelho. O primeiro encontra-se de face e o segundo, orientado para a direita. Dada a raridade de ocorrências com esta temática é difícil precisar a cronologia destas figurações. Recorde-se a possibilidade de também na rocha 24 de Piscos se encontrar um mustelídeo (**Pi24-011**), ou a sua ocorrência em outros contextos magdalenenses, como no Réseau Clastres em Niaux (Clottes, 1995, 73). O caso dos estrígídeos é mais complicado, conhecendo-se alguns exemplos em França, mas todos provenientes de contextos pré-magdalenenses, como Chauvet (Clottes, dir., 2001, 94) ou o dispositivo parietal gravettense de Trois Frères (Bégouën *et al.*, 2014, 154). Dada a imprecisão cronológica em torno deste conjunto parietal, ele não será alvo de análise mais aprofundada.

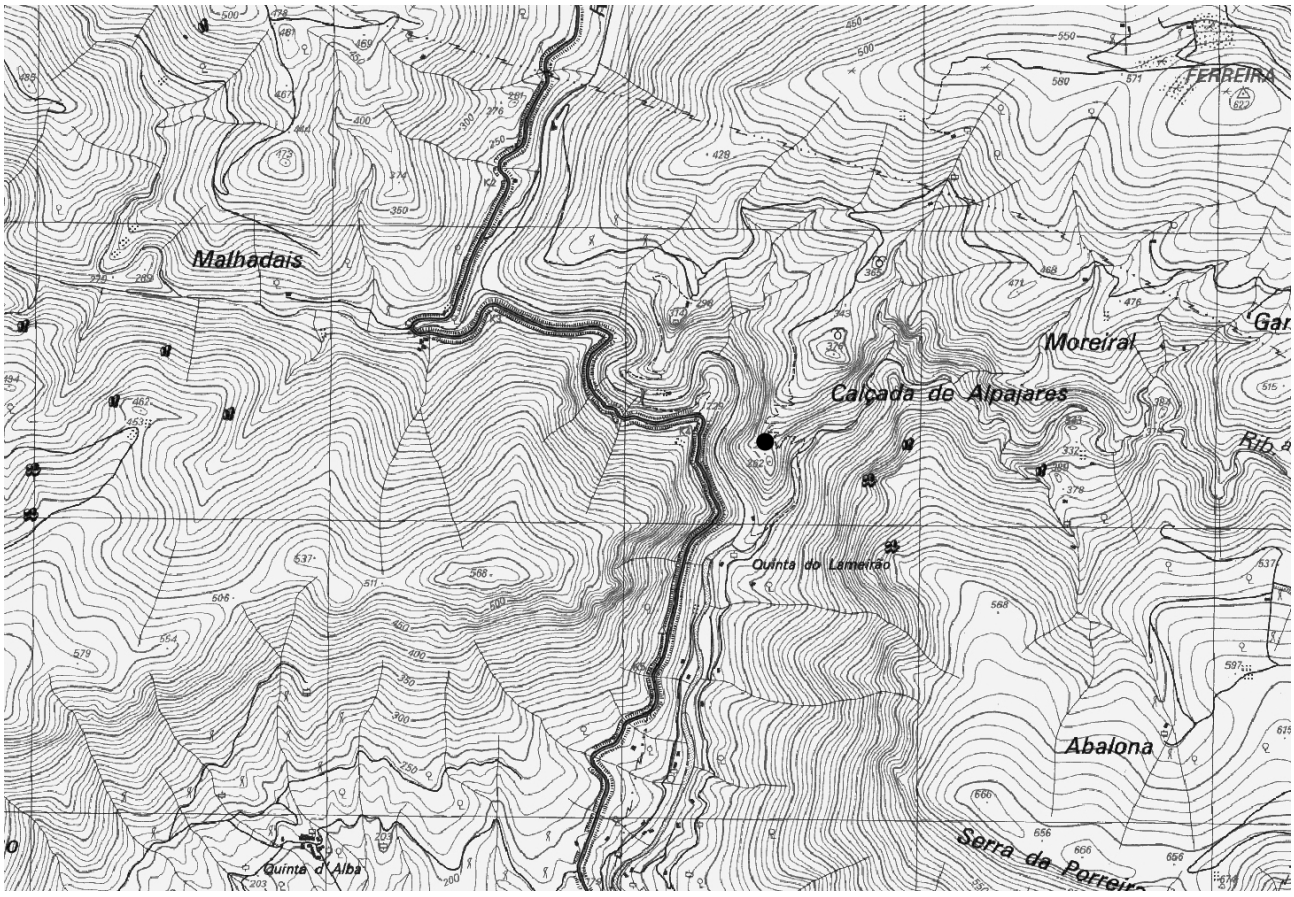


Fig. 5.118: Localização da Fraga do Gato na folha 142 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000.



Fig. 5.119: A Fraga do Gato no seu contexto paisagístico, observando-se, ao fundo à esquerda, o vale do Douro (vista de nordeste).

5.5.3. Abrigo de Foz Tua

Sítio identificado por Joana Teixeira e Joana Valdez-Tullett em 2010 (Sanches & Teixeira, 2013; Valdez-Tullett, 2013; Santos, Sanches & Teixeira, 2015, 125-127). Localiza-se na freguesia de São Mamede de Ribatua, concelho de Alijó, distrito de Vila Real, encontrando-se cartografado na folha 116 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas geográficas 41º 12' 47,43" N; 7º 25' 43,93" O, a uma altitude de 93,5 m acima do nível médio das águas do mar (Fig. 5.120). Localiza-se na margem direita do rio Tua, a poucos metros para montante da sua confluência com o Douro. Nesta zona terminal, o vale do Tua, embora declivoso, é pouco profundo, fruto da sua incisão no terraço rochoso superior (Ribeiro, 2004, 128-129, fig. IX.1). O sítio corresponde a abrigo localizado no sopé da vertente, em zona cerca do leito atual do rio (Fig. 5.121), sendo regularmente inundado (Sanches & Teixeira, 2013, 2-3). Geologicamente, o afloramento que o conforma é de natureza xistosa (formação de Pinhão).

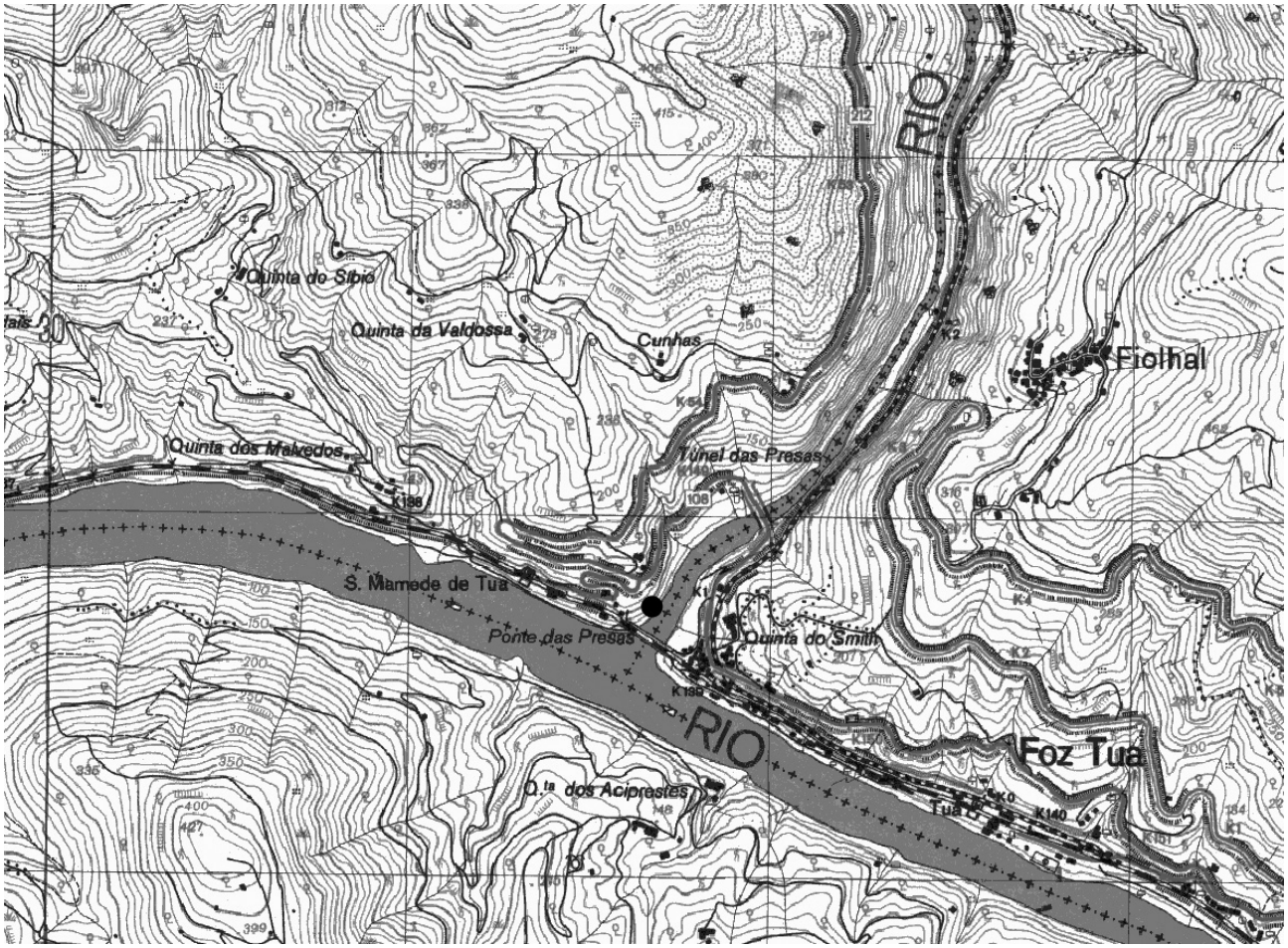


Fig. 5.120: Localização do abrigo de Foz Tua na folha 116 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

O dispositivo parietal, com uma larga diacronia, distribui-se pelo interior de abrigo e por dois painéis exteriores, localizados de cada lado da sua boca. Para o nosso trabalho, apenas é relevante o painel 31, situado à esquerda da entrada (Fig. 5.122). Aí observa-se dois veados, sendo que do corpo do que se encontra à direita sai um segundo pescoço terminado por duas cabeças sobrepostas entre si, uma de auroque e outra de cavalo. Os animais foram conseguidos por picotagem e abrasão, observando-se igualmente a incisão prévia em alguns pontos. Observa-se ainda alguns picotados dispersos, parecendo distinguir-se duas unidades gráficas da chave XIa e uma da IXb. Ao pescoço terminado por duas cabeças associa-se uma unidade da chave IXb incisa. Para a direita da cabeça do veado observa-se ainda três da IXa, três da XIa e duas da XIb, também incisas. Trata-se de um dispositivo integrável na nossa fase 1.

Destaque-se a forte presença do veado e a presença de um animal "animado" com tripla identidade. Trata-se da única estação da fase 1 fora do Côa onde cavalo e auroque surgem no mesmo espaço parietal, ocorrendo tal por intermédio de uma situação onde se verifica alguma ambiguidade na distinção entre ambos.



Fig. 5.121: Localização do abrigo de Foz Tua no seu contexto paisagístico (vista de leste).



Fig. 5.122: O abrigo de Foz Tua, indicando-se na foto a localização do painel 31.

5.5.4. La Salud

Estação identificada por A Hernández Morán e M. Pantrigo Pares em 2013, e dada a conhecer em 2016 (Gárate *et al.*, 2016). Localiza-se na margem esquerda do rio Tormes, próximo do bairro de Tejares, da cidade de Salamanca,

inserindo-se administrativamente neste município da província epónima de Castilla-León. Implanta-se em zona de vale íngreme, parcialmente afetada pela albufeira de El Marín num substrato xistoso datado do Ordovícico médio e afetado pela xistosidade da segunda fase hercínica (Gárate *et al.*, 2016, 17-18). O vale encontra-se inciso na peneplanície zamorano-salmantina a que nos referimos atrás. Encontra-se cartografado na folha 478-1 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000 nas coordenadas geográficas 40º 57'41" N, 5º 42' 49,8" O, à altitude de cerca de 765 m (Fig. 5.123).

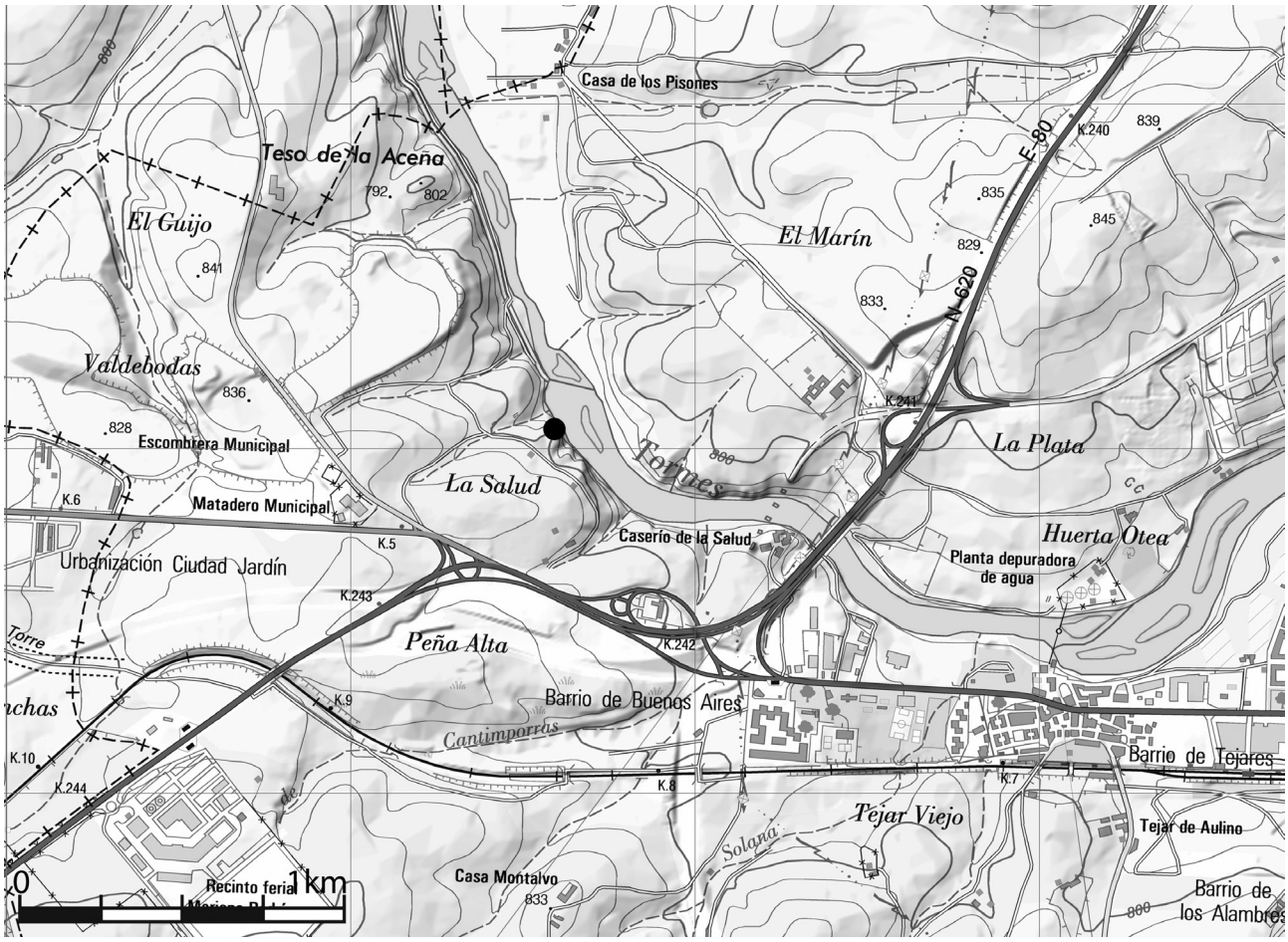


Fig. 5.123: Localização da estação de La Salud na folha 478-1 do Mapa Topográfico Nacional, escala 1:25.000.

A equipa que publicou a estação refere três conjuntos parietais (S1, S2 e S3). Tendo apenas em conta os dados publicados é difícil valorizarmos quer S1, quer S3. Assim, apenas nos debruçaremos sobre S2. Pela descrição dos autores, devemos distinguir dois painéis (S2.1 e S2.2). No primeiro destes distinguem um bordo cérvico-dorsal picotado com a nossa modalidade B e parcialmente abradido, que identificam como cavalo orientado para a direita (S2.1.1), uma linha sinuosa, picotada com a mesma variante que identificam como possíveis quartos traseiros de uma cabra orientada para a esquerda (S.2.2) e um conjunto de traços incisos que não conformam nenhuma representação (S2.3) (Gárate *et al.*, 2016, 22-23).

S2.1.1 (doravante **Sl02-01**) parece-nos uma cérvico-dorsal, mas de cervídeo e não de cavalo. De facto, a ser de cavalo, esta figura não disporia de crineira, algo raríssimo na nossa região de estudo e completamente ausente da classe 1, na qual, pelo menos a figura do painel 2 deste conjunto se deve inserir, como aliás é evidenciado pelos paralelos que os autores evocam (*idem*, 126). Por outro lado, a morfologia de **Sl02-01** lembra de sobremaneira os bordos cérvico-dorsais presentes na rocha 1 do Fariseu (v.g. **Fr01-07**), que foram interpretados como cervas, a partir de paralelos mais completos existentes nessa mesma rocha (v.g. **Fr01-34**; **Fr01-51**).

Também não nos parece que S2.2 se possa identificar com uma cabra-montês. De facto, as cauda destes animais da nossa classe 1 no Côa não são "em forma de bola" (*idem*, 23), mas sempre formalizadas por traços retos dispostos paralelamente entre si ou subcirculares com as concavidades viradas para o exterior. Esta unidade gráfica foi assim interpretada por nós como uma unidade não figurativa da chave XIIIa picotada, associada a **Sl02-01**, à qual se juntam

cinco da chave XIa e uma da VIIa, todas incisas. Por cima do animal individualizámos ainda uma da IXa, uma da IXab, uma da X, onze da XIa, quatro da XIb.

S2.2 localiza-se à esquerda do anterior, tendo-se aí identificado os quartos traseiros de um cavalo picotado segundo a nossa modalidade A (Gárate *et al.*, 2016, 23-24), inventariado pelos autores como S2.2.1 (doravante **Sl02-02**). Relativamente ao repertório não figurativo (inventariado pelos autores como S2.2.2) pensamos ser possível distinguir uma unidade da chave IXb, três unidades da chave XIb, uma da XIc e uma da XId, todas incisas e associadas ao cavalo.

5.6. Vale do Zêzere

O Zêzere é um afluente da margem direita do Tejo que nasce na vertente noroeste da serra da Estrela, começando por desenvolver um percurso sudoeste—nordeste, infletindo depois para nordeste-sudoeste e ainda para norte-sul, até à sua confluência com o Tejo, passados cerca de 200 km de percurso.

As estações que trataremos encontram-se no "fosso" do médio Zêzere (Ribeiro, 1949), um abatimento tectónico que atravessa as Serras de Xisto, por onde o rio corre numa direção nordeste-sudoeste, separando a serra do Açor, a noroeste, da serra da Gardunha, a sudeste. O vale do Zêzere, ao longo do *graben*, carateriza-se por ser muito apertado, possibilitando, no entanto, a erosão lateral de alguns dos seus meandros o aparecimento de "bacias acolhedoras" (Daveau, 2004, 89), como é o caso das imediações das duas estações sobre as quais nos debruçaremos.

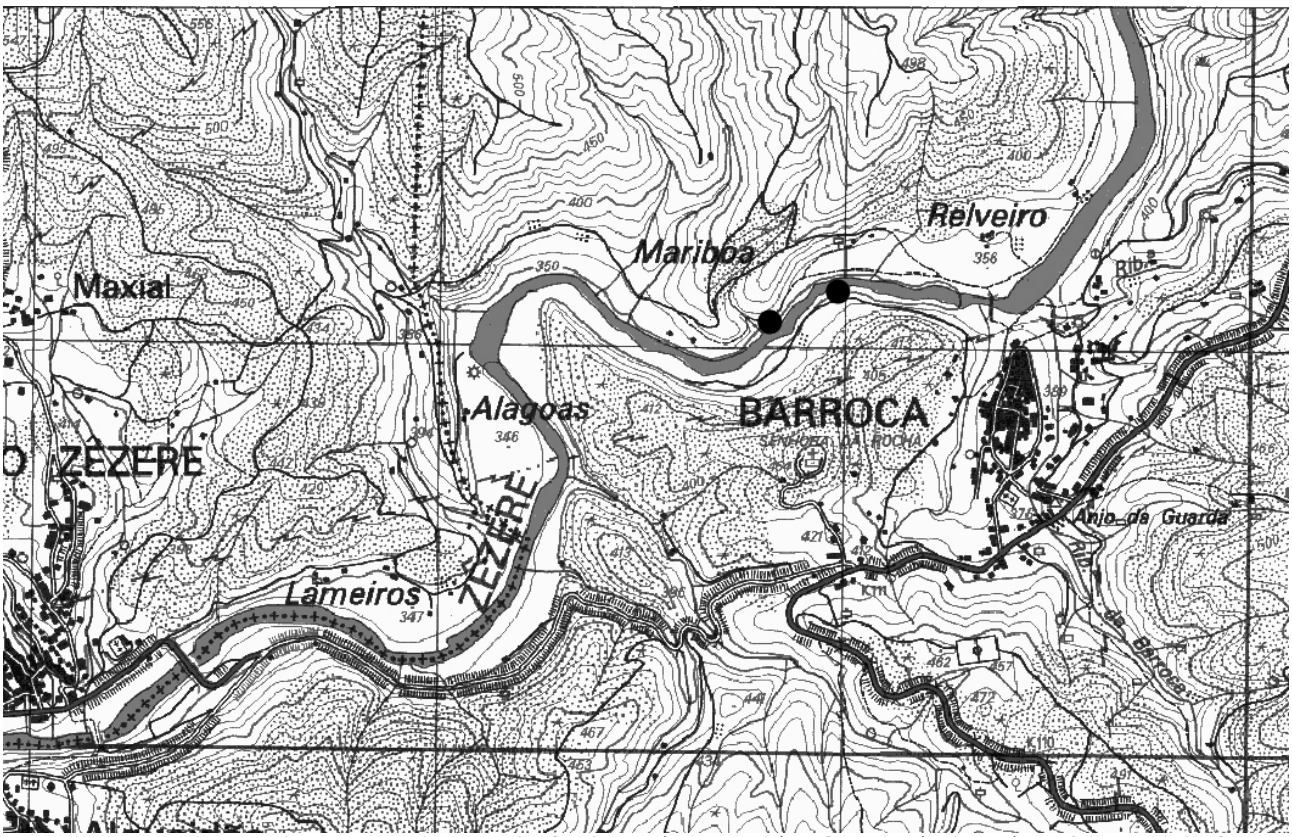


Fig. 5.124: Localização das estações de Poço do Caldeirão (à esquerda) e Costalta (à direita) na folha 255 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000.

Estas localizam-se a curta distância uma da outra, correspondendo o substrato de ambas a xistos do complexo xisto-grauváquico das Beiras, neste caso da formação de Almaceda (informação da Carta Geológica de Portugal, escala 1:500.000). Estes afloram sob formas irregulares, sendo as suas superfícies bastante moldadas e alisadas pelas águas do rio. Administrativamente, ambas as estações localizam-se na freguesia de Barroca, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco.

5.6.1. Costalta

Localiza-se na margem esquerda do Zêzere, em afloramento alteado relativamente aos que o circundam. Encontra-se cartografado na folha 255 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25.000, nas coordenadas geográficas 40º 06' 34,92" N; 7º 43' 10,13' O, à altitude de 350 m (Fig. 5.124). Foi identificado por J. Caninas, F. Henriques e A. Barbosa em 2006, e publicado por A. M. Baptista em 2009 (Baptista, 2009b, 216, 220-223).

Trata-se de um espaço parietal localizado muito perto do rio, onde apenas se gravou, por picotagem, pequeno cavalo orientado para a direita. Pelas suas caraterísticas, datará da nossa fase 2. À sua volta observa-se vários picotado, parecendo alguns formar uma unidade gráfica da chave XIIc. Trata-se uma superfície horizontal que, pelo seu posicionamento, se converte em ilha regularmente, devendo mesmo encontrar-se pontualmente submersa.

5.6.2. Poço do Caldeirão

Localiza-se na margem direita do Zêzere, a cerca de 50 m para jusante da estação anterior, imediatamente antes da foz de pequeno curso de água desembocar no Zêzere. Encontra-se cartografada na folha 255 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas 40º 06' 43" N; 07º 43' 25" O, à altitude de cerca de 350 m (Fig. 5.124).

O sítio foi descoberto por Diamantino Gonçalves e Belarmino Lopes em 2003, tendo sido estudado pelo CNART nesse ano e publicado no seguinte (Baptista, 2004).

Apenas dispõe de um conjunto parietal composto por dois espaços. Um destes corresponde à rocha 1, que se trata de um painel orientado para noroeste onde se observa três cavalos picotados. O outro espaço corresponde à rocha 2 que dispõe de uma superfície que se desenvolve em vários planos e se orienta na direção oposta. Neste espaço observa-se apenas duas cervas. Os animais foram identificados por António Martinho Baptista como cabras-monteses. No entanto, como referimos anteriormente, os grandes paralelos para estes animais são as cervas do Sul peninsular. Esta nossa interpretação é aliás reforçada pela identificação das duas orelhas do animal (Fig. 5.125) que não foram observadas aquando dos trabalhos originais. Como se pode verificar, estas duas orelhas ainda tornam mais evidentes os paralelos referidos no capítulo anterior.



Fig. 5.125: Detalhe de PC02-01, observando-se com clareza as duas orelhas do animal.

Trata-se de um sítio sem qualquer unidade gráfica não figurativa. A visualização dos cavalos obriga-nos a olhar o rio, enquanto a das cervas implica que afastemos dele o nosso olhar. Embora situados a uma curta distância entre si, a disposição dos espaços parietais não permite a sua visualização simultânea.

5.7. Vale do Ocreza

O Ocreza é outro afluente da margem direita do Tejo. Nasce na vertente meridional da serra da Gardunha, vindo a desaguar no rio peninsular após um percurso de cerca de 80 km. A estação encontra-se na sua zona terminal, a cerca de 300 m da sua confluência com o Tejo, numa zona em que o rio corre por uma última vez de este para oeste, antes de inverter para a direção nor-noroeste—su-sudeste que vai manter até à foz.

Na zona que nos ocupa, o Ocreza atravessa o nível erosivo de Lameira (Cunha & Martins, 2000, 176). Este nível deve-se relacionar com o segundo de cinco embutimentos da rede fluvial do Tejo, que na região encontra testemunho quer em terraços quer em níveis erosivos (*idem*, 173).

No seu conjunto, contudo, a região carateriza-se pela peneplanície, que, estendendo-se até à cordilheira central, é apenas interrompida por algumas cristas quartzíticas e *inselbergs*, assim como por acidentes de relevância local que se deverão ao jogo de falhas (Feio, Martins & Daveau, 2004, 44-45). Entre as cristas quartzíticas, destaque-se pela forma como se impõe na paisagem circundante do sítio que trataremos, a que se desenvolve entre S. Miguel de Nisa a sudeste e Alvito da Beira a noroeste e que é atravessada quer pelo Tejo (dando origem à formação conhecida como Portas do Ródão), quer pelo Ocreza, obrigando-o mesmo a infletir o seu curso. Para norte e noroeste destacam-se da peneplanície outros relevos quartzíticos da serra das Talhadas.

A peneplanície é também entalhada pela profunda incisão da rede fluvial nos sectores em que ela corta o Maciço antigo (Martins, 2004, 55), sendo um deles a zona onde se encontra a estação sobre a qual nos debruçamos. De facto, estamos numa região cuja substrato geológico se integra no grupo das Beiras do Complexo Xisto-grauváquico, correspondendo, no caso em apreço, à unidade da Barragem do Fratel, que se carateriza pelos "filitos negros grafitosos, por vezes, intercalados de metagrauvaques cinzentos" (Romão, 2001, 11). No vale do Ocreza apenas se conhece a estação epónima.

5.7.1. Ocreza

O sítio é conhecido desde os anos 70 (Baptista, 2001a, 163). O espaço parietal com grafismos paleolíticos só viria, contudo, a ser identificada em 2000 por F. Barbosa, durante um estudo levado a cabo pelo CNART no âmbito dos trabalhos de arqueologia preventiva que se aí se desenrolavam (*idem*, 164-165). A rocha em questão foi publicada em 2001 por A. M. Baptista (2001a), tendo sido revisitada posteriormente por M. V. Gomes (2010, anexo 2, 551-552). A rocha localiza-se na freguesia de Envendos, concelho de Mação, distrito de Santarém, aparecendo cartografada na folha 323 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, nas coordenadas 39º 32' 49,46" N; 7º 49' 30,53" O, à altitude de 50 m (Fig. 5.126). Apenas dispõe de um espaço parietal. Este corresponde a painel sub-horizontal de xisto, orientado para sudeste, onde se identifica apenas um cavalo acéfalo picotado, orientado para a direita.

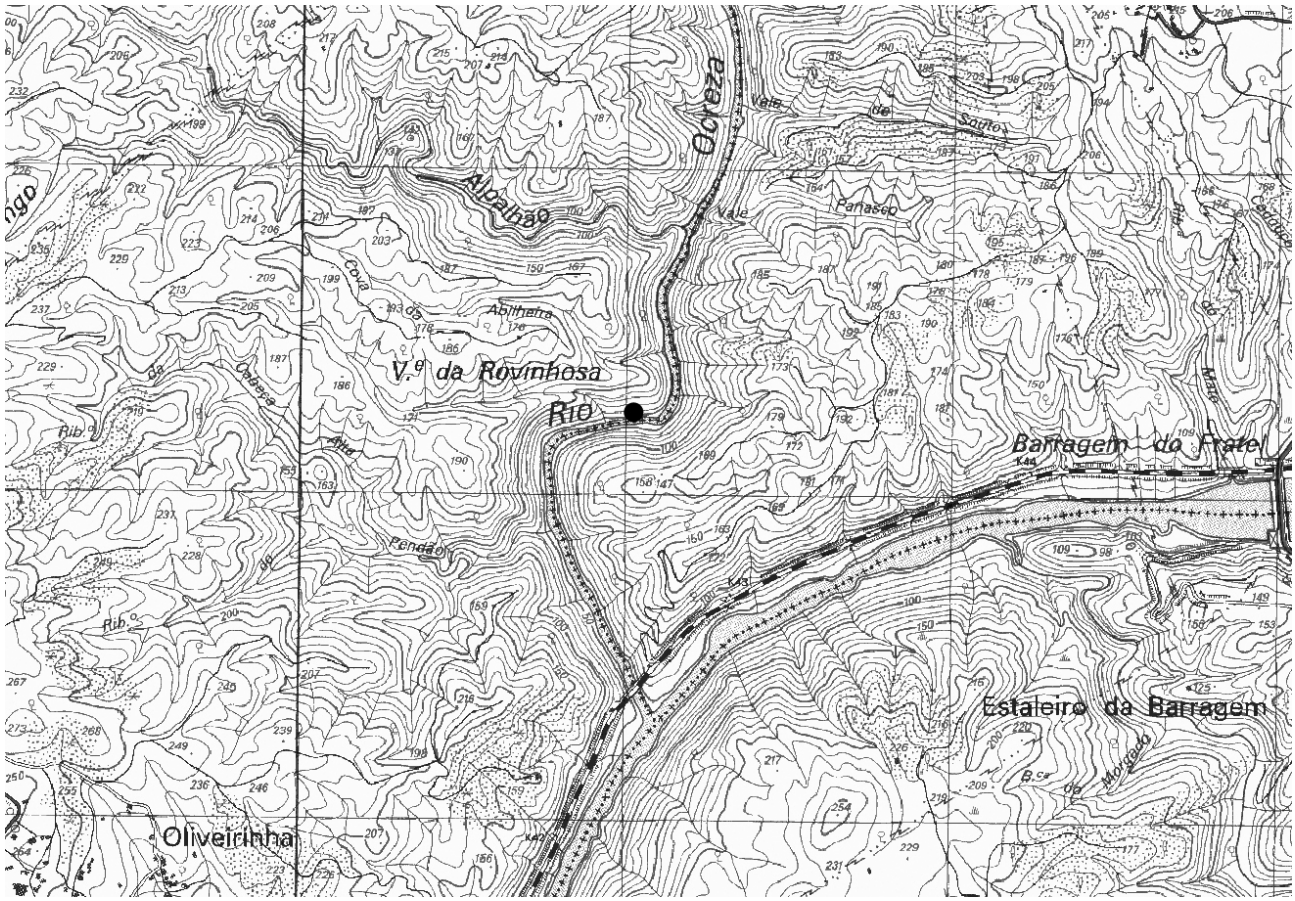


Fig. 5.126: Localização do conjunto parietal paleolítico do Ocreza na folha 323 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

6. Análise de conjunto

Depois de no capítulo anterior termos analisado os diversos dispositivos parietais, procuraremos no que agora encetamos, perceber se é possível inferir uma estrutura global que tenha cimentado a construção de cada um desses dispositivos. Ou seja, se por trás da individualidade que parece conformar cada um destes, se encontra uma mesma "armação". Tal só é possível por via de uma análise global dos sítios.

Ora, a primeira observação que salta à vista é que o número de sítios conhecidos com dispositivos parietais criados durante a vigência da nossa fase 3 é bastante exíguo (Tab. 6.1) — apenas o *locus* 2 da Canada do Inferno e a Canada da Moreira. Os restantes nove sítios com grafismos integrados ou integráveis numa das nossas classes 3 dispõem também de motivos inseridos ou inseríveis numa das nossas classes 2. Contudo, as caraterísticas das composições onde se verificam estas situações não nos permitem assumir de ânimo leve grandes diferenças temporais entre a execução das unidades gráficas aí presentes. Dado estes aspetos, a nossa análise considerará os sítios com dispositivos das nossas fases 2 e 3 em bloco, que se contrastará com o composto pelos sítios que contém dispositivos da fase 1.

Assim, dos cinquenta e três sítios ou *loci* com arte paleolítica ao ar livre, apenas vinte contém grafismos que podemos integrar na nossa fase 1 (Tab. 6.1). Destes, oito foram atualizados durante as nossas fases 2 e/ ou 3. Nos restantes trinta e três sítios foram criados dispositivos gráficos *ex nihilo* durante a vigência destas últimas fases.

Outra observação importante prende-se com a localização dos sítios (Tab. 6.1). Todos as estações mais antigas encontram-se na fachada ocidental da área de estudo. Contudo, é preciso não esquecer que a ausência de estações ao ar livre na zona oriental da Meseta durante esta fase poder-se-á dever a razões ligadas à conservação. Por exemplo, em Domingo García, as gravuras do Paleolítico sobreviveram porque foram executadas durante um "*período de fuertes vientos que dieron origen a que en los planos de fractura entonces expuestos se desarrollara una película de barniz silíceo, frágil, pero resistente a la erosión*" (Martín, 1999, 40). A questão que se coloca é se grafismos executados anteriormente a esse período poderão ter sobrevivido ou não (*idem*, 40).

Uma diferença importante que se observa quando comparamos as estações ocidentais com Domingo García prende-se com a ocorrência e frequência ao nível dos temas figurativos. De facto, se seria expectável que na fachada ocidental se observasse uma maior diversidade de temas, sendo o número de grafismos aí inventariado mais de dez vezes superior ao dos registados nos sítios de Domingo García (Tab. 6.2), talvez não o fosse as diferenças que se verificam ao nível das frequências dos temas mais representados (Graf. 6.1). De facto observamos um peso muito maior dos equídeos e dos veados na zona oriental, em detrimento particularmente de auroques e cabras-monteses. Contudo, como referimos, Domingo García só contem grafismos da fase 2 e/ou 3. Observemos então um gráfico semelhante onde se observa a frequência dos temas figurativos pelas diferentes fases e regiões (Graf. 6.2). Neste segundo gráfico verificamos que as diferenças se matizam grandemente, embora continuem a ocorrer. Contudo, verificamos um número elevado de indeterminados nas estações de Domingo García, e o grande peso dos auroques na fase 2 da fachada ocidental deve-se essencialmente à rocha 24 de Piscos. A importância do cavalo e a pouca relevância do macho da cabra-montês em Domingo García parece-nos, no entanto, indiscutível.

Estes gráficos mascaram, ainda assim, uma realidade muito complexa. De facto, um aspeto que tem vindo a ser valorizado pelas equipas que estudam quer as estações de Domingo García, quer as do Vale do Côa, prende-se com as diferenças temáticas que se verificam entre as diversas estações de cada uma daquelas regiões (v. g. LEP, 1999c, 200-201; Santos, 2012,). Ou seja, a comparação entre as estações de uma mesma região releva sobretudo a heterogeneidade delas. Ora este aspeto impede-nos de proceder a grandes generalizações a partir da realidade temática de poucos sítios. De facto, enquanto se trabalhou com seis estações do oriente da Meseta, estamos a analisar quarenta e sete da fachada ocidental. Imaginemos que apenas conhecíamos nesta zona seis sítios igualmente e que estes seriam Siega Verde, o *locus* 3 de Vale de Moinhos, o *locus* 1 de Piscos, a Broeira e o Rego de Vide. Não ficaríamos com uma impressão de grande homogeneidade quanto aos repertórios do Ocidente e do Oriente da Meseta? De facto, a nossa região, como outras onde se conservou a arte paleolítica, carateriza-se pela diversidade. Mas não é uma diversidade que se explica apenas pela cronologia das figurações (embora esta explique muito) ou com a sua localização geográfica na Península. Esta diversidade prende-se

também com a posição de cada estação relativamente às outras num tempo preciso e numa região determinada. O vale do Ariège durante o Magdalenense é um exemplo paradigmático de uma área geográfica bem definida com uma grande variedade de sítios coevos (Vialou, 1986).

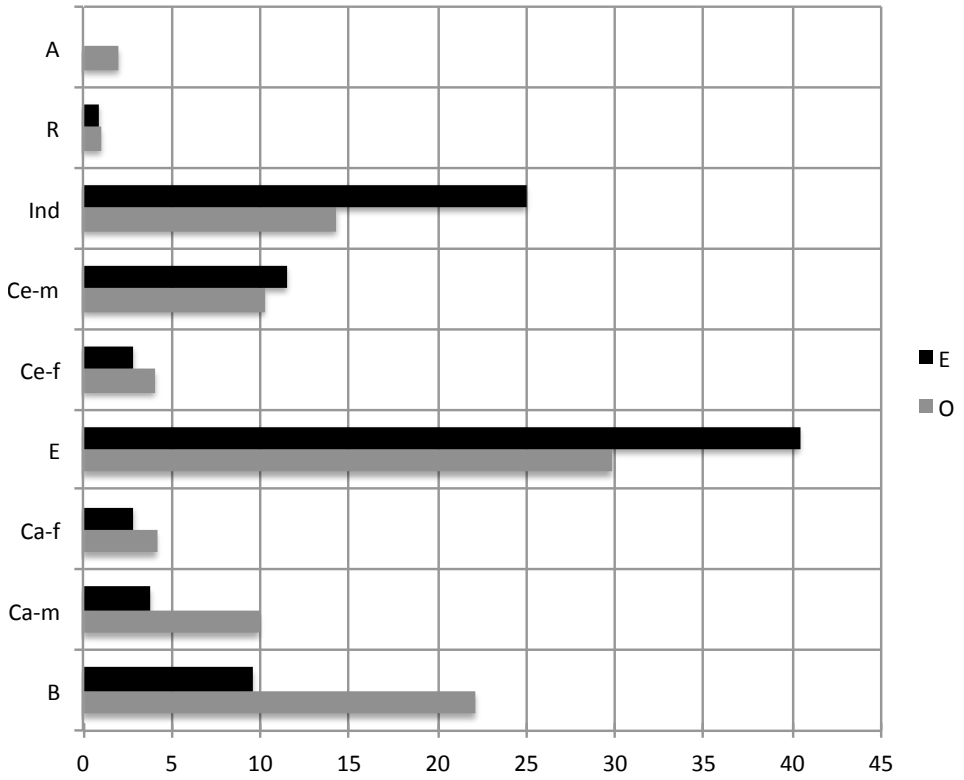
Importa, portanto, começar por perceber e sistematizar as diferenças entre os diversos sítios de cada um dos blocos temporais referidos acima. Comecemos pelo da Fase 1.

Região	Fase 1	Fase 2	Fase 3
Côa		Quinta da Moreirola	
	Faia		
		Foz da Ribeirinha	
	Penascosa	Penascosa	
	Quinta da Barca	Quinta da Barca	
		Ribeira das Cortes L1	
		Ribeira das Cortes L2	
		Ribeira das Cortes L3	
	Ribeira de Piscos L1	Ribeira de Piscos L1	Ribeira de Piscos L1
	Ribeira de Piscos L2		
		Ribeira de Piscos L3	Ribeira de Piscos L3
	Fariseu	Fariseu	Fariseu
	Vale de Figueira	Vale de Figueira ?	
	Vale de Videiro		
	Canada do Inferno L1	Canada do Inferno L1	
			Canada do Inferno L2
	Rego da Vide	Rego da Vide	
		Vale de Moinhos L1	
		Vale de Moinhos L2	
		Vale de Moinhos L3	
		Moinhos de Cima	Moinhos de Cima
		Broeira	
		Quinta das Tulhas	
		Foz do Côa	Foz do Côa
			Canada da Moreira
		Vale de José Esteves	
		Vermelhosa	
		Vale de Cabrões L1?	Vale de Cabrões L1
		Vale de Cabrões L2	
		Vale de Cabrões L3	
		Tudão	
	Vale Escuro		
		Canada das Corraliças	
Águeda	Siega Verde	Siega Verde	Siega Verde
	Redor do Porco		
		Arroyo de las Almas	
Domingo García		Cierro de San Isidro	Cierro de San Isidro
		Las Canteras	Las Canteras?
		Miguelánez	
		Valdebernardo-Cañamares	
		Rio Eresma	
		Dehesa de Carbonero	Dehesa de Carbonero
Sabor	Sampaio		
	Pousadouro		
		Fraga Escrevida	
	Ribeira da Sardinha		
Douro	Mazouco		
		Fraga do Gato?	
	Foz Tua		
Zêzere		Costalta	
		Poço do Caldeirão	
Ocreza	Ocreza		

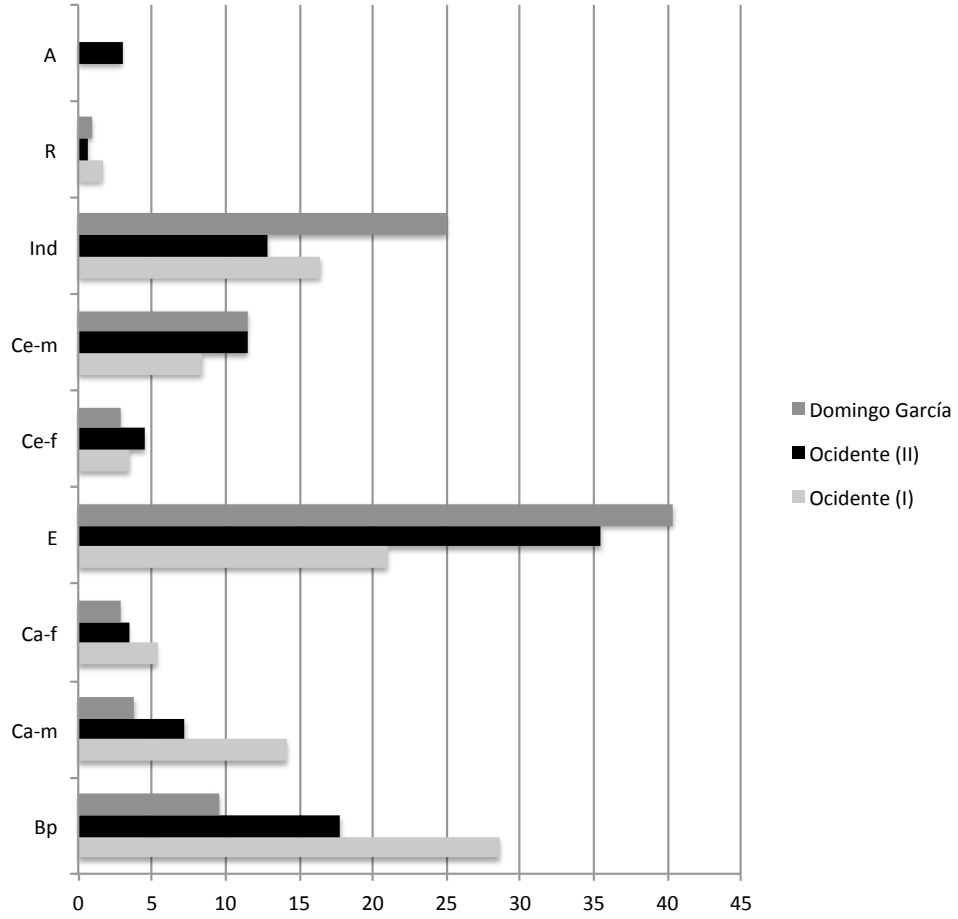
Tab. 6.1: Os *loci* estudados, distribuídos pelas diferentes regiões e fases.

	B	Bb	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	I	Or	U	Ind	R	F	al	A	M	Ra	TOTAL
O	269	3	121	51	362	50	125	2	2	3	173	13	6	7	25	1	3	1216
E	10	1	4	3	42	3	12	0	0	0	26	1	0	2	0	0	0	104

Tab. 6.2: Distribuição dos temas pelos sectores oeste e este da área de estudo.



Graf. 6.1: Frequência dos temas mais comuns nos sectores este e oeste da área de estudo (ver códigos dos temas na nota 1 da p. 445).



Graf. 6.2: Frequência dos temas por unidades espácio-temporais.

6.1. Fase 1

6.1.1. Sítios e zonas

Todos os sítios da fase 1 encontram-se na fachada ocidental da nossa zona de estudo, sendo, como referimos acima, em número de vinte. Destes, quatro distinguem-se relativamente aos outros quanto à quantidade de informação: Fariseu, Penascosa, Canada do Inferno e Quinta da Barca, sendo sintomático disso o facto da Penascosa, que dos quatro é o que dispõe de menor número de unidades gráficas figurativas, ter ainda assim cinco vezes mais que o quinto sítio com mais unidades — o Vale de Figueira (Tab. 6.3). Estes sítios não dispõem apenas de uma grande quantidade de unidades gráficas figurativas, como também de unidades não figurativas. Existe aliás uma forte correlação entre o número de unidades gráficas figurativas de um sítio e o de não figurativas nesse mesmo sítio, tal como demonstrado por uma análise de regressão linear [r= 0,925; p= 0,0002; y= 7,915(X)+(0,610)][152].

Como seria expectável, a quantidade de unidades gráficas de um sítio está fortemente condicionada pelo número de composições nele existente [(r= 0,950; p= 0,0001; y= 0,018 (X)+1,565]. Contudo, a forte correlação entre o número de composições e o número de unidades gráficas, não tem equivalência quando analisamos a correlação entre o número de conjuntos parietais e o número de unidades gráficas. De facto, embora essa correlação seja ainda considerável [(r=-0,766; p= 0,0013; y= 0,007(X)+1,29], não é tão forte como a que se verifica ao nível das composições.

Dado que um conjunto parietal se define essencialmente por um conjunto de composições cuja relação de proximidade permite a sua leitura conjunta, pode-se dizer que um sítio com o mesmo número de composições terá a informação mais dispersa pelo espaço se tiver mais conjuntos parietais. Dado que a correlação entre o número de conjuntos parietais e o número de unidades gráficas não é tão forte como a que se verifica ao no nível das composições, tal dever-se-á ao facto de a informação não se distribuir homogeneamente por um sítio, podendo encontrar-se mais dispersa ou concentrada, algo que se verifica ao nível da relação entre o número de grafismos e o de conjuntos parietais. Assim, o Fariseu, embora não sendo o sítio com mais informação, é decididamente aquele onde a informação está mais concentrada, com 391,5 unidades gráficas em média por conjunto parietal (Tab. 6.3). Mas corresponderá efetivamente o *locus 1* da Canada do Inferno ao segundo sítio com a informação mais concentrada? Por outro lado, os 56,3 motivos por conjunto parietal da Quinta da Barca (com metade do de sítios como o Pousadouro) representarão um valor representativo do sítio? De facto, este número esconde a grande diversidade que se verifica no sítio ao nível da dispersão espacial da informação, dispondo ele de zonas onde a informação está muito concentrada e zonas onde está mais dispersa. O estudo da distribuição da informação gráfica pelo espaço será mais efetivo se tivermos em conta as zonas dos sítios e não os sítios propriamente ditos. Assim, a tabela 6.4. dá-nos uma maior aproximação à realidade, aí se revelando toda a heterogeneidade interna de cada sítio definida pelas diferenças ao nível da concentração de informação em cada zona.

De facto, se quisermos estudar a forma como se distribui a informação pelo espaço, a zona é uma melhor unidade de análise que o sítio. A esta conclusão chegaremos também se observarmos a relação entre o repertório figurativo e o não figurativo ao nível das zonas. Por exemplo, enquanto no Fariseu, a forte concentração de informação que aí ocorre encontra um reflexo quer no numero de unidades gráficas figurativas, quer no de não figurativas, em zonas como "vertente oriental" da Quinta da Barca ou "zona jusante" da Canada do Inferno (e, em menor medida, na Penascosa), a intensidade da informação aí contida dá-se essencialmente a expensas do repertório não figurativo, correspondendo ainda a "foz da Quinta da Barca" a uma terceira situação caraterizada pelo maior peso relativo do repertório figurativo. De facto, ao nível das zonas, a correlação entre a quantidade de unidades gráficas figurativas e a quantidades de unidades não figurativas não é tão intensa como a que se verifica ao nível dos sítios (r= 0,759; p= 0,0003; y= 7,151(x)+12,783). Esta correlação, diminui ligeiramente se a análise se der ao nível dos conjuntos parietais (r= 0,733; p= 0,0001; y= 5,412(x)+21,555), deixando mesmo de ser relevante ao nível das composições (r=0,319; p= 0,0096; y= 2,369 (x)+23,69) (dados brutos apresentados na tabela 6.5). Ou seja, um sítio com uma grande quantidade de unidades gráficas figurativas tem uma forte probabilidade de ter uma grande quantidade de unidades não figurativas, mas uma composição com muitas unidades figurativas não

152 Sobre estes cálculos, consultar Drennan, 2009, 201-213.

tem necessariamente de ter muitas unidades não figurativas, ou vice-versa. A zona, como unidade espacial intermédia entre o conjunto parietal e o sítio, parece-nos, mais uma vez a unidade de análise mais adequada para caraterizarmos a relação entre o repertório não figurativo e figurativo ao longo de um espaço determinado.

Sítios	zonas	C. Par.	Comp.	UGF	UGNF	TOTAL(UG)	UG/CP
Faia	2	2	3	8	0	8	4,0
Penascosa	2	6	14	79	794	873	145,5
Quinta da Barca	6	16	26	145	755	900	56,3
Piscos locus 1	1	1	1	2	1	3	3,0
Piscos locus 2	1	2	3	7	17	24	12,0
Fariseu	1	2	11	90	693	783	391,5
Vale de Figueira	1	4	6	14	105	119	29,8
Vale de Videiro	1	1	1	1	2	3	3,0
Canada do Inferno locus 1	3	9	27	109	1289	1398	155,3
Rego da Vide	1	1	1	1	1	2	2,0
Vale Escuro	1	1	1	1	0	1	1,0
Siega Verde	1	3	3	4	0	4	1,3
Redor do Porco	1	1	1	1	0	1	1,0
Pousadouro	1	1	2	8	106	114	114,0
Sampaio	1	1	3	4	13	17	17,0
Ribeira da Sardinha	1	1	1	1	0	1	1,0
Mazouco	1	1	3	4	40	44	44,0
Foz do Tua	1	1	1	4	12	16	16,0
Ocreza	1	1	1	1	0	1	1,0
La Salud	1	1	2	2	31	33	33,0
TOTAIS	**29**	**56**	**111**	**486**	**3859**	**4345**	**77,59**

Tab. 6.3: Caraterização formal dos sítios com base no número de: zonas, conjuntos parietais, composições, unidades gráficas figurativas, não figurativas e de ambas. Descrimina-se ainda a média de unidades gráficas por conjunto parietal.

Zonas	CP	UGF	UGNF	TOTAL (UG)	UG/CP
Faia (M)	1	1	0	1	1,00
Faia (J)	1	7	0	7	7,00
Penascosa (J)	1	5	56	61	61,00
Penascosa (M)	5	74	738	812	162,40
Quinta da Barca (F)	1	88	145	233	233,00
Quinta da Barca (R)	4	25	33	58	14,50
Quinta da Barca (N1)	1	3	24	27	27,00
Quinta da Barca (N2)	1	1	30	31	31,00
Quinta da Barca (T)	3	9	66	75	25,00
Quinta da Barca (E)	4	11	447	458	114,50
Quinta da Barca (NO)	2	8	10	18	9,00
Piscos Locus 1	1	2	0	2	2,00
Piscos locus 2	2	7	18	25	12,50
Fariseu	2	90	692	782	391,00
Vale de Figueira	4	14	105	119	29,75
Vale de Videiro	1	1	2	3	3,00
Canada do Inferno (M)	4	52	316	368	92,00
Canada do Inferno (J)	4	56	974	1030	257,50
Canada do Inferno (R)	1	1	0	1	1,00
Rego da Vide	1	1	1	2	2,00
Vale Escuro	1	1	0	1	1,00
Siega Verde	3	4	0	4	1,33
Redor do Porco	1	1	0	1	1,00
Pousadouro	1	8	106	114	114,00
Sampaio	1	4	13	17	17,00
Ribeira da Sardinha	1	1	0	1	1,00
Mazouco	1	4	40	44	44,00
Foz do Tua	1	4	12	16	16,00
Ocreza	1	1	0	1	1,00
La Salud	1	2	31	33	33,00
TOTAL	**56**	**486**	**3859**	**4345**	**77,59**

Tab. 6.4: Caraterização formal das zonas segundo os mesmos critérios da tabela anterior.

Comp.	U.G.	U.G.N.F	Comp.	U.G.	U.G.N.F	Comp.	U.G.	U.G.N.F
Fa06a	4	0	QB16	1	1	CI26A	4	20
Fa06b	3	0	QB17	3	0	CI26b	11	22
Fa07	1	0	QB19	1	5	CI35	2	55
Pn11	5	56	QB20	2	225	CI27A	2	79
Pn01	4	7	QB21	4	37	CI27B	1	4
Pn02	4	58	QB22	4	180	CI30	4	91
Pn03	19	240	Pi01	2	1	CI31	2	68
Pn04a	8	6	Pi13a	3	0	CI28A	0	4
Pn04b	1	16	Pi13b	1	0	CI28B	2	43
Pn05a	11	53	Pi15	3	17	CI01A	13	115
Pn05b	0	32	Fr01a	4	0	CI01B	1	43
Pn05c	2	17	Fr01b	4	13	CI02A	3	62
Pn05d	11	157	Fr01c	21,33	119	CI02B	1	21
Pn05e	3	13	Fr01d	10	13	CI02C	1	21
Pn06	6	34	Fr01e	16,33	167	CI02D	1	18
Pn07	1	17	Fr01f	17	264	CI03	4	78
Pn09	1	56	Fr01g	14,33	114	CI15A	4	185
Pn08	3	32	Fr01h	1	2	CI15B	0	44
QB01	64	0	Fr06	1	0	CI40	1	0
QB27	1	1	Fr02	1	1	RV06	1	1
QB06	1	26	VF01A	6	65	VE04	1	0
QB25	4	0	VF01B	2	8	SV04	2	0
QB08	2	43	VF01C	0	4	SV19B	1	0
QB02	10	72	VF01D	3	9	SV18	1	0
QB09	6	3	VF02	1	0	RP	1	0
QB04	9	17	VF06	1	19	Po01A	7	66
QB05	7	14	VF05	1	0	Po01B	1	40
QB10	3	0	VV01	1	2	Sa01A	1	1
QB33	2	1	CI17	13	69	Sa01B	2	9
QB11	3	0	CI18	1	0	Sa01C	1	3
QB12	1	1	CI16A	5	77	RS	1	0
QB56	3	24	CI16B	5	11	Ma01A	1	40
QB60	1	30	CI16C	1	1	Ma01B	2	0
QB28	2	28	CI11A	17	43	Ma01C	1	0
QB29	2	8	CI11B	5	10	FT31	4	12
QB14	5	30	CI11C	4	101	Oc21	1	0
QB13	3	3	CI10	1	4	Sl02.1	1	0
QB15	1	6				Sl02.2	1	0

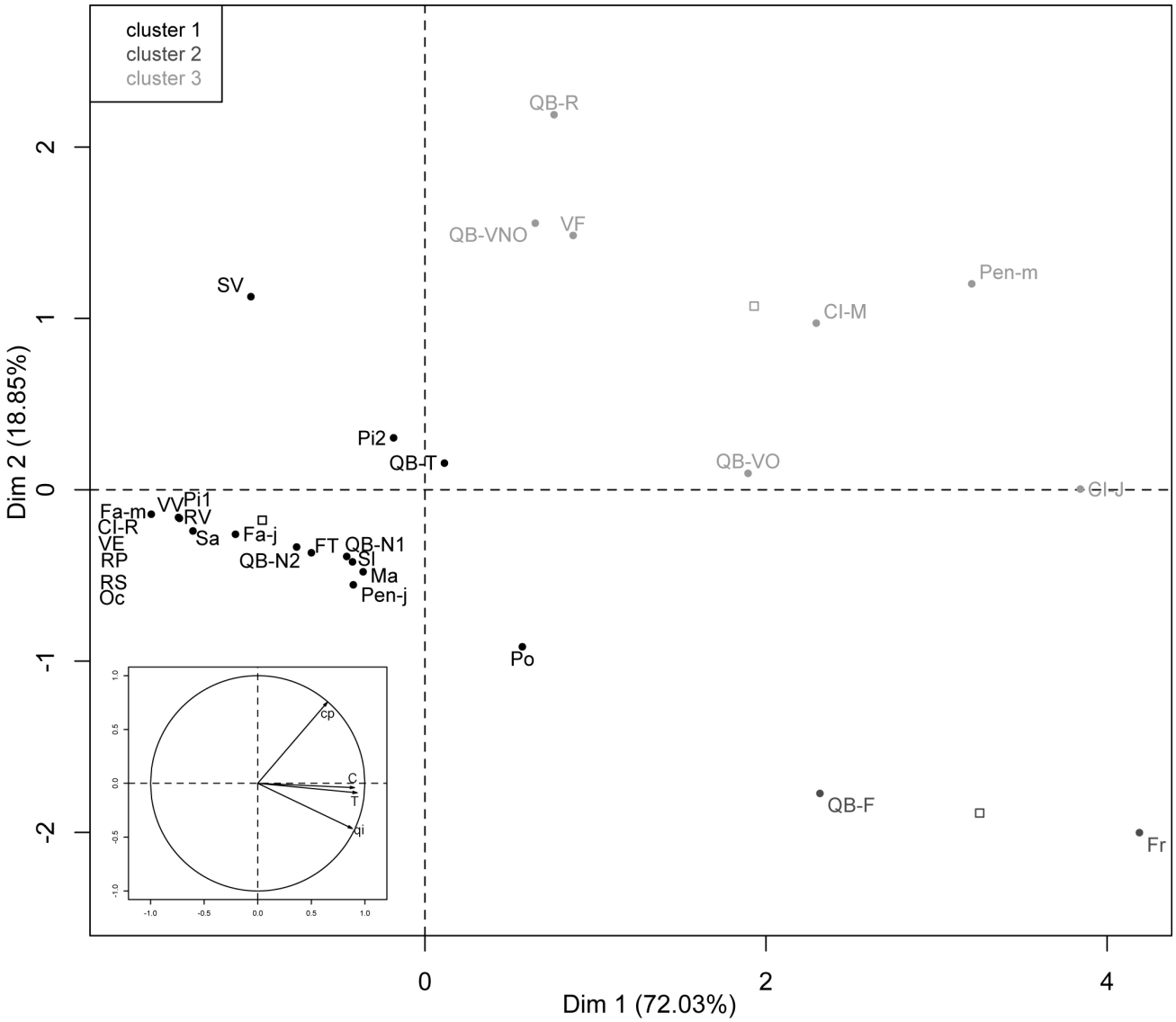
Tab. 6.5: Número de unidades gráficas figurativas e não figurativas por espaço parietal. As linhas tracejadas delimitam conjuntos parietais.

Por todas estas razões, vamos caraterizar a forma como o dispositivo gráfico se distribui no espaço, tendo como unidade de análise a *zona* e não o *sítio*, se bem que estas duas unidades espaciais coincidam a maior parte das vezes. Para percebermos as diferenças e semelhanças formais das zonas que estamos a estudar procedemos a uma Classificação Hierárquica Ascendente sobre os resultados da Análise das Componentes Principais do nosso *corpus*. As variáveis que tivemos em conta foram as seguintes: número de conjuntos parietais (cp), quociente de informação (qi), número de temas (T) e número de chaves (C). Para a quantificação do número de temas não tivemos em consideração os indeterminados, uma vez que nas zonas onde ocorrem, os indivíduos que foram classificados como tal deverão corresponder a alguma das espécies já aí identificadas. De facto, os indeterminados ocorrem sobretudo nas zonas do Côa onde já estão representados pelo menos os três temas mais representativos do vale.

A primeira variável mede a dispersão da informação pela zona. De facto, quanto mais elevado é o número conjuntos parietais, mais dispersa está a informação. A segunda variável mede a quantidade de informação por conjunto parietal dessa zona. As duas últimas variáveis medem a diversidade da informação.

O gráfico 6.3. mostra os resultados da análise, que são muito eloquentes. Assim, a Classificação Hierárquica Ascendente revela a existência de três classes: a primeira, é composta por todos os sítios fora do Côa e ainda por Vale Escuro, Rego da Vide, os dois *loci* de Piscos e as zonas da ribeira da Canada do Inferno, jusante da Penascosa, ribeira da Canada do Inferno, as zonas das nascentes da ribeira da Quinta da Barca e a zona do terraço deste sítio, e as duas zonas da Faia; a segunda é composta apenas pela zona da foz da ribeira da Quinta da Barca e pelo Fariseu; a terceira classe é

composta pelos restantes sítios do Côa — zona montante da Penascosa, ribeira e vertentes oriental e noroeste da Quinta da Barca, Vale de Figueira e zonas montante e jusante da Canada do Inferno.



Graf. 6.3: Mapa fatorial resultante da Análise das Componentes Principais efetuada sobre as zonas estudadas, encontrando-se estas identificadas segundo as classes definidas pela Classificação Hierárquica Ascendente.

Na tabela 6.6 encontra-se discriminado o peso das variáveis na definição de cada uma destas classes. Assim, a classe 1 agrupa as zonas pouco disseminadas pelo espaço, com pouca informação, sendo esta composta por uma reduzida variedade de temas e chaves. A classe 2 agrupa as zonas com maior quantidade de informação por conjunto parietal e com maior variedade de temas. A classe 3 agrupa as zonas que se dispersam pelo espaço e apresentam uma variedade considerável de temas e chaves.

Depois desta caraterização formal, observemos as diferenças entre as zonas ao nível dos conteúdos. Comecemos pela unidades gráficas figurativas. Para procedermos a esta análise não tivemos igualmente em conta o número de "indeterminados". Por outro lado, camurças, peixes, aves, ursos, felinos e outros (neste caso, apenas o animal não identificável da Faia) — todos com menos de oito indivíduos (Tab. 6.7) — foram utilizados como categorias suplementares. No entanto, dado existirem ainda dez auroques claramente identificados como machos, inserimos esta categoria.

No caso em apreço, a Análise de Correspondências Simples será o método de análise mais adequado para identificarmos o que une e separa os sítios para lá da quantidade de unidades gráficas de que dispõem. A Classificação Hierárquica Ascendente revela a existência de, pelo menos, cinco grupos (Graf. 6.4) cuja leitura do gráfico 6.5 ajuda a compreender melhor. Assim, a classe 1 engloba as zonas caraterizadas pela predominância do auroque fêmea. A classe 2 engloba as estações caraterizadas pela importância do veado. A classe 3 agrupa as zonas onde o cavalo é maioritário.

classe 1	v.test	Mean in category	Overall mean	sd in category	Overall sd	p.value
qi	-3.453070	19.880952	58.502222	27.0096565	92.004383	5.542445e-04
C	-3.746173	2.190476	3.766667	2.3221305	3.461053	1.795528e-04
cp	-4.322364	1.190476	1.900000	0.4994328	1.350309	1.543663e-05
T	-4.378812	1.666667	2.933333	0.8357109	2.379542	1.193281e-05

classe 2	v.test	Mean in category	Overall mean	sd in category	Overall sd	p.value
qi	3.969435	312.25	58.502222	79.25	92.004383	7.204321e-05
T	3.366951	8.50	2.933333	0.50	2.379542	7.600431e-04

classe 3	v.test	Mean in category	Overall mean	sd in category	Overall sd	p.value
cp	4.934608	4.142857	1.900000	0.6388766	1.350309	8.031181e-07
C	3.020654	7.285714	3.766667	2.7627257	3.461053	2.522294e-03
T	2.758604	5.142857	2.933333	1.8844151	2.379542	5.804886e-03

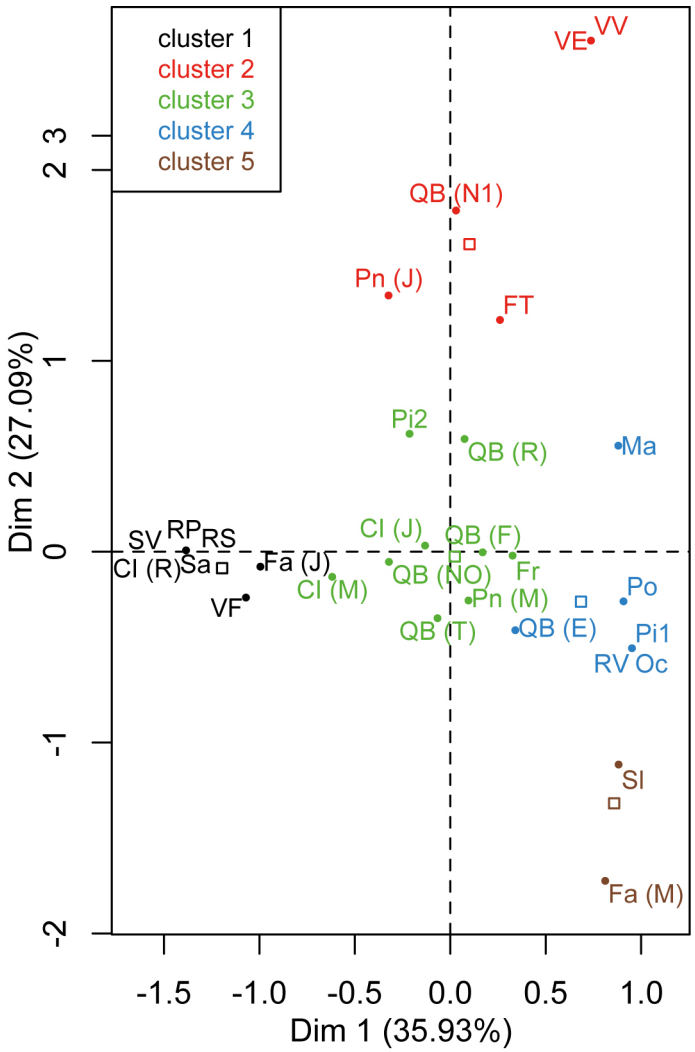
Tab. 6.6: Peso das variáveis na definição das classes formais das zonas datadas da fase 1.

Zona	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	R	I	O	U	F	Al	Ind.	TOTAL
Fa (M)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Fa (J)	0	5	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	7
Pn (M)	0	15	15	3	17	4	3	0	1	0	0	0	0	16	74
Pn (J)	0	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	5
QB (F)	3	18	15	8	23	1	7	0	0	1	1	0	0	11	88
QB (R)	0	5	0	4	4	0	4	0	0	0	0	0	0	8	25
QB (N1)	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3
QB (N2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
QB (T)	0	2	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3	9
QB (E)	0	2	2	0	6	0	0	0	0	0	0	1	0	0	11
QB (NO)	0	3	1	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	8
Pi1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Pi2	0	3	1	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	7
Fr	6	13	15	5	20	5	9	6	0	0	0	0	0	11	90
VF	0	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	14
VV	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
CI (M)	0	25	7	1	6	1	1	0	0	0	0	0	0	11	52
CI (J)	1	17	10	3	8	2	5	1	0	0	0	0	0	9	56
CI (R)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
RV	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
VE	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
SV	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
RP	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Po	0	0	0	0	6	1	1	0	0	0	0	0	0	0	8
Sa	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
RS	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ma	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	4
FT	0	1	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	4
Oc	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Sl	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
TOTAL	**10**	**129**	**68**	**26**	**103**	**17**	**41**	**8**	**1**	**1**	**1**	**1**	**1**	**79**	**486**
%	**2,1**	**26,5**	**14,0**	**5,3**	**21,2**	**3,5**	**8,4**	**1,6**	**0,2**	**0,2**	**0,2**	**0,2**	**0,2**	**16,3**	**100,0**

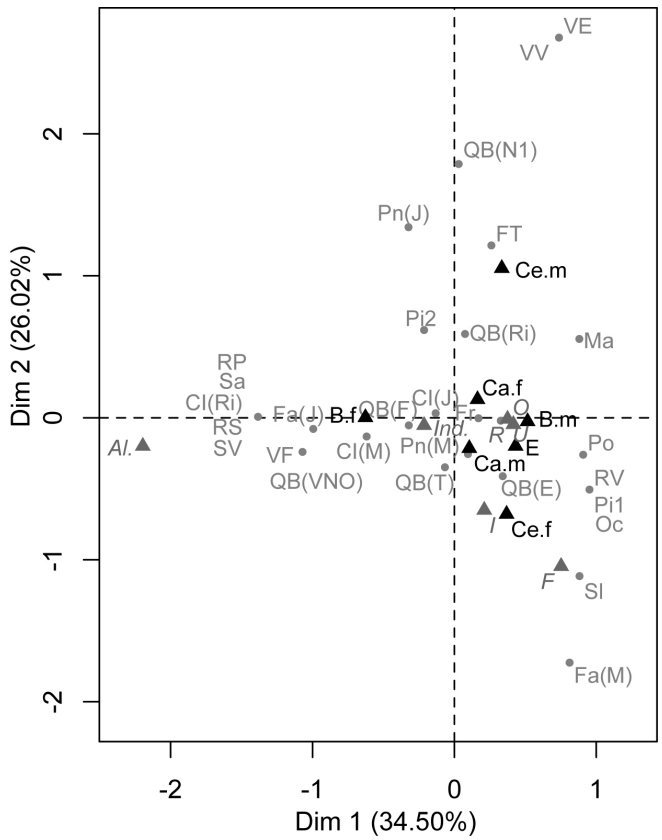
Tab. 6.7: Distribuição dos temas pelas zonas estudadas da fase 1.

A classe 4 é formada pelas zonas onde a presença da cerva é importante, podendo aparecer exclusivamente (zona montante da Faia) ou em eventual paridade com o cavalo (La Salud). A classe 5 define-se pelas zonas que se destacam por uma presença de cabras-monteses acima da média. Note-se que isto não implica que elas sejam maioritárias — nunca o são — mas sim que ocorram em maior proporção que na generalidade dos sítios. Estas zonas são também aquelas onde os restantes animais se encontram melhor distribuídos.

Observemos o que se passa com as unidades gráficas não figurativas (Tab. 6.8), também sujeitas a uma análise de correspondências simples. Obviamente retirámos os sítios onde nenhuma unidade gráfica foi identificada. Retirámos também o sítio de Rego de Vide onde o facto de dispor de uma única unidade, sendo ela rara, o transformava num *outlier* importante. As chaves IV, V e VI, apenas presentes em Vale de Figueira, Canada do Inferno (montante e jusante) e Fariseu respetivamente, foram tratadas como categorias suplementares.



Graf. 6.4: Mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Simples das zonas, com base na sua variabilidade temática.



Graf. 6.5: Localização das variáveis no mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Simples das zonas, com base na sua variabilidade temática.

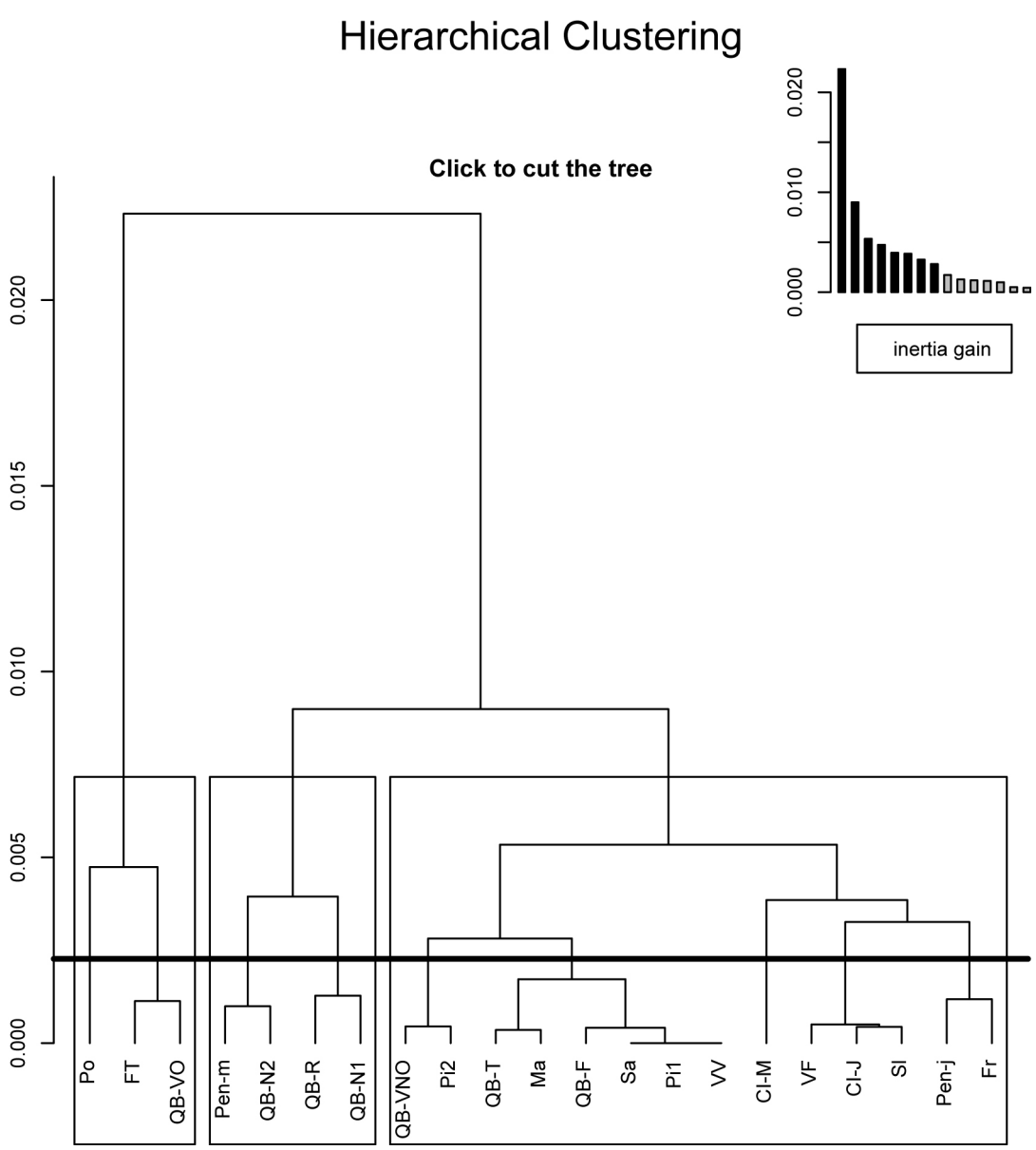
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Pn (M)	0	0	0	0	0	0	2	0	12	0	39	0	3	56
Pen (J)	3	8	8	0	0	0	16	0	91	14	580	9	9	738
QB (F)	0	0	0	0	0	0	3	2	10	0	128	2	0	145
QB (N1)	0	1	0	0	0	0	3	0	3	0	15	0	2	24
QB (N2)	0	0	1	0	0	0	0	0	5	1	21	0	2	30
QB (R)	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	28	0	2	33
QB (T)	0	0	0	0	0	0	3	0	4	2	56	1	0	66
QB (E)	3	1	5	0	0	0	24	4	101	20	283	0	6	447
QB (NO)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	8	1	0	10
Pi1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Pi2	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0	12	1	0	17
Fr	1	4	7	0	0	1	15	2	96	20	531	6	10	693
VF	0	0	0	1	0	0	1	1	12	1	86	1	2	105
VV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
CI (M)	0	0	2	0	1	0	6	2	48	13	242	1	1	316
CI (J)	0	8	1	0	1	0	25	1	132	11	775	7	12	973
RV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Po	1	1	0	0	0	0	4	0	14	10	75	0	1	106
Sa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	0	0	13
Ma	0	0	0	0	0	0	2	0	5	2	30	1	0	40
FT	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	7	0	0	12
Sl	0	0	0	0	0	0	1	0	3	1	25	0	1	31
TOTAL	**8**	**23**	**24**	**1**	**2**	**1**	**109**	**12**	**545**	**95**	**2957**	**30**	**52**	**3859**
%	**0,20**	**0,62**	**0,62**	**0,026**	**0,052**	**0,026**	**2,82**	**0,31**	**14,12**	**2,46**	**76,63**	**0,78**	**1,35**	**100**

Tab. 6.8: Distribuição das chaves pelas zonas estudadas da Fase 1.

A Classificação Hierárquica Ascendente efetuada sobre os resultados da Análise de Correspondências sugere a existência de nove classes (Graf. 6.6). Contudo, esta aparente diversidade parece-nos ilusória. De facto, a leitura do gráfico do ganho da inércia revela um primeiro degrau significativo entre a segunda e a terceira componente, razão pela qual pensamos ser mais prudente assumir a existência de apenas três classes. Admitindo a divisão do conjunto em três classes, a primeira seria composta apenas pelo Pousadouro, abrigo de Foz Tua e vertente oriental da Quinta da Barca, a segunda apenas pela zona montante da Penascosa e pelas nascentes e ribeira da Quinta da Barca, e a terceira pelos restantes sítios.

A leitura do gráfico 6.7 ajuda-nos a compreender estas distinções. O primeiro grupo carateriza-se particularmente pela sua posição ao longo da dimensão 1, sendo definido por uma relação mais equilibrada entre as chaves IX e XI (Foz Tua e vertente oriental da Quinta da Barca) e pelo peso das chaves I e X nas composições dos seus repertórios não figurativos (Pousadouro e vertente oriental da Quinta da Barca). A classe 2 destaca-se pelo seu posicionamento ao longo da dimensão 2, sendo caraterizada pelo peso relativo das chaves II, VII e XIII. A classe 3 reúne a maior parte dos sítios, caraterizando-se pela sua localização na metade negativa da dimensão 1 ou muito perto dela, definindo-se pelo peso das chaves XI e XII.

Se caraterizarmos as zonas com base nas suas diferenças formais e ao nível do repertório figurativo, podemos definir nove tipos de zonas (Tab. 6.9): A1 — zonas localizadas espacialmente e com pouca informação, caraterizadas pela exclusividade ou predominância da fêmea do auroque; A2 — zonas localizadas espacialmente e com pouca informação, caraterizadas pela exclusividade ou predominância do cavalo; A3 — zonas localizadas espacialmente e com pouca informação, caraterizadas pela exclusividade ou predominância do veado; A4 — zonas localizadas espacialmente e com pouca informação, caraterizadas pela importância da cerva; A5 — zonas localizadas espacialmente, com pouca informação e sem que nenhum dos três temas predominantes (auroque, cavalo, cabra-montês) se destaque; B1 — zonas com alguma informação, algo dispersas pelo espaço, caraterizadas pela predominância do auroque; B2 — zonas com alguma informação, algo dispersas pelo espaço, caraterizadas pela predominância do cavalo; B5 — zonas com alguma informação algo dispersas pelo espaço, caraterizadas pela presença de vários temas, sem que nenhum se destaque particularmente; C5: zonas com muita informação, muito concentrada espacialmente, caraterizadas pelo equilíbrio temático nelas presente.

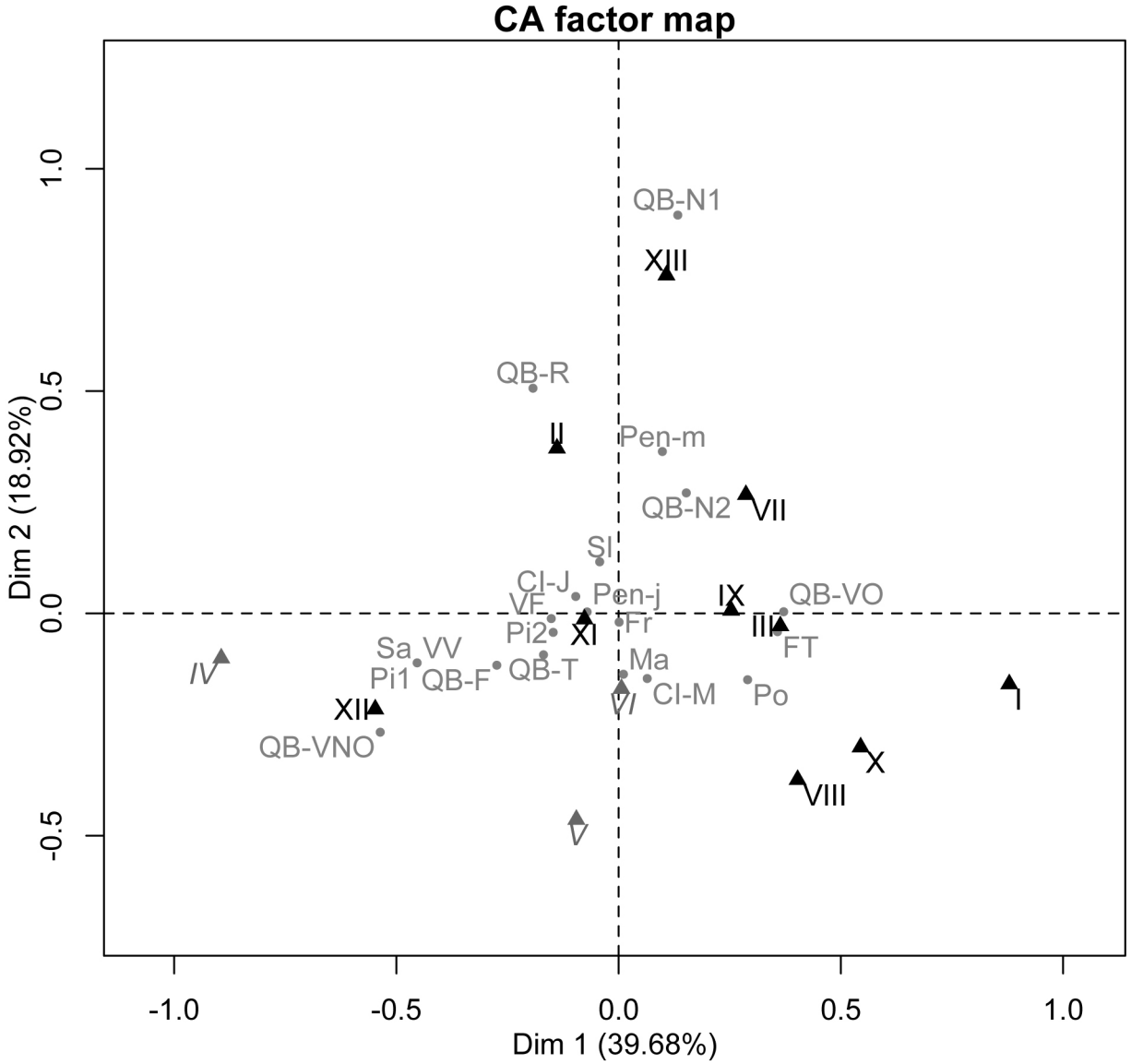


Graf. 6.6: Dendrograma com os resultados da Classificação Hierárquica Ascendente das zonas, com base nas chaves nela presentes.

Se tivermos em conta o repertório não figurativo, verificamos algumas coisas curiosas. Assim, todos os tipos dominados pelo auroque que contém repertório não figurativo são da classe 3 da classificação deste repertório. No caso, dos cavalos, poderão ser da classe 1 ou 3. No caso dos veados, encontramos todas as classes representadas e no caso de termos vários temas, apenas temos zonas das classes 2 e 3. No caso do Côa podemos estudar as relações espaciais que estes tipos estabelecem entre si, encontrando-se estas sintetizadas na figura 6.1.

Relativamente aos aspetos formais das zonas destacamos o facto de não existir praticamente mudanças bruscas de classe, do ponto de vista formal. Isto é, as zonas ligam-se a outras de classe igual ou imediatamente abaixo ou acima, apenas se verificando uma exceção, entre o *locus* 2 de Piscos (classe formal A) e o Fariseu (classe formal C). Relativamente ao conteúdo, verificamos ligações 1—4 (Faia), 3—5 (Vale de Videiro-Canada do Inferno) e 1—5 (Canada do Inferno), 2—5 (Quinta da Barca e Canada do Inferno-Rego da Vide) e 3-5 (Quinta da Barca). Ou seja temos ligações de contiguidade auroque—cerva (embora separada pelo rio), veado—dispositivo sem tema destacado, auroque—dispositivo sem tema destacado e cavalo—dispositivo sem tema destacado. Algumas zonas pela sua proximidade parecem formar complexos relativamente autónomos, delimitados na figura 6.1 por retângulos. Estes complexos traduzem espacialmente uma série limitada de oposições entre temas. Assim, na Faia, os limites do sítio são definidos por duas zonas colocadas em margens opostas — uma dominada pela cerva e outra pela fêmea do auroque. No complexo Penascosa/ Quinta da Barca observa-se a oposição veado—cavalo. Esta é uma oposição clara porquanto é sempre mediada por zonas onde nenhuma

espécie se destaca. No complexo Piscos/ Fariseu/ Vale de Figueira observa-se a oposição cavalo—auroque, também ela mediada por zonas onde nenhuma espécie se destaca. No complexo Vale de Videiro/ Canada do Inferno/ Rego da Vide observa-se de novo uma oposição entre auroque, cavalo e veado observando-se sempre uma zona intermédia entre as que são dominadas por estes temas.



Graf. 6.7: Mapa fatorial da Análise de Correspondências Simples das zonas com base na presença das chaves aí identificadas.

	1 (auroque)	2 (cavalo)	3 (veado)	4 (cerva)	5 (Mix)
A	Fa (J)	Pi1	Pn (J)	Fa (M)	QB (T)
	CI (R)	RV	QB (N2)	Sl	Pi2
	SV	Po	VV		
	RP	Ma	VE		
	SA	Oc	FT		
	RS				
	CI-R				
B	VF	QB (E)			Pn (M)
					QB (R)
					QB (NO)
					CI (M)
					CI (J)
C					QB (F)
					Fr

Tab. 6.9: Tipologia das zonas, com base na sua caraterização formal e temática.

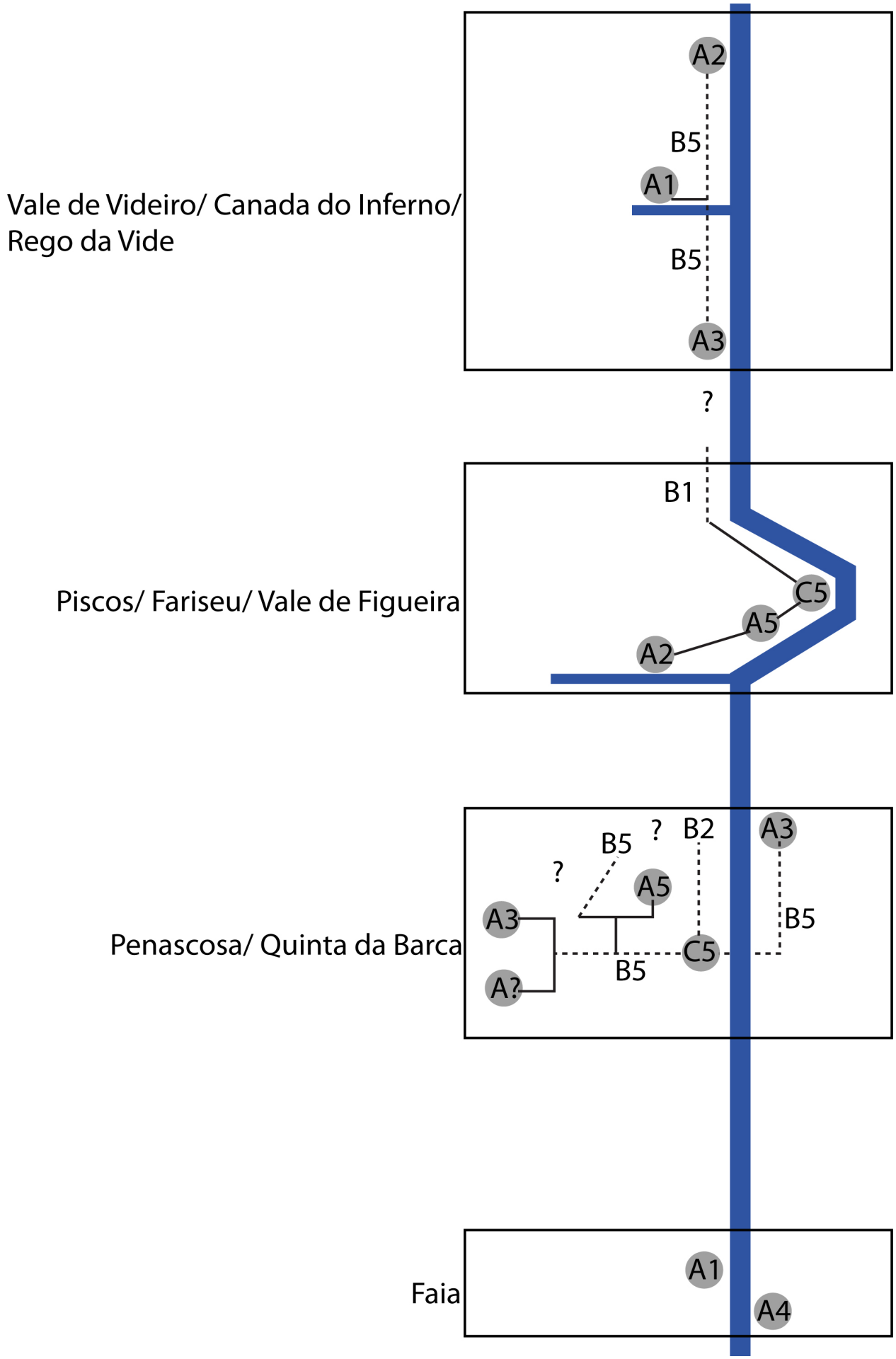


Fig. 6.1: Representação esquemática das relações espaciais entre os diversos tipos de zona existentes no vale do Côa. A linha azul larga representa o rio epónimo e a mais fina a ribeira de Piscos. Figura orientada a norte.

A importância inusitada do veado enquanto definidor de zonas, sobretudo quando temos em conta os seus efetivos numéricos na região durante esta fase, exige um aprofundamento da questão. De facto, o veado é usualmente tido como um animal "complementar" nos estudos da arte paleolítica da âmbito estruturalista (v.g. Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 153; Sauvet & Sauvet, 1979, 345). Diga-se, de passagem, que mesmo o auroque, cuja importância na nossa zona de estudo durante a fase 1 é evidente — sendo o tema mais representado —, não é consensualmente visto como "animal central", considerando-o como tal Leroi-Gourhan, mas não os Sauvet (v.g. Leroi-Gourhan, 1995 [1965], 152-153; Sauvet & Sauvet, 1979, 345). Por outro lado, a cabra-montês, pese embora a sua representatividade na região (particularmente o macho), não parece caraterizar *per se* nenhuma zona. Qual então a razão da sua representatividade? Uma hipótese interessante será a de considerar a cabra-montês como um tema aglutinador, que permite a reunião dos temas que se opõem na paisagem, e a consequente passagem de umas zonas para as outras. O aprofundamento destas questões só será possível se percebermos o papel semiótico de cada um dos temas que tratamos, algo a que procederemos em seguida.

6.1.2. As relações entre as unidades gráficas

Até agora vimos que três temas se destacam pela quantidade: auroques, cavalos e cabra-montês macho. Contudo, se tivermos em conta a importância dos temas na definição das zonas são auroque, cavalo e veado que se destacam. Por outro lado, salta à vista que a cabra-montês está ausente dos sítios fora do Côa. É igualmente notório que nesses sítios, apenas o auroque aparece isolado e que, entre os restantes temas, apenas encontramos um sítio monotemático — o Ocreza, onde apenas se observa um cavalo. Este aspeto é, quanto a nós algo de extrema importância. De facto, existem temas que tendem mais que outros a aparecer sozinhos (v.g. Sauvet & Sauvet, 1979, 344; 345; Sauvet, 1988, 9-10).

No caso da arte parietal do interior das cavidades, a maior parte dos espaços parietais é monotemático, decrescendo progressivamente o seu número à medida que aumentam os temas neles presentes (v.g. Sauvet & Wlodarczyk, 1995, 197). Ora, esta tendência não se verifica no nosso conjunto, onde o número de composições com associações ternárias é mais elevado que o constituído por associações binárias (Tab. 6.10). É interessante também notar que na arte cavernária, os animais que propendem a aparecer isolados apresentam uma tendência para que a sua representatividade nos painéis diminua progressivamente à medida que aumentam os temas neles presentes (v.g. Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1979, 345). Mais uma vez, esta tendência não se verifica ao ar livre durante a fase que agora tratamos, dispondo a maioria dos temas de mais exemplos em associações ternárias que binárias.

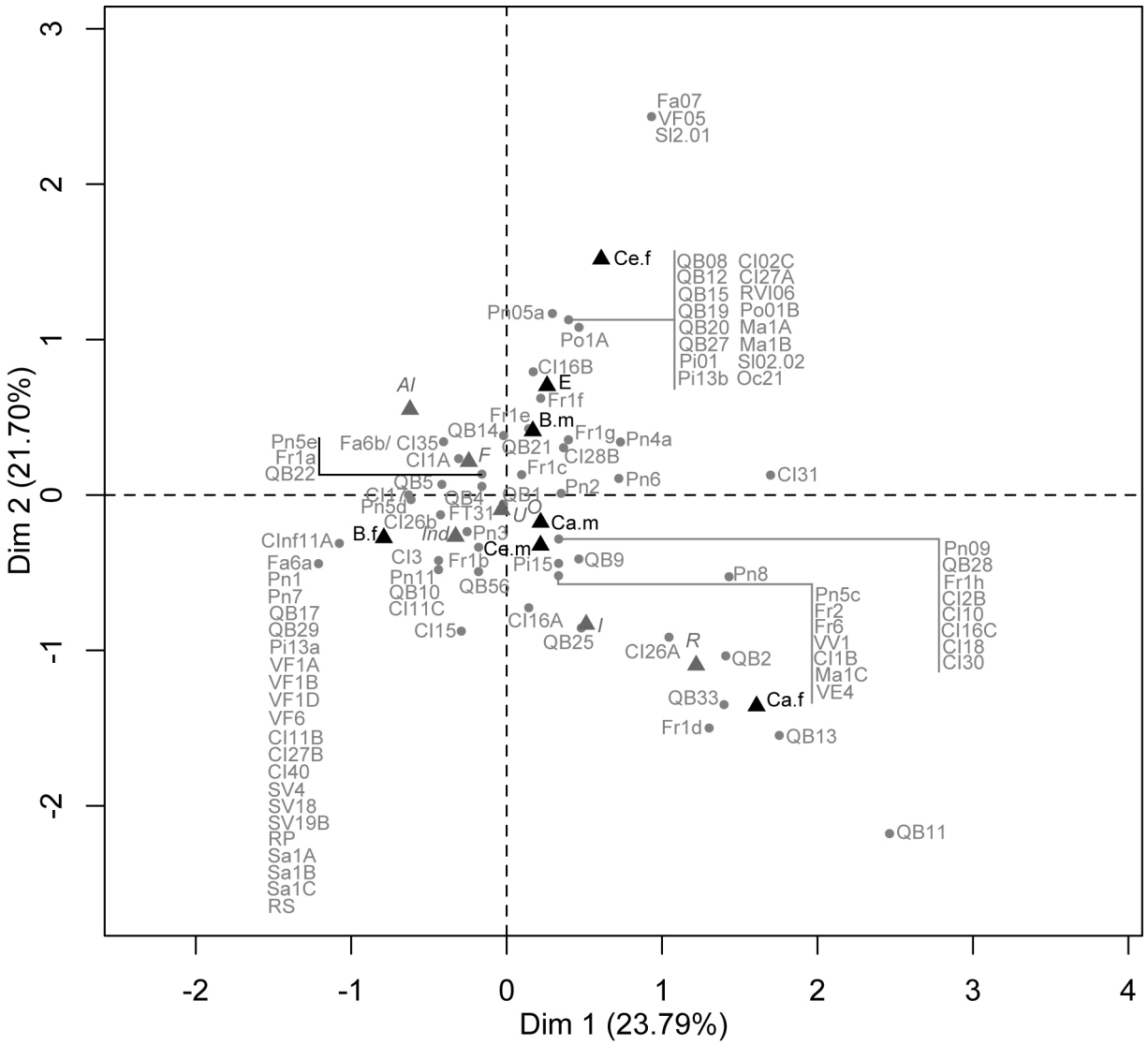
	1	2	3	4	5+	TOTAL	Ind. A. I-E
B-m	0	0	0	0	6	6	5,5
B-f	22	6	14	7	6	55	1,509090909
Ca-m	9	2	13	6	6	36	2,527777778
Ca-f	1	5	3	4	3	16	2,5625
E	15	4	15	6	6	46	1,847826087
Ce-f	3	1	1	2	5	12	3,166666667
Ce-m	6	8	6	5	4	29	2,068965517
R	1	1	1	1	1	5	2,4
I	0	1	0	0	0	1	1
O	0	0	0	0	1	1	8
U	0	0	0	0	1	1	8
F	0	0	0	1	0	1	3
Al	0	0	1	0	0	1	2
TOTAL	**57**	**14**	**18**	**8**	**6**	**103**	

Tab. 6.10: Repartição dos temas pelas composições identificadas, seriadas segundo o número de temas nelas presentes.

De qualquer forma, é fácil perceber que temas têms mais tendência para se associarem a outros. Uma das formas mais eficazes de proceder a isso é calcular o índice de associação interespecífica, que consiste apenas no número médio de temas que se encontram associados a uma espécie dada (v.g. Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1979, 345). Se fizermos isso, verificamos que, de facto, este índice é mais elevado nos machos de cabra-montês que no caso dos veados. Repare-se como, em contraste com a globalidade dos dispositivos parietais cavernários, o auroque (fêmea, que é o género mais

comum no nosso conjunto), é o tema com o índice de associação interespecífica mais baixo.

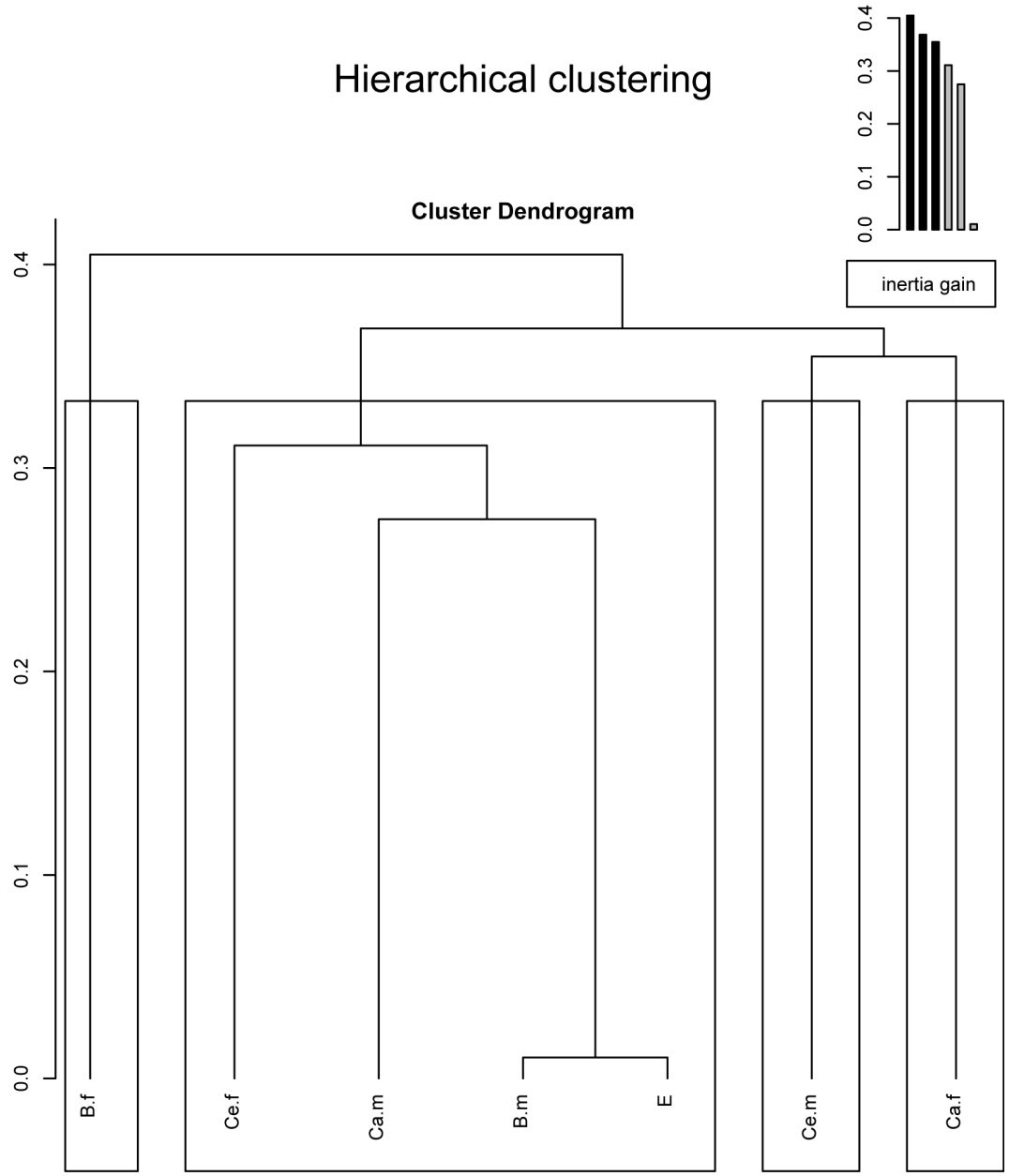
Prossigamos a nossa análise procurando perceber agora a forma como os diferentes temas se relacionam entre si. Para tal, vamos proceder a uma Análise de Correspondência Simples de uma tabela onde se encontram discriminados o número de unidades gráficas de cada tema por composição (Graf. 6.8). Nesta análise não nos interessa tanto a proximidade formal entre os diversos espaços parietais, mas a relação de proximidade entre os temas, com base na sua frequência de aparição no mesmo espaço. Nesta análise é tido em conta o número de unidades gráficas por tema, evitando-se assim os problemas que decorrem das reduções a que usualmente as figurações são sujeitas, tal como observado por vários autores (Vialou, 1986, 367; Sauvet & Wlodarczyk, 2000-2001, 218). Por outro lado, os temas raros (camurças, peixes, ursos, aves, felinos e outros) assim como os quadrúpedes indeterminados são tratados como variáveis suplementares. No gráfico observamos alguns elementos dignos de nota. Um destes trata-se do facto dos temas se distribuírem pelo interior de um triângulo cujos vértices são os três temas seguramente fêmeas do nosso *corpus* — cervas, cabras-monteses e auroques —, dois deles pouco habituais e o terceiro o mais comum. Destaque-se também o facto de cabra-montês macho se localizar praticamente ao centro do gráfico.



Graf. 6.8: Mapa fatorial da Análise de Correspondências Simples das composições com base na variabilidade temática.

Contudo, este gráfico representa apenas pouco menos de 45% da inércia. A Classificação Hierárquica Ascendente das variáveis (neste caso, os temas) poderá assim ajudar-nos a aprofundar o significado das observações anteriores (Graf. 6.9). Esta sugere a existência de quatro classes: uma definida em torno do auroques fêmea, outra em torno do veado, uma em torno da cabra-montês fêmea e outra definida pela ocorrência dos restantes temas. Tal classificação é dificilmente demonstrável, sobretudo devido à raridade das fêmeas de cabra-montês, e mesmo de veado. Por outro lado, o facto de nos

sítios fora do Côa os cavalos nunca se associarem a cabras-monteses e em todas as composições pluritemáticas em que entram se identificarem igualmente veados, não nos permite considerar como válida esta classificação.



Graf. 6.9: Dendrograma resultante da Classificação hierárquica Ascendente dos temas com base nas associações que estabelecem entre si nas composições estudadas.

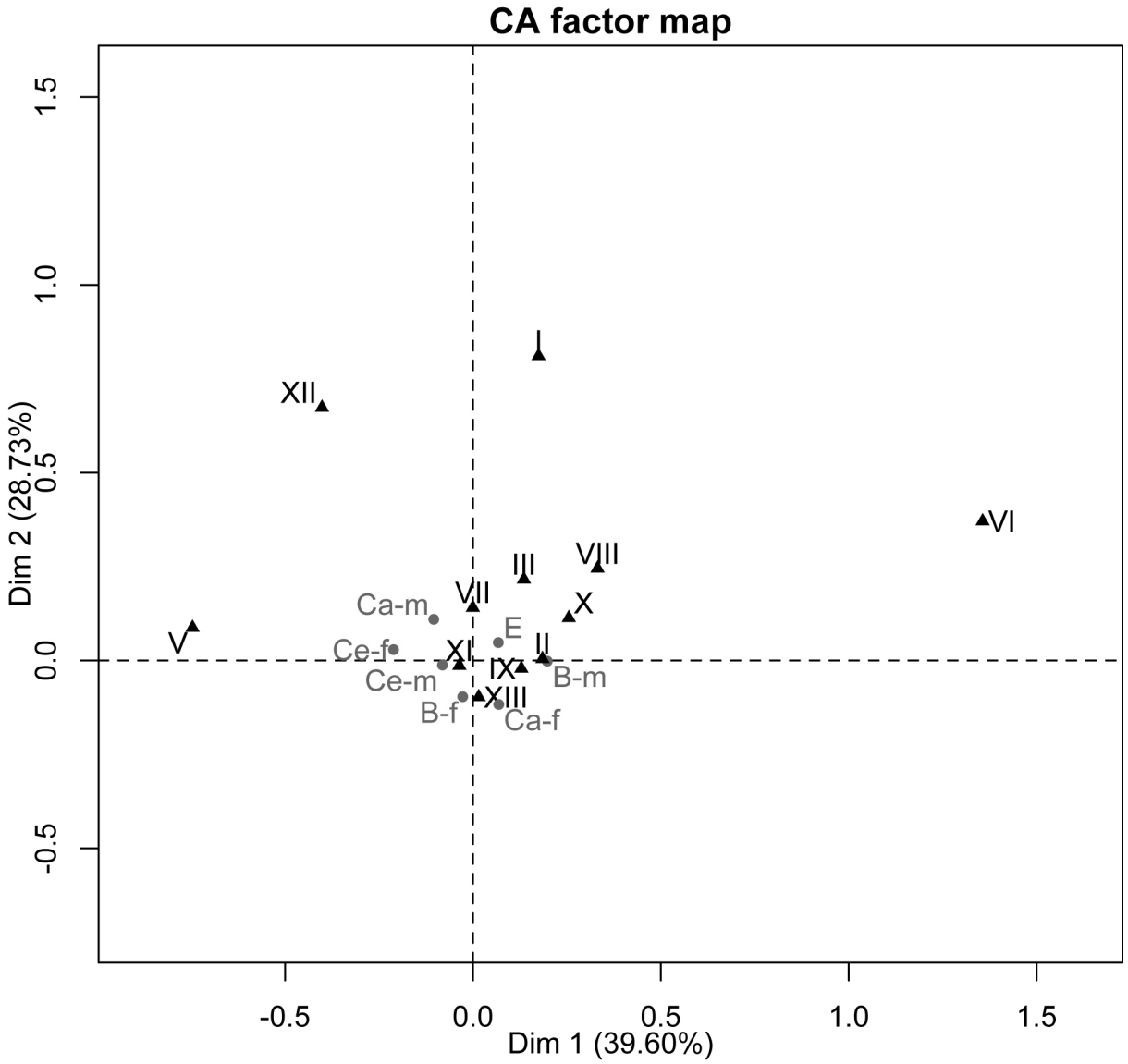
Contudo, as relações entre os temas expressas pelo dendrograma parecem-nos de valorizar. Lembremo-nos que se o número de classes está dependente da nossa interpretação das amostragens, as relações estabelecidas entre as variáveis não o está, sendo por isso menos propícias à discussão. Assim, será de valorizar a relação entre veado e cabra-montês fêmea, algo que é bastante visível, por exemplo, na ribeira da Quinta da Barca. Este par, está, por outro lado, mais relacionado com auroque fêmea, que com os restantes temas. No dendrograma é também patente a relação forte entre cerva e cabra-montês macho e, particularmente, entre auroque macho e cavalo. Não deixa de ser tentador ler no dendrograma um esboço de um discurso onde pares de espécies e sexos diferentes se parecem definir de forma mais ou menos evidente. Poderá a dificuldade inerente à identificação sexual dos cavalos impedir uma melhor definição destes pares? Relativamente ao repertório figurativo, será difícil avançar mais na análise, sendo talvez a pergunta anterior já demasiado ousada.

Vejamos agora como se definem tendências de associação entre o repertório figurativo e o não figurativo ao nível do espaço parietal. Para procedermos a esta análise, utilizámos mais uma vez a Análise de Correspondências Simples. Dado que há unidades gráficas que se associam a diversos temas em simultâneo, tivemos também esse aspeto em conta.

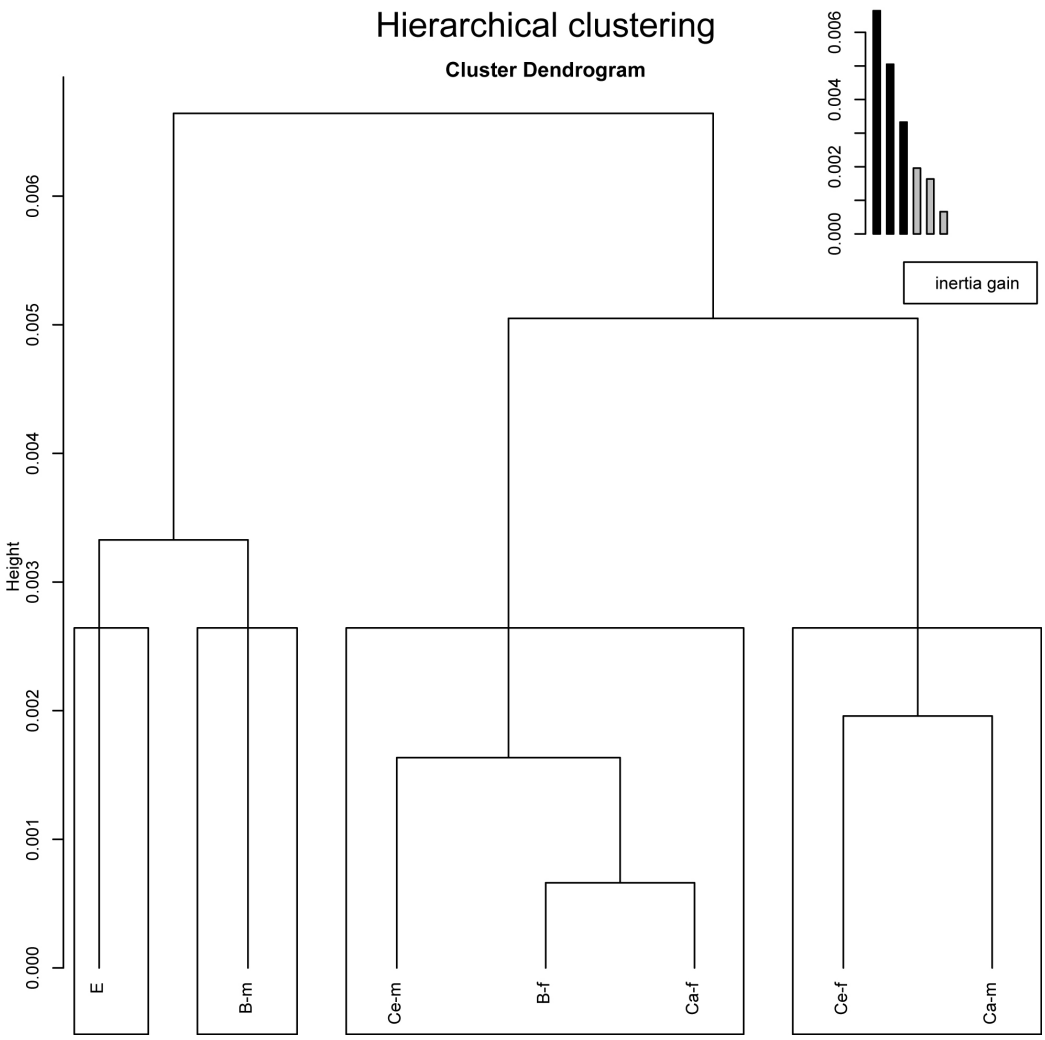
Por exemplo, se dada unidade não figurativa se associa a dois auroques fêmeas, um cavalo e uma cabra-montês macho, essa unidade é dividida por quatro e atribuído o valor 0,5 a auroque fêmea, 0,25 a cavalo e 0,25 a cabra-montês macho. Na tabela 6.11 encontram-se discriminados os valores a que chegámos após esse procedimento. Na análise apenas tivemos em conta os temas mais representados do nosso *corpus*, correspondendo o mapa fatorial ao nosso gráfico 6.10. Já no gráfico 6.11 encontramos o dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente efetuada sobre a Análise de Correspondências Simples.

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
B-m	0,4	2,48	2,13	0	0	0,33	1,74	0,4	26,43	6,88	107,08	0,25	2,133	150,27
B-f	0	5,01	3,5	0	0,5	0	16,06	1,66	106,48	14,14	565,80	0,75	8,7	722,62
Ca-m	1,33	2,31	3,11	0	0,5	0	8,866	0,833	42,18	8,4	269,29	5	1,83	343,68
Ca-f	0	0	0	0	0	0	0,5	0	8,75	2,17	38,25	0	0,5	50,17
E	2,53	5,68	5,76	0	0	0,5	28,71	4,56	134,71	25,93	599,11	5	10,1	822,62
Ce-f	0,2	0	0,33	0	0	0	1,68	0	4,3	1,54	54,26	0,75	1,83	64,89
Ce-m	0	2,5	1,53	0	0	0	7,43	0,33	32,92	3,31	185,91	2,25	3,5	239,68
R	0	0	0	0	0	0	1,7	0	2,4	0,2	25,75	1	0	31,05
I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
F	0,33	0	0	0	0	0	0,5	0	1	0	2,33	0	0	4,167
Ind	0,2	2	1,61	0	1	0,16	5,81	0,2	36,82	8,44	210,21	4	4,4	274,86
Is	3	3	6	1	0	0	36	4	146	23	904	11	17	1154
TOTAL	**8**	**23**	**24**	**1**	**2**	**1**	**109**	**12**	**542**	**94**	**2963**	**30**	**50**	**3859**

Tab. 6.11: Associação entre temas e chaves nas composições estudadas da fase 1.



Graf. 6.10: : Mapa fatorial da Análise de Correspondências Simples entre temas e chaves da fase 1.



Graf. 6.11: Dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente dos temas, com base na diversidade de chaves a eles associadas.

Estes gráficos são difíceis de interpretar, porquanto a diferença entre as classes definidas se prende com uma diferente distribuição de chaves e não com diferenças grandes ao nível das proporções em que aparecem. O programa sugere a existência de quatro classes. Contudo, se como anteriormente, centrarmos as nossas atenções essencialmente sobre as relações, não podemos deixar de relevar o facto destas agruparem os temas de forma semelhante à determinada pelas relações intratemáticas (Graf. 6.9). De facto, lá encontramos a relação cavalo/ auroque macho, auroque fêmea/ veado/ cabra-montês fêmea e cabra-montês macho/ cerva. De algum modo, as associações entre as chaves e os temas, embora de difícil caraterização, parecem confirmar as relações que já tínhamos observado anteriormente, neste caso separando cavalo e auroque macho (que, ainda assim, formam um par bem distinto dos restantes temas), mas evidenciando a proximidade entre auroque fêmea e o par veado/ cabra-montês fêmea.

De facto, as nossas abordagens a diferentes escalas parecem não só não se contradizer como se reforçar. Assim, ao nível das zonas verificámos a ocorrência de quatro tipos: um caraterizado pelo predomínio do auroque fêmea, outro pelo peso acima da média do veado, um terceiro pelo peso acima da média da cerva e um quarto caraterizado pela presença massiva do cavalo. Ao nível da paisagem verificámos a existência de oposições entre os dois primeiros e os dois últimos, sem que tenhamos identificado nenhum caso em que se observe uma oposição entre cada um destes pares. Por outro lado, se nos sítios fora do Côa nos parece evidente uma relação cavalo/ cervídeo (Mazouco, Pousadouro, La Salud), no Côa é mais evidente a que se estabelece entre auroque fêmea e veado (nascente 1 da Quinta da Barca, Penascosa jusante). Esta relação auroque fêmea/ veado é por sua vez também evidente na análise de correspondências das relações interespecíficas, onde o primeiro tema se relaciona sobretudo com cabra-fêmea (relação com manifestação concreta evidente na ribeira da Quinta da Barca). Nesta segunda análise de correspondências é também evidente uma relação auroque macho/ cavalo, e cabra-montês macho/ cerva, parecendo estes dois temas poderem formar par autónomo, também ligados a auroque

fêmea, mas não de forma tão intensa como o par veado/ cabra-montês fêmea. Estas relações verificam-se também com algumas nuances, quando se estuda a relação entre chaves e temas, sendo aí mais evidente as relações entre veado e auroque fêmea, que parece partilhar mais chaves, ainda assim, com cabra-montês fêmea.

O profundo "entrosamento" destas análises advoga pela existência de um sistema altamente coerente que se verifica desde uma análise ao nível da paisagem até à relação entre unidades gráficas no mesmo espaço parietal. Sobre o seu possível significado, trataremos no derradeiro capítulo deste trabalho. Passemos agora ao estudo global dos grafismos das nossas fases 2 e 3.

6.2. Fases 2 e 3

6.2.1. Sítios e zonas

Como já referimos, pensamos que atualmente não é possível proceder a um estudo global autónomo para cada uma das fases 2 e 3, tal como o fizemos para a fase1. De facto, é por vezes muito difícil distinguir as duas fases, sobretudo quando no mesmo espaço parietal encontramos temas diferentes, sendo que um deles é passível de se integrar em quatro classes (auroque ou cavalo) e outro em três (cabra-montês ou veado). Deste modo, a nossa análise incidirá sobre o conjunto das manifestações gráficas que se integram nestas duas fases que, recorde-se, datarão de um amplo período entre o Solutrense superior e o Magdalenense médio/ superior.

Outro problema relativamente a estas duas fases prende-se com a falta de estudos aprofundados em grande parte das estações do Côa. Tal aspeto limita seriamente os estudos que podemos fazer relativamente ao repertório não figurativo. Esta limitação é ainda reforçada pelo facto de em Domingo García, este repertório não ter sido alvo de um estudo semelhante ao que desenvolvemos no Côa. Evidentemente que o poderíamos fazer agora recorrendo aos decalques publicados. Por manifesta falta de tempo, e dado ainda assim restarem muitas estações por estudar no Côa, não procedemos a tal empreitada.

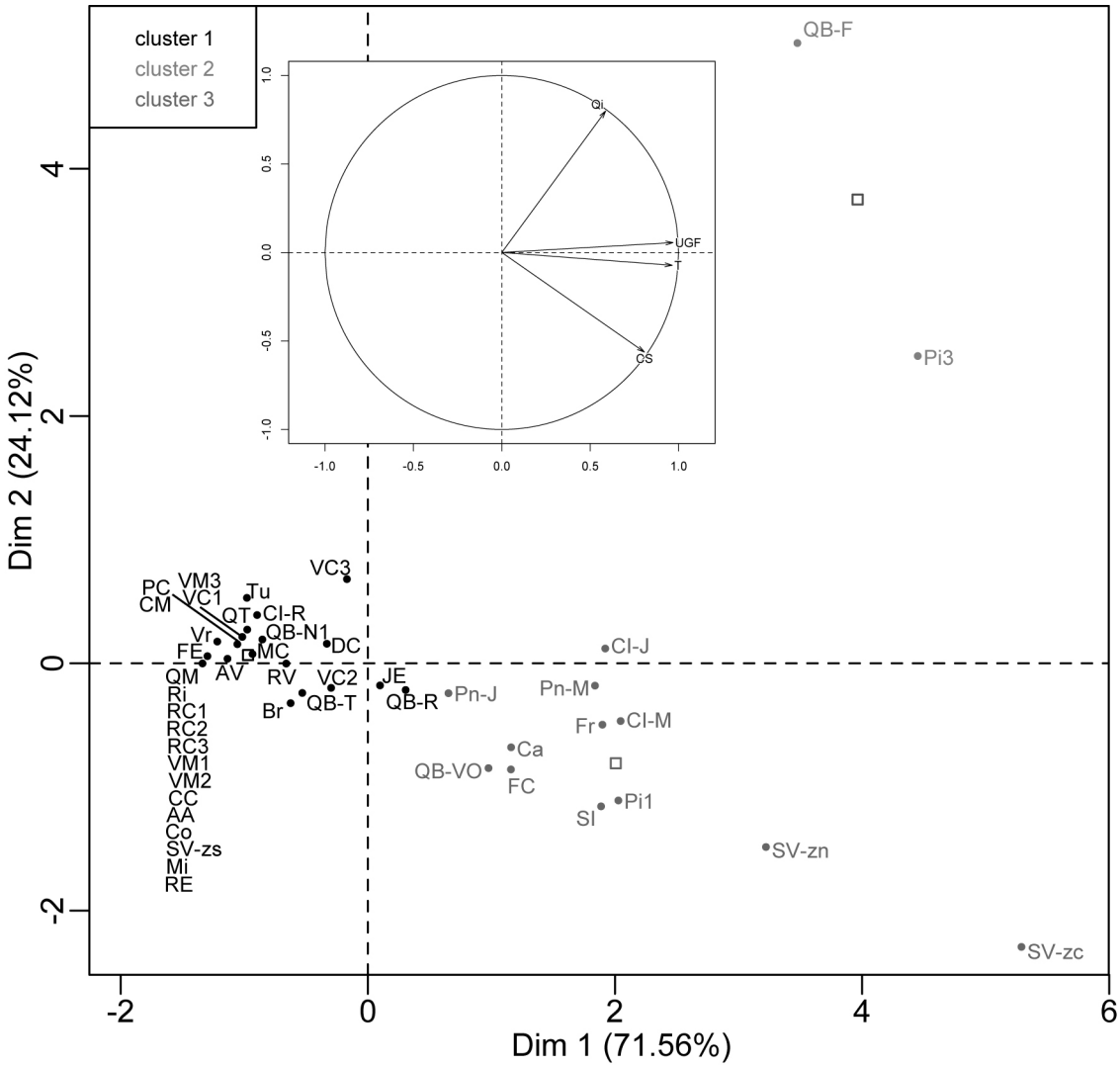
Contrariamente à fase anterior, verificamos que se estudarmos a relação entre o número de unidades gráficas figurativas e o número de unidades não figurativas exclusivamente das fases que estudamos agora de cada *loci* (excluindo Domingo García) (Tab. 6.12), não existe qualquer correlação [r=0,335; p=0,189; Y= 3,822(X)+360,73]. Contudo, se não tivermos em conta o sítio de Siega Verde, a correlação volta a ser relativamente forte [r=0,732; p=0,001; Y=13,944(X)+167,32], embora ainda longe da correlação verificada durante a fase anterior. O carácter diferenciado de Siega Verde pode-se explicar de diferentes maneiras: o facto de se encontrar tão cerca do rio terá sido responsável por uma erosão diferencial que terá afetado essencialmente repertório não figurativo, maioritariamente inciso, e por isso mais atreito à desaparição por efeitos dessa mesma erosão; grande parte do repertório não figurativo, terá sido identificado como "traços indeterminados" (Alcolea & Balbín, 2006, 31) e, consequentemente não registado da forma aprofundada como a que procedemos no Côa; o tipo de estação a que pertence Siega Verde não implica a ocorrência de uma elevada intensidade de repertório não figurativo. Independentemente daquilo a que possa corresponder este repertório não figurativo, pensamos pouco crível que a evidente importância de Siega Verde não encontre um correlato nesse repertório. Inclinamo-nos, consequentemente para as duas primeiras razões (possivelmente ambas) para explicar a diferença de Siega Verde relativamente a este ponto.

De qualquer forma, este aspeto, aliado à falta de estudos deste repertório num número elevado das estações que agora estudamos levou-nos a considerar que será de não o ter em conta na caraterização formal dos sítios das fases 2 e 3. Pelas razões aduzidas acima, a zona será a unidade de análise privilegiada. Para a sua caraterização procedemos igualmente a uma Classificação Hierárquica Ascendente efetuada sobre os resultados de uma Análise das Componentes Principais, em que as variáveis são as mesmas que no caso da análise equivalente da fase 1, com exceção da do número de chaves. Por outro lado, para o cálculo do quociente de informação apenas foi tido em conta o número de unidades gráficas figurativas. Nesta análise foram tidos em conta os valores pré-existentes nas zonas atualizadas (Penascosa montante e jusante, Quinta da Barca terraço, foz, ribeira, nascentes 1 e vertente oriental, Piscos 1, Fariseu, Canada do Inferno montante, Canada do Inferno jusante, Rego da Vide e zona central de Siega Verde). A tabela 6.13 descrimina os valores a

analisar, correspondendo o gráfico 6.12 à Classificação Hierárquica Ascendente dos sítios efetuada sobre o mapa fatorial resultante da Análise das Componentes Principais.

Sítio	UGF	UGNF
Pn	31*	1350
QB	40**	442
Pi l1	40	1526
Pi l3	152	1844
Fr	40	1990
CI l1	47***	469
CI l2	8	160
RV	9****	5
VM	1	41
CM	5	34
JE	13	175
VC l1	4	161
VC l2	12	193
SV	228	177
FE	2	3
Co	1	1
PC	5	0
TOTAL	638	8571

Tab. 6.12: Número de unidades gráficas figurativas e não figurativas existentes nos espaços parietais gravados durante as fases 2 e 3 de cada um dos loci estudados. * Inclui as três pré-existências de Pn05e; ** Inclui uma unidade pré-existente de QB06, cinco de QB14 e duas de QB20; *** Inclui três pré-existências de CI02A, seis de CI03A, uma de CI10, duas de CI27A e quatro de CI30; **** Inclui uma pré-existência em RV06.



Graf. 6.12: Mapa fatorial resultante da Análise de Correspondências Simples das zonas, com base na sua caraterização formal.

Zonas	CP	UGF	UG/CP	Temas
Quinta da Moreirola	1	1	1,00	1
Foz da Ribeirinha	1	1	1,00	1
Penascosa (J)	4	29	7,25	7
Penascosa (M)	6	78	13,00	7
Quinta da Barca (F)	1	89	89,00	9
Quinta da Barca (R)	4	28	7,00	5
Quinta da Barca (N1)	1	5	5,00	3
Quinta da Barca (T)	3	10	3,33	3
Quinta da Barca (E)	7	36	5,14	6
Ribeira das Cortes locus 1	1	1	1,00	1
Ribeira das Cortes locus 2	1	1	1,00	1
Ribeira das Cortes locus 3	1	1	1,00	1
Piscos locus 1	8	42	5,25	11
Piscos locus 3	3	152	50,67	13
Fariseu	6	68	8,50	9
Canada do Inferno (M)	8	71	14,20	7
Canada do Inferno (J)	5	78	15,60	8
Canada do Inferno (R)	1	8	8,00	2
Rego da Vide	2	9	4,50	3
Vale de Moinhos locus 1	1	1	1,00	1
Vale de Moinhos locus 2	1	1	1,00	1
Vale de Moinhos locus 3	1	4	4,00	2
Moinhos de Cima	1	3	3,00	3
Broeira	3	6	2,00	3
Quinta das Tulhas	1	6	6,00	2
Foz do Côa	7	37	5,29	7
Canada da Moreira	1	5	5,00	2
Vale de José Esteves	3	16	5,33	6
Vermelhosa	1	4	4,00	1
Vale de Cabrões locus 1	1	4	4,00	2
Vale de Cabrões locus 2	3	13	4,33	4
Vale de Cabrões locus 3	1	14	14,00	5
Tudão	1	10	10,00	1
Canada das Corraliças	1	1	1,00	1
Siega Verde (S)	1	1	1,00	1
Siega Verde (C)	17	153	9,00	12
Siega Verde (N)	11	78	7,09	12
Arroyo de las Almas	1	1	1,00	1
Cierro de San Isidro	9	54	6,00	8
Canteras	6	35	5,83	8
Valdebernardo-Cañamares	1	2	2,00	2
Miguelánez	1	2	2,00	1
Rio Eresma	1	1	1,00	1
La Dehesa de Carbonero	2	15	7,50	4
Fraga Escrevida	1	2	2,00	1
Costalta	1	1	1,00	1
Poço do Caldeirão	1	5	5,00	2
TOTAIS	**144**	**1235**	**7,83**	**4,11**

Tab. 6.13: Caraterização formal das zonas estudadas das fases 2 e 3, descriminando-se o número de conjuntos parietais e de unidades gráficas figurativas nelas existentes, a média de unidades gráficas figurativas por conjunto parietal e a diversidade de temas em cada uma delas.

Como se verifica pela leitura do gráfico, é muito evidente a existência de três classes de zonas: a primeira é constituída pelas zonas de pequena dimensão, com pouca diversidade de temas e de informação. A segunda é composta apenas pelo *locus* 3 de Piscos e pela foz da ribeira da Quinta da Barca, que ainda continua ativa, como se comprova pela sua atualização. Estas zonas correspondem a zonas com ampla diversidade de temas e muita informação, encontrando-se esta muito concentrada.

A classe 3 integra as zonas de maior dimensão, onde se encontra grande diversidade de temas e uma grande quantidade de informação que se distribui por diversos conjuntos parietais. A maior parte das zonas que a compõem são zonas que já existiam previamente, sendo exceção a esta regra os dois sítios aqui presentes de Domingo García (Cierro de San Isidro e Canteras), a zona norte de Siega Verde e a Foz do Côa.

Caraterizemos agora as zonas com base no seu conteúdo. Como se referiu previamente, apenas teremos em conta o repertório figurativo. Na tabela 6.14 encontramos sintetizada a variedade temática de cada uma das zonas que contém grafismos das nossas fases 2 e 3. Da leitura desta tabela transparece de forma clara o predomínio do cavalo, a que se segue o auroque, passando o veado a apresentar totais semelhantes aos da cabra-montês. O antropomorfo faz a sua aparição, assim como renas, bisontes e rinocerontes lanudos, sendo que estes três últimos aparecem em números residuais. Camurça, felinos, ursos, aves e peixes continuam também residuais. Como "outros" considerámos o "ser fantástico" e o mustelídeo da rocha 24 de Piscos (**Pi24-009** e **Pi24-011**), o canídeo da rocha 32 de Siega Verde (**SV32-09**), e ainda quatro motivos semelhantes a **F06-03** (**Pi02-11**, **SV13-19**, **SI15C-04** e **Ca6B-01**). Note-se que, mesmo que apenas tenhamos em conta as unidades gravadas *ex nihilo*, se continua a verificar estas grandes tendências. A comparação entre os dois totais apenas revela uma diferença entre veados e cabras-monteses, gravando-se muito mais unidades do primeiro tema durante as fases que agora tratamos. Tratar-se-á apenas de um "acerto" de forma a que os números de ambas as espécies se aproximem ou de uma tendência que uma sobrevalorização das pré-existências estará a esconder? Se tivermos em conta os números de Domingo García (estações construídas *ex nihilo*), tenderemos a optar pela primeira explicação, mas os de Siega Verde (estação cujos cervídeos e capríneos são gravados *ex nihilo*) impelem-nos para a alternativa. O aumento da importância dos cervídeos durante esta fase, não é, no entanto, questionável.

A partir da tabela referida, procedemos a uma análise de Correspondências Simples, seguida de uma Classificação Hierárquica Ascendente. Como não tivemos em conta os indeterminados, ignorámos na análise os *loci* 1 e 3 da Ribeira das Cortes, assim como Migueláñez e Rio Eresma, cujo dispositivo parietal é constituído apenas por quadrúpedes não identificados. Como considerámos peixe, ave, urso, felino, rena, bisonte, rinoceronte e "outro" como variáveis complementares, retirámos igualmente da análise o *locus* 1 de Vale de Moinhos, constituído apenas por um bisonte.

Os resultados espantam pela coerência. De facto, a Classificação Hierárquica Ascendente revela de forma muito clara a existência de quatro classes, sendo que uma delas é composta apenas por uma zona — Piscos 3 (Graf. 6.13). Os mapas fatoriais 6.14 e 6.15 ajudam a perceber esta classificação. Assim, observa-se que a classe 1 carateriza-se pelo seu posicionamento ao longo das dimensões 1 (Graf. 6.14) e 3 (Graf. 6.15). Ou seja, partilha com a classe 4 a predominância do auroque fêmea, mas afasta-se desta devido à relevância dos antropomorfos e à pouca importância das cabras-monteses (machos e fêmeas). A classe 2 carateriza-se pela predominância do veado e pela pouca importância, ou mesmo ausência, do auroque fêmea. A classe 3 carateriza-se pela predominância do cavalo. A classe 4 partilha com a 1 a importância dos auroque fêmeas, mas a importâncias das cabras-monteses e a distribuição dos restantes temas faz com que se aproxime mais das restantes que da 1 propriamente dito.

Se mais uma vez distinguirmos as zonas com base nas suas caraterísticas formais e de conteúdo, verificamos a existência de oito tipo de zonas (Tab. 6.15): A2 — zonas com pouca informação, pouco dispersa pela paisagem onde o cavalo predomina (ribeira da Canada do Inferno, Rego da Vide, *locus* 3 de Vale de Moinhos, Poço do Caldeirão, Costalta, Dehesa del Carbonero, Siega Verde sul,); A3 — zonas com pouca informação, pouco dispersa pela paisagem onde o veado predomina (Foz da Ribeirinha, Vale de Moinhos 2, Moinhos de Cima, Quinta das Tulhas, Tudão, *locus* 2 de Vale de Cabrões e Arroyo de las Almas); A4 — zonas com pouca informação, pouco dispersa pela paisagem onde o auroque fêmea e/ou a cabra-montês (num dos dois géneros) predomina (Quinta da Moreirola, nascentes 1, ribeira e terraço da Quinta da Barca, Ribeira das Cortes 2, Vale de José Esteves, Vermelhosa, *loci* 1 e 3 de Vale de Cabrões, Canada da Moreira, Canada das Corraliças, Fraga Escrevida e Valdebernardo-Cañamares); B1 — apenas constituída pelo *locus* 3 de Piscos, que corresponde a uma zona muito concentrada espacialmente, com muita informação e onde se destacam os antropomorfos; B4 — apenas constituída pela Foz da Quinta da Barca, tratando-se portanto de uma zona atualizada. Carateriza-se pela concentração de muita informação e pela importância dada a auroques e cabras-monteses; C2 — zonas com muita informação, dispersa espacialmente e onde o cavalo é preponderante (vertente oriental da Quinta da Barca, zonas central e norte de Siega Verde e Cierro de San Isidro); C3 — constituída apenas pela Foz do Côa, que é uma zona com muita informação, dispersa pelo espaço e onde o veado é preponderante; C4 — zonas com muita informação, dispersa espacialmente e onde o auroques e/ ou cabras-monteses têm elevada importância (zonas montante e jusante da Penascosa, *locus* 1 de Piscos, Fariseu, zonas montante e jusante da Canada do Inferno e Canteras).

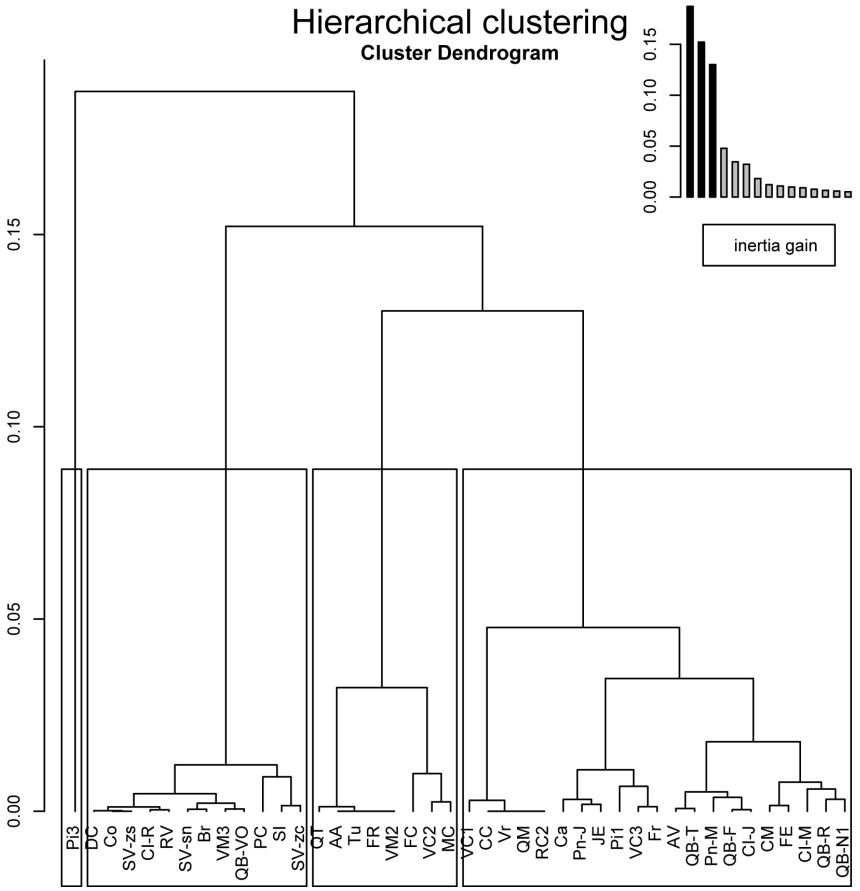
Zonas	B-m	B-f	Ca-m	Ca-f	E	Ce-f	Ce-m	Ant	R	I	O	U	F	RT	Bis	Al.	Ind	TOTAL
QM	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ri	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Pn-J	1	[2]	3	2	6	2	5[2]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8[1]	29 [5]
Pn-M	0	16 [15]	[15]	4[3]	[17]	5[4]	[3]	0	0	[1]	0	0	0	0	0	0	17[16]	78 [74]
QB-F	[3]	19 [18]	[15]	[8]	[23]	[1]	[7]	0	0	0	[1]	[1]	0	0	0	0	[11]	89 [88]
QB-R	0	[5]	2	5[4]	[4]	0	[4]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	[8]	28 [25]
QB-N1	0	2[1]	1	0	0	0	[2]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5 [3]
QB-T	0	[2]	3[2]	0	[2]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	[3]	10 [9]
QB-VO	1	3[2]	[2]	1	21[6]	0	5	0	0	0	0	0	[1]	0	0	0	2	36 [11]
RC1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
RC2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
RC3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Pi1	0	6	4	4	12 [2]	3	3	1	1	0	0	0	1	0	0	1	6	42 [2]
Pi3	10	45	5	4	14	6	5	20	3	0	1	0	1	0	0	2	36	152
Fr	7[6]	14[13]	21[15]	6[5]	38[20]	[5]	13[9]	3	[6]	0	0	0	0	0	0	0	17[11]	130 [90]
CI-M	0	26[25]	[7]	[1]	11[6]	3[1]	5[1]	0	0	1	0	0	0	0	0	0	14[11]	68 [52]
CI-J	[1]	19[17]	12[10]	4[3]	17[8]	[2]	[5]	0	[1]	0	0	0	0	0	0	0	10[9]	71 [56]
CI-R	0	0	1	0	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8
RV	0	1	1	0	6[1]	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	9 [1]
VM1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
VM2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
VM3	0	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
MC	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Br	0	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	6
QT	0	0	0	0	1	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
FC	4	5	1	1	10	1	12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	37
CM	0	3	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
JE	0	2	3	1	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	16
Vr	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
VC1	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4
VC2	2	0	2	0	1	0	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13
VC3	0	1	3	0	6	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	14
Tu	0	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10
CC	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV-zs	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SV-zc	12	12[4]	5	4	83	11	9	1	0	0	0	1	0	1	0	2	12	153 [4]
SV-zn	2	9	2	2	43	1	5	0	0	0	0	1	2	2	2	2	5	78
AA	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SI	5	2	1	2	25	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	1	11	54
Ca	0	1	6	2	6	1	6	0	1	0	0	0	0	0	0	1	11	35
AV	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Mi	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
RE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
DC	1	1	0	0	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	15
FE	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Co	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
PC	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
TOTAL	**51 [10]**	**199 (104]**	**126 [66]**	**53 [24]**	**378 [89]**	**49 [13]**	**128 [33]**	**25**	**12 [7]**	**2 [1]**	**2[1]**	**3 [1]**	**6 [1]**	**3**	**4**	**9**	**185 [70]**	**1235 [420]**

Tab. 6.14: Variabilidade temática das zonas estudadas das fases 2 e 3. Entre [ ] descrimina-se o número de unidades gráficas pré-existentes.

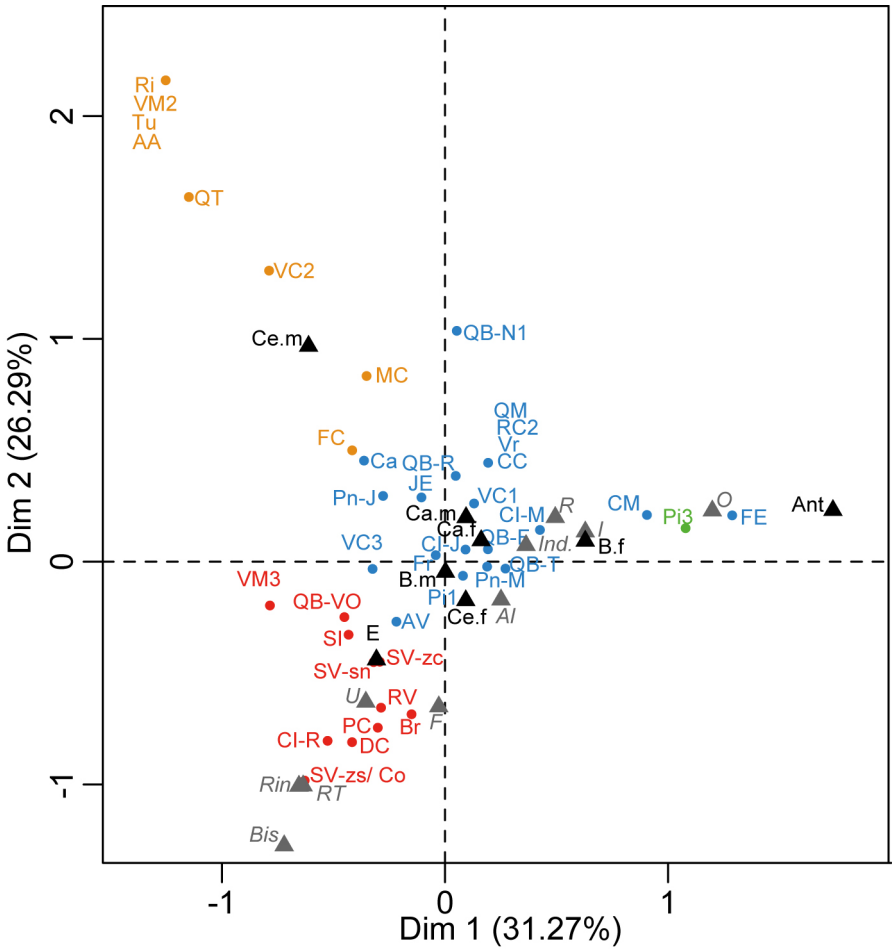
Tal como ocorreu quando tratámos das manifestações gráficas da Fase 1, é possível a partir dos tipos de zona definidos acima, analisar as relações espaciais que eles podem desenvolver entre si (Fig. 6.2). Durante as fases 2 e 3 é possível proceder a esta análise não só no Côa como também em Siega Verde, nas estações da Barroca e no *inselberg* da Cuesta Grande (Domingo García). Em Siega Verde e Barroca pouco se pode dizer, sendo as zonas de todos estes sítios dominadas pelo cavalo. Já em Cuesta Grande observa-se uma oposição espacial entre C4 e C2, isto é entre cabra-montês (neste caso preciso) e cavalo.

No Côa a situação é algo mais complexa. No antigo complexo Penascosa/ Quinta da Barca, apenas se observa algumas atualizações, designadamente na zona jusante da Penascosa, passando o auroque e a cabra-montês a ter um papel mais proeminente. Em torno do complexo são construídas pequenos conjuntos parietais centrados no veado (Foz

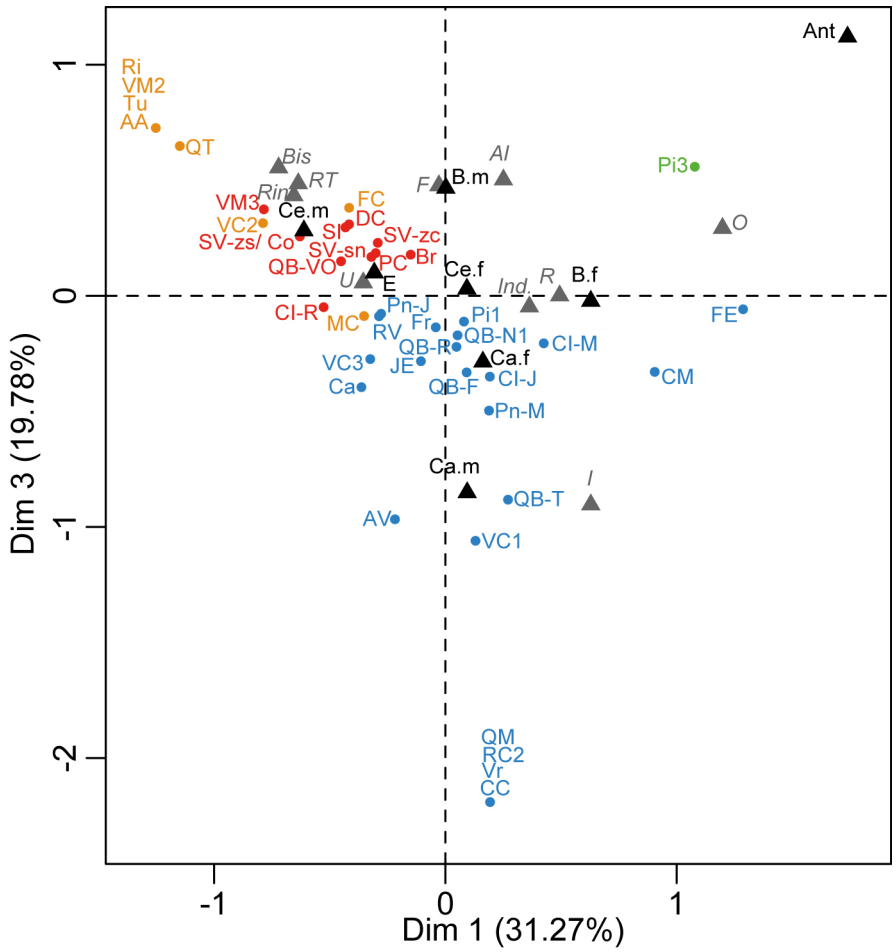
da Ribeirinha) e na cabra-montês (*locus* 2 da Ribeira das Cortes). Na zona de Piscos/ Fariseu, observamos: uma maior dispersão da informação no Fariseu, sítio onde auroques e cabras-monteses continuam a ter grande importância; e uma monumentalização do monte de Piscos, passando as cabras-monteses e cavalos a ter grande importância (recorde-se que durante a fase 1 apenas se encontrava neste *locus* um espaço parietal dedicado ao cavalo). A grande novidade desta zona é a construção do *locus* 3 de Piscos, que se destaca pela quantidade de antropomorfos, mas também pelo peso dos auroques fêmeas. Refira-se que todos os antropomorfos do Côa se encontram neste troço do vale, ocorrendo em todas as suas zonas. A zona terminal do Côa e as encostas dos vales adjacentes correspondem ao sector mais complexo do vale. Apenas se reconhecem-se três grandes zonas — duas delas pré-existentes e caraterizadas pela presença maciça de auroques e cabras-monteses (zonas montante e jusante de Canada do inferno), e uma construída de raiz e caraterizada pela omnipresença do veado (Foz do Côa). Em seu torno encontram-se apenas pequenos sítios, essencialmente caraterizados pela presença de veados (Quinta das Tulhas, Vale de Moinhos 2, Tudão e Vale de Cabrões 2) ou de auroques e/ ou cabras-monteses (Vale de Cabrões 1 e 3, Vermelhosa, Vale de José Esteves, Canada da Moreira, Canada das Corraliças e Moinhos de Cima). Os sítios dedicados ao cavalo são poucos e exclusivos das encostas do Côa (ribeira da Canada do Inferno, Vale de Moinhos 3 e Broeira). De reter um aspeto interessante: não se verifica no terreno qualquer contiguidade entre zonas caraterizadas pela omnipresença do veado e zonas caraterizadas pela do cavalo. Esta contiguidade só se verifica se as zonas se encontrarem separadas por linha de água, como entre a Broeira e a Quinta das Tulhas.



Graf. 6.13: Classificação das zonas com base na sua variabilidade temática (dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente).



Graf. 6.14: Análise de Correspondências Simples das zonas das fases 2 e 3 (duas primeiras dimensões).



Graf. 6.15: Análise de Correspondências Simples das zonas das fases 2 e 3 (primeira e terceira dimensões).

	1 (antropomorfo)	2 (cavalo)	3 (veado	4 (auroques fêmeas/ cabras-monteses)
A		CI (R)	Ri	QM
		RV	VM2	QB (N1)
		VM3	MC	QB (R)
		Br	QT	QB (T)
		PC	Tu	RC2
		Co	VC2	JE
		DC	AA	Vr
		SV (S)		VC1
				VC3
				CM
				CC
				FE
				AV
B	Pi3			QB (F)
C		QB (E)	FC	Pn (M)
		SV (C)		Pn (J)
		SV (N)		Pi1
		SI		Fr
				CI (M)
				CI (J)
				Ca

Tab. 6.15: Tipologia das zonas das fases 2 e 3, com base nas suas caraterísticas formais e de conteúdo.

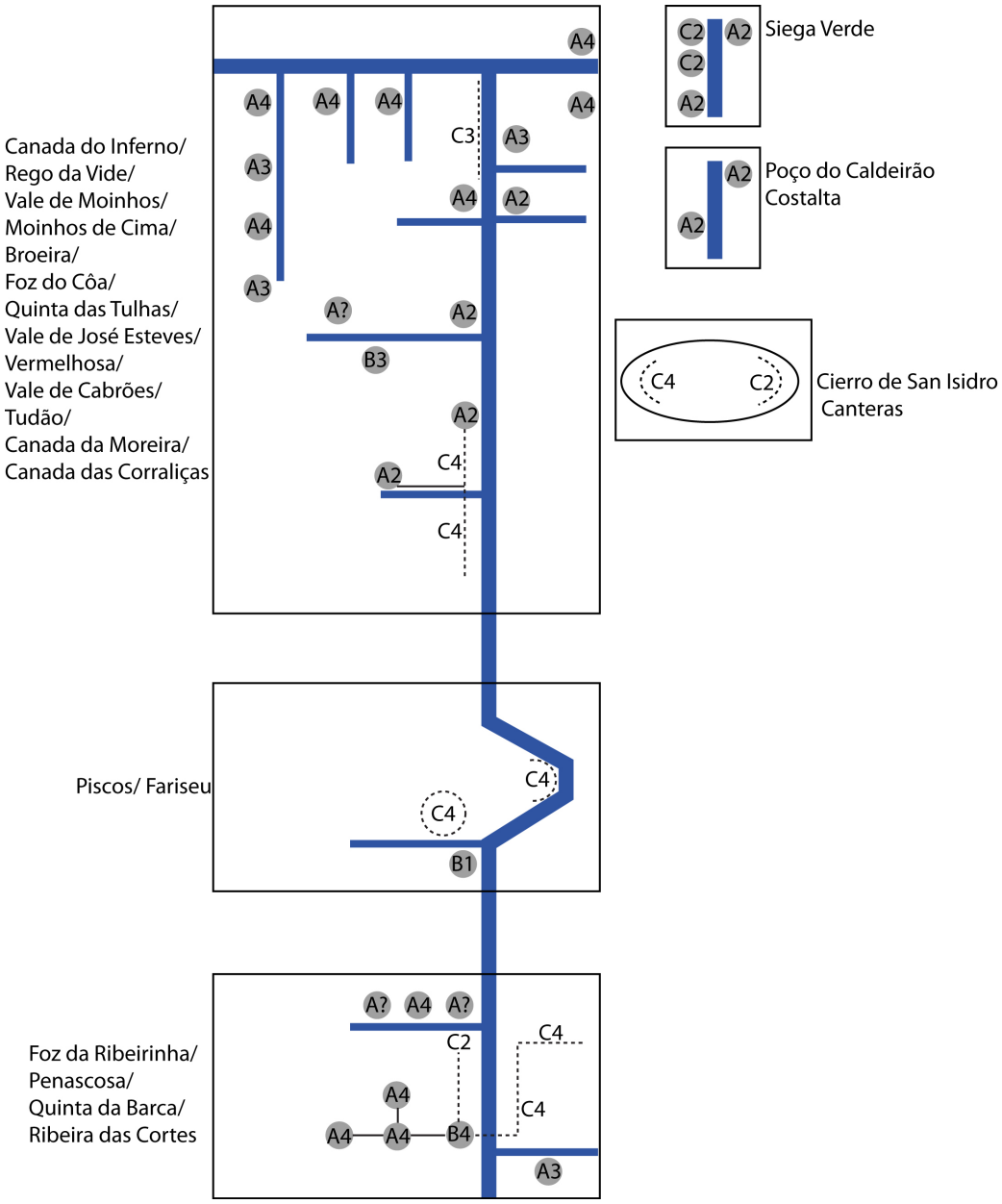


Fig. 6.2: Representação esquemática das relações espaciais entre os diversos tipos de zona existentes das fases 2 e 3. As linha assinalam cursos de água. Figuras orientadas a norte.

Prossigamos com a análise, desta feita estudando as associações entre as unidades gráficas ao nível do espaço parietal.

6.2.2. As relações entre as unidades gráficas

Neste apartado, não teremos em conta os espaços parietais pré-existentes em zonas atualizadas, se não tiverem sido eles próprios alvo de atualização.

Relativamente à fase anterior, destacam-se duas grandes alterações durante a vigência das fases 2 e 3. Uma destas prende-se com a importância numérica do cavalo, que ultrapassa de longe o auroque, com mais cento e vinte e oito motivos que este, que, por sua vez, é a segunda espécie mais representada com 250 motivos (sem distinção de sexo). Por outro lado, os veados aumentam igualmente a sua importância, aproximando-se o seu número (177, se somarmos machos e fêmeas) do de cabras-monteses (179, se somarmos machos e fêmeas). Ao nível da caraterização das zonas, verificamos que veados e cavalos continuam a ser fundamentais para a sua definição. Já auroques fêmeas parecem partilhar esse papel com cabras-monteses, que anteriormente não pareciam dispor de nenhum papel particular a este respeito.

Ao contrário do que se tinha verificado durante a fase 1, os espaços parietais das fases 2 e 3 são maioritariamente monotemáticos, diminuindo a frequência dos mesmos à medida que vai aumentando o número de temas neles presentes (Tab. 6.16).

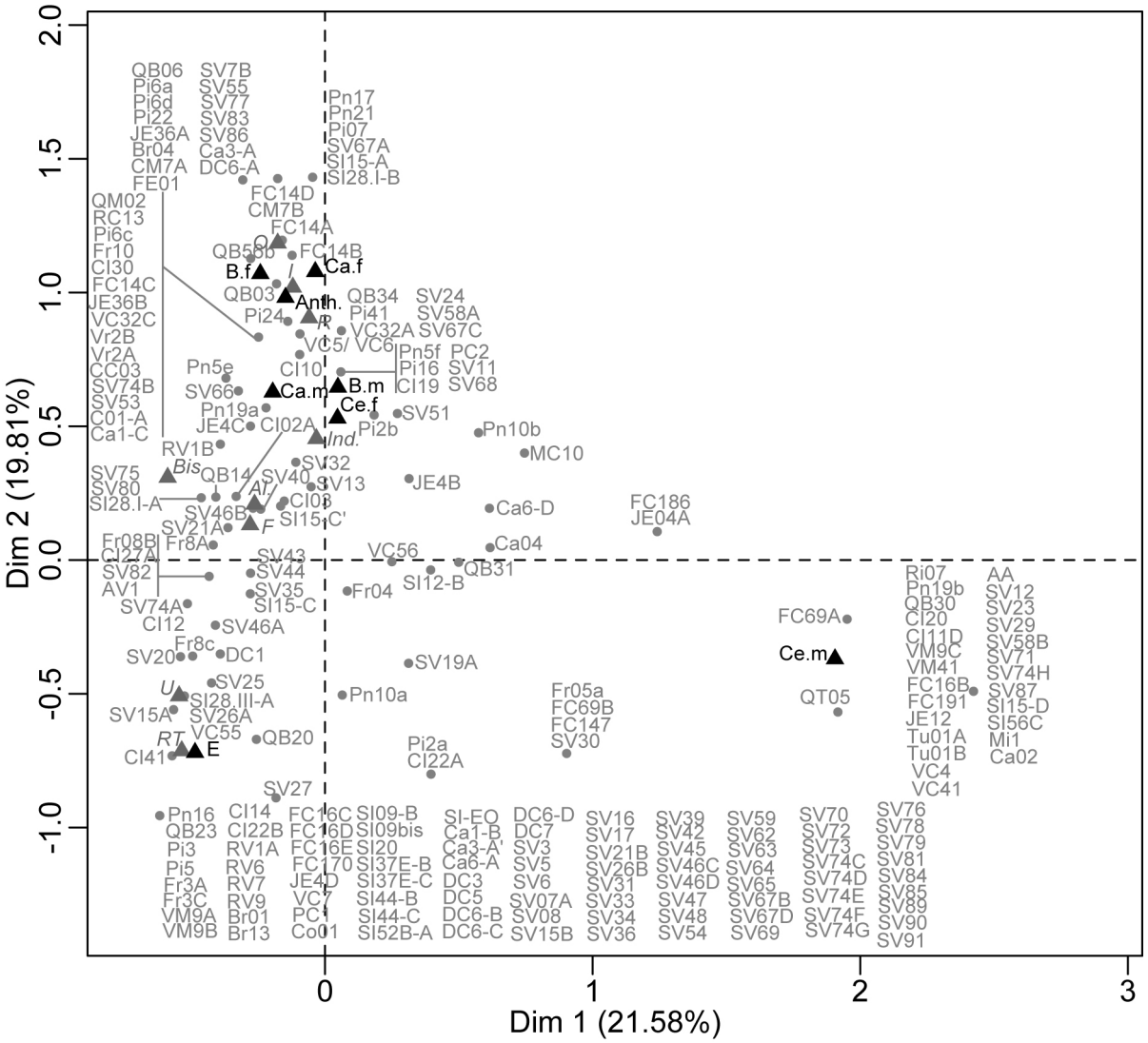
	1	**2**	**3**	**4**	**5+**	**TOTAL**	**Ind. A. I. E.**
B-m	4	6	2	1	4	17	2,058823529
B-f	16	14	7	8	6	51	1,784313725
Ca-m	15	12	10	7	7	51	1,901960784
Ca-f	6	5	1	3	6	21	2,666666667
E	85	28	16	9	8	146	0,924657534
Ce-f	6	4	4	5	6	25	2,52
Ce-m	26	11	8	4	7	56	1,5
R	0	1	1	0	2	4	5
I	0	0	1	0	0	1	2
O	0	0	0	0	1	1	12
U	0	1	0	0	1	2	2,5
F	0	1	2	0	1	4	4,25
Ant.	0	0	1	0	4	5	6,6
Mus	0	0	0	0	1	1	12
Bis	3	0	0	1	0	4	0,75
RT	0	0	1	1	0	2	2,5
Al.	1	0	0	1	3	5	5,6
TOTAL	**162**	**42**	**18**	**10**	**8**	**240**	

Tab. 6.16: Repartição dos temas pelas composições identificadas, seriadas segundo o número de temas nelas presentes.

Esta tendência reflete o que se passa no mundo cavernário (Sauvet & Wlodarczyk, 1995, 197), cujo grosso do *corpus* é contemporâneo das fases que agora tratamos. Como nas grutas, os animais que tendem a aparecer mais vezes de forma isolada vão diminuindo paulatinamente a sua representatividade nos espaços parietais à medida que o número de temas neles presentes vai aumentando (Sauvet, Sauvet & Wlodarczyk, 1979, 345). No nosso caso, estes animais são o auroque fêmea, a cabra-montês macho, o cavalo e o veado (este dispõe, no entanto, de mais exemplos em composições com cinco ou mais temas que naquelas com apenas 4) e o bisonte, pese embora só disponhamos de quatro espaços parietais com este tema. Se olharmos para o índice de associação interespecífica, verificamos alguns aspetos dignos de nota: os temas com o valor mais baixo são bisontes e cavalos, tal como no caso das grutas (v.g. Sauvet & Sauvet, 1979, 342). Por outro lado, no nosso caso, logo em seguida encontram-se veado, auroque fêmea e cabra-montês macho. Note-se que, mais uma vez, a frequência de um tema num dado conjunto não está diretamente relacionada com a sua capacidade de "significar" isoladamente. Assim, veado, embora menos frequente que auroque fêmea e cabra-montês macho, apresenta um índice de associação interespecífica mais baixo que aqueles dois temas. Bisonte, embora raro, apresenta um índice de associação interespecífica muito baixo, tal como nas grutas.

Prossigamos com a Análise de Correspondências Simples da tabela onde se discriminam os números de cada tema

por composição (Graf. 6.16). Nesta análise teve-se em conta as unidades gráficas pré-existentes nos painéis gravados durante a(s) fase(s) que mais diretamente nos importam.

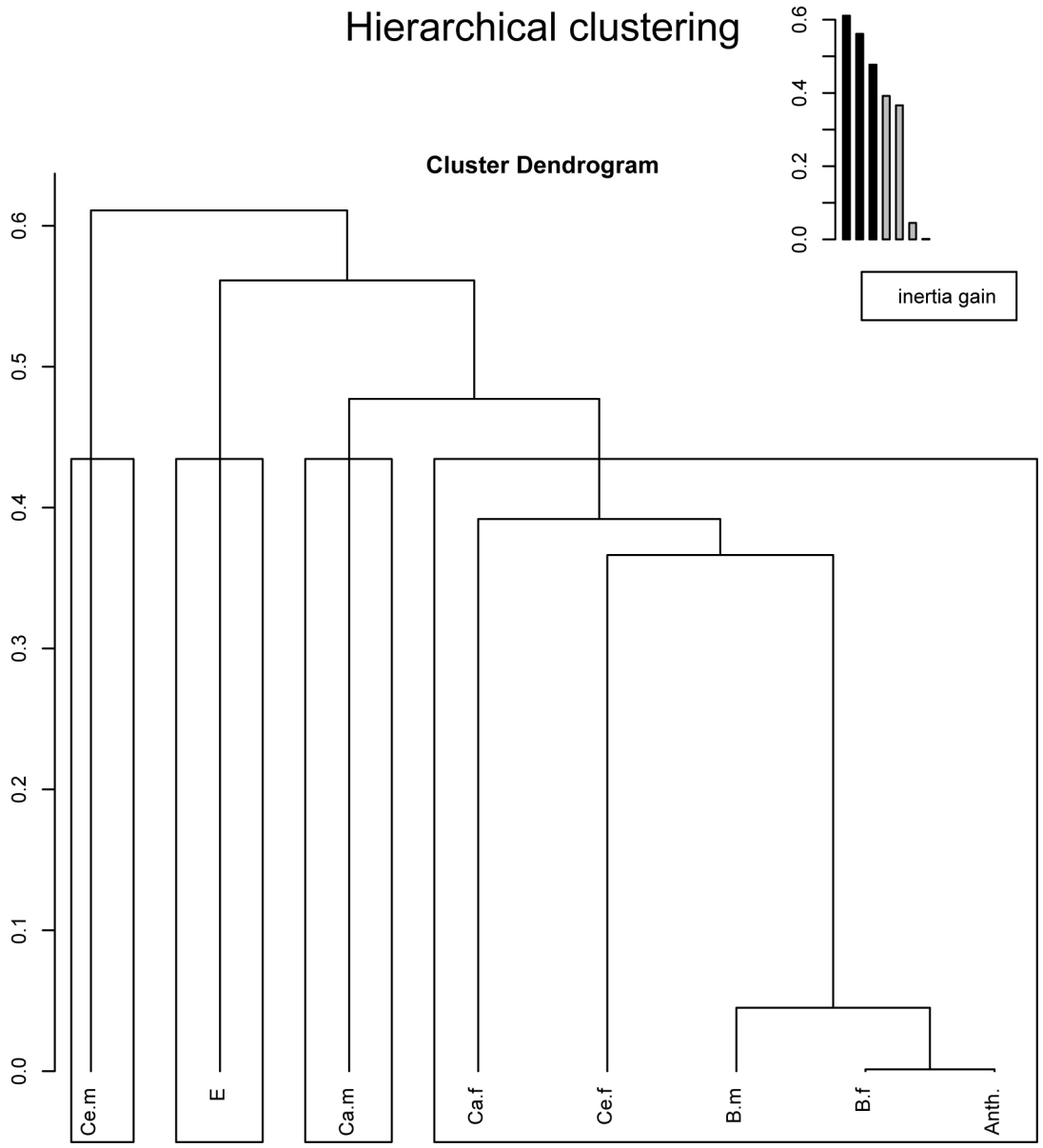


Graf. 6.16: Mapa fatorial da Análise de Correspondências simples efetuada sobre as composições das fases 2 e 3, com base na sua variabilidade temática.

Esta análise revela que os espaços parietais se distribuem nas duas primeiras dimensões por um triângulo cujos vértices são cavalo, veado e o trio cabra-montês fêmea, auroque fêmea e antropomorfo. Contudo, estas dimensões apenas representam pouco mais de 40% da inércia. O dendrograma da Classificação Hierárquica Ascendente das variáveis (Graf. 6.17) sugere a existência de quatro classes: uma caraterizada pela presença do veado, outra do cavalo, uma terceira da cabra-montês macho e uma quarta onde se integram os restantes temas analisados. Mais uma vez esta classificação deve ser lida com muita cautela. Ela expressa sobretudo a frequência elevada de espaços parietais monotemáticos dominados sobretudo pelo veado, pelo cavalo e pela cabra-montês macho. A classe 4 pode, por outro lado, estar fortemente condicionada pela rocha 24 de Piscos. Contudo, as relações que se estabelecem entre os temas serão de ter em conta, designadamente entre cavalo e veado e cabra-montês macho e os restantes temas.

Se compararmos estes resultados com a análise das zonas, verificamos que ao nível das composições, se observa uma divisão que não se verificava ao nível da zona: entre cabra-montês macho e auroque fêmea. Por outro lado, parecia poder distinguir-se uma zona (apenas formada pelo l*ocus* 3 de Piscos) definida pela forte presença dos antropomorfos, tema cuja análise ao nível do espaço parietal junta com os auroques (mais uma vez a devido à forte influência da rocha 24). A leitura conjunta das duas análises sugere uma forte distinção entre veados, cavalos e um terceiro grupo, composto por duas variáveis dominantes: a das cabras-monteses e a de auroques fêmeas, estes eventualmente muito ligados a antropomorfos. Relembre-se, contudo, que sempre que numa composição ocorrem antropomorfos, aparecem também

cavalos, e pelo menos num caso (Fariseu 8), os primeiros ocorrem sem que surjam auroques, sendo estes substituídos por cabras-monteses machos.



Graf. 6.17: Dendrograma resultante da Classificação hierárquica Ascendente dos temas com base nas associações que estabelecem entre si nas composições estudadas.

Poderá este facto comprovar uma relação especial entre auroque fêmea e cabra-montês macho, tal como sugerido pela análise das zonas? E sendo assim, poderá cavalo estabelecer uma relação semelhante com veado? Afinal, são estes os dois temas mais comuns na Meseta oriental (v.g. Alcolea & Balbín, 2012, 93). O dendrograma representado no gráfico 6.17 demonstra que veado se relaciona mais com cavalo que com qualquer dos outros temas, e que o grupo onde se encontra auroque (e ainda cerva e cabra-montês fêmea) se relaciona mais com cabra-montês macho que com qualquer dos outros temas, embora cabra-montês macho se relacione mais com cavalo que com auroque.

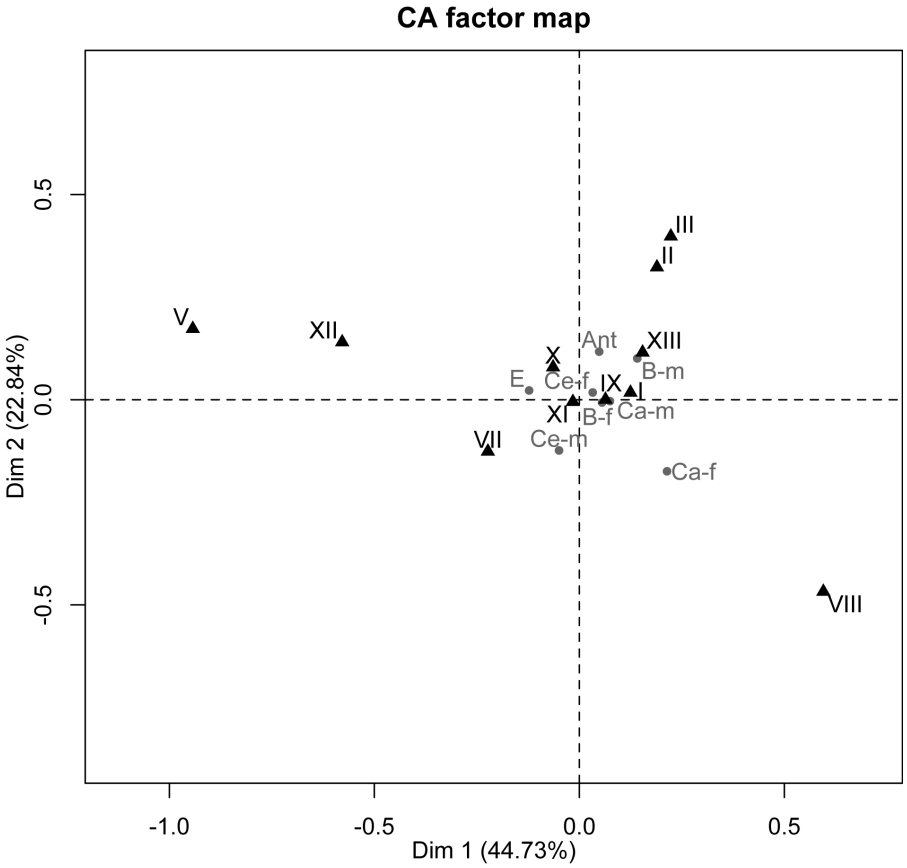
Relativamente à fase anterior será então de reter algumas continuidades e rupturas: as diferenças entre veados, cavalos e auroques fêmeas parecem manter-se, passando agora o macho de cabra-montês a desempenhar um papel independente ao nível das composições. Ao nível das zonas, contudo, este tema mantém-se relativamente discreto, parecendo associar-se a auroque. Esta relação preferencial entre os dois temas, parece ser uma diferença importante relativamente à fase anterior onde era mais evidente a relação auroque fêmea/ veado. Refira-se também, que durante a vigência das fases 2 e 3 não se observa as relações entre pares de espécie e sexo diferentes como na fase anterior. Aliás, durante estas duas fases apenas cerva e veado parecem apartar-se.

Vejamos agora a relação entre as unidades não figurativas e as figurativas. Obviamente que só serão tidas em conta

as relações estabelecidas nas composições construídas *ex nihilo* ou atualizadas durante as fases que estudamos. Como para a análise das unidades não figurativas da fase 1, tivemos em conta a simultaneidade das associações entre uma mesma unidade não figurativa e vários temas diferentes, pelo que procedemos aos mesmos cálculos, aparecendo os resultados a que chegámos na tabela 6.17. Como no caso das análises das manifestações gráficas da fase anterior, apenas tivemos em conta os temas mais representados. No gráfico 6.18 encontramos o mapa fatorial da Análise de Correspondências Simples e no 6.19 o dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente.

	I	II	III	V	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	TOTAL
Ant	0,0	5,5	0,6	0,0	7,1	0,0	53,5	9,8	154,4	0,0	8,2	238,9
B-m	1,0	11,7	5,6	0,6	12,0	5,5	99,5	12,8	307,1	0,0	17,1	472,9
B-f	3,0	13,1	4,2	0,2	34,2	8,8	159,7	14,3	513,8	3,3	25,8	780,3
Ca-m	1,0	1,8	0,8	0,0	6,3	7,0	45,8	8,0	124,8	0,1	11,8	207,6
Ca-f	0,5	5,0	1,6	0,0	13,2	3,9	78,5	11,9	246,4	0,1	4,5	365,5
E	3,0	17,6	7,3	9,0	75,7	4,9	260,2	50,9	943,3	7,0	30,9	1409,9
Ce-f	1,0	2,7	2,0	0,0	8,9	1,0	63,6	9,1	179,5	0,0	3,7	271,5
Ce-m	0,5	3,1	0,0	1,0	35,0	5,2	112,3	11,8	391,1	0,0	11,8	571,8
R	0,0	0,6	0,0	0,0	0,9	0,0	5,5	0,0	18,0	0,0	0,3	25,4
I	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,0	0,0	0,0	8,0
F	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0	3,5	0,0	0,0	4,3
O	0,0	2,3	0,3	0,0	2,5	0,3	9,9	1,1	19,5	0,0	0,0	35,8
Mus	0,0	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	2,0	0,0	1,5	0,0	0,0	4,0
Bis	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,0	1,0	26,0	0,0	1,0	32,0
Al	0,0	32,0	25,0	0,0	107,0	16,0	690,0	126,0	2445,0	0,0	0,6	3441,6
Ind	2,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	2,0	1,0	15,0	1,4	14,3	35,9
Is	6,0	7,1	0,7	3,0	25,3	3,4	126,7	17,4	392,0	9,0	75,0	665,5
TOTAL	**18,0**	**104,0**	**48,0**	**14,0**	**328,0**	**56,0**	**1713,0**	**275,0**	**5789,0**	**21,0**	**205,0**	**8571,0**

Tab. 6.17: Associação das chaves aos temas das composições estudadas das fases 2 e 3.

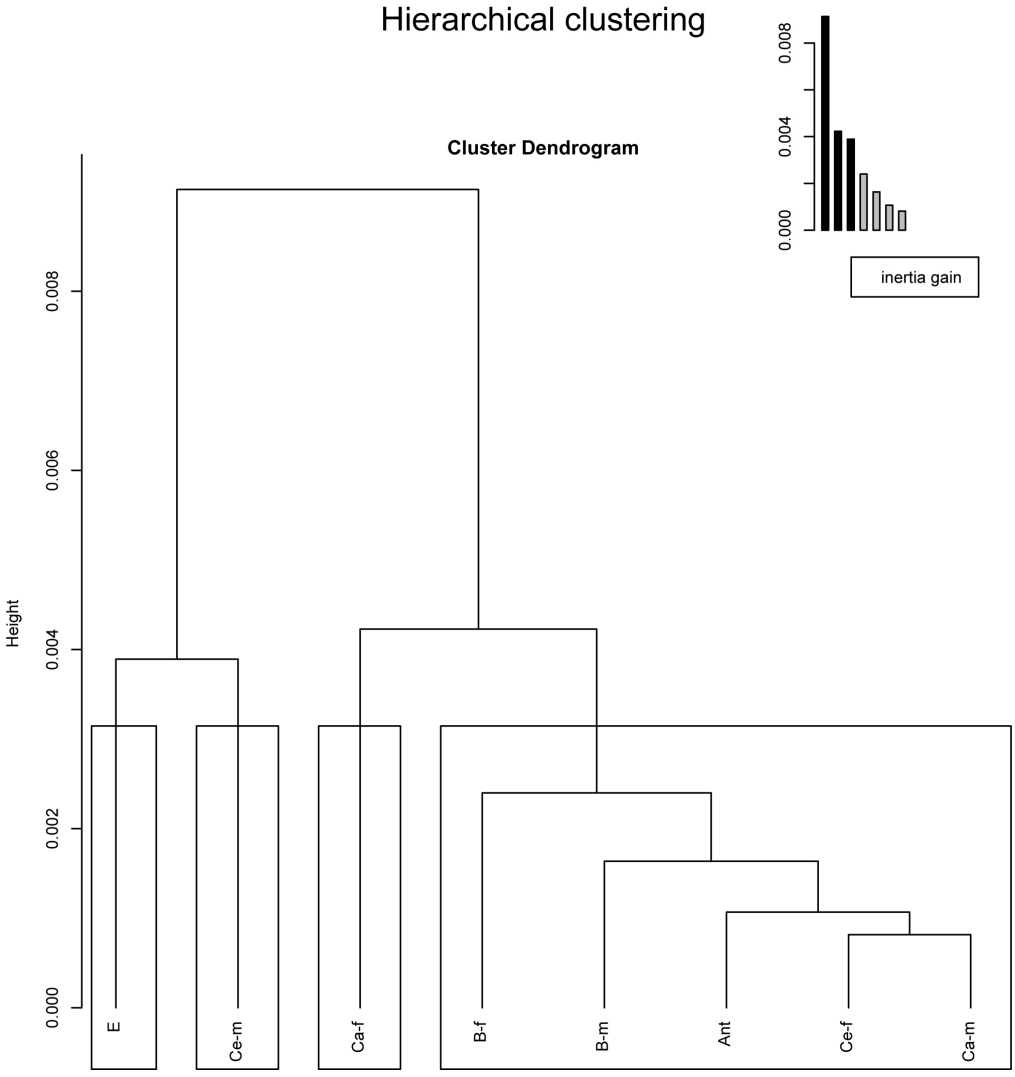


Graf. 6.18: Mapa fatorial da Análise de Correspondências Simples entre temas e chaves das fases 2 e 3.

Os resultados são, de novo, bastante eloquentes. Assim, a Classificação Hierárquica Ascendente sugere a existência de quatro classes apenas: uma composta apenas pelo cavalo e caraterizada essencialmente pelo associação muito expressiva a este tema das chaves V e XII; uma segunda classe composta por veado, caraterizada pelo peso da associação deste animal à chave VIII; uma classe composta por cabra-montês fêmea, caraterizada pelo peso das associações deste tema à chaves VIII; uma quarta classe formada pelos restantes temas, caraterizada pela pouca expressividade da associação aos temas antes referidos e pelo peso relativo das chaves II e III.

É interessante verificar que os resultados da Classificação Hierárquica Ascendente (Graf. 6.19) parecem sintetizar as linhas de força identificadas nas análises das zonas e das composições. De facto, como na análise das zonas, cavalos e veados encontram-se apartados de auroques e de cabras-monteses machos. Ora, este aspeto remete-nos para os resultados da análise das associações entre temas na mesma composição. Os antropomorfos encontram-se na classe de auroques e cabras-monteses, o que mais uma vez não contraria os resultados anteriores. O peso deste tema na rocha 24 de Piscos é responsável pela criação de uma classe de zona que se aparta da de auroques/ cabras-monteses apenas por isso, e ao nível das composições, antropomorfos associam-se claramente a auroques. A única diferença digna de nota entre os resultados desta análise e os das anteriores prende-se com o lugar da cabra-montês fêmea, que ao nível da associação com o repertório não figurativo é colocada numa classe própria, enquanto nas restantes análises este tema se encontra no grupo de auroques e cabras-monteses. É, contudo, com estes temas que cabra-montês fêmea denota maior relação.

Esta nossa última análise reforça a nossa hipótese de relação especial entre cabra-montês macho e auroque fêmea. A que se poderá estabelecer entre veado e cavalo é sugerida pelo facto das duas classes onde estes animais se encontram se encontrarem muito próximas entre si.



Graf. 6.19: Dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Ascendente dos temas das fases 2 e 3, com base na diversidade de chaves a eles associadas.

Pese embora algumas pequenas discrepâncias (designadamente ao nível do isolamento da fêmea de cabra-montês), é de relevar a forte coerência entre as nossas análises a diferentes escalas. Mais uma vez nos parece evidente a existência de um sistema altamente regulado. Por outro lado, a não verificação, durante as fases que agora estudamos, de pares de sexo oposto parece sugerir uma rigidez menor a este nível. É, preciso, no entanto, não perder de vista que a série que acabámos de analisar é composta por manifestações gráficas que o nosso estudo sugere pertencerem a duas fases distintas. Este largo espectro cronológico estará seguramente a influir sobre os resultados a que estamos a chegar e a aumentar o ruído já criado pela nossa impossibilidade em distinguir, salvo raras exceções, o sexo de cavalos.

6.3. Em suma

Ao longo deste pequeno capítulo observámos que os dispositivos parietais das fases estudadas estão sujeitos a um conjunto de regras que condicionam a forma como se organizam em dado espaço parietal e se distribuem espacialmente.

Estas regras não são as mesmas nos dois grandes blocos estudados. Assim, as das fases mais recentes parecem aproximar-se mais das que foram sugeridas pelos estudos de conjunto da arte paleolítica efetuados durante uma época em que o *corpus* era essencialmente magdalenense. Por outro lado, rareiam os estudos deste tipo para momentos exclusivamente arcaicos, pelo que os resultados a que chegámos no nosso trabalho, são difíceis de comparar. Contudo, a tendência para a associação que carateriza o nosso *corpus* gráfico mais arcaico pode encontrar um correlato ao nível da organização interna dos próprios espaços parietais de outras regiões onde se conhecem manifestações gráficas do Paleolítico superior. Assim, será de valorizar o contraste, já apontado por outros autores, entre a forte intensidade de sobreposições identificada nos dispositivos parietais das fases arcaicas e a que se observa nos mais recentes, muito menos intensa (González & Ruiz, 2010).

As regras que inferimos em cada um dos blocos estudados não implicam a existência de um mesmo "discurso" em todas as zonas e sítios. Embora sujeitos às mesmas regras, os discursos que se identificam nas diferentes zonas transmitem informação distinta. Mais que o mesmo "texto" em diferentes pontos da paisagem, encontramos os seus diferentes capítulos distribuídos por esses mesmos pontos. A leitura do mesmo obriga-nos a percorrer a paisagem, ou talvez ao contrário — a obrigatoriedade de percorrer a paisagem permite-nos ler esse "livro". Alguns destes "capítulos" desaparecem (eventualmente sobre sedimentos que entretanto se acumulam), enquanto outros são criados e outros até reformulados, ao longo dos tempos. A sua alteração pode levar mesmo à transformação do sentido do texto, mas a forma mais básica de o ler mantém-se — a de corpos a percorrerem uma paisagem.

7. Balanço e perspectivas

Agora que nos aproximamos do final deste trabalho, procuremos sintetizar alguns aspectos que ele revelou ou aprofundou. Um prende-se com a importância da luz na arte paleolítica, algo que se verifica pela quantidade de dispositivos parietais localizados ao ar livre absoluto, sob abrigo ou em zonas iluminadas de grutas. A arte paleolítica manifesta-se, assim, sob a forma de diversos suportes e em diferentes contextos, uns mais cerca do quotidiano, outros de experienciação mais esporádica.

Por outro lado, é evidente que os dispositivos parietais apresentam diferenças no espaço e no tempo. De facto, a frequência de cada tema ou chave e a relação que estabelecem entre si apresentam uma grande variedade. Contudo, por trás da diversidade de um conjunto regional de sítios coevos, mesmo se cada um deles apresenta caraterísticas próprias, descobre-se um fundo cultural comum, tal como inferido em estudos regionais aprofundados, como os de Vialou no Ariège (1986, 381-389).

Importa por isso definir bem uma região e procurar datar cada um dos seus dispositivos gráficos de forma a identificar conjuntos sincrónicos de sítios. A nossa região de estudo foi definida pelas redes de aprovisionamento de matérias-primas inferidas pelos estudos coordenados por Thierry Aubry na região. As unidades gráficas figurativas já estudadas dos sítios da nossa região começaram por ser separadas segundo os temas que representavam. Cada um dos conjuntos dos temas mais representados (auroques, cavalos, cabras-monteses, e veados machos e fêmeas) foram alvo de análises estatísticas multivariantes, que revelaram a existência de pelo menos três classes de motivos entre os cervídeos e capríneos e de quatro entre auroques e cavalos. Para a datação destas classes recorreu-se à observação da estratigrafia parietal das composições, à observação das relações entre os espaços parietais e a evolução sedimentar nos sítios onde estes se encontram e às inferências de natureza arqueológica — designadamente advindas do contexto arqueológico da região — e estilística — por comparação com motivos de outros contextos do paleolítico superior do sudoeste europeu. Foi assim possível propor-se uma sequência cronoestilística dividida em quatro fases: uma primeira datada de um intervalo entre o Gravettense e o Solutrense médio; uma segunda entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo, uma terceira entre o Magdalenense médio e superior e uma quarta datada do Azilense. Apenas se aprofundou o estudo dos dispositivos das três primeiras fases. Foi possível ainda verificar-se que nos períodos de maior frio os paralelos para a arte da região se estendem por áreas mais vastas que aquelas por onde se distribuem os que encontramos para períodos mais temperados do Pleistoceno.

Este estudo revelou, como outros do mesmo género, a individualidade de cada um dos dispositivos, mas demonstrou também a possibilidade de proceder a uma tipologia dos mesmos com base na sua similitude formal e de conteúdo. O nosso estudo revelou também a existência de uma arquitetura ao nível da paisagem, definida por zonas com caraterísticas temáticas distintas que se relacionam entre si de forma não aleatória. Assim, durante a fase antiga as zonas com maior diversidade temática, e onde nenhum tema específico se parece destacar, localizam-se entre zonas com dispositivos gráficos compostos preferencialmente por temas que o estudo ao nível das associações nas composições revelou tenderem a associar-se entre si. As análises revelaram ainda a existência de associações preferenciais entre grupos de temas e grupos de chaves. Na fase mais antiga parecem ocorrer também associações preferenciais entre sexos opostos de diferentes espécies.

Durante as fases mais recentes, o sistema parece complexificar-se, quer devido à adição de novos temas, quer devido à ausência de sítios onde nenhum tema se destaque, quer porque aparecem dispositivos em sítios mais camuflados na paisagem. A relação espacial entre as zonas parece, no entanto, manter-se, como é evidente em Piscos. A existência de sítios monumentais parece continuar a ocorrer como o demonstra Siega Verde.

7.1. Alargando o olhar

A proximidade entre sítios globalmente coevos, mas com diversas realidades temáticas é uma realidade já identificada em outras regiões de estudo. É exemplo clássico a diferença temática entre Combarelles e Font-de-Gaume (Roussot,

1984f), tendo mais recentemente Sauvet e Wlodarczyk, recordado este exemplo e referido outros, como Altxerri e Ekain ou os sítios de Domingo García a que já aludimos neste trabalho (2000-2001, 229-231). Mais recentemente Ruiz-Redondo e Gárate (2014) chamaram a atenção para este aspecto na serra de Cuera (Astúrias), relacionando, no entanto, este fenómeno com possíveis diferenças cronológicas.

Esta "tendência à disjunção" evocou a Sauvet e Wlodarczyk fenómenos decorrentes do "totemismo", se bem que a presença sistemática dos mesmos animais em todos os sítios (mesmo se em frequências diferentes) os fazia pensar mais no "xamanismo", acabando os autores por sugerir um contexto de inspiração religiosa não xamânica para a arte paleolítica (Sauvet & Wlodarczyk, 2000-2001, 215-238).

As incertezas dos autores entre o "totemismo" e o "xamanismo" deviam-se a trabalho de Layton (2000), onde o autor propõe um modelo preditivo que visa inferir, a partir da frequência dos animais no repertório gráfico de uma região e da frequência da sua aparição no conjunto dos sítios que a compõem, se a sociedade que a produziu tem uma organização social totémica, pratica rituais xamânicos ou apenas produz "arte profana". Este modelo foi construído a partir da comparação dos valores daquelas frequências em conjuntos rupestres produzidos por comunidades onde estava atestada organização social de tipo totémico, a prática de rituais xamânicos ou a produção artística de natureza secular. Basicamente, o modelo prevê que quando um conjunto rupestre é dominado por uma ou duas figuras animais (com pelo menos o dobro de representações das restantes) e estas se distribuem de forma uniforme por todos os sítios de uma região, estamos perante uma sociedade que pratica o "xamanismo"; se todos os motivos apresentam frequências de aparição baixas ou iguais entre si e cada um deles aparece apenas em determinados lugares, estamos perante uma sociedade com uma organização social totémica; se os temas se distribuem uniformemente pela região e apresentam frequências de aparição baixas ou iguais entre si, então, a arte rupestre é de natureza secular.

Os três autores antes citados e ainda Lessen-Erz, Taçon (Sauvet *et al.*, 2009) e López-Montalvo (Sauvet *et al.*, 2012) testam posteriormente o modelo recorrendo a vários conjuntos rupestres, designadamente do Paleolítico superior europeu. Com base nestes estudos, a organização social totémica dos grupos paleolíticos foi colocada de parte, se bem que não se conseguiu comparar com sucesso a arte paleolítica a qualquer um dos grupos analisados, salvo o de Stein River na Columbia Britânica (Sauvet et al, 2009), produzido por uma sociedade que pratica o "xamanismo".

Contudo, outras características do conjunto norte-americano apartam-na da arte paleolítica, sendo a mais óbvia a expressiva presença da figura humana (v.g. Kreiser, 1992). Por outro lado, como os autores referem, na Costa Noroeste do Pacífico, imediatamente a oeste e noroeste do Planalto de Columbia, por onde corre o rio Stein e onde a arte rupestre é incomparável à do Paleolítico superior (v.g. Hill & Hill, 1974), o "xamanismo" ocorre a par da organização totémica (Sauvet *et al.*, 2009, 331). Na verdade pensamos que os resultados a que estes autores têm chegado não nos permitem ainda descartar por completo a hipótese das sociedades do Paleolítico superior europeu terem tido uma organização social de tipo totémica, até porque outras evidências apontam nessa direção. Algumas destas evidências não só apontam para uma organização social totémica como para uma ontologia totémica, tal como definida por Descola (2005, 254-301). Ora, uma ontologia totémica implica uma organização social totémica, mesmo que uma relação inversa não se verifique. Antes de avançarmos, procuremos precisar estes conceitos e, enquanto o fazemos, elucidar a latência do totemismo, sob diversos avatares, na interpretação da arte paleolítica.

7.2. Totemismo: a ilusão, a organização social e a sua latência nos estudos de arte paleolítica

Originalmente, o totemismo era entendido como uma instituição própria de povos primitivos e intelectualmente atrasados, que se caraterizaria pela sua organização social em clãs, geralmente exogâmicos, cada um deles com um nome de um animal ou de uma planta que partilharia com os elementos desse clã a mesma origem. O consumo desta espécie poderia estar ou não interdito ao clã epónimo, que, de qualquer forma, estaria obrigado à execução de cerimónias que garantiriam a sua multiplicação (v.g. Frazer, 1910, vol. 4, 3-14).

Foi o totemismo assim entendido que foi requestado pelos primeiros investigadores que a ele recorreram para explicar o fenómeno gráfico do Paleolítico europeu. A maior parte deles valorizou sobretudo uma das características da instituição: a dos rituais ligados à "multiplicação" de determinadas espécies. É por isso que nestes primeiros textos é

difícil destrinçar a hipótese "totémica" da da magia da caça. O exemplo paradigmático desta situação é-nos fornecido por texto de Reinach de 1903. Já Raphael, embora aborde de forma diferente a "vertente mágica" da arte paleolítica, recorre a outra das caraterísticas do totemismo para construir a sua tese visionária: alguns dos animais representados nas paredes das grutas eram afinal os totens dos diversos clãs, que assim teriam a sua história de confronto, alianças e casamentos registada nas paredes das grutas (Raphael, 1945, 6-8).

Contudo, a realidade do totemismo enquanto instituição foi justamente colocada em causa por Lévi-Strauss (2003 [1962]) que bem demonstrou que cada uma das caraterísticas que definiam o totemismo encontrava-se em determinadas comunidades sem que as outras ocorressem. Por outro lado, da sua ocorrência conjunta não surgia nada de substancialmente novo que permitisse a continuidade do conceito (Lévi-Strauss, 2016 [1962], 196). O totemismo era assim visto por Lévi-Strauss como uma ilusão (Lévi-Strauss, 2003 [1962], 11-12). Ainda assim, um pretenso totemismo, enquanto categoria de análise antropológica, poderia sobreviver se entendido simplesmente como um esquema, múltiplas vezes atestado no registo etnográfico, de relações entre uma série natural e uma série cultural, do tipo: o clã X está para o Y como o animal A está para o B (*idem*, 2003 [1962], 28-29). Neste sentido, a interpretação de Reinach já não cabe nesta definição do totemismo, mas a de Raphael sim. Mas também as propostas de Laming-Emperaire e de Leroi-Gourhan se podem integrar perfeitamente no conjunto de propostas interpretativas que, por admitirem uma analogia entre uma série cultural e outra natural, vão ao encontro da conceptualização do totemismo enquanto forma de organização social: de facto, também aí, uma série cultural (masculino e feminino) está em relação analógica com uma série natural (animais do grupo A e animais do grupo B). Mais tarde, Laming-Emperaire (1972) altera a sua interpretação da arte paleolítica para uma mais próxima de Raphael, expurgando-a dos elementos mais discutíveis que a autora já havia criticado anteriormente (*idem*, 1972). Nesta sua nova proposta, a autora vê os animais como símbolos de grupos sociais, representando os pares de sexos opostos casamentos e os do mesmo sexo alianças. Mais uma vez encontramos uma analogia entre uma série natural e outra cultural, pelo que deve ser considerada igualmente uma proposta integrável neste amplo conjunto de explicações "sociototémicas". Esta autora considerava a existência de duas séries nas paredes das grutas, uma mitográfica (que sustentaria o sistema) e outra "arquivística" que perenizaria as relações (alianças ou trocas matrimoniais) realmente efetuadas. Um último exemplo integrado neste conjunto de hipóteses interpretativas, corresponde aos nossos próprios trabalhos, uma vez que também defendemos uma relação analógica entre determinadas categorias sociais e conjuntos distintos de animais (v.g. Baptista, Santos & Correia, 2006, 175-176; 2008, 143; Santos, 2012, 62).

Mais recentemente, Descola veio propor um novo conteúdo para o termo totemismo, conteúdo que só se compreenderá se integrado no contexto da obra em que o propõe (Descola, 2005). A importância deste trabalho exige que a ele dediquemos um ponto próprio.

7.3. As ontologias de Descola e a sua importância para o estudo da arte paleolítica

Descola admite como um universal humano a distinção entre o que chama fisicalidade e interioridade. O primeiro termo "*concerne la forme extérieure, la substance, les processus physiologiques, perceptifs et sensori-moteurs, voire le tempérament ou la façon d'agir dans le monde en tant qu'ils manifesteraient l'influence exercée sur les conduites ou les habitus par des humeurs corporelles, des régimes alimentaires, des traits anatomiques ou un mode de reproduction particuliers*" , englobando o segundo "*une gamme de propriétés reconnues par tous les humains et recouvrant en partie ce que nous appelons d'ordinaire l'esprit, l'âme ou la conscience*" (Descola, 2005, 211). Das relações entre estes dois termos originam-se ontologias diferentes que acabam por regulamentar a percepção que os humanos têm do seu lugar no mundo, designadamente no que toca à sua relação com o que no contexto da nossa ontologia chamamos "natureza". As diferentes ontologias originam assim diferentes coletivos, diferentes problemas epistemológicos, permitem o aparecimento de determinadas inovações técnicas e o descartar de outras, assim como de determinadas relações relativamente a outras. As ideologias, no sentido em que Marx as definiu (e que foi por nós adoptada no capítulo 0) podem ser entendidas como sistematizações concretas dessas ontologias, evidentemente determinadas pelos modos de produção prevalecentes em cada comunidade. Por exemplo, é evidente que a ideologia dos nativo-americanos do escudo subártico, caraterizada pelo forte igualitarismo (Rogers & Smith, 1981, 141-144) aparta-se de forma evidente da dos da Costa Noroeste do Pacífico, que inclusivamente permite a existência de

escravatura (Suttles, ed., 1990), mas ambas emergem de uma ontologia "animista".

Caraterizemos brevemente cada uma destas ontologias, começando pela que nos é mais familiar, uma vez que é a dominante na nossa sociedade e que Descola denominou "naturalismo". Nesta ontologia, a fisicalidade, a que chamamos matéria ou natureza carateriza-se pela sua continuidade, sujeitando-se às mesmas leis. Já a interioridade, a que chamamos "razão", "espírito" ou "cultura" carateriza-se pela diferença (Descola, 2005, 220-221), sendo nessa descontinuidade que se alicerça a formação dos diferentes coletivos. Assim, uma primeira distinção é feita entre natureza, desprovida de interioridade, e os humanos, exclusivos detentores dessa propriedade (*idem*, 440-444). Mas, mesmo entre os humanos se identificam diferentes coletivos, uma vez que a interioridade não é extensível, variando de coletivo humano para coletivo humano, que se diferenciam entre si pelas suas especificidades culturais (*idem*, 495-498). Assim, eu distancio-me das árvores ou dos animais porque disponho de cultura ao passo que eles não, mas distingo-me também de um aborígene australiano porque a minha cultura é diferente da sua. No entanto, animais, árvores, eu ou o aborígene somos constituídos pela mesma matéria e estamos sujeitos às mesmas leis da natureza. O naturalismo enquanto ontologia, carateriza-se assim pelo seu relativismo cultural e universalismo natural (*idem*, 520).

Numa posição inversa encontra-se o animismo. Nesta ontologia existe também uma diferença entre fisicalidade e interioridade. É, no entanto, a primeira que é descontínua e não a segunda (Descola, 2005, 220-221). Na verdade, não só os humanos são detentores de cultura, mas também outros animais, plantas, astros, espíritos, etc. O que distingue estes coletivos não é a ausência de interioridade, nem sequer as descontinuidades ao nível da interioridade, mas as diferenças ao nível da fisicalidade (*idem*, 427-4440). Para estas comunidades, cada coletivo animal (ou de planta, ou de espírito, etc.) rege-se exatamente como os coletivos humanos[153], distinguindo-se pela "forma como se vestem". Esta ontologia carateriza-se assim pelo seu relativismo natural e pelo universalismo cultural (*idem*, 519). É por isso que dois coletivos humanos diferentes pouco mais semelhantes são que um coletivo humano dado e um animal (*idem*, 493-494). Não espanta por isso que entre estas comunidades a palavra que as identifica enquanto grupo tenha muitas vezes o significado de "humano". Porque a interioridade se distribui pelo mundo é importante "negociar" com os representantes de outras comunidades, não só humanas como animais. Esta "negociação" dá-se individualmente, como no caso clássico do caçador Cree que tem de esperar que a rena a ele se ofereça (Ingold, 2000, 13), ou o do caçador Ojibwa que encontra em sonhos o mestre das águias douradas (Descola, 2005, 241). Mas dá-se também coletivamente, no seio de práticas usualmente praticadas por um especialista — o xamã. O papel deste é metamorfosear-se na forma da entidade com que se quer negociar, para com ela poder comunicar. Para estas comunidades, a metamorfose é algo dado como absolutamente viável e praticável (*idem*, 240-245). Esta metamorfose não implica, contudo a perda de identidade. Trata-se de uma forma de, literalmente, e mediante o uso de uma máscara, se poder dar a comunicação entre indivíduos ou representantes individuais de coletivos específicos. É, por isso, que as máscaras têm um papel tão importante entre estas comunidades, destacando-se pela sua complexidade as dos nativos americanos da Costa Noroeste do Pacífico (Descola, 2010b). Se as interpretações "xamânicas" da arte paleolítica (v.g. Clottes & Lewis-Williams, 2001) se verificassem, deveríamos caraterizar as sociedades que as produziram como "animistas".

Na ontologia que Descola denominou totemismo, os coletivos formam-se com base em continuidades ao nível da fisicalidade e da interioridade (2005, 220-221). Assim, dada classe de humanos partilha com determinadas espécies animais, vegetais e até alguns pontos da paisagem a mesma fisicalidade e interioridade, apresentando todos os elementos do coletivo a mesma origem. No totemismo, que se encontra na sua forma mais depurada na Austrália, cada elemento do coletivo (humano, animal, vegetal, espírito) é encarado como parte de uma entidade que terá formado o mundo durante o Tempo do Sonho[154] (Descola, 2005, 258-260). Nesse sentido, estes coletivos correspondem aos conjuntos dos diferentes avatares dessa entidade (*idem*, 289-290), encontrando-se o Tempo do Sonho em permanente atualização, não

153 Entre estas comunidades é muito comum o fenómeno que Viveiros de Castro identificou como "perspectivismo cultural" (apud Descola, 2005, 245-253). A forma como cada coletivo se vê depende do seu lugar no mundo. Assim, se dada comunidade humana se vê como humana, a dos macacos como macacos e a dos jaguares como jaguares, a comunidade dos macacos vê-se a si própria como humana e à humana como jaguar. Da mesma forma, a comunidade do jaguar vê-se a si própria como humana e à humana como macaco.

154 A nossa tradução de Dreamtime (em si mesmo, já uma "tradução" de vários termos, uma vez que este tempo mítico é designado de formas diferentes pelas diversas comunidades linguísticas australianas), designadamente no que concerne à sua dupla capitalização, tem como precedente a tradução de José Luís Luna de O canto nómada de Bruce Chatwin (Lisboa: Quetzal Editores, 2000).

devendo ser entendido, como, usualmente, no sentido de um tempo ancestral (*idem*, 259-260). A forma de determinar o coletivo a que pertence cada indivíduo é muito variável ao longo do continente australiano (Descola, 2005, 260-270), podendo este ser o da mãe, o do pai, o da metade, o do clã, o do sítio onde foi concebido, etc. Importa, no entanto, reter dois aspetos essenciais. Os limites dos coletivos não coincidem nem com os impostos pela fisicalidade (contrariamente ao animismo) nem com os que definem o conjunto das pessoas com a mesma cultura (como no caso do naturalismo). Sendo cada elemento do coletivo projeções de uma entidade dada, não espanta que sejam os locais de onde emanam estas projeções ou que de alguma forma se relacionam com a dita entidade mítica que são as principais âncoras identitárias das comunidades aborígenes australianas, mais até que a língua que só passa a desempenhar uma função identitária "*Where social and territorial relationships to land have undergone drastic transformation and where the small (average 15-70) pre-colonial landowning groups' ties to the land have been disrupted*" (Peterson, 2010 [1999], 319). Por outro lado, contrariamente ao que se verifica entre sociedades animistas, o coletivo não consegue agir no mundo de forma isolada. Isto é, nas ontologias totémicas os coletivos só existem em função um dos outros, sendo os variados esquemas que regulam as trocas conjugais (sempre entre membros de coletivos diferentes) o exemplo mais vivo disso (Descola, 2005, 455-460). Este aspeto explica também a dificuldade em isolar "tribos" nos mesmos moldes que tal pode ocorrer noutras partes do mundo, designadamente no âmbito de ontologias animistas (*idem*, 457). De facto, na Austrália, um mesmo colectivo "*se retrouvent dans des "tribus" différentes, et pas nécessairement adjacentes*" (*idem*, 458). Cada coletivo é responsável pela continuidade da parcela de mundo de que faz parte, daí os rituais de multiplicação das suas espécies totémicas (que não estão sujeitas necessariamente a tabus), a transmissão de cantos e mistérios, etc. Note-se que este fim não visa a satisfação do coletivo responsável pela sua execução mas essencialmente a dos restantes, sendo o caso dos tabus alimentares o paroxismo deste género de situações (*idem*, 455-460).

Descola denominou "analógica" a quarta ontologia por si identificada. No âmbito deste sistema de pensar não se verifica qualquer continuidade entre os seres ao nível da interioridade nem da fisicalidade (2005, 220-221). Esta ontologia corresponde a um modo de identificação "*qui fractionne l'ensemble des existants en une multiplicité d'essences, de formes et de substances séparées par de faibles écarts, parfois ordonnées dans une échelle graduée, de sorte qu'il devient possible de recomposer le système des contrastes initiaux en un dense réseau d'analogies reliant les propriétés intrinsèques des entités distinguées*" (*idem*, 351). O exemplo mais familiar que temos deste sistema de pensar é o que vigorou na Europa até ao século XVI, descrito admiravelmente por M. Foucault (2005 [1966], 73-99).

Estes sistemas analógicos implicam sempre uma hierarquia dos seres, como se verifica no estudo das castas indianas (Descola, 2005, 396) ou da cadeia do ser do Ocidente medieval (*idem*, 353-361) e, por virtude da relação que se pode estabelecer entre todos os entes do universo (manifesta na astrologia, por exemplo), a adivinhação (*idem*, 394) ou a manipulação por via das relações (designadamente da magia simpática) é comum (v.g. Foucault, 2005 [1966], 88). Consequentemente, as sociedades dominadas por esta ontologia são profundamente hierarquizadas e funcionalistas (Descola, 2005, 377-379)[155]. Os elementos que compõem o mundo analógico dispõem de um lugar bem preciso na teia de relações que o conformam, razão porque é neste tipo de sociedades que as genealogias, contrariamente ao que se passa entre as animistas e, sobretudo, as totémicas, têm um peso enorme (*idem*, 561-568). A excessiva fragmentação dos elementos do mundo leva à multiplicação de relações entre os mesmos, de forma a contrariar essa mesma fragmentação (*idem*, 406-407). É também por isso que é neste tipo de sociedades que encontramos o tipo de ciclos de ligações analógicas em cadeia que, mimetizando-se, se vão encaixando uns nos outros (*idem*, 469-470). Nos estudos da arte paleolítica quando se fala de magia da caça estamos a considerar o domínio de uma ontologia analógica entre as comunidades daquele período, algo que nos parece profundamente desadequado. É aliás interessante notar que Bégouën quando traz à liça exemplos da crença no poder dos duplos sobre os originais para justificar a sua tese, recorre sobretudo a casos de sociedades dominadas por este sistema de pensar (o antigo Egito, a Roma de Petrónio, a sociedade árabes, dos rom, da França medieval e mesmo da rural do século XIX), ao passo que as referências a comunidades de caçadores-recolectores

155 Descola levanta a hipótese da forte implantação da escola funcionalista na Antropologia anglo-saxónica se dever ao facto da maior parte dos primeiros estudos antropológicos ingleses se ter debruçado sobre sociedades dominadas por este tipo de ontologia (Descola, 2005, 682-683).

é muitíssimo vaga, não submetida à crítica ou algo contraditória[156] (Bégouën, 1939, 206-208). Aliás, a magia simpática, entendida simplesmente como um mecanismo ritual sem intervenção de uma potência espiritual, parece não ter correlato etnográfico (Sauvet *et al.*, 2009, 322).

Todas as outras caraterísticas das sociedades dominadas por uma ontologia analógica não nos permitem considerar que esta teria sido a ontologia dominante do Paleolítico superior. Não quer isto dizer que as sociedades sejam estanques relativamente a modos de identificação próprios de outras ontologias. Como refere Descola, que cada sociedade seja dominada por uma ontologia não implica necessariamente a exclusiva presença dos seus modos de identificação, mas apenas a sua dominância (2005, 404-405). Basta pensarmos na nossa própria sociedade para verificarmos que os vestígios de um sistema de pensar analógico são ainda muitos (os horóscopos, por exemplo) e que cada vez que falo com as minhas gatas resvalo por momentos para um sistema de pensar animista. Da mesma forma, existem casos etnográficos da América do Norte onde sociedades dominadas pelo sistema de pensar animista apresentam algumas caraterísticas do totémico (*idem*, 291-301).

A importância da proposta de Descola para o estudo da arte paleolítica prende-se com a possibilidade de confrontar os dados de que dispomos, não com exemplos etnográficos soltos e que, colhidos aqui e ali, podem resultar de simples fenómenos de convergência, mas com estruturas mais amplas de pensamento, inferidas a partir do estudo comparativo do registo etnológico do mundo inteiro. Esta abordagem permite-nos, por outro lado, contornar alguns problemas inerentes aos estudos de arte rupestre. Um destes prende-se com as diferentes funcionalidades dos sítios. De facto, nem todas as imagens produzidas por uma mesma sociedade são produzidas com o mesmo intuito (Layton, 2000). No entanto, todas emergem de uma mesma ontologia. Assim, mesmo se uma parte importante da arte rupestre de Oenpelli (Austrália) é de natureza secular (Layton, 2009 [1992], 65-77), não deixa no entanto de ser produzida por comunidades dominadas por uma ontologia totémica.

Por outro lado, esta abordagem permite-nos também sair do *cul-de-sac* "xamânico". De facto, é incrível como interpretação "xamânica" da arte rupestre se estendeu a tantos e tão variados contextos. Assim, foram entendidas como resultantes de práticas xamânicas a arte rupestre dos San da África do Sul (v.g. Lewis-William, 1977), grande parte da arte rupestre da América do Norte (v.g. Keyser, 1992; Whitley, 1994; 1998), a arte paleolítica europeia (Clottes & Lewis-Williams, 2001) e mesmo a do megalitismo e da Idade do Bronze (Bradley, 1997, 51-57). A interpretação "xamânica" chegou inclusivamente à Austrália, onde as figuras dinâmicas da região ocidental de Arnhem Land foram interpretadas como resultantes de práticas xamânicas (Chippindale, Smith & Taçon, 2000).

Esta generalização do xamanismo nos discursos interpretativos sobre a arte rupestre arrisca-se a aproximar o que é diferente e a apartar o que é semelhante. O grande problema prende-se quanto a nós, com a confusão que há entre xamanismo e práticas que envolvem estados alterados de consciência. Esta últimas existem em toda a parte e, provavelmente, em todos os tempos, atravessando os diversos sistemas de pensar identificados por Descola. Assim, será legítimo, embora discutível, referirmo-nos a cada um daqueles exemplos como originados a partir de experiências que envolveram estados alterados de consciência. Mas o xamanismo é próprio de sociedades animistas, sendo que apenas nestas podemos encontrar "profissionais" que se metamorfoseiam de forma a poderem negociar com outras entidades com vista à prossecução de determinados fins (Descola, 2005, 241-242). Num certo sentido, mesmo as *vision quests* de que há tantos exemplos na arte rupestre da América do norte (v.g. Kreiser, 1992; Whitley, 1994; 1998) não devem ser entendidas como xamânicas uma vez que não só acabam por envolver outros elementos da comunidade, como não envolvem necessariamente metamorfose. Não restam dúvidas, no entanto, de que ambas as práticas — as propriamente xamânicas e as *vision quests* — fazem parte do mundo animista.

A arte rupestre europeia do Idade do Bronze europeia, mesmo que tendo origem em estados alterados de consciência (Bradley, 1997, 51-57), não surge seguramente de uma sociedade animista. O que dela conhecemos (recintos, enterramentos diversificados, hierarquias, reapropriação de sítios mais antigos, etc.) permite-nos caraterizá-la, com mais

156 No caso dos "Pigmeus" relatado por Frobenius e citado por Bégouën (1939, 208), estamos perante um caso claro de animismo onde se "negoceia" com o antílope, acalmando (sic) o seu espírito. Na Austrália (Bégouën, 1939, 208) existem, como referimos acima, cerimónias que visam a "manutenção" do canguru, mas não a sua caça.

segurança, como uma sociedade dominada por uma ontologia analógica[157].

Também relativamente às figuras dinâmicas de Arnhem Land, mesmo que admitamos que tenham tido origem em estados alterados de consciência, nada nos testemunhos etnográficos a que os autores do estudo em causa recorrem nos remete para práticas xamânicas. A este nível, é elucidativo o facto do único testemunho que os autores interpretam como sendo indicativo de uma metamorfose[158] referir-se apenas a um caso em que determinada pessoa envia o seu *spirit helper* — sem com ele se confundir — para ver se os amigos o reconheciam como tal[159]. Trata-se de um exemplo de um dos "tipos" de totemismo identificados por Elkin, no caso o totemismo individual (Elkin, 1933, *apud* Descola, 2005, 264-265).

Como se verifica, embora as artes rupestres destas comunidades sejam por estes autores "colocadas no mesmo saco", elas são produzidas em contextos muito diversos quanto às ontologias dominantes em cada um deles. Nesse sentido, é tão válido comparar a arte rupestre de Arnhem Land com a do planalto de Columbia, como o é comparar cada uma delas com a arte psicadélica do século XX. A única coisa que as pode unir é o eventual recurso a estados alterados de consciência para a sua execução.

A abordagem de Descola permite também precisar o "inventário" das comunidades "totémicas", devendo ser retiradas dessa lista as da América do Norte que, recorrendo à organização social totémica tal como precisada por Lévi-Strauss, são, no entanto, dominadas por uma ontologia animista. Entre estas sociedades, contam-se as dos nativos-americanos da Costa Noroeste do Pacífico ou a dos Ojibwa, de onde, paradoxalmente, é originária o termo totem (v.g. Descola, 2005, 273). De facto, um sistema de pensar totémico implica uma organização social totémica, mas esta última pode ocorrer sob o domínio do sistema de pensar animista ou analógico.

Por tudo o que foi dito, parece-nos mais pertinente identificar a ontologia por trás de um conjunto rupestre que perceber se este é construído no contexto de estados alterados de consciência. Por outro lado, talvez seja menos problemático identificar essas mesmas ontologias que a função de cada sítio num dado conjunto rupestre. Mas será possível, a partir do estudo da arte rupestre, identificar a ontologia que lhe subjaz?

Já existem trabalhos quer sobre a produção de imagens no contexto das diversas ontologias definidas por Descola (Descola, ed., 2010), quer sobre as diferenças ao nível da representação dos animais em sociedades animistas e totémicas (Ingold, 2000, 111-131)[160]. Embora os próprios autores destes estudos duvidem da possibilidade de identificarmos as ontologias dominantes do Paleolítico superior (Descola, 2010a, 11; Ingold, 2000, 130), nós pensamos que os seus trabalhos, em particular os de Descola, fornecem-nos fortes argumentos para que consideremos a arte do Paleolítico superior como resultante de um sistema de pensar totémico. Procuraremos demonstrar isso mesmo no ponto seguinte, recorrendo para tal ao confronto das linhas de força que se inferem a partir do estudo da arte paleolítica com as que, segundo Descola e, em menor medida, Ingold, caraterizam as imagens animistas e totémicas.

7.4. Arte rupestre do Paleolítico superior: produção gráfica animista ou totémica?

Quer as sociedades dominadas pela ontologia animista, quer as que são pela totémica produzem imagens que se distribuem por um espectro que vai, do ponto de vista ocidental do século XXI, do naturalismo vincado até à profunda abstração. A nossa abordagem comparativa entre diversos *corpora* de imagens assentará simplesmente sobre os seus elementos reconhecidamente figurativos e a forma como estes interagem entre si. Ela é, por outro lado, necessariamente muito preliminar, sendo absolutamente necessário prosseguir e aprofundar esta via.

Recordemos que numa sociedade animista os coletivos definem-se com base na sua aparência física. Será assim de

157 Não é este o espaço para explorarmos esta questão, mas não podemos deixar de lembrar aqui dois tipos de sítios e as respetivas leituras que deles se podem fazer. Um destes são os recintos cercados. Quer a quantidade de entradas, quer as relações que estabelecem com outros elementos da paisagem (v.g. Jorge, 2002) remetem indiscutivelmente para duas das caraterísticas importantes deste sistema de pensar: a multiplicação de "orientes" e o estabelecimento de relações entre todos os elementos do mundo, designadamente de um sítio central e da paisagem que o envolve (Descola, 2005, 460-471). O outro tipo de sítio são os santuários rupestres do tipo do Fial onde se infere uma série de relações analógicas que se vão entroncando entre si (Santos, 2008a, 121).

158 "*Clever man can take the physical form of their spirit familiar*" (Chippindale, Smith & Taçon, 2000, 76).

159 "[...] *He then walked up to them and said that he had sent out his spirit helper to see whether they would recognize it*" (Elkin, 1945, 65 *apud* Chippindale, Smith & Taçon, 2000, 76, sublinhado nosso).

160 Embora existam entre os dois autores algumas diferenças relativas à caraterização do que é o animismo e o totemismo, os documentos apresentados por Ingold à discussão no seu trabalho são indubitavelmente de comunidades com ontologias animistas e totémicas tal como caraterizados por Descola. Alguns deles são igualmente discutidos pelos autores que colaboram no volume de 2010 dirigido por este último autor.

prever que uma grande parte das imagens produzidas neste contexto denuncie uma separação clara entre esses mesmos coletivos e que a relação entre os mesmos seja claramente definida. O tambor do xamã khakasse publicado por Stépanoff (2010, 69) é um bom exemplo dessa organização dos coletivos em grupos bem definidos. Ora, na arte rupestre figurativa produzida em contexto animista tal ocorre igualmente. Tomemos como exemplo a arte rupestre do planalto de Columbia (Kreyser, 1992). Nos vários exemplos onde figuram animais ou animais e humanos, estes distinguem-se perfeitamente, não só do ponto de vista figurativo, como também de organização do painel, organizando-se os primeiros em manadas, claramente separadas das figuras humanas, muito frequentemente organizadas igualmente em grupos bem definidos. O mesmo se passa nos painéis produzidos pelas comunidades San, na África austral (v.g. Ego, 2000; Lewis-Williams, 1977; 1990), onde a estrutura "*des troupeaux d'"Eland" est perçue en effet comme un reflet de la structure sociale des groupes humains*" (Lorblanchet, 1988, 284). Comuns em ambas as produções artísticas são os agrupamentos de humanos, que no caso africano podem apresentar detalhes que permitem mesmo inferir a sua identidade étnica dos mesmos (v.g. Cartailhac & Breuil, 1906, 188, fig. 144; Lewis-Williams, 1977, 22, pl. 1).

Nas produções de origem totémica, os agrupamentos de animais da mesma espécie podem existir se o painel for monotemático. Na maior parte das vezes em que ocorrem mais do que uma espécie num painel, estas não conformam grupos isolados, aparecendo antes misturadas ou justapostas entre si[161]. Por outro lado, entre as figuras antropomórficas e os animais parece conformar-se uma dissociação entre as primeiras, profundamente dinâmicas, e as segundas, caraterizadas pelo seu estatismo. Este aspeto é particularmente destacável nas pinturas sobre casca de árvore dos kunwinjku (Ingold, 2000, 116-118; Descola, 2010c, 132), mas também na arte rupestre de Arnhem Land (v.g. Brandl, 1988 [1973], designadamente entre as produções integradas nos seus estilos dinâmicos (v.g. Layton, 2009 [1992], 187-189)[162]. É particularmente relevante que Lorblanchet tenha salientado o contraste entre a presença do "*galop volant*" nas figuras humanas da arte rupestre australiana e a sua absoluta ausência nas figuras animais, facto que evocava o caráter excecional da sua presença na arte zoomórfica paleolítica (Lorblanchet, 1988, 311). Por outro lado, será ainda de reter que as figuras zoomórficas originadas a partir do sistema de pensar totémico "*are not generally arranged together to form a narrative scene*" (Ingold, 2000, 119). De facto, se olharmos para o *corpus* de Arnhem Land de Brandl (1988 [1973]) observamos que das 119 figuras que contém figurações zoomórficas[163], apenas em 10[164] podemos admitir algum nível de integração cenográfica entre si ou com as figuras antropomórficas. Na região de Kimberley ocidental, onde as figuras animais têm um grande destaque, é também evidente o carácter não narrativo dos painéis (Layton, 2009 [1992], 38). Este contraste entre as figuras antropomórficas e as zoomórficas prende-se com a identificação destas últimas (pelo menos nas cascas de árvore) com as entidades totémicas na sua forma animal, pelo que "*les dépeindre en mouvement irait à l'encontre de ce qu'ils représentent, à savoir la charte intemporelle de l'organisation totémique, ce par quoi tout ce qui est dans le monde est comme il est, à la bonne place. Par contraste, les mimih sont toujours dépeints en train de s'activer, à la manière des humains dont ils constituent une métaphore iconique fondée sur la connivence fonctionnelle, mais non ontologique, entre les inventeurs des arts des civilisation et ceux qui les imitent*" (Descola, 2010c, 132).

Os dois últimos parágrafos evidenciam já alguns contrastes entre as produções artísticas das duas ontologias, que podem ser sintetizados na seguinte tabela:

Ontologia	Relação entre espécies de animais	Relação com figuras humanas	Dinamismo das figuras animais	Narrativa
Animista	Tendência à separação	Tendência à integração cénica	Tendencialmente dinâmicas	Frequente
Totémica	Tendência à aglutinação	Dissociação	Tendencialmente estáticas	Rara

Se confrontarmos esta tabela com o que conhecemos da arte paleolítica, é evidente que esta se conforma melhor com as tendências identificadas na arte rupestre produzida por comunidades caraterizadas por uma ontologia totémica.

Prossigamos a nossa análise, discutindo um dos argumentos mais utilizados para defender a origem "xamânica" de variadíssimos conjuntos de arte rupestre que é a presença de teriantropos, seres híbridos que representariam a

161 V.g. as figuras 43, 46, 47, 126, 194 ou 215 de Brandl (1988 [1973]).
162 Esta dissociação é particularmente evidente na figura 13 de Chippindale, Smith & Taçon, 2000.
163 19, 20, 24- 30, 32-35, 41, 43- 48, 53-58, 65-66, 68-71, 73, 86, 101, 102, 115-120, 122, 126, 142, 143, 148-150, 152, 156, 158-166, 169-170, 185-188, 192, 195-197, 213-220, 225-228, 232-236, 238, 241.
164 19, 20, 71, 73, 102, 109, 110, 112, 169-170.

transformação do xamã num animal (v.g. Clottes & Lewis-Williams, 2001, 19-20, 108; Chippindale, Smith & Taçon, 2000, 70). Como vimos a metamorfose é algo de essencial nas sociedades animistas, pelo que a ocorrência deste tipo de figurações num contexto gráfico animista é expectável[165]. Contudo, a presença de seres híbridos num contexto totémico é, igualmente, expectável. Na verdade, é preciso não esquecer que os seres que durante o Tempo do Sonho deram origem às coisas do mundo eram precisamente seres híbridos, de cada um deles saindo não só determinadas classes de pessoas como um conjunto de espécies animais (v.g. Descola, 2005, 284-291; Layton, 2009 [1992], 31). O contexto totémico explica, aliás, de forma mais parcimoniosa, algumas caraterísticas destes seres híbridos. Um exemplo notável disso é o deus cornudo de Trois-Frères. De facto esta figura não apresenta apenas caraterísticas humanas e de um animal, mas de vários animais (v.g. Vialou, 1986, 140). A presença de híbridos não pode assim ser utilizada como argumento para a defesa de uma origem "xamânica" — logo animista — da arte rupestre, uma vez que:

Ontologia	**Seres híbridos**
Animista	Representação de metamorfose
Totémica	Representação de entidade totémica

Um outro aspecto que vale a pena explorar é o da relação com a paisagem. Lévi-Strauss no *La pensée sauvage* refere três exemplos de paisagens vistas por comunidades não-ocidentais (2016 [1962], 199-200). Se tivermos em conta os trabalhos de Descola, verificamos que os exemplos de Lévi-Strauss correspondem a sociedades com diferentes ontologias. Assim, as populações do Niger no Sudão são dominados por uma ontologia analógica. Correspondentemente, a paisagem é vista como um registo histórico, algo que se explica pela importância da genealogia nestas comunidades (Descola, 2005, 561-568). Os Penobscot do Maine, na América do Norte são dominados por uma ontologia animista[166]. A sua paisagem é constituída por cenários de uma narrativa linear extraída do seu património mitológico, algo que se conforma com o peso decisivo da narrativa que se infere, por exemplo, a partir do estudo da sua arte rupestre. Já as comunidades Aranda, evidentemente totémicas, partilham a responsabilidade sobre os sítios sagrados de Ayers Rock, ficando os da vertente norte do mesmo atribuídos à metade do Sol e do ciclo ritual Kerungera e os da vertente oposta à metade da sombra e ao ritual arangulta. Ora isto reflete uma das caraterísticas do sistema de pensar totémico: o peso das relações, sendo estas mais pertinentes na caraterização dos elementos que interligam que as próprias caraterísticas intrínsecas desses elementos. Trata-se de algo que se revela a partir do estudo das relações de parentesco (Lévi-Strauss, 1968 [1947], 131-132] ou da distribuição de sítios de arte rupestre pela paisagem. De facto, esta é constituída por uma série de locais, cada um deles ligado a uma entidade específica do Tempo do Sonho, que por sua vez se relaciona com determinada colectivo social (clã, secção, metade, etc.) (v.g. David, 2002, 49-66). Ora, cada entidade destas tem a si associadas ritos, canções, designs, danças, objetos sagrados, etc. Como estes só são transmitidos aos membros do colectivo respetivo, os dispositivos parietais destes sítios apresentam uma variabilidade condicionada pelo seu posicionamento na geografia do Tempo do Sonho de dada região (v.g. Layton, 2009 [1992], 37-40]).

A relação entre os dispositivos gráficos pertencentes a uma mesma categoria social pode, no entanto, não ser manifesta no seu conteúdo. Por exemplo, na região ocidental de Kimberley, o conteúdo relaciona-se de sobremaneira com o episódio do Tempo do Sonho ocorrido nesse local, pelo que evidentemente a variabilidade figurativa é elevada (Layton, 1992 [2009], 40-46). Contudo, ao nível da *performance*, a estrutura é perfeitamente clara, sendo responsável por cada sítio o clã ao qual pertence o território onde se encontra o sítio, podendo nele pintar ou repintar alguém a ele filiado ou, se de outro clã, filiado na mesma metade (*idem*, 38). Ou seja, mesmo que o conteúdo do dispositivo gráfico não reflita a estrutura sobre a qual assenta a leitura da paisagem, esta é sempre refletida pelo acesso aos sítios onde eles se encontram e pelas atividades neles produzidas. A este nível é exemplar a "geografia social" da Austrália central (David, 2002, 52-65), onde a par de sítios como Therreyererte[167] ou Kweyunpe— para onde confluíam todos os anos

165 A identificação deste tipo de figuras como "mestre dos animais" (Clottes & Lewis-Williams, 2001, 108) é compatível igualmente com um contexto gráfico animista.

166 Cfr. Descola, 2005, 300-301.

167 Kimber e Smith publicaram uma descrição do ultimo ritual *Engwura* aí realizado (Kimber & Smith, 1987). Infelizmente não conseguimos aceder a esta publicação. O resumo que dela faz David (2002, 56-59) é, no entanto, bastante elucidativo quanto à importância social e económica do ritual, e ao dramatismo que envolve.

centenas de pessoas pertencentes a vários clãs e grupos linguísticos e de distâncias que podiam atingir os 500 km, para aí praticarem atividades rituais (envolvendo designadamente arte rupestre), mas também profanas, designadamente resolução de conflitos, troca de objetos ou arranjos de casamentos — existiam outros sítios limitados aos membros de um filiação específica, como Keringke, reservado ao clã do canguru. Esta geografia social evoca de sobremaneira os resultados a que chegámos no capítulo anterior, designadamente no que toca às diferenças entre as zonas ao nível da sua forma e conteúdo. Algumas delas, como as que constituem os grandes complexos do Côa (cfr. Figs. 6.1 e 6.2), podem pelas suas caraterísticas formais e temáticas, ter sido elementos importantes das atividades decorrentes dos momentos de agregação periodicamente aqui realizados, podendo as mais simples ter que ver com outras funcionalidades. Em menor medida, a geografia social referida acima evoca também as diferenças temáticas entre sítios próximos a que aludimos acima e que levaram, justamente, Sauvet & Wlodarczyk a considerar que tais diferenças poderiam ter que ver com uma organização totémica das comunidades que as produziram. Pensamos que se as regiões onde se encontram estes exemplos (assim como outras com conjuntos importantes de sítios com arte paleolítica) forem alvo de estudos semelhantes aos que aqui desenvolvemos, a existência destas paisagens estruturadas se revelará com muito mais clareza. Uma estruturação dos sítios de arte rupestre paleolítica semelhante à verificada na Austrália já foi, aliás, sugerida por Lorblanchet (1988, 277-278) e, mais recentemente, retomada por Monney (2012).

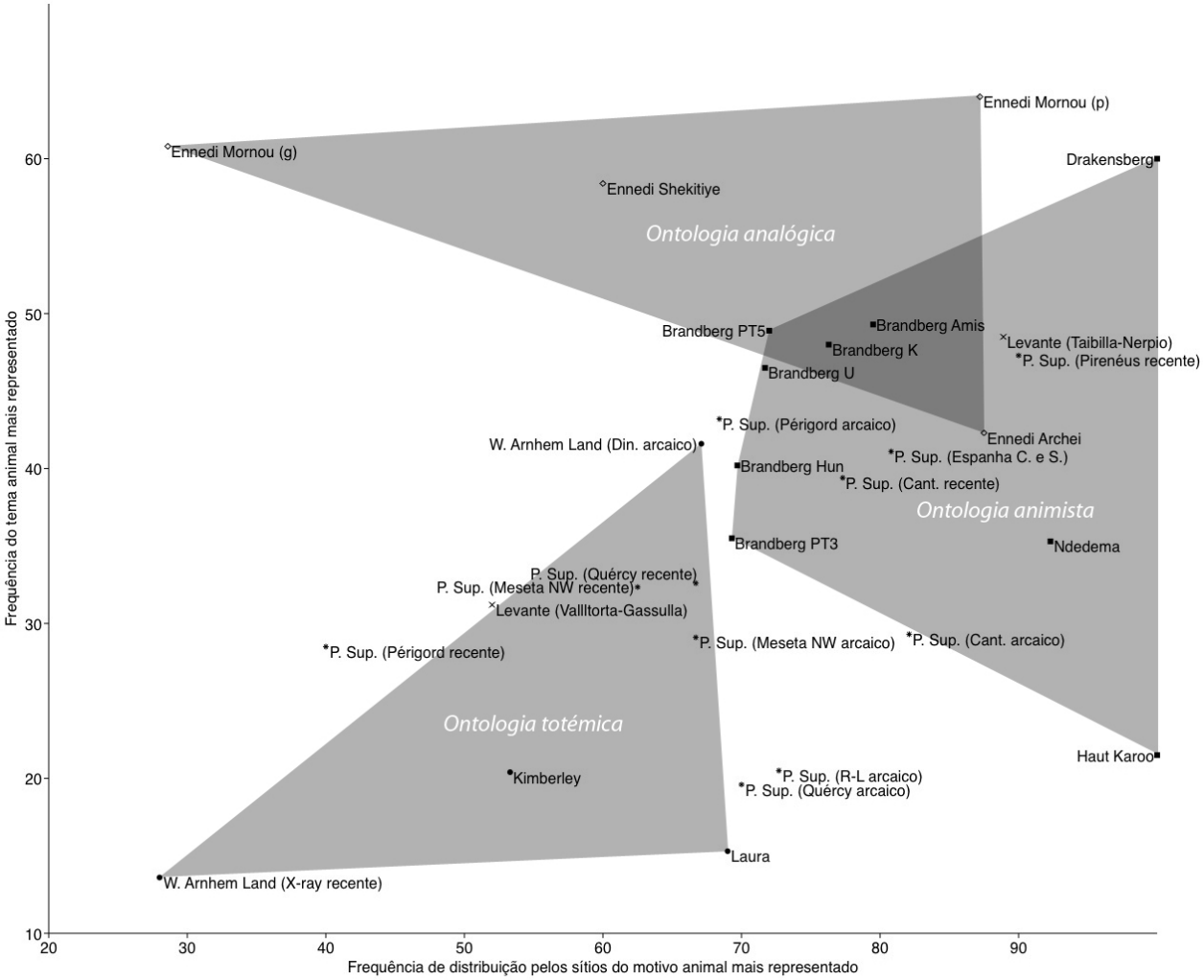
Contudo, não podemos escamotear as legítimas objeções que poderão ser levantadas perante a defesa da ideia de que estas sociedades eram dominadas por uma ontologia totémica. Voltemos à série de trabalhos encetados por Layton (2000) e continuados por este e outros investigadores (v.g. Sauvet *et al.*, 2009; 2012). Consideremos o último gráfico publicado pela equipa (Sauvet *et al.*, 2012, 1769, fig. 3), agrupemos os sítios nele presentes segundo as ontologias dominantes em cada uma das sociedades que os produziram e acrescentemos os conjuntos por nós estudados neste trabalho, separando-os em dois blocos cronológicos (Graf. 7.1)[168]. Será de referir que para além do animismo e do totemismo, está também presente o pensamento analógico, representado (pelo menos em parte) pela arte rupestre do Chad[169]. Lembremos que se tivermos em conta as ontologias dominantes, devemos integrar a arte rupestre do Brandberg no conjunto animista e a de Laura no totémico. Por outro lado, mesmo admitindo-se que a arte antiga de Arnhem Land tem origem em estados alterados de consciência, estes dão-se em contexto totémico. Ora, desde uma perspetiva ontológica, o gráfico está longe de colocar de parte a hipótese da arte paleolítica ter origem num sistema de pensar totémico. De facto, seis dos onze conjuntos com arte paleolítica encontram-se dentro ou cerca do polígono delimitado pelas produções gráficas totémicas. Um dos remanescentes encontra-se entre os três polígonos. Note-se que os conjuntos que acabam por se situar no polígono do animismo são os definidos por áreas geográficas mais amplas, sendo que um deles (Espanha Centro e Sul) contem grafismos de várias épocas e, muito possivelmente, alguns que entretanto colocámos nos dois grupos por nós definidos, pelo que exigiria uma atualização. No entanto, parece-nos evidente que o peso e a frequência de aparição do bisonte nos Pirenéus, mesmo que a área de análise se reduza[170], serão sempre elevados. Pensamos que as principais ilações a tirar desta nossa releitura do gráfico são as seguintes: os dois critérios analisados (peso do animal mais frequente no conjunto de uma região e frequência dos sítios onde aparece) parecem, em boa medida, definir áreas com uma boa correspondência com as ontologias de Descola (Archei é a exceção, mas não conhecemos o sítios pelo que não podemos discuti-lo); a tendência que se verifica nos conjuntos paleolíticos (mas também nos do Levante) de se distribuírem pelos polígonos totémicos e animistas é de difícil explicação, podendo esta distribuição estar condicionada pela natureza das amostras (heterogeneidade geográfica e cronológica no caso de Espanha Centro e Sul, e geográfica na região cantábrica) ou por razões superestruturais de difícil precisão que ligam vastas regiões a um tema, sendo os coletivos

168 Os dados brutos encontram-se descriminados nas nossas tabelas 6.7 e 6.14. A esta última há ainda que acrescentar os dados de La Griega: mais 90 zoomorfos (Corchón *et al.*, 1997, 145), sendo 59 deles cavalos (*idem*, 162, graf. 1). A nossa distinção cronológica é diferente da dos autores do gráfico original, que separam os conjuntos arcaicos dos recentes utilizando como charneira entre ambos os 14.500 anos BP (Sauvet *et al.*, 2012, 1772). Por razões que ficaram patentes ao longo deste trabalho, a ruptura que identificámos no nosso *corpus* dá-se mais cedo, pelo que foi essa que aqui tivemos em conta. Contudo, a transferência de animais de um bloco para outro apenas iria acentuar mais a tendência que identificámos com a distinção por nós adoptada.

169 Uma vez que "*It is likely that the art is an expression of cattle-centered behavior and ideology analogous to the 'cattle complex' defined by Herskovits (1926), where possession of cattle is of far more than simple economic value. This complex has been extensively documented by ethnographers from Evans-Pritchard (1940) onwards, among the Nilotic cattle herders of East Africa*" (Sauvet *et al.*, 2009, 328). Sobre o domínio destes povos por um sistema de pensar analógico, cfr. Descola, 2005, 557-558.

170 Tome-se como exemplo, a região do Ariège (Vialou, 1986).

humanos definidos não pelo motivo mais frequente mas pelos restantes[171]; a análise merece ser aprofundada pela inclusão de outros vectores quantificáveis, designadamente a frequência de animais que reagem a figuras humanas.



Graf. 7.1: O gráfico de Sauvet *et al.*, 2010, atualizado com os nossos resultados e com os conjuntos rupestres etnográficos agrupados pelas ontologias definidas por Ph. Descola.

Por tudo o que foi dito, pensamos que a arte paleolítica, designadamente a do Côa, pode ser vista como produzida num contexto totémico. As relações que se inferem nos painéis podem representar as relações entre classes totémicas de difícil precisão. Estas relações poderão refletir trocas matrimoniais, mas também a forma como estas classes interagem entre si. Relativamente a este aspeto é de lembrar que Lévi-Strauss interpretava o sistema de metades e secções como uma forma de regular os casamentos entre comunidades distintas (v.g. 2003 [1962], 72), mas a escola inglesa valoriza-o como uma forma de pessoas que não se conhecem saberem como interagir entre si (v.g. Kelly, 2013 [1995], 233). Assim, cada comunidade tem um sistema próprio de relações refletido pelas caraterísticas regionais dos conjuntos gráficos, mas estes são inter-relacionáveis entre si, facto que é manifesto pelas relações gradativas que se podem estabelecer entre cada um dos sistemas. A este nível, é elucidativa a substituição gradual do bisonte pelo auroque que se vai verificando de leste para oeste na região cantábrica. Segundo González Sainz, a predominância do bisonte na região oriental deve-se às relações privilegiadas desta zona com os Pirenéus franceses onde aquele animal é preponderante na arte parietal (González, 2000, 268). O mesmo raciocínio deverá ser aplicado relativamente ao predomínio do auroque nas Astúrias, devendo-se esse facto, muito provavelmente, às relações privilegiadas desta província com as estações mais ocidentais da nossa zona de estudo, particularmente evidentes, durante as nossas fases 2 e 3.

Aproximamo-nos assim das leituras mais recentes de Laming-Emperaire. Contudo, é de ter presente que as

171 Um cenário do tipo: todas as comunidades que habitam na região do Ariège são definidas pelo bisonte, distinguindo-se as do vale do Volp pela sua relação com a rena e as do entorno de Niaux pela relação com o cavalo.

relações entre classes totémicas não são relações entre comunidades diferentes, na medida em que uma classe totémica não tem equivalência com uma unidade socioeconómica de base. Isto é, contrariamente ao que se pensava tradicionalmente, o bando, entendido como um conjunto de pessoas que vivem e trabalham em conjunto ao longo do ano, tem uma estrutura flexível, sendo constituído por indivíduos com várias filiações totémicas e ainda sujeito a processos de fusão e fissão periódicos (Lee & Devore, 1968, 7-9; Layton, 2009 [1992], 31). Este aspeto ajuda também a compreender o papel social da arte rupestre neste tipo de sociedades — ela "petrifica" uma superestrutura que, de outra forma, se fragilizaria por entre os interstícios do viver quotidiano. Ainda assim, nem esta "petrificação" consegue neutralizar os efeitos decorrentes de alterações ambientais ou sociais que põem em causa essa superestrutura, acabando mesmo por a destruir. A complexificação estrutural que se infere do estudo da arte a partir da nossa fase 2 deve ter que ver precisamente com uma forma de resistência da superestrutura às consequências sociais do aquecimento climático do tardiglaciar, aquecimento esse que, "momentaneamente" interrompido pelo Dryas recente, vai culminar no fim do Pleistoceno. A partir dos inícios do Holoceno vão aumentando os indícios na arte de que já estamos perante uma sociedade dominada pelo pensamento animista, refletido designadamente pelo aumento dos animais isolados ou integrados em manadas da mesma espécie na arte rupestre coeva do vale do Tejo (v.g. Gomes, 2007a). É ao mecanismo da passagem do sistema de pensar totémico ao animista que trataremos no nosso próximo (e derradeiro) subponto.

7.5. Do totemismo ao animismo

Testart, antes da sua morte, ainda se debruçou sobre a arte paleolítica (2012, 254-270; 2016). Como nós, se bem que com argumentos parcialmente diferentes e até com alguns com os quais não concordamos[172], defendeu um contexto de produção totémico para a produção gráfica da arte do Paleolítico superior (*idem*, 2012, 265-267; 2016, 107-109). Ora, segundo este mesmo autor, o totemismo é uma das caraterísticas que define um tipo específico de sociedades de caçadores-recolectores, que o autor denominou como "A". Estas sociedades caraterizam-se segundo o mesmo autor, pela resistência à inovação, refletida por exemplo na não adopção do arco e da flecha (*idem*, 2012, 242-253). Contrasta com estas sociedades as de tipo B, abertas à inovação tal como refletido na adopção do arco e da flecha, ou da domesticação do cão (*idem*, 242-253). Considerou ainda um terceiro tipo de caçadores-recolectores que se caraterizava pela prática do armazenamento e pela existência de riqueza, na qual se deveriam incluir, por exemplo, os nativo-americanos da Costa Noroeste do Pacífico (*idem*, 200-218). Embora não defina o sistema de pensar destes dois últimos tipos de caçadores-recolectores, é evidente quer pelos exemplos fornecidos pelo autor, quer pela caraterização do tipo A como dominados pelo totemismo, que os de tipo B e os caçadores-recolectores-armazenistas são dominados pelo animismo.

Ora, ainda segundo o mesmo autor, o que torna os caçadores-recolectores de tipo A conservadores e os de tipo B propensos à inovação prende-se com as diferentes formas de prestação matrimonial praticadas por estas sociedades e com a forma (parcialmente) relacionada de partilhar a caça (Testart, 2012, 247-253). Assim, segundo o autor, nas comunidades de tipo A o pagamento da noiva reveste a forma de uma prestação de serviços vitalícia à sogra, enquanto nas restantes o pagamento se dá na forma de *bride service* (o noivo deve servir os pais da noiva durante um tempo determinado) ou de um "preço" estipulado, traduzindo-se este na entrega, num momento só, de determinada quantidade de produtos naturais ou manufaturados (*idem*, 216-218, 247-250). Segundo o autor, o facto de nas sociedade de tipo A os indivíduos acabarem por trabalhar de forma vitalícia para outrem não estimula a inovação, encontrando-se a fórmula do preço da noiva no espectro oposto do incentivo ao "empreendedorismo", uma vez que os devedores querem livrar-se o mais rapidamente possível do dívida contraída (Testart, 2012, 275-276).

Segundo Testart, as sociedade do Paleolítico seriam de tipo A, algo que se encontraria por trás da pouca quantidade de inovações "maiores" deste período cultural, quando comparadas com as do Mesolítico (Testart, 2012, 279-285). Assim, de acordo com Testart, ao longo dos cerca de 30.000 anos do Paleolítico superior só se poderiam descriminar as seguintes inovações[173]: agulha, o propulsor e a armadura (já no final do Paleolítico). Já ao longo dos cerca de 3.000 anos do

172 Designadamente no que toca, à sua teoria dos signos (2016, 133-233) ou à hipótesedos sítios de ar livre, como os do Côa, terem o acesso controlado (Testart, 2012, 241). Diga-se que, mesmo na Austrália, existem exemplos de arte rupestre "pública" (v.g. Lorblanchet, 2002).

173 Testart só tem em contas as inovações consequentes. Ou seja, coloca de parte, por exemplo, a invenção da cerâmica, atestada nas terracotas paleolíticas do leste europeu, datadas do Gravettense, mas cuja dispersão pela Europa terá um outro ponto de origem mais de uma dezena de milhar de anos mais tarde (Testart,

Mesolítico aparece o arco, a domesticação do cão, a cerâmica, a sedentarização, etc. (*idem*, 289-293, 294, fig. 25).

Se bem que as sociedades de caçadores-recolectores classificadas como de tipo A nos pareçam, de facto, mais "frias" que as do tipo B, parece-nos altamente exagerado relacionar este facto com uma forma específica de prestação matrimonial. Desde logo, o pagamento vitalício à sogra de que fala Testart, para além de não ser generalizável, mesmo na Austrália (v.g. Kelly, 2013 [1995], 238), pode ser compreendido no contexto de mecanismos que possibilitam a manutenção de uma ideologia igualitarista na maior parte das comunidades de caçadores-recolectores (*idem*, 244). De facto, o "genro" não ocupa apenas esta posição nas relações de parentesco, passando a esposo da sogra passado uns anos. Ele não apenas "sustenta" alguém, como será igualmente sustentado por via da sua mulher e filha(s).

Se a classificação de Testart dos diversos tipos de sociedades de caçadores-recolectores nos parece justa, já a relação destas com as prestações matrimoniais nos parece fortemente exagerada. Isto é aliás patente nas dificuldades mostradas pelo autor na exposição do seu modelo explicativo de passagem de um tipo de sociedade A para a B na Europa Ocidental (Testart, 2014). Estas dificuldades levam-no a admitir a existência de sociedades do tipo Costa do Noroeste no litoral francês, quando dois anos antes tinha colocado de parte de forma veemente essa hipótese, exatamente por falta das evidências que justamente inventariou (2012, 222-242). Por outro lado, a hipótese de uma sociedade do tipo Costa do Nororeste ainda a produzir uma arte de caraterísticas totémicas conduzem o autor a considerar uma *décalage* entre sociedade e a arte por ela produzida (Testart, 2014, 601). Ora, esta *décalage* não é compatível com uma premissa da qual partimos — a arte é sempre reflexo da sociedade que a produz (Cunhal, 1997, 25). O próprio Testart, num outro trabalho, parece contrariar a ideia de um desajustamento entre arte e condições histórias, uma vez "*q'un art [...] traduit de façon plus visible la période historique qui le voit naître que la nature des croyances qu'il exprime*" (Testart, 2016, 23). Repare-se que todas estas contradições são advindas simplesmente do peso que o autor coloca nas prestações matrimoniais.

Contudo, pensamos que é nos constrangimentos e potencialidades das ontologias que devemos procurar explicar a maior ou menor propensão de uma sociedade à inovação. De facto, como Descola procurou demonstrar, os diferentes sistemas de pensar possibilitam e favorecem determinadas relações entre os colectivos e impedem outras. São particularmente ilustrativos os exemplos a que recorre para demonstrar como a progressiva domesticação da rena se traduziu na passagem de um sistema de pensar animista para um analógico no caso dos povos siberianos (Descola, 2005, 622-641), ou como este mesmo sistema de pensar animista impediu a domesticação de espécies autóctones na Amazónia, permitindo concomitantemente a adopção rápida de espécies forâneas já domesticadas (*idem,* 645-655).

Segundo Descola, a relação privilegiada da ontologia totémica é a "troca" (2005, 678-679). De facto, sendo os colectivos interdependentes e iguais entre si, não espanta que a reciprocidade seja tão importante, e que as regras que a regulam sejam altamente codificadas. Mais, cada colectivo é responsável pela "vida" dos restantes e a própria vida do Mundo depende das responsabilidades de cada um destes colectivos e dos seus rituais de manutenção. Neste sentido, como refere Descola, os colectivos totémicos assemelham-se às castas, na medida em que também eles têm uma tarefa precisa a desempenhar, da qual depende o normal funcionamento do mundo. Este normal funcionamento traduz-se pela "manutenção", pelo permanente atualizar de um mundo e das relações que o conformam, tal como são no (desde o) Tempo do Sonho.

Numa ontologia animista, sendo os colectivos definidos pelas suas aparências e, não poucas vezes, pelo olhar do outro, as distinções, mesmo entre colectivos humanos, são fortes. As relações mais importantes entre os colectivos animistas envolvem o dom, a troca e a predação, tipos de relação que, por serem simétricas (troca) ou reversíveis (dom e predação), mantém os elementos que as conformam em pé de igualdade (Descola, 2005, 668-669). O mundo das sociedades animistas é, por isso, um mundo em que indivíduos e colectivos estão em permanente negociação. Esta negociação pode envolver várias formas, como um diálogo entre caçador e presa ou entre o caçador (ou o xamã da comunidade) e o mestre dos animais. Pode também revestir uma forma mais violenta como a que envolve a caça de cabeças entre os jívaros da América do sul, ou as razias em busca de escravos das tribos da Costa Noroeste do Pacífico. É porque indivíduos e colectivos estão em permanente negociação, podendo os termos da relação inverterem-se a qualquer

2012, 286). Da mesma forma, não considera a indústria sobre lâminas como uma grande inovação do Paleolítico, quer porque ela é anterior (cfr. Zilhão, 1997b, 16-18), quer porque as consequências sociais são residuais (Testart, 2012, 282, nota 1).

momento, que frente ao estatismo instigado pelo sistema de pensar totémico, o animismo concebe a mudança, uma vez que está a negociá-la permanentemente.

A maior ou menor propensão à inovação pode-se assim explicar pela natureza da ontologia dominante, a qual, no caso em apreço, terá mudado entre o Paleolítico superior e o Mesolítico, tal como se verifica na arte rupestre de ambos os períodos. Como refere Descola, a transformação de um sistema de pensar num outro é algo de muito difícil, só ocorrendo "*lorsque les circonstances engendrées par les aléas de l'histoire, les bouleversements du climat et les effets inintentionels de l'action humaines forcent des peuples à s'adapter à des milieux différents ou dont les caractéristiques se sont altérées*" (Descola, 2005, 661). Ora, uma "*transformation progressive à la suite d'accidents climatiques*» verifica-se entre o Paleolítico superior e o Mesolítico, correspondendo à passagem do Pleistoceno para o Holoceno, transformação essa que obrigou as comunidades humanas a "*modifier leurs stratégies de subsistance*» e muito, provavelmente, a abalar "*les relations qui les unissent les uns aux autres et avec le monde, les rendant plus réceptifs à des hardiesses autrefois considérées avec suspicion*" (*idem*, 661).

A hipótese que levantamos carece de confirmação, mas pensamos que a progressiva expansão da floresta e a concomitante substituição das grandes manadas de ungulados em detrimento de animais mais adaptados para a vida em bosques como o veado, o javali ou o coelho terá provocado importantes alterações não só na dieta das comunidades, como também nas estratégias de caça. Muito provavelmente, a caça em grupo terá perdido importância, muito fruto das próprias condições de visibilidade reduzida da floresta, mas também dos novos animais caçados, como o coelho. A relação entre caçador e presa torna-se cada vez mais pessoal, culminando na aparição do arco. O diálogo nasce quer de um comportamento adquirido da presa (no caso da rena, o estacar frente à alcateia de lobos — Ingold, 2000, 13), quer da tensão do caçador no momento prévio ao disparar do tiro. Ou seja, a importância do individualismo e da ideia de negociação pode ter emergido das modificações advindas das novas estratégias de caça.

Esta alteração do sistema de pensar terá sido paulatina e efetuada com resistência. De facto, a diferença climática entre o Paleolítico superior e o Mesolítico é sobretudo evidente devido à descida das temperaturas do Dryas recente, que veio interromper uma subida paulatina das temperaturas que se vinha verificando desde os finais de evento Heinrich 2 até ao final do evento Heinrich 1 (cfr. Fig. 0.02.). A alteração das estratégias a que se viram forçados os grupos humanos deve ter começado mais cedo, assim como as "tendências animistas". A grande complexificação do dispositivo gráfico que se verifica durante as nossas fases 2 e 3 pode ter que ver já com uma forma de aperfeiçoar os mecanismos de inculcação de uma ideologia ainda dominada pela ontologia totémica. No entanto, como qualquer ideologia dominante, ela sucumbirá devido às novas relações de produção (nesta caso, manifesta, por exemplo, nas novas estratégias de caça) a que foram obrigadas as comunidades humanas frente a novas condições ambientais. A redução das redes intercomunitárias denunciadas pelos paralelos na arte rupestre, e que terão que ver com o aquecimento climático terá, por outro lado, favorecido o ensimesmamento das comunidades, levando à "petrificação" das diversas culturas parietais, expressão que retiramos a D. Vialou que a aplicou à arte paleolítica do Ariège precisamente por ela denunciar um fechamento sobre si mesma, uma certa independência da região frente ao restante mundo da arte paleolítica europeia (Vialou, 1986, 388). Este processo terá, porventura, contribuído também para a formação de coletivos mais homogéneos do ponto de vista da língua, do quotidiano, dos hábitos, da cultura material e da fisicalidade (designadamente das roupas), tudo aspetos que remetem mais para o animismo que para o totemismo.

Esta nossa hipótese de uma passagem gradual de um sistema de pensar dominante totémico para um animista, determinado pelas novas relações de produção advindas das alterações ambientais do tardiglaciar e do Holoceno, é passível — contrariamente à que favorece as alterações ao nível das prestações matrimoniais — de ser confirmada ou infirmada por estudos arqueológicos. Entre esses estudos contam-se aqueles que poderão identificar a existência de contactos extraterritoriais (estudos de aprovisionamento em matérias-primas ou de semelhanças tecno-estilísticas entre conjuntos rupestres de diversas regiões), ou precisar a natureza das alterações climáticas dos finais do glaciar e as suas consequências nas estratégias de caça e nos hábitos alimentares das comunidades coevas (estudos paleoambientais, designadamente arqueofaunísticos). Este confronto tem que ser feito, contudo, a uma escala ampla. Muito provavelmente, ao confrontarmos um conjunto osteológico do Magdalenense com um do Mesolítico do mesmo sítio não encontraremos grandes diferenças (como referimos, as mudanças estruturais ao nível do clima começaram bastante antes), mas uma

diferença dever-se-á notar entre o registo do Solutrense médio e o do Magdalenense. Outro passo importante a dar será o estudo aprofundado da arte rupestre do Azilense. É no seio deste conjunto gráfico que encontraremos seguramente os traços mais evidentes dessa transição. Esse é, no entanto, um outro trabalho a desenvolver em outras linhas que não nestas.

As diferentes ontologias não aparecem nem perduram milagrosamente. Necessitam de mecanismo que permitam a sua perenidade (aparente). Descola refere justamente os mecanismos decorrentes do *habitus*, entendido no sentido que lhe dá Bourdieu (2002 [2000], 163-184), mas também os acontecimentos de grande intensidade emocional (Descola, 2005, 197-198). A arte paleolítica europeia, é quanto a nós, explicável no contexto de ambos os processos. Assim, pese embora a muito provável multifuncionalidade de diversos sítios de acesso mais ou menos quotidiano (sítios de ar livre, abrigos e zonas não profundas das grutas) e da miríade de grande parte das peças enquadráveis no fácies móvel do fenómeno, todos seriam cenários ou elementos de ações quotidianas que inculcavam uma forma de organizar o mundo própria de ontologia totémica. No entanto, existiriam igualmente sítios (ou certas partes dos mesmos) e objetos que só seriam experienciados esporadicamente (zonas mais profundas das grutas ou sítios de ar livre dissimulados na paisagem), e que seriam cenários e elementos de eventos "extra-ordinários", provavelmente carregados de emoção. A correlação entre ambos os mecanismos reforça a efetividade de ambos, podendo alguns dos elementos do quotidiano funcionarem como "proustianas madalenas", provadas originalmente em contextos emocionalmente carregados.

8. Referências bibliográficas

ABDI, H. & VALENTIN, D. (2007), "Multiple correspondence Analysis", *in* SALKIND, N. (ed.), *Encyclopedia of measurement and statistics*, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 651-657.

ABELANET, J. (1985), «Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre, le rocher gravé de Campôme», *Conflent*, 133, pp. 3-7.

ABREU, M. S. de (1995), "Salvar o Côa: o movimento internacional para a salvaguarda da arte rupestre do Vale do Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 816-821.

ABREU, M. S. de (2003), "Stale propaganda", *Rock Art Research*, 20(1), pp. 58-61.

ABREU, M. S. de & BEDNARIK, R. G. (2000), "Fariseu rock art not archaeologically dated", *Rock Art Research*, 17, pp. 65-68.

ACOSTA GONZÁLEZ, A. & MOLINERO BARROSO, J. M. (2003), *Los grabados de la cueva de Los Casares (Riba de Saelices, Guadalajara)*, Guadalajara: Agrupación de Amigos de la Cueva de los Casares y del Arte Paleolítico [Tierra de Guadalajara, 42].

AIRES-BARROS, L. (1995), "Reflexões sobre os estudos para a preservação das gravuras rupestres do Côa", *Boletim da Universidade do Porto*, 25, pp. 21-22.

AIRVAUX, J. (1998), «Découverte d'une grotte ornée, le Réseau Guy Martin à Lussac-les-Châteaux, Vienne et application d'une méthodologie structurale pour l'étude de l'art préhistorique», *L'Anthropologie*, 102(4), pp. 495-521.

AIRVAUX, J. (1999), «Découverte d'une grotte ornée à Lussac-les-Châteaux, Vienne, France», *International Newsletter on Rock Art*, 22, pp. 1-6.

AIRVAUX, J. (2001), *L'art préhistorique du Poitou-Charentes, sculptures et gravures des temps glaciaires*, Paris: La maison des roches.

ALCALDE DEL RIO, H. (1906), *Las pinturas y grabados de las cavernas prehistóricas de la provincia de Santander. Altamira — Covalanas — Hornos de la Peña — Castillo*, Santander: Impr. de Blanchard y Arce.

ALCALDE DEL RIO, H.; BREUIL, H. & SIERRA, L. (1911), *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*, Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne [Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 3].

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2003a), "El Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular: Nuevos elementos para el estudio de su variabilidad regional", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 223-253.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2003b), «Témoins du froid. La faune dans l'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire», *L'Anthropologie*, 107(4), pp. 471-500.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2006a), *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Junta de Castilla y León [Arqueología de Castilla y León, 16].

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2006b), "Siega Verde y el arte paleolítico al aire libre del interior peninsular", *in* DELIBES de CASTRO, G. & DÍEZ MARTÍN, F. (eds.), *El Paleolítico superior en la Meseta Norte española*, Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria [Studia Archaeologica, 94], pp. 41-74.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2007a), «Le gisement rupestre de Siega Verde, Salamanque. Une vision de synthèse», *L'Anthropologie*, 111(4), pp. 501-548.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2007b), «C^{14} et style: La chronologie de l'art pariétal à l'heure actuelle», *L'Anthropologie*, 111, pp. 435-466.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2008), "El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. Una visión de síntesis", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 57-87.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2012), "El arte rupestre Paleolítico del interior peninsular", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 185-208.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GARCÍA VALERO, M. Á. & CRUZ NAIMI, L. A. (1995), "La cueva del Turismo (Tamajón, Guadalajara): un nuevo yacimiento rupestre paleolítico en la Meseta castellana", *in* BALBÍN BEHRMANN, R.; VALIENTE, J. & MUSSAT, M. T. (eds.), *Arqueología en Guadalajara*, Toledo: Servicio de Publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, pp. 125-136.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R.; JIMÉNEZ SANZ, P. J.; GARCÍA VALERO, M. Á. & FOYO MARCOS, A. (2000), "La cueva de El Reno (Valdesotos, Guadalajara). Una visión de conjunto de su arte parietal paleolítico", *in* RAPOSO, L.; CARBONELL, E.; SANTONJA GÓMEZ, M. & VEGA, G. (eds.), *Paleolítico da Península Ibérica*, 2, Porto: ADECAP [Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, pp. 525-540.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GARCÍA VALERO, M. Á. & JIMÉNEZ SANZ, P. J. (1997a), «Nouvelles découvertes d'art rupestre paléolithique dans le centre de la Péninsule Ibérique: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara)», *L'Anthropologie*, 101(1), pp. 144-163.

ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GARCÍA VALERO, M. Á. & JIMÉNEZ SANZ, P. J. (1997b), "Nuevos descubrimientos de arte rupestre paleolítico en el centro de la Península Ibérica: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara)", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 239-257.

ALMAGRO BASCH, M. (1973), "Las pinturas y grabados rupestres de la cueva de Chufín, Riclones (Santander)", *Trabajos de Prehistoria*, 30, pp. 9-67.

ALMAGRO BASCH, M. (1976), "Los omoplatos decorados de la cueva de "El Castillo". Puente Viesgo (Santander)", *Trabajos de Prehistoria*, 33, pp. 9-112.

ALMAGRO BASCH, M. (1981), "Los grabados de trazo múltiple en el arte cuaternario español", *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 27-70.

ALMAGRO BASCH, M.; CABRERA VALDÉS, V. & BERNALDO DE QUIRÓS, F. (1977), "Nuevos hallazgos de arte rupestre en cueva Chufín. Riclones (Santander)", *Trabajos de Prehistoria*, 34, pp. 9-29.

ALMAGRO GORBEA, M. (1971), "La cueva del Niño (Albacete) y la cueva de la Griega (Segovia). Dos yacimientos de arte rupestre recientemente descubiertos en la Península Ibérica", *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 9-62.

ALMEIDA, F. (1997), "Prospecção geofísica dos depósitos quaternários", *in* ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 55-73.

ALONSO GAVILÁN, G. & POLO, M. A. (1986-1987), "Evolución tecto-sedimentaria oligo-miocénica del SO de la fosa de Ciudad Rodrigo. Salamanca", *Acta Geológica Hispánica*, 21-22, pp. 419-426.

ALTUNA, J. (1997), *Ekain y Altxerri. Dos santuarios paleolíticos en el País Vasco*, Donostia: Haranburu Editor/ Debegesa.

ALTUNA, J. & APELLANIZ, J.-M. (1978), *Las figuras rupestres paleolíticas de la cueva de Ekain (Deva, Guipuzkoa)*, San Sebastián: Sociedad de Ciencias Aranzadi [Munibe, 30(1-3)].

ÁLVAREZ-ALONSO, D.; YRAVEDRA SAINZ DE LOS TERREROS, J.; ARRIZABALAGA VALBUENA, A.; JORDÁ PARDO, J. F. & HEREDIA, N. (2009), "La cueva de Coimbre (Peñamellera Alta, Asturias, España): su yacimiento arqueológico y su santuario rupestre. Un estado de la cuestión en 2008", *Munibe*, 60, pp. 139-155.

ALVES, F. M. (1934), *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*, 9, Porto: Tip. Empresa Guedes, Lda.

ALVES, F. M. (1938), *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*, 10, Porto: Tip. Empresa Guedes, Lda.

AMEIJENDA IGLESIAS, A.; MANZANO, C.; FONSECA, J. & GOMES, S. A. (2015), *Relatório final. Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Vau (Ocorrência patrimonial N.º 214) São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu*, Matosinhos: Arqueologia e Património, Lda.

ANGULO, J. C. & GARCÍA DÍEZ, M. (2005), *Sexo en la piedra. Sexualidad, reproducción y erotismo en época paleolítica*, Madrid: Luzán5.

ANGULO, J. C.; GARCÍA DÍEZ, M. & GÓMEZ FRAILE, A. (2011), *Conoce Chufín*, Santander: Sociedad Regional de Cultura y Deporte.

ANGULO, J. C. & MORENO, E. (2011), *Conoce Los Casares*, Madrid: Caja de Guadalajara; Diputación de Guadalajara.

APELLANIZ, J. M. (1984-1985), "Los équidos de la cueva de La Griega y el criterio de autoría según G. Sauvet", *Ars Praehistorica*, 3-4, pp. 259-260.

ARCÀ, A. (1996) "Vermelhosa rock 1, Palaeolithic figures." *Tracce Online Rock Art Bulletin*, 5.

ARIAS CABAL, P.; CALDERÓN, T.; GONZÁLEZ SAINZ, C.; MILLÁN CHAGOYEN, A.; MOURE ROMANILLO, A.; ONTAÑON PEREDO, R. & RUIZ IDARRAGA, R. (1998-1999), "Dataciones absolutas para el arte rupestre paleolítico de Venta de la Perra (Carranza, Bizkaia)", *Kobie*, 25, pp. 85-92.

AUBRY, T. (1998a), "Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de

Aguiar", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1(1), pp. 5-26.

AUBRY, T. (1998b), "O povoamento paleolítico da bacia do Baixo Côa", *in* LIMA, A. C. (ed.), *Terras do Côa da Malcata ao Reboredo*, s.l.: Estrela-Côa — Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp. 184-189.

AUBRY, T. (2001), «L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur», *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 253-273.

AUBRY, T. (2002), «Le contexte archéologique de l'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 25-38.

AUBRY, T. (2006), «Vallée du Côa. Un art préhistorique unique», *Archéologia*, 436, pp. 62-71.

AUBRY, T., ed. (2009), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52].

AUBRY, T. (2009a), "Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 382-395.

AUBRY, T. (2009b), "Datação indirecta da arte do Vale do Côa; estratigrafia, arte rupestre e móvel", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 361-373.

AUBRY, T. (2009c), "Os utensílios retocados e a economia da produção lítica", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 170-222.

AUBRY, T. (2009d), «Premiers indices d'utilisation de roches métamorphiques pour la fabrication d'outils au Magdalénien», *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 327-330.

AUBRY, T. (2009e), "Enquadramento geográfico", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 21-27.

AUBRY, T. (2009f), "Quadro cronológico e estrutural do entalhe fluvial", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 97-102.

AUBRY, T. (2009g), "Abordagem tipológica dos conjuntos líticos: contribuição para a definição da sequência crono-estratigráfica de ocupação humana do Vale do Côa ", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 348-356.

AUBRY, T. (2015a), «Peuplement de l'intérieur de la Péninsule Ibérique pendant le Paléolithique supérieur: où en est-on?», *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*, 3 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 20-31.

AUBRY, T. (2015b), «Premières communautés et art paléolithique de la Vallée du Côa», *in* LEE, S.; BAPTISTA, A. M. & FERNANDES, A. P. B. (eds.), *Arte Rupestre do Vale do Côa*, Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 43-67.

AUBRY, T.; ALMEIDA, M.; DIMUCCIO, L. A.; GAMEIRO, C. & KLARIC, L. (2008), «Caractérisation et discontinuités des registres pédosédimentaires de l'Occident péninsulaire entre 30.000 et 10.000 BP: implication sur l'interprétation archéologique», *in* AUBRY, T.; ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C. & TIFFAGOM, M. (eds.), *Session C64. Space and time: Which diachronies, which synchronies, which scales? Session C65. Typology vs. Technology*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, 1831], pp. 9-21.

AUBRY, T. & BAPTISTA, A. M. (2000), "Une datation objective de l'art du Côa", *La Recherche, Hors-Série*, 4, pp. 54-55.

AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; GAMEIRO, C.; LUÍS, L.; MATIAS, H.; SANTOS, A. T. & SILVESTRE, M. (2015a), "De regresso à Cardina, 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 5-26.

AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SANTOS, A. T. & SILVESTRE, M. (2015b), "Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa", *Côavisão*, 17, pp. 120-130.

AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SANTOS, A. T. & SILVESTRE, M. (2016), "Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Côa Valley (North-eastern Portugal)", *Quaternary International*, 424, pp. 113-129.

AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (1998), "O povoamento pré-histórico no Vale do Côa. Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997)", *Côavisão*, 0, pp. 23-34.

AUBRY, T.; CARVALHO, A. M. F. de & ZILHÃO, J. (1997), "Arqueologia", *in* ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 76-209.

AUBRY, T.; CHAUVIÈRE, F. X. & SAMPAIO, J. D. (2009), "Informações obtidas com base nas remontagens da indústria de pedra lascada", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 322-326.

AUBRY, T.; CHAUVIÈRE, F. X.; MANGADO LLACH, X. & SAMPAIO, J. D. (2003), «Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithiques supérieur de la basse vallée du Côa (Portugal)», *in* VASIL'EV, S. A.; SOFFER, O. & KOSLOWSKI, J. (eds.), *Perceived landscapes and built environments: the cultural geography of Late Paleolithic Eurasia*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, 1122], pp. 83-92.

AUBRY, T.; DIMUCCIO, L. A.; ALMEIDA, M.; NEVES, M. J.; ANGELUCCI, D. E. & CUNHA, L. (2011), "Palaeoenvironmental forcing during the Middle-Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal", *Quaternary Research*, 75, pp. 66-79.

AUBRY, T.; DIMUCCIO, L. A.; BERGADÀ, M. M.; SAMPAIO, J. D. & SELLAMI, F. (2010a), "Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art", *Journal of Archaeological Science*, 37, pp. 3306-3319.

AUBRY, T.; DIMUCCIO, L. A.; SAMPAIO, J. D. & SANTOS, A. T. (2010b), "Olgas de Ervamoira: seis metros de Arquivo-história nas margens do Côa", *Côavisão*, 12, pp. 133-143.

AUBRY, T.; FONTUGNE, M. & MOURA, M. H. (1997), «Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique supérieur et les apports de la séquence holocène à l'étude de la transition mésolithique/néolithique au Portugal», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94(2), pp. 182-190.

AUBRY, T. & GARCÍA DÍEZ, M. (2000), «Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal)», *Les Nouvelles de l'Archéologie*, 82, pp. 52-57.

AUBRY, T. & IGREJA, M. D. A. (2009), "Economy of lithic raw material during the upper Paleolithic of the Côa Valley and the Sicó Massif (Portugal): Technological and functional perspectives", *in* IGREJA, M. D. A. & CONTE, I. C. (eds.), *Recent functional studies on non-flint stone tools: Methodological improvements and archaeological inferences, 23-25 May 2008, Lisboa - Proceedings of the workshop*, Lisboa (Padrão dos descobrimentos).

AUBRY, T. & LUÍS, L. (2012), „Umwelt und sozialer Kontext der paläolithischen Freilandkunst im Côa-Tal (Portugal)", *in* DALLY, O.; MORAW, S. & ZIEMSSEN, H. (eds.), *Bild — Raum — Handlung. Perspektiven der Archäologie*, Berlin/ Boston: Walter de Gruyter, pp. 69-103.

AUBRY, T.; LUÍS, L. & DIMUCCIO, L. A. (2012), „Nature *vs.* Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal)", *Journal of Archaeological Science*, 39, pp. 848-866.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, X. & MATIAS, H. (2012), "We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal)", *Journal of Anthropological Archaeology*, 31(4), pp. 528-550.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, X. & MATIAS, H. (2015c), "Adaptation to resources and environments during the last glacial maximum by hunter-gatherer societies in Atlantic Europe", *in* STRAUS, L. G. (ed.), *Solutrean Studies: Human adaptations to the Last Glacial Maximum in SW Europe*, Albuquerque: The University of New Mexico [Journal of Anthropological Research, 71(4)], pp. 523-544.AUBRY, T.; LUÍS, L. & SAMPAIO, J. D. (2006), "Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre. Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)", *Al-madan*, IIª série, 14, pp. 48-52.

AUBRY, T. & MANGADO LLACH, X. (2003a), "Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação", *in* MATEUS, J. E. & MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 29], pp. 340-343.

AUBRY, T. & MANGADO LLACH, X. (2003b), «Interprétation de l'approvisionnement en matières premières siliceuses sur les sites du Paléolithique supérieur de la vallée du Côa (Portugal)», *in Les matières premières lithiques en Préhistoire (table ronde international organisée à Aurillac, Cantal, du 20 au 22 juin 2002)*, Carcassonne: Association Préhistoire du Sud-Ouest [Préhistoire du Sud-Ouest. Supplément, 5], pp. 27-40.

AUBRY, T. & MANGADO LLACH, X. (2006), "The Côa Valley (Portugal). Lithic raw material characterization and the reconstruction of upper Palaeolithic settlements patterns", *in* BRESSY, C.; BURKE, A.; CHALARD, P. & MARTIN, H. (eds.), *Notions de territoire et de mobilité. Exemples de l'Europe et des premières nations en Amérique du Nord avant le contact européen. Actes des sessions présentées au Xe Congrès annuel de l'Association Européenne des Archéologues (EAA), Lyon, 8-11 septembre 2004*, Liège: Université

de Liège [ERAUL, 116], pp. 41-49.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; FULLOLA I PERICOT, J. M.; ROSELL, L. & SAMPAIO, J. D. (2004), "The raw material procurement at the upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia", *in* SMYNTYNA, O. V. (ed.), *The use of living space in prehistory: papers from a session held at the European Association of Archaeologists Sixth Annual Meeting in Lisboa 2000* [BAR international Series, 1224], pp. 37-50.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X. & SAMPAIO, J. D. (2009), "Estudo do aprovisionamento em matérias-primas", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 131-169.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J. D. & SELLAMI, F. (2002), "Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal)", *Antiquity*, 76, pp. 62-76.

AUBRY, T. & MOURA, M. H. (1993), "Plaquinha de xisto com gravuras paleolíticas", *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal*, s. n., pp. 13-17.

AUBRY, T. & MOURA, M. H. (1995), «Nouvelles données sur les occupations paléolithiques de la région de Redinha (Serra de Sicó, Portugal)», *in 3. ª Reunião do Quaternário Ibérico. Actas. Coimbra, 27 de Setembro a 1 de Outubro de 1993*, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 439-449.

AUBRY, T.; MOURA, M. H. & ZILHÃO, J. (1992), "Dados preliminares sobre a organização estratigráfica da Buraca Grande do Vale do Poio Novo (Redinha)", *Memórias e Notícias, Publicações do Museu de Mineralogia e Geologia da Universidade de Coimbra*, 114, pp. 120-132.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2008a), "Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal)", *Antiquity*, 82(316), Project Gallery.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2008b), «Chronologie et contexte archéologique des gravures paléolithiques de plein air de la Vallée du Côa (Portugal)», *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 211-223.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2008c), "Tempos e territórios paleolíticos no Vale do Côa. Balanço e perspectivas da investigação do contexto arqueológico da arte", *Al-madan*, II série, 16, pp. 133-145.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2008d), "Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio", *in* SANTOS, A. T. & SAMPAIO, J. D. (eds.), *Pré-história — gestos intemporais, Vila Nova de Foz Côa, 20 de Maio de 2006*, ACDR Freixo de Numão [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 01], pp. 7-30.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2009a), "Prospecção", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 32-36.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2009b), "Escavações e sondagens", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 36-83.

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2012), "Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa", *in* SANCHES, M. D. J. (ed.), *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC, 54], pp. 185-206.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. & CHAUVIÈRE, F. X. (2009), "As outras categorias de vestígios líticos", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 269-321.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. & LUÍS, L. (2011), «Approche expérimentale appliquée à l'étude des vestiges du Paléolithique supérieur de la Vallée du Côa (Portugal)», *in* MORGADO, A.; BAENA PREYSLER, J. & GARCÍA GONZÁLEZ, D. (eds.), *La investigación experimental aplicada a la Arqueología. Vol. 1: Tecnología y traceología lítica prehistórica y su experimentación*, Granada: Universidad de Granada, pp. 87-96.

AUBRY, T.; SANTOS, A. T. & LUÍS, L. (2014), «Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal)», *in* PAILLET, P. (ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique», MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011*, Les Eyzies: SAMRA [Paleo, numéro spécial], pp. 259-270.

AUJOULAT, N. (1984a), «Le Fourneau du Diable», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 89-91.

AUJOULAT, N. (1984b), «Grotte de La Grèze», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 164-166.

AUJOULAT, N. (1984c), «Grotte de La Sudrie», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris:

Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 245-247.

AUJOULAT, N. (1984d), «Grotte de la Mairie», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 232-235.

AUJOULAT, N. (1993), «Les équidés», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 97-108.

AUJOULAT, N. (2004), *Lascaux — Le geste, l'espace et le temps*, Paris: Seuil.

AUJOULAT, N.; CLEYET-MERLE, J.-J.; GAUSSEN, J.; TISNÉRAT-LABORDE, N. & VALLADAS, H. (1998), «Approche chronologique de quelques sites ornés paléolithiques du Périgord para datation Carbone 14 en spectrométrie de masse par accélérateur de leur mobilier archéologique», *Paléo*, 10, pp. 319-323.

BAFFIER, D. (2002), "El arte de las culturas epipaleolíticas y posglaciales", *in* GARANGER, J. (ed.), *La Prehistoria en el Mundo. Nueva edición de "La Prehistoria" de André Leroi-Gourhan*, Madrid: Akal Ediciones, pp. 457-463.

BAHN, P. G. (1983), *Pyrenean prehistory: a palaeoeconomic survey of the French sites*, Warminster, Wiltshire: Aris & Phillips.

BAHN, P. G. (1985), "Ice age drawings on open rock faces in the Pyrenees", *Nature*, 313, pp. 530-531.

BAHN, P. G. (1993), "The "dead wood stage" of prehistoric art studies; style is not enough", *in* LORBLANCHET, M. & BAHN, P. G. (eds.), *Rock art studies: the post-stylistic era or where do we go from here? Symposium A of the 2nd AURA Congress, Cairns 1992*, Oxford: Oxbow Books [Oxbow Monograph, 35], pp. 51-59.

BAHN, P. G. (1995a), "Cave art without the caves", *Antiquity*, 69(263), pp. 231-237.

BAHN, P. G. (1995b), "Paleolithic engravings endangered in Côa Valley, Portugal", *La Pintura*, 21(3), pp. 1-3.

BAHN, P. G. (2001), "Palaeolithic open-air art: the impact and implications of a "new phenomenon"", *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 155-160.

BAHN, P. G. (2002), «L'art de plein air dans le monde extra-européen», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 209-215.

BAHN, P. G. & VERTUT, J. (1997), *Journey through the ice age*, Berkeley: University of California.

BAILLS, H. (1997), «La relation sanctuaire-habitat: le cas de la grotte du Portel (Ariège)», *Quaternaire*, 8(2-3), pp. 225-232.

BALBÍN BEHRMANN, R. (1995), «L'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Douro», *Archéologia*, 313, pp. 34-41.

BALBÍN BEHRMANN, R. (2008), "El Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la Península Ibérica", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 19-56.

BALBÍN BEHRMANN, R. (2014a), "Los caminos más antiguos de la imagen: el Sella", *in* BLAS CORTINA, M. Á. D. (ed.), *Expresión simbólica y territorial: los cursos fluviales y el arte paleolítico en Asturias. Un siglo después del reconocimiento científico de la Cueva de la Peña, Candamo*, Oviedo: Real Instituto de Estudios Asturianos, pp. 65-91.

BALBÍN BEHRMANN, R. (2014b), «Chauvet, chronologie et archéologie», *L'Anthropologie*, 118, pp. 159-162.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (1992), «La grotte de Los Casares et l'art paléolithique de la Meseta espagnole», *L'Anthropologie*, 96(2-3), pp. 397-452.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (1994), "Arte paleolítico de la Meseta española", *Complutum*, 5, pp. 97-138.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (1999), «Vie quotidienne et vie religieuse. Les sanctuaires dans l'art paléolithique», *L'Anthropologie*, 103(1), pp. 23-49.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2001), «Siega Verde et l'art paléolithique de plein air: quelques précisions sur son contenu sa chronologie et sa signification», *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. D. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 205-236.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2002), "L'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire ibérique: une vision chronoculturelle d'ensemble", *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 139-157.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2009), «Les colorants de l'art paléolithique dans les grottes et en plein air», *L'Anthropologie*, 113(3-4), pp. 559-601.

BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2013), "Tito Bustillo en fechas", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 2007-2012*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 555-569.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BAQUEDANO, E.; FERNÁNDEZ MORENO, J. J. & ALCARAZ-CASTAÑO, M. (2016), "The plaque of Villalba de Almazán (Soria, Spain) and the palaeolithic art of inner Iberia", *in* GRÖENEN, M. & GRÖENEN, M.-C. (eds.), *Styles, techniques et expression graphique dans l'art sur parois rocheuse (Styles, Techniques and Graphic Expression in Rock Art)*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, S2787], pp. 121-153.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & GONZÁLEZ PEREDA, M. Á. (2005), «La Lloseta: une grotte importante et presque méconnue dans l'ensemble de Ardines, Ribadesella», *L'Anthropologie*, 109(4), pp. 641-701.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; MOURE ROMANILLO, A. & GONZÁLEZ PEREDA, M. Á. (2000), «Le Massif de Ardines (Ribadesella, Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique», *L'Anthropologie*, 104, pp. 383-414.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & SANTONJA GÓMEZ, M. (1995), "El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(3), pp. 73-102.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & SANTONJA GÓMEZ, M. (1996), *Arte rupestre paleolítico al aire libre de la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & SANTONJA GÓMEZ, M. (1994), "Siega Verde y el arte rupestre paleolítico al aire libre", *in 6 Coloquio Hispano-ruso de Historia*, Madrid: Fundación Cultural Banesto, pp. 5-19.

BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; SANTONJA GÓMEZ, M. & PÉREZ MARTÍN, R. (1991), "Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre", *in* SANTONJA GÓMEZ, M. (ed.), *Del Paleolítico a la Historia* Salamanca: Museo de Salamanca, pp. 33-48.

BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (2009), «Altamira, un siècle après: art paléolithique en plein air», *L'Anthropologie*, 113(4), pp. 602-628.

BALBÍN BEHRMANN, R. & GONZÁLEZ SAINZ, C. (1995), «L'ensemble rupestre paléolithique de «La Rotonda», dans la galerie B de la grotte de La Pasiega (Puente Viesgo, Cantabria)», *L'Anthropologie*, 99(2/3), pp. 296-324.

BALBÍN BEHRMANN, R.; GONZÁLEZ SAINZ, C. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2014), «Cueva de la Pasiega (Puente Viesgo, Cantabria)», *in* SALA RAMOS, R. (ed.), *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*, Burgos: Universidad de Burgos, pp. 43-46.

BALBÍN BEHRMANN, R. & MOURE ROMANILLO, A. (1981), "Pinturas y grabados de la cueva de Tito Bustillo (Asturias). Conjuntos II a VII", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 47, pp. 5-43.

BALBÍN BEHRMANN, R. & MOURE ROMANILLO, A. (1982), "El panel principal de la cueva de Tito Bustillo (Ribadesella, Asturias)", *Ars Praehistorica*, I, pp. 47-97.

BALBÍN BEHRMANN, R. & MOURE ROMANILLO, A. (1988), "El arte rupestre en Domingo García (Segovia)", *Revista de Arqueología*, 87, pp. 16-24.

BALDELLOU, V. (1991), "Memoria de las actuaciones de 1988 y 1989 en la zona del río Vero (Huesca)", *Arqueología Aragonesa 1988-1989*, pp. 13-18.

BALDELLOU, V. (1994), "Memoria de la actuación de 1991 en la zona del río Vero (Huesca)", *Arqueología Aragonesa 1991*, pp. 11-14.

BAPTISTA, A. M. (1981), *A rocha F-155 e a origem da arte do vale do Tejo*, Porto: GEAP [Monografias arqueológicas, 1].

BAPTISTA, A. M. (1983-1984), "Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva", *in Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Homenagem a Rui de Serpa Pinto, Porto, 1983-1984*, Porto: FLUP [Portugália, nova série, 4-5], pp. 71-82.

BAPTISTA, A. M. (1983), "O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa — (Vila Nova de Foz Côa)", *Arqueologia*, 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1998), "A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART)", *in* LIMA, A. C. (ed.), *Terras do Côa/ da Malcata ao Reboredo. Os valores do Côa*, [s.l.]: Estrela-Côa — Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp. 196-201.

BAPTISTA, A. M. (1999a), "O ciclo artístico quaternário do Vale do Côa. Com algumas considerações de método sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa", *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 6(2), pp. 197-277.

BAPTISTA, A. M. (1999b), *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M. (2000), "Procés de Foz Côa (Portugal). Història i arqueologia", *Cota Zero*, 16, pp. 96-110.

BAPTISTA, A. M. (2001a), "Ocreza (Envendos, Mação, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre", *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 11, pp. 163-192.

BAPTISTA, A. M. (2001b), "Trabalhos do Centro Nacional de Arte Rupestre", *Al-madan*, IIª série, 10, pp. 201-203.

BAPTISTA, A. M. (2001c), "The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal)", *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 237-252.

BAPTISTA, A. M. (2002), "A arte rupestre e o Parque Arqueológico do Vale do Côa. Um exemplo de estudo e salvaguarda do património rupestre pré-histórico em Portugal", *in XV Congreso de Estudios Vascos: Euskal zientzia eta kultura, eta sare telematikoak*, Donostia: Eusko Ikaskuntza, pp. 61-67.

BAPTISTA, A. M. (2003), "A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa", *Tribuna da Natureza*, 13, pp. 14-20.

BAPTISTA, A. M. (2004), "Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundão)", *Ebvrobriga*, 1, pp. 9-16.

BAPTISTA, A. M. (2008a), "Aspectos da arte magdalenense e tardi-glaciar no Vale do Côa", *in* SANTOS, A. T. & LUÍS, L. (eds.), *Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Porto: ACDR [Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões, 3], pp. 14-31.

BAPTISTA, A. M. (2008b), "Dos principais ciclos rupestres. Balanço breve", *Al-madan*, II série, 16, pp. 128-145.

BAPTISTA, A. M. (2009a), *O paradigma perdido: O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*, Porto/ Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M. (2009b), "O Vale do Côa no contexto da arte paleolítica europeia de ar livre", *in* RIBEIRO, J. P. (ed.), *O Museu do Côa*, Lisboa: IGESPAR; CECL [Cadernos do Côa, 1], pp. 65-76.

BAPTISTA, A. M. (2011), "Do Escoural ao Vale do Côa", *in* SILVA, A. C. (ed.), *Uma gruta Pré-histórica no Alentejo — Escoural*, Évora: DRCALEN, pp. 124-143.

BAPTISTA, A. M. (2012), "El arte Paleolítico en Portugal", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 305-337.

BAPTISTA, A. M.; BALBÍN BEHRMANN, R.; FERNÁNDEZ MORENO, J. J.; SANTOS, A. T.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BURÓN ÁLVAREZ, M.; ESCUDERO, C.; MACARRO, C.; GONZÁLEZ, J.; BENITO, J. P.; SANZ, A. & TABERNERO, C. (2013), "La documentación de grabados paleolíticos al aire libre como apoyo a una gestión compleja: una propuesta de Côa (Portugal) y Siega Verde (Salamanca, España)", *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6, pp. 103-112.

BAPTISTA, A. M. & FERNANDES, A. P. B. (2007), "Rock art and the Côa Valley Archaeological Park: a case study in the preservation of Portugal's prehistoric parietal heritage", *in* PETTITT, P.; BAHN, P. G. & RIPOLL LÓPEZ, S. (eds.), *Palaeolithic cave art at Creswell Crags in European context*, Oxford: Oxford University Press, pp. 263-279.

BAPTISTA, A. M. & GARCÍA DIEZ, M. (2002), «L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal. La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 187-205.

BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1995), "Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 349-422.

BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1997), "Arte rupestre", *in* ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2008a), "Prospecção da arte rupestre no vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 145-192.

BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2008b), "Prospecção da Arte rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro", *in* SANTOS, A. T. & SAMPAIO, J. D. (eds.), *Pré-história — gestos intemporais, Vila Nova de Foz Côa, 20 de Maio de 2006*, ACDR Freixo de Numão [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 01], pp. 62-95.

BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2011), "A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo)", *Côavisão*, 13, pp. 15-20.

BAPTISTA, A. M. & SANTOS, A. T. (2010), "Confronting two sceneries on the same stage: from Gravettian-Solutrean to Magdalenian in Penascosa/Quinta da Barca (Vila Nova de Foz Côa, Portugal)", *in* BETTENCOURT, A. M. S.; SANCHES, M. D. J.; ALVES, L. B. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (eds.), *Conceptualising Space and Place — On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, 2058], pp. 61-69.

BAPTISTA, A. M. & SANTOS, A. T. (2013), *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*, s.l.: EDIA & DRCALEN [Memórias d'Odiana, 1].

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2006), "Da ambiguidade das margens na grande arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário gravetto-solutrense na estação da Penascosa/ Quinta da Barca", *in* COIXÃO, A. D. S. (ed.), *Actas do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa [Côavisão, pp. 156-184.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2008a), "Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa)", *in* SANTOS, A. T. & SAMPAIO, J. D. (eds.), *Pré-história — gestos intemporais, Vila Nova de Foz Côa, 20 de Maio de 2006*, ACDR Freixo de Numão [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 01], pp. 38-61.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2008b), "O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestiário gravettense e/ou gravetto-solutrense", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 89-144.

BARRIÈRE, C. (1976), *L'art pariétal de la grotte de Gargas*, Oxford: British Archaeological Reports [Mémoires de l'Institut d'Art Préhistoriques de Toulouse, 3; BAR Supplementary Series, 14].

BARRIÈRE, C. (1982), *L'art pariétal de Rouffignac*, Paris: Picard; Fondation Singer-Polignac.

BARRIÈRE, C. (1984), «Grotte de Gargas», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 514-522.

BARRIÈRE, C. (1990), *L'art pariétal du Ker de Massat*, Toulouse: Presses Universitaires du Mirail [Mémoires de l'Institut d'Art Préhistorique, 5].

BARRIÈRE, C. (1993), «Les bovinés», in GRAPP (ed.), L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 109-122.

BARRIÈRE, C. (1997), *L'Art pariétal des grottes des Combarelles*, Les Eyzies: Éditions SAMRA [Paléo, hors série].

BARROSO, I. & ROSA, J. L. (1999), *O veado*, Mirandela: João Azevedo Editor [Património natural transmontano, 5].

BASSO, K. H. (1996), "Wisdom sits in places. Notes on a western Apache landscape", *in* FELD, S. & BASSO, K. H. (eds.), *Senses of place*, Santa Fe—New Mexico: School of American Research Press, pp. 53-90.

BAUMEL, J. J., ed. (1993), *Handbook of avian anatomy: Nomina Anatomica Avium*. Cambridge, Massachusetts: Nuttall Ornithological Club [Publications of the Nuttall Ornithological Club, 23].

BEDNARIK, R. G. (1992), "A new method to date petroglyphs", *Archaeometry*, 34(2), pp. 270-291.

BEDNARIK, R. G. (1995a), "The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art", *Antiquity*, 69(266), pp. 877-883.

BEDNARIK, R. G. (1995b), "Gravures rupestres de plein air du Paléolithique européen», *International Newsletter on Rock Art*, 11, pp. 9-11.

BEDNARIK, R. G. (2002), "The dating of rock art: a critique", *Journal of Archaeological Science*, 29, pp. 1213-1233.

BEDNARIK, R. G. (2003), "Questions for Dr. Zilhão", *Rock Art Research*, 20(1), pp. 63-68.

BEDNARIK, R. G. (2004), "New evidence from the Côa valley, Portugal", *Rock Art Research*, 21(2), pp. 137-144.

BEDNARIK, R. G. (2009), "To be or not to be palaeolithic, that is the question", *Rock Art Research*, 26(2), pp. 165-177.

BEDNARIK, R. G. (2014), "Pleistocene Paleoart of Europe", *Arts*, 3, pp. 245-278.

BÉGOUËN, H. (1939), «Les bases magiques de l'art préhistorique», *Scientia*, 4ème série, 33, pp. 202-216.

BÉGOUËN, H. & BREUIL, H. (1958), *Les cavernes du Volp: Trois Frères, Tuc d'Audoubert*, Paris: Arts et Métiers graphiques [Travaux de l'Institut de Paléontologie Humaine, 32].

BÉGOUËN, R. & CLOTTES, J. (1990), «Art mobilier et art pariétal dans les Cavernes du Volp», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987*, 1: L'art mobilier et son contexte, Paris: Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 157-172.

BÉGOUËN, R.; CLOTTES, J.; FERUGLIO, V. & PASTOORS, A. (2014), *La caverne des Trois-Frères. Anthologie d'un exceptionnel sanctuaire préhistorique*, Paris: Somogy éditions d'art; Association Louis Bégouën.

BELTRÁN, A. (1987), "Arte rupestre prehistórico: Crisis de los sistemas tradicionales", *in Arte rupestre en España*, Madrid: Zugarto Ediciones, S. A., pp. 16-18.

BELTRÁN, A. (1989), "Perduración en el arte prehistórico del "estilo paleolítico" durante el Mesolítico y los posibles enlaces el "levantino"", *in Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo [Almansor, 7], pp. 125-166.

BELTRÁN, A. (1990), «Réflexions sur l'art mobilier du Magdalénien final et Azilien, et le supposé hiatus entre l'art paléolithique, l'art mésolithique et l'art pariétal du Levant espagnol», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque*

international. Foix—Le Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987, 1: L'art mobilier et son contexte, Paris: Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 101-103.

BELTRÁN, A. (1993), *Arte prehistórico en Aragón*, Zaragoza: Ibercaja.

BELTRÁN, A. (1995), "Reflexiones sobre el conjunto de grabados rupestres de Foz Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 779-781.

BELTRÁN, A. (1996), "La datación de los grabados de Foz Côa, en Portugal y la importancia del yacimiento: síntesis de una polémica y planteamientos", *in* MACIEL, M. J. (ed.), *Miscellanea em homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 45-54.

BELTRÁN, A. (2002), «Art rupestre dans la grotte Parpalló (Gandía, Valence, Espagne)», *International Newsletter on Rock Art*, 33, pp. 7-11.

BELTRÁN, A. & BALDELLOU, V. (1981), "Avance al estudio de las cuevas pintadas del Barranco de Villacantal", *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 131-140.

BELTRÁN, A. & BARANDIARÁN, I. (1968), *Avance al estudio de las cuevas paleolíticas de La Hoz y Los Casares*, Madrid: Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas [Excavaciones Arqueológicas en España, 64].

BELTRÁN, A.; ROBERT, R. & VÉZIAN, J. (1966), *La cueva de Le Portel*, Zaragoza: Seminario de Prehistoria y Protohistoria. Facultad de Filosofía y Letras [Anejos de Caesaraugusta, 1].

BENZÉCRI, J. P. (1979), «Sur le calcul des taux d'inertie dans l'analyse d'un questionnaire», *Cahiers de l'Analyse des Données*, 4(3), pp. 377-378.

BERGADÀ ZAPATA, M. M. (2009), "Análisis micromorfológico de la secuencia sedimentaria de Cardina I (Salto do Boi, Vila Nova de Foz Côa, Portugal)", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 112-127.

BERGMANN, L. (1996), "Los grabados paleolíticos de la Cueva del Moro (Tarifa, Cádiz): el arte rupestre del Paleolítico más meridional de Europa", *Almoraima*, 16, pp. 9-26.

BERGMANN, L. (2009), "El arte rupestre paleolítico del extremo sur de la Península Ibérica y la problemática de su conservación", *Almoraima*, 39, pp. 45-65.

BERGMANN, L.; GOMAR BAREA, A.; CARRERAS EGAÑA, A. M. & RUIZ TRUJILLO, A. (2006), "Arte sureño: nuevos descubrimientos y situación actual del arte rupestre del extremo sur de la Península Ibérica", *Almoraima*, 33, pp. 117-124.

BESSAC, H. & LAUTIER, J. (1984), «Grotte de La Magdeleine des Albis», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 540-543.

BÉTIRAC, B. (1954), «Les Vénus de La Magdeleine», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 51(3-4), pp. 125-126.

BICHO, N. F.; CARVALHO, A. F. de; GONZÁLEZ SAINZ, C.; SANCHIDRIÁN, J. L.; VILLAVERDE BONILLA, V. & STRAUS, L. G. (2007), "The upper Paleolithic rock art of Iberia", *Journal of Archaeological Method and Theory*, 14(1), pp. 81-151.

BICHO, N. F.; SIMÓN VALLEJO, M. D. & CORTÉS SÁNCHEZ, M. (2012), "A Solutrean zoomorphic engraved *plaquette* from the site of Vale Boi, Portugal", *Quartär*, 59, pp. 153-164.

BINFORD, L. & BINFORD, S. (1966), "A preliminary analysis of functional variability in the Mousterian of Levallois facies", *American Anthropologist*, 68(2), 238-295.

BINFORD, L. (1991 [1983]), *Em busca do passado*, Lisboa: Publicações Europa-América.

BOURDIER, C. (2008), «La frise sculpté de l'abri Reverdit (Sergeac, Dordogne): première approche analytique des oeuvres», *Paléo*, 20, pp. 23-46.

BOURDIER, C. (2010), *Paléogéographie symbolique au Magdalénien moyen. Apport de l'étude des productions graphiques pariétales des abris occupés et sculptés de l'Ouest français. (Roc-aux-Sorciers, Chaire-à-Calvin, Reverdit, Cap-Blanc)*Université Bordeaux I (Tese de Doutoramento, policopiada).

BOURDIER, C. (2011), "Spécificités et parenté du dispositif pariétal de l'abri Reverdit (Sergeac, Dordogne): l'apport de l'étude des blocs ornés de la collection Delage", *Paléo*, 22, pp. 53-68.

BOURDIER, C.; ABGRALL, A.; HUARD, O.; LE BRUN, É.; PEYROUX, M. & PINÇON, G. (2009-2010), «Histoires des bisons et de chevaux: regard sur l'évolution de la frise pariétale de Cap-Blanc (Marquay, Dordogne) à travers l'analyse du panneau de l'alcôve», *Paléo*, 21, pp. 17-38.

BOURDIEU, P. (2002 [2000]), *Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras: Celta Editora.

BOURRILON, R. (2009), «Les représentations féminines dans l'Europe du Paléolithique supérieur: une vision diachronique»,

Préhistoire, Art et Sociétés, 64, pp. 105-115.

BRADLEY, R. (1997), *Rock art and the prehistory of Atlantic Europe*, London and New York: Routledge.

BRANDL, E. J. (1988 [1973]), *Australian aboriginal paintings in Western and Central Arnhem Land: Temporal sequences and elements of style in Cadell River and Deaf Adder Creek art*, Canberra: Aboriginal Studies Press.

BRAZ, A. F. & GASPAR, R. (2003), "Intervenção de emergência no vale da Ribeira das Chitas. O caso de dois abrigos com Pré-história antiga", *Al-madan*, IIª série, 12, pp. 186.

BREUIL, H. (1906), «L'évolution de la peinture et de la gravure sur murailles dans les cavernes ornées de l'âge du renne», *in Congrès préhistorique de France. Session de Périgueux, 1905*, Le Mans: Imprimerie de Monnoyer, pp. 107-111.

BREUIL, H. (1917), «La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)», *Terra Portuguesa*, 3(13-14), pp. 17-27.

BREUIL, H. (1935), «L'évolution de l'art pariétal dans les cavernes et abris ornés de France», *in Congrès préhistorique de France. Compte rendu de la XIe Session. Périgueux 1934*, 2, Paris: Bureaux de la Société préhistorique française, pp. 102-118.

BREUIL, H. (1985 [1952]), *Quatre cents siècles d'art pariétal*, Paris: Editions Max Fourny Art et industrie.

BREUIL, H. & BURKITT, M. C. (1929), *Rock paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age art group*, Oxford: Clarendon Press.

BREUIL, H. & CABRÉ AGUILÓ, J. (1909), «Les peintures rupestres du bassin inférieur de l'Èbre», *L'Anthropologie*, 20, pp. 1-21.

BREUIL, H. & CHEYNIER, A. (1958), «Les fouilles de Breuil et Cartailhac dans la grotte de Gargas en 1911 et 1913», *Bulletin de la Société d'Histoire Naturelle de Toulouse*, 93(3-4), pp. 341-382.

BREUIL, H. & OBERMAIER, H. (1935), *La cueva de Altamira en Santillana del Mar*, Madrid: Junta de las Cuevas de Altamira; The Hispanic Society of America; Academia de la Historia.

BREUIL, H.; OBERMAIER, H. & ALCALDE DEL RIO, H. (1913), *La Pasiega a Puente Viesgo (Santander). (Espagne)*, Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne [Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 4].

BREUIL, H.; OBERMAIER, H. & VERNER, W. (1915), *La Pileta à Benaoján (Malaga) (Espagne)*, Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne [Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 5].

BRONK RAMSEY, C. (2009), "Bayesian analysis of radiocarbon dates", *Radiocarbon*, 51(1), pp. 337-360.

BRONK RAMSEY, C. & LEE, S. (2013), "Recent and planned development of the program Oxcal", *Radiocarbon*, 55(2-3), pp. 720-730.

BRUUN, B.; DELIN, H. & SVENSSON, L. (2002), *Aves de Portugal e da Europa*, [S.l]: Fapas.

BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. & ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2007), «Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen», *L'Anthropologie*, 111, pp. 549-589.

BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. & BARROSO BERMEJO, R. (2016), "Graphic Holocene expressions on the Atlantic Europe. Portugal", *in* SOARES, J. (ed.), *Social complexity in a long term perspective*, Setúbal: UISPP; MAEDS, AMRS [Setúbal Arqueológica, 16], pp. 41-64.

BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; CARRERA RAMÍREZ, F.; ALFONSO CARBALLO, J.; ALONSO VASCO, J.; BARBADO CARRERAS, J. J.; BERZAS BRAVO, G.; MARTÍN EXPÓSITO, M. Á. & SALGADO CILLEROS, P. (2010), "Secuencias gráficas Paleolítico-Postpaleolítico en la Sierra de San Pedro. Tajo Internacional. Cáceres", *Trabajos de Prehistoria*, 67(1), pp. 197-209.

CABRAL, J. M. P. (1995), "Sobre a polémica da datação das gravuras rupestres do Vale do Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 723-725.

CABRÉ AGUILÓ, J. (1934), "Las cuevas de Los Casares y de La Hoz", *Archivo de Español de Arte y Arqueología*, 30, pp. 225-254.

CACHO QUESADA, C., coord. (2013), *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC.

CACHO QUESADA, C.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & RIPOLL LÓPEZ, S. (2001), "El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela (Estebanvela—Ayllón, Segovia)", *Bolskan*, 18, pp. 225-232.

CACHO QUESADA, C.; RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (2001), «L'art mobilier d'Estebanvela», *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 175-182.

CACHO QUESADA, C.; RIPOLL LÓPEZ, S. & MUÑOZ IBÁÑEZ, F., eds. (2006), *La Peña de Estebanvela (Estebanvela-Ayllón, Segovia). Grupos Magdalenienses en el Sur del Duero*. [s.l.]: Junta de Castilla y León [Memorias, 17].

CAEAP (1980-1981), "Nuevos hallazgos de arte rupestre en Santander", *Memorias de la ACDPS,* pp. 36-44.

CALVO TRIAS, M. (2009), "Análisis funcional de algunas piezas líticas de las ocupaciones del Gravetiense Final de Cardina I", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 223-256.

CAMPOS, B. (1996) "Do it nice or give you the truth?" *Tracce Online Rock Art Bulletin*, 5.

CANTALEJO DUARTE, P. (1983), "La cueva de Malalmuerzo (Moclín, Granada): nueva estación con arte rupestre paleolítico en el área mediterránea", *Antropología y Paleoecología Humana*, 3, pp. 59-99.

CANTALEJO DUARTE, P. & ESPEJO HERRERÍAS, M. D. M. (1997), "Arte rupestre paleolítico del Sur peninsular. Consideraciones sobre los ciclos artísticos de los grandes santuarios y sus territorios de influencia", *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, 1, pp. 77-96.

CANTALEJO DUARTE, P.; MAURA MIJARES, R.; ESPEJO HERRERÍAS, M. D. M.; RAMOS MUÑOZ, J.; MEDIANERO SOTO, J.; ARANDA CRUCES, A. & DURÁN VALSERO, J. J. (2006), *La cueva de Ardales. Arte prehistórico y ocupación en el Paleolítico superior. Estudios. 1985-2005*, Málaga: Servicio de Publicaciones (Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga).

CAPITAN, L. & BREUIL, H. (1901a), «Une nouvelle grotte avec parois gravées à l'époque paléolithique», *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*, 133, pp. 478-480.

CAPITAN, L. & BREUIL, H. (1901b), «Une nouvelle grotte avec figures peintes sur les parois à l'époque paléolithique», *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*, 133, pp. 493-495.

CAPITAN, L. & BREUIL, H. (1901c), «Reproductions de dessins paléolithiques gravés sur les parois de la grotte des Combarelles», *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*, 133, pp. 1038-1043.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & AMPOULANGE, M. (1904a), «Une nouvelle grotte préhistorique a parois gravées: la grotte de La Grèze (Dordogne)», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 48(5), pp. 487-495.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & AMPOULANGE, M. (1904b), «Une nouvelle grotte préhistorique a parois gravées», *Revue de l'École d'Anthropologie*, 14, pp. 320-325.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1902-1903), «Une nouvelle grotte à parois gravées à l'époque paléolithique», *in Association Française pour l'avancement des sciences: Conférences de Paris. Compte-rendu de la 31e session*, Paris: Association Française pour l'avancement des sciences, pp. 270-271.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1903), «Une nouvelle grotte a parois gravées a l'époque préhistorique: La grotte de Teyjat (Dordogne)», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 47(5), pp. 407-412.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1904), «Une nouvelle grotte a parois gravées. La Calévie (Dordogne)», *Revue de l'École d'Anthropologie*, 14, pp. 379-381.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1910), *La caverne de Font-de-Gaume aux Eyzies (Dordogne)*, Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne [Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 2].

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1914), «La Croze à Gontran (Tayac), grotte à dessins aurignaciens», *Revue Anthropologique*, 24, pp. 277-280.

CAPITAN, L.; BREUIL, H. & PEYRONY, D. (1915), «Nouvelles grottes ornées de la vallée de la Beune», *L'Anthropologie*, 26, pp. 505-518.

CAPITAN, L.; BREUIL, H.; PEYRONY, D. & BOURRINET, P. (1912), «Les gravures sur cascade stalagmitique de la grotte de la Mairie à Teyjat (Dordogne)», *in Congrès International d'Anthropologie préhistorique. Compte Rendu de la XIVème session*, Genève, pp. 498-513.

CAPITAN, L. & PEYRONY, D. (1921a), «Nouvelles fouilles à La Ferrassie (Dordogne)», *in Association Française pour l'avancement des sciences. Congrès. Compte-rendu de la 44e session, Strasbourg 1920*, Paris: Association Française pour l'avancement des sciences, pp. 540-542.

CAPITAN, L. & PEYRONY, D. (1921b), «Les origines de l'art à l'aurignacien moyen. Nouvelles découvertes à la Ferrassie», *Revue Anthropologiques*, 31, pp. 92-112.

CAPITAN, L. & PEYRONY, D. (1925), «Les reliefs solutréens du Fourneau du Diable, commune de Bourdeilles (Dordogne)», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 69(1), pp. 43-52.

CARDOSO, J. L. & GOMES, M. V. (1994), "Zagaias do Paleolítico superior de Portugal", *Portvgalia*, Nova série, 15, pp. 7-31.

CARTAILHAC, É. (1880), *Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistoriques. Rapport sur la session de Lisbonne*, Paris: Eugène Boban.

CARTAILHAC, É. (1902), «Les cavernes ornées de dessins. La grotte d'Altamira, Espagne. «*Mea culpa*» d'un sceptique», *L'Anthropologie*, 13, pp. 348-353.

CARTAILHAC, É. (1906), «Le salon noir préhistorique de l'Ariège», *L'Anthropologie*, 17, pp. 622-624.

CARTAILHAC, É. (1908), «Caverne avec peintures, Le Portel, à Loubens (Ariège)», *L'Anthropologie*, 19, pp. 112-113.

CARTAILHAC, É. & BREUIL, H. (1906), *La caverne d'Altamira à Santillana prés Santander (Espagne)*, Monaco: Imprimerie Vve A. Chêne [Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 1].

CARVALHO, A. M. F. de; ZILHÃO, J. & AUBRY, T. (1996), *Vale do Côa. Arte rupestre e Pré-história*, Lisboa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

CARVALHO, A. M. G. de (1995), "Parecer 1", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 24.

CARVALHO, M. (1994), "Barragem de Foz Côa ameaça achado arqueológico", *Público*, 21/11/1994, pp. 24.

CASADO LÓPEZ, M. P. (1977), *Los signos en el arte paleolítico de la Península Ibérica*, Zaragoza: Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Facultad de Filosofía y Letras [Monografías arqueológicas, 20].

CHAUVIÈRE, F. X.; TYMULA, S.; CALAME, A. & DECHANEZ, I. (2009), «Conservation et évolution des surfaces rocheuses gravées et piquetées de la Vallée du Côa: les données du projet «Quinta da Barca Sul"", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 443-477.

CHIPPINDALE, C. & TAÇON, P. (1993), "Two old painted panels from Kakadu: Variation and sequence in Arnhem Land rock art", *in* STEINBRING, J.; WATCHMAN, A.; FAULSTICH, P. & TAÇON, P. (eds.), *Time and Space: Dating and Spatial Considerations in Rock Art Research*, Melbourne: Australian Rock Art Research Association [Occasional AURA Publication, 8], pp. 32-56.

CHIPPINDALE, C.; SMITH, B. & TAÇON, P. (2000), "Visions of dynamic power: Archaic rock paintings, altered states of consciousness and "clever men" in Western Arnhem Land (NT), Australia", *Cambridge Archaeological Journal*, 10(1), pp. 63-101.

CHIRON, M. (1889), «La grotte Chabot, commune d'Aiguèze (Gard)», *Bulletin de la Société d'Anthropologie et de Biologie de Lyon*, 8, pp. 96-97.

CID, P. S. (1999), *Hipologia — O exterior do cavalo*, Alpiarça: Garrido artes gráficas.

CID, P. S. (2001), *O exterior dos bovinos das raças autóctones*, Alpiarça: Garrido Editores.

CLARK JR, G. A. (1993a), "Integumentum commune", *in* BAUMEL, J. J. (ed.), *Handbook of avian anatomy: Nomina Anatomica Avium*, Cambridge, Massachusetts: Nuttall Ornithological Club [Publications of the Nuttall Ornithological Club, 23], pp. 17-44.

CLARK JR, G. A. (1993b), "Anatomia topographica externa", *in* BAUMEL, J. J. (ed.), *Handbook of avian anatomy: Nomina Anatomica Avium*, Cambridge, Massachusetts: Nuttall Ornithological Club [Publications of the Nuttall Ornithological Club, 23], pp. 7-16.

CLOT, A. (1984), «Grotte de Tibiran», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 536-539.

CLOTTES, J. (1989), "L'art pariétal du Magdalénien récent», *in Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo [Almansor, 7], pp. 37-94.

CLOTTES, J. (1993), "Post-stylistic?", *in* LORBLANCHET, M. & BAHN, P. G. (eds.), *Rock art studies: the post-stylistic era or where do we go from here? Symposium A of the 2nd AURA Congress, Cairns 1992*, Oxford: Oxbow Books [Oxbow Monograph, 35], pp. 19-25.

CLOTTES, J. (1995), «Changements thématiques dans l'art du Paléolithique supérieur», *Préhistoire Ariégeoise*, 50, pp. 13-34.

CLOTTES, J. (1995), «Les gravures paléolithiques de Foz Côa (Portugal)», *International Newsletter on Rock Art*, 10, pp. 2-3.

CLOTTES, J. (1995), *Les cavernes de Niaux: Art préhistorique en Ariège* Paris: Seuil.

CLOTTES, J. (1998), "The "Three Cs": fresh avenues towards European Palaeolithic art", *in* CHIPPINDALE, C. & TAÇON, P. (eds.), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 112-129.

CLOTTES, J. (2001), *La grotte Chauvet. L'art des origines*, Paris: Seuil.

CLOTTES, J. (2012), "El arte paleolítico, fenómeno universal", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 107-125.

CLOTTES, J.; COURTIN, J. & VANRELL, L. (2005), *Cosquer redécouvert*, Paris: Seuil.

CLOTTES, J. & LEWIS-WILLIAMS, D. (2001), *Les chamanes de la préhistoire. Texte intégral, polémique et réponses*, Paris:

La maison des roches.

CLOTTES, J.; LORBLANCHET, M. & BELTRÁN, A. (1995), «Les gravures de Foz Côa sont-elles ou non Holocènes?», *International Newsletter on Rock Art*, 12, pp. 19-21.

CLOTTES, J.; VALLADAS, H.; CACHIER, H. & ARNOLD, M. (1992), «Des dates pour Niaux et Gargas», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 89(9), pp. 270-274.

COLLADO GIRALDO, H. (2006), *Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: el conjunto de grabados del Molino Manzánez (Alconchel—Cheles)*, Beja: EDIA [Memórias d'Odiana—Estudos arqueológicos do Alqueva, 4].

COMBIER, J. (1984a), «Grotte d'Oulen», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 327-332.

COMBIER, J. (1984b), «Grotte Chabot», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 317-322.

COMBIER, J. (1984c), «Grotte du Figuier», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 600-604.

COMBIER, J. (1984d), «Grotte de la Tête-du-Lion», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 595-599.

COMBIER, J. (1984e), «Grotte du Colombier», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 617-620.

COMBIER, J. (2002), «Témoins artistiques à Solutré», *in* COMBIER, J. & MONTET-WHITE, A. (eds.), *Solutré 1968-1998*, Paris: Société Préhistorique Française [Mémoire, 30], pp. 253-263.

COMBIER, J. & JOUVE, G. (2012), "Chauvet cave's art is not Aurignacian: a new examination of the archaeological evidence and dating procedures", *Quartär*, 59, pp. 131-152.

COMBIER, J. & JOUVE, G. (2014), «Nouvelles recherches sur l'identité culturelle et stylistique se la Grotte Chauvet et sur sa datation par la méthode du ^{14}C», *L'Anthropologie*, 118, pp. 115-151.

COMBIER, J.; PORTE, J.-L.; AYROLES, P. & GÉLY, B. (1984), «Abri du Colombier», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 621-625.

CONKEY, M. W. (1980), "The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altamira", *Current Anthropology*, 21(5), pp. 609-630.

CONKEY, M. W. (2001a), "Hunting for images, gathering up meanings: art for life in hunting-gathering societies", *in* PANTER-BRICK, C.; LAYTON, R. & ROWLEY-CONWY, P. (eds.), *Hunter-gatherers. An interdisciplinary perspective*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 267-291.

CONKEY, M. W. (2001b), "Structural and semiotic approaches", *in* WHITLEY, D. S. (ed.), *Handbook of rock art research*, Walnut Creek: Altamira Press, pp. 273-310.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. (2003), "El grabado parietal paleolítico en la Meseta Norte española. Consideraciones metodológicas y de cronología", *in* GONZÁLEZ PÉREZ, J. R. (ed.), *I Congrés Internacional de gravats rupestres i murals. Homenatge a Lluís Díez-Coronel (Lleida, 23-27 de novembre de 1992)*, Lleida: Institut d'Estudis Llerdencs, pp. 107-125.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. (2004), "El arte mueble paleolítico en la cornisa cantábrica y su prolongación en el Epipaleolítico", *in* FANO MARTÍNEZ, M. Á. (ed.), *Las sociedades del Paleolítico en la región cantábrica*, Bilbao: Bizkaiko Foru Alundia — Diputación Foral de Bizkaia [Kobie (Serie Anejos), 8], pp. 425-474.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. (2006a), "Reflexiones sobre el arte paleolítico interior: la Meseta española y sus relaciones con Portugal", *Zephyrus*, 59, pp. 111-134.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. (2006b), "Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del arte paleolítico en la Meseta", *in* DELIBES DE CASTRO, G. & DÍEZ MARTÍN, F. (eds.), *El Paleolítico superior en la Meseta Norte Española*, Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria [Studia Archaeologica, 94], pp. 75-111.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. (2008), "El Solutrense y el arte rupestre en Portugal. Reflexiones acerca de la obra de O. Veiga Ferreira y su proyección actual", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, pp. 183-234.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S., coord. (1997), *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 3].

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; GÁRATE MAIDAGÁN, D.; GONZÁLEZ AGUILERA, D.; MUÑOZ NIETO, A. L.; GÓMEZ LAHOZ, J. & SABAS HERRERO, J. (2011), «Nouveaux regards sur la Grotte de La Peña (San Román de Candamo, Asturies, Espagne)», *L'Anthropologie*, 115, pp. 384-424.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; GÁRATE MAIDAGÁN, D.; HERNANDO ÁLVAREZ, C.; ORTEGA MARTÍNEZ, P. & RIVERO VILÁ, O. (2014), «Vers un modèle décoratif pour la grotte de la Peña de Candamo (Asturies, nord de l'Espagne) à la lumière de nouvelle découvertes», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art pléistocène dans le monde/ Pleistocene art of the world/ Arte pleistoceno en el mundo. Actes du Congrès IFRAO, Tarascon-sur-Ariège, septembre 2010 — Symposium "Art pléistocène en Europe"*, Tarascon: Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées [Préhistoire, art et sociétés, 65-66], pp. 123-143.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; HERNANDO ÁLVAREZ, C.; RIVERO VILÁ, O.; GÁRATE MAIDAGÁN, D. & ORTEGA, P. (2012a), "La cueva de La Griega (Pedraza, Segovia, España) en la encrucijada ibérica: nuevos análisis del arte parietal paleolítico a través del análisis factorial de correspondencias", *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie I, Nueva época, 5, pp. 527-542.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; LUCAS PELLICER, M. R.; GONZÁLEZ-TABLAS, F. J. & BÉCARES PÉREZ, J. (1988-1989), "El arte rupestre prehistórico en la región castellano-leonesa (España)", *Zephyrus*, 41-42, pp. 7-18.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; ORTEGA, P.; GONZÁLEZ AGUILERA, D.; MUÑOZ NIETO, A. L.; RODRÍGUEZ, P.; GÁRATE MAIDAGÁN, D. & RIVERO VILÁ, O. (2012b), "Nuevas investigaciones en la cueva de La Griega (Pedraza, Segovia, España). Aportaciones de las geotecnologías al estudio del arte paleolítico", *Espacio, Tiempo y Forma*, Nueva época, 5, pp. 543-556.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; VALLADAS, H.; BÉCARES PÉREZ, J.; ARNOLD, M.; TISNÉRAT-LABORDE, N. & CACHIER, H. (1996), "Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España)", *Zephyrus*, 49, pp. 37-60.

CORTES, R. M. V. (1995), "Parecer 3", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 25.

CORTEZ, J. A. S.; MADUREIRA, C. M. N.; LEITE, M. R. M.; CAVALHEIRO, A. A. T.; PEREIRA, E. de S.; SILVA, J. A. C. da R. e; MIRANDA, H. S. B.; FIÚZA, A. M. A.; CARVALHO, J. M. S. S. de; LEITE, A. J. M.; CARVALHO, J. M. C. M. de; GÓIS, J. E. S.; SILVA, A. M. F. da & VILA, M. C. D. C. (1995), "Parecer 2", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 24.

CRÉMADÈS, M. (1993), «Les oiseaux», in GRAPP (ed.), L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 173-180.

CUNHA, P. P. & MARTINS, A. A. (2000), "Transição do enchimento terciário para o encaixe fluvial quaternário na área de Vila Velha de Rodão (sector NE da Bacia do Tejo)", *Ciências da Terra*, 14, pp. 171-182.

CUNHAL, Á. (1997), *A arte, o artista e a sociedade*, Lisboa: Caminho.

D'ERRICO, F. (1994), *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*, Paris: Éditions du CNRS [Gallia préhistoire, XXX^{e} supplément].

D'ERRICO, F.; SACCHI, D. & VANHAEREN (2002), «L'analyse technique de l'art gravé de Fornols-Haut, Campôme, France. Implications dans la datation des représentations de style paléolithique des sites de plein air», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 75-86.

DALEAU, F. (1896), «Les gravures sur rocher de la caverne de Pair-non-Pair», *Actes de la Société archéologique de Bordeaux*, 21(3-4), pp. 235-250.

DAVID, B. (2002), *Landscape, rock art and the Dreaming*, London and New York: Leicester University Press.

DAVID, P. (1928), «Sculpture attribuable à l'Aurignacien. Représentation de deux chevaux abri sous roche de la Chaire à Calvin. Commune de Mouthiers (Charente)», *Bulletin et mémoires de la Société archéologique et historique de la Charente*, pp. 97-100.

DELAGE, F. (1935), «Les roches de Sergeac (Dordogne)», *L'Anthropologie*, 45, pp. 281-317.

DELGADO, J. F. N., ed. (1884), *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne. 1880*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1974), «La grotte ornée de Villars (Dordogne)», *Gallia préhistoire*, 17(1), pp. 1-67.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1978), «Les manifestations graphiques aurignaciennes sur support rocheux des environs des Eyzies (Dordogne)», *Gallia préhistoire*, 21(1), pp. 213-332.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1979), «La grotte ornée des Bernous à Bourdeilles (Dordogne)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76(2), pp. 39-45.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1984), «Grotte de Comarque», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 119-122.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1984b), «Grotte de Villars», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 248-251.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1986), «La grotte ornée de la Sudrie à Villac», *Bulletin de la Société Historique et Archéologique du Périgord*, 113, pp. 271-282.

DELLUC, B. & DELLUC, G. (1991), *L'art pariétal archaïque en Aquitaine*, Paris: CNRS [Supplément à Gallia Préhistoire, 28].

DELLUC, B. & DELLUC, G. (2003), «L'art pariétal archaïque du sud-ouest de la France à la lumière des découvertes récentes», *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 23-39.

DELLUC, B.; DELLUC, G.; CHALINE, J.; EVIN, J.; GALINAT, B.; LEROI-GOURHAN, A.; MOURER-CHAUVIRÉ, C.; POULAIN, T. & SCHWEINGRUBER, F. (1981), «La grotte ornée de Comarque à Sireuil (Dordogne)», *Gallia préhistoire*, 24(1), pp. 1-97.

DELPORTE, H. (1984), «Abri du Roc-de-Sers», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 578-582.

DESCOLA, P. (2005), *Par-delà nature et culture*, Paris: Gallimard [Collection Folio Essais, 607].

DESCOLA, P. (2010a), «Manières de voir, manières de figurer», *in* DESCOLA, P. (ed.), *La Fabrique des images. Visions du monde et formes de la représentation*, Paris: musée du Quai Branly; Somogy éditions d'art, pp. 11-18.

DESCOLA, P. (2010b), «Um monde animé», *in* DESCOLA, P. (ed.), *La Fabrique des images. Visions du monde et formes de la représentation*, Paris: musée du Quai Branly; Somogy éditions d'art, pp. 23-38.

DESCOLA, P. (2010c), «Un monde subdivisé», *in* DESCOLA, P. (ed.), *La Fabrique des images. Visions du monde et formes de la représentation*, Paris: musée du Quai Branly; Somogy éditions d'art, pp. 127-136.

DESCOLA, P., ed. (2010), *La Fabrique des images. Visions du monde et formes de la représentation*. Paris: musée du Quai Branly; Somogy éditions d'art.

DÍAZ-GUARDAMINO, M.; GARCÍA SANJUAN, L.; WHEATLEY, D. & RODRÍGUEZ ZAMORA, V. (2015), "RTI and the study of engraved rock art: A re-examination of the Iberian south-western stelae of Setefilla and Almadén de la Plata 2 (Seville, Spain)", *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, 2(2-3), pp. 41-54.

DJINDJIAN, F. (2013), «L'apport des données de l'art solutréen dans les problématiques de circulations des chasseurs cueilleurs au maximum glaciaire en Europe Occidental», *in* SERAP (ed.), *Le Solutréen 40 ans après Smith'66 (Actes du Colloque, Preuilly-sur-Claise, 21 octobre-1 novembre 2007)*, Tours: ARCHEA; FERACF [Supplément à la Revue Archéologique du Centre de la France, 47], pp. 275-296.

DJINDJIAN, F. (2014), «Commentaire de l'article de Jean Combier et Guy Jouve: nouvelles recherches sur l'identité culturelle et stylistique de la grotte Chauvet et sur sa datation para la méthode du ^{14}C», *L'Anthropologie*, 118, pp. 190-193.

DOMINGO SANZ, I. & FIORE, D. (2014), "Style: its role in the Archaeology of Art", *in* SMITH, C.; MCDONALD, J.; DOMINGO SANZ, I. & FIORE, D. (eds.), *Encyclopedia of Global Archaeology*, 10, [s.l.]: Springer, pp. 7104-7111.

DORN, R. I. (1997), "Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engravings with radiocarbon dating", *Antiquity*, 71(271), pp. 105-115.

DRENNAN, R. D. (2009), *Statistics for archaeologists. A common sense approach*, Dordrecht; Heidelberg; London; New York: Springer.

EGO, R. (2000), *San. Art rupestre d'Afrique Australe*, Paris: Société nouvelle Adam Biro.

ELKIN, A. (1933), "Studies in Australian totemism. The nature of Australian totemism", *Oceania*, 4(2), pp. 113-131.

ELKIN, A. (1945), Aboriginal men of high degree, Sydney: Australasian Publishing.

FABIÁN GARCÍA, J. F. (1986), "La industria lítica del yacimiento de "La Dehesa" en el Tejado de Bejar (Salamanca). Una industria de tipología magdaleniense en la Meseta", *Nvmantia*, 2, pp. 101-141.

FÁBREGAS VALCARCE, R.; LOMBERA HERMIDA, A.; VIÑAS I VALLVERDU, R.; RODRÍGUEZ-ALVARÉZ, X. P. & FIGUEIREDO, S. C. S. de (2015), "Throwing light on the hidden corners. New data on Palaeolithic art from NW Iberia", *in* BUENO RAMÍREZ, P. & BAHN, P. G. (eds.), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford: Archaeopress Archaeology, pp. 171-180.

FEIO, M.; MARTINS, A. & DAVEAU, S. (2004), "O Alto Alentejo e a Beira Baixa ", *in* FEIO, M. & DAVEAU, S. (eds.), *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*, Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos [Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, 2], pp. 33-47.

FERNANDES, A. P. B. (2003), "O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6(2), pp. 5-47.

FERNANDES, A. P. B. (2004a), "Visitor management and the preservation of rock art. Two case studies of open air rock art sites in north eastern Portugal: Côa Valley and Mazouco", *Conservation and management of archaeological sites*, 6(2), pp. 95-111.

FERNANDES, A. P. B. (2004b), "O programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Filosofia, objectivos

e acções concretas", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1), pp. 5-37.

FERNANDES, A. P. B. (2006), "Understanding an unique conservation work environment: the case of the Côa valley rock art outcrops", *in* RODRIGUES, J. D. & MIMOSO, J. M. (eds.), *Theory and Practice in Conservation: a tribute to Cesare Brandi (Proceedings of the International Seminar)*, Lisboa: LNEC, pp. 323-332.

FERNANDES, A. P. B. (2007), "The conservation programme of the Côa Valley Archaeological Park: Philosophy, objectives and actions", *Conservation and management of archaeological sites*, 9(2), pp. 71-96.

FERNANDES, A. P. B. (2008a), "Aesthetics, ethics and rock art conservation: haw far can we go? The case of recent conservation tests carried out in un-engraved outcrops in the Côa valley, Portugal", *in* HEYD, T. & CLEGG, J. (eds.), *Aesthetics and Rock Art. III Symposium*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, 1818], pp. 85-92.

FERNANDES, A. P. B. (2008b), "O papel da classificação na inventariação e salvaguarda da arte rupestre e demais sítios arqueológicos do Vale do Côa", *in* RODRIGUES, M. A. & DORDIO, P. (eds.), *Investigar e valorizar o Património. Estudos judaicos. Sítios arqueológicos e visitantes*, Porto: ACDR [Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões, 2], pp. 72-77.

FERNANDES, A. P. B. (2008c), "Limites de intervenção na conservação de superfícies de arte rupestre. O caso específico dos afloramentos gravados do Vale do Côa", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 437-458.

FERNANDES, A. P. B. (2012a), *Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation*, Bournemouth: Bournemouth University (Tese de doutoramento, policopiada).

FERNANDES, A. P. B. (2012b), "Orientação da arte rupestre do vale do Côa: um caso de estudo na distribuição espacial da arte paleolítica ao ar livre", *in* SANCHES, M. D. J. (ed.), *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 261-271.

FERNANDES, A. P. B. (2014), "Uma escala de urgência de intervenção conservativa para os afloramentos de arte rupestre do Vale do Côa", *in Anuário do Património 2014*, Lisboa: Canto Redondo Editora, pp. 187-191.

FERNANDES, A. P. B. & JARDIM, R., eds. (2008), *A arte da conservação. Técnicas e métodos de conservação em arte rupestre, Vila Nova de Foz Côa, 18 de Maio de 2006*. Porto: ACDR Freixo de Numão [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 02].

FERNANDES, A. P. B.; RICO, M. T. & HUANG, J. K. H. (2006), "Métodos de mapeamento das dinâmicas erosivas em acção nos painéis de arte rupestre do Vale do Côa", *Côavisão*, 8, pp. 50-59.

FERNANDES, A. P. B. & RODRIGUES, J. D. (2008), "Stone consolidation experiments in rock art outcrops at the Côa Valley Archaeological Park, Portugal", *in* RODRIGUES, J. D. & MIMOSO, J. M. (eds.), *Stone consolidation in cultural heritage: research and practice*, Lisboa: LNEC, pp. 111-120.

FERNÁNDEZ ACEBO, V. (2010), "La Clotilde o La Lora", *in* MALPELO GARCÍA, B. & CASTANEDO TAPIA, I. (eds.), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 133-140.

FERNÁNDEZ DE LA VEGA, J. & RASILLA VIVES, M. de la (2012), "El Solutrense del abrigo de La Viña (Asturias, España). Cualidades generales e industria lítica del nivel VI del sector occidental", *Espacio, Tiempo y Forma*, Nova serie, 5, pp. 383-398.

FERNÁNDEZ REY, A.; ARBIZU, M. & ARSUAGA, J. L. (2005), "Grafismo rupestre paleolítico de la cueva del Conde (Tuñón, Santo Adriano, Asturias)", *Zephyrus*, 58, pp. 67-88.

FERREIRA, A. D. B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4].

FÉRUGLIO, V. (1993), «La gravure», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 265-280.

FICAT & IFM (1998), *Terminologia Anatomica*, Stuttgart: Georg Thieme Verlag.

FIGUEIREDO, M. O. (1995), "Considerações sobre a preservação das gravuras rupestres do Côa", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 23.

FIGUEIREDO, S. C. S. de (2013), *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*, Braga: Universidade do Minho policopiada).

FIGUEIREDO, S. C. S. de (2014), "O concelho de Mogadouro e a revelação de 20 000 anos de arte rupestre", *in I Encontro de Arqueologia de Mogadouro. Mogadouro, Abril de 2013. Actas*, Mogadouro: Município de Mogadouro, pp. 9-31.

FIGUEIREDO, S. C. S. de; NOBRE, L.; CRISTO ROPERO, A.; XAVIER, P.; GASPAR, R. & CARRONDO, J. (2014),

"Reassembly methodology in Palaeolithic engraved plaques from Foz do Medal terrace (Trás-os-Montes, Portugal)", *in* MEDINA ALCAIDE, M. Á.; ROMERO ALONSO, A.; RUIZ-MÁRQUEZ, R. M. & SANCHIDRIÁN, J. L. (eds.), *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, Córdoba: Universidad de Córdoba y Fundación Cueva de Nerja, pp. 428-439.

FIGUEIREDO, S. C. S. de; NOBRE, L.; GASPAR, R.; CARRONDO, J.; CRISTO ROPERO, A.; FERREIRA, J.; SILVA, M. J. da & MOLINA, F. J. (2014), "Foz do Medal terrace — an open-air settlement with paleolithic portable art", *International Newsletter on Rock Art*, 68, pp. 12-19.

FIGUEIREDO, S. C. S. de; NOBRE, L.; XAVIER, P.; GASPAR, R. & CARRONDO, J. (2016), "First approach to the chronological sequence of the engraved plaques of the Foz do Medal alluvial terrace in Trás-os-Montes, Portugal", *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*, 4 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 64-77.

FIGUEIREDO, S. C. S. de; XAVIER, P. & NOBRE, Luís (2015), "Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a técnicas e estilos", *in* COLLADO GIRALDO, H. & GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.), *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015)*, Tomar: Instituto Terra e Memória [Arkeos, 37], pp. 1573-1588.

FONTUGNE, M.; HATTÉ, C.; VALLADAS, H.; TISNÉRAT-LABORDE, N.; ZAZZO, A.; OBERLIN, C.; DELQUE-KOLIC, E.; MOREAU, C. & BERTHIER, B. (2014), «De l'utilisation des isotopes stables du carbone dans la datation par la méthode du radiocarbone», *L'Anthropologie*, 114, pp. 194-200.

FORTEA PÉREZ, J. (1978), "Arte paleolítico del Mediterráneo español", *Trabajos de Prehistoria*, 35, pp. 99-149.

FORTEA PÉREZ, J. (1981), "Investigaciones en la cuenca media del Nalón. Asturias (España). Noticia e primeros resultados", *Zephyrus*, 32-33, pp. 5-16.

FORTEA PÉREZ, J. (1989), "Cuevas de la Lluera: avance al estudio de sus artes parietales", *in* GONZÁLEZ MORALES, M. R. (ed.), *Cien años después de Sautuola: estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte*, Santander: Cantabria (Comunidad Autónoma), Consejería de Cultura, Educación y Deporte, pp. 185-202.

FORTEA PÉREZ, J. (1990a), "Abrigo de la Viña. Informe de las campañas 1980-1986", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1983-86*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 55-68.

FORTEA PÉREZ, J. (1990b), "Cuevas de La Lluera. Informe sobre los trabajos referentes a sus artes parietales", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1983-86*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 19-28.

FORTEA PÉREZ, J. (1992), "Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1987 a 1990", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1987 — 1990*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 19-28.

FORTEA PÉREZ, J. (1994), "Los "santuarios" exteriores en el Paleolítico cantábrico", *Complutum*, 5, pp. 203-220.

FORTEA PÉREZ, J. (1995), "Abrigo de la Viña. Informe y primera valoración de las campañas de 1991 a 1994", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1991-94*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 19-32.

FORTEA PÉREZ, J. (1999), "Abrigo de la Viña. Informe y primera valoración de las campañas de 1995 a 1998", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1995-98*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 31-41.

FORTEA PÉREZ, J. (2000-2001), "Los comienzos del arte paleolítico en Asturias: Aportaciones desde una Arqueología contextual no postestilística", *Zephyrus*, 53-54, pp. 177-216.

FORTEA PÉREZ, J. (2002), «Trente-neuf dates C14-SMA pour l'art pariétal paléolithique des Asturies», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 57, pp. 7-28.

FORTEA PÉREZ, J. (2005), "Los grabados exteriores de Santo Adriano (Tuñón. Santo Adriano. Asturias)", *Munibe*, 57, pp. 23-52.

FORTEA PÉREZ, J. (2007), "39 edades ^{14}C AMS ara el arte paleolítico rupestre en Asturias", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1999-2002*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 91-102.

FORTEA PÉREZ, J.; FRITZ, C.; GARCIA, M.; SANCHIDRIÁN, J. L.; SAUVET, G. & TOSELLO, G. (2004), «L'art pariétal paléolithique à l'épreuve du style et du carbone-14», *in* OTTE, M. (ed.), *La spiritualité. Actes du colloque de la commission 8 de l'UISPP (Paléolithique supérieur), Liège, 10-12 décembre 2003*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 106], pp. 163-175.

FORTEA PÉREZ, J. & GIMÉNEZ GÓMEZ, M. (1972-1973), «La cueva del Toro. Nueva estación malagueña con arte paleolítico», *Zephyrus*, 23-24, pp. 5-17.

FORTEA PÉREZ, J. & QUINTANAL PALICIO, J. M. (1995), "Santo Adriano", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1991-94*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 275-276.

FORTEA PÉREZ, J.; RASILLA VIVES, M. D. L. & RODRÍGUEZ OTERO, V. (2004), «L'art pariétal et la séquence archéologique paléolithique de la grotte de Llonín (Peñamellera Alta, Asturies, Espagne)», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 59, pp. 7-29.

FORTEA PÉREZ, J.; RASILLA VIVES, M. D. L. & RODRÍGUEZ OTERO, V. (2007), "La cueva de Llonín (Llonín,

Peñamellera Alta). Campañas de 1999 a 2002", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1999-2002*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 77-86.

FORTEA PÉREZ, J.; RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. & RÍOS GONZÁLEZ, S. (1999), «La grotte de los Torneiros (Castañedo del Monte, Tuñón, Asturies, Espagne)», *International Newsletter on Rock Art*, 24, pp. 8-11.

FORTEA PÉREZ, J.; RODRÍGUEZ OTERO, V.; HOYOS GÓMEZ, M.; VALLADAS, H. & TORRES PÉREZ-HIDALGO, T. D. (1995), "Covaciella", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1991-94*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 258-270.

FOUCAULT, M. (2005 [1966]), *As palavras e as coisas*, Lisboa: Edições 70.

FOUCHER, P. (1991), «Expérience en double aveugle sur l'art pariétal de la grotte de Marsoulas», *Bulletin de la Société Préhistorique Ariège-Pyrénées*, 46, pp. 75-118.

FOUCHER, P. & RUMEAU, Y. (2007), «Les galeries ornées de Gargas», *in* FOUCHER, P.; SAN JUAN-FOUCHER, C. & RUMEAU, Y. (eds.), *La grotte de Gargas. Un siècle de découvertes*, Aventignan: Communauté de communes du canton de Saint-Laurent-de-Neste, pp. 61-91.

FOUCHER, P.; SAN JUAN-FOUCHER, C.; FERRIER, C.; COUCHOUD, I. & VERCOUTÈRE, C. (2008), «La grotte de Gargas (Aventignan, Hautes-Pyrénées): nouvelles perspectives de recherche et premiers résultats sur les occupations gravettiennes», *in* JAUBERT, J.; BORDES, J. G. & ORTEGA, I. (eds.), *Les sociétés paléolithiques d'un grand Sud-Ouest — Nouveaux gisements, nouvelles méthodes, nouveaux résultats. Actes des journées de la Société Préhistorique Française et de l'Université de Bordeaux I, nov. 2006*, Paris: Société Préhistorique Française [Mémoire de la Société préhistorique française, 47], pp. 301-324.

FRANCIS, J. E. (2001), "Style and classification", *in* WHEATLEY, D. (ed.), *Handbook of rock art research*, Walnut Creek, California: AltaMira Press, pp. 221-244.

FRAZER, J. G. (1910), *Totemism and exogamy: A treatise on certain early forms of superstition and society*, London: MacMillan and Co., Limited.

GABRIEL, S. M. (2006), «Les ossements d'animaux», *Archéologia*, 436, pp. 70.

GABRIEL, S. M. (2008), "Fauna mamalógica do sítio do Fariseu", *in* SANTOS, A. T. & SAMPAIO, J. D. (eds.), *Pré-história — gestos intemporais, Vila Nova de Foz Côa, 20 de Maio de 2006*, ACDR Freixo de Numão [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 01].

GABRIEL, S. M. & BÉAREZ, P. (2009), "Caçadores-pescadores do vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 331-339.

GACHES, P. (1953), «La grotte de Magdeleine, com. de Penne-du-Tarn», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 50(1-2), pp. 41.

GÁLVEZ LAVÍN, N. & CACHO TOCA, R. (2010), "Hornos de la Peña", *in* MALPELO GARCÍA, B. & CASTANEDO TAPIA, I. (eds.), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 145-150.

GAMEIRO, C. (2009), "Utensílios e suportes microlíticos do Magdalenense final no Vale do Côa: o exemplo da U.E. 4 do Fariseu", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 256-268.

GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2006), "Nuevos datos en torno al inicio del arte parietal cantábrico: la aportación de un caballo inédito en el *Panel de Manos* de la Cueva del Castillo (Puente Viesgo, Cantabria)", *Sautuola*, 12, pp. 351-358.

GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2006b), *Los albores del arte en Las Encartaciones. Las cuevas decoradas de Polvorín, Venta de la Perra, Rincón y Arenaza*, Bizkaia: Juntas Generales; Museo de Las Encartaciones.

GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2010), *Las ciervas punteadas en las cuevas del Paleolítico. Una expresión pictórica propia de la cornisa cantábrica*, Donostia: Aranzadi Zientzia Elkartea [Munibe. Suplemento, 33].

GÁRATE MAIDAGÁN, D. & GARCÍA MORENO, A. (2011), "Revisión crítica y contextualización espacio-temporal del arte parietal paleolítico de la cueva de El Niño (Ayna, Albacete)", *Zephyrus*, 68, pp. 15-39.

GÁRATE MAIDAGÁN, D. & GONZÁLEZ SAINZ, C. (2010), "Micolón", *in* MALPELO GARCÍA, B. & CASTANEDO TAPIA, I. (eds.), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 77-83.

GÁRATE MAIDAGÁN, D. & RIVERO VILÁ, O. (2015), "La "Galería de los bisontes": un nuevo sector decorado en la cueva de Alkerdi (Urdazubi/ Urdax, Navarra)", *Zephyrus*, 75, pp. 17-39.

GÁRATE MAIDAGÁN, D.; BOURRILON, R. & RIOS-GARAIZAR, J. (2012), «La grotte ornée paléolithique

d'Etxeberri (Camou-Cihige, Pyrénées-Atlantiques): datation du contexte archéologique de la «salle des peintures»», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 109(4), pp. 637-650.

GÁRATE MAIDAGÁN, D.; RIOS-GARAIZAR, J.; PÉREZ MARTÍN, R.; ROJAS MENDOZA, R. & SANTONJA GÓMEZ, M. (2016), "Arte rupestre paleolítico al aire libre en el paraje de La Salud (Valle del Tormes, Salamanca)", *Zephyrus*, 77, pp. 15-29.

GARCÍA DÍEZ, M. (2009), "Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta d Barca Sul Y Cardina I", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 373-382.

GARCÍA DÍEZ, M. (2013), "La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos", *in* CACHO QUESADA, C. (ed.), *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*, [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 471-514.

GARCÍA DIEZ, M. & AUBRY, T. (2002), "Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La estación arqueológica de Fariseu", *Zephyrus*, 55, pp. 157-182.

GARCÍA DÍEZ, M.; AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2009), "Alguns vestígios arqueológicos encontrados nos sítios do Vale do Côa e suas possíveis relações com a arte", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 395-435.

GARCÍA DÍEZ, M.; BAPTISTA, A. M.; ALMEIDA, M.; BARBOSA, F. & FÉLIX, J. (2000), "Observaciones en torno a las grafías de estilo paleolítico de la Gruta de Escoural y su conservación (Santiago de Escoural, Montemor-o-Novo, Évora)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3(2), pp. 5-14.

GARCÍA DÍEZ, M. & EGUIZABAL TORRE, J. (2003), *La cueva de Covalanas: El grafismo rupestre y la definición de territorios gráficos en el Paleolítico cantábrico*, Santander: Gobierno de Cantabria.

GARCÍA DÍEZ, M. & EGUIZABAL TORRE, J. (2007), "Los dibujos rojos de estilo paleolítico de la Cueva de La Haza (Ramales de la Victoria, Cantabria): estudio monográfico", *Munibe*, 58, pp. 177-222.

GARCÍA DÍEZ, M. & EGUIZABAL TORRE, J. (2008), *La cueva de Venta Laperra*, [s.l.]: Karrantza Harana.

GARCÍA DÍEZ, M. & EGUIZABAL TORRE, J. (2010), "La Luz", *in* MALPELO GARCÍA, B. & CASTANEDO TAPIA, I. (eds.), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 309-310.

GARCÍA DÍEZ, M. & GARRIDO PIMENTEL, D. (2014), "Cueva de Hornos de la Peña (San Felices de Buelna, Cantabria)", *in* SALA RAMOS, R. (ed.), *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*, Burgos: Universidad de Burgos, pp. 658-659.

GARCÍA DÍEZ, M.; GARRIDO PIMENTEL, D.; HOFFMANN, D. L.; PETTITT, P.; PIKE, A. & ZILHÃO, J. (2015), "The chronology of hand stencils in European Palaeolithic rock art: implications of new U-series results from El Castillo Cave (Cantabria, Spain)", *Journal of Anthropological Sciences*, 93, pp. 1-18.

GARCÍA DÍEZ, M.; GARRIDO PIMENTEL, D.; OCHOA FRAILE, B.; VIGIOLA-TOÑA, I. & RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (2015a), "El dispositivo iconográfico rupestre", *in* GARCÍA DÍEZ, M.; OCHOA FRAILE, B. & RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (eds.), *Arte rupestre paleolítico en la cueva de La Covaciella (Inguanzo, Asturias)*, s.l.: Gobierno del Principado de Asturias. Consejería de Educación, Cultura y Deporte; GEA, pp. 63-96.

GARCÍA DÍEZ, M.; MARTINS, A.; MAURÍCIO, J.; RODRIGUES, A. & SOUTO, P. (2003), "Prospecção arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre", *Al-madan*, IIª série, 12, pp. 180-181.

GARCÍA DÍEZ, M. & OCHOA FRAILE, B. (2012), "Implicaciones en la secuenciación cronológica rupestre del grafismo mueble gravetiense peninsular", *Veleia*, 29, pp. 359-372.

GARCÍA DÍEZ, M.; OCHOA FRAILE, B. & RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A., eds. (2015), *Arte rupestre paleolítico en la cueva de La Covaciella (Inguanzo, Asturias)*. s.l.: Gobierno del Principado de Asturias. Consejería de Educación, Cultura y Deporte; GEA.

GARCÍA DÍEZ, M.; ORTEGA, I.; MARTÍN, M. Á.; HORTOLÀ, P. & ZULUAGA, M. C. (2001), "Arte rupestre de estilo paleolítico del Portalón de Cueva Mayor de la Sierra de Atapuerca (Ibeas de Juarros, Burgos): ¿Cronología paleolítica o contemporánea?", *Trabajos de Prehistoria*, 58(1), pp. 153-169.

GARCÍA DÍEZ, M.; VIGIOLA-TOÑA, I.; OCHOA FRAILE, B.; GARRIDO PIMENTEL, D. & RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (2015b), "La variabilidad gráfica de La Covaciella y su posición en las tradiciones gráficas del Paleolítico del Sudoeste europeo", *in* GARCÍA DÍEZ, M.; OCHOA FRAILE, B. & RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (eds.), *Arte rupestre paleolítico en la cueva de La Covaciella (Inguanzo, Asturias)*, s.l.: Gobierno del Principado de Asturias. Consejería de Educación, Cultura y Deporte;

GEA, pp. 115-124.

GARCÍA GUINEA, M. A. & ANGEL PUENTE, M. (1982), "El arte rupestre de la cueva de Micolón (Riclones, Santander)", *Sautuola*, 3, pp. 29-52.

GARCÍA SOTO, E. (1983), "Grabados antropomorfos en la Cueva de Penches", *in Homenaje al Prof. Martín Almagro Basch*, 1, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 301-311.

GASPAR, R. (2014), "O vale do Sabor enquanto palco de mudança. O caso de Mogadouro", *in I Encontro de Arqueologia de Mogadouro. Mogadouro, Abril de 2013. Actas*, Mogadouro: Município de Mogadouro, pp. 33-50.

GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, A. & Donoso, G. (2014), "Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze", *Estudos do Quaternário*, 10, pp. 59-72.

GASPAR, R.; FERREIRA, J.; CARRONDO, J. & SILVA, M. J. (2016a), "The use of quartz during the Upper Paleolithic and Early Mesolithic in Sabor valley (NW Iberia): The Foz do Medal case", *Quaternary International*, 424, pp. 98-112.

GASPAR, R.; FERREIRA, J.; CARRONDO, J.; SILVA, M. J. & GARCÍA-VADILLO, F. J. (2016b), "Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeastern Portugal: The Foz do Medal site", *Quaternary International*, 406(A), pp. 44-64.

GASPAR, R.; FERREIRA, J.; MOLINA HERNÁNDEZ, F. J. & GARCÍA-VADILLO, F. J. (2015), "Away from the edges. A new Solutrean site in Interior Iberia (Foz do Medal left bank, Sabor valley, Northeast Portugal)", *in* STRAUS, L. G. (ed.), *Solutrean Studies: Human adaptations to the Last Glacial Maximum in SW Europe*, Albuquerque: The University of New Mexico, [Journal of Anthropological Research, 71(4)], pp. 545-564.

GAUSSEN, J. (1964), *La grotte ornée de Gabillou (prés Mussidan, Dordogne)*, Bordeaux: Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux [Mémoire, 3].

GENESTE, J.-M., ed. (2005), *Recherches pluridisciplinaires dans la grotte Chauvet. Journées SPF, Lyon, 11-12 octobre 2003*. Paris: Société Préhistorique Française [Bulletin de la Société Préhistorique Française, 102(1)].

GILMAN, A. (1984), "Explaining the Upper Palaeolithic Revolution", *in* SPRIGGS, M. (ed.), *Marxist Perspectives in Archaeology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 115-126.

GLORY, A.; VAULTIER, M. & SANTOS, M. F. dos (1965), «La grotte ornée d'Escoural (Portugal)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux*, 62(1), pp. 110-117.

GOMES, M. V. (1983), "A gruta do Escoural, um santuário paleolítico", *in* SARAIVA, J. H. (ed.), *História de Portugal*, 1, Lisboa: Publicações Alfa, pp. 60-61.

GOMES, M. V. (1985), "Arte rupestre", *in Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*, 2, Lisboa: Publicações Alfa, pp. 188-190.

GOMES, M. V. (1990), "A importância dos elementos naturais e do ambiente na arte rupestre", *in Jornadas sobre Parques con Arte Rupestre*, Zaragoza: Diputación General de Aragón, pp. 134-147.

GOMES, M. V. (1990), "A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo", *in* LOPES, M. da C. R. (ed.), *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, 1, Lisboa: Instituto Português de Investigação Científica e Tropical, pp. 151-182.

GOMES, M. V. (1992), «L'art rupestre au Portugal», *in La naissance de l'art en Europe*, Paris: Unión Latina, pp. 56-59.

GOMES, M. V. (1994), «Escoural et Mazouco. Deux sanctuaires paléolithiques du Portugal», *Les Dossiers d'Archéologie*, 198, pp. 4-9.

GOMES, M. V. (1995a), "O que é que temos que fazer?", *Al-madan*, IIª série, 4, pp. 150-153.

GOMES, M. V. (1995b), "Cavalo, de cor vermelha, da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)", *in Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa: Vega, pp. 295-305.

GOMES, M. V. (2000), "Arte Preistorica del Portogallo", *in* ANATI, E. (ed.), *40.000 anni di arte contemporanea. Materiali per una esposizione sull'arte preistorica d'Europa*, Capo di Ponte: Edizioni del Centro, pp. 23-41.

GOMES, M. V. (2002), "Arte rupestre em Portugal — perspectiva sobre o último século", *in Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*, Lisboa: AAP [Arqueologia & História, 54], pp. 139-194.

GOMES, M. V. (2004-2005), "A arte paleolítica e epipaleolítica do Vale do Côa: o que ainda não foi dito?", *Arqueologia & História*, 56-57, pp. 35-49.

GOMES, M. V. (2004), "A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1), pp. 61-128.

GOMES, M. V. (2006), "Catálogo del arte prehistórico de la Península Ibérica y de la España Insular. Arte Paleolítico II. Catálogo de Portugal", *Serie Arqueológica*, Varia IV, pp. 85-162.

GOMES, M. V. (2007a), "Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico)", *Cuadernos de Arte*

Rupestre, 4, pp. 81-116.

GOMES, M. V. (2007b), "Arte rupestre em Portugal. Os últimos 25 anos", *Al-madan*, II série, 15, pp. 120-124.

GOMES, M. V. (2010), *Arte rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Tese de Doutoramento, policopiada).

GOMES, M. V. & BAPTISTA, A. M. (1996), "Arte rupestre do Vale do Côa: espaço, iconografia, estudo e conservação", *Quaderni della Scuola Italiana di Madrid*, 4, pp. 63-70.

GOMES, M. V. & BAPTISTA, A. M. (1998), "A arte rupestre de Foz Côa — Importância científica e Perspectivas", *in O Tratado de Alcanices e a importância histórica das Terras de Riba Côa. Actas do Congresso Histórico Luso-Espanhol. 12-17 de Setembro de 1997*, Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 63-80.

GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & SANTOS, M. F. dos (1990), "Artefactos do Paleolítico superior da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora)", *Almansor*, 8, pp. 15-36.

GÓMEZ CASTANEDO, A. & CHAUVIN GRANDELA, A. (1998-2004), "La cueva de La Luz (Ramales de la Victoria, Cantabria). Restos materiales inéditos del Museo de Santander", *Memorias ACDPS*, pp. 111-116.

GÓMEZ CASTANEDO, A. & CHAUVIN GRANDELA, A. (2004), "Material arqueológico inédito de la cueva de La Luz (Ramales de la Victoria, Cantabria)", *in* ALLUÉ, E.; MARTÍN, J. & CARBONELL, E. (eds.), *Actas del 1er Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*, Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, pp. 181-188.

GÓMEZ CASTANEDO, A.; CHAUVIN GRANDELA, A.; SAVANTI COLLADO, F.; GUTIÉRREZ CUENCA, E. & SERNA GANCEDO, M. L. (2006), "El registro arqueológico de la Cueva de La Luz: Nuevas aportaciones", *Sautuola*, 12, pp. 75-88.

GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. (1964), "Nuevos grabados y pinturas en las cuevas del Monte del Castillo", *Zephyrus*, 15, pp. 27-35.

GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. (1974), *Pinturas y grabados de la cueva de Las Chimeneas (Puente Viesgo, Santander)*, Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona — Instituto de Prehistoria y Arqueología; Wenner Green Foundation for Anthropological Research.

GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. & RIPOLL PERELLÓ, E. (1953-1954), "Hallazgos en la cueva de La Pasiega (Puente Viesgo, Santander)", *Ampurias*, 15-16, pp. 43-65.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1975), "El grabado rupestre paleolítico de la cueva de Las Mestas (Las Regueras, Asturias)", *in XIII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 149-154.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1981), "Grabados exteriores lineales de surco profundo en las cavernas de Llanes (Asturias): Cueto de la Mina, Samoreli y el Covarón", *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 267-275.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1989), "Los grabados rupestres de la cueva de Traúno: Reflexiones sobre una modalidad específica de "arte" prehistórico", *in* GONZÁLEZ MORALES, M. R. (ed.), *Cien años después de Sautuola: Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte*, Santander: Consejería de Cultura, Educación y Deporte, 1], pp. 203-227.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1990), "El abrigo de Entrefoces (1980-1983)", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1983-86*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 29-36.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1992), "Excavaciones en el abrigo de Entrefoces. Campaña de 1987 y 1989", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1987 — 1990*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 49-52.

GONZÁLEZ MORALES, M. R. & MÁRQUEZ URÍA, M. del C. (1983), "Grabados lineales exteriores de la Cuevona (Ribadesella, Asturias)", *Ars Praehistorica*, 2, pp. 185-190.

GONZÁLEZ SAINZ, C. (1995), "Sobre los grabados de Foz Côa y su cronología", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 775-777.

GONZÁLEZ SAINZ, C. (2000), "Representaciones arcaicas de bisonte en la región cantábrica", *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, 9, pp. 257-277.

GONZÁLEZ SAINZ, C. (2003), "El conjunto parietal paleolítico de la Galería inferior de La Garma (Cantabria). Avance de su organización interna", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 201-222.

GONZÁLEZ SAINZ, C. (2012), "Una introducción al arte parietal paleolítico de la región Cantábrica", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 155-183.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2010), "La Pasiega", *in* MALPELO GARCÍA, B. & CASTANEDO TAPIA, I. (eds.), *Las cuevas con arte paleolítico en Cantabria*, Santander: Asociación Cántabra para la Defensa del Patrimonio Subterráneo (A.C.D.P.S.), pp. 191-204.

GONZÁLEZ SAINZ, C.; CACHO TOCA, R. & FUKAZAWA, T. (2003), *Arte Paleolítico en la Región Cantábrica. Base de datos multimedia Photo VR, DVD-ROM versión Windows*, Santander: Universidad de Cantabria; Consejería de Turismo y Deporte del Gobierno de Cantabria; Texnai.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2006), "Los grabados y pinturas rupestres de la cueva de El Rincón, en el contexto artístico del desfiladero del río Carranza (Bizkaia-Cantabria)", *Zephyrus*, 59, pp. 135-154.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2007), «Art pariétal paléolithique de la grotte d'El Rincón (Biscaye, Espagne)», *International Newsletter on Rock Art*, 48, pp. 1-4.

GONZÁLEZ SAINZ, C.; MUÑOZ FERNÁNDEZ, E. & SAN MIGUEL LLAMOSAS, C. (1986), "Prospección arqueológica de la cueva de Las Brujas (Suances-Cantabria)", *in Estudio de arte paleolítico*, Madrid: Ministerio de Cultura [Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografías, 15], pp. 215-231.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & RUIZ IDARRAGA, R. (2010), *Una nueva visita a Santimamiñe. Precisiones en el conocimiento del conjunto parietal paleolítico*, Bilbao: BFADFB [Kobie, Anejo 11].

GONZÁLEZ SAINZ, C. & RUIZ REDONDO, A. (2010), "La superposición entre figuras en el arte parietal paleolítico. Cambios temporales en la región cantábrica", *Cuadernos de Arqueología*, 18, pp. 41-61.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & SAN MIGUEL LLAMOSAS, C. (2001), *Las cuevas del desfiladero. Arte paleolítico en el valle del río Carranza (Cantabria-Vizcaya)*, Santander: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria.

GONZÁLEZ SAINZ, C. & UTRILLA, P. (2005), "Problemas actuales en la organización y datación del Magdaleniense de la Región Cantábrica", *in* CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. & BICHO, N. F. (eds.), *O Paleolítico. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro: Centro de Estudos do Património [Promontoria Monográfica, 2], pp. 39-47.

GONZÁLEZ-PUMARIEGA SOLÍS, M. (2011), *La cueva de El Pindal. 1911-2011. Estudio de su arte rupestre cien años después de Les cavernes de la région cantabrique*, Pola de Siero: Ménsula Ediciones [Ménsula Patrimonio, 4].

GONZÁLEZ-PUMARIEGA SOLÍS, M. (2014), «El arte rupestre paleolítico del abrigo de la Viña (Oviedo, Asturias). Presentación de su estudio actual dentro del proyecto de investigación del yacimiento», *in* MEDINA ALCAIDE, M. Á.; ROMERO ALONSO, A.; RUIZ-MÁRQUEZ, R. M. & SANCHIDRIÁN, J. L. (eds.), *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, Córdoba: Universidad de Córdoba y Fundación Cueva de Nerja, pp. 84-95.

GONZÁLEZ-PUMARIEGA SOLÍS, M., RASILLA VIVES, M. de la, SANTAMARÍA ÁLVAREZ, D., DUARTE, E. & SANTOS-DELGADO, G. (2017), "La Viña rock shelter (La Manzaneda, Oviedo, Asturias): Relation between stratigraphy and parietal engravings", *Quaternary International*, 432, pp. 77-85.

GONZÁLEZ, R. (2001), *Art et espace dans les grottes paléolithiques cantabriques*, Grenoble: Éditions Jérôme Millon [Préhistoire d'Europe, 10].

GOZALO QUINTANILLA, F. (1970), "Arte rupestre en la provincia de Segovia", *Ejército. Revista de las Armas y Servicios*, 370, pp. 5-9.

GRAZIOSI, P. (1987), *L'arte dell'antica età della pietra*, Firenze: Le Lettere.

GREENACRE, M. J. (1993), *Correspondence analysis in practice*, London: Academic Press.

GROENEN, M. (2000), *Sombra y luz en el arte paleolítico*, Barcelona: Editorial Ariel, S.A.

GROENEN, M. (2007), «Voir l'image préhistorique: premiers travaux dans la grotte ornée d'El Castillo (Cantabrie, Espagne)», *in* ÉVIN, J. (ed.), *Congrès du centenaire: Un siècle de construction du discours scientifique en Préhistoire. Vol. 3 «…Aux conceptions d'aujourd'hui»*, Paris: Société Préhistorique Française, pp. 307-321.

GROENEN, M. (2012), "Magia, creencias y lo sobrenatural en las cuevas decoradas. Una historia de las interpretaciones", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 357-371.

GUICHARD, G.; DELLUC, B. & DELLUC, G. (1984a), «Abri de Laugerie-Haute», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 138-143.

GUICHARD, G.; DELLUC, B. & DELLUC, G. (1984b), «Grotte d'Oreille d'Enfer», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 151-153.

GUILLEM CALATAYUD, P. M. & MARTÍNEZ VALLE, R. (2009), "Arte rupestre en el Cingle del Barranc de l'Espigolar (La Serratela, Castelló)", *in* LÓPEZ MIRA, J. A.; MARTÍNEZ VALLE, R. & MATAMOROS DE VILLA, C. (eds.), *El arte rupestre del arco mediterráneo de la Península Ibérica: 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO.*, Valencia: Generalitat Valenciana, pp. 35-58.

GUILLEM CALATAYUD, P. M.; MARTÍNEZ VALLE, R. & MELIÀ MARTÍNEZ, F. (2001), "Hallazgo de grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de la provincia de Castellón: el abric d'en Melià (Serra d'en Galceran)", *Sagvntum (P.L.A.V.)*, 33, pp. 133-140.

GUY, E. (1993), «Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept», *Paléo*, 5, pp. 333-373.

GUY, E. (1997), «Enquête stylistique sur cinq composants de la figuration épipaléolithique en France», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94(3), pp. 309-314.

GUY, E. (1999), «Note sur quelques différences stylistiques entre les piquetages paléolithiques de plein air de la vallée du Côa (Portugal) et les plaquettes de la grotte du Parpalló (Espagne)», *Préhistoire Européenne*, 14, pp. 107-113.

GUY, E. (2000), «Le style des figurations paléolithiques piquetées de la vallée du Côa (Portugal): premier essai de caractérisation», *L'Anthropologie*, 104(3), pp. 415-426.

GUY, E. (2002), «Contribution de la stylistique à l'estimation chronologique des piquetages paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal)», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.

GUY, E. (2003), «Esthétique et préhistoire. Pour une anthropologie du style», *L'Homme*, 165, pp. 283-290.

GUY, E. (2010), *Préhistoire du sentiment artistique. L'invention du style, il y a 20 000 ans*, [s.l.]: les presses du réel.

HARLÉ, E. (1881), «La grotte d'Altamira, près de Santander (Espagne)», *Matériaux pour l'Histoire primitive et naturelle de l'Homme*, 16, pp. 275-283.

HARRIS, E. (1979), *Principles of archaeological stratigraphy*, London: Academic Press Limited.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. (2011), "Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal)", *in* BUENO RAMÍREZ, P.; CERRILO CUENCA, E. & GONZÁLEZ CORDERO, A. (eds.), *From the origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*, Oxford: Archaeopress, [BAR International Series, 2219], pp. 199-217.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M.; PEREIRA, A. & CARVALHO, E. (2012), "Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza", *in* SANCHES, M. D. J. (ed.), *Ia Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 293-312.

HERAS MARTÍN, C. D. L. & LASHERAS CORRUCHAGA, J. A. (2014), "La Cueva de Altamira", *in* SALA RAMOS, R. (ed.), *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*, Burgos: Universidad de Burgos, pp. 615-267.

HERAS MARTÍN, C. D. L.; LASHERAS CORRUCHAGA, J. A.; MONTES BARQUÍN, R.; RASINES DEL RÍO, P. & FATÁS MONFORTE, P. (2007), "Nuevas dataciones de la cueva de Altamira y su implicación en la cronología de su arte rupestre paleolítico", *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4, pp. 117-129.

HERAS MARTÍN, C. D. L.; MONTES BARQUÍN, R. & LASHERAS CORRUCHAGA, J. A. (2012), "Altamira: nivel gravetiense y cronología de su arte rupestre", *in* HERAS MARTÍN, C. D. L.; LASHERAS CORRUCHAGA, J. A.; ARRIZABALAGA VALBUENA, A. & RASILLA VIVES, M. D. L. (eds.), *Pensando el Gravetiense: nuevos datos para la región cantábrica en su contexto peninsular y pirenaico*, Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte [Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira. Monografías, 23], pp. 476-491.

HERNÁNDEZ-PACHECO, E. (1917), *Los grabados de la cueva de Penches*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales [Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 17].

HERNÁNDEZ-PACHECO, E. (1919), *La caverna de la Peña de Candamo*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales [Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 24].

HERNÁNDEZ-PACHECO, E. & CABRÉ AGUILÓ, J. (1913), "La depresión del Barbate y sus estaciones prehistóricas", *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 13, pp. 349-359.

HERNANDO ÁLVAREZ, C. (2010), "Estudio del arte parietal paleolítico desde la perspectiva arqueológica: viejos fantasmas/ nuevos enfoques", *El futuro del Pasado*, 1, pp. 125-141.

HERNANDO ÁLVAREZ, C. (2013), "El silencio de Altamira y los sonidos del Côa", *Complutum*, 24(1), pp. 41-58.

HERNANDO ÁLVAREZ, C. (2014), La sociedad a través del arte: Las tradiciones gráficas magdalenienses en la región cantábrica, Salamanca: Universidad de Salamanca (Tese de Doutoramento, policopiada).

HILL, B. & HILL, R. (1974), *Indian Petroglyphs of the Pacific Northwest*, Saanichton, B.C.: Hancock House Publishers Ltd.

HINGUANT, S. & BIARD, M. (2013), «Le Paléolithique supérieur ancien de la vallée de l'Erve (Mayenne): un état des connaissances», *in Le Paléolithique supérieur ancien de l'Europe du Nord-Ouest*, Paris: Société Préhistorique Française [Mémoire, 56], pp. 239-250.

HINGUANT, S.; BIARD, M.; MOULLÉ, P.-E. & PIGEAUD, R. (2013), «La vallée de l'Erve (Mayenne): présence solutréenne au nord de la Loire», *in* SERAP (ed.), *Le Solutréen 40 ans après Smith'66 (Actes du Colloque, Preuilly-sur-Claise, 21 octobre-1 novembre 2007)*, Tours: ARCHEA; FERACF [Supplément à la Revue Archéologique du Centre de la France, 47], pp. 247-260.

HOFFMANN, D. L.; UTRILLA, P.; BEA, M.; PIKE, A.; GARCÍA DÍEZ, M.; ZILHÃO, J. & DOMINGO MARTÍNEZ, R. (2016), "U-series dating of Palaeolithic rock art at Fuente del Trucho (Aragón, Spain)", *Quaternary International*, doi: 10.1016/j.quaint.2015.11.111.

HOYOS GÓMEZ, M. (1995), "Paleoclimatología del Tardiglacial en la Cornisa Cantábrica basada en los resultados sedimentológicos de yacimientos arqueológicos kársticos", *in* MOURE ROMANILLO, A. & GONZÁLEZ SAINZ, C. (eds.), *El final del Paleolítico cantábrico*, Santander: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria, pp. 15-75.

HUREL, A. (2011), *L'abbé Breuil: un préhistorien dans le siècle*, Paris: CNRS éditions.

HUSSON, F. & JOSSE, J. (2013), *missMDA: Handling missing values with/ in multivariate data analysis (principal component methods). R package version 1.7.2.*, URL: https://CRAN.R-project.org/package=missMDA.

HUSSON, F.; JOSSE, J. & PAGÈS, J. (2010), *Principal component methods — hierarchical clustering — partitional clustering: why would we need to choose for visualizing data?*, Agrocampus Ouest: Applied Mathematics Department [Technical Report — Agrocampus, September 2010].

HUSSON, F.; JOSSE, J.; LE, S. & MAZET, J. (2013), *FactoMineR: Multivariate Exploratory data analysis and data mining with R. R package version 1.25.*, URL: https://CRAN.R-project.org/package=FactoMineR.

HUYGE, D. (2005), "The fish hunters of El-Hosh: Rock art research and archaeological investigations in Upper Egypt (1998-2004)", *Bulletin des Séances de l'Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer*, 51, pp. 231-249.

HUYGE, D. (2008a), «Côa en Afrique: art rupestre du Pléistocène Récent le long du Nil Égyptien», *International Newsletter on Rock Art*, 51, pp. 1-31.

HUYGE, D. (2008b), ""Lascaux along the Nile": The Palaeolithic rock art of Qurta (Upper Egypt)", *Bulletin des Séances de l'Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer*, 54, pp. 281-296.

HUYGE, D. (2013), "*"Ice Age" Art* at Qurta", *Ancient Egypt*, 13, n. 5(77), pp. 32-41.

HUYGE, D. & CLAES, W. (2008), ""Ice age" art along the Nile", *Egyptian Archaeology*, 33, pp. 25-28.

HUYGE, D. & VANDENBERGHE, D. A. G. (2011), "Confirming the Pleistocene age of the Qurta rock art", *Egyptian Archaeology*, 39, pp. 21-24.

HUYGE, D.; VANDENBERGHE, D. A. G.; DE DAPPER, M.; MEES, F.; CLAES, W. & DARNELL, J. C. (2011), "First evidence of Pleistocene rock art in North Africa: securing the age of the Qurta petroglyphs (Egypt) through OSL dating", *Antiquity*, 85(330), pp. 1184-1193.

IAKOVLEVA, L. & PINÇON, G. (1997), *La frise sculptée du Roc-aux-Sorciers*, Paris: Éditions du CTHS [Documents Préhistoriques, 9].

IBAÑEZ PÉREZ, A. C. (1980), *La pintura rupestre en "Ojo Guareña"*, Burgos: Caja de Ahorros Municipal de Burgos.

ICVGAN (2012), *Nomina Anatomica Veterinaria. Fifth edition (revised version)*, Hannover; Columbia; Ghent; Sapporo: Editorial Committee of the ICVGAN.

IGLER, W.; DAUVOIS, M.; HYMAN, M.; MENU, M.; ROWE, M. W.; VÉZIAN, J. & WALTER, P. (1994), «Datation radiocarbone de deux figures pariétales de la grotte de Portel (commune de Loubens, Ariège)», *Préhistoire Ariégeoise*, 49, pp. 231-236.

INGOLD, T. (2000), *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*, London and New York: Routledge.

JARVIS, A.; REUTER, H. I.; NELSON, A. & GUEVARA, E. (2008), *Hole-filled SRTM for the globe Version 4*, available from the CGIAR-CSI SRTM 90m Database (http://srtm.csi.cgiar.org).

JAUBERT, J.; AUJOULAT, N.; COURTAUD, P.; DEGUILLOUX, M.-F.; DELLUC, M.; DENIS, A.; DUDAY, H.; DUTAILLY, B.; FERRIER, C.; FERUGLIO, V.; FOURMENT, N.; GENESTE, J.-M.; GENTY, D.; GOUTAS, N.; HENRY-GAMBIER, D.; KERVAZO, B.; KLARIC, L.; LASTENNET, R.; LÉVÊQUE, F.; MALAURENT, P.; MALLYE, J.-B.; MORA, P.; PEMONGE, M.-H.; PEYRAUBE, N.; PEYROUX, M.; PLISSON, H.; PORTAIS, J.-C.; VALLADAS, H.; VERGNIEUX, R. & VILLOTTE, S. (2012), «Le projet collectif de recherche «Grotte de Cussac» (Dordogne, France): étude d'une cavité ornée à vestiges humains du Gravettien», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art pléistocène dans le monde/ Pleistocene art of the world/ Arte pleistoceno en el mundo. Actes du Congrès IFRAO, Tarascon-sur-Ariège, septembre 2010 — Symposium "Art pléistocène en Europe"*, Tarascon: Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées [Préhistoire, art et sociétés, 65-66], pp. 325-342.

JIMENO MARTÍNEZ, A. & FERNANDEZ-MORENO, J. J. (1988), "Arte mueble paleolítico en la provincia de Soria", *Trabajos de Prehistoria*, 45, pp. 235-241.

JIMENO MARTÍNEZ, A.; FERNANDEZ-MORENO, J. J. & GÓMEZ-BARRERA, J. A. (1995), «La plaque paléolithique de Villalba (Soria, Espagne)», *L'Anthropologie*, 99(2/3), pp. 325-356.

JIMENO MARTÍNEZ, A.; FERNÁNDEZ MORENO, J. J.; GÓMEZ-BARRERA, J. A. & ORTIZ DE LANDÁZURI, M. P. G. (1990), «Arte paleolítico en la provincia de Soria: La placa de Villalba», *Nvmantia*, 3, pp. 9-50.

JORDÁ CERDÁ, F. (1964), "Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica", *Zephyrus*, 15, pp. 5-25.

JORDÁ CERDÁ, F. (1968-1969), "Nuevas representaciones rupestres en Ojo Guareña (Burgos)", *Zephyrus*, 19-20, pp. 61-71.

JORDÁ CERDÁ, F. (1969), "Los comienzos del Paleolítico superior en Asturias", *Anuario de Estudios Atlánticos*, 15, pp. 281-321.

JORDÁ CERDÁ, F. (1984), "Los grabados de Mazouco, los santuarios monotemáticos y los animales dominantes en el arte paleolítico peninsular", *Revista de Guimarães*, 94, pp. 307-327.

JORDÁ PARDO, J. F. (1999), "Geomorfología de la comarca de Santa María la Real de Nieva y el conjunto de Domingo García", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (eds.), *Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana*, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8], pp. 23-30.

JORGE, S. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; JORGE, V. O.; SANCHES, M. de J. & SOEIRO, M. T. (1981), "Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)", *Arqueologia*, 3, pp. 3-12.

JORGE, S. O.; JORGE, V. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; SANCHES, M. de J. & SOEIRO, T. (1982), "Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta", *Zephyrus*, 34-35, pp. 66-70.

JORGE, V. O. (1995a), "Rio Côa: um espaço natural monumentalizado", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 705-709.

JORGE, V. O. (1995b), "Côa: Algumas etapas (condenadas ao fracasso) de uma ameaça de atentado contra o património mundial", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 719-722.

JORGE, V. O. (1995c), "Côa: Cosmos ou caos?", *Boletim da Universidade do Porto*, 25, pp. 5-10.

JORGE, V. O. (1995d), "Porque é que o património cultural do Côa não pode ir por água abaixo?", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 659-663.

JORGE, V. O. (1995e), "Todos temos a ver com o Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 671-672.

JORGE, V. O. (1998), "Algumas reflexões em torno da arte rupestre do centro-interior do país, com principal referência ao Côa", *in Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior", Tondela, Novembro de 1997*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], pp. 195-206.

JORGE, V. O. & JORGE, S. O. (1995), "Portuguese rock art: a general view", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 323-347.

JORGE, V. O.; JORGE, S. O.; SANCHES, M. de J. & RIBEIRO, J. P. (1981-1982), "Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta) — Nótula arqueológica", *Portvgalia*, Nova série, 2-3, pp. 143-145.

JORGE, V. O., coord. (1995), *Dossier Côa*, Porto: SPAE.

KELANY, A. (2012), "More late Palaeolithic rock art at Wadi Abu Subeira, Upper Egypt", *Bulletin des Musées Royaux d'Art et d'Histoire*, 83, pp. 5-21.

KELLY, R. (2013 [1995]), *The lifeways of hunter-gatherers: the foraging spectrum*, New York: Cambridge University Press.

KIMBER, R. G. & SMITH, M. A. (1987), "An Aranda ceremony", *in* MULVANEY, D. J. & WHITE, J. (eds.), *Australians to 1788*, Broadway: Fairfax, Syme and Weldon Associates, pp. 221-237.

KREYSER, J. D. (1992), *Indian rock art of the Columbia Plateau*, Seattle: University of Washington Press.

LACOMBE, S. & CONKEY, M. W. (2008), «Séjours pérennes entre les grottes: une archéologie de répartition et du paysage dans la région Midi-Pyrénées (France)», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 63, pp. 93-108.

LALANNE, J. G. (1910), «Un atelier de sculpture de l'âge du renne», *Revue Préhistorique*, 5, pp. 33-44.

LALANNE, J. G. (1911), «Découverte d'un bas-relief a représentation humaine dans les fouilles de Laussel», *L'Anthropologie*, 22, pp. 257-260.

LALANNE, J. G. (1912), «Bas-relief a figuration humaine de l'abri sous roche de «Laussel» (Dordogne)», *L'Anthropologie*, 23, pp. 129-149.

LALANNE, J. G. & BREUIL, H. (1911), «L'abri sculpté de Cap-Blanc a Laussel (Dordogne)», *L'Anthropologie*, 22, pp. 385-

402.

LALANNE, J.-G. & BOUYSSONIE, J. (1941-1946), «Le gisement paléolithique de Laussel. Fouilles du Dr. Lalanne», *L'Anthropologie*, 50, pp. 1-163.

LAMING-EMPERAIRE, A. (1959), *Lascaux. Paintings and engravings*, Harmondsworth: Penguin Books.

LAMING-EMPERAIRE, A. (1962), *La signification de l'art rupestre paléolithique*, Paris: Picard.

LAMING-EMPERAIRE, A. (1972), «Art rupestre et organisation sociale», *in* ALMAGRO BASCH, M. & GARCÍA GUINEA, M. A. (eds.), *Santander Symposium*, Santander—Madrid: Patronato de las Cuevas Prehistóricas de Santander, pp. 65-79.

LAPLACE, G. (1985 [1952]), «Etcheberri», *in* BREUIL, H. (ed.), *Quatre cents siècles d'art pariétal*, Paris: Editions Max Fourny Art et industrie, pp. 259-261.

LAPLACE, G.; BOUCHER, P.; LAUGA, M. & VALICOURT, E. D. (1984), «Grotte de Etxeberri», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 268-271.

LAPLACE, G.; BOUCHER, P.; LAUGA, M. & VALICOURT, E. D. (1984), «Grotte de Etxeberri», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 268-271.

LAPLACE, G.; LARRIBAU, J. D. & BARANDIARÁN, I. (1984), «Grotte d'Isturitz», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 280-282.

LARTET, E. (1861), «Nouvelles recherches sur la coexistence de l'Homme et des grands mammifères fossiles réputés caractéristiques de la dernière période géologique», *Annales des Sciences naturelles, II, Zoologie*, 4ème série, 15(3), pp. 177-253.

LARTET, É. & CHRISTY, H. (1864), «Sur des figures d'animaux gravées ou sculptées et autres produits d'art et d'industrie rapportable aux temps primordiaux de la période humaine», *Revue Archéologique*, nouvelle série, 5, pp. 233-267.

LARTET, E. & CHRISTY, H. (1865-1875), *Reliquiæ Aquitanicæ; being contributions to the Archæology and Palæontology of Périgord and the adjoining provinces of Southern France*, London: Williams & Norgate.

LASHERAS CORRUCHAGA, J. A., ed. (2003), *Redescubrir Altamira*. Madrid: Turner.

LAUGA, M. & VALICOURT, E. D. (1981), «Deux nouvelles figurations pariétales dans Etcheberriko Karbia, Camou-Cihigue (Pyrénées-Atlantiques)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 78(6), pp. 170-173.

LAWSON, A. J. (2012), *Painted caves: Palaeolithic rock art in western Europe*, Oxford: Oxford University Press.

LAYTON, R. (2000), "Shamanism, totemism and rock art: *Les Chamanes de la Préhistoire* in the context of rock art research», *Cambridge Archaeological Journal*, 10(1), pp. 169-186.

LAYTON, R. (2009 [1992]), *Australian rock art: a new synthesis*, Cambridge: Cambridge University Press.

LEE, R. B. & DEVORE, I. (1968), "Problems in the study of hunters and gatherers", *in* LEE, R. B. & DEVORE, I. (eds.), *Man the hunter*, Hawthorne: Aldine de Gruyter, pp. 3-12.

LEE, S.; BAPTISTA, A. M. & FERNANDES, A. P. B., eds. (2015), *Arte Rupestre do Vale do Côa*. Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum.

LEJEUNE, M. (1995), «L'art pariétal de la grotte d'Escoural», *in* ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (eds.), *Gruta do Escoural: Necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*, Lisboa: IPPAR [Trabalhos de Arqueologia, 8], pp. 121-241.

LEJEUNE, M. (1996), «L'art pariétal de la grotte d'Escoural (Portugal): analyse critique, comparaisons et problèmes», *in* OTTE, M. & SILVA, A. C. (eds.), *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural (Portugal)*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 65], pp. 137-240.

LEJEUNE, M. (1997a), «Analyse critique de l'art pariétal de la grotte d'Escoural (Portugal): synthèse et problèmes», *L'Anthropologie*, 101(1), pp. 164-184.

LEJEUNE, M. (1997b), «L'art pariétal de la Grotte d'Escoural (Portugal) dans son contexte Européen. Analyse critique, comparaisons et problèmes», *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 193-200.

LEMOS, F. S. (1994), "Dossier Côa I: o relatório de impacte patrimonial", *Forum*, 15-16, pp. 141-156.

LEMOZI, A. (1920), «Peintures et gravures paléolithiques découvertes dans les grottes des communes d'Espagnac—Sainte-Eulalie et de Cabrerets (Lot)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 17(11), pp. 256-262.

LEMOZI, A. (1924), «Fouilles dans l'abri sous roche de Murat, commune de Rocamadour (Lot)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 21(1), pp. 17-58.

LENOIR, M.; ROUSSOT, A.; DELLUC, B. & DELLUC, G. (2006), *La grotte de Pair-non-Pair à Prignac-et-Marcamps (Gironde)*, Bordeaux: Société Archéologique de Bordeaux.

LEONARDI, P. (1988), «Art paléolithique mobilier et pariétal en Italie», *L'Anthropologie*, 92(1), pp. 139-202.

LEP (1999a), "Metodología de trabajo y sistema de documentación de los grabados", in RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO

GONZÁLEZ, L. J. (eds.), Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8], pp. 53-58.

LEP (1999b), "Inventario descriptivo de los distintos núcleos artísticos", in RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (eds.), Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8], pp. 59-196.

LEP (1999c), "Conclusiones y síntesis iconográfica", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (eds.), *Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana*, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8], pp. 197-236.

LEROI-GOURHAN, A. (1958), «La fonction des signes dans les sanctuaires paléolithiques», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55(5-6), pp. 307-321.

LEROI-GOURHAN, A. (1979), «La Nef et le Diverticule des Félins», *in* LEROI-GOURHAN, A. & ALLAIN, J. (eds.), *Lascaux inconnu*, Paris: Éditions du CNRS [Gallia Préhistoire, XII^{e} supplément], pp. 301-342.

LEROI-GOURHAN, A. (1981), «Les signes pariétaux comme marqueurs ethniques», *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 289-294.

LEROI-GOURHAN, A. (1984a), «Grotte de La Justice», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 309.

LEROI-GOURHAN, A. (1984b), "El arte paleolítico y post-glaciar. Curso académico 1971-72", *in* LEROI-GOURHAN, A. (ed.), *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*, Madrid: Editorial Istmo [Artes, técnicas, humanidades, 4], pp. 104-121.

LEROI-GOURHAN, A. (1984c), "Del soporte al abordamiento de la perspectiva en el arte paleolítico. Curso académico 1972-73", *in* LEROI-GOURHAN, A. (ed.), *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*, Madrid: Editorial Istmo [Artes, técnicas, humanidades, 4], pp. 122-143.

LEROI-GOURHAN, A. (1995 [1964]), *As religiões da Pré-história*, Lisboa: Edições 70.

LEROI-GOURHAN, A. (1995 [1965]), *Préhistoire de l'art occidental. Nouvelle édition revue et augmentée*, Paris: Citadelles & Mazenod [L'Art et les Grands Civilisations, 1].

LEROI-GOURHAN, A. & ALLAIN, J., eds. (1979), *Lascaux inconnu*. Paris: Éditions du CNRS [Gallia préhistoire, XII^{e} supplément].

LEVEQUE, E. & VANDERMEERSCH, B. (1984), «Abri sous-roche de La Chaire à Calvin», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 576-577.

LÉVI-STRAUSS, C. (1968 [1947]), *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris; La Haye: Mouton & Co [Collection de Rééditions, 2].

LÉVI-STRAUSS, C. (2003 [1962]), *O totemismo hoje*, Lisboa: Edições 70 [Perspectivas do Homem, 26].

LÉVI-STRAUSS, C. (2016 [1962]), *La Pensée sauvage*, Paris: Plon [Agora, 2].

LEWIS-WILLIAMS, D. (1977), *Believing and seeing: an interpretation of symbolic meanings in southern San rock paintings*, Durban: University of Natal (Tese de Doutoramento, policopiada).

LEWIS-WILLIAMS, D. (1990), *Discovering Southern African rock art*, Cape Town & Johannesburg: David Philip Publishers (Pty) Ltd.

LEWIS-WILLIAMS, D. (1990), *Discovering Southern African rock art*, Cape Town & Johannesburg: David Philip Publishers (Pty) Ltd.

LIÓN VALDERRÁBANO, R. (1971), *El caballo en el arte cántabro-aquitano. Estudio estilístico, hipométrico y faneróptico de las representaciones paleolíticas*, Santander [Publicaciones del Patronato de las Cuevas Prehistóricas de la Provincia de Santander, 8].

LOMBERA HERMIDA, A. & FÁBREGAS VALCARCE, R., eds. (2013), *Cova Eirós. Primeras evidencias de arte rupestre Paleolítico en el Noroeste Peninsular*. Santiago de Compostela: Andavira Editora SL.

LORBLANCHET, M. (1988), «De l'art pariétal des chasseurs de rennes a l'art rupestre des chasseurs de kangourous», *L'Anthropologie*, 92(1), pp. 271-316.

LORBLANCHET, M. (1989), «De l'art naturaliste des chasseurs de rennes à l'art géométrique du Mésolithique dans le Sud de la France», *in Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo [Almansor, 7], pp. 95-124.

LORBLANCHET, M. (1993), "From style to dates", *in* LORBLANCHET, M. & BAHN, P. G. (eds.), *Rock art studies: the post-stylistic era or where do we go from here? Symposium A of the 2nd AURA Congress, Cairns 1992*, Oxford: Oxbow Books [Oxbow Monograph, 35], pp. 61-72.

LORBLANCHET, M. (1993a), «Les poissons», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 181-188.

LORBLANCHET, M. (1993b), «Figuratif—non figuratif—abstrait», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 211-217.

LORBLANCHET, M. (1993c), «Les tracés indéterminés», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 235-241.

LORBLANCHET, M. (1995), *Les grottes ornées de la Préhistoire. Nouveaux regards* Paris: Éditions Errance.

LORBLANCHET, M. (2001), *La grotte ornée de Pergouset (Saint-Géry, Lot). Un sanctuaire secret paléolithique*, Paris: Maisons des Sciences de l'Homme [Documents d'Archéologie Française, 85].

LORBLANCHET, M. (2002), «De l'art des grottes à l'art de plein air au Paléolithique», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 97-112.

LORBLANCHET, M. (2010), *Art pariétal, grottes ornées du Quercy*, Rodez: Éditions du Rouergue.

LORBLANCHET, M. (2014), «Au sujet de l'article de J. Combier et G. Jouve et de la datation de la grotte Chauvet», *L'Anthropologie*, 118, pp. 152-158.

LORBLANCHET, M. & BAHN, P. G., eds. (1993), *Rock art studies: the post-stylistic era or where do we go from here? Symposium A of the 2nd AURA Congress, Cairns 1992*. Oxford: Oxbow Books [Oxbow Monograph, 35].

LORBLANCHET, M.; CACHIER, H. & VALLADAS, H. (1995), "Datations des chevaux ponctués du Pech-Merle», *International Newsletter on Rock Art*, 12, pp. 2-3.

LORBLANCHET, M.; DELPECH, F.; RENAULT, P. & ANDRIEUX, C. (1973), «La grotte de Sainte-Eulalie à Espagnac (Lot)», *Gallia préhistoire*, 16(1), pp. 3-62.

LOUBSER, J. H. N. (1996), "The use of Harris diagrams in recording, conserving and interpreting rock paintings", *International Newsletter on Rock Art*, 18, pp. 14-21.

LUBBOCK, J. (1865), *Pre-historic times, as illustrated by ancient remains and the manners and customs of modern savages*, London: Williams and Norgate.

LUCAS PELLICER, M. R. (1971), "Grabados rupestres en la comarca de Santa María de Nieva", *Estudios Segovianos*, 67, pp. 132-140.

LUCAS PELLICER, M. R. (1973), "Grabados rupestres en Domingo García", *in XII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 257-266.

LUCAS PELLICER, M. R. (1974), "El arte rupestre en la provincia de Segovia", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma*, 1, pp. 57-69.

LUÍS, L. (2000), «Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal», *Les Nouvelles de l'Archéologie*, 82, pp. 47-52.

LUÍS, L. (2003), «Sauvegarde, conservation et valorisation du Patrimoine de la Vallée de la Côa (Portugal)», *in Vestiges archéologiques en milieu extrême*, Paris: INP, pp. 110-119.

LUÍS, L. (2005), "Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa — Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa", *in* COIXÃO, A. D. S. (ed.), *Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Alta (ano de 2004)*, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal [Côavisão, 7], pp. 31-60.

LUÍS, L. (2008), *A Arte e os Artistas do Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/ Associação de Municípios do Vale do Côa.

LUÍS, L. (2009), "Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada", *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 84-93.

LUÍS, L. (2009), "Rock art as land art. A diachronic view of the Côa valley (NE Portugal). Post-palaeolithic rock art", *in* BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P.; GONZÁLEZ ANTÓN, R. & ARCO AGUILAR, C. D. (eds.), *Grabados rupestres de la fachada atlántica europea y africana / Rock Carvings of the European and African Atlantic Façade*, Oxford: Archaeopress [BAR international Series, 2043], pp. 129-147.

LUÍS, L. (2012), "Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa", *in* SANCHES, M. D. J. (ed.), *Ia Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 69-80.

LUÍS, L.; AUBRY, T. & SANTOS, A. T. (2015), "Directing the eye. The Côa valley Pleistocene rock art in its social context", *in* COLLADO GIRALDO, H. & GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.), *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of*

the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015), Tomar: Instituto Terra e Memória [Arkeos, 37], pp. 1341-1348.

LUMLEY, H. de (1968), «Le bison gravé de Ségriès, Moustiers Ste. Marie, Bassin du Verdon (Basses Alpes)», *in* RIPOLL PERELLÓ, E. (ed.), *Simposio Internacional de Arte Rupestre, Barcelona, 1966*, Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona/ Instituto de Prehistoria y Arqueología, pp. 109-121.

MADARIAGA DE LA CAMPA, B. (1972), *Hermilio Alcalde del Río. Una escuela de Prehistoria en Santander*, 9, Santander: Publicaciones del Patronato de las Cuevas Prehistóricas de la Provincia de Santander.

MADARIAGA DE LA CAMPA, B. (2000), *Sanz de Sautuola y el descubrimiento de Altamira*, Santander: Fundación Marcelino Botín.

MÁRQUEZ URÍA, M. del C. (1981), "Los grabados rupestres de la cueva del Conde (Tuñón, Asturias): nota preliminar", *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 311-317.

MARTÍN ESCORZA, C. (1999), "Factores geológicos en los grabados rupestres de Domingo García", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (eds.), *Domingo García. Arte rupestre paleolítico al aire libre en la meseta castellana*, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8], pp. 31-40.

MARTÍN SANTAMARÍA, E. & MOURE ROMANILLO, A. (1981), "El grabado de estilo paleolítico de Domingo García (Segovia)", *Trabajos de Prehistoria*, 38(1), pp. 97-108.

MARTIN, H. (1928a), *La frise sculptée et l'atelier solutréen du Roc (Charente)*, Paris: Masson et C^ie^, Éditeurs [Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, Mémoire 5].

MARTIN, H. (1928b), «L'atelier solutréen du Roc (Charente). Sa frise sculptée», *L'Anthropologie*, 38, pp. 1-16.

MARTIN, M. (2014), «Être ou ne pas être aurignaciens?... Telle est la question pour les Mégacéros de la grotte Chauvet», *L'Anthropologie*, 118, pp. 211-254.

MARTIN, M. (2014), «Graphisme thématique de la Grotte Chauvet», *L'Anthropologie*, 118, pp. 183-185.

MARTIN, P. & MARTIN, Y. (1984), «Grotte de Gouy», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 556-560.

MARTIN, Y. (2007), "The engravings of Gouy", *in* PETTITT, P., BAHN, P. G & RIPOLL LÓPEZ, S. (eds.), *Palaeolithic cave art at Creswell Crags in european context*, Oxford: Oxford University Press, pp. 140-193.

MARTÍNEZ GARCÍA, J. (1986-1987), "Un grabado paleolítico al aire libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería)", *Ars Praehistorica*, V-VI, pp. 49-58.

MARTÍNEZ GARCÍA, J. (1992), "Arte paleolítico en Almería. Los primeros documentos", *Revista de Arqueología*, 130, pp. 24-33.

MARTÍNEZ GARCÍA, J. (2008), "Arte paleolítico al aire libre en el sur de la Península Ibérica: Andalucía", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 237-258.

MARTÍNEZ GARCÍA, J. (2012), "Arte rupestre paleolítico en Andalucía. La evidencia simbólica de los cazadores-recolectores en el Sur de la Península Ibérica", *in* RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 225-255.

MARTÍNEZ VALLE, R. & GUILLEM CALATAYUD, P. M. (2005), "Arte rupestre de l'Alt Maestrat: las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera", *in* HERNÁNDEZ PÉREZ, M. & SOLER DÍAZ, J. A. (eds.), *Actas del Congreso de arte rupestre en la España mediterránea. Alicante, 25-28 de Octubre de 2004*, Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, pp. 71-88.

MARTÍNEZ VALLE, R.; GUILLEM CALATAYUD, P. M. & CUEVA CALABIA, R. (2008), "Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla", *in* HERNÁNDEZ PÉREZ, M.; SOLER DÍAZ, J. A. & LÓPEZ PADILLA, J. A. (eds.), *IV Congreso del Neolítico Peninsular*, Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, pp. 31-40.

MARTÍNEZ VALLE, R.; GUILLEM CALATAYUD, P. M. & VILLAVERDE BONILLA, V. (2003), "Las figuras de estilo paleolítico del Abric d'en Melià (Castelló): Reflexiones en torno a la caracterización final del arte paleolítico de la España Mediterránea", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 279-290.

MARTÍNEZ-VALLE, R.; GUILLEM CALATAYUD, P. M. & VILLAVERDE BONILLA, V. (2008), "Grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de Castellón", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*,

Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 225-236.

MARTINS, A. (2004), "As bacias sedimentares do Baixo Tejo e do Sado", *in* FEIO, M. & DAVEAU, S. (eds.), *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*, Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos [Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, 2], pp. 49-60.

MARX, K. (2008 [1852]), "O 18 de Brumário de Louis Bonaparte", *in Marx—Engels. Obras escolhidas em três tomos*, 1, Lisboa: Edições "Avante!", pp. 430-528.

MAS CORNELLÀ, M. (1993), "Las manifestaciones rupestres prehistóricas en la zona gaditana", *in* CAMPOS CARRASCO, J. M. & NOCETE CALVO, F. (eds.), *Investigaciones Arqueológicas en Andalucía, 1985-1992. Proyectos*, Huelva: Junta de Andalucía, pp. 263-272.

MAS CORNELLÀ, M. (2005), *La Cueva del Tajo de las Figuras*, Madrid: UNED.

MAS CORNELLÀ, M. & RIPOLL LÓPEZ, S. (2002), «Technologie et thématique de l'art rupestre paléolithique sous abri rocheux dans le Sud de la Péninsule Ibérique (Andalousie, Espagne)», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 87-93.

MAS CORNELLÀ, M.; RIPOLL LÓPEZ, S.; MARTOS ROMERO, J. A.; PANIAGUA PÉREZ, J. P.; MORENO DE REDROJO, J. R. L. & BERGMANN, L. (1995), "Estudio preliminar de los grabados rupestres de la cueva del Moro (Tarifa, Cádiz) y el arte paleolítico del Campo de Gibraltar", *Trabajos de Prehistoria*, 52(2), pp. 61-81.

MATEO, M. Á. (2008), "La cronología neolítica del arte levantino, ¿realidad o deseo?", *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, 26, pp. 7-27.

MEIRELES, J. (1997), "O Quaternário do Vale do Côa", *in* ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 41-53.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (1984a), "La cueva del Buxu. Estudio del yacimiento arqueológico y de las manifestaciones artísticas", *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos*, 111, pp. 143-185.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (1984b), "La cueva del Buxu (Continuación). El arte parietal", *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos*, 112, pp. 755-801.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (2003), "Arte prehistórico y territorialidad en la cuenca media del Sella", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 185-199.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. & OCIO ZAPATA, P. (1997), "Novedades en el arte mueble y su relación con el arte rupestre en la cueva del Buxu (Asturias)", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 173-184.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. & SELLAMI, F. (2006), "Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)", *Antiquity*, 80(310), pp. project gallery.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGET, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. & AUBRY, T. (2001), «Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la Vallée du Côa», *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. D. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 275-280.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGET, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. & AUBRY, T. (2009), «Application des méthodes de la luminescence à la datation d'occupations paléolithiques de la Vallée du Côa», *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 343-347.

MIR, A. (2003), "Los grabados parietales paleolíticos del yacimiento de la Cueva de la Fuente del Trucho, Asque (Huesca)", *in* GONZÁLEZ PÉREZ, J. R. (ed.), *I Congrés Internacional de gravats rupestres i murals. Homenatge a Lluís Díez-Coronel (Lleida, 23-27 de novembre de 1992)*, Lleida: Institut d'Estudis Llerdencs, pp. 147-153.

MONNEY, J. (2012), «Et si d'un paysage l'on contait passé. Tissu de sens et grottes ornées le long des gorges de l'Ardèche», *in* DELANNOY, J.-J.; JAILLET, S. & SADIER, B. (eds.), *Karsts — Paysages et Préhistoire*, Borguet-du-Lac: Laboratoire EDYTEM, Université de Savoie [Collection EDYTEM, 13], pp. 21-42.

MONNEY, J.; COMBIER, J.; KALTNECKER, É.; LATEUR, N.; MOREAU, C.; STOCCHETTI, S. & VALLADAS, H. (2014), «Nouveaux éléments de discussion chronologique dans le paysage des grottes ornées de l'Ardèche: Oulen, Chabot et Tête-du-Lion», *in* PAILLET, P. (ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique», MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011*, Les Eyzies: SAMRA [Paleo, numéro spécial], pp. 271-284.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011), *Pensar o Neolítico Antigo*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 16].

MONTES BARQUÍN, R.; MUÑOZ FERNÁNDEZ, E. & MORLOTE EXPÓSITO, J. M. (2002), "Los grabados rupestres paleolíticos de la cueva de La Luz (Ramales de la Victoria, Cantabria)", *Nivel Cero*, 10, pp. 23-32.

MONTES BARQUÍN, R.; MUÑOZ FERNÁNDEZ, E.; MORLOTE EXPÓSITO, J. M.; SANTAMARÍA SANTAMARÍA, S.; GÓMEZ LAGUNA, A. & GONZÁLEZ-PARDO, E. B. (2005), *La cueva del Rincón (Venta de la Perra, Carranza — Byzkaia) y sus manifestaciones paleolíticas*, Byzkaia: Bizkaio Foru Aldundia [Kobie, Anejo 9].

MORO-ABADÍA, O. & GONZÁLEZ MORALES, M. R. (2004), "1864-1902: El reconocimiento del arte paleolítico", *Zephyrus*, 57, pp. 119-135.

MOURE ROMANILLO, A. (1994), "Arte paleolítico y geografías sociales. Asentamiento, movilidad y agregación en el final del Paleolítico cantábrico", *Complutum*, 5, pp. 313-330.

MOURE ROMANILLO, A. (1995), "Vila Nova de Foz Côa. Conservación y rentabilidad social del patrimonio arqueológico", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 679-680.

MOURE ROMANILLO, A. & GIL ALVAREZ, G. (1972), "Noticia preliminar sobre los nuevos yacimientos de arte rupestre descubiertos en Peñamellera Alta (Asturias)", *Trabajos de Prehistoria*, 29, pp. 245-254.

MOURE ROMANILLO, A. & GIL ALVAREZ, G. (1974), "La cueva de Coimbre, en Peñamellera Alta (Asturias)", *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos*, 28(82), pp. 505-528.

MOURE ROMANILLO, A. & GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1986), "Los grabados de los abrigos de El Perro y San Carlos (Santoña, Cantabria)", *in Estudios en homenaje al Dr. Antonio Beltrán Martínez*, Zaragoza: Facultad de Filosofía y Letras, pp. 103-114.

MOURE ROMANILLO, A. & GONZÁLEZ SAINZ, C. (2000), "Cronología del arte paleolítico cantábrico: últimas aportaciones y estado actual de la cuestión", *in* JORGE, V. O. (ed.), *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto: ADECAP [Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular, 2], pp. 461-473.

MOURE ROMANILLO, A.; GONZÁLEZ SAINZ, C.; BERNALDO DE QUIRÓS, F. & CABRERA VALDÉS, V. (1996), "Dataciones absolutas de pigmentos en cuevas cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas", *in* MOURE ROMANILLO, A. (ed.), *"El Hombre fósil" 80 años después. Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander: Servicio de publicaciones, Universidad de Cantabria, pp. 295-324.

MOURE ROMANILLO, A.; GONZÁLEZ SAINZ, C. & GONZÁLEZ MORALES, M. R. (1991), *Las cuevas de Ramales de la Victoria (Cantabria). Arte rupestre paleolítico en las cuevas de Covalanas y La Haza*, Santander: Universidad de Cantabria.

NEIRA CAMPOS, A.; FUERTES PRIETO, N.; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. & BERNALDO DE QUIRÓS, F. (2006), "Paleolítico superior y Epipaleolítico en la provincia de León", *in* DELIBES DE CASTRO, G. & DÍEZ MARTÍN, F. (eds.), *El Paleolítico superior en la Meseta Norte Española*, Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria [Studia Archaeologica, 94], pp. 113-148.

NELH, G. (1984), «Abri du Cheval», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 307-308.

OBERMAIER, H. (1925), *El Hombre Fósil. Segunda edición refundida y ampliada*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales [Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 9].

OBERMAIER, H. & VEGA DEL SELLA, C. D. L. (1918), *La cueva del Buxu (Asturias)*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales [Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 20].

OMNES, J. (1984), "Le sanctuaire magdalénien de la grotte de Labastide (Hautes-Pyrénées. France)», *Munibe*, 36, pp. 19-26.

ORLIAC, M. (2002), "El Mesolítico", *in* GARANGER, J. (ed.), *La Prehistoria en el Mundo. Nueva edición de "La Prehistoria" de André Leroi-Gourhan*, Madrid: Akal Ediciones, pp. 438-457.

ORTEGA MARTÍNEZ, A. I. & MARTÍN MERINO, M. A. (1986), "La arqueología del karst de Ojo Guareña", *in* JUAN NUÑEZ, A. M. de; MARTÍN MERINO, M. A.; ROBADOR BERNAL, J. I. & RUÍZ GARCÍA, F. (eds.), *Ojo Guareña. Merindad de Sotoscueva. Burgos*, Burgos: Diputación Provincial de Burgos [Kaite, 4-5], pp. 331-389.

OS VERDES (2012), *30 anos de lutas ecologistas. 1982-2012*, Lisboa: Partido Ecologista Os Verdes.

OSABA, B. (1960), "La Arqueología en Ojo Guareña", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 68(1), pp. 177-206.

OSABA, B. & URIBARRI ANGULO, J. L. (1968), "El arte rupestre en "Ojo Guareña". Sección Pinturas", *Boletín de la Institución Fernán González*, 46(171), pp. 389-402.

OTTE, M. (1996), «Les industries paléolithiques», *in* OTTE, M. & SILVA, A. C. (eds.), *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural (Portugal)*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 65], pp. 91-105.

PAILLET, P.; MAN-ESTIER, E.; BOUDADI-MALIGNE, M.; DANDURAND, G.; GENTY, D.; KONIK, S.; LAROULANDIE, V.; MALLYE, J. B. & LANGLAIS, M. (2015), «L'art de la grotte de la Mairie (Teyjat, Dordogne) dans son contexte magdalénien», *in* COLLADO GIRALDO, H. & GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.), *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015)*, Tomar: Instituto Terra e Memória [Arkeos, 37], pp. 429-453.

PALES, L. (1969), *Les gravures de La Marche. I: Félins et ours*, Bordeaux: Institut de préhistoire de l'Université de Bordeaux [Mémoire, 7].

PALES, L. & SAINT PÉREUSE, M. T. (1981), *Les gravures de La Marche. III: Equidés et bovidés*, Paris: Editions Ophrys.

PASSEMARD, E. (1913), «Fouilles à Isturitz (Basses-Pyrénées)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 10(11), pp. 647-649.

PASSEMARD, E. (1918), «Les sculptures pariétales de la caverne d'Isturitz (B.-Py)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 15(8), pp. 466-477.

PASSEMARD, E. (1944), *La caverne d'Isturitz en Pays Basque*, Paris: Presses Universitaires de France [Préhistoire, 9].

PAU-PRETO, F. (2008), *O património cultural no planeamento e no desenvolvimento do território, os planos de ordenamento de Parques Arqueológicos*, Aveiro: Lugar do Plano.

PEDROSA, A. de S. (1995), "Parecer 4", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 25.

PEREIRA, D. M. I. (2004), "Dos aspectos gerais a algumas particularidades da Geomorfologia do Nordeste transmontano e do Alto Douro", *in* ARAÚJO, M. A. & GOMES, A. A. (eds.), *Geomorfologia do Noroeste da Península Ibérica*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 71-91.

PETERSON, N. (2010 [1999]), "Introduction: Australia", *in* LEE, R. B. & DALY, R. (eds.), *The Cambridge encyclopedia of hunters and gatherers*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 317-323.

PETROGNANI, S. (2009), «À propos du traitement stylistique du cheval et du bison dans l'art pariétal paléolithique anté-magdalenien franco-ibérique», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 64, pp. 95-104.

PETROGNANI, S. (2013), *De Chauvet à Lascaux: L'art des cavernes, reflet de sociétés préhistoriques en mutation*, Paris: Errance.

PETROGNANI, S. & SAUVET, G. (2012), «La parenté formelle des grottes de Lascaux et de Gabillou est-elle formellement établie?», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 109(3), pp. 441-455.

PETTITT, P. & BAHN, P. G. (2003), "Current problems in dating Palaeolithic cave arte: Candamo and Chauvet", *Antiquity*, 77, pp. 134-141.

PETTITT, P. & BAHN, P. G. (2014), "Against Chauvet-nism. A critique of recent attempts to validate an early chronology for the art of Chauvet Cave", *L'Anthropologie*, 118, pp. 163-182.

PETTITT, P. & BAHN, P. G. (2015), "An alternative chronology for the art of Chauvet Cave", *Antiquity*, 89(345), pp. 542-553.

PEYRILE, L. & DELMAS, J. A. (1932), «Découverte de gravures pariétales à Villac (Dordogne)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 29(4), pp. 180-181.

PEYRONY, D. (1929), «Le gisement préhistorique du Fourneau du Diable», *Bulletin de la Société Historique et Archéologique du Périgord*, 56, pp. 70-71.

PEYRONY, D. (1932), «Les abris Lartet et du Poisson a Gorge-d'Enfer (Dordogne)», *L'Anthropologie*, 42, pp. 241-268.

PEYRONY, D. & PEYRONY, E. (1938), *Laugerie-Haute près des Eyzies (Dordogne)*, Paris: Masson [Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, 19].

PHILLIPS, F. M.; FLINSCH, M.; ELMORE, D. & SHARMA, P. (1997), "Maximum ages of the Côa valley (Portugal) engravings measured with Chlorine-36", *Antiquity*, 71(271), pp. 100-104.

PIETTE, É. (1907), *L'art pendant l'âge du Renne*, Paris: Masson et C^ie^, Éditeurs.

PIGEAUD, R. (1997), «Les proportions des chevaux figurés dans l'art pariétal paléolithique: problème esthétique ou affaire de point de vue?», *Paléo*, 9, pp. 294-324.

PIGEAUD, R. (2004), «Dialogue avec la parois: cas des représentations paléolithiques de la grotte ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne)», *in* LEJEUNE, M. & WELTÉ, A.-C. (eds.), *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 107], pp. 21-43.

PIGEAUD, R. (2004b), «La grotte ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne)», *Gallia préhistoire*, 46, pp. 1-154.

PIGEAUD, R. (2013), «L'Ouest: carrefour ou périphérie? Observations sur l'art pariétal et mobilier du Paléolithique supérieur

ancien des «grottes de Saulges»», *in Le Paléolithique supérieur ancien de l'Europe du Nord-Ouest*, Paris: Société Préhistorique Française [Mémoire, 56], pp. 251-282.

PIKE, A.; HOFFMANN, D. L.; GARCÍA DÍEZ, M.; PETTITT, P.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GONZÁLEZ SAINZ, C.; HERAS MARTÍN, C. de las.; MONTES BARQUÍN, R. & ZILHÃO, J. (2012), "U-series dating of Paleolithic art in 11 caves in Spain", *Science*, 336, pp. 1409-1413.

PIKE, A.; HOFFMANN, D. L.; PETTITT, P.; GARCÍA DÍEZ, M. & ZILHÃO, J. (2016), "Dating Palaeolithic cave art: Why U-Th is the way to go", *Quaternary International*, doi: 10.1016/j.quaint.2015.12.013.

PINÇON, G. & BOURDIER, C. (2009), «Nouvelle interprétation d'une sculpture pariétale de la Chaire-à-Calvin (Charente, France): apport de la technologie 3D», *International Newsletter on Rock Art*, 54, pp. 11-16.

PLASSARD, J. (1999), *Rouffignac, le sanctuaire des mammouths*, Paris: Seuil.

PLISSON, H. (2009), «Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air?», *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 436-443.

POIGNANT, J. (1984), «Abri du Croc-Marin», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 305-306.

POPE, G. A. (2000), "Weathering petroglyph: direct assessment and implications for dating methods", *Antiquity*, 74(286), pp. 833-843.

R CORE TEAM (2016), *R: A language and environment for statistical computing*, Vienna, Austria: R Foundation for statistical Computing. URL: https://CRAN.R-project.org/.

RAMOS MUÑOZ, J.; CANTALEJO DUARTE, P. & ESPEJO HERRERÍAS, M. D. M. (1999), "El arte de los cazadores recolectores como forma de expresión de los modos de vida. Historiografía y crítica a las posiciones eclécticas de la posmodernidad", *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, 2, pp. 151-177.

RAMOS MUÑOZ, J.; WENIGER, G.-C.; CANTALEJO DUARTE, P. & ESPEJO HERRERÍAS, M. D. M. (2014), *Cueva de Ardales (Málaga). Intervenciones Arqueológicas*, Ardales: Ediciones Pinsapar.

RAPHAEL, M. (1945), *Prehistoric cave paintings*, Washington, D.C.: Pantheon Books [The Bollingen Series, 4].

RAPOSO, L. (1995a), "As leis do património e a arte rupestre do Côa", *Projecto Património*, 2, pp. 19-24.

RAPOSO, L. (1995b), ""Les jeux sont faits»», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 731-733.

RAPOSO, L. (1995c), "A verdadeira importância das gravuras do Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 623-626.

RAPOSO, L. (2006), "Uma descoberta notável no Vale do Côa", *Al-madan*, 14, pp. 11-12.

RAYMOND, P. (1906), «Une nouvelle grotte magdalénienne a gravures, dans l'Ardèche», *Revue Préhistorique*, 1, pp. 250-253.

RAYMOND, P. (1907), «Les gravures de la grotte magdalénienne d'Oullins (Gard)», *Revue Préhistorique*, 2, pp. 279-283.

REBANDA, N. (1995a), "Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre ", *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 11-16.

REBANDA, N. (1995b), *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*, Lisboa: IPPAR.

REBELO, F. & CORDEIRO, A. M. R. (1997), "A Geomorfologia e a datação das gravuras de Foz Côa — Metodologia e desenvolvimento de um caso de investigação científica", *Finisterra*, 32(63), pp. 95-105.

REGÀLIA, E. & STASI, P. E. (1905), "Grotta Romanelli (Castro, Terra d'Otranto). Seconda nota. Due risposte ad una critica", *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*, 35, pp. 113-172.

RÉGNAULT, F. (1897), «Marsoulas», *Bulletin de la Société Archéologique du Midi de la France*, 19, pp. 127.

RÉGNAULT, F. (1906a), «Empreintes de mains humaines dans la grotte de Gargas (Hautes-Pyrénées)», *in Association Française pour l'avancement des sciences: Conférences de Paris. Compte-rendu de la 35e session*, Paris: Association Française pour l'avancement des sciences, pp. 720-722.

RÉGNAULT, F. (1906b), «Empreintes de mains humaines dans la grotte de Gargas (Hautes-Pyrénées)», *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, 5e série, 7, pp. 331-332.

REIMER, P.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J. W.; BLACKWELL, P. G.; BRONK RAMSEY, C.; BUCK, C. E.; CHENG, H.; EDWARDS, R. L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P. M.; GUILDERSON, T. P.; HAFLIDASON, H.; HADJAS, I.; HATTÉ, C.; HEATON, T. J.; HOFFMANN, D. L.; HOGG, A. G.; HUGHEN, K. A.; KAISER, K. F.; KROMER, B.; MANNING, S. W.; NIU, M.; REIMER, R. W.; RICHARDS, D. A.; SCOTT, E. M.; SOUTHON, J. R.; STAFF, R. A.; TURNEY, C. S. M. & VAN DER PLICHT, J. (2013), "INTCAL13 and marine radiocarbon age calibration curves 0-50,000 years calBP",

Radiocarbon, 55(4), pp. 1869-1887.

REINACH, S. (1903), «L'art et la magie. A propos des peintures et des gravures de l'âge du renne», *L'Anthropologie*, 14, pp. 257-266.

REIS, M. (2011), "Prospecção da arte rupestre do Côa: Ponto da situação em Maio de 2009", *in* RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C. & SANTOS, A. T. (eds.), *Actas do V Congresso de Arqueologia — Interior Norte e Centro de Portugal*, Porto: DRCN, pp. 11-123.

REIS, M. (2012), ""Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa", *Portvgalia*, Nova Série, 33, pp. 5-72.

REIS, M. (2013), ""Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (2.ª parte)", *Portvgalia*, Nova Série, 34, pp. 5-68.

REIS, M. (2014), ""Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (conclusão)", *Portvgalia*, 35, pp. 17-59.

REIS, M. & VÁZQUEZ MARCOS, C. (2015), "Arte rupestre en la frontera hispano-portuguesa: cuenca del río Águeda", *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*, 3 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 32-43.

RENFREW, C. & BAHN, P. G. (1993), *Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica*, Madrid: Ediciones Akal.

RIBEIRO, A. (2004), "O Nordeste (Trás-os-Montes Oriental)", *in* FEIO, M. & DAVEAU, S. (eds.), *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*, Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos [Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, 2], pp. 127-131.

RIBEIRO, M. L. (2001), *Notícia explicativa. Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

RIBEIRO, O. (1949), "O fosso do médio Zêzere", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 30, pp. 23-41.

RÍOS GONZÁLEZ, S. & CASTRO VALDÉS, C. G. (2007), "Estaciones del Oriente de Asturias con arte rupestre", *in* RÍOS GONZÁLEZ, S.; CASTRO VALDÉS, C. G.; RASILLA VIVES, M. D. L. & FORTEA PÉREZ, J. (eds.), *Arte rupestre prehistórico del Oriente de Asturias*, Oviedo: Ediciones Nobel, pp. 45-201.

RIPOLL LÓPEZ, S. (1994), «L'art rupestre paléolithique de la Cueva de Ambrosio», *International Newsletter on Rock Art*, 7, pp. 1-2.

RIPOLL LÓPEZ, S. (2006), "Arte mueble de la Peña de Estebanvela (Segovia)", *in* CACHO QUESADA, C.; RIPOLL LÓPEZ, S. & MUÑOZ IBÁÑEZ, F. (eds.), *La Peña de Estebanvela (Estebanvela-Ayllón, Segovia). Grupos Magdalenienses en el Sur del Duero*, [s.l.]: Junta de Castilla y León [Memorias, 17], pp. 409-426.

RIPOLL LÓPEZ, S.; BALDELLOU, V.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & AYUSO, P. (2001), "La Fuente del Trucho (Asque-Colungo, Huesca)", *Bolskan*, 18, pp. 211-224.

RIPOLL LÓPEZ, S.; BALDELLOU, V.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & AYUSO, P. (2005), "La Fuente del Trucho (Asque-Colungo, Huesca, Espagne)", *International Newsletter on Rock Art*, 42, pp. 8-11.

RIPOLL LÓPEZ, S.; BAYARRI, V.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F.; LATOVA FERNÁNDEZ LUNA, J.; GUTIÉRREZ, R. & PECCI, H. (2014), "El arte rupestre de la cueva de El Castillo (Puente Viesgo, Cantabria). Unas reflexiones metodológicas y una propuesta cronológica", *in* CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. & MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (eds.), *Cien años de arte rupestre paleolítico. Centenario del descubrimiento de la cueva de la Peña de Candamo*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 155-169.

RIPOLL LÓPEZ, S.; CACHO QUESADA, C.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & JORDÁ PARDO, J. F. (2006), "Ocupaciones del Paleolítico superior en las comarcas segovianas: Domingo García y La Peña de Estebanvela", *in* DELIBES DE CASTRO, G. & DÍEZ MARTÍN, F. (eds.), *El Paleolítico superior en la Meseta Norte Española*, Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria [Studia Archaeologica, 94], pp. 149-172.

RIPOLL LÓPEZ, S. & MAS CORNELLÀ, M. (1999), «La grotte d'Atlanterra (Cadiz, Espagne)», *International Newsletter on Rock Art*, 23, pp. 3-5.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MAS CORNELLÀ, M. & TORRA COLELL, G. (1991), "Grabados paleolíticos en la Cueva del Tajo de las Figuras (Benalup, Cádiz) ", *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie 1, 4, pp. 111-126.

RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (1992), "Las representaciones de estilo paleolítico en el conjunto de Domingo García (Segovia)", *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria y Arqueología*, Serie I, 5, pp. 107-138.

RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (1994), «Un grand ensemble d'art rupestre paléolithique de plein air dans la Meseta Espagnole», *International Newsletter on Rock Art*, 7, pp. 2-5.

RIPOLL LÓPEZ, S. & MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. (1999), *Domingo García: arte rupestre paleolítico al aire libre en la*

Meseta, Valladolid: Junta de Castilla y León [Arqueología en Castilla y León, 8].

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUNICIO GONZÁLEZ, L. J. & LEP (2001), "Chronostylistic elements for the dating of the open-air rock art assemblage of Domingo García (Segovia, Spain)", *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 183-203.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUNICIO GONZÁLEZ, L. J.; LÓPEZ, R. & MARTOS ROMERO, J. A. (2003), "Las representaciones paleolíticas del conjunto de Domingo García (Segovia)", *in* GONZÁLEZ PÉREZ, J. R. (ed.), *I Congrés Internacional de gravats rupestres i murals. Homenatge a Lluís Díez-Coronel (Lleida, 23-27 de novembre de 1992)*, Lleida: Institut d'Estudis Llerdencs, pp. 171-187.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUNICIO GONZÁLEZ, L. J.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F.; PÉREZ MARÍN, S. & MORENO DE REDROJO, J. R. L. (1994), "El cerro de San Isidro en Domingo García. Nuevos descubrimientos", *Revista de Arqueología*, 457, pp. 12-21.

RIPOLL LÓPEZ, S. & MUÑOZ FERNÁNDEZ, E. (2003), "El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela (Estebanvela-Ayllón. Segovia)", *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 263-278.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & CALLEJA, F. (2003), "Descubrimiento de grabados y pinturas en el yacimiento solutrense de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería)", *in* GONZÁLEZ PÉREZ, J. R. (ed.), *I Congrés Internacional de gravats rupestres i murals. Homenatge a Lluís Díez-Coronel (Lleida, 23-27 de novembre de 1992)*, Lleida: Institut d'Estudis Llerdencs, pp. 155-169.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. & LATOVA FERNÁNDEZ LUNA, J. (2006), "Nuevos datos para el arte rupestre paleolítico de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería)", *in* MARTÍNEZ GARCÍA, J. & HERNÁNDEZ PÉREZ, M. (eds.), *Actas del Congreso de arte rupestre esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez, 5-7 de Mayo 2004*, Los Vélez: Comarca de Los Vélez, pp. 573-588.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F.; JORDÁ PARDO, J. F. & MARTÍN LERMA, I. (2012), "El arte rupestre paleolítico de la cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería, España). Una visión veinte años después", *Espacio, Tiempo y Forma*, Nova serie, 5, pp. 75-97.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F.; PÉREZ MARÍN, S.; MUÑIZ, M.; CALLEJA, F.; MARTOS ROMERO, J. A.; LÓPEZ, R. & AMAYA, C. (1994), "Arte rupestre paleolítico en el yacimiento solutrense de la cueva de Ambrosio (Vélez Blanco, Almería)", *Trabajos de Prehistoria*, 51(2), pp. 21-39.

RIPOLL LÓPEZ, S.; PÉREZ MARÍN, S.; LÓPEZ, R.; PANIAGUA PÉREZ, J. P.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F.; MUÑIZ, M.; CALLEJA, F. & MARTOS ROMERO, J. A. (1995), «Art pariétal paléolithique de la Grotte d'Ambrosio (Almería, Espagne)», *Préhistoire Ariégeoise*, 50, pp. 97-116.

RIPOLL LÓPEZ, S. & ZILHÃO, J. (1996), «Foz Côa, un lugar excepcional", *Butlletí de la Reial Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi*, 10, pp. 277-291.

RIPOLL PERELLÓ, E. (1957), "Revisión de la Cueva de Penches", *in IV Congreso Nacional de Arqueología, Burgos, 1955*, Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales/ Universidad de Zaragoza, pp. 57-58.

RIPOLL PERELLÓ, E. (1972), *La cueva de las Monedas en Puente Viesgo (Santander)*, Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona — Instituto de Prehistoria y Arqueología; Wenner Green Foundation for Anthropological Research.

RIPOLL PERELLÓ, E. (2001), "El debate sobre la cronología del arte levantino", *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, 22, pp. 267-280.

RIVERO VILÁ, O. (2009), «Les têtes de bisons gravées isolées du Magdalénien moyen franco-cantabrique: analyse des données technologiques et stylistique», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 64, pp. 73-82.

RIVERO VILÁ, O. & GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2013), "Arte parietal paleolítico en la cueva de Hornos de la Peña (Cantabria): nuevos datos sobre su conjunto exterior", *Zephyrus*, 72(2), pp. 59-72.

RIVERO VILÁ, O. & GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2014), «L'art mobilier gravettien de la grotte d'Isturitz (fouilles Saint-Perier: une collection redécouverte», *Paléo*, 25, pp. 247-276.

RIVIÈRE, E. (1895), «Sur la grotte de La Mouthe (Dordogne)», *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*, 121, pp. 156.

RIVIÈRE, E. (1897), «La grotte de la Mouthe (Dordogne)», *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, IV[e] Série, 8, pp. 302-329.

RIVIÈRE, E. (1902-1903), «Excursion de la section aux Eyzies», *in Association Française pour l'avancement des sciences: Conférences de Paris. Compte-rendu de la 31e session*, Paris: Association Française pour l'avancement des sciences, pp. 271-272.

ROCAFORT, C. (1908), "Les pintures rupestres de Cogul", *Butlletí del Centre Excursionista de Catalunya*, 18(158), pp. 9-73.

RODRIGUES, J. D. (2003), "Histórias com água e pedras. Nem sempre mole, nem sempre duras", *in A Geologia de Engenharia e os Recursos Geológicos*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 419-436.

RODRIGUES, J.; DIAS, G. & ALVES, M. I. C. (2009), "Caracterização do Património Geomorfológico do Parque Natural do Douro Internacional (NE de Portugal) com vista à sua valorização", *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos*, 6, pp. 249-254.

RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (1990), "Excavaciones arqueológicas realizadas en la cueva de "La Lluera" (San Juan de Priorio — Oviedo)", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1983— 1986*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 15-17.

RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. (1992), "Excavaciones arqueológicas en la cueva de La Lluera II. San Juan de Priorio. Oviedo", *in Excavaciones arqueológicas en Asturias 1987 — 1990*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 29-32.

RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A. & BARRERA LOGARES, J. M. (2014), *El arte de la frontera. 100 años del descubrimiento de la caverna de la Peña de Candamo*, Oviedo: Gobierno del Principado de Asturias.

RODRÍGUEZ ASENSIO, J. A.; BARRERA LOGARES, J. M. & AGUILAR HUERGO, E. (2012), "Cueva de La Lluera I (San Juan de Priorio, Oviedo, Asturias, España): Estratigrafía solutrense", *Espacio, Tiempo y Forma*, Nueva época, 5, pp. 235-248.

ROGERS, E. S. & SMITH, J. G. E. (1981), "Environment and Culture in the Shield and Mackenzie Borderlands", *in* HELM, J. (ed.), *Subartic*, Washington: Smithsonian Institution [Handbook of North American Indians, 6], pp. 130-145.

ROMÃO, J. (2001), "Litostratigrafia do Grupo das Beiras no bordo SW da Zona Centro-Ibérica, na região de Envendos-Barragem do Fratel (Portugal central)", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 88, pp. 5-18.

ROMERO ALONSO, A.; CRISTO ROPERO, A.; MEDINA ALCAIDE, M. Á. & SANCHIDRIÁN, J. L. (2012), "Datación del contexto arqueológico y frecuentación pleistocena en la Cueva de Nerja (Málaga, España)", *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art pléistocène dans le monde/ Pleistocene art of the world/ Arte pleistoceno en el mundo. Actes du Congrès IFRAO, Tarascon-sur-Ariège, septembre 2010 — Symposium " Datation et taphonomie de l'art pléistocène "*, Tarascon: Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées [Préhistoire, art et sociétés, 65-66], pp. 1105-1122.

ROUSSOT, A. (1972), «Contribution à l'étude de la frise pariétale du Cap Blanc», *in* ALMAGRO BASCH, M. & GARCÍA GUINEA, M. A. (eds.), *Santander Symposium*, Santander—Madrid: Patronato de las Cuevas Prehistóricas de Santander, pp. 87-113.

ROUSSOT, A. (1984), «Approche statistique du bestiaire figuré dans l'art pariétal», *L'Anthropologie*, 88(4), pp. 485-498.

ROUSSOT, A. (1984a), «Abri du Cap Blanc», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 157-163.

ROUSSOT, A. (1984b), «Abri de Laussel», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 167-169.

ROUSSOT, A. (1984c), «Abri du Poisson», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 154-156.

ROUSSOT, A. (1984d), «Grotte Nancy», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 148-150.

ROUSSOT, A. (1984e), «Grotte de Font-de-Gaume», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 129-134.

ROUSSOT, A. (1990), «Art mobilier et pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaisons stylistiques», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—La Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987*, 1: L'art mobilier et son contexte, Paris: Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 188-202.

ROUSSOT, A.; ANDRIEUX, C. & CHAUFRIASSE, A. (1968), «La grotte Nancy, cne. de Sireuil (Dordogne)», *Bulletin de la Société Historique et Archéologique du Périgord*, 95, pp. 21-50.

ROUZAUD, F.; BISIO, A.; LAUTIER, J. & SOULIER, M. (1989), «Grotte de la Magdeleine-des-Albis, à Penne (Tarn): essai de synthèse à l'occasion de la découverte d'une nouvelle figure féminine», *Préhistoire Ariégeoise*, 64, pp. 21-69.

RUIZ REDONDO, A. (2014), *Entre el Cantábrico y los Pirineos: El conjunto de Altxerri en el contexto de la actividad gráfica magdaleniense*, Santander: Nadir Ediciones.

RUIZ REDONDO, A. & GÁRATE MAIDAGÁN, D. (2014), "Variabilidad temática en el arte figurativo magdaleniense

de la cornisa cantábrica: el caso de la sierra de Cuera (Asturias)", *in* CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. & MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (eds.), *Cien años de arte rupestre paleolítico. Centenario del descubrimiento de la cueva de la Peña de Candamo (1914-214)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca [Acta Salmanticensia. Estudios históricos y geográficos, 160], pp. 143-154.

SACCHI, D. (1984), *L'art paléolithique de la France Méditerranéenne*, Carcassonne: Musée de Beaux Arts.

SACCHI, D. (1984b), «Grotte Gazel», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 314-316.

SACCHI, D. (1987), «L'art paléolithique des Pyrénées roussillonnaises», *in* ABELANET, J. (ed.), *Etudes Roussillonnaises offertes à Pierre Ponsich. Mélanges d'archéologie, d'histoire et d'histoire de l'art du Roussillon et de la Cerdagne*, Perpignan: Centre d'Etudes Préhistoriques Catalanes, pp. 47-52.

SACCHI, D. (1988), «Remarques générales sur les faciès magdaléniens du Bassin de l'Aude et du Roussillon», *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie I, 1, pp. 177-195.

SACCHI, D. (1990), «Bases objectives de la chronologie de l'art mobilier paléolithique dans les Pyrénées septentrionales», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international. Foix—La Mas-d'Azil. 16-21 novembre 1987*, 1: L'art mobilier et son contexte, Paris: Ministère de la Culture, de la Communication, des Grands Travaux et du Bicentenaire, pp. 13-28.

SACCHI, D. (1993), «Les caprinés, antilopinés, rupicaprinés», in GRAPP (ed.), L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 123-136.

SACCHI, D. (1995), «Brèves remarques à propos du site d'art rupestre de Foz Côa (Portugal), de son importance et de son avenir», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 519-522.

SACCHI, D. (2000), "The impact of recent discoveries on our knowledge of rock art of the European Palaeolithic", *The Review of Archaeology*, 21(1), pp. 8-15.

SACCHI, D. (2001), «L'art paléolithique de plein air dans le sud de la France et la péninsule ibérique: un nouveau domaine de la recherche», *Bulletin de l'Ecole Antique de Nîmes*, 25, pp. 1-8.

SACCHI, D. (2004-2005), «L'art du Côa: une découverte majeure», *Arqueologia & História*, 56-57, pp. 31-34.

SACCHI, D. (2008), «Le rocher gravé de Fornols vingt trois ans après sa découverte», *in* BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 193-209.

SACCHI, D. (2008b), «Un thème de l'iconographie magdalénienne: Le bouquetin dardant la langue», *Espacio, Tiempo y Forma*, Nueva época, 1, pp. 93-104.

SACCHI, D. & BRULÉ, J.-L. (2004), «Sallèles-Cabardès. Grotte Gazel», *ADLFI. Archéologie de la France — Informations (en ligne), Languedoc-Roussillon*, mis en ligne le 01 mars 2004, consultado a 1 de março de 2016. URL: http://adlfi.revues.org/11983.

SACCHI, D.; ABELANET, J. & BRULÉ, J. L. (1988), «Un témoin de l'art paléolithique de plein air en Roussillon: Le rocher de Fornols-Haut», *in Prehistòria i Arqueologia de la Conca del Segre. Homenatge al Prof. Dr. Joan Maluquer de Motes*, Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 37-42.

SACCHI, D.; ABELANET, J.; BRULÉ, J. L.; MASSIAC, Y.; RUBIELLA, C. & VILETTE, P. (1988), «Le rocher gravé de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales», *L'Anthropologie*, 92(1), pp. 67-100.

SACCHI, D.; ABELANET, J.; BRULÉ, J. L.; MASSIAC, Y.; RUBIELLA, C. & VILETTE, P. (1986-1987), «Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées-Orientales, France. Étude préliminaire», *in I Congreso Internacional de arte rupestre*, Caspe (Zaragoza): Grupo Cultural Caspolino. Filial de la Institución "Fernando el Católico" de la diputación provincial de Zaragoza. CSIC [Bajo Aragón Prehistoria, 7-8], pp. 279-293.

SACCHI, D.; ABELANET, J. & BRULÉ, J. L. (1987), "Le rocher gravé de Fornols-Haut", *Archéologia*, 225, pp. 52-57.

SAINT-MATHURIN, S. D. (1984), «L'abri du Roc-aux-Sorciers», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 583-588.

SAINT-MATHURIN, S. D. & GARROD, D. (1949), «Fragments de bas-reliefs découverts dans le gisement magdalénien d'Angles-sur-l'Anglin», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 93(2), pp. 138-142.

SAINT-MATHURIN, S. D. & GARROD, D. (1950), «Une frise sculptée du Magdalénien ancien découverte à Angles-sur-l'Anglin», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 94(2), pp. 123-128.

SAMPAIO, J. D. (2009), *Abordagem experimental aplicada ao estudo de estruturas pétreas gravettenses do sítio de Olga Grande 4 (Vila Nova de Foz Côa)*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado, policopiada).

SAMPAIO, J. D. & AUBRY, T. (2008), "Dos dados arqueológicos ao grande público: o exemplo do Vale do Côa", *in* SAMPAIO, J. D. & AUBRY, T. (eds.), *Arqueologia Experimental. Recriações do Passado em ritmos do nosso tempo*, Porto: ACDR [Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões, 4], pp. 23-33.

SAMPAIO, J. D. & AUBRY, T. (2011), "Parque Arqueológico do Vale do Côa: entre os dados da experimentação arqueológica e o público", *in* MORGADO, A.; BAENA PREYSLER, J. & GARCÍA GONZÁLEZ, D. (eds.), *La investigación experimental aplicada a la Arqueología. Vol. 1: Tecnología y traceología lítica prehistórica y su experimentación*, Granada: Universidad de Granada, pp. 461-468.

SANCHES, M. de J. & TEIXEIRA, J. C. (2013), "An interpretative approach to "devil claw" carvings: the case of river Tua Mouth Shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal)", *in* ANATI, E. (ed.), *XXV Valcamonica Symposium 2013. Art as a source of History*, Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 59-68.

SANCHES, M. de J. & TEIXEIRA, J. C. (2014), "O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal", *Portvgalia*, 35, pp. 61-75.

SANCHIDRIÁN, J. L. (1981), *Cueva Navarro (Cala del Moral, Málaga)*, Salamanca: Departamento de Prehistoria y Arqueología da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris. I Palaeolithica Ars*, 1].

SANCHIDRIÁN, J. L. (1982), "La cueva del Morrón (Jimena, Jaén)", *Zephyrus*, 34-35, pp. 5-11.

SANCHIDRIÁN, J. L. (1991-1992), "Códigos gráficos en algunos santuarios solutrenses de Andalucía", *Zephyrus*, 44-45, pp. 17-33.

SANCHIDRIÁN, J. L. (1994), *Arte rupestre de la Cueva de Nerja*, Nerja: Patronato de la Cueva de Nerja [Trabajos sobre la Cueva de Nerja, 4].

SANCHIDRIÁN, J. L. (1997), "Propuesta de la secuencia figurativa en la Cueva de La Pileta", *in* FULLOLA I PERICOT, J. M. & SOLER, N. (eds.), *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*, Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya — Girona [Sèrie Monogràfica, 17], pp. 411-430.

SANCHIDRIÁN, J. L. (2001), *Manual de arte prehistórico*, Barcelona: Editorial Ariel.

SANCHIDRIÁN, J. L.; MÁRQUEZ ALCÁNTARA, A. M.; VALLADAS, H. & TISNÉRAT-LABORDE, N. (2001), «Dates directes pour l'art rupestre d'Andalousie (Espagne)», *International Newsletter on Rock Art*, 29, pp. 15-19.

SANCHIDRIÁN, J. L.; MEDINA ALCAIDE, M. Á. & ROMERO ALONSO, A. (2012), "El "Gravetiense profundo" de la cueva de Nerja (Málaga, Andalucía, España)", *in* HERAS MARTÍN, C. D. L.; LASHERAS CORRUCHAGA, J. A.; ARRIZABALAGA VALBUENA, A. & RASILLA VIVES, M. D. L. (eds.), *Pensando el Gravetiense: nuevos datos para la región cantábrica en su contexto peninsular y pirenaico*, Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte [Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira. Monografías, 23], pp. 501-511.

SANTOS, A. T. (2008a), *Uma abordagem hermenêutica - fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 13].

SANTOS, A. T. (2008b), "O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive", *in* SANTOS, A. T. & LUÍS, L. (eds.), *Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Porto: ACDR [Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões, 3], pp. 8-13.

SANTOS, A. T. (2012), "Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual", *in* SANCHES, M. D. J. (ed.), *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 39-67.

SANTOS, A. T. (2015a), "A arte paleolítica do Vale do Côa: breve síntese", *in* LEE, S.; BAPTISTA, A. M. & FERNANDES, A. P. B. (eds.), *Arte Rupestre do Vale do Côa*, Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 68-89.

SANTOS, A. T. (2015b), "Em torno da arte paleolítica do Vale do Côa", *in* SANZ MÍNGUEZ, C. (ed.), *El Bestiario vacceo. Vaccearte. 8ª exposición de arte contemporáneo de inspiración vaccea*, Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid, pp. 18-26.

SANTOS, A. T.; AUBRY, T. & WALTER, B. (2014), «Le cerf dans l'art rupestre de la vallée du Côa», *Grande Faune. Chasse Gestion*, 143, pp. 41-48.

SANTOS, A. T. & BARBOSA, A. F. (2015), "Anexo VI. Descrição da placa de xisto gravada", *in* AMEIJENDA IGLESIAS, A.; MANZANO, C.; FONSECA, J. & GOMES, S. A. (eds.), *Relatório final. Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Vau (Ocorrência patrimonial N.º 214) São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu*, Matosinhos: Arqueologia e Património, Lda.

SANTOS, A. T.; SANCHES, M. de J. & TEIXEIRA, J. C. (2015), "The Upper Palaeolithic rock art of Portugal in its Iberian context", *in* BUENO RAMÍREZ, P. & BAHN, P. G. (eds.), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford: Archaeopress Archaeology, pp. 123-133.

SANTOS, M. F. dos (1964), "Vestígios de pinturas rupestres descobertos na Gruta do Escoural", *O Arqueólogo Português*, nova série, 5, pp. 5-47.

SANTOS, M. F. dos (1967a), "Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta do Escoural", *Revista de Guimarães*, 77, pp.

18-34.

SANTOS, M. F. dos (1967b), *Arqueologia do Concelho de Montemor-o-Novo — Realizações, problemas e perspectivas*, Montemor-o-Novo: grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo.

SANTOS, M. F. dos (1972), *Pré-história de Portugal*, Lisboa: Edições Verbo.

SANTOS, M. F. dos; GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1981), "Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal)", *in Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 205-242.

SANZ DE SAUTUOLA, M. de (1880), *Breves apuntes sobre algunos objetos prehistóricos de la provincia de Santander*, Santander: Telesforo Martínez.

SAUVET, G. (1983), «Les représentations d'équidés paléolithiques de la grotte de La Griega (Pedraza, Segovia). À propos d'une nouvelle découverte», *Ars Praehistorica*, 2, pp. 49-59.

SAUVET, G. (1985), «Les gravures paléolithiques de la grotte de La Griega (Ségovie, Espagne)», *Préhistoire Ariégeoise*, 30, pp. 141-168.

SAUVET, G. (1988), «La communication graphique paléolithique (de l'analyse quantitative d'un corpus données à son interprétation sémiologique)», *L'Anthropologie*, 92(1), pp. 3-16.

SAUVET, G. (1993a), «Introduction: le problème de la détermination», *in* GRAPP (ed.), *L'art pariétal paléolithique: techniques et méthodes d'études*, Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 83-86.

SAUVET, G.; FORTEA PÉREZ, J.; FRITZ, C. & TOSELLO, G. (2008), "Crónica de los intercambios entre los grupos humanos paleolíticos. La contribución del arte para el periodo 20000-12000 años BP", *Zephyrus*, 61, pp. 33-59.

SAUVET, G.; LAYTON, R.; LENSSEN-ERZ, T.; LÓPEZ-MONTALVO, E.; TAÇON, P. & WLODARCZYK, A. (2012), «De l'iconographie d'un art rupestre à son interprétation anthropologique», *in* CLOTTES, J. (ed.), *L'art pléistocène dans le monde/ Pleistocene art of the world/ Arte pleistoceno en el mundo. Actes du Congrès IFRAO, Tarascon-sur-Ariège, septembre 2010 — Symposium «Signes, symboles, mythes et idéologie...»*, Tarascon: Société Préhistorique de Ariège-Pyrénées [Préhistoire, art et sociétés, 65-66], pp. 1763-1776.

SAUVET, G.; LAYTON, R.; LENSSEN-ERZ, T.; TAÇON, P. & WLODARCZYK, A. (2006), «La structure iconographique d'un art rupestre est-elle une clef pour son interprétation?», *Zephyrus*, 59, pp. 97-110.

SAUVET, G.; LAYTON, R.; LENSSEN-ERZ, T.; TAÇON, P. & WLODARCZYK, A. (2009), "Thinking with animals in upper Palaeolithic rock art", *Cambridge Archaeological Journal*, 19(3), pp. 319-336.

SAUVET, G. & SAUVET, S. (1979), "Fonction sémiologique de l'art pariétal animalier franco-cantabrique", *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76(10-12), pp. 340-354.

SAUVET, G. & SAUVET, S. (1983), *Los grabados rupestres de la cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca: Departamento de Prehistoria y Arqueología da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars*, 2].

SAUVET, G.; SAUVET, S. & WLODARCZYK, A. (1977), «Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74(2), pp. 545-558.

SAUVET, G. & WLODARCZYK, A. (1995), «Éléments d'une grammaire formelle de l'art pariétal paléolithique», *L'Anthropologie*, 99(2-3), pp. 193-211.

SAUVET, G. & WLODARCZYK, A. (2000-2001), «L'art pariétal, miroir des sociétés paléolithiques», *Zephyrus*, 53-54, pp. 217-240.

SCHALLER, O., ed. (2007), *Illustrated veterinary anatomical nomenclature*. Stuttgart: Enke Verlag.

SEBASTIÁN, A. (1988), "Nuevos datos sobre la cuenca media del rio Guadalope: el abrigo del Barranco Hondo y el abrigo de Ángel", *Revista Teruel*, 79(2), pp. 77-92.

SELLAMI, F. (2009a), «Les données de la séquence stratigraphique du site de Fariseu: processus de déposition et d'érosion des dépôts en limite de la plaine alluviale de la Vallée du Côa», *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 103-108.

SELLAMI, F. (2009b), «Les processus de formation, conservation et évolution des dépôts quaternaires sur les granites de Meda-Escalhão: Olga Grande 4 et 14 de Pedras Altas», *in* AUBRY, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 109-112.

SEPÚLVEDA, T. (1994), "Tiros nos pés", *Público*, 10/12/1994, pp. 29.

SERONIE-VIVIEN, M.-R. (1974), «Découverte d'une nouvelle grotte ornée en Pays Basque: la grotte du Sinhikole-ko-Karbia (Camou-Cihigue, Pyrénées-Atlantiques)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 71(2), pp. 40-44.

SERRA, J. L. (1979), *Anatomia, fisiologia e exterior dos animais domésticos*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco

[Colecção Agros, 7].

SERRÃO, V. (1995a), "O santuário de arte rupestre do Vale do Côa. Da política dos adiamentos ao escândalo da desinformação", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 783-785.

SERRÃO, V. (1995b), "A defesa do santuário de arte rupestre do Côa, imperativo cultural do povo português", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 789-792.

SILVA, A. C. (2011), *Uma gruta Pré-histórica no Alentejo — Escoural*, Évora: DRCALEN.

SILVA, A. C. & ARAÚJO, A. C. (1995), *Gruta do Escoural*, Lisboa: IPPAR [Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 4].

SILVA, A. C.; OTTE, M.; ARAÚJO, A. C.; CAWE, N.; LÉOTARD, J. M.; LEJEUNE, M.; LACROIX, P. & COLLIN, F. (1991), "A gruta do Escoural: novas perspectivas para o seu estudo e valorização", *in Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 173-181.

SILVA, A. F. da & RIBEIRO, M. L. (1994), *Notícia explicativa da folha 15-B. Freixo de Espada à Cinta*, Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.

SILVA, N. R. da (1995), "Faz-de-conta em Foz Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 711-714.

SILVA, N. R. da (1995), "O "drama" da água, Malthus e o clube de Roma", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 793-795.

SIMÓN VALLEJO, M. D.; CORTÉS SÁNCHEZ, M. & BICHO, N. F. (2012), "Primeras evidencias de arte mueble paleolítico en el sur de Portugal", *Trabajos de Prehistoria*, 69(1), pp. 7-20.

SIMONNET, G.; SIMONNET, L. & SIMONNET, R. (1984), «Grotte de Labastide», *in L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*, Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 527-535.

SOARES, A. M. M. (1995a), "Os métodos de "datação directa" aplicados no Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 499-507.

SOARES, A. M. M. (1995b), "Os charlatães do Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 727-730.

SÓCRATES, J. (1994), "Arrogância "snob"", *Público*, 10/12/1994, pp. 29.

SORIA LERMA, M. & LÓPEZ PAYER, M. G. (1999), "Los abrigos con arte levantino de las cuencas altas del Segura y del Guadalquivir", *Bolskan*, 16, pp. 151-175.

STÉPANOFF, C. (2010), «Corps et âmes d'animaux en Sibérie: de l'Amour animique à l'Altai analogique», *in* DESCOLA, P. (ed.), *La Fabrique des images. Visions du monde et formes de la représentation*, Paris: musée du Quai Branly; Somogy éditions d'art, pp. 61-69.

STOREMYR, P.; KELANY, A.; NEGM, M. A. & TOHAMI, A. (2008), "More "Lascaux along the Nile"? Possible Late Palaeolithic rock art in the Wadi Abu Subeira, Upper Egypt", *Sahara*, 19, pp. 155-158.

STRAUS, L. G. (1990), "The original arms race. Iberian perspectives on the Solutrean phenomenon", *in* KOZLOWSKI, J. K. (ed.), *Feuilles de pierre. Les industries à pointes foliacées du Paléolithique supérieur européen. Actes du Colloque de Cracovie 1989*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 42], pp. 425-447.

SUTTLES, W., ed. (1990), *Northwest Coast*. Washington: Smithsonian Institution [Handbook of North American Indians, 7].

TAÇON, P. (1991), "The power of stone: symbolic aspects of stone use and tool development in western Arnhem Land, Australia", *Antiquity*, 65, pp. 192-207.

TEIXEIRA, J. C. (2016), "O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do Vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes)", *in* SANCHES, M. de J. & CRUZ, D. J. da (eds.), *Atas da IIª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história". Estudo, conservação e Musealização de maciços rochosos e monumentos funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos, 18], pp. 41-70.

TEIXEIRA, J. C.; VALDEZ-TULLET, J. & SANCHES, M. de J. (2010), "O abrigo da Foz do rio Tua—Alijó (Trás-os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar", *in Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo* [poster disponível em www.academia.edu/2113965/O_Abrigo_da_Foz_do_Rio_Tua_-_Alijó_Trás-Os_-Montes_Portugal_Identificação_e_Estudo_Preliminar].

TESTART, A. (2012), *Avant l'Histoire. L'évolution des sociétés de Lascaux à Carnac*, Paris: Gallimard.

TESTART, A. (2014), «L'évolution des chasseurs-cueilleurs. Hypothèse supplétive sur le mariage», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 111(4), pp. 593-602.

TESTART, A. (2016), *Art et religion de Chauvet à Lascaux*, Paris: Gallimard.

TILLEY, C. (1994), *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*, Oxford/ Providence: Berg.

TOSELLO, G. (2003), *Pierres gravées du Périgord Magdalénien: art, symboles, territoires*, Paris: CNRS [Supplément à Gallia

Préhistoire, 36].

TRIGGER, B. G. (1992), *Historia del pensamiento arqueológico*, Barcelona: Critica Editorial.

TYMULA, S. (2002), *L'art solutréen du Roc de Sers*, Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'Homme [Documents d'Archéologie Française, 91].

TYMULA, S.; RIGAUD, A.; WALTER, B.; PEYROUSE, J.-B. & AUBRY, T. (2013), «L'art mobilier solutréen inédit des Maîtreaux (Bossay-sur-Claise, Indre-et-Loire): note préliminaire», *in* SERAP (ed.), *Le Solutréen 40 ans après Smith'66 (Actes du Colloque, Preuilly-sur-Claise, 21 octobre-1 novembre 2007)*, Tours: ARCHEA; FERACF [Supplément à la Revue Archéologique du Centre de la France, 47], pp. 305-310.

UCKO, P. (1989), "La subjetividad y el estudio del arte paleolítico", *in* GONZÁLEZ MORALES, M. R. (ed.), *Cien años después de Sautuola: Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte*, Santander: Consejería de Cultura, Educación y Deporte [Estudios de Cantabria, 1], pp. 283-358.

UCKO, P. & ROSENFELD, A. (1967), *Palaeolithic cave art*, London: Weidenfeld & Nicolson.

URIBARRI ANGULO, J. L. & LIZ CALLEJO, C. (1973), "El arte rupestre de Ojo Guareña. La cueva de Kaite", *Trabajos de Prehistoria*, 30, pp. 69-120.

UTRILLA, P.; BALDELLOU, V.; BEA, M.; MONTES, L. & DOMINGO MARTÍNEZ, R. (2014), "La Fuente del Trucho. Ocupación, estilo y cronología", *in* CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. & MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (eds.), *Cien años de arte rupestre paleolítico. Centenario del descubrimiento de la cueva de la Peña de Candamo*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca [Acta Salmanticensia. Estudios históricos y geográficos, 160], pp. 119-132.

UTRILLA, P.; BALDELLOU, V.; BEA, M. & VIÑAS, R. (2012), "La cueva de la Fuente del Trucho (Asque-Colungo, Huesca). Una cueva mayor del arte gravetiense", *in* HERAS MARTÍN, C. D. L.; LASHERAS CORRUCHAGA, J. A.; ARRIZABALAGA VALBUENA, A. & RASILLA VIVES, M. D. L. (eds.), *Pensando el Gravetiense: nuevos datos para la región cantábrica en su contexto peninsular y pirenaico*, Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte [Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira. Monografías, 23], pp. 526-537.

UTRILLA, P. & MARTÍNEZ BEA, M. (2008), «Sanctuaires rupestres comme marqueurs d'identité territoriale: sites d'agrégation et animaux «sacrés»», *Préhistoire, Art et Sociétés*, 63, pp. 61-71.

UTRILLA, P. & VILLAVERDE BONILLA, V. (2004), *Los grabados levantinos del Barranco Hondo (Castellote, Teruel)*, [s.l]: Gobierno de Aragón.

UTRILLA, P.; VILLAVERDE BONILLA, V. & MARTÍNEZ VALLE, R. (2001), «Les gravures rupestres de «Roca Hernando» (Cabra de Mora, Teruel)», *in* ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. D. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 161-174.

VALDEZ-TULLET, J. (2013), "O abrigo de Foz Tua. A ampla diacronia de um espaço significante", *in* SASTRE BLANCO, J. C.; CATALÁN RAMOS, R. & FUENTES MELGAR, P. (eds.), *Arqueología en el Valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: Nuevas perspectivas*, Madrid: Ediciones de La Ergástula [Colección Simposia, 4], pp. 355-366.

VALLADAS, H.; CACHIER, H.; MAURICE, P.; BERNALDO DE QUIRÓS, F.; CLOTTES, J.; CABRERA VALDÉS, V.; UZQUIANO, P. & ARNOLD, M. (1992), "Direct radiocarbon dates for prehistoric paintings at the Altamira, El Castillo and Niaux caves", *Nature*, 357, pp. 68-70.

VALLADAS, H.; KALTNECKER, É.; QUILES, A.; TISNÉRAT-LABORDE, N.; GENTY, D.; ARNOLD, M.; DELQUE-KOLIC, E.; MOREAU, C.; BAFFIER, D.; CLEYET-MERLE, J.-J.; CLOTTES, J.; GIRARD, M.; MONNEY, J.; MONTES BARQUÍN, R.; GONZÁLEZ SAINZ, C.; SANCHIDRIÁN, J. L. & SIMONNET, R. (2013), "Dating French and Spanish prehistoric decorated caves in their archaeological contexts", *Radiocarbon*, 55(2-3), pp. 1422-1431.

VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. & AUBRY, T. (2001), "TL dating of upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal)", *Quaternary Science Reviews*, 20(5-9), pp. 939-943.

VÁZQUEZ MARCOS, C. (2014), "Análisis estadístico del caballo en el sitio de Siega Verde", *in* CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S. & MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, M. (eds.), *Cien años de arte rupestre paleolítico. Centenario del descubrimiento de la cueva de la Peña de Candamo*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca [Acta Salmanticensia. Estudios históricos y geográficos, 160], pp. 273-283.

VEGA DEL SELLA, C. de la (1916), *Paleolítico de Cueto de la Mina (Asturias)*, Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales [Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria número 20].

VIALOU, D. (1979), «Le Passage et l'Abside», *in* LEROI-GOURHAN, A. & ALLAIN, J. (eds.), *Lascaux inconnu*, Paris: Éditions du CNRS [Gallia Préhistoire, XII^{e} supplément], pp. 191-300.

VIALOU, D. (1986), *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*, Paris: CNRS [Supplément à Gallia Préhistoire, 26].

VIALOU, D. (1995), «Foz Côa, une découverte exceptionnelle», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 765-766.

VIALOU, D. (1999), «L'art paléolithique», *in* OTTE, M. (ed.), *La Préhistoire*, Paris, Bruxelles: De Boeck Université, pp. 212-350.

VIALOU, D. (2004a), «Architecture de l'art pariétal paléolithique», *in* LEJEUNE, M. & WELTÉ, A.-C. (eds.), *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*, Liège: Université de Liège [ERAUL, 107], pp. 7-14.

VIALOU, D. (2004b), «Azilien», *in* VIALOU, D. (ed.), *La Préhistoire. Histoire et Dictionnaire*, Paris: Éditions Robert Laffont, pp. 266.

VIALOU, D. (2004c), «Épipaléolithique», *in* VIALOU, D. (ed.), *La Préhistoire. Histoire et Dictionnaire*, Paris: Éditions Robert Laffont, pp. 592-593.

VIALOU, D. & AUBRY, T. (2004), «Périgordien», *in* VIALOU, D. (ed.), *La Préhistoire. Histoire et Dictionnaire*, Paris: Éditions Robert Laffont, pp. 1060-1061.

VIDIELLA, S. (1907), "Las pinturas rupestres del término de Cretas", *Boletín de Historia y Geografía del Bajo-Aragón*, 1(2), pp. 68-75.

VIEIRA, A. B. (1995a), "Datação paleoecológica das gravuras do Côa", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 753-756.

VIEIRA, A. B. (1995b), "Gravuras do Côa: função e utopia", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 749-751.

VILANOVA Y PIERA, J. (1884), *Los congresos científicos de Chalons, Berna, París, Lisboa y Argel*, Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de Sordo-Mudos y de Ciegos.

VILLAVERDE BONILLA, V. (1994), *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos con grabados y pinturas*, Valencia: Servei d'Investigació Prehistòrica.

VILLAVERDE BONILLA, V. (2006), "Arte mueble paleolítico en el Mediterráneo occidental: contexto y diversidad regional", *in* ARIAS CABAL, P. & ONTAÑON PEREDO, R. (eds.), *La materia del lenguaje prehistórico: El arte mueble de Cantabria en su contexto*, Santander: Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas de Cantabria, pp. 67-84.

VILLAVERDE BONILLA, V.; CARDONA, J. & MARTÍNEZ-VALLE, R. (2009), «L'art pariétal de la grotte Les Meravelles. Vers une caractérisation de l'art paléolithique pré-magdalénien du versant méditerranéen de la Péninsule Ibérique», *L'Anthropologie*, 113, pp. 762-793.

WATCHMAN, A. (1996), "A review of the theory and assumptions in the AMS dating of the Foz Côa petroglyphs, Portugal", *Rock Art Research*, 13(1), pp. 21-30.

WATCHMAN, A. (2003), "Fact and fiction in the Côa valley", *Rock Art Research*, 20(1), pp. 63.

WELKER, W. V. (2014), „Felsbilder im Hunsrück. Erste paläolithische Felskunst in Deutschland", *Berichte zur Archäologie am Mittelrhein und Mosel*, 20, pp. 9-33.

WHITE, R. (2003), *Prehistoric art: the symbolic journey of humankind*, New York: Harry N. Abrams.

WHITLEY, D. S. (1994), "By the hunter, for the gatherer: art, social relations and subsistence in the prehistoric Great Basin", *World Archaeology*, 25(3), pp. 356-373.

WHITLEY, D. S. (1998), "Finding rain in the desert: landscape, gender and far western North American rock art", *in* CHIPPINDALE, C. & TAÇON, P. (eds.), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 11-29.

YATES, T. (1993), "Framework for an archaeology of the body", *in* TILLEY, C. (ed.), *Interpretative archaeology*, Oxford/ Providence: Berg, pp. 31-72.

YRAVEDRA SAINZ DE LOS TERREROS, J. & ANDRÉS, M. (2013), "Estrategias de subsistencias entre los grupos magdalenienses de La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)", *in* CACHO QUESADA, C. (ed.), *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*, [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 211-244.

ZILHÃO, J. (1988), «Plaquette gravée du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 85(4), pp. 105-109.

ZILHÃO, J. (1989), «L'art mobilier paléolithique au Portugal», *in Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica — Nos 25 anos da Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo [Almansor, 7], pp. 29-36.

ZILHÃO, J. (1995-1996), «L'art rupestre paléolithique de plein air», *Les Dossiers d'Archéologie*, 209, pp. 106-117.

ZILHÃO, J. (1995a), "Política e Ciência na questão do Côa", *Projecto Património*, 2, pp. 25-28.

ZILHÃO, J. (1995b), "The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of "scientific" dating to historic or proto-historic times", *Antiquity*, 69(266), pp. 883-901.

ZILHÃO, J. (1995c), "The stylistically paleolithic petroglyphs of the Côa valley (Portugal) are of paleolithic age. A refutation of their "direct dating" to recent times", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 423-462.

ZILHÃO, J., coord. (1997), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Lisboa: Ministério da Cultura.

ZILHÃO, J. (1997a), "Súmula dos resultados científicos", *in* ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 12-37.

ZILHÃO, J. (1997b), *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri.

ZILHÃO, J. (1998), "The rock art of the Côa Valley, Portugal. Significance, conservation and management", *Conservation and management of archaeological sites*, 2(4), pp. 193-206.

ZILHÃO, J. (2000), "La puesta en valor del arte rupestre del valle del Côa (Portugal)", *Trabajos de Prehistoria*, 57(2), pp. 57-64.

ZILHÃO, J. (2002), «La mise en valeur de l'art rupestre de la vallée du Côa», *in* SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 17-22.

ZILHÃO, J. (2003a), «Vers une chronologie lus fine de l'art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail», *in* BALBÍN BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.

ZILHÃO, J. (2003b), "The Côa valley: research and management of a world heritage rock art site", *Rock Art Research*, 20(1), pp. 53-68.

ZILHÃO, J. (2004-2005), "Parque Arqueológico do Vale de Côa: passado, presente e perspectivas de futuro na gestão de um bem arqueológico do património mundial", *Arqueologia & História*, 56-57, pp. 15-30.

ZILHÃO, J. (2009), "The Ebro frontier revisited", *in* CAMPS, M. & SZMIDT, C. (eds.), *The Mediterranean from 50 000 to 25 000 BP: Turning points and new directions*, Oxford: Oxbow Books, pp. 293-312.

ZILHÃO, J. (2011), "Aliens from Outer time? Why the "Human Revolution" is wrong, and where do we go from here?", *in* CONDEMI, S. & WENIGER, G.-C. (eds.), *Continuity and discontinuity in the peopling of Europe: One hundred fifty years of Neanderthal study*, Dordrecht; New York: Springer, pp. 331-366.

ZILHÃO, J. (2013), "Forty years after Roche 64. A far-west view of the Solutrean", *in* SERAP (ed.), *Le Solutréen 40 ans après Smith'66 (Actes du Colloque, Preuilly-sur-Claise, 21 octobre-1 novembre 2007)*, Tours: ARCHEA; FERACF [Supplément à la Revue Archéologique du Centre de la France, 47], pp. 87-99.

ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. M. F. de (1999), «L'art rupestre de la vallée du Côa. Aperçu général des problèmes de recherche et de gestion», *Anthropologie et Préhistoire*, 110, pp. 57-59.

ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. F. de; BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. & MEIRELES, J. (1997), "The rock art of the Côa valley (Portugal) and its archaeological context: first results of current research", *Journal of European Archaeology*, 5(1), pp. 7-49.

ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. M. F. de; BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. & MEIRELES, J. (1998-1999), «Art rupestre et Archéologie de la vallée du Côa (Portugal)», *Préhistoire et Anthropologie Méditerranéennes*, 7-8, pp. 89-117.

ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. M. F. de; ZAMBUJO, G. & ALMEIDA, F. (1995), "O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 471-485.

ZILHÃO, J. & TRINKAUS, eds. (2002), *Portrait of the artist as a child. The Gravettian human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho and its archaeological context*, Lisboa: IPA [Trabalhos de Arqueologia, 22].

ZÜCHNER, C. (1995), "Commentaires sur l'art rupestre de Foz Côa (Portugal)", *International Newsletter on Rock Art*, 12, pp. 18-19.

ZÜCHNER, C. (2003), «Datations archéologiques de l'art rupestre — rien qu'une méthode subjective?», *International Newsletter on Rock Art*, 35, pp. 18-24.

ZÜCHNER, C. (2007), «La grotte Chauvet. Un sanctuaire aurignacien? Les conséquences pour l'Art paléolithique», *in* FLOSS, H. & ROUQUEROL, N. (eds.), Les chemins de l'art aurignacien en Europe. Colloque international. Aurignac 2005: Éditions Musée-Forum Aurignac [Cahier, 4], pp. 409-420.

Anexo: As rochas estudadas do território português a norte do Tejo

0. Breves considerações prévias

Este inventário visou a prossecução dos seguintes objetivos: permitir a identificação de cada uma das unidades gráficas figurativas estudadas ao longo deste trabalho; relacionar cada uma destas com o repertório não figurativo com o qual se associa, distribuindo-se este por chaves pré-definidas; permitir a sistematização de toda informação contida nos decalques produzidos, mediante a descrição de cada uma das unidades gráficas segundo critérios técnicos e morfológicos, e o posicionamento de cada uma delas no seio das composições; permitir a sua utilização em estudos globais, não só por nós no trabalho que aqui levámos a cabo, como por outros investigadores que disso necessitem.

Trabalhámos sobre os decalques parciais ou totais de 130 rochas do Vale do Côa, quatro do Vale do Sabor, uma de Mazouco, uma da Fraga do Gato, uma de Foz Tua, três do Vale do Zêzere e uma do Ocreza. O número de decalques inéditos deste conjunto é residual, mas poucos se encontravam descritos de uma forma que julgássemos aceitável, designadamente no que se refere ao repertório não figurativo, e nenhuma das unidades gráficas dos espaços parietais estudados se encontrava inventariada.

Poderíamos ter ainda optado por, nos casos em que a descrição da rocha existisse, simplesmente apontar as nossas diferenças interpretativas (como o fizemos nos casos de Siega Verde ou de Domingo García) e inventariar as figuras já isoladas por outros autores. Contudo, para além dessas diferenças, haveria ainda que contar com a sistematização do repertório não figurativo e com a conformação dessas descrições aos nossos critérios descritivos. Por outro lado, dado o caráter exaustivo deste nosso estudo, preferimos voltar a descrever estes espaços parietais, arriscando-nos a pecar por excesso para garantirmos não o fazer por omissão. Esta nossa opção não é, aliás, inédita, tendo M. Varela Gomes feito o mesmo no seu monumental trabalho sobre a arte tagana, provavelmente pelas mesmas razões ou por outras semelhantes (v.g. Gomes, 2010, anexo II, 280-305)[174].

No capítulo 2 do nosso trabalho já tivemos oportunidade de discutir e apresentar alguns dos critérios que subjazem à nossa descrição dos espaços parietais, nomeadamente no que toca à identificação das unidades não figurativas, das modalidades técnicas empregues na execução dos grafismos ou das soluções ao nível da perspetiva. Tivemos também oportunidade de apresentar as razões porque recorremos ao método de Harris para estudar a estratigrafia parietal das composições e à respetiva matriz para a ilustrar de forma sucinta nos casos mais complexos. Tivemos oportunidade de aludir ao léxico anatómico adoptado na descrição dos animais humanos e não-humanos e às fontes às quais recorremos para o definir (ICVGAN, 2012; Schaller, ed., 2007; Cid, 1999; 2001; Serra, 1979; Barroso & Rosa, 1999; Lorblanchet, 1993a; Baumel, ed., 1993 Clark, Jr, 1993a; 1993b; Bruun, Delin e Svensson, 2002; FICAT & IFM, 1998). Está na altura, como referido nesse capítulo, de precisarmos esse léxico, derradeira etapa antes de passarmos ao nosso inventário propriamente dito.

Assim, de acordo com a última edição dos *Nomina Anatomica Veterinaria* (ICVGAN, 2012, 4), os corpos dos quadrúpedes são divididos em cinco partes principais (cabeça, pescoço, tronco, cauda e membros), divisão que aqui adoptaremos, mas que nas descrições dos animais propriamente ditas não serão tidas em conta. Como complemento do que se lerá seguidamente, aconselhamos o leitor a consultar a nossa figura 1.

0. 1. Os equinos

Cabeça: a face dorsal é composta pela nuca (*occiput*), fronte (*frons*), chanfro (*dorsum nasi*) e focinho ou bico (*apex nasi*); a maior parte das vezes, esta face dorsal será caracterizada no seu conjunto como linha ou bordo fronto-nasal; no topo da cabeça poderemos encontrar uma pilosidade que denominamos topete (*cirrus capitis*). Cada uma das face laterais inclui a orelha (*auris*), a fonte (*regio*

174 Todas as citações bibliográficas presentes ao longo dos anexos reportam-se a trabalhos referidos no capítulo 8 do volume 1.

temporalis), o olhal (*fossa supraorbitalis*), a cavidade orbitária (*regio orbitalis*), o olho (*bulbus oculi*), a face (*bucca*), a bolsa da bochecha (*regio buccalis*), a comissura dos lábios (*regio oralis*) e a narina (*naris*); destes elementos apenas se representou (no caso do *corpus* estudado) a orelha, olho e a narina. A face ventral inclui a goela (*fauce*), a ganacha (*regio masseterica*), a barbada (*regio mandibularis*) e o queixo (*mentum*). A extremidade rostral inclui o lábio ou beiço superior (*labium superius*), a boca (*rima oris*) e o lábio ou beiço inferior (*labium inferius*); esta extremidade será designada como focinho, só muito raramente ocorrendo representações que permitem um maior grau de pormenorização descritiva.

Pescoço: o bordo dorsal (*margo colli dorsalis*) denomina-se, no caso dos cavalos, bordo crinal, e o bordo ventral (*regio colli ventralis*) bordo traqueal; chamamos crineira à pilosidade existente sobre o bordo crinal (*juba*); a face lateral (*regio colli lateralis*) será designada como tábua.

Tronco: no bordo dorsal, encontramos, da extremidade cranial para a caudal, o garrote (*regio insterscapularis*), o dorso (*regio vertebralis thoracis*), o rim (*regio lumbalis*), que ignoraremos devido à sua nula expressão plástica), e a garupa (*regio sacralis*); este bordo poderá ser tratado no seu conjunto como linha ou bordo cérvico-dorsal. No bordo caudal define-se a nádega (*nates*). No bordo ventral distinguimos o ventre (*cavum abdominis*) e o cilhadouro (*cavum thoracis*); no caso dos machos encontramos ainda a bainha ou forro (*preputium*); no bordo cranial observa-se o peito ou peitoral (*pectus*).

Cauda: na cauda distinguimos duas regiões: a raiz da cauda (*radix caudae*) e o troço da cauda (*regio caudalis*); à pilosidade chamamos crinas (*cirrus caudae*).

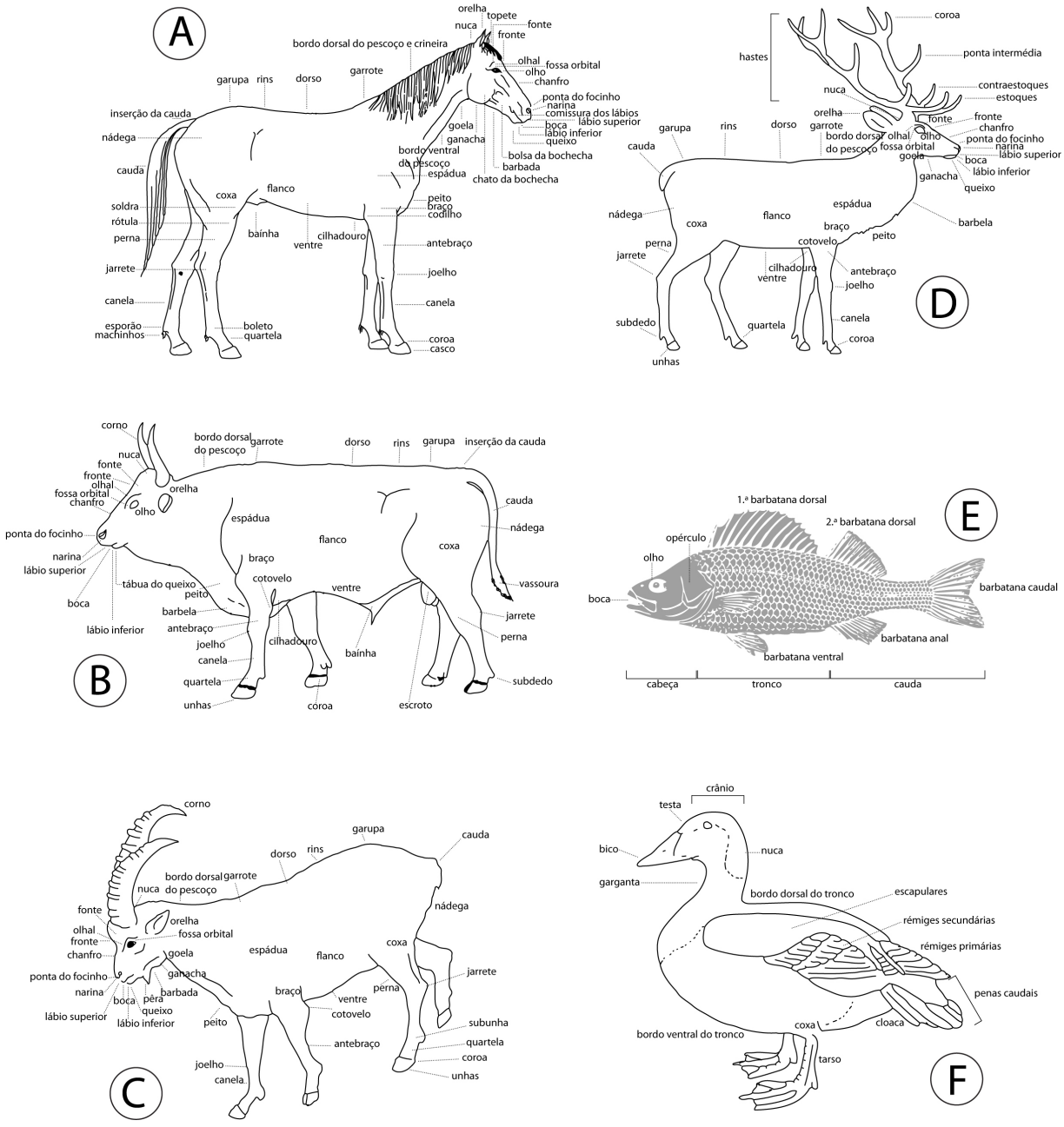


Fig. 1: Aplicação do léxico anatómico adoptado a cada um dos animais discutidos no texto (A, B, C, D, E e F, retirados de Aujoulat, 1993, 98; Barrière, 1993, 109; Sacchi, 1993, 123; LEP, 1999a; 58; Lorblanchet, 1993a, 181; Crémadès, 1993, 174).

Membros: nos membros pélvicos (ou posteriores) distinguimos, da extremidade proximal para a distal), a coxa (*regio femoris*), a soldra (*regio patellaris*), a rótula (*regio genus lateralis*), a perna (*regio cruris*), o curvilhão (*regio tarsi*), a canela (*regio metatarsi*) o boleto (*regio metatarsophalangea*), o esporão (*calcar metatarseum*), os machinhos (*cirrus metatarseus*), a quartela (*regio compedis*), a coroa (*regio coronalis*) e o casco (*ungula*); destas regiões podem encontrar-se representadas a coxa, a perna, o curvilhão, a canela, o esporão, a quartela, a coroa e o casco. Nos membros torácicos (ou anteriores) individualizam-se (da extremidade proximal para a distal) a espádua (*regio scapularis*), o braço (*brachium*), o codilho (*cubitus*), o antebraço (*antebrachium*), o joelho (*regio carpi*), a canela (*regio metacarpi*), o boleto (*Regio metacarpophalangea*), o esporão (*calcar metacarpeum*), a quartela (*regio compedis*), a coroa (*regio coronalis*) e o casco (*ungula*); podem encontrar-se representadas a espádua, o codilho, o antebraço, o joelho, a canela, o esporão, a quartela, a coroa e o casco. Na grande maioria das vezes, os membros estão representados sem distinção entre as regiões anatómicas; neste caso poderemos recorrer apenas a uma distinção entre extremidades cranial e caudal.

Será ainda de referirmos alguns aspectos relativos à pelagem; assim, entre as figurações paleolíticas, algumas delimitações corporais podem refletir distinções cromáticas ao nível da pelagem destes animais; destacamos assim a delimitação nasal e a dorso-ventral; neste último caso poderá mesmo ocorrer o preenchimento interno da zona ventral; sempre que a primeira for identificada falaremos de "delimitação interna do focinho"; o segundo caso será identificado como "delimitação dorso-ventral" ou simplesmente "M ventral".

0.2. Os bovinos

Cabeça: do ponto de vista da nomenclatura, a cabeça dos bovinos não é muito distinta da dos equinos; a diferença fundamental prende-se com a existência de cornos (*cornua*) na extremidade caudal da mesma; no que toca às descrições a que procederemos, é de salientar que, uma vez que as distinções entre as regiões da extremidade ventral da cabeça não são tão marcantes como no caso dos equinos, apenas nos referiremos a ganacha e tábua do queixo. Refira-se também que o *cirrus capitis* do bovino se denomina marrafa.

Pescoço: as diferenças fundamentais relativamente aos equinos prendem-se com a inexistência de crineira e com o potencial desenvolvimento da *regio sternocephalica* (correspondendo ao bordo traqueal do pescoço), em particular no caso dos machos; neste caso, dizemos que o animal dispõe de uma barbela. Devido à inexistência de crineira, chamamos bordo cervical ao bordo crinal.

Tronco: neste caso, as únicas diferenças relativamente aos equinos são de terminologia; assim, a *regio insterscapularis* dos bovinos denomina-se cernelha e o *cavum thoracis* cilheira. Refira-se que no caso das figurações paleolíticas pode ocorrer a representação do escroto (*scrotum*).

Cauda: apresenta raiz e troço tal como a dos equinos, sendo terminada pela "ponta da cauda".

Membros: a diferença entre equinos e bovinos ao nível dos membros pélvicos encontra-se em determinados elementos da extremidade distal; assim onde o cavalo tem um esporão (que corresponde a uma almofada subcutânea e a uma espessa camada dérmica), os bovinos têm dois subdedos (*paradigitus*)[175], que referiremos como boleto; da mesma forma, onde os equinos têm cascos, os bovinos têm duas unhas (*ungulae*).

Como se verifica relativamente aos equinos, as representações dos bovinos também podem apresentar delimitações internas que corresponderão a diferenças cromáticas da pelagem; estas delimitações são particularmente comuns na zona do focinho. A terminologia será a mesma referida no caso dos equinos.

0.3. Os caprinos e rupicaprinos

Embora os NAV só se refiram a animais domésticos, adoptámos a nomenclatura da *capra hircus* para designar as regiões anatómicas de cabras-monteses e camurças. Como ruminantes que são, a terminologia destes animais é muito semelhante à dos bovinos. As diferenças fundamentais prendem-se: com a existência de uma pera (*barba*) nos caprinos; com a diferente natureza óssea dos esporões existentes acima da quartela destes animais (ver nota 2), mas que continuaremos a designar como boleto, tal como ocorre na terminologia tradicional portuguesa (Serra, 1979, 75-77); por outro lado, nos caprinos não se identificam barbelas; as caudas são curtas, pelo que não se farão distinções entre raiz e troço. Por outro lado, como no caso dos animais anteriormente referidos, podem encontrar-se nos grafismos estudados delimitações cromáticas da pelagem, situações em que recorreremos às expressões já referidas atrás.

175 Na nomenclatura portuguesa recolhida, são referidas nesta região anatómica duas "unhas rudimentares" que em conjunto com a "dobra ou prega" localizadas à frente constituem o boleto do animal (Cid, 2001, 34) . Contudo, anatomicamente, trata-se de facto, de dedos, correspondendo esta a uma distinção importante entre bovinos (onde este esporão ainda apresenta falange) e caprinos, onde a falange já não se encontra. Nos NAV esta diferença reflete-se também ao nível da denominação: *paradigitus* e *paraungula*.

0.4. Os cervídeos

Como referimos já, os NAV só se aplicam aos animais domésticos. Deste modo, a terminologia adoptada para descrever os cervídeos é a mesma que os NAV aplicam aos bovinos. A esta terminologia acrescentámos, como se disse, a que se refere às hastes do animal; neste caso, seguimos a nomenclatura de Barroso e Rosa (1999, 23), distinguindo tronco, estoque, contraestoque, ponta intermédia e pontas da coroa. Até aos dois anos de idade, as hastes, restringem-se aos troncos, denominando-se de varas; deste termo é proveniente o nome como é conhecido o animal nestas condições – vareto (Santos, 2009, 15).

0.5. Os peixes

Contrariamente aos mamíferos e às aves, não está estabelecida qualquer nomenclatura relativamente aos peixes. Deste modo, ater-nos-emos ao que vem publicado sobre a matéria no GRAPP (Lorblanchet, 1993a); assim, do ponto de vista anatómico, o peixe deve ser dividido em cabeça, tronco e cauda; na cabeça podemos encontrar, o olho, a boca e o opérculo. A identificação das barbatanas baseia-se na topografia que ocupam no corpo do animal; devem distinguir-se barbatanas peitorais, dorsais, ventrais, caudais e anais, sendo o número de cada uma delas (com exceção da caudal), dependente da espécie.

0.6. As aves

Relativamente às aves estão também publicados os *Nomina anatomica avium* (Baumel, ed., 1993). Também neste caso procurámos seguir a nomenclatura definida para a sua topografia externa e tegumentos comuns (Clark, Jr, 1993a; 1993b); para as traduções para português baseámo-nos (com algum espírito critico) na tradução portuguesa da obra de Bruun, Delin e Svensson (2002). O corpo destes animais está dividido em seis partes: cabeça, pescoço, tronco, cauda, asas (membros torácicos) e membros pélvicos. Relativamente à cabeça apenas faremos a distinção entre crânio (*regio cranialis*) e bico (*rostrum*); a testa (*frons*) poderá ser chamada à colação. Relativamente ao pescoço referir-nos-emos à nuca (*nucha*) — situada no bordo dorsal — e garganta (*jugulum*) — situada no bordo ventral. Do tronco apenas nos referiremos às suas faces dorsal (*dorsum trunci*) e ventral (*ventrum trunci*). Relativamente à cauda apenas nos referiremos às penas caudais (que englobam as *tectrices caudae* e as *rectrices*); ainda da cauda será de ter em conta a cloaca (*crissum*). Das asas reteremos apenas alguns agrupamentos de penas; assim, da extremidade caudal para a cranial será de referir as rémiges primárias (*remiges primarii*), as rémiges secundárias (*remiges secundarii*) e as escapulares (*penna scapulohumeralis*). Relativamente aos membros pélvicos apenas nos referiremos à coxa (*femur*) e ao tarso (*crus*).

0.7. Os antropomorfos

Tal como no caso dos zoomorfos, também a nomenclatura relativa à anatomia humana está normalizada, neste caso na *Terminologia Anatomica* (FICAT & IFM, 1998). Aí estipula-se a divisão do corpo humano em seis partes: cabeça, pescoço, tronco, membros superiores, membros inferiores e cavidades.

Na cabeça será de reter a testa (*sinciput*), a nuca (*occiput*), a têmpora (*tempora*), a orelha (*auris*) e, na face (*facies*), o olho (*oculus*), a bochecha (*bucca*), o nariz (*nasus*), a boca (*os*) e o queixo (*mentum*). O pescoço não tem subdivisões, podendo nós vir a referir o lado anterior e posterior. O tronco está dividido em tórax (*thorax*), abdómen (*abdomen*), pélvis (*pelvis*) e costas (*dorsum*); neste último caso, poderá ser necessário aumentarmos o nível de análise e distinguirmos a região lombar (*regio lumbalis*), a região vertebral (*regio vertebralis*) e o ombro (*regio scapularis*). Nos membros superiores devemos ter em conta o braço (*brachium*), o cotovelo (*cubitus*), o antebraço (*antebrachium*) e a mão (*manus*). Nos inferiores tomaremos em conta a cintura (*cingulum pelvicum*), as nádegas (*nates*), a anca (*coxa*), a coxa (*femur*), o joelho (*genu*), a canela (*crus*), a fossa poplítea (*fossa poplitea*), e o pé (*pes*). Ignoraremos as cavidades, uma vez que não nos serão úteis nas nossas descrições.

1. Vale do Côa

1.1. Faia

Rocha 6 (Fig. 2): Foi dada a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 12; 1995b, 14), apenas se tendo publicado o decalque em 1999, sendo na ocorrência sucintamente descrita (Baptista, 1999b, 156-157).



Fig. 2 Faia, rocha 6 (decalque de Fernando Barbosa, apoiado por João Félix, Manuel Almeida e Marcos García).

Localiza-se na margem esquerda do Côa a 400 metros para montante da foz da ribeira da Frieira[176], a uma cota de 199 m. Os motivos foram executados num amplo paredão granítico algo protegido por pequenos avanços rochosos existentes em cota superior à dos painéis historiados. Apresenta cor amarelada, a superfície é algo irregular e a textura rugosa. Orienta-se para leste, desenvolvendo-se de forma paralela relativamente ao rio.

Identificam-se dois grandes momentos de execução: um de cronologia holocénica caracterizado pela presença quase exclusiva de antropomorfos esquemáticos pintados a vermelho; e outro de cronologia pleistocénica, o qual passaremos a descrever em seguida.

Podemos distinguir na rocha duas grandes composições. No da esquerda identifica-se prótomo de cavalo (**Fa06-01**), prótomo de auroque (**Fa06-02**) e quadrúpede de espécie indeterminada (**Fa06-03**). Os dois primeiros cruzam-se na zona do focinho. O prótomo do cavalo orienta-se para a direita; traço contínuo define a orelha, o bordo fronto-nasal (algo abaulado), o focinho arredondado, o queixo – de tendência reta – e a ganacha convexa; curiosamente, o bordo dorsal da crineira não aparece representado, correspondendo a extremidade cranial do bordo crinal do pescoço a um acidente natural; no interior da cabeça observa-se o olho e as duas narinas dispostas em perfil biangular reto; tecnicamente estamos perante uma gravura conseguida por picotagem seguida de abrasão; alguns vestígios de pintura a vermelho são visíveis em alguns pontos do bordo fronto-nasal. O prótomo do auroque, orientado para a esquerda, apresenta uma cabeça com bordo fronto-nasal convexo-côncavo, algo que se verifica também na zona da barbada; a ganacha é de forma convexa; o focinho é reto; os cornos são em lira, representando-se de acordo com uma perspetiva biangular reta e algo tombados para a frente; uma orelha foliforme surge por trás do corno esquerdo; o bordo traqueal é reto, sendo o cervical algo côncavo; no interior da cabeça só se gravou o olho; a figura foi picotada, abradida e em seguida pintada de vermelho; restam vestígios de colorante na zona da ganacha, bordo fronto-nasal, corno direito, bordo cervical, olho e em torno deste. O terceiro animal deste conjunto, orientado para a esquerda, apresenta uma cabeça de forma subtriangular aberta na zona do focinho; o bordo fronto-nasal apresenta fronte direita, sendo a zona do focinho algo arredondada; o bordo ventral da cabeça é quase reto, observando-se apenas alguma convexidade na zona da ganacha; o bordo traqueal é reto e separado do membro anterior pelo peito convexo; a pata é atiradas para a frente, sendo definida por dois bordos paralelos entre si; o bordo ventral do tronco é semielíptico; o membro posterior é também definido por dois bordos paralelos; o jarrete é evidente, configurando o bordo caudal da pata e a nádega um perfil em S; a cauda é curta e em forma de um ténue S. O bordo cérvico-dorsal é praticamente direito, evidenciando-se apenas uma suave garupa suave; tecnicamente, estamos perante o único motivo onde não foram identificados vestígios de pintura, tendo a figura sido executada por picotagem e abrasão.

A segunda composição situa-se a cerca de 3,50 m para a direita, nela se identificando quatro prótomos de auroque orientados para a esquerda e para baixo. A cabeça da extremidade esquerda (**Fa06-04**) situa-se num plano mais recuado relativamente às restantes; um traço apenas define-a toda com exceção dos cornos; apresenta o bordo traqueal reto, ganacha e queixo convexos, separados por ténue estrangulamento na zona da barbada; o focinho é tendencialmente reto com cantos arredondados; o bordo fronto-nasal é côncavo; a nuca é angulosa, a orelha oblonga e o bordo cervical reto; os cornos são curvos e representados em perspetiva biangular oblíqua; no interior da cabeça apenas se representou o olho; tecnicamente toda a figura foi pintada a vermelho após ter sido picotada

176 A ribeira da Frieira desagua na margem oposta; entre este ponto e a rocha sobre a qual nos debruçamos encontra-se a foz de uma outra, desta feita na margem esquerda. Contudo, na CMP, o hidrónimo deste última não é referido, razão pela qual nos socorremos da primeira como referência.

e abradida. O prótomo seguinte (**Fa06-05**) é definido por três linhas mestras; a primeira representa o bordo traqueal e a cabeça propriamente dita; aquele é reto, começando a encurvar na zona do peito; a cabeça dispõe de ganacha convexa bem separada da zona do queixo; o focinho é semelhante ao do animal anterior assim como o bordo fronto-nasal; a segunda linha mestra conforma cornos – curvos e vistos em perfil biangular recto – e nuca convexa; finalmente, a terceira corresponde à orelha – simples e atirada para trás – bordo cervical e arranque do garrote; no interior da cabeça observa-se o olho, limite interno do focinho, narina e boca; tecnicamente, todas as linhas mestras do animal, assim como o olho, foram picotadas, abradidas e pintadas a vermelho; a delimitação interna do focinho foi apenas pintada e narina e boca apenas gravadas. O prótomo à direita (**F06-06**) é semelhante ao anterior; tal como este, é definido por três linhas mestras; as diferenças são pontuais ao nível da cabeça; os cornos e nuca são definidos da mesma forma, sendo a última talvez mais oblonga que arredondada; relativamente ao conjunto orelha/ bordo cervical, a diferença que se pode apontar reside na ligação da primeira ao corno esquerdo; também como no caso anterior, toda a figura foi picotada, abradida e pintada, à exceção da delimitação interna do focinho (apenas pintada), boca e narina (apenas picotadas e abradidas); releve-se ainda o facto das extremidades desta figura se situarem entre o pescoço do auroque anterior (onde terminam corno esquerdo e bordo cervical) e a extremidade direita do painel (onde termina o bordo traqueal). A última cabeça (**Fa06-07**) é a que apresenta dimensões mais diminutas. Do pescoço só resta o arranque; a ganacha é convexa e o queixo reto; o focinho é algo afilado; neste caso, uma segunda linha mestra conforma arranque do bordo cervical, nuca e corno direito (este de forma curva); dois traços retos de dimensões distintas conformam o corno esquerdo e a orelha; como é perceptível pela descrição, os cornos estão representados em perfil biangular oblíquo; no interior da cabeça só se representou a boca, a delimitação interna do focinho e o olho; tecnicamente estamos perante um caso semelhante aos restantes: linhas mestras e olho gravadas (por picotagem e abrasão) e pintadas a vermelho, a boca apenas gravada e a delimitação interna do focinho apenas pintada; refira-se ainda que a zona do queixo também só apresenta pintura; este prótomo está representado sobre a figura anterior e limitado pelo pescoço de **F06-05** (onde termina o corno esquerdo) e pelo limite do painel.

1.2. Quinta da Barca

Rocha 1 (Fig. 3): Foi dada a conhecer em 1999 (Baptista, 1999, 124-125), sendo o seu decalque publicado em 2008 (Santos, 2008, 12), nunca tendo sido descrita. Localiza-se junto à confluência da ribeira da Quinta da Barca com o Côa, a uma altitude de cerca de 110 m. Identificam-se quatro espaços parietais distintos. A superfície, orientada a és-sudeste, é de cor cinzenta, apresentando uma microtopografia regular mas de textura rugosa. Trata-se da rocha com maior intensidade de sobreposições, tornando-se estas muito difíceis de descortinar, devido a reavivamentos (ainda pré-históricos) de traços. As matrizes estratigráficas do dispositivo parietal encontram-se na figura 4. Algumas unidades gráficas figurativas são definidas por um mínimo de traços, sendo a configuração restante dada por traços pré-existentes (v. g. **QB01-25**).No espaço parietal A não se isola qualquer unidade figurativa. O que se encontra à sua direita (B) apresenta forma genericamente sub-rectangular e nele foram representados, pelo menos, 28 animais. Uma das primeiras figuras a serem executadas corresponde a representação parcial de cavalo, picotada, orientada para a direita (**QB01-01**); o bordo cérvico-dorsal prolonga-se pela crineira e caracteriza-se pela acentuada sinuosidade; a linha fronto-nasal é algo convexa; as zonas do focinho e bordo ventral da cabeça estão muito escondidas sobre sobreposições posteriores, parecendo, no entanto, ter tido um focinho pouco espesso e ganacha e queixo bem diferenciados entre si. Seguidamente foi gravada possível representação de auroque picotada e orientada para a direita (**QB01-02**); o que se observa da cérvico-dorsal apresenta configuração direita com um subtil arranque para o garrote; a cabeça é de forma campaniforme – bordo fronto-nasal convexo, focinho e bordo ventral da cabeça reto; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; o membro anterior é definido por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo ventral é reto. Antes desta figura foi gravado auroque orientado para a esquerda (**QB01-19**); dele observa-se um corno em S deitado, o arranque da orelha e parte do garrote; o bordo fronto-nasal está sob o peito de **QB01-06** e o ventral da cabeça sob o bordo ventral da figura descrita anteriormente; a zona do focinho encontra-se muito perdida.

Sobre **QB01-02** foi gravada representação parcial de cavalo, picotado e abradido, orientado para a direita (**QB01-03**); apresenta cérvico-dorsal algo reta, crineira convexa, bordo crinal côncavo, ganacha convexa e bordo traqueal côncavo. Sobrepostas pela cabeça de **QB01-03** identifica-se possível cabeça de veado picotada orientada para a esquerda (**QB01-07**) e representação parcial de macho de cabra-montês picotada e abradida, orientada para a esquerda também (**QB01-08**). A primeira está em posição de brama e quase na sua totalidade sobreposta pela segunda; um traço representa a fronto-nasal – bastante modelada – e a haste esquerda, de forma arredondada; o focinho é reto e o bordo ventral da cabeça tenuemente côncavo; a haste direita é também curva; não foram representadas as pontas; as hastes encontram-se representadas em perfil biangular recto; um traço um pouco atrás da haste esquerda pode corresponder ao arranque do bordo cervical. De **QB01-08** identifica-se o dorso (bordo fronto-nasal e haste esquerda da figura anterior), o bordo traqueal (bordo ventral da cabeça da figura anterior) e a cabeça de forma triangular; os cornos são curvos e representados em perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda executado por incisão múltipla e de menores dimensões.

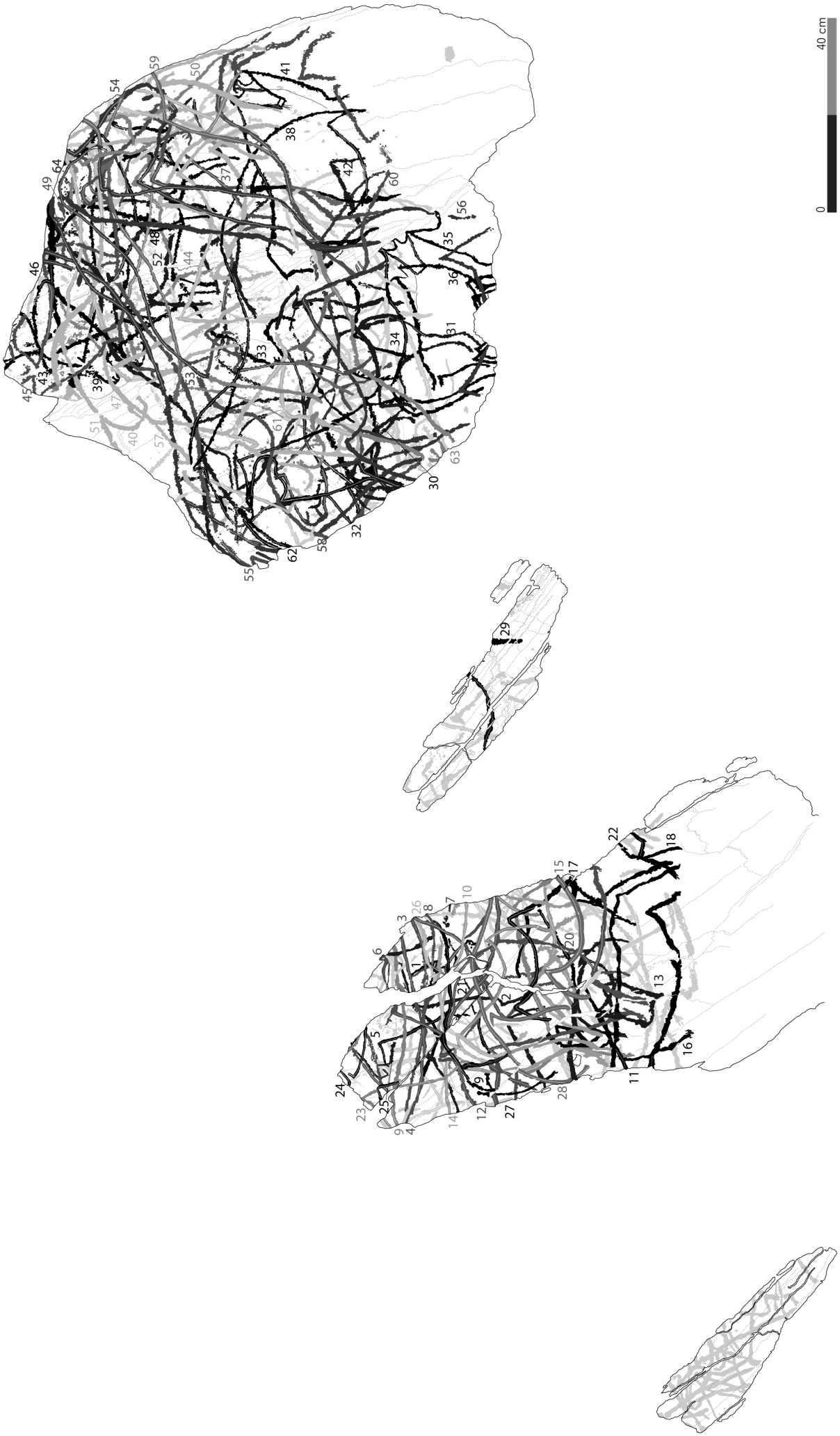


Fig. 3: Rocha 1 da Quinta da Barca (decalque de Fernando Barbosa, apoiado por Lucínia Oliveira, Francelino Pereira e Joana Valdez-Tullett, interpretação do autor).

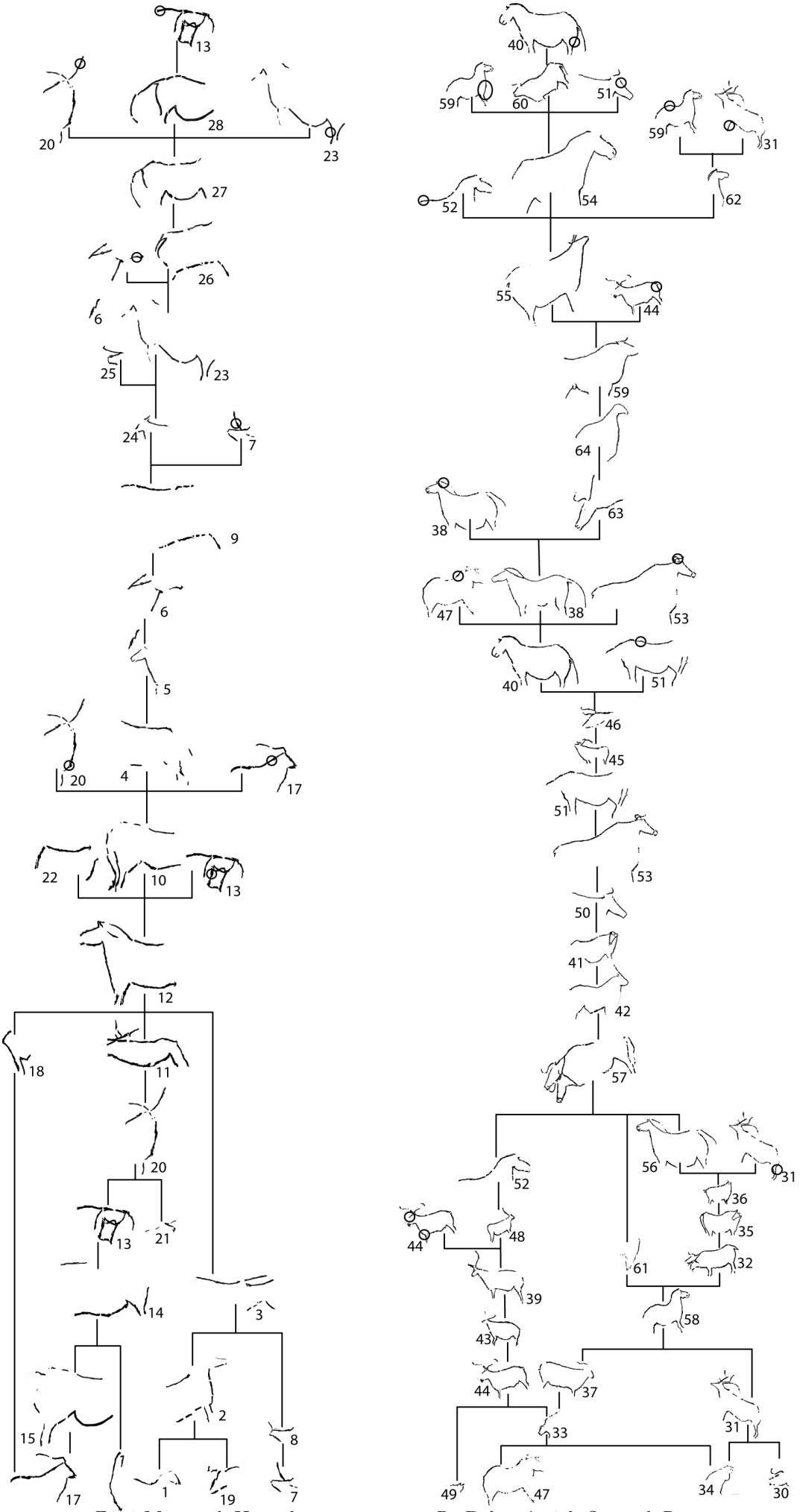


Fig. 4: Matrizes de Harris dos espaços parietais B e D da rocha 1 da Quinta da Barca.

Sobre **QB01-03** gravou-se **QB01-12**, que corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda; a cabeça é muito modelada, tendo os bordo fronto-nasal e ventral reto-convexos; as duas orelhas estão representadas em perfil biangular oblíquo; a crineira apresenta delimitação interior e o que resta da cérvico-dorsal é pouco sinuoso, sendo evidente, no entanto, o dorso; o bordo traqueal é ligeiramente convexo, sendo indistinguível do peito; o membro anterior é definido por dois bordos retos; o bordo ventral do tronco é curvo e junto ao limite do painel é possível reconhecer a extremidade da bainha. Este equídeo, por sua vez sobrepõe **QB01-11** e **QB-01-18**. O primeiro corresponde a veado picotado e abradido, orientado para a esquerda; a cabeça está facturada na zona do focinho mas aparenta ter configuração triangular; apenas uma haste está representada, correspondendo o seu tronco à continuação da fronte; o estoque, por sua vez, é representado mediante prolongação do bordo cérvico-dorsal que, no sentido inverso, configura também a curta cauda triangular e o bordo caudal do membro posterior; na haste são ainda reconhecíveis o contraestoque e a ponta intermédia; a linha ventral é arredondada e o membro posterior definido por dois bordos retos, paralelos entre si; não tem membro anterior, tal como **Pen02-03**.

QB01-11 sobrepõe uma possível representação parcial de macho de cabra-montês, orientada para a direita e com a cabeça virada para a frente (**QB01-20**); o bordo cervical é direito; os cornos encontram-se em perspetiva biangular oblíqua, apresentando o da direita ténue curvatura em S e o da esquerda curvatura simples; duas covinhas imediatamente acima do bordo traqueal podem configurar as narinas; aquele é convexo, encontrando-se separado da pata dianteira por peito retilíneo; do membro anterior só foi gravado bordo cranial que corresponde genericamente a um traço encurvado para o interior; o bordo traqueal terá sido reavivado após a gravação de **QB01-10**; tecnicamente, o bordo cervical e os cornos foram picotados e abradidos, narinas, peito e pata dianteira apenas picotados. Esta figura sobrepõe representação parcial de auroque orientado para a direita e com a cabeça representada em perspetiva frontal (**QB01-13**); a cérvico-dorsal apresenta garrote e poderá corresponder a reaproveitamento de parte do ventre de **QB01-14** que descreveremos posteriormente; a cabeça apresenta forma troncocónica com o focinho ligeiramente côncavo; no bordo facial esquerdo da cabeça uma curva para o exterior pode representar a fonte do animal; os cornos correspondem a duas curvas muito abertas apontadas para baixo, podendo o da direita corresponder a reaproveitamento do bordo caudal do membro posterior de **QB01-15** que descreveremos em seguida; os olhos são delimitados por formas subtriangulares justapostas.

QB01-20 sobrepõe também representação parcial de auroque picotado orientado para a direita (**QB01-21**); parte do bordo fronto-nasal desta figura encontra-se sob o dorso de **QB01-10**; o focinho é reto e as narinas correspondem a duas covinhas; apenas foi gravado um corno em forma de S deitado; dois traços localizados atrás da cabeça podem corresponder a vestígios da cérvico-dorsal. **QB01-14** foi gravado seguramente antes da figura anterior e corresponde a um quadrúpede picotado e abradido orientado para a esquerda; dele observa-se parte do dorso reto; o membro posterior é aberto na extremidade distal, sendo definido por dois bordos retos; a zona inguinal é extremamente angulosa, o ventre arredondado e o cilhadouro algo côncavo.

QB01-15 encontra-se sobreposto pela figura anterior, correspondendo a quadrúpede – muito provavelmente um auroque – picotado e abradido – orientado para a direita; dele só resta a cauda e a sua raiz e o bordo caudal do membro pélvico; a cauda foi conseguida por picotagem e incisão; o dorso terá sido posteriormente reaproveitado pelo de **QB01-10** e o bordo cranial do membro posterior terá sido reaproveitado em parte por **QB01-13** (corno direito) e **QB01-28** (bordo cranial da pata posterior); o ventre desta última figura terá também reaproveitado o da que agora nos ocupa.

Não é possível perceber o local exato na sequencia estratigráfica de **QB01-16**; desta figura só temos a cauda, a sua raiz e parte da nádega; podemos referir que a cauda pertencerá a um auroque ou a um cavalo orientado para a direita e que foi executada pelo menos antes de **QB01-13**; a picotagem foi a técnica escolhida para a gravação. **QB01-17** corresponde à representação parcial de um macho de cabra-montês orientado para a direita que foi gravado num momento, pelo menos anterior a **QB01-15**; um traço define o bordo cervical, um ténue garrote, o dorso quase reto e a garupa (em parte sob o bordo cervical de **QB01-13**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal direita, focinho e bordo ventral arredondados; só foi representado um corno com o perfil em S; o pescoço é algo convexo e o peito a tender para o côncavo; numa fase posterior à gravação de **QB01-10**, o bordo cervical foi reavivado por abrasão.

Numa fase indeterminada posterior à gravação desta figura mas anterior a **QB01-12** foi gravado um animal orientado para a direita do qual restam os quartos traseiros (**QB01-18**); apresenta ventre quase triangular e arranque do cilhadouro direito; o membro posterior é definido por dois bordos tendencialmente retos abertos na extremidade distal; a garupa é direita, perfazendo com o bordo caudal da pata traseira um ângulo quase reto.

Após a execução de **QB01-12** foram gravados **QB01-10** e **QB01-22**, sendo ainda reavivada a face direita de **QB01-13**. **QB01-22**; trata-se de um simples traço com uma inflexão na extremidade superior; conjuntamente com a bainha, ventre e bordo caudal da pata dianteira de **QB01-12** parece configurar o perfil de um auroque macho orientado para a direita. **QB01-10** foi gravado por picotagem e abrasão, correspondendo a auroque orientado para a direita; a cérvico-dorsal apresenta dorso e garupa evidentes; a cauda é longa e em forma de S; o membro posterior é aberto nas extremidades; o jarrete está representado; a zona inguinal é aberta, o ventre arredondado e a cilheira algo côncava.

Em seguida retocou-se **QB01-17** e **QB01-20** e gravou-se **QB01-04**. Este corresponde a auroque de grandes dimensões, picotado e abradido, orientado para a esquerda; o dorso é côncavo e a garupa acentuada; um traço situado à sua direita poderá corresponder ao que resta da cauda; em baixo observa-se restos do membro pélvico, definido por dois bordos subparalelos, distinguindo-se nele o jarrete; da coxa aprecia-se a o bordo cranial convexo; da linha ventral resta um troço de configuração reta.

Em seguida foi gravada a parte dianteira de um cavalo, picotado e abradido, orientado para a esquerda (**QB01-05**); a cabeça dispõe de bordo fronto-nasal reto-convexo, focinho reto e bordo ventral convexo-côncavo; o bordo traqueal é convexo, sendo indistinguível do peito; o membro torácico corresponde a curto traço vertical. É sobreposto por enorme cabeça de cavalo, picotada e abradida, orientada para a direita (**QB01-06**); dela observa-se a crineira – separada do bordo crinal por delimitação interna – e o bordo ventral com ganacha – pronunciada e prolongada pelo interior e queixo bem diferenciados; o bordo traqueal é longo e de tendência rectilínea. Sobre **QB01-06** foi gravado cérvico-dorsal de animal de grandes dimensões, orientado para a direita (**QB01-09**); apresenta garrote evidente, dorso côncavo e garupa arredondada; abaixo, um traço reto pode corresponder ao bordo ventral; a ser assim, observa-se também o bordo caudal da pata anterior; toda a figura foi picotada, tendo a garupa e parte do ventre também sofrido um processo de abrasão.

Em seguida foi reavivada a haste direita de **QB01-07** e gravada representação parcial de cabra-montês picotada e abradida, orientada para a esquerda (**QB01-24**); a cabeça encontra-se fracturada na zona do focinho e da fronte, inferindo-se, no entanto, a sua forma subtriangular; o bordo traqueal é reto; a orelha corresponde a um traço que arranca da cérvico-dorsal; esta é ligeiramente côncava; corno e nuca foram realizados com um traço apenas; são ambos retos e perfazem um ângulo agudo; refira-se, no entanto, que ambos estão fracturados. Posteriormente a esta figura foram gravadas outras duas; uma corresponde a uma simples linha quebrada (**QB01-25**) justaposta ao bordo crinal de **QB01-06**; conjuntamente com parte deste e com o dorso e orelha da figura descrita anteriormente pode corresponder a prótomo de auroque orientado para a esquerda, configurando o bordo crinal referido linha fronto-nasal, e o dorso e orelha de **QB01-24** o corno; a ser assim, resta-nos descrever o focinho e bordo ventral da cabeça, sendo ambos retos.

A outra figura gravada após **QB01-24** corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda (**QB01-23**). Inferimos esta sequência devido a interrupção do bordo traqueal do animal no de **QB01-24**. Da cabeça do cavalo resta apenas parte do bordo ventral que deixa entrever uma ganacha convexa e um queixo algo côncavo; o bordo traqueal é também de tendência côncava; o peito é algo convexo; o membro torácico seria definido por dois bordos curvos para o interior e paralelos entre si (encontrando-se atualmente sobre a nádega de **QB01-27** e a cauda de **QB01-26**); o ventre é semielíptico; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a zona inguinal forma um ângulo agudo, quase reto; na parte superior do painel observa-se um traço que pode corresponder a vestígios do bordo crinal após a gravação desta figura foi reavivada o bordo ventral da cabeça de **QB01-06**.

A seguir a **QB01-23** foi gravado um auroque picotado e abradido orientado para a direita (**QB01-26**); no bordo cérvico-dorsal observa-se representação clara do cernelha, dorso e garupa; desta sai a cauda que enrola para o interior do corpo; a raiz da cauda é subtriangular; a nádega é arredondada e a pata traseira reaproveita a de **QB01-10**; na verdade, o único traço que foi gravado *ex nihilo* corresponde a um traço que faz a ligação entre a metade distal do bordo cranial da pata traseira de **QB01-10** e o ventre de **QB01-09**, que é assim recuperado para esta figura juntamente com o bordo caudal da sua pata dianteira.

Em seguida é gravado por picotagem e abrasão um cavalo orientado para a direita (**QB01-27**); apresenta cérvico-dorsal algo sinuosa, sendo evidentes o dorso e a garupa, daqui arrancando a cauda após suave inflexão da sua raiz; a nádega é arredondada e o bordo caudal do membro posterior pode corresponder ao aproveitamento do bordo caudal da pata traseira de **QB01-10** ou ao do sector distal da cauda de **QB01-26**; o bordo cranial da pata traseira é ligeiramente curvo; a linha ventral é profundamente convexa; da pata dianteira só resta o bordo caudal, que é reto.

Finalmente gravou-se **QB01-28** que corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a direita; a cérvico-dorsal é algo sinuosa com dorso reto e garupa arredondada; desta sai cauda longa e encurvada após suave inflexão na zona da sua raiz, que é de forma subtriangular; a nádega é arredondada e o bordos da pata curvos e divergentes entre si; a zona inguinal é pronunciada e a linha ventral semielíptica; após a gravação desta figura foi reavivado o dorso de **QB01-13**.

O espaço parietal C apresenta forma sub-retangular e é de dimensões diminutas. Encontra-se a cerca de 20 cm para a direita do anterior. A única figura passível de interpretação corresponde a uma linha picotada e abradida de configuração sinuosa que pode corresponder a um equídeo orientado para a direita (**QB01-29**); neste caso, um traço localizado um pouco à frente pode corresponder ao bordo traqueal desse animal.

É no espaço parietal D – o de maiores dimensões e de forma *grosso modo* subcircular – que se encontra o maior número de unidades gráficas identificadas (trinta e seis). Dados os constantes reavivamentos dos traços é extremamente difícil inferir a sequencia estratigráfica do painel. Na descrição procuraremos, sempre que possível, referirmo-nos também a estes reavivamentos de forma a dar uma noção clara da genealogia da gravação; por outro lado, dada a intensidade das gravações, torna-se por vezes impossível descrever

um animal na sua totalidade e mesmo inferir a relação estratigráfica dos motivos subjacentes. Feitas estas ressalvas, passemos à descrição.

Na base da sequência estratigráfica encontramos as unidades **QB01-30**, **QB01-34**, **QB01-47** e **QB01-49**. Da observação da rocha podemos inferir que **QB01-47** mantém uma relação estratigráfica com **QB01-49**. Contudo, gravações posteriores cobrem as interseções que nos poderiam dar a natureza da relação e consequentemente impedem-nos de inferir a sequência de gravação destas duas unidades gráficas. **QB01-30** corresponde a um prótomo de auroque picotado e orientado para a esquerda; possui bordo fronto-nasal reto e ventral com clara distinção entre o queixo e a ganacha, esta de convexidade acentuada; observa-se ainda um corno em S deitado e o arranque do bordo traqueal.

QB01-34 corresponde a possível prótomo de cavalo orientado para a esquerda com a cabeça infletida para a direita; apresenta claras semelhanças com **CI22-10**: a linha da crineira prolonga-se pelo chanfro até ao focinho, reconhecendo-se a passagem para a fronte devido a suave curvatura; no focinho observa-se claramente a narina e o lábio; o bordo ventral da cabeça apresenta também clara distinção entre o queixo de tendência reta e a ganacha praticamente circular; o bordo traqueal é algo côncavo; no interior da cabeça foi gravada a boca; um traço inciso situado para a direita do animal pode corresponder a parte da sua linha cérvico-dorsal; refira-se ainda a gravação da boca no interior da cabeça; tecnicamente foi utilizada a picotagem, seguida de abrasão na zona entre o queixo e a ganacha.

QB01-47 corresponde a cavalo picotado orientado para a direita; a zona da cabeça e crineira estão algo perdidas sob miríade de traços posteriores; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre o queixo reto e a ganacha convexa; do bordo traqueal só se observa a extremidade dorsal, encontrando-se o resto sob traços posteriores; a linha cérvico-dorsal é sinuosa observando-se o dorso reto e a garupa arredondada; daqui sairia uma cauda direita, atualmente sob o garrote de **QB01-57**; a nádega corresponde ao prolongamento da garupa, só invertendo a curvatura na zona da perna da pata traseira; o bordo cranial desta pata é também algo encurvado; a zona inguinal perfaz um ângulo aberto e a linha ventral é profundamente convexa; da pata dianteira só se observa o bordo caudal que corresponde a um longo traço reto atirado para a frente.

QB01-49 pode com muitas reservas ser interpretada como uma cabra-montês orientada para a direita e com a cabeça em visão frontal; esta corresponde a um V; o bordo traqueal é convexo e o bordo cranial da pata dianteira reto e curto; a linha cérvico-dorsal é sinuosa, perfazendo uma curvatura côncava até à zona da garupa em forma de V invertido muito aberto.

QB01-47 e **QB01-34** são ambos sobrepostos por representação parcial de possível plantígrado picotado orientado para a esquerda (**QB01-33**); a cabeça é de tendência rectangular; apresenta clara distinção entre a zona da fronte e a do focinho; este é direito; o nariz encontra-se algo saído e apontado para cima; o bordo ventral da cabeça é direito, dele arrancando o bordo traqueal que se prolonga pelo bordo cranial da pata, em forma de semicírculo; as duas orelhas redondas estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical é curto seguido de garrote acentuado; a partir daqui o dorso torna-se direito; a nádega é angulosa e a pata traseira curta e definida por dois bordos retos, paralelos entre si.

QB01-34 é também sobreposto, desta vez em conjunto com **QB01-30**, por veado picotado e abradido orientado para a esquerda (**QB01-31**); a cabeça é de forma triangular e afilada; da boca sai um traço que poderá corresponder à língua do animal; as hastes estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na da esquerda observa-se duas pontas que poderão corresponder ao estoque e à ponta intermédia; já a haste da direita encontra-se contornada, só dispondo de duas pontas da coroa; o bordo cervical é curto e o dorso direito; a zona da garupa/nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si; destaca-se bem a coxa, observando-se nela o jarrete; a zona inguinal é aberta; o ventre é arredondado e a cilheira convexa; da pata da frente só se observa o bordo caudal, que é direito; também a maior parte do bordo traqueal/ peito se encontra sob traços posteriores; sendo ligeiramente convexo o que dele se vê ainda; refira-se ainda que o animal se encontra com a cabeça levantada, possivelmente em posição de brama.

Sobre **QB01-33** e **QB01-49** foi gravado por picotagem e abrasão um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**QB01-44**); a cabeça está gravada numa zona de densas sobreposições pelo que é de difícil definição; dela restam o arranque da fronte – direito –, a boca, o bordo ventral da cabeça – também reto – e a pera; os cornos estão representados segundo uma perspetiva biangular reta e apresentam a curvatura em S; a orelha encontra-se por trás do corno esquerdo, daqui arrancando a linha cérvico-dorsal direita; a cauda corresponde a dois curtos traços paralelos; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si, sendo aberta na extremidade distal; apresenta bainha; a cilheira é direita; a pata dianteira é definida também por dois traços retos, paralelos entre si, sendo igualmente aberta na extremidade distal; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

Sobre **QB01-33** foi gravado por picotagem e abrasão um outro macho de cabra-montês orientado para a direita (**QB01-37**); da cabeça observa-se parte do bordo fronto-nasal de tendência reta, o focinho arredondado e o queixo direito; no interior observa-se a boca e a narina; o bordo traqueal é direito, encurvando na zona da peito; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si, sendo aberta na zona da extremidade distal; a linha ventral está algo perdida sob traços posteriores, parecendo ser, a partir da

zona inguinal, de tendência reta; aquela é angulosa; a pata traseira está representada apenas por bordo cranial reto; observa-se ainda o que parece corresponder ao bordo caudal da coxa; da cauda resta o traço horizontal superior; a garupa é arredondada e o dorso – reaproveitado posteriormente por **QB01-50** – é reto; apenas se gravou um corno em forma de S.

Posteriormente à gravação deste animal e de **QB01-31** foi picotado um cavalo orientado para a direita (**QB01-58**); uma orelha marca o arranque da linha fronto-nasal reta; o focinho é arredondado e largo; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre o queixo – de tendência reta – e a ganacha – convexa; a crineira é alta, arrancando um pouco por trás da orelha; o bordo cérvico-dorsal é sinuoso, sendo evidente o dorso e a garupa; na continuação desta foi gravada a cauda, interrompida pelo limite do painel; da pata traseira só resta o bordo cranial – de tendência reta; a zona inguinal é aberta e a linha ventral profundamente convexa; a pata dianteira parece ser ligeiramente atirada para a frente e definida também por dois bordos tendencialmente paralelos entre si; é perceptível no bordo caudal a representação do joelho; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; esta zona anatómica e foi, num momento posterior, abradida; refira-se ainda que no interior da cabeça se observa a narina, o olho e, muito possivelmente, a boca.

Num momento posterior à execução de **QB01-44** foi picotado um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**QB01-43**); a cabeça está coberta por vários traços pertencentes a figuras posteriores, dela só se reconhecendo a linha fronto-nasal de tendência retilínea e parte do focinho pontiagudo; de qualquer forma parece-nos que estamos perante uma cabeça de diminutas dimensões relativamente ao corpo do animal; apenas se observa com clareza um corno em forma de S, representado em perfil absoluto; não descartamos, no entanto, a hipótese de um traço situado mais acima à esquerda poder corresponder aos restos do segundo corno, atualmente sob o de **QB01-39**; nesse sentido temos de admitir a hipótese de poderem estar representados os dois cornos em perspetiva biangular reta; o bordo cervical é curto e, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é representada por interrupção entre a extremidade caudal da garupa e a proximal da nádega; a coxa separa-se claramente da perna mediante prolongamento da bordo caudal da primeira para lá da junção daquela com o seu bordo cranial, segundo a mesma solução utilizada, por exemplo em **Fr01-04**; a linha ventral é profundamente convexa; na zona inguinal reconhece-se ainda o escroto do animal; a pata dianteira é definida por dois bordos de tendência retilínea, paralelos entre si, sendo que no cranial poderá existir uma inflexão correspondente ao joelho do animal; o bordo traqueal, de tendência retilínea, é claramente separável da pata por ténue peito convexo.

Sobre este motivo foi picotado um outro macho de cabra-montês, também orientado para a esquerda (**QB01-39**); apresenta cabeça de configuração suboval: a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa assim como o focinho, sendo reto o bordo ventral da cabeça; no interior desta reconhece-se a boca e um possível olho; o corno esquerdo em forma de S observa-se bem, podendo o da direita encontrar-se sob o bordo crinal de **QB01-40**, sendo que neste caso estaríamos perante uma representação dos cornos segundo uma perspetiva biangular reta; o pescoço é comprido; da cérvico-dorsal observa-se a garupa encurvada; da pata traseira observa-se a coxa e a perna definidas por dois traços curvos paralelos entre si; a zona inguinal é fortemente angulosa; ventre é convexo e a cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos tendencialmente retilíneos, sendo aberta na extremidade distal; o peito é algo convexo e o bordo traqueal reto.

Após a gravação deste animal foram reavivados o chanfro e a zona do peito/ bordo cranial da pata dianteira de **QB01-44,** e gravado **QB01-48**. Este corresponde a um pequeno macho de cabra-montês picotado e abradido, orientado para a direita; as zonas da cabeça e do corno estão muito perdidas sob traços de motivos posteriores; percebe-se uma clara distinção entre o bordo traqueal reto e o peito convexo; a pata dianteira é definida por dois curtos bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é profundamente convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a zona da nádega/ coxa é arredondada; a cauda é definida por dois sulcos horizontais paralelos entre si; um traço tendencialmente reto define o bordo cervical e dorso, encurvando na zona da garupa.

Após a gravação desta figura foi gravado por picotagem e abrasão uma representação parcial de um cavalo orientado para a direita (**QB01-52**); a linha fronto-nasal arranca de uma orelha atirada para a frente e apresenta clara distinção entre a fronte (ligeiramente côncava) e o chanfro (convexo); o focinho está escondido pelo bordo traqueal de **QB01-55**; no bordo ventral da cabeça é evidente a distinção entre o queixo (reto) e a ganacha (convexa); o bordo traqueal é subtilmente côncavo; a crineira é alta e separada da orelha atrás referida; prolonga-se por longo pescoço que continua pelo dorso de tendência retilínea.

Seguidamente foi gravado **QB01-57**, que descreveremos mais à frente. Isto porque entre a gravação deste e a de **QB01-58** (já descrito anteriormente) foram gravadas **QB01-61** e uma série de quatro outros animais. **QB01-61** corresponde a um possível prótomo de cerva orientado para baixo e com o bordo dorsal da cabeça virado para a direita; dispõe de grande pescoço (sendo que o bordo dorsal se encontra sob o da cabeça inferior de **QB01-57**); a cabeça é de configuração subtriangular, tendo a boca e provavelmente o olho sido gravados no seu interior; alguns pontos dispersos à direita da figura poderão corresponder às orelhas dispostas em perspetiva biangular oblíqua; a figura foi exclusivamente picotada.

A série dos quatro animais referida atrás é inaugurada por um auroque picotado e abradido, orientado para a esquerda e dotado de duas cabeças (**QB01-32**); a cérvico-dorsal é sinuosa, sendo patente a cernelha, o dorso e a garupa; a cauda está reduzida à

sua raiz, de forma subtriangular; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos, sendo o cranial curvo e o caudal modelado de forma a representar o jarrete; a linha ventral é ligeiramente convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos paralelos entre si de configuração retilínea e infletidos para fora na extremidade distal; o peito da cabeça inferior é reto e o bordo traqueal algo convexo; o bordo ventral da cabeça é igualmente reto; o focinho está fraturado; a linha fronto-nasal é algo convexa; apenas um corno está representado; este arranca diretamente do pescoço que se prolonga de forma rectilínea até à cernelha; o bordo ventral da cabeça superior é algo convexo; o focinho encontra-se sob traços posteriores; a linha fronto-nasal é quase reta; apenas um corno foi gravado, nascendo um pouco para a esquerda da orelha; esta deveria arrancar diretamente do curto pescoço (a junção encontra-se sob a ganacha de **QB01-56**) que se prolonga de forma aparentemente retilínea até à cernelha.

A segunda figura da série corresponde a um auroque picotado e abradido, com a cabeça em visão frontal, orientado para a direita (**QB01-35**); a cabeça apresenta configuração troncocónica: focinho reto e bordos faciais também retos na zona da bolsa da bochecha e convexos na da fonte; dois semicírculos poderão configurar os olhos; apenas o corno esquerdo foi gravado, adoptando forma de gancho e disposto praticamente na vertical; a linha cérvico-dorsal é sinuosa: cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa saliente; a nádega é arredondada e a pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes; a cauda é longa e praticamente paralela ao desenvolvimento da pata traseira; a linha ventral está muito fraturada, aparentando ser bastante convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos divergentes e separada do bordo traqueal reto por peito convexo.

Em seguida foi picotada cabra-montês orientada para a direita, com a cabeça representada em visão frontal (**QB01-36**); esta tem a forma de V, prolongando-se o traço do bordo facial pelo corno direito; o bordo traqueal é indistinto do peito, sendo ambos configurados por traço convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; a linha ventral está muito fraturada, parecendo, no entanto, inferir-se que dispunha de ventre convexo e cilheira reta; a pata traseira é definida por dois traços curvos divergentes; a nádega é arredondada; a cauda é definida por dois curtos traços horizontais paralelos entre si: o traço superior corresponde ao prolongamento da linha que define o bordo cérvico-dorsal; esta é de tendência reta, arredondando na zona da garupa.

Após a gravação desta figura foi reavivado o bordo caudal da pata traseira de **QB01-31** e gravado o último animal da série. Este corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda (**QB01-56**); a cabeça é extremamente modelada: a linha fronto-nasal arranca de uma orelha atirada para a frente a é suavemente convexa; o focinho é largo e algo reto; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre o queixo reto e a ganacha arredondada; no interior estão representadas narina e boca; o bordo traqueal é reto e o peito ligeiramente convexo; uma linha côncava define o bordo crinal e a restante cérvico-dorsal; sobre aquele foi inscrita a crineira; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal curvo e um cranial reto; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral arredondada; a pata dianteira é possante e definida por dois curtos traços retos, correspondendo o bordo cranial a mera continuação do peito; a raiz da cauda é pouco definida devido a sobreposições posteriores; a troço da cauda é curto e curvo.

Como referimos anteriormente, quer esta unidade gráfica, quer **QB01-52** estão sobreposta por **QB01-57**; esta corresponde a um auroque com duas cabeças, picotado e abradido orientado para a esquerda; da cérvico-dorsal observa-se bem a cernelha, perdendo-se o resto sob a crineira de **QB01-54**; a nádega é algo retilínea e a pata traseira definida por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral – admitindo-se que parte se apropriaria da de **QB01-37** e que outra parte se encontra sob a garupa de **QB01-42** – apresentaria ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira corresponde a reapropriação da garupa de **QB01-32**, sendo portanto definida apenas pelo seu bordo cranial, que neste caso seria curvo; o peito é algo marcado; o bordo traqueal da cabeça inferior é ligeiramente côncavo; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre a ganacha convexa e o queixo reto; também retos são o focinho e a linha fronto-nasal; no interior da cabeça observa-se a delimitação interna do focinho, a boca e uma narina; apenas um corno em forma de S deitado está representado; por trás deste observa-se uma orelha atirada para trás, a partir de onde se prolonga até à cernelha o bordo cervical, que é reto; o bordo traqueal da cabeça superior é também reto desenvolvendo-se entre o limite da pata e o pescoço da cabeça inferior; o bordo ventral da cabeça apresenta ganacha fortemente marcada e queixo algo côncavo; o focinho é reto; a linha fronto-nasal é reta na zona do focinho e convexa na da fronte; também neste caso um corno apenas foi representado, em forma de S deitado; por trás surge a orelha; entre esta e a cernelha encontramos o bordo cervical, reto.

Em seguida foi gravado **QB01-42** que corresponde a um imponente macho de cabra-montês picotado e abradido, orientado para a direita; a cabeça encontra-se parcialmente escondida sob traços de figuras posteriores; contudo, parece inferir-se que bordo fronto-nasal e corno são feitos de uma vez só, sendo o primeira direito e o segundo algo encurvado; atrás deste observa-se a orelha atirada para trás; da base desta arranca a nuca que se prolonga pelo bordo cervical direito, e, possivelmente, pela restante cérvico-dorsal; esta – escondida por traços posteriores – era sinuosa, sendo evidentes o dorso e a garupa; o focinho e o bordo ventral da cabeça deveriam corresponder a um traço só, algo arredondado naquele e direito neste; o pescoço é abradido e de configuração reta, enquanto o peito, definido por incisão, é convexo; da pata traseira foi gravado o bordo cranial, encontrando-se a coxa sob a linha fronto-nasal

de **QB01-60**; a bainha pode corresponder a reapropriação de parte da nádega de **QB01-56**; a cilheira é reta; da pata dianteira só foi gravado o bordo caudal; releve-se a semelhança com **Pn05-26**.

Sobre esta figura foi gravado um auroque, muito provavelmente macho, por picotagem e abrasão, orientado para a direita e com a cabeça em visão frontal (**QB01-41**); esta apresenta configuração subtriangular, sendo o focinho reto e definido também interiormente; dois círculos no topo da cabeça corresponderão aos olhos, e muito provavelmente – por uma espécie de metonímia gráfica – aos cornos; o bordo traqueal é reto e separado do membro anterior por peito convexo; aquele é definido por dois bordos retos ligeiramente atirados para a frente; a linha ventral é profundamente convexa; a pata traseira deve encontrar-se sob a pata dianteira de **QB01-53** e sob a traseira de **QB01-38**, devendo-se muito provavelmente a forma estranha desta à pré-existência do jarrete do auroque a que agora nos referimos; deste observa-se ainda a nádega algo angulosa e a raiz da cauda, de forma subtriangular; a linha cérvico-dorsal é sinuosa, sendo evidente a cernelha desenvolvida, o dorso côncavo e a garupa de tendência triangular; refira-se a existência de um conjunto de traços filiformes (unidades gráficas da chave XIc?) que saem da zona da boca.

Em seguida foi gravada, por picotagem e abrasão, representação parcial de auroque orientado para a direita (**QB01-50**); a cabeça apresenta uma forma *grosso modo* troncocónica: linha fronto-nasal e focinho retos, queixo ligeiramente côncavo e ganacha algo convexa; do bordo traqueal só se observa o arranque que aparenta ter uma configuração côncava; apenas foi gravado um corno em forma de linha quebrada; por trás situa-se uma orelha atirada para trás; a partir daqui desenvolve-se a cérvico-dorsal, de tendência reta, com ligeira inflexão na zona da garupa; esta cérvico-dorsal reaproveita o dorso de **QB01-37**.

Seguidamente foi gravado por picotagem e abrasão uma representação parcial de auroque orientado para a direita (**QB01-53**); a cabeça é longa e afilada; a linha fronto-nasal é reta; o focinho algo arredondado; no bordo ventral da cabeça é perceptível a distinção entre o queixo reto e a ganacha suavemente convexa; os dois cornos estão representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda em forma de S deitado e o da direita em curva simples, dispondo-se sobre o anterior; atrás do da direita surge a orelha; a partir desta desenvolve-se a cérvico-dorsal; esta é excessivamente longa relativamente à dimensão da cabeça; nela observa-se a cernelha, o dorso e a garupa – demasiado suave para auroque; da cauda só se observa a raiz; a maior parte do bordo traqueal encontra-se sob o de **QB01-64**; este é reto, separando-o um peito pronunciado da pata dianteira; esta corresponde a um traço reto.

A unidade seguinte a ser gravada corresponde a um quadrúpede acéfalo (provável auroque) conseguido por picotagem e abrasão, orientado para a esquerda (**QB01-51**); a pata dianteira é possante e configurada por dois bordos retos: o peito é convexo e o bordo traqueal reto; na cérvico-dorsal observa-se o garrote e o dorso; o bordo cervical está inclinado e é reto; a zona inguinal é angulosa; o ventre é convexo e a cilheira reta; a metade traseira é difícil de definir: o bordo cranial do membro posterior é curvo, o caudal, a nádega e a cauda poderão corresponder a reaproveitamento dos de **QB01-57**, se bem que pode ser que o bordo caudal seja reto e a pata configurada da mesma forma que **QB01-43**; neste caso, a cauda poderia ser identificada com um traço abradido situado algo mais atrás.

Em seguida foi gravado por picotagem e abrasão um pequeno veado situado perto do topo do painel e orientado para a esquerda (**QB01-45**); a cabeça está levantada em posição de brama, apresentando forma subtriangular; a zona do focinho está interrompida devido à fratura do painel; no interior observa-se o olho; as hastes estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; para além dos troncos, caracterizados por curvatura na extremidade distal, só foram gravados os estoques; a linha cérvico-dorsal arranca diretamente da haste esquerda e apresenta ligeiro garrote, dorso reto e garupa acentuada; a nádega é quase reta, distinguindo-se da coxa por início da convexidade desta última; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes e a dianteira por dois retos, paralelos entre si, e virados para o interior do corpo; a linha ventral parece não ter sido gravada, devido, muito provavelmente, à série de outras que aí existindo poderão ter sido recuperadas para esse sector do animal.

Em seguida gravou-se por picotagem e abrasão um possível prótomo de auroque orientado para a esquerda (**QB01-46**); a cabeça é longa e afilada; a linha fronto-nasal é reta; o focinho corresponde à reapropriação do bordo cranial da pata dianteira da figura anterior, sendo por consequência também reto; o bordo ventral da cabeça é convexo; os dois cornos – em forma de S deitado – estão representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical é tendencialmente reto.

Após a gravação deste animal foi reavivada a zona do garrote de **QB01-51** e executada a figura **QB01-40**. Esta corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda; a cabeça é de dimensões exageradas relativamente ao corpo do animal; da linha fronto-nasal só se observa o arranque da fronte – reto – e a zona do focinho de tendência convexa; a ponta do focinho também é suavemente convexa; do bordo ventral da cabeça só resta a ganacha, que é reta; uma orelha apontada para a frente foi gravada junto da extremidade cranial da fronte; por trás situa-se a crineira, em arco de círculo; no seu prolongamento foi gravada a cérvico-dorsal, bastante reta até à garupa; esta situa-se sob a linha fronto-nasal de **QB01-54**, parecendo no entanto conformar suave convexidade; a cauda arranca a partir da sua extremidade; a sua raiz é de forma subtrapezoidal; a nádega é convexa, distinguindo-se assim do bordo caudal da pata, que é reto; já o seu bordo cranial é encurvado para o interior; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral profundamente convexa; a pata dianteira é conformada por dois bordos curvos divergentes; o peito é convexo e o bordo

traqueal reto.

Seguidamente foram reavivados o corno direito de **QB01-53**, a crineira de **QB01-47** e gravado, por picotagem e abrasão, um cavalo orientado para a esquerda (**QB01-38**); a cabeça é extremamente modelada: a linha fronto-nasal é reta com ligeiro ressalto na zona da fronte e alguma convexidade na zona do focinho; este é também convexo; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre o queixo convexo e a ganacha também convexa; a orelha é definida por inflexão acentuada da fronto-nasal; a crineira é arredondada e separada do bordo crinal por traço que se desenvolve entre a orelha e o garrote do animal; a restante cérvico-dorsal é sinuosa, sendo patente o dorso e a garupa convexa; a cauda desenvolve-se a partir desta e é longa e atirada para trás; a sua raiz é subtrapezoidal; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por bordo cranial reto e caudal com demarcação do curvilhão (?) no interior; a bainha está sob a fronto-nasal de **QB01-60**; da linha ventral só se observa a zona mesial do ventre, de tendência circular; a pata dianteira é definida por dois bordos ligeiramente curvos para o interior, paralelos entre si; o bordo traqueal é reto e o peito algo convexo.

Após a gravação deste animal foi reavivada a crineira de **QB01-56** e executada **QB01-63**; esta corresponde a representação parcial de auroque orientado para a esquerda e disposto na diagonal; um traço define o bordo traqueal reto e o peito de tendência côncava; o bordo ventral da cabeça apresenta ganacha convexa e queixo reto; a ponta do focinho está aberta; a linha fronto-nasal é reta na zona do chanfro e convexa na zona da fronte; no interior da cabeça reconhecem-se uma narina, a boca e possivelmente o olho; o corno é o mesmo de **QB01-30**, que agora foi reavivado; a cérvico-dorsal foi gravada até à zona da cernelha, sendo predominantemente reta. Em seguida dois traços picotados e abradidos prolongam o dorso e o peito deste animal configurando-se, desta forma a figura de uma grande ave orientada para a direita (**QB01-64**); esta apresenta uma pequena cabeça; o crânio é convexo; dela sai o bico encurvado; a base deste é reta; a garganta é côncava e o bordo ventral do tronco convexo; a nuca é reta e o bordo dorsal do tronco convexo.

Em seguida foi gravado por picotagem e abrasão um auroque macho orientado para a direita (**QB01-59**); a cabeça apresenta bordo ventral convexo e linha fronto-nasal reta; o focinho está interrompido pelo limite atual do suporte; o corno é em forma de S deitado; por trás surge a orelha atirada para trás; a partir daqui desenvolve-se a cérvico-dorsal onde se destaca a potente cernelha e o dorso; dos quartos traseiros só se observa o bordo cranial da pata, algo encurvado; na zona inguinal está representado o escroto e a bainha; o bordo traqueal é ligeiramente côncavo e a barbela acentuada; da pata dianteira observa-se apenas o bordo cranial, devendo relevar-se a representação do joelho.

Em seguida foi reavivada a zona da anca de **QB01-44** e gravado **QB01-55**. Este corresponde a imponente veado picotado e abradido orientado para a direita em posição de brama; a cabeça apresenta forma subtriangular, se bem que o focinho é largo (e interrompido na zona da boca); a cérvico-dorsal está em parte sob a de **QB01-54**; parece, no entanto, prolongar suavemente o pescoço até à garupa arredondada a partir de onde arrancaria o bordo dorsal da cauda; das hastes apenas os estoques estão representados, segundo uma perspetiva biangular oblíqua; atrás delas foi gravada a orelha; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata da frente é definida apenas pelo seu bordo caudal, que corresponde a um traço reto atirado para a frente; a coxa é convexa e a pata traseira definida por dois traços curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta.

Em seguida foi reavivada a extremidade do dorso de **QB01-52** e gravados **QB01-54** e **QB01-62**. O primeiro corresponde a um cavalo picotado e abradido orientado para a direita que aproveita em grande parte o corpo da figura descrita anteriormente; a cabeça é possante: linha fronto-nasal de tendência côncava, focinho reto e bordo ventral com queixo reto e a ganacha convexa; no interior foi representada uma narina; o bordo traqueal é de tendência côncava, sendo separado da pata dianteira por peito convexo; o membro anterior é definido por bordo cranial reto e pelo caudal da pata dianteira da figura descrita anteriormente; a linha ventral é a mesma até certo ponto; da pata traseira só se gravou o bordo cranial curvo; a crineira apresenta uma forma condicionada pela pré-existência da linha fronto-nasal da figura anterior; o dorso é reto e coincide com o da figura anterior; a inflexão abrupta para da nádega pode dever-se à necessidade de manter os dois animais bem distintos entre si; por outro lado, dessa forma, a extremidade caudal da garupa do veado poderia ser lida também como cauda do presente cavalo.

QB01-62 corresponde a representação parcial de cavalo picotado e abradido, orientado para a direita; a cabeça é extremamente modelada: a linha fronto-nasal é algo convexa; o focinho largo e arredondado; o bordo ventral da cabeça apresenta ganacha convexa e queixo reto; uma orelha atirada para a frente surge na extremidade cranial da fronte; o bordo crinal surge um pouco atrás dela, arrancando a crineira um pouco mais atrás; o bordo traqueal é de tendência côncava e o peito convexo. Após a gravação deste motivo foram reavivados a garupa de **QB01-59** e a pata dianteira de **QB01-31**.

Após a gravação de **QB01-54** foram reavivados o bordo traqueal de **QB01-59** e a linha fronto-nasal de **QB01-50** e gravada a figura **QB01-60**. Este corresponde a um auroque macho picotado e abradido orientado para a esquerda e algo inclinado para baixo; a linha fronto-nasal corresponde a um reaproveitamento do bordo cranial da coxa de **QB01-42** e o focinho a parte do bordo caudal da pata dianteira de **QB01-55**, sendo portanto ambos retos; no interior da cabeça reconhece-se a boca e a narina; o corno foi

gravado ligeiramente acima da cabeça; a orelha está atirada para trás, desenvolvendo-se a cérvico-dorsal a partir daí; esta é sinuosa, com cernelha, dorso e garupa acentuadas; a cauda corresponde a traço reto resultante da inflexão brusca da linha da garupa; a raiz da cauda é de forma semicircular, sendo definida por dois traços; a nádega é suavemente convexa e a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a bainha está representada; a linha ventral é reta e a pata dianteira definida apenas pelo bordo caudal, de configuração reta; o bordo traqueal é reto também e a barbela acentuada. Após a gravação desta figura só se procedeu a mais um reavivamento – o da coxa de **QB01-40**.

Relativamente ao reportório não figurativo, é mais prudente não explorarmos a questão; a profusão de traços que ainda restam e o elevado estado de fragmentação da rocha não nos permitem observar qualquer unidade gráfica não figurativa de forma segura.

Rocha 2 (Fig. 5a): Foi dada a conhecer em 1999 (Baptista, 1999b, 114), tendo o seu decalque sido publicado sete anos mais tarde (Baptista, Santos & Correia, 2006, 181). Nunca foi descrita de forma apropriada. Localiza-se a cerca de 1,5 m para oeste da rocha 1, a uma altitude de 111 m, na margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, dispondo-se de forma perpendicular em relação a esta. A rocha encontra-se muito fraturada e lascada, apresentando atualmente forma subtrapezoidal. A superfície, orientada a és-sudeste, é de cor cinzenta, apresentando microtopografia regular e textura rugosa.

O espaço parietal é dominado pela presença de um imponente veado com duas cabeças, picotado e abradido, orientado para a esquerda (**QB02-01**); a cérvico-dorsal é direita, nela se observando o ligeiro ressalto do garrote; a garupa é arredondada; a cauda apresenta a tradicional forma foliforme, correspondendo o bordo dorsal a inflexão da garupa, unindo-se o ventral à nádega; esta é arredondada, sendo a passagem para a perna marcada por forte inflexão curva; a pata é definida por bordo caudal curvo e cranial reto; na linha ventral observa-se discreta bainha de forma convexa, perfazendo com o bordo cranial da pata uma zona inguinal fortemente angulosa; a cilheira é direita; a pata da frente é definida por dois curtos bordos paralelos entre si; o bordo traqueal é direito e separado da pata por peito do qual só se observa o ressalto; da cabeça virada para a frente só resta o pescoço, a haste esquerda, contornada da mesma forma que a haste esquerda de **QB01-31**, e onde ainda se observa a ponta intermédia, a coroa, e o que poderá corresponder a uma das pontas da coroa da haste direita; a outra cabeça é retrospiciente; o focinho está fraturado, o bordo fronto-nasal é reto, assim como o ventral; apenas uma haste está representada, dela nos restando o estoque, o contraestoque e a ponta intermédia; refira-se ainda a presença do olho no interior da cabeça.

A unidade gráfica anterior sobrepõe um conjunto de traços picotados, podendo alguns deles corresponder aos vestígios de um quadrúpede orientado para a esquerda (**QB02-02**); a cérvico-dorsal é reta e a nádega algo direita; da linha ventral só se observa a zona do cilhadouro que seria convexo; a pata dianteira seria definida por dois curtos traços retos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto. Esta figura está também sobreposta por **QB02-03** e **QB02-04**. O primeiro corresponde a pequeno macho de cabra-montês picotado orientado para a direita; a cabeça apresenta fronte alta, chanfro convexo, focinho arredondado e bordo ventral da cabeça direito; apenas foi gravado um corno em forma de S; o bordo traqueal é convexo e a pata dianteira definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é também reta e a pata traseira definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; a cauda está ligeiramente levantada e é definida por dois curtos traços retos paralelos entre si; o dorso é convexo e claramente demarcado do bordo cervical, caracterizado por forte curvatura.

QB02-04 corresponde a cabra-montês picotada e abradida, orientada para a direita; a cabeça apresenta forma subtriangular, com fronto-nasal e bordo ventral retos e, focinho apontado; o bordo traqueal é convexo e a pata dianteira definida por dois bordos retos; a linha ventral está fraturada; a pata traseira é definida por dois bordos retos praticamente convergentes na extremidade distal; a nádega é direita, correspondendo ao prolongamento do bordo caudal da pata traseira; a zona da cauda é aberta, se bem esta não se encontra representada; o dorso é reto, sendo claramente demarcado do bordo cervical que, sendo reto, se dispõe diagonalmente em relação àquele; refira-se ainda a presença de um olho no interior da cabeça e a ausência de corno, talvez devido à fratura do suporte.

Também sobreposto por **QB02-01**, foi um capríneo picotado orientado para a direita (**QB02-05**); a cabeça apresenta forma sub-retangular: linha fronto-nasal e focinho retos, bordo ventral curto e também reto, assim como o bordo traqueal; o peito é discreto e de forma convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos atirados para trás e com tendência a convergirem na extremidade distal; a linha ventral apresenta zona inguinal aberta, ventre e cilheira retos mas bem diferenciados; a pata traseira é algo modelada, com clara distinção entre coxa e perna, estando também o jarrete representado; a nádega é reta e a cauda definida pelos tradicionais curtos traços retos e paralelos entre si; o superior corresponde a simples prolongamento da cérvico-dorsal; este é de tendência convexa e claramente distinto do bordo cervical, que é de tendência convexa; refira-se a inexistência de corno.

A possível ponta da coroa de **QB02-01** sobrepõe ainda provável capríneo picotado orientado para a direita (**QB02-06**); a cabeça é atarracada, sendo a fronto-nasal e o bordo ventral retos e o focinho arredondado; o bordo traqueal é convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos divergentes; a linha ventral é definida por traço reto; a pata traseira é de configuração triangular preenchida no interior; entre esta e a cérvico-dorsal reta encontra-se uma nádega arredondada sem cauda representada; o bordo

cervical é reto; o corno é extremamente curvo, quase tocando o bordo cervical.

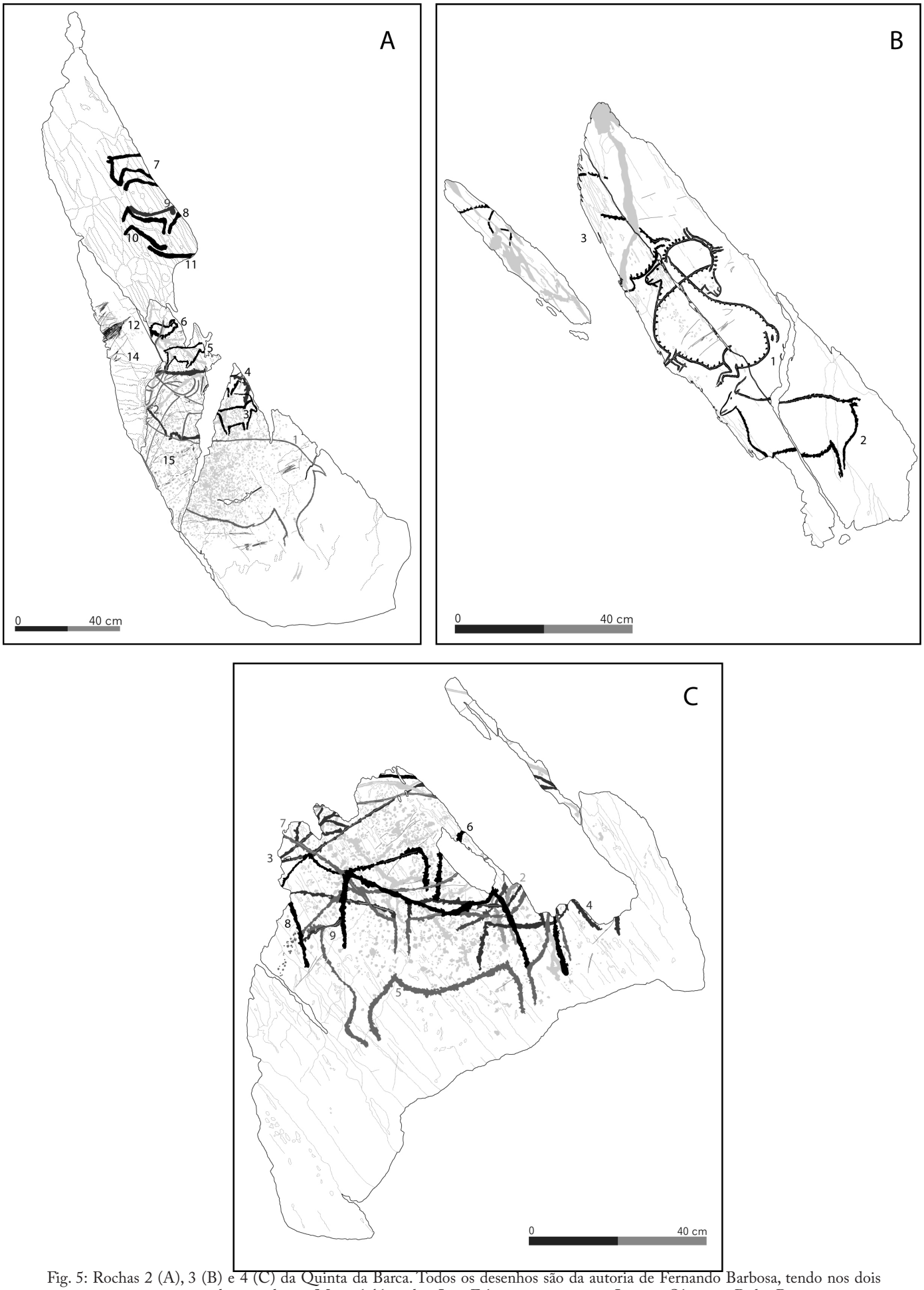


Fig. 5: Rochas 2 (A), 3 (B) e 4 (C) da Quinta da Barca. Todos os desenhos são da autoria de Fernando Barbosa, tendo nos dois primeiros casos sido apoiado por Manuel Almeida e João Félix e no terceiro por Lucínia Oliveira e Pedro Paraíso.

Sem relação estratigráfica ou associativa com este conjunto encontramos no sector superior do espaço parietal um outro conjunto de unidades gráficas. Este é encimado por prótomo de cavalo picotado e orientado para a esquerda (**QB02-07**); o bordo cervical é reto; as duas orelhas estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cabeça apresenta forma subtrapezoidal, sendo linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; chanfro e focinho perfazem ângulo obtuso e este último e queixo perfazem um agudo; o bordo traqueal é algo côncavo; refira-se a semelhança com **QB19-01** que descreveremos no momento adequado. Sob esta figura está picotado um quadrúpede orientado para a direita (**QB02-08**); apresenta dorso reto e garupa arredondada; da pata traseira só se observa o bordo cranial algo encurvado; a zona inguinal é angulosa, o ventre convexo e o cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é reto e atirado para a frente; a zona da cabeça está fraturada. Esta figura, por seu lado, sobrepõe uma linha ventral semielíptica rematada pelos bordos cranial e caudal de patas traseira e dianteira respetivamente; o quadrúpede estaria orientado para a direita (**QB02-09**). Abaixo destes observa-se ainda um traço picotado que pode ser interpretado como o bordo caudal de uma pata e linha ventral com cilhadouro reto e ventre convexo de um quadrúpede orientado para a esquerda (**QB02-10**). Um segundo traço picotado situado mais abaixo pode pertencer a um outro quadrúpede, mas as evidências são demasiado ténues para o podermos inventariar com segurança.

Um outro conjunto de figurações zoomórficas, exclusivamente incisas, encontra-se cerca do limite esquerdo do painel em zona lascada após a gravação de **QB02-01**. O animal que mais se destaca corresponde a um peixe estriado disposto na oblíqua e virado para a direita (**QB02-11**); dada a existência de um espigão na ponta da cabeça, podemos estar perante um salmão, cuja mandíbula na altura da desova adopta a forma de gancho; para além desta característica deve ainda relevar-se a existência de uma barbatana dorsal e de uma ventral; quer o dorso quer o ventre são convexos.

Sobre esta figura parece reconhecer-se o prótomo de uma cerva definida por incisão simples orientada para a direita (**QB02-12**); apresenta pescoço convexo e cabeça sub-retangular ligeiramente inclinada para cima; a linha fronto-nasal é direita assim como o bordo ventral da cabeça; o focinho é aberto; no interior da cabeça reconhece-se uma linha que poderá corresponder à indicação de coloração diferente na pelagem; as duas orelhas parecem estar representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua.

O terceiro possível animal corresponde a um prótomo de capríneo definido por incisão simples e múltipla orientado para a esquerda (**QB02-13**); a cabeça tem forma subtriangular: a linha fronto-nasal é reta com uma ligeira inflexão na zona da fronte; o bordo ventral da cabeça é convexo; o bordo cervical é também curvo; o corno é curto e ligeiramente curvo.

Devemos ainda referir um conjunto de traços incisos sob o dorso de **QB02-01** que parecem esboçar a cérvico-dorsal e a linha ventral de um equídeo orientado para a direita (**QB02-14**); a linha cérvico-dorsal vai desde a extremidade cranial do bordo cervical do animal até à garupa, não se reconhecendo contudo o dorso; a linha ventral é profundamente convexa.

Relativamente às unidades gráficas não figurativas, apenas nos debruçaremos sobre as incisas, uma vez que os traços picotados poderão fazer parte de animais que, devido à elevada fracturação do suporte não são agora reconhecidos. Assim, associadas a **QB02-01** encontramos uma unidade gráfica da chave IXa, dez da XIa, sete da XIb e duas da XIc. A **QB02-01** e **QB02-02** associa-se uma da chave VIIa, uma da IXa, uma da IXb, dez da XIa, quatro da XIb e duas da XIc. A **QB02-01** e **QB02-15** associam-se treze da chave XIa, dez da chave XIb, quatro da chave XIc, uma da chave IXa e uma da chave IXab. Abaixo de **QB02-01** encontramos uma da chave VIIa, uma da IXaa, nove da XIa, três da XIb, duas da XIc e uma da XId. Entre **QB02-01** e **QB02-02** encontramos duas unidades da chave VIII, uma da chave XIa e uma da XIb. A **QB02-02** associam-se uma unidade da chave IXbb, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XId. Associa-se a **QB02-05** uma da chave XIa. Entre este animal e **QB02-06** é possível individualizarem-se duas da chave XIa e uma da XId. A **QB02-12** associam-se uma da chave IXaa, três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Acima daquele animal observa-se uma da chave IXa, duas da XIb e uma da XIc. Entre **QB02-11** e **QB02-13** observa-se uma da chave VIIa e duas da XIa. Refira-se por fim que toda a rocha está profundamente afetada por ações de picotagem, destacando-se uma concentração sobre o conjunto formado por **QB02-11**, **12** e **13** e sobretudo a que parece ter o seu epicentro no corpo de **QB02-01**.

Rocha 3 (Fig. 5b): Foi dada a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 11; 1995b, 14). O decalque foi publicado em 1999, tendo na ocasião sido brevemente descrito (Baptista, 1999b, 116-117). Localiza-se a uma altitude de cerca de 142 m, na margem direita da ribeira da Quinta da Barca a cerca de 250 m da sua foz, dispondo-se de forma paralela em relação ao curso de água. O espaço parietal encontra-se atualmente dividido em dois por um carrasco. A superfície, orientada a sudeste, é de cor castanho-avermelhada, apresentando uma microtopografia regular e textura algo rugosa.

O espaço parietal é dominado pela presença de um macho de cabra-montês, com duas cabeças, picotado e abradido, orientado para a esquerda (**QB03-01**); o corpo é possante; o peito é arredondado e o bordo traqueal praticamente reto; o dorso prolonga o bordo cervical da cabeça orientada para a esquerda, sendo reto; a garupa é arredondada; o bordo dorsal da cauda corresponde a prolongamento da garupa e é semicircular; o ventral consiste em curto traço reto disposto na vertical; a nádega é profundamente convexa; a pata traseira está infletida e apresenta distinção interna da coxa, jarrete pronunciado e casco subtriangular; a linha ventral

é altamente modelada; a bainha encontra-se bem definida e a cilheira é reta; as duas patas dianteiras estão representadas, sendo a da esquerda definida por dois bordos retos e atirada para a frente e a da direita infletida com representação subtriangular do casco, também estranhamente atirado para a frente; a cabeça da esquerda desenvolve-se a partir dos bordos do pescoço; apresenta forma sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho arredondado; no interior observa-se o olho, a narina (correspondente a um arco de círculo) e a boca – correspondente a um ângulo reto; no exterior observa-se a pera e um corno em forma de S a que voltaremos mais à frente; a cabeça orientada para a direita desenvolve-se a partir de um bordo cervical em arco de círculo que arranca do terço superior do peito do animal e de um bordo traqueal reto e curto que arranca do primeiro quinto do bordo cervical da cabeça descrita anteriormente; a que agora nos ocupa apresenta também forma sub-rectangular com linha fronto-nasal côncava, bordo ventral convexo e focinho arredondado; no interior identifica-se o olho, a narina em forma de arco de círculo e a boca também ligeiramente encurvada; a pera corresponde a prolongamento do traço do queixo, existindo portanto uma interrupção do contorno do animal na zona da ganacha; o corno é também em forma de S. Os cornos de ambas as cabeças não foram efectuados como dois elementos separados, mas como um conjunto; na base de ambos está um arco de círculo que junta as duas cabeças; seguidamente foi gravada uma linha sinuosa no topo deste arco de círculo e finalmente dois traços maiores curvos e paralelos às sinuosidades exteriores do traço sinuoso; com estes três elementos (arco de círculo, traço sinuoso superior e traços maiores) foi conseguida a delineação dos cornos em forma de S de ambas as cabeças; curtos traços retos entre as frontes e os traços maiores representam os anéis dos cornos e dão volume aos mesmos entre as frontes a e os traços maiores. Refira-se por fim a existência de traços curtos distribuídos pelo corpo do animal a intervalos regulares; este recurso estilístico, conhecido como "arame farpado" contribui de sobremaneira para dar volume ao animal.

Abaixo deste foi gravada por picotagem e abrasão uma fêmea de cabra-montês orientada para a esquerda (**QB03-02**); apresenta cabeça de contorno subtriangular com bordo ventral reto, focinho afilado e linha fronto-nasal com zona do focinho e do chanfro distinguidas entre si por suave concavidade; no interior observa-se a boca reta e um olho; separado da linha fronto-nasal foi gravado um corno curto em forma de S; atrás deste observa-se a orelha atirada para trás; dela arranca bordo cervical curto e reto que se prolonga por dorso reto e garupa convexa; a partir desta arranca o bordo dorsal da cauda correspondente a um curto traço curvo; o caudal é outro traço paralelo ao anterior; a nádega é arredondada e claramente distinguível da pata traseira definida por dois bordos subparalelos entre si, sendo o caudal reto e o cranial algo encurvado; a zona inguinal é angulosa, o ventre convexo e a cilheira côncava; da pata dianteira só resta o arranque dos dois traços que a definiriam; o peito é pronunciado e o bordo traqueal côncavo.

Acima do animal central observa-se os vestígios de outro capríneo picotado e abradido, orientado para a esquerda (**QB03-03**); dele observa-se os vestígios de um dorso com garupa arredondada, a cauda definida por dois bordos curvos paralelos entre si, uma nádega arredondada e parte da pata traseira onde ainda se observa o jarrete; acima vê-se um traço curvo que poderá corresponder ao corno do animal; tal como na figura central, foi utilizada aqui a técnica do arame "farpado". No painel da esquerda observa-se um conjunto de traços curvos, um deles com "arame farpado" que poderá corresponder a restos do animal atrás descrito.

Relativamente ao reportório não figurativo, será de relevar que apenas o animal central tem unidades associados, mais concretamente uma da chave VIII, uma da IXa, sete da XIa, duas da XIb e uma da XIc. À direita desta figura observa-se uma unidade da chave IIIc e uma da XIa. Finalmente, à direita de **QB03-03** observa-se um conjunto de quatro unidades da chave XIa.

Rocha 4 (Fig. 5c): Foi dada a conhecer em 2006, quando se publicou o seu decalque (Baptista, Santos & Correia, 2006, 182). Localiza-se na margem direita da ribeira da Quinta da Barca a cerca de 2 m para oeste da rocha 2, a 115 m de altitude. Tem a face historiada orientada para és-sudeste. Atualmente encontra-se bastante fraturada, apresentando uma configuração subcircular; a cor é castanho-acinzentada, sendo a superfície irregular e de textura rugosa.

Na base da estratigrafia encontramos o que poderá corresponder a um ventre convexo e arranque do bordo cranial da pata traseira de um animal picotado, orientado para a esquerda (**QB04-01**); refira-se que a inferência relativa à orientação do animal prende-se com a angulosidade da zona inguinal. Sobre este terá picotado um quadrúpede orientado para a direita (**QB04-02**), dele restando a pata traseira definida por dois bordos subparalelos entre si, sendo o caudal reto com inflexão na zona do jarrete, e o cranial reto com inflexão côncava na zona da coxa.

Em seguida foi gravado por picotagem e abrasão um grande veado orientado para a esquerda e inclinado para baixo, em possível posição de brama (**QB04-03**); a cabeça desapareceu devido a fratura do suporte; resta contudo uma haste atirada para trás na qual se reconhece a ponta intermédia e as da coroa; o pescoço é curto e possante; o dorso é reto assim como o bordo traqueal, observando-se neste a inflexão para a goela; a cauda é foliforme; da pata traseira só se observa as extremidades distais dos dois bordos retos que a conformariam; apresenta ventre convexo e cilheira algo côncava; a pata dianteira seria também conformada por dois bordos retos paralelos entre si, encontrando-se separada do peito por brusca inflexão deste.

Em seguida foi gravado por picotagem um animal orientado para a esquerda (**QB04-04**) do qual restam o bordo caudal da

pata dianteira reto, a linha ventral semielíptica e a pata traseira definida por dois bordos retos com tendência convergente.

Seguidamente gravou-se por picotagem e abrasão um auroque orientado para a direita **(QB04-05**); a cérvico-dorsal é sinuosa, reconhecendo-se perfeitamente a cernelha, o dorso e a garupa; o troço da cauda é reto e a sua raiz de forma subtriangular; a nádega é arredondada e bem separada, por inflexão do bordo, da pata traseira; esta é definida por dois bordos paralelos entre si e modelados de forma a observar-se o jarrete e o bordo cranial da coxa; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si, separando-se do bordo traqueal côncavo por peito convexo.

Antes deste animal e após **QB04-03** foi gravado, por picotagem e abrasão, um quadrúpede orientado para a direita (**QB04-06**) do qual restam o bordo cranial curvo da pata traseira, a linha ventral semielíptica, a pata dianteira conformada por dois bordos retos, paralelos entre si, parte do peito e vestígios do dorso reto.

A seguir a **QB04-05** foi gravado, por picotagem e abrasão, um quadrúpede orientado para a esquerda (**QB04-07**); a pata dianteira é conformada por dois bordos retos paralelos entre si (que sobrepõem os que conformam a de **QB04-03**); é separada do bordo traqueal – de tendência côncava – por peito convexo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; da pata traseira resta o bordo cranial que é curvo; a cérvico-dorsal é reta até à zona do garrote que é algo pronunciado; na globalidade a figura parece corresponder a um outro veado orientado para a esquerda.

Finalmente foi gravado um enorme quadrúpede orientado para a esquerda (**QB04-08**) do qual restam a pata dianteira (conformada por dois bordos retos paralelos entre si), a linha ventral semielíptica, a possível representação dos genitais na zona inguinal e a pata traseira (definida por dois bordos retos paralelos entre si) atirada para trás. Antes da gravação desta unidade gráfica, e após a de **QB04-05**, foi gravado um traço, em forma de S deitado sob a zona exterior da garupa deste último animal, por picotagem e abrasão; esta adição parece conformar um prótomo de cavalo orientado para a esquerda (**QB04-09**); a ser assim, disporia de linha fronto-nasal reta (correspondente ao bordo caudal da garupa de **QB04-05**), bordo ventral da cabeça com clara distinção entre a ganacha convexa e o queixo longo e côncavo, e focinho afilado à maneira de **QB23-01**.

Relativamente às unidades gráficas não figurativas, encontramos o panorama seguinte: a **QB04-01**, **QB04-05** e **QB04-07** associam-se uma unidade gráfica da chave XIa e outra da XIc; a **QB04-03**, **QB04-05** e **QB04-08** associam-se duas da chave XIa; a **QB04-03**, **QB04-04**, **QB04-06**, **QB04-07** e **QB04-08** associam-se uma da chave VIIa, cinco da XIa e uma da XIb; a **QB04-03**, **QB04-07** e **QB04-08** associam-se duas da chave XIa; a **QB04-04** associa-se uma da chave XIa; entre aquele animal e **QB04-07** observa-se uma da chave XIb; a **QB04-05** associam-se uma da chave VIIa e outra da XIa; perto do topo do painel observa-se ainda uma unidade da chave XIa. Refira-se por fim a existência de uma grande quantidade de picotagens soltas, em particular no centro do painel, afectando, de sobremaneira o cervídeo **QB04-03**.

Rocha 5 (Fig. 6a): Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca a cerca de 2 m para oeste da anterior numa cota de 115 m. Encontra-se muito fraturada, observando-se a existência de dois painéis, um deles solto e localizado a cerca de 1 m para sul do painel principal. Este apresenta atualmente uma forma poligonal enquanto o remanescente é subtriangular; as faces historiadas orientam-se para és-sudeste e apresentam superfícies regulares e algo rugosas. A cor é castanho-acinzentada.

No painel principal as duas figuras que estão na base da estratigrafia correspondem a uma representação de um cavalo picotado orientado para a direita (**QB05-01**) e a um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**QB05-02**). O primeiro foi seguramente gravado antes de **QB05-05**, não se conhecendo no entanto a sua relação temporal relativamente a **QB05-02**, **03** e **04**; apresenta cabeça de configuração sub-rectangular com bordo ventral e linha fronto-nasal retas e focinho largo e arredondado; a crineira é em escada; o bordo traqueal é convexo; o bordo cervical é alto e na cérvico-dorsal observa-se claramente o dorso. De **QB05-02** observa-se o bordo caudal da pata dianteira, a linha ventral semielíptica e a pata traseira definida por dois traços subparalelos, sendo o cranial reto e atirado para trás e o caudal reto com inflexão na zona do jarrete; desta figura observa-se ainda o arranque da nádega arredondada. Em seguida foi picotado representação parcial de um auroque orientado para a esquerda (**QB05-03**); da linha cérvico-dorsal observa-se o dorso e a garupa acentuada; a nádega é algo angulosa e a pata traseira definida por dois traços, sendo o bordo cranial reto e o caudal curvo para o exterior; um pouco atrás deste observam-se restos da cauda; a linha ventral é profundamente convexa; da pata dianteira só se observa o bordo caudal reto; pelo menos o bordo cranial da pata e o peito não foram gravados. Em seguida foi gravado por picotagem um quadrúpede orientado para a esquerda (**QB05-04**); o bordo cervical é longo; a cérvico-dorsal é sinuosa, apresentando garrote pronunciado, dorso evidente e garupa arredondada; arredondada é também a nádega; a pata traseira é definida por dois traços algo curvos e de tendência divergente; atrás observa-se parte da cauda em arco de círculo; na linha ventral (profundamente convexa) uma quebra de continuidade pode representar a bainha; a pata dianteira é definida por dois traços curvos divergentes; do peito só se observam restos; este animal pode corresponder a um cavalo com a cabeça virada para baixo ou, no caso de interpretarmos como corno o traço curvo acima do pescoço, um macho de auroque; esta segunda hipótese tornava-o um caso único ao nível da relação corno-cabeça e sobretudo ao nível da delineação da linha cérvico-dorsal. Em seguida foi gravado por picotagem e

incisão um auroque orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**QB05-05**); a cabeça apresenta forma sub-retangular com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; no interior observam-se as duas narinas e o olho; a nuca encontra-se bem evidenciada; o corno direito é em forma de S; um traço reto a arrancar da nuca pode representar quer o corno esquerdo quer a orelha; o garrote está evidenciado, o dorso é ténue e a garupa evidente; entre esta e nádega algo reta não há descontinuidade; a cauda é longa e curva, correspondendo a prolongamento da garupa; a pata traseira corresponde a dois traços retos com tendência a convergirem; a linha ventral é profundamente convexa; a pata dianteira corresponde a dois traços retos paralelos entre si; o peito é pronunciado e o bordo traqueal algo côncavo. A seguir foi picotado um cavalo orientado para a esquerda (**QB05-06**), dele restando a metade traseira; a cérvico-dorsal apresenta dorso ténue e garupa arredondada; a cauda prolonga-a, dela se distinguindo por suave inflexão; a inserção caudal é subtrapezoidal; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois traços curvos divergentes, sendo que o bordo caudal acaba no interior da dianteira de **QB05-04**, conformando-se desta forma o jarrete; a zona inguinal é aberta e o ventre convexo.

Um enorme veado (**QB05-07**) orientado para a esquerda, conseguido por picotagem e abrasão finaliza a sequência; encontra-se também em posição de brama; da cabeça só resta o arranque da fronte reta; as duas hastes estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua, delas se observando os estoques e os arranques dos troncos; o bordo cervical é reto, assim como o dorso; a garupa é arredondada e separada da nádega convexa por ligeira inflexão na zona da cauda; a pata traseira é definida por dois traços curvos divergentes, apresentando o bordo caudal possível representação do jarrete; a linha ventral é descontínua de forma a representar-se a bainha; o ventre é convexo e a cilheira côncava; da pata dianteira observa-se bem o bordo caudal algo curvo e a extremidade distal do cranial.

Uma série de linhas picotadas e abradidas reconhecem-se na zona do pescoço do veado; no entanto, a elevada fracturação do painel nesta zona não nos permite inferências seguras quanto à sua natureza. Relativamente às incisões, associam-se a **QB05-01**, **QB05-05** e **QB05-07** uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa, uma da XIa e duas da XIb; e a **QB05-05** seis da XIa, duas da XIb e duas da XIIIb. Refira-se por fim a concentração de picotados soltos que afectam particularmente **QB05-05**.

No painel mais pequeno observa-se uma série de traços picotados cujo elevado estado de fragmentação do suporte não permitem interpretar com a segurança desejável.

Rocha 6 (Fig. 5b): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 51). Localiza-se na margem esquerda do Côa a 4 m para jusante da foz da ribeira da Quinta da Barca, a uma altitude de 109 m. Apresenta forma subtrapezoidal. A superfície historiada encontra-se paralela ao Côa, orientando-se para és-sudeste. A cor é cinzenta e a superfície regular e lisa.

Nesta rocha encontramos figuras animais incisas e picotadas. A figura incisa não mantém relação estratigráfica com as restantes; trata-se de um quadrúpede orientado para a esquerda **(QB06-01**); a cabeça é campanulada e relativamente longa, com linha fronto-nasal reta, focinho algo arredondado, queixo direito e ganacha convexa; no topo reconhece-se duas orelhas foliformes representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical é curto e o dorso de tendência reta; o bordo ventral do tronco é descontínuo, observando-se uma linha superior convexa e uma inferior também convexa e ligada à pata dianteira; esta é definida por dois bordos, sendo o caudal curvo e o cranial reto com inflexão na zona do joelho; o bordo traqueal não se distingue do peito, sendo ambos definidos por traço côncavo; tecnicamente, a cabeça e orelhas foram definidas mediante incisão múltipla enquanto o resto do corpo está contornado por incisão simples; relativamente à identificação da espécie, estamos perante um problema; na verdade, se a cabeça remete para um auroque, a ausência de cornos e a forma e disposição das orelhas fazem-nos pensar numa cerva.

O outro animal seguro do painel corresponde a um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**QB06-02**); dele observa-se a pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes, sendo que no caudal se parece reconhecer o jarrete; atrás observa-se a extremidade da cauda que seguiria de forma *grosso modo* paralela relativamente ao bordo caudal da pata; apresenta a bainha marcada e um cilhadouro reto; da pata dianteira só se observa o arranque do bordo caudal; o bordo traqueal é reto; da cabeça observa-se apenas o arranque da ganacha e parte de uma fronte reta.

Associada a **QB06-01** observa-se composição picotada que pode corresponder a associação de duas unidades da chave XIa e uma covinha. Relativamente às unidades incisas, estas associam-se exclusivamente a **QB06-02**. É possível isolarem-se uma da chave VIIa, uma da IXa, vinte e uma da XIa e uma da XIb. Para além destas, refira-se ainda a ocorrência de uma da chave IXaa picotada.

Rocha 7 (Fig. 6c): Trata-se de uma rocha inédita ao nível da edição, mas cujo decalque pode ser visto no Museu do Côa. Localiza-se em encosta sobre o Côa, na margem esquerda deste, a cerca de 75 m para jusante da foz da ribeira da Quinta da Barca, a uma altitude de 118 m. Trata-se de um painel de forma subtrapezoidal e cor cinzenta, muito fraturado. A superfície é regular e lisa, sendo paralela ao Côa e orientando-se para és-sudeste.

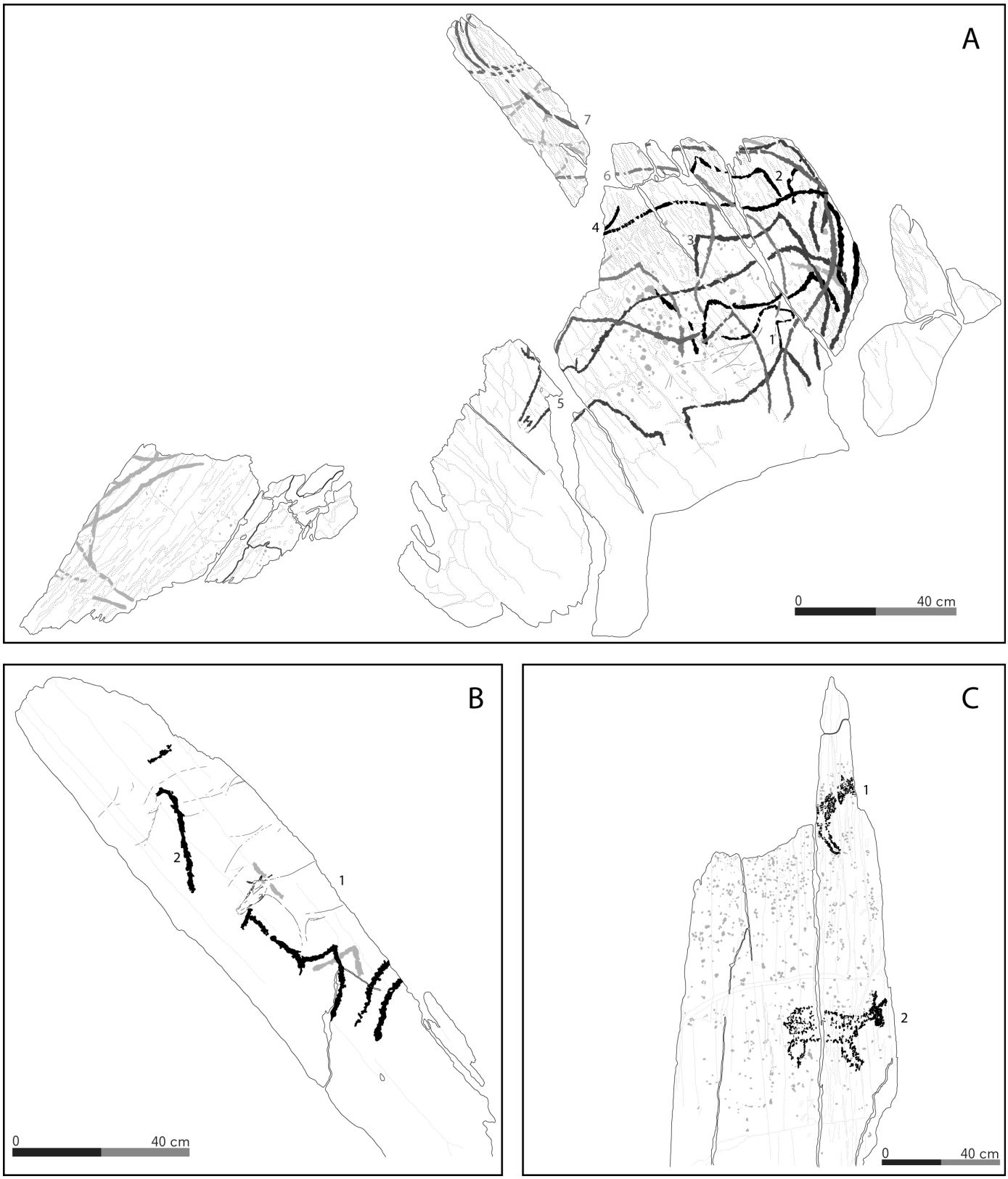


Fig. 6: Rochas 5 (A), 6 (B) e 7 (C) da Quinta da Barca. A e C sobre decalques do autor, tendo o primeiro sido efetuado com o apoio de Liliana Fial, Manuel Almeida e Joana Valdez-Tullett e o segundo com o apoio de Manuel Almeida e Lucínia Oliveira. B a partir de decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Joana Valdez-Tullett.

Apenas se identificam dois animais picotados. O primeiro corresponde a uma cerva orientada para a direita, da qual resta a metade dianteira (**QB07-01**); apresenta cabeça subtriangular, duas orelhas representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua, pescoço longo e reto e duas patas lineares atiradas para a frente e representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na sua gravação foi utilizada a variante B da picotagem, não se limitando esta ao contorno da figura, mas antes a preenchendo.

O segundo animal corresponde a um possível capríneo orientado para a direita (**QB07-02**); apresenta cabeça sub-retangular e dois cornos retos representados segundo uma perspetiva biangular reta; apresenta pescoço longo e corpo de forma ovoide; as patas dianteiras correspondem a dois traços curvos atirados para a frente e paralelos entre si, representados segundo uma perspetiva

biangular oblíqua; as traseiras são dois traços curvos convergentes nas extremidades, encontrando-se representadas segundo uma perspetiva biangular reta; o picotado é semelhante ao utilizado na figura previamente descrita, sendo invasor na zona da cabeça e dos quartos traseiros.

Refira-se também a existência de um grande número de picotados distribuídos pelo painel.

Rocha 8 (Fig. 7): Foi dada a conhecer em 2006, na mesma ocasião em que se publica o seu decalque (Baptista, Santos & Correia, 2006, 182). Localiza-se a 8 m para norte da rocha 7, sensivelmente à mesma altitude. A rocha apresenta forma subtrapezoidal, encontrando-se as figurações em duas superfícies atualmente separadas; estas orientam-se para és-sudeste, dispondo-se paralelamente relativamente ao Côa; a cor é cinzenta e a superfície é regular e lisa.



Fig. 7: Decalque da rocha 8 da Quinta da Barca (autoria de Fernando Barbosa, apoiado por Joana Valdez-Tullett).

As unidades gráficas figurativas correspondem a dois cavalos picotados e abradidos. O que se encontra na base da sequencia estratigráfica está orientado para a direita (**QB08-01**), encontrando-se a metade dianteira na superfície da direita e os quartos traseiros na da esquerda; a cabeça está fraturada, dela restando parte do chanfro reto e o bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; a crineira é arredondada e delimitada do bordo crinal; o bordo traqueal é reto, terminando num peito convexo que não se prolonga pelo traço da pata; desta só foi gravado o bordo caudal que é curto, reto e atirado para a frente; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a zona inguinal é angulosa e a pata traseira definida apenas pelo seu bordo cranial que é convexo na zona da perna, inflectindo perto do ângulo inguinal, provavelmente numa tentativa de representar a coxa; a nádega é arredondada, terminando na raiz da cauda da qual resta o bordo inferior; do troço da cauda só se observa parte, percebendo-se que seria arredondado; a cérvico-dorsal é tendencialmente reta.

O outro cavalo (**QB08-02**) sobrepõe este; orienta-se para a esquerda, dele restando os quartos traseiros; apresenta garupa arredondada que se prolonga pela cauda também convexa, processando-se a distinção por intermédio de suave inflexão do traço;

a raiz da cauda é de forma subtrapezoidal; a anca é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si; a zona inguinal é angulosa e o ventre convexo.

Relativamente às unidades não figurativas podemos referir que associadas a **QB08-01** encontramos dezoito unidades da chave XIa (uma picotada e abradida), duas da XIb, uma da XIc e duas da XIIa picotadas. A **QB08-02** associam-se uma unidade da chave IXaa, uma da chave IXc, dez da XIa, três da XIb e uma da XId. Acima deste animal observamos uma da IXa, duas da XIa e uma da XIb.

Rocha 9 (fig. 8): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o decalque sido publicado em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008, 103). Localiza-se sobre o Côa, na sua margem esquerda, a 100 m para jusante da rocha 6 e a 108 m de altitude. Apresenta forma subtrapezoidal; a superfície é de cor cinzenta, sendo regular e bastante polida, fruto da cíclica erosão fluvial a que está sujeita; orienta-se para és-sudeste, dispondo-se paralelamente ao rio.

Identificam-se duas sequências estratigráficas. A primeira encontra-se na metade superior do espaço parietal e é inaugurada por um macho de cabra-montês, picotado e orientado para a esquerda (**QB09-01**); apresenta cabeça de forma genericamente troncocónica, com linha fronto-nasal reta inflectida na zona da fronte, bordo ventral da cabeça côncavo e focinho aberto; no interior observa-se a boca, a narina e o olho; apenas um corno em forma de S foi representado; a cérvico-dorsal é direita, observando-se ténue saliência na zona do garrote; a cauda é formada por três traços paralelos entre si, sendo que o superior e o inferior são de maiores dimensões que o mesial; aqueles nascem respectivamente a partir da extremidade da garupa e da nádega; esta é quase reta, inflectindo na zona da perna; desta observa-se o bordo caudal reto e parte da coxa; a linha ventral, a ter existido, encontra-se sob a cérvico-dorsal de **QB09-02**; da pata dianteira só se observa o bordo cranial que é recto, sendo admissível que o caudal se encontre sob o da pata dianteira de **QB09-03**; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

Em seguida foi picotado um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**QB09-02**); a cabeça é alongada apresentando linha fronto-nasal reta, focinho *grosso modo* triangular e bordo ventral ligeiramente convexo; no interior observa-se a boca e o olho; apenas se gravou um corno em forma de S deitado; a cérvico-dorsal é reta e a cauda conformada por dois curtos traços retos paralelos entre si e apontados para cima; a zona inguinal é bastante marcada e a cilheira côncava; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

A série é rematada por auroque picotado orientado para a direita (**QB09-03**); apresenta cabeça de tendência troncocónica com linha fronto-nasal e focinho retos, e bordo ventral reto com ligeira convexidade na zona da ganacha; no interior da cabeça observa-se um picotado que poderá corresponder ao olho; o bordo traqueal é reto e separado da pata dianteira por peito convexo; a pata é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o que resta da cilheira é um traço reto; a cérvico-dorsal (parcialmente conservada), é sinuosa, observando-se clara marcação da cernelha; da traseira do animal só se observa os possíveis restos da pata dianteira definida por dois traços: o bordo cranial é reto e o caudal côncavo e infletido para dentro na extremidade distal. Este sector do animal cobre o dorso de um possível auroque picotado orientado para a esquerda (**QB09-04**); deste animal observa-se o dorso reto, uma nádega algo arredondada, uma pata traseira definida por dois traços curvos divergentes e o ventre convexo.

A segunda série estratigráfica é formada por apenas dois animais. Na base encontra-se a representação parcial de um cavalo orientado para a direita (**QB09-05**); apresenta cérvico-dorsal sinuosa com bordo cervical convexo, dorso acentuado e garupa arredondada; esta prolonga-se diretamente pela nádega, também de configuração convexa; a pata traseira é definida por dois bordos descontínuos, retos e paralelos entre si; a linha ventral é profundamente convexa; tecnicamente todo o animal foi conseguido por picotagem, com exceção do ventre conformado por incisão simples descontínua.

Em seguida foi picotado um capríneo orientado para a esquerda (**QB09-06**); a cabeça apresenta configuração sub-retangular, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; o bordo traqueal é ligeiramente côncavo e separado da pata dianteira por peito convexo; aquela é definida apenas pelo seu bordo cranial, tendo sido muito provavelmente reaproveitado o bordo cranial da pata traseira do animal anterior como bordo caudal da deste; na verdade a partir daqui foi gravado o arranque da cilheira, de tendência reta; o bordo cervical é curto e a cérvico-dorsal (aproveitando em grande parte a do cavalo anterior) é convexa; a cauda é conformada por dois traços retos, paralelos entre si e apontados para cima; do animal resta ainda a nádega arredondada.

Em termos de reportório não figurativo há que referir a existência de uma unidade gráfica picotada da chave XIa associada aos ventres de **QB09-05** e **QB09-06** e a de outros dois traços picotados associados a **QB09-05** que poderão corresponder a duas da XIa ou a uma da IXa. Refira-se por fim a existência de uma série de picotados soltos dispersos pelo espaço parietal que afetam em particular a sua zona superior.



Fig. 8: Rocha 9 da Quinta da Barca (sob decalque do autor, apoiado por Manuel Almeida, Fernando Barbosa, Lucínia Oliveira e Francelino Pereira.

Rocha 10 (Fig. 9): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado dois anos mais tarde (*idem*, 2008b, 101). Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, entre esta e a rocha 3, a uma altitude de 139 m. Tem dois painéis historiados separados entre si cerca de 2 m; o painel principal tem 1,4 m de comprimento por 1 de altura, apresentando forma subtrapezoidal; o segundo, situado à sua direita, tem 70 cm por 30 e forma subtriangular; as superfícies historiadas são alaranjadas, regulares e rugosas; orienta-se para sudeste.

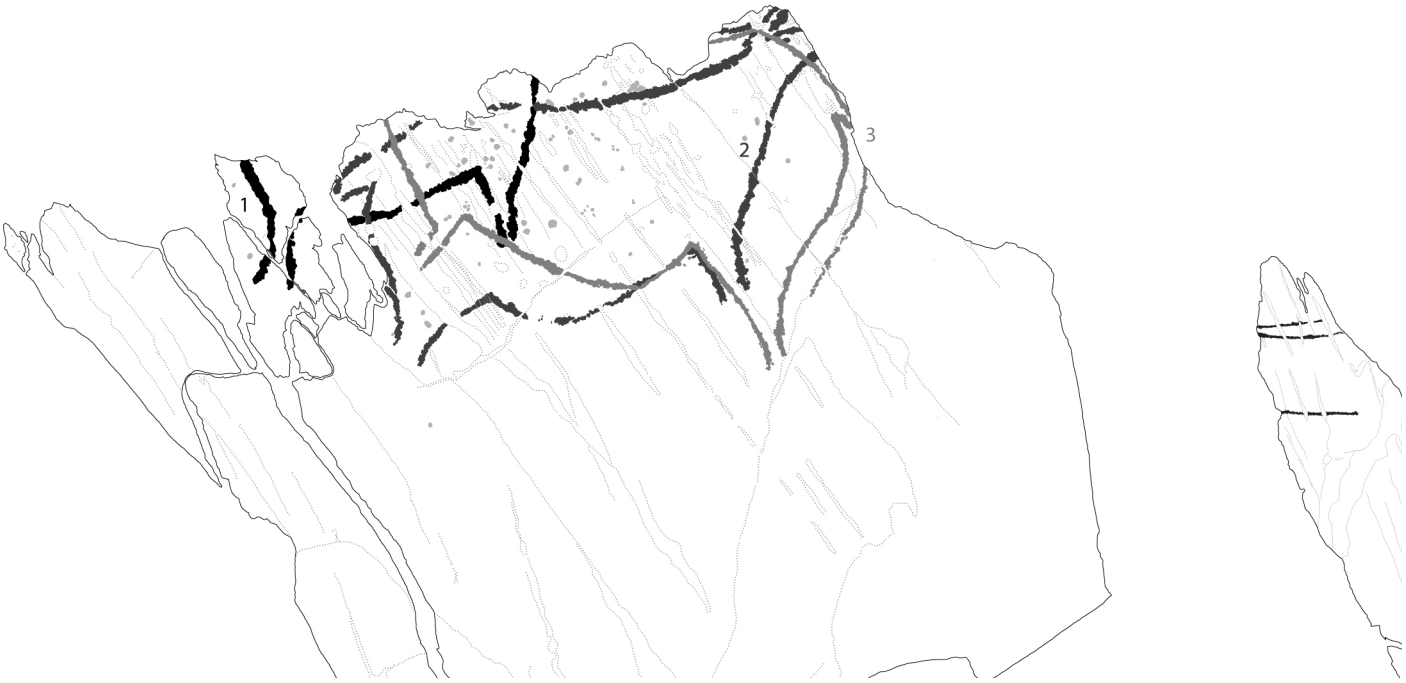


Fig. 9: Rocha 10 da Quinta da Barca (decalque do autor, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, Liliana Fial, Ana Margarida e Pedro Paraíso). A distância entre painéis não se encontra à escala.

No painel principal observa-se três animais picotados. Na base da estratigrafia encontra-se um quadrúpede orientado para a direita (**QB10-01**); a pata dianteira é definida por dois bordos retos e a traseira por dois bordos curvos divergentes; o bordo ventral do tronco apresenta cilhadouro convexo e ventre reto.

Sobre **QB10-01** foi picotado um veado em posição de brama orientado para a direita (**QB10-02**); a cabeça está fraturada na zona do focinho, apresentando o que dela resta configuração subtriangular alongada; a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa e o bordo ventral côncavo, correspondendo este a continuação suave do bordo traqueal reto; o peito é tenuemente convexo; das hastes observa-se os dois estoques representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua e o começo do tronco; no interior da cabeça observa-se um olho; a cérvico-dorsal é reta e a garupa arredondada; a cauda é desproporcionalmente grande e de forma foliforme; a nádega é arredondada e a pata traseira definida por dois traços curvos divergentes; a linha ventral é semielíptica e a pata dianteira definida por dois bordos retos paralelos entre si. A série foi concluída pela picotagem de um auroque orientado para a esquerda (**QB10-03**); dele observa-se a garupa angulosa, a cauda convexa, a raiz da cauda subtriangular, a anca arredondada, a pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes, a linha ventral semielíptica, a pata dianteira desproporcionalmente curta e definida por dois bordos retos, paralelos entre si e atirados para a frente, e o peito de tendência convexa. Refira-se por fim a existência de uma série de picotados soltos que afectam sobretudo a zona onde as três figuras convergem.

No painel da direita apenas se observa perto do seu topo um par de traços picotados, sendo o de cima reto e o de baixo côncavo e mais abaixo um traço reto. Dispõem-se todos na horizontal.

Rocha 11 (Fig. 10a): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2008 (*idem*, 2008b, 102). Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Quinta da Barca, a cerca de 10 m para montante da rocha 10, à altitude de 182 m. A face historiada orienta-se para és-sudeste, dispondo-se paralelamente em relação ao curso de água que a margina; o espaço parietal apresenta forma subtrapezoidal, se bem que as figuras se concentrem no sector do topo, de configuração subtriangular; a cor é castanho-alaranjada e a superfície é regular e rugosa.

Para além de alguns picotados soltos, observa-se três fêmeas de cabra-montês picotadas. A que se encontra mais acima está orientada para a esquerda (**QB11-01**); apresenta cabeça de configuração triangular e dispõe de dois curtos cornos curvos atirados para trás, representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal tem tendência reta, observando-se uma ténue inflexão na zona do garrote; da pata traseira só se observa o bordo cranial que corresponde a um traço reto atirado para trás; a linha ventral é convexa e a pata dianteira é definida por dois curtos bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo. Para baixo, à esquerda, está representada outra fêmea de cabra-montês orientada para a esquerda (**QB11-02**); apresenta cabeça de configuração sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho aberto; em cima observa-se dois curtos cornos atirados para trás, representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é algo convexa; a cauda é definida por dois curtos traços retos paralelos entre si, encontrando-se lançada para cima; a linha de nádega/ bordo caudal da pata

traseira é reta, assim como o bordo cranial desta última; a linha ventral apresenta tendência convexa e a pata dianteira é definida por dois traços retos paralelos entre si; não existe distinção entre o peito e o bordo traqueal, sendo ambos configurados por um traço côncavo; refira-se a existência de um traço reto que se desenvolve a partir da zona inguinal, dispondo-se diagonalmente relativamente à linha de ventre; este traço poderá corresponder ou à pata direita observada segundo uma perspetiva biangular oblíqua ou a uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa. O último animal encontra-se um pouco abaixo e corresponde a uma fêmea de cabra-montês orientada para a direita (**QB11-03**); apresenta cabeça de forma troncocónica com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; em cima observa-se dois discretos cornos dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é reta; bordo traqueal/ peito/ bordo cranial da pata dianteira são configurados por um só traço, sendo difícil de precisar os limites anatómicos destes elementos; da pata dianteira observa-se ainda o bordo caudal reto; a linha ventral é algo convexa e a pata traseira definida por dois bordos retos paralelos entre si.

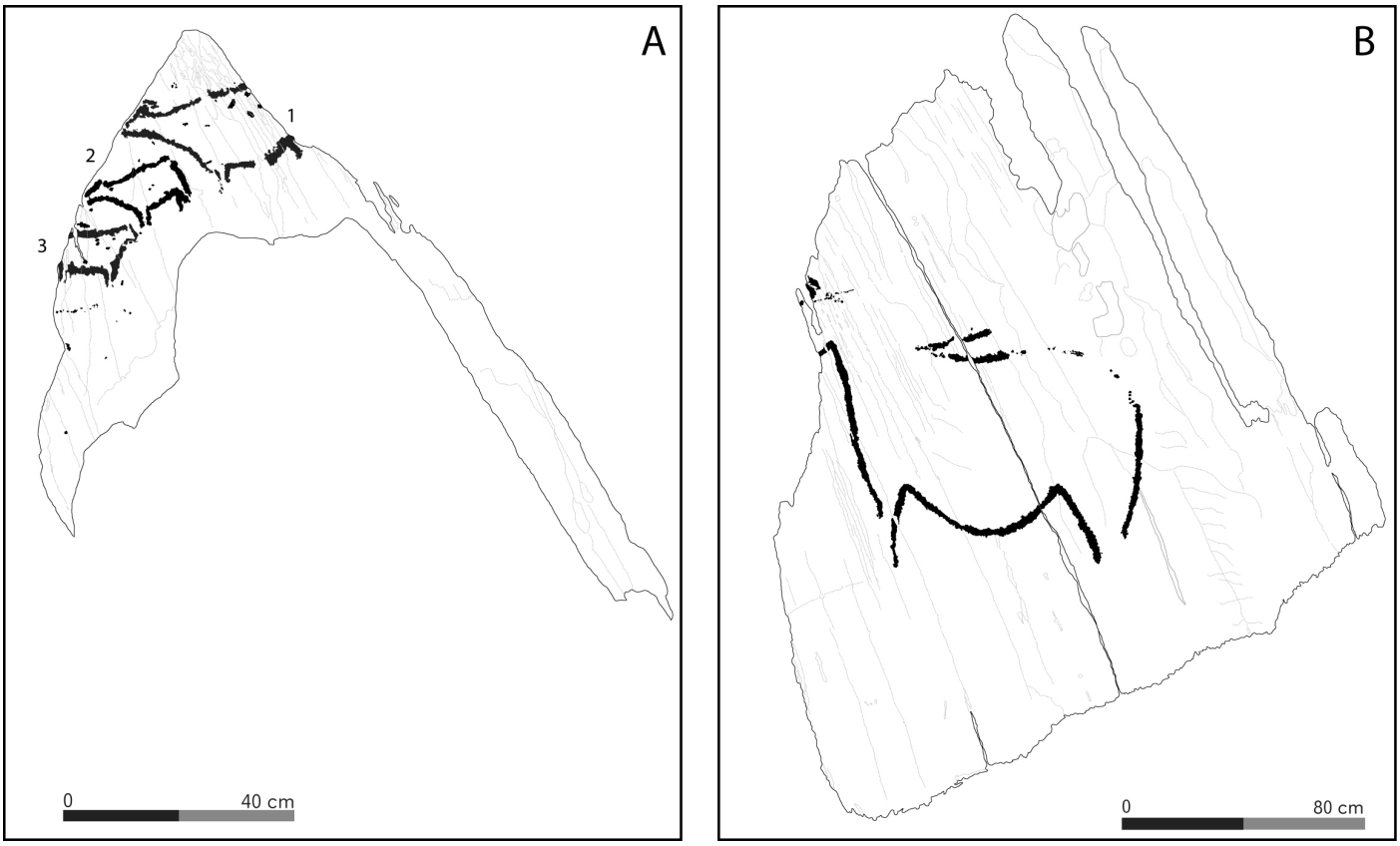


Fig. 10: Rochas 11 (A) e 12 (B) da Quinta da Barca. Desenhos sob decalques do autor, efetuados com o apoio de Manuel Almeida, Elisabete Moreira, Hélder Rodrigues e Gabriela Santos.

Rocha 12 (Fig. 10b): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o decalque sido publicado em 2008 (*idem*, 2008b, 102). Localiza-se a 3 m para noroeste da rocha anterior, numa altitude de 185 m; corresponde a um painel de configuração subtrapezoidal de cor castanho-alaranjada; a superfície é regular mas rugosa; orienta-se para és-sudeste, dispondo-se de forma paralela em relação ao curso da ribeira.

Apenas se identifica um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**QB12-01**); nunca foi acabado e a zona da cabeça encontra-se fraturada devido a interrupção do suporte; desta observa-se o arranque da fronte e da ganacha, notando-se neste caso que seria convexa; no topo observa-se duas orelhas atiradas para a frente, representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical nunca foi gravado; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa arredondada; a nádega é ligeiramente convexa e prolonga-se sem qualquer descontinuidade pelo bordo caudal da pata traseira; o cranial desta é curvo; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral profundamente convexa; a pata dianteira é definida por um longo bordo caudal curvo e um cranial curto e reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; pese a ausência de cauda e de crineira, a configuração dorsal e o que nos resta da cabeça, designadamente as orelhas, permitem-nos inferir que estamos perante um cavalo; sobre o dorso deste foi picotada uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa.

Rocha 13 (Fig. 11)**:** Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o decalque sido publicado em 2008 (*idem*, 2008b, 106). Corresponde a um amplo painel de morfologia sub-retangular localizado a meia-encosta da Quinta da

Barca, a 258 m de altitude e a cerca de 140 m para nor-noroeste da rocha anterior; encontra-se na margem esquerda de uma linha de água sazonal (que desagua na ribeira da Quinta da Barca numa zona algo aberta entre o grupo constituído pelas rochas 3 e 10 e o grupo composto pelas rochas 11 e 12) em topografia declivosa. O painel orienta-se para és-sudeste, dispondo-se perpendicularmente em relação à linha de água antes referida; apresenta cor castanha e uma superfície bastante irregular e erodida.



Fig. 11: Rocha 13 da Quinta da Barca (decalque do autor, apoiado por Manuel Almeida, Patrícia Leite e Helena Pires).

Identifica-se uma série estratigráfica composta por três animais picotados. Na base encontra-se um capríneo disposto na diagonal e orientado para baixo e para a esquerda (**QB13-01**); dele observa-se parte da cérvico-dorsal (a restante encontra-se sob a garupa de **QB13-02**) que deveria apresentar dorso bem demarcado e garupa arredondada, a cauda definida por dois curtos traços retos paralelos entre si e atirados para baixo, a nádega algo convexa, a pata traseira definida por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si, a linha ventral convexa e a extremidade distal do bordo caudal da pata dianteira. Em seguida foi picotado um macho de cabra-montês orientado para a direita (**QB13-02**); a cabeça é altamente modelada, apresentando linha fronto-nasal reta, focinho arredondado, queixo reto e ganacha convexa; um corno em forma de S desenvolve-se a partir da extremidade cranial da fronte, após curto intervalo sem vestígios de gravação; o bordo cervical é curto e convexo; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa arredondada; a cauda é definida por dois curtos traços retos paralelos entre si e atirados para baixo; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos para o interior paralelos entre si; a linha ventral é ligeiramente convexa e o membro anterior é definido por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. Um último capríneo orientado para a esquerda(**QB13-03**) finaliza a sequência; a cabeça é de configuração semiovoide, apresentando linha fronto-nasal de tendência convexa, focinho arredondado e bordo ventral aparentemente convexo; convexo é também o bordo traqueal, não se distinguindo claramente do peito; já a cérvico-dorsal é sinuosa, apresentando dorso côncavo e garupa arredondada; a cauda é definida por dois curtos traços retos, paralelos entre si e orientados para baixo; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a zona inguinal é algo angulosa e a linha ventral tendencialmente reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; um traço curvo junto à fronte poderá corresponder a um corno.

Outros traços picotados existem sobre o painel podendo um deles, associado ao dorso de **QB13-01**, corresponder a uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa; perto do topo atual do espaço parietal observa-se ainda um outro traço picotado, que

pode corresponder a outra unidade da mesma chave, e vestígios de um outro fortemente inciso ainda integrável na mesma chave. Para além de alguns picotados soltos existentes à direita da pata dianteira de **QB13-02**, só se observa vestígios de uma forma junto ao limite esquerdo do painel, sob **QB13-01** e **QB13-03**; a sua visibilidade não nos permite tecer considerações rigorosas sobre ela

Rocha 14 (Fig. 12): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o decalque sido publicado em 2008 (*idem*, 2008b, 109). Localiza-se, a 182 m de altitude, no extremo oeste de um terraço fluvial que se estende entre o Côa a leste, a ribeira da Quinta da Barca a sul, e outro subsidiário do Côa a norte. Apresenta forma poligonal; a superfície orienta-se para és-sudeste, é de cor castanho-ferruginosa, apresenta uma microtopografia regular e é de textura lisa.



Fig. 12: Rocha 14 da Quinta da Barca (decalque do autor, apoiado por M. Almeida, E. Moreira, H. Rodrigues e G. Santos).

Em cima observa-se os quartos traseiro de um quadrúpede picotado e abradido orientado para a esquerda (**QB14-01**); apresenta uma cauda foliforme aberta na extremidade distal, uma nádega arredondada e arranque do bordo caudal da pata traseira; é muito semelhante aos quartos traseiros de **QB03-01** pelo que poderemos estar perante um capríneo. Mais abaixo encontramos uma série estratigráfica composta por, pelo menos, três animais picotados. Uma representação parcial de um cavalo picotado orientado

para a esquerda e inclinado para baixo (**QB14-02**) encontra-se na base da sequência; está reduzido a uma curta pata dianteira definida por bordo reto, bordo traqueal reto, peito convexo e parte da cabeça; desta observa-se o bordo ventral aparentemente reto e o arranque do focinho. Em seguida foi picotado um quadrúpede orientado para a direita (**QB14-03**); a cabeça está perdida, dela restando o arranque da fronte reta; o bordo traqueal é côncavo, o peito convexo, a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si e a linha ventral é semielíptica; da pata traseira só se observa o bordo cranial que, aparentemente, é reto; o dorso é côncavo e termina numa orelha atirada para trás; pelo menos um corno em forma de S deitado parece estar representado; se bem que a zona da cabeça não é clara, podemos estar perante a representação de um auroque. Após a gravação deste animal foi picotado um macho de cabra-montês orientado para a direita (**QB14-04**) e aposta uma covinha na zona do queixo de **QB14-02**. **QB14-04** possui o bordo cervical convexo, dorso reto, garupa algo convexa e uma cauda definida por dois curtos traços retos paralelos entre si; a nádega é indistinta do bordo caudal da pata traseira, correspondendo ambos a um traço ligeiramente côncavo; já no bordo cranial observa-se bem a separação entre a perna reta e a coxa convexa; a linha ventral é profundamente convexa e a pata dianteira definida por um bordo caudal reto e um cranial convexo; convexo é também o peito do animal, sendo o bordo traqueal reto; a cabeça parece nunca ter sido gravada, ao contrário do corno que é em forma de S invertido.

Sobreposto por traço picotado subvertical encontra-se um auroque picotado orientado para a direita (**QB14-05**); apresenta cabeça campanulada com linha fronto-nasal algo modelada (fronte convexa e chanfro côncavo), assim como o é o seu bordo ventral (ganacha convexa e queixo reto); o focinho é reto; no interior observa-se o olho e no topo os dois cornos vistos em perspetiva biangular oblíqua; o corno direito é curvo e atirado para a frente e o esquerdo, em forma de S, encontra-se levantado; atrás destes localiza-se o que pode corresponder à orelha; a cérvico-dorsal é de tendência reta com ligeiro ressalto na zona da cernelha; a garupa não aparenta ter sido gravada; o troço da cauda é em arco de elipse; a nádega é arredondada e a pata traseira, definida por dois bordos retos paralelos entre si, encontra-se ligeiramente atirada para trás; a linha ventral está só esboçada, parecendo ser semielíptico; a pata dianteira é formada por dois traços retos com tendência a convergirem na extremidade distal; o peito é convexo e o bordo traqueal algo côncavo.

Em baixo, à esquerda, encontra-se um outro conjunto de figuras onde o único animal claro corresponde a um equídeo picotado orientado para a direita (**QB14-06**); apresenta cabeça de configuração troncocónica com linha fronto-nasal reta na zona do chanfro e algo convexa na do focinho; a terminação deste é reta; o queixo é reto, caraterizando-se a ganacha por suave convexidade; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois traços retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro algo côncavo; da pata traseira observa-se o bordo cranial reto; da crineira só resta o arranque que se localiza acima da terminação da fronte, encontrando-se separada deste; no interior da cabeça podemos, com todas as reservas, interpretar um dos picotados que aí se encontram como o olho do animal.

Relativamente ao reportório não figurativo, é de destacar a picotagem de uma unidade gráfica não figurativa da chave XIIc à direita de **QB14-03**. À esquerda de **QB14-05** e acima de **QB14-06** observa-se uma outra unidade da chave XIa picotada. Abaixo deste último e junto do limite esquerdo da superfície observa-se, *grosso modo* dispostas em coluna, dez unidades da chave XIa, sendo uma delas picotada e as restantes incisas. À direita de **QB14-06** vê-se outra da mesma chave, incisa. Num painel existente no limite direito da rocha observa-se, por ele dispersos, dezoito unidades da chave XIa e uma da chave XIb. Finalmente será de referir que se distribuem pelo painel diversos traços picotados cujo mau estado de conservação do dispositivo parietal não permite interpretar com precisão, sendo mesmo difícil perceber se correspondem a animais se a unidades não figurativas. Como tal, não foram considerados no nosso inventário. Refira-se ainda a profusão de picotagens soltas espalhadas pelo painel, com especial incidência na sua metade inferior.

Rocha 15 (Fig. 13): Dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo parte do seu decalque sido dado a conhecer em 2012 (Santos, 2012, 52). Localiza-se a meia-encosta, a 265 m de altitude, junto à linha de água imediatamente a norte da ribeira da Quinta da Barca, a cerca de 115 m para nor-nordeste da rocha 13; atualmente apresenta forma sub-retangular, nela se distinguindo dois painéis ambos orientados para és-sudeste. O painel da esquerda resultou da fracturação do da direita, fracturação essa que interrompe o cavalo que neste se encontra; este aspecto permite-nos inferir que todas as gravuras do painel da esquerda são posteriores, pelo menos, à picotagem daquele animal. As superfícies são castanhas, lisa a do painel da direita e rugosa o da esquerda; orientam-se ambos para sudeste.

No painel da esquerda podemos distinguir dois sectores separados por uma fratura. No da esquerda apenas encontramos uma figura zoomórfica. Trata-se de um quadrúpede de difícil identificação orientado para a direita e contornado por incisão simples (**QB15-01**); a cabeça apresenta configuração sub-retangular com linha fronto-nasal ligeiramente estrangulada na área do chanfro e ganacha e queixo distinguidos entre si por ressalto do bordo ventral reto; o focinho é arredondado; a nuca é angulosa e no seu topo foi incisa uma orelha foliforme; a linha do bordo traqueal/ peito/ bordo cranial da pata dianteira é côncava; o bordo caudal da pata

dianteira é côncavo na zona da perna e reto na zona da coxa; caracteriza-se pela ausência de casco; a linha ventral é profundamente convexa; a zona inguinal é aberta; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a nádega é direita e corresponde ao prolongamento do bordo caudal da perna; a garupa é pronunciada, assim como o dorso; o bordo cervical é longo e um esboço de garrote parece estar efectuado junto do seu arranque; a cauda é longa e sinuosa, arrancando da garupa; se a generalidade do corpo nos remete para um cavalo, a orelha parece demasiado longa, aproximando-se mais da das cervas.

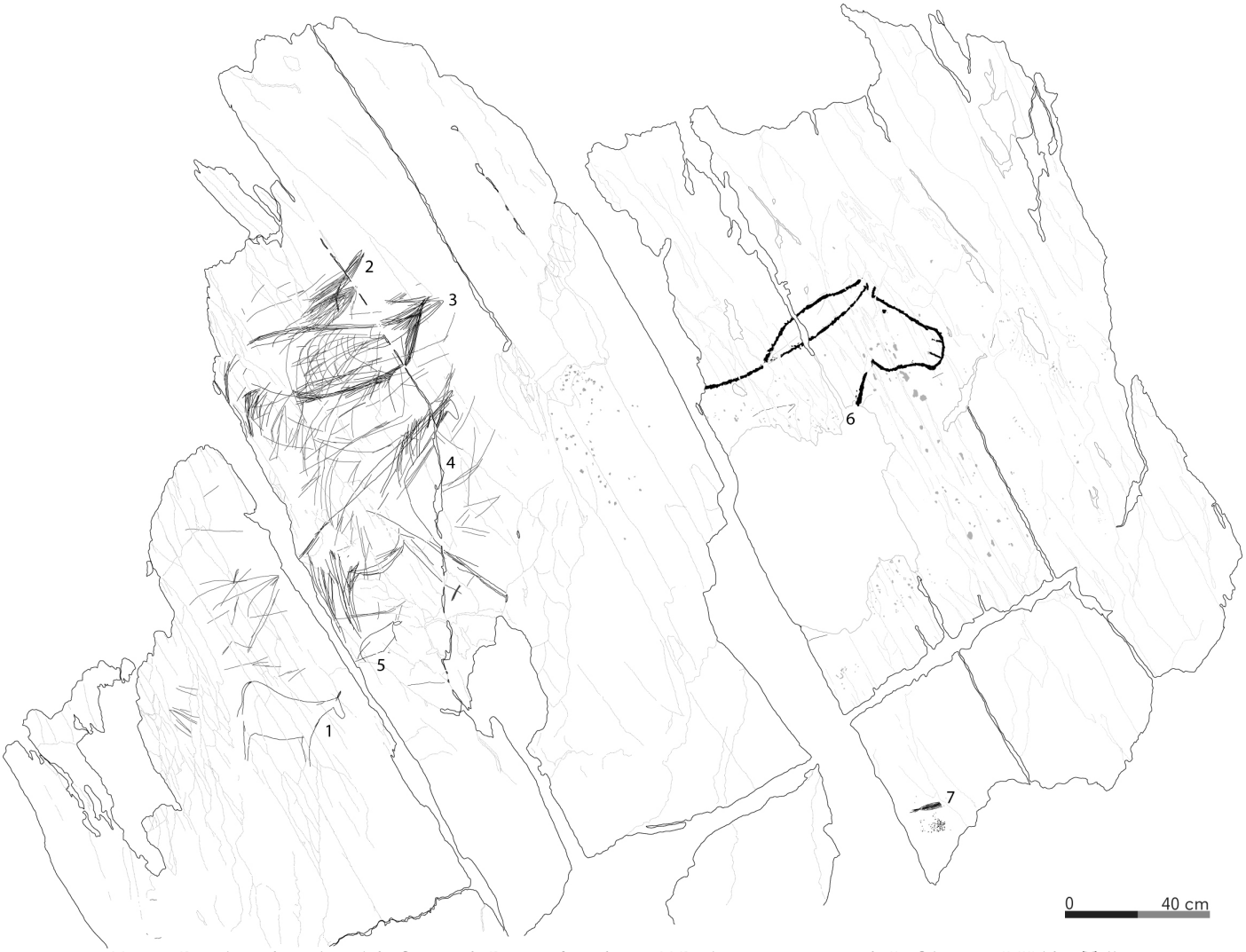


Fig. 13: Decalque da rocha 15 da Quinta da Barca, efetuado por F. Barbosa com o apoio de L. Oliveira e J. Valdez-Tullett.

No sector da direita reconhecem-se, pelo menos quatro animais. Assim, em cima reconhece-se um peixe estriado inclinado para cima e para a direita (**QB15-02**); apresenta dorso e ventre convexos, barbatana caudal e boca aberta.

Logo abaixo foi gravado por contorno múltiplo um capríneo orientado para a direita e com a cabeça levantada (**QB15-03**); esta é subtriangular; desenvolvendo-se a partir da fronte um corno quase reto atirado para trás; à esquerda deste, um curto traço poderá representar a orelha; o corpo do animal apresenta uma tendência ovoide, com linhas cérvico-dorsal e ventral convexas; o bordo traqueal é quase reto, assim como o seu bordo dorsal; o peito é convexo; os membros pélvicos estão representado em perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita definido por bordos curvos divergentes, apresentando o da esquerda forma subtriangular; relativamente aos membros anteriores, apenas um – correspondente a uma linha curva – foi representado; refira-se que para além do contorno múltiplo, existe preenchimento estriado na zona da cabeça e parte do pescoço.

Imediatamente abaixo encontra-se outro quadrúpede de difícil identificação, inclinado para cima e para a direita (**QB15-04**); apresenta cabeça de configuração subtriangular com linha fronto-nasal convexa, focinho arredondado e bordo ventral reto; em cima encontra-se orelha foliforme; o pescoço é exageradamente longo; a cérvico-dorsal é reta com uma garupa algo saliente; a cauda é curta, reta e atirada para trás; as duas patas traseiras estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; em ambas se reconhece a diferença entre as coxas e as pernas, sendo as primeiras algo triangulares e as segundas retas; a linha ventral é profundamente convexa; as duas patas dianteiras também se representaram segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo ambas retas; o peito é convexo; refira-se ainda a existência de uma "crineira" conseguida pela gravação de uma série de traços retos e curvos

que se dispõem transversalmente em relação ao bordo cervical; tecnicamente, estamos perante uma figura conseguida mediante contorno múltiplo; nas patas traseiras também ocorre o preenchimento estriado.

Logo abaixo encontra-se o último animal identificado no painel. Trata-se de um equídeo conseguido mediante contorno simples, orientado para a direita (**QB15-05**); a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral convexo; atrás da fronte surge uma orelha (ou terminação da crineira) atirada para a frente; a partir daqui desenvolve-se a crineira que se prolonga sem descontinuidade pelo dorso, garupa, nádega e pata traseira; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira corresponde a um simples prolongamento da linha de peito; a linha ventral – muito esquemática – apresenta forma angulosa, fruto da convergência de duas linhas retas: uma que arranca do peito e outra de pouco atrás da pata traseira; refira-se ainda a possível figuração da língua (correspondente ao prolongamento da linha da do bordo ventral da cabeça para fora do focinho) e a sua possível associação a uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa. Outra hipótese, que careceria de paralelos, seria admitir que a língua era bifurcada.

Relativamente aos grafismos não figurativos, encontramos os seguintes acima e à esquerda de **QB15-01**: duas unidades da chave IXa, duas da IXaa, duas da X, cinco da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XId. Neste mesmo sector, mas na sua extremidade inferior esquerda, encontramos alguns traços que se podem identificar como uma da chave XIa e duas da XIb.

É contudo no sector da direita que se encontra o maior número de grafismos não figurativos. Encontramos associados a **QB15-02** uma unidade da chave IXa e outro da XIc. À esquerda daquele zoomorfo observa-se ainda um grupo constituído por quatro da chave XIa e uma da chave XIb. A **QB15-03** associam-se uma da chave IIIc, uma da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da X, seis da XIa, quatro da XIb, cinco da XIc, uma da XId e três da XIIIb. Entre **QB15-02** e **QB15-03** encontramos uma da chave IXba e uma da XIa. À direita de **QB15-03** identifica-se uma da chave XIa e outra da XIb. A **QB15-04** associam-se uma da chave IXa, duas da IXaa, uma da X, cinco da XIa, duas da XIb, cinco da XIc e uma da XId. Entre **QB15-03** e **QB15-04** encontramos uma da chave Ib, uma da IIIc, duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, uma da IXb, cinco da XIb e uma da XIc. À direita de **QB15-04** observa-se uma da chave VIII, uma da IXa, uma da XIa e quatro da XIb. Em volta de **QB15-05**, e se nos abstrairmos do traço que tanto pode corresponder a algo não figurativo como à bifurcação da língua do animal, observa-se apenas duas da chave XIa e outra da XIb. Uma da chave XIa localizada mais em baixo e outra da chave XIIc picotada, à direita das composições que temos vindo a referir, completam o dispositivo gráfico do painel.

No painel da direita a figura que mais se destaca corresponde à cabeça de um cavalo picotado orientado para a direita (**QB15-06**); apresenta linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e queixo e ganacha bem separados, sendo esta última bastante convexa; no interior observa-se o olho e dois traços que poderão corresponder a boca e narina ou às duas narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é reto e o dorsal côncavo; as duas orelhas estão representadas segundo uma perspetiva biangular reta; a crineira surge atrás da esquerda, sendo convexa e delimitada internamente; o resto do animal parece ter-se perdido por fracturação do suporte; algumas incisões nas imediações dos traços picotados parecem atestar a existência de um esboço prévio à gravação definitiva do animal.

Perto do limite inferior esquerdo do painel observa-se figura pisciforme estriada orientada para a direita (**QB15-07**); é acéfala; o dorso e o ventre são convexos; apenas se observa a barbatana caudal.

Ao nível das grafias não figurativas, encontramos no interior do equídeo **QB15-06** uma unidade gráfica da chave IXaa e outra da XIa, ambas incisas; já no exterior mas a ele associadas, encontramos duas da chave XIa, também incisas. Associada ao motivo **QB15-07** observa-se uma unidade gráfica da chave XIIc, picotada. Para além destes grafismos distribuem-se pelo painel duas unidades gráficas da chave XIa incisas e vários picotados dispersos.

Rocha 16 (Fig. 14): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2008 (idem, 2008b, 107). Localiza-se a 100 m para nordeste da anterior, ainda a meia-encosta, numa altitude de 242 m; trata-se de uma rocha bastante fraturada com uma configuração atual muitíssimo irregular; apresenta cor castanho-clara, sendo a superfície algo rugosa e, nalguns sectores, muito erodida; orienta-se para és-sudeste; a fracturação da rocha e o posterior deslocamento dos blocos levou a que a traseira do animal aqui presente se afastasse da sua zona anterior.

O referido animal corresponde a um capríneo picotado orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**QB16-01**); alguns sectores da cabeça e dos cornos estão muito mutilados devido à fratura do suporte, distinguindo-se ainda uma linha fronto-nasal reta, uma bordo ventral da cabeça com queixo reto e ganacha algo acentuada, e um corno reto com uma inflexão abrupta na extremidade distal; a cérvico-dorsal é algo convexa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata, aberta na extremidade, corresponde a dois traços retos paralelos entre si; o arranque da cilheira é convexo. Da zona posterior do animal pode dizer-se que tinha uma garupa arredondada que se prolongava pelo bordo dorsal da cauda; observa-se ainda a zona inguinal reta e o bordo cranial da pata traseira; dada a forma do corno, pensamos ser possível a identificação do animal como camurça.

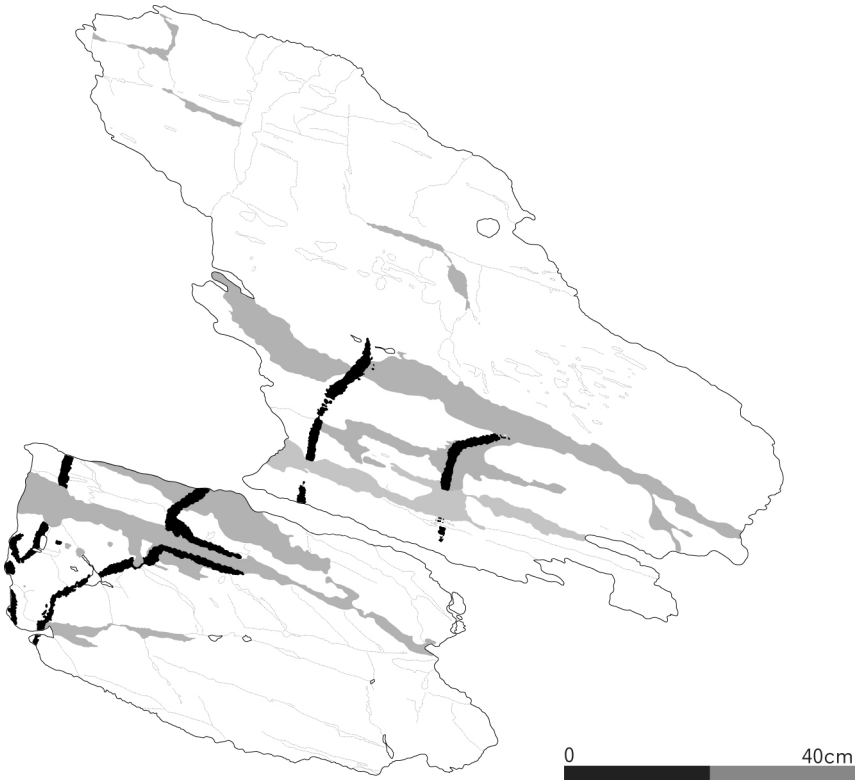


Fig. 14: Rocha 16 da Quinta da Barca (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. Costa e S. Figueiredo).

De entre os grafismos não figurativos, destaque-se apenas a existência de quatro pontos picotados no interior do pescoço do animal, encontrando-se três deles alinhados.

Rocha 17 (fig. 15): Foi dada a conhecer em 2006, tendo o seu decalque sido publicado na ocasião (Baptista, Santos & Correia, 2006, 183). Localiza-se a 50 m para nor-nordeste da anterior, a uma cota de 242 m de altitude; apresenta uma configuração subtrapezoidal, encontrando-se muito fraturada, particularmente no topo; a sua superfície é algo rugosa e de cor castanho-alaranjada; orienta-se para és-sudeste.

As duas figuras de maiores dimensões encontram-se no lado direito da rocha, atualmente a mais de 3,5 m de altura relativamente ao solo atual. Uma destas corresponde a um auroque picotado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**QB17-01**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal ligeiramente côncava, focinho arredondado, queixo reto e ganacha tenuemente convexa; apenas um corno em forma de S foi representado, sendo este atirado para a frente e separado da fronte por uma zona de vazio; atrás esboçou-se a orelha e a cérvico-dorsal; este apresenta cernelha pouco saliente e dorso destacado; dos quartos traseiros, parcialmente mutilados devido a fractura do suporte, resta a pata traseira definida por dois bordo curvos divergentes; a zona inguinal é marcadamente angulosa e a linha ventral reta; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da pata dianteira não se observam vestígios; refira-se ainda que são evidentes os vestígios de abrasão na zona do garrote.

Este animal sobrepõe a representação parcial de um outro auroque (**QB17-02**) orientado também para a direita, mas desta feita inclinado ligeiramente para baixo; apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e focinho retos, queixo reto e ganacha ligeiramente convexa; no interior observa-se a delimitação interna do focinho, um traço que poderá corresponder à boca ou à narina, e o olho; os cornos são curvos e representados segundo uma perspetiva biangular reta; entre ambos aparece gravada a nuca, em forma de arco de círculo; por trás do corno da direita observa-se a orelha, daí arrancando a cérvico-dorsal que se gravou até à cernelha; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; refira-se que embora picotado, os negativos desta figura são bem mais finos que os das restantes figuras do painel.

O terceiro animal identificado nesta rocha foi também picotado; localiza-se no sector superior esquerdo, dele restando poucos vestígios devido à fracturação do suporte; foi conseguido por picotagem; tratar-se-ia, a avaliar pelo que nos resta da cérvico-dorsal e da sua relação com a linha ventral, de um auroque orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para cima (**QB17-03**); o que nos resta da cérvico-dorsal corresponde a um traço reto; a zona inguinal é convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos, observando-se no caudal esboço do jarrete; a nádega é arredondada, assim como a cauda.

Relativamente aos grafismos não figurativos apenas se identificaram três pontos picotados: um no interior de **QB17-01**, junto do seu ventre; outro à direita da sua pata traseira; um último para cima e para a esquerda do animal.

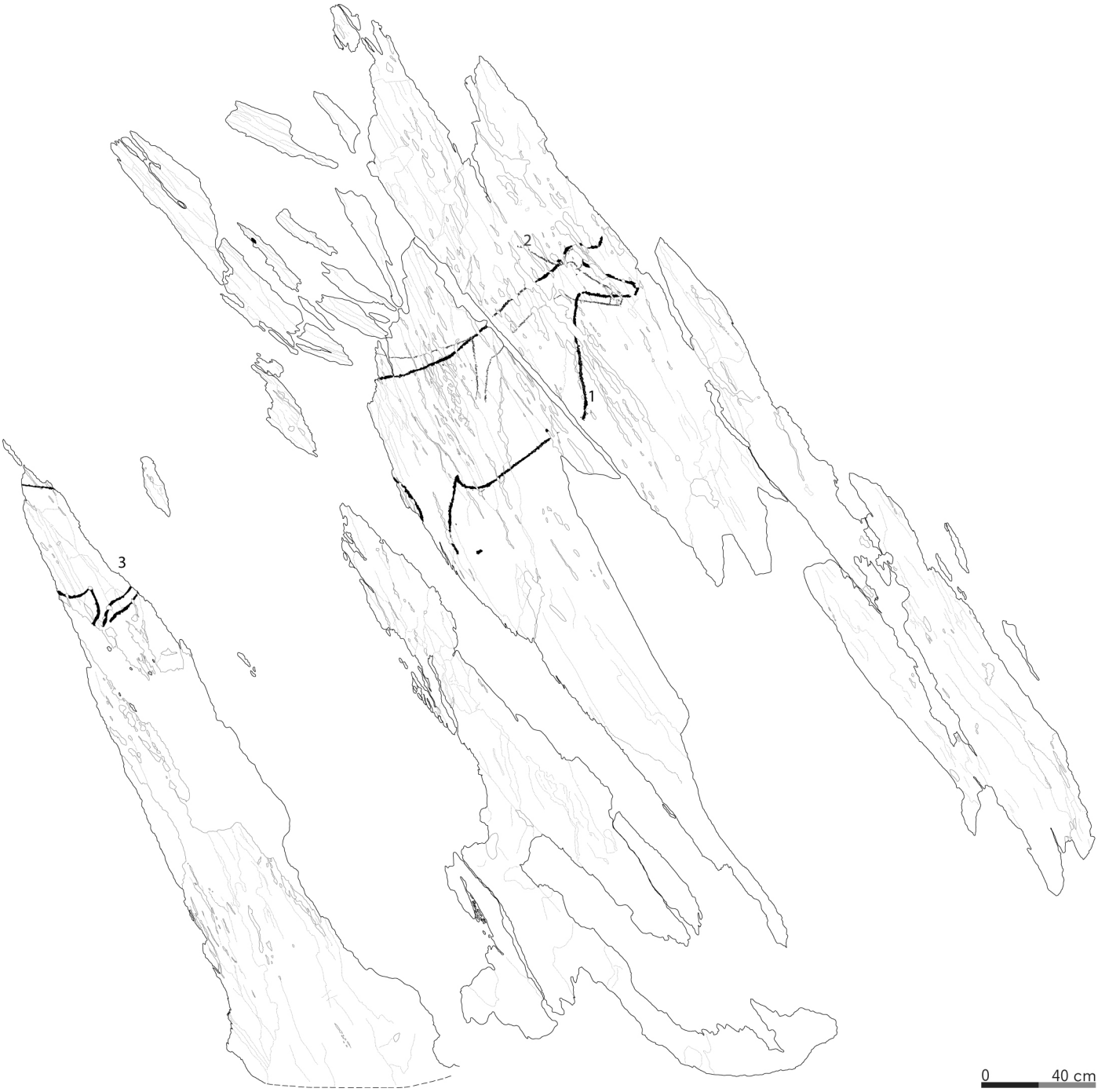


Fig. 15: Rocha 17 da Quinta da Barca (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. Costa e S. Figueiredo).

Rocha 18 (Fig. 16a): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o decalque sido publicado em 2008 (idem, 2008b, 104). Localiza-se em zona altamente declivosa, a 130 m de altitude, entre as duas linhas de água que correm a norte da ribeira da Quinta da Barca, segundo um traçado oeste-este; trata-se de uma superfície vertical de forma subtrapezoidal e superfície regular e algo porosa; apresenta cor castanho-acinzentada e orienta-se para és-sudeste.

A única figura identificável corresponde a um quadrúpede picotado, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**QB18-01**); apresenta uma cabeça subcircular que se separa do corpo por um pescoço definido por estrangulamento dos bordos do dorso e do peito; apresenta dois cornos tendencialmente retos dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o dorso é reto e a garupa arredondada; os quartos traseiros estão interrompidos pelo limite do painel; destes observa-se apenas a pata direita que corresponde ao prolongamento da linha de ventre após inflexão abruta; a linha ventral é côncava na zona inguinal, convexa no ventre e reta no cilhadouro; o membro anterior é definido por um traço reto; entre este e o pescoço existe uma zona de vazio que se estivesse gravado definiria um peito reto; estivesse esta figura na vertical e poderia ser considerada humanoide.

Relativamente ao não figurativo, encontramos, em frente dos cornos da figura, uma unidade gráfica da chave XIb, picotada e incisa; abaixo dela observa-se uma (ou duas) da chave XIa, incisa; para baixo, um conjunto de traços incisos parecem definir uma unidade da chave XId, e ainda mais abaixo alguns traços configuram duas unidades da chave XIa.

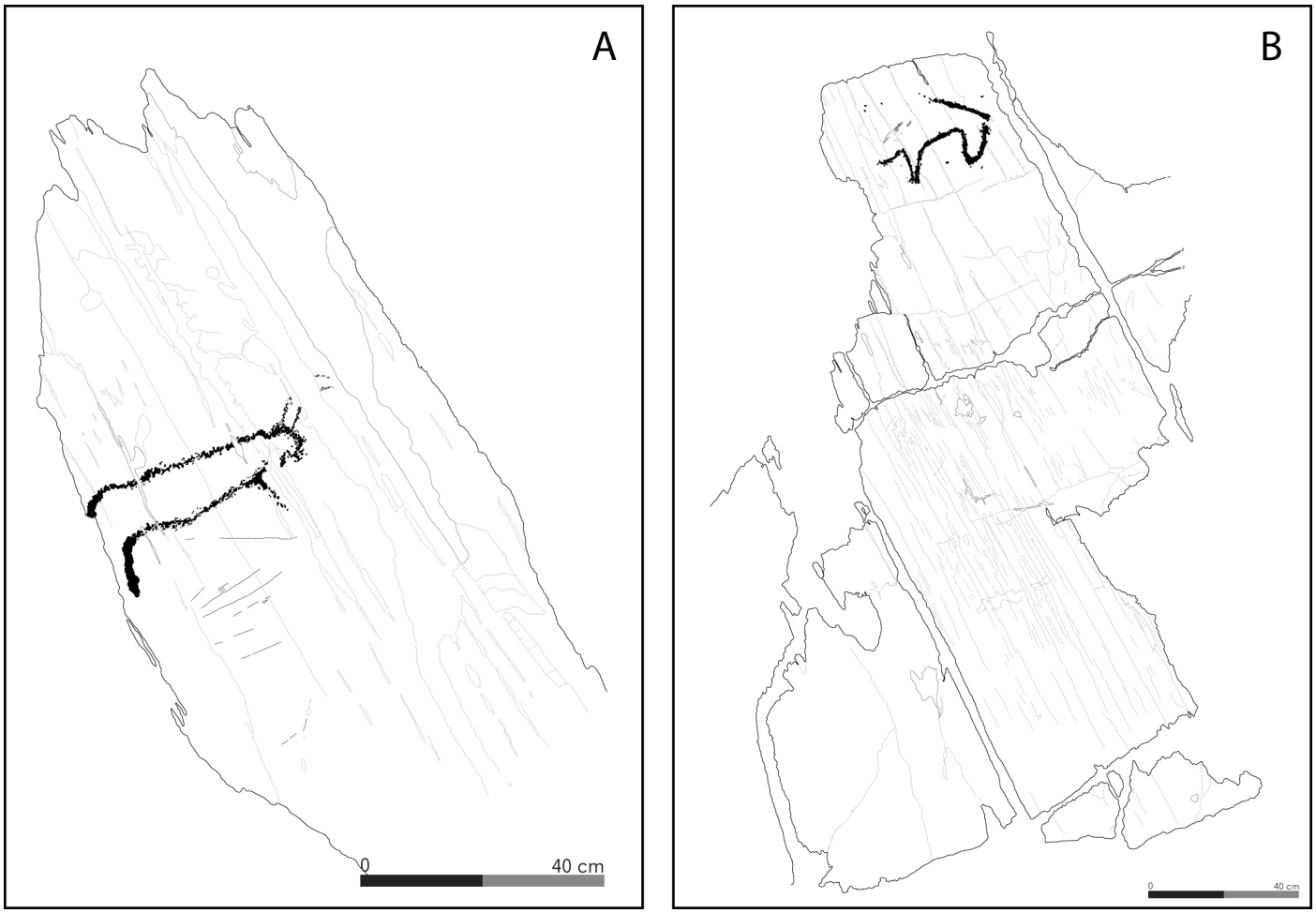


Fig. 16: Rochas 18 (A) e 19 (B) da Quinta da Barca. O primeiro decalque foi efetuado pelo autor, apoiado por Manuel Almeida; o segundo decalque foi efetuado por Fernando Barbosa com o apoio de Dalila Correia e Rosa Jardim.

Rocha 19 (Fig. 16b): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado dois anos mais tarde (*idem*, 2008b, 104). Localiza-se para su-sudeste da rocha anterior, a uma cota de 123 m, encontrando-se já muito próxima do Côa. Trata-se de ampla superfície de configuração subtrapezoidal e cor castanho-acinzentada; dispõe-se na vertical, orientando-se para és-sudeste; a superfície é regular e lisa, encontrando-se, no entanto, pontualmente lascada; as figurações restringem-se ao sector superior esquerdo.

O único motivo figurativo corresponde à representação da zona anterior de um equídeo picotado, orientado para a direita (**QB19-01**); apresenta uma cabeça algo esquematizada, com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho apontado e bordo ventral reto; a crineira é direita, assim como o bordo traqueal/ peito; a pata dianteira é definida por um bordo cranial reto e um caudal algo curvo – com tendência a convergirem na extremidade distal; o arranque do cilhadouro é convexo.

Entre o repertório não figurativo, conta-se, no interior do animal, duas unidades gráficas incisas da chave XIa e três unidades incisas da chave XIc.

Rocha 20 (Fig. 17): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006) tendo o seu decalque sido publicado em 2009 (Baptista, 2009a). Localiza-se em frente do Côa, a 50 m para nordeste da rocha anterior, a uma altitude de 118 m, imediatamente antes do vale cortado pela ribeira que corre a jusante; corresponde a uma superfície vertical de cor castanho-acinzentada, orientada para és-sudeste; a superfície é regular e lisa, apresentando cor castanho-acinzentada.

Todos os animais da rocha estão orientados para a direita. Na base encontramos um cavalo (**QB20-01**) a que faltam, devido a fratura do suporte, a cabeça e os quartos traseiros; apresenta cérvico-dorsal sinuosa e crineira sem delimitação interna; da pata traseira apenas se observa o bordo caudal que corresponde a um traço curvo; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral profundamente convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos algo divergentes, sendo o cranial reto e o caudal com coxa convexa e perna curva; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; na barriga observa-se uma série de traços que tanto podem corresponder a uma unidade gráfica da chave XId como a um tipo de representação de volume. Tecnicamente o animal foi conseguido por picotagem, embora alguns sectores do corpo (garupa, crineira, pata traseira e zona inguinal) tenham sido posteriormente polidos e outros (parte do ventre) apenas incisos; aliás, algumas incisões sob o traço picotado parecem testemunhar a existência de um esboço prévio.



Fig. 17: Rocha 20 da Quinta da Barca (decalque de Fernando Barbosa, apoiado por Manuel Almeida, Mário Reis e pelo autor).

Um outro grande cavalo (**QB20-02**) sobrepõe o anterior (peito sobre dorso); como ele, encontra-se interrompido na zona da cabeça e nos quartos traseiros; apresenta cérvico-dorsal sinuosa e crineira com delimitação interna; a ganacha é convexa e o queixo reto; reto é também o bordo traqueal, sendo o peito algo anguloso; o membro anterior, aberto na extremidade distal, apresenta bordo

cranial reto e caudal modelado (com representação de coxa e perna); a linha ventral é convexa. Como no caso anterior, o animal foi gravado por picotagem após um esboço inciso; o traço daí decorrente foi regularizado por abrasão; apenas a crineira não foi picotada, tendo-se neste caso optado pelo contorno múltiplo.

O bordo traqueal deste motivo sobrepõe o focinho de um pequeno prótomo de equídeo (**QB20-03**); este apresenta cabeça sub-rectangular com linha fronto-nasal ligeiramente convexa na zona da fronte, focinho reto, subtil ganacha convexa e queixo reto; o bordo traqueal é côncavo; no topo da cabeça está representada uma orelha de onde arranca a crineira; no interior observa-se o olho. Orelha, fronte, olho e parte do peito foram picotados, estando o resto do animal definido por contorno múltiplo inciso.

Um outro prótomo inciso de equídeo (**QB20-04**) descobre-se no meio de um conjunto importante de traços incisos não figurativos, acima da crineira de **QB20-02**; a cabeça apresenta linha fronto-nasal quase reta e bordo ventral convexo, encontrando-se o focinho em aberto: o bordo traqueal é algo côncavo e a crineira convexa, sendo interrompida pelas duas orelhas – representadas por dois traços – dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; o contorno simples foi utilizado na cabeça e orelhas, sendo crina e pescoço representados mediante contorno múltiplo.

Esta figura encontra-se à direita do bordo traqueal de uma representação parcial de fêmea de cabra-montês de grandes dimensões (**QB20-05**); apresenta cabeça de forma subtriangular, encontrando-se a zona do focinho interrompida pelo limite do painel; o corno é curvo e atirado para trás; o bordo traqueal é reto e o peito algo convexo; a cérvico-dorsal é côncava; tecnicamente, a picotagem foi utilizada na fronte e no corno, sendo o resto do animal definido por contorno múltiplo inciso.

Entre a cabeça deste animal e o motivo **QB20-04** foi gravada a figura mais pequena da rocha; corresponde a outro prótomo de equídeo (**QB20-06**); apresenta cabeça subtriangular com focinho apontado, bordo traqueal reto e crineira convexa e ligeiramente alteada; foi gravado por incisão, sendo o contorno simples na zona da cabeça e múltiplo no pescoço e crineira.

Sobrepondo-se a **QB20-05** foi gravado por contorno múltiplo inciso um veado com a cabeça levantada (**QB20-07**); esta apresenta forma subtriangular e é encimada por duas hastes dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; da haste da direita apenas se observa o tronco, enquanto na da direita se observa o estoque, o contraestoque e a ponta intermédia; a cérvico-dorsal é côncava, parecendo ainda que a figura recupera para si o bordo traqueal da cabra-montês **QB20-05**.

Também sobrepondo essa cabra-montês e eventualmente o cervídeo antes descrito, foi gravada por incisão simples e múltipla a representação parcial de um cavalo (**QB20-08**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal quase reta e bordo ventral convexo; atrás da fronte localiza-se uma orelha foliforme a partir da qual se desenvolve a crineira; esta é convexa e preenchida interiormente; dorso e bordo traqueal são côncavos.

Finalmente refiram-se os animais inacabados; entre estes encontramos a representação do sector posterior de um quadrúpede orientado para a direita e inclinado ligeiramente para cima (**QB20-09**); localiza-se no interior da cabeça de **QB20-03** e foi conseguido por incisão; apresenta nádega arredondada e pata traseira triangular; as linhas cérvico-dorsal e ventral são retas.

Acima, entre o garrote de **QB20-02** e o limite da rocha, encontra-se uma cérvico-dorsal de cavalo orientado para a direita (**QB20-10**); é sinuosa e definida por contorno múltiplo; uma possível explicação para o carácter parcial desta representação reside no potencial aproveitamento do limite do painel após a fracturação que mutilou a cabeça de **QB20-02**; de facto, se prolongarmos a cérvico-dorsal pelo limite da rocha até ao bordo ventral da cabeça deste último animal observamos que se configura uma cabeça de equídeo semelhante a **QB23-01** ou a **VC07-01**.

Algo de semelhante poderá encontrar-se por trás de um traço picotado (**QB20-11**) que sobrepõe a crineira de **QB20-01**; de facto, este parece corresponder ao bordo ventral da cabeça de um cavalo cujo focinho, linha fronto-nasal e arranque da crineira correspondem ao limite do painel após fratura da cabeça de **QB20-01**.

Relativamente ao reportório não figurativo, encontramo-nos perante uma das rochas mais intensamente gravadas com incisões; estas concentram-se sobretudo entre a cabeça de **QB20-02** e o cervídeo **QB20-07**; algumas destas incisões parecem mais estruturadas do que outras; contudo, a densa sobreposição torna a tarefa de individualização de unidades gráficas uma tarefa de grande subjetividade. Não quisemos deixar, no entanto, de propor uma leitura.

Assim, associadas a **QB20-01** encontramos as seguintes unidades gráficas: nove da chave VIIa, cinco da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, quatro da IXb, duas da IXba, uma da IXbb, quatro da X, vinte e três da XIa, catorze da XIb, quatro da XIc, uma da XIIIa e uma da XIIIb. Abaixo daquele animal observamos duas da chave VIIa, uma da chave X, cinco da XIa e duas da XIc. A **QB20-01** e **QB20-02** associam-se uma da chave Ib, uma da VIIa, uma da VIII, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, seis da IXb, uma da IXbb, duas da X, nove da XIa, seis da XIb, uma da XIc, uma da XId, uma da XIIIa e duas da XIIIb. Entre **QB20-01** e **QB20-02** encontramos uma da chave IXab, três da XIa, três da XIb e uma da XIc. Exclusivamente a **QB20-02** associam-se uma da chave IIa, cinco da VIIa, uma da VIII, nove da IXa, três da IXaa, duas da IXab, sete da IXb, duas da IXba, uma da IXbb, seis da X, quarenta e uma da XIa, dezassete da XIb, uma da XIc e seis da XId. A **QB20-02**, **QB20-03** e **QB20-09** associam-se uma da chave IIb, uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da X, duas da XIb, duas da XIc e uma da XIIIa. A **QB20-02**, **QB20-03** e **QB20-10** associam-

se duas da chave VIIa, uma da XIa e uma da XIc. A **QB20-02** e **QB20-04** associam-se uma unidade da chave XIc e uma da XIIIb. A **QB20-02** e **QB20-10** associam-se duas da chave VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, cinco da IXb, uma da IXba, três da XIa, uma da XIb, duas da XIc e duas da XIIIb. A **QB20-02** e **QB20-03** associam-se uma da IIIc, uma da VIII, duas da IXa, uma da IXaa, três da IXbb, três da XIa, quatro da XIb, três da XIc e duas da XIIIb. Entre **QB20-02** e **QB20-04** observamos uma da VIIa, uma da IXb, três da XIa e duas da XIb. Entre **QB20-02**, **QB20-04** e **QB20-05** encontramos uma da chave IXaa, uma da chave IXb, uma da chave IXba, uma da chave XIa e três da XIb. Exclusivamente a **QB20-04** associam-se uma da chave VIIa, três da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, três da IXb, uma da IXba, onze da XIa, duas da XIb (uma delas picotada), cinco da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **QB20-04** e **QB20-05** associam-se uma da chave XIc e uma da chave IIIc. Entre **QB20-04**, **QB20-05** e **QB20-06** encontra-se uma da chave Ib, uma da VIII, duas da IXa, três da IXb, uma da IXbb, seis da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **QB20-05** associam-se uma da chave VIIa, seis da VIII, oito da IXa, cinco da IXaa, cinco da IXb, uma da IXba, quatro da X, vinte e duas da XIa, treze da XIb, nove da XId, uma da XIIIa e duas da XIIIb. A **QB20-05** e **QB20-07** associam-se uma da chave Ib, três da VIIa, duas da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, duas da X, quatro da XIa, onze da XIb e cinco da XIc. A **QB20-05**, **QB20-07** e **QB20-08** associam-se duas da chave VIIa, duas da IXab, duas da IXb e duas da XIb. A **QB20-06** associam-se uma da chave Ib, uma da IXab e duas da XIc. Entre **QB20-06** e **QB20-07** identificamos uma da chave IIa, uma da IXaa, uma da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **QB20-08** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXbb, cinco da XIa (uma delas picotada), uma da XIb, três da XIc e uma da XIIIa. Finalmente, acima daquele motivo reconhece-se duas da chave IXb, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XId.

Refira-se por fim a existência de uma série de picotados soltos distribuídos sobre o painel, alguns deles chegando a cortar motivos figurativos.

Rocha 21 (Fig. 18): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista. Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado dois anos mais tarde (*idem*, 2008b, 105). Localiza-se a cerca de 35 m para nor-noroeste da anterior, a uma altitude de 135m de altitude; corresponde a um painel castanho-alaranjado, de forma sub-retangular, orientado para és-sudeste; a superfície é lisa, se bem que algo alterada por vários lascamentos.

O painel é dominado pela associação por sobreposição de dois animais picotados: um macho de cabra-montês orientado para a direita (**QB21-01**) e um auroque também orientado para a direita e bastante inclinado para baixo (**QB21-02**), encontrando-se ambos bastante incompletos devido ao lascamento do suporte. O segundo encontra-se na base da sequência; apresenta cabeça campanulada com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, ganacha convexa, queixo e focinho retos; no interior observa-se o olho, a delimitação interna do focinho (conseguida por incisão múltipla) e dois traços que corresponderão à boca e narina ou às duas narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; os cornos estão muito incompletos, sendo o da direita curvo e o da esquerda em forma de S, dispondo-se ambos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é reto; do dorso só se observa a garupa; a inserção da cauda é de forma subtriangular e o troço linear; a única pata sobrevivente corresponde à traseira – definida por dois bordos curvos com tendência a convergirem, mantendo-se no entanto a extremidade distal em aberto. O macho de cabra-montês **QB21-01** apresenta cabeça subtriangular com ganacha bem marcada; os cornos – liriformes – são longos e dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é algo convexo e o dorsal reto; do dorso observa-se a zona da garupa arredondada; a cauda é definida por dois traços, encontrando-se ligeiramente inclinada para baixo; desta figura observa-se ainda parte da nádega arredondada.

Esta associação é ladeada por dois prótomos de cavalo que se orientam para "fora", isto é – o da esquerda (**QB21-03**) orienta-se para a esquerda e o da direita (**QB21-04**) orienta-se para a direita. O primeiro apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal algo côncava e bordo ventral reto, mantendo-se o focinho em aberto; no interior reconhecem-se dois traços que poderão corresponder a boca e narina ou a ambas as narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; as duas orelhas estão atiradas para trás, segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a crineira é curta e convexa e a zona representada do cérvico-dorsal reta; o bordo traqueal é algo convexo; o animal está picotado e parcialmente inciso (parte da crineira e do pescoço, e o dorso na sua totalidade). O outro prótomo apresenta cabeça longa e de configuração subtriangular, identificando-se o olho no interior; dele observa-se ainda o bordo traqueal reto; foi conseguido por picotagem, observando-se contudo, junto ao limite do painel, um traço inciso que poderá corresponder a um esboço do peito.

Relativamente ao repertório não figurativo, encontramos várias unidades gráficas incisas. Na associação que domina o painel, o único animal claramente associado a grafias deste tipo é o auroque **QB21-02**; a ele associam-se uma unidade gráfica da chave VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **QB21-03** associam-se uma da chave VIII, uma da IXa, uma da XIa e uma da XIb. Abaixo do motivo **QB21-03** observa-se uma da chave IIIc, duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da X, uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. Para a direita deste conjunto

observa-se um outro composto por uma da XIa, três da XIb e uma da XIc. Ainda no sector esquerdo da rocha mas no seu terço inferior identifica-se uma da chave XIc, isolada. Por cima da composição central identifica-se duas unidades gráficas da chave X, uma da XIa e outra da XIb. Entre a cabeça de **QB21-02** e **QB21-04** observa-se uma da chave IIIc, uma da IXc, uma da XIb e uma da XIc. Refira-se ainda a existência de alguns picotados por cima do chanfro de **QB21-03**.



Fig. 18: Rocha 21 da Quinta da Barca (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida e A. M. Baptista).

Rocha 22 (Fig. 19): Foi da dada a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 11; 1995b, 14), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 52). Localiza-se a cerca de 5 m para norte da anterior, a 140 m de altitude; trata-se de painel vertical de forma sub-retangular e cor alaranjada; orienta-se para sul, encontrando-se a sua superfície muito alterada pelos agentes erosivos.

Neste painel, identifica-se, pelo menos, duas fases de gravação. À mais antiga correspondem as figuras picotadas, duas delas de grande tamanho. As de menor dimensão encontram-se junto à base do painel, sensivelmente ao centro; destaca-se aí um macho de cabra-montês orientado para a direita (**QB22-01**); apresenta cabeça subtriangular com bordos dorsal e ventral convexos, focinho apontado e uma pera atirada para a frente; os cornos – liriformes – estão dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; por trás do esquerdo localiza-se a orelha; daqui parte a cérvico-dorsal, nela se distinguindo bem o bordo cervical, o dorso e a garupa; a cauda é conformada por dois bordos curvos divergentes e paralelos entre si; a nádega é arredondada e a pata traseira conformada por dois bordos curvos paralelos entre si; a zona inguinal conforma um ângulo quase reto e a cilheira é reta; da pata dianteira apenas resta o bordo caudal reto; o bordo traqueal é ligeiramente convexo.

Esta figura sobrepõe a representação parcial de um quadrúpede orientado para a direita (**QB22-02**); apresenta cabeça oblonga e uma orelha que, desenvolvendo-se a partir da fronte, perfaz com esta um ângulo obtuso; o bordo traqueal é convexo e o dorsal reto e inclinado para baixo. Interpretamo-lo como um possível felino.

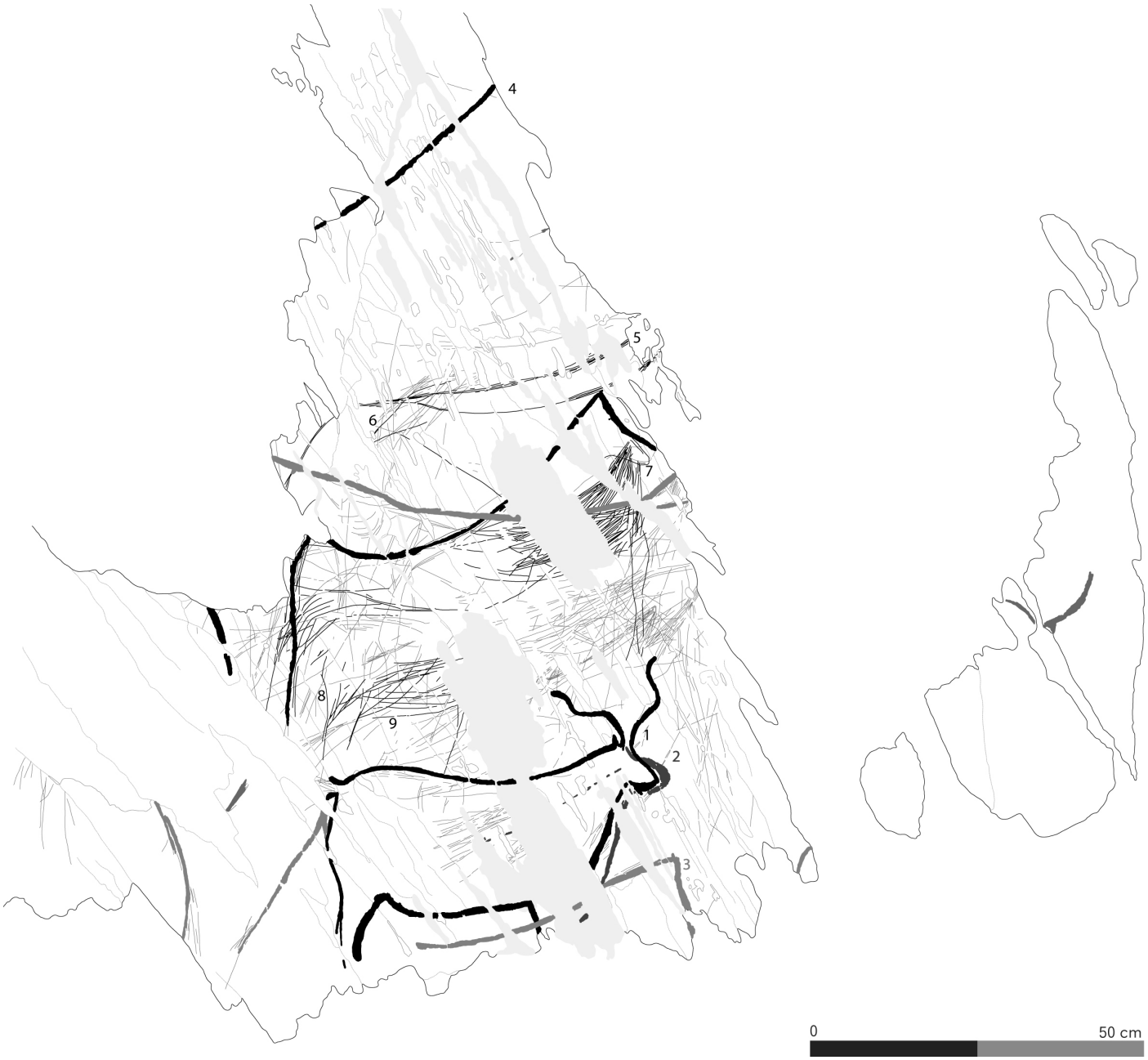


Fig. 19: Rocha 22 da Quinta da Barca (decalque de Mário Varela Gomes, apoiado por João Félix e Cristina Gaspar).

Uma das figuras de maiores dimensões é sobreposta pelas duas anteriores na zona do cilhadouro; trata-se de um cavalo orientado para a direita (**QB22-03**); a cérvico-dorsal é sinuosa, observando-se na sua extremidade cranial o arranque da crineira (que seria delimitada internamente); as patas (uma por par) encontram-se abertas na extremidade distal; a traseira é conformada por um bordo caudal curvo e um cranial quase reto; da dianteira observa-se bem o bordo caudal com espessamento da coxa, do cranial só se observando a passagem para o peito; a linha ventral apresenta zona inguinal angulosa, ventre marcado e cilhadouro algo convexo.

O outro animal de grandes dimensões sobrepõe o que descrevemos anteriormente e corresponde a um auroque picotado, orientado para a direita e inclinado para cima (**QB22-04**); da pata traseira observa-se o bordo caudal curvo e o cranial com marcação do joelho; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; da pata dianteira só se observa o bordo cranial onde se aprecia o espessamento da coxa; o dorso é reto.

A segunda série de gravações é exclusivamente incisa, predominando os corpos preenchidos interiormente. Uma destas figuras encontra-se sensivelmente a meio do painel, associando-se quer a **QB22-03** que a **QB22-04**. Corresponde a um quadrúpede indeterminado orientado para a direita **(QB22-05)**; apresenta cérvico-dorsal reta com garupa arredondada; as patas dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a da esquerda apresenta distinção entre a coxa – de forma genericamente triangular e com representação do jarrete – e a perna – reta; a da direita apresenta também distinção entre coxa triangular e perna reta; a zona inguinal é côncava e o ventre convexo; a zona inguinal e as patas encontram-se preenchidas interiormente.

No interior da figura anteriormente descrita e de **QB22-04** encontra-se uma fêmea de cabra-montês incisa, orientada para

a esquerda (**QB22-06**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, encontrando-se o focinho em aberto; no interior da cabeça um pequeno orifício natural pode corresponder ao olho; no topo aprecia-se um corno atirado para trás; o bordo traqueal é algo côncavo e o dorsal algo convexo; a cérvico-dorsal é côncava; tecnicamente, o animal foi delimitado por contorno simples, excepto no bordo cervical e na extremidade caudal da cérvico-dorsal, em que o contorno passa a múltiplo.

As outras figuras situam-se mais abaixo, correspondendo todas a representações parciais de animais incisos orientados para a direita; contrariamente aos casos anteriores, os interiores dos corpos destes animais encontram-se estriados e os seus corpos são altamente estilizados. A única representação da zona anterior de um animal corresponde ao motivo **QB22-07**; sobrepõe a zona do garrote de **QB22-03**; trata-se de um quadrúpede com cabeça oblonga e pescoço possante; a cérvico-dorsal é côncava e a linha ventral convexa; duas longas linhas sinuosas dispostas na vertical poderão corresponder aos membros anteriores representados segundo uma perspetiva biangular reta; todo o corpo do animal, com exceção da cabeça está interiormente estriado.

Para baixo observa-outra representação parcial de um quadrúpede estriado (**QB22-08**); a pata traseira apresenta coxa triangular e perna linear; a nádega é arredondada; dela sai um ventre ligeiramente convexo; a nádega é arredondada e a cauda foliforme, sendo esta atirada para trás.

Esta figura sobrepõe outro quadrúpede estriado (**QB22-09**); este apresenta corpo sub-retangular com cérvico-dorsal ligeiramente côncava e linha ventral reta; a pata traseira corresponde a um traço reto; a dianteira apresenta distinção entre a coxa triangular e a perna reta; o resto da figura pode ter sido destruído pelo grande lascamento da superfície que aqui ocorreu.

Passemos agora ao reportório não figurativo; associadas a **QB22-01**, **QB22-02** e **QB22-03** encontramos uma unidade gráfica da chave Ib, uma da IXa, uma da IXb, uma da IXbb, duas da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **QB22-01** e **QB22-03** associam-se uma da chave IIIc, três da VIIa, uma da VIII, duas da IXa, duas da IXaa, três da IXba, uma da X, dez da XIa, duas da XIb, uma da XIc e três da XId. A **QB22-02** e **QB22-03** associam-se uma da chave VIIa, uma da XIa e uma da XId. A **QB22-03** associam-se duas unidades da chave IIIc, sete da IXa, cinco da IXaa, cinco da IXab, cinco da IXb, duas da IXbb, uma da IXc, duas da X, quarenta e três da XIa (uma delas picotada), vinte e cinco da XIb, dez da XIc, cinco da XId e uma da XIIIb. A **QB22-03** e **QB22-04** associam-se uma da chave IIb, duas da IXa, duas da IXaa, três da IXb, uma da IXbb, uma da IXc, seis da XIa, nove da XIb e uma da XIc. A **QB22-03**, **QB22-04** e **QB22-05** associam-se uma da chave VII, uma da IXaa, uma da XIa e três da XIb. A **QB22-03**, **QB22-04**, **QB22-05** e **QB22-08** associa-se uma da chave XIb. A **QB22-03** e **QB22-07** associam-se duas da chave VIIa, duas da chave IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, sete da XIb, duas da XIc e uma da XIIIa. A **QB22-03** e **QB22-05** associam-se uma da Ib, duas da IIb, uma da VIIa, uma da IXba, uma da IXbb, cinco da XIa, seis da XIb, uma da XIc e uma da XIIIa. A **QB22-03**, **QB22-05** e **QB22-08** associa-se uma da IXab. A **QB22-03** e **QB22-08** associam-se duas da chave VIIa e uma da XIa. A **QB22-03**, **QB22-08** e **QB22-109** associam-se duas da chave IXa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **QB22-03** e **QB22-09** associam-se uma da chave IXa, uma da IXaa, uma da XIb e uma da XId. Para a direita de **QB22-03** foram picotadas duas unidades da chave XIa, enquanto à sua esquerda se reconhece uma da chave VIII, uma da IXaa e duas da XIb. A **QB22-04** associam-se duas da IXa, duas da IXaa, duas da X, catorze da XIa (uma delas parcialmente picotada), quatro da XIb e três da XId. A **QB22-04** e **QB22-05** associam-se uma da chave VIIa e quatro da XIa. A **QB22-04**, **QB22-05** e **QB22-06** associam-se uma da VIIa, quatro da IXb e três da XIb. A **QB22-04** e **QB22-06** associam-se uma da IXa, cinco da XIa e três da XIb. Exclusivamente a **QB22-07** associam-se uma da chave IIb e três da XIa.

Rocha 23 (Fig. 20): Foi dada a conhecer em 2002, tendo decalques parciais da mesma aparecido nessa ocasião e em 2015 (Gomes, 2002, 177; Santos, 2015a, 77). Localiza-se a cerca de 15 m para leste da anterior, a 135 m de altitude; trata-se de uma rocha onde se distinguem dois painéis verticais com orientações algo distintas; estes apresentam uma cor castanho-acinzentada, superfícies regulares e algo meteorizadas nos rebordos.

O primeiro dos painéis considerados encontra-se na zona superior da rocha, encontrando-se separado do que se encontra mais abaixo por um pequeno ressalto; orienta-se para és-sudeste. As gravuras de que dispõe foram executadas em pelo menos duas fases (Figs. 20 e 21).

Da fase mais antiga, destaca-se no painel um grande cavalo, definido por incisão múltipla, orientado para a direita (**QB23-01**), em torno do qual se parece organizar o repertório figurativo. A cabeça do referido cavalo apresenta uma longitude inabitual, sendo a sua fronto-nasal reta, o focinho algo anguloso, afilado e descaído, a ganacha discretamente convexa e o queixo côncavo; a crineira é convexa, resolvendo-se a união com a fronte de forma gradual e sem acidentes. O garrote encontra-se ausente, o dorso é algo côncavo e a garupa convexa; a pata traseira apresenta bordo caudal algo reto e cranial encurvado; a linha ventral é convexa; do membro anterior só se aprecia o bordo cranial, algo reto; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Por trás do animal anterior observa-se um outro cavalo, de dimensões mais reduzidas, definido por incisão múltipla reiterada e orientado para a direita (**QB23-02**); a sua cabeça apresenta linha fronto-nasal modelada, focinho aberto e bordo ventral com

ganacha e queixo convexos; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; a crineira é convexa, vindo-se a encostar à orelha direita; o dorso é côncavo e a garupa convexa, assim como a nádega; da cauda observa-se apenas a inserção que corresponde a prolongamento da cérvico-dorsal após estrangulamento do bordo da garupa; da pata traseira observa-se o bordo cranial algo modelado, prolongando-se a coxa pelo interior do animal, notando-se o joelho um pouco abaixo; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; os membros anteriores são dois, dispondo-se segundo um perfil biangular oblíquo; os bordos são algo modelados, parecendo esboçar-se os cascos de ambos; no interior do animal parece distinguir-se ainda uma segunda garupa convexa, associada a uma nádega também convexa e a uma inserção caudal que, como no caso anterior, corresponde a prolongamento da garupa. O peito convexo e o bordo traqueal algo reto correspondem a reutilização do bordo cranial do membro posterior de **QB23-01**. Refira-se ainda a existência de alguns traços incisos no interior do animal que poderão corresponder à pelagem do mesmo.

Acima da última figura descrita, identifica-se outro equídeo, também definido por incisão múltipla reiterada e orientado para a direita (**QB23-03**); a cabeça apresenta fronte convexa e chanfro algo côncavo, o focinho encontra-se aberto e o bordo ventral é convexo; as duas orelhas são lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a crineira é convexa, o dorso é reto e a garupa igualmente convexa; a cauda encontra-se algo mais abaixo relativamente ao que é habitual, apresentando alguma espessura; a nádega é convexa; o membro posterior é algo modelado, observando-se no bordo caudal o jarrete e no cranial a distinção entre perna e canela; a linha ventral é convexa; o membro anterior apresenta bordo caudal reto e cranial com diferenciação entre antebraço e braço; o bordo traqueal é reto e o peito convexo. Refira-se a existência de algum estriado parcial (designadamente na crineira) e uma delimitação interna na zona da cabeça.

Para a direita da figura anterior, ao nível do seu peito, observa-se pequeno equídeo inciso, reduzido aos traços essenciais, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**QB23-04**); dele observa-se a crineira convexa, o dorso côncavo, a garupa e a nádega convexas; a linha ventral é convexa; das patas apenas se observa o arranque reto do bordo cranial da traseira.

Um pouco abaixo reconhece-se um outro equídeo inciso, também reduzido aos traços essenciais, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**QB23-05**). Deste observa-se a crineira convexa, o dorso côncavo e a garupa e linha ventral convexas; dos membros apenas se observa o anterior, definido por dois bordos, reconhecendo-se no cranial o joelho do animal; o peito parece reto.

Um outro cavalo (**QB23-06**) parece reconhecer-se sobrepondo parcialmente **QB23-01**. Apresenta dimensões consideráveis, sendo definido por incisão simples e múltipla, orientando-se para a direita. A cabeça apresenta linha fronto-nasal algo reta, o focinho encontra-se aberto e o bordo ventral é convexo; as duas orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo. A crineira é convexa, vindo a encostar-se em ponta à orelha direita do animal; o dorso é côncavo e a garupa e nádega convexas; a cauda é linear e sem inserção; a pata traseira é algo modelada, com jarrete definido no bordo caudal, sendo o cranial curvo; a linha ventral é convexa; o membro anterior é definido por dois bordos simples; o peito é algo anguloso e o bordo traqueal reto.

Para a esquerda da crineira do equídeo anterior, e sobrepondo também parcialmente **QB23-01**, observa-se pequeno prótomo de equídeo, definido por contorno simples, orientado para a direita (**QB23-07**); a cabeça é possante, apresentando linha fronto-nasal e focinho retos e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; a boca encontra-se aberta e no interior da cabeça reconhece-se ainda uma delimitação paralela ao bordo ventral; as duas orelhas são triangulares, dispondo-se em perfil biangular reto; a crineira é convexa e o arranque do dorso côncavo; o bordo cervical é reto, assim como o ventral.

Outros motivos, pelas suas caraterísticas tecno-estilísticas e associativas, poderão corresponder ainda a esta fase; encontra-se nesta situação um quadrúpede indeterminado inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita e localizado no sector direito do painel (**QB23-08**); sobrepõe também parcialmente **QB23-01** e a figura anterior; a cabeça apresenta fronto-nasal algo modelada, focinho reto e destacado, ganacha convexa e queixo anguloso; a nuca é triangular, podendo alguns traços que dela partem corresponder a uma orelha atirada para trás; o bordo cervical é côncavo, o garrote anguloso e o dorso côncavo; o bordo traqueal é reto.

Acima da figura anterior observa-se um par de cabeças de cavalo que poderão corresponder a uma só entidade em movimento (**QB23-09**); são definidas por incisão simples e múltipla; as cabeças são muito semelhantes: linhas fronto-nasais retas ou de tendência côncava, focinhos retos e bordos ventrais com ganachas convexas e queixos retos; as cabeças parecem partilhar uma orelha foliforme e o bordo cervical convexo; um pouco recuada observa-se uma crineira convexa, terminada em ponta.

No sector esquerdo observa-se duas cabra-monteses, definidas por contorno simples e múltiplo, uma (**QB23-10**) associada ao equídeo **QB23-02** e outra (**QB23-11**) associada ao equídeo **QB23-03**. A primeira orienta-se para a esquerda, encontrando-se ligeiramente inclinada para cima; apresenta cabeça triangular, com linha fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral côncavo; os dois cornos são tendencialmente retos e dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo cervical é côncavo, o dorso reto e a garupa convexa; deste animal reconhece-se ainda o bordo traqueal convexo. **QB23-11** orienta-se igualmente para a esquerda, encontrando-se, no entanto, inclinada para baixo; a cabeça é muito semelhante à anterior com linha fronto-nasal côncava, focinho

apontado e bordo ventral reto; apenas se reconhece um longo corno encurvado; o bordo cervical é côncavo, o garrote saliente e a garupa reta; a linha ventral apresenta ventre e cilheira côncavos, sendo ambos separados por uma ligeira excreção (bainha?); dos membros, reconhece-se os bordos simples do torácico.

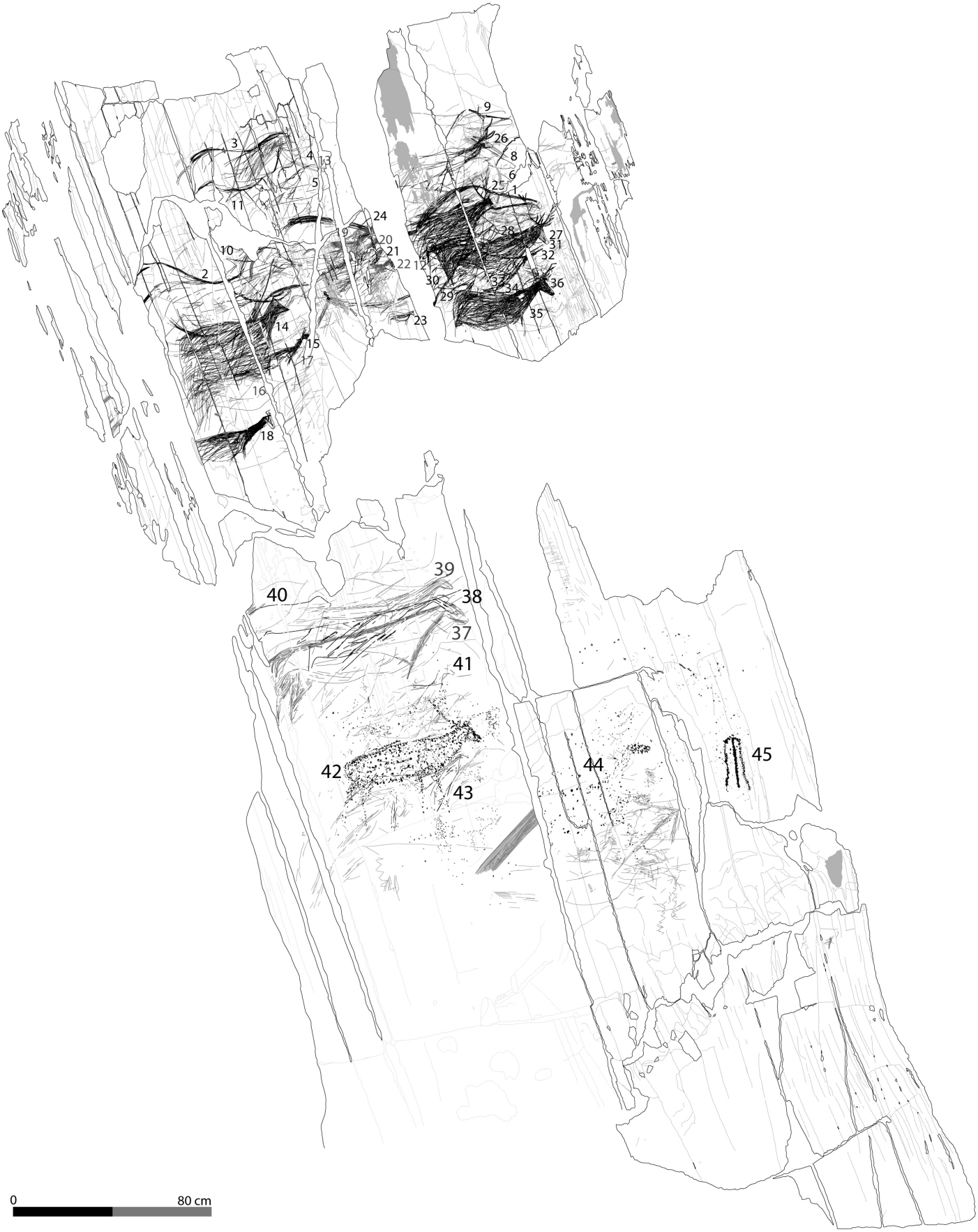


Fig. 20: Rocha 23 da Quinta da Barca (painel superior decalcado por F. Barbosa com o apoio de M. Almeida e do autor; painel inferior esquerdo decalcado por M. V. Gomes, com o apoio de J. Félix e C. Gaspar; painel inferior direito decalcado por R. Jardim, com o apoio de D. Correia).

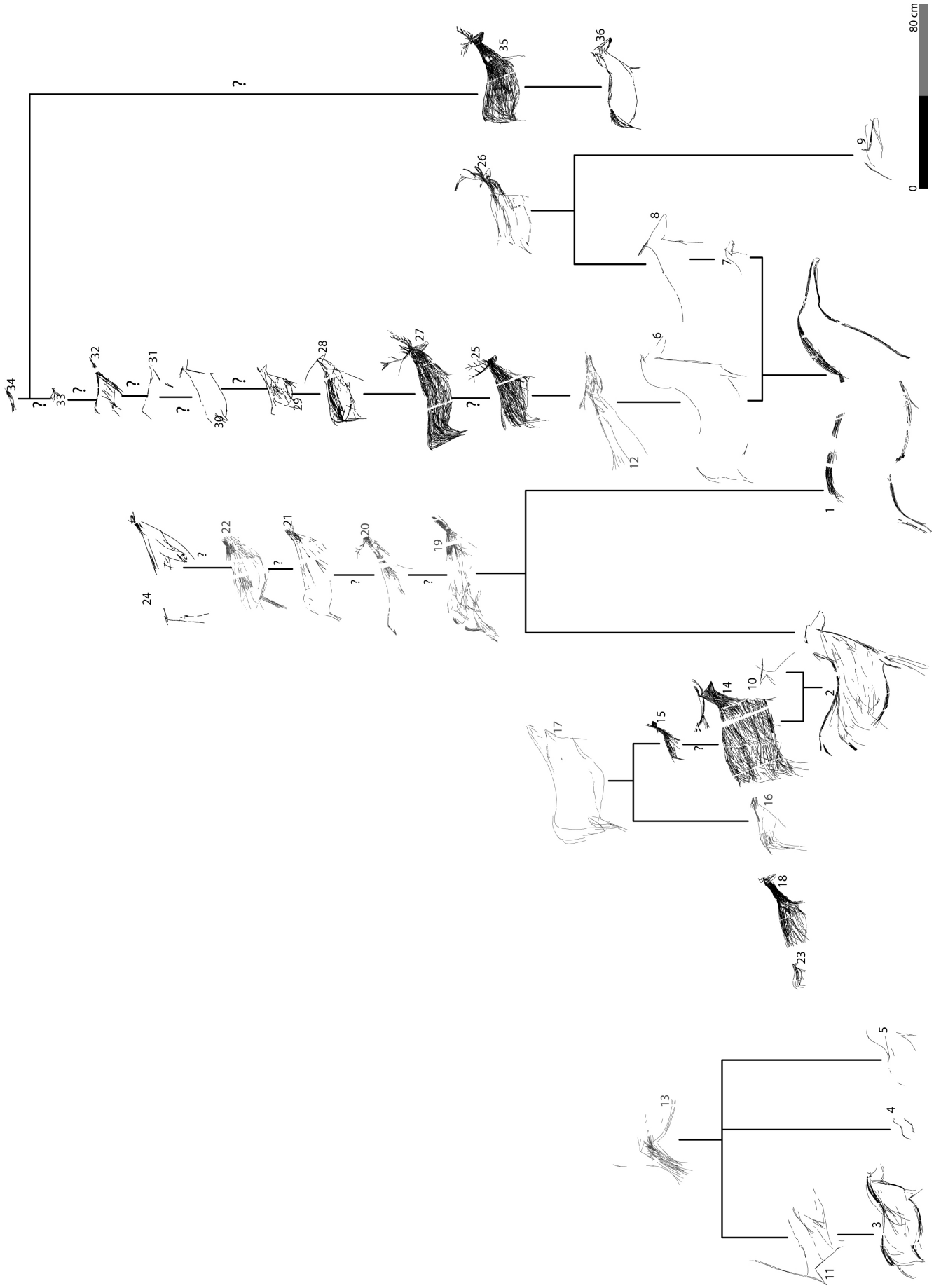


Fig. 21: Matriz estratigráfica do painel superior da rocha 23 da Quinta da Barca.

Sobrepondo-se a **QB23-01** e **QB23-06**, identifica-se prótomo de cerva orientado para a direita (**QB23-12**); o animal é definido por incisão simples e múltipla, encontrando-se parcialmente estriado; o pescoço encontra-se levantado; a cabeça apresenta linha fronto-nasal tendencialmente reta, tornando-se convexa na zona do focinho; a ganacha é convexa e o queixo reto; a boca encontra-se aberta, podendo um traço que dela sai corresponder à língua do animal; as duas orelhas estriadas encontram-se atiradas para trás em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é convexo e o arranque do dorso reto; o bordo traqueal é algo anguloso e o peito reto.

Podendo ainda pertencer à fase mais antiga de gravação, encontra-se a pata traseira e ventre de um quadrúpede inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**QB23-13**); sobrepõe **QB23-03**, **QB23-04**, **QB23-05** e **QB23-11**; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é convexa e a nádega igualmente curva; o animal encontra-se estriado na zona interna da pata.

As figuras que seguidamente se descrevem pertencem seguramente à segunda fase de gravação do painel; no sector esquerdo destaca-se, sobrepondo **QB23-02,** um veado estriado orientado para a direita (**QB23-14**); a cabeça é de forma triangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; a nuca é triangular; apenas uma haste se encontra representada, com estoque, contraestoque, ponta intermédia e coroa; o bordo cervical é reto, assim como o ventral; o tronco é de forma sub-retangular e possante; o dorso é reto, e a garupa algo convexa; a nádega é reta; relativamente às patas traseiras distinguem-se claramente duas em forma executadas segundo a nossa modalidade 1a dos membros modelados, dispostas em perfil biangular oblíquo, parecendo ainda reconhecer-se outro par; a linha ventral é reta; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o peito é reto; a cauda é apontada.

Imediatamente em frente do animal anterior reconhece-se outro quadrúpede estriado orientado para a direita (**QB23-15**); a cabeça encontra-se mutilada por fratura, reconhecendo-se os arranques da linha fronto-nasal convexa e da ganacha reta; as duas orelhas são apontadas para a frente, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; os bordos dos pescoço são retos; a linha cérvico-dorsal é reta, reconhecendo-se, no entanto, um garrote subtil; a cauda é linear e atirada para trás; a pata traseira é em forma de triângulo apontado; a linha ventral é reta; a pata dianteira é reta e o peito algo anguloso.

Abaixo da linha ventral de **QB23-14** reconhece-se outro quadrúpede parcialmente estriado orientado para a direita (**QB23-16**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta e bordo ventral algo reto, encontrando-se a zona do focinho em aberto; as duas orelhas são lineares, encontrando-se atiradas para trás em perfil biangular reto; o bordo cervical é curto e convexo; o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é foliforme; a nádega é reta; as duas patas traseiras são em forma de "coxa de galinha" (modalidade 1a dos membros modelados); a linha ventral é reta; o membro dianteiro pode corresponder a traço curvo existente imediatamente abaixo do peito, encontrando-se a pata, neste caso, recolhida para dentro; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Parecendo sobrepor as três figuras anteriores, reconhece-se um quadrúpede inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**QB23-17**); a cabeça encontra-se ausente devido à mesma fratura que destrói a de **QB23-15**; o bordo cervical parece, pela sua convexidade, corresponder à crineira de um equídeo; o dorso é côncavo e a garupa algo angulosa; a cauda é linear; a nádega é reta; apenas uma pata traseira é observável; esta é em forma de "coxa de galinha" encontrando-se estriada no interior; o bordo ventral do tronco apresenta ventre reto e cilhadouro côncavo; a pata dianteira é linear; o peito é reto e o bordo traqueal convexo; algumas delimitações internas são reconhecíveis, nomeadamente ao nível da barriga do animal.

Imediatamente abaixo observa-se um cervídeo estriado orientado para a direita (**QB23-18**); dadas as reduzidas dimensões das hastes e a forma e número de pontas, julgamos estar perante um corço correspondendo as pontas à anterior e central daquela espécie; a cabeça apresenta fronte e chanfro convexos, sendo ambos separados por concavidade; a ganacha e o queixo são ambos retos, sendo distinguidos mediante angulosidade do traço; o focinho é reto, assim como a nuca; os bordos do pescoço são retos: o bordo dorsal do tronco é tendencialmente reto, com convexidade na zona do garrote; os quartos traseiros não se encontram representados; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; as patas dianteiras são definida por dois bordos simples, encontrando-se representadas em perfil biangular oblíquo; o peito é convexo.

As restantes unidades figurativas deste sector encontram-se junto ao seu rebordo direito; assim, sobrepondo **QB23-01** e **QB23-02** observa-se quadrúpede alongado e acéfalo, definido por incisão simples e múltipla, orientado para a direita (**QB23-19**); encontra-se parcialmente estriado, designadamente na zona do pescoço; este é de forma tubular, com bordos retos; o bordo dorsal do tronco encontra-se algo desconexo, aparentando ser tendencialmente reto; a nádega é convexa; as duas patas traseiras encontram-se encurvadas para o interior, dispondo-se em perfil biangular reto: do bordo ventral do tronco só se aprecia o arranque do ventre convexo; a pata dianteira não se identifica; o peito é reto.

Imediatamente abaixo, misturando-se o seu corpo com o do animal anterior, observa-se um veado estriado orientado para a direita (**QB23-20**); da cabeça só se percebe o arranque reto (?) da ganacha; observa-se ainda uma haste com estoque, contraestoque, ponta intermédia e coroa; o pescoço é de forma tubular, com bordos retos; o garrote é saliente e o dorso côncavo; a garupa é angulosa

e a cauda foliforme; do animal observa-se ainda uma pata dianteira linear.

Imediatamente abaixo, continuando os corpos a confundir-se reconhece-se outro quadrúpede estriado, também orientado para a direita (**QB23-21**). Da cabeça observa-se o bordo ventral convexo; o pescoço é curto, sendo os seus bordos retos; o dorso é reto e a garupa algo convexa; a nádega é reta e a pata traseira definida por dois bordos simples; do bordo ventral do tronco percebe-se o ventre convexo; do animal observa-se ainda o peito convexo.

Abaixo parece observar-se outro quadrúpede estriado orientado para a direita (**QB23-22**); do pescoço observa-se bem o bordo cervical convexo; do bordo dorsal do tronco reconhece-se o garrote anguloso e o esboço de um dorso côncavo; o bordo ventral do tronco é convexo e o peito reto; dos membros apenas se identifica um dos posteriores, estriado e definido por dois bordos simples.

Abaixo do ventre de **QB23-01**, ainda neste sector do painel, observa-se quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, parcialmente estriado, orientado para a direita (**QB23-23**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral reto; uma das orelhas é triangular e a outra linear, dispondo-se ambas em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto, o dorso côncavo e a garupa convexa; a cauda é linear; as patas (de ambos os pares) são também lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; a nádega não se encontra representada e o bordo ventral do tronco convexo; o peito é igualmente convexo e o bordo traqueal reto.

No sector esquerdo do painel observa-se ainda os quartos traseiros de uma figura que se prolonga pelo sector direito; corresponde a um quadrúpede estriado, orientado para a direita (**QB23-24**); a cabeça é de aspeto algo foliforme, com linha fronto-nasal subconvexa, focinho apontado e bordo ventral reto; o bordo cervical é sub-retilíneo, o dorso igualmente reto e a garupa angulosa; dois traços curtos figuram a cauda; as duas patas traseira são em forma de "coxa de galinha", dispondo-se em perfil biangular oblíquo; do animal observa-se ainda o peito convexo e o bordo traqueal reto.

Os restantes animais encontram-se todos no sector direito. Neste sector destaca-se a figura de um veado estriado gravado sobre **QB23-06** e **QB23-12**, orientado para a direita (**QB23-25**); o animal aparenta dispor de duas cabeças, ambas de forma triangular; a mais exterior apresenta linha fronto-nasal reta, boca aberta e bordo ventral convexo; a segunda encontra-se no interior da primeira, sendo da mesma forma, embora se encontre completamente estriada; as hastes apresentam estoques, contraestoques, duas pontas intermédias e coroa, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é convexo, o garrote algo saliente, o dorso subtilmente côncavo e a garupa convexa; a cauda é foliforme; a nádega encontra-se apenas esboçada; as patas traseiras são em forma de "coxa de galinha", dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é reta; a pata dianteira é linear; o peito é reto e o bordo traqueal reto.

Para cima da figura anterior observa-se outro veado estriado, orientado também para a direita (**QB23-26**); sobrepõe as figuras **QB23-06**, **QB23-07**, **QB23-08** e **QB23-09**; a cabeça é subtriangular com linha fronto-nasal reta, focinho e bordo ventral convexos; apenas uma haste foi representada, com estoque, contraestoque, ponta intermédia e coroa; as duas orelhas – foliformes – apresentam-se em perfil biangular reto; o bordo cervical é côncavo, o garrote saliente, o dorso reto e a garupa angulosa; a cauda é linear e a nádega reta; a pata traseira é de forma triangular; o bordo ventral do tronco apresenta ventre reto e cilheira côncava; a pata dianteira é linear, o peito reto e o bordo traqueal convexo.

Abaixo de **QB23-25** destaca-se outro veado estriado orientado para a direita (**QB23-27**); a cabeça é de forma subtroncocónica; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro côncavo; o focinho e o bordo ventral da cabeça são convexos; as hastes dispõem-se em perfil biangular oblíquo, nelas se apreciando estoques, contraestoques, duas pontas intermédias e coroas; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular reto; o bordo cervical é reto, o garrote saliente, o dorso reto e a garupa angulosa; a cauda é foliforme e a nádega reta; as patas traseiras são em forma de "coxa de galinha", dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo ventral do tronco é convexo; a pata dianteira é linear; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

Sobrepondo-se a **QB23-25** e **QB23-27**, observa-se um macho de cabra-montês estriado, orientado para a direita (**QB23-28**); a cabeça é de forma triangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; o bordo cervical é reto, o garrote saliente, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é foliforme; a nádega é reta; a pata traseira apresenta coxa triangular e canela linear; o bordo ventral do tronco é sub-retilíneo; a pata dianteira é linear, correspondendo a prolongamento do peito; o bordo traqueal é convexo.

Imediatamente abaixo (sobrepondo **QB23-27**), observa-se quadrúpede estriado, de espécie indeterminada, orientado para a direita (**QB23-29**); apresenta cabeça triangular com bordos dorsal e ventral retos e focinho apontado; as duas orelhas são foliformes, atirando-se para a frente em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto e o dorso convexo; a garupa é angulosa; a pata traseira é linear; o bordo ventral do tronco é convexo; as duas patas dianteiras são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Não se percebendo com rigor a relação estratigráfica entre as duas últimas unidades gráficas e a que agora nos importa, apenas sabemos que nesta zona identificamos ainda um outro quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita

(**QB23-30**); da cabeça apenas se percebe o arranque da fronto-nasal e o bordo ventral reto; duas hastes (ou cornos?) de forma linear encontram-se atiradas para trás em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto, o garrote ténue, o dorso reto e a garupa convexa; da pata traseira observa-se a coxa triangular; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; a pata dianteira é linear e curta; o bordo traqueal é reto.

À direita de **QB23-28** observa-se quadrúpede acéfalo, definido por incisão simples e múltipla, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**QB23-31**); o bordo cervical é côncavo, o garrote ténue, o dorso reto e a garupa angulosa; a nádega é reta; o bordo traqueal é convexo e a pata dianteira de forma triangular.

A pata dianteira do anterior confunde-se com o bordo traqueal de um outro quadrúpede acéfalo estriado, orientado para a direita (**QB23-32**); o bordo cervical é reto, o garrote ténue, o dorso reto e a garupa convexa; as patas traseiras apresentam coxas triangulares e canelas retas, dispondo-se em perfil biangular reto; o bordo traqueal é também reto; as patas dianteiras são da mesma forma que as remanescentes, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Confundindo-se com a linha ventral do animal anterior, observa-se pequeno quadrúpede estriado, orientado para a direita (**QB23-33**); da cabeça apenas se observa a linha fronto-nasal reta; os cornos são triangulares e dispostos em perfil biangular oblíquo; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; o bordo cervical é reto, assim como o dorso; a garupa é angulosa e a cauda linear; a nádega é reta; a pata traseira é linear; o bordo ventral do tronco é reto; as duas patas dianteiras são lineares e dispostas em perfil biangular reto; a delimitação peito/ bordo traqueal é reto.

Imediatamente abaixo observa-se possível peixe estriado, orientado para a direita e inclinado para cima (**QB23-34**); a cabeça é de forma triangular e afilada; o dorso é reto e o ventre convexo; das barbatanas apenas se distingue a caudal, que é de configuração dupla.

Imediatamente abaixo reconhece-se um veado estriado, orientado para a direita (**QB23-35**); apresenta cabeça de forma troncocónica com bordos retos e focinho convexo; as duas hastes representam-se em perfil biangular (oblíquo?), reconhecendo-se estoques, contraestoques, as pontas intermédias (em cada haste) e uma ponta da coroa da da esquerda; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular reto; a nuca é triangular, o bordo cervical reto, o dorso côncavo e a garupa angulosa; a cauda é foliforme e a nádega algo convexa; a pata traseira apresenta coxa triangular e canela linear; o bordo ventral do tronco apresenta ventre côncavo e cilheira convexa; a pata dianteira apresenta antebraço triangular e canela linear; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo-convexo.

Sobreposta pela figura anterior, observa-se um cavalo estriado orientado para a direita (**QB23-36**); a cabeça é de forma troncocónica com bordos retos e focinho convexo; apenas uma orelha foliforme foi representada, à qual se encosta a crineira convexa; o bordo cervical é côncavo, o garrote saliente, o dorso reto e a garupa convexa e descaída; a nádega é reta; a pata traseira apresenta coxa triangular e canela linear; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a pata dianteira é linear, o peito convexo e o bordo traqueal reto.

As restantes unidades gráficas do painel são não figurativas, sendo executadas por incisão. Associam-se a **QB23-01** duas unidades gráficas não figurativas da chave IIb, duas da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, duas da IXb, uma da X, cinco da XIa, três da XIb, três da XIc e duas da XId. A **QB23-01** e **QB23-02** associam-se uma da XIa e quatro da XIb. A **QB23-01**, **QB23-02**, **QB23-10** e **QB23-19** associa-se uma da IXab. A **QB23-01**, **QB23-02** e **QB23-14** associa-se uma da IXbb. A **QB23-01**, **QB23-02** e **QB23-19** associa-se uma da XIa. **A QB23-01** e **QB23-06** associam-se uma da IXaa, uma da IXb e três da XIa. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-07** e **QB23-08** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-08** e **QB23-25** associam-se uma da XIb e duas da XIc. A **QB23-01**, **QB23-06** e **QB23-12** associam-se duas da XIa. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-12** e **QB23-28** associa-se uma da XIa. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-19** e **QB23-24** associa-se uma da VIIa. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-19**, **QB23-20** e **QB23-24** associam-se uma da IIb, uma da IXb, uma da IXbb, uma da XIa e uma da XIb. A **QB23-01**, **QB23-06** e **QB23-20** associa-se uma da XIb. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-21** e **QB23-22** associa-se uma da XIa. A **QB23-01**, **QB23-06** e **QB23-24** associam-se uma da IXb, uma da IXbb e uma da XIa. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-24** e **QB23-25** associam-se uma da VIIa, duas da X, uma da XIa, três da XIb e uma da XIIIb. A **QB23-01**, **QB23-06** e **QB23-25** associam-se três da XIa. A **QB23-01** e **QB23-11** associa-se uma da XIa. A **QB23-01** e **QB23-12** associam-se uma da VIIa, uma da XIb e uma da XIc. A **QB23-01**, **QB23-06**, **QB23-12** e **QB23-28** associa-se uma da VIIa. A **QB23-01** e **QB23-19** associam-se uma da VIIa, duas da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **QB23-01**, **QB23-19** e **QB23-20** associa-se uma da XIb. A **QB23-01** e **QB23-21** associa-se uma da XIa. A **QB23-01** e **QB23-25** associam-se uma da IXa, três da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **QB23-01**, **QB23-25** e **QB23-28** associa-se uma da X. A **QB23-01** e **QB23-27** associa-se uma da XIa. A **QB23-01**, **QB23-27**, **QB23-28**, **QB23-29** e **QB23-30** associa-se uma da XIIIb. A **QB23-01**, **QB23-27**, **QB23-29**, **QB23-30**, **QB23-32** e **QB23-34** associa-se uma da IXab. A **QB23-01** e **QB23-28** associa-se uma da IXab. A **QB23-01** e **QB23-30** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **QB23-01** e **QB23-35** associa-se uma da XIb. Entre **QB23-01** e **QB23-08** encontra-se uma da XIa. Entre **QB23-01** e **QB23-11** observa-se três da XIa. Entre **QB23-01**,

QB23-05 e **QB23-11** observa-se duas da XIa e uma da XIb. Entre **QB23-01** e **QB23-07** observa-se uma da XIa. Entre **QB23-01** e **QB23-08** identifica-se uma da XIa. Entre **QB23-01** e **QB23-12** reconhece-se uma da IXb, três da XIa e uma da XIb. Entre aquelas unidades gráficas figurativas e **QB23-27** observa-se duas da XIa e uma da XIIIb. Entre **QB23-01** e **QB23-35** observa-se uma da XIa e uma da XIb. A **QB23-02** associam-se uma VIIa, uma da IXab, uma da IXbb, dez da XIa, nove da XIb, uma da XIc e três da XId. A **QB23-02** e **QB23-10** associam-se três da XIa. A **QB23-02** e **QB23-14** associam-se uma da XIa e duas da XIb. Entre **QB23-02** e **QB23-03** observa-se doze da XIa e três da XIb. Para a esquerda de **QB23-02** encontra-se duas da XIa e uma da XId. A **QB23-03** associa-se uma da XIa. A **QB23-03** e **QB23-11** associa-se uma da XIb. A **QB23-03** e **QB23-13** associa-se uma da IXb e uma da XIa. Para a esquerda de **QB23-03** observa-se uma da XIc. A **QB23-04** e **QB23-11** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **QB23-04**, **QB23-11** e **QB23-13** associam-se duas da XIb. A **QB23-05** associam-se duas da VIIa e uma da XIb. A **QB23-05** e **QB23-11** associam-se três da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. A **QB23-05**, **QB23-11** e **QB23-13** associa-se uma da XIa. A **QB23-06** associam-se cinco da XIa e uma da XIIIb. A **QB23-06** e **QB23-08** associam-se cinco da XIa. A **QB23-06**, **QB23-08** e **QB23-25** associam-se uma da IXb e uma da XIa. A **QB23-06**, **QB23-08** e **QB23-26** associam-se uma da IXaa, uma da IXb e três da XIb. A **QB23-06** e **QB23-25** associa-se uma da VIIa. A **QB23-06** e **QB23-28** associa-se uma da XIa. A **QB23-07** associam-se quatro da XIa, quatro da XIb e três da XId. A **QB23-08** associam-se três da XIa. A **QB23-08** e **QB23-26** associam-se duas da XIb e três da XIc. Entre **QB23-08**, **QB23-09** e **QB23-26** encontram-se uma da VIIa, uma da IXb, três da XIa e uma da XIb. A **QB23-09** associam-se três da VIIa, duas da IXaa, duas da XIa e quatro da XIb. A **QB23-09** e **QB23-26** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIc. Entre aqueles duas unidades gráficas figurativas, sem que contudo a elas estejam diretamente associadas, encontramos duas da XIa. À esquerda de **QB23-09** observa-se uma da XIa. A **QB23-10** associam-se uma da XIa e duas da XIb. Acima daquela unidade gráfica figurativa observa-se uma da XIb e uma da XIc. A **QB23-11** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **QB23-11** e **QB23-13** associam-se uma da X e uma da XIa. À esquerda de **QB23-11** observa-se duas da XIa e uma da XIb. A **QB23-12** associam-se cinco da XIa e uma da XIb. A **QB23-12** e **QB23-27** associam-se uma da IXb, uma da IXbb, duas da XIa e uma da XIc. A **QB23-12**, **QB23-27**, **QB23-28** e **QB23-30** associa-se uma da XIa. A **QB23-12** e **QB23-28** associam-se duas da XIa. Entre **QB23-12** e **QB23-27** observa-se seis da XIa, seis da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **QB23-13** associam-se uma da IXa, uma da X, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **QB23-14** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da XIa, sete da XIb, duas da XIc e uma da XIII. A **QB23-14**, **QB23-15** e **QB23-17** associam-se duas da XIa. A **QB23-14**, **QB23-16** e **QB23-17** associam-se duas da XIa, uma da XIb e três da XIc. A **QB23-14** e **QB23-17** associam-se uma da VIIa e três da XIa. A **QB23-14** e **QB23-21** associam-se uma da VIIa e uma da XIb. Entre **QB23-14**, **QB23-17**, **QB23-21** e **QB23-22** observam-se uma da X, duas da XIa e duas da XIb. A **QB23-15** e **QB23-17** associam-se quatro da XIa e uma da XIc. A **QB23-16** e **QB23-17** associam-se uma da IXa, cinco da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **QB23-17** associam-se duas da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Entre **QB23-17** e **QB23-18** observa-se uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIb. Para a direita daquelas duas unidades gráficas figurativas observa-se uma da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, sete da XIa, sete da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **QB23-18** associam-se duas da chave VIIa, uma da IXaa, três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Para a direita de **QB23-18** identifica-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. A **QB23-21** associam-se duas da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. A **QB23-22** associam-se uma da IIIc, uma da IXba, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **QB23-23** associam-se duas da XIa e uma da XIIIb. A **QB23-26** associa-se uma da chave XIa e à sua esquerda observa-se uma da XIb e duas da XId. A **QB23-27** associam-se duas da XIa. A **QB23-27** e **QB23-31** associa-se uma da XIb. A **QB23-27**, **QB23-31**, **QB23-32**, **QB23-33**, **QB23-35** e **QB23-36** associa-se uma da XIc. Para a direita de **QB23-27** observa-se uma da IXbb, uma da IXc, duas da XIa e duas da XIb. A **QB23-28** associa-se uma da XIa. A **QB23-29** associam-se uma da IXb e uma da XIa. A **QB23-29** e **QB23-30** associam-se duas da XIa e três da XIb. **QB23-29**, **QB23-30** e **QB23-35** associa-se uma da XIa. A **QB23-29** e **QB23-36** associa-se uma da VIIa. Entre **QB23-29**, **QB23-30** e **QB23-32** encontramos uma da XIa. Entre **QB23-29** e **QB23-35** observa-se uma da XIa. A **QB23-30** e **QB23-32** associa-se uma da IIa. A **QB23-32** associa-se uma da XIb. A **QB23-32** e **QB23-33** associam-se uma da IIa, uma da XIa e duas da XIb. A **QB23-32** e **QB23-34** associa-se uma da XIa. Entre **QB23-32** e **QB23-34** identifica-se duas da IXa e uma da XIa. Entre **QB23-32** e **QB23-35** identifica-se uma da IXa, uma da IXb e uma da XIa. A **QB23-34** e **QB23-35** associa-se uma da X. A **QB23-34**, **QB23-35** e **QB23-36** associa-se uma da XIa. A **QB23-34** e **QB23-36** associam-se uma da VIIa e duas da XIb. Entre **QB23-34** e **QB23-36** observa-se uma da chave IXaa, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **QB23-35** associam-se quatro da chave IXab, três da XIa, três da XIb e uma da XId. A **QB23-35** e **QB23-36** associam-se quatro da XIa, uma da XIc e uma da XIII. Para a direita daquelas figurações identifica-se três da IXaa, cinco da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **QB23-36** associam-se duas da XIa e duas da XIb. No canto inferior esquerdo do painel observa-se ainda três unidades da chave XIa, quatro da XIb e três da XIc e no canto superior direito da zona gravada uma da IIb, uma da VIIa, uma da IXab, uma da IXb, uma da X, doze da XIa, uma da XIb e quatro da XIc. Observa-se ainda um conjunto de picotados soltos que parecem associar-se a **QB23-35** e/ou **QB23-36**.

O painel inferior encontra-se separado do anterior por um "degrau", orientando-se para leste. Uma fissura atravessa-o

longitudinalmente, tendo aparentemente condicionado a organização do painel.

No sector esquerdo do painel identificamos sete unidades gráficas figurativas, quatro delas em íntima associação por sobreposição. Deste grupo de quatro destaca-se um quadrúpede estriado orientado para a direita (**QB23-37**); apresenta cabeça altamente geometrizada, com linha fronto-nasal convexa, focinho reto e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; duas orelhas ou cornos lineares encontram-se projetados para a frente em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto, assim como o dorso; a garupa é convexa e a cauda algo retangular; a nádega é reta; os membros traseiros apresentam coxas triangulares e canelas lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; o bordo ventral do tronco apresenta ventre e cilhadouro convexos, sendo ambos separados por estrangulamento do contorno; o membro anterior é linear; o peito é reto e o bordo traqueal côncavo.

Um pouco acima observa-se outro quadrúpede estriado orientado na mesma direção (**QB23-38**); a cabeça é de forma sub-retangular, com bordos dorsal e ventral retos e focinho aberto; um traço simples encontra-se atirado para a frente, podendo representar orelha ou corno; o bordo cervical é reto, a garupa algo saliente, o dorso reto e a garupa angulosa; a cauda é de forma subtriangular; a nádega é reta; a pata traseira é definida por dois bordos retos; o bordo ventral do tronco é convexo; as patas dianteiras são lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o peito é indistinto do bordo traqueal, sendo ambos definidos por contorno reto.

Imediatamente por cima observa-se outro quadrúpede estriado orientado para a direita (**QB23-39**); apresenta cabeça subelíptica com linha fronto-nasal sub-retilínea e bordo ventral e focinho convexos; dois traços conformam uma orelha ou corno atirado para a frente; o bordo cervical é algo côncavo, o dorso reto e a garupa angulosa; a cauda é curta e atirada para trás; a nádega é reta; os membros posteriores são lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; o bordo ventral do tronco é reto e a pata dianteira linear e apenas esboçada; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

Parte da garupa, nádega e membro posterior direito da figura anterior parecem reaproveitados como pata dianteira, linha de peito/ pescoço e goela de um outro quadrúpede inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**QB23-40**); a cabeça é de forma subtriangular com linha fronto-nasal reta, bordo ventral curto e reto, e focinho convexo; a nuca é arredondada, o bordo cervical convexo, o dorso reto e a garupa algo convexa; da pata traseira observa-se o bordo cranial convexo; o bordo ventral do tronco é reto e a pata dianteira linear; a linha de peito/ bordo traqueal é reta.

Abaixo de **QB23-37** observa-se prótomo de equídeo inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**QB23-41**); a cabeça é algo tubular, com linha fronto-nasal convexa, focinho reto e bordo ventral côncavo; o bordo cervical é convexo e o dorso algo côncavo; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Abaixo observa-se cervídeo definido e preenchido interiormente por picotagem (modalidade B), orientado para a direita (**QB23-42**); contudo, algumas incisões são também perceptíveis, podendo corresponder a esboços do animal; a cabeça é algo modelada, reconhecendo-se fronte convexa e chanfro reto, focinho e ganacha convexos e queixo algo côncavo; a boca parece encontrar-se aberta; apenas uma haste foi representada, dela se observando a coroa e, muito possivelmente, o estoque e contraestoque; por trás dela observa-se uma orelha linear curva; o bordo cervical é reto, o garrote ténue, o dorso algo convexo e a garupa angulosa; a nádega é convexa e curta; os membros posteriores apresentam coxas triangulares e canelas lineares, apresentando-se em perfil biangular oblíquo; o bordo ventral do tronco é reto e as patas da frente lineares (embora algo mais largas na zona dos antebraços) e dispostas em perfil biangular reto; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

À figura anterior associa-se representação parcial de quadrúpede estriado orientado para a direita (**QB23-43**); a cabeça é muito esquemática, com linha fronto-nasal convexa, focinho apontado e bordo ventral apenas esboçado; a nuca é arredondada e o bordo traqueal e o dorso retos; dos quartos traseiros apenas se observa as possíveis patas traseiras, que parecem ser lineares, sendo difícil precisar a solução de perspetiva adoptada; também a pata dianteira parece encontrar-se esboçada; o peito é côncavo e o bordo traqueal convexo.

As duas unidades gráficas figurativas remanescentes encontram-se no sector direito. Uma destas encontra-se praticamente em frente de **QB23-42**, correspondendo a um quadrúpede picotado (modalidade B) orientado para a direita (**QB23-44**); encontra-se reduzido à sua metade dianteira, parecendo sair da fissura que divide o painel; a cabeça é subovalada, o pescoço tubular e o tronco sub-retangular; as patas dianteiras são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo.

Para a direita da figura anterior observa-se ainda ancoriforme oculado, conseguido por picotagem (**QB23-45**), datado já, muito provavelmente, do III milénio AC.

O restante repertório do painel é constituído por unidades gráficas não figurativas incisas. A **QB23-37** associa-se uma da chave VIIa, uma da IXb, uma da X, sete da XIa, quatro da XIb e uma da XIb. A **QB23-37** e **QB23-38** associa-se uma da XIIIb. A **QB23-37**, **QB23-38** e **QB23-39** associa-se uma da XIa. Entre **QB23-37**, **QB23-38** e **QB23-40** observa-se uma da IXab e duas da XIb. Entre **QB23-37** e **QB23-41** observa-se uma da IXa, uma da IXb e três da XIa. Entre **QB23-37**, **QB23-41** e **QB23-42** observa-se duas da VIIa, uma da IXab, uma da IXba, uma da X, doze da XIa, quatro da XIb e uma da XIIIb. A **QB23-39** associam-se três da

XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. Acima daquela unidade gráfica figurativa observa-se uma da IIa, uma da IXab, seis da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. A **QB23-40** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, oito da XIa, quatro da XIb, quatro da XIc e uma da XIIIb. A **QB23-41** associam-se uma da VIIa, uma da IXab, uma da XIa e uma da XIb. Para a direita daquele animal reconhece-se uma da XIa. A **QB23-42** associam-se uma da VIIa, três da IXa, uma da IXba, três da X, oito da XIa, seis da XIb, cinco da XIc e uma da XId. A **QB23-42** e **QB23-43** associam-se uma da IXba e uma da XIb. Para a direita de **QB23-42** observa-se uma da VIIa e cinco da XIa e para a esquerda do mesmo uma da IXaa, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XId. Entre **QB23-42** e **QB23-43** observa-se uma da IXa e duas da XIa. A **QB23-43** associam-se uma da IXab, uma da IXba, seis da XIa e duas da XIb. Para a direita daquele motivo observa-se uma da chave IIa, uma da IXba, duas da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. Ainda no sector esquerdo, abaixo das unidades figurativas, observa-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXb, duas da IXc, três da XIa, três da XIb, duas da XIc e uma que não se insere em nenhuma das chaves definidas.

As restantes unidades gráficas não figurativas encontram-se no sector direito. A **QB23-44** associam-se uma da VIIa, uma da VIIb, duas da IXa, duas da IXaa, quatro da IXab, quatro da IXb, três da X, dez da XIa, oito da XIb e uma da XIc. Para a direita daquele animal observa-se uma da chave IIIc, uma da VIIa, uma da IXa, cinco da IXaa, três da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da IXc, três da X, dezasseis da XIa, nove da XIb, duas da XIc e uma da XId. Abaixo do tronco do animal observa-se uma da Ia, três da VIIa, uma da IXa, três da IXaa, quatro da IXb, uma da IXbb, uma da X, seis da XIa, nove da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Para baixo do animal identifica-se duas da IIa, uma da IIIa, seis da VIIa, quatro da IXa, três da IXaa, duas da IXab, três da IXba, uma da IXbb, cinco da IXc, cinco da X, vinte e uma da XIa, três da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Para cima do animal observa-se uma unidade da chave IXa, uma da IXb e quatro da XIa. O limite superior esquerdo da zona historiada é marcado pela presença de quatro unidades da chave XIa. Já o seu limite inferior direito destaca-se pela presença de uma da chave IXaa, duas da IXb, duas da XIa e uma da XIc. Refira-se finalmente a presença de diversos picotados soltos na zona mesial do painel, afetando particularmente **QB23-42**, **QB23-43**, **QB23-44** e **QB23-45**.

Rocha 25 (Fig. 22a): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos e Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 51). Corresponde a um bloco de forma ovalada situado no leito do rio em frente à foz da ribeira da Quinta da Barca, podendo na origem ter pertencido à rocha 1; apresenta os traços muito erodidos pela ação fluvial; a cor é cinzenta e a superfície algo irregular.

Como a referida rocha 1, corresponde a um painel intensamente gravado; atualmente reconhecem-se, por entre a teia de traços picotados, apenas quatro animais. Em baixo à esquerda observa-se uma fêmea de cabra-montês orientada para a esquerda (**QB25-01**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal algo convexa, focinho e bordo ventral retos; apenas foi figurado um corno curvo atirado para trás; a linha cérvico-dorsal apresenta pescoço algo reto, dorso côncavo e garupa convexa; a cauda é definida por dois bordos horizontais paralelos entre si; a nádega é quase reta e a pata traseira definida por dois bordos abertos na extremidade distal; a linha ventral é convexa assim como o bordo traqueal; da pata dianteira só resta o bordo cranial convexo.

Um animal da mesma espécie (**QB25-02**) e orientado na mesma direção está gravado junto ao canto superior direito da superfície, encontrando-se incompleto devido à fracturação da rocha; o bordo cervical é côncavo e a cérvico-dorsal reta; a linha ventral e o bordo traqueal são convexos; apenas é visível a pata dianteira definida por dois traços, sendo aberta na extremidade distal; o bordo caudal é curto e curvo, sendo o cranial maior e com uma inflexão na zona do joelho; o arranque da ganacha é reto.

Esta figura sobrepõe um veado orientado para a esquerda (**QB25-03**); a cabeça – ligeiramente levantada – apresenta configuração subtriangular com a linha fronto-nasal ligeiramente convexa e bordo ventral reto; apenas uma haste está representada, nela se observando um estoque e a coroa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a cérvico-dorsal é sinuosa, com bordo cervical côncavo, garrote convexo e dorso reto; a pata dianteira – atirada para a frente – é definida por dois traços retos paralelos entre si; a linha ventral é reta, nele se distinguindo a bainha.

Sobreposta pelas duas figurações anteriores observa-se a representação de possível auroque orientado para a direita (**QB25-04**); a esta figura falta-lhe a cabeça, desaparecida devido a fracturação do suporte; no diagnóstico da espécie tivemos em consideração a garupa angulosa; o dorso é côncavo; a cauda é linear e atirada para trás, sendo interrompida pelo limite atual do painel; a nádega é quase reta e a pata traseira definida por dois bordos ligeiramente curvos e paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos divergentes; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Os outros traços poderão corresponder a restos de unidades figurativas ou não figurativos; o elevado estado de degradação do painel, a par da intensidade de sobreposições aqui existente, não nos permite avançar mais na leitura da rocha.

Rocha 27 (Fig. 22b): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos e Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 51). Trata-se de um fragmento de rocha situado atualmente sobre a rocha 1; corresponde a um painel

subtriangular com superfície de cor cinzenta, algo irregular e rugosa.

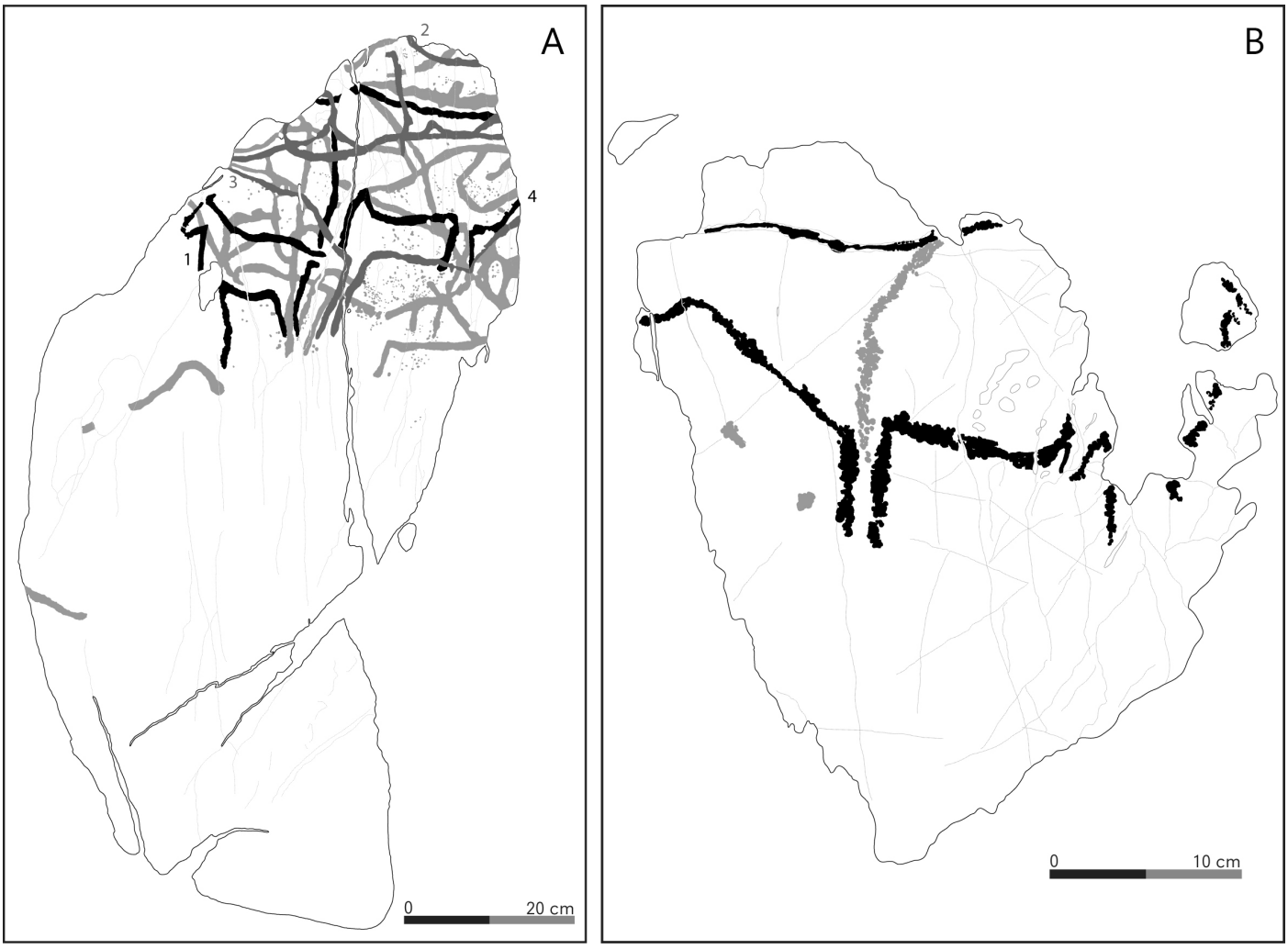


Fig. 22: Rochas 25 (A) e 27 (B) da Quinta da Barca (decalques de Fernando Barbosa, efetuado o primeiro com o apoio de Ana Margarida e o segundo com o de Lucínia Oliveira e Joana Valdez-Tullett).

O único animal que aí se identifica corresponde a um cavalo picotado orientado para a esquerda (**QB27-01**); da cabeça apenas se percebe a ganacha convexa; a crineira é longa e convexa; a cérvico-dorsal apresenta dorso suave e arranque convexo da garupa; o bordo traqueal é reto e o peito algo convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; da cauda só se percebe a raiz de forma subtrapezoidal; a nádega é arredondada; a pata traseira é grossa e definida por dois traço retos; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; na zona inguinal observa-se a bainha definida por dois traços retos.

Para além deste animal observa-se ainda o que poderá corresponder a uma unidade gráfica picotada da chave XIa, e dois impactos isolados.

Rocha 28 (Fig. 23): Foi dada a conhecer em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006), tendo o seu decalque sido publicado em 2008 (*idem*, 2008b, 108). Localiza-se a 161 m de altitude, no limite leste do terraço referido aquando da descrição da rocha 14; entre este ponto e a ribeira da Quinta da Barca reconhece-se um pequeno corgo. O painel corresponde a uma superfície vertical, de cor castanho-acinzentada, orientada a és-sudeste; apresenta uma microtopografia regular e textura algo porosa.

As representações figurativas identificadas correspondem a dois animais incompletos picotados. **QB28-01**) corresponde a um macho de cabra-montês; a cabeça desapareceu devido a fratura do suporte e a cérvico-dorsal e quartos traseiros nunca foram gravados; do animal observa-se a extremidade distal de um corno em forma de S, o bordo traqueal reto, o peito convexo, a pata dianteira definida por dois traços curvos paralelos, a linha ventral – com ventre convexo, bainha definida por dois traços e cilheira reta – e o arranque do bordo cranial da pata traseira.

O outro quadrúpede corresponde a um animal picotado orientado para a esquerda (**QB28-02**) do qual se observa a pata dianteira definida por dois traços retos paralelos entre si, a linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto, e o bordo cranial da pata traseira.

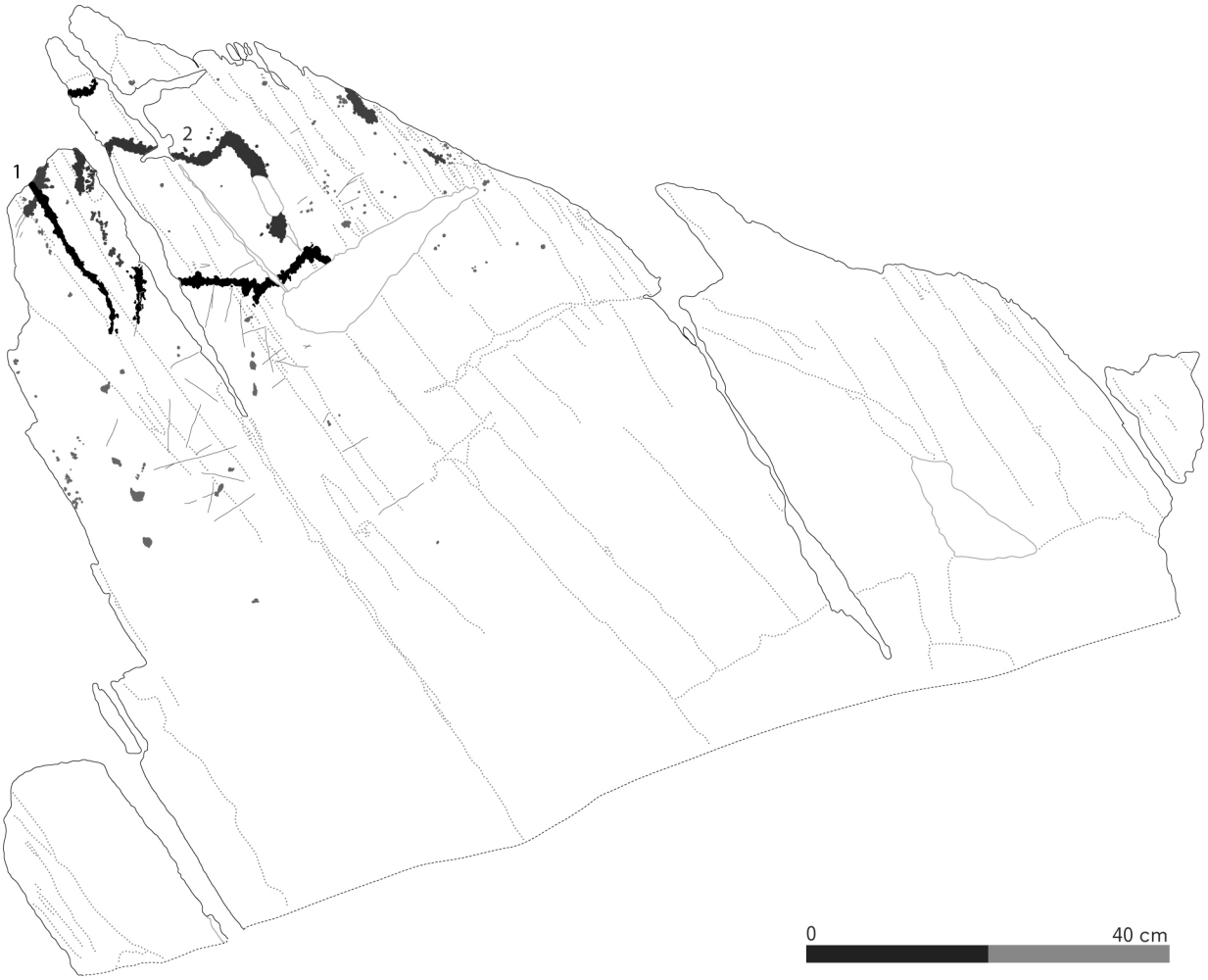


Fig. 23: Rocha 28 da Quinta da Barca (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida, E. Moreira, H. Rodrigues e G. Santos).

Relativamente ao reportório não figurativo, reconhece-se associado a **QB28-01** uma unidade gráfica da chave IXa, uma da IXaa, quatro da XIa e uma da XIb; são todas incisas com exceção de uma da chave XIa parcialmente picotada, e outra do mesmo tipo integralmente picotada. Para a direita de **QB28-02** observa-se uma da VIIa e cinco da XIa, todas incisas, com exceção de duas da chave XIa picotadas. Para baixo de **QB28-01** identifica-se uma da chave VIIa, uma da IXa, uma da IXc, uma da X, oito da XIa e três da XIb, todas incisas. Espalhados pelo painel, observa-se ainda vários impactos picotados.

Rocha 29 (Fig. 24): Foi dada a conhecer em 2006, tendo o sido o seu decalque publicado na ocasião (Baptista, Santos & Correia, 2006, 183). Localiza-se a cerca de 5 m para és-nordeste da anterior, a uma cota de 161 m; trata-se de uma superfície vertical de configuração irregular e cor castanho-acinzentada; a superfície orienta-se para és-sudeste, encontrando-se muito alterada pelos agentes meteóricos, facto que está por trás da dificuldade em visualizar as gravuras aqui presentes.

A única figura cuja espécie é reconhecível corresponde a um auroque com duas cabeças, orientado para a direita (**QB29-01**); apresenta cérvico-dorsal sinuosa com cernelha, dorso e garupa evidentes; da cauda só se observa a raiz de forma subtriangular; da nádega também só resta o arranque que é arredondado; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a linha ventral é convexa; a pata dianteira destaca-se pela sua diminuta espessura; do seu bordo cranial arranca o bordo traqueal da cabeça localizada em posição inferior, que é côncavo; desta cabeça só se observa o focinho reto e o bordo ventral, com ténue ganacha convexa e queixo reto; o bordo cervical arranca do garrote e termina numa orelha; da cabeça localizada em posição superior só nos resta o pescoço, sendo definido o seu bordo dorsal por uma linha reta que arranca do garrote e o ventral por um traço quase reto que se perde a meio da tábua do pescoço da outra cabeça; tecnicamente, a figura foi conseguida por abrasão, processo subsequente a uma picotagem prévia da figura.

Este animal sobrepõe um outro, orientado para a esquerda, de que nos restam os quartos traseiros (**QB29-02**); destes observa-se uma cauda em forma de arco de círculo, uma nádega arredondada, uma pata traseira definida por dois traços curvos divergentes e uma linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto; a figura foi conseguida por picotagem, reconhecendo-se vestígios de abrasão em sectores determinados do limite do animal.

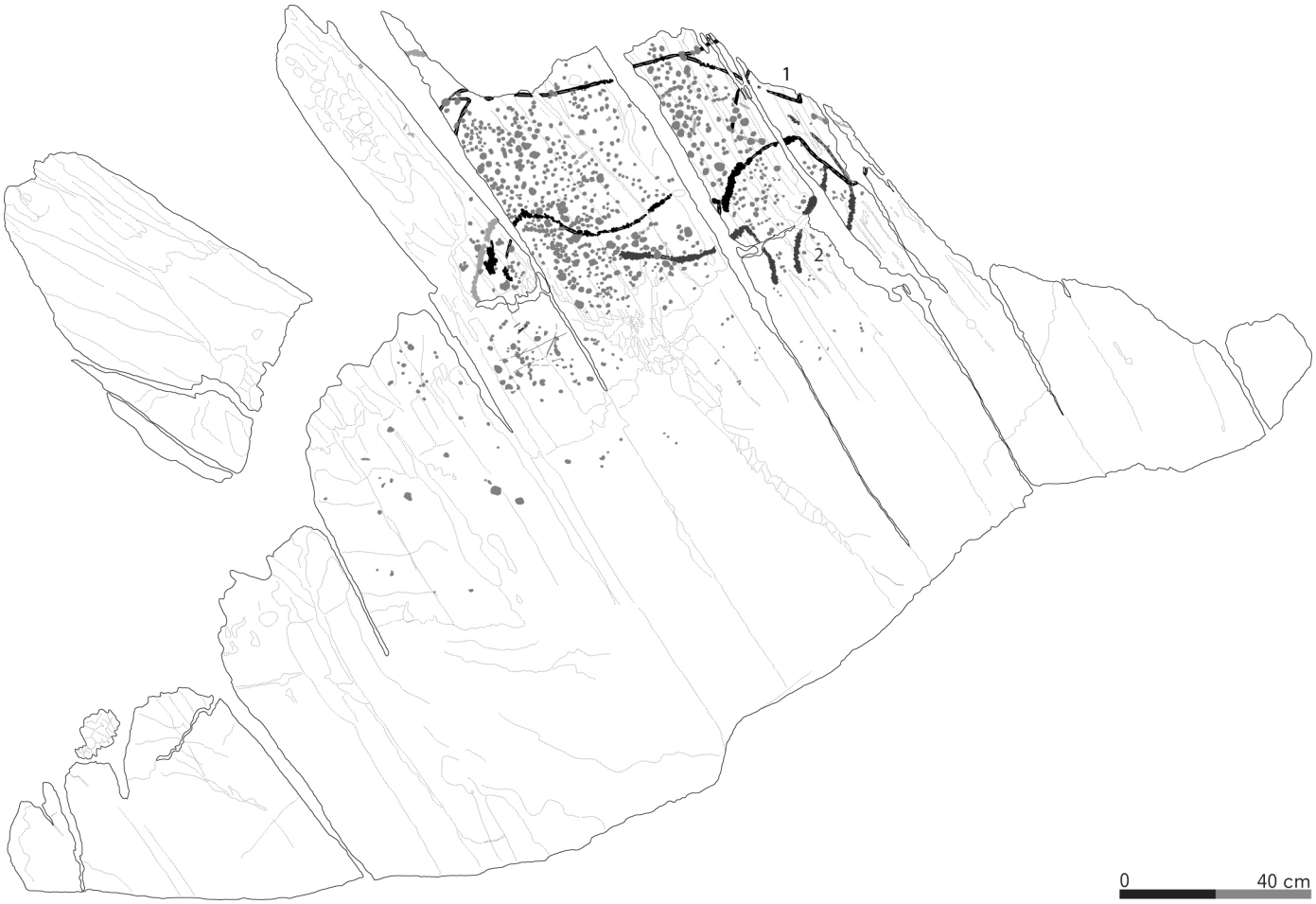


Fig. 24: Rocha 29 da Quinta da Barca (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Dispersos pelo painel observam-se outros traços picotados e abradidos; contudo, o elevado estado de degradação da superfície não permite aferir com rigor se estes correspondem a restos de outros animais ou de grafias não figurativas. Mais seguro de classificar como não figurativo é o conjunto de incisões que se encontra abaixo da pata traseira de **QB29-01**. Aí reconhece-se uma unidade gráfica da chave VIIa, uma da X, três da XIa, duas da XIb e uma da XIc.

Rocha 33 (Fig. 25a): Foi dada a conhecer em 2012, tendo o seu decalque sido publicado nessa ocasião (Santos, 2012, 52). Localiza-se no interflúvio existente entre a ribeira da Quinta da Barca e o curso de água sazonal referido aquando da descrição da rocha 13; encontra-se a meia-encosta, a 188 m de altitude; corresponde a uma superfície vertical de configuração subtrapezoidal e cor castanha; esta encontra-se altamente meteorizada; contudo, é possível a individualização de pelo menos dois animais sobrepostos, picotados na zona superior do painel.

Na base da sequência encontramos um capríneo orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**QB33-01**); a sua zona anterior desapareceu devido a fratura do suporte, facto que impossibilita um maior grau de precisão ao nível da identificação; dele observa-se a garupa suave, a cauda definida por dois bordos retos paralelos entre si, a nádega convexa, a pata definida por dois bordos retos paralelos, a zona inguinal angulosa e a linha ventral com ventre convexo e cilheira reta.

A figura é sobreposta por um veado retrospiciente com o corpo orientado para a direita (**QB33-02**); da cabeça desapareceu o bordo ventral; contudo a relação linha fronto-nasal/ focinho permite-nos definir a sua forma como subtriangular; a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa e a zona do focinho encontra-se em aberto; as hastes encontram-se representadas segundo uma perspetiva biangular reta, observando-se na da esquerda o arranque do tronco e na da direita duas pontas voltadas para fora (ponta intermédia e uma das da coroa?); o bordo traqueal é convexo; a pata dianteira é definida por dois curtos bordos retos subparalelos entre si; da traseira só resta o bordo caudal que corresponde a um traço curvo; a linha ventral apresenta zona inguinal angulosa, ventre convexo e cilheira reta; a cérvico-dorsal é direita, arredondando ligeiramente na zona da garupa; a cauda, interrompida pelo limite do painel, parece ser foliforme; o resto dos quartos traseiros ou se perdeu ou nunca foi gravado; refira-se ainda que as pontas da haste direita prolongam-se mediante incisão.

Outros traços picotados são observáveis no painel, não permitindo o seu estado de conservação uma caraterização; um grupo de incisões situado abaixo da cauda de **QB33-02** poderá corresponder a uma unidade gráfica da chave XId.

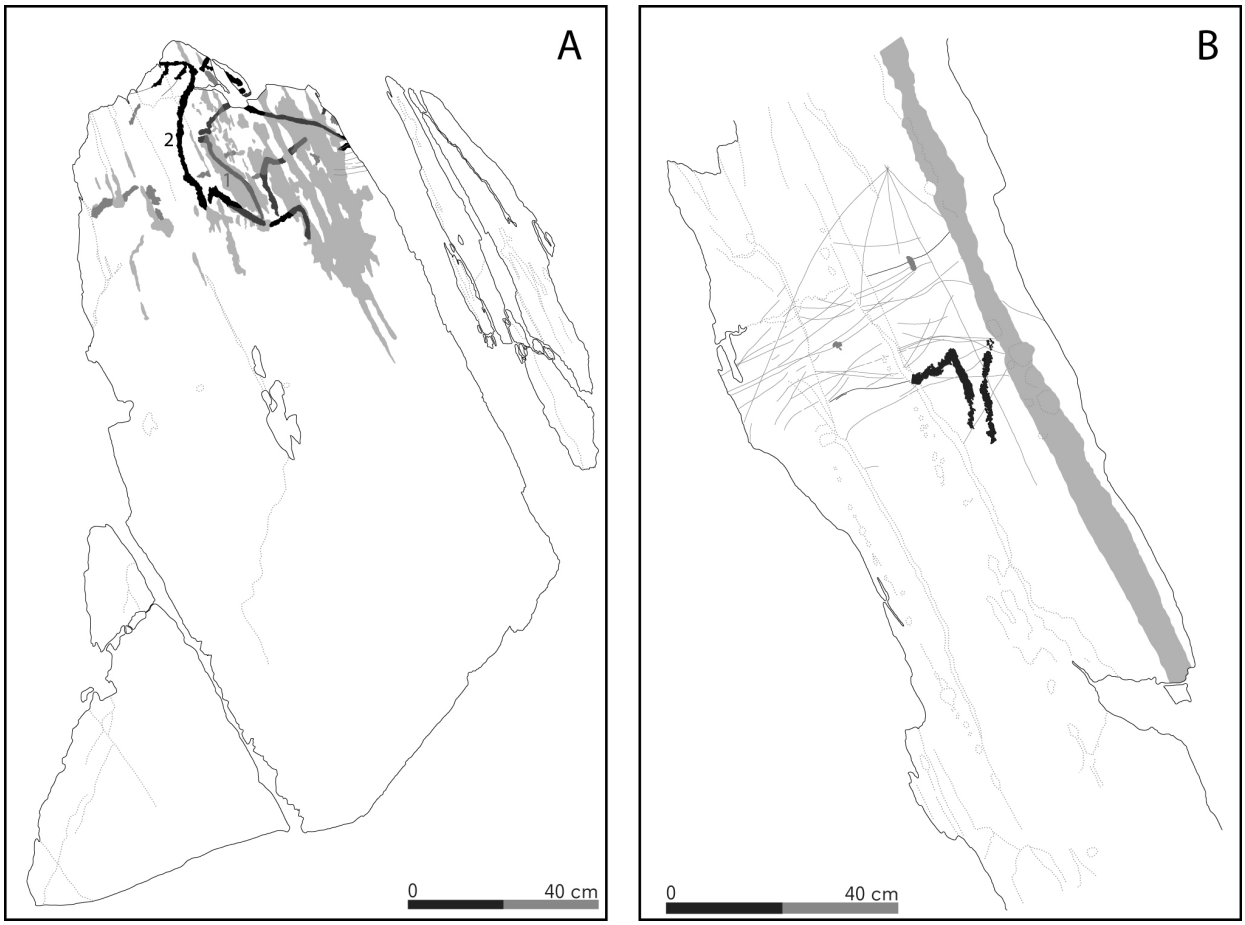


Fig. 25: Rochas 33 (A) e 60 (B) da Quinta da Barca (decalques de F. Barbosa, efetuados com o apoio de M. Reis e do autor).

Rocha 56 (Fig. 26): Esta rocha foi dada a conhecer em 2011 (Reis, 2011, 99), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 51). Localiza-se para montante do grupo constituído pelas rochas 11 e 12, entre duas linhas de água sazonais, tributárias da ribeira da Quinta da Barca, a uma altitude de 365 m; corresponde a uma das duas rochas deste período mais afastadas do Côa; a localização desta rocha torna-a, de entre o conjunto da Quinta da Barca, na que domina um campo visual mais amplo; trata-se de uma superfície vertical de cor castanha e configuração subtriangular; dispõe de cor castanha e orienta-se para és-sudeste; apresenta uma microtopografia regular e textura algo porosa, se bem que aqui e ali se observem importantes lascamentos; um destes, que atravessa a rocha a meio, parece dividi-la em dois sectores distintos.

No sector da direita detetam-se três animais, dois destes sobrepostos. Os mais antigos correspondem a dois veados orientados para a direita, formando um conjunto similar ao composto por **Pn11-01** e **Pn11-02**. Um destes (**QB56-01**) localiza-se num plano superior, tendo sido conseguido por picotagem, e abrasão nalguns sectores; algumas incisões no bordo traqueal parecem indiciar um esboço prévio do animal. A cabeça deste é de configuração sub-retangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral (este muito curto) retos; a zona do focinho é aberta, dele saindo um traço que poderá corresponder à língua; apenas uma haste foi representada, nela se observando, para além do tronco, o estoque e o contraestoque; atrás da haste surge a orelha; a partir desta desenvolve-se a cérvico-dorsal, de configuração côncava até à garupa, altura em que se torna convexa; a cauda é de configuração sub-retangular; a nádega é convexa; a pata traseira, sem casco é definida por um bordo caudal onde se configura o jarrete, e por um bordo cranial curvo; a zona inguinal é pronunciada e a linha ventral convexa; o bordo traqueal é reto e da pata dianteira só se observa o arranque do bordo cranial.

O outro veado (**QB56-02**) localiza-se mais abaixo, tendo a sua cabeça desparecido devido a fragmentação do suporte; é definido por picotagem e incisão; apenas se observa uma haste picotada de onde saem dois sulcos incisos, paralelos entre si, que poderão corresponder a uma das pontas da coroa; a cérvico-dorsal é direita até à garupa, onde arredonda; a cauda é foliforme; a nádega é quase reta, prolongando-se sem quebra pelo bordo caudal da pata traseira; o bordo cranial desta é reto e subparalelo relativamente ao anterior; a pata dianteira é semelhante; a linha ventral é convexa e o bordo traqueal côncavo.

Sobre **QB56-01** foi gravado por incisão múltipla e picotagem seguida de abrasão (utilizadas estas últimas exclusivamente na delimitação da cabeça) um auroque orientado para a direita (**QB56-03**); apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal côncava, focinho e bordo ventral retos; no interior observa-se a delimitação interna do focinho e dois traços correspondentes à boca e narina ou às duas narinas vistas segundo uma perspetiva biangular reta; os dois cornos, separados por uma nuca convexa, são

representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda curvo e o da direita em forma de S; a cérvico-dorsal é algo côncava, tornando-se convexa a partir do arranque da garupa; a cauda, deitada sobre a anca (e abaixo do ventre de **QB56-01**, com ela se confundindo) apresenta a usual raiz subtriangular; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois traços curvos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira corresponde a um triângulo; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; um traço inciso em frente da pata poderá esboçar o membro anterior remanescente. Relativamente à relação que esta figura estabelece com as previamente descritas, será de valorizar dois aspectos: após a gravação da nuca de **QB56-03** sobre a linha fronto-nasal de **QB56-01**, esta última foi abradida, como que a "camuflar a ordem das sobreposições; a forma peculiar da pata dianteira de **QB56-03** pode dever-se à intenção de não estabelecer uma ligação por sobreposição desta figura com **QB56-02**.

As restantes figurações animais encontram-se no sector esquerdo. A mais impressiva corresponde a um auroque orientado para a direita (**QB56-04**); cabeça, cornos, cérvico-dorsal e cauda foram definidos por incisão simples e múltipla; bordo traqueal, peito, patas, linha ventral e vassoura foram-no também por picotagem; a cabeça apresenta forma troncocónica com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; no interior reconhece-se a delimitação interna do focinho; os cornos, curvos e ligeiramente infletidos nas pontas, representaram-se segundo uma perspetiva biangular reta; a cérvico-dorsal apresenta cernelha e garupa ténues; o troço da cauda é linear, terminando em vassoura; a nádega é quase reta; a pata traseira, embora não chegando a fechar, apresenta forma triangular; a linha ventral apresenta zona inguinal acentuada, ventre convexo e cilheira algo côncava; a pata dianteira é definida por dois traços curvos subparalelos entre si; o peito é convexo.

Acima desta figura reconhece-se um macho de cabra montês definido por incisão simples e dupla, orientado para a esquerda (**QB56-05**); a cabeça é genericamente triangular; a linha fronto-nasal mostra clara demarcação entre a fronte e o chanfro; o focinho é arredondado, a ganacha convexa e o queixo reto; apenas um corno foi representado, sendo longo e apresentando ténue configuração em S; atrás localiza-se a orelha que se caracteriza pela forma oblonga; a cérvico-dorsal apresenta distinção entre o pescoço, dorso (excessivamente longo) e garupa; a zona da cauda/ nádega não foi gravada; a pata traseira é definida por dois bordos retos atirados para a frente; a linha ventral é longa e convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; um terceiro traço curvo, que se desenvolve a partir do bordo traqueal poderá corresponder ao segundo membro torácico; nesse caso estaríamos perante a representação do par de membros anteriores segundo uma perspetiva uniangular; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

A derradeira figura animal identificada na rocha localiza-se junto do canto inferior esquerdo e corresponde a um quadrúpede inciso, definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**QB56-06**); resume-se à zona anterior e é bastante esquemático; apresenta cabeça subtrapezoidal com linha fronto-nasal algo convexa, focinho e bordo ventral retos; uma curta nuca separa a cabeça da cérvico-dorsal reta; o bordo traqueal é profundamente côncavo.

Relativamente ao reportório não figurativo, associam-se a **QB56-01** e **QB56-03** uma unidade gráfica da chave IIb e uma da XIa. A **QB56-02** uma unidade gráfica da chave VIIa, seis da XIa, uma da XIb e duas da XIIIb. A **QB56-03** associam-se duas da VIIa, duas da IXb, uma da IXbb e sete da XIa. Todas as unidades gráficas deste sector foram incisas.

Já no sector da esquerda, associam-se a **QB56-04** uma unidade gráfica da chave VIII, três da XIa (uma delas picotada), uma da XIc e uma da XIIIa. A **QB56-05** associam-se uma da chave VIIa, uma da VIII, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da IXba, três da XIa, duas da XIb e uma da XIc, todas incisas. Para a direita de **QB56-05** observa-se duas da XIa, enquanto para a esquerda se distinguem uma da VIIa, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIc; foram todas incisas com exceção de uma da chave XIa. Para cima de **QB56-05** destaca-se uma unidade gráfica picotada da chave XIIIa; a ela associam-se diretamente uma série de outras incisas: uma da chave VIIa, duas da IXaa, uma da IXbb, duas da XIa e uma da XId. Para a direita observa-se outro conjunto de incisões não figurativas; distinguem-se uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Para a esquerda da unidade picotada observa-se um último conjunto de unidades gráficas não figurativas constituído pelos seguintes elementos: duas da IXa, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XId.

Rocha 60 (Fig. 25b): Foi dada a conhecer em 2011 (Reis, 2011, 104), tendo o seu decalque sido publicado em 2012 (Santos, 2012, 51). Localiza-se para su-sudoeste da anterior, na encosta definida a sul pela ribeira da Quinta da Barca, e a norte pela linha de água que bordeja por sul a encosta onde se localiza a rocha anterior; tal como no caso precedente, localiza-se a elevada altitude (380 m); trata-se de um painel vertical, de configuração subtrapezoidal, orientado para és-sudeste, de cor castanha; a superfície é regular, apresentando uma textura porosa.

O único animal do painel corresponde à representação parcial de um quadrúpede ora picotado, ora inciso (**QB60-01**); picotada é uma pata definida por dois bordos curvos divergentes e o arranque de um ventre convexo; se o traço inciso que se prolonga a partir daí e um outro, também inciso, situado mais acima pertencer a este animal, o quadrúpede orienta-se para a direita; se, pelo contrário, nenhum destes traços pertencer ao animal, existem fortes probabilidades do quadrúpede estar orientado para a esquerda.

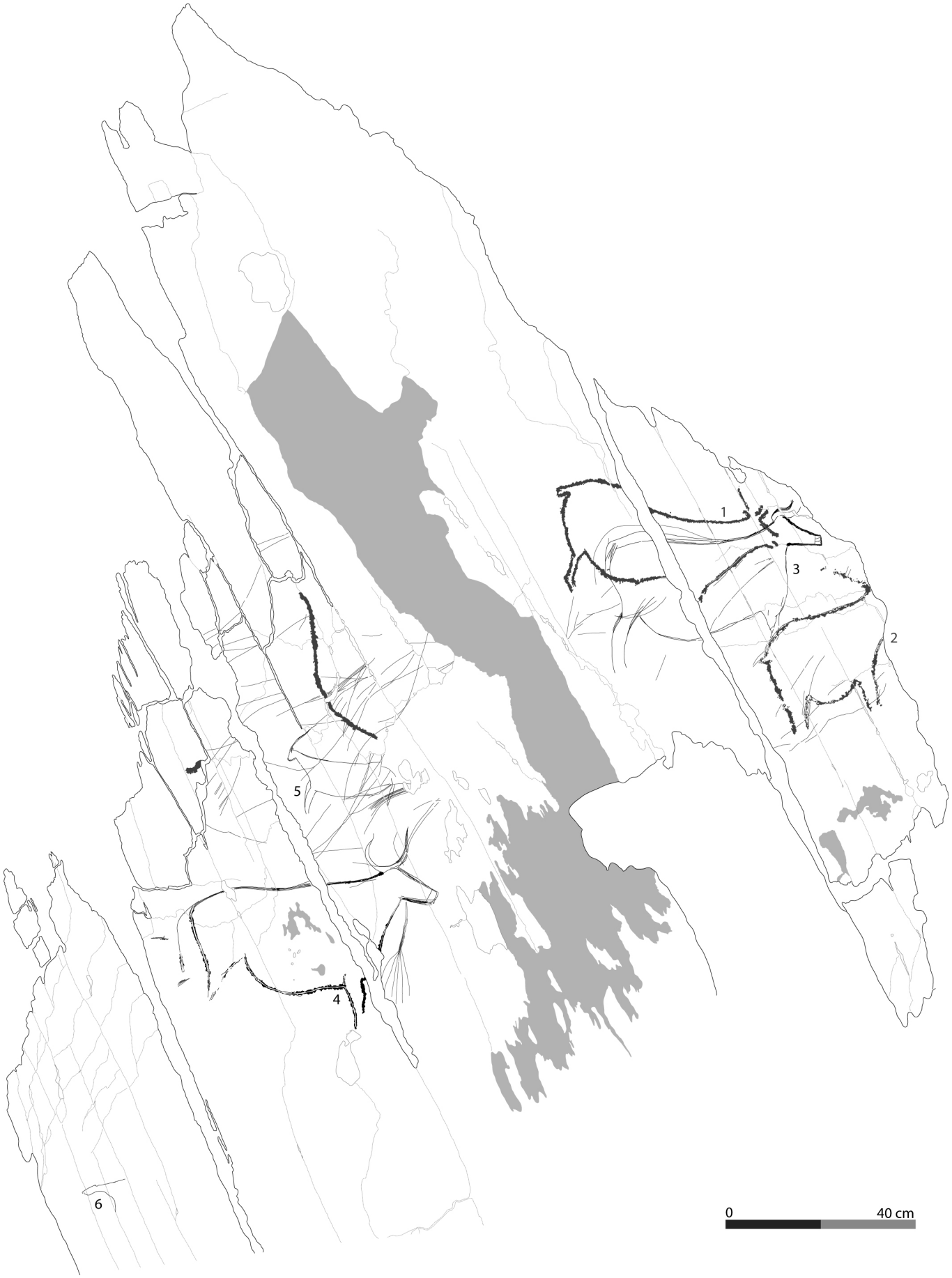


Fig. 26: Rocha 56 da Quinta da Barca (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com apoio de Mário Reis e do autor).

O resto do repertório gráfico é não figurativo; o topo da composição é encimado por uma unidade gráfica da chave IXa; as restantes unidades distribuem-se entre aquela e **QB60-1**, sendo todas incisas; é possível discriminar as seguintes: uma da chave IIIc, duas da IXa, duas da IXbb, uma da X, dezasseis da XIa, três da XIb, duas da XIc, uma da XIIIa e uma da XIIIb; refira-se ainda a

existência de alguns picotados isolados.

1.3: Penascosa

Rocha 1 (Fig. 27a): Foi pela primeira vez referida em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 367), tendo o seu decalque sido publicado em 2006 (Baptista, Santos & Correia, 2006, 181). Localiza-se a cerca de 27 m para su-sudeste da casa do vigilante, no sopé da vertente da Penascosa, a 132 m de altitude; trata-se de uma rocha de configuração subtrapezoidal, dividida em vários painéis subverticais orientados para oés-noroeste; apresenta a superfície muito alterada pelos agentes meteóricos; a cor é castanha; três dos quatro animais gravados atravessam os painéis em que a rocha se divide, evidência clara da grande antiguidade destas figurações.

Em cima observa-se os vestígios de um possível auroque picotado orientado para a direita (**Pn01-01**); dele observa-se a cauda em arco de círculo, o bordo caudal do membro posterior em que se reconhece o jarrete, a linha ventral convexa, e parte da cérvico-dorsal onde é evidente a cernelha pronunciada, característica que está por trás do nosso diagnóstico da espécie.

Ocupando os dois painéis da direita observam-se os vestígios picotados do que poderia ser um quadrúpede orientado para a esquerda (**Pn01-02**); apresenta pescoço levantado e estreito e linha ventral convexa; a ser correta a nossa leitura, a cabeça do quadrúpede encontrar-se-ia no interior do auroque referido anteriormente.

Abaixo observa-se vestígios picotados de um outro quadrúpede orientado para a esquerda (**Pn01-03**); apresenta linha ventral reta, pata dianteira possante e definida por bordo caudal reto e cranial curvo, peito convexo, bordo traqueal côncavo e bordo ventral da cabeça tenuemente convexo; em particular as últimas caraterísticas referidas impelem-nos a pensar nesta figura como um auroque.

No canto superior direito observa-se ainda o prótomo de um quadrúpede (cavalo?) picotado e orientado para a direita (**Pn01-04**); apresenta cabeça de configuração subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho arredondado.

Para além destas figuras, observa-se ainda vários traços picotados que poderão corresponder a unidades gráficas não figurativas; a ser assim, podemos identificar seis da chave XIa (duas associadas a **Pn01-01**, duas a **Pn01-02** e duas a **Pn01-04**) e uma da XIb (associada a **Pn01-01**); contudo, o estado de conservação do painel não nos permite ser assertivos nesta questão.

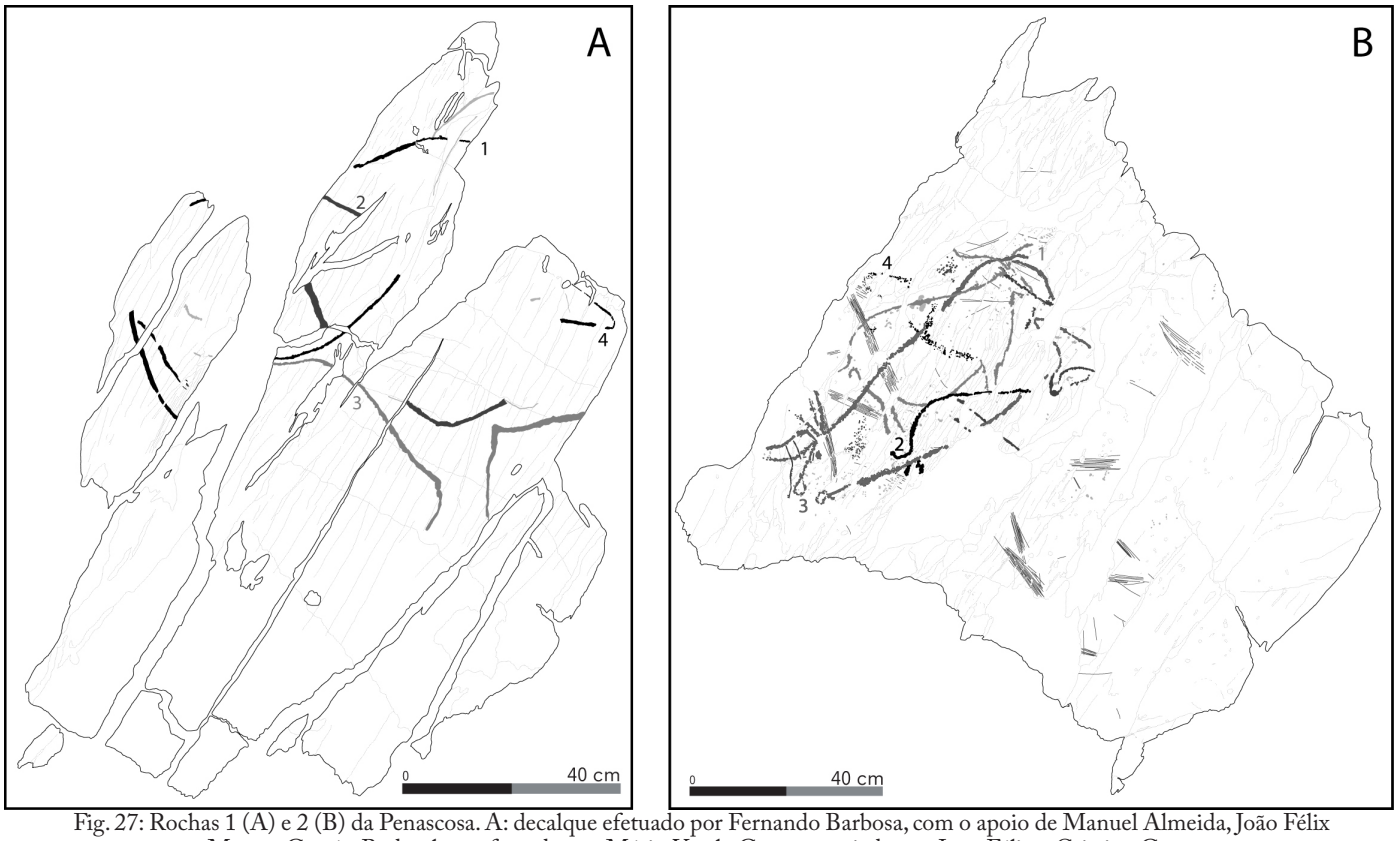


Fig. 27: Rochas 1 (A) e 2 (B) da Penascosa. A: decalque efetuado por Fernando Barbosa, com o apoio de Manuel Almeida, João Félix e Marcos García; B: decalque efetuado por Mário Varela Gomes, apoiado por João Félix e Cristina Gaspar.

Rocha 2 (Fig. 27b): Foi dada a conhecer em 1997, tendo o decalque sido publicado na ocasião (Baptista & Gomes, 1997, 328-329, 379). Localiza-se no sopé da vertente, a 134 m de altitude, imediatamente acima da rocha 3 e a cerca de 25 m para sul da rocha descrita previamente; corresponde a um painel subvertical orientado para noroeste, de cor castanha; apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície bastante alterada. Nela reconhece-se uma série de gravuras picotadas e incisas, estas últimas não figurativas. Os animais são todos executados por picotagem.

A gravura mais antiga corresponde a um macho de cabra-montês orientado para a direita (**Pn02-01**); apresenta uma cabeça de configuração subtriangular com o focinho arredondado; sob o seu bordo ventral observa-se uma pequena pera; os cornos são vistos em perspetiva biangular reta, sendo o da direita em forma de lira e o da esquerda curvo; por trás do da direita surge a linha cérvico-dorsal – ligeiramente convexa – que se prolonga até à cauda; esta é conformada por dois bordos curvos paralelos mas com as pontas divergentes; as patas, abertas na extremidade distal, são definidas por dois bordos; a linha ventral apresenta ventre curvo e cilheira reta; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

Em seguida gravou-se outra cabra-montês (**Pn02-02**), cuja garupa se junta ao ventre da anterior; orienta-se também para a direita, dela restando apenas o dorso reto, a garupa convexa e a cauda, semelhante à da que descrevemos anteriormente.

Em seguida gravou-se um veado inclinado para baixo e orientado para a esquerda (**Pen02-03**); apresenta linha fronto-nasal reta; focinho e beiços retos, encontrando-se a boca aberta; da zona do queixo sai o bordo traqueal – de configuração reta – que se prolonga até uma zona de fratura; os dois últimos aspectos referidos permitem-nos inferir que o animal se encontra com a cabeça levantada, em posição de brama. Das armações observam-se os estoques representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; do tronco das hastes apenas se observa o arranque; na cérvico-dorsal observa-se o garrote convexo, o dorso reto e a garupa arredondada; a nádega é arredondada e a cauda definida por traço curvo deitado sob aquela; da pata traseira observa-se o bordo cranial que é curvo; do que nos resta do ventre percebe-se que o animal dispunha de uma zona inguinal pronunciada.

O último animal a ser gravado corresponde a um cavalo ligeiramente inclinado para cima e orientado para a esquerda (**Pn02-04**); encontra-se parcialmente representado através de um picotado descontínuo; apresenta cabeça romba, crineira pronunciada, dorso côncavo e garupa algo reta, correspondendo esta última a "recuperação" do bordo caudal da pata dianteira de **Pn02-01**.

Relativamente ao repertório não figurativo, encontramos associadas a **Pn02-01** as seguintes unidades gráficas: uma da chave VIIa, quatro da XIa, uma da XIc e uma da XIIc (picotada). A **Pn02-01** e **Pn02-03** associam-se nove da XIa (uma delas picotada), uma da XIb e uma da XIc. A **Pn02-01** e **Pn02-04** associa-se uma da chave XIc. A **Pn02-02 e Pn02-03** associa-se uma da chave XIb picotada. A **Pn02-03** associam-se duas da chave IIb picotadas, quatro da chave XIa (duas delas picotadas), duas da chave XIb (uma delas picotada), duas da chave XIc, uma da chave XId e uma da chave XIIc picotada. A **Pn02-04** associa-se uma unidade gráfica incisa da chave XId. Para cima de **Pn02-01** observam-se duas unidades gráficas da chave XIa. Para baixo da mandíbula de **Pn02-03** observa-se uma unidade gráfica da chave XIa. As restantes unidades são todas incisas e concentram-se no sector direito do painel; são passíveis de isolamento as seguintes: uma da chave VIIa, duas da IXa, uma da IXab, dez da XIa, três da XIb e cinco da XIc. Refira-se por fim a existência de múltiplos impactos isolados, sobretudo na zona onde se encontram as figuras zoomórficas.

Rocha 3 (Fig. 28): Foi dada a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 10; 1995b, 14), tendo sido o seu decalque publicado em 1997 na mesma ocasião em que é descrita de forma aprofundada (Baptista & Gomes, 1997, 329-336, 380-381). Localiza-se imediatamente abaixo da rocha 2, a uma altitude de 132 m; distinguem-se três painéis, todos verticais e orientados para oés-noroeste; apresentam cor castanha sendo as sua superfícies regulares e algo porosas; uma série de lascamentos parecem por um lado ter condicionado pontualmente a composição e, por outro, serem responsáveis pela dificuldade de leitura em alguns sectores; refira-se também que o painel esquerdo se encontra bastante mais erodido que os seus congénere da direita; aquele apresenta forma subtriangular, nele se identificando apenas uma unidade gráfica da chave XId e diversos picotados dispersos pelo painel. A maior concentração de gravuras, essencialmente picotadas, dá-se nos painéis da direita, que apresentam forma subtrapezoidal. Por eles se espraia um dos dispositivos gráficos mais icónicos do Vale do Côa.

O estudo das sobreposições revela a existência de várias fases que, contudo, não se distanciarão muito no tempo.

Assim, na base da estratigrafia encontramos no painel da direita um conjunto de três machos de cabra-montês orientados para a direita e dispostos em "coluna" (**Pn03-01**; **Pn03-02**; **Pn03-03**); relativamente às armações, **Pn03-01** e **Pn03-03** apresentam duas dispostas em perfil biangular oblíquo, enquanto **Pn03-02** apenas apresenta uma disposta em perfil absoluto; as cabeças são subtriangulares (**Pn03-01** e **Pn03-02**) ou oblongas (**Pn03-03**); os corpos são definidos por cérvico-dorsais retas com garupas convexas, e linhas ventrais profundamente convexas; apenas dispõem de uma pata por par, sendo as extremidades distais deixadas em aberto; as caudas correspondem a dois traços curvos paralelos entre si e com as pontas divergentes. **Pn03-03** parece dispor de olho. O macho de cabra-montês da base do painel da esquerda (**Pn03-04**) – reduzido praticamente a um prótomo e também orientado para a direita – pelas suas semelhanças morfológicas com os do painel da direita (designadamente com **Pn03-02**) deverá pertencer à mesma fase. Pelo menos **Pn03-01** e **Pn03-04** apresentam evidências incisas de um esboço prévio à picotagem.

Em seguida foram também gravados em coluna um macho de cabra-montês orientado para a direita e com a cabeça virada para a frente (**Pn03-05**), a representação parcial de um cavalo com o corpo orientado para a esquerda e com a cabeça virada para trás (**Pn03-06**) e a representação parcial de um outro macho de cabra-montês orientado para a direita (**Pn03-07**).

Pn03-05 apresenta um corpo semelhante ao dos descritos até aqui; a cabeça é sugerida pelos dois cornos curvos dispostos

segundo uma perspetiva biangular reta e pela gravação dos olhos sob aqueles.

Pn03-06 é definido por um traço contínuo; a nádega (ou cauda) é algo encurvada, prolongando-se em curva pela cérvico-dorsal e bordo traqueal; este termina no arranque da ganacha convexa; o queixo é ligeiramente côncavo; o focinho é arredondado e em bico de pato; a linha fronto-nasal é convexa; a crineira perfaz um degrau e prolonga-se pelo bordo cervical de forma convexa.



Fig. 28: Penascosa 3 (decalque de A. M. Baptista, F. Barbosa e M. V. Gomes, apoiados por M. Almeida, J. Félix e C. Gaspar).

Pn03-07 está reduzido ao dorso, bordo cranial da pata dianteira, peito, pescoço e cabeça; esta é de forma oblonga e algo inclinada para baixo; os dois cornos são curvos, dispondo-se segundo um perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

Em seguida foi gravado um auroque orientado para a esquerda (**Pn03-08**), correspondendo a sua cauda à nádega de **Pn03-06**; a cérvico-dorsal é praticamente direita, apenas se evidenciando subtilmente a cernelha; a nádega é também praticamente reta; a pata dianteira apresenta configuração triangular, sendo o bordo cranial inciso; no caso da traseira, os bordos são curvos e terminados por um esboço de casco oblongo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a cabeça é sub-retangular, tendo o focinho desaparecido devido a fratura do suporte; os dois cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo; algumas incisões denotam a existência de um esboço prévio.

Em seguida foi gravada uma cérvico-dorsal sinuosa rematada por fronte reta que com ela perfaz um ângulo reto; a fronte termina no ventre do auroque descrito anteriormente; deste modo, a associação do que foi gravado *ex nihilo* com parte do ventre, zona inguinal e bordo cranial da pata traseira do auroque anterior, configura um quadrúpede orientado para a esquerda (**Pn03-09**) em clara posição de afrontamento relativamente ao capríneo **Pn03-07**; um arco de círculo que se desenvolve no topo da cabeça pode corresponder a um corno encurvado para a frente.

O conjunto formado por **Pn03-06**, **Pn03-07**, **Pn03-08** e **Pn03-09** corresponde a uma clara associação e a uma evidência da curta duração que está por trás da composição da rocha 3. Assim, o cavalo **Pn03-06** apresenta um corpo curto para que o auroque **Pn03-08** nele se encaixasse; por outro lado, a posição contraída da cabeça do capríneo **Pn03-07** dever-se-á à necessidade de espaço para a gravação do quadrúpede **Pn03-09**.

Sobre este conjunto e o capríneo **Pn03-03** foi gravado um auroque orientado para a direita (**Pn03-10**); apresenta um corpo semelhante ao já descrito; a cabeça é de forma troncocónica, nela se observando o olho e os dois traços correspondentes à narina e à boca ou às duas narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; a nuca é bem demarcada, saindo do seu topo os dois cornos curvos dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; este animal foi alvo de abrasão após ter sido picotado.

A última fase correspondeu à gravação de três auroques orientados para a esquerda e também dispostos em coluna (**Pn03-11**, **Pn03-12**, **Pn03-13**); apresentando corpos semelhantes, cada um deles individualiza-se pelas cabeças. Assim, o que se situa em plano superior (**Pn03-11**) tem uma cabeça virada para trás; esta apresenta configuração troncocónica com a ganacha algo modelada; no interior observa-se o traço da narina; os cornos são em lira, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular reta; este animal foi originalmente interpretado como tendo duas cabeças devido essencialmente à cérvico-dorsal que se parece prolongar até ao limite do painel e à existência de uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa que, embora separada do peito do animal foi interpretada como peito de uma segunda cabeça; contudo, pensamos que a interpretação pode ser outra e a ela voltaremos mais à frente.

O auroque do meio (**Pn03-12**) apresenta uma configuração da cabeça semelhante, com demarcação interna do focinho e do traço da boca; os cornos estão muito destruídos, percebendo-se, no entanto, que se disporiam segundo uma perspetiva biangular oblíqua; por trás do da esquerda observa-se o traço correspondente à orelha; refira-se também que o membro posterior deste animal apresenta a extremidade distal fechada em ângulo.

O auroque de baixo (**Pn03-13**) apresenta cabeça troncocónica com dupla demarcação interna do focinho; no interior observa-se ainda os traços da boca e narina ou das duas narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; os cornos (o da direita curvo e o da esquerda em S) dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, encontrando-se ligados pela nuca convexa; atrás do da esquerda observa-se a orelha. Refira-se que este animal, como os dois anteriores, foram todos alvo de abrasão.

Voltemos a **Pn03-11**; como referimos, este animal foi interpretado como tendo duas cabeças; contudo, o traço da cérvico-dorsal para a esquerda do pescoço da cabeça voltada para trás é diferente dos que conformam o resto do animal; e o arco de círculo interpretado como peito da primeira cabeça, para além de ser também distinto do ponto de vista da técnica, encontra-se deslocado; por outro lado, mais abaixo observa-se o bordo cranial curvo de uma pata traseira, uma linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto, uma pata dianteira definida por dois bordos retos, e arranque de peito convexo de um animal picotado orientado para a direita (**Pn03-14**); ora, nós interpretamos o traço lido previamente como bordo cervical da cabeça virada para a frente de **Pn03-11** como o de **Pn03-14**, que entretanto terá sido sobreposto pelo anteriormente referido.

No painel da direita observa-se ainda traços picotados que podem corresponder a representações parciais de outros quadrúpedes. Assim, em cima, sobre **Pn03-01**, **Pn03-02** e **Pn03-11**, reconhece-se uma linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto, pata dianteira de forma triangular e bordo traqueal reto de um quadrúpede orientado para a direita e ligeiramente inclinado (**Pn03-15**). Em baixo, sobrepondo a pata dianteira de **Pn03-07**, observa-se o que poderá corresponder à representação parcial de um equídeo orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn03-16**); foi gravado com um picotado distinto e parece-nos substancialmente mais esquemático; a cérvico-dorsal é pouco sinuosa se bem que se distingue ainda bordo cervical, dorso e garupa; a nádega é ligeiramente convexa e o bordo caudal da pata traseira também; a cauda é linear e atirada para trás; o bordo cranial da pata

dianteira corresponde ao prolongamento do pescoço, perfazendo ambos um traço côncavo.

Para além dos animais referidos até agora, observa-se no painel da esquerda dois quadrúpedes mais, orientados para a direita e conseguidos por picotagem; um deles (**Pn03-17**) apresenta cabeça retangular, uma orelha e um corno em gancho atirado para a frente; o pescoço é bem demarcado; a cérvico-dorsal é reta, assim como a nádega; a pata traseira é de forma triangular; a linha ventral apresenta ventre e cilheira retos, separados por inflexão do traço; o bordo traqueal é algo convexo; algumas incisões junto ao ventre parecem indiciar a existência de um esboço prévio.

O outro quadrúpede corresponde a um capríneo orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Pn03-18**); apresenta cérvico-dorsal tendencialmente reta, com ligeira saliência na zona do garrote e garupa/ anca arredondada; a pata traseira é definida por forma triangular (coxa) prolongada por traço reto (perna); os bordos ventrais do pescoço e do tronco são convexos; a cabeça parece ser em parte configurada pela microtopografia da rocha, encontrando-se virada para trás; a ser correta a nossa leitura, apenas o bordo ventral da cabeça – de forma convexa – foi gravada; a linha fronto-nasal (bastante modelada) e o corno curvo e atirado para trás – são formas naturais da rocha.

O garrote e a extremidade proximal da pata traseira do animal anterior marcam os pontos a partir de onde se desenvolve uma forma oblonga orientada para a direita e ligeiramente inclinada para cima que poderá corresponder a um prótomo picotado de um quadrúpede indeterminado (**Pen03-19**).

Passemos agora ao reportório não figurativo. Exclusivamente associados a **Pn03-01** encontramos uma unidade gráfica da chave VIIa, duas da XIa (uma delas picotada) e duas da XIb. A **Pn03-01**, **Pn03-11** e **Pn03-14** associam-se uma da IXa, sete da XIa (duas delas picotadas), uma da XIb e duas da XIc. Associadas a **Pn03-11** e **Pn03-14** encontram-se seis da XIa e uma da XIb. A **Pn03-02**, **Pn03-11** e **Pn03-14** associam-se uma da IXaa e três da XIa. A **Pn03-02**, **Pn03-11**, **Pn03-12** e **Pn03-14** associa-se uma da IIIc. A **Pn03-02**, **Pn03-12** e **Pn03-14** associam-se uma da IXa, seis da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Exclusivamente a **Pn03-14** associam-se quatro unidades gráficas da chave XIa, sendo uma delas picotada (o presumível peito da segunda cabeça de **Pn03-11**). A **Pn03-02** e **Pn03-12** associa-se uma da XIc. Exclusivamente a **Pn03-12** associa-se uma da chave XIa. A **Pn03-02**, **Pn03-05** e **Pn03-12** associa-se uma da XIa. A **Pn03-02** e **Pn03-05** associam-se quatro da XIa (uma delas picotada) e três da XIb. Exclusivamente associada a **Pn03-02** está uma unidade gráfica da chave XIa. Exclusivamente associadas a **Pn03-05** encontram-se uma unidade gráfica da chave IIb e uma da XIa. A **Pn03-05** e **Pn03-13** associam-se duas da XIc. A **Pn03-03**, **Pn03-05** e **Pn03-13** associa-se uma da XIa. Entre **Pn03-03** e **Pn03-05** observa-se uma da XIa. A **Pn03-03** e **Pn03-10** associam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da X e três da XIa. A **Pn03-03**, **Pn03-10** e **Pn03-13** associam-se duas da IXbb, cinco da XIa (uma delas picotada), quatro da XIb duas da XIc. A **Pn03-03** e **Pn03-10** associam-se uma da chave X e outra da XIa. Exclusivamente a **Pn03-03** associa-se uma da IXaa. A **Pn03-10** e **Pn03-13** associam-se uma unidade da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Exclusivamente a **Pn03-13** associam-se uma da IXa e quatro da XIa. A **Pn03-06** e **Pn03-10** associam-se uma da IXbb, sete da XIa e duas da XIb. A **Pn03-08** e **Pn03-10** associam-se três da XIa. Exclusivamente a **Pn03-10** associam-se uma da VIIa, duas da IIIc, quatro da IXa, uma da IXb, seis da XIa e seis da XIb. A **Pn03-08** e **Pn03-10** associa-se uma unidade da chave IIb, picotada. A **Pn03-07** e **Pn03-08** associam-se três da XIa (uma delas parcialmente picotada). A **Pn03-08** e **Pn03-09** associam-se outras três da XIa. Exclusivamente a **Pn-03-08** associam-se duas da XIa (uma delas picotada). A **Pn03-09** associa-se uma da chave IXa. A **Pn03-16** associam-se cinco da XIa (uma delas picotada), uma da XIc e uma da XIIa, esta última picotada.

No painel da esquerda associam-se a **Pn03-04** uma unidade gráfica da chave IXb e uma da XIa (picotada). A **Pn03-17** associam-se quatro unidades da XIa e uma da XIb. A **Pn03-18** associam-se duas da XIa e uma da XIb. Entre **Pn03-04** e **Pn03-17** identificam-se ainda duas da XIIc picotadas.

As restantes unidades gráficas não figurativas encontram-se para a direita dos animais do painel direito. Identificam-se as seguintes unidades gráficas: uma da chave IIIc, três da VIIa, quatro da IXa, cinco da IXaa, quatro da IXb, uma da IXba, três da IXbb, uma da X, trinta e seis da XIa, dezoito da XIb, nove da XIc, uma da XIIc (picotada) e duas da XIIIb (uma delas picotada). Refira-se ainda a existência de uma série de picotados soltos, particularmente sobre os animais.

Rocha 4 (Fig. 29): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 336-339, 382-385). Localiza-se a cerca de 30 m para su-sudoeste da anterior, a uma altitude de 123 m. Distinguem-se dois espaços parietais, identificados na publicação original como painéis A e B. O primeiro corresponde a uma superfície de configuração subtrapezoidal de cor castanho-acinzentada; uma anfractuosidade diagonal da rocha divide-a em dois painéis com inclinações diferentes: um superior subvertical e um inferior vertical, orientando-se ambos para oés-noroeste; a superfície inferior é regular e lisa, enquanto a superior – mais sujeita aos agentes meteóricos – se encontra muito mais erodida.

É na superfície superior que se encontram os motivos mais antigos, exclusivamente picotados. O que se encontra na base da estratigrafia corresponde a um quadrúpede (auroque ou cavalo, a avaliar pela cauda) orientado à direita e inclinado para cima (**Pn04-**

01); dele observa-se: uma pata por par, ambas abertas na extremidade distal; a linha ventral convexa; parte do dorso; o que pode corresponder a parte do bordo traqueal; uma cauda longa e atirada para trás.

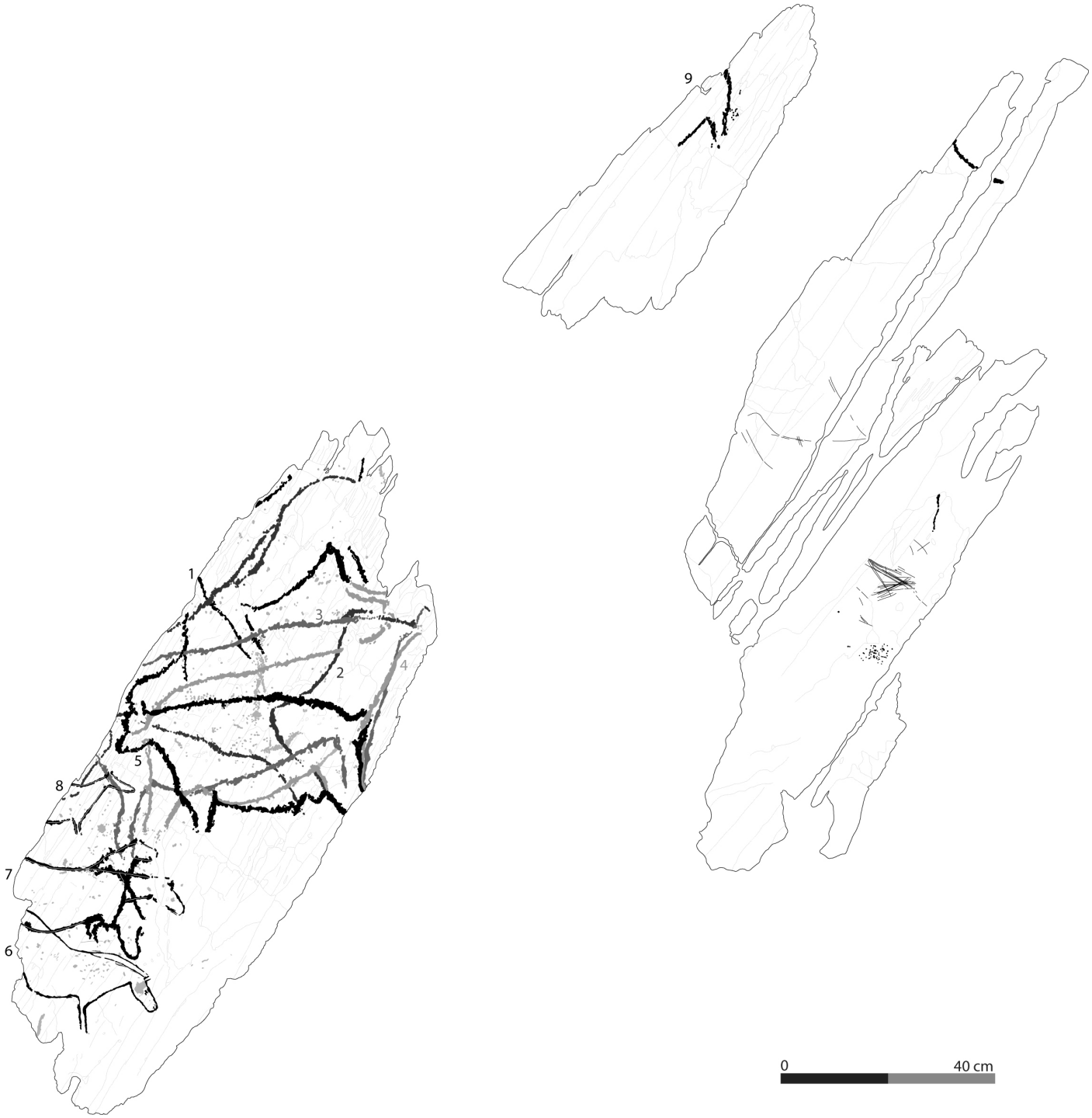


Fig. 29: Rocha 4 da Penascosa (decalque de M.V. Gomes, apoiado por J. Félix e C. Gaspar; a relação entre painéis é aproximada).

Em seguida foi gravado um cavalo orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**Pn04-02**); o corpo é semelhante ao anterior; na zona do dorso parece existir uma descontinuidade; a cauda não se identifica; da cabeça observa-se a ganacha pronunciada, o queixo convexo e o arranque de um focinho arredondado.

Após o cavalo, foi gravado um quadrúpede orientado para a direita (**Pn04-03**), do qual restam as patas (uma por par e abertas na extremidade distal), a linha ventral semielíptica e a cérvico-dorsal sinuosa onde se aprecia um garrote bem evidenciado.

Em seguida foi gravado um capríneo orientado para a direita (**Pn04-04**), cuja linha fronto-nasal corresponde a reaproveitamento do bordo cranial da pata traseira de **Pn04-02**; a cabeça é de forma subtriangular; possui um corno em S(?) definido pelos dois bordos; a cérvico-dorsal é reta, com garupa arredondada; a linha ventral é semielíptica; as patas são apenas uma por par e abertas nas extremidades distais; a cauda corresponde a dois traços retos paralelos entre si, dispostos na diagonal.

Segue-se a representação de um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**Pn04-05**); apresenta uma cabeça onde

se distingue claramente a fronte do chanfro, e o queixo da ganacha, observando-se a boca no interior; o focinho é convexo; apenas um longo corno em S foi gravado; atrás deste situa-se a orelha de onde arranca a cérvico-dorsal convexa; a cauda é definida por dois traços retos paralelos entre si e apontados para cima; as patas são semelhantes às que temos vindo a descrever; na linha ventral, de configuração convexa, identifica-se a bainha.

As restantes figurações localizam-se já no painel vertical e são, pelo menos, posteriores a **Pn04-03**; correspondem a equídeos orientados para a direita; são figuras de menores dimensões e encontram-se total ou parcialmente abradidas.

O equino da base (**Pn04-06**) apresenta uma cabeça bem modelada com narina e olho no interior; as duas orelhas dispõem-se em perspetiva biangular reta; atrás de uma delas sai a crineira que apresenta demarcação interna; a cérvico-dorsal é marcadamente em S; a pata dianteira é definida por dois bordos paralelos sem ligação na extremidade distal; a linha ventral é profundamente convexa e os quartos traseiros encontram-se ausentes (ou porque o suporte se fraturou ou porque nunca se gravaram).

O segundo equídeo (**Pn04-07**) localiza-se acima deste, sobrepondo-o em parte; tem três cabeças e dois pares de patas dianteiras; as cabeças não apresentam qualquer detalhe; tal como no caso anterior, não se observa os quartos traseiros. A existência de três cabeças e a posição do cavalo relativamente ao descrito anteriormente sugere-nos a ideia de estarmos perante uma cena de acasalamento; neste caso, o equídeo da base corresponderia a uma égua e as três cabeças corresponderiam à desmontagem gráfica do movimento de descida da cabeça do macho até morder a crineira da fêmea.

O último equídeo (**Pn04-08**), também sem quartos traseiros, localiza-se acima; com características semelhantes aos anteriores ao nível do corpo, destaca-se pela sua cabeça alongada e pontiaguda.

Ao nível do repertório não figurativo devemos destacar entre vários impactos isolados uma série de unidades gráficas picotadas; entre o dorso de **Pn04-04** e **Pn04-05** observa-se uma unidade gráfica da chave IXa; a cruzar o bordo caudal da pata dianteira de **Pn04-02** observa-se uma da XIa; entre os bordos caudais das patas dianteiras de **Pn04-03** e **Pn04-04** identifica-se uma da XIa; a cruzar o bordo cranial da pata da esquerda de **Pn04-07** identifica-se outra da XIa; no interior de **Pn04-06** observa-se uma da chave XIIc picotada; abaixo desta figura reconhece-se uma da XIa; merece ainda consideração uma covinha localizada entre **Pn04-03**, **Pn04-07** e **Pn04-08**; esta covinha poderá com muitas reservas configurar o olho de um prótomo de cavalo orientado para a esquerda e inclinado para cima, conformado pela cérvico-dorsal de **Pn04-07** (que passa a crineira), bordo caudal da pata traseira de **Pn04-03** (que passa a linha fronto-nasal) e bordo traqueal de **Pn04-08** (que passa a bordo ventral da cabeça).

O outro painel (publicado como 4b) encontra-se num plano mais recuado (no sentido da vertente), correspondendo a uma superfície subtrapezoidal de cor castanho-acinzentada, orientada também para oés-noroeste; a superfície é irregular e algo porosa; encontra-se extremamente lascada.

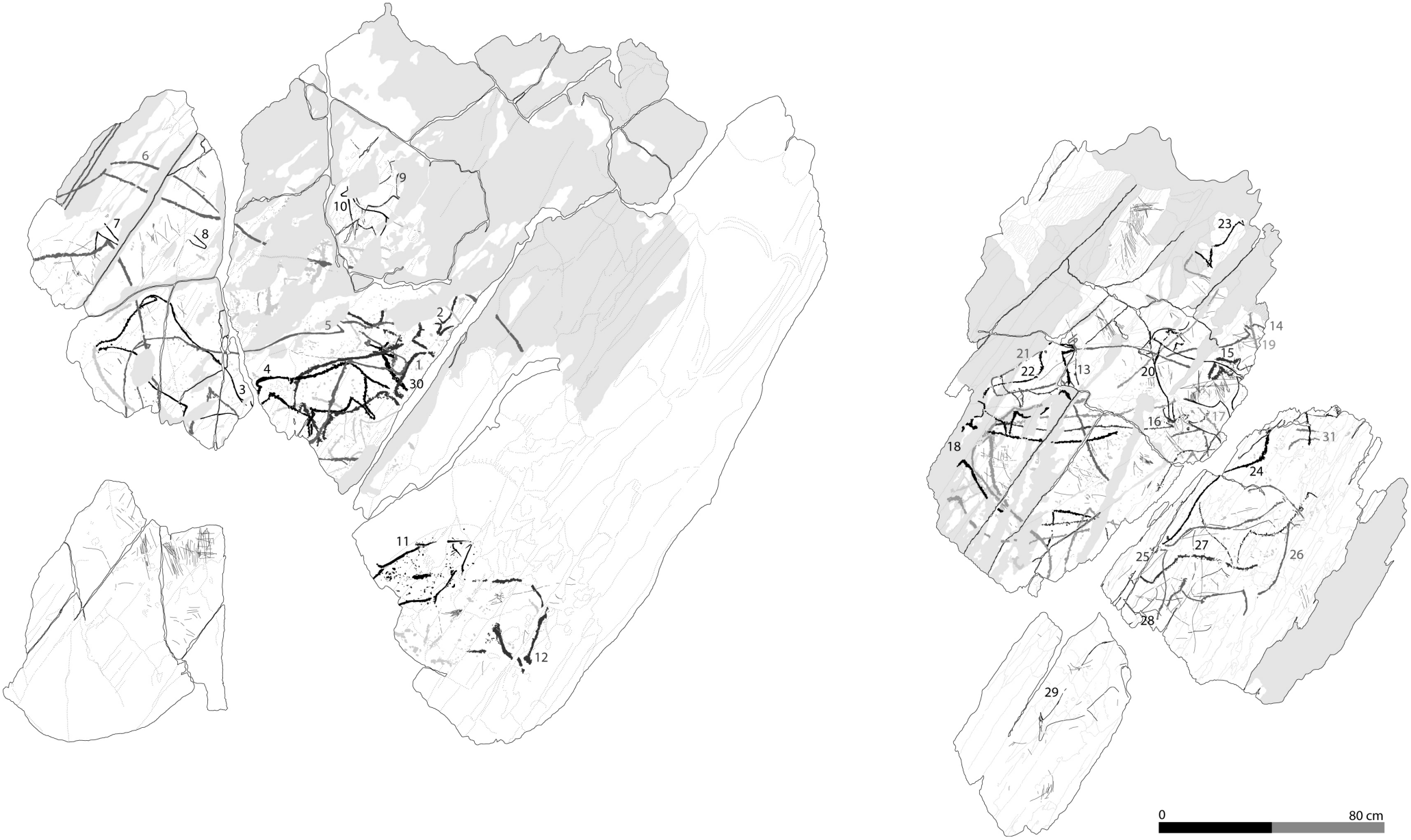
No canto superior esquerdo encontra-se o que poderá corresponder à representação parcial de um quadrúpede picotado, inclinado para cima e orientado para a direita (**Pn04-09**); apresenta peito convexo; pata dianteira conformada por dois traços retos paralelos entre si e cilhadouro reto (é esta característica que condiciona a nossa interpretação relativa à orientação do animal. Para a direita, uma unidade gráfica picotada da chave XIa poderá corresponder à cérvico-dorsal de um animal. Abaixo reconhece-se um primeiro conjunto de unidades gráficas incisas; identificam-se uma da chave IXa, uma da XIa, três da XIb e uma da XIIIb.

Para a direita encontram-se outras unidades gráficas não figurativas: uma unidade picotada da chave XIIIb e limitado inferiormente por uma, também picotada, da chave XIIc; ao centro encontram-se as seguintes unidades, todas incisas: uma da chave Ib, uma da IXb, uma da X, duas da XIa e duas da XIb. Para a esquerda observa-se pelo menos três impactos isolados.

Rocha 5 (Fig. 30): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 340-347, 386-391). Localiza-se a cerca de 14 m para sul da anterior a uma cota de 120 m de altitude; corresponde a um imenso paredão de configuração sub-retangular cujas fraturas o dividiram em distintos painéis; estes apresentam superfícies algo irregulares (em particular o do canto inferior direito do sector da esquerda) e lisas; orientam-se para oés-noroeste, sendo de cor castanho-acinzentada; todo o espaço parietal se apresenta muito lascado e erodido. Uma zona de vazio separa dois grupos de painéis; dado este facto, e para efeitos de descrição, dividimos a rocha em dois sectores; a organização espacial das figuras nos painéis permite-nos pensar que já no Pleistoceno cada um daqueles foi tratado como um painel autónomo.

No sector esquerdo encontram-se três painéis verticais; o maior situa-se em cima, sendo nele que se encontra o maior número de figurações, a par de uma grande diversidade de dimensões. O painel, embora aparentemente confuso, corresponde a um dos melhores exemplos de organização com base nas associações. O estudo das sobreposições permite-nos perceber a sequência de gravação do painel.

Assim, o primeiro animal a ser gravado corresponde a uma cerva picotada, disposta subverticalmente e orientada para a esquerda (**Pn05-30**); está reduzida à linha fronto-nasal reta, às duas orelhas lineares dispostas em perfil biangular reto e à cérvico-dorsal algo côncava; no interior parece observar-se o olho.



Rocha 5 da Penascosa (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e António Martinho Baptista).

Em seguida foi picotado um veado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Pn05-01**); apresenta cabeça subtriangular, sobre a qual se encontra um estoque e uma haste atirada para trás; nesta poder-se-á eventualmente identificar a ponta intermédia; o focinho encontra-se aberto, podendo um traço em frente corresponder à língua do animal; as linhas cérvico-dorsal e ventral são algo convexas; o bordo traqueal é reto; a cauda apresenta-se, como é usual, em "gomo de laranja", sendo em parte recoberta por cavalo feito em seguida; apenas se gravou uma pata por par, sendo ambas abertas nas extremidades distais. Em frente a esta figura encontra-se uma cerva picotada de pequenas dimensões (**Pn05-02**), orientada para a esquerda e inclinada ligeiramente para baixo, como que afrontando o macho; embora as dimensões das figuras sejam muito díspares, quer o estudo das sobreposições quer a posição dos animais leva-nos a pensar numa associação pensada; a cerva está reduzida aos seus traços essenciais; uma linha define uma das orelhas e a cérvico-dorsal; uma outra configura a orelha remanescente e a linha fronto-nasal; uma última configura os bordos ventrais da cabeça e pescoço; as orelhas estão dispostas em perfil biangular oblíquo, o dorso é côncavo assim como o bordo traqueal; a cabeça é de forma quase retangular e, como no caso do animal anterior, encontra-se em aberto na zona do focinho.

Seguidamente gravou-se uma outra associação de animais, ambos picotados: um auroque e um cavalo, ambos inclinados para baixo, com as cabeças praticamente tocando-se, e perfazendo *grosso modo*, no seu conjunto, um V. O auroque (**Pn05-03**) orienta-se para a direita, encontrando-se a sua cabeça praticamente destruída devido à fratura do suporte; a cérvico-dorsal é sinuosa e a cauda enrola-se sobre o flanco; as patas apresentam-se abertas nas extremidades, aparecendo na traseira a representação do jarrete; a linha ventral é convexa. **Pn05-04** orienta-se para a esquerda; apresenta crineira em escada, ganacha arredondada, cérvico-dorsal suave, a partir da qual se desenvolve a cauda; o bordo traqueal é convexo e as patas são semelhantes às dos animais que temos vindo a descrever; um casco arredondado parece esboçar-se na pata traseira. Os dois animais que foram gravados em seguida devem conformar outra associação auroque/ cavalo, desta feita por sobreposição. Tratam-se das maiores figuras do painel. A primeira a ser gravada corresponde a um auroque picotado orientado para a direita (**Pn05-05**); apresenta uma cabeça troncocónica ligeiramente estrangulada no interface queixo/ ganacha; no seu interior observa-se o que poderá corresponder ao olho, e a delimitação interna do focinho; no topo está gravado um corno em curva e contracurva, atirado para a frente; atrás deste situa-se a orelha; daqui arranca uma cérvico-dorsal sinuosa que se prolonga pela cauda do animal; dele observa-se ainda o bordo traqueal e parte da nádega/ coxa traseira, tendo o resto desaparecido por fratura do suporte. O cavalo (**Pn05-06**), também picotado, orienta-se para a esquerda e ocupa praticamente todo o painel; da cabeça observa-se uma linha fronto-nasal ligeiramente côncava, ganacha convexa e queixo quase reto; a crineira está ligeiramente alteada e apresenta delimitação interna; da cérvico-dorsal observa-se alguns "fragmentos" que escaparam à erosão do painel, percebendo-se que a linha que a configuraria se prolongava por uma cauda atirada para trás; do animal observa-se ainda o bordo traqueal côncavo, o peito convexo, a pata dianteira e parte da linha ventral.

Sobreposta pela ganacha do cavalo encontra-se um prótomo muito estilizado de um cavalo orientado para a direita (**Pn05-07**), e no interior do pescoço um outro (**Pn05-08**), também orientado naquela direção, sendo ambos picotados e abradidos; o primeiro apresenta bordo traqueal ligeiramente côncavo e cabeça alongada, com a linha fronto nasal algo convexa na zona da fronte e reta na do chanfro; a ganacha é algo convexa e o queixo reto; a zona terminal do focinho desapareceu devido a fractura do suporte. **Pn05-08** está reduzido à cabeça, apresentando esta as mesmas características da anterior; neste caso a terminação do focinho está presente, sendo esta reta.

Acima do dorso do equídeo **Pn05-06** encontram-se ainda duas cervas picotadas e abradidas: uma orientada para a direita, ligeiramente inclinada para cima (**Pn05-09**) e uma outra, que sobrepõe a anterior, orientada para a esquerda (**Pen05-10**). **Pn05-09** apresenta pescoço longo e linha fronto-nasal reta; da nuca surge o que poderá corresponder a uma orelha linear; a linha cérvico-dorsal é reta e a ventral convexa; também convexa é a nádega; as patas são abertas nas extremidades distais, sendo a traseira configurada por dois bordos curvos paralelos entre si e a dianteira – atirada para a frente – por dois retos. **Pen05-10** apresenta pescoço longo e esguio; a cabeça, de forma subtriangular apresenta linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; no topo observa-se uma corno; a cérvico-dorsal é de tendência côncava, arredondando na zona da garupa; a linha ventral é semielíptica; a cauda é curta, correspondendo a prolongamento da cérvico-dorsal; as patas são apenas uma por par, apresentando forma triangular.

Uma série de outros traços picotados são perceptíveis no painel; contudo, o elevado grau de lascamento do painel não nos permite perceber se nos encontramos perante restos de animais ou de unidades gráficas não figurativas; relativamente às incisões, tal discernimento é mais objectivo; assim, associadas a **Pn05-03** e **Pn05-06** encontramos quatro unidades gráficas da chave XIa. Sob a pata traseira de **Pn05-03** encontramos uma da XIa e outra da XIc. A **Pn05-07** associa-se uma da XIb. A **Pn05-06** e **Pn05-08** associam-se uma da IIb e uma da XIa. A **Pn05-05** e **Pn05-06** associam-se duas da XIa. A **Pn05-06** associam-se duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXc, duas da X, cinco da XIa, duas da XIb, duas da XIc e duas da XId. Sob a mandíbula daquela figura identifica-se duas da IXb, quatro da XIa, seis da XIb e uma da XId; acima da crineira do animal identifica-se uma da chave X, cinco da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. Para cima de **Pn05-09** identifica-se uma da XIb. À direita de **Pn05-10** observa-se duas da XIa.

O segundo painel deste sector encontra-se imediatamente abaixo à direita, correspondendo a uma superfície algo convexa;

nele observa-se um peixe (**Pn05-11**) e um quadrúpede indeterminado (**Pn05-12**), ambos picotados, tendo o primeiro sido também regularizado por abrasão. O peixe orienta-se para a direita, encontrando-se ligeiramente inclinado para cima; a cabeça é triangular, observando-se no seu interior o olho, a boca e o opérculo; quer o dorso quer o ventre (ambos convexos) apresentam barbatanas: duas dorsais e uma ventral; refira-se também que o peixe foi gravado de forma a que a convexidade da rocha se identificasse com o volume do seu corpo. O quadrúpede orienta-se para a esquerda, dele faltando a dianteira devido a fratura do suporte; a avaliar pelo dorso e cauda poderá corresponder a um cervídeo; a linha cérvico-dorsal é reta, assim como a ventral; a pata traseira apresenta clara distinção entre a coxa e a perna. O repertório não figurativo deste painel é composto por diversas unidades gráficas incisas; associadas a **Pn05-11** encontramos uma unidade gráfica da chave XIc. A **Pn05-12** associam-se uma da IIIc, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc; à direita da figura observa-se uma da XIa e duas da XIb; para baixo de **Pn05-12** observa-se uma da XIa.

painel remanescente situa-se no extremo inferior esquerdo; Aí só se reconhece um grupo de unidades gráficas não figurativas, gravadas por incisão; é possível a discriminação das seguintes: uma da chave IIb, uma da IIIc, uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXb, catorze da XIa, quatro da XIb, três da XIc e seis da XId.

No sector direito identificam-se outros três painéis; o que se encontra em cima à esquerda é o de maiores dimensões, sendo nele que se concentra a maioria de unidades gráficas; é também aqui que se encontra a maior diversidade no que diz respeito à dimensão das gravuras, situando-se as menores na base da sequência estratigráfica. Assim, à esquerda em cima localiza-se um quadrúpede orientado para a direita (**Pn05-13**); dele observam-se as patas (uma por par, sendo ambas abertas na extremidade distal), linha ventral profundamente convexa e bordo traqueal longo e convexo; o resto do animal está perdido devido a fratura do suporte.

Para a direita, junto do limite do painel observa-se parte do dorso, a orelha (definida por dois traços retos paralelos atirados para trás) e o arranque do corno de um auroque orientado para a direita (**Pn05-14**). Deste animal parece ainda observar-se o bordo caudal do membro anterior e o cilheira reta.

Abaixo observa-se pequeno prótomo de equídeo orientado para a esquerda (**Pn05-15**); apresenta crineira quase reta e arranque do dorso direito; a cabeça é de forma sub-retangular com focinho arredondado e ganacha pronunciada; o bordo traqueal é algo convexo.

Sobrepondo-se à última figura referida, encontra-se a cabeça de um auroque picotado, orientado para a direita (**Pn05-16**); apresenta linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho arredondado e bordo ventral onde se releva tenuemente a ganacha; no interior observa-se o olho; os cornos são curvos e dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; atrás de um destes observa-se a orelha a partir da qual arranca a cérvico-dorsal sinuosa que se prolonga praticamente até ao limite oposto do painel; desta figura identifica-se ainda o bordo traqueal e o ventre, ambos retos, assim como bordo caudal da pata dianteira.

Sobre ela foi gravado um outro quadrúpede de grandes dimensões orientado para a direita (**Pn05-17**); dele observa-se a cérvico-dorsal reta, a linha fronto-nasal ligeiramente convexa; no interior parece observar-se o olho. Do animal observa-se ainda o arranque do bordo caudal da pata anterior e o bordo ventral do tronco com ventre convexo e cilhadouro reto.

Em seguida gravou-se um auroque orientado para a esquerda (**Pn05-18**), do qual se observa um corno em S, os arranques da fronte e da ganacha, a cérvico-dorsal algo côncava, o bordo traqueal convexo, a cilheira reta e o arranque do bordo caudal da pata dianteira.

A unidade seguinte a ser gravada corresponde à maior figura do painel, tratando-se de um auroque orientado para a direita e inclinado para cima (**Pn05-19**); dele restam: a pata traseira (aberta na extremidade distal), o arranque do ventre convexo, a zona do codilho, a cauda recolhida, a cérvico-dorsal com garupa e dorso evidenciados; o bordo traqueal; um corno em gancho atirado para a frente.

Em seguida, e sobrepondo também **Pn05-14** e **Pn05-15**, foi gravado um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**Pn05-20**); contrariamente às restantes figuras do painel que foram executadas por picotagem, esta foi conseguida por abrasão; apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal tenuemente convexa, focinho apontado e ganacha arredondada; a pera, que corresponde ao prolongamento do queixo, está atirada para trás; no interior da cabeça observa-se a boca e o olho; os cornos apresentar-se-iam em perspetiva biangular reta; o esquerdo apresenta forma em S; do direito apenas resta o arranque, interrompido que foi pela fratura do suporte; atrás do corno esquerdo localiza-se a orelha, a partir da qual arranca a cérvico-dorsal que é direita até à zona da garupa onde arredonda; a cauda é definida por três traços dispostos na horizontal, sendo os das extremidades curvos; as patas (apenas uma por par) encontram-se abertas nas extremidades distais. Num segundo momento foi gravada por picotagem uma outra cabeça virada para trás; esta apresenta forma troncocónica, observando-se no interior o olho; o corno está recolhido e atirado para a frente, disposição estranha para esta espécie e que terá que ver com a pré-existência do corno esquerdo da cabeça original.

Em seguida (também sobrepondo **Pn05-13**) foi gravada uma representação parcial de um auroque picotada e orientada para a esquerda (**Pn05-21**); apresenta cabeça troncocónica, tendo a delineação da linha fronto-nasal sido condicionada pela fracturação da

rocha; no interior observa-se o olho; na nuca observa-se o arranque de um corno e a orelha semielíptica; o sector gravado da cérvico-dorsal apresenta cernelha evidenciada; o bordo traqueal é algo côncavo e o peito convexo; uma fratura acima da cabeça parece ter sido reaproveitada como corno.

Sobre a cabeça desta figura foi picotado um equídeo orientado para a direita (**Pn05-22**); apresenta cabeça sub-retangular, pescoço alteado, cérvico-dorsal longa e sinuosa, nádega exageradamente arredondada; uma pata por par, sendo ambas abertas nas extremidades distais, e linha ventral profundamente convexa.

Refira-se ainda um quadrúpede conseguido por picotagem, orientado para a direita e inclinado para cima (**Pn05-23**); localiza-se à direita do corno de **Pn05-19**; dele restam a linha ventral e as patas; estas são definidas por dois bordos retos convergentes nas extremidades distais e aquela apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo.

Como verificado em casos anteriores, também neste painel se observa uma série de impactos e traços picotados, podendo alguns destes últimos corresponderem a vestígios de unidades gráficas; como nos casos anteriores apenas nos debruçaremos sobre as unidades incisas, de natureza não figurativa. Associadas a **Pn05-13**, **Pn05-21** e **Pn05-22** observa-se uma da chave XIb. A **Pn05-13** e **Pn05-22** observa-se uma da XIa e uma da XIIIb. A **Pn05-14** associa-se uma da XIa. A **Pn05-14** e **Pn05-19** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, sete da XIa e duas da XIb. A **Pn05-14**, **Pn05-15**, **Pn05-19** e **Pn05-20** associa-se uma da XIa e outra da XIb. A **Pn05-16** associam-se seis da IXa, nove da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **Pn05-16** e **Pn05-21** associa-se uma da XIa. A **Pn05-16** e **Pn05-17** associa-se uma da XIb. A **Pn05-16**, **Pn05-18** e **Pn05-21** associam-se uma da IXa e três da XIa. A **Pn05-18** associam-se cinco da XIa. A **Pn05-17**, **Pn05-18** e **Pn05-19** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, oito da XIa, cinco da XIb e uma da XId. A **Pn05-18** e **Pn05-19** associam-se duas da X, catorze da XIa, quatro da XIb e duas da XId. A **Pn05-19** associam-se quatro da XIb. A **Pn05-19** e **Pn05-21** associa-se uma da IIIc. A **Pn05-14**, **Pn05-19**, **Pn05-20** e **Pn05-21** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, três da IXb, duas da IXbb, duas da X, quatro da XIa, quatro da XIb, duas da XIc e uma da XId. A **Pn05-21** associam-se quatro da XIa e uma da XIb. A **Pn05-19**, **Pn05-20** e **Pn05-21** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. A **Pn05-21** associam-se três da XIa e uma da XIb. Finalmente, no espaço superior do painel, à direita e acima das unidades gráficas figurativas, identificam-se ainda uma unidade da chave IXa, uma da IXab, uma da IXb, catorze da XIa, sete da XIb, cinco da XIc, uma da XId e uma da XIIIa.

O segundo painel deste sector encontra-se à direita e abaixo do descrito anteriormente. De entre as várias figuras identificadas, a primeira a ser executada corresponde a um cavalo picotado orientado para a direita e inclinado para cima (**Pn05-24**); da sua cabeça restam o focinho arredondado e o bordo ventral onde se individualizam bem a ganacha e o queixo; o bordo traqueal está reduzido ao seu arranque; a linha cérvico-dorsal é sinuosa, prolongando-se por uma cauda atirada para trás; das patas foi representada a traseira (aberta na extremidade distal e em forma de V) e o bordo caudal da dianteira; a linha ventral é profundamente convexa.

Aproveitando a garupa e cauda do cavalo anterior, foi gravado um auroque orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**Pn05-25**); a garupa e cauda do cavalo anterior passam a bordo cervical e cernelha do auroque; a cabeça é troncocónica, correspondendo a linha fronto-nasal a fratura natural; o focinho é reto e o bordo ventral em ténue S de forma a configurar queixo e ganacha; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

Sobre as duas figuras anteriores foi gravado um macho de cabra-montês orientado para a direita (**Pn05-26**); apresenta cabeça aberta na zona do focinho, sendo a linha fronto-nasal reta e o bordo ventral em ângulo na zona da ganacha; apenas um corno, de forma curva, foi gravado em perfil absoluto; o bordo cérvico-dorsal é bastante naturalista, prolongando-se até à cauda; esta é definida por dois bordos horizontais paralelos entre si; o bordo cranial da pata traseira prolonga-se pelo flanco do animal de forma a demarcar a coxa; da traseira apenas foi gravado o bordo caudal, correspondendo o cranial a fissura do suporte; na linha ventral está bem marcada a bainha; esta figura foi parcialmente abradida após a sua execução por picotagem.

Sob esta figura identifica-se ainda as representações parciais de um quadrúpede orientado para a direita (**Pn05-27**) e de um auroque orientado para a esquerda (**Pn05-28**), ambas incisas. A primeira apresenta linha fronto-nasal reta (o único sector representado da cabeça), cérvico-dorsal sinuosa, cauda reta atirada para trás, nádega ligeiramente convexa, pata traseira em forma de V e aberta na extremidade distal, e parte da linha ventral, de forma convexa. O segundo apresenta cabeça longa e afilada, dois cornos curvos dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, cérvico-dorsal reta, linha ventral convexa e arranque do bordo traqueal reto.

Para além de uma série de picotados soltos, observa-se um conjunto de unidades não figurativas incisas. Associadas a **Pn05-24** identifica-se uma unidade da chave XIa e duas da XIb. A **Pn05-24** e **Pn05-26** associa-se uma da XIa. A **Pn05-24**, **Pn05-25**, **Pn05-26** e **Pn05-27** associam-se duas da XIa. A **Pn05-25** associa-se uma da XIb e à esquerda do animal encontra-se uma da XIa. A **Pn05-25** e **Pn05-26** associa-se uma da XIa. A **Pn05-26** associam-se uma da IXab, uma da IXbb, uma da X e quatro da XIa; A **Pn05-26**, **Pn05-27** e **Pn05-28** associa-se uma da XIIIa. A **Pn05-26** e **Pn05-28** associam-se uma da IXab, uma da IXb e uma da XIb, enquanto que à sua direita se identifica uma da XIc. A **Pn05-28** associam-se quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb.

No painel inferior identifica-se uma cerva incisa, orientada para a esquerda e inclinada para baixo (**Pn05-29**); apresenta cabeça alongada e orelhas foliformes atiradas para trás em perspetiva uniangular; a linha cérvico-dorsal é reta até à zona da garupa, altura em que arredonda; da pata dianteira só foi gravado o bordo caudal; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; a linha ventral é reta; as duas patas traseiras parecem estar representadas em perfil biangular reto; contudo a fratura do suporte nesta zona não nos permite ser peremptórios nesta observação.

O reportório não figurativo, para além de alguns picotados soltos, restringe-se a algumas unidades gráficas incisas. Associadas diretamente à cerva identifica-se uma da chave XIa e três da XIb; à sua esquerda identifica-se duas da XIa; à sua direita observa-se três da XIa; para baixo discriminam-se seis da XIa, quatro da XIb e uma da XIc.

Finalmente, refira-se que no segundo painel deste sector foram adicionados dois traços – um reto e outro em dupla curva – sobre o pescoço do equídeo **Pen05-24**, ambos dispostos na horizontal; poderão corresponder a um acrescento posterior (Neolítico ou Calcolítico) de forma a que o conjunto linha do pescoço do equídeo pré-existente/ traços novos configurasse um antropomorfo esquemático (**Pn05-31**).

Rocha 6 (Fig. 31): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 347-349, 392-393). Localiza-se a cerca de 20 m para su-sudeste da rocha anterior. Esta rocha – como as inventariadas com os números 7, 8 e 9 – localiza-se numa pequena colina existente no limite do sector montante do sítio, tendo este conjunto sido identificado no nosso trabalho como um conjunto parietal. A rocha que agora nos ocupa localiza-se perto do sopé da referida colina, a 135 m de altitude. Corresponde a um amplo paredão vertical de forma subtrapezoidal e cor castanha; a superfície é regular e algo porosa, orientando-se para oés-noroeste.



Fig. 31: Rocha 6 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Embora corresponda a amplo painel, cinco dos seus seis animais concentram-se no seu sector superior direito, associando-se por sobreposição. A figura mais antiga deste conjunto corresponde a um cavalo picotado orientado para a direita (**Pn06-01**); a linha fronto-nasal está em parte perdida devido à fratura do suporte; no seu bordo ventral observa-se forte distinção entre a ganacha e o queixo, sendo o focinho algo descaído; a cérvico-dorsal apresenta dorso e garupa acentuadas; as patas são apenas uma por par, encontrando-se abertas nas extremidades distais; a linha ventral é convexa e a cauda longa, prolongando a cérvico-dorsal.

Sobre esta figura gravou-se por picotagem um macho de cabra-montês orientado para a direita e algo inclinado para cima (**Pn06-02**); a cabeça é subtriangular; apenas se gravou um corno, em forma de S, e disposto em perfil absoluto; a cauda corresponde a dois pequenos traços dispostos na diagonal e paralelos entre si, existindo entre eles um outro traço de menores dimensões; as patas apresentam as mesmas características das da figura anterior; na linha ventral – tenuemente convexa – o gravador figurou também o escroto. Refira-se que a crineira do cavalo precedente parece configurar também o segundo corno desta figura (decorrendo daqui que o par se disporia segundo uma perspetiva biangular oblíqua)[177].

Um pouco para baixo à esquerda gravou-se, também por picotagem, um outro macho de cabra-montês, orientado para a esquerda (**Pn06-03**); apresenta características semelhantes às do descrito acima; refira-se apenas que neste caso o escroto não foi representado e que os cornos apresentam-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda em forma de S e o da direita curvo e em parte definido por incisões.

Sobre as figuras precedentes foi picotado um enorme cavalo orientado para a esquerda (**Pn06-04**); sendo genericamente semelhante ao anteriormente descrito, distingue-se pela dimensão (é a maior figura do conjunto); no interior da cabeça reconhece-se a narina; a linha fronto-nasal ou se perdeu devido a fratura do suporte ou corresponderá ao próprio limite daquele.

A última figura do conjunto a ser gravada corresponde a um "esboço" picotado e inciso de um capríneo orientado para a esquerda (**Pn06-05**); apresenta um corno curto (de fêmea?) e cabeça genericamente sub-retangular; a cauda é configurada por dois pequenos bordos paralelos entre si e dispostos na diagonal; a linha cérvico-dorsal é sinuosa e ventral convexa.

A figura isolada encontra-se no sector inferior esquerdo e corresponde à representação parcial de um equídeo conseguida por picotagem e orientada para a esquerda (**Pn06-06**); de características semelhantes às outras figuras de cavalos já descritas, apresenta, no entanto, um pescoço mais largo e uma cabeça demasiado pequena para as dimensões do corpo; a linha ventral e o bordo cranial da pata traseira nunca foram gravados; um traço paralelo ao bordo cranial da pata dianteira, a corresponder ao seu bordo caudal, configuraria uma pata demasiado larga.

Passemos agora ao repertório não figurativo; a **Pn06-01** associa-se uma unidade gráfica da chave XIa; por cima reconhece-se uma da VIIa e outra da XIa. A **Pn06-03** associam-se quatro da chave XIa. A **Pn06-03** e **Pn06-04** associam-se uma da IXbb e uma da XIb. À frente de **Pn06-03** identifica-se duas da chave XIa. A **Pn06-04** associam-se uma da chave IIb, uma da VIIa, uma da IXb, uma da IXbb, onze da XIa (uma parcialmente picotada) e duas da XIb. A **Pn06-06** associa-se uma da chave XIa; por cima desta figura alguns traços picotados parecem formar outras unidades não figurativas; um primeiro conjunto de traços muito profundos é configurado pela associação de uma da chave IIb com uma da XI e uma covinha; abaixo observa-se duas da XIa; à esquerda, configurada por um picotado mais fino, observa-se uma da chave XIa.

Rocha 7 (Fig. 32): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 349-350, 396). Localiza-se na mesma colina que a anterior, a 8,85 m para nordeste dela e a uma altitude de 140 m. Corresponde a um painel subvertical de forma subtriangular orientado para oés-noroeste. Apresenta cor castanho-avermelhada e uma superfície regular e lisa; o painel encontra-se numa reentrância da rocha, sendo dessa forma protegido dos agentes meteóricos, facto que é responsável pela "frescura" dos traços; apenas o limite direito parece ter desaparecido.

Só se observa uma figura zoomórfica, tendo sido gravada por picotagem e abrasão. Corresponde a um auroque orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn07-01**); a zona anterior despareceu devido à fratura do painel referida acima; a cérvico-dorsal é sinuosa, mostrando cernelha angulosa, dorso côncavo e garupa arredondada; a cauda corresponde a prolongamento da linha da garupa; a raiz é foliforme; a nádega é arredondada; a pata traseira é configurada por dois bordos curvos divergentes; a zona inguinal é angulosa e a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; algumas incisões na linha ventral e na cauda parecem indiciar um esboço prévio.

Relativamente ao repertório não figurativo encontramos as seguintes unidades gráficas associadas a **Pn07-01**: uma da chave IIb picotada, uma da IXa, sete da XIa (uma delas picotada) e três da XIb. Abaixo do animal identificaram-se ainda três da chave XIa (uma delas picotada), uma da XIb e uma da XIc. Refira-se ainda uma série de picotados soltos.

177 Esta observação foi-nos referida pela primeira vez por Carlos Henriques (um dos guias que operam na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa), a quem agradecemos.

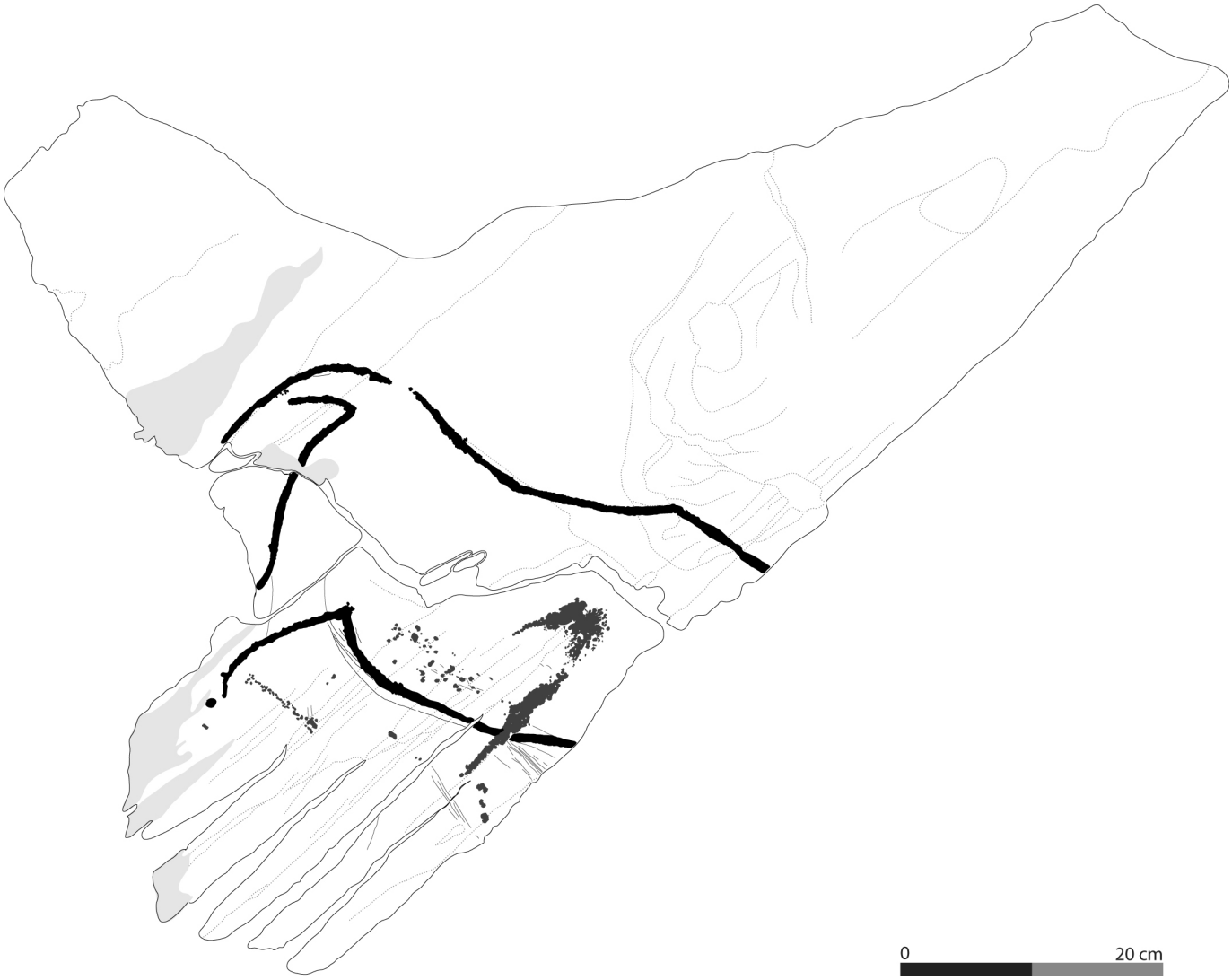


Fig. 32: Rocha 7 da Penascosa (decalque da Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

Rocha 8 (Fig. 33): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 350-351, 394-395). Localiza-se na mesma colina a cerca de 12,75 m para sul da anterior, a uma altitude de 142 m. Corresponde a um painel vertical de configuração subtrapezoidal orientado a oés-noroeste. Apresenta uma superfície de cor castanho-acinzentada, topografia regular e textura algo porosa. As gravuras de animais – exclusivamente picotadas – localizam-se na zona superior do painel, associando-se por sobreposição.

A primeira figura a ser gravada corresponde a um cavalo picotado orientado para a esquerda (**Pn08-01**); da cabeça resta o bordo ventral reto e o arranque do focinho; observa-se ainda os membros (um por par e abertos nas extremidades distais); destaque-se o membro pélvico por aí se verificar a configuração do jarrete; na linha ventral – onde se reconhece a bainha – aprecia-se uma zona inguinal angulosa e um cilhadouro reto; o bordo traqueal é reto e o peito convexo. Algumas incisões no cilhadouro e na extremidade distal do bordo cranial da pata dianteira parecem denunciar a existência de um esboço prévio do animal.

Sobre este equídeo foi gravado por picotagem um capríneo com o corpo orientado para a direita e a face voltada para a frente (**Pn08-02**); esta é definida por dois traços que, arrancando das extremidades craniais do pescoço, convergem na ponta, configurando uma forma em V; linhas cérvico-dorsal, ventral e bordo traqueal são convexos; cada uma das patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos paralelos entre si; a cauda é configurada por dois curtos traços horizontais paralelos entre si.

Em seguida foi picotado um enorme quadrúpede (cavalo ou auroque, dada a dimensão da cauda) orientado para a direita (**Pn08-03**); a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral apresenta zona inguinal angulosa, ventre convexo e cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é ligeiramente côncavo e o peito convexo. A extremidade da cauda parece encontra-se um pouco atrás da pata traseira. Uma incisão junto ao bordo cranial da pata dianteira pode indiciar a existência de um esboço prévio.

Passemos agora ao repertório não figurativo. A **Pn08-01** associa-se uma unidade gráfica da chave XIb. A **Pn08-01** e **Pn08-03** associam-se uma da IXa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, seis da XIa (duas delas picotadas), uma da XIc, uma da XId e uma

da XIIIa. A **Pn08-01**, **Pn08-02** e **Pn08-03** associam-se duas da chave XIa, sendo uma invulgarmente grande e outra invulgarmente pequena. No sector abaixo das unidades figurativas identificaram-se três da chave VIIa, seis da XIa, uma da XIb, duas da XId e três da XIIIa. Refira-se, por fim, a existência de alguns picotados isolados.



Fig. 33: Rocha 8 da Penascosa (decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

Rocha 9 (Fig. 34): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 351-352, 396). Localiza-se também na colina, entre as duas últimas que descrevemos, encontrando-se a uma altitude de 142 m. Corresponde a um painel vertical orientado a oés-noroeste, de cor castanho-avermelhada; a superfície é regular e lisa; Originalmente, e a avaliar pelo que nos resta de **Pn09-01**, o painel prolongar-se-ia para a direita.

Este motivo corresponde ao que nos resta de uma cabra-montês de sexo indefinido, conseguida por picotagem e orientada para a direita; dela resta-nos parte da garupa (algo reta), a cauda definida por dois traços curvos dispostos na horizontal e subparalelos entre si, o arranque da coxa e a zona distal da pata traseira (deixada, como habitualmente, em aberto). À esquerda da figura reconhecem-se ainda dois picotados isolados.

As restantes figurações são incisas, concentrando-se em zona abaixo da pata do animal anterior. Três delas correspondem a zoomorfos. O primeiro corresponde a um cervídeo reduzido à sua metade posterior e orientado para a direita (**Pn09-02**); apresenta linha ventral, dorso e garupa retos, cauda em forma de gomo de laranja e duas patas traseiras dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; pelo menos a direita apresenta clara distinção entre coxa (estriada e de forma subtriangular) e perna (reduzida a um traço reto).

Imediatamente abaixo reconhece-se prótomo de cavalo orientado para a direita e algo inclinado para cima (**Pn09-03**); o pescoço é longo e a cabeça sub-retangular, com fronto-nasal ligeiramente convexa, bordo ventral reto e focinho em arco de círculo; a orelha é de forma triangular; da crineira só se gravou o arranque convexo; o interior da cabeça e do pescoço encontram-se estriados.

Para a esquerda observa-se a representação anterior de um veado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn09-04**); apresenta cabeça de forma triangular com bordo ventral e linha fronto-nasal convexas e focinho arredondado; as duas hastes, apenas esboçadas, encontram-se representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a da direita está praticamente reduzida ao tronco; a da esquerda prolonga a linha fronto-nasal, observando-se, na extremidade distal, duas pontas da coroa; da cérvico-dorsal observa-se o arranque reto; a pata dianteira é de forma triangular, confundindo-se o seu bordo cranial com o bordo traqueal do animal.

As unidades gráficas não figurativas concentram-se na zona do painel onde se encontram as figurações zoomórficas incisas. Diretamente associadas a **Pn09-02** encontramos uma da chave X, três da XIa, uma da XIb e uma da XId. À sua esquerda foram gravadas uma da chave IXa, uma da IXba, uma da XIa e duas da XIb. Associadas àquele motivo e a **Pn09-03** identifica-se uma da XIc. A **Pn09-03** associam-se uma da IXab e duas da XIb. Entre **Pn09-02** e **Pn09-03** identificam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXb e quatro da XIa. **A Pn09-04** associam-se uma da VIIa e três da XIa. A **Pn09-03** e **Pn09-04** associa-se uma da XIb. Entre estes dois últimos motivos encontram-se uma da IXa, uma da IXbb, quatro da XIa e uma da XIb. Refira-se por fim a existência de uma da XIa disposta entre os três motivos zoomórficos.



Fig. 34: Proposta de reconstrução da rocha 9 da Penascosa, com os fragmentos da rocha 15 (onde se encontra a unidade 15-01 e os dois da direita) do sítio. A cinzento sinaliza-se os traços reconstruídos. Decalque da rocha 9 efetuado por M. V. Gomes com o apoio de J. Félix e C. Gaspar; decalques dos fragmentos da rocha 15 da autoria de F. Barbosa e M. V. Gomes.

Rocha 10 (Fig. 35): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 352-359, 397-401). Localiza-se na zona jusante do sítio, encontrando-se já na vertente, a 150 m de altitude. Corresponde a

um amplo painel vertical orientado para oés-noroeste; apresenta uma cor castanho-clara e uma superfície regular e lisa; uma série de fraturas dividem-na em pelo menos quatro sectores.

O primeiro destes localiza-se na extremidade esquerda da rocha. Apenas possui figuras incisas. A figura que mais se destaca corresponde a um cavalo orientado para a direita (**Pn10-01**), localizado sensivelmente ao centro da composição; apresenta cabeça com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho arredondado e bordo ventral com ganacha e queixo pronunciados; na zona da crineira observa-se alguns traços diagonais; a cérvico-dorsal é tendencialmente reta, arredondando na zona da garupa; a linha ventral é convexa; as patas são vistas em perfil biangular oblíquo, sendo as dianteiras em V e as traseiras bastante modeladas e terminadas em cascos; todo o interior do animal encontra-se estriado, devendo destacar-se o cuidado colocado na zona da cabeça. Em momento posterior acrescentou-se uma segunda cabeça a este cavalo, desta feita inclinada para baixo e delineada por contorno simples (**Pn10-02**); de configuração mais geométrica, apresenta peito, pescoço, linha fronto-nasal, focinho e queixo retos, sendo a ganacha arredondada.

A linha fronto nasal, focinho, queixo e parte do peito foram "recuperados" na configuração de um prótomo de macho de cabra-montês, delineado por contorno simples e orientado para a direita (**Pn10-03**); apresenta cabeça genericamente triangular e a boca aberta; a linha fronto-nasal e o bordo ventral da cabeça são algo côncavos e o focinho reto e disposto na diagonal; o bordo cervical – algo côncavo – prolonga-se até à fronte; a partir daqui desenvolve-se um longo corno em forma de S.

Este corno, para além de sobrepor **Pn10-01**, sobrepõe também um prótomo de veado orientado para a direita (**Pn10-04**); apresenta cabeça subtriangular com a ponta do focinho arredondada; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na da direita apenas o tronco foi representado; na da esquerda observa-se o estoque, a ponta intermédia e restos da coroa; bordo traqueal e cérvico-dorsal são levemente curvos; refira-se ainda que o animal apresenta o interior estriado.

Para a esquerda da figura descrita anteriormente, e sobrepondo-se à garupa do **Pn10-01**, gravou-se um quadrúpede ligeiramente inclinado para cima e orientado para a direita (**Pn10-05**); apresenta corpo rectangular e cabeça subtriangular; as patas são apenas esboçadas, encontrando-se as posteriores representadas em perfil biangular reto e as anteriores em perfil biangular oblíquo.

Abaixo de **Pen10-01** observa-se outras três figuras orientadas para a direita e sobrepostas entre si. Na base encontramos um cavalo com uma cabeça semelhante à do anteriormente descrito (**Pn10-06**); esta é, contudo, encimada por longa crineira que com a fronte do equídeo perfaz um degrau; a linha cérvico-dorsal é quase reta e a ventral convexa; a pata dianteira pode ter desaparecido por fratura do suporte; da traseira observa-se o bordo cranial; a zona da cabeça/ pescoço / crineira apresenta o interior estriado.

A figura anterior é sobreposta por quadrúpede acéfalo (**Pn10-07**); apresenta dorso reto, garupa arredondada e longa cauda atirada para trás; o bordo traqueal é côncavo; parece apresentar duas patas dianteiras cruzadas nas extremidades distais e perfazendo ambas uma forma triangular; da traseira apenas se observa o bordo cranial.

A terceira figura corresponde a outro quadrúpede não identificado (**Pn10-08**); a cabeça está apenas esboçada, apresentando nuca alta e arredondada e linha fronto-nasal reta; o bordo traqueal é ligeiramente côncavo; o dorso é reto e a garupa algo angulosa; a cauda, semelhante à do quadrúpede anterior, está interrompida pela fratura do suporte; apenas apresenta uma pata por par, ambas abertas nas extremidades distais.

Relativamente ao repertório não figurativo, todas as unidades gráficas identificadas foram conseguidas por incisão. Associadas a **Pn10-01** encontram-se três da chave XIa, duas da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. A **Pn10-01**, **Pn10-02** e **Pn10-03** associam-se uma da XIa e uma da XIIIb. A **Pn10-01** e **Pn10-08** associa-se uma da XIb. A **Pn10-01**, **Pn10-06**, **Pn10-07** e **Pn10-08** associam-se duas da XIa. A **Pn10-02** e **Pn10-03** associa-se uma da IXb. Exclusivamente a este último motivo associa-se uma da IXc. A ele e a **Pn10-06** associa-se uma da chave IXa. A **Pn10-04** associam-se duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Pn10-06** associam-se duas da IXab, três da XIa e duas da XIb. A **Pn10-06** e **Pn10-07** associam-se uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, duas da XIa e duas da XIc. A **Pn10-06** e **Pn10-08** associam-se uma da IIb e uma da IXb. A **Pn10-07** associa-se uma da XIa. Abaixo daquela figura uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa, três da XIb e uma da XIc. À direita de **Pn10-06** observam-se uma da IXa e uma da XIb. Para baixo de **Pn10-01** e à esquerda de **Pn10-08** identificam-se quatro da XIa e uma da XIb. À direita de **Pn10-03** identifica-se uma da XIa. Para cima de **Pn10-05** identificam-se uma da Vc e duas da XIa e à sua direita uma da XIa. Para cima de **Pn10-04** identificam-se uma da IXb, uma da X, três da XIa e uma da XIb. Para a esquerda do painel identifica-se uma da XIa e, para baixo do mesmo, outras duas da mesma chave.

O segundo sector localiza-se a cerca de 1,20 m para a direita do anterior, sendo incisas todas as unidades gráficas aí presentes; no canto superior esquerdo, observa-se um capríneo inciso orientado para a direita (**Pn10-09**); apresenta uma cabeça subtriangular, longo pescoço, dorso reto, linha ventral côncava e o esboço de duas patas dianteiras curvas atiradas para a frente e dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; apenas tem um corno, ligeiramente curvo e atirado para trás; o interior da cabeça e do pescoço é estriado.

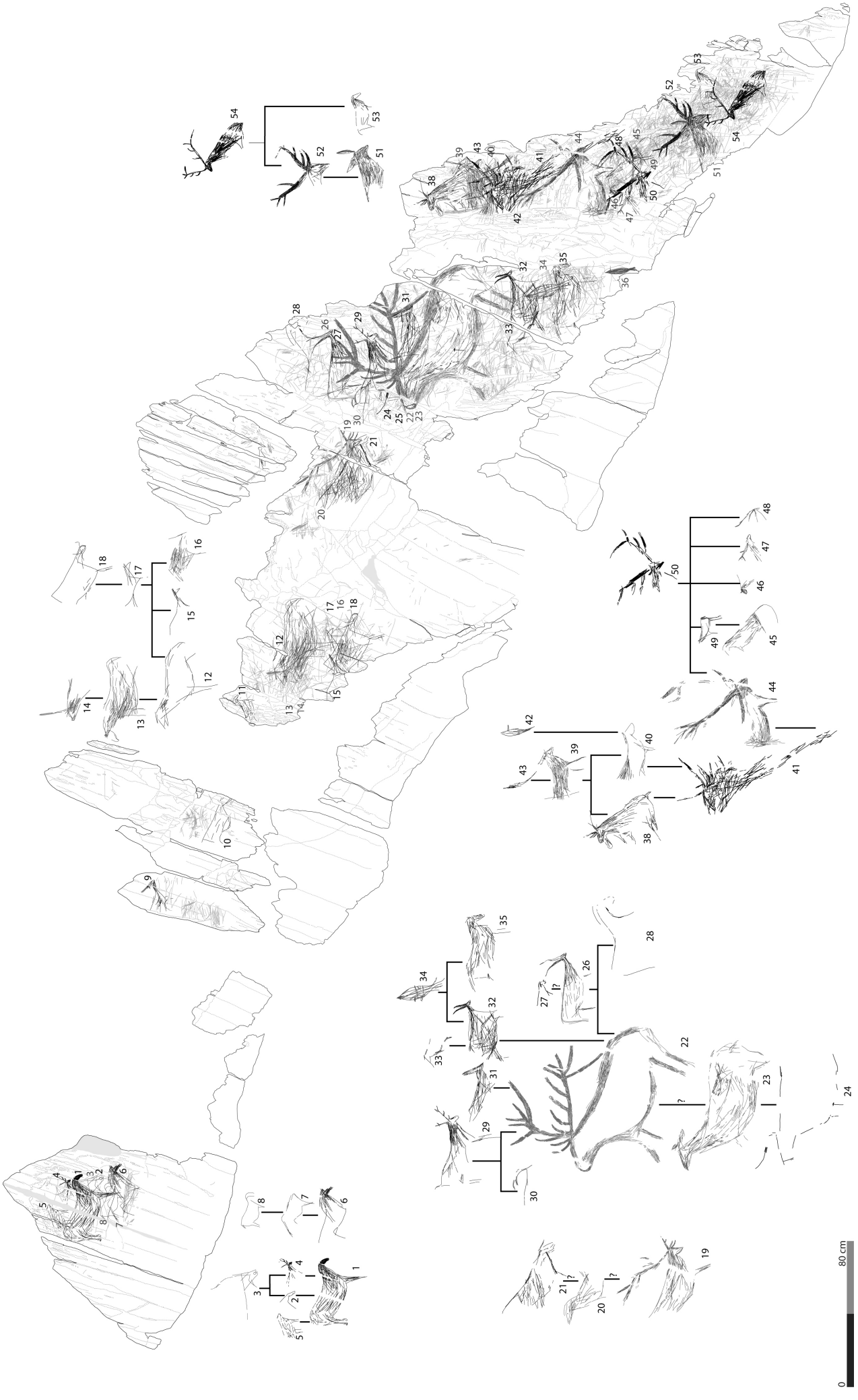


Fig. 35: Rocha 10 da Penascosa (decalque de M. Almeida, A. M. Baptista, F. Barbosa, J. Félix, C. Gaspar e M. V. Gomes) e estratigrafia das sequências gráficas aí presentes.

Neste painel, identifica-se ainda um outro quadrúpede (**Pn10-10**) – possivelmente cavalo – no canto inferior direito; é inciso e orienta-se para a direita, encontrando-se algo inclinado para baixo; apresenta a cabeça atirada para a frente nela se reconhecendo o arranque da fronte e um bordo ventral convexo; a linha cérvico-dorsal é reta, apresentando a ventral ventre côncavo e cilhadouro convexo; a cauda é curta; das patas, apenas o bordo cranial da traseira está representado.

Relativamente ao repertório não figurativo, as unidades gráficas deste sector parecem organizar-se em conjuntos. Um primeiro encontra-se associado a **Pn10-09**; é composto por uma da chave IXa, duas da IXab, uma da XIa, cinco da XIb, uma da XId e uma não inserível em qualquer das chaves definidas. Um segundo conjunto encontra-se imediatamente abaixo; é composto por seis da IXa, duas da IXaa, uma da X, seis da XIa, seis da XIb e três da XId. Outro conjunto localiza-se imediatamente à direita, separado do anterior por uma fratura; é composto por uma unidade da chave VIa, duas da XIa, três da XIb e uma da XId. Um outro conjunto é formado pelas unidades gráficas que se associam a **Pn10-10**; é composto por uma da chave IXa, uma da IXaa, seis da XIa e uma da XIb. O outro conjunto localiza-se imediatamente acima; é composto por uma unidade da chave IIIc, três da IXa, duas da IXb, uma da X, cinco da XIa, doze da XIb, quatro da XIc e duas da XIIIb. O último conjunto do sector encontra-se no seu quadrante superior direito; é composto por uma da IIb, uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIb.

O terceiro sector situa-se para a direita do anteriormente descrito, correspondendo ao centro iconográfico da rocha. Alguns espaços vazios diferenciam cinco conjuntos distintos de figuras. O primeiro localiza-se junto do limite esquerdo da rocha, sendo composto exclusivamente por figuras incisas. No canto superior esquerdo encontra-se um cavalo inciso orientado para a direita (**Pn10-11**); apresenta uma cabeça sub-retangular com focinho arredondado; a crineira é algo levantada e angulosa; o pescoço é longo e a cérvico-dorsal côncava; a linha ventral é tenuemente convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos abertos na extremidade distal; da traseira apenas se vê o arranque do bordo cranial; refira-se ainda que o interior do animal se encontra estriado.

Um pouco para baixo à direita observa-se uma série de animais incisos, orientados para a esquerda e parcialmente sobrepostos entre si. Assim, em cima e na base da sequência, identifica-se um cavalo delineado por incisão simples e múltipla (**Pn10-12**); a cabeça é de configuração troncocónica, encontrando-se o focinho aberto; a crineira é afilada e atirada para a frente; o pescoço é longo e a cérvico-dorsal quase reta; a garupa é arredondada; da cauda observa-se a inserção, de forma subtriangular; a linha ventral é convexa; as patas da frente são definidas por dois traços retos paralelos entre si; da traseira apenas se observa o bordo cranial.

Sobrepondo-se à figura anterior, foi gravado um outro equídeo (**Pn10-13**); a cabeça é altamente modelada, com focinho arredondado e descaído (em bico de pato), e clara distinção entre o queixo e a ganacha; as orelhas foliformes estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a crineira é ondulada e longa; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa convexa; a pata dianteira corresponde a dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto; a linha ventral é algo convexa e a zona inguinal côncava; o interior do corpo do animal (que não a cabeça) encontra-se estriado.

Imediatamente abaixo do pescoço do animal anterior localiza-se a cabeça de um outro quadrúpede (**Pn10-14**); apresenta forma subtriangular com a ponta do focinho plana; dois cornos ou hastes curvas dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; dois traços que saem da fronte poderão corresponder a estoques, identificando-se assim o animal com um veado (em que as hastes foram representadas apenas com estas pontas e os troncos); refira-se que todo o interior da figura está estriado.

Mais abaixo e parcialmente interrompida pelo limite do painel localiza-se um quadrúpede orientado para a direita (**Pn10-15**); apresenta cabeça subtriangular, duas orelhas atiradas para a frente, longo pescoço e cérvico-dorsal sinuosa; as dimensões do pescoço assim como as orelhas levam-nos a interpretar a figura como uma cerva.

Imediatamente em frente foi gravado um capríneo estriado orientado para a direita (**Pn10-16**); apresenta cérvico-dorsal tendencialmente reta, longo pescoço e cabeça subtriangular; apenas um longo corno de perfil curvo foi gravado; o peito é côncavo; a pata dianteira é definida por um traço; as traseiras são também lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é reta.

Sobrepondo-se a esta figura (e a **Pn-10-12** e **Pn10-15**) foi gravada a representação parcial de um quadrúpede (cavalo?) orientado para a direita (**Pn-10-17**); apresenta cabeça genericamente triangular, com linha fronto-nasal convexa, bordo ventral côncavo e focinho apontado; apresenta duas orelhas dispostas em perspetiva biangular oblíqua, sendo a da direita triangular e a da esquerda correspondente a um traço; o bordo cervical perfaz com o dorso uma subtil concavidade; o bordo traqueal é reto; a pata dianteira corresponde a um triângulo terminado por um traço reto; a linha ventral é côncava; da pata traseira observa-se o bordo cranial curvo.

Sobrepondo-se a esta figura foi gravado um quadrúpede contornado por incisão simples e orientado para a direita (**Pn10-18**); apresenta corpo sub-retangular e cabeça subtrapezoidal, encontrando-se o pescoço atirado para a frente; alguns traços parecem configurar dois cornos em gancho, dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a nádega é direita, tendo a pata traseira desaparecido devido a fratura do suporte; as duas patas da frente correspondem a dois traços e estão representadas segundo um perfil biangular oblíquo.

As restantes unidades são não figurativas. Associadas a **Pn10-11** encontramos uma unidade gráfica da chave XIa, duas da IXbb, dez da XIa e uma da XIb. Associadas exclusivamente a **Pn10-12** encontramos uma da IXaa, três da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pn10-12** e **Pn10-13** associam-se quatro da IXaa, uma da IXab, uma da X, três da XIa, uma da XIc e uma da XIIIb. Àquelas duas últimas figuras e a **Pn10-14** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da X, duas da XIa e uma da XIb. Associada a **Pn10-12**, **Pn10-13**, **Pn10-15**, **Pn10-17** e **Pn10-18** associa-se uma da X. A **Pn10-12** e **Pn10-14** uma da IXaa, uma da IXab e uma da IXba. A **Pn10-12** e **Pn10-17** associam-se duas da IXaa. Exclusivamente a **Pn10-13** associam-se duas da chave IXa e duas da XIa. Àquela figura e a **Pn10-14** associam-se duas da IXab, uma da IXbb e duas da XIc. A **Pn10-13**, **Pn10-16** e **Pn10-18** associa-se uma da XIIIb. A **Pn10-13** e **Pn10-18** associa-se uma da IXa. A **Pn10-14** associam-se uma da IIIc, uma da IXba, três da X, uma da XIa e uma da XIb. Exclusivamente a **Pn10-15** associa-se uma XIb. A **Pn10-15**, **Pn10-16**, **Pn10-17** e **Pn10-18** associam-se uma da IXc e uma da IXb. A **Pn10-15**, **Pn10-17** e **Pn10-18** associa-se uma da chave IXa. A **Pn10-16** e **Pn10-17** associam-se uma da IXba e uma da XIb. A **Pn10-16**, **Pn10-17** e **Pn10-18** associam-se uma da chave Ib e uma da XIa. A **Pn10-16** e **Pn10-18** associam-se uma da IXa, uma da IXb e uma da XIa. A **Pn10-17** associam-se uma da IXa, uma da X e uma da XIa. A **Pn10-18** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da X, três da XIb e uma da XIc. Não se associando diretamente a nenhuma das figuras previamente descritas, mas distribuindo-se pelo seu entorno, identificam-se ainda duas da chave IIb, uma da IIIc, duas da VIIa, cinco da IXa, sete da IXaa, uma da IXab, três da IXb, duas da IXba, seis da IXbb, oito da X, trinta e cinco da XIa, dezanove da XIb, onze da XIc e duas da XIIIb.

O segundo conjunto situa-se a cerca de 70 cm para a direita do anterior, sendo igualmente composto por figuras exclusivamente incisas; os três animais identificados encontram-se associados por sobreposição. O animal que mais se destaca corresponde a um veado estriado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn10-19**); apresenta cabeça subtriangular com bordo ventral convexo; no interior reconhece-se o olho; as duas armações estão representadas em perfil biangular oblíquo; na da direita reconhece-se o estoque, o contraestoque e a ponta intermédia; na da esquerda destaca-se a ponta intermédia e a coroa, ligeiramente inclinada, provavelmente devido ao limite do painel; o bordo cervical é convexo e o dorso é reto; o bordo traqueal e a linha ventral são também convexos; apenas a pata dianteira se representou, sendo reta e atirada para a frente.

No meio do conjunto também se reconhece a representação da dianteira de um cavalo estriado orientado para a esquerda (**Pn10-20**); a cabeça é longa e o focinho está aberto; o bordo ventral é reto, assim como a linha fronto-nasal onde, contudo, se reconhece um ressalto na zona da fronte; a crineira é apontada para a frente; no interior da cabeça observa-se um olho; as linhas cérvico-dorsal e ventral são convexas; o membro anterior corresponde a um traço.

O terceiro animal reconhecível no conjunto corresponde a um auroque contornado a traço múltiplo, orientado para a direita e seguindo a inclinação do veado (**Pn10-21**); apresenta cabeça elíptica, aberta na zona do focinho; o corno é curvo e atirado para a frente; a cérvico-dorsal é reta, prolongando-se pela cauda atirada para trás; o arranque da nádega é arredondado; a linha ventral está apenas esboçada; o bordo traqueal é reto e a pata dianteira está representada por dois traços bordos justapostos, dispondo-se obliquamente em relação ao pescoço.

Relativamente ao repertório não figurativo deste conjunto, associam-se a **Pn10-19** três da chave IXa, uma da IXab, três da IXb, uma da IXbb, duas da X, quinze da XIa, sete da XIb, três da XIc. A **Pn10-19** e **Pn10-20** associa-se uma da XIa. A **Pn10-19**, **Pn10-20** e **Pn10-21** associam-se uma da IXbb, uma da XIa e uma da XIb. A **Pn10-19** e **Pn10-21** associam-se uma da IXaa e duas da XIa. A **Pn10-20** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXa, duas da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **Pn10-20** e **Pn10-21** associam-se uma da IIb, uma da IIIc, uma da IXab, uma da IXba e uma da XId. A **Pn10-21** associa-se uma da XIa. À direita dos animais encontram-se uma da IIIc, uma da VIIa, duas da X, seis da XIa e uma da XIc. Entre a haste esquerda de **Pn10-19** e **Pn10-20** identificam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXb, uma da XIa e uma da XIb. Para a esquerda dos animais observa-se uma da Ib, quatro da VIIa, duas da IXaa, duas da X, sete da XIa, três da XIb, duas da XIc e uma da XId.

Entre os dois últimos conjuntos referidos, num plano um pouco mais baixo, identifica-se um outro composto apenas por motivos não figurativos incisos. Inventariaram-se uma da chave IXab, treze da XIa, treze da XIb e duas da XIc.

No limite direito do sector localiza-se o quarto conjunto, correspondendo este ao mais icónico e visível. De facto é aí que se encontra o enorme veado orientado para a esquerda (**Pn10-22**) que se avista desde uma longa distância; esta visibilidade é-lhe concedida pela técnica utilizada na feitura dos seus limites e armações – a raspagem; a cabeça é subtriangular com o focinho arredondado; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na da direita observa-se o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia e a coroa composta por cinco pontas; na da esquerda observa-se o estoque, o contraestoque, duas pontas intermédias (situação rara na natureza) e uma coroa composta por cinco pontas; a cérvico-dorsal apresenta uma leve concavidade e a linha ventral é convexa; o bordo traqueal é côncavo; sob o bordo ventral da cabeça destaca-se uma unidade gráfica da chave IIa, que se confunde com uma papada exagerada; as patas dianteiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, descobrindo-se um casco globular na da esquerda; das traseiras apenas se observa uma pata, aberta na extremidade distal.

No interior desta figura encontra-se uma cerva estriada orientada para a esquerda (**Pn10-23**); apresenta cabeça subtriangular

com o focinho reto e disposto obliquamente; as duas orelhas dispõem-se em perfil biangular reto, apresentando forma foliforme; o bordo cervical é reto; o dorso é côncavo e a garupa convexa; a linha ventral é também convexa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a nádega é arredondada e a cauda é foliforme; a pata da frente está apenas esboçada e a de trás é em forma de genérica de V, reconhecendo-se aí o jarrete.

Sob esta figura parece encontrar-se a figuração parcial de um auroque inciso orientado também para a esquerda (**Pn10-24**); apresenta cabeça sub-retangular e um corno curvo atirado para a frente; das linhas cérvico-dorsal e ventral só restam vestígios; a pata da frente é definida por dois traços retos paralelos entre si. No interior da cabeça deste animal parece definir-se uma outra cabeça de auroque incisa e orientada para a esquerda (**Pn10-25**); apresenta forma troncocónica e bordo traqueal reto; apenas um corno curto foi gravado, sendo atirado para a frente.

Em cima, sobrepondo a coroa da haste direita do grande veado, encontra-se um macho de cabra-montês estriado, orientado para a direita (**Pn10-26**); apresenta cabeça subtriangular com o focinho arredondado; os dois cornos, representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua, são curvos e atirados para trás; apresenta um pescoço bem definido e cérvico-dorsal reta; a linha ventral é algo convexa, assim como o bordo traqueal; a pata dianteira é encurvada para a frente; as duas traseiras são retas e dispostas segundo uma perspetiva biangular reta.

No interior do último animal, na zona do peito, alguns traços que contrariam o estriado interior da figura parecem configurar a zona anterior do um equídeo inciso orientado para a direita (**Pn10-27**); a linha fronto-nasal está apenas esboçada; a ganacha é arredondada e queixo reto; a crineira é ligeiramente atirada para a frente em ângulo e delimitada internamente; o bordo traqueal é reto; da pata dianteira apenas se percebe o bordo caudal que corresponde a um traço reto.

Pn10-26 sobrepõe também a representação parcial de um cavalo inciso orientado para a direita (**Pn10-28**); a cabeça está apenas esboçada, apresentando forma troncocónica; a crineira é alta; o pescoço é longo e a cérvico-dorsal reta; o bordo traqueal é côncavo; dos quartos traseiros observa-se o bordo caudal do membro posterior.

Abaixo do capríneo **Pn10-26**, e sobrepondo as hastes do veado, observa-se um veado estriado orientado para a direita (**Pn10-29**); apresenta cabeça oblonga e duas hastes representadas segundo uma perspetiva biangular reta; na da direita observa-se o estoque, a ponta intermédia e a coroa composta por duas pontas; na da esquerda apenas se observa as duas pontas da coroa; por trás desta haste vê-se uma orelha de configuração triangular; na cérvico-dorsal o garrote, dorso e garupa estão bem diferenciados; a cauda, perfeitamente delineada por incisão simples encontra-se levantada; os quartos traseiros estão apenas esboçados, aí se observando uma anca reta e as extremidades distais das patas; as duas dianteiras apresentam-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo as coxas em forma de V e as pernas definidas por traços retos.

Para a sua esquerda, e parcialmente por si sobreposto, encontra-se a representação parcial de um macho de cabra-montês definida por incisão simples e orientado para a direita (**Pn10-30**); a cabeça apenas está definida pela linha fronto-nasal reta e disposta diagonalmente; os dois cornos são curvos e atirados para trás, segundo uma perspetiva uniangular; a linha cérvico-dorsal é sinuosa.

Mais abaixo à direita, ocupando o espaço livre entre o dorso e a zona inferior da haste esquerda do veado **Pn10-22**, observa-se a representação parcial de um capríneo estriado orientado para a direita (**Pn10-31**); apresenta cabeça triangular com um bordo ventral convexo; os cornos são longos e direitos, vistos segundo uma perspetiva biangular reta; o pescoço é biconvexo e a cérvico-dorsal reta.

Sobrepondo parcialmente o membro posterior de **Pen10-22** encontra-se outro capríneo estriado orientado para a direita (**Pn10-32**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, sendo o focinho apontado; os dois cornos apresentam uma subtil curvatura em S, encontrando-se atirados para trás segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o pescoço está bem definido, sendo o bordo dorsal reto e o ventral côncavo; o corpo é sub-retangular e possante; as duas patas dianteiras apresentam distinção entre a coxa (triangular) e a perna (reta), encontrando-se dispostas em perfil biangular reto; da pata traseira parece reconhecer-se uma coxa triangular seguida de uma perna reta.

Por trás desta figura observa-se a parte posterior de um quadrúpede (capríneo?), definido por incisão múltipla, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn10-33**); apresenta dorso direito e cauda curta de configuração foliforme atirada para trás; a pata traseira apresenta coxa triangular e pata reta; na linha ventral identifica-se a bainha; a pata dianteira é reta e atirada para a frente; o dorso parece dispor de uma banda à semelhança de **JE16-17** e de **Fr_m42-01**.

Sobrepondo **Pn10-32** encontra-se um peixe (possível salmonídeo, a avaliar pelo apêndice na zona da cabeça) estriado, disposto quase na vertical, tombando ligeiramente para a esquerda (**Pn10-34**); apresenta dorso e ventre convexos e barbatana caudal apenas esboçada.

Este peixe sobrepõe também um equídeo estriado orientado para a direita (**Pn10-35**); a cabeça é oblonga; o bordo cervical é convexo e o ventral reto; a cérvico-dorsal é algo côncava, tornando-se convexa na zona da garupa; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; a linha ventral é reta; as patas da frente – dispostas em perfil biangular reto – são definidas por dois bordos retos; da traseira

apenas se observa o bordo caudal curvo; a cauda, correspondente ao prolongamento da garupa, é atirada para trás.

Mais abaixo no painel encontra-se outro peixe estriado virado para cima (**Pn10-36**); como o anterior apresenta a ponta da cabeça algo afilada, o que nos permite inferir estarmos perante um salmonídeo; a barbatana caudal é bifurcada, dorso e ventre são convexos; pelo menos uma barbatana ventral foi também figurada.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associadas a **Pn10-22** discriminam-se as seguintes: quatro da chave VIIa, sete da IXa, três da IXaa, três da IXab, seis da IXb, uma da IXba, quatro da IXbb, duas da IXc, três da X, vinte e oito da XIa, quinze da XIb, quinze da XIc, cinco da XId, uma da XIIIb e a chave IIa já referida acima. A **Pn10-22** e **Pn10-23** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da XIa e uma da XIb. A **Pn10-22**, **Pn10-23** e **Pn10-24** quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pn10-22** e **Pn10-24** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pn10-22**, **Pn10-24** e **Pn10-31** associam-se duas da IXa, uma da IXb, cinco da XIa, quatro da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. A **Pn10-22** e **Pn10-26** associam-se uma da XIb e uma da XId. A **Pn10-22** e **Pn10-29** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXbb, uma da X, duas da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **Pn10-22** e **Pn10-32** associam-se uma da IXa, quatro da IXaa, uma da IXbb, uma da X e três da XIb. À esquerda da cabeça de **Pn10-22** encontram-se uma da XIa e uma da XIb. À direita de **Pn10-22** e **Pn10-29** observa-se cinco da XIa e uma da XIb. Acima do corno de **Pn10-24** observa-se uma da IXbb e uma da XIa. A **Pn10-26** associam-se uma da VIIa, cinco da XIa, uma da XIb e seis da XIc. A **Pn10-26** e **Pn10-28** associam-se uma da IIb, quatro da XIa, quatro da XIb e uma da XIIIa. A **Pn10-26**, **Pn10-29** e **Pn10-30** associa-se uma da IXba. A **Pn10-28** associam-se três da IXa, três da IXaa, cinco da XIa, cinco da XIb e três da XIc. Acima de **Pn10-28** foram gravadas quatro da IXa, uma da IXb, doze da XIa, uma da XIb e uma da XIc; à esquerda observa-se ainda uma da IXa e uma da XIa. A **Pn10-29** associam-se cinco da XIa e quatro da XIb. A **Pn10-29** e **Pn10-30** associam-se uma da IIb, uma da IXb, duas da IXba e duas da XIb. A **Pn10-30** associam-se uma da IXaa, duas da X, quatro da XIa e uma da XIb. A **Pn10-32** associam-se duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, seis da XIa, cinco da XIb, uma da XId e duas da XIIIb. A **Pn10-32** e **Pn10-34** associam-se uma da IXbb, uma da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **Pn10-32**, **Pn10-34** e **Pn10-35** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da IXba e duas da XIb. A **Pn10-32** e **Pn10-35** associam-se uma da IXaa e duas da XIa. A **Pn10-33** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXba, duas da IXbb, duas da XIa, três da XIb e uma da XId. Em torno de **Pn10-33** e abaixo do ventre de **Pn10-22** encontram-se uma da IIb, duas da IXa, quatro da IXaa, quatro da IXb, três da IXba, duas da IXbb, cinco da X, treze da XIa, dezoito da XIb, cinco da XIc e onze da XId. A **Pn10-34** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXba, e uma da XIa. A **Pn10-34** e **Pn10-35** associam-se uma da IXbb, uma da X, três da XIb e uma da XIc. A **Pn10-35** associam-se uma da Ib, uma da IIIc, uma da VIIa, sete da IXa, oito da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, duas da X, dez da XIa, nove da XIb, três da XIc e três da XId. A **Pn10-36** associam-se duas da IXa e cinco da XIa.

O quinto conjunto localiza-se acima do terceiro, em painel destacado, sendo constituído apenas por incisões. Apenas se identifica uma hipótese de animal; corresponde este a um quadrúpede inciso orientado para a direita (**Pn10-37**); apresenta cabeça de configuração subtriangular, com nuca alta e angulosa, linha fronto-nasal reta e arranque da ganacha côncava; a zona do focinho encontra-se aberta; o bordo traqueal é reto; o corpo é sub-retangular, com uma cérvico-dorsal sinuosa; apenas a pata traseira foi representada, correspondendo a um traço reto que encurva na zona da perna; um curto traço horizontal, se bem que descaído, pode corresponder à cauda; alguns traços no interior podem corresponder a vestígios de estriado.

Em volta da figura são várias as unidades gráficas não figurativas, discriminando-se as seguintes: uma da chave IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da X, dezasseis da XIa, cinco da XIb, duas da XIc e cinco da XId.

O último sector encontra-se imediatamente à direita, sendo separado do anterior por fraturas da rocha; também ele é composto exclusivamente por incisões. Trata-se de um dos painéis mais profusamente decorados da rocha, sendo muito difícil isolar figuras no meio desta enorme concentração de incisões. Ainda assim, um estudo aturado permitiu a identificação de vários animais. Na parte superior da rocha observa-se um veado estriado voltado para a esquerda e disposto praticamente na vertical (**Pn10-38**); apresenta cabeça sub-retangular e duas hastes representadas segundo uma perspetiva biangular reta, sendo o estoque e contraestoque da da direita as únicas pontas reconhecíveis; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical convexo, dorso anguloso e garupa convexa; a linha ventral está apenas esboçada; a cauda é foliforme, encontrando-se ligeiramente levantada; as patas apresentam forma em V, dispondo-se as dianteiras em perfil biangular reto e as traseiras em biangular oblíquo; as primeiras são em V e abertas na extremidade distal, enquanto as segundas apresentam coxa triangular e pernas retas; uma segunda cabeça, de forma semelhante à primeira, encontra-se esboçada abaixo desta última; encontra-se orientada para baixo encostando-se o seu bordo traqueal ao do da figura anterior, razão pela qual consideramos estar perante outro exemplo de animação.

Sobre os quartos traseiros deste animal descobre-se a representação parcial de um capríneo estriado orientado para a direita (**Pn10-39**); apresenta cabeça subtriangular e dois cornos com uma configuração em ténue S, atirados para trás segundo uma perspetiva biangular oblíqua; linhas cérvico-dorsal e ventral são retas; as duas patas dianteiras dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a zona posterior do animal não parece ter sido definida.

Estas patas sobrepõem um cavalo inciso orientado para a direita (**Pn10-40**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta, bordo ventral convexo e focinho apontado; a crineira é algo atirada para a frente; a cérvico-dorsal é côncava, tornando-se convexa na zona da garupa; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois traços retos e aberta na extremidade distal; dos quartos traseiros parece observa-se o que poderá corresponder ao bordo cranial da coxa; a zona da garupa encontra-se estriada.

Os três últimos animais sobrepõem as armações de uma representação parcial de grande cervídeo estriado, voltado para a esquerda (**Pn10-41**); a cabeça está levantada, sendo a linha fronto-nasal reta e o bordo ventral ligeiramente côncavo; as hastes estão apenas esboçadas e representadas segundo um perfil biangular reto; um conjunto de traços paralelos poderá configurar o estoque da da esquerda; por trás observa-se uma orelha foliforme; o bordo traqueal é ligeiramente convexo e desenvolve-se praticamente até meio do painel.

Este animal e **Pn10-40** são sobrepostos por um peixe estriado orientado para cima (**Pn10-42**); apresenta dorso e ventre convexos; a única barbatana reconhecível é uma das ventrais. Um outro possível peixe estriado (**Pn10-43**) foi gravado sobre **Pn10-38**, **Pn10-39** e **Pn10-40**; está também orientado para cima, encontrando-se algo dobrado sobre si mesmo.

O veado **Pn10-41** é também sobreposto por uma outra representação da mesma espécie, orientada para a direita (**Pn10-44**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos; as duas hastes, de exageradas dimensões, dispõem-se em perfil biangular oblíquo; na da direita apenas se observa as pontas da coroa; na da esquerda, embora o tronco esteja algo perdido, observa-se o estoque, uma ponta intermédia e duas pontas da coroa; uma orelha é discernível por trás da haste direita; a cérvico-dorsal é reta e a linha ventral convexa; o bordo traqueal é tendencialmente côncavo, se bem que uma subtil convexidade se descubra na zona da goela; a pata da frente é aberta na extremidade distal; as traseiras parecem ser triangulares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o animal é definido por contorno múltiplo, encontrando-se estriado no interior da cabeça, nas zonas do ventre, dorso, quartos traseiros e hastes.

Abaixo do ventre deste animal identifica-se uma série de outros de menores dimensões; ao centro encontra-se um cavalo inciso orientado para a esquerda e inclinado para cima (**Pn10-45**); apresenta linha fronto-nasal algo convexa e arranque da ganacha reto, encontrando-se a zona do focinho em aberto; a crineira está algo alteada e atirada para a frente; a cérvico-dorsal é reta, prolongando-se por uma cauda longa e atirada para trás; as patas, apenas uma por par e sem cascos, são retas; a linha ventral é algo convexa e o bordo traqueal côncavo.

À esquerda da cabeça do equídeo anterior observa-se uma cabeça de um quadrúpede estriado orientado para a esquerda (**Pn10-46**); apresenta linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, sendo o focinho apontado; junto à fronte observa-se uma orelha foliforme atirada para a frente; uma linha côncava que arranca da nuca pode corresponder ao dorso; o bordo traqueal é reto e o peito côncavo.

Mais para baixo, à esquerda, observa-se um veado inciso orientado para a direita (**Pn10-47**); apresenta uma cabeça com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral também reto; o pescoço é longo, sendo bordo dorsal reto e o ventral côncavo; apenas se observa uma haste atirada para trás, nela se observando uma ponta intermédia e a coroa.

Para a direita do equídeo **Pn10-45** observa-se um macho de cabra-montês inciso orientado para a direita (**Pn10-48**); apresenta cabeça subtriangular, bordo cervical reto e ventral convexo; os dois cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita curto e curvo e o da esquerda longo e em forma de S.

Sobrepondo os quartos traseiros **Pn10-45**, encontra-se uma possível representação de cavalo, definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a esquerda (**Pn10-49**); a cérvico-dorsal é reta; a cauda é farta, se bem que curta, encostando-se à nádega; os membros posteriores encontram-se representados segundo um perfil biangular oblíquo, sendo as pernas direitas; os cascos estão bem representados; a linha ventral é convexa; apenas se gravou um membro anterior, sendo este reto e aberto na extremidade distal; a cabeça parece estar virada para trás, apresentando forma sub-retangular e duas orelhas subtriangulares.

As armações de um veado cobrem as últimas cinco figuras descritas. Este cervídeo (**Pn10-50**) é estriado, reduz-se à cabeça e está orientado para a direita; a cabeça é subtriangular e as armações dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; reconhece-se em ambas duas pontas intermédias e outras duas da coroa.

Para baixo observa-se o que à partida se identifica como um veado; contudo uma leitura mais atenta revela-nos a existência de duas cabeças; este dado, a par do facto das orelhas serem desproporcionalmente grandes relativamente às hastes, indicam-nos estarmos perante não um mas dois animais. Assim, o primeiro a ser gravado corresponde a uma cerva estriada orientada para a direita (**Pn10-51**); apresenta longo pescoço e uma cabeça subtriangular com o focinho apontado; as orelhas dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo a da esquerda subtriangular e atirada para trás e a da direita foliforme e disposta praticamente na vertical. Este animal foi posteriormente transformado num veado (**Pn10-52**) mediante aumento da cabeça e adição das hastes; a cabeça é também subtriangular com linha fronto-nasal reta e bordo ventral algo côncavo; a zona do focinho encontra-se em aberto; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na da direita reconhece-se o estoque, o contraestoque, a ponta

intermédia e a coroa; na da esquerda só se observa a ponta intermédia e as da coroa.

Para a direita observa-se um cavalo definido por incisão simples, orientado para essa direção (**Pn10-53**); apresenta linha fronto-nasal quase reta, focinho arredondado e bordo ventral com clara distinção entre queixo e ganacha; a crina é arredondada; a cérvico-dorsal é reta e o bordo traqueal convexo; a cauda é relativamente curta e atirada para trás; a pata traseira é em forma de V não chegando a fechar na extremidade distal; a dianteira é representada por apenas um traço vertical; o animal está estriado nas zonas do pescoço e da crineira.

Para baixo reconhece-se um veado estriado orientado para a esquerda e inclinado para cima (**Pn10-54**); apresenta cabeça subtriangular com focinho arredondado; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta, reconhecendo-se em ambas duas pontas intermédias e as das coroas; a linha cérvico-dorsal é algo convexa e a ventral reta; a cauda apresenta configuração triangular; a pata traseira reduz-se praticamente à coxa, encontrando-se aberta na extremidade distal; a dianteira não se observa.

Menos certos são dois outros animais existentes no painel. Um corresponde a possível prótomo de veado (**Pn10-55**) existente sobre **Pn10-38**, **Pn10-39** e **Pn10-40**. É definido por contorno múltiplo; apresenta cabeça com linha fronto-nasal reta, bordo ventral convexo e focinho apontado; o bordo cervical é reto, perfazendo com a fronte um ângulo quase reto; em cima parecem reconhecer-se as hastes curvas e dispostas em perfil biangular reto; a da esquerda é curta, não se observando nela qualquer ponta; a da direita é mais longa, sendo encimada pelas pontas da coroa.

O outro possível animal encontra-se sobre o equídeo **Pn10-45**, podendo corresponder a um auroque macho orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn10-56**); foi definido mediante incisão simples; a cabeça parece reaproveitar como linha fronto-nasal a do equídeo sobre o qual se sobrepõe; observa-se ainda a zona da goela do animal e parte do bordo traqueal reto; sobre a linha fronto-nasal observa-se um corno curvo atirado para a frente e que se prolonga até ao garrote; o dorso é côncavo e a garupa convexa.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. A **Pn10-38** associam-se duas da chave IXaa, uma da IXbb, sete da XIa e quatro da XIb. A **Pn10-38** e **Pn10-39** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb e duas da XIa. A **Pn10-38**, **Pn10-39** e **Pn10-40** associa-se uma da XIc. Aos motivos anteriores e a **Pn10-41** associa-se uma da XIc. Aos anteriores, a **Pn10-43** e a **Pn10-55** associa-se uma da IXa. A **Pn10-38**, **Pn10-39**, **Pn10-40, Pn10-41 e Pn10-55** associa-se uma da IXbb. A **Pn10-38**, **Pn10-39**, **Pn10-41**, **Pn10-43** e **Pn10-55** associa-se duas da XIa. A **Pn10-38**, **Pn10-39**, **Pn10-41**, **Pn10-43** e **Pn10-55** associam-se duas da IXa, uma da IXab, duas da XIa e duas da XIc. A **Pn10-38**, **Pn10-39** e **Pn10-55** associam-se uma da IXaa, uma da IXba e uma da XIb. A **Pn10-38** e **Pn10-40** associa-se uma da XIb. A **Pn10-38**, **Pn10-40** e **Pn10-41** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIIIa. A **Pn10-38**, **Pn10-40**, **Pn10-41** e **Pn10-55** associa-se uma da IXaa. A **Pn10-39** associam-se dez da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **Pn10-39** e **Pn10-40** associa-se uma da XIb. A **Pn10-39**, **Pn10-40**, **Pn10-41**, **Pn10-43** e **Pn10-55** associam-se uma da IXba e quatro da XIa. A **Pn10-39**, **Pn10-40** e **Pn10-55** associa-se uma da VIIa. A **Pn10-39** e **Pn10-55** associa-se uma da XIc. A **Pn10-40** associam-se duas da IXa, uma da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **Pn10-40** e **Pn10-41** associam-se duas da XIa. A **Pn10-40**, **Pn10-41**, **Pn10-42** e **Pn10-44** associa-se uma da XIb. A **Pn10-40**, **Pn10-41**, **Pn10-43** e **Pn10-55** associa-se uma da IXaa. A **Pn10-40**, **Pn10-41** e **Pn10-55** associam-se uma da Vc, uma da XIa e uma da XIb. A **Pn10-40** e **Pn10-55** associa-se uma da IXa. A **Pn10-41** associam-se sete da IXa, duas da IXaa, três da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, doze da XIa, onze da XIb, três da XIc, duas da XId e uma da XIIIa. A **Pn10-41** e **Pn10-42** associam-se uma da IXa e duas da XIb. A **Pn10-41**, **Pn10-42** e **Pn10-44** associa-se uma da IXab. A **Pn10-41** e **Pe10-44** associam-se uma da IXba, uma da X e duas da XIa. A **Pn10-44** associam-se uma da Ib, uma da VIIa, três da IXa, sete da IXaa, cinco da IXab, cinco da IXb, sete da IXba, uma da IXbb, uma da X, trinta e duas da XIa, treze da XIb, três da XIc e duas da XId. A **Pn10-44**, **Pn10-45** e **Pn10-46** associam-se uma da IXaa e uma da XIb. A **Pn10-44**, **Pn10-45**, **Pe10-46**, **Pn10-48** e **Pn10-50** associa-se uma da IXaa. A **Pn10-44**, **Pn10-46** e **Pn10-50** associa-se uma da IIIc. A **Pn10-44** e **Pn10-48** associa-se uma da XIb. A **Pn10-44**, **Pn10-48** e **Pn10-50** associa-se uma da IXaa. A **Pn10-45** associam-se uma da IIb, três da VIIa, cinco da IXa, seis da IXaa, duas da IXab, cinco da IXb, duas da X, quinze da XIa, oito da XIb, três da XIc e uma da XIIIa. A **Pn10-45** e **Pn10-46** associam-se uma da IXa e uma da XIc. A **Pn10-45**, **Pn10-46** e **Pn10-56** associam-se uma da IXa, uma da IXbb e uma da XIb. A **Pn10-45** e **Pn10-48** associam-se duas da IXba e uma da XIa. A **Pn10-45, Pn10-48** e **Pn10-50** associam-se uma da IIIc e uma da VIIa. A **Pn10-45** e **Pn10-49** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXba, duas da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pn10-45, Pn10-49** e **Pn10-50** associam-se uma da IXb e uma da XIb. A **Pn10-45** e **Pn10-50** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da XIa e duas da XIb. A **Pn10-45** e **Pn10-52** associam-se uma da IIIc, três da VIIa, três da IXaa, uma da IXab, três da IXb, duas da IXba, seis da XIa e sete da XIb. A **Pn10-45** e **Pn10-56** associam-se uma da IXb e uma da XIb. A **Pn10-46** associam-se uma da X e uma da XIa. A **Pn10-46** e **Pn10-56** associa-se uma da XId. A **Pn10-47** associam-se cinco da XIa e duas da XIb. A **Pn10-47** e **Pn10-50** associam-se uma da IXa, uma da X e quatro da XIa. A **Pn10-48** associam-se duas da IXa, uma da IXb, uma da IXbb e uma da XIa. A **Pn10-48** e **Pn10-50** associam-se uma da IXab e cinco da XIb. A **Pn10-49** associa-se uma da VIIa, uma da IXba, três da XIa e uma da XIb. A **Pn10-49** e **Pn10-50** associam-se uma da IXa, uma da X e uma da XIb. A

Pn10-49, Pn10-50 e **Pn10-52** associa-se uma da XIc. A **Pn10-49** e **Pn10-52** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Uma unidade da Ib, duas da IIIc, três da VIIa, três da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXc, duas da X, catorze da XIa, nove da XIb e uma da XIc encontram-se associadas a **Pn10-50**. A este motivo e a **Pn10-52** associam-se três da VIIa, uma da IXb, uma da IXc, três da X, três da XIb e duas da XIc. A **Pn10-51** associam-se duas da VIIa, cinco da IXa, sete da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, quatro da X, cinco da XIa, treze da XIb e cinco da XIc. A **Pn10-51** e **Pn10-52** associam-se três da VIIa, uma da VIII, nove da IXa, oito da IXaa, duas da IXab, cinco da IXb, quatro da IXba, cinco da IXbb, uma da X, nove da XIa, seis da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIa. A **Pn10-51** e **Pn10-54** associam-se duas da IXaa, cinco da XIa e uma da XIb. A **Pn10-52** associam-se uma da Ib, uma da IIIc, duas da VIIa, uma da VIII, cinco da IXa, seis da IXaa, dez da IXab, cinco da IXb, sete da IXba, quatro da IXbb, quatro da X, treze da XIa, dez da XIb, quatro da XIc e duas da XId. A **Pn10-52** e **Pn10-53** associam-se uma da IIIc, uma da IXaa, uma da XIa, uma da XIc e uma da XIIIa. Entre **Pn10-52**, **Pn10-53** e **Pn10-54** encontram-se duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, uma da X e uma da XIa. A **Pn10-52** e **Pn10-54** associam-se uma da IXa e uma da IXbb. A **Pn10-53** associam-se duas da IXa, três da IXaa, duas da IXab, duas da IXbb, uma da X, cinco da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **Pn10-53** e **Pn10-54** associam-se uma da VIIa, uma da IIIc, duas da IXbb, duas da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **Pn10-54** associam-se uma da Ib, quatro da IIIc, quinze da VIIa, vinte e oito da IXa, trinta e cinco da IXaa, treze da IXab, oito da IXb, dezoito da IXba, dez da IXbb, duas da IXc, catorze da X, quarenta e três da XIa, trinta e nove da XIb, dez da XIc, cinco da XId e cinco da XIIIb.

Junto do canto inferior direito do painel identifica-se uma unidade gráfica não figurativa da chave IXb.

Finalmente, refira-se uma série de unidades gráficas não figurativas que se dispõem em coluna junto do limite esquerdo do painel; é possível a discriminação das seguintes: uma da chave VIIa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da X, quinze da XIa e quatro da XIb.

Rocha 11 (Fig. 36): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 59-361, 402-403). Localiza-se a cerca de 12,5 m para nor-noroeste da anterior, a 140 m de altitude. Corresponde a um amplo paredão de configuração subtrapezoidal orientado para noroeste; apresenta uma superfície regular e porosa, sendo de cor castanho-alaranjada; as fraturas que a atravessam dividem-na em cinco painéis, encontrando-se historiados os dois da esquerda e o da direita.

É neste último que se encontram as figurações zoomórficas. Em cima reconhecemos o bordo cranial de uma pata traseira, linha ventral e arranque do bordo caudal de uma pata dianteira de um quadrúpede inciso orientado para a direita (**Pn11-01**). Também incisas são dois outros conjuntos gráficos que se situam mais abaixo e que se encontram sobrepostos pelas duas figuras picotadas a que nos referiremos em seguida. O primeiro dos conjuntos corresponde à cérvico-dorsal, nádega e cauda de um auroque orientado para a direita (**Pn11-02**). O segundo dos conjuntos corresponde aos quartos traseiros de outro auroque orientado na mesma direção (**Pn11-03**); os quartos traseiros correspondem a uma pata definida por dois bordos curvos divergentes, nádega arredondada e cauda longa e tombada para trás; é o ângulo pronunciado do arranque da cauda a característica que valorizámos no diagnóstico da espécie.

O primeiro dos conjuntos é sobreposto por um veado picotado orientado para a direita (**Pn11-04**); apresenta-se com a cabeça levantada, presumivelmente em posição de brama; a cabeça apresenta configuração subtriangular, encontrando-se aberta na zona do focinho; observa-se uma haste parcialmente contornada, dela se identificado o estoque; a cérvico-dorsal e o bordo traqueal são côncavos; o peito é convexo; a linha ventral é convexa; a cauda é foliforme; as patas encontram-se abertas nas extremidades distais.

Abaixo, sobrepondo **Pn11-03** encontra-se um veado, também picotado e orientado para a direita (**Pn11-05**); apresenta características muito semelhantes ao anterior, embora a fragmentação do suporte o tenha mutilado um pouco, designadamente na zona da pata dianteira e na do bordo dorsal da cabeça; este animal parece, no entanto, ter as suas hastes representadas segundo uma perspetiva biangular reta, reconhecendo-se na da esquerda o que parecem ser os restos da coroa; por trás da haste direita vê-se o traço da orelha.

Neste painel observam-se ainda várias unidades gráficas não figurativas. Associadas a **Pn11-01** identificam-se uma da VIIa, três da XIa e uma da XIb. Entre **Pn11-02**, **Pn11-04** e **Pn11-05** encontram-se uma da IXa, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIIIa. A **Pn11-02** e **Pn11-05** associa-se uma da IXbb. Uma unidade da chave XIa associa-se a **Pn11-03**. A esta figura e a **Pn11-05** associa-se uma da XIc. A **Pn11-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, três da IXab, dezasseis da XIa, três da XIb e uma da XIIIb. A **Pn11-05** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, sete da XIa (uma delas picotada), três da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Finalmente, refira-se a existência de uma unidade da chave XIa gravada um pouco para a esquerda e para baixo da pata de **Pn11-03**.

No primeiro painel da esquerda só se identificam unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão. Concentram-se num grupo, associando-se por sobreposição. Discriminaram-se as seguintes: uma da chave Ib, cinco da VIIa, uma da VIII, dez da IXa, catorze da IXaa, doze da IXab, três da IXb, uma da IXba, oito da IXbb, uma da IXc, catorze da X, cinquenta e cinco da XIa,

dezassete da XIb, quatro da XIc e três da XId.

No painel imediatamente à direita identificam-se três conjuntos de unidades gráficas não figurativas. Um primeiro situa-se acima dos restantes. É dominado pela presença de uma unidade da chave IXa picotada. Em sua volta distinguem uma série de outras conseguidas por incisão. É possível a descriminação das seguintes: duas da chave VIIa, quatro da IXa (para além da picotada já referida), uma da IXaa, três da IXab, onze da XIa, oito da XIb e uma da XIc. O segundo conjunto encontra-se imediatamente abaixo e é constituído pelas seguintes unidades gráficas não figurativas: quatro da chave VIIa, dezasseis da IXa, dezanove da IXaa, três da IXab, quatro da IXba, cinco da IXbb, vinte da XIa, doze da XIb, oito da XIc e duas da XId. O último conjunto localiza-se imediatamente abaixo, sendo composto pelas seguintes unidades gráficas não figurativas: uma da chave VIIa, cinco da IXa, cinco da IXaa, quatro da IXab, duas da IXb, uma da IXba, duas da IXbb, uma da X, dezassete da XIa, treze da XIb, três da XIc e uma da XIIIa.

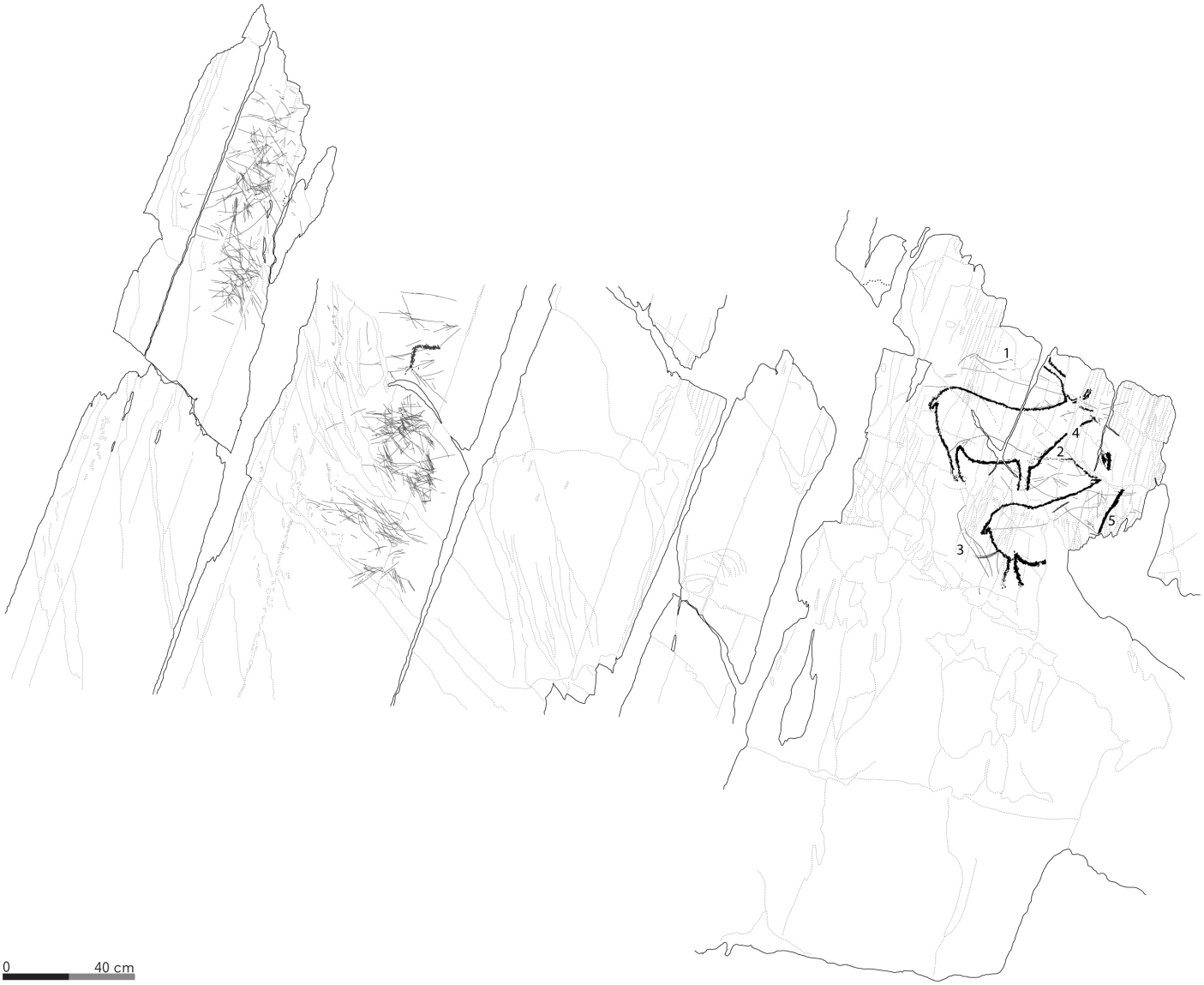


Fig. 36: Rocha 11 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Rocha 12 (Fig. 37): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 361-362, 404). Localiza-se a cerca de 67 m para sudeste da rocha 10, a 185 m de altitude, encontrando-se já em plena vertente da Penascosa. Corresponde a um painel de cor castanho-acinzentada, de configuração subtrapezoidal. Apresenta uma superfície regular e algo porosa, orientando-se para noroeste. Todas as figurações aqui presentes foram conseguidas por incisão.

São seis os zoomorfos identificados. Assim, sensivelmente a meio do eixo horizontal da rocha, na zona superior da mesma identifica-se a representação parcial de um quadrúpede estriado orientado para a direita (**Pn12-01**); está reduzido ao membro posterior (de configuração reta) e à linha ventral (algo côncava na zona inguinal, tornando-se depois convexo).

Abaixo observa-se capríneo estriado orientado também para a direita (**Pn12-02**); apresenta cabeça de configuração subtriangular, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; a nuca é arredondada e o pescoço bem marcado; os dois cornos

são curvos e atirados para trás, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é convexa na zona do garrote, tornando-se depois côncava; a traseira está mal definida, parecendo, no entanto, ter-se esboçado uma curta cauda atirada para trás; é difícil perceber se se encontram representados ambos os membros posteriores (neste caso, segundo uma perspetiva biangular oblíqua) se apenas um; a linha ventral é algo convexa; as patas dianteiras estão representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua nelas se percebendo coxas, pernas e cascos; o bordo traqueal está apenas esboçado.

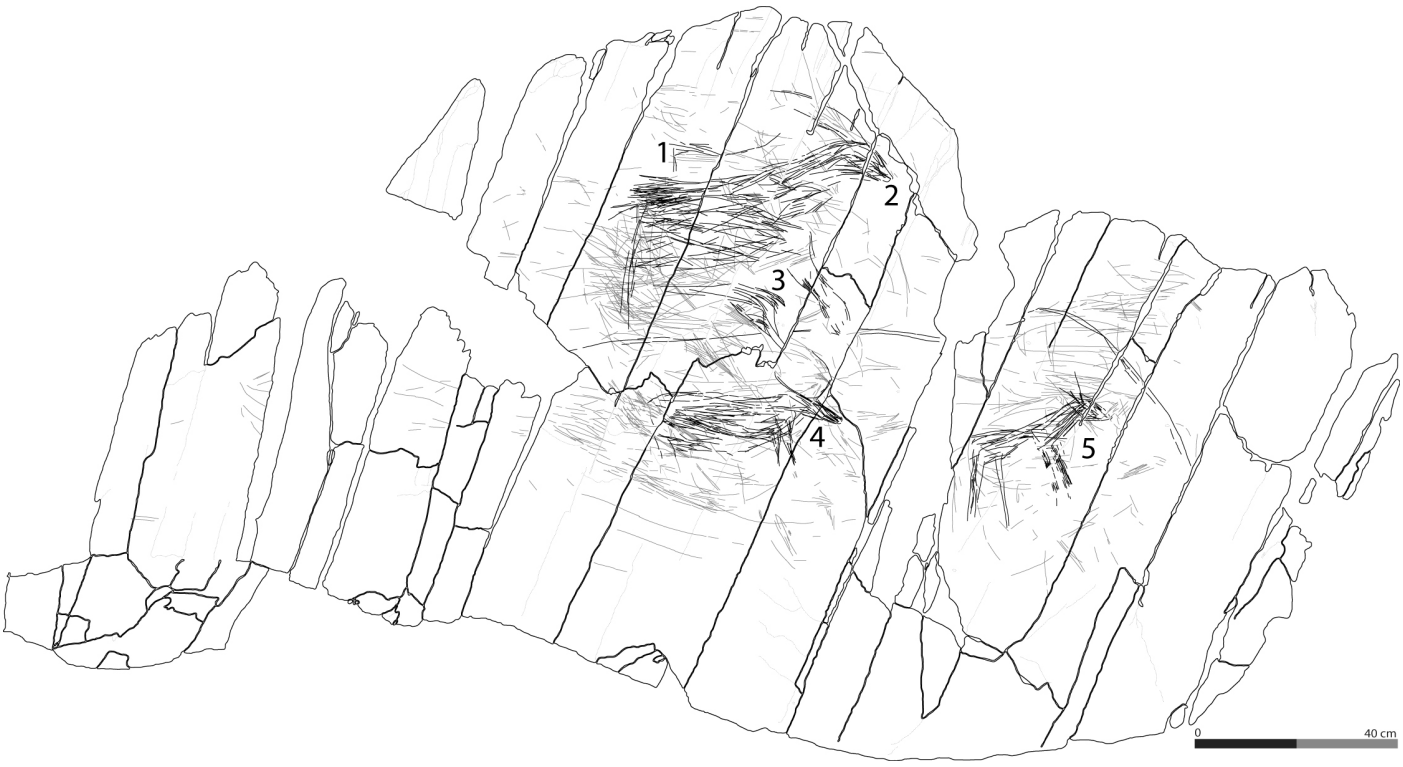


Fig. 37: Rocha 12 da Penascosa (decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

Imediatamente abaixo reconhece-se a representação da zona posterior de um cervídeo estriado, orientado para a esquerda (**Pn12-03**); apresenta dorso praticamente reto e uma garupa angulosa; a cauda é foliforme; as duas patas traseiras dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, nelas se observando as coxas triangulares e as pernas definidas por traços retos.

Imediatamente abaixo reconhece-se a figuração de um auroque estriado orientado para a direita (**Pn12-04**); apresenta cabeça alongada com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho arredondado; os cornos são curvos e dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o corpo é subovoide e a cauda não se identifica; as patas traseiras correspondem a simples traços retos, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular reta; as dianteiras, em forma de V, dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua.

Para a direita observa-se um capríneo estriado orientado nessa direção (**Pn12-05**); apresenta cabeça subtriangular com focinho arredondado; são visíveis os dois cornos curvos dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o pescoço é possante e de configuração sub-retangular; o corpo é esguio, sendo a cérvico-dorsal algo convexa e a linha ventral reta (com a zona do ventre mais saliente). As quatro patas são retas, dispondo-se cada par segundo uma perspetiva biangular reta.

Os dois últimos animais encontram-se no interior do que parece corresponder a uma figuração de grandes dimensões de um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pn12-06**); esta figura encontra-se reduzida à cérvico-dorsal e à cauda; esta é curva e atirada para trás.

Relativamente ao repertório não figurativo, encontram-se associadas a **Pn12-01** uma unidade gráfica da chave IXab, duas da X, uma da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **Pn12-01** e **Pn12-02** associa-se uma da VIIa. Exclusivamente a **Pn12-02** associam-se uma da IIb, uma da VIIa, três da IXa, oito da IXaa, nove da IXab, seis da IXb, dez da IXba, três da IXbb, duas da IXc, cinco da X, vinte e três da XIa, vinte e cinco da XIb, duas da XIc e cinco da XId. Acima de **Pn12-01** e **Pn12-02** identificam-se uma da VIIa, duas da IXaa, uma da IXab, catorze da XIa, três da XIb, uma da XIc e uma da XId. Uma unidade gráfica da chave IXa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da X, nove da XIa, duas da XIb e uma da XIc localizam-se à esquerda de **Pn12-02**. Já à direita deste último motivo identifica-se uma da IXa, uma da IXbb, uma da X, oito da XIa e duas da XIb. A **Pn12-02** e **Pn12-03** associam-se uma da VIIa, quatro da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, duas da IXbb e uma da XIa. A **Pen12-03** associam-se uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da X, quatro da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **Pn12-03** e **Pn12-06** associam-se uma da Ib e uma da VIII. A **Pn12-04** (e consequentemente a **Pn12-06**) associam-se três da VIIa, uma da IXa, quatro da IXaa, cinco da IXab, cinco da IXb, cinco

da IXba, seis da IXbb, uma da IXc, uma da X, dezoito da XIa, quinze da XIb, cinco da XIc e uma da XId. A **Pn12-05** (que se encontra no interior de **Pn12-06**) associam-se duas da IIa, uma da IIIc, seis da IXaa, uma da IXab, uma da IXc, doze da XIa, dezasseis da XIb, três da XIc e duas da XId. Exclusivamente a **Pn12-06** associam-se duas da VIIa, oito da IXa, quinze da IXaa, cinco da IXab, quatro da IXb, três da IXba, três da IXbb, cinco da X, sessenta e duas da XIa, dezanove da XIb, catorze da XIc e nove da XId. Quatro unidades gráficas da chave XIa, cinco da XIb e uma da XId localizam-se à esquerda de **Pn12-06**. À direita deste último motivo identificam-se ainda três da VIIa, duas da IXb, duas da IXbb, cinco da XIa, duas da XIb, três da XIc, três da XId e duas da XIII.

Rocha 13 (Fig. 38): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 362, 404). Localiza-se a cerca de 7 m para nordeste, a cerca de 187 m de altitude; apresenta configuração subtrapezoidal e uma variação cromática entre o castanho e o cinzento; a superfície é regular e lisa, orientando-se para oeste. Todas as figurações aí gravadas foram conseguidas por incisão.



Fig. 38: Rocha 13 da Penascosa (decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

A única figuração presente encontra-se na parte superior do painel, sensivelmente ao centro, correspondendo a um veado estriado disposto na oblíqua e orientado para a esquerda (**Pn13-01**); apresenta cabeça oblonga com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral com queixo e ganacha bem demarcadas; no seu interior observa-se o olho. A encimar a cabeça observam-se as orelhas e as hastes dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; as primeiras são foliformes, arrancando a partir do lado externo das hastes; na haste da direita reconhece-se a três pontas intermédias e as da coroa; na da esquerda observa-se o estoque, o contraestoque, as pontas da coroa e três pontas intermédias; o pescoço é alongado e o garrote bem marcado, tornando-se a linha cérvico-dorsal a partir daqui convexa; a nádega é também arredondada; a cauda é definida por três traços dispostos na horizontal e sensivelmente paralelos entre si; as patas (apenas uma por par) são atiradas para o exterior, nelas se distinguindo as coxas (subtriangulares) das pernas (traços retos); a linha ventral é convexa e o bordo traqueal côncavo.

Entre o repertório figurativo é possível distinguir três concentrações. Uma delas localiza-se essencialmente sobre **Pn13-01**; diretamente associadas a essa figura são distinguíveis as seguintes unidades gráficas: duas da chave VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXba, uma da X, nove da XIa, quatro da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Ainda nesta concentração, mas dispostos em torno do cervídeo, identificaram-se ainda uma da Ia, uma da VIIa, três da IXaa, duas da X, vinte da XIa, seis da XIb e uma da XId A segunda concentração encontra-se um pouco abaixo à esquerda e é composta por oito unidades da chave XIa (três delas em sequência), uma da XIb e duas da XIc. Finalmente, a terceira concentração localiza-se no sector direito do painel e é composta pelas seguintes unidades gráficas: uma da chave IIa, duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, três da X, quinze da XIa, doze da XIb, nove da XIc e quatro da XId.

Rocha 15 (Fig. 34): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publica a sua descrição e o respetivo decalque (Baptista e Gomes, 1997, 363-364, 406). Como rocha 15 foram inventariados três fragmentos identificados em muro de pedra vã localizado no sopé da colina onde se encontra o grupo de rochas 6 a 9. O muro localiza-se a 137 m de altitude, a cerca de 7,5 m para oeste da rocha 6. As peças apresentam cor castanho-escura, sendo as suas superfícies regulares e lisas.

As três peças apresentam traços picotados. Dadas as características do suporte e a orientação da xistosidade, estes elementos poderão ter origem na rocha 9, como foi já sugerido por Baptista e Gomes para os casos das peças A e B (1997, 363); de facto os traços presentes nas três peças ajudam a completar **Pn09-01**, tal como demonstrado na figura 34. Segundo a nossa interpretação, os dois traços da peça C que naquela publicação são lidos como a cauda de um capríneo (Baptista e Gomes, 1997, 364), correspondem a parte do bordo ventral da cabeça, pera e arranque do bordo traqueal de **Pn09-01**; o traço remanescente pertence à linha fronto-nasal desse animal, podendo o picotado restante ser interpretado como o seu olho.

As restantes figuras dos fragmentos são incisas. Um dos motivos figurativos encontra-se imediatamente abaixo do corno **de Pn09-01**, na peça A; corresponde ao prótomo estriado de uma cerva orientada para a direita (**Pn15-01**); esta cabeça apresenta uma linha fronto-nasal convexa na zona da fronte, tornando-se depois côncava; o focinho é reto e bordo ventral da cabeça convexo; em cima parece reconhecer-se uma pequena orelha foliforme; do bordo traqueal observa-se o arranque. A posição da cabeça é comum nestes animais, devendo representar comportamento de alerta ou de alimentação em ramagens altas das árvores.

O outro motivo figurativo corresponde aos quartos traseiros de um quadrúpede definido por contorno simples, inclinado para cima e orientado para a direita (**Pn15-02**); encontra-se sob a nádega de **Pn09-01**, dele se observando a nádega arredondada, a pata traseira em forma de triângulo e a linha ventral convexa.

As restantes figurações são não figurativas. Associadas a **Pn15-01** encontram-se três da chave XIa e uma da XIc. A **Pn09-01** associam-se uma da IIIb, uma da VIIa, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, dezasseis da XIa, seis da XIb e uma da XId. Entre o corno e a garupa de **Pn09-01** (e portanto não se percebendo com clareza qual a relação com **Pn15-01**) identifica-se uma da Ib, uma da IIIc, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da IXba, quatro da XIa, quatro da XIb e duas da XIc.

No segundo elemento pétreo encontramos o que deve corresponder a parte do dorso e do ventre de **Pn09-01**; trata-se de dois traços picotados executados após esboço inciso; neste fragmento encontra-se ainda uma série de incisões que, com todas as reservas, podemos classificar da seguinte maneira: a duas unidades da chave IXa associadas a **Pn09-01**, uma da IXba, duas da IXbb, uma da IXc, uma da X, onze da XIa, sete da XIb, uma da XIc e duas da XId; por baixo do ventre de **Pn09-01** encontra-se ainda uma unidade da chave XId (que poderá, no entanto, corresponder à continuação de **Pn09-02**). Refira-se ainda a existência de duas covinhas.

No terceiro elemento pétreo identificamos o que poderá corresponder à linha fronto-nasal ligeiramente convexa, olho, queixo reto, pera linear e arranque do bordo traqueal de **Pn09-01**, tudo picotado. Sobre a linha fronto-nasal identifica-se ainda uma unidade gráfica da chave XIa.

Rocha 16 (Fig. 39): Foi dada a conhecer em 2010 (Baptista & Santos, 2010, 62), pese embora o seu decalque só se tenha publicado dois anos mais tarde (Santos, 2012, 60). Localiza-se a cerca de 19,65 m para és-sudeste da anterior, a uma altitude de 199 m. Trata-se de um amplo painel de configuração sub-retangular e cor castanho-acinzentada; a superfície é regular e lisa, orientando-se para noroeste. As fissuras mais impressivas dividem-na, no entanto, em diversos painéis que poderão ter sido levados em conta na altura da gravação. Todas as figuras foram conseguidas por incisão.

Identificam-se quatro figurações zoomórficas, sendo três delas equídeos indubitáveis. O primeiro destes encontra-se no sector esquerdo do painel, sendo definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pn16-01**); apresenta uma cabeça com linha fronto-nasal convexa, ganacha convexa e queixo reto, encontrando-se o focinho em aberto; a crineira – de configuração convexa e delimitada interiormente – prolonga-se pela linha cérvico-dorsal que, no seu conjunto, apresenta suave convexidade; o bordo traqueal é ligeiramente convexo, assim como a linha ventral, conformada esta por uma série de linhas descontínuas curvas; não se representaram nem as patas nem os quartos traseiros.

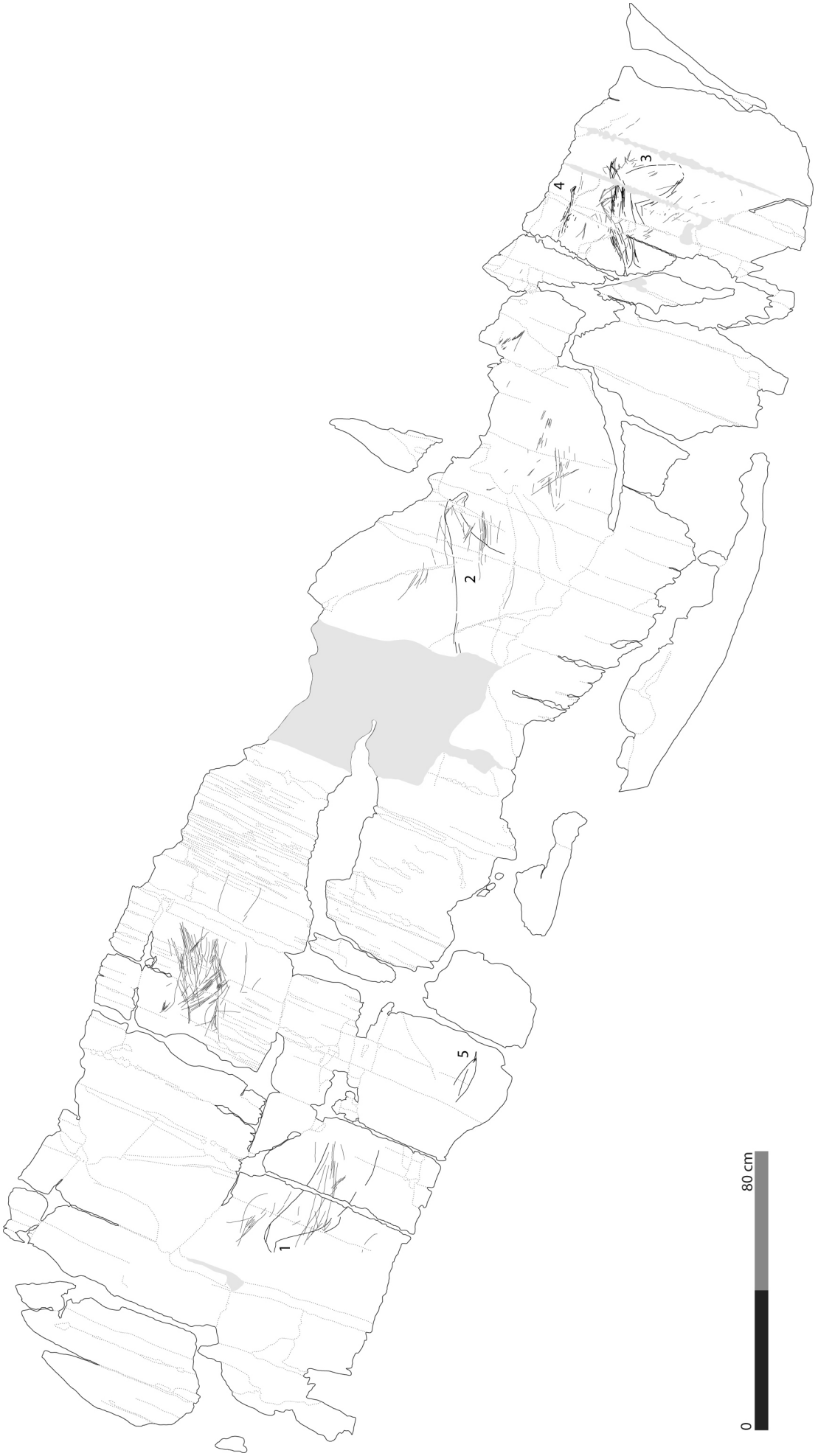


Fig. 39: Rocha 16 da Penascosa (decalque da Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, João Félix e Marcos García-Diez).

O segundo equídeo – também definido por contorno simples (duplo na crineira) – encontra-se cerca de 1,70 m para a direita, orientado para essa direção (**Pn16-02**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal algo reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha e queixo também convexos, sendo a primeira muito pronunciada; no seu interior observa-se a boca (prolongamento do queixo após curva acentuada, e um olho); a crineira é em degrau e a linha cérvico-dorsal suavemente convexa; dois traços no seu final poderão marcar o arranque da cauda; o bordo traqueal é côncavo; nada mais se gravou deste animal.

O terceiro equídeo localiza-se a cerca de 0,80 m para a direita, correspondendo a um prótomo orientado nessa direção (**Pn16-03**); a cabeça é definida por contorno múltiplo e a crineira é estriada; linha fronto-nasal e bordo ventral da cabeça são convexos, sendo o focinho reto; a crineira termina em ângulo, apresentando uma delimitação exterior algo irregular. O zoomorfo remanescente corresponde à representação parcial de um quadrúpede indeterminado orientado para a direita (**Pn16-04**); apresenta uma cabeça subtrapezoidal com linha fronto-nasal e bordo ventral retas; o focinho é convexo, e a nuca angulosa; a linha cérvico-dorsal é algo indefinida, caraterizando-se genericamente pela sua suave convexidade; o interior do animal encontra-se estriado.

Mais insegura é a identificação de um peixe orientado para a direita e conseguido por incisão simples (**Pn16-05**); localiza-se a cerca de 18 cm para a direita e para baixo de **Pn16-01**; apresenta dorso e ventre convexos e o possível gancho na ponta da cabeça que os salmonídeos adquirem quando sobem os rios durante o inverno.

Os restantes motivos correspondem a unidades gráficas não figurativas; um primeiro grupo é discernível associado a **Pn16-01**, sendo constituído por duas da chave IXa, duas da IXaa, uma da X, nove da XIa, três da XIb e três da XIc. Uma segunda concentração deste tipo de motivos identifica-se a cerca de 35 cm para a direita e acima da concentração anterior; é constituída duas da VIIa, uma da IXa, quatro da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, duas da X, doze da XIa, cinco da XIb, nove da XIc e uma da XIIIb. Uma terceira concentração localiza-se sobre **Pn16-02**; é composta por duas da VIIa, quatro da IXba, duas da IXbb, nove da XIa, três da XIb e uma da XIc. Outra concentração localiza-se entre esta e a composta pelas unidades que se associam aos zoomorfos localizados mais à direita. De entre os elementos desta quarta concentração, reconhecem-se os seguintes: uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, oito da XIa, cinco da XIb, três da XIc e quatro da XId. A última concentração situa-se sobre **Pn16-03** e à sua volta; entre aquele motivo e **Pn16-04** identificam-se duas da IXb, duas da XIa e duas da XIb. A **Pn16-03** associam-se uma da VIa, quatro da IXa, duas da IXaa, dezassete da XIa, quatro da XIb, duas da XIc e quatro da XId.

Rocha 17 (Fig. 40): Foi dada a conhecer em 1999, quando se publicou decalque parcial do painel (Baptista, 1999b, 112-113). Localiza-se a cerca de 13 m para su-sudeste da anterior, a uma altitude de 202 m. Trata-se de uma rocha mais alongada que alta, de configuração sub-retangular e cor castanho-acinzentada; a superfície é regular e algo porosa, orientando-se para noroeste. As gravuras concentram-se no sector esquerdo da rocha, sendo que pelo menos um dos motivos é já de cronologia holocénica. Os motivos anteriores são incisos, enquanto este último é conseguido essencialmente por raspagem.

No sector esquerdo, destaca-se do restante do suporte um painel, nele se encontrando os únicos motivos figurativos. Assim, sensivelmente ao centro reconhece-se uma fêmea de cabra-montês definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a esquerda (**Pn17-01**); apresenta cabeça de configuração subtriangular com fronte destacada, chanfro reto, bordo ventral ligeiramente convexo e focinho apontado; no interior reconhece-se o olho, a boca e uma delimitação interna na zona do chanfro; apenas um corno foi gravado, sendo este curto e curvo; o bordo cervical é côncavo, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é atirada para trás, sendo definida por dois curtos bordos paralelos. A nádega é arredondada; as duas patas traseiras dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, apresentando configuração subtriangular; a linha ventral é convexa na zona do ventre e côncava na da cilheira; apenas uma pata dianteira – de configuração triangular – foi gravada; o bordo traqueal é reto e o peito convexo- côncavo.

Uma segunda figuração zoomórfica encontra-se um pouco abaixo; corresponde aos quartos traseiros de um cervídeo definido por incisão simples, orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn17-02**); apresenta cérvico-dorsal ligeiramente côncava, cauda foliforme e linha ventral convexa; apenas uma pata traseira foi gravada, nela se apreciando a distinção entre a coxa triangular e a perna reta; refira-se ainda que o bordo cranial da coxa se prolonga pelo interior do animal.

A outra figura zoomórfica do painel localiza-se mais abaixo, correspondendo a um quadrúpede estriado orientado para a esquerda (**Pn17-03**); apresenta um corpo de forma oblonga e extremamente alongado; a cérvico-dorsal é ligeiramente convexa até à zona do garrote, tornando-se depois côncava; a nádega é tenuemente convexa e a cauda curta e tombada sobre ela; a linha ventral é convexa; apenas a pata dianteira foi gravada, sendo definida por dois traços retos paralelos entre si; a zona anterior do animal é algo indefinida, reconhecendo-se, no entanto, um pescoço longo e esguio; a cabeça não foi gravada.

A terceira figuração é já holocénica. Corresponde a um antropomorfo itifálico visto de frente, com o sexo orientado para a direita (**Pn17-04**); apresenta cabeça circular, longo corpo de tendência sub-retangular e duas pernas algo arqueadas; os braços são igualmente longos, reconhecendo-se no da esquerda os cinco dedos da mão; o falo é de grandes dimensões, encontrando-se ereto; por baixo observa-se o escroto, de configuração oblonga. Com exceção dos braços e dedos que foram definidos por incisão simples,

todo o interior da figura foi raspado; esta localiza-se por trás de **Pn17-01**, parecendo recuperá-lo para o tempo do gravador, mediante cena de bestialismo.



Fig. 40: Rocha 17 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, J. Félix e M. García-Diez).

As restantes gravuras deste painel são não figurativas; infelizmente é difícil perceber se serão todas pleistocénicas ou se existirão também incisões de cronologia holocénica; por uma questão de método, consideraremos também a possibilidade de associação entre unidades gráficas não figurativas e o motivo mais recente. Assim, associadas a **Pn17-01** identificam-se uma unidade da chave IXaa,

duas da IXba, uma da X, doze da XIa, e duas da XIb. À esquerda daquele motivo observa-se uma da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. Entre **Pn17-01** e **Pn17-02** identificam-se duas da XIa e uma da XIb. No espaço compreendido entre **Pn17-01**, **Pn17-02** e **Pn17-03** observa-se uma da IXba, duas da IXbb, uma da X, três da XIa, uma da XIb e três da XIc. A **Pn17-01** e **Pn17-04** associam-se duas da IXa, uma da IXc, duas da XIa, uma da XIb e duas da XId. A **Pn17-02** associam-se uma da IIIc, uma da VIIa, três da VIII, duas da IXa, uma da IXaa, quatro da IXb, duas da IXba, duas da IXc, doze da XIa, treze da XIb e cinco da XId. A **Pn17-03** associam-se uma da IIIc, uma da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, quinze da XIa, sete da XIb, e uma da XIc. A **Pn17-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, três da XIa, três da XIb, uma da XIc e três da XId. À direita de **Pn17-04** encontram-se uma da IIIc, seis da XIa, duas da XIb e duas da XId. Finalmente, refira-se ainda a existência de duas unidades da chave XIa na zona superior do painel.

Um segundo painel encontra-se à direita do anterior. Nele só se observa unidades gráficas não figurativas, podendo distinguir-se as seguintes: uma da IIIc, cinco da VIIa, três da IXa, quatro da IXaa, oito da IXab, três da IXb, duas da IXba, cinco da IXbb, três da X, sessenta e cinco da XIa, vinte e seis da XIb, seis da XIc e treze da XId.

Rocha 19 (Fig. 41): Foi dada a conhecer em 2002, quando se publicou decalque parcial dela, embora tenha sido identificada como 16 (Gomes, 2002, 179). Localiza-se a cerca de 10 m para sul da rocha 11, a uma altitude média de 140 m. Trata-se de um painel de forma poligonal, de cor castanho-acinzentada; a superfície é regular e algo porosa, orientando-se para oés-noroeste; o acesso a esta rocha só se dá mediante a subida de uma bancada (topo da rocha imediatamente em frente).

As fissuras e a configuração do painel permitem a distinção de dois sectores: o da esquerda, mais pequeno e *grosso modo* subquadrangular; o da direita, de maiores dimensões e genericamente sub-retangular, sendo neste que se encontram as únicas figurações zoomórficas claras da rocha. A que mais se destaca situa-se algo deslocada para a direita do centro geométrico do sector; corresponde a um grande veado, orientado para a esquerda, com algumas zonas da cabeça picotadas, sendo o resto do corpo definido por incisão múltipla (**Pn19-01**); a cabeça apresenta forma *grosso modo* triangular com linha fronto-nasal convexa na zona da fronte e reta na do chanfro, bordo ventral algo côncavo e focinho arredondado; no interior observa-se a boca (incisa) e o olho (picotado); as duas hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na da direita reconhece-se o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia e a coroa; na da esquerda observa-se o estoque, o contraestoque, duas pontas intermédias e a coroa; por trás desta haste surge a orelha – de aspecto foliforme; a cérvico-dorsal apresenta clara distinção entre o bordo cervical (côncavo), garrote (convexo), dorso (côncavo) e garupa (convexa); a cauda é foliforme e disposta sobre a nádega; esta está apenas esboçada, apresentando forma arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos sub-retilíneos, sendo aberta na extremidade distal; o bordo cranial prolonga-se pelo interior do corpo do animal; a linha ventral apresenta a zona inguinal côncava, sendo o resto convexo; a pata dianteira é atirada para a frente e terminada pelo casco; o bordo traqueal é reto e a zona do peito côncava.

Abaixo do ventre deste animal reconhece-se linha ventral e o bordo cranial de uma pata traseira de um quadrúpede orientado para a esquerda (**Pn19-02**); trata-se de uma figura incisa definida por contorno simples e múltiplo.

O terceiro animal encontra-se sob a extremidade distal do membro posterior de **Pn19-01**, tratando-se de quadrúpede acéfalo definido por contorno inciso simples e múltiplo, orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pn19-03**); apresenta cérvico-dorsal descontínua de configuração reta, arredondando na zona da garupa; a cauda prolonga essa curvatura, descendo paralelamente à nádega, que apresenta forma convexa; da pata traseira observa-se o bordo caudal, reto e definido por contorno múltiplo; na pata dianteira distingue-se a coxa – estriada e mais larga – e a perna – retilínea e definida por contorno múltiplo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da cabeça só se observa o bordo cervical/ nuca, que apresenta configuração convexa.

As restantes gravuras deste sector correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas; a **Pn19-01** encontram-se associadas uma da chave Vc, dez da VIIa, uma da VIII, quatro da IXa, três da IXaa, cinco da IXab, quatro da IXb, uma da IXba, seis da IXbb, duas da X, quarenta e três da XIa, vinte e seis da XIb, catorze da XIc, sete da XId, duas da XIIIa e uma da XIIIb. A **Pn19-02** associa-se uma unidade gráfica da chave XIb. A **Pn19-03** associam-se uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da IXba, oito da XIa, oito da XIb, três da XIc e uma da XIIIb. Entre os três zoomorfos, na zona inferior do painel, identificam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXb, onze da XIa, três da XIb e quatro da XIc. Finalmente, no quadrante esquerdo do sector, identificaram-se ainda duas da VIIa, três da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, três da IXb, quatro da IXbb, uma da X, oito da XIa, sete da XIb e cinco da XIc.

Refira-se ainda a existência de uma série de impactos picotados que incidem sobretudo sobre **Pn19-01**.

Entre o sector anterior e o da direita (atravessando, portanto a fratura que os separa) foi gravada uma unidade gráfica da chave XIa. Passemos agora à descrição dos grafismos – todos incisos – deste sector. Relativamente aos zoomorfos, parece-nos reconhecer os esboços parciais de cinco quadrúpedes. Assim, no cimo observa-se o que poderá corresponder à cérvico-dorsal de um quadrúpede orientado para a direita (**Pn19-04**); A curva e a contracurva desta unidade gráfica sugere-nos um cavalo, hipótese reforçada pela existência de um segundo traço na extremidade direita que pode ser interpretado como arranque da crineira.



Fig. 41: Rocha 19 da Penascosa (decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

Na zona entre o dorso e a garupa do animal observa-se um corno em ténue S que arranca de uma cabeça orientada para a esquerda (**Pn19-05**); esta apresenta forma subtriangular, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; interpretamo-la como prótomo de um capríneo.

Um pouco à esquerda e para baixo observa-se o que julgamos corresponder a um prótomo de uma cerva orientado para a esquerda (**Pn19-06**); a cabeça é alongada e o focinho ligeiramente apontado; a linha fronto-nasal é bombeada na zona da fronte e reta na do chanfro; o focinho é reto, assim como o bordo ventral da cabeça; deste animal observa-se ainda o arranque côncavo do bordo traqueal.

Para a direita e um pouco abaixo de **Pn19-05** observa-se o que poderá ser um prótomo de macho de cabra-montês orientado para a direita (**Pn19-07**); apresenta cabeça de configuração sub-retangular com a fronte ligeiramente bombeada; a cabeça é encimada por corno curvo.

A última representação zoomórfica do sector localiza-se abaixo da anterior, correspondendo a um outro prótomo orientado para a direita (**Pn19-08**); apresenta linha fronto-nasal com fronte bombeada, focinho aberto e queixo reto; o bordo cervical é reto; da extremidade da nuca convexa sai um traço que pode corresponder ao arranque de uma orelha ou de um corno; o animal pode corresponder a um capríneo ou cervídeo.

As restantes gravuras são não figurativas; associadas a **Pn19-04** encontram-se três unidades gráficas da chave VIIa, duas da IXa, três da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, duas da X, oito da XIa, sete da XIb e quatro da XIc. A **Pn19-04** e **Pn19-05** associa-se uma da IXaa. Entre **Pn19-04**, **Pn19-05** e **Pn19-06** identificaram-se uma da IXaa, duas da IXb, duas da IXbb, duas da

X, uma da XIa, quatro da XIb, uma da XIc, duas da XId e uma da XIIIb. Entre **Pn19-04**, **Pn19-05** e **Pn19-07** identificou-se uma da VIIa. Entre **Pn19-04** e **Pn19-06** identificaram-se duas da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **Pn19-05** associam-se uma da X, uma da XIa, três da XIb e três da XIc. Entre **Pn19-05**, **Pn19-06**, **Pn19-07** e **Pn19-08** identificaram-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, duas da IXbb, quatro da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **Pn19-06** associam-se uma da Ia, três da IXaa, três da IXab, uma da IXba, uma da X, cinco da XIa, cinco da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Entre **Pn19-06** e **Pn19-07** identificou-se uma da VIIa e uma da XIa. A **Pn19-07** associam-se uma da Ia, uma da IXa, duas da IXaa, três da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. À sua direita observa-se duas da IXa, uma da IXb, uma da IXc, duas da XIa e uma da XIb. A **Pn19-08** associam-se uma da IIb, uma da XIa, cinco da XIb, duas da XIc e uma da XId. À sua esquerda foram gravadas uma da IXc, uma da XIa e uma da XIc, e à sua direita três da XIa. Finalmente, abaixo das figurações zoomórficas identifica-se ainda uma da IIIc, uma da VIIa, uma da IXa, uma da X, uma da XIa e uma da XIb.

Rocha 21 (Fig. 42): Foi dada a conhecer em 2010 (Baptista & Santos, 2010, 62). Localiza-se no sector montante do sítio, a cerca de 57 m para leste da rocha 7, a uma altitude de 166 m; corresponde a um painel de configuração subtrapezoidal orientado para sudoeste; apresenta uma cor castanho-avermelhada e superfície regular e lisa; duas fraturas de disposição diagonal individualizam três superfícies por onde se distribuem as gravuras, exclusivamente incisas.

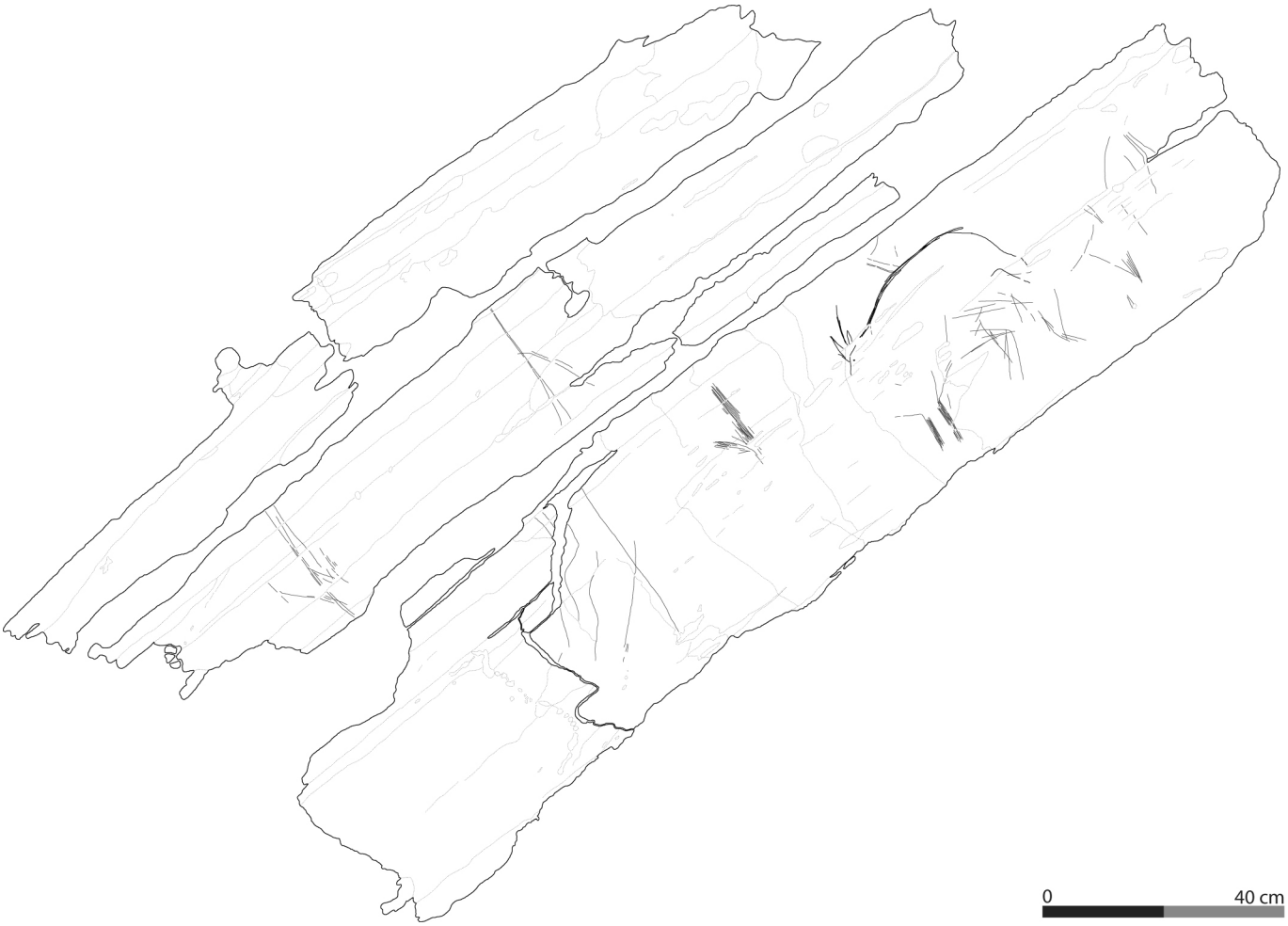


Fig. 42: Rocha 21 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, J. Félix e M. García-Diez.

Na superfície inferior localiza-se o único zoomorfo reconhecível; corresponde este à representação parcial de um capríneo orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**Pn21-01**); da cabeça só se observa a linha fronto-nasal de configuração ligeiramente côncava, o arranque do focinho, e a nuca que com a fronte perfaz um ângulo obtuso; no interior da cabeça observa-se um olho circular; a cabeça é encimada por duas orelhas foliformes, localizadas excessivamente ao alto e dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; no meio das mesmas surge um corno curvo; a cérvico-dorsal é convexa e a cauda curta e longilínea, sendo definida pelo contorno de todo o seu perímetro; a anca é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos e aberta na extremidade distal, sendo que o bordo caudal apresenta a configuração do jarrete; o animal é definido por contorno simples e múltiplo (na zona da cérvico-dorsal).

As restantes unidades são não figurativas; associadas ao animal observam-se cinco da IXa, duas da IXaa, duas da IXba, nove da XIa, cinco da XIb e duas da XIc. Ainda na mesma superfície, mas para a sua direita observam-se uma da IXb, uma da IXba, sete da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Para a esquerda de **Pn21-01** foram gravadas outras quantas unidades gráficas; assim, entre o animal e o limite do painel, sensivelmente ao centro deste espaço observa-se uma concentração composta por uma da IXab, duas da IXb, cinco da XIa, três da XIb, duas da XIc e uma da XIIIa.

Na superfície mesial só se gravaram unidades gráficas não figurativas; designadamente uma da VIIa, uma da IXab, uma da XIa, três da XIb e três da XIc.

Rocha 22 (Fig. 43): Foi dada a conhecer em 2010 (Baptista & Santos, 2010, 62). Localiza-se na zona jusante do sítio a cerca de 30 m para sudeste da rocha 10 e a uma altitude de 158 m; corresponde a uma rocha de cor castanho-avermelhada, orientada para nor-noroeste; é composta por dois painéis historiados separados entre si cerca de 80 cm; as superfícies historiadas são regulares e lisas.



Fig. 43: Rocha 22 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, J. Félix e M. García-Diez). A relação entre painéis é aproximada.

O painel da esquerda apresenta configuração subtrapezoidal, encontrando-se a uma altura maior que o da direita (a base daquele situa-se sensivelmente à mesma cota que o topo deste); nele só se observa gravuras incisas que conformam unidades gráficas não figurativas; é possível a definição das seguintes unidades gráficas distribuídas pelo painel: uma unidade gráfica da chave VIIa,

duas da IXa, três da IXaa, duas da IXab, duas da IXba, uma da IXbb, uma da X, dezanove da XIa, oito da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIIb.

O painel da direita apresenta configuração subtriangular; como no caso anterior, todas as gravuras aqui existentes foram conseguidas por incisão; aqui descobre-se as únicas figurações zoomórficas desta rocha.

Assim, na zona superior do painel observa-se a representação parcial de um quadrúpede definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pn22-01**); da zona superior observa-se parte da linha cérvico-dorsal, nela se distinguindo o dorso e o garrote; da zona inferior do quadrúpede só se observa a linha ventral fortemente convexa e o bordo cranial da pata traseira curvo.

Abaixo observa-se outra representação de quadrúpede, definido por contorno simples e também orientado para a direita (**Pn22-02**); apresenta cérvico-dorsal com garrote evidente e garupa arredondada; parece dispor de uma cauda subtriangular; a nádega é convexa e a pata traseira é de forma triangular; o seu bordo cranial é curvo, perfazendo com a linha ventral uma zona inguinal angulosa; a linha ventral apresenta ventre fortemente convexo e cilhadouro reto.

No interior do animal anterior parece reconhecer-se um esboço de quadrúpede definido por incisão simples e orientado para a esquerda (**Pn22-03**); um traço reto disposto na diagonal pode corresponder ao bordo cervical; à esquerda, um outro disposto na horizontal poderá ser interpretado como parte do dorso; abaixo reconhece-se uma longa cauda retraída, a pata traseira definida por dois bordos e aberta na extremidade distal, a zona inguinal angulosa e parte do ventre convexo; um pouco à esquerda um traço côncavo poderá corresponder ao peito e bordo cranial da pata dianteira.

Abaixo da pata traseira de **Pn22-02** observa-se uma pequena representação estriada da zona anterior de uma cerva orientada para a direita (**Pn22-04**); apresenta cabeça oblonga com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho arredondado; as orelhas são foliformes e dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é ligeiramente convexo; as linhas cérvico-dorsal e ventral são retas; as patas dianteiras – de forma triangular alongada – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. A **Pn22-01** associam-se duas da chave VIIa, três da IXa, quatro da IXaa, duas da IXba, nove da IXbb, dezoito da XIa, nove da XIb, duas da XIc e quatro da XId. À direita de **Pn22-01** observa-se uma da IXb, três da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pn22-01** e **Pn22-02** associam-se duas da IXab, uma, da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, quatro da XIa e uma da XIb. A **Pn22-01**, **Pn22-02** e **Pn22-03** associa-se uma da VIIa. Exclusivamente a **Pn22-02** associam-se uma da VIIa, duas da IXab, duas da IXba, duas da X, dezasseis da XIa, sete da XIb, três da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **Pn22-02** e **Pn22-03** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da XIb e uma da XIc. A **Pn22-02** e **Pn22-04** associam-se uma da IXbb e uma da XIa. A **Pn-22-03** associam-se em exclusividade uma da Ia e uma da XIIIb. Já a **Pn22-04** associam-se uma da IXa, três da XIa, três da XIb e uma da XIc. Para a esquerda daquele animal observa-se uma da XIa e para a sua direita uma da VIIa, três da IXa, uma da IXaa, uma da IXbb, sete da XIa e quatro da XIb. Abaixo de **Pn-22-04** foram gravadas uma da IIb, uma da IXba, duas da X, cinco da XIa, três da XIb e uma da XIc.

Rocha 23 (Fig. 44): Foi dada a conhecer em 2010 (Baptista & Santos, 2010, 62). Localiza-se a cerca de 5 m para oeste da rocha anterior, a uma altitude de 155 m. Trata-se de uma rocha de configuração subtrapezoidal, dividida pelo sistema de fraturas em diversos painéis. Apresenta cor castanho-avermelhada e uma superfície regular e lisa; orienta-se para noroeste. Por dois sectores, separados entre si cerca de 1 m, distribuem-se várias gravuras incisas.

No da esquerda encontramos em cima o que parece corresponder à representação muito esquematizada e parcial de um auroque definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pn23-01**); a linha fronto-nasal está apenas esboçada; o focinho e o bordo ventral da cabeça são retos: os dois cornos (curvo o da esquerda e reto o da direita) encontram-se representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; do animal resta ainda a cérvico-dorsal onde se aprecia uma cernelha pronunciada.

Mais abaixo reconhece-se metade anterior de equídeo definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pn23-02**); da cabeça observa-se a fronto-nasal ligeiramente convexa e orelha atirada para cima; a crineira – delimitada internamente – surge atrás; a cérvico-dorsal é ligeiramente côncava no dorso, arredondada no arranque para a garupa; o bordo traqueal é côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos subparalelos entre si, sendo aberta na extremidade distal; a linha ventral é de tendência convexa.

Recobrindo parcialmente este animal observa-se um quadrúpede estriado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Pn23-03**); a identificação da espécie é difícil devido à acefalia do animal; a cérvico-dorsal é arredondada na zona do garrote, tornando-se côncava até à garupa; esta é fortemente angulosa e a nádega reta; o prolongamento desta configura uma pata traseira curta; a linha ventral é convexa; os membros torácicos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a pata da direita apresenta clara distinção entre a coxa (triangular) e a perna (reta); a da esquerda corresponde a um simples traço reto.

Um pouco para baixo à direita reconhece-se a representação parcial de possível cerva estriada orientada para a direita (**Pn23-04**); da cabeça observa-se o ângulo da goela e o seu bordo ventral, que é reto; no topo vê-se as duas orelhas foliformes dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; a cérvico-dorsal apresenta garrote convexo e dorso côncavo.

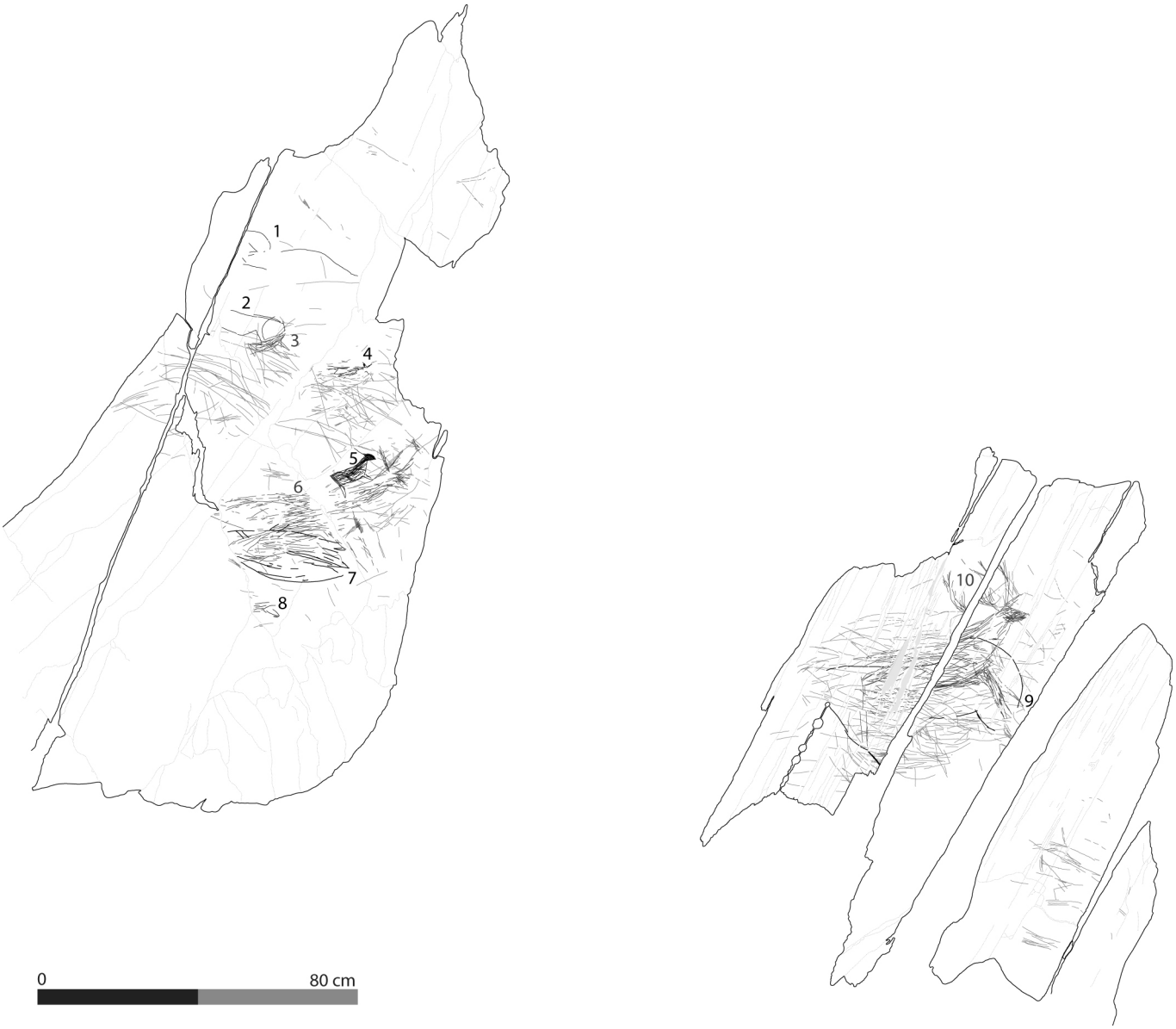


Fig. 44: Rocha 23 da Penascosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, J. Félix e M. García-Diez).

Mais abaixo observa-se um capríneo estriado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Pn23-05**); apresenta cabeça subtriangular com bordo ventral reto, linha fronto-nasal convexa e focinho apontado; a partir da nuca sai um corno curto; o pescoço é bem marcado; a cérvico-dorsal é reta e arredondada na zona da garupa; a nádega é direita e a linha ventral convexa; as patas dianteiras são lineares e dispostas segundo uma perspetiva biangular reta, sendo a traseira é subtriangular; o peito é algo convexo e o bordo traqueal reto.

Esta figura sobrepõe o bordo cervical de um veado estriado, orientado para a direita (**Pn23-06**); este apresenta cabeça subtriangular com bordo ventral e linha fronto-nasal retos e focinho deixado em aberto; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; na da direita observa-se o estoque, o contraestoque e a coroa; na da esquerda vê-se o estoque (um traço) e o contraestoque (demasiado longo); o pescoço é longo e esguio; a linha cérvico-dorsal é convexa e a ventral algo côncava; os quartos traseiros não foram gravados; as duas patas anteriores, de forma triangular e atiradas para a frente, dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é convexo.

Sobre o cervídeo anterior, na zona do seu ventre, foi gravado um possível peixe orientado para a esquerda (**Pn23-07**); apresenta dorso e ventre convexos e uma barbatana dorsal; no interior do animal dois traços poderão separar o tronco da cabeça; alguns outros traços podem ter sido gravados como forma de sugerir volume.

Abaixo observa-se um conjunto de traços que poderão corresponder à representação esquemática de um pequeno prótomo inciso de cavalo orientado para a direita (**Pn23-08**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; a crineira é atirada para a frente da cabeça.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas; acima de **Pn23-01** foram gravadas uma da chave VIIa, uma da IXa, sete da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. Associadas a **Pn23-01** encontram-se uma da IXab e uma da XIa.

Entre **Pn23-01** e **Pn23-02** observa-se três da XIa. A **Pn23-02** e **Pn23-03** associam-se uma da IXb, duas da IXbb e uma da XIb. Exclusivamente associadas a **Pn23-03** encontram-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, uma da XIa e uma da XIc. Para a direita de **Pn23-03** observa-se uma da IXba, quatro da XIa e duas da XIb. Abaixo daquele motivo observa-se uma da VIII, uma da IXa, quatro da IXaa, cinco da IXab, quatro da X, vinte e uma da XIa, dez da XIb e quatro da XIc. A **Pn23-04** associam-se uma da IXb, uma da IXbb, uma da XIa e quatro da XIb. À direita de **Pn23-04** foram gravadas uma da IXba, uma da XIa e uma da XIb. Entre **Pn23-04** e **Pn23-05** foram gravadas seis da VIIa, nove da IXa, três da IXaa, duas da IXab, quatro da IXb, duas da IXba, cinco da IXbb, quatro da X, trinta e duas da XIa, treze da XIb, uma da XIc e duas da XId. Uma da IXaa, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc associam-se exclusivamente a **Pn23-05**. A este motivo e a **Pn23-06** associam-se uma da IXba e uma da X. Quatro da VIIa, uma da IXaa, quatro da IXab, duas da IXb, uma da IXba, duas da IXbb, duas da X, vinte e oito da XIa, catorze da XIb, uma da XIc e duas da XId associam-se em exclusivo a **Pn23-06**. A este motivo e a **Pn23-07** associam-se uma da IXaa, uma da X, cinco da XIa e uma da XIb. Exclusivamente a **Pn23-07** associam-se seis da XIa e uma da XIc. Abaixo de **Pn23-07** observa-se várias unidades mais, sendo que cinco delas se distribuem em torno de **Pn23-08**: três da XIa e uma da XIb; as restantes correspondem a quatro da XIa e uma da XIb.

O sector da direita encontra-se muito fraturado e algumas superfícies já sofreram processos de movimentação; assim, os dois zoomorfos identificados neste sector apresentam os seus corpos separados e a "cotas" diferentes. Este facto atesta bem a antiguidade destes grafismos.

Na base da estratigrafia parece delinear-se a contorno simples um quadrúpede acéfalo orientado para a esquerda (**Pn23-09**); a cérvico-dorsal apresenta garupa convexa, dorso côncavo e um ténue garrote; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; da pata dianteira resta o bordo cranial reto; a nádega é também arredondada; da pata traseira observa-se o bordo cranial da coxa que é convexo; a linha ventral está apenas esboçada; se a nádega e garupa arredondadas remetem para um cavalo, a zona anterior da figura parece-nos ser mais compatível com a de um bovino.

Sobre esta figura encontra-se um veado estriado orientado para a direita (**Pn23-10**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral convexo; as duas hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; na da direita observa-se pelo menos a ponta intermédia e as pontas da coroa; na da esquerda vê-se o estoque, o contraestoque e as pontas da coroa; o bordo cervical é algo côncavo e a cérvico-dorsal de tendência reta; a nádega é igualmente direita; a cauda é definida por dois curtos bordos subparalelos dispostos na horizontal; as duas patas traseiras – representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua – correspondem a dois bordos retos; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; na zona anterior da figura parece poder individualizar-se quatro patas com coxas de forma triangular e pernas pontiagudas; com toda a probabilidade, encontramo-nos perante um exemplo de animação dos membros anteriores; o bordo traqueal é convexo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas; associadas a **Pn23-09** encontramos uma da chave VIIa, duas da IXa, seis da IXaa, quatro da IXab, três da IXbb, três da IXc, sete da X, quinze da XIa, dezasseis da XIb, duas da XIc e quatro da XId. A **Pn23-09** e **Pn23-10** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, três da IXaa, duas da IXb, uma da IXba, duas da IXbb, duas da X, cinco da XIa, seis da XIb, uma da XIc e duas da XId. A **Pn23-10** associam-se três da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, uma da X, catorze da XIa, doze da XIb e duas da XId. À direita dos zoomorfos identifica-se ainda duas da IXa, uma da IXab, duas da X, oito da XIa e duas da XIb. Já à esquerda deles identifica-se uma da IXa, cinco da XIa, três da XIb e uma da XId. Abaixo dos mesmos verificamos a existência de uma da IIIc, uma da VIIa, três da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, sete da XIa, onze da XIb e uma da XIc. No canto inferior direito do sector, já em painel destacado do que temos vindo a focar, identificaram-se cinco da chave VIIa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da IXba, onze da XIa, cinco da XIb e três da XIc.

1.4. Ribeira de Piscos

Rocha 1 (Fig. 45): Foi dada a conhecer em 1995 (Rebanda, 1995a, 10; 1995b, 14), tendo o seu decalque sido publicado em 1997, sendo o painel descrito nessa ocasião (Baptista & Gomes, 1997, 307, 318). Localiza-se em sopé de vertente, na margem esquerda da ribeira de Piscos a cerca de 140 m para montante da última inflexão que este curso de água faz antes de se juntar ao Côa; a sua altitude é de 129 m. O painel historiado, de configuração sub-retangular, corresponde a uma superfície vertical de cor castanho-acinzentada, orientada a sudeste; a sua microtopografia é regular, apresentando, no entanto, uma convexidade ao nível do seu terço inferior que, como veremos, foi tido em conta pelos gravadores desta rocha; a textura é algo porosa.

As representações desta rocha correspondem a dois cavalos picotados, com as cabeças sobrepostas de forma a espelharem um ato de *grooming* (forma de comportamento que tem que ver com a sociabilidade destes animais). Sob esta aparente simplicidade, esconde-se, no entanto, uma composição de maior complexidade.



Fig. 45: Rocha 1 da ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, executado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Desde logo, para compreendermos o painel, temos que ter em conta a sua morfologia: trata-se de uma rocha cuja xistosidade se orienta diagonalmente e que, ao contrário da maioria das que se distribuem pela região, apresenta um "barriga" que atravessa a rocha, obviamente com uma inclinação paralela à da xistosidade, isto é – na diagonal relativamente a um plano horizontal.

Ora se observarmos atentamente a rocha, as gravuras orientam-se precisamente de acordo com a inclinação da xistosidade, desde logo para que a "barriga" da rocha seja integrada na composição como barriga de um dos cavalos. Na verdade, o estudo detalhado das figurações, nomeadamente das sobreposições dos traços que conformam o par de cavalos, vem demonstrar não só que a opção pela orientação inclinada dos cavalos vem desde o inicio da composição, como também que não nos encontramos perante uma mera sobreposição de um cavalo sobre o outro; na verdade, os cavalos não estão sobrepostos mas entrelaçados. Estamos perante uma associação de animais pensada de raiz e não perante uma mera acumulação de figuras.

Assim, numa primeira fase o gravador executa as duas cérvico-dorsais, ambas com curvaturas acentuadas, e no seu conjunto altamente simétricas. Em seguida grava a cabeça do cavalo orientado para a esquerda (**Pi01-01**); esta apresenta crineira em escada, linha fronto-nasal reta, bordo ventral com queixo e ganacha bem diferenciada, e boca. É gravada num terceiro momento a cabeça

do outro equídeo (**Pi01-02**), completando-o; esta cabeça é em tudo semelhante à do anterior. O quarto momento corresponde à gravação do bordo traqueal de **Pi01-01**, bordo esse que se prolonga pelo peito convexo e pelo bordo cranial da pata dianteira do animal. O resto do cavalo está separado estratigraficamente da composição remanescente. É presumível, no entanto, que o bordo caudal do membro anterior só se tenha gravado após o cranial e é verificável que a linha ventral profundamente convexa (que recupera assim a "barriga" da rocha como barriga do animal) só se grava após aquele traço. É verificável também que o bordo cranial da pata traseira (bordo que se prolonga pelo flanco do animal de forma a representar o músculo da coxa) só se grava após a feitura da linha ventral. Não sabemos se o bordo caudal da coxa/ pata traseira já estaria gravado neste momento; da mesma forma, a cauda – longa e arqueada – é seguramente gravada após a conclusão da cérvico-dorsal, mas desconhecemos o lugar da sua gravação na sequência geral. Refira-se ainda qua ao nível dos detalhes, em ambos os animais se verifica a existência da boca ou narina e que as orelhas de **Pi01-01** se representam segundo uma perspetiva biangular reta. Refira-se ainda que alguns traços incisos na cérvico-dorsal e cauda de **Pi01-01** atestam a existência de um esboço prévio à picotagem. Junto à extremidade distal da pata traseira de **Pi01-01** identifica-se ainda uma unidade gráfica da chave XIa, picotada. Observa-se ainda vários impactos picotados distribuídos pelo painel.

Rocha 2 (Figs. 46 e 47): Foi descoberta por N. Rebanda e dada a conhecer por A. M. Baptista e M. V. Gomes em 1995 (Baptista & Gomes, 1995, 376-377, figs. 27-28). A rocha é alvo de tratamento mais aprofundado dois anos mais tarde, quando se publica decalque integral da mesma (*idem*, 1997, 308-311, 319-322). Localiza-se a cerca de 20 m para nor-nordeste da rocha anterior, a uma altitude de 129 m; corresponde a uma rocha alongada de forma sub-retangular e cor cinzenta, orientando-se para sudeste; a superfície é regular e algo lisa. As fissuras e forma dos painéis permitem a distinção entre dois sectores.

No da esquerda (Fig. 46b) identifica-se quatro figurações zoomórficas claras e uma quinta possível, sendo todas incisas. As quatro primeiras associam-se aparentemente em pares. O primeiro destes localiza-se sensivelmente ao centro do painel e é constituído por um cavalo (**Pi02-01**) e um quadrúpede cuja espécie é de difícil identificação (**Pi02-02**), ambos orientados para a esquerda e definidos o primeiro por contorno simples e o segundo por contorno simples e múltiplo. **Pi02-01** apresenta uma cabeça com distinção clara entre a ganacha e o queixo, corpo oblongo, nádega pronunciada, pata traseira definida por um traço reto e dianteira definida por dois paralelos e abertos na extremidade distal; a linha ventral é convexa e o bordo traqueal reto. **Pi02-02** apresenta corpo alongado, cabeça genericamente triangular com linha fronto-nasal convexa, pata traseira definida por dois traços retos e atirada para trás, pata dianteira ligeiramente apontada para a frente, bordo traqueal reto e peito convexo; a cérvico-dorsal é descontínua e tendencialmente reta, se bem que a garupa é evidenciada pela angulosidade excessiva; no topo da cabeça, alguns traços conformam corno ou orelha, de forma foliforme, disposto(a) na vertical.

O segundo par situa-se mais à direita e é constituído por um veado (**Pi02-03**) e um cavalo (**Pi02-04**), ambos orientados para a direita e definidos por contorno simples e múltiplo. O primeiro tem a cabeça apenas esboçada; as hastes dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta, sendo os estoques os únicos esgalhos representados. A cérvico-dorsal é reta, o bordo traqueal reto e o peito longo e convexo. **Pi02-04** apresenta uma cabeça retangular com a zona do focinho alargada e arredondada; a crineira encontra-se ligeiramente alteada relativamente à linha fronto-nasal, sendo de forma convexa; dorso e bordo traqueal são retos; da pata dianteira observa-se o bordo caudal; a linha ventral, convexa, está apenas esboçada.

O outro possível animal encontra-se 11 cm abaixo de **Pi02-02**, correspondendo a possível prótomo (de cerva?) orientado para a direita definido por incisão simples (**Pi02-05**); a cabeça apresenta nuca arredondada, linha fronto-nasal ligeiramente convexa, bordo ventral onde se percebe uma ténue inflexão entre queixo e ganacha, e focinho apontado; o bordo traqueal é convexo.

As restantes figurações deste sector são incisas; Associadas a **Pi02-01** encontramos apenas duas unidades gráficas da chave XIa. A **Pi02-02** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e três da XIb. A **Pi02-03** associam-se duas da IXa, doze da XIa, quatro da XIb, três da XIc e uma da XId. A **Pi02-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, sete da XIa, oito da XIb, uma da XIc, três da XId e uma da XIIc (sendo esta última picotada). A **Pi02-05** associa-se uma da XIa. As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas que não se associam diretamente a nenhum dos zoomorfos. Uma primeira concentração é discernível junto do limite esquerdo do sector. Aí discriminam-se as seguintes unidades gráficas: uma da chave IIa, uma da IIIc, três da IXaa, duas da IXbb, cinquenta e oito da XIa, cinco da XIb, uma da XIc, quatro da XId e uma da XIIIb. Entre e em torno de **Pi02-01** e **Pi02-02** identifica-se uma da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da X, treze da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. Por entre as duas últimas concentrações distribuem-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, trinta e seis da XIa, cinco da XIb e uma da XId. Entre **Pi02-02** e **Pi02-03** observa-se uma da IXb, uma da IXbb, nove da XIa e uma da XIb. Dez unidades gráficas da chave X, onze da XIa, quatro da XIb, duas da XIc, três da XId e uma da XIIIb são observáveis acima de **Pi02-03**; abaixo deste motivo foram gravadas uma da IXa e uma da XIa. Acima de **Pi02-04** foram gravadas uma da IXbb e três da XIa. Abaixo dele identifica-se duas da XIa e uma da XIc. Para a direita de **Pi02-04** e até ao limite do sector são ainda identificadas uma da IXb, uma da IXc, uma da X, nove da XIa, uma da XIc e uma da XId. Destaque-se ainda a existência de diversos impactos picotados distribuídos pela superfície em causa.



Fig. 46: Rocha 2 da Ribeira de Piscos (decalque de Ma. Almeida, A. M. Baptista, F. Barbosa, J. Félix, C. Gaspar e M. V. Gomes. A: desenho integral; B: detalhe do sector esquerdo.



Fig. 47: Rocha 2 da Ribeira de Piscos (decalque de M. Almeida, A. M. Baptista, F. Barbosa, J. Félix, C. Gaspar e M. V. Gomes; detalhe do sector direito (apenas se representa o dispositivo gráfico paleolítico).

Passemos agora ao sector direito (Fig. 47). Aqui as figuras mais impressivas localizam-se no canto superior esquerdo; De facto, aqui encontramos uma série de motivos associados por sobreposição. Na base da série encontramos um auroque orientado para a direita (**Pi02-06**); trata-se de uma figura de alguma complexidade e profundamente dinâmica, fruto da sobreposição de três "*layouts*" diferentes. O primeiro corresponde a um auroque estriado com cabeça alongada, cérvico-dorsal sinuosa, duas patas traseiras atiradas para trás em perfil biangular oblíquo, uma pata dianteira apenas, cauda terminada em vassoura e um corno em S disposto na horizontal; a este "*layout*" sobrepôs-se um outro; desta feita, foi acrescentado um corno (passando o par a ser visto segundo uma perspetiva biangular oblíqua) e orelha ao auroque, a cabeça tornou-se mais retangular, a cérvico-dorsal baixou, mantendo-se, no entanto, sinuosa; a pata traseira passa a ser só uma, a cauda é definida por apenas um traço, a linha ventral passa a ser melhor definida e pronunciada, assim como a pata dianteira e o bordo traqueal; o terceiro "*layout*" acrescenta um par de armações ao bovino, desta feita de configuração angulosa e passando a perspetiva a biangular reta, deu-lhe um olho, recupera parte da primeira cérvico-dorsal e coloca a traseira mais perto da do original, a linha ventral suaviza-se, apenas a pata dianteira se mantém no sítio. Este esquema pode refletir quer a gravação do mesmo animal ao longo do tempo em momentos diferentes, quer a intenção de providenciar dinamismo à figura por intermédio da multiplicação de partes do corpo, situação que não é rara na arte paleolítica.

No interior do auroque gravou-se em seguida, definido por contorno simples (e múltiplo na zona da ganacha), um cavalo orientado para a direita (**Pi02-07**); a cabeça apresenta a ganacha marcada interiormente por contorno múltiplo, observando-se na barbada uma ténue barba; no interior da cabeça reconhece-se a boca, a narina redonda e o olho oval; no topo, dois traços curvos configuram as orelhas dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é possante e a cérvico-dorsal pouco acentuada; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a raiz da cauda é tubular; as patas (apenas uma por par), são abertas nas extremidades distais; a linha ventral é semielíptica, observando-se na zona inguinal a bainha; como que marcando o limite interior da crineira foi gravado um traço em ziguezague que pode corresponder, no entanto, a uma unidade gráfica da chave IXc.

Uma figura antropomórfica de grande tamanho e orientada para a direita (**Pi02-08**) fecha a sequência de sobreposições. Trata-se de um homem visto de perfil definido por contorno múltiplo na zona da calote craniana e simples no resto do corpo. A cabeça apresenta feições genericamente naturalistas, se bem que a nuca e o queixo estejam exageradamente evidenciados e a testa um pouco recuada; o nariz é arredondado e a boca encontra-se aberta; o olho – onde se percebe o estrangulamento do lacrimal – está ligeiramente mais para a esquerda do que é suposto; um semicírculo de maiores dimensões e outro mais pequeno conformam a orelha e o ouvido; um outro arco de círculo corresponde à bochecha; da cabeça saem traços meândricos que podem representar o cabelo ou ideogramas; o pescoço é equilibrado, assim como as costas e a nádega; apenas o braço direito – não terminado – foi gravado, encontrando-se atirado para a frente; as duas pernas, uma terminada em ponta e a segunda deixada em aberto, representaram-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o falo, de grandes dimensões, encontra-se ereto e a glande está bem demarcada, dela saindo um traço; este aspecto, associado à expressão do personagem, sugere-nos estarmos perante a representação de um orgasmo.

A cerca de 0,70 m para a direita desta sequência de motivos encontra-se uma cerva acéfala orientada para a esquerda (**Pi02-09**); foi definida por contorno simples; linhas cérvico-dorsal e ventral apresentam curvaturas suaves; a cauda é extremamente realista; a pata dianteira está definida apenas pelo bordo caudal; na traseira distingue-se bem a coxa e a perna (esta reduzida praticamente a um traço.

Um pouco abaixo observa-se um par de quadrúpedes de difícil identificação que se sobrepõem afrontando-se; de morfologia semelhante e sendo feitos com a mesma técnica – a incisão –, distinguem-se pelo tamanho e pela integralidade. O que se orienta para a direita (**Pi02-10**) é de maiores dimensões e está reduzido à cérvico-dorsal ligeiramente convexa, cabeça oblonga e bordo traqueal côncavo; no topo da cabeça dois traços curvos corresponderão a orelhas, ou mais provavelmente aos cornos, representados em perfil biangular oblíquo. O animal que se orienta para a esquerda (**Pi02-11**) é de menores dimensões e está completo; a cabeça é oblonga, reconhecendo-se no seu topo dois traços retos que conformarão as orelhas ou cornos vistos em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é convexa, assim como o bordo traqueal e a linha ventral; as patas (apenas uma por par) encontram-se abertas nas extremidades distais, prolongando-se o bordo cranial da traseira pelo flanco, conformando-se assim a representação da coxa.

A cerca de 0,25 m para a direita de **Pi02-09** observa-se um pequeno quadrúpede acéfalo (**Pi02-12**), definido por contorno simples, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo; apresenta cérvico-dorsal direita, pescoço longo e triangular, cauda curta, uma pata traseira com coxa triangular e perna correspondente a um traço, e pata dianteira correspondente a um traço curvo; a linha ventral é tendencialmente reta, formando a zona inguinal um ângulo obtuso; o bordo traqueal é algo côncavo.

Mais para a direita observa-se uma das figurações mais percetíveis do painel; trata-se de uma cerva incisa orientada para a direita e com a cabeça levantada (**Pi02-13**); apresenta uma cabeça *grosso modo* triangular com o focinho ligeiramente apontado; no topo, dois traços conformam as orelhas gravadas segundo uma perspetiva biangular reta; a linha cérvico-dorsal é suave e a ventral semielíptica; apenas se representou uma pata por par, sendo ambas abertas nas extremidades distais; dois traços curvos orientados para baixo configuram a cauda; as zonas da cabeça e do pescoço encontram-se estriadas de forma a dar a ideia de volume.

Adossada ao motivo anterior e parcialmente por ele sobreposto encontra-se um prótomo de outra cerva (**Pi02-14**), representada como se estivesse em segundo plano relativamente à primeira; formalmente assemelha-se à anterior, se bem que neste caso o estriado não foi utilizado. Um traço que sai do focinho de **Pi02-13** parece poder corresponder a uma das orelhas deste animal.

Para baixo do par antes descrito encontramos um outro composto por duas figuras definidas por contorno simples. A primeira corresponde a um quadrúpede orientado para a direita com a cabeça voltada para trás (**Pi02-15**); deve destacar-se a configuração das patas, ambos os pares tendo sido gravados segundo uma perspetiva uniangular; as traseiras acabam em ponta e as dianteiras, se bem que abertas, apresentam parte da delimitação dos cascos; o animal afigura-se-nos como uma cerva; contudo, a cauda parece-nos demasiado longa para esta espécie; o pescoço está reduzido ao seu bordo ventral, apresentando este um contorno em curva e contracurva; o bordo ventral da cabeça é praticamente reto e o focinho arredondado; da linha fronto-nasal só se observa a zona do focinho, surgindo imediatamente acima um corno ou orelha de configuração curva. Adossados à zona anterior deste quadrúpede surge a representação do que nos parece corresponder aos quartos traseiros de um quadrúpede com garupa e nádega arredondadas, cauda semioval e duas patas curvas dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua. Uma possível interpretação para esta figura poderá ser a sugestão de animação; levantamos a hipótese destes quartos traseiros indicarem uma posição que o animal ocuparia antes da fixação final espelhada pela figuração principal (virado para a esquerda e em segundo plano).

A outra figura do par corresponde a um prótomo de capríneo orientado para a esquerda (**Pi02-16**); apresenta uma cabeça com fronte levantada e focinho semielíptico; no interior observa-se a boca, o olho amendoado e a orelha de forma elíptica, assim como alguns traços internos que poderão corresponder a diferenças cromáticas da pelagem; o corno é curvo.

Para a direita do conjunto **Pi02-13** e **Pi02-14** observa-se outro par de animais, apenas parcialmente gravados. Assim, junto ao limite superior do painel encontramos o prótomo de um quadrúpede (cabra-montês?) orientado para baixo e para a esquerda (**Pi02-17**); a cabeça é genericamente triangular, observando-se no bordo ventral clara distinção entre a ganacha e o queixo; o corno é curto e reto, sendo atirado para trás; o bordo cervical é também reto, sendo interrompido pelo limite do painel; a goela é côncava e o bordo traqueal algo convexo.

O outro animal (**Pi02-18**) localiza-se um pouco abaixo, apresentando a mesma orientação; também morfologicamente é muito idêntico; refira-se, contudo, que não possui corno nem bordo traqueal; a cérvico-dorsal apresenta garrote convexo e dorso côncavo.

Para a direita destas figuras encontramos prótomo de cervídeo orientado para a direita e com a cabeça algo levantada (**Pi02-19**). Esta é triangular, reconhecendo-se no seu interior um olho; em cima parece configurar-se o arranque de uma haste e do respectivo estoque; as linha definidoras do pescoço são algo retas; a goela é côncava; alguns traços poderão representar a pelagem do animal.

Para além destas figurações zoomórficas claras, consideramos ainda a existência de outras quatro possíveis que passamos a descrever. A primeira delas localiza-se por baixo de **Pi02-09** e corresponde a um possível esboço de um prótomo de auroque definido por um picotado descontínuo (e em parte da linha fronto-nasal também por incisão), orientado para a esquerda (**Pi02-20**); apresenta linha fronto-nasal e focinho retos; do bordo ventral só se observa o queixo; no topo da cabeça observa-se um corno curvo.

A segunda localiza-se entre **Pi02-09** e **Pi02-12** e corresponde a um prótomo de quadrúpede (auroque?) definido por contorno múltiplo e orientado para a esquerda (**Pi02-21**); a linha fronto-nasal é reta com a fronte evidenciada e algo prolongada para além do limite da cérvico-dorsal; o queixo é reto e a ganacha convexa; a cérvico-dorsal é ligeiramente côncava.

A terceira figura localiza-se um pouco acima desta e corresponde a um quadrúpede incompleto definido por incisão simples, orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**Pi02-22**); está reduzido a uma linha cérvico-dorsal sinuosa, cauda curta e nádega ligeiramente convexa.

A quarta sobrepõe parcialmente **Pi02-09** e corresponde à representação parcial de um equídeo definido por incisão simples, disposto na vertical e orientado para a direita (**Pi02-23**); apresenta uma linha cérvico-dorsal em S que se prolonga pela crineira; esta apresenta terminação em ângulo agudo; a linha fronto-nasal é algo convexa.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas; associadas a **Pi02-06** encontramos as seguintes unidades gráficas não figurativas: duas da chave Ia, uma da VIIa, uma da IXa, três da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da X, dezoito da XIa e sete da XIb. A **Pi02-08** associam-se uma da IXb, dezanove da XIa, cinco da XIb, uma da XIc e uma da XId. Para baixo do conjunto formado por **Pi02-06**, **Pi02-07** e **Pi02-08** observa-se uma da IIIc, duas da VIIa, seis da IXa, seis da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, duas da IXba, três da IXbb, três da X, trinta da XIa, sete da XIb, duas da XIc e duas da XId. À direita daquele grupo de zoomorfos identifica-se uma concentração composta por duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, nove da XIa, seis da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. Um pouco mais afastadas para a direita encontra-se uma da X e duas da XIa. Um pouco abaixo, à esquerda de **Pi02-20** foram gravadas uma da IXba, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi02-09** associam-se uma da IXab, uma da IXb, uma da IXbb, uma da IXc, uma da X, nove da XIa e seis da XIb. A **Pi02-09** e **Pi02-23** associam-se uma da IXaa e três da XIa. A **Pi02-23** associam-se uma da IXa, uma da IXbb, quatro da XIa e quatro da XIb. Para a esquerda do último par de zoomorfos referidos identifica-se uma

da XIb. Uma outra concentração de unidades gráficas não figurativas distribui-se por uma área que se espalha desde a zona acima do par referido anteriormente, pela sua direita até **Pi02-22** e até à zona acima de **Pi02-21**; sendo constituída por uma da IIIc, quatro da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, três da IXab, três da IXba, cinquenta e uma da XIa, dezanove da XIb, sete da XIc, cinco da XId, uma da XIIc (picotada) e uma da XIIIa. A **Pi02-20** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, uma da X, treze da XIa, oito da XIb, uma da XIc e uma da XIIc (picotada). A **Pi02-21** associam-se uma da Ib, uma da IIb, sete da VIIa, uma da VIII, quatro da IXa, três da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, três da IXba, cinco da IXbb, quatro da X, dezoito da XIa, nove da XIb, uma da XIc e três da XId. Entre **Pi02-10**, **Pi02-11**, **Pi02-13**, **Pi02-20** e **Pi02-21** observa-se duas da IXa, quatro da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, duas da IXba, duas da IXbb, uma da X, vinte e nove da XIa, dez da XIb, uma da XIc e duas da XId. A **Pi02-10** associam-se uma da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, três da X, treze da XIa, onze da XIb e duas da XIc. A **Pi02-10** e **Pi02-11** associam-se duas da IXaa, duas da IXab, uma da IXbb e três da XIb. A **Pi02-11** associam-se duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXab, uma da IXc, seis da XIa, uma da XIb e uma da XId. Entre **Pi02-20** (acima) e **Pi02-10** (à direita) discrimina-se as seguintes unidades gráficas não figurativas: uma da IIb, uma da VIIa, uma da X, dezoito da XIa, dez da XIb e quatro da XIc. Abaixo de **Pi02-10** e **Pi02-11** observa-se duas da IXbb, uma da X, seis da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **Pi02-22** associam-se uma da IXaa, uma da X e quatro da XIa. Entre **Pi02-12**, **Pi02-13**, **Pi02-21** e **Pi02-22** identifica-se duas da VIIa, quatro da IXaa, duas da IXb, duas da IXba, uma da IXbb, vinte da XIa, nove da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Pi02-12** associam-se uma duas da VIIa, uma da IXba, três da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **Pi02-13** associam-se uma da IIIc, cinco da VIIa, seis da IXa, seis da IXaa, cinco da IXab, duas da IXb, seis da IXba, cinco da IXbb, uma da IXc, quatro da X, quarenta e sete da XIa, vinte e cinco da XIb, três da XIc, três da XId e uma da XIIIb. A **Pi02-13** e **Pi02-21** associa-se uma da VIIa. A **Pi02-14** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, duas da IXb, uma da IXba, uma da X, três da XIa e três da XIb. Entre **Pi02-14** e o par **Pi02-17/ Pi02-18** foram gravadas uma da VIIa, uma da IXba, vinte e três da XIa, dezasseis da XIb e quatro da XId. Ao longo de uma faixa delimitada à esquerda por **Pi02-11**, em cima por **Pi02-13**, **Pi02-14** e pela última concentração descriminada, em baixo por **Pi02-15** e **Pi02-16** e à direita pelo próprio limite do painel reconhece-se uma da IIb, uma da IIIc, cinco da VIIa, quatro da IXa, seis da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, duas da IXba, três da IXbb, uma da X, quarenta da XIa, catorze da XIb, quatro da XIc e uma da XIIIa. A **Pi02-15** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da X, doze da XIa, uma da XIb e uma da XId. À esquerda daquele zoomorfo observa-se ainda duas da chave XIa. A **Pi02-16** associam-se cinco da XIa e duas da XIc. À sua direita e até ao limite inferior do painel foram gravadas quatro da XIa. A **Pi02-17** associam-se duas da XIa e uma da XId. A **Pi02-18** associam-se três da XIa. Entre o último zoomorfo referido e **Pi02-19** identificam-se duas da IXaa, duas da IXbb, uma da IXc, vinte e oito da XIa, nove da XIb, duas da XIc e uma da XIIIa. A **Pi02-19** associam-se uma da IXaa, duas da IXba, nove da XIa e três da XIb. Abaixo daquele zoomorfo identificam-se ainda três da XIa e uma da XIIb. À sua direita e até aos limites direito e inferior do painel observa-se uma da IIa, duas da IIb, uma da VIII, uma da IXa, nove da XIa, nove da XIb, uma da XId e duas da XIIIb.

Para além das figurações discriminadas, refira-se também a existência de diversos impactos picotados, assim como a existência de um conjunto de figurações, da Idade do Ferro ou mesmo mais recentes, localizada junto do canto inferior esquerdo do sector.

Rocha 3 (Fig. 48): Foi dada a conhecer em 1995 (Baptista & Gomes, 381-382), tendo o seu decalque sido publicado dois anos mais tarde, em edição onde se conhece descrição mais aprofundada do painel (*idem*, 1997, 311, 323). Localiza-se a cerca de 47 m para oeste da rocha anterior, a uma altitude de 158 m. Corresponde a um pequeno painel vertical de cor castanho-acinzentada, orientado a sudeste; apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície regular e lisa. Encontra-se já a meia-encosta da colina de Piscos, integrando um amplo afloramento destacado na paisagem.

Todas as unidades gráficas aqui presentes foram executadas por incisão. Relativamente às figurativas, apenas se identificam equídeos. O que se situa mais à esquerda (**Pi03-01**) parece estruturar toda a composição; apresenta uma cabeça com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral com clara distinção entre o queixo e a ganacha; no interior observa-se a narina encurvada, a boca e olho (com respetiva pupila); a orelha é foliforme, arrancando do seu topo a crineira que se prolonga até ao garrote; o dorso é suave e a garupa arredondada; as patas são extremamente realistas, apresentando as traseiras clara representação do jarrete, do esporão e do casco, e as dianteiras do joelho, do esporão e do casco; estas últimas foram gravadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua enquanto as primeiras foram gravadas segundo a perspetiva uniangular; destaque-se também o troço da cauda, representada com todo o volume da vassoura.

Acima do equídeo anterior observa-se um outro (**Pi03-02**) com o corpo ligeiramente inclinado e com o pescoço esticado de forma à sua cabeça tocar o garrote de **Pi03-01**; apresenta algumas diferenças de detalhe relativamente ao anterior; assim, as duas orelhas correspondem a dois traços paralelos; a crineira é definida interiormente e preenchida por uma série de traços diagonais; a cauda não se representou e apenas uma pata por par foi gravada; registe-se, no entanto, que alguns traços junto às patas parecem sugerir as que se encontram em segundo plano.

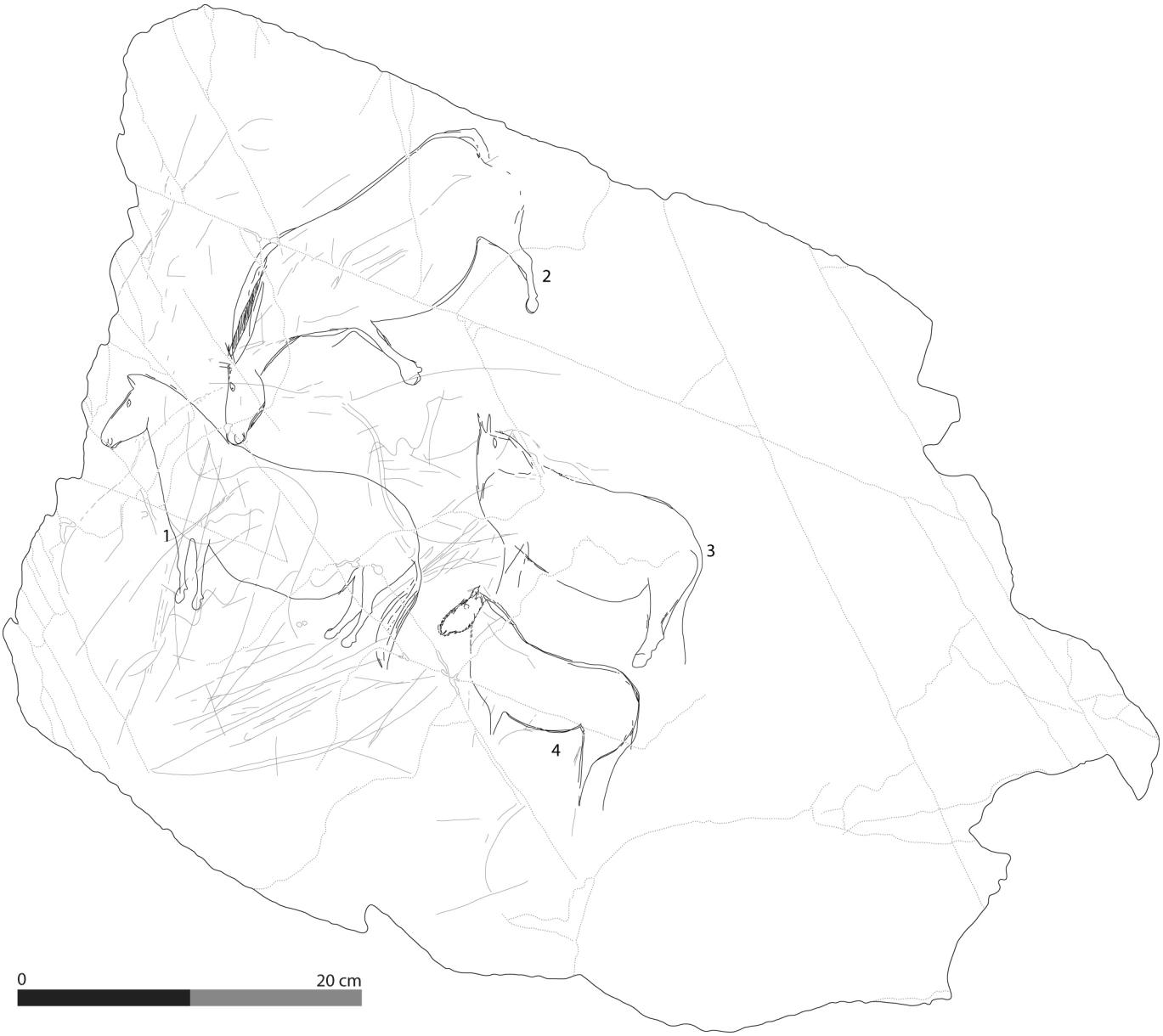


Fig. 48: Rocha 3 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Os dois cavalos remanescentes situam-se por trás do primeiro. Um destes (**Pi03-03**) tem a cabeça virada para trás, observando-se no seu interior o olho; as duas orelhas, em forma de V invertido, dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; a cauda corresponde a um prolongamento, após ressalto, da linha cérvico-dorsal; as patas da frente estão apenas esboçadas, representando-se em perfil biangular oblíquo; dos membros posteriores apenas uma pata foi representada, nela se observando o jarrete, o esporão, o casco e a respectiva coroa. O último equídeo (**Pi03-04**) situa-se imediatamente abaixo; sendo genericamente semelhante aos dois primeiros, apresenta algumas diferenças de detalhe; a orelha – foliforme – apresenta-se sobrelevada relativamente à crineira; esta apresenta o interior esboçado; a cabeça não é definida por um traço contínuo mas por uma série de pequenos traços descontínuos e paralelos entre si; no interior observa-se a boca e o olho; apenas apresenta uma pata por par; nestas estão ausentes os detalhes anatómicos, sendo definidas por traços retos com tendência a convergirem nas extremidades distais. Todos estes animais foram definidos por contorno simples e múltiplo.

As restantes incisões são não figurativas. Associadas a **Pi03-01** encontramos uma unidade gráfica não figurativas da chave Ib, uma da VIIa, uma da VIII, duas da IXaa, três da IXab, duas da IXb, uma da IXba, três da X, vinte da XIa, doze da XIb, duas da XIc, uma da XId e sete da XIIIa. Àquele equídeo e a **Pi03-04** associa-se uma da XIa. A **Pi03-02** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, três da IXaa, uma da IXba, uma da X, dezassete da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Para a esquerda de **Pi03-02** observa-se uma da IXb, quinze da XIa e duas da XIb. A **Pi03-03** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, sete da XIa e três da XIb. Abaixo daquele equídeo observa-se ainda duas da XIa e uma da XIb. Finalmente, a **Pi03-04** associam-se uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, quinze da XIa, uma da XIb e duas da XIIIb.

Rocha 4 (Fig. 49): Foi dada a conhecer em 1997, quando se refere apenas as suas grafias holocénicas (Baptista & gomes, 1997, 314). Encontra-se no sopé da colina de Piscos, a cerca de 20 m para oés-sudoeste da rocha 1, localizando-se a 138 m de altitude. Corresponde a um alto painel vertical situado numa reentrância localizada na extremidade esquerda de um paredão xistoso; refira-se que este painel é delimitado à direita por um filão de quartzo com cerca de 0,40 m de espessura média que se desenvolve ao longo de toda a altura do paredão. O painel historiado apresenta forma subtrapezoidal e orienta-se para sudeste; a superfície é regular e lisa, apresentando cor castanho-alaranjada.



Fig. 49: Rocha 4 da Ribeira de Piscos (decalque de Mário Varela Gomes, efetuado com o apoio de João Félix e Cristina Gaspar).

Relativamente às unidades figurativas, podemos distinguir com base em critérios estilísticos a sua distribuição por duas fases. A primeira é claramente pleistocénica, nela se integrando duas unidades. Uma destas localiza-se à direita de um grande lascamento que se observa no painel. Corresponde à representação parcial de um cavalo inciso, orientado para a direita (**Pi04-01**); a sua cabeça é algo modelada, apresentando linha fronto-nasal convexa, focinho arredondado, queixo reto e ganacha convexa; em cima parece insinuar-se uma orelha reta apontada para cima; o bordo traqueal/ peito é de configuração côncava; a crina é convexa e o arranque do dorso côncavo; a cabeça foi definida por contorno simples; as zonas da crineira e do peito encontram-se estriadas.

O segundo animal de cronologia pleistocénica encontra-se abaixo do referido lascamento; corresponde a um quadrúpede estriado orientado para a esquerda (**Pi04-02**); a cabeça apresenta forma genericamente triangular com linha fronto-nasal algo convexa, focinho apontado e bordo ventral reto; no topo da cabeça observa-se dois traços retos que podem corresponder a cornos ou

orelhas representados segundo uma perspetiva biangular reta; o pescoço, sendo reto, destaca-se bem da linha cérvico-dorsal onde se aprecia um dorso côncavo e uma garupa arredondada; apresenta apenas uma pata por par, sendo a traseira de forma triangular e a dianteira reta, algo aberta na extremidade distal.

O terceiro motivo figurativo é já holocénico; localiza-se junto do limite esquerdo do painel, ao nível do limite superior do lascamento antes referido. Corresponde a um antropomorfo esquemático conseguido por picotagem (**Pi04-03**); corpo e cabeça correspondem a um traço, sendo a separação dos dois elementos anatómicos dada pelo arranque dos braços; estes são de forma arqueada, ao contrário das pernas que são retas e dispostas em V invertido.

Relativamente ao repertório não figurativo, encontramos a seguinte situação: a **Pi04-01** associam-se uma unidade gráfica não figurativa da chave IIIc, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, uma da X, oito da XIa, duas da XIb e duas da XIc. Para cima daquele zoomorfo identifica-se uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIb. Diretamente associadas a **Pi04-02** encontra-se uma da VIII, uma da IXab, uma da XIa, três da XIb e uma da XIc. Para cima e para a esquerda daquele zoomorfo identificam-se uma da IXaa, uma da X, duas da XIa e duas da XIb. Para a sua direita vê-se uma da VIIa e uma da XIa. Abaixo da figura foram gravadas seis da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, duas da IXba, uma da X, oito da XIa, onze da XIb, quatro da XIc, três da XId e uma da XIIIb. Para a direita de **Pi04-03** observa-se ainda uma da XIa, uma da XIc e duas da XId.

Rocha 5 (Fig. 50): Foi dada a conhecer em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 312, 324). Localiza-se a cerca de 70 m para sudoeste da rocha 3, a uma altitude de 156 m. Corresponde a um pequeno painel inserto numa parede xistosa que se prolonga para direita. Nessa zona a microtopografia da rocha é muito acidentada fazendo lembrar a rocha 24. Logo abaixo encontra-se um abrigo que permite que um homem de estatura média se levante. O painel apresenta, no entanto, uma superfície razoavelmente dimensionada e regular; a sua forma é subtrapezoidal; a cor é castanho-acinzentada; dispõe-se subverticalmente e orienta-se para sudeste.

As duas únicas unidades figurativas correspondem a equídeos definidos por incisão. Um deles (**Pi05-01**) é de maiores dimensões; caracteriza-se por uma cabeça hipertrofiada; a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa, o focinho descai exageradamente e o estrangulamento do bordo ventral entre o queixo e a ganacha é pronunciado; no interior da cabeça parece observar-se a delimitação interna da crineira, encontrando-se esta, no entanto, algo deslocada; o pescoço é equilibrado e o dorso suave; a garupa é arredondada; as duas patas traseiras estão representadas segundo uma perspetiva uniangular, observando-se os cascos; relativamente aos membros anteriores, apenas um foi gravado, encontrando-se algo flectido e não fechado na extremidade distal; a linha ventral é convexa, assim como o peito; o bordo traqueal é reto; um traço entre a nádega e a coxa do membro posterior esquerdo parece configurar a cauda que, neste caso, se encontraria recolhida; alguns traços diagonais e paralelos entre si que arrancam da garupa poderão indicar a pelagem.

O outro equídeo encontra-se atrás e é de menores dimensões (**Pi05-02**). Se bem que a dimensão do espaço disponível não tivesse permitido a gravação de um animal maior, o facto da cabeça ser algo pequena relativamente ao corpo pode ser indicação de que estamos perante um potro; a cabeça apresenta linha fronto-nasal direita, focinho arredondado e algo descaído e bordo ventral reto; dois traços curvos no topo da cabeça parecem configurar as orelhas representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o dorso é algo reto e a garupa convexa; a nádega é arredondada; apenas uma pata por par foi representada, nelas se evidenciando os cascos e, na traseira, o jarrete; a linha ventral é tendencialmente reta; a cauda é curva e longa, arrancando da nádega; o interior da cabeça e do corpo, até ao nível do peito, encontra-se estriado.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. Associadas a **Pi05-01** encontramos as seguintes: uma da chave VIIa, duas da IXb, uma da IXba, dezasseis da XIa e seis da XIb. A **Pi05-02** associam-se duas da IIb, uma da VIIa, uma da X, sete da XIa e duas da XIb.

Rocha 6 (Fig. 51): Foi dada a conhecer em 1997, tendo-se na ocasião publicado decalque parcial e respetiva descrição (Baptista & Gomes, 1997, 312-313, 325). Situa-se a 7 m para nordeste da anterior, a 155 m de altitude. Corresponde a um amplo paredão onde se destacam diversos painéis, sendo alguns deles historiados. Apresenta uma forma trapezoidal, orientando-se para sudeste; as superfícies são de cor castanho-alaranjada, variando a microtopografia e textura de painel para painel. Nesta rocha foram decalcados três painéis que passamos a descrever.

O primeiro corresponde *grosso modo* ao limite inferior esquerdo da rocha; apresenta forma subtrapezoidal, sendo a sua superfície bastante irregular e porosa; diversos lascamentos permitem a individualização de três sectores: superior, mesial e inferior. No primeiro encontramos duas figuras zoomórficas incisas. A de maiores dimensões corresponde a um auroque definido por contorno múltiplo e orientado para a esquerda (**Pi06-01**); a cabeça, de forma genericamente sub-retangular, apresenta linha fronto-nasal ligeiramente convexa, queixo reto e ganacha convexa; a cabeça encontra-se interrompida na zona do focinho pelo limite do painel, sendo difícil perceber se existe aproveitamento deste para a delimitação daquele, se ocorreu efetiva destruição; no interior da cabeça observa-se um olho e dois traços retos que poderão corresponder a narina e boca ou às duas narinas representadas segundo uma perspetiva biangular

reta; sobre a cabeça observa-se os cornos, ambos curvos e dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na linha cérvico-dorsal aprecia-se uma cernelha pronunciado e um dorso alongado, sendo o animal interrompido na zona do arranque da garupa pelo limite do painel; observa-se ainda o que poderá corresponder à extremidade da cauda e o que poderá ser lido como o final da nádega arredondada, um esboço de jarrete e o bordo caudal da pata traseira, que é curvo; na zona anterior do animal observa-se o bordo traqueal côncavo, o(s) membro(s) anteriores e o arranque da linha ventral convexa. A nossa dúvida relativamente ao número de patas dianteiras deve-se à impossibilidade se perceber se estamos perante uma pata de forma triangular e uma unidade gráfica da chave XIa, se estamos perante uma pata definida por dois bordos retos na qual se encontra uma unidade gráfica de tipo IXb, ou se estamos perante uma pata triangular e uma reta, sendo ambas no seu conjunto representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua.



Fig. 50: Rocha 5 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida e A. M. Baptista).

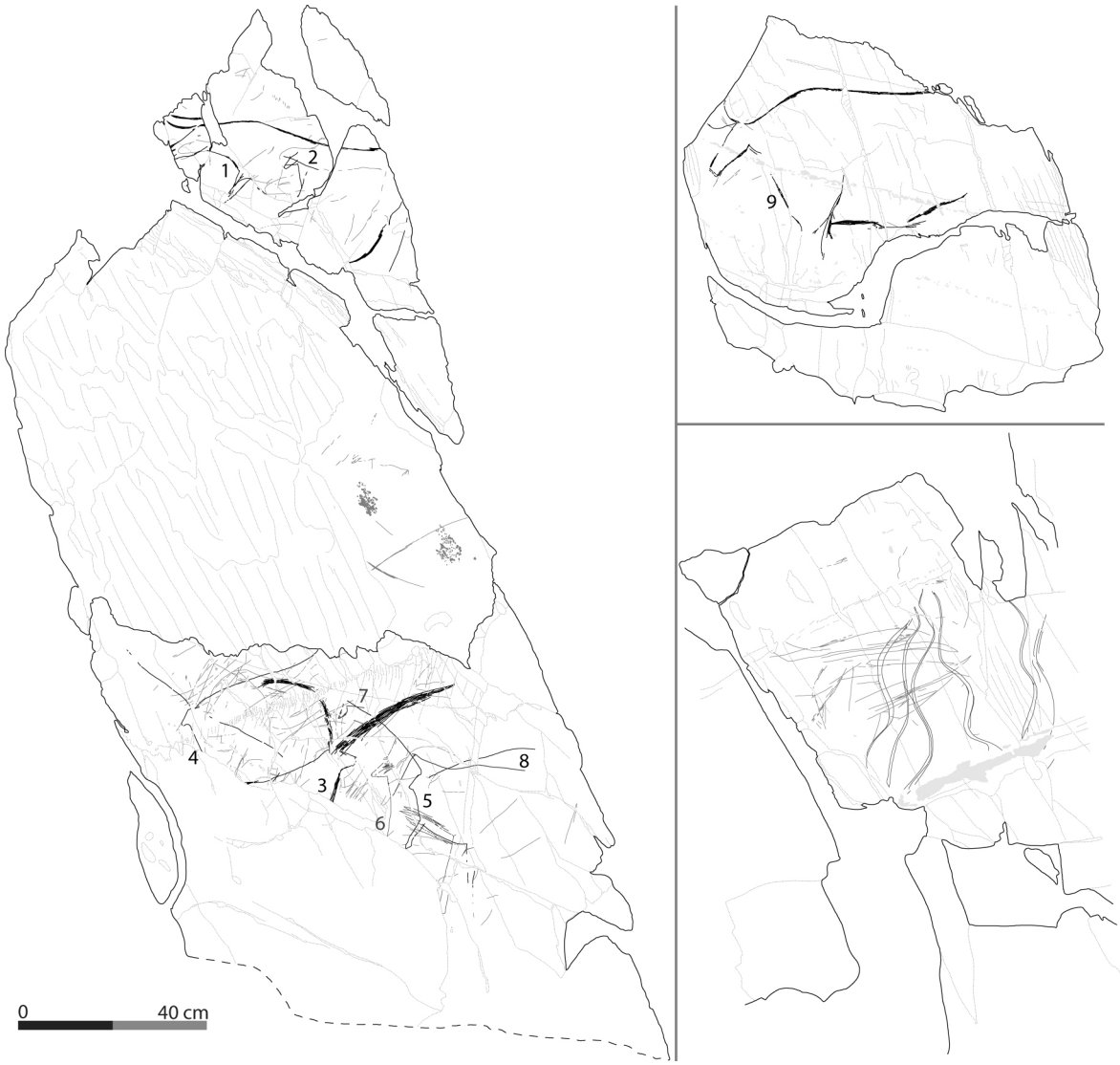


Fig. 51: Painéis estudados da rocha 6 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida e A. M. Baptista). No desenho não se representaram as unidades gráficas sidéricas.

A outra figura corresponde à zona anterior de um macho de cabra-montês definida por contorno simples e também orientada para a esquerda (**Pi06-02**); apresenta cabeça de forma troncocónica com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho reto e bordo ventral com queixo e ganacha diferenciados; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita reto e o da esquerda curvo; uma linha reta que prolonga o corno da direita perfaz o bordo cervical e o arranque do dorso; o bordo traqueal é reto; a pata dianteira apresenta clara distinção entre a coxa (triangular) e a perna (reta). Alguns traços situados atrás da figura parecem esboçar a zona posterior do animal que, neste caso, seria altamente esquemática e desproporcionalmente grande; dado não existir solução de continuidade entre estas incisões e a zona anterior de **Pi06-02** considerámo-las como um conjunto de oito unidades gráficas não figurativas da chave XIa (neste caso associadas a **Pi06-01**).

Para além daquelas associam-se ainda a **Pi06-01** outras duas da IIb, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, catorze da XIa, duas da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. Acima daquela figura zoomórfica observa-se ainda uma da Ia, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XId. Neste sector identifica-se ainda uma da XIa associada a **Pi06-02** (e como tal também a **Pi06-01**).

No sector mesial apenas se identificaram unidades gráficas não figurativas: uma da chave IIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, sete da XIa e duas da XIIc, sendo estas últimas picotadas.

O sector inferior é o mais ricamente historiado. A figura central corresponde a uma representação parcial de um macho de cabra-montês, definida por incisão simples e múltipla, orientada para a direita (**Pi06-03**); a cabeça é de forma retangular, com linha fronto-nasal e focinho ligeiramente convexos, ganacha reta e queixo arredondado; os cornos, curvos e estriados, dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é algo convexo e a goela côncava; a nuca é arredondada e a cérvico-dorsal reta, sendo ainda percetível um ténue garrote e o arranque do dorso.

À sua esquerda encontra-se outro macho de cabra-montês, definido por incisão simples e orientado para a esquerda (**Pi06-04**); a cabeça – de forma sub-retangular e de pequenas dimensões – apresenta linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo

ventral (este muito pequeno) convexo; os cornos – longos e em forma de S – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta: na cérvico-dorsal – *grosso modo* convexa – aprecia-se um ligeiro garrote; um traço que corta **Pi06-03** pode corresponder à nádega do animal.

Para a direita de **Pi06-03** observa-se outros dois animais associados por sobreposição. Na base da sequência encontra-se um macho de cabra-montês definido por incisão simples e orientado para a esquerda (**Pi06-05**); apresenta cabeça de configuração subtriangular com linha fronto-nasal reta, focinho algo apontado e curto bordo ventral tenuemente convexo; os cornos, longos e curvos, dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a linha ventral é convexa; apenas se gravou uma pata por par, observando-se o casco da dianteira.

A figura que a sobrepõe corresponde a um veado inciso orientado para a esquerda (**Pi06-06**); a cabeça é de forma subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é apontado; apenas se gravou uma haste na qual se observa o arranque do estoque; o bordo traqueal é algo côncavo; a linha ventral, se bem que descontínua, á convexa; a pata traseira é definida por dois bordos retos que poderão ter formado um casco na extremidade distal; o animal apresenta-se estriado na zona da cabeça e do ventre.

Entre os cornos de **Pi06-03** observa-se um prótomo de quadrúpede orientado para a esquerda (**Pi06-07**); a cabeça é de forma genericamente triangular, com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, bordo ventral acentuadamente convexo e focinho apontado; um traço acima da linha fronto-nasal parece esboçar uma curta orelha; um outro que arranca da extremidade caudal da ganacha pode corresponder ao bordo traqueal, que, neste caso, seria reto.

Sobre **Pi06-05** um conjunto de traços parece configurar a cérvico-dorsal e quartos traseiros de um auroque orientado para a direita (**Pi06-08**); a cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente, dorso côncavo e garupa angulosa; a nádega é direita; da cauda parece observar-se apenas a raiz.

Refira-se, por fim, a existência de uma figuração animal (canídeo?) da Idade do Ferro sobrepondo-se a **Pi06-03**, **Pi06-05** e **Pi06-06**.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Assim, associam-se a **Pi06-03** duas unidades da chave IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da X, quinze da XIa, doze da XIb e três da XId. A **Pi06-03** e a **Pi06-04** associam-se uma da IXaa, uma da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. Não associadas diretamente a nenhum dos zoomorfos referidos anteriormente, mas distribuídas por entre eles identifica-se uma da IXaa, nove da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **Pi06-03** e **Pi06-05** associa-se uma da VIIa. Entre **Pi06-03** e **Pi06-06** foram gravadas duas da XIa e uma da XId. Diretamente associadas a **Pi06-03** e **Pi06-07** encontra-se uma da XIa e uma da XIb. Entre **Pi06-03** e **Pi06-07** foram gravadas uma da IXba e duas da XIb. A **Pi06-04** associam-se três da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, três da IXab, duas da IXb, duas da IXba, uma da X, dezasseis da XIa, cinco da XIb e duas da XIc. A **Pi06-05** associam-se uma da IIb, uma da IXb, uma da IXbb e seis da XIa. A **Pi06-05** e **Pi06-06** associam-se uma da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **Pi06-06** associam-se três da XIa e uma da XIb. A **Pi06-08** associa-se uma da IXa. Refira-se, por fim, que para a direita de **Pi06-05** identifica-se ainda duas da XIa e uma da XIb.

O segundo painel encontra-se sensivelmente a meio da rocha e apresenta forma poligonal. Aí identifica-se um auroque inciso, definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi06-09**); apresenta cabeça de forma troncocónica com linha fronto-nasal reta e fronte bombeada, focinho e queixo retos e ganacha convexa; os cornos são curtos, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciado e dorso alongado; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira é possante e aberta na extremidade distal, sendo definida por dois traços; a linha ventral apresenta clara distinção por meio de inflexão do contorno entre a zona do ventre e da cilheira.

A este animal associam-se algumas unidades gráficas não figurativas: uma da chave IXaa, uma da IXbb e seis da XIa.

O terceiro painel decalcado encontra-se perto do limite superior direito da rocha; aí apenas se gravaram unidades gráficas não figurativas; entre as incisões, destaca-se, desde logo, o conjunto das seis unidades gráficas da chave XIIIa, que se dispõem de forma paralela entre si; as restantes correspondem a duas da VIIa, três da IXa, duas da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, três da IXba, vinte da XIa, oito da XIb, quatro da XId e uma outra da XIIIa para além das que referimos acima (distinguimo-la devido à sua diferença ao nível da dimensão e posicionamento).

Rocha 7 (Fig. 52): Foi dada a conhecer em 1997, quando se publicou o seu decalque e a respetiva descrição (Baptista & Gomes, 1997, 326). Localiza-se a cerca de 17,5 m para su-sudoeste da rocha 5, a uma altitude de 151 m. Corresponde a um painel subvertical, de forma subtrapezoidal, orientado para sudeste. Apresenta uma superfície regular e lisa, de cor castanho-alaranjada, onde se observa cinco zoomorfos incisos.

O primeiro a que nos referiremos encontra-se destacado dos restantes, sendo de dimensões mais grandes que os restantes; localiza-se no sector superior do painel, perto do seu limite direito; corresponde a um capríneo, definido por contorno simples, orientado para a direita e com a cabeça voltada para trás (**Pi07-01**); apresenta cabeça genericamente triangular com linha fronto-nasal

ligeiramente convexa, focinho apontado e bordo ventral reto; os dois cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda reto e terminando o da direita em gancho; o pescoço é longo e retilíneo; o corpo apresenta uma morfologia oval, com linhas cérvico-dorsal e ventral convexas; a cauda é curta e apontada; as patas – apenas uma por par – são definidas por dois bordos paralelos e abertas nas suas extremidades distais; dada a forma de um dos cornos, podemos colocar a hipótese de nos encontrarmos perante uma camurça.



Fig. 52: rocha 7 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Dos restantes animais, três deles correspondem a cabras-monteses fêmeas; dispõem-se em coluna, encontrando-se todas em posição de repouso (com as pernas fletidas) e orientadas para a direita. A do topo da coluna (**Pi07-02**) apresenta longa cabeça de forma subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral algo convexos e focinho apontado; os cornos são curvos, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é globalmente convexa, notando-se apenas um ténue garrote e um dorso subtil; a cauda é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; as patas, como referimos, encontram-se fletidas; da traseira observa-se parte da coxa e abaixo observa-se a perna apenas definida pelo bordo caudal e aparentando terminar num casco esquemático; a dianteira, na qual está ausente o casco, apresenta já a perna definida por ambos os bordos, sendo estes curvos; o bordo traqueal é reto, observando-se no peito uma subtil convexidade; refira-se, por fim que o animal é definido por contorno simples, apresentando, no entanto, o seu interior parcialmente estriado.

A segunda fêmea (**Pi07-03**) é definida por contorno simples; apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal modelada e focinho e bordo ventral retos; no interior parecem estar esboçados o olho e uma narina; os cornos são curvos, dispondo-se segundo um perfil biangular oblíquo; a nuca é arredondada e o pescoço bem diferenciado; a cérvico-dorsal é convexa; a cauda é definida por dois traços curtos, paralelos entre si; na pata dianteira observa-se a coxa (dispõe inclusive de bordo cranial no flanco) e a perna, sendo esta definida apenas pelo bordo caudal; a dianteira é delimitada apenas pelo bordo cranial; a linha ventral é globalmente convexa, embora se perceba uma ténue concavidade na zona inguinal; o bordo traqueal é reto.

A fêmea da base da coluna (**Pi07-04**) é também definida por contorno simples; apresenta cabeça oblonga com linha fronto-nasal algo côncava, focinho convexo e bordo ventral reto: os cornos apresentam-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita curvo e correspondente à continuação da linha fronto-nasal e o da esquerda curto, correspondendo à continuação da cérvico-dorsal; esta é reta até à zona da garupa, aí arredondando; a cauda é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; na linha ventral aprecia-se a diferença entre o ventre e a cilheira por meio de uma inflexão do traço; apresenta apenas uma pata por par, sendo a dianteira definida pelo bordo cranial e a traseira pelo caudal.

O quinto animal do painel localiza-se por trás de **Pi07-02**, correspondendo à representação parcial de um quadrúpede definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pi07-05**); está reduzido à cabeça e à cérvico-dorsal; aquela apresenta forma suboval com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, e focinho apontado; o pescoço é retilíneo; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa convexa.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Associadas a **Pi07-01** encontramos uma da chave IXba e cinco da XIa. A **Pi07-02** associam-se duas da XIa e uma da XIIIb. A **Pi07-03** associa-se uma da IXaa. A **Pi07-04** associa-se uma da XIa. A **Pi07-05** associam-se duas da XIa. À esquerda de **Pi07-04** observa-se uma da XIIIb. Para a direita da coluna de capríneos observa-se três da XIa. Para cima de **Pi07-05** observa-se duas da XIa. Refira-se, por fim, a existência de uma unidade da chave XIa junto do limite inferior esquerdo do painel.

Rocha 11 (Fig. 53): Encontra-se referida na bibliografia desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 314), tendo o seu decalque sido dado a conhecer em 2012 (santos, 2012, 58). Localiza-se a cerca de 11 m para oés-sudoeste da rocha 5, a 161 m de altitude. Corresponde a um pequeno painel vertical orientado para su-sudeste, de cor castanho-acinzentada, superfície regular e lisa. Integra uma longa bancada rochosa que se desenvolve no sentido NE.—SO. que se localiza já no topo da pequena colina de Piscos.

As incisões aí presentes configuram apenas unidades gráficas não figurativas. Quer pelo tamanho, quer pela disposição, o centro da composição é marcado pela presença de uma unidade da chave XId, distribuindo-se as restantes quer sobre ela, quer em seu torno. É possível a identificação das seguintes: duas da chave Ib, uma da IIIc, três da IXaa, uma da IXbb, uma da X, nove da XIa, três da XIb e uma mais da XId para além da já referida; esta última é de dimensões mais reduzidas, encontrando-se numa posição lateral relativamente à "principal".

Rocha 13 (Fig. 54): Conhece-se desde 1995Localiza-se já na encosta sudeste do monte do Fariseu, orientando-se para o Côa. Pode ser encontrada a cerca de 120 m para nor-nordeste da confluência da ribeira de Piscos com o Côa; a sua cota média é de 146 m. Trata-se de um amplo paredão que *grosso modo* se pode descrever como uma grande superfície quadrangular, de cor castanho-alaranjada, orientada para sudeste; apresenta uma microtopografia regular e textura rugosa; as gravuras localizam-se a uma altura só possível de ser atingida no seu lado direito através de uma bancada em forma de escada que se encontra em frente do painel, precisamente nesse sector. O sector esquerdo terá exigido seguramente meios artificiais que sustentassem o autor da composição. A localização das gravuras, a técnica nelas empregue (o picotado) e as suas dimensões sugerem-nos que este painel seria visto desde o fundo do vale.

Apenas se gravaram auroques. O primeiro dos bovídeos a ser gravado (**Pi13-01**) corresponde ao que se situa no plano mais elevado; orienta-se para a direita; apresenta uma cabeça de configuração troncocónica com linha fronto-nasal ligeiramente côncava,

focinho e ganacha convexos e queixo reto; no seu interior reconhece-se o olho, a boca e a narina (estas últimas correspondendo a traços); os dois cornos estão ligados pela nuca e encontram-se representados em perfil biangular reto; a linha cérvico-dorsal é sinuosa e a ventral profundamente convexa; apenas a pata traseira foi gravada, sendo definida por dois bordos curvos divergentes e reconhecendo-se o jarrete no bordo caudal; da cauda resta-nos a raiz foliforme.



Fig. 53: Rocha 11 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).



Fig. 54: Rocha 13 da Ribeira de Piscos (decalque de Manuel Almeida e João Félix).

Em seguida foi gravado o auroque da direita (**Pi013-02**), orientado para essa direção; a cabeça é *grosso modo* retangular com linha fronto-nasal ligeiramente côncava e focinho reto; do bordo ventral da cabeça só nos resta o queixo que é reto; no interior da cabeça reconhece-se a boca (traço reto) e a narina (traço curvo); as patas são apenas uma por par e abertas na extremidade distal; a traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si, reconhecendo-se no bordo caudal o jarrete; a dianteira é definida por dois bordos retos paralelos; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a cérvico-dorsal arranca da orelha e é regularmente côncava, se bem que uma ligeira convexidade seja perceptível na zona da cernelha; a linha ventral é convexa; a cauda corresponde ao prolongamento da garupa, sendo longa e encurvada; a raiz é subtriangular; a nádega é convexa; apenas se gravou um corno, em forma de gancho deitado.

O último auroque a ser gravado (**Pi13-01**) orienta-se também para a direita, sobrepondo a sua cabeça a garupa do anteriormente descrito; a cabeça é também genericamente retangular, com linha fronto-nasal e focinho retos; no bordo ventral observa-se clara distinção entre a ganacha convexa e o queixo reto; no interior da cabeça observa-se a narina, podendo parte do dorso do animal descrito anteriormente ser lido como a boca; apresenta apenas um corno em forma de S deitado; a orelha situa-se atrás e dela arranca a cérvico-dorsal que, de forma sinuosa, se prolonga até à garupa angulosa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira, aberta na extremidade distal, é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; os quartos traseiros não foram representados.

Rocha 15 (Fig. 55): Embora referida desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 314), o seu decalque só é dado a conhecer em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 117). Localiza-se a cerca de 100 m para nordeste da anterior, a uma cota de 135 m. Corresponde a um painel vertical, de configuração subtrapezoidal, orientado para sudeste; a sua superfície encontra-se bastante fraturada, apresentando uma textura *grosso modo* lisa e cor castanho-ferruginosa.

O painel é dominado por um imponente veado, plasmado em posição de brama, orientado para a direita (**Pi15-01**); foi gravado essencialmente por picotagem, se bem que em determinadas zonas se tenha definido por incisão múltipla (linha ventral) ou por uma abrasão subsequente à picotagem (por exemplo na zona da garupa e no bordo caudal da pata traseira); morfologicamente, e embora a zona da cabeça se encontre bastante fraturada, pode-se perceber que seria de forma subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; apenas se observa a extremidade distal de uma haste, encimada por duas pontas da coroa; da orelha também se percebe a extremidade distal; a cérvico-dorsal é bastante modelada, nela se percebendo um garrote ténue, um dorso suave e uma garupa arredondada; a cauda encontra-se caída sobre a nádega; esta é suavemente convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo, que perfaz com a zona do ventre um ângulo acentuado; a linha ventral apresenta ventre convexo e proeminente e cilheira algo côncava; da pata da frente só nos resta o bordo cranial que é reto; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

Um capríneo picotado orientado para a direita (**Pi15-02**) ladeia por esse mesmo lado o zoomorfo anterior; a cabeça do animal perdeu-se devido à fratura do suporte; as linhas cérvico-dorsal e ventral são convexas; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois traços paralelos entre si; o peito é convexo; a cauda é definida por três curtos bordos retos paralelos entre si.

Um outro quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**Pi15-03**) encontra-se à esquerda de **Pi15-01**. Como no caso anterior, falta-nos a cabeça devido a fratura do suporte (em sentido estrito ainda se observa o arranque da fronte, mas é tão diminuto este vestígio que não nos informa em nada quanto à morfologia da cabeça); a linha cérvico-dorsal é globalmente côncava, arredondando na zona da garupa; a cauda é definida por dois curtos bordos retos paralelos entre si e caídos sobre a nádega do animal; esta é fortemente convexa; as patas (apenas uma por par) são ambas abertas nas extremidades distais; a traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a dianteira é-o por dois bordos retos, percebendo-se ainda o arranque do peito a partir da extremidade proximal do bordo cranial; a zona inguinal é profundamente angulosa; a linha ventral apresenta ventre convexo e tórax reto; alguns traços incisos existentes cerca dos limites da pata traseira do animal sugerem a existência de um esboço prévio. Dada a configuração da cauda e da cérvico-dorsal, pensamos estar perante um cervídeo.

As restantes gravuras são não figurativas. Associadas a **Pi15-01** encontramos uma unidade gráfica da chave VIIa, uma da IXbb, uma da IXc, quatro da XIa (uma delas parcialmente picotada) e quatro da XIb. Entre aquele zoomorfo e **Pi15-02** observa-se uma da XIa e uma da XIIc (picotada). A **Pi15-03** associa-se uma da XIc. Abaixo daquela figura observa-se ainda uma associação de uma unidade gráfica não figurativa da chave IXc a duas da XIa.

Rocha 16 (Fig. 56): Referida desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 314), o seu decalque só é dado a conhecer em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 117). Localiza-se na margem direita da ribeira de Piscos, junto da confluência desta linha de água com o Côa, encontrando-se a 129 m de altitude; corresponde a um painel vertical, de forma subtrapezoidal, orientado a sudeste; apresenta uma superfície algo irregular e porosa, apresentando diversos lascamentos e fraturas; é de cor castanho-ferruginosa.

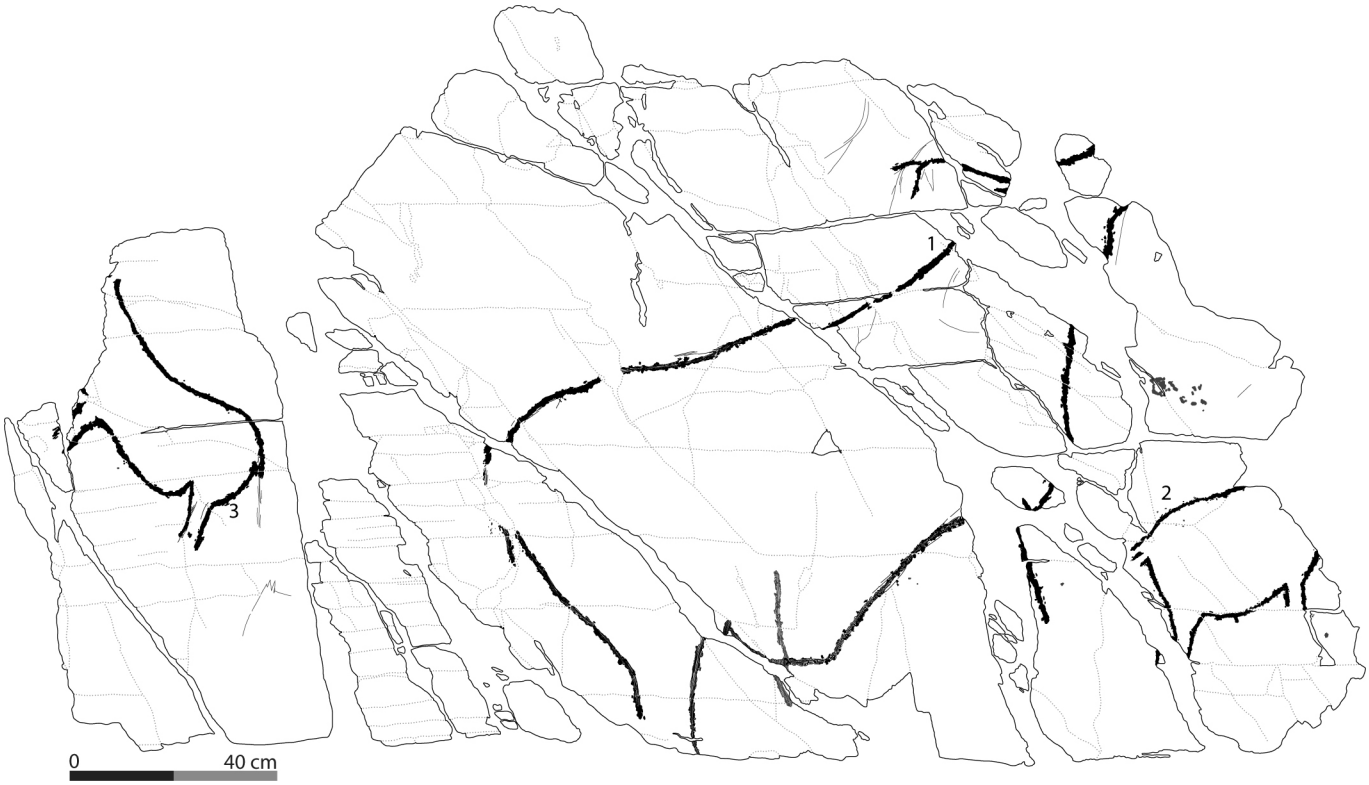


Fig. 55: Rocha 15 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).



Fig. 56: Rocha 16 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

Relativamente a unidades gráficas figurativas, apenas se identifica duas cervas picotadas. Uma destas (**Pi16-01**) localiza-se cerca do limite superior do painel, encontrando-se orientada para a direita; apresenta cabeça subtriangular com bordos fronto-nasal e ventral retos e focinho apontado; no interior observa-se um olho e no topo duas orelhas lineares dispostas segundo uma perspetiva biangular (o estado fragmentado das mesmas não nos permite precisar se reta se oblíqua); o bordo cervical é reto e o dorso convexo; as patas traseiras dispõem-se segundo uma perspetiva uniangular; na da direita observa-se clara distinção entre a coxa triangular e a perna reta enquanto o outro membro se resume a um simples traço reto; a linha ventral apresenta, por meio de inflexão do traço, distinção entre ventre e cilheira; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos; o peito é convexo e o bordo traqueal aparenta ser reto.

A outra cerva (**Pi16-02**) encontra-se imediatamente abaixo, orientando–se para a esquerda; a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal algo convexa, bordo ventral reto e focinho arredondado; no interior observa-se o olho; das duas orelhas apenas se observa vestígios, notando-se, contudo que uma parece curvar para a esquerda e que a outra é linear; o bordo cervical é curto e o dorso tendencialmente reto; a garupa/ nádega é arredondada; a cauda corresponde a um curto traço curvo atirado para trás; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos que parecem convergir na extremidade distal; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

Dada a forma *sui generis* de uma das orelhas de **Pi16-02**, não será de colocar de parte a hipótese daquele elemento anatómico corresponder a um corno e os animais a camurças. Contudo, quer a forma alongada das cabeças, quer a cauda de **Pi16-02**, quer a proporção das patas relativamente aos corpos, quer, enfim, os flagrantes paralelos destes motivos com as cervas de Covalanas, impelem-nos a pensar nestes motivos como cervídeos.

ara além destes motivos, distribuem-se pela rocha diversas incisões que formam unidades gráficas não figurativas. A **Pi16-02** associam-se uma unidade gráfica da chave XIa e uma da XIc. Para a direita de **Pi16-01** e acima de **Pi16-02** observa-se uma da VIII, uma da IXa, nove da XIa e duas da XIb. As restantes unidades gráficas distribuem-se pelo sector direito do painel, sendo possível discriminá-las da seguinte forma: uma da IXab, uma da IXbb, onze da XIa, cinco da XIb, duas da XIc e quatro da XId.

Será de referir igualmente a existência de traços picotados, de cronologia moderna, sobre o painel.

Rocha 19 (Fig. 57): Encontra-se referida desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 314), pese embora o seu decalque se tenha mantido inédito até ao momento. Localiza-se a cerca de 7 m para nor-nordeste da rocha 6, a uma altitude de 156 m. Trata-se de um painel vertical de configuração subtrapezoidal, orientado para sudeste; apresenta uma superfície castanha de textura lisa, com uma microtopografia bastante regular se bem que interrompida por algumas fraturas.

Todas as unidades gráficas desta rocha foram conseguidas por incisão; relativamente aos zoomorfos, identifica-se dois quadrúpedes claros e uma possível ave. A maior das figuras corresponde a um quadrúpede estriado orientado para a direita (**Pi19-01**); apresenta cabeça genericamente triangular com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral reto; três traços existentes em cima da cabeça poderão corresponder a uma orelha e aos dois cornos vistos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o pescoço é longo e esguio; a cérvico-dorsal é reta e a garupa arredondada; a pata traseira apresenta forma triangular; a linha ventral não se encontra representada; o peito é algo convexo; duas formas triangulares existentes abaixo do animal poderão corresponder às extremidades distais das suas patas dianteiras, observadas segundo uma perspetiva biangular reta.

Sobrepondo o dorso da figura anterior observa-se o outro quadrúpede, também com o pescoço estriado e orientado para a direita (**Pi19-02**); apresenta uma pequena cabeça de forma troncocónica, com bordos fronto-nasal ventral retos, encontrando-se a zona do focinho em aberto; sobre a cabeça reconhece-se uma orelha triangular atirada para a frente; o pescoço é curto e reto; reta é também a cérvico-dorsal, arredondando na zona da garupa; a cauda é curta e curva; a nádega é direita e a pata traseira é definida por dois traços retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre reto e cilheira convexa; a pata dianteira corresponde a um traço; o bordo traqueal é côncavo.

A ave (**Pi19-03**) localiza-se sob as possíveis patas dianteiras de **Pi19-01**; apresenta corpo oval, percebendo-se no interior bordo proximal das escapulares; a cabeça apresenta crânio convexo e bico relativamente longo e pontiagudo; um traço no interior sugere o olho; na zona posterior do animal duas formas subtriangulares podem ser lidas uma como as penas primárias da asa e outra como as penas caudais; dois traços paralelos à direita das caudais sugerem-nos as patas. Dadas as características da figura, podemos estar perante um passeriforme; o longo bico e a forma da cabeça e do corpo tornam plausível a hipótese da espécie corresponder a uma das que compõem a família *Alcedinidae* (guarda-rios).

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas; a **Pi19-01** associam-se uma da chave IIIc, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da X, nove da XIa e três da XIb. A **Pi19-01** e **Pi19-02** associam-se duas da XIa, uma da XIIIa e uma da XIIIb. Entre **Pi19-01** e **Pi19-02** observa-se quatro da XIa. A **Pi19-01** e **Pi19-03** associa-se uma da XIb. Para a esquerda

de **Pi19-01** gravaram-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. Para a direita de **Pi19-01** encontra-se duas da VIIa, uma da IXaa, cinco da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pi19-02** associam-se uma da Ib, uma da X, catorze da XIa e duas da XIb . A **Pi19-03** associam-se uma da Ib, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXc, sete da XIa, uma da XIb e uma da XId. Finalmente, para a direita de **Pi19-03** identifica-se ainda cinco da XIa, quatro da XIb, e duas da XIc.

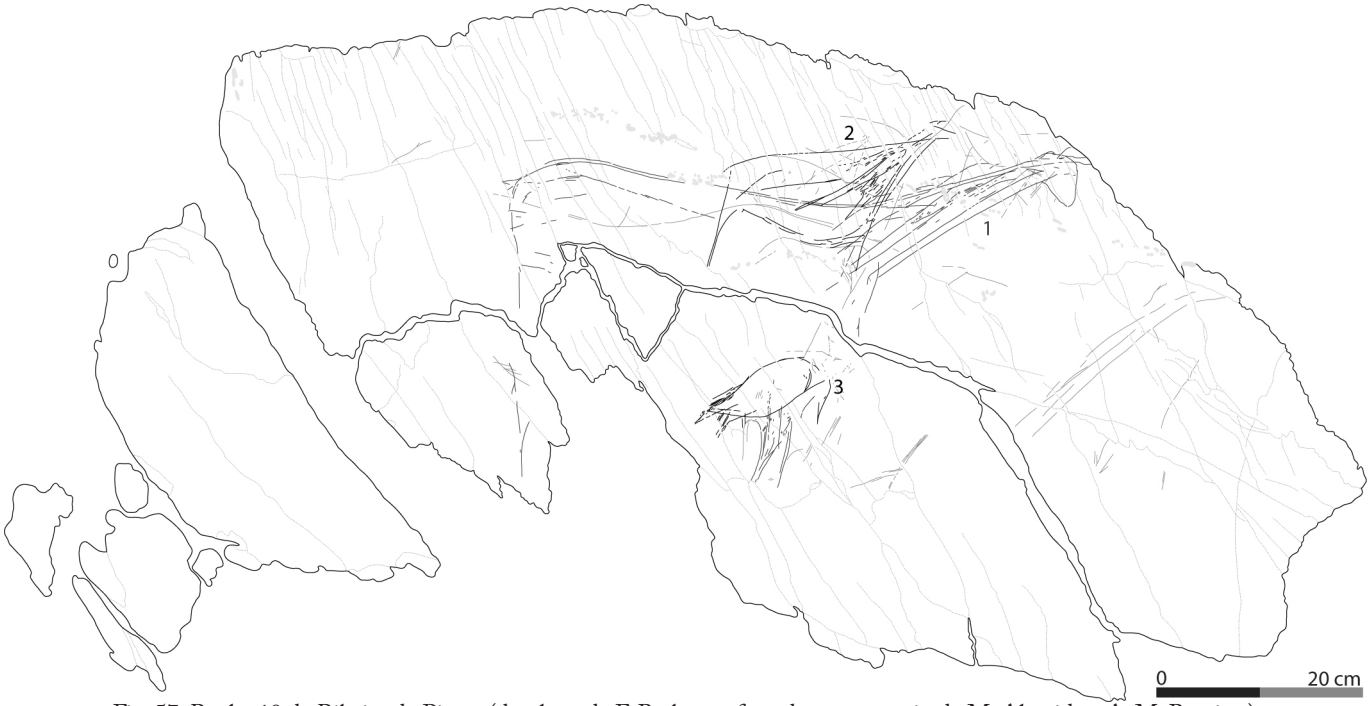


Fig. 57: Rocha 19 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Rocha 24: As primeiras menções à rocha datam de 2001, quando se publica decalque parcial do seu painel 7 (Baptista, 2001c, 244). Entretanto, foram saindo do prelo esporadicamente decalques de outros painéis (v.g. Baptista, 2008a; 2009a), faltando até ao momento uma descrição detalhada do conjunto, lacuna que pretendemos aqui colmatar. Localiza-se já na margem esquerda do Côa, a cerca de 43 m para sul da rocha 16, a uma altitude de 131 m. Corresponde a uma rocha de cor castanha, formato sub-retangular, orientada para sudeste; apresenta uma microtopografia bastante irregular; na verdade, o sistema *sui generis* de fracturação da rocha permitiu o aparecimento de pequenos painéis que se orientam transversalmente relativamente à orientação geral da rocha, aparecendo-nos a rocha como uma sucessão de "escamas" (Fig. 5.45); assim, diferentemente da orientação geral da rocha, os painéis tendem a virar-se para és-sudeste. Destes, 32 encontram-se historiados (Fig. 58); por outro lado, em escavação arqueológica desenvolvida em frente à rocha foi exumado um fragmento também decorado (Luís, 2009). Dadas as características da rocha, passaremos à descrição da mesma painel a painel. Importa, no entanto, não perder de vista que, como referimos no capítulo 5.1.6. estes painéis fazem parte do mesmo dispositivo parietal, não devendo a partição do espaço parietal separar as unidades gráficas que por ele se distribuem, mas antes contribuir para dar profundidade a toda a composição. De forma a ilustrar este aspeto, remetemos o leitor, não só para a já referida figura 5.45, como também para as figuras 58 a 60 destes anexos, onde se esquematiza a relação entre painéis historiados e as unidades gráficas figurativas isoladas na rocha.

Painel 1 (Fig. 61): Encontra-se na zona superior da rocha, correspondendo ao quarto painel a contar da esquerda. Apresenta forma subtriangular e uma superfície algo irregular e lisa.

Apenas se observa figuras incisas. Identifica-se dois zoomorfos, encontrando-se ambos incompletos devido a fractura do suporte. Assim, neste painel começamos por inventariar um par de membros anteriores e peito de quadrúpede orientado para a direita (**Pi24-01**); as patas apresentam forma *grosso modo* retangular, sendo preenchidas interiormente; são representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o peito é convexo; tecnicamente o animal foi definido por contorno múltiplo.

Este animal sobrepõe um outro quadrúpede definido por contorno múltiplo, também orientado para a direita (**Pi24-02**); deste quadrúpede observa-se parte da linha cérvico-dorsal e o bordo traqueal; na primeira percebe-se um esboço de garrote; o bordo traqueal é algo côncavo; ambas as linhas tendem a convergir dando origem a um pescoço delgado; a figura é nesta zona interrompida, pelo que se torna complicado perceber se os traços que se encontram à direita da fractura que a interrompe fazem parte do animal ou não; a fazerem parte, estes configuram uma cabeça oval com linha fronto-nasal e focinho convexos.

Para além destas figuras observa-se ainda uma unidade gráfica da chave XIa e uma da XIb, ambas associadas a **Pi24-01.**

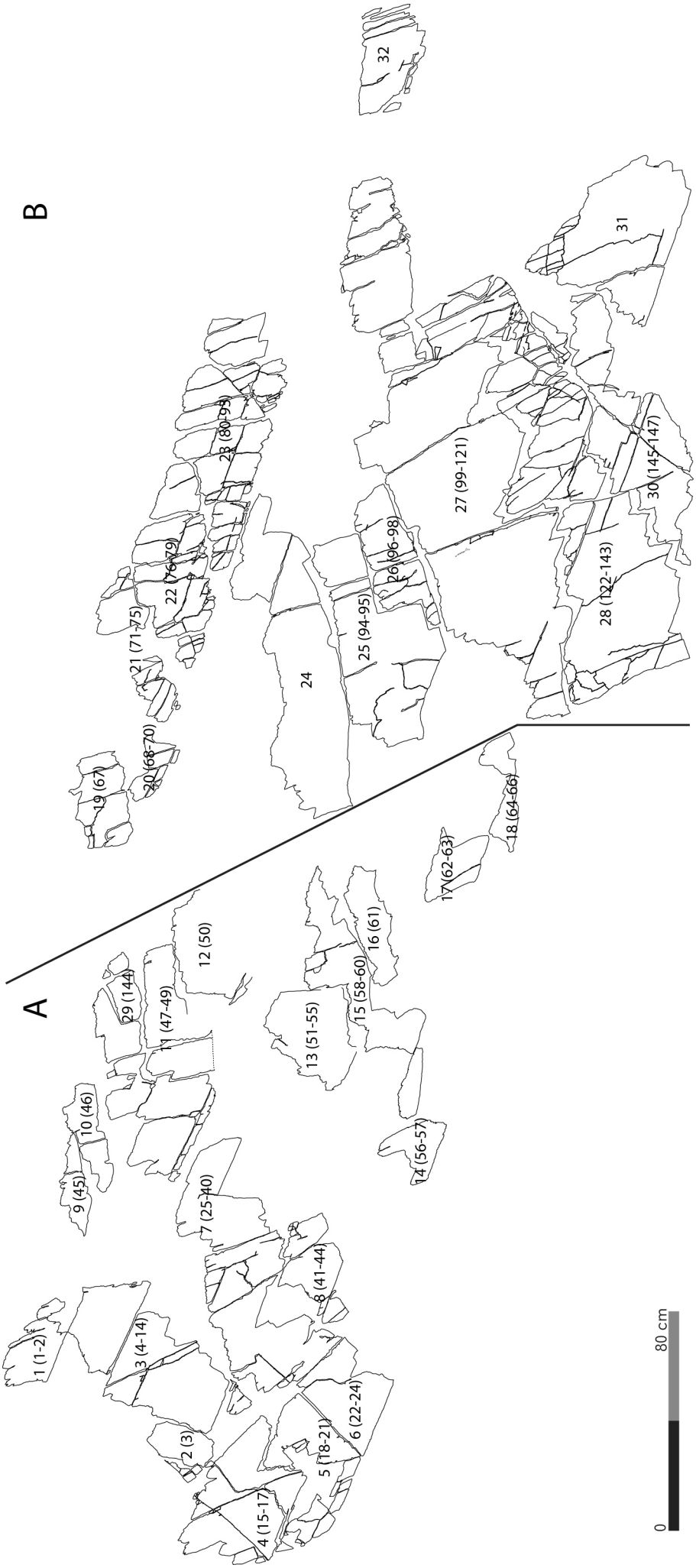


Fig. 58: Relação entre os painéis historiados da rocha 24 de Piscos. Entre parêntesis encontram-se as unidades gráficas existentes em cada um deles. A: Localização da Figura 59; B: Localização da Figura 60.



Fig. 59: Painéis 1 a 18 e 29 da rocha 24 da Ribeira de Piscos.



Fig. 60: Painéis 19 a 28 e 30 a 32 da rocha 24 da Ribeira de Piscos.

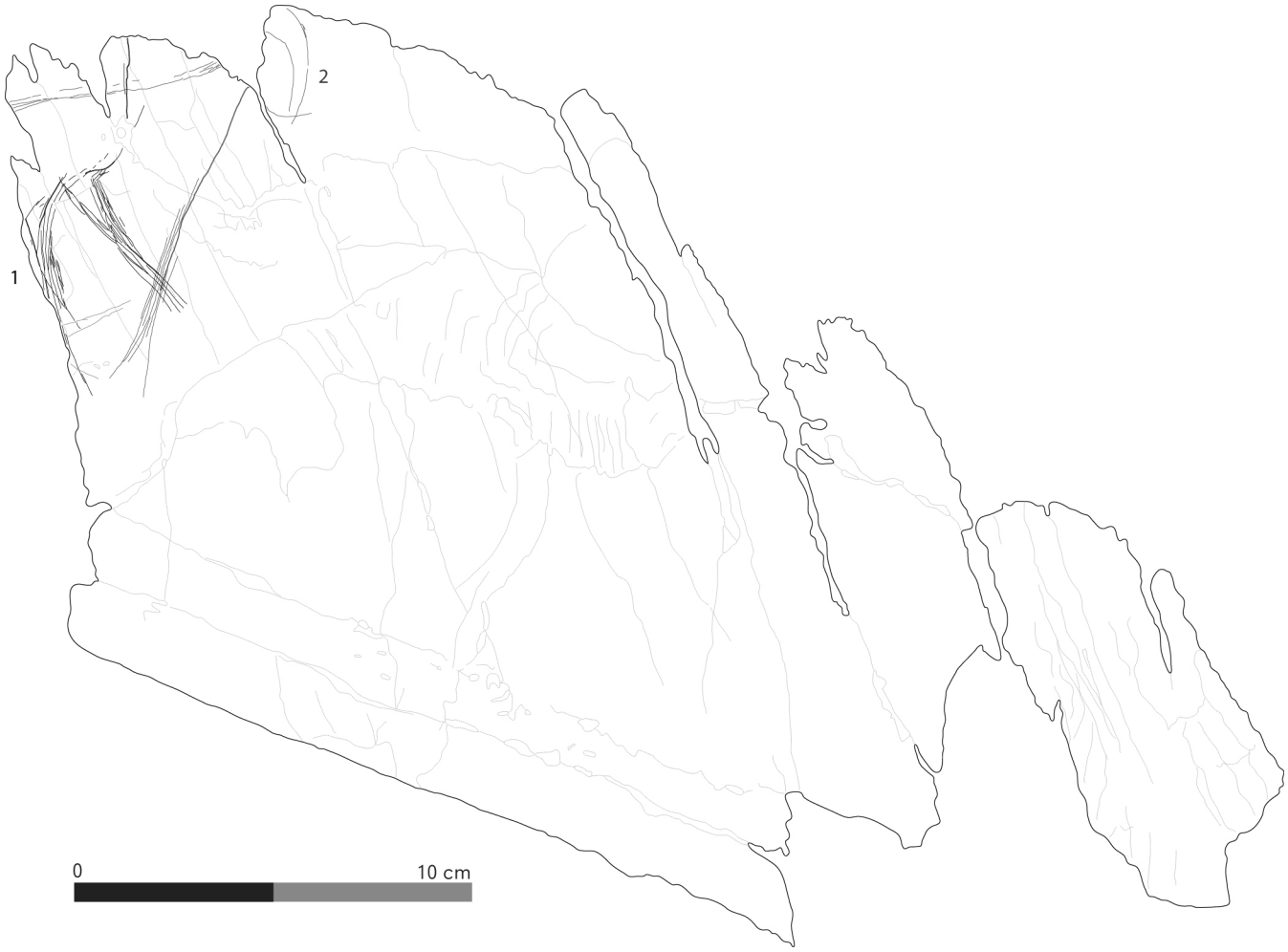


Fig. 61: Painel 1 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

Painel 2 (Fig. 62): Conhecido de 2009 (Baptista, 2009a, 157). Corresponde ao terceiro painel abaixo do sector esquerdo do painel anterior; apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície regular e lisa. Apenas se identifica um antropomorfo visto de frente, conseguido por incisão (**Pi24-03**); a cabeça é genericamente oval, destacando-se bem do pescoço; o seu interior é marcado por um nariz com as narinas extremamente desenvolvidas; os olhos – o direito amendoado e o esquerdo circular – apresentam as pupilas; as orelhas são de formato semioval, percebendo-se na da esquerda a representação do pavilhão auricular; alguns traços sobre a testa e atravessando a orelha direita poderão corresponder ao cabelo; os ombros são pouco marcados e os membros superiores apenas esboçados; o corpo apresenta uma inflexão na zona da cintura, inflexão essa que é tão mais marcada quanto as ancas são pronunciadas; os membros pélvicos só estão representadas até ao nível das coxas; sobre o tórax e a pélvis encontra-se unidades gráficas da chave IIIc; outros traços sobre e em torno da figura poderão corresponder a unidades gráficas autónomas; é, no entanto, difícil proceder a qualquer distinção entre estes e os que configuram **Pi24-03**. Dado estrangulamento da cintura e a proeminência das ancas é razoável a admissão de estarmos perante uma mulher.

Painel 3 (Fig. 63): Conhecido desde 2008 (Baptista, 2008a, 22). Localiza-se imediatamente à direita do painel anterior, sendo encimado pelo n.º 1. Apresenta uma superfície regular (apenas alterada no terço superior do painel que se encontra relativamente avançado) e lisa. Apenas se identifica incisões e alguns picotados isolados. Corresponde a um dos painéis mais densamente gravados da rocha. Na base da estratigrafia encontra-se um auroque definido por contorno múltiplo (**Pi24-04**); orienta-se para a esquerda e inclina-se para baixo, utilizando desta forma a inclinação do próprio painel e dispondo de praticamente toda a superfície útil do mesmo; a cabeça é de forma sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, tendo a zona do focinho sido deixada em aberto; no seu interior observa-se a delimitação interna do focinho e um olho; apenas se gravou um corno, curvo e atirado para a frente; na linha cérvico-dorsal é patente a cernelha, dorso e garupa; a cauda é em forma de S, terminando em escova; a nádega é arredondada; a pata traseira – aberta na extremidade distal – é definida por um bordo caudal curvo um cranial reto; na zona inguinal reconhece-se a bainha; a linha ventral é convexa; a pata dianteira – também aberta na extremidade distal – é definida por dois traços retos; o bordo traqueal é côncavo, observando-se uma barbela proeminente na zona do peito.



Fig. 62: Painel 2 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida).

Sobre a figura anterior gravou-se outra representação parcial de auroque; esta corresponde à zona anterior de um animal definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pi24-05**); apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal , queixo e focinho retos, e ganacha convexa; os cornos – o da esquerda em forma de S e o da direita curvo – são definidos pelo mesmo traço, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; da cérvico-dorsal só se gravou o bordo cervical e o garrote saliente; o bordo traqueal é côncavo.

Sobre a figura anterior foi gravado um antropomorfo, definido por incisão simples (e múltipla na zona dos pés) visto de perfil e orientado para a direita (**Pi24-06**); apresenta cabeça *grosso modo* circular, forma geométrica apenas quebrada pelo curto entalhe nasal e pelo nariz proeminente e de configuração subtrapezoidal; o pescoço é bem marcado; as costas são côncavas e a nádega convexa; o tórax é também convexo dele sobressaindo o que interpretamos como um seio de configuração oval; o abdómen é convexo; as duas pernas são definidas por dois bordos exteriores convexos e paralelos entre si, dando-se a separação por intermédio de uma linha reta; os pés – de configuração foliforme alongada são dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o único detalhe interno identificável corresponde ao olho (reduzido a um ponto). Dadas certas características morfológicas da figura (seio e nádega pronunciada) consideramo-la como de sexo feminino.

Adossada à zona entre a nádega e a coxa da figura anterior identifica-se um prótomo de auroque definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-07**); a cabeça é altamente modelada, assemelhando-se à de um cavalo; apresenta linha

fronto-nasal, queixo e focinho rectos, e ganacha convexa; os cornos – ambos curvos e sendo um mais curto que o outro – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; da cérvico-dorsal só se observa o arranque do bordo cervical; no interior da cabeça observa-se os dois traços correspondentes à boca e narina (ou às duas narinas vistas segundo uma perspetiva biangular reta) e o olho oval; este olho encontra-se aberto no seu lado inferior, prolongando-se o traço que o define por ambos os lados até à ao terço inferior da cabeça.



Fig. 63: Painel 3 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida). A espessura do traço das figuras 5, 8 e 13 encontra-se aumentado, devido a imperativos de leitura.

À direita de **Pi24-06,** e a ela se sobrepondo parcialmente, um conjunto de traços incisos maioritariamente ondulados parecem configurar outra figura humana de sexo feminino, desta feita, altamente estilizada (**Pi24-08**); apresenta nuca arredondada atrás da qual se reconhece outros traços que poderão corresponder ao cabelo; as costas são côncavas, a nádega convexa e o membro pélvico – reduzido à área da coxa – é triangular; o abdómen é convexo; nem a face nem qualquer membro torácico foram gravados.

Também sobre **Pi24-04** encontra-se uma figura "fantástica" definida por incisão simples, com o corpo aparentemente visto de frente e a cabeça virada para a esquerda (**Pi24-09**); o corpo apresenta forma oval e longo pescoço; sensivelmente a meio, alguns

traços parecem esboçar os membros superiores; toda a zona do corpo parece remeter para uma ave, podendo a forma como estão representados os membros induzir-nos a interpretá-los como asas; a cabeça apresenta uma fronte e nuca arredondadas e um focinho (?) subquadrangular; no interior da mesma reconhece-se um olho poligonal no interior do qual foi gravada a pupila.

Sobrepondo-se a todas as figuras até agora referidas com exceção de **Pi24-05**, foi gravado um macho de cabra-montês, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-10**);a cabeça caracteriza-se pelo seu alto naturalismo; apresenta linha fronto-nasal convexa, relevada na zona do fronte, focinho arredondado e bordo ventral com queixo côncavo e ganacha convexa; no interior observa-se o olho amendoado, a narina, a boca e a delimitação interna da ganacha; os cornos são em forma de S, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular reta; a orelha – localizada por trás do corno esquerdo – é de forma oval; a linha cérvico-dorsal é igualmente modelada, sendo evidente o pequeno garrote, um dorso suave e a garupa arredondada; a cauda é definida exteriormente por dois bordos curvos divergentes, dispostos na horizontal; no interior da mesma observa-se outros dois traços paralelos, e no que a limita superiormente foram incisos curtos traços paralelos entre si, de forma a representarem a pelagem; a nádega é arredondada; as patas traseiras são finamente gravadas, nelas se reconhecendo os jarretes e os cascos, inclusivamente com a coroa no caso do da esquerda; a perspetiva utilizada é a uniangular; na zona inguinal observa-se a bainha; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras – onde se gravaram também os cascos – estão representadas de acordo com uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; ao nível das delimitações internas, refira-se as que conformam as coxas e antebraços, sendo esta preenchida no caso da do membro anterior esquerdo.

Um outro zoomorfo sobrepõe **Pi24-04** e **Pi24-09**; trata-se um possível mustelídeo definido por incisão simples e orientado para a direita (**Pi24-11**); a cabeça é alongada e de forma subtrapezoidal; a fronte é convexa, observando-se uma ligeira inflexão no chanfro; o focinho é reto; reto é também o bordo ventral da cabeça; um curto pescoço é definido por um bordo dorsal reto e um ventral convexo; a linha cérvico-dorsal é convexa e a ventral côncava; o corpo é alongado, tendendo a convergiram as linhas cérvico-dorsal e ventral na zona dos quartos traseiros; a pata dianteira é definida pelo prolongamento do peito, que é reto.

O derradeiro motivo claramente figurativo corresponde a um antropomorfo visto de frente (**Pi24-12**) que se situa no interior dos quartos traseiros de **Pi24-04**. É definido por incisão simples; a cabeça é muito semelhante à de **Pi24-03**; apresenta testa arredondada e é ladeada por duas orelhas de dimensões exageradas, sendo a esquerda tendencialmente oval e a direita de configuração subtriangular; o nariz é também proeminente nele se observando as narinas e o lóbulo; o pescoço é equilibrado e os ombros bem marcados; a zona do corpo parece encontrar-se representada segundo um perfil biangular reto com as costas côncavas e o abdómen convexo; apenas o membro superior esquerdo foi representado, sendo curto e de forma subtriangular; a partir da sua extremidade distal surgem três traços que poderão corresponder à representação esquemática da mão; da cintura para baixo só se gravou o lado direito do personagem; refira-se a anca angulosa, a perna triangular e a canela reduzida a um traço; no interior do corpo observa-se uma série de traços curvos paralelos entre si.

Foram ainda identificadas duas outras possíveis figurações zoomórficas; uma destas corresponde à representação parcial de um quadrúpede definido por incisão simples e múltipla, orientado para a esquerda (**Pi24-13**); localiza-se sobre o ventre de **Pi24-04** e junta-se a **Pi24-12**; apresenta uma linha cérvico-dorsal sinuosa, garupa arredondada que se prolonga por uma cauda terminada em vassoura; a nádega é também convexa; um traço curvo disposto na horizontal situado abaixo do dorso pode corresponder a um esboço de ventre; é difícil avaliar se estamos perante um auroque (tendo em conta a cérvico-dorsal sinuosa e a terminação da cauda) se perante um cavalo (dada a curvatura da nádega).

A outra representação localiza-se sobre **Pi24-04**, **Pi24-06**, **Pi24-08**, **Pi24-10** e **Pi24-12**; corresponde a um cavalo definido por incisão simples, orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**Pi24-14**); está reduzido à linha fronto-nasal, crineira e linha cérvico-dorsal; a primeira é ligeiramente convexa; a crineira é em escada e preenchida interiormente por uma série de traços incisos; a linha cérvico-dorsal é suavemente côncava, arredondando na zona da garupa; o bordo ventral da cabeça pode corresponder à reapropriação do bordo caudal do antebraço esquerdo de **Pi24-10**.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. A maior parte delas encontra-se de alguma forma associadas a **Pi24-04**, pelo que no próximo parágrafo, mesmo que esta figura não seja diretamente referida, encontrar-se-á sempre no "espaço entre as linhas". Exclusivamente a ela associadas encontramos três unidades da chave IIb, uma da VIII, quatro da IXa, quatro da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, duas da X, dez da XIa, dez da XIb, duas da XIc e duas da XIIIb. A **Pi24-05** e **Pi24-06** associam-se uma da IXba e uma da XIa. Àqueles zoomorfos e a **Pi24-14** associa-se uma da XId. Aos dois primeiros e a **Pi24-08** associam-se uma da IX e uma da IXab. Associadas aos quatro zoomorfos atrás referidos encontramos uma da IXc e uma da XIIIb. Aos zoomorfos atrás referidos e a **Pi24-09** associa-se uma da IXba. A **Pi24-05**, **Pi24-06**, **Pi24-08**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-05** e **Pi24-08** associa-se uma da XIa. A **Pi24-05**, **Pi24-08**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associa-se uma da XIb. A **Pi24-05**, **Pi24-09**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associa-se uma da XIa. A **Pi24-05**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associa-se uma da IXab. A **Pi24-05** e **Pi24-14** associa-se uma da XIa. A **Pi24-06** associam-se uma da IXab, quatro da XIa e uma da XIb. A **Pi24-06**, **Pi24-08**, **Pi24-09**,

Pi24-10 e **Pi24-14** associa-se uma da VIIa. A **Pi24-06**, **Pi24-08**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associam-se uma da IXaa, duas da IXba e uma da XIa. A **Pi24-06** e **Pi24-10** associa-se uma da XIa. A **Pi24-07** associam-se duas da XIa. A **Pi24-08**, **Pi24-09** e **Pi24-10** associa-se uma da IIIc e uma da XIa. A **Pi24-08**, **Pi24-09** e **Pi24-14** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-08** e **Pi24-10** associam-se uma da IIb, uma da IIIc, uma da IXc e duas da XIa. A **Pi24-08**, **Pi24-10** e **Pi24-14** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **Pi24-08** e **Pi24-14** associa-se uma da XIa. A **Pi24-09** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-09** e **Pi24-10** associam-se uma da VIII, uma da IXa, uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-09**, **Pi24-10** e **Pi24-12** associam-se uma da IIb e uma da IXbb. A **Pi24-09** e **Pi24-14** associa-se uma da VIIa. A **Pi24-10** associa-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-10** e **Pi24-14** associa-se uma da XIb. A **Pi24-11** associa-se uma da IXb. A **Pi24-12** associam-se uma da IIb, duas da VIIa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, três da X, sete da XIa e quatro da XIb. A **Pi24-12**, **Pi24-13** e **Pi24-14** associam-se uma da X e uma da XIa. A **Pi24-12** e **Pi24-14** associam-se duas da IIb, uma da VIIa e uma da IXaa. A **Pi24-13** associam-se uma da IXb, uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa e três da XIb. A **Pi24-14** associam-se quatro da XIa e uma da XIb.

As restantes figurações não se associam-se a **Pi24-04**. Algumas destas encontram-se associadas exclusivamente a **Pi24-09**; correspondem a uma da chave IIb, uma da IXab, quatro da XIa e duas da XIb. Outras (uma da chave IIb e outra da X) associam-se àquele motivo figurativo e a **Pi24-10**. Um grupo associa-se a **Pi24-09** e **Pi24-11** e é composto por uma da IIb, uma da IXba e uma da XIa. Uma unidade gráfica da chave IXbb e uma da XIa associam-se a **Pi24-11**. As restantes unidades não se associam por sobreposição a nenhum dos motivos figurativos. Um grupo localiza-se à esquerda de **Pi24-04** e é constituído por uma da chave VIIa, uma da VIII, uma da IXaa, duas da XIa e duas da XIb. Outro grupo situa-se à direita de **Pi24-04** e é formado por uma da chave XIa e outra da XIb. Finalmente, um par formado por duas unidades da chave XIa localiza-se no canto inferior direito do painel.

Para além destes motivos não figurativos, destaque-se também a presença de vários impactos picotados isolados.

Painel 4 (Fig. 64): Encontra-se publicado desde 2008 (Baptista, 2008a, 18). Localiza-se imediatamente abaixo dos painéis 2 e 3; a sua superfície apresenta três planos: o sector esquerdo dispõe-se transversalmente em relação aos restantes e o direito encontra-se avançado relativamente ao central; ao nível da textura, o painel é liso; as gravuras foram conseguidas por incisão, correspondendo os motivos figurativos a três antropomorfos.

Dois destes, ambos representados em visão frontal, localizam-se no sector central, encontrando-se abraçados. O da esquerda (**Pi24-15**) apresenta uma cabeça com nuca e queixo semicirculares e duas orelhas de dimensões exageradas, sendo a direita semicircular e a esquerda subtriangular; entre as orelhas e o queixo observa-se vários traços curvos paralelos entre si que parecem representar uma espécie de "suíças"; os olhos são subcirculares e o nariz semicircular; o pescoço está bem delimitado, sendo os ombros apenas esboçados; os membros superiores correspondem a dois traços curvos com tendência a convergirem na extremidade distal; o tronco é alongado e de forma subperiforme; os membros inferiores, representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua, correspondem a dois traços em S, paralelos entre si, podendo a curva da extremidade distal esboçar já os pés.

O antropomorfo da direita (**Pi24-16**) é do tipo "fantasma" e está reduzido à zona acima da cintura (é interrompido pelo limite do sector direito do painel); apresenta cabeça ovoide, um ténue estrangulamento na zona do pescoço e tronco semiovoide; os olhos são subovoides e o nariz em forma de V; os braços são semelhantes aos da figura previamente descrita.

O terceiro antropomorfo (**Pi24-17**) encontra-se já no sector direito, dispondo-se também segundo uma perspetiva frontal; a cabeça é subcircular nela se observando um olho amendoado e uma possível sobrancelhas; alguns traços caídos sobre o lado direito da cabeça poderão representar o cabelo; da figura observa-se ainda os membros superiores, correspondendo estes a dois traços retos e sendo o direito de dimensões exageradas.

As restantes gravuras configuram unidades gráficas não figurativas; a **Pi24-15** associam-se as seguintes unidades gráficas: uma da chave VIIa, uma da IXaa, duas da X, três da XIa, três da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-17** associa-se uma da XIa; à direita deste último antropomorfo observa-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIIIb. No sector esquerdo apenas se identifica uma de da XIa.

Painel 5 (Fig. 65): É conhecido desde 2008 (Baptista, 2008a, 19). O canto superior esquerdo deste painel corta o inferior direito do sector da direita do painel precedente; apresenta forma subtriangular e uma superfície regular e lisa; todas as gravuras aqui presentes foram conseguidas por incisão.

O painel é dominado por uma figura de carácter antropomórfico, vista de perfil e orientada para a direita (**Pi24-18**); uma linha ondulada perfaz-lhe a nuca, pescoço, costas, nádega e arranque da coxa; a face é definida por um bordo facial convexo; um traço curvo que depois se torna reto define-lhe o queixo, pescoço e bordo superior do membro superior; uma linha praticamente reta define o bordo inferior desse mesmo membro; um outro traço configura-lhe o tórax recto e a axila curva; no interior da cabeça observa-se um olho amendoado disposto na vertical.



Fig. 64: Painel 4 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

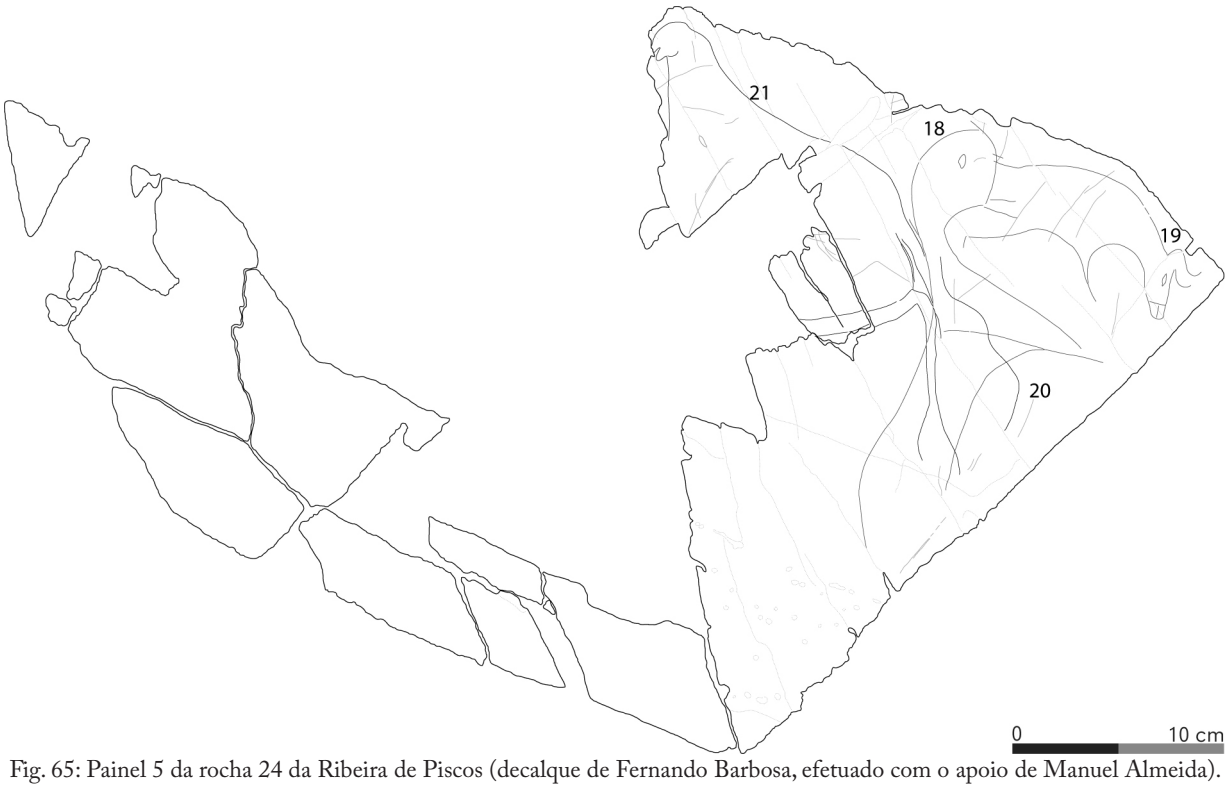


Fig. 65: Painel 5 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

Justaposto à face da figura anterior observa-se um auroque disposto em posição de salto (corpo encurvado) e orientado para a direita (**Pi24-19**); a cabeça é oblonga, apresentando linha fronto-nasal praticamente reta, focinho e ganacha convexos, e

queixo reto; no interior observa-se a delimitação interna do focinho, a boca ou narina e um olho amendoado; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a linha cérvico-dorsal é altamente convexa, observando-se uma inflexão na passagem para a garupa; uma linha curva perfaz o bordo traqueal, peito e bordo cranial da pata dianteira do animal; esta é de forma triangular, correspondendo o seu bordo caudal ao prolongamento da linha ventral que é convexa na zona do ventre e côncava na da cilheira; dos quartos traseiros do animal só se observa o arranque do bordo cranial da pata traseira; a ausência de quartos traseiros, o corpo encurvado do animal (como se este se encontrasse em posição de salto), a relação de justaposição com a figura anterior e a existência de alguns traços na face desta última, levam-nos a interpretar esta associação como uma cena em que o animal sai do interior do personagem de características antropomórficas.

Uma outra relação de simbiose entre uma figura vagamente antropomórfica e um animal repete-se no painel; na verdade, sobrepondo-se a **Pi24-18** encontra-se o que parece ser outra figura humana muito esquemática (**Pi24-20**), desta feita acéfala e orientada para a esquerda; apresenta pescoço alongado, costas convexas, cintura estreita e nádega convexa; o bordo anterior do corpo é algo convexo, podendo uma convexidade existente na extremidade inferior da figura corresponder ao arranque da coxa; o membro superior está lançado para a frente sendo definido por dois traços curvos paralelos entre si.

Ora, precisamente o bordo superior do braço da figura anterior parece corresponder à nádega/ bordo caudal da pata traseira de um quadrúpede orientado também para a esquerda e algo inclinado para cima (**Pi24-21**). Este apresenta cabeça "globular" com linha fronto-nasal fortemente convexa e bordo ventral com clara distinção entre o queixo reto e a ganacha (gravada no interior da figura) convexa; dados os factos da boca do animal se encontrar aberta e de a fracturação da rocha ter eliminado parte do focinho do animal, é difícil caracterizar este último; contudo o lábio inferior é convexo; a linha fronto-nasal prolonga-se pela nuca do animal, aqui se observando uma inflexão seguida de convexidade e finalmente pelo contorno da cérvico-dorsal; nesta observa-se o longo bordo cervical, um dorso suave e uma garupa arredondada e terminada num ângulo aberto a partir de onde sai o bordo dorsal da inserção da cauda; esta apresenta forma subtrapezoidal e a cauda é linear. Ora, como referimos, a linha da nádega corresponde ao bordo do braço de **Pi24-20**; por outro lado, a cauda de **Pi24-20** prolonga-se para dentro desta figura humana, sendo *grosso modo* paralela ao bordo anterior do tronco do antropomorfo (também o bordo dorsal da cauda entra pelo pescoço da figura humana); leva-nos a pensar no mesmo tipo de associação do primeiro par descrito deste painel.

As restantes figuras conformam unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-18** associam-se quatro da chave XIa e duas da XIb. A **Pi24-18** e **Pi24-19** associa-se uma da XIa. A **Pi24-18** e **Pi24-20** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-19** associam-se duas da XIa e uma da XId. A **Pi24-20** associa-se uma da XIa. A **Pi24-21** associam-se uma da IXa, uma da X, seis da XIa e duas da XIb. Acima de **Pi24-18** e **Pi24-21** observa-se ainda uma da IXbb.

Painel 6 (Fig. 66): Encontra-se publicado por Martinho Baptista (Baptista, 2009a, 98). Localiza-se imediatamente à direita do painel anterior; apresenta uma superfície de configuração subtrapezoidal com uma microtopografia regular e textura lisa; todas as gravuras foram conseguidas por incisão.

O centro do painel é ocupado por auroque definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-22**); apresenta cabeça alongada e de forma campanulada; a lfronto-nasal é algo côncava e o focinho muito arredondado; no bordo ventral é patente a diferença entre o queixo reto e a ganacha convexa; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo em forma de gancho e longo, e o direito curvo e curto; a cérvico-dorsal arranca da nuca triangular, prolongando-se até à cauda; sendo nela evidente a cernelha, mas não a garupa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira, sem casco, encontra-se atirada para a frente, sendo definida por dois bordos retos paralelos entre si; o ventre é convexo; a pata traseira, aberta na extremidade distal, é definida por bordo cranial curvo (que se prolonga pelo interior do animal) e por bordo caudal descontínuo de tendência curva; os quartos traseiros do bovino são a sua zona mais desequilibrada, podendo esta situação dever-se à pré-existência de uma figura que aí se encontra.

Referimo-nos a uma figura de características antropomórficas, definida por contorno simples, orientada para a esquerda e ligeiramente inclinada para a frente (**Pi24-23**); trata-se de uma figura acéfala com pescoço longo e um membro superior encurvado, terminado em cinco dedos; o abdómen é encurvado quer no bordo anterior quer no posterior; após uma inflexão do tronco observa-se novo arredondamento do mesmo na zona púbica; daqui sai um longo falo terminado numa glande arredondada e aberta a meio; o corpo volta a estreitar brevemente abaixo da zona púbica; a partir daqui desenvolve-se a perna definida por dois traços curvos paralelos entre si; terá sido a pré-existência desta perna que terá "complicado" a gravação da figura descrita acima.

A terceira figuração do painel corresponde a uma fêmea de cabra-montês, definida por contorno simples e orientada para a direita (**Pi24-24**); localiza-se sobre a cabeça do auroque e sobre a mão do antropomorfo; apresenta uma cabeça de configuração subtriangular com linha fronto-nasal algo côncava, focinho e queixo reto, e ganacha arredondada; apresenta um corno contornado, disposto em perfil absoluto; no interior parece encontrar-se esboçado um olho; a linha cérvico dorsal arranca do corno esquerdo e é de configuração côncava até à zona da garupa onde arredonda; a cauda é definida por dois traços retos paralelos entre si, deitando-se

sobre a nádega; esta é reta, separando-se da perna por ligeira inflexão; a pata traseira é definida por um longo bordo cranial curvo; a linha ventral, de forma *grosso modo* convexa, é excessivamente proeminente; na pata dianteira é evidente a separação entre o antebraço triangular e canela reduzida a traço e atirada para fora; refira-se ainda que o bordo caudal do antebraço se prolonga pelo interior do animal; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Assim, a **Pi24-22** associam-se sete da chave XIa e duas da XIb. A **Pi24-22** e **Pi24-23** associam-se duas da XIa. A **Pi24-22**, **Pi24-23** e **Pi24-24** associa-se uma da XIa. A **Pi24-22** e **Pi24-24** associa-se uma da XIb. A **Pi24-23** associam-se uma da IIb e três da XIa. A **Pi24-24** associa-se uma de tipo XIa. Acima de **Pi24-24** e à direita de **Pi24-23** observa-se ainda uma da XIa e outra da XIIIb.



Fig. 66: Painel 6 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

Painel 7 (Fig. 67): Em 2001 foi publicado decalque parcial deste painel (Baptista, 2001c, 244), sendo a totalidade do mesmo apenas conhecida em 2008 (*idem*, 2008a, 20). Localiza-se entre o topo do anterior e o limite superior da rocha, dispondo-se na diagonal; trata-se de um conjunto de superfícies lisas, marcado por algumas fraturas e alterações de plano significativas; uma fratura horizontal de maiores dimensões permite-nos distinguir dois sectores.

O primeiro destes localiza-se acima dessa fratura. Aí, a figura que mais se destaca corresponde a um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita, com a cabeça virada para a frente (**Pi24-25**); toda a parte superior da cabeça desapareceu devido à fracturação do suporte; a cabeça apresenta perfil retangular, observando-se no seu interior a demarcação interna do focinho; é ladeada pelos dois cornos tombados para baixo, segundo uma perspetiva biangular zenital, sendo o esquerdo em forma de S e o direito reto; os dois olhos são circulares, encontrando-se o direito fora da cabeça, entre o bordo facial desta e o corno direito; o bordo traqueal é reto; a pata dianteira parece corresponder à releitura de um acidente natural; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata traseira é de forma triangular, encontrando-se o seu interior completamente preenchido por incisões.

Fig. 67: Painel 7 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

No interior da figura precedente identifica-se outro quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita e com a cabeça vista de frente (**Pi24-26**); da cabeça só se observa o bordo facial esquerdo e o focinho; este é de forma convexa, encontrando-se bem separado da face, também convexa; no seu interior observa-se duas narinas de configuração foliforme; um traço curvo situado à direita da cabeça pode corresponder ao corno curvo; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; a pata, aberta na extremidade distal, é definida por dois traços retos paralelos entre si; a linha ventral é tendencialmente convexa; este liga-se à zona inguinal da figura precedente, reapropriando para si os quartos traseiros daquela; a existência do possível corno, a par da posição da cabeça do animal fazem-nos interpretar esta figura como um auroque; na verdade, e como se verá, todos os animais reconhecíveis desta rocha com a cabeça vista de frente correspondem a esta espécie.

Outros dois quadrúpedes são ainda perceptíveis no interior de **Pi24-25**, encontrando-se parcialmente sobrepostos entre si e pela figura previamente descrita. Um destes corresponde a um quadrúpede definido por incisão simples (e dupla na zona do dorso), orientado para a esquerda (**Pi24-27**); apresenta dorso aparentemente direito, nádega arredondada e pata traseira definida por dois traços retos paralelos entre si e atirados para trás; da figura observa-se ainda a linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto.

O outro quadrúpede é definido por incisão simples, encontrando-se orientado para a direita (**Pi24-28**); apresenta bordo cérvico-dorsal em forma de profundo S, uma linha ventral proeminente e uma pata dianteira possante, definida por dois bordos retos, paralelos entre si.

Para a esquerda destas figuras identifica-se um conjunto de traços que poderão ter feito parte de um quadrúpede orientado para a direita (**Pi24-29**); na linha cérvico-dorsal é particularmente evidente a cernelha do animal; o bordo traqueal é reto, assim como a linha ventral; dadas as características da cérvico-dorsal, devemos estar perante um outro auroque que, a avaliar pelos animais das imediações, teria a cabeça virada para a frente.

As restantes unidades concentram-se no canto inferior esquerdo; a que mais se destaca corresponde a um antropomorfo definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pi24-30**); a cabeça apresenta nuca exageradamente desenvolvida para trás, apresentando terminação convexa; o perfil fronto-nasal caracteriza-se por uma testa alta e por uma excrescência troncocónica que representará o nariz e queixo do personagem, oferecendo-lhe um carácter animalesco; no interior observa-se o olho, de forma amendoada, com pupila no interior e marcação da pálpebra superior; o pescoço é longo e o ombro bem marcado e convexo; as costas são de tendência côncava e a nádega angulosa; apenas um membro superior, atirado para a frente, foi representado; este é definido por dois traços terminados em gancho e paralelos entre si; o tórax é reto e o abdómen convexo; os dois membros inferiores encontram-se representados segundo uma perspetiva uniangular; o direito encontra-se hirto sendo a passagem da coxa para a canela praticamente imperceptível; o esquerdo encontra-se fletido, sendo nele evidente a coxa, a canela e o pé, este último de configuração sub-retangular.

Esta figura sobrepõe um auroque definido por contorno múltiplo orientado para a esquerda (**Pi24-31**); a zona anterior desapareceu devido a fratura do suporte; da cérvico-dorsal observa-se a cernelha convexa e o dorso e a garupa retos; a nádega é arredondada e a pata traseira reta; a cauda é curta, curva e linear, sendo a inserção de forma sub-retangular; na linha ventral observa-se a bainha, o ventre convexo e a cilheira reta; a pata dianteira é reta.

Outra unidade gráfica figurativa deste sector corresponde a uma representação parcial de uma cabeça de um macho de cabra-montês orientada para a esquerda e definida por contorno simples (**Pi24-32**); a cabeça está reduzida à linha fronto nasal que é tendencialmente reta, observando-se apenas uma pequena inflexão na passagem para o focinho; os dois cornos (o da esquerda em forma de S e o da direita quase reto) dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; no interior da cabeça observa-se ainda o olho amendoado ladeado pelas pálpebras, e um traço entre o lacrimal e a fronto-nasal; por trás do corno esquerdo observa-se uma longa orelha foliforme.

Um conjunto de traços nesta zona do sector parecem formar a zona anterior de um quadrúpede definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-33**); apresenta uma cabeça com bordos fronto-nasal e ventral convexos; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; o que nos resta do dorso é côncavo.

As restantes unidades gráficas conformam unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **Pi24-25** uma da chave VIIa, três da XIa e uma da XIc. A **Pi24-25** e **Pi24-26** associam-se uma da IIa, uma da IIb, quatro da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Pi24-25**, **Pi24-26**, **Pi24-27** e **Pi24-28** associam-se duas da IXab, duas da IXb, cinco da XIa, três da XIb e uma da XId. A **Pi24-25**, **Pi24-26** e **Pi24-28** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-25** e **Pi24-28** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-29** associam-se uma da IXab, oito da XIa e uma da XIb. A **Pi24-30** associam-se uma da IIb, uma da IXab, uma da IXb e três da XIa. A **Pi24-30** e **Pi24-31** associam-se uma da XIa, duas da XIb, uma da XIc e três da XIIIb. A **Pi24-30**, **Pi24-31** e **Pi24-32** associam-se uma da IXb, duas da IXbb, uma da X, três da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-30**, **Pi24-31**, **Pi24-32** e **Pi24-33** associam-se uma da IXaa e uma da IXab. A **Pi24-30**, **Pi24-31** e **Pi24-33** associam-se uma da IXa, uma da IXb, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-30** e **Pi24-32** associa-se uma da IIb. A **Pi24-31** associam-se duas da XIa e duas da XIb. A **Pi24-31** e **Pi24-32**

associam-se duas da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-31**, **Pi24-32** e **Pi24-33** associa-se uma da IXba. A **Pi24-31** e **Pi24-33** associam-se uma da VIII, uma da XIa, duas da XIb e duas da XIIIa. Não associadas a nenhum motivo por sobreposição, localizam-se à esquerda de **Pi24-30** uma da VIIa, uma da IXaa, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Entre **Pi24-30** e **Pi24-32** observa-se uma da IXab e uma da XIa. Finalmente, à direita de **Pi24-31** reconhece-se ainda uma da IXa.

No sector inferior identificam-se três conjuntos de gravuras; o primeiro localiza-se na zona superior direita, nele se reconhecendo apenas um motivo figurativo. Corresponde este a um auroque, definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda e com a cabeça virada para a frente (**Pi24-34**); esta apresenta uma forma *grosso modo* retangular, destacando-se a zona do focinho mediante um subtil estrangulamento das faces; no interior observa-se a delimitação interna do focinho, as duas narinas (ovais e assimetricamente dispostas) e os olhos subovais; os cornos, dos quais só se observam os arranques, são curvos e virados para cima; a cérvico-dorsal é sinuosa, nela se observando a cernelha convexa, o dorso côncavo e a garupa arredondada; a pata traseira é de configuração triangular; a linha ventral é configurada por duas linhas descontínuas, apresentando um perfil bastante sinuoso; as duas patas dianteiras são apenas esboçadas, parecendo entrever-se o bordo caudal do antebraço da da esquerda; o bordo traqueal é reto.

O segundo grupo de unidades gráficas localiza-se um pouco à esquerda e abaixo; nele identificaram-se quatro motivos figurativos, todos incompletos. O que mais se destaca é a zona anterior de um auroque definido por contorno múltiplo e orientado para a esquerda (**Pi24-35**); apresenta uma cabeça campanulada com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral com queixo reto e ganacha convexa; no interior encontra-se esboçado o limite interno do focinho e narina, assim como o olho de formato amendoado; na zona superior deste parece identificar-se as pálpebras; uma marrafa saliente separa os dois cornos vistos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o esquerdo em forma de S e o direito curvo; atrás do primeiro surge a orelha foliforme; a cérvico-dorsal perfila o bordo cervical, a cernelha e o dorso; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; as patas dianteiras são de forma subtriangular terminando em cascos elípticos e dispondo-se ambas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a linha ventral é reta; no interior do corpo está figurado o bordo cranial do ombro esquerdo do animal.

Em frente à figura anterior, e orientando-se na direção oposta, encontram-se os quartos traseiros de um quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-36**); apresenta a garupa/ nádega arredondada e uma pata traseira aberta na extremidade distal; o seu bordo caudal esboça um jarrete e o cranial uma coxa possante; a linha ventral é reta; a cauda está algo flectida sobre o dorso, sendo terminada pela vassoura(?).

A terceira unidade trata-se de antropomorfo definido por incisão simples e múltipla, visto de frente, com os braços virados para a direita (**Pi24-37**); devido a fratura do painel não sabemos se terá disposto de cabeça; o corpo está representado segundo uma perspetiva biangular oblíqua; uma convexidade existente na sector superior das costas poderá representar o ombro; aquela torna-se entretanto côncava, voltando a convexa na zona da nádega; a partir daqui observa-se um ligeiro estrangulamento do traço, passando este a configurar o bordo direito da perna direita; esta é de configuração subtriangular; a perna esquerda parece estar algo fletida, reduzindo-se a sua representação à coxa que no seu conjunto é de forma campanulada; o bordo anterior do tronco é algo convexo; os membros superiores encontram-se fletidos, dispondo o esquerdo de alguns dedos da mão; o abdómen está representado por meio de uma delimitação interna configurada por contorno múltiplo.

A derradeira figura deste conjunto sobrepõe parcialmente **Pi24-36**, correspondendo à zona anterior de um veado definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pi24-38**); a cabeça é bastante modelada, com linha fronto-nasal reta, focinho arredondado e bordo ventral algo convexo; no interior observa-se a boca, a narina (de forma subtriangular), o olho (de forma suboval) e duas delimitações internas que poderão representar o volume da bochecha; as hastes reduzem-se aos varetos retos dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o pescoço é alongado; na cérvico-dorsal observa-se o garrote, o dorso reto, a garupa convexa e o prolongamento do traço para trás, de forma algo "exótica"; o bordo traqueal é côncavo, o peito é convexo e o bordo cranial da pata dianteira reto; o pescoço e a cabeça atirado para a frente, o prolongamento "exótico" da garupa e o possível reaproveitamento do bordo cranial da pata traseira de **Pi24-37**, da sua coxa e da sua linha ventral, parecem indicar que o animal se encontra em passo de galope.

O terceiro conjunto encontra-se junto do limite inferior esquerdo do sector, nele se observando duas figuras antropomórficas definidas por contorno simples, ambas vistas de perfil, que se associam por sobreposição; uma destas está orientada para a direita (**Pi24-39**); infelizmente, a fratura do suporte não nos permite perceber se a figura é, na sua origem, acéfala; apresenta uma nádega e abdómen proeminentes; aparentemente, apenas uma perna foi representada, sendo esta definida por dois traços retos.

A segunda figura humana (**Pi24-40**) orienta-se em sentido oposto; a cabeça encontra-se atirada para trás, sendo de configuração genericamente oval, regularidade apenas interrompida por uma pequena excrescência que poderá representar o nariz, o pescoço é equilibrado, o ombro é convexo e o tórax reto; abaixo deste localiza-se uma forma subtriangular aberta na extremidade que poderá representar um membro superior; as costas são côncavas e a nádega convexa; à frente localiza-se o bordo anterior da perna, paralelo ao traço da nádega.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **Pi24-34** uma da IIIc, duas da VIIa, cinco da IXaa, quatro da IXab, três da IXba, uma da IXbb, onze da XIa, uma da XIb, três da XId e uma da XIIIa. A **Pi24-35** associam-se uma da VIIa, uma da VIII, uma da IXab, uma da IXbb, quatro da XIa, três da XIb e uma da XId. A **Pi24-35** e **Pi24-36** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, duas da XIa e uma da XId. A **Pi24-35** e **Pi24-37** associam-se três da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da X, uma da XIa, quatro da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIIa. A **Pi24-36** associam-se uma da IXa, uma da IXb, duas da XIa e uma da XId. Acima da garupa daquele zoomorfo identifica-se ainda duas da XIa. A **Pi24-36** e **Pi24-38** associam-se duas da IXaa e duas da XIa. A **Pi24-37** associam-se duas da VIIa, três da IXab, três da IXbb, três da XIa, três da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pi24-38** associa-se uma da XIa. Para baixo deste conjunto de figuras, num ressalto do painel, foram gravadas três da IXaa, uma da IXab, uma da X, três da XIa e uma da XIb. Para a esquerda deste ressalto observa-se ainda uma da XIa. No último conjunto de gravuras associam-se a **Pi24-39** uma da XIa, àquela figura e a **Pi24-40** uma da XIa, encontrando-se ainda à direita deste par uma da XIb.

Painel 8 (Fig. 68): É conhecido desde 2009 (Baptista, 2009a, 156). Localiza-se à direita do sector inferior do painel precedente; trata-se de uma superfície algo irregular mas lisa. Todas as gravuras são incisas. E todas estão mutiladas devido à fracturação do sector superior esquerdo do painel.

A única figura claramente discernível corresponde a um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-41**); a cabeça, de forma sub-retangular, apresenta-se disposta segundo um perfil biangular reto; no seu interior observa-se a delimitação interna do focinho e os olhos subcirculares; no interior do focinho observa-se a delimitação dos lóbulos nasais e a narina esquerda (de forma oval); os cornos são curvos e apontados para cima; contudo, parece ter sido representado um terceiro corno no lado direito, desta feita, orientado para baixo (animação?); na cérvico-dorsal aprecia-se um bordo cervical subtil e uma cernelha pronunciada; desta figura ainda se reconhece o bordo traqueal reto e o peito convexo.

Um feixe de traços localizados acima da figura precedente poderá corresponder à cérvico-dorsal de um auroque orientado para a esquerda (**Pi24-42**); esta cérvico-dorsal é *grosso modo* retilínea, reconhecendo-se apenas uma excrescência na passagem da garupa para a cauda: esta é em forma de arco e terminada numa vassoura; para a esquerda observa-se uma coxa e pata traseira sem casco que poderão pertencer a este animal, pese embora assumamos que se estes elementos anatómicos se encontram algo deslocados, contudo, a figura não se afastaria muito de **Pi24-31**.

Para a esquerda da referida pata traseira e a ela se sobrepondo parcialmente, observa-se uma série de pequenos traços paralelos dispostos de um forma convexa; poderão corresponder à ganacha de um prótomo de cavalo orientado para a esquerda (**Pi24-43**); deste animal, para além da ganacha convexa e definida pela própria pelagem, observa-se ainda o queixo e focinho retos, parte da linha fronto-nasal e eventualmente a crineira, esta última terminada em ângulo e provida de delimitação interna.

Refira-se finalmente a existência de uma representação parcial de um quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-44**); está reduzido ao bordo traqueal, pata dianteira e linha ventral; o primeiro é ligeiramente côncavo; a pata dianteira é reta e aberta na extremidade distal; a linha ventral é reta, podendo a convexidade da extremidade caudal corresponder ao arranque do ventre.

As restantes gravuras configuram unidades gráficas não figurativas. Assim, exclusivamente associadas a **Pi24-41** encontramos duas da chave IXab, três da XIa e uma da XIc. A **Pi24-41** e **Pi24-42** associam-se uma da VIII, uma da IXab, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-41**, **Pi24-42** e **Pi24-44** associam-se uma da VIIa, uma da IXab e duas da XIa. Exclusivamente a **Pi24-42** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pi24-42** e **Pi24-43** associam-se uma da XIa e três da XIb. A **Pi24-42**, **Pi24-43** e **Pi24-44** associam-se uma da IXab, uma da IXc e uma da XIb. A **Pi24-42** e **Pi24-44** associam-se uma da IXaa, da IXab, uma da IXbb e três da XIa. A **Pi24-43 e Pi24-44** associa-se uma da XIa. Abaixo da unidade da chave XIc associada a **Pi24-42** encontra-se uma da XIa. Acima dos motivos figurativos identificam-se uma da IIb, uma da IXab, duas da XIa, uma da XIIIa e duas da XIIIb. Finalmente numa superfície à direita da qual se encontra o conjunto atrás referido, identifica-se ainda uma unidade da chave XIa.

Painel 9 (Fig. 69): Localiza-se entre o painel 1 e o topo do painel 7; corresponde a uma pequena superfície de forma subtriangular, microtopografia regular e textura lisa; o topo encontra-se fraturado.

A única unidade figurativa corresponde à metade ventral de um quadrúpede definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-45**); apenas se observa a pata dianteira e a linha ventral; aquela é aberta na extremidade distal, sendo definida por um bordo cranial curvo e um caudal reto; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta. Dada a localização do painel, não descartamos a possibilidade desta figura corresponder a um outro auroque com a cabeça em perfil biangular reto. Associam-se a este motivo quatro unidades gráficas da chave XIa e uma da XIb.



Fig. 68: Painel 8 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

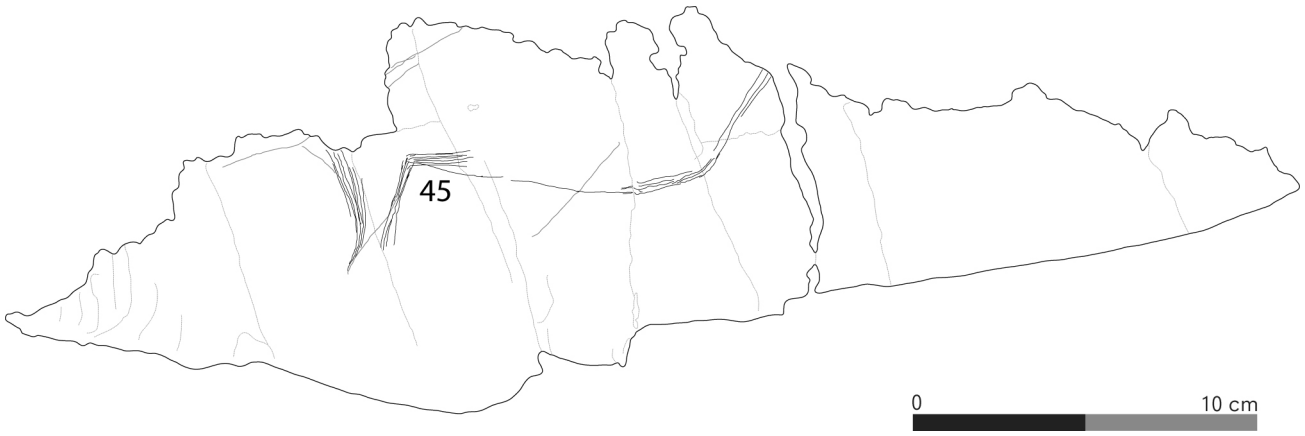


Fig. 69: Painel 9 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

Painel 10 (Fig. 70): Encontra-se publicado por Martinho Baptista (Baptista, 2009a, 157). Localiza-se imediatamente abaixo do painel 9; corresponde a uma superfície subtriangular, algo irregular e lisa.

Apenas se identifica um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-46**); a cabeça, de forma troncocónica, apresenta-se virada para a frente; no interior observa-se a delimitação interna do focinho, as narinas ovais e os olhos subcirculares; os cornos correspondem a um arco de círculo apontado para baixo e, consequentemente, representados segundo uma perspetiva biangular reta; deste modo, o espaço entre o topo da cabeça e o sector do arco de círculo que liga os cornos poderá representar a marrafa; o bordo traqueal é algo côncavo; a configuração da cérvico-dorsal segue o limite do painel, nele se evidenciando a cernelha, o dorso e uma ténue garupa.

Ao animal associam-se uma unidade gráfica não figurativa da chave VIIa e uma da XIa; imediatamente abaixo dele reconhece-se duas da XIa e uma da XIIIb.

Painel 11 (Fig. 71): Foi publicado por Martinho Baptista em 2003 (Baptista, 2003, 17). Localiza-se à direita da superfície inferior do sector superior do painel 7; corresponde a duas superfícies separadas por uma fissura, sendo a da esquerda de forma sub-retangular e disposta na vertical e a da direita sub-retangular e disposta na horizontal; as superfícies são algo irregulares mas de textura lisa; todas as gravuras foram incisas, se excluirmos uma unidade gráfica da chave XIIc que foi conseguida por picotagem.



Fig. 70: Painel 10 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).



Fig. 71: Painel 11 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e J. Félix).

É na superfície da direita que se observa os motivos figurativos. A figura que se destaca é a de um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita e com a cabeça virada para a frente (**Pi24-47**); a cabeça apresenta os bordos faciais em forma de ténue S, sendo a terminação rostral do focinho reto; a zona da marrafa é arredondada; no interior da cabeça observa-se a delimitação interna do focinho, as narinas e os olhos subovais; os cornos são curvos e dispostos segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é reto e a pata dianteira é definida por dois bordos com tendência a convergirem na extremidade distal, tendência essa que não se chega a concretizar; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; as duas patas traseiras dispõem-se segundo um perfil biangular oblíquo, apresentando ambas diferenciação entre as coxas triangulares e as pernas retas; a figura apresenta um par de cérvico-dorsais e de quartos traseiros. Pelo exterior observa-se uma cérvico-dorsal com cernelha saliente, dorso profundo e garupa aparentemente reta (parte desapareceu devido a fracturação do suporte); a nádega correspondente é arredondada; a raiz da cauda é foliforme e o seu troço formado por diversos traços que divergem na extremidade distal, configurando uma vassoura alargada; a cérvico-dorsal interior é quase paralela à exterior, se bem que não tão longa e sem um dorso tão acentuado; a nádega é quase reta e a cauda apenas esboçada. Refira-se que se a cérvico-dorsal interior é mais marcada que a interior, os quartos traseiros correspondentes a esta última são-no mais que os remanescentes.

Esta figura sobrepõe um par de possíveis equídeos definidos por incisão simples e dispostos em clara posição de afrontamento;

infelizmente, ambas as figuras apresentam-se sem cabeça devido a fracturação do suporte. O mais completo dos quadrúpedes corresponde ao animal da direita, que se orienta para a esquerda (**Pi24-48**); a cérvico-dorsal apresenta um bordo cervical longo, dorso quase reto e garupa/ nádega arredondada; a pata traseira, apenas esboçada, é definida por dois bordos curvos divergentes; a cauda é longa arrancando da garupa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a zona anterior do animal é exageradamente desproporcionada relativamente ao resto do corpo; a pata dianteira é de forma triangular; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; o enorme bordo ventral da cabeça está levantado, sendo de configuração convexa.

O outro animal (**Pi24-49**) praticamente reflete o anterior, encontrando-se no entanto fraturado na zona dos quartos traseiros; presumivelmente as suas cabeças encontrar-se-iam na zona em falta do painel.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Assim, exclusivamente associadas a **Pi24-47** encontram-se sete unidades da chave XIa, duas da XIb e uma da XIIc (localizada sobre a cabeça do animal). A **Pi24-47** e **Pi24-48** associam-se três da XIa. A **Pi24-47** e **Pi24-49** associam-se uma da IXaa, uma da IXb e cinco da XIa. Exclusivamente associadas a **Pi24-49** encontra-se uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa, duas da XIb e duas da XIc. Abaixo de **Pi24-49** observa-se ainda uma da IXab, três da XIa e uma da XIb.

Na superfície da esquerda só se identifica um conjunto de unidades gráficas não figurativas; este conjunto é constituído por uma unidade da chave IXaa, duas da XIa e três da XIb.

Painel 12 (Fig. 72): Encontra-se publicado por Martinho Baptista (Baptista, 2009a, 101). Localiza-se abaixo da superfície direita do anterior; apresenta forma subtrapezoidal, uma microtopografia algo irregular e superfície lisa. A maior parte das gravuras – todas correspondentes a incisões – concentra-se no terço direito do painel.

O único motivo figurativo corresponde a uma representação antropomórfica vista de frente (**Pi24-50**); apresenta cabeça circular e ombros largos, sendo o pescoço muito curto; os membros superiores encontram-se tombados, sendo o direito curvo e o esquerdo em forma de S; algumas fissuras parecem ter sido integradas no motivo, definindo-lhe o limite inferior do antebraço direito, o arranque do limite inferior do esquerdo e o tronco retangular.

A este motivo associam-se diretamente uma unidade da chave IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da IXba, uma da IXc, quatro da XIa, duas da XIb e três da XIc. Abaixo do motivo identifica-se uma da XIa. Para a sua direita observa-se uma da chave XIa e uma da XIb. Para a sua esquerda observa-se uma da IXab, duas da IXbb, quatro da XIa, três da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. Finalmente, já no sector esquerdo do painel, identifica- se uma unidade da chave XIa.

Painel 13 (Fig. 73): Foi publicado por Martinho Baptista em 2009 (Baptista, 2009a, 100). Corresponde ao terceiro painel abaixo do anterior; trata-se de superfície de forma subtrapezoidal e textura lisa; todas as gravuras são incisas.

A unidade que mais se destaca corresponde a um macho de cabra-montês definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-51**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta e focinho convexo; o bordo ventral é reto; no interior observa-se a boca (definida por dois traços) e o olho circular; dois traços curvos paralelos entre si configuram o corno; a orelha é elíptica; a cérvico-dorsal configura o bordo cervical e o dorso, correspondendo a um traço côncavo; o bordo traqueal e o peito são convexos; a pata dianteira é definida por dois traços retos subparalelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta.

À esquerda da figura anterior observa-se uma figura humana definida por contorno simples e orientada para a esquerda (**Pi24-52**); a cabeça apresenta nuca arredondada e face subtrapezoidal; no interior uma série de traços parecem configurar o cabelo; duas formas sublosângicas poderão representar os olhos, deslocados relativamente ao posicionamento natural; o pescoço é curto; um longo membro superior, definido por dois bordos retos que acabam por se cruzar na extremidade distal, encontra-se esticado para a frente; a axila é côncava assim como o bordo anterior do tronco; as costas são sinuosas; abaixo da cintura encontra-se o que poderá corresponder à sua perna direita, que neste caso seria muito curta e se encontraria arqueada; optamos por considerar este elemento anatómico como falo do personagem; este é definido por dois bordos curvos, sendo a extremidade distal interrompida por um traço curvo que poderá ser entendido como a representação parcial da glande; a perna esquerda é longa, aberta na extremidade distal e configurada por dois bordos algo curvos paralelos entre si.

À esquerda encontra-se o que poderá ser outra representação antropomórfica muito esquematizada (**Pi24-53**); trata-se de uma figura definida por contorno simples, orientada para a direita e reduzida à sua zona superior; a cabeça é oval; as costas são convexas e o bordo anterior do tronco praticamente reto; um membro superior encontra-se esticado até ao falo do personagem anterior; este membro é biconvexo na zona do braço, estrangulando-se na zona do pulso e terminando numa forma triangular que pode sugerir a mão.

Sobrepondo o falo de **Pi24-52** e recuperando parcialmente o seu bordo superior, encontra-se uma pequeníssima representação parcial de uma fêmea de cabra-montês (ou um cabrito) definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pi24-54**); trata-se

de uma figura de extrema simplicidade, conseguida com a gravação de quatro traços; um destes configura a linha fronto-nasal reta e o focinho convexo; um segundo configura a nuca convexa e o bordo traqueal reto; o terceiro configura um curto corno curvo; e o quarto configura um ténue bordo cervical e um dorso quase reto.

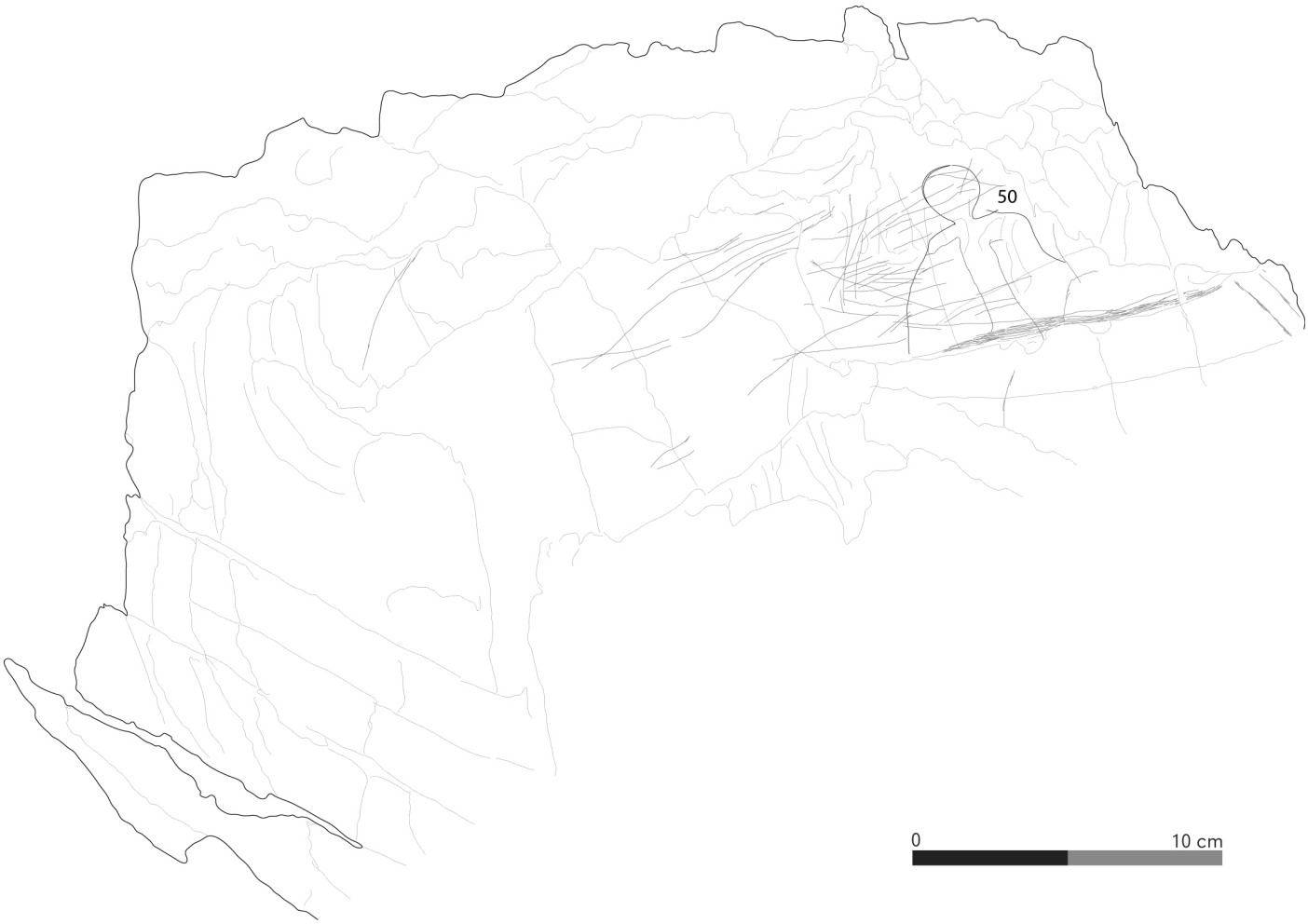


Fig. 72: Painel 12 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

O último motivo figurativo do painel corresponde a uma ave definida por contorno simples, orientada para a direita (**Pi24-55**); a ave apresenta a cabeça levantada, com o crânio arredondado e uma testa apenas esboçada; o bico é longo, encontrando-se espessado na zona distal; o pescoço é côncavo e o tronco suboval; uma pata aberta na extremidade distal carateriza-se pela sua pujança, sendo definida à direita por um traço convexo e à esquerda por um côncavo; na zona posterior observa-se as terminações das penas primárias da asa e das caudais; ao nível interno observa-se o limite da asa e a separação entre o corpo e a cabeça.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas; Assim, exclusivamente associada a **Pi24-52** encontramos uma da chave XIa. A **Pi24-52**, **Pi24-54** e **Pi24-55** associam-se da IXa. A **Pi24-52** e **Pi24-55** associam-se duas da XIa. A **Pi24-53** associa-se uma da XIa. A **Pi24-53** e **Pi24-55** associam-se uma da IXa e três da XIa. A **Pi24-55** associa-se uma da XIa. Abaixo daquele zoomorfo encontram-se três da XIa. Acima do braço de **Pi24-52** observa-se ainda uma da IXaa, uma da IXba e uma da XIb.

Painel 14 (Fig. 74): Situa-se imediatamente abaixo do sector esquerdo do painel 13; trata-se de uma superfície de forma poligonal, microtopografia regular e textura lisa; todas as gravuras correspondem a incisões.

As duas unidades gráficas figurativas identificadas encontram-se no canto superior direito, correspondendo a dois prótomos definidos por incisão simples e orientados para a esquerda. O prótomo de maiores dimensões corresponde indubitavelmente ao de um equídeo (**Pi24-56**); o bordo traqueal é convexo e a goela côncava; a ganacha é convexa e o que nos resta do queixo reto; a crineira é também convexa e o arranque da cérvico-dorsal côncava; a crineira está também representada por uma série de traços incisos, dispostos na diagonal de forma subparalela entre si.

O outro prótomo (**Pi24-57**) é de espécie não identificada, se bem que a ganacha pronunciada e o focinho algo descaído nos remetem para um cavalo com o focinho em forma de "bico de pato"; a linha fronto-nasal é convexa e definida por um traço duplo;

uma orelha curta e curva encontra-se atirada para trás; o bordo cervical é reto; a goela é côncava e o bordo traqueal convexo.

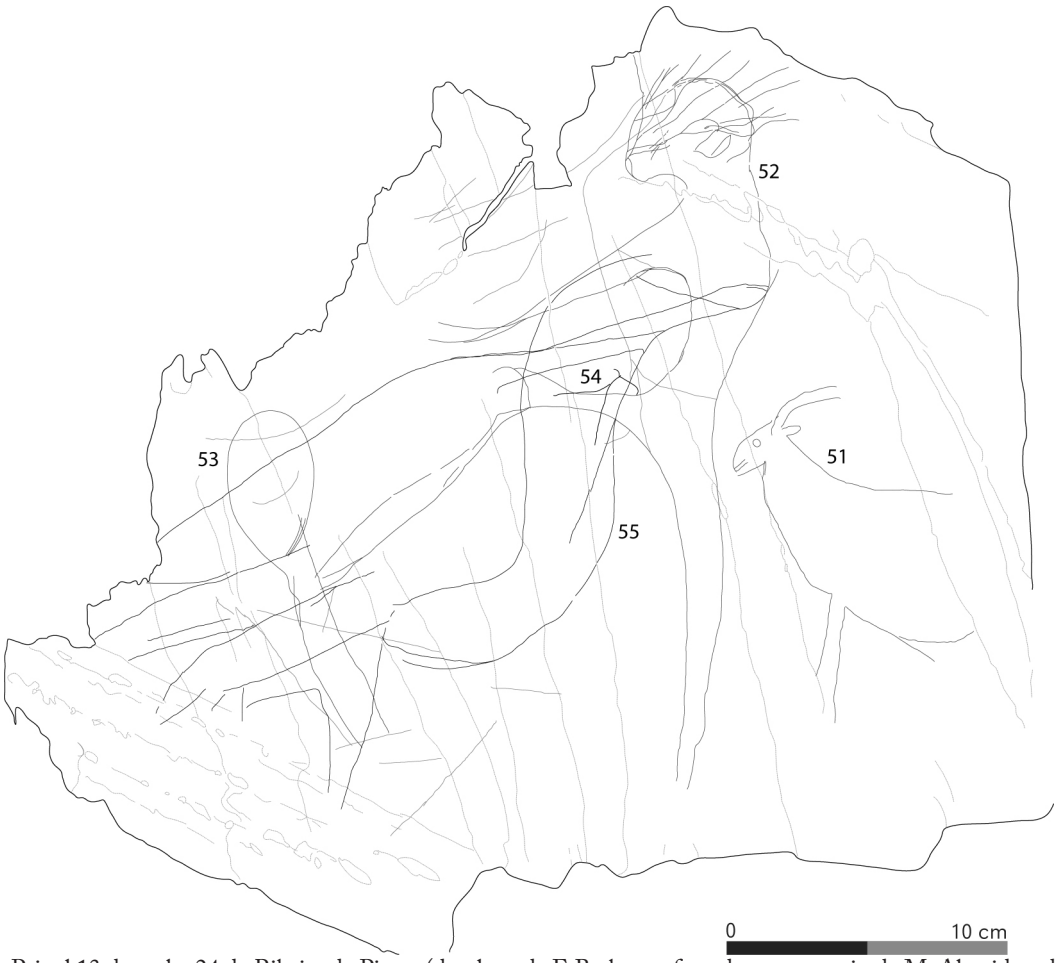


Fig. 73: Painel 13 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e do autor).

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas; a **Pi24-56** associa-se uma da chave XIa e a **Pi24-57** duas da mesma chave. Abaixo dos motivos figurativos reconhece-se uma da IXaa e uma da XIa. No sector esquerdo identifica-se ainda uma unidade da chave XIb.

Painel 15 (Fig. 75): Situa-se à direita e abaixo do painel 13; corresponde a um painel de forma poligonal, com uma microtopografia regular e textura lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

As únicas unidades gráficas figurativas identificadas localizam-se no sector inferior do painel. O motivo que mais se destaca corresponde a um auroque definido por contorno simples, orientado para a direita (**Pi24-58**); apresenta uma cabeça de forma troncocónica com linha fronto-nasal e focinho retos, ganacha algo côncava e queixo convexo; no interior observa-se a delimitação interna do focinho e o olho amendoado; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; na cérvico-dorsal observa-se a cernelha e o dorso; o bordo traqueal e o peito são retos; a zona da garupa desapareceu devido a fracturação do suporte; dos quartos traseiros só se observa a extremidade distal da cauda e a pata traseira; nesta é evidente a distinção entre a coxa e a perna, acabando esta em aberto; a cauda corresponde a um traço reto disposto na diagonal.

Sobre este motivo observa-se outro quadrúpede, definido por contorno simples e também orientado para a direita (**Pi24-59**); dele é claro a linha ventral, a pata dianteira, o peito e o bordo traqueal; a primeira é algo côncavo; a pata é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; alguns traços parecem configurar uma cabeça disposta em perfil biangular oblíquo e um corno. Aquela apresenta linha fronto-nasal, focinho e queixo retos, e ganacha convexa; o corno é algo longo e curvo, sendo atirado para trás; a este junta-se uma linha que poderá corresponder ao dorso quase reto do animal.

Por cima do animal precedente reconhece-se ainda a cabeça, de forma troncocónica e definida por contorno simples, de um quadrúpede orientado para a direita (**Pi24-60**); a linha fronto-nasal é quase reta; o focinho convexo, e a mandíbula com ganacha algo convexa e queixo reto; no topo um feixe estriado pode corresponder a um corno reto; no interior da cabeça verifica-se ainda a existência da delimitação interna do focinho e o seu preenchimento interior por vários traços incisos.



Fig. 74: Painel 14 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e do autor).

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-58** associam-se duas da chave XIa, uma da XIb e uma da XIc; A **Pi24-58** e **Pi24-59** associam-se uma da XIb e uma da XId. A **Pi24-58**, **Pi24-59** e **Pi24-60** associam-se duas da XIa. A **Pi24-59** associa-se uma da XIa. A **Pi24-59** e **Pi24-60** associam-se uma da IXb, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Pi24-60** associam-se uma da IXb e uma da XIb.

As restantes figurações encontram-se no sector superior do painel. Aí identifica-se uma unidade da chave VIIa, uma da IXaa, duas da XIa, uma da XId e uma da XIIIb.

Painel 16 (Fig. 76): Localiza-se abaixo e à direita do painel anterior; corresponde a uma superfície de forma subtrapezoidal, com uma microtopografia muito irregular e textura rugosa.

Todas as unidades gráficas identificadas foram incisas. Apenas um conjunto de gravuras parece formar um motivo figurativo, correspondendo este à representação parcial de um quadrúpede definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-61**); dele observa-se o bordo traqueal côncavo, o peito convexo, a linha ventral reta e a pata traseira, aberta na extremidade distal, parecendo o jarrete estar esboçado no bordo caudal. A ele associam-se diretamente uma unidade gráfica da chave IIa, uma da VIII, uma da IXa, três da IXaa, duas da IXbb, doze da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. À esquerda daquele possível zoomorfo identifica-se uma da VIIa e duas da XIa, e à sua direita duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da XIa e uma da XId.



Fig. 75: Painel 15 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, de Pedro Pinto e do autor).



Fig. 76: Painel 16 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

Painel 17 (Fig. 77): Corresponde ao terceiro painel para baixo do anterior; de dimensões diminutas e bastante fraturado, apresenta forma subtriangular, uma microtopografia em "dupla onda" e textura lisa. Aparte alguns picotados soltos distribuídos pelo painel, todas as gravuras são incisas.



Fig. 77: Painel 17 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, apoiado por F. Barbosa e D. Correia).

A que mais se destaca, ocupando toda a altura do painel corresponde a uma figura feminina vista de frente, definida por contorno simples e múltiplo (**Pi24-62**); a cabeça está ausente devido à fratura do suporte; a figura apresenta seios fartos e algo

descentrados; na zona do abdómen o tronco da figura estreita voltando a alargar na das ancas; dois membros superiores encontram-se descaídos sobre o corpo, surgindo as mãos – de forma amendoada – como que a tapar a zona púbica; o interior das pernas está apenas esboçado, dando origem a umas coxas de grande tamanho.

Sobre esta figura identifica-se o que poderá corresponder à crineira de um cavalo, delimitada interiormente e definida por contorno múltiplo (**Pi24-63**); o animal orientar-se-ia para a esquerda.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Assim, associam-se a **Pi24-62** uma unidade da chave VIIa, cinco da IXa, uma da IXaa, oito da IXab, uma da IXb, uma da IXba, dezoito da XIa, oito da XIb, duas da XIc, três da XId e uma da XIIIb. A **Pi24-62** e **Pi24-63** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb, cinco da XIa e uma da XIb. À direita de **Pi24-62** identifica-se duas da IXab e uma da XIb. Finalmente, para cima de **Pi24-63** ainda se observa uma unidade da chave XIa.



Fig. 78: Painel 18 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida e F. Barbosa).

Painel 18 (Fig. 78): Corresponde ao segundo painel abaixo do anteriormente descrito; a superfície onde se encontram as gravuras apresenta uma forma triangular, sendo a sua microtopografia regular e a textura lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

A que mais se destaca corresponde a um auroque macho definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-64**); apresenta uma cabeça possante de forma *grosso modo* troncocónica, com linha fronto-nasal, ganacha e queixo retos, e focinho algo convexo; no interior observa-se o olho foliforme; a nuca é algo convexa e os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo. Na cérvico-dorsal é evidente a cernelha pronunciada e um dorso reto; o bordo traqueal e o peito são cobertos por uma barbela impressiva; é difícil, dadas as características do contorno do animal, perceber se estão as duas patas dianteiras representadas ou não; mais segura é a ausência de cascos; a linha ventral é algo convexa; a bainha pode estar representada de forma discreta; atrás observa-se ainda o bordo cranial da coxa.

Sobre este animal foi gravado um quadrúpede definido por contorno simples, também orientado para a direita (**Pi24-65**); a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a linha ventral é reta; na cérvico-dorsal observa-se um ténue garrote; da cabeça só se aprecia o bordo ventral que é praticamente reto; dadas as duas últimas características, interpretamos este animal como auroque.

A sequência é completada por possível cerva, definida por contorno simples e orientada para a direita (**Pi24-66**); a zona do focinho mantém-se em aberto; a linha fronto-nasal corresponde ao bordo ventral da cabeça da figura anteriormente descrita; a da que agora nos ocupamos é reta; o bordo traqueal é convexo, sendo este separado do peito por um ligeiro estrangulamento do traço; as duas orelhas – correspondentes a dois traços retos – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo cervical é côncavo; na cérvico-dorsal aprecia-se ainda o garrote e o dorso reto.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-64** associam-se duas da chave IXa, três da IXaa, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pi24-64** e **Pi24-65** associam-se uma da IXa e três da XIa. A **Pi24-64**, **Pi24-65** e **Pi24-66** associam-se uma da VIIa, uma da IXab, seis da XIa e uma da XIb. A **Pi24-64** e **Pi24-66** associam-se uma da IXaa e três da XIa. Finalmente, a **Pi24-65** associam-se uma da X e uma da XIa.

Painel 19 (Fig. 79): Localiza-se no topo da rocha, à direita de uma fissura que corta transversalmente a rocha, seguindo a orientação do limite direito do painel 12; corresponde a uma superfície de forma sub-retangular, secção algo côncava e superfície rugosa; pelo menos o sector superior esquerdo está fraturado.

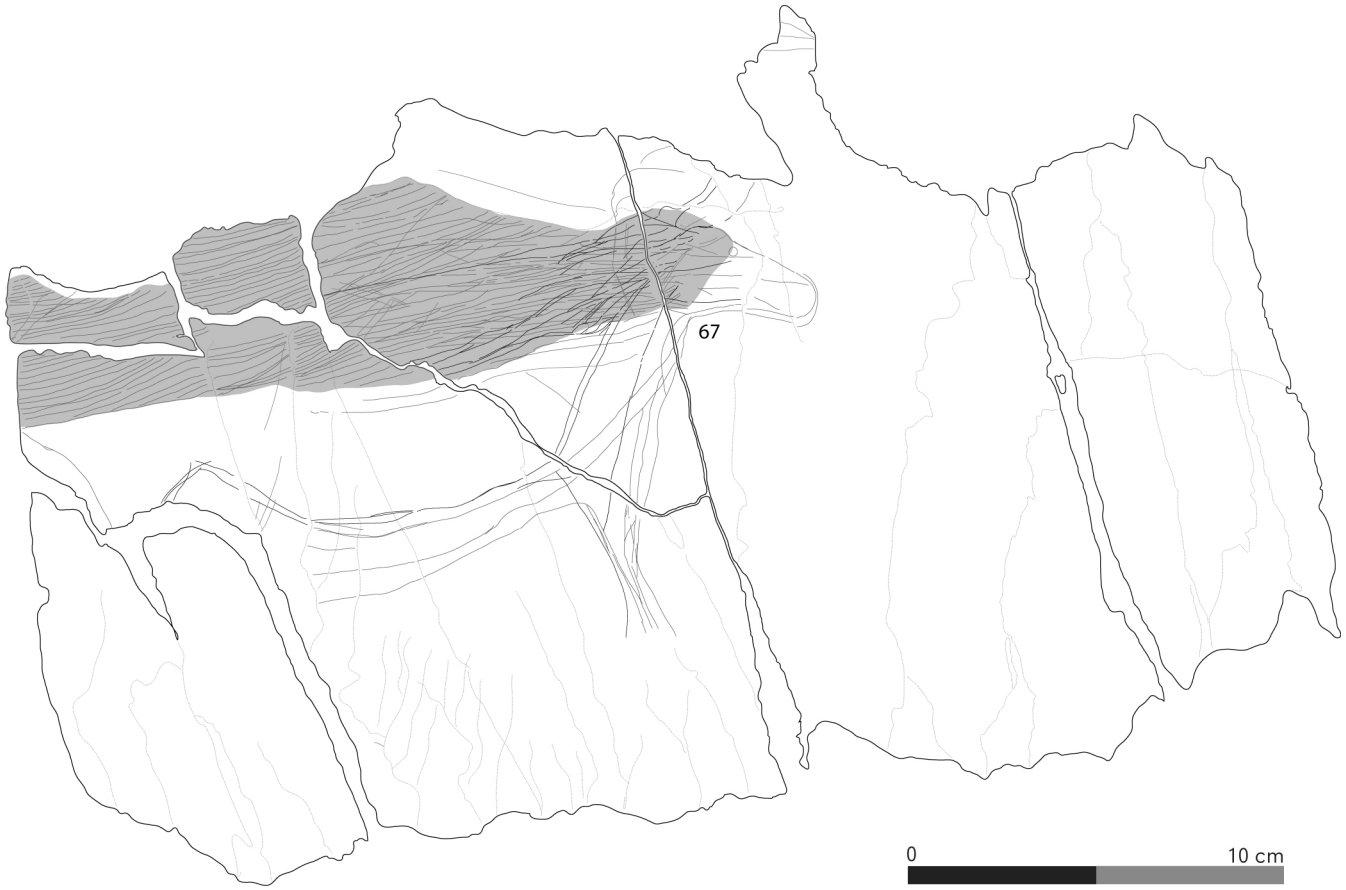


Fig. 79: Painel 19 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida e F. Barbosa).

O único motivo identificado corresponde a um auroque orientado para a direita (**Pi24-67**); como **Pi02-06**, é composto por três *layouts* diferentes. Na base encontramos um bovino parcialmente definido por contorno múltiplo e parcialmente raspado; apresenta uma cabeça oblonga, com uma linha fronto-nasal, ganacha e queixo retos, e focinho convexo; no interior observa-se o olho circular; os cornos, ambos curvos e correspondentes a traços simples – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a nuca é longa e convexa; na cérvico-dorsal a cernelha está bastante evidenciada; o bordo traqueal é reto, assim como a pata dianteira, à qual falta o casco; a linha ventral é convexa; no limite esquerdo do painel observa-se um traço que poderá corresponder à coxa/ bordo caudal da pata traseira; a raspagem deu-se na zona superior do corpo e em parte da cabeça.

É difícil destrinçar a ordem pela qual foram feitos os dois *layouts* posteriores, carecendo ambos de focinho. Um destes apresenta linha fronto-nasal algo côncava e ganacha convexa; a nuca é arredondada; o seu corno direito corresponde ao do *layout* original e o esquerdo é em forma de S, dispondo-se no seu conjunto segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é praticamente reta; o bordo traqueal é algo côncavo e a linha ventral convexa; a pata dianteira corresponde à do *layout* original; da traseira apenas se gravou parte do bordo cranial curvo; tecnicamente o animal foi definido por contorno simples, encontrando-se a zona da cabeça e do pescoço estriada.

Da cabeça do terceiro *layout* observa-se a ganacha convexa e queixo reto; a nuca é arredondada; a linha fronto-nasal corresponde a parte da do primeiro *layout*, assim como o corno esquerdo; o direito é em forma de S; da cérvico-dorsal só se observa o bordo cervical; o bordo traqueal é reto, prolongando-se até à pata dianteira do primeiro *layout* e recuperando-lhe assim o resto do corpo; tecnicamente o animal foi definido por contorno simples.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas; algumas destas, por se encontrarem na zona raspada, só se identificam porque os traços apresentam uma orientação diferente do raspado; este conjunto é composto por duas unidades da chave IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, sete da XIa e oito da XIb. Ao animal, mas fora do raspado, associam-se ainda uma unidade da chave IXab, uma da XIa e uma da XIc. Para baixo do zoomorfo observa-se ainda uma da XIa, e acima dele uma da IXb e uma da XIa.

Painel 20 (Fig. 80): corresponde ao segundo painel abaixo do anterior; trata-se de uma superfície muito fraturada, de forma poligonal, microtopografia regular e textura alisada. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

Apenas se identifica três motivos figurativos, todos incompletos. O que mais se destaca corresponde à zona anterior de um equídeo, definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pi24-68**); apresenta uma cabeça de forma troncocónica, com linha

fronto-nasal, focinho e bordo ventral praticamente retos; a crineira é convexa; do dorso só observamos o arranque; o bordo traqueal é côncavo; as patas dianteiras são definidas por bordos simples, dispondo-se em perfil uniangular.

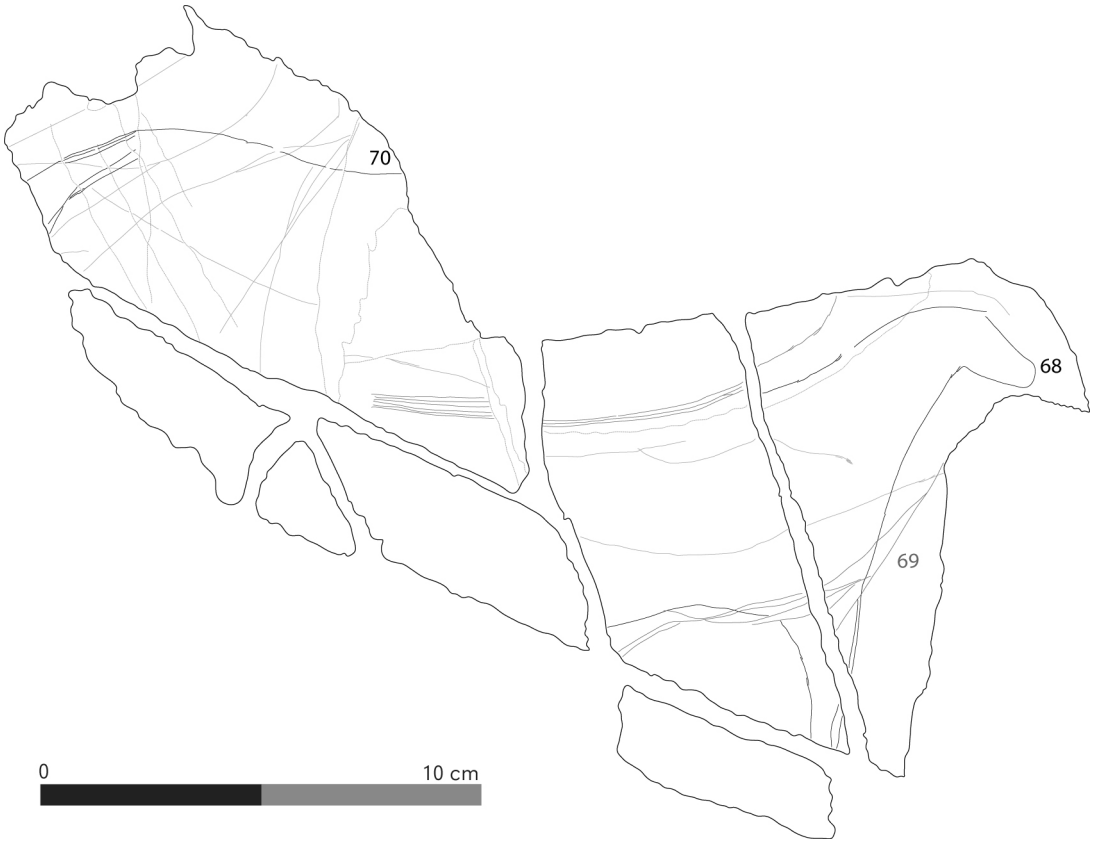


Fig. 80: Painel 20 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida e F. Barbosa).

Sobre esta figura identifica-se o que poderá corresponder às linhas cérvico-dorsal e ventral de um quadrúpede definido por contorno múltiplo (**Pi24-69**); o elevado estado de fragmentação do painel não nos permite, contudo, nem perceber para que lado se orientaria o animal.

No sector esquerdo do painel observa-se ainda os quartos traseiros de um quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-70**); do cérvico-dorsal observa-se o dorso côncavo, a garupa e a nádega, ambas arredondadas; a cauda corresponde ao prolongamento da garupa, sendo mais espessa na zona da raiz.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-68** e **Pi24-69** associam-se cinco da chave XIa. A **Pi24-69** associam-se duas da XIa. A **Pi24-70** associam-se uma da Ib, uma da IXab e duas da XIa.

Painel 21 (Fig. 81): Corresponde ao segundo painel para a direita do anterior; trata-se de um painel muito fraturado, encontrando-se atualmente dividido em duas superfícies, a da esquerda de configuração subtrapezoidal e a da direita de configuração subtriangular; a microtopografia é regular e a textura lisa. Para além de três picotados soltos, todas as gravuras correspondem a incisões.

Na superfície da esquerda apenas se identifica vestígios de um dos motivos que ocorrem na da direita; este motivo corresponde a um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-71**); no sector da direita observa-se a cabeça, o bordo traqueal, o peito e a cérvico-dorsal; da primeira observa-se a ganacha quase reta, parte da linha fronto-nasal, também tendencialmente reta, uma orelha atirada para trás e o que deve corresponder ao arranque do corno direito; o bordo traqueal é reto, assim como o peito; da cérvico-dorsal observa-se o garrote evidente; no sector da esquerda observa-se o que poderá corresponder ao bordo caudal da pata traseira e extremidade distal da cauda deste animal.

Esta figura cobre os quartos traseiros de um outro auroque definido por contorno múltiplo e orientado para a esquerda (**Pi24-72**); o que se observa da cérvico-dorsal é um sector retilíneo que poderá corresponder ao dorso; a pata traseira é definida por dois bordos curvos convergentes na extremidade distal; a nádega é arredondada, assim como o sector remanescente do ventre que com o bordo cranial do membro posterior perfaz uma zona inguinal profundamente angulosa; a cauda é em forma de S e tombada sobre a pata.

No interior de **Pi24-71** e a esta figura se sobrepondo observa-se um capríneo (camurça?) definido por contorno simples e

orientado para a direita (**Pi24-73**); encontra-se com a cabeça levantada e com a língua de fora; a cabeça é de forma subtriangular, apresentando uma linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral ligeiramente convexo; a zona do focinho foi deixada em aberto, dela saindo uma língua bastante naturalista; a figura apenas dispõe de um curto corno terminado em gancho (daí o nosso diagnóstico relativamente à espécie); ambos os bordos do pescoço são retos.

Acima desta figura observa-se a cabeça e o pescoço de um outro capríneo definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-74**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal convexa e bordo ventral retos; os dois cornos são longos e quase retos, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o pescoço é conformado por dois bordos retos que tendem a convergir na zona da cabeça.

Uma última figura – mais incerta – corresponde a uma face humana configurada por contorno simples (**Pi24-75**); encontra-se vista de perfil e orientada para a direita; apresenta nuca arredondada e testa alta; o nariz e a zona do queixo confundem-se, não se alargando, no entanto, tanto como no caso de **Pi24-30**; no interior da cabeça observa-se o olho amendoado encimado por uma pálpebra; o pescoço está bem definido, sendo o seu bordo posterior côncavo e o anterior algo convexo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **Pi24-71** uma unidade da chave XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-71** e **Pi24-72** associam-se uma da IXa, duas da XIa e uma da XIIIb. A **Pi24-72** associam-se três da XIa. As restantes unidades gráficas, para além de se associarem aos motivos que descriminaremos, estão todas associadas a **Pi24-71** e **Pi24-72**. A **Pi24-73** associa-se uma da chave IXbb. A **Pi24-73** e **Pi24-74** associa-se outra da mesma chave. A **Pi24-73**, **Pi24-74** e **Pi24-75** associam-se duas da IXa, uma da IXbb e uma da XIa. A **Pi24-73** e **Pi24-75** associam-se uma da IIb, uma da VIIa, cinco da XIa e duas da XIb. A **Pi24-74** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-74** e **Pi24-75** associam-se uma da IXa, uma da IXba, uma da IXbb e três da XIa. Finalmente, a **Pi24-75** associam-se uma da IXa, uma da X, quatro da XIa e duas da XIb.

Painel 22 (Fig. 82): Localiza-se imediatamente à direita do anterior; corresponde a uma superfície de forma subtrapezoidal, microtopografia regular e textura lisa.

A figura que mais se destaca corresponde a um auroque delimitado por raspagem, orientado para a esquerda (**Pi24-76**); a cabeça é alongada, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; apenas um corno curvo foi gravado; a cérvico-dorsal apresenta cernelha angulosa, dorso côncavo e garupa evidente; a nádega é arredondada; estão representadas ambas as patas traseiras, perspetivadas uniangularmente; em ambas está ausente o casco; a esquerda é definida por dois bordos curvos divergentes; a direita é representada apenas pelo bordo caudal, nele se evidenciando o jarrete; a linha ventral é convexa, a pata dianteira é definida por dois traços retos paralelos entre si; o bordo traqueal é algo côncavo; a cauda encontra-se enrolada sobre o flanco do animal; refira-se ainda que o animal se encontra com a cabeça apontada para a frente a para baixo.

Sobre o animal anterior foi gravado um quadrúpede delimitado por incisão múltipla e raspagem, orientado para a direita (**Pi24-77**); da cérvico-dorsal observa-se o dorso e a garupa arredondada; a cauda encontra-se levantada; observa-se ainda uma pata traseira de forma triangular, a zona inguinal angulosa, uma linha ventral algo côncavo e o bordo traqueal quase reto.

Na zona superior esquerda do painel observa-se um prótomo de cavalo inciso definido por contorno simples e orientado para a direita (**Pi24-78**); apresenta uma cabeça possante com ganacha bem marcada, queixo algo côncavo, linha fronto-nasal e focinho retos; o bordo traqueal é convexo; a crineira é delimitada internamente, prolongando-se algo para lá da fronte do animal e terminando de forma convexa.

A cabeça do animal foi reinterpretada como cornos e marrafa de um auroque inciso, definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-79**); os cornos aparecem-nos assim vistos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; da cabeça do animal só foi gravada a linha fronto-nasal reta e o olho; a linha cérvico-dorsal é longa, observando-se uma cernelha pouco pronunciada, um dorso côncavo e uma garupa bastante angulosa; a cauda corresponde a um mero traço curvo; a nádega é arredonda; da pata traseira só se observa o bordo caudal onde se percebe o jarrete; deste animal só se reconhece mais a pata dianteira, definida por contorno múltiplo, sendo o bordo cranial curvo e o caudal reto.

Observa-se ainda uma série de incisões que configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **Pi24-76** uma da chave IIa, uma da IXa, seis da XIa e uma da XIb. A **Pi24-76** e **Pi24-77** associam-se uma da IIa, uma da IXbb, três da XIa e duas da XIb. A **Pi24-76**, **Pi24-77**, **Pi24-78** e **Pi24-79** associam-se duas da IXab, uma da IXb, uma da X e uma da XId. A **Pi24-76**, **Pi24-77** e **Pi24-79** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da VIII, uma da IXa, sete da IXaa, uma da IXb, duas da IXba, duas da IXbb, oito da XIa, cinco da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **Pi24-76** e **Pi24-79** associam-se duas da IXb, uma da XIa e duas da XIb. A **Pi24-77** associam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-77**, **Pi24-78** e **Pi24-79** associam-se uma da IXa e uma da IXb. A **Pi24-77** e **Pi24-79** associam-se uma da XIb e uma da XIc. A **Pi24-78** associam-se uma da IIb, uma da IXb, duas da IXaa, uma da XIa e duas da XIb. A **Pi24-78** e **Pi24-79** associa-se uma da XIa. Refira-se, por fim, a existência de picotados soltos sobre **Pi24-76**, **Pi24-77** e **Pi24-79**.

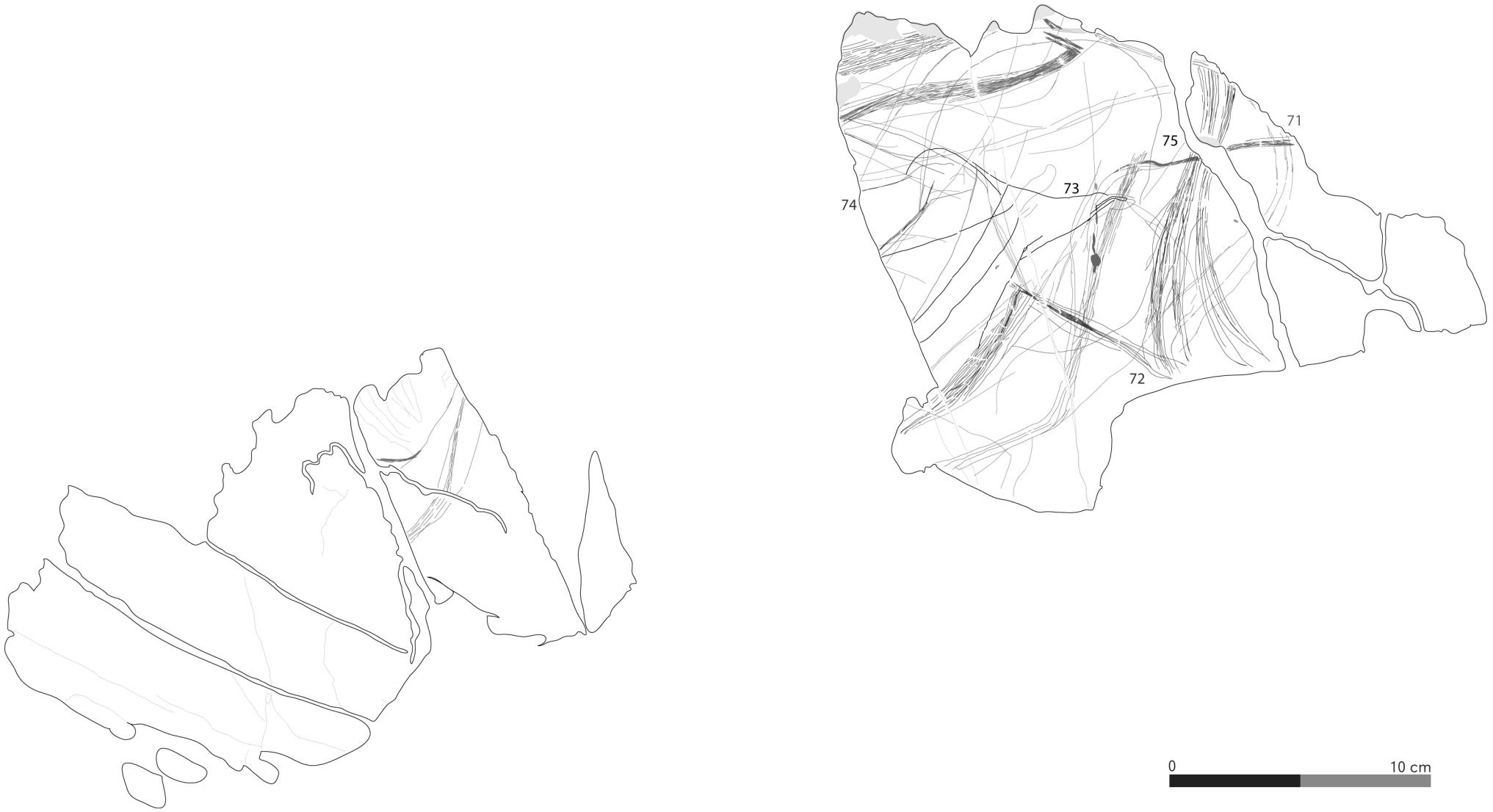


Fig. 81: Painel 21 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).



Fig. 82: Painel 22 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Painel 23 (Fig. 83): Localiza-se imediatamente à direita do anterior; corresponde a um painel de configuração subtriangular, com a superfície regular e lisa.

A figura que mais se destaca corresponde ao único quadrúpede picotado desta rocha (**Pi24-80**); dado encontrar-se fraturado na zona superior não é possível a identificação da espécie; encontra-se orientado para a esquerda, apresentando apenas uma pata por par, ambas abertas na extremidade distal; a dianteira é definida por dois bordos retos divergentes e a traseira por dois curvos divergentes; o peito é algo convexo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto.

Sobre ela encontra-se outra figura bastante semelhante e também orientada para a esquerda, desta feita conseguida por raspagem (**Pi24-81**); sendo formalmente semelhante à anteriormente descrita, não possui, no entanto, nem delimitação do ventre nem do bordo cranial da pata traseira; apresenta, no entanto, linha cérvico-dorsal – com dorso côncavo e garupa angulosa – e cauda tombada sobre a pata traseira; estas características permitem a sua identificação com um auroque.

Outras duas figuras, sensivelmente da mesma dimensão, e orientadas na mesma direção, encontram-se sob **Pi24-80**; uma destas (**Pi24-82**), definida por contorno múltiplo, reduz-se a uma pata por par (ambas abertas na extremidade distal), nádega e linha ventral; a pata dianteira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; da linha ventral observa-se o cilhadouro reto e o arranque do ventre convexo; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a nádega é arredondada.

A outra localiza-se sobre a anterior (e, portanto, sob **Pi24-80**), sendo definida também por contorno múltiplo (**Pi24-83**); a esta só lhe falta a cabeça (desaparecida devido a fratura do suporte; apresenta peito convexo; a pata dianteira definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é profundamente convexa; a pata traseira é de forma subtriangular, mantendo-se, no entanto, aberta na extremidade distal; a nádega é arredondada; a cauda é longa e caída sobre o membro posterior, apresentando inserção foliforme; alguns traços parecem sugerir uma segunda representação da cauda, conferindo-lhe, desta forma, movimento; a cérvico-dorsal apresenta ténue garrote, dorso reto e garupa baixa e alongada.

Se a disposição e características das figuras previamente descritas nos permitem percebê-las como um conjunto, o mesmo podemos dizer de outro agrupamento de seis figuras, posteriores ao conjunto anterior. Encontram-se no sector direito do painel, orientando-se todas para essa direção; apresentam dimensões semelhantes e encontram-se dispostas num imbricamento tal que se torna difícil por vezes perceber a relação entre determinado elemento anatómico e a figura precisa a que pertencerá; por outro lado, à exceção de uma, todas estas figuras se restringem à sua zona anterior. Pensamos que o a primeira figura a ter sido executada corresponde a um auroque macho definido por incisão simples (**Pi24-84**), uma vez que se trata do único animal com pata; apresenta uma cabeça oblonga, com linha fronto-nasal algo reta, focinho e bordo ventral convexos; convexo é também a nuca, sendo o bordo cervical quase reto; o olho é amendoado, nele se percebendo o lacrimal; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda curvo; refira-se ainda que o da esquerda apresenta delimitação dupla; o bordo traqueal corresponde ao prolongamento do bordo cranial da pata dianteira, sendo côncavo; o bordo caudal daquela é em forma de ténue S; não apresenta casco; a linha ventral, reduzida à cilheira, é reta.

Em seguida gravou-se um auroque definido por contorno simples e múltiplo (**Pi24-85**); apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se o olho amendoado e dois traços correspondentes à narina e boca (ou às duas narinas representadas segundo uma perspetiva biangular reta); os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda curvo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha e dorso pronunciados e garupa pouco acentuada; da cauda só se observa a raiz; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; a pata do animal anteriormente referido poderá ter sido reaproveitada para este.

Em seguida foi gravado um cavalo definido por contorno simples (**Pi24-86**); apresenta uma cabeça altamente modelada, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha e queixo convexos, sendo ambos separados por uma profunda inflexão; no interior da cabeça observa-se um olho subcircular, a delimitação interna do focinho e a boca; a crineira arranca da extremidade da fronte, sendo convexa; o dorso é suave; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; como no caso da figura anterior, esta recupera a pata dianteira de **Pi24-84**; parece também recuperar o bordo cervical de **Pi24-85**, desta feita como delimitação interna da crineira.

Em seguida foi gravado um quadrúpede indeterminado (cavalo?), definido por contorno simples e múltiplo (**Pi24-87**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; as orelhas dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo a da esquerda curva e a da direita reta; o bordo cervical (ou delimitação interna da crineira?) é côncavo e o garrote e dorso são bastante pronunciados; o bordo crinal do animal anterior pode ter sido recuperado como esse mesmo elemento anatómico deste animal. É difícil perceber se o animal é completado pelo bordo traqueal de **Pi24-85**, se por parte da ganacha e bordo traqueal de **Pi24-86**.



Fig. 83: Painel 23 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Em seguida gravou-se um prótomo de veado, definido por contorno múltiplo (**Pi24-88**); a cabeça, de configuração subtriangular, está levantada, encontrando-se o focinho aberto; apenas se observa uma armação, onde se observa o estoque; este corresponde ao prolongamento da cérvico-dorsal, assim como o tronco da haste prolonga a linha fronto-nasal; uma unidade figurativa em forma de ténue S pode corresponder ao bordo traqueal da figura.

Um último motivo é discernível neste conjunto, sem que, contudo se perceba o seu lugar na sequência; trata-se de um macho de cabra-montês, orientado para a direita e definido por contorno simples (**Pi24-89**); apresenta cabeça de forma oblonga, com linha fronto-nasal e focinho convexos, e bordo ventral reto; apenas um corno, em forma de S, foi gravado; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; uma incisão curva pode corresponder a parte do dorso.

Mais abaixo no painel, sobrepondo-se e/ ou juntando-se ao primeiro conjunto referido e sendo difícil perceber a relação que mantém com o segundo, encontra-se um auroque ligeiramente inclinado para baixo, orientado para a esquerda e definido por contorno simples e – excepcionalmente – múltiplo (**Pi24-90**). Este motivo é um dos raros casos onde se poderá identificar uma situação de "emenda"; na verdade, o gravador parece ter começado por esboçar a figura de forma mais inclinada (o que faria com que viesse a cobrir mais o conjunto 1); desse primeiro esboço restam-nos os cornos, a linha fronto-nasal, a nuca, parte do bordo cervical e, eventualmente, a ganacha; os primeiros apresentam-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da esquerda em forma de S e o da direita curvo; a linha fronto-nasal é reta, a nuca em forma de arco de círculo e o pescoço e o que nos resta da ganacha são retos; a rectificação obrigou a algumas modificações na cabeça; é gravada nova linha fronto-nasal que ignora a nuca anterior; o bordo ventral da cabeça torna-se também algo mais convexo; o corno direito é refeito, sendo agora mais longo e correspondendo a um prolongamento da nova nuca; esta está atirado para trás, sendo seguido de um bordo cervical curto mas acentuado; a cérvico-dorsal destaca-se pela sua suavidade, apenas se relevando uma garupa subtil; da cauda apenas se observa raiz foliforme que termina adossada ao bordo cranial da pata traseira de **Pi24-80**; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal côncavo e um cranial aparentemente (devido à elevada fracturação) convexo, ambos os traços acabando por se cruzar nas extremidades; a linha ventral é profundamente convexa e o bordo traqueal algo côncavo; a pata dianteira apresenta antebraço evidente, terminando a perna no limite do painel; mencione-se ainda a existência de um olho oval.

Refira-se por fim a existência de um outro conjunto de unidades figurativas localizadas no sector superior esquerdo do painel, sendo neste caso muito difícil atestar o seu lugar na sequência estratigráfica do painel e mesmo entre eles. Assim, comecemos por referir a metade posterior de um quadrúpede, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-91**); o dorso é quase reto e a garupa convexa; a cauda é longa, encurvada para fora e atirada para trás; a pata é curta e de forma triangular; a linha ventral parece corresponder ao sector caudal do auroque **Pi24-85**, apresentando ventre convexo e cilhadouro côncavo.

Mais abaixo encontra-se a representação parcial de uma fêmea de cabra-montês, definida por contorno simples (e múltiplo na zona dos cornos), orientada para a direita e inclinada para baixo (**Pi24-92**); a cabeça é alongada e de forma subtriangular; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral apresenta uma ganacha algo convexa; o bordo traqueal é côncavo; apenas se observa um corno curto e curvo; a cérvico-dorsal é reta; um pequeno negativo da rocha de forma oval pode ter sido integrado na figuração como olho.

O último motivo figurativo identificado neste painel corresponde à representação parcial de um macho de cabra-montês, definido por contorno simples, e orientado para a direita (**Pi24-93**); na sua configuração o gravador teve também em conta algumas fraturas e acidentes naturais da rocha; a linha fronto-nasal prolonga-se pelo corno, correspondendo ambos a um traço reto; o focinho e bordo ventral da cabeça correspondem a fraturas da rocha; o bordo cervical é convexo e o sector gravado da cérvico-dorsal côncavo; o peito é algo convexo e o bordo traqueal côncavo; na pata dianteira observa-se uma clara distinção entre o antebraço triangular e a perna reta; no interior da cabeça observa-se um negativo natural da rocha que poderá ter sido lido como olho da figura.

As restantes gravuras configuram unidades gráficas não figurativas. Associa-se a **Pi24-80** uma unidade gráfica da chave XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82** e **Pi24-83** associa-se uma da XIc. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-85** e **Pi24-86** associam-se uma da IIa e uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-88** associa-se uma da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-85** e **Pi24-86** e **Pi24-89** associa-se uma da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-87** associam-se uma da X, uma da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-90**, e **Pi24-93** associam-se uma da X, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-92**, e **Pi24-93** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83** e **Pi24-93** associam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXb e uma da XIIIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-90** e **Pi24-93** associam-se uma da IXaa e uma da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81** e **Pi24-83** associam-se uma da IXbb, uma da X, duas da XIa e uma da XIc. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-85** e **Pi24-87** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-87** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-87**, **Pi24-88** e **Pi24-89** associam-se uma da IXaa e uma da XIIIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-85** e **Pi24-91** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-91** e **Pi24-92** e **Pi24-93** associam-se uma da IIb, uma da IXab, uma da IXba, uma da XIb, uma da XIIIa e uma da XIIIb. A

Pi24-80, **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-89** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-90** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-90** e **Pi24-93** associa-se uma da IXab. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-92** associam-se uma da IXa, uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-92** e **Pi24-93** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-93** associam-se quatro da IXab, uma da IXba, seis da XIa e três da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81** e **Pi24-90** associam-se uma da IXbb e uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-81** e **Pi24-91** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-80**, **Pi24-81**, **Pi24-91**, **Pi24-92** e **Pi24-93** associa-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-81** e **Pi24-93** associa-se da IXa. A **Pi24-80** e **Pi24-83** associam-se uma da VIIa, duas da IXa, sete da XIa, três da XIc e uma da XId. A **Pi24-80**, **Pi24-83**, **Pi24-84** e **Pi24-88** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-88** e **Pi24-89** associa-se uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-83**, **Pi24-84** e **Pi24-89** associa-se uma da XIb. A **Pi24-80**, **Pi24-83** e **Pi24-85** associam-se uma da IXbb, uma da XIa e duas da XIbb. A **Pi24-80**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-86**, **Pi24-87** e **Pi24-88** associam-se uma da IIb e uma da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-83**, **Pi24-85** e **Pi24-87** associam-se duas da XIa. A **Pi24-80**, **Pi24-83** e **Pi24-89** associa-se uma da IXa. A **Pi24-80** e **Pi24-85** associam-se uma da XIb e uma da XIc. A **Pi24-80** e **Pi24-90** associa-se uma da XIa. A **Pi24-81** associam-se duas da IXaa, uma da IXba, uma da X, quatro da XIa e duas da XIb. A **Pi24-81**, **Pi24-82** e **Pi24-83** associa-se uma da XIa. A **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-84**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-90** associam-se uma da X e uma da XIc. A **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-84** e **Pi24-90** associam-se uma da XIa e duas da XIb. A **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-85** e **Pi24-86** associam-se uma da XIb. A **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83**, **Pi24-85**, **Pi24-86** e **Pi24-90** associa-se uma da XIc. A **Pi24-81**, **Pi24-82**, **Pi24-83** e **Pi24-93** associam-se uma da IXaa, uma da IXbb, cinco da XIa e uma da XIb. A **Pi24-81** e **Pi24-83** associam-se uma da IXa, uma da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pi24-81**, **Pi24-83**, **Pi24-89** e **Pi24-90** associam-se duas da XIa. A **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-90** associa-se uma da IXa. A **Pi24-81**, **Pi24-83** e **Pi24-93** associam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **Pi24-81** e **Pi24-90** associam-se duas da IXb, uma da IXbb e três da XIb. A **Pi24-81** e **Pi24-93** associam-se uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXb, uma da IXc, uma da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pi24-85** associa-se uma da XIa. A **Pi24-90** associa-se uma da XIb e uma da XIc. Finalmente, à esquerda de **Pi24-81**, encontra-se duas unidades não figurativas da chave XIa e duas da XIb.

Painel 24 (Fig. 84): Localiza-se imediatamente abaixo do sector da esquerda do painel anterior; apresenta configuração poligonal e superfície côncava e lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas, associadas por sobreposição. Identificam-se uma da chave IIa, uma da VIIa, uma da IXbb, uma da X, doze da XIa e cinco da XIb.



Fig. 84: Painel 24 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, apoaido por M. Almeida, F. Barbosa e M. Reis).

Painel 25 (Fig. 85): Situa-se abaixo do anterior, correspondendo a um painel de configuração poligonal, com a superfície regular e lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

As únicas unidades gráficas figurativas correspondem a auroques. Um destes (**Pi24-94**) é de maiores dimensões, encontrando-se orientado para a direita; está reduzido a uma representação parcial da cabeça (definida por contorno simples), do bordo traqueal, do peito e da linha ventral (os três últimos definidos por contorno múltiplo); da cabeça observa-se o arranque do bordo cervical, a nuca convexa e o bordo ventral com ganacha relativamente convexa e queixo algo côncavo, sendo os cornos representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; a linha ventral apresenta o ventre convexo e cilheira reta.

O outro auroque (**Pi24-95**) é de menores dimensões, encontrando-se no interior do previamente descrito; é definido por contorno simples e duplo, orientando-se também para a direita e destacando-se pela sua desproporcional longitude; a cabeça

apresenta linha fronto-nasal quase reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a delimitação interna do focinho; os cornos são curvos, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a longa cérvico-dorsal apresenta garrote pronunciado, dorso côncavo e garupa pequena e arredondada; arredondada é também a nádega; a cauda, definida por dois traços curvos paralelos entre si, é curta; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; na linha ventral observa-se a bainha, o ventre côncavo e a cilheira algo convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; uma barbela parece esboçar-se entre o bordo traqueal e o peito.



Fig. 85: Painel 25 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida e F. Barbosa).

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. Exclusivamente a **Pi24-94** associam-se uma da IXbb, três da XIa e duas da XIb. A **Pi24-95** (e consequentemente, também a **Pi24-94**) associam-se uma da IIb, uma da IXa, uma da IXaa, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. À esquerda de **Pi24-95** observa-se ainda uma da IXa, uma da IXbb, três da XIa e duas da XIb.

Painel 26 (Fig. 86): Situa-se abaixo do anterior, correspondendo a um painel de configuração subtrapezoidal, com a superfície algo irregular e lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

Ao nível das figurações, identificam-se três auroques dispostos em coluna e associados por sobreposição, orientando-se todos para a esquerda de forma algo inclinada para baixo.

O que se situa mais acima (**Pi24-96**) apresenta uma cabeça alongada e possante, com linha fronto-nasal tendencialmente reta (e ressalto entre a fronte e o chanfro), focinho algo convexo, ganacha convexa e queixo reto; os cornos, dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, são ambos curvos e definidos pelo mesmo traço; a cérvico-dorsal é reta; o bordo traqueal é igualmente reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta.

O segundo auroque (**Pi24-97**) é muito semelhante, destacando-se apenas pela inexistência de ressalto na linha fronto-nasal e de pata dianteira; o bordo traqueal é, por outro lado, côncavo e a linha ventral convexa; o corno direito é reto e o esquerdo curvo.

O auroque da base (**Pi24-98**) é muito semelhante ao anterior, distinguindo-se deste por um ligeiro estrangulamento da linha fronto-nasal entre o chanfro e o focinho, e pela forma dos cornos, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda curvo.

As outras gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-98** associa-se uma da chave XIa; a **Pi24-96**, **Pi24-97** e **Pi24-98** associam-se uma da XIa e uma da XIIIb; à esquerda desta última unidade observa-se ainda uma da chave VIIa.



Fig. 86: Painel 26 da rocha 24 de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e Fernando Barbosa).

Painel 27 (Fig. 87): Foi dado a conhecer em 2011 (Baptista, 2011, 130-31). Localiza-se abaixo do painel anterior; apresenta forma poligonal, superfície algo irregular e lisa; a forma do painel (designadamente certos estrangulamentos do seu limite) permite a distinção de três sectores que se distribuem serialmente da esquerda para a direita e de baixo para cima.

No primeiro identifica-se uma das mais grandes concentrações de motivos figurativos de toda a rocha. Assim, junto do canto superior direito identifica-se um par de cabeças de auroques que, por estarem definidos por contorno múltiplo, se destacam de entre os vários motivos que aqui se encontram; um destes (**Pi24-99**) corresponde a um macho claro; encontra-se virado para a direita, apresentando uma cabeça campanulada; esta apresenta linha fronto-nasal tendencialmente reta e algo levantada na zona da fronte, focinho algo convexo, ganacha tenuemente convexa e queixo quase reto; no interior observa-se um olho circular, a delimitação interna do focinho, a narina subcircular e a boca; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, apresentando ambos uma forma em S; atrás do da esquerda observa-se uma orelha foliforme; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto, cernelha suave, dorso pronunciado e garupa angulosa; a nádega é arredondada e a cauda curta e formada por vários traços, que divergindo, formam a vassoura na sua extremidade distal; as patas traseiras dispõem-se segundo uma perspetiva uniangular, nelas se observando os jarretes, encontrando-se, contudo, os cascos ausentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira quase reta; as patas dianteiras dispõem-se também segundo uma perspetiva uniangular, sendo afiladas e ligeiramente fletidas na zona do joelho; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

O outro auroque (**Pi24-100**) localiza-se um pouco acima, encontrando-se a sua ponta do focinho adossada à orelha do anteriormente descrito, confundindo-se os quartos traseiros de ambos os animais; a cabeça é mais alongada e de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal semelhante à do animal previamente descrito, focinho quase reto, ganacha subtilmente convexa e queixo reto; no interior da cabeça observa-se a delimitação interna do focinho e o olho semicircular, adossado à linha fronto-nasal; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda curvo; a orelha situa-se atrás do primeiro, apresentando forma foliforme; a cernelha e o dorso são suaves; a linha ventral é profundamente convexa; as patas dianteiras são afiladas, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; como no caso anterior, o animal não dispõe de cascos.

A garupa destes dois animais é partilhada ainda por um terceiro, desta feita algo inclinado para baixo e de maiores dimensões (**Pi24-101**); infelizmente, a cabeça deste animal está interrompida pela fracturação e lascamento do suporte, dela restando o bordo ventral convexo; os cornos são curtos e dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a linha cérvico-dorsal apresenta garrote e dorso acentuados; o garrote do animal é também prolongado até ao dorso de **Pi24-99**); a pata dianteira é definida por dois traços retos paralelos entre si; o bordo traqueal é algo côncavo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; no sector caudal parece identificar-se a bainha e a extremidade distal da pata traseira, definida também por dois traços retos paralelos entre si.



Fig. 87: Painel 27 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Acima dos dois primeiros animais encontra-se outro auroque, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-102**); a cabeça é alongada, apresentando linha fronto-nasal estrangulada entre a fronte e o chanfro; o focinho é convexo, assim como a ganacha, sendo o queixo reto; o corno direito é curvo, encontrando-se o esquerdo interrompido por lascamento da superfície; no entanto, pode dizer-se que os cornos se disporiam segundo uma perspetiva biangular (presumivelmente oblíqua). A cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, cernelha destacada e dorso suave, sendo neste ponto o animal interrompido por um lascamento; o bordo traqueal é moderadamente convexo e o peito convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira bicôncava; a pata traseira é definida por bordo cranial curvo e caudal reto, sendo estriada no interior; a nádega está apenas esboçada; um traço situado atrás da pata pode corresponder à extremidade distal da cauda; refira-se ainda alguns traços no interior do animal, designadamente na cabeça e no pescoço.

Aproveitando parte do dorso de **Pi23-99** como sector caudal da sua garupa foi gravado um auroque, definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-103**); a cabeça desapareceu devido a fratura do painel, dela apenas se observando a orelha foliforme; a cérvico-dorsal apresenta cernelha suave, dorso destacado e garupa angulosa; a cauda, definida por vários traços paralelos, encontra-se enrolada sobre o flanco; a nádega é arredondada; a pata traseira, pese embora a ausência de casco, é bastante modelada, sendo evidente o jarrete; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; as patas dianteiras, dispostas segundo uma perspetiva uniangular, dispõem de cascos e a esquerda de joelho; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; infere-se ainda a existência de uma segunda cabeça inclinada para baixo e da qual se observam o bordos do pescoço; refira-se ainda o aproveitamento de um relevo da rocha como músculo do antebraço esquerdo do animal.

No interior de **Pi24-103** encontram-se os quartos traseiros de um auroque com duas cabeças, definido por contorno múltiplo (**Pi24-104**); orienta-se para a direita, inclinando-se ligeiramente para baixo; apresenta bordo cervical côncavo, cernelha saliente, dorso acentuado e garupa direita; a cauda é atirada para trás, sendo definida por vários traços paralelos entre si e com tendência a divergirem na extremidade distal, formando a vassoura; a nádega é arredondada; as patas traseiras encontram-se representadas segundo uma perspetiva uniangular, não se representando o casco em ambas, e observando-se o jarrete na da direita; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; as patas dianteiras caracterizam-se pela sua definição mediante vários traços que divergem na extremidade distal; parecem encontrar-se representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a cabeça principal é alongada e de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal algo côncava na zona do chanfro, focinho e ganacha tenuemente convexos e queixo reto; no interior observa-se o olho oval, envolvido pelas pálpebras e pelo lacrimal, a delimitação interna do focinho, a boca e a narina; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito curvo e o esquerdo em forma de S; na nuca observa-se curtos traços subparalelos entre si que poderão representar a marrafa. A segunda cabeça é de características muito semelhantes, notando-se, no entanto, algumas diferenças: a ausência de pálpebras e de delimitação interna do focinho; a existência de apenas um corno em forma de S; a existência de uma possível orelha em frente do corno; a cabeça liga-se ao corpo principal mediante uma cérvico-dorsal restringida ao bordo cervical e cernelha, que se liga ao dorso daquele, e mediante um bordo traqueal reto e bordo cranial da pata dianteira que se mistura com as linhas que definem a do corpo principal.

O garrote desta segunda cabeça é reaproveitado como bordo cranial da pata traseira de um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-105**); a sua cabeça encontra-se, infelizmente mutilada, dela se observando ainda a ganacha convexa e a linha fronto-nasal reta; os cornos são curvos e dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a cérvico-dorsal caracteriza-se pelo bordo cervical côncavo, cernelha convexa, dorso suave e garupa plana; a nádega e a cauda não foram representadas; na pata traseira observa-se o jarrete, não se tendo representado o casco; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida apenas pelo bordo caudal reto; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; refira-se o preenchimento interior da cabeça e pescoço por vários traços curvos, paralelos entre si.

Abaixo da cérvico-dorsal de **Pi24-105**, e arrancando do dorso de **Pi24-99**, observa-se a cérvico-dorsal de auroque definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pi24-106**); a este animal faltam os quartos traseiros; o bordo traqueal é convexo; apenas uma pata dianteira foi representada, sendo esta provida de casco de forma suboval; a cilheira é convexa; alguns traços que se ligam ao ângulo inguinal de **Pi24-103** poderão indiciar o reaproveitamento dos quartos traseiros deste animal para a figura agora em questão; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical convexo, cernelha saliente e dorso côncavo.

Sob os animais que temos vindo a descrever encontram-se vestígios, por vezes muito ténues, de outros. Assim, no interior de **Pi24-103** parece encontrar-se pescoço, bordo ventral da cabeça e cérvico-dorsal de um cavalo definido por contorno simples, orientado para a direita (**Pi24-107**); o bordo traqueal é côncavo; a ganacha é subtilmente convexa e o queixo reto; a crineira é reta; a cérvico-dorsal apresenta um garrote algo deslocado e uma garupa arredondada.

Na base da sequência parece também encontrar-se um auroque de grandes dimensões, definido por contorno simples, orientado para a esquerda e algo inclinado para cima (**Pi24-108**); a cabeça desapareceu por fratura do suporte e o bordo traqueal não se identificou; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, cernelha saliente, dorso acentuado, e, passado um certo intervalo sem

delimitação, uma garupa angulosa; a cauda está enrolada sobre as patas traseiras; estas encontram-se ambas representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo ambas estreitas e sem cascos; note-se o contraste entre a espessura delas e as dimensões exageradas da nádega; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por bordo cranial curvo.

Sob o pescoço de **Pi24-100** encontra-se o prótomo de uma cerva definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-109**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e focinho convexos, e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; as orelhas são lineais e dispostas segundo uma perspetiva biangular reta; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical e arranque da cérvico-dorsal subtilmente convexos, distinguindo-se ambos os elementos por uma inflexão do traço; o bordo traqueal é reto.

Sobre o animal anterior observa-se o bordo traqueal de um quadrúpede definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-110**); para além do bordo traqueal *grosso modo* reto e do peito convexo, observa-se a pata dianteira do animal, o arranque do cilhadouro e a ganacha; a pata é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o arranque do cilhadouro é também reto; a ganacha é subtilmente convexa.

A cauda e dorso de **Pi24-104** são recuperadas como bordo cranial da pata traseira e cilhadouro de um quadrúpede definido por incisão simples e orientado para a direita (**Pi24-111**); a pata dianteira é afilada encontrando-se algo encurvada; o bordo traqueal é reto; o resto do animal pode ter-se perdido devido aos lascamentos da zona superior do painel.

Ainda nesta zona, sem que se perceba muito bem o seu lugar na sequência estratigráfica, observa-se o que poderá ser uma garupa arredondada e bordo caudal reto de uma pata traseira de um animal, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-112**).

No quadrante inferior direito do painel observa-se outras quatro unidades gráficas figurativas.

O que mais se destaca corresponde a um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-113**), cuja cabeça sobrepõe a segunda de **Pi24-104**. Estas duas figuras são, aliás, bastante semelhantes estilisticamente. A cabeça é alongada e de formato sub-retangular, com linha fronto-nasal e focinho retos; no bordo ventral da cabeça, a ganacha e queixo são ambos retos, distinguindo-se ambos os elementos por um ligeiro estrangulamento do traço; no interior observa-se a boca, a narina e um olho amendoado; o topete destaca-se da cabeça e os cornos são longos e dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; por trás do esquerdo observa-se uma orelha foliforme; a cérvico-dorsal é sinuosa, nela se distinguindo o bordo cervical, cernelha, dorso e garupa angulosa; a cauda apresenta raiz foliforme, prolongando-se para baixo em forma de S; a nádega é algo direita, pese a sua clara distinção relativamente ao membro posterior esquerdo do animal; as patas traseiras apresentam configuração subtriangular, encontrando-se representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; as patas dianteiras são afiladas, dispondo-se segundo uma perspetiva uniangular; destaque-se a existência de joelho na da esquerda; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; refira-se ainda a existência de alguns traços que prolongam a delimitação do ventre pelo interior do tronco do animal.

Sob esta figura encontra-se um auroque definido por contorno múltiplo e repetido, orientado para a direita, com a cabeça virada para a esquerda (**Pi24-114**); esta é de configuração subtriangular; a fronto-nasal é tendencialmente reta, observando-se apenas um degrau entre a fronte e o chanfro; o focinho é arredondado; a ganacha e queixo distinguem-se mediante um ligeiro estrangulamento do bordo ventral da cabeça; no interior da cabeça observa-se a boca, a narina e um olho subtriangular; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo um deles em forma de S e o outro curvo; atrás observa-se uma orelha; na nuca observa-se alguns traços que poderão representar a marrafa; o bordo traqueal/ peito é convexo; a cérvico-dorsal é algo irregular, evidenciando-se nela uma cernelha algo pronunciada; deste animal observa-se ainda o bordo cranial da pata traseira e parte do ventre (que, entretanto, se prolonga pelo interior do de **Pi24-113**).

Sob este animal observam-se outras duas figuras. Um deles localiza-se na zona dos cornos de **Pi24-114**, correspondendo a um prótomo de quadrúpede definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**Pi24-115**); a sua cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal e focinho convexos, e bordo ventral reto; os bordos do pescoço são côncavos.

A outra figura corresponde a um prótomo de capríneo, definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-116**); a cabeça é alongada, com linha fronto-nasal e mandíbula retas, e focinho arredondado; os cornos, dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, são longos e retos, virando em gancho para a esquerda na extremidade distal; atrás do da esquerda observa-se uma orelha em V; no interior do corpo do animal observa-se vários traços; não fossem os cornos terem o gancho virado para a frente e poderíamos supor estar perante uma camurça.

No extremo esquerdo do sector encontra-se ainda, completamente isolado, um prótomo de auroque muito esquemático, definido por contorno simples, orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pi24-117**); apresenta cabeça triangular, dois cornos curvos dispostos segundo um perfil biangular oblíquo e cérvico-dorsal *grosso modo* reta.

As restantes gravuras do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**,

Pi24-103, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associa-se uma da chave XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107**, **Pi24-108** e **Pi24-110** associam-se uma da VIIa, uma da X, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-110** associam-se uma da XIa e uma da XIc. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-107** e **Pi24-110** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-110** e **Pi24-111** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-110** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-106** e **Pi24-110** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-105** e **Pi24-106** associam-se uma da IXaa, três da XIa e uma da XIc. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102**, **Pi24-105** e **Pi24-110** associam-se uma da IIb e duas da IXa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-102** e **Pi24-111** associa-se uma da IXba. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associam-se uma da IXb e uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105** e **Pi24-108** associa-se uma da XIc. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se três da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-105** e **Pi24-108** associa-se uma da IIb. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associa-se uma da IXa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108** e **Pi24-111** associa-se uma da IIb. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-101**, **Pi24-104** e **Pi24-111** associam-se uma da IXb e uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-102**, **Pi24-109** e **Pi24-112** associam-se uma da IXa, uma da IXaa e três da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-102**, **Pi24-111** e **Pi24-112** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-100**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associa-se uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-101** e **Pi24-102** associa-se uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-108** e **Pi24-111** associa-se uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-103**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se uma da IIb, uma da IXba e uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-108** e **Pi24-113** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se três da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108**, **Pi24-111**, **Pi24-113** e **Pi24-114** associam-se uma da IXb e duas da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108**, **Pi24-111** e **Pi24-114** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-99**, **Pi24-101** e **Pi24-108** associa-se uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-108** e **Pi24-110** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-99**, **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-102**, **Pi24-111** e **Pi24-112** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-99**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associa-se uma da XIb. A **Pi24-99**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-108** e **Pi24-113** associa-se uma da XIa. A **Pi24-99**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105** e **Pi24-107** associa-se uma da XIc. A **Pi24-99**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se uma da IXb e uma da XIb. A **Pi24-100**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associa-se uma da XIb. A **Pi24-100**, **Pi24-103**, **Pi24-105** e **Pi24-106** associa-se uma da XIc. A **Pi24-100**, **Pi24-103**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associa-se uma da XIa. A **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-108** e **Pi24-113** associa-se uma da XIc. A **Pi24-101**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se três da IXaa e uma da XIIIb. A **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108** e **Pi24-111** associam-se uma da XIa e uma da XIIIb. A **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108** e **Pi24-112** associa-se uma da XIa. A **Pi24-101**, **Pi24-104**, **Pi24-108**, **Pi24-113** e **Pi24-114** associa-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-101** e **Pi24-108** associa-se uma da IXaa. Por cima de **Pi24-102** observa-se uma da XIb. A **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associa-se uma da XIb. A **Pi24-102**, **Pi24-103**, **Pi24-104** e **Pi24-108** associa-se uma da XIa. A **Pi24-102**, **Pi24-109** e **Pi24-110** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106**, **Pi24-107** e **Pi24-108** associam-se três da XIa. A **Pi24-103**, **Pi24-104**, **Pi24-105**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associa-se uma da IXaa**.** A **Pi24-103**, **Pi24-104** e **Pi24-106** associa-se uma da VIIa. A **Pi24-103**, **Pi24-105** e **Pi24-106** associa-se uma da XIa. A **Pi24-103**, **Pi24-105**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associam-se duas da IXaa. A **Pi24-103**, **Pi24-105** e **Pi24-108** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-103**, **Pi24-106** e **Pi24-108** associam-se duas da XIb e uma da XIc. A **Pi24-104** e **Pi24-108** associam-se duas da XIa. Entre aqueles dois motivos observa-se uma da IXaa e uma da XIc. A **Pi24-104**, **Pi24-108**, **Pi24-112** e **Pi24-113** associa-se uma da IXa. A **Pi24-104**, **Pi24-108**, **Pi24-113** e **Pi24-114** associam-se duas da XIa. A **Pi24-104**, **Pi24-113** e **Pi24-114** associam-se uma da IXb, duas da XIa e uma da XIb. A **Pi24-105** associam-se duas da XIa. A **Pi24-108** associam-se uma da IXaa, duas da XIa e uma da XIb. Abaixo de **Pi24-108** encontra-se uma da XIa. A **Pi24-108**, **Pi24-113** e **Pi24-114** associa-se uma da XIa. A **Pi24-109** e **Pi24-110** associa-se uma da XIa. A **Pi24-113** associam-se duas da IXaa e uma da XIIIb. A **Pi24-113** e **Pi24-114** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, cinco da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Pi24-113**, **Pi24-114** e **Pi24-116** associam-se uma da IXaa, duas da XIa e uma da XIb. A **Pi24-114** associa-se uma da IXaa, três da XIa e uma da XIb. A **Pi24-114** e **Pi24-115** associam-se uma da IIIc e duas da XIa. A **Pi24-114** e **Pi24-116** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-116** associam-se duas da XIb.

No sector central apenas se identificou um motivo figurativo. Trata-se de um cavalo definido por contorno múltiplo e com o interior estriado, orientado para a direita (**Pi24-118**); da cabeça só se observa o bordo ventral, com ganacha convexa e queixo algo

reto; a crineira, levantada relativamente ao local onde se situaria a linha fronto-nasal é subtilmente delimitada interiormente; a cérvico-dorsal apresenta forma em S; a nádega é pouco evidente; as patas traseiras são pouco definidas, sendo evidente na da direita a diferenciação entre a coxa e a perna; dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua e não são terminadas por cascos; a linha ventral é convexa; a pata dianteira e a linha do peito/ bordo traqueal encontram-se separadas; da primeira observa-se o bordo cranial; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

As restantes unidades do sector são não figurativas; diretamente ao equídeo associam-se uma da chave VIIa, duas da IXaa, uma da IXb, duas da X, seis da XIa, três da XIb e duas da XIc. À sua esquerda identifica-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da X, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. Acima do animal observa-se uma da IIb, uma da VIIa, uma da IXaa, uma da X, uma da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Para a direita do animal foram ainda gravadas as seguintes unidades gráficas não figurativas: uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da X, nove da XIa, seis da XIb, duas da XIc, duas da XId e três da XIIIb.

No sector direito observa-se três quadrúpedes incompletos que se associam por sobreposição. Um destes corresponde a um cavalo definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-119**); dele observa-se a crineira convexa, o dorso algo côncavo, o bordo traqueal reto, o peito reto, a linha ventral reta e a pata dianteira reduzida ao seu bordo cranial reto.

Outra das figuras corresponde à zona inferior de um quadrúpede definido por contorno múltiplo e simples, orientado para a esquerda (**Pi24-120**); atrás observa-se dois elementos curvos que poderão corresponder à cauda e pata traseira do animal, sendo nesta evidente a distinção entre a coxa e perna; a linha ventral é convexa; da pata dianteira observa-se o bordo caudal algo convexo. O terceiro quadrúpede corresponde a possível cerva estriada orientada para a direita (**Pi24-121**); a cabeça é subtriangular, as orelhas – foliformes – dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o bordo traqueal é reto; as duas patas traseiras dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a linha ventral é reta; do animal observa-se ainda o bordo cervical, de forma convexa.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas; a **Pi24-119** associa-se uma da chave XIa. A **Pi24-119** e **Pi24-120** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-119**, **Pi24-120** e **Pi24-121** associam-se uma da IIb, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-119** e **Pi24-121** associam-se três da IXaa, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. Finalmente, a **Pi24-120** associam-se uma da X e uma da XIa.

Painel 28 (Fig. 88): Localiza-se imediatamente abaixo do anterior; corresponde a um painel de configuração irregular e superfície lisa; descriminaram-se dois sectores historiados, ambos exclusivamente com incisões: o superior direito, muito fraturado no topo, e o inferior esquerdo. Começaremos a descrição pelo primeiro.

Na zona superior do sector encontra-se uma série de animais interrompidos pela fracturação da rocha; no canto superior esquerdo identifica-se restos de quadrúpede definido por contorno múltiplo orientado para a direita (**Pi24-122**); as duas patas traseiras definem-se por bordos curvos e dispoem-se em perfil uniangular; o ventre é convexo.

No interior da pata anterior identifica-se uma outra de menores dimensões mas de caraterísticas semelhantes (**Pi24-123**) que parece reaproveitar o ventre referido atrás.

Sobrepondo as duas unidades anteriores encontra-se a metade ventral de um quadrúpede (possível auroque) definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-124**); o peito é convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata traseira é definida por um bordo cranial modelado (onde se identifica a coxa e canela) e um caudal reto; a nádega é convexa; a cauda encontra-se enrolada sobre o flanco do animal.

Sobreposta pela pata de **Pi24-122** encontra-se a cabeça de um veado definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a esquerda (**Pi24-125**); apresenta linha fronto-nasal e focinho convexos, e bordo ventral reto; no interior observa-se o olho oval e a narina suboval; da haste observa-se o tronco e o estoque; do animal observa-se ainda uma orelha linear e um dorso reto.

Mais abaixo encontra-se um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para baixo (**Pi24-126**); tal como em outras situações desta estação, neste animal observa-se a existência de dois *designs*; o primeiro apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal reta, ganacha convexa e queixo reto; a nuca é convexa e os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; da cérvico-dorsal só se observa o sector até à cernelha, sendo convexa; o bordo traqueal é côncavo, a pata dianteira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal e o sector cranial da cilheira é reta. O segundo *design* apresenta uma cabeça mais possante, com linha fronto-nasal e focinho retos e bordo ventral convexo; os cornos são também curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é convexa, assim como a linha ventral; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Sobrepondo-se à figura anterior observa-se a representação parcial de um auroque definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pi24-127**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; no interior observa-se um olho oval; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo em forma de S e o direito curvo; a nuca é convexa; a cérvico-dorsal é reta e o bordo traqueal sinuoso.

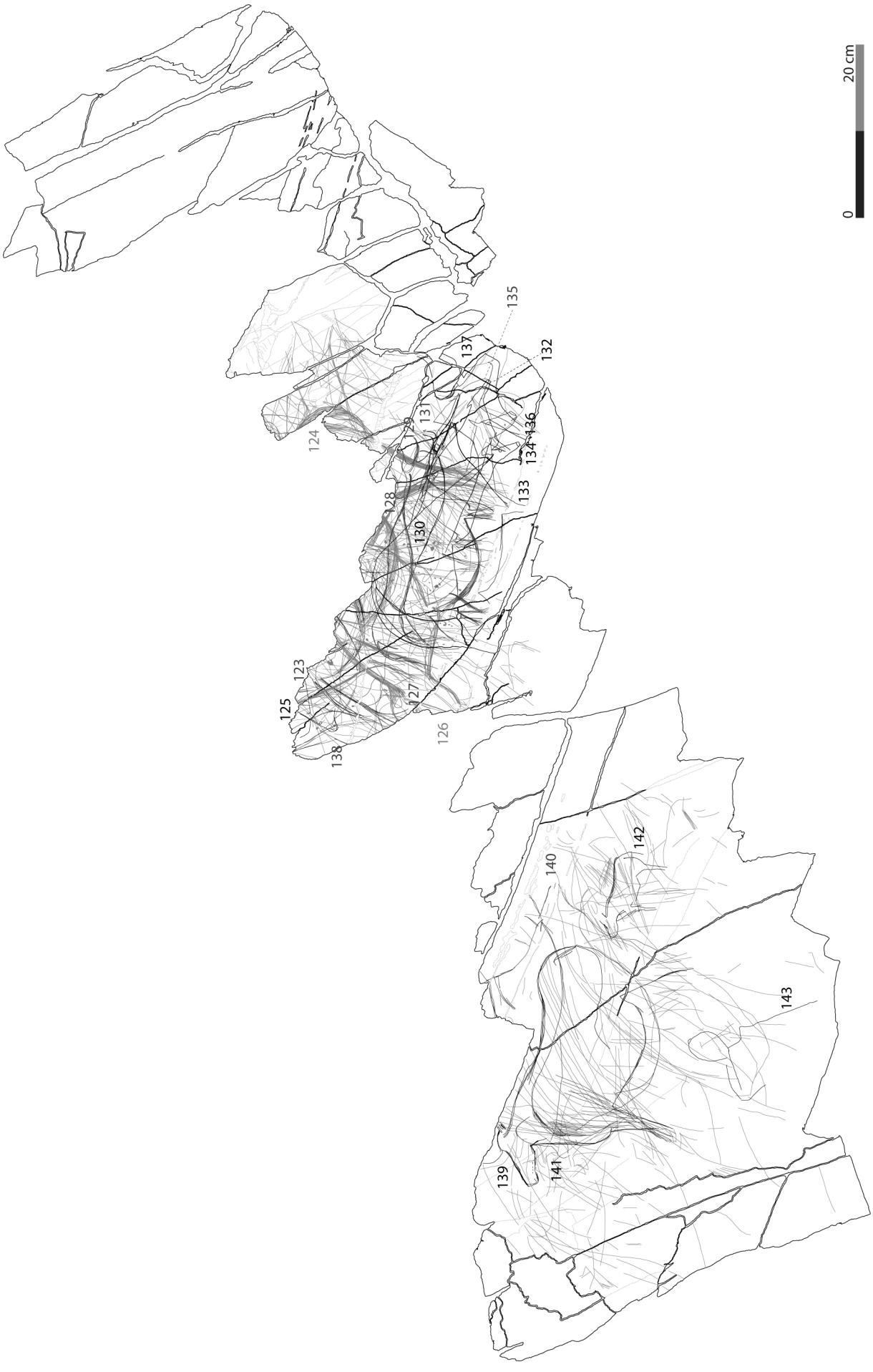


Fig. 88: Painel 28 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Marcelo Silvestre e do autor).

Para a direita observa-se um auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Pi24-128**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal subcôncava, focinho reto e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a delimitação interna do focinho; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; são ambos unidos por uma nuca subconvexa; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é constituída por vários traços com tendência a divergirem na extremidade distal; a raiz é foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos convergentes, sendo evidente a coxa modelada e a canela linear; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; as patas dianteiras, embora excessivamente delgadas, são bastante modeladas, nelas se percebendo os antebraços e as canelas; dispõem-se em perfil uniangular; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Quase se confundindo com a figura anterior encontra-se outro auroque, também definido por contorno múltiplo e orientado para a direita (**Pi24-129**): apresenta cabeça campanulada com linha fronto-nasal algo côncava e focinho e bordo ventral retos; no interior observa-se a delimitação interna do focinho; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, cernelha proeminente, dorso alongado e reto e garupa angulosa; a raiz da cauda é foliforme e a cauda propriamente dita é definida por vários traços com tendência a divergirem; não se identifica a nádega; as patas traseiras são semelhantes às de **Pi24-47**, embora neste caso não se identifique o bordo caudal da pata esquerda; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras são definidas por dois bordos sub-retilíneos, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Mais abaixo localiza-se um veado definido por contorno múltiplo, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Pi24-130**); apresenta uma cabeça troncocónica; a linha fronto-nasal é modelada, com fronte convexa e chanfro reto; no focinho são perceptíveis os lábios convexos; o bordo ventral é reto; no interior da cabeça observa-se a boca e o olho elíptico; das hastes aprecia-se os dois estoques e um dos contraestoques; a orelha é linear; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, dorso reto e garupa convexa; a nádega é também convexa; da pata traseira observa-se o bordo cranial modelado; o bordo traqueal é reto.

Ocupando *grosso modo* o interior dos últimos três animais referidos encontra-se a metade ventral de um quadrúpede definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-131**); o peito é convexo, a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; da pata traseira só se observa o bordo cranial curvo.

Abaixo observa-se uma sucessão de quatro animais orientados para a direita, ligeiramente inclinados para baixo. O de cima corresponde a uma cerva definida por contorno simples (**Pi24-132**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal algo modelada e focinho reto; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; as orelhas são lineares, atiradas para trás e dispostas segundo um perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo e dorso e garupa convexas; a cauda é subtriangular; a nádega é convexa; a pata traseira é estriada no interior, apresentando configuração algo modelada, com coxa, jarrete e canela; a linha ventral é subconvexa; as patas dianteiras dispõem-se em perfil uniangular, sendo a direita algo modelada e a esquerda de configuração triangular; o peito é convexo e o bordo traqueal algo reto; no animal observa-se ainda a demarcação interna da barriga.

Imediatamente abaixo observa-se a representação parcial de um possível equídeo, definido por contorno simples (**Pi24-133**); a cabeça é sub-retangular; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é reto e o bordo ventral convexo; no interior observa-se a narina e o olho ovais e a boca linear; a orelha é foliforme e atirada para a frente; o bordo cervical é reto, assim como o ventral; a pata dianteira é definida por dois bordos sub-retilíneos, subparalelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; da pata traseira observa-se o bordo cranial curvo.

Abaixo da cabeça anterior observa-se a de um auroque definido por contorno simples (**Pi24-134**); apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos (pese embora se observe uma excrescência do traço na zona da ganacha); no interior da cabeça observa-se um olho circular e a delimitação interna do focinho; os cornos apresentam forma em S, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o pescoço é exageradamente longo; o bordo dorsal prolonga-se até à garupa de **Pi24-137** que em seguida descreveremos; o bordo ventral é reto até à zona do peito convexo; este liga-se ao membro anterior direito de **Pi24-128**.

Recuperando ganacha, bordo traqueal, peito e bordo cranial da pata dianteira de **Pi24-132** observa-se um quadrúpede definido por contorno simples (**Pi24-135**); a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal, focinho e ganacha convexas; deste animal observa-se ainda a cérvico-dorsal reta até à zona da garupa onde se torna convexa.

Para a direita, e sobrepondo-se parcialmente ao animal anteriormente descrito, observa-se a cabeça maciça de um quadrúpede definido por contorno simples, orientada para a direita (**Pi24-136**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; a pata surge imediatamente da zona da goela, sendo definida por dois bordos retos; as orelhas (ou cornos) são curtos e lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente e dorso reto.

A cabeça anterior está inserida no interior de uma outra, desta feita de auroque, definido por contorno simples e múltiplo (corno direito, cérvico-dorsal e nádega), orientado para a direita (**Pi24-137**); a cabeça é possante, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo em forma de S e o remanescente curvo;

a cérvico-dorsal é excessivamente longa, com cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa convexa; convexa é também a nádega; a cauda é longa e encurvada, sendo definida perimetralmente na sua metade proximal; a nádega é convexa e o bordo caudal da pata traseira côncavo; tal como na figura anterior, a pata dianteira surge da zona da goela, sendo definida por dois bordos retos.

No canto superior esquerdo observa-se ainda o bordo caudal de uma pata dianteira e um ventre convexo de um quadrúpede definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-138**).

As restantes incisões do sector configuram unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-122** associa-se uma da chave XIa. A **Pi24-122** e **Pi24-123** associa-se uma da XIb. A **Pi24-122**, **Pi24-123**, **Pi24-124**, **Pi24-125** e **Pi24-138** associam-se duas da VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, duas da XIa e uma da XIb. A **Pi24-122**, **Pi24-123**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-127** e **Pi24-138** associa-se uma da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-123**, **Pi24-124**, **Pi24-126** e **Pi24-138** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-122**, **Pi24-123**, **Pi24-124** e **Pi24-138** associa-se uma da VIIa e uma da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-123**, **Pi24-125** e **Pi24-138** associam-se uma da VIIa, uma da IXb e três da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-126** e **Pi24-127** associam-se uma da IIb e uma da VIIa. A **Pi24-122**, **Pi24-123** e **Pi24-127** associa-se uma da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-124** e **Pi24-126** associam-se duas da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-126** e **Pi24-128** associam-se uma da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-127**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130** e **Pi24-137** associam-se uma da VIII e uma da XIIIb. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-127**, **Pi24-128** e **Pi24-138** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128** e **Pi24-129** associam-se uma da XIb e uma da XIc. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associam-se uma da chave VIIa. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131** e **Pi24-137** associam-se uma da IXb, uma da IXbb, uma da IXc e uma da XIIIb. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128** e **Pi24-137** associam-se uma da VIII, uma da IXaa, uma da IXab e uma da XId. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126** e **Pi24-137** associam-se uma da IIb, duas da XIa e uma da XIIIb. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-126** e **Pi24-138** associam-se uma da VIIa, uma da X e uma da XIb. A **Pi24-122**, **Pi24-124**, **Pi24-128** e **Pi24-137** associa-se uma da IXaa, A **Pi24-122**, **Pi24-124** e **Pi24-137** associa-se uma da IXba. A **Pi24-122**, **Pi24-124** e **Pi24-138** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Pi24-122**, **Pi24-125** e **Pi24-138** associa-se uma da XIa. À esquerda de **Pi24-122** descobre-se duas igualmente da XIa. A **Pi24-124** associam-se quatro da VIIa, uma da IXaa, duas da IXba, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Pi24-124** e **Pi24-126** associam-se uma da IXbb, uma da XIa e duas da XIb. A **Pi24-124**, **Pi24-126** e **Pi24-127** associa-se uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-127** e **Pi24-128** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-127**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130** e **Pi24-137** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa, uma da IXa e uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-126**, **Pi24-128** e **Pi24-137** associam-se duas da VIIa e uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-126** e **Pi24-137** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-124** e **Pi24-128** associam-se uma da IXbb e quatro da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-128** e **Pi24-129** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb e uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-133**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da XIb. A **Pi24-124**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-133** e **Pi24-137** associam-se uma da IXa e uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa e uma da XIc. A **Pi24-124**, **Pi24-128**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-132**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa e uma da XIa. A **Pi24-124** e **Pi24-129** associa-se uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-133**, **Pi24-134**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa e uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-133**, **Pi24-35**, **Pi24-36** e **Pi24-137** associa-se uma da XIb. A **Pi24-124**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da IXbb. A **Pi24-124**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132** e **Pi24-133** associa-se uma da XIa. A **Pi24-124**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-133**, **Pi24-134**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da IXb, uma da X e uma da XIc. A **Pi24-124**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da IIb e uma da XIa. A **Pi24-124** e **Pi24-138** associa-se uma da XIa. à direita de **Pi24-124** descobre-se duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, duas da IXba, sete da XIa, quatro da XIb e duas da XIc. Acima de **Pi24-124** observa-se uma da IIb, uma da VIIa, cinco da XIa e três da XIb. A **Pi24-126** associam-se uma da IXbb, quatro da XIa e uma da XIb. A **Pi24-126** e **Pi24-127** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-126** e **Pi24-128** associa-se uma da XIa. A **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130** e **Pi24-137** associam-se uma da Vc, uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, cinco da XIa e duas da XIb. A **Pi24-126**, **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb e duas da XIIIb. A **Pi24-126**, **Pi24-128** e **Pi24-137** associam-se duas da XIa. A **Pi24-126**, **Pi24-130** e **Pi24-137** associa-se uma da XIa. A **Pi24-126** e **Pi24-137** associam-se uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIIIb. Abaixo de **Pi24-126** observa-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXab, duas da XIa e três da XIb. A **Pi24-128** e **Pi24-129** associa-se uma da XIb. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-133**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associa-se uma da XIa. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-133** e **Pi24-137** associa-se uma da XIa. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associam-se uma da IXbb e duas da XIb. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131** e **Pi24-137** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associa-se uma da XIc. A **Pi24-128**, **Pi24-129**,

Pi24-131 e **Pi24-137** associam-se uma da X e duas da XIa. A **Pi24-128**, **Pi24-129**, **Pi24-130** e **Pi24-137** associa-se uma da XIb. A **Pi24-128**, **Pi24-130** e **Pi24-134** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-129** associa-se uma da XIa. A **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associa-se uma da XIb. A **Pi24-129**, **Pi24-130**, **Pi24-133**, **Pi24-134** e **Pi24-137** associa-se uma da IXaa. Abaixo de **Pi24-129** observa-se uma da IXa e uma da XIa. A **Pi24-130** associa-se uma da XIIIb. A **Pi24-130**, **Pi24-131**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da VIIa, uma da X, uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-131**, **Pi24-132**, **Pi24-34**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da IXaa. A **Pi24-131**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da XIa. A **Pi24-132**, **Pi24-133**, **Pi24-134**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da XIc e uma da XIIIb. A **Pi24-132**, **Pi24-34**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se duas da XIa. A **Pi24-132**, **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da IIa e uma da XIa. A **Pi24-134** associa-se uma da XIa. Abaixo observa-se outra da XIa. A **Pi24-135**, **Pi24-136** e **Pi24-137** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Pi24-136** e **Pi24-137** associa-se uma da VIIa. A **Pi24-137** associam-se uma da IXaa, uma da IXbb e uma da XIa.

No sector inferior esquerdo destaca-se a figura de um auroque, definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Pi24-139**); a cabeça é de forma campanulada, com linha fronto-nasal e focinho e queixo retos, e ganacha convexa; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular (a fratura do suporte não permite perceber se oblíqua, se reta), sendo unidos pela marrafa convexa; a orelha é foliforme; a cérvico-dorsal apresenta cernelha convexa, dorso reto e garupa convexa; a raiz da cauda é foliforme; a cauda é linear e atirada sobre o flanco; a nádega é convexa; da pata traseira observa-se apenas o bordo cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Inserindo-se no interior do animal anterior, mas orientado em sentido inverso, encontra-se um veado definido por contorno múltiplo (**Pi24-140**); a cabeça é subtriangular, com linha fronto-nasal algo modelada, focinho convexo e bordo ventral subcôncavo; no interior da cabeça observa-se a boca; a haste está atirada para trás, observando-se o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia e três outras na coroa; a orelha é triangular e atirada para trás; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, dorso reto e garupa convexa; a cauda é foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é modelada, reconhecendo-se coxa, jarrete e canela; a linha ventral é convexa; da pata dianteira só se observa o bordo cranial reto, podendo o caudal corresponder ao cranial da traseira de **Pi24-139**; o peito é convexo e o bordo traqueal algo sinuoso (de forma a conformar-se à pré-existência de **Pi24-142**?); um traço à esquerda do bordo cranial referido parece configurar o bordo cranial de uma segunda pata, encontrando-se, neste caso, ambas em perfil uniangular.

Na zona anterior de **Pi24-139** (e, consequentemente, na posterior de **Pi24-140**) observa-se a representação parcial de possível camurça definida por contorno simples, orientado para a esquerda (**Pi24-141**); apresenta cabeça oblonga; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho e a ganacha são convexos e o queixo reto; o corno é longo e profundamente encurvado na extremidade distal; a cérvico-dorsal é ligeiramente côncava, o bordo traqueal é reto e o longo peito convexo, vindo a ligar-se ao ventre de **Pi24-140**.

À direita de **Pi24-140** descobre-se um possível vitelo definido por contorno simples e múltiplo (linha fronto-nasal e cérvico-dorsal) orientado para a esquerda (**Pi24-142**); a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral convexos; as orelhas são lineares, atiradas para trás e dispostas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa convexa; da continuidade desta última surge a cauda caída sobre a nádega convexa; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si, sendo o caudal reto e o cranial algo modelado, observando-se a coxa, o joelho e a canela; a linha ventral apresenta ventre subtriangular e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordo algo modelados e paralelos entre si, observando-se antebraço, joelho e canela; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

Abaixo dos animais descobre uma figura de caraterísticas antropomórficas, definida por contorno simples e vista de frente (**Pi24-143**); a cabeça é oval; à sua direita parece definir-se um membro superior fletido; à sua esquerda observa-se um ombro sinuoso e o bordo de um membro superior esticado.

As restantes incisões do sector configuram unidades gráficas não figurativas. A **Pi24-139** associam-se quatro da chave XIa e três da XIb. A **Pi24-139** e **Pi24-140** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, oito da XIa, cinco da XIb, duas da XIc e duas da XIIIb. A **Pi24-139**, **Pi24-140** e **Pi24-141** associam-se uma da VIIa, três da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, quatro da XIa, uma da XIb, duas da XIc, duas da XId e uma da XIIIb. A **Pi24-139**, **Pi24-140**, **Pi24-141** e **Pi24-143** associa-se uma da XIc. A **Pi24-139**, **Pi24-140** e **Pi24-143** associa-se uma da chave IXba. A **Pi24-139**, **Pi24-140** e **Pi24-142** associa-se uma da VIIa. A **Pi24-139**, **Pi24-140** e **Pi24-143** associa-se uma da XIb. A **Pi24-139** e **Pi24-141** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, duas da XIa e duas da XIb. Entre **Pi24-139** e a haste de **Pi24-140** observa-se três da XIa. À esquerda de **Pi24-139** identifica-se três da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, vinte da XIa, cinco da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Pi24-140** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXbb, sete da XIa e uma da XIc. A **Pi24-140** e **Pi24-141** associa-se uma da XIa. A **Pi24-140** e **Pi24-142** associam-se duas da VIIa, uma da IXab, uma da X e uma da XIc. Entre **Pi24-140** e **Pi24-143** descobre-se uma da IXaa, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. A **Pi24-141** associam-se uma da IXa e três da XIa.

A **Pi24-142** associam-se uma da VIII, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXbb, uma da X, seis da XIa, uma da XIb, quatro da XIc e duas da XIIIb. Para cima de **Pi24-142** observa-se uma da IIb, três da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Para a direita de **Pi24-142** identifica-se duas da IXaa, cinco da XIa, três da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Para baixo daquele vitelo observa-se ainda cinco da XIa. A **Pi24-143** associam-se uma da IXab, oito da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. À direita do antropomorfo observa-se três da XIa e duas da XIIIb, e à sua esquerda uma da VIIa, três da XIa, uma da XId e uma da XIIIb.

Painel 29 (Fig. 89): Situa-se no topo da rocha, entre o painel 7 e o 11; corresponde a um painel de configuração sub-retangular, com a superfície irregular (em particular no sector esquerdo) e lisa. Todas as gravuras identificadas correspondem a incisões.

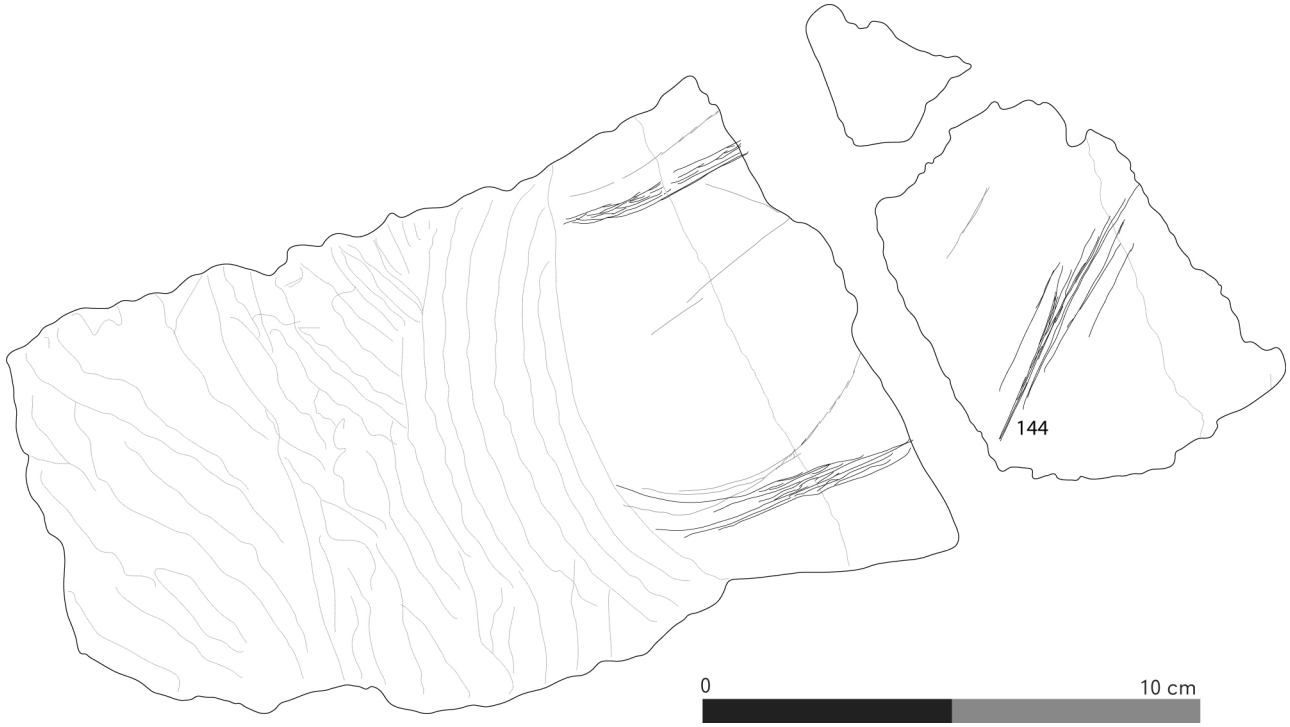


Fig. 89: Painel 29 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida.

Dada a localização do painel num sector da rocha onde se observa vários auroques com a cabeça em visão frontal, pensamos que alguns dos traços aqui presentes corresponderão a vestígios de representação deste tema, hoje muito mutilada devido à fracturação do suporte; a figura (**Pi24-144**) encontra-se orientada para a direita, sendo definida por contorno múltiplo; dele observa-se o bordo traqueal reto; o dorso côncavo e a linha ventral com ventre convexo e cilheira reta; os quartos traseiros nunca foram gravados, "saindo" a figura da zona irregular do painel. À figura associam-se uma unidade gráfica da chave VIII, uma da IXaa e três da XIa.

Painel 30 (Fig. 90): Localiza-se abaixo do painel 28; apresenta forma poligonal e superfície lisa. As gravuras, exclusivamente incisas, encontram-se no seu sector esquerdo, aí se identificando três animais muito esquemáticos. Um corresponde à metade anterior de auroque orientado para a esquerda (**Pi24-145**); apresenta fronto-nasal sinuosa, focinho apontado e bordo ventral reto; apenas um corno, muito esquemático, está atirado para a frente; a nuca é arredondada; a cernelha é muito angulosa; o bordo traqueal é côncavo; no interior do animal observa-se uma linha que vai da ponta do focinho e se prolonga pelo interior do tronco

Um pouco para cima, à direita, observa-se possível representação de equídeo orientado para a esquerda (**Pi24-146**); apresenta corpo muito delgado com cérvico-dorsal reta e linha ventral convexa; as duas patas traseiras são lineares, encontrando-se representadas segundo um perfil biangular reto; a pata dianteira corresponde a um traço que atravessa todo o corpo do animal até ao bordo cervical; este é reto e a possível crineira convexa; a cauda é curta e arredondada.

A terceira representação zoomórfica localiza-se para a direita da anterior, junto ao limite superior do painel, correspondendo aos quartos traseiros de um quadrúpede orientado para a direita (**Pi24-147**); apresenta longa cauda constituída por vários traços paralelos entre si, nádega convexa e bordo caudal da pata traseira reto.

As restantes gravuras conformam unidades gráficas não figurativas. Abaixo de **Pi24-145** encontram-se duas da chave XIa; a **Pi24-145** e **PI24-146** associa-se uma da IXb; entre **Pi24-145** e **Pi24-146** observa-se uma da XIb; a **Pi24-146** associa-se uma outra da chave XIb; acima de **Pi24-146** observa-se duas da XIa; abaixo daquela foram gravadas uma da IXa, uma da IXb, uma da IXc, seis da XIa e três da XIb; finalmente, à direita daquela figura zoomórfica, observa-se ainda uma da XIa.

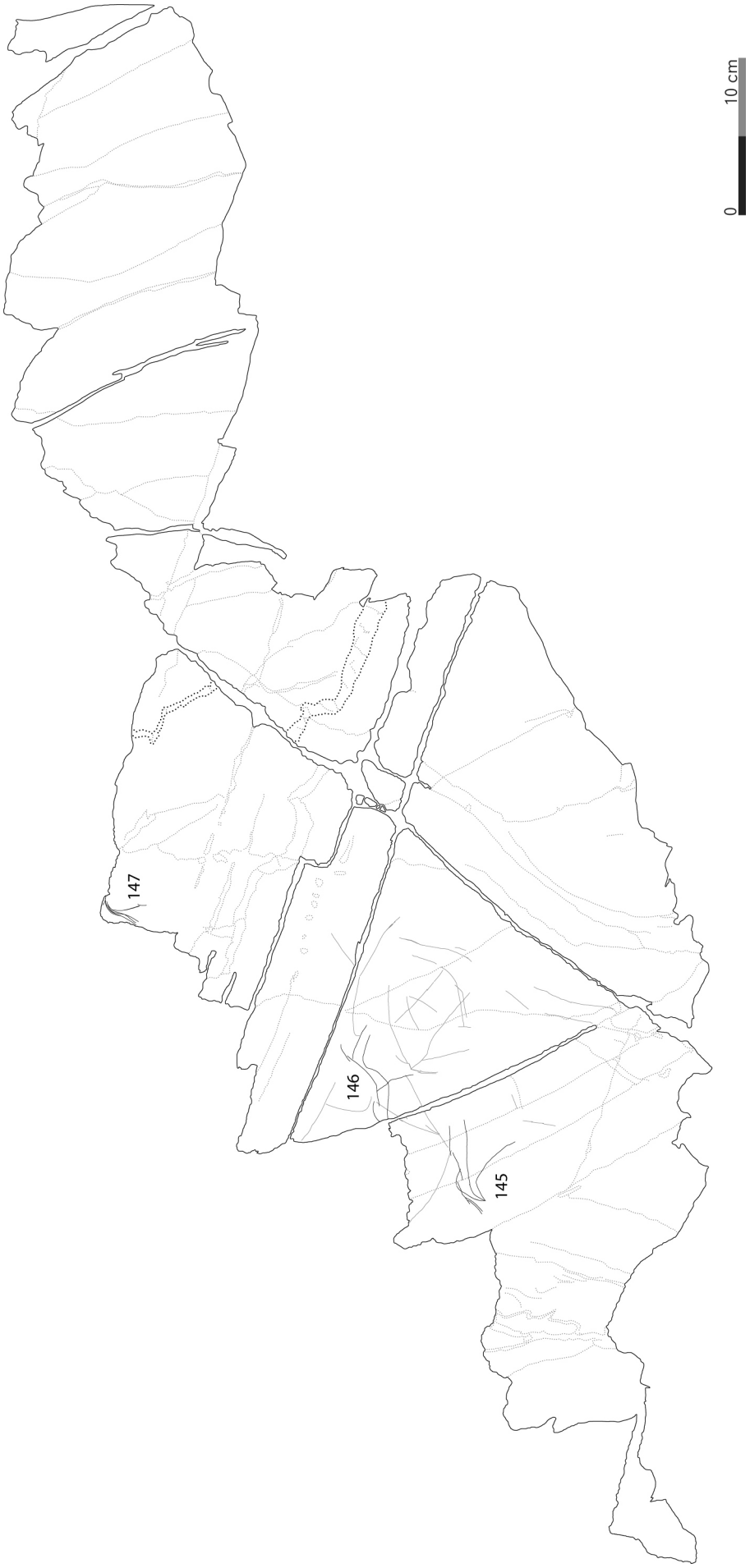


Fig. 90: Painel 30 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e Fernando Barbosa.



Fig. 91: Painel 31 da rocha 24 de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Painel 31 (Fig. 91): Localiza-se à direita do anterior; apresentando configuração subtrapezoidal e superfície regular e lisa. As gravuras conformam unidades gráficas não figurativas incisas. Inventariaram-se as seguintes: duas unidades da chave IIIc, uma da IXa, uma da IXb, uma da IXbb, doze da XIa, cinco da XIb e duas da XIIIb.

Painel 32 (Fig. 92): localiza-se à direita do sector direito do painel 27; correspondendo a um painel de configuração subtrapezoidal, com a superfície algo fraturada, mas lisa. Todas as gravuras existentes no painel correspondem a unidades não figurativas incisas. Identifica-se as seguintes: duas da chave IIb, duas da IXaa, duas da IXb, três da IXba, uma da IXbb, sete da XIa, duas da XIc e seis da XIIIb.

Fragmento (Fig. 93): apareceu durante a sondagem realizada em frente da rocha (Luís, 2009); trata-se um fragmento de painel cuja superfície é regular e lisa, apresentando uma cor castanha.

Dado o elevado estado de fragmentação do suporte, podemos estar a ser induzidos em erro na altura da individualização das unidades gráficas; a interpretação que nos parece mais convincente corresponde à seguinte: a unidade situada mais à direita pode ser identificada como uma pata traseira de um quadrúpede orientado para a direita (**Pi24-148**); está atirada para trás e é definida por incisão simples: dois traços sinuosos definem a canela e um traço curto liga as extremidades de ambos, dando assim origem a um casco de forma triangular. À esquerda desta figura encontra-se o que pode ser uma pata dianteira de um quadrúpede orientado

para a direita (**Pi24-149**); é definida por incisão simples; a canela apresenta bordo cranial reto e caudal modelado, reconhecendo-se a passagem para a coxa; o casco é apontado em baixo e tem forma trapezoidal; uma forma subtriangular acima do casco poderá representar os machinhos (se se tratar de um cavalo), o subdedo (se se tratar de um auroque ou veado) ou a subunha (se se tratar de um capríneo).



Fig. 92: Painel 32 da rocha 24 da Ribeira de Piscos (decalque do autor, efetuado com o apoio de M. Almeida e de F. Barbosa).

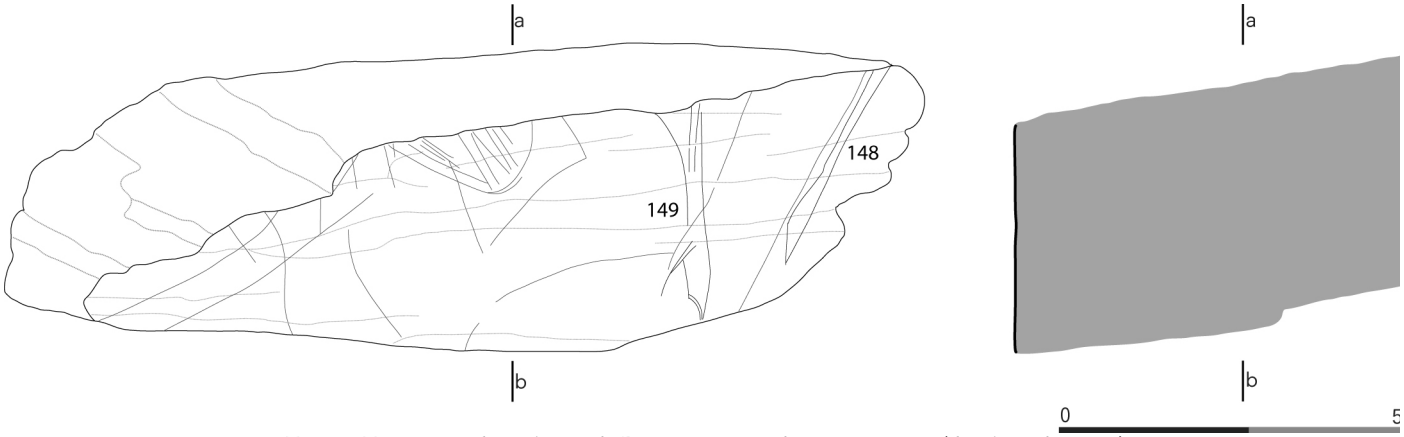


Fig. 93: Fragmento da rocha 24 de Piscos, encontrado em escavação (decalque do autor).

Rocha 25 (Fig. 94): Foi dada a conhecer em 2012, tendo-se publicado o seu decalque na ocasião (Santos, 2012, 58). Localiza-se a cerca de 9 m para noroeste da rocha anterior, a uma altitude de 136 m. Trata-se de um amplo painel vertical de configuração subtrapezoidal, orientado para sudeste; apresenta uma superfície castanho-alaranjada de textura lisa, com uma microtopografia bastante regular se bem que interrompida por algumas fraturas. Algumas destas fracturas delimitam o campo historiado Aqui localizam-se apenas unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão.

Estas unidades parecem associar-se em grupos. Assim, ao centro observam-se dois destes conjuntos. Um corresponde à associação de uma unidade gráfica da chave IXbb com uma da XId. Este conjunto junta-se a outro composto por duas da XId (dispostas perpendicularmente entre si) e uma da IXab.



Fig. 94: Rocha 25 da Ribeira de Piscos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de João Félix e Manuel Almeida).

Acima observa-se uma unidade gráfica da chave XIa e uma da X, ladeando uma associação de uma unidade da chave IXb com uma da XIa.

Na zona inferior do campo historiado observa-se duas da chave XIa e, quase a par, uma da XId com uma associação de uma da XId com uma da XIa.

1.5: Fariseu

Rocha 1 (Figs. 95 e 96): A rocha é referida na bibliografia desde 2000 (Aubry & Baptista, 2000; Aubry & García, 2000). O seu decalque integral só é, no entanto, publicado em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008a, 57). A nossa interpretação foi, contudo, modificando-se ao longo dos tempo, fruto quer do aprofundamento do estudo do próprio decalque, assim como da observação *in situ* e de fotografias de arquivo. Assim, as unidades presentes na matriz estratigráfica publicada em 2014 (Aubry, Santos & Luís, 2014, 263) não são as mesmas que se observam no decalque publicado originalmente. Deste modo, o desenho que agora damos a conhecer (Fig. 95) é o que serviu de base àquela matriz. Outras diferenças relativamente ao desenho publicado em 2008 prendem-se com o posicionamento do painel A relativamente aos restantes e com a implantação do fragmento exumado em escavação no levantamento geral.

A rocha localiza-se atualmente sob a as águas retidas pela barragem do Pocinho, a cerca de 60 m para norte da ribeira que

corta o monte epónimo, a cerca de 120 m de altitude. Revelada na sua totalidade pelas escavações arqueológicas aí realizadas, este espaço parietal foi fundamental para o desfecho (favorável) da polémica em torno da cronologia pleistocénica das gravuras mais antigas do Côa.

Trata-se de um afloramento cujas faces mais historiadas se encontram perpendiculares ao leito do rio, orientadas para és-sudeste. A que apresenta maior densidade de gravações (painéis B a H) encontra-se avançada em relação à remanescente (painel A) cerca de 2 m, localizando-se imediatamente abaixo desta. Uma terceira superfície historiada corresponde a uma face resultante da fratura da face principal, desenvolvendo-se transversalmente em relação a este. Esta superfície deve ser entendida, como se verá seguidamente, como prolongamento do painel G.

O painel A apresenta forma irregular e é passível de uma subdivisão mais apertada com base nas fraturas que o atravessam; a superfície é lisa e de cor cinzenta, marcada aqui e ali por algumas oxidações; No sector superior direito – bastante fragmentado e de forma poligonal - observa-se parte da cabeça, bordo cervical e cernelha de um auroque picotado orientado para a esquerda (**Fr01-85**); apresenta os cornos em perspetiva biangular oblíqua, sendo o esquerdo em forma de S; ligeiramente apartado deste, reconhece-se a orelha disposta em ângulo agudo a partir do inicio do pescoço que suavemente passa a cernelha pouco antes da interrupção desta pela fratura do suporte; a linha fronto-nasal arranca a partir da base do corno direito e o pouco que dela resta é reto.

No sector superior direito – também ele bastante fragmentado e de forma poligonal – observa-se restos de outro quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**Fr01-86**); dele restam o bordo caudal da pata dianteira, encurvado na extremidade proximal, a linha ventral semielíptica e a pata traseira definida por dois bordos divergentes.

As restantes figuras deste painel encontram-se no sector inferior direito – que aparenta não estar tão fragmentado e é de forma sub-rectangular – sob densa concentração de picotados posteriores que quase cobrem o painel; à esquerda observa-se um equídeo orientado nessa direção (**Fr01-87**); é definido por um picotado descontínuo e encontra-se fraturado entre a crineira e o sector mesial da ponta do focinho; este é arredondado; o bordo ventral da cabeça é suavemente encurvado; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira define-se por bordos direitos, sendo aberta na extremidade distal; a passagem para o cilhadouro é em ângulo agudo; a linha ventral é semielíptica; o bordo cranial da pata traseira é bastante direito, sendo o caudal suavemente encurvado na zona de passagem para a nádega que é arredondada; a crineira é pronunciada; o dorso é direito e a garupa suave; a cauda é curta e mais espessa na zona da inserção.

À direita desta figura encontra-se um macho de cabra-montês orientado para a direita (**Fr01-88**); é definido por picotado mais contínuo e seguro; a cabeça apresenta uma linha fronto-nasal suavemente côncava, o focinho é arredondado e o bordo ventral suavemente encurvado; a nuca é direita, surgindo a partir desta o corno esquerdo que se prolonga tenuemente em linha reta; o direito apresenta a usual terminação em S; o conjunto encontra-se representado segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o olho, a boca e a pera correspondem aos únicos detalhes anatómicos discerníveis; o bordo cervical é reto e a cérvico-dorsal convexa; a cauda é definida pelos usuais três traços paralelos entre si; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes na extremidade proximal, não apresentando casco; o seu bordo cranial e a linha ventral, semielíptica, perfazem um ângulo quase reto; a pata dianteira apresenta uma clara distinção entre o antebraço triangular e a canela reta; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

A face inferior é a mais historiada; apresenta uma forma irregular e a mesma cor cinzenta com algumas manchas de óxido que o anteriormente descrito; tal como no caso daquele, as fraturas e a microtopografia da rocha dividem-no em sete painéis que delimitam outras tantas composições. A intensidade das sobreposições – apenas ultrapassada pela da rocha 1 da Quinta da Barca – torna difícil a leitura de todos os traços presentes que se mesclam com as figurações identificadas; deste modo, e sob pena de cairmos em esterilidades que neste ponto não nos levariam à prossecução dos objectivos a que nos propomos, ater-nos-emos apenas às figurações claramente identificadas enquanto tal; procuraremos na medida do possível seguir a ordem pelas quais foram executadas. Uma vez que nem todas as figurações integram a mesma estrutura estratigráfica não podemos com a segurança desejável saber qual a figura ou sector da rocha que foi gravada/o primeiro. Podemos, no entanto afiançar que no momento em que o painel E já estava profusamente gravado (com pelo menos catorze motivos) e o C dispunha já de oito, ainda o G dispunha de poucas gravuras (no máximo com três), como se depreende da posição de **Fr01-28** na matriz (Fig. 96). Sabemos também que quando é gravado no painel E **Fr01-42**, já o F estava praticamente preenchido; após a gravação do motivo nomeado atrás só foram gravados um motivo no painel E e quatro no F. Por outro lado, **Fr01-42** cobre também **Fr01-41** localizado no painel C; ora quando este é feito, já a série inicial do painel E estava concluída e só após este são gravados os restantes nove do C; o painel D encontra-se de forma lateral inserido na matriz estratigráfica, sendo que tudo o que podemos dizer é que o motivo mais antigo do painel foi feito antes de **Fr01-48** que inaugura a última série do painel C. Já os painéis B e C, assim como outras cinco unidades gráficas encontram-se fora da matriz principal.

Não podendo garantir nada quanto à unidade que foi gravada primeiro, podemos, pelo que foi referido atrás, perceber que é entre os painéis E e F que se encontram as primeiras grandes concentrações. Comecemos então pelo último destes dois.

A série é inaugurada, muito provavelmente, por uma figura que se isolou já em gabinete; trata-se de um veado conseguido por incisão simples orientado para a direita (**Fr01-05**); o bordo traqueal é reto, apresentando o peito alguma convexidade; a cabeça é de tendência triangular e apontada para cima em posição de brama; apenas se observa uma haste com estoque e ponta intermédia; do bordo cervical pouco resta, devendo este prolongar-se por debaixo do de **Fr01-04**.

Sobre a figura anterior foi picotado um equídeo orientado para a direita (**Fr01-01**); a cabeça falta-lhe por fratura do suporte; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa convexa; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida apenas pelo seu bordo caudal curvo, encontrando-se o cranial, muito provavelmente sob, o peito de **Fr01-44**; a cauda é comprida e ligeiramente encurvada, arrancando diretamente da garupa; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por bordos retos, sendo aberta na extremidade distal; o peito é convexo e o arranque do bordo traqueal reto.

Sobre esta figura foi gravado novo cavalo, também ele picotado e orientado à direita (**Fr01-02**); a cabeça encontra-se fraturada na zona da fronto-nasal; a crineira é arredondada e não se distingue do bordo cervical; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa arredondada, prolongando-se o sulco que a define pela cauda, que é atirada para trás e de curvatura evidente; a sua raiz é, aparentemente, de forma subtriangular; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a linha ventral é convexa; o membro anterior é definido por dois bordos retos; o cranial só suavemente se distingue do peito que é subtilmente convexo; o bordo traqueal é reto; o bordo ventral da cabeça apresenta clara distinção entre a ganacha arredondada e o queixo reto; do focinho só se observa o arranque convexo.

Sobre esta figura foi picotado um capríneo, de espécie e género indeterminados, orientado para a direita numa posição de ligeiramente inclinada para cima (**Fr01-03**); a cabeça não se encontra devido a fratura do suporte; a cérvico-dorsal apresenta dorso suave e garupa tenuemente convexa; a cauda é representada por dois traços atirados para trás e paralelos entre si; a nádega quase não se pronuncia, marcando ligeira concavidade a passagem para a pata traseira; o bordo cranial desta e a ligação ao ventre encontra-se sob uma série de sulcos pertencentes a figuras posteriores; a dianteira é definida por um bordo caudal reto, reaproveitando como bordo cranial o da pata anterior de **Fr01-01**; o peito é convexo e o bordo traqueal é reto; destaque-se a ausência de cascos em ambos os membros; refira-se ainda que do ponto de vista técnico a zona dorsal foi alvo de abrasão.

Sobre estas figuras foi picotada a parte dianteira de uma grande cerva orientada para a direita (**Fr01-04**); a cabeça encontra-se fraturada na zona do focinho que tudo indica ter sido pontiagudo; a linha fronto-nasal é reta, dela arrancando o primeiro de três traços curtos verticais que poderão corresponder às orelhas (neste caso representados "em área"), representadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical é reto, arrancando este em ângulo obtuso de uma nuca que, também ela reta, surge da haste/orelha da esquerda; o bordo ventral da cabeça é reto, assim como o bordo traqueal; o peito é convexo; a pata dianteira – a que falta o casco – define-se por dois bordos retos; o ventre é semielíptico e curto por comparação com o resto da figuração; da pata traseira apenas resta o bordo cranial reto; refira-se ainda a ocorrência de abrasão na zona do bordo traqueal.

Sobre esta cerva foram gravados os motivos **Fr01-06** e **Fr01-07**. O primeiro corresponde ao que parece ser uma linha ventral semielíptica e o bordo caudal de uma pata dianteira de um animal orientado para a direita. O segundo corresponde ao que com todas as reservas poderá ser uma cabeça de cerva reduzida ao bordo cervical, um curto corno que com aquele perfaz um ângulo quase reto, uma linha fronto-nasal reta e focinho arredondado; a relação entre o pescoço e a linha fronto-nasal indicam-nos que o animal estaria com a cabeça projetada para a frente.

O animal anterior sobrepõe também um veado orientado para a direita (**Fr01-08**). O seu contorno é definido mediante incisão simples e múltipla (zonas da cabeça, pescoço, peito, parte da garupa e do bordo cranial da pata dianteira); apresenta linha fronto-nasal bastante vincada e de perfil sinuoso, o focinho é pontiagudo e o bordo ventral da cabeça reto; o bordo cervical é longo, sendo bem evidente a passagem para a cérvico-dorsal cuja retidão é apenas interrompida por ligeira convexidade na zona do garrote; a garupa está evidenciada; a nádega é pouco pronunciada por oposição à passagem desta para a pata posterior; esta é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é algo convexa; a pata dianteira define-se por dois bordos retos; o bordo traqueal é reto; as hastes apresentam-se em perfil biangular oblíquo; apenas está representado um estoque; da haste esquerda observa-se apenas a coroa enquanto da direita (atirada para trás) se percebe não só a coroa como ponta intermédia; no interior do corpo observa-se um traço que do bordo cervical se prolonga até ao flanco do animal, um outro que terminando no terço caudal do anterior arranca da zona do focinho, e um último que, arrancando do bordo traqueal, parece delimitar a barriga do animal.

Fr01-07 é sobreposto por **Fr01-09**; este corresponde a vestígios de um capríneo picotado orientado para a esquerda; dele apenas se observa o arranque do bordo cervical, que com a cérvico-dorsal perfaz um ângulo reto; esta é convexa; a cauda é definida por dois traços paralelos ente si; a nádega é algo convexa e a passagem para a pata traseira subtil; esta é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; um traço sob a zona do pescoço poderá corresponder ao bordo caudal da pata dianteira; parte da cérvico-dorsal encontra-se abradida.



Fig. 95: Rocha 1 do Fariseu (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida, J. Félix e pelo autor). A vermelho sinaliza-se reconstrução de Fr01-36, a partir do fragmento exumado em escavação.

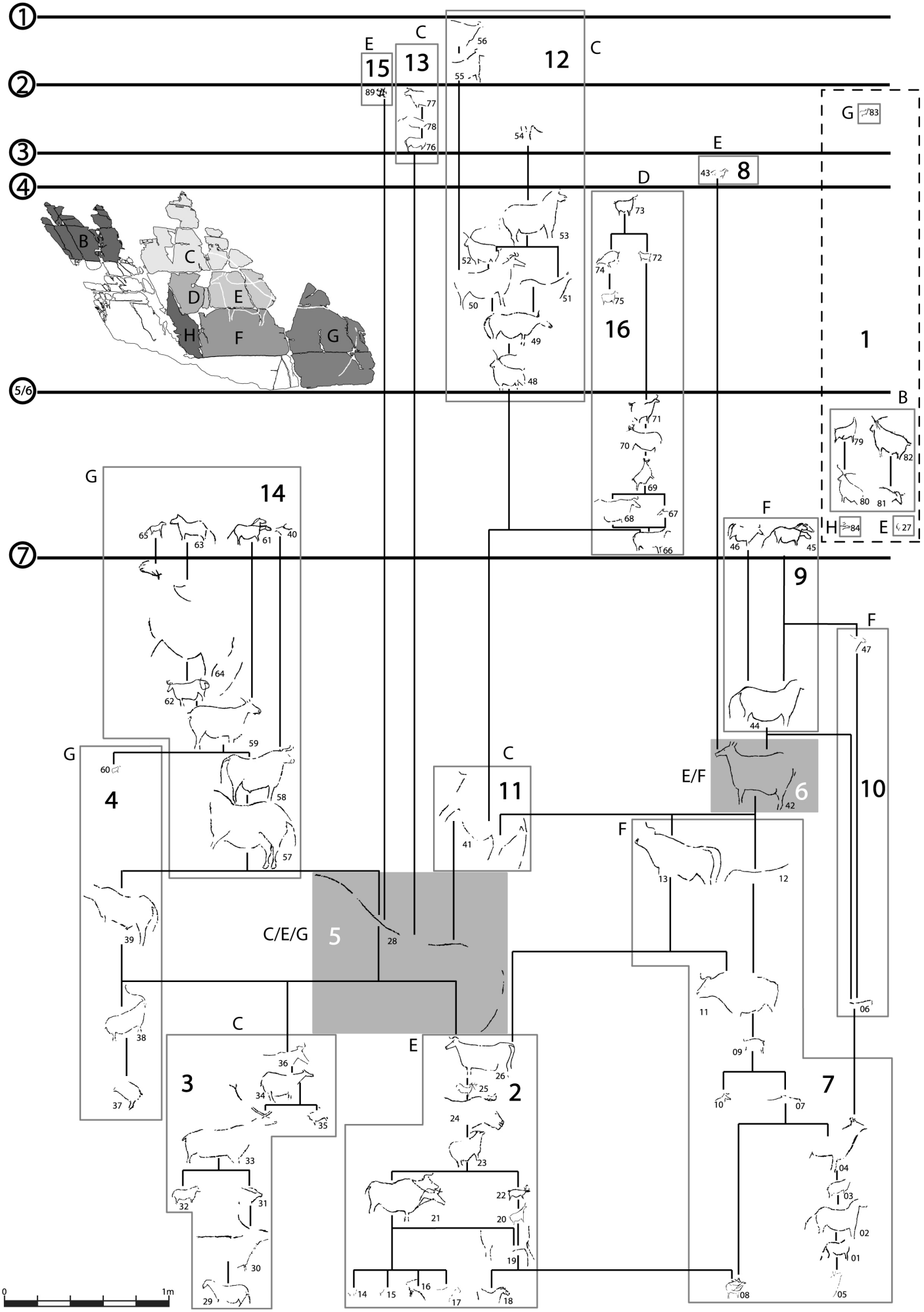


Fig. 96: Relação entre as estratigrafias parietal e sedimentar da rocha 1 do Fariseu (a partir de figura originalmente publicada em Aubry, Santos & Luís, 2014, 263).

A unidade gráfica precedente sobrepõe também **Fr01-10**; trata-se de cabeça de auroque orientada para a direita; apresenta fronto-nasal convexa, focinho reto e bordo ventral algo convexo; observa-se ainda o arranque do bordo traqueal, de tendência também convexa; apenas se observa um corno projetado para a frente; a nuca é direita; da cérvico-dorsal também só se observa o arranque onde ainda se parece identificar a cernelha; os sulcos definidores da cabeça e do dorso até à cernelha foram alvo de abrasão.

Fr01-09 é sobreposto por **Fr01-11**. Este corresponde a um auroque macho picotado, orientado para a esquerda. Trata-se de um imponente animal que apresenta uma cabeça maciça onde se identifica um olho e a narina; a linha fronto-nasal é reta, bem como o focinho que é parcialmente completado por fratura pré-existente; o bordo ventral da cabeça é reto e a goela côncava; uma barbela encontra-se sobre a zona do bordo traqueal/ peito; apenas se observa um corno representado sob a forma de um S deitado e em perfil absoluto; a orelha linear surge atrás daquele; esta perfaz com a cérvico-dorsal um ângulo agudo; a cernelha é pronunciada, sendo que parte dela e do dorso do animal se encontram sob a cérvico-dorsal do cavalo **Fr01-44**; uma quebra na zona da garupa, antes da passagem para a nádega pouco pronunciada, faz-nos pensar na hipótese de esta representar também a cauda que de outra forma estaria ausente; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; na linha ventral observa-se a bainha convexa e a cilheira quase reta; da pata dianteira só foi gravado o bordo caudal reto.

Fr01-11 é depois sobreposto por **Fr01-12** e **Fr01-13**, unidades gráficas que completam a primeira série do sector; **Fr01-12** corresponde a uma cérvico-dorsal suavemente côncava, onde se destaca uma garupa saliente; é picotada e pertenceria a um animal orientado para a direita. O segundo animal corresponde a outro auroque macho orientado para a esquerda; apresenta também uma cabeça maciça com focinho arredondado, completado parcialmente por fratura do suporte, tal como a linha fronto-nasal reta; um traço suavemente curvo define os bordos ventrais da cabeça e do pescoço; a barbela é convexa, encontrando-se bem destacada da pata dianteira apenas definida bordo cranial reto; na cabeça, o focinho apresenta delimitação interior, nele se encontrando a representação da boca e narina através de dois curtos traços paralelos entre si; apenas se observa um longo corno em S que se prolonga para painel E; a cérvico-dorsal apresenta cernelha convexa, dorso côncavo e garupa reta; esta prolonga-se por longa cauda linear; a nádega é pouco pronunciada; a pata traseira é larga, sendo definida por bordo caudal de tendência reta e cranial curvo; na linha ventral observa-se a bainha e o ventre convexo; a cilheira poderá encontrar-se sob o ventre do cavalo **Fr01-44**; é este facto que poderá explicar a abrasão existente apenas nessa zona em particular do motivo referido. O auroque a que nos temos vindo a referir sobrepõe animais da primeira série do painel E, desde logo o que o finaliza (**Fr01-26**). Passemos à descrição dessa série.

Na base encontramos as figuras **Fr01-14**, **16**, **17**, **18** e **19**. A primeira corresponde a um conjunto de traços incisos que poderá definir partes de um quadrúpede orientado para a direita; a ser assim reconhece-se a extremidade distal de uma cauda, uma nádega convexa, uma pata traseira definida por dois bordos retos e, possivelmente, o bordo caudal reto da pata dianteira, o peito convexo e o bordo traqueal reto (este definido por contorno múltiplo).

Fr01-15 corresponde a uma pata, peito e bordo traqueal de um animal inciso virado para a direita.

Fr01-16 corresponde a um macho de cabra-montês picotado orientado para a esquerda; apresenta cabeça oval e longo corno curto atirado para trás; o bordo traqueal é reto e o peito reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; a linha ventral é reta, prolongando-se em curva pelo bordo cranial da pata traseira.

Fr01-17 corresponde à zona anterior de um cavalo inciso, definido por contorno simples e múltiplo (bordo traqueal, linha fronto-nasal, focinho e peito) orientado para a direita; a pata dianteira define-se por uma incisão simples subvertical, o peito é convexo e o bordo traqueal algo côncavo; do bordo ventral da cabeça observa-se o arranque da ganacha; o focinho é reto bem como a linha fronto-nasal (no seu conjunto a cabeça é maciça e de contorno sub-retangular); da cérvico-dorsal observa-se um ténue garrote e a passagem para o dorso reto; a zona da crineira encontra-se sob o corno de **Fr01-23**; esta última figura a que voltaremos mais adiante corresponde a um macho de cabra-montês com a cabeça levantada e um corno a assentar sobre a fronte; este modo estranho de resolver a figuração deve prender-se com a forma da crineira subjacente, que neste caso seria em escada.

A última figuração da base da série corresponde à representação parcial de um cavalo picotado orientado para a direita (**Fr01-18**); apresenta uma cabeça bastante modelada – a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa, o focinho praticamente reto e no bordo ventral é evidente a separação entre a ganacha convexa e o queixo reto; a goela é côncava e o bordo traqueal reto; na cabeça observa-se um olho e a narina; uma orelha observa-se separada da crineira que é em escada e parcialmente delimitada interiormente; da cérvico-dorsal só se observa um dorso profundamente côncavo; um traço subvertical situado um pouco atrás pode corresponder à nádega e bordo caudal da pata traseira do animal.

O último motivo, tal como **Fr01-08** do painel F, encontra-se sobreposto por **Fr01-19**; trata-se de uma representação parcial de um quadrúpede orientado para a direita; dele observa-se um bordo traqueal reto, um peito convexo, uma pata dianteira definida por um bordo cranial reto e um caudal curvo, uma linha ventral reduzida ao cilhadouro algo reto, uma pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes e uma nádega convexa; o ventre encontrar-se-á sobre o de **Fr01-21**.

A figura que acabámos de descrever é sobreposta por **Fr01-20** e, tal como as restantes figurações da base da série, **Fr01-21**.

O primeiro corresponde à representação de um cervídeo orientado para a direita conseguido através da incisão forte e repetida, originadora de um sulco de perfil anguloso; a cabeça apresenta forma sub-retangular com linha fronto-nasal ligeiramente côncava, focinho e bordo ventral retos; como detalhes anatómicos, refira-se a boca e o olho; dois varetos estão representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; apresenta um pescoço bem demarcado quer da cérvico-dorsal – cuja garupa se sobreleva relativamente ao dorso – quer do peito de perfil algo convexo; as patas são definidas por bordos sub-retilíneos convergentes na zona dos cascos (ausentes); a linha ventral é semielíptica; a nádega é convexa; a cauda é representada apenas por um traço horizontal que arranca da terminação da nádega; entre este traço e o final da garupa observa-se um vazio; a zona do braço está definida interiormente por um traço no interior do tronco do animal (traço esse feito sobre a crineira de **Fr01-18**); refira-se ainda o facto do animal – provavelmente correspondente a um macho juvenil devido à presença dos varetos – se encontrar com a cabeça levantada em pose de quem cheira ou come algo que se encontra numa posição superior.

Fr01-21 corresponde a um auroque picotado orientado para a direita e possuidor de duas cabeças; a cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada, dorso reto e garupa algo convexa; a cauda é curta e a sua raiz de forma subtriangular; a nádega é convexa; a pata traseira define-se por dois bordos curvos, paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, ligeiramente divergentes na extremidade distal; o peito é convexo; o bordo traqueal da cabeça superior é convexo; a cabeça, de forma campanulada, apresenta ganacha e queixo retos, sendo ambos separados por estrangulamento do sulco; a linha fronto-nasal é reta e o focinho desapareceu devido a fratura do suporte; dos detalhes anatómicos apenas se percebe um olho; os cornos estão representados em perspetiva biangular oblíqua; arrancando o direito por trás da nuca e o esquerdo da extremidade da fronte; uma orelha linear parece definir-se atrás do corno direito; o bordo cervical é côncavo. A segunda cabeça está orientada para baixo; o seu bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo retos; retos são também o focinho e a linha fronto-nasal; o bordo cervical é côncavo, assim como o ventral; os cornos (em lira) estão representados em perspetiva biangular reta. Um traço em ângulo localizado entre o ponto de arranque dos bordos ventrais do pescoço e a ganacha da segunda cabeça faz-nos pensar na possibilidade de ter existido um primeiro esboço de cabeça entretanto abandonado (podendo, no entanto, tal grafismo corresponder a uma unidade gráfica da chave IXa).

Fr01-20 é, entretanto, sobreposto por **Fr01-22**; este corresponde a um rupicaprino picotado e abradido com o corpo orientado para a direita, possuindo também duas cabeças, uma delas virada para trás; o animal apresenta uma cérvico-dorsal semielíptica; dois traços horizontais picotados conformam a cauda; a nádega é convexa; as patas são definidas por dois traços paralelos entre si e de tendência convergente na direção da extremidade distal; orientam-se em direções opostas, facto que confere grande dinamismo ao animal; a linha ventral é convexa; o peito é convexo; o bordo traqueal da cabeça inferior é côncavo; essa cabeça apresenta bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; o focinho é convexo e a linha fronto-nasal curta e de tendência retilínea; todo o interior da cabeça se encontra preenchido por picotagem; o corno é atirado para a frente e em forma de gancho; a segunda cabeça está muito fraturada, reconhecendo-se bem um pescoço longo que arranca da goela e do bordo cervical da primeira cabeça; da que agora nos ocupa, observa-se o bordo ventral reto e levantado, e um corno atirado para trás; um traço picotado, entre o arranque da ganacha e o bordo cervical, pode corresponder a esboço prévio à abrasão.

Quer a unidade gráfica anterior, quer **Fr01-21** estão sobrepostos por **Fr01-23**, que corresponde a um macho de cabra-montês picotado (e parcialmente abradido) orientado para a direita; este apresenta bordo cervical côncavo, e cérvico-dorsal com dorso reto e garupa algo convexa; a cauda ou é marcada por um vazio ou encontra-se sobreposta pela narina e boca de **Fr01-26**; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; na linha ventral observa-se a bainha e a cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a linha fronto-nasal é também reta, encontrando-se o focinho aberto; um traço aí pode configurar uma de duas coisas: ou o limite entre a boca e a narina ou a língua do animal; o corno arranca da fronte, o que se deve explicar pela forte possibilidade de apropriação da crineira do cavalo **Fr01-17**, como referimos durante a descrição do mesmo; neste caso, a cérvico-dorsal daquele animal pode também corresponder à continuação do corno que dessa forma adquire a tradicional forma em S. O bordo traqueal do animal foi, numa fase posterior à gravação de **Fr01-42**, alvo de abrasão.

O animal a que nos temos vindo a referir é sobreposto por **Fr01-24**; trata-se da cabeça picotada de um auroque macho orientada para a direita; apresenta cernelha pronunciada e dorso côncavo; o traço que resta da linha fronto-nasal é reto, assim como o largo focinho; no bordo ventral da cabeça reconhece-se a ganacha reta e o queixo ligeiramente levantado por oposição àquela; o bordo traqueal é reto; os dois cornos encontram-se dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita em forma de S deitado e o da esquerda curvo; reconhece-se ainda uma pequena orelha, a boca e a narina.

O motivo precedente é sobreposto por um pequeno veado picotado, e posteriormente abradido, com o corpo orientado para a direita e a cabeça virada para trás (**Fr01-25**); apresenta pescoço longo e grácil, e cabeça de forma subtriangular, com bordos fronto-nasal e ventral subtilmente convexos; o focinho é apontado e arredondado; as hastes estão representadas em perfil biangular oblíquo,

encontrando-se os estoques algo separados; da haste direita observa-se o estoque, a ponta intermédia e a coroa; da esquerda apenas o estoque e o tronco; a cérvico-dorsal apresenta dorso e garupa pronunciadas; o que resta da nádega denota o seu encurvamento; da pata traseira só resta o bordo cranial algo convexo; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos retos ligeiramente divergentes na base; o sulco que configura o peito/ bordo traqueal é convexo; de detalhes anatómicos só se observa um olho exclusivamente picotado.

A figura anterior é sobreposta por **Fr01-26**, que corresponde a um auroque orientado para a esquerda; apresenta cabeça de forma subtrapezoidal com linha fronto-nasal ligeiramente côncava; bordo ventral com ténue separação entre ganacha, subtilmente convexa, e queixo reto; o focinho é igualmente reto; observa-se no interior da cabeça a narina, a boca e um olho circular; apenas está representado um corno em S deitado; se bem que de difícil confirmação devido à sobreposição de **Fr01-42**, a orelha parece estar representada; a linha cérvico-dorsal é praticamente direita até ao arranque da garupa, se bem que seja clara a existência de uma discreta cernelha; a garupa é bastante angulosa prolongando-se através de quebra acentuada para uma longa cauda em S; a raiz da cauda é foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal no qual se reconhece o jarrete, podendo a ausência de bordo cranial dever-se quer a fratura do suporte quer ao aproveitamento dessa mesma fratura como bordo cranial; a linha ventral apresenta ventre convexo e fortemente marcado, e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Como se referiu atrás, **Fr01-13** do painel F sobrepõe **Fr01-26** da primeira série do painel E. Ora, esta unidade é também sobreposta por **Fr01-28**, que corresponde a uma enorme cérvico-dorsal e cauda – provavelmente de um equídeo dada a sua forma em S pronunciado – picotada e orientada para a esquerda; esta atravessa não só o painel a que nos referimos como também o C e o G.

Comecemos pela descrição da primeira série do painel C. **Fr01-29** corresponde à figura mais antiga; esta corresponde a um cavalo picotado orientado para a esquerda; na cabeça, a linha fronto-nasal apresenta fronte bem demarcada do chanfro; também no bordo ventral da mesma a ganacha convexa se distingue do queixo reto; o focinho parece ser pontiagudo na zona dos beiços, facto que não se pode demonstrar com segurança devido a sobreposição de traço sobre ele; a boca e a narina também aparecem representadas; a crineira – não delimitada interiormente – arranca diretamente da fronte; a cérvico-dorsal apresenta dorso com ténue concavidade e garupa convexa que cai diretamente para a cauda; o troço desta é linear e a sua raiz foliforme; a nádega é quase direita; na pata traseira é discernível a diferenciação entre coxa triangular e canela reta (tal como ocorria com o capríneo **Fr01-88**); o linha ventral é profundamente convexa; da pata dianteira só resta o bordo cranial que corresponde a um sulco curto de tendência curva; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; este foi abradido no seu sector cranial.

Em seguida foi gravada **Fr01-30**; esta corresponde a representação parcial de um veado picotado orientado para a direita; observa-se a cilheira reta; a pata dianteira definida por dois bordos retos paralelos entre si, o peito convexo e o bordo traqueal côncavo; da cabeça – que seria *grosso modo* triangular - observa-se a linha fronto-nasal convexa e o bordo ventral reto; reta é também a cérvico-dorsal; da haste só se observa um longo tronco curvo e atirado para trás.

Sobre este motivo foi gravado **Fr01-31**; trata-se da dianteira de um macho de cabra-montês picotado e parcialmente abradido, orientado para a direita; apresenta cérvico-dorsal reta e bordo cervical curto; da pata dianteira apenas se reconhece o bordo cranial reto; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a cabeça está levantada e tem forma sub-retangular; o seu bordo ventral é curto e reto, a linha fronto-nasal direita, e o focinho aberto com pequeno traço entre o chanfro e o queixo que tanto pode corresponder à língua como à separação entre a boca e a narina; o corno é curto e curvo; observa-se ainda a pera; a linha fronto-nasal e o bordo traqueal foram abradidos após picotagem.

Este animal e **Fr01-32** estão sobrepostos por **Fr01-33**. **Fr01-32** parece corresponder a um auroque macho picotado orientado para a direita; da cabeça só resta o bordo ventral de tendência convexa e parte da fronte; no topo dois traços poderão corresponder a orelha e corno (ou dois pequenos cornos); na cérvico-dorsal observa-se a cernelha convexa, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é curta e linear, não se observando a sua raiz devido à sobreposição do capríneo **Fr01-52**; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos atirados para trás e subparalelos entre si, sendo que no cranial se percebe a separação entre a coxa e a canela; o ventre é convexo e a cilheira côncava; o bordo caudal da pata dianteira é curvo e o cranial reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. A dimensão dos cornos e a forma da cabeça faz-nos pensar nesta figura como vitelo.

Fr01-33 corresponde a imponente veado picotado, orientado para a direita; a cabeça está ligeiramente levantada e é de tendência subtriangular; o seu bordo ventral apresenta ligeira separação entre a ganacha e o queixo; o focinho é arredondado e a fronte reta; de detalhes na cabeça apenas se observa a boca; no topo da cabeça observa-se haste parcialmente contornada, com estoque e coroa composta por duas pontas; o bordo cervical é reto; na cérvico-dorsal aprecia-se um garrote convexo, o dorso reto e a garupa suave; a cauda é foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos, sendo que no cranial se observa a separação entre a coxa e a canela; o ventre é convexo e a cilheira reta; a pata dianteira parece reduzir-se a uma larga coxa subtriangular; o peito é imperceptível e o bordo traqueal reto, encontrando-se parcialmente sobreposto pelo de **Fr01-34**; a goela corresponde a forte

ângulo obtuso, em concordância com a posição levantada da cabeça; refira-se ainda a presença de abrasão no bordo cervical.

O motivo precedente é sobreposto por **Fr01-34**, que corresponde a uma cerva picotada e parcialmente abradida, orientada para a direita; apresenta uma cabeça de tendência subtrapezoidal; a linha fronto-nasal é ligeiramente côncava; o focinho é reto e o bordo ventral da cabeça em ténue S deitado, aí se observando bem a separação entre a ganacha e o queixo; entre os detalhes anatómicos refira-se o olho e a boca; as orelhas são lineares, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua; na cérvico-dorsal o dorso subtilmente côncavo e a garupa acentuada e angulosa que desce gradualmente até à cauda; a esta falta-lhe o lado inferior do "triângulo" (a linha entre a extremidade distal e a nádega) que poder-se-á encontrar sob o corno esquerdo de **Fr01-48**; a nádega é arredondada; a pata traseira define-se por dois bordos tendencialmente curvos, subparalelos entre si sendo que no caudal se pode observar o jarrete; o traço que nos resta da linha ventral é reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito desapareceu devido à fracturação do suporte; o bordo traqueal é reto; as relações dorso/ pescoço, ganacha/ pescoço e a disposição das orelhas denunciam a posição levantada da cabeça; pescoço, orelhas, bordos ventral e dorsal da cabeça estão abradidos.

O motivo anterior cobre também **Fr01-35**, que corresponde a possível capríneo picotado, orientado para a direita e disposto em posição de subida; observa-se parte da garupa – aparentemente de tendência convexa, o traço inferior da cauda, a nádega arredondada, a pata traseira definida por dois bordos curvos convergentes na extremidade distal, o ventre convexo, a cilheira reta e a pata dianteira definida por dois bordos retos; um pequeno traço situado acima da fratura do suporte pode corresponder à ponta de um corno.

Por sua vez **Fr01-34** é sobreposto por **Fr01-36**; corresponde este à cabeça e parte da cérvico-dorsal de um auroque picotado e parcialmente abradido, orientado para a direita; a cabeça tem forma subtrapezoidal com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, se bem que neste último se observa ligeira inflexão na zona do queixo; do focinho só se observa o arranque inferior, aparentando este ser reto; no interior da cabeça observa-se ainda um olho; os cornos apresentam-se em perspetiva biangular oblíqua – o direito que arranca da extremidade da fronte é em forma de lira e o esquerdo está reduzido a uma linha horizontal com quebra para baixo na extremidade proximal; atrás foi gravada a orelha (correspondente a um traço reto atirado para trás), a partir da qual se desenvolve a cérvico-dorsal que é de tendência reta mas com cernelha bem evidenciada; o bordo traqueal – única parte do animal abradida – é reto.

Sobre esta figura encontra-se a grande cérvico-dorsal **Fr01-28** descrita anteriormente. Quando esta foi gravada estavam pelo menos já presentes no painel G duas figuras: **Fr01-37** e, sobre esta, **Fr01-38**. A primeira corresponde a um capríneo acéfalo picotado, orientado para a esquerda e inclinado para cima; possui uma cérvico-dorsal convexa e uma cauda definida por um só traço horizontal (o ventral poderá estar sob o corno de **Fr01-59**); a nádega é suavemente arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos, sendo o cranial reto e o caudal modelado, aí se reconhecendo a forma do jarrete; a linha ventral é reta; a pata dianteira é seguramente definida por um bordo caudal reto, podendo um traço reto em frente corresponder ao seu bordo cranial.

Sobre esta figura encontra-se outro capríneo picotado (o referido **Fr01-38**), desta feita orientado para a direita; a linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral da cabeça são definidos pelo limite do suporte; a cabeça é, portanto, de "origem natural" e, neste caso, bastante modelada, sendo perfeitamente evidente a divisão entre as zonas da fronte e chanfro; apenas possui um longo corno em S; dois pontos no interior poderão corresponder aos olhos que, desta forma, se encontram em perspetiva biangular reta; a orelha – atirada para trás – é linear; a partir daqui um traço define sucessivamente a nuca, o bordo cervical, o dorso e a garupa que é arredondada; na terminação desta observa-se ainda o arranque do bordo dorsal da cauda; o ventral está tombado e liga-se à extremidade da nádega; esta é fortemente arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal de tendência curva e um cranial reto; na linha dorsal observa-se o ventre convexo e a cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos divergentes; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; o bordo cranial da pata traseira, a linha ventral e a garupa foram alvo de abrasão.

Uma unidade mais foi efectuada sobre a anterior sem que mantenha relação com **Fr01-28**, pelo que não podemos afiançar que foi feita depois dela. Trata-se de um auroque macho picotado orientado para a esquerda (**Fr01-39)**; da cabeça observa-se o bordo ventral algo convexo; uma barbela encontra-se sobre o bordo traqueal e o peito; o corno é em S deitado; daqui arranca o garrote separado daquele por curto bordo cervical; a cernelha é pronunciada, assim como a garupa, fortemente angulosa; o troço da cauda é linear e curva, e a sua raiz foliforme; a pata traseira é definida por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si; na linha ventral observa-se a bainha e a cilheira reta; a pata dianteira é definida apenas por um bordo reto, sendo difícil discernir se corresponde ao caudal ou ao cranial.

Tendo terminado a descrição dos motivos que, no painel G, são anteriores e dos que a análise estratigráfica não impede que sejam anteriores à grande cérvico-dorsal **Fr01-28**, voltemos ao painel C e debrucemo-nos sobre o único animal que dos que restam foi seguramente gravado após aquele motivo e antes de **Fr01-42** (que cobre as primeiras séries dos painéis E e F). Trata-se de um cavalo picotado, orientado para a esquerda e inclinado para cima (**Fr01-41**); ocupa praticamente todo o painel C, faltando-lhe grande parte da cabeça devido a fratura do suporte; a cérvico-dorsal parece corresponder em grande medida a releitura da haste de **Fr01-26**; a longa cauda é curva e, por certo, prolongaria a cérvico-dorsal do animal; a raiz é subtrapezoidal; a nádega é também arredondada;

a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si; a figura é interrompida na extremidade proximal do bordo cranial da pata; um traço muito direito, existente no fragmento mais alto do painel, pode corresponder ao bordo traqueal; acima deste observa-se o que pode corresponder à ganacha, neste caso bastante convexa.

Todas as gravuras que seguidamente descreveremos nos painéis C, E e F foram efetuadas após **Fr01-42**, unidade que passaremos a descrever; situa-se em grande medida no painel E (ocupando-o praticamente todo), se bem que patas e linha ventral estão já no F; o animal corresponde a uma cerva picotada e parcialmente abradida orientada para a esquerda; apresenta uma cabeça de tendência subtrapezoidal; a linha fronto-nasal é bastante modelada percebendo-se bem a distinção entre fronte e chanfro; o focinho á aberto com traço a meio separando narina e boca; a ganacha é convexa e o queixo reto; no topo três traços podem corresponder às duas orelhas abertas no topo, dispostas em perfil biangular reto; no interior da cabeça observa-se um olho circular (tal como o do auroque **Fr01-26**); o bordo cervical é curto; a cérvico-dorsal é direita e ligeiramente arredondada e levantada na zona da garupa; a cauda é curta e caída sobre a nádega; esta é suavemente convexa; a pata traseira é definida por dois bordos; no caudal observa-se o jarrete enquanto no cranial é patente a separação entre a coxa e a canela; o ventre é proeminente prolongando-se pelo flanco do animal; a cilheira é reta; a pata da frente é também definida por dois bordos onde o antebraço está também subtilmente representado; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; entre os traços abradidos refira-se o bordo cranial da pata dianteira e a cilheira.

No painel E, após a gravação deste imenso animal foi gravado apenas mais outro; trata-se de um pequeno cavalo conseguido por incisão orientado para a direita (**Fr01-43**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta e focinho largo e arredondado; no bordo ventral é evidente a distinção entre a ganacha pronunciada (que, diga-se, se prolonga pelo interior da cabeça) e o queixo arredondado e descaído quase em forma de "bico de pato"; a crineira está separada do pescoço, é curva e levantada relativamente ao limite da fronte; o olho está também presente; na linha cérvico-dorsal observa-se o dorso côncavo e a extremidade caudal da garupa convexa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira define-se por dois bordos curvos para o interior, paralelos entre si; a linha ventral está reduzida ao cilhadouro reto; sem ligação direta com esta parte do animal, observa-se alguns traços que podem corresponder à traseira; a já referida garupa, a cauda onde se reconhece os *intugmenta* correspondentes; um pequeno traço mais abaixo pode representar sumariamente a passagem da nádega para a coxa; outros três poderão corresponder à zona inguinal e representação do músculo da coxa no flanco do animal; o animal define-se essencialmente por contorno múltiplo; apenas a linha fronto-nasal, o bordo cranial da pata dianteira, a cérvico-dorsal e todos os quartos traseiros à exceção da cauda são simplesmente delineados; para além dos pelos da cauda, são reconhecíveis os da crineira, do cilhadouro, do bordo traqueal e do peito.

Neste painel observa-se ainda possível cavalo inciso orientado para a direita, sem relação direta com nenhuma das unidades que aqui se encontram (**Fr01-27**); dele observa-se membro posterior, cauda e arranque da garupa. Sem relação de continuidade, observa-se à sua direita e já para lá do dos bordos caudais de **Fr01-19** e **Fr01-21**, os possíveis bordos traqueal e cranial da sua pata dianteira. A ser assim, a descontinuidade entre os diferentes elementos anatómicos poderiam indiciar a posteridade de **Fr01-27** relativamente a estas unidades em concreto.

Finalmente, há que ter em conta um outro motivo (**Fr01-89**) que localizando-se no topo da estratigrafia do painel apenas mantém relação com **Fr01-41**; trata-se de um motivo com claras reminiscências antropomórficas; formalmente pode ser descrito como uma figura oblonga seccionada horizontalmente no último terço (corpo e cabeça?) e com um curto apêndice vertical na base (falo?); nos dois cantos inferiores surgem duas linhas quebradas que começam por ser verticais e se desenvolvem posteriormente para o exterior (pernas?); junto da secção do último terço surgem outras duas linhas quebradas (braços?), a da esquerda horizontal e depois vertical para cima e a da direita horizontal e depois vertical para baixo; entre a da direita e o último terço surge ainda outra linha vertical. Nada impede que este motivo seja já holocénico (cf. Fig. 96).

No painel F, após **Fr01-42**, foram gravados mais três unidades; a primeira corresponde a um grande cavalo picotado orientado para a direita (**Fr01-44**); é em tudo semelhante a **Fr01-02**, do qual só se distingue pelo tamanho; tendo em conta que este último se situa praticamente na base da estratigrafia e que entre ambos foram gravados pelo menos 8 animais só neste painel, é de tomar este facto como um forte indício da curta duração temporal deste processo de acumulação de animais na mesma superfície.

Fr01-44 é sobreposto por **Fr01-45** e **Fr01-46**. O primeiro corresponde um cavalo picotado e parcialmente abradido e inciso; a ele estão associadas três cabeças; a cérvico-dorsal apresenta dorso e garupa arredondadas; da extremidade da última sai uma longa cauda linear, atirada para trás e ligeiramente estrangulada a meio; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes na extremidade proximal; na linha ventral observa-se ventre pronunciado e cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo; a cabeça superior apresenta linha fronto-nasal convexa, focinho largo e arredondado, ganacha convexa e ténue representação do queixo reto; no interior observa-se a boca; a crineira é em escada e delimitada internamente; alguns traços incisos preenchem o seu interior; a segunda cabeça está a um nível inferior; apresenta bordo cervical longo que termina antes da orelha situada sobre a fronte; a configuração da cabeça é igual à anterior; a goela forma um

ângulo obtuso, em conformidade com a posição inclinada da cabeça; o bordo traqueal é reto, indo unir-se ao da cabeça anteriormente descrita; uma terceira cabeça arranca a partir da primeira, sendo bastante mais comprida que as anteriores; restringe-se ao bordo ventral algo convexo, linha fronto-nasal reta, e focinho apontado e de tendência reta; a crineira está separada da fronte se bem que ao mesmo nível; encontra-se delimitada internamente; como no caso das cabeças anteriores, apenas a boca foi gravada; as únicas partes do animal que foram abradidas correspondem à cérvico-dorsal, cilhadouro, bordo cranial da pata dianteira, peito, crineira e bordo traqueal da cabeça superior.

Sob figura precedente encontra-se uma outra que só mantém relação estratigráfica com **Fr01-06**, sobrepondo-a; trata-se de um cavalo orientado para a direita, picotado e parcialmente abradido e inciso (**Fr01-47**); na cabeça observa-se uma linha fronto-nasal com fronte e chanfro separados quer pela técnica (a primeiro é incisa, o segundo picotado) quer pela forma; o focinho é aberto mas os traços da narina e da boca permitem intuir a forma redonda; no bordo ventral da cabeça é perceptível a diferença entre a ganacha e o queixo; os traços picotados a que nos temos vindo a referir são formados por negativos pequenos e esparsos; o bordo traqueal é picotado e abradido, apresentando uma subtil concavidade; a crineira está sob o bordo traqueal da cabeça inferior de **Fr01-45**; um traço inciso prolonga-se a partir dela definindo uma cérvico-dorsal com dorso côncavo e arranque da garupa.

Fr01-46 corresponde à representação parcial de um auroque orientado para a direita, picotado e parcialmente abradido; a cabeça é alongada com linha fronto-nasal reta e bordo ventral ligeiramente convexo na zona da ganacha e reto na do queixo; o focinho é apontado e arredondado, assim como delimitado no interior; um traço inciso pode corresponder à boca e à língua; apenas foi gravado um corno ligeiramente curvo e apontado para cima; encontra-se a alguma distância da fronte; associado ao corno, um pequeno traço horizontal pode representar a nuca; da cérvico-dorsal só se observa parte do arranque da garupa e a extremidade caudal desta; a cauda é linear e curva; a nádega é angulosa; a pata traseira é definida por dois bordos; no caudal reconhece-se o jarrete, o cranial; juntamente com o pronunciado ventre configura uma zona inguinal bastante angulosa; a cilheira é reta; a pata dianteira define-se por dois bordos retos divergentes na extremidade distal; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; o bordo caudal da pata dianteira, a cilheira, o bordo traqueal, a ganacha, a linha fronto-nasal e o corno foram alvo de abrasão.

Voltemos agora ao painel C e vejamos o que foi gravado após **Fr01-41**. O primeiro animal a ser gravado corresponde a um macho de cabra-montês picotado e parcialmente abradido, orientado para a esquerda (**Fr01-48**); a cabeça é maciça; a linha fronto-nasal é de tendência reta com um ligeiro estrangulamento entre a fronte e o chanfro; o focinho é largo e arredondado; bordo ventral é curto e reto; apresenta ainda a narina e uma curta pera; os cornos estão representados em perfil biangular oblíquo, sendo o da direita curvo e o da esquerda em S; atrás deste observa-se a orelha a partir de onde sai um traço que, sucessivamente, vai definindo a nuca, o bordo cervical, um ténue garrote, um dorso suave e a garupa; foi gravado também o bordo dorsal da cauda, apontado para cima; em baixo encontra-se uma nádega arredondada e o bordo caudal da posterior esquerda curvo para o exterior; o bordo cranial corresponde a um traço ligeiramente curvo; o bordo cranial da dianteira de **Fr01-33** poderá corresponder também ao caudal da pata direita deste animal; o cranial é ligeiramente curvo; deste modo, o capríneo apresenta as duas patas traseiras vistas de acordo com uma perspetiva uniangular; a linha ventral arranca desta pata, apresentando ventre pronunciado e cilheira reta, a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal é reto.

Sobre o animal anteriormente descrito foi gravado por picotagem um auroque virado para a direita (**Fr01-49**); a fronte, um corno e a nuca desapareceram devido a fratura do suporte; a cabeça é bastante longa; o que resta da linha fronto-nasal (o chanfro) é de tendência convexa bem como a ganacha que se diferencia do queixo recto; no interior observa-se a narina e a boca; o corno remanescente é curvo; logo atrás situa-se a orelha linear; daqui arranca a longa cérvico-dorsal com cernelha, dorso e garupa bem marcadas; a cauda arranca do final da garupa, sendo longa e bastante encurvada; a raiz é foliforme; a nádega é convexa, acabando numa inflexão que marca o início do bordo caudal da pata traseira; o bordo cranial apresenta a separação entre a coxa e a canela; a linha ventral é profundamente convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Sobre o motivo anterior foi gravado um outro auroque virado para a direita, picotado e parcialmente abradido (**Fr01-50**); apresenta cabeça de forma sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral de tendência reta; a ponta do focinho está fraturada; no entanto, alguns restos levam a crer que seria reto; encontra-se também delimitado no interior por duas fortes incisões; o olho está também representado bem como os dois cornos em S vistos segundo uma perspetiva uniangular; a orelha é linear e atirada para trás; daqui arranca a cérvico-dorsal, cujos restos deixam adivinhar a cernelha, o dorso e o início da garupa; a zona dos quartos traseiros está muito fraturada; resta a pata definida por dois bordos curvos divergentes; no caudal ainda se observa parte da nádega que seria convexa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata traseira, o ventre, o peito, o bordo ventral da cabeça, ambos os bordos do pescoço e os cornos foram alvo de abrasão.

O auroque descrito antes do último é também sobreposto por outra figura (**Fr01-51**); esta corresponde à representação parcial

de um quadrúpede picotado e parcialmente abradido, orientado à direita e com a cabeça levantada; apresenta um longo pescoço e cérvico-dorsal em S profundo; o peito é convexo e o bordo traqueal suavemente côncavo; só se observa parte da ganacha reta; do outro lado da fratura que limita o que resta da cabeça do animal observa-se dois traços que poderão corresponder a dois varetos vistos em perspetiva biangular oblíqua; neste caso há que identificar o animal como um veado juvenil.

Voltando a **Fr01-50**, este é coberto por um capríneo orientado para a esquerda (**Fr01-52**) e em tudo semelhantes a **Fr01-48**; as únicas diferenças que podemos apontar são as seguintes: neste caso, apenas os cornos estão abradidos; na cabeça reconhece-se a boca e a narina; apenas dispõe de uma pata traseira; na cauda o bordo dorsal desapareceu devido a fratura do suporte mas resta o ventral, inclinado para cima. Mais uma vez temos duas figuras virtualmente iguais cuja execução foi mediada pela gravação de outras duas (**Fr01-49** e **Fr01-50**).

Sobre as duas últimas figuras descritas foi gravado um enorme cavalo orientado para a direita e conseguido por picotagem (**Fr01-53**); a cabeça é, curiosamente, a parte menos definida; apresenta uma linha fronto-nasal com ténue separação entre fronte e chanfro; entre a extremidade rostral deste e a do queixo não foi delimitada a cabeça; contudo a boca e a narina estão representadas pelo que podemos intuir a forma redonda do focinho; o que resta do bordo ventral permite-nos reconstruir uma cabeça que não andará formalmente longe da principal de **Fr01-45**; a crineira é em escada, se bem que não delimitada internamente; a cérvico-dorsal apresenta garupa e dorso tenuemente definidos; a cauda é curva, encontrando-se a zona da raiz fraturada; a nádega é convexa; na pata traseira observa-se bem no bordo caudal o jarrete e no cranial a separação entre a coxa e a canela; a linha ventral apresenta ventre pronunciado e cilhadouro convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos ligeiramente divergentes, prolongando-se um pouco o caudal pelo tronco; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; parte do bordo caudal da pata traseira, do bordo caudal da pata dianteira, do cilhadouro, do bordo traqueal e do dorso foram também alvo de abrasão.

Sobre figura precedente apenas se gravou mais uma representação parcial de um quadrúpede picotado orientado para a direita (**Fr01-54**); reconhece-se a extremidade distal da cauda curva, os dois bordos da pata traseira (que seriam curvos e divergentes entre si), a zona inguinal bastante angulosa e parte do ventre arredondado.

No painel C foram ainda gravadas mais duas figuras no fragmento que atualmente se encontra a maior altura; trata-se dos motivos **Fr01-55** e **Fr01-56** que, por esta ordem, foram executados após **Fr01-50**. O primeiro corresponde a um auroque picotado orientado para a direita; o animal encontra-se bastante fragmentado; reconhece-se na cabeça uma ganacha quase reta; um traço acima representa o corno; atrás localiza-se a orelha linear a partir de onde se desenvolve a cérvico-dorsal onde se reconhece uma cernelha inclinada e o dorso; em baixo observa-se a cilheira reta; a pata dianteira é definida por um bordo caudal reto e um cranial em forma de ângulo obtuso com o vértice apontado para o exterior; o peito é algo convexo e o bordo traqueal algo côncavo.

Fr01-56 corresponde a um capríneo picotado e abradido orientado para a direita e em posição ligeiramente descendente; da cabeça reconhece-se o arranque da ganacha em ângulo muito aberto relativamente ao pescoço, e a ponta do focinho arredondada; no topo reconhece-se a terminação de um curto corno curvo; um pequeno arco de círculo na zona do bordo cervical pode corresponder ao corno esquerdo ou a uma orelha; no caso da primeira hipótese se verificar, estaríamos perante uma curiosa vista zenital em perfil biangular oblíquo; o pescoço é curto e elegante; o dorso é algo côncavo e a garupa tenuemente convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da pata dianteira observa-se o bordo cranial reto.

Vejamos agora os animais que foram seguramente gravados no painel G após a execução de **Fr01-28**. O primeiro foi um enorme cavalo picotado orientado para a esquerda (**Fr01-57**); a traseira é uma das mais perfeitas do ponto de vista anatómico, sendo a única que dispõe de duas patas posteriores com casco; da cabeça só resta a crineira arredondada; a cérvico-dorsal apresenta dorso reto e garupa muito arredondada e de dimensões excessivas por comparação com a parte dianteira do animal; a cauda é algo curta e curva, sendo a sua raiz de forma triangular; a nádega é arredondada e arranca de um ponto um pouco abaixo do final da garupa; em ambas as patas traseiras se reconhece a coxa, o jarrete e os cascos; a coxa esquerda prolonga-se pelo flanco do animal; estão representadas segundo uma perspetiva uniangular; o ventre é suavemente convexo e o cilhadouro côncavo; o membro anterior é atirado para a frente, sendo definido por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto animal é interrompido na zona da cabeça pelo limite do suporte.

Sobre **Fr01-57** foram gravadas duas figuras. Uma corresponde à cabeça picotada de um capríneo orientada para a esquerda (**Fr01-40)**; esta apresenta forma subtrapezoidal; a linha fronto-nasal é reta, bem como a curta ganacha; o focinho corresponde ao limite do painel ou foi partido pela sua fratura; o corno é curto e curvo, encontrando-se atirado para trás (poderá corresponder a uma fêmea?); o bordo cervical é de tendência convexa e o ventral reto; refira-se ainda que a linha fronto-nasal foi abradida.

A outra figura gravada sobre **Fr01-57** corresponde a um imponente auroque macho orientado para a direita e conseguido por picotagem (**Fr01-58**). A cabeça é maciça, apresentando linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; este último dispõe também de delimitação interna; os dois cornos em S deitado encontram-se representados lado a lado, em perfil biangular oblíquo; atrás do direito surge a orelha linear; a cernelha começa a desenvolver-se a partir daqui; o animal apresenta dorso profundamente côncavo

e pequena mas alta garupa; através de um ressalto a cauda surge da terminação daquela, sendo longa e de tendência reta; a raiz é foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos, surgindo representado o jarrete no caudal; o cranial é curvo; na linha ventral observa-se a bainha modelada e a cilheira reta; retos são também os bordos que definem a pata dianteira; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Sobre a figura anterior encontra-se outro grande animal – trata-se de um macho de cabra-montês conseguido por picotagem e orientado para a direita (**Fr01-59**); a cabeça é de forma oblonga, mas modelada; a linha fronto-nasal apresenta clara distinção entre a fronte e o chanfro; no bordo ventral distingue-se a ganacha do queixo, mediante ressalto do traço; do último sai uma curta pera; o focinho é arredondado em cima, tornando-se reto na zona do beiço inferior; no seu interior observa-se os traços da narina e da boca; a nuca não está representada; aí observa-se dois curtos traços interrompidos pelo limite do suporte e à esquerda um de maiores dimensões; este último encontra-se na zona da orelha mas parece ser demasiado longo para tal; corresponderá portanto a pequeno corno, corno esse que poderia eventualmente ser continuado pela cérvico-dorsal de **Fr01-57**; o bordo cervical está bem marcado e separado do dorso; este é direito com ligeiro ressalto na zona do garrote; a garupa desenvolve-se sem quebras e de forma arredondada a partir daquele; a cauda consiste nos dois usuais traços – um que sai do limite da garupa, o outro – descendente – do limite da nádega; esta é arredondada e perfeitamente separada da pata traseira; esta define-se por dois bordos curvos divergentes; na linha ventral observa-se ventre convexo e cilheira algo côncava; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é reto e o bordo traqueal (que aproveita em parte o do animal anterior) é também reto.

O animal anterior sobrepõe um outro inciso, simplesmente contornado e virado para a direita (**Fr01-60**); trata-se de um pequeno quadrúpede de difícil identificação; apresenta cérvico-dorsal reta até à zona da garupa, altura onde se torna convexa; aqui o motivo é interrompido pelo cilhadouro do animal descrito previamente; abaixo uma linha curva define nádega e bordo caudal da pata sem qualquer quebra; o bordo cranial da pata está reduzido a um pequeno traço que se prolonga pela linha ventral e bordo caudal da pata dianteira; a zona inguinal perfaz um ângulo agudo; o ventre é pronunciado e o cilhadouro relativamente côncavo; a pata dianteira é reta; ainda se reconhece um ténue peito convexo antes do bordo traqueal reto; na zona da cabeça reconhece-se uma linha fronto-nasal e um bordo ventral retos que, no conjunto, lhe conferem uma forma subtrapezoidal; poderá tratar-se de uma cerva ou de um capríneo.

Sobre **Fr01-59** foram gravados **Fr01-61** e **Fr01-62**. O primeiro corresponde a um cavalo com duas cabeças orientado para a direita, conseguido por picotagem e abrasão; a cérvico-dorsal apresenta garrote ténue (particularmente visível na passagem para o bordo crinal da cabeça inferior), dorso suave e garupa que cai na diagonal e se prolonga pela cauda quase sem interrupção; esta é direita e atirada para trás; a nádega arranca diretamente da cauda e é também convexa; a pata traseira é definida por dois bordos algo curvos para o interior e paralelos entre si; a linha ventral é profundamente convexa; a pata dianteira está ligeiramente atirada para a frente e é definida por dois bordos – o caudal é ligeiramente curvo para dentro e o cranial praticamente reto; o peito é convexo e o bordo traqueal quase reto; a cabeça superior é bastante modelada – o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; o focinho é reto com cantos arredondados e a linha fronto-nasal ligeiramente convexa; no interior observa-se a boca e uma narina; o olho está também representado, assim como as duas orelhas em perspetiva biangular reta; a da esquerda corresponde ao prolongamento da delimitação interna da crineira esta apresenta o bordo dorsal convexo; a delimitação da crineira prolonga-se até ao garrote; o bordo crinal da segunda cabeça arranca daqui e é ligeiramente côncavo; a crineira encontra-se delimitada internamente desde o bordo ventral da cabeça anterior até à orelha direita; a esquerda está também definida por ligeira inflexão do bordo dorsal da crineira; esta é reta; a cabeça é praticamente igual à de cima, se bem que mais "grosseira"; o bordo traqueal surge do terço do da cabeça principal, é direito e perfaz um ângulo aberto com a ganacha oferecendo assim à segunda cabeça a sua posição esticada para a frente.

Fr01-62 corresponde a um auroque picotado orientado para a esquerda; a cabeça apresenta linha fronto-nasal praticamente reta e bordo ventral com ganacha convexa e queixo algo côncavo; o focinho está perfeitamente definido, quer exteriormente por ligeiro estrangulamento do chanfro e do queixo, quer interiormente por delimitação e preenchimento com curtos traços incisos; destaque-se também a presença do olho; os dois cornos estão representados em perspetiva biangular oblíqua; o da direita é curvo e arranca da orelha, o da esquerda é em S deitado e surge um pouco mais acima cruzando-se com o primeiro; a cérvico-dorsal começa a desenvolver-se a partir da orelha, apresenta ténue cernelha, dorso reto e garupa evidenciada; a raiz da cauda é foliforme; daqui arrancam dois troços: um tombado e outro enrolado sobre a anca; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e proeminente e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos divergentes na extremidade distal; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Sobre a figura anterior foram gravados **Fr01-63** e **Fr01-64**. O primeiro corresponde a um cavalo picotado orientado para a esquerda; a cabeça prima pela geometria: linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos, sendo que este último se dispõe na diagonal; no interior observa-se a boca e um olho; uma orelha foi gravada no alto da fronte; a crineira é muito pouco arredondada e não se diferencia do bordo crinal curto; uma ligeira inflexão no topo pode corresponder à segunda orelha; o dorso é praticamente

direito, observando-se uma ténue garupa que desce na diagonal até à zona da cauda; esta encontra-se separada e é curva; a nádega confunde-se com o bordo caudal da pata traseira, correspondendo o bordo cranial a um traço curvo sem ligação direta com o ventre; a linha ventral é praticamente reta; a pata dianteira é definida por dois bordos – o caudal suavemente curvo e o cranial reto e lançado subtilmente para a frente; o peito/ bordo traqueal é convexo.

Fr01-64 corresponde a um impressionante equídeo, quer pela utilização que faz da volumetria do espaço parietal, quer pela animação da cabeça; na verdade destaca-se neste animal a figuração dos dois bordos laterais da cabeça; o bordo direito virado para trás no plano de fratura onde se encontra o resto do corpo do animal e o bordo esquerdo no plano de fratura imediatamente à esquerda do que agora nos importa; o bordo traqueal do animal corresponde assim à aresta que limita ambos os planos de fratura; no bordo lateral esquerdo da cabeça observa-se a ganacha convexa e o queixo côncavo, assim como um focinho convexo e o arranque do chanfro; no interior observa-se dois traços que poderão corresponder à boca e à narina; do bordo direito observa-se apenas a ganacha convexa e o queixo côncavo; do animal observa-se ainda o bordo cervical côncavo, uma grossa pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes, uma linha ventral semielíptica e o bordo caudal da pata dianteira que corresponde a um sulco curvo para o interior; uma linha convexa situada mais acima pode corresponder ao peito do animal; a nádega é convexa e a cauda longa e curva.

Sobre este animal encontra-se um pequeno cavalo orientado para a direita e que conjuga as técnicas da incisão, picotagem e abrasão (**Fr01-65**); a cabeça é alongada e apresenta uma linha fronto-nasal relativamente convexa e um bordo ventral reto; o focinho encontra-se interrompido pela fratura; um certo espessamento do picotado no alto da cabeça pode corresponder à representação sumária da crineira; no interior da cabeça observa-se a boca; uma linha de tendência côncava define o bordo traqueal/ peito/ bordo cranial da pata dianteira; o bordo caudal desta última é reto; a linha ventral é praticamente reta, observando-se apenas uma suave curvatura na zona do ventre; a pata traseira é definida por bordos curvos para o interior, paralelos entre si; no caudal parece sugerir-se o jarrete; a nádega é convexa e mais não é que o prolongamento da ténue garupa que surge depois de suave dorso; a cauda é direita e atirada para trás; alguns sulcos incisos são visíveis nas extremidades distais da cauda e da pata dianteira assim como no prolongamento do bordo caudal desta; a abrasão foi utilizada na zona da fronto-nasal/ crineira.

Vejamos agora o que se passa no painel D. Como referimos, a composição aqui presente apenas marginalmente está inserida na estrutura estratigráfica geral. Na verdade, tudo o que sabemos é que o motivo que inicia a série (**Fr01-66**) foi executado antes **de Fr01-48** (capríneo que inaugura a segunda série do painel C). Comecemos pela descrição daquele motivo. Trata-se de um quadrúpede (capríneo?) picotado orientado para a direita; o bordo cervical é curto e reto; reto é também dorso, que só encurva na garupa; da cauda só se percebe o arranque; a nádega é convexa e a pata traseira é definida por dois bordos, o caudal reto e o cranial curvo; da linha ventral observa-se o arranque do ventre convexo (?) e a extremidade cranial do cilhadouro reto (?); o membro anterior define-se por dois bordos quase retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da cabeça só se observa o bordo ventral reto.

Esta figura é sobreposta por **Fr01-67** e **Fr01-68**. A primeira corresponde a um prótomo de cabra-montês fêmea, orientada para a esquerda; a cabeça é alongada e apontada, apresenta linha fronto-nasal reta, ganacha algo convexa e focinho aparentemente reto e apontado no topo (a sobreposição por parte de **Fr01-70** e **Fr01-72** não permite a sua correta observação); no interior estão representados a narina e o olho; junto da extremidade da fronte surge um corno curto atirado para trás; a orelha, à qual se vem juntar o bordo cervical côncavo, surge de seguida; o bordo traqueal é reto; a unidade gráfica foi conseguida por picotagem, seguida de abrasão no pescoço, bordo ventral da cabeça e orelha.

Fr01-68 corresponde a um auroque picotado orientado para a direita; apresenta cabeça de configuração subtrapezoidal, a linha fronto-nasal e o focinho são retos; o bordo ventral é reto, com ligeira inflexão na zona da ganacha; o corno é em S deitado; a cérvico-dorsal arranca da orelha, apresentando a cernelha bem definida, o dorso e a garupa angulosa; do bordo traqueal só resta o sector junto à ganacha, que é reto; o restante e o bordo cranial da pata dianteira estão sob o bordo traqueal, peito e bordo cranial da pata dianteira de **Fr01-71**; o bordo caudal da pata dianteira é reto, bem como a cilheira; o ventre é fortemente encurvado para o flanco do animal; toda a restante traseira do animal não foi representada.

Sobre o animal anterior foi gravada uma camurça orientada para a direita e inclinada para cima (**Fr01-69**); a cabeça é subtriangular com a linha fronto-nasal, o bordo ventral e o curto focinho retos; no interior observa-se o olho e a boca; os cornos são ambos representados por linhas quebradas, vistos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a cérvico-dorsal é côncava e a garupa pouco saliente e algo convexa; a cauda é definida dois bordos retos, paralelos entre si, ligeiramente virados para cima; a nádega é direita; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral apresenta a bainha e a cilheira reta; o animal foi conseguido por picotagem e abrasão; à frente da boca observa-se um conjunto subcircular de picotados soltos.

Em seguida foi gravado um veado orientado para a esquerda (**Fr01-70**); da cabeça apenas foi gravado a linha fronto-nasal (parte incisa, parte picotada), no topo observa-se a armação muito "atarracada" e representada em perfil biangular oblíquo – da haste direita só se observa o estoque enquanto da direita se observa o estoque, a ponta intermédia e as da coroa; atrás foi gravada a orelha

seguida da cérvico-dorsal côncava; a garupa é ténue e desenvolve-se de forma convexa até à cauda; da nádega observa-se o arranque, parecendo esta e o bordo caudal da pata traseira prolongar-se por fissura natural; o bordo cranial da pata traseira é reto; a linha ventral é convexa; da pata dianteira só se observa o bordo caudal de tendência ligeiramente curva; com exceção da referida parte incisa do chanfro, o animal foi definido por picotagem, a que se seguiu a abrasão no estoque esquerdo, cérvico-dorsal até à cauda, pata traseira e linha ventral.

Fr01-71 foi o animal seguinte a ser gravado; corresponde a uma camurça orientada para a direita; a cabeça tem forma subtriangular, sendo a linha fronto-nasal ligeiramente convexa, o bordo ventral reto e o focinho curto e reto com os cantos arredondados; no interior observa-se um olho e a boca; um corno arranca da extremidade da fronte; o pescoço é longo e destacado da cérvico-dorsal; esta é em parte definida pela do animal anteriormente descrito; observa-se o garrote e o sector caudal da garupa; a cauda é definida por dois bordos horizontais paralelos entre si; a nádega é arredondada; as patas (dianteira e traseira) são definidas por dois bordos retos; a linha ventral é reta.

Sobre o precedente foi gravado **Fr01-72** que corresponde a uma pequena fêmea de cabra-montês picotada e abradida, orientada para a esquerda; a cabeça é de forma subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho arredondado; o olho está representado; o corno arranca da extremidade da fronte; a orelha está picotada imediatamente atrás; o pescoço é curto; a cérvico-dorsal apresenta um dorso côncavo, sendo a garupa arredondada; a cauda corresponde a dois curtos traços horizontais; a nádega é curva; a pata traseira é definida por dois bordos subparalelos ligeiramente curvos para o interior; o ventre é convexo e a cilheira reta; o bordo cranial da pata dianteira é curvo com tendência a convergir para o interior; o caudal é reto, encurvando na extremidade distal; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Em seguida foi gravado por picotagem e abrasão um macho de camurça orientado para a direita (**Fr01-73**); a cabeça é de forma subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é apontado, encontrando-se separado do resto da cabeça por sulco vertical; outros dois traços verticais são visíveis no seu interior; o corno, atirado para a frente é reto e possui o tradicional gancho na extremidade distal; a orelha prolonga-se pelo curto pescoço e pela cérvico-dorsal direita; a garupa é arredondada; a cauda é definida pelos dois usuais bordos horizontais; a nádega é curva; a pata traseira define-se por dois bordos, sendo o caudal curto e reto e o cranial de maiores dimensões e infletido na zona da coxa; a zona inguinal corresponde a um ângulo agudo; a bainha está representada por prolongamento do ventre; a cilheira está em parte fraturada, o que impede a sua caraterização; a pata dianteira define-se por um bordo caudal curvo para o interior e um cranial reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; refira-se ainda a existência de uma delimitação interna entre a cabeça e o pescoço; apenas a garupa, cauda, cabeça, zona ventral, e bordos caudais das patas não foram alvo de abrasão; por outro lado, alguns traços incisos são visíveis na continuidade das extremidades distais da pata dianteira.

A unidade gráfica anteriormente descrita sobrepõe também **Fr01-74** que corresponde a uma fêmea de cabra-montês orientada para a esquerda e inclinada para baixo; foi gravada por picotagem e abrasão; a cabeça, atirada para a frente apresenta forma subtrapezoidal, sendo a linha fronto-nasal suavemente convexa e o bordo ventral convexo; o focinho é reto com os cantos arredondados e tem um traço interior que pode corresponder à boca ou narina; o olho é longilíneo; o corno é curvo e atirado para trás; o bordo cervical é curto e a restante cérvico-dorsal convexa; a cauda é definida por dois bordos paralelos, neste caso algo revirados para fora nas extremidades distais; a nádega é arredondada; da pata traseira apenas restam indícios, podendo no bordo caudal estar representado o jarrete; o ventre é pronunciado e a cilheira convexa; a pata dianteira corresponde a dois bordos retos paralelos atirados para trás; o bordo traqueal é côncavo.

A figura precedente sobrepõe um capríneo ou cervídeo inciso, orientado para a direita (**Fr01-75**); o contorno é simples no bordo cervical, nádega, bordo cranial da pata traseira e, eventualmente, na cabeça; o resto do animal está definido por contorno múltiplo; a cabeça é sumamente esquemática, sendo representada por dois traços curvos, paralelos entre si; o pescoço é curto e delgado; a cérvico-dorsal é direita, destacando-se apenas a garupa angulosa; a cauda corresponde a um simples prolongamento da garupa; a nádega é arredondada e a pata traseira definida por dois bordos que se aproximam na extremidade distal; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Finalmente, falaremos das restantes figurações que não se integram de todo na matriz geral da rocha. Um grupo de três delas situa-se no limite direito do painel C; neste caso podemos, no entanto, colocar a hipótese de pelo menos o motivo que culmina a série (**Fr01-76**) ter sido feito após a gravação de **Fr01-28**. Na verdade, a extremidade distal da pata traseira daquele motivo parece ter sido condicionada pela pré-existência deste. **Fr01-76** corresponde a um animal acéfalo gravado por picotagem e abrasão orientado para a direita; a linha cérvico-dorsal apresenta dorso anguloso e garupa convexa; a cauda é comprida e separada da garupa por ligeiro ressalto; esta cai sobre a pata, confundindo-se com ela na extremidade distal; a raiz da cauda é subquadrangular; a nádega é arredondada; o bordo caudal da pata (que, voltamos a referir, se confunde com a cauda) é direito e inflectido na extremidade distal

(provavelmente devido à já referida pré-existência de **Fr01-28**); o bordo cranial é também curvo na extremidade distal; apresenta ainda clara distinção entre a canela e a coxa; a zona inguinal corresponde a um ângulo agudo quase reto; o cilhadouro é direito; o bordo caudal da pata dianteira é reto, encontrando-se fletido para o interior na seu sector proximal; o bordo cranial é reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Em seguida foi gravado um animal orientado para a direita, picotado e parcialmente abradido. A linha cérvico-dorsal apresenta dorso reto e garupa convexa; a cauda está separada por inflexão do sector caudal da garupa e encontra-se atirada para trás; um traço horizontal devia ligá-la à nádega que, muito provavelmente, se encontra sob o reavivamento da cauda/pata de **Fr01-76**; o mesmo se pode dizer do bordo cranial deste membro; a linha ventral é semielíptica; da pata dianteira só resta o bordo caudal que é direito; o bordo traqueal é reto.

Sobre a figura anterior encontramos um auroque picotado orientado para a esquerda (**Fr01-77**); este apresenta cabeça de forma sub-retangular; linha fronto-nasal e bordo ventral da cabeça apresentam suave concavidade; o focinho pode corresponder ao limite da fratura ; no seu interior observa-se um traço que pode representar a boca e/ou a narina; o corno corresponde a um S deitado; atrás localiza-se a orelha atirada para trás; o que resta do dorso é direito, como o é também a cilheira; o bordo caudal da pata dianteira é reto com uma curta inflexão para o interior na zona de ligação à cilheira; o cranial é também reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

No painel B encontramos quatro animais que conformam duas séries estratigráficas; no limite direito observa-se **Fr01-79** sobre **Fr01-80**. O primeiro corresponde a um capríneo picotado e abradido orientado para a direita; da cabeça observa-se parte da fronte que indica a posição levantada da mesma; ao lado deve situar-se o arranque do corno; o pescoço é delgado e comprido; a linha cérvico-dorsal corresponde ao prolongamento do bordo dorsal daquele; a garupa é pouco evidente; a cauda é definida pelos habituais dois bordos horizontais; a nádega é suavemente arredondada; a pata traseira é atirada para trás e definida por dois bordos retos; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; peito e bordo traqueal são convexos; o animal só não apresenta vestígios de abrasão nesta parte do corpo; refira-se também a existência de algumas incisões que poderão atestar a existência de um esboço prévio.

Fr01-80 corresponde a um macho de cabra-montês picotado e abradido, orientado para a esquerda; falta-lhe parte dos quartos traseiros devido a fratura do suporte; o animal é em tudo semelhante a **Fr01-48** e **Fr01-52** já referidos.

A segunda série do painel é formada por **Fr01-81** e **Fr01-82**, que foram gravados segundo esta ordem. Este último corresponde a um macho de cabra-montês, orientado para a esquerda conseguido por picotagem e abrasão parcial. É, tal como a figura descrita anteriormente, semelhante a **Fr01-48** e **Fr01-52**. Esta semelhança e o facto destas figuras seguirem *grosso modo* o mesmo eixo horizontal levam-nos a encará-la como um "friso". Contudo, não será de esquecer que entre **Fr01-48** e **Fr01-52** foram gravados pelo menos dois animais.

Fr01-81 corresponde à parte dianteira de um auroque picotado e abradido, orientado para a esquerda; possui uma cabeça de perfil subtriangular; a linha fronto-nasal apresenta distinção subtil entre a fronte e o chanfro; a terminação do focinho é arredondada; o bordo ventral da cabeça dispõe de uma ganacha convexa e queixo reto; no interior do focinho observa-se a boca e a narina; o corno é em S deitado e arranca, de forma inédita, de meio da orelha; esta é direita e atirada para trás; a partir dela sai a cérvico-dorsal que é interrompida logo após o final do garrote; o bordo traqueal é reto.

Também fora da matriz geral está a figuração de um cavalo inciso orientado para a direita (**Fr01-83**) localizado no painel F; na cabeça observa-se linha fronto-nasal e bordo ventral direitos, focinho arredondado e boca; o pescoço é comprido e proporcional; a cérvico-dorsal é quase reta, prolongando-se através de uma curta inflexão para uma cauda curta; os quartos traseiros estão reduzidos à pata traseira definida por dois bordos retos; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é curta e pouco espessa; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; um traço curvo existente atrás do bordo crinal pode corresponder ao arranque da crineira; o contorno do animal é simples e múltiplo (cilhadouro, peito e bordo traqueal).

Um outro animal localizado fora da matriz corresponde a **Fr01-84** que se localiza no espaço definido por nós como painel H; corresponde a um possível prótomo de um macho de cabra-montês, picotado e orientado à direita; apresenta pescoço curto e arranque convexo do dorso; o bordo traqueal é côncavo e o ventral da cabeça reto; a linha fronto-nasal é côncava; o focinho é aberto à frente ou delimitado pela própria superfície rochosa; no seu interior observa-se um traço que pode corresponder à boca e/ou narina ou à delimitação entre os dois; ainda no interior da cabeça observa-se um picotado que, não fosse a sua localização demasiado baixa, poderia ser interpretado como o olho; em cima da cabeça dois traços curvos poderão corresponder aos cornos vistos segundo uma perspetiva biangular oblíqua.

Relativamente ao repertório não figurativo, no painel A não detetámos nenhuma unidade gráfica não figurativa clara, apenas uma concentração de picotados que se dá essencialmente sobre o cavalo (**Fr01-87**) e em menor medida sobre o macho de cabra-montês que o ladeia (**Fr01-88**).

No painel B encontramos uma concentração de picotados essencialmente sobre o macho de cabra-montês da esquerda (**Far-01-82**) e sobre o auroque gravado antes dele (**Fr01-81**). Associadas ao primeiro identifica-se ainda uma unidade da chave XIb picotada e abradida. À sua volta observa-se ainda duas unidades da chave VIIa, uma da IXbb, duas da XIa (uma delas picotada), três da XIb e uma da XIc. A **Fr01-79** associa-se uma da chave XIa picotada. A **Fr01-79** e **Fr01-80** associa-se uma da XIIIb, também picotada. Exclusivamente associada ao último zoomorfo referido encontramos outra da XIb.

Passemos ao painel C. A **Fr01-28** associam-se uma unidade gráfica da chave XIa e uma da XId. A **Fr01-29** associa-se uma da XIa. A **Fr01-29** e **Fr01-34** associa-se uma da XIa. A **Fr01-29**, **Fr01-41** e **Fr01-50** associam-se duas da VIIa, uma da IXaa, uma da IXba, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr01-29** e **Fr01-50** associam-se uma da IIb, uma da IXba e uma da XIa. A **Fr01-29**, **Fr01-50** e **Fr01-53** associam-se uma da IXa, três da XIa e uma da XId. A **Fr01-29** e **Fr01-53** associa-se uma da XIa. A **Fr01-30**, **Fr01-33**, **Fr01-34** e **Fr01-41** associa-se uma da XIa. A **Fr01-30**, **Fr01-33**, **Fr01-48**, **Fr01-49**, **Fr01-50** e **Fr01-53** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **Fr01-30**, **Fr01-33**, **Fr01-48**, **Fr01-49** e **Fr01-53** associam-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIc. A **Fr01-30**, **Fr01-33**, **Fr01-50** e **Fr01-53** associa-se uma da XIa. A **Fr01-30**, **Fr01-33**, **Fr01-34** e **Fr01-41** associam-se quatro da XIa. A **Fr01-30**, **Fr01-50** e **Fr01-53** associa-se uma da XIa. A **Fr01-32**, **Fr01-52** e **Fr01-53** associa-se uma da XIa. A **Fr01-33** associa-se uma da IXa, duas da XIa e uma da XIc. A **Fr01-33** e **Fr01 35** associa-se uma da XIa. A **Fr01-33**, **Fr01-35** e **Fr01-41** associa-se uma da XIa. A **Fr01-33** e **Fr01-53** associam-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-35** e **Fr01-41** associa-se uma da XIa. A **Fr01-36** e **Fr01-51** associam-se três da XIa e uma da XIIIb. A **Fr01-41** associam-se cinco da XIa. A **Fr01-41** e **Fr01-50** associam-se uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIb. Entre **Fr01-41** e **Fr01-50** observa-se duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr01-49** associa-se uma da XIa. A **Fr01-50** associam-se uma da IXa, duas da XIa e uma da XIc. A **Fr01-50** e **Fr01-53** associa-se quatro da XIa e duas da XIb. A **Fr01-50** e **Fr01-55** associa-se uma da XIa. A **Fr01-51** associam-se três da XIa. A **Fr01-52** e **Fr01-53** associa-se uma da XIc A **Fr01-55** e **Fr01 56** associam-se uma da chave XIa e uma da XIc. A **Fr01-76**, **Fr01-77** e **Fr01-78** associam-se uma da VIIa, três da IXaa, catorze da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Fr01-77** associam-se uma da X, seis da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **Fr01-78** associam-se quatro da XIa.

Já no painel D as unidades gráficas não figurativas são em bem menor número. A **Fr01-66** associam-se uma da chave XIb e uma da XIIc (picotada). A **Fr01-66**, **Fr01-73**, **Fr01-74** e **Fr01-75** associam-se duas da XIa (uma delas picotada). A **Fr01-66** e **Fr01-74** associa-se uma da XIc. A **Fr01-67** e **Fr01-68** associam-se uma da XIa e uma da XIc. A **Fr01-68**, **Fr01-69**, **Fr01-70** e **Fr01-71** associa-se uma da VIIa (picotada). A **Fr01-68** e **Fr01-70** associa-se uma da XIa. A **Fr01-68**, **Fr01-70**, **Fr01-71** e **Fr01-72** associa-se uma da XIa (picotada). A **Fr01-68**, **Fr01-70** e **Fr01-72** associa-se uma da XIb. A **Fr01-68** e **Fr01-72** associa-se uma da IXc.

No painel H foi gravada, por picotagem, uma unidade da chave IXc. À esquerda de **Fr01-84** foram incisas uma da XIa e uma da XIb.

No painel E observa-se uma maior presença do repertório não figurativo. A **Fr01-15**, **Fr01-21**, **Fr01-14**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma unidade gráfica da chave X e uma da XIa. A **Fr01-17** associa-se uma da IXa, três da XIa e duas da XIb. A **Fr01-17**, **Fr01-21**, **Fr01-23** e **Fr01-42** associa-se uma da chave IXab. A **Fr01-17** e **Fr01-23** associam-se uma da VIIa, quatro da XIa, uma da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. A **Fr01-17** e **Fr01-42** associa-se uma da XIa. A **Fr01-17**, **Fr01-42** e **Fr01-43** associam-se uma da VIIa e duas da XIa. A **Fr01-18**, **Fr01-19**, **Fr01-20**, **Fr01-21**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da VIIa, uma da X, cinco da XIa e duas da XIc. A **Fr01-18**, **Fr01-19**, **Fr01-21**, **Fr01-23**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. A **Fr01-18**, **Fr01-21**, **Fr01-24** e **Fr01-26** associa-se uma da XIa. A **Fr01-18**, **Fr01-21**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se quatro da XIa. A **Fr01-19** associa-se uma da XIa. A **Fr01-19**, **Fr01-20**, **Fr01-21**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da IXb, seis da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Fr01-19**, **Fr01-21** e **Fr01-23** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **Fr01-19**, **Fr01-21**, **Fr01-23**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da IXab, uma da IXb, uma da X, cinco da XIa (uma delas picotada), quatro da XIb, uma da XId e duas da XIIIb (uma delas parcialmente picotada). A **Fr01-19**, **Fr01-20**, **Fr01-21**, **Fr01-23** e **Fr01-26** associam-se uma da IXa, uma da IXba, seis da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Fr01-19**, **Fr01-21**, **Fr01-23** e **Fr01-27** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **Fr01-19**, **Fr01-21**, **Fr01-24** e **Fr01-42** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-19**, **Fr01-21**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-27** associam-se seis da XIa, três da XIb e uma da XIc. À esquerda de **Fr01-19** e **Fr01-22** observa-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-21** associam-se uma da VIIa, três da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **Fr01-21** e **Fr01-23** associa-se uma da XIa. A **Fr01-21**, **Fr01-22**, **Fr01-23**, **Fr01-24** e **Fr01-42** associam-se uma da VIIa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da X, quatro da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. A **Fr01-21**, **Fr01-23**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da IXab e duas da XIa. A **Fr01-21**, **Fr01-23**, **Fr01-24** e **Fr01-42** associa-se uma da XIa. A **Fr01-21**, **Fr01-23** e **Fr01-42** associam-se duas da XIa. A **Fr01-21**, **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-27** e **Fr01-42** associam-se uma da IXaa, onze da XIa, uma da XIb e quatro da XId. A **Fr01-21**, **Fr01-24** e **Fr01-42** associam-se uma da X e três da XIa. A **Fr01-21** e **Fr01-42** associam-se duas da XIa e uma da XIb. Por cima de **Fr01-23** reconhece-se duas da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **Fr01-24**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se duas da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Fr01-24**, **Fr01-25**, **Fr01-26** e **Fr01-42** associam-se uma da IXba, duas da X, duas da XIa, três da XIb e uma

da XIIc picotada. A **Fr01-26** e **Fr01-42** associa-se uma da XIb. A **Fr01-42** e **Fr01-43** associa-se uma da XIIc picotada. Por cima de **Fr01-42** reconhece-se uma da XIa. As restantes unidades gráficas que se associam a **Fr01-42** encontram-se já no painel F, pelo que só serão referidas no parágrafo seguinte.

O painel F trata-se do mais profusamente gravado com repertório não figurativo. Assim, a **Fr01-01**, **Fr01-02** e **Fr01-03** associam-se uma unidade gráfica IXba, uma da chave XIa e uma da XId. A **Fr01-01**, **Fr01-02**, **Fr01-03**, **Fr01-04**, **Fr01-05**, **Fr01-07**, **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13**, **Fr01-42** e **Fr01-44** associa-se uma da IXc. A **Fr01-01** e **Fr01-03** associam-se uma da XIb e uma da XId. A **Fr01-01**, **Fr01-11** e **Fr01-13** associa-se uma da XIa. A **Fr01-02** associa-se outra da XIa. A **Fr01-02**, **Fr01-04**, **Fr01-11** e **Fr01-13** associa-se uma da IXaa. A **Fr01-02**, **Fr01-04**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se duas da IXaa, uma da IXb, sete da XIa e duas da XIb. A **Fr01-02**, **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13**, **Fr01-44** e **Fr01-45** associam-se uma da VIA, duas da IXa, quatro da IXaa, catorze da XIa, duas da XIb e duas da XId. A **Fr01-02**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-02**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-46** associa-se uma da XIa. A **Fr01-02**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associa-se uma da XIa. A **Fr01-02** e **Fr01-46** associam-se três da XIa, uma da XIc e uma da XIIc picotada. A **Fr01-02**, **Fr01-03**, **Fr01-11** e **Fr01-13** associa-se uma da XIa. A **Fr01-02**, **Fr01-03**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-46** associa-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-02**, **Fr01-11** e **Fr01-13** associa-se uma da XIa. A **Fr01-02**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-46** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **Fr01-03** associam-se uma da XIa e uma da XIIc picotada. À direita e sob **Fr01-03** encontra-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. A **Fr01-04** associa-se uma da XIb. A **Fr01-04**, **Fr01-05**, **Fr01-07**, **Fr01-12** e **Fr01-44** associa-se uma da IXbb, três da XIa e uma da XIb. A **Fr01-04**, **Fr01-05**, **Fr01-07**, **Fr01-42** e **Fr01-44** associa-se uma da XIa. A **Fr01-04**, **Fr01-05**, **Fr01-42** e **Fr01-44** associa-se uma da XIa. A **Fr01-04**, **Fr01-05** e **Fr01-44** associam-se duas da XIb. A **Fr01-04**, **Fr01-06** e **Fr01-44** associa uma da XIa e uma da XIc. A **Fr01-04**, **Fr01-07** e **Fr01-44** associam-se duas da XIa. A **Fr01-04**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se uma da IXaa, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr01-04** e **Fr01-44** associa-se uma da XIc. A **Fr01-05** associa-se uma XIb. A **Fr01-07** associam-se duas da XIa. A **Fr01-07**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-08** associa-se uma da XIIc picotada. A **Fr01-08** e **Fr01-09** associam-se uma da IXa (picotada), uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Fr01-08**, **Fr01-09**, **Fr01-11**, **Fr01-12** e **Fr01-13** associa-se uma da XIa. A **Fr01-08**, **Fr01-09**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se uma da IIIc, duas da XIa e uma da XIb. A **Fr01-08**, **Fr01-09** e **Fr01-13** associam-se uma da IXa, uma da IXb e uma da XIc. A **Fr01-08** e **Fr01-09** associam-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIIIb. A **Fr01-08**, **Fr01-09** e **Fr01-42** associa-se uma da IIIc. A **Fr01-09** associa-se uma da XIb. A **Fr01-09**, **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se uma da IIIc, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa e uma da XIb. A **Fr01-09**, **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13**, **Fr01-44** e **Fr01-45** associa-se uma da XIc. A **Fr01-09** e **Fr01-13** associam-se uma da IXa, uma da X e duas da XIa. Entre **Fr01-09**, **Fr01-10**, **Fr01-21** e **Fr01-42** observa-se duas da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. A **Fr01-10** associa-se uma da XIa. A **Fr01-10** e **Fr01-13** associa-se uma da X. A **Fr01-10**, **Fr01-13** e **Fr01-42** associam-se uma da IXa e quatro da XIa. A **Fr01-10** e **Fr01-42** associam-se uma da IXba, uma da XIa e duas da XIb. A **Fr01-11** associam-se uma da IXa, duas da XIa e uma da XIb. A **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13**, **Fr01-42** e **Fr01-44** associam-se uma da Ia e uma da XIa. A **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se duas da VIIa, uma da IXb, duas da IXba, duas da X, nove da XIa, três da XIb e duas da XIc. A **Fr01-11**, **Fr01-12**, **Fr01-13**, **Fr01-44** e **Fr01-45** associam-se uma da IIIc, uma da VIIa, uma da VIII, três da IXa, quatro da IXaa, duas da IXba, duas da X, dezassete da XIa, sete da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Fr01-11** e **Fr01-13** associam-se duas da IXaa e duas da XIa. A **Fr01-11**, **Fr01-13** e **Fr01-44** associam-se duas da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da IXbb, três da XIa e cinco da XIb. À esquerda de **Fr01-11** observa-se quatro da XIa. A **Fr01-13** associam-se duas da X, nove da XIa e três da XIb. A **Fr01-42** associam-se duas da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **Fr01-42** e **Fr01-44** associa-se uma da XIb. A **Fr01-46** associam-se uma da IXba, cinco da XIa, três da XIb e uma da XId. à direita de **Fr01-46** observa-se duas da XIa. Finalmente, num plano inferior ao das restantes gravuras, observa-se ainda uma unidade gráfica da chave XIb.

O painel G também apresenta alguma temática não figurativa. A **Fr01-37**, **Fr01-38** e **Fr01-64** associam-se duas unidades da chave XIa e uma da XIb. A **Fr01-37** e **Fr01-64** associam-se duas da chave IXa, sete da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Fr01-37**, **Fr01-64** e **Fr01-83** associam-se uma da VIII, uma da IXaa, quatro da IXb, uma da X, oito da XIa, seis da XIb e seis da XIc. A **Fr01-38**, **Fr01-40**, **Fr01-57** e **Fr01-64** associam-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-38**, **Fr01-57** e **Fr01-64** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e duas da XIc. A **Fr01-38**, **Fr01-57**, **Fr01-61** e **Fr01-64** associa-se uma da XId. A **Fr01-38** e **Fr01-64** associam-se três da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58** e **Fr01-59** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59**, **Fr01-60** e **Fr01-64** associam-se uma da IIIc, quatro da XIa e duas da XIb. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59**, **Fr01-62** e **Fr01-64** associam-se uma da IIa, duas da XIa e quatro da XIb. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59**, **Fr01-62**, **Fr01-63** e **Fr01-64** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59** e **Fr01-64** associam-se uma da IIb, uma da IXab, uma da X, seis da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59**, **Fr01-64** e **Fr01-65** associam-se duas da IIIc e uma da XIa. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-62** e **Fr01-64** associam-se uma da IXb e uma da XIa. A **Fr01-39**, **Fr01-57**, **Fr01-58** e **Fr01-64** associa-se uma da IIb. Entre a ganacha de **Fr01-39** e a raiz da

cauda de **Fr01-58** encontra-se uma da IXa, uma da IXaa e uma da X. A **Fr01-57**, **Fr01-58**, **Fr01-59**, **Fr01-63** e **Fr01-64** associam-se uma da IXb e duas da XIa. A **Fr01-57**, **Fr01-59** e **Fr01-64** associam-se uma da IXab e uma da XIa. A **Fr01-57**, **Fr01-61** e **Fr01-64** associa-se uma da XId. A **Fr01-57** e **Fr01-64** associa-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr01-64** associa-se uma da IXaa e duas da XIa.

Rocha 2 (Fig. 97): Dada a conhecer em 2008, quando se publica decalque da sua superfície (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 125). Localiza-se na margem direita da ribeira que corta o monte do Fariseu a cerca de 30 m da sua confluência atual com o Côa. Trata-se de um afloramento cuja face historiada – orientada para norte – se encontra paralela ao leito da ribeira. A superfície é lisa e de cor cinzenta, apresentando forma subtrapezoidal. Encontra-se a cerca de 138 m de altitude.

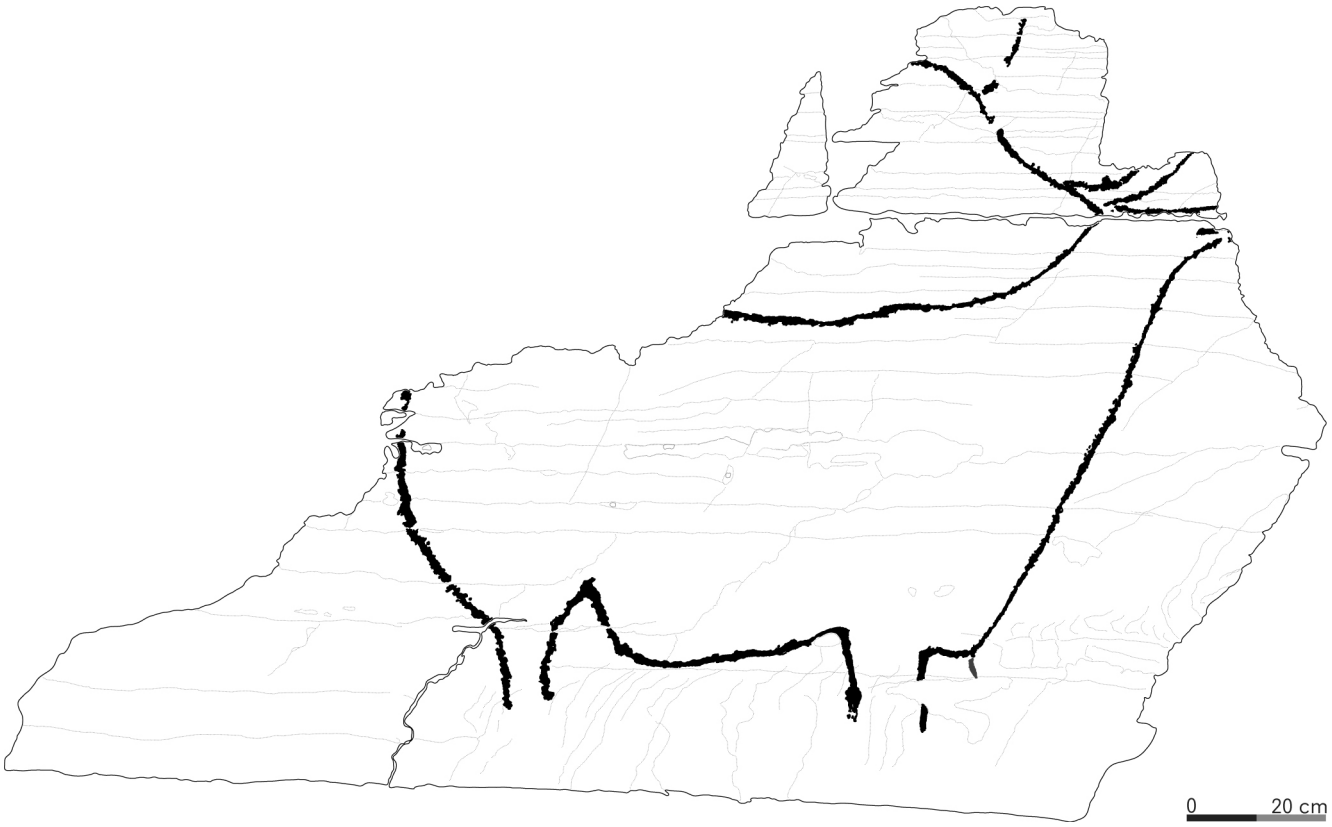


Fig. 97: Rocha 2 do Fariseu (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

Apenas se observa um enorme veado picotado orientado para a direita (**Fr02-01**); este ocupa praticamente toda a superfície disponível do painel, encontrando-se em falta – devido a fratura do suporte –a garupa e, eventualmente, a terminação do focinho. A pata dianteira corresponde a dois sulcos subparalelos entre si, sendo aberta na extremidade distal; o peito é convexo, assim como o bordo traqueal; a linha fronto-nasal é reta, assim como o bordo ventral da cabeça; a boca está representada por um pequeno sulco reto horizontal; apenas está representado uma haste vista em perfil, onde se observa uma coroa de duas pontas, o estoque e o contraestoque; o bordo cervical é algo encurvado, terminando num garrote pronunciado; o que resta do dorso é reto; a zona da nádega é arredondada; o membro posterior é definido por dois bordos, sendo que o caudal é reto e o cranial é côncavo; a zona inguinal é fortemente angulosa; o ventre é convexo e a cilheira quase reta. Associado ao animal observa-se uma unidade gráfica da chave XIa, picotada.

Rocha 3 (Fig. 98): Conhecida desde 2008, quando se publica o seu decalque (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 120). Localiza-se a cerca de 75 m para sul da ribeira epónima a cerca de 138 m de altitude. Trata-se de um afloramento cuja face historiada – orientada para és-sudeste – se encontra perpendicular ao curso do Côa. A superfície é lisa e de cor castanho-acinzentada. Atualmente a rocha está bastante fraturada, sendo possível distinguir-se três painéis historiados.

O primeiro painel encontra-se no sector superior esquerdo, apresentando uma forma subtrapezoidal, podendo nele observar-se dois cavalos conseguidos pela modalidade B da picotagem. Um destes, orientado para a direita, ocupa o centro do painel (**Fr03-01**); a cabeça é bastante modelada, sendo perceptível uma diferença entre a fronte e o chanfro; o focinho é arredondado e a distinção entre o queixo e a ganacha – esta profundamente convexa, prolongando-se a linha que a define pelo interior da cabeça do animal – bastante

vincada; no interior observa-se um olho e a narina subcircular; a crineira está separada do pescoço pelo bordo crinal e prolonga-se em bico para além da fronte; a cérvico-dorsal é suave, sendo, no entanto, patentes, quer dorso, quer a garupa; não se observa a cauda; a nádega é arredondada; a pata traseira está reduzida ao bordo cranial da coxa que se prolonga um pouco pelo flanco do animal; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras são lineares, dispondo ambas de cascos de forma oval, tendo sido gravadas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o antebraço está representado no interior do animal; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

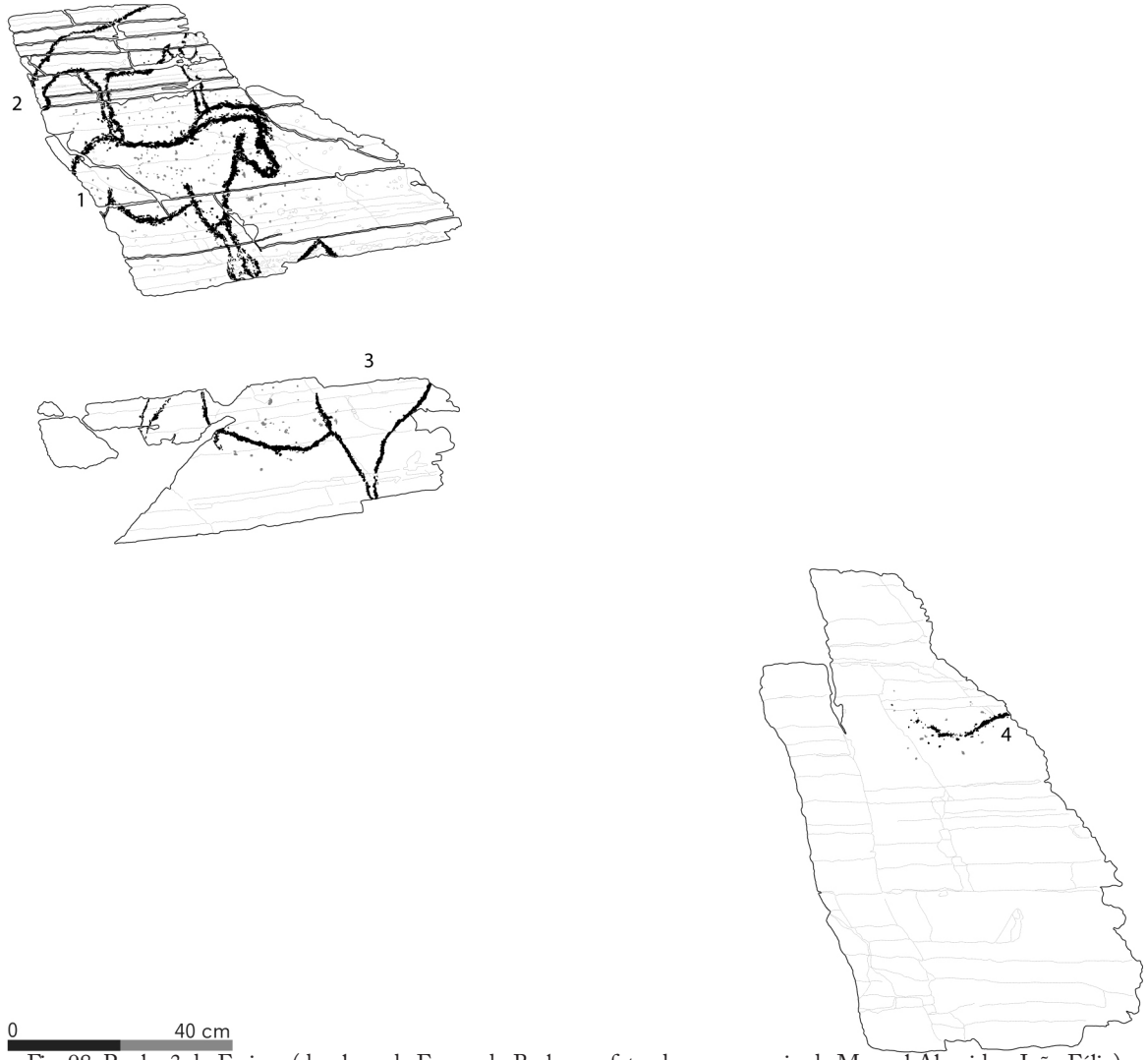


Fig. 98: Rocha 3 do Fariseu (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

Por cima e gravado após o anterior observa-se o outro equídeo, orientado para a esquerda, de dimensões mais discretas e com a cabeça debruçada para baixo (**Fr03-02**); quer a cabeça, quer os quartos traseiros estão interrompidos; da primeira apenas se observa um bordo ventral fortemente convexo; o pescoço é longo e esguio; a linha cérvico-dorsal é suave, sendo evidente o garrote (pronunciado devido à posição do animal e – mais discreto – o dorso; a zona inferior da nádega é arredondada; a pata traseira é comprida, dispõe de jarrete e casco de forma oval; um traço atrás da anca pode corresponder à extremidade distal da cauda; a zona inguinal é bastante angulosa; o ventre é arredondado e o cilhadouro reto; o membro anterior é igualmente comprido, dispondo também de um casco oval; o peito é ligeiramente convexo e o bordo traqueal côncavo (também condicionado pela posição do animal).

À direita de **Fr03-01** observa-se uma figura em forma de triângulo aberto na base que pode corresponder a uma unidade gráfica da chave IXa. Uma série de picotados dispersos encontram-se sobretudo concentrados sobre **Fr03-01**.

O segundo painel encontra-se cerca de 20 cm abaixo do anterior, numa posição mais recuada, dispondo de forma sub-retangular. Observa-se a metade ventral de um quadrúpede picotado (modalidade B), orientado para a esquerda (**Fr03-03**); a metade dorsal terá desaparecido por fratura do suporte; a pata traseira apresenta uma coxa excessivamente larga e arredondada, que adelgaça profundamente na zona da canela; um ligeiro pronunciamento do bordo caudal pode corresponder ao jarrete; o bordo cranial prolonga-se pelo flanco do animal; a zona inguinal forma um ângulo quase reto, apresentando o ventre ligeira curvatura; o cilhadouro é reto, encurvando bruscamente antes de chegar à pata dianteira; desta só resta a extremidade distal, deixada em aberto; ambos os bordos apresentam curvatura pronunciada para o interior. Alguns picotados dispersos encontram-se sobre a zona do ventre do animal.

O topo do terceiro painel localiza-se para a direita da base do painel anterior, apresentando uma forma poligonal. Para além de alguns picotados dispersos, apenas se observa o que poderia muito bem corresponder à cérvico-dorsal de um cavalo disposto na horizontal, mas de orientação imprecisa (**Fr03-04**). Também esta figura foi picotada com a variante B desta técnica.

Rocha 4 (Figs. 99 e 100): Foi dada a conhecer em 2015, quando se publica decalque da mesma (Santos, 2015A, 78). Localiza-se a cerca de 100 m para jusante da rocha 1, a 122 m de altitude. Trata-se de uma superfície de forma irregular, orientada para és-sudeste, dispondo-se, portanto, perpendicularmente em relação ao Côa. Apresenta forme irregular, encontrando-se muito fragmentada no lado direito; a microtopografia da rocha permite a distinção de três sectores que, parecem ter sido já tidos em conta, pelo menos em grande parte, pelos gravadores do Paleolítico. A textura é lisa e a cor castanho-acinzentada. Todos os grafismos presentes na rocha foram conseguidos por incisão.

Um primeiro sector é composto por um conjunto de três superfícies onde apenas se identificaram unidades gráficas não figurativas: uma da chave VIII, oito da chave XIa, oito da XIb e uma da XIc.

O sector direito é o mais ricamente historiado (Figs. 99 e 100). É dominado pela presença de auroque definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda, encontrando-se ligeiramente inclinado para cima (**Fr04-01**); a cabeça é extremamente realista: a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o bordo ventral apresenta clara distinção entre ganacha e queixo; a ponta do focinho é recta; no interior da cabeça observa-se olho e narina foliformes e a boca; os cornos são perimetralmente definidos e preenchidos no interior, encontrando-se em perfil biangular reto; são unidos pela marrafa, também preenchida interiormente; a orelha é foliforme; a cernelha é hipertrofiada, o dorso curto e côncavo e a garupa angulosa; a raiz da cauda é pouco definida; o seu troço é definido perimetralmente e terminado em vassoura; ambos os pares de patas se dispõem em perfil uniangular; as traseiras são desprovidas de cascos, embora se observe coxas, jarretes, o joelho da direita e canelas; as dianteiras apresentam casco, canelas, joelhos e antebraços; na linha ventral observa-se a bainha e a cilheira reta; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

A hipertrofia da cernelha do animal anterior dever-se-á ao facto deste ter reaproveitado a cérvico-dorsal de um cavalo gravado previamente, também definido por contorno múltiplo e também orientado para a esquerda (**Fr04-02**); assim a cernelha do auroque anterior corresponde à crineira do cavalo agora em causa; esta termina em ângulo sobre a linha fronto-nasal convexa da cabeça do animal; esta dispõe ainda de um focinho apontado e de um bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; ambos os pares de patas se dispõem em perfil biangular oblíquo, sendo todas desprovidas de cascos; o membro anterior esquerdo encontra-se fletido e é definido por dois bordos paralelos entre si, enquanto o direito apresenta antebraço subtriangular e canela linear; o posterior esquerdo é de forma subtriangular e o direito é mais modelado, observando-se no bordo caudal o jarrete e no cranial o joelho; a linha ventral é curta e côncava.

Cortando parte da crineira do cavalo anterior encontra-se a cabeça de um outro, também orientado para a esquerda e definido por contorno múltiplo (**Fr04-03**); esta cabeça apresenta linha fronto-nasal com fronte bombeada e chanfro reto; a ponta do focinho é convexa e o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se uma narina globular (gravada em torno de uma mancha de óxidos de ferro), uma boca foliforme e um olho foliforme; a crineira é em escada, prolongando-se de forma quase reta até ao dorso do animal; este é reto também; o peito é convexo e o bordo traqueal também reto; as patas dianteiras são curtas, de forma subtriangular e dispostas em perfil biangular oblíquo; as traseiras são de proporções maiores e modelas, observando-se coxas, jarretes e canelas e dispondo-se ambas em perfil uniangular; a linha ventral é semielíptica.

Na zona das cabeças dos três animais referidos anteriormente observa-se um cavalo definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Fr04-04**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal com fronte reta e chanfro convexo; convexa são também a ponta do focinho e a ganacha, sendo o queixo reto; a crineira é longa e convexa, sendo delimitada interiormente e com a extremidade cranial pouco definida; a cérvico-dorsal apresenta dorso reto e garupa convexa; a cauda é farta e a sua inserção subtriangular; a nádega é convexa; as patas traseiras são modeladas (com coxas, jarretes e canelas) e dispostas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; os membros anteriores encontram-se em perfil uniangular, sendo ambos modelados (o direito com antebraço, joelho e canela e o esquerdo com antebraço canela e esboço de casco); o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Praticamente sobrepondo a cabeça do equídeo anterior encontra-se uma outra cabeça de cavalo, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**Fr04-05**); esta cabeça carateriza-se pelo seu comprimento, apresentando linha fronto-nasal convexa, focinho apontado e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; do animal observa-se ainda o cilhadouro convexo, o bordo caudal da pata dianteira curvo, o peito convexo e o bordo traqueal ligeiramente côncavo.

Acima dos dois animais previamente descritos observa-se o que poderá corresponder à cérvico-dorsal de um outro equídeo definido por contorno simples, orientado para a direita (**Fr04-06**); esta cérvico-dorsal carateriza-se por crineira (ou bordo crinal) convexa, ténue garrote, dorso reto e garupa convexa; o degrau da crineira de **Fr04-03** parece também corresponder ao bordo traqueal e arranque da ganacha deste animal.

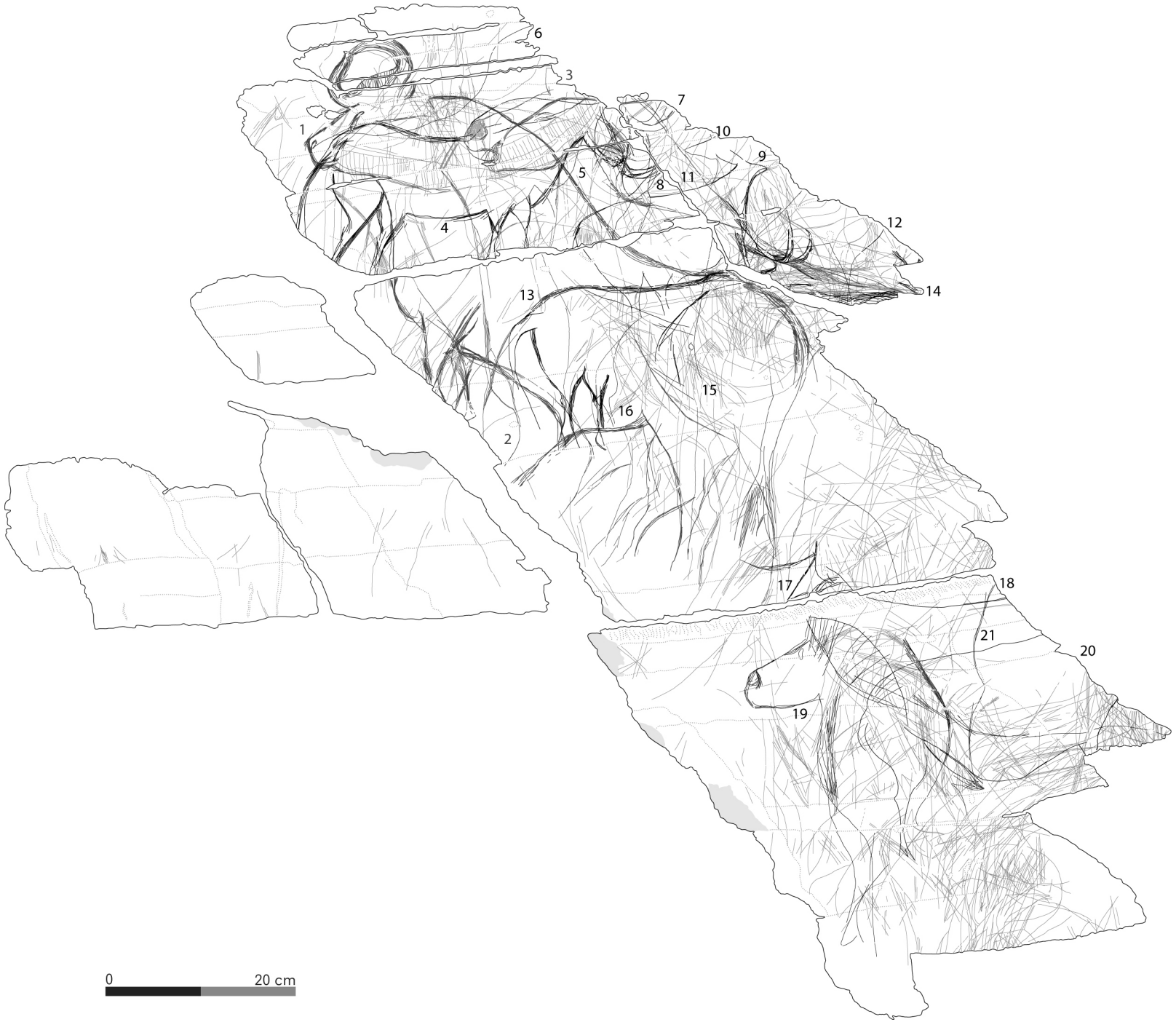


Fig. 99: Rocha 4 do Fariseu (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, de M. Silvestre e do autor).



Fig. 100: Matriz estratigráfica do sector central da rocha 4 do Fariseu.

Em frente de **Fr04-04** e **Fr04-05** observa-se dois antropomorfos acéfalos; um destes é definido por contorno múltiplo e orienta-se para a direita (**Fr04-07**); da cabeça só se observa a nuca pouco definida e de forma convexa; as costas são algo côncavas e a nádega ligeiramente convexa; convexo é também o bordo anterior do tronco; os membros superiores encontram-se fletidos para cima, sendo definidos por dois bordos paralelos e dispostos em perfil uniangular.

O outro antropomorfo (**Fr04-08**) é definido por contorno simples e múltiplo (membros superiores), parecendo, devido à posição dos membros superiores, abraçar a zona da cintura do antropomorfo anterior; aqueles encontram-se também fletidos, em perfil uniangular; os bordos destes membros acabam por se juntar na extremidade distal dos mesmos, parecendo ainda que na do membro direito alguns traços poderão corresponder aos dedos bastante esquematizados; as costas são côncavas e a nádega convexa; dos membros inferiores observa-se o bordo posterior reto de um deles e o bordo anterior fletido do mesmo (o que faria uma perna muito larga) ou do remanescente (faltando assim a separação entre eles).

O último antropomorfo é cortado na zona da cintura pela cérvico-dorsal de uma fêmea de cabra-montês orientada para a direita e definida por contorno simples e múltiplo (**Fr04-09**); a cabeça apresenta forma subtriangular com linha fronto-nasal convexa, bordo ventral reto e focinho apontado; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, dorso reto e garupa tenuemente convexa; a cauda é definida por dois bordos paralelos caídos sobre a nádega; esta é direita; as duas patas traseiras, definidas por dois bordos e dispostas em perfil biangular oblíquo, apresentam coxas subtriangulares e canelas retas; a linha ventral é apenas esboçada e de forma irregular; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Acima da cabeça do animal anterior observa-se o prótomo de um equídeo definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**Fr04-10**); a cabeça subtriangular é definida por uma linha fronto-nasal reta, um focinho apontado e um bordo ventral com ganacha e queixo convexos, separados por uma barbada côncava; o bordo traqueal é côncavo; um pequeno traço acima da fronte poderá corresponder ao degrau da crineira.

Ainda nesta zona do painel parece observar-se o que corresponderá à metade ventral de um quadrúpede definido por contorno múltiplo, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Fr04-11**); deste quadrúpede observa-se o bordo cranial da pata traseira, a linha ventral, a pata dianteira e o bordo traqueal (indistinto do peito); o primeiro é curvo, terminado num esboço de casco globular; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos sub-retilíneos, paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

Refira-se ainda nesta zona do painel um outro conjunto de incisões que parece corresponder a parte da nádega, pata traseira e linha ventral de um quadrúpede definido por contorno simples orientado para a esquerda (**Fr04-12**); a nádega é convexa; a pata é de forma subtriangular e a linha ventral sub-retilínea.

Ocupando, *grosso modo*, o flanco de **Fr04-01** e **Fr04-02**, encontra-se a representação parcial de um veado definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**Fr04-13**); a cabeça é de forma troncocónica com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, tendo a ponta do focinho sido deixada em aberto; apenas uma haste foi figurada, dela se observando o estoque, o contraestoque e o tronco; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso reto e garupa convexa; a cauda é tubular, encontrando-se caída sobe a nádega e apresentando proporções exageradas para cervídeo; a nádega é convexa; do animal observa-se ainda as patas traseiras dispostas em perfil biangular oblíquo; apresentam ambas as coxa, jarretes e canelas; na pata direita observa-se ainda o bordo caudal do casco.

Sob o garrote do animal anterior encontra-se a garupa de um veado definido por contorno múltiplo, também orientado para a direita (**Fr04-14**); a garupa é convexa, assim como a nádega; a cauda é foliforme; do animal observa-se ainda o dorso reto, uma orelha afilada e as terminações distais de duas pontas; a zona do dorso parece encontrar-se estriada.

No flanco de **Fr04-13** observa-se o prótomo muito esquemático de um capríneo definido por contorno simples e duplo, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Fr04-15**); a linha fronto-nasal é ligeiramente côncava e o bordo ventral da cabeça sub-retilíneo; o bordo cervical e o corno são retos; no interior da cabeça observa-se ainda um olho amendoado.

Para a esquerda deste animal parece definir-se o bordo traqueal, peito e pata dianteira de um quadrúpede definido por contorno simples orientado para a direita (**Fr04-16**); o primeiro é côncavo e o segundo convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si.

Junto da base do sector, cruzando a extremidade distal do membro posterior esquerdo de **Fr04-03**, encontra-se um possível prótomo de equídeo, definido por contorno simples (crineira) e múltiplo (bordos ventrais da cabeça e pescoço) orientado para a esquerda (**Fr04-17**); o bordo ventral da cabeça é algo convexo; o do pescoço e a crineira são convexos.

Na tábua do pescoço do equídeo anterior observa-se a metade dorsal da cabeça de um auroque cujo resto do corpo se encontra no sector inferior (**Fr04-18**); a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; do bordo ventral só se observa o arranque reto; a nuca é convexa; no interior observa-se o olho foliforme); os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a cérvico-dorsal e o bordo traqueal são côncavos.

As restantes figurações do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **Fr04-01** uma da chave IIa, uma da VIII, quatro da IXa, quatro da IXab, duas da X, catorze da XIa, doze da XIb, quatro da XIc, uma da XId e duas da XIIIb. A **Fr04-01** e **Fr04-02** associam-se duas da VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, catorze da XIa e doze da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02** e **Fr04-03** associam-se uma da IXba e quatro da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03** e **Fr04-04** associam-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04** e **Fr04-05** associam-se duas da XIa e uma da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05**, **Fr04-08** e **Fr04-09** associa-se uma da IXaa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05**, **Fr04-08**, **Fr04-09**, **Fr04-11** e **Fr04-13** associa-se uma da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05** e **Fr04-11** associa-se uma da IIIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-06** e **Fr04-11** associam-se uma da IXa e uma da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04** e **Fr04-09** associa-se uma da IIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04** e **Fr04-11** associa-se uma da IIb e uma da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03** e **Fr04-05** associa-se uma da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-08**, **Fr04-09** e **Fr04-11** associa-se uma da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05**, **Fr04-08** e **Fr04-09** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, duas da XIa, uma da XIb, duas da XIc e uma da XId. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-13**, **Fr04-14** e **Fr04-15** associam-se uma da VIIa, uma da XIb e uma da XId. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-13** e **Fr04-15** associa-se duas da IXa, uma da XIa, três da XIb, duas da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-13**, **Fr04-15** e **Fr04-16** associa-se uma da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03** e **Fr04-13** associam-se uma da IXba, quatro da XIa e três da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-13**, **Fr04-14** e **Fr04-15** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, duas da X, seis da XIa, duas da XIb e três da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-13** e **Fr04-15** associam-se uma da VIIa, uma da IXa e duas da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03**, **Fr04-15** e **Fr04-16** associam-se uma da VIIa e uma da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-03** e **Fr04-16** associam-se uma da X e uma da XIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02** e **Fr04-04** associam-se uma da IIIc, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, quinze da XIa, seis da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-04** e **Fr04-05** associa-se uma da VIIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02**, **Fr04-04** e **Fr04-06** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da XIa, uma da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02** e **Fr04-06** associam-se uma da VIIa, duas da IXaa, cinco da XIb, três da XIc e uma da XIIIb. A **Fr04-01**, **Fr04-02** e **Fr04-13** associam-se uma da VIIa, uma da VIII e quatro da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-02** e **Fr04-16** associa-se uma da XIc. A **Fr04-01** e **Fr04-03** associam-se duas da Ia, uma da IIIc, duas da VIIa, três da IXa, três da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, dezoito da XIa, dez da XIb, quatro da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-01**, **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05**, **Fr04-07** e **Fr04-11** associa-se uma da XIc. A **Fr04-01**, **Fr04-03** e **Fr04-09** associa-se uma da XIa. A **Fr04-01**, **Fr04-03**, **Fr04-13** e **Fr04-14** associam-se duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, cinco da XIa, quatro da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **Fr04-01**, **Fr04-03** e **Fr04-17** associam-se uma da VIIa, uma da IXab e uma da XIIIb. A **Fr04-01** e **Fr04-04** associam-se uma da IXa, três da XIa, duas da XIb e duas da XIc. Entre **Fr04-01** e **Fr04-06** identifica-se três da XIa, três da XIb e uma da XIc. Entre **Fr04-01** e **Fr04-17** observa-se duas da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. À direita de **Fr04-01** encontra-se três da IXa, três da XIa e duas da XIIIb. A **Fr04-02** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb, uma da X, cinco da XIa e três da XIb. A **Fr04-03** associam-se duas da IXba, uma da IXbb, uma da X, dez da XIa e duas da XIb. A **Fr04-03** e **Fr04-04** associa-se uma da IXbb. A **Fr04-03**, **Fr04-04** e **Fr04-05** associam-se duas da XIa. A **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-05** e **Fr04-11** associam-se duas da IXaa, uma da IXbb, uma da X, duas da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **Fr04-03**, **Fr04-04**, **Fr04-08**, **Fr04-09** e **Fr04-11** associa-se uma da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-04** e **Fr04-11** associam-se duas da XIa e duas da XIc. A **Fr04-03** e **Fr04-05** associam-se duas da XIa. A **Fr04-03**, **Fr04-07**, **Fr04-08** e **Fr04-11** associa-se uma da IXab. A **Fr04-03**, **Fr04-07** e **Fr04-11** associam-se uma da IXb, uma da X, uma da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-03**, **Fr04-08** e **Fr04-09** associam-se uma da XIa e duas da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-08**, **Fr04-09** e **Fr04-11** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-08** e **Fr04-11** associam-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr04-03** e **Fr04-09** associam-se três da VIIa, uma da IXab, duas da X, cinco da XIa e três da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-10** e **Fr04-11** associam-se três da VIIa, duas da IXab, uma da IXb e uma da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-09** e **Fr04-11** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da VIII, uma da IXa, uma da IXaa e duas da XIa. A **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-11**, **Fr04-12**, **Fr04-13** e **Fr04-14** associa-se uma da IIa. A **Fr04-03**, **Fr04-09**, **Fr04-11** e **Fr04-13** associam-se duas da IXa e três da XIa. A **Fr04-03**, **Fr04-09** e **Fr04-13** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da XIa e uma da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-10** e **Fr04-11** associam-se uma da X e uma da XIa. A **Fr04-03** e **Fr04-11** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, quatro da XIa e cinco da XIb. A **Fr04-03**, **Fr04-11**, **Fr04-12** e **Fr04-13** associa-se uma da XIc. A **Fr04-03**, **Fr04-11** e **Fr04-13** associam-se uma da IXa e uma da XIb. A **Fr04-03** e **Fr04-12** associam-se duas da XIa. A **Fr04-03**, **Fr04-12** e **Fr04-13** associam-se uma da IXab, uma da IXb e três da XIc. A **Fr04-03**, **Fr04-12**, **Fr04-13** e **Fr04-14** associa-se uma da XIc. A **Fr04-03**, **Fr04-12** e **Fr04-14** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr04-03** e **Fr04-13** associam-se uma da VIIa, uma da X, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr04-03**, **Fr04-13** e **Fr04-14** associam-se uma da VIIa e uma da IXab. A **Fr04-03** e **Fr04-14** associam-se uma da VIIa, uma da X e seis da XIa. A **Fr04-03** e **Fr04-17** associam-se uma da IXbb, três da XIa, uma da XIc e uma da XId. Entre **Fr04-03** e **Fr04-12** observa-se cinco da XIa e uma da XIb. A **Fr04-04**

associam-se uma da IXab, uma da XIa e uma da XIb. À esquerda de **Fr04-04** identifica-se uma da chave XIa e uma da XIc. A **Fr04-06** associa-se uma da chave IXab. A **Fr04-07** e **Fr04-11** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **Fr04-09** e **Fr04-11** associam-se uma da VIII, uma da IXaa, quatro da XIa e uma da XIb. A **Fr04-10** e **Fr04-11** associam-se três da XIa. A **Fr04-11** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXbb, sete da XIa e duas da XIb. A **Fr04-11** e **Fr04-12** associa-se uma da XIc. A **Fr04-11**, **Fr04-12** e **Fr04-13** associa-se uma da XIc. A **Fr04-12** associam-se duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXb, uma da IXbb, uma da X, sete da XIa e uma da XIc. A **Fr04-12** e **Fr04-13** associam-se duas da XIa e uma da XIIIb. A **Fr04-12** e **Fr04-14** associa-se uma da VIIa. A **Fr04-14** associam-se uma da IXb, duas da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **Fr04-17** associam-se duas da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, sete da XIa, seis da XIb, duas da XIc, duas da XId e uma da XIIIb. À direita de **Fr04-17** observa-se uma da IIIc, quatro da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, onze da XIa, três da XIb, duas da XIc, quatro da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-17** e **Fr04-18** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXc, três da XIa, duas da XIb e duas da XId. As restantes unidades gráficas não figurativas associadas a **Fr04-18** encontram-se já no painel inferior direito, pelo que só as enumeraremos no local respetivo.

No sector inferior, para além do tronco de **Fr04-18**, observa-se ainda outros dois animais e uma pata traseira isolada, todos conseguidos por incisão. Um dos animais corresponde a um cavalo definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**Fr04-19**); apresenta cabeça subtroncocónica, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo, ganacha convexa e queixo direito; no interior observa-se o olho reniforme e a narina subcircular; a crineira é em escada, encontrando-se delimitada internamente e preenchida por alguns traços incisos correspondentes à sua *intugmenta*. A cérvico-dorsal apresenta ténue garrote, dorso reto e garupa convexa; a pata dianteira é algo modelada, observando-se antebraço, canela e casco; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

O outro animal corresponde a um cervídeo definido por contorno simples, orientado para a direita (**Fr04-20**); a cabeça desapareceu devido a fratura do suporte; a cérvico-dorsal apresenta garrote convexo, dorso reto e garupa convexa; a cauda é linear e caída sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira é modelada, observando-se coxa, jarrete, canela e casco bifurcado; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a bainha é afilada; da pata traseira só se observa o arranque do antebraço; o peito é côncavo.

A pata isolada (**Fr04-21**) é modelada e conseguida por contorno múltiplo; pertenceria a um cavalo orientado para a esquerda; observa-se coxa, jarrete, machinhos e casco globular.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas. Ao tronco de **Fr04-18** associam-se uma da chave IXa, uma da XIa e uma da XIc. A **Fr04-18** e **Fr04-19** associam-se uma da VIIa, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **Fr04-18**, **Fr04-19** e **Fr04-20** associam-se uma da IXaa, uma da IXba, uma da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-18**, **Fr04-19**, **Fr04-20** e **Fr04-21** associam-se uma da IXab, uma da IXb, três da XIa, uma da XIb, três da XIc e uma da XIIIb. A **Fr04-18** e **Fr04-20** associam-se uma da IXba, três da XIa e duas da XIb. A **Fr04-18**, **Fr04-20** e **Fr04-21** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da X, duas da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **Fr04-18** e **Fr04-21** associam-se uma da X, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **Fr04-19** associam-se uma da IIa, nove da VIIa, cinco da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, três da IXba, quatro da IXbb, cinco da X, vinte e seis da XIa, quinze da XIb, dez da XIc, três da XId e duas da XIIIb. A **Fr04-19** e **Fr04-20** associam-se cinco da VIIa, uma da VIII, quatro da IXa, três da IXaa, quatro da IXab, uma da IXb, duas da IXba, duas da IXbb, uma da X, trinta da XIa, dezassete da XIb, cinco da XIc e uma da XIIIb. A **Fr04-19**, **Fr04-20** e **Fr04-21** associam-se cinco da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, uma da IXc, oito da XIa, três da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **Fr04-19** e **Fr04-21** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, três da XIa, duas da XIb e uma da XIIIb. À esquerda de **Fr04-19** encontra-se uma da VIII, duas da IXab, uma da X, doze da XIa, nove da XIb, três da XIc, uma da XIIIa e uma da XIIIb. Abaixo de **Fr04-19** observa-se uma da IIa, oito da VIIa, três da IXa, quatro da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da IXba, cinco da IXbb, uma da X, trinta e quatro da XIa, quinze da XIb, três da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **Fr04-20** associam-se três da VIIa, duas da IXb, nove da XIa, duas da XIc e uma da XId. A **Fr04-20** e **Fr04-21** associam-se uma da IXb, duas da XIa e duas da XIb.

Rocha 5 (Fig. 101): Foi dada a conhecer em 2008, quando se publicou o seu decalque (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 119). Localiza-se a cerca de 25 m para su-sudeste da rocha 3, a uma altitude de 130 m. A face historiada é perpendicular ao Côa, orientando-se para és-sudeste. Apresenta uma superfície lisa de cor castanho-acinzentada. Nela foram identificados dois painéis historiados, encontrando-se um deles atualmente assoreado.

O painel assoreado apresenta forma subtrapezoidal e é constituído por duas figuras animais e diversos picotados dispersos. A figura que se encontra na base da estratigrafia corresponde a um cavalo picotado orientado para a direita (**Fr05-01**); encontra-se fracturado na zona da cabeça; desta só se observa um queixo longo e reto e parte do focinho arredondado; esta cabeça destaca-se pelo seu exagerado comprimento; já o pescoço é esguio e encurvado; da crineira – separada do pescoço – só se observa o arranque junto ao garrote; a linha cérvico-dorsal é direita; a nádega é arredondada; no membro posterior observa-se bem a distinção entre coxa e

canela, sendo esta definida por dois bordos retos e aberta na zona distal, e a coxa por traço transversal existente entre a canela e a zona inguinal; a cauda cai na vertical a partir da extremidade da nádega, sendo praticamente paralela à pata traseira: a zona inguinal forma um ângulo muito aberto; o ventre é ligeiramente curvo e o cilhadouro junto da ligação com o membro anterior pronunciadamente convexo; a pata traseira é definida por dois bordos retos ligados em baixo por casco curvo; peito e bordo traqueal são definidos indistintamente por traço algo côncavo.

Sobre esta figura, e aproveitando-a em parte, foi gravada por picotagem uma representação parcial dum veado orientada para a direita (**Fr05-02**); apresenta cabeça de forma genericamente triangular com focinho arredondado; as duas hastes foram gravadas em perfil biangular reto, sendo que as pontas das coroas são as únicas representadas (três na haste direita e duas na esquerda); o pescoço é curvo; a cérvico-dorsal corresponde a um aproveitamento da barriga do animal anteriormente descrito; as patas dianteiras são curtas, abertas na extremidade distal e representadas em perfil biangular reto; o que está representado da linha ventral corresponde a um traço ligeiramente curvo.

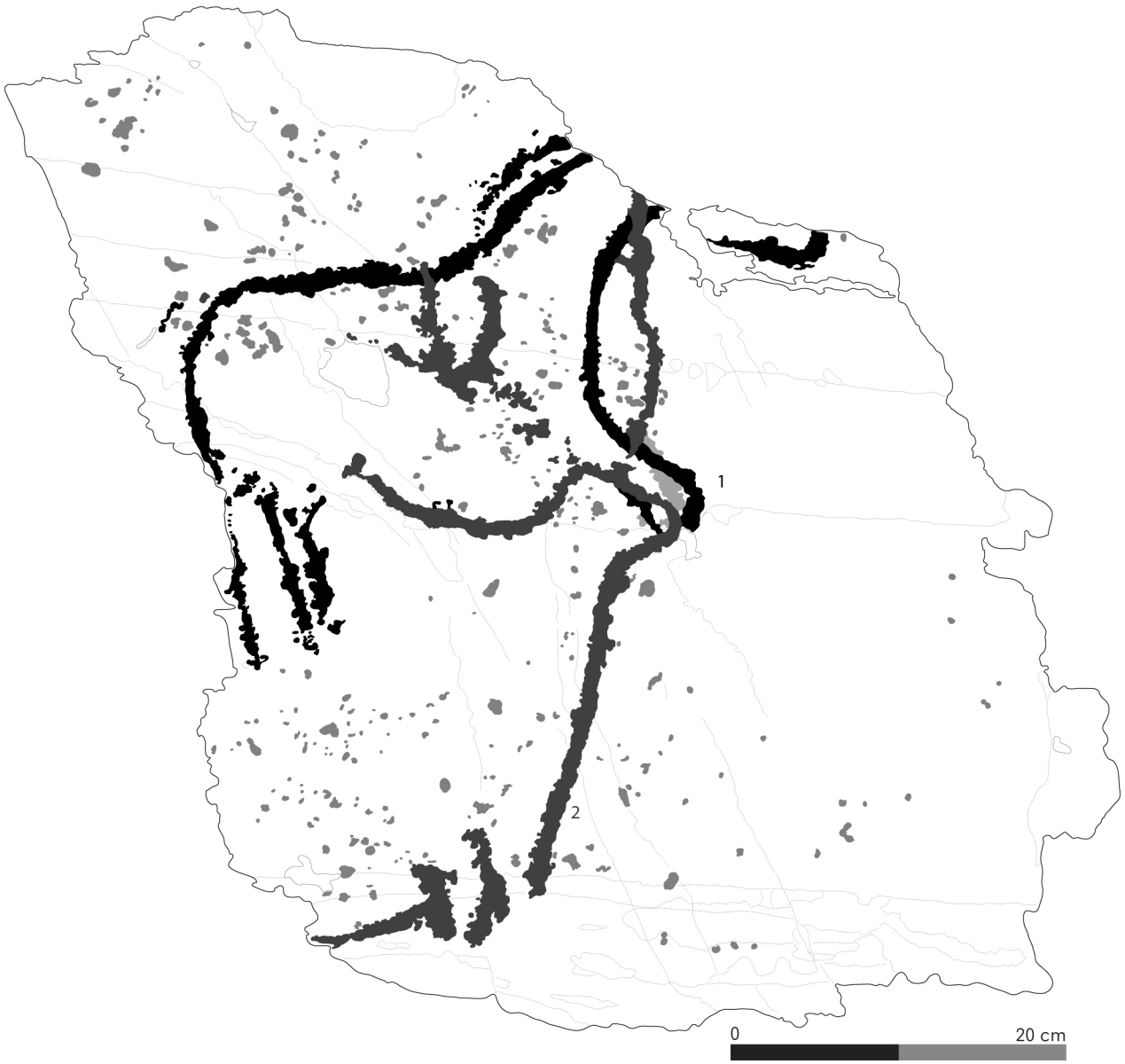


Fig. 101: Rocha 5 do Fariseu (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

O segundo painel localiza-se para a esquerda e a uma cota ligeiramente superior. Aí apenas se identifica alguns picotados dispersos e dois sulcos algo curvos obtidos por picotagem que podem corresponder a duas unidades da chave XIa.

Rocha 6 (Fig. 102): Conhecida desde 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 121). Ladeia a rocha 1 por sudoeste, apresentando forma subtriangular e cor castanho-acinzentada. A face historiada orienta-se para sudeste, sendo *grosso modo* perpendicular ao curso do Côa. Encontra-se a uma altitude de 125 m.

O repertório figurativo consiste num prótomo de um animal que poderá corresponder a um auroque ou a um veado obtido

por picotagem e orientado para a esquerda (**Fr06-01**). A cabeça apresenta linha fronto-nasal reta, focinho igualmente reto e bordo ventral com queixo reto e ganacha quase indistinta de um bordo traqueal que começa por ser ligeiramente côncavo e se vai tornando gradualmente convexo; no interior da cabeça observa-se um olho, a narina e a boca, saindo desta curta língua ligeiramente encurvada para baixo; os cornos (ou estoque) estão representados em perspetiva biangular oblíqua consistindo apenas em dois traços curvos paralelos entre si. Parte da dificuldade da identificação da espécie prende-se com o comportamento refletido pela cabeça – levantada e com a língua fora da boca; tratando-se de um auroque seria o único no Côa com este tipo de movimento e com esta forma de representar os cornos; correspondendo esta a um veado em que apenas estavam representados os estoques (situação que se verifica também na rocha 1 da Quinta da Barca – figura **QB01-56**), não deixaria este de ter um focinho demasiadamente reto e igualmente sem paralelos no Côa.



Fig. 102: Rocha 6 do Fariseu (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

Rocha 8 (Fig. 103): Foi dada a conhecer em 2009, quando se publica o seu decalque (Baptista, 2009a, 106-107). Localiza-se a cerca de 200 m sul da rocha 5, a uma altitude de 138 m. Corresponde a uma bancada que se desenvolve no sentido sudoeste – nordeste, dispondo de uma microtopografia bastante acidentada, observando-se vários painéis que se destacam relativamente à superfície geral da rocha. Apresenta uma forma genérica sub-retangular e uma cor castanho-ferruginosa. A superfície apresenta uma textura lisa e encontra-se orientada para és-sudeste, aqui já subparalela ao curso do Côa. Procederemos à descrição da rocha por sectores, tal como fizemos para a rocha 1

Assim, no sector esquerdo observa-se três animais e uma figura antropomórfica. A primeira localiza-se na extremidade superior esquerda do sector e corresponde a um cavalo inciso definido por contorno múltiplo orientado para a direita (**Fr08-01**). Apresenta cabeça de contorno genericamente retangular, com uma ligeira inflexão que distingue o queixo da ganacha; as orelhas são curtas e representadas em perfil biangular reto; o pescoço é largo e atarracado, descendo suavemente para o dorso que é direito; a cauda, curta, corresponde ao prolongamento da cérvico-dorsal; as duas patas traseiras apresentam forma triangular e estão representadas em perfil biangular oblíquo; a zona inguinal é pronunciada; a linha ventral é convexa no ventre, tornando-se mais direita no cilhadouro e voltando a encurvar ligeiramente perto do inicio da coxa dianteira; esta apresenta também a forma triangular invertida, correspondendo, provavelmente, o prolongamento dos lados às duas pernas anteriores vistas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; ao nível das demarcações interiores deve destacar-se a que existe entre a cabeça e o pescoço, entre a coxa traseira e o resto do corpo e entre a zona inguinal e a garupa; tecnicamente estamos perante um caso que associa o contorno simples e o múltiplo (zonas da cabeça, peito, cilhadouro, membros anteriores e demarcação dos quartos traseiros).

A cerca de 70 cm para a direita observa-se a segunda figura animal. Trata-se de um animal inciso, orientado para a direita que parece associar características de cavalo e cabra-montês (**Fr08-02**); a cabeça parece corresponder à de um cavalo: é longa, com linha fronto-nasal direita, focinho arredondado e bem separado do beiço inferior também arredondado, sendo o bordo ventral convexo; o prolongamento exagerado da linha fronto-nasal para lá da nuca poderá representar também a crineira; o pescoço é curto; a linha cérvico-dorsal é pronunciada, observando-se bem a distinção entre o dorso e a garupa (também caraterística de equídeo); aparenta ter duas caudas: uma que se prolonga a partir da garupa e que, embora curta, se aproxima da de cavalo; uma outra que arranca de um rearranjo da garupa e que corresponde à tradicional cauda de dois bordos paralelos própria da cabra-montês; a pata traseira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é profundamente convexa; a pata dianteira é claramente divisível entre coxa – de forma triangular – e canela – prolongamento do bordo caudal da coxa; destaque-se ainda a existência de dois cornos de cabra-montês perspetivados de forma biangular oblíqua, sendo o da esquerda em "lira" e o da direita curvo e excessivamente "deitado"; refira-se ainda a existência de uma série de linhas, paralelas à fronte e pescoço, que poderão representar a crineira do animal; tecnicamente, a figura associa contorno simples a múltiplo.

A esta figura associa-se por sobreposição um antropomorfo representado em perfil absoluto e orientado para a direita (**Fr08-03**). A cabeça apresenta-se claramente separada do pescoço e este dos ombros do personagem; a nuca é arredondada, assim como a testa; o bordo facial é direito, infletindo na zona do queixo, representado de forma bastante proporcional; o pescoço é esguio; as costas e a nádega encontram-se bem separadas por curvas acentuadas; os dois membros inferiores parecem estar também representadas, assim como um superior atirado para a frente; este arranca de um traço que poderá representar o cotovelo e o antebraço (terminando este "no ar", mas ao nível do ombro), a zona do tórax á também ela atirada para a frente, fazendo-nos pensar numa mulher; o abdómen é convexo; as nádegas parecem estar representadas em perfil biangular reto; uma linha arranca de pouco abaixo do pescoço prolongando-se para a esquerda do personagem até à fissura onde terminam os membros inferiores; refira-se ainda o preenchimento interior através de uma série de linhas curvas e sub-retilíneas na zona entre a cintura e o pescoço; tecnicamente, a figura foi conseguida por incisão, na sua variante do contorno simples.

A terceira unidade figurativa encontra-se escassos centímetros abaixo e corresponde a um macho de cabra-montês inciso e orientado para a esquerda (**Fr08-04**); a cabeça é de tendência rectangular, apresentando apenas um ressalto triangular na zona da fronte; os dois cornos são curvos e representados de acordo com uma perspetiva biangular reta; por trás do direito observa-se uma orelha de forma triangular; o pescoço é esquio e curto; a cérvico-dorsal é convexa, encurvando no sentido contrário na zona da cauda que corresponde a um seu curto prolongamento; os membros estão construídos de forma a distinguirem-se uma coxa e as duas canelas por par, correspondendo aquelas a triângulos invertidos e estas ao prolongamento dos lados do triângulo; observam-se portanto em perspetiva biangular oblíqua; referência ainda para as patas traseiras onde se pode perceber algum cuidado na representação de detalhes anatómicos, nomeadamente dos jarretes; a linha ventral é convexa; a figura foi definida por contorno simples e múltiplo (cornos e dorso).



Fig. 103: Rocha 8 do Fariseu (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

No sector mesial foram gravados outros quatro animais. Os dois primeiros encontram-se a cerca de 50 cm para a direita do descrito anteriormente e correspondem a duas representações parciais de cavalos, executadas por incisão e orientadas para a direita (**Fr08-05** e **Fr08-06**). A primeira apresenta cabeça, pescoço, peito, dorso e cauda (?); a cabeça tem linha fronto-nasal com distinção entre fronte e chanfro, focinho de tendência reta com os cantos arredondados, e bordo ventral altamente modelado com clara distinção entre queixo e ganacha; no seu interior observa-se um olho amendoado aberto; o pescoço é curto e o peito pronunciado; as duas orelhas estão representadas em perfil biangular oblíquo e de forma bastante naturalista, em particular a direita. A crineira arranca a partir desta e é longa e algo direita; a linha cérvico-dorsal é em S acentuado, observando-se nitidamente quer o dorso, quer a garupa; a partir daqui desenvolve-se um traço reto vertical que poderá corresponder à cauda; tecnicamente observa-se o uso do contorno simples e múltiplo, menos intenso na zona da crineira, mais intenso na da cabeça e sobretudo no bordo traqueal.

A segunda figura reduz-se praticamente aos mesmos elementos anatómicos que a anterior, faltando-lhe no entanto o peito; refira-se ainda que neste último caso, o animal está com a cabeça levantada; esta é muito semelhante à anteriormente descrita, se bem que mais "geométrica": a linha fronto-nasal é reta, o focinho arredondado e é particularmente evidente a diferença entre queixo e ganacha, se bem que neste caso esta é quase triangular; no interior observa-se um olho amendoado e a delimitação do focinho; o pescoço é curto e direito; as orelhas estão representadas em perspetiva biangular reta; a crineira arranca também da orelha direita e confunde-se com a cérvico-dorsal, praticamente reta e algo longa; esta é cortada por traço diagonal que pode corresponder à cauda do animal atirada para trás; tecnicamente observamos igualmente a associação do contorno simples com o múltiplo (crineira, cabeça e pescoço).

A quarenta centímetros para a direita observa-se duas representações parciais de machos de cabra-montês orientadas para a esquerda e conseguidas por incisão (**Fr08-07** e **Fr08-08**); a primeira corresponde à metade dianteira; a cabeça é de forma subovoide – embora se observe um ténue ressalto na zona da fronte – e encontra-se representada em perspetiva biangular oblíqua; no seu interior observa-se dois ocos naturais que poderão ter sido interpretados como olhos – e daí o uso pouco habitual da forma de perspetiva para a cabeça; os cornos estão também em perspetiva biangular oblíqua, sendo o da direita ligeiramente curvo, apresentando o da esquerda a tradicional forma em S; a orelha é longa e curva, dispondo-se por trás do corno esquerdo; o bordo cervical é convexo e o dorso reto; convexo são também o bordo traqueal e o peito; a pata dianteira apresenta coxa bem demarcada, especialmente pelo seu bordo cranial, sendo a canela praticamente direita e aberta na extremidade distal; a linha ventral é reta; tecnicamente, a figura associa contorno simples e múltiplo (bordo ventral da cabeça, corno esquerdo e orelha).

A segunda figura corresponde a um prótomo; a cabeça é extremamente modelada; a linha fronto-nasal é direita e levemente fletida na zona da fronte; o focinho é direito, assim como a ganacha; no interior observa-se a boca e um possível olho (aproveitando, como no caso anterior, uma forma natural); sob a ganacha observa-se farta pera; da zona da boca alguns traços parecem corresponder a algo que dela sai (ou a uma unidade gráfica da chave XIc); o pescoço é direito e equilibrado; os dois cornos curvos observam-se em perspetiva biangular oblíqua; as duas longas orelhas dispõem-se de cada dos cornos em perspetiva biangular reta; tecnicamente, estamos perante um caso em que o contorno múltiplo foi usado em exclusividade; este é particularmente intenso no bordo cervical, podendo aí corresponder à pelagem do animal.

No sector inferior observamos cinco animais. O primeiro encontra-se na extremidade superior esquerda, a cerca de 70 cm para baixo e para a direita do animal previamente descrito; trata-se de possível cavalo inciso orientado para a direita (**Fr08-09**); Da cabeça observa-se parte da ganacha, tendencialmente reta mas encurvando na zona da barbada; o pescoço é longo e esguio; uma quebra na extremidade cranial do bordo crinal é algo intrigante; na cérvico-dorsal é evidente o garrote, o dorso e a garupa; apenas uma pata traseira foi gravada, dela se observando a coxa cujo bordo cranial se prolonga pelos quartos traseiros; a linha ventral é convexa e a bainha está representada; da pata dianteira só temos o bordo caudal que consiste num traço curvo para o interior; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; acima do animal um traço parece duplicar o bordo cervical, e outro conjunto o bordo cervical e a cérvico-dorsal; tecnicamente, a representação é definida por contorno simples e múltiplo (ganacha, bordo traqueal e partes da pata dianteira).

O segundo animal localiza-se em painel situado na extremidade superior direita da rocha. Corresponde aos quartos traseiros de um quadrúpede executado por incisão simples e orientado para a direita (**Fr08-10**). A pata traseira é definida por dois bordos praticamente direitos e paralelos entre si; a nádega é pouco pronunciada; a cauda é longa e cruza-se com a linha da nádega junto da extremidade dorsal desta; a zona inguinal é arredondada e o ventre convexo.

Os restantes animais encontram-se na extremidade inferior direita da rocha. Assim, a cerca de 140 cm para a direita da figura precedente observa-se um prótomo de cavalo, inciso e orientado para a direita (**Fr08-11**); a cabeça encontra-se fraturada na zona da fronte, pelo que tudo o que podemos dizer da linha fronto-nasal é que ela é direita na zona do chanfro; o focinho é também reto; o bordo ventral é algo convexo; a crineira é definida por vários traços paralelos, assim como o bordo traqueal que adota a forma de um ténue S; tecnicamente, a figura é definida por contorno simples e múltiplo (crineira e bordo traqueal).

A 20 cm para baixo e para a direita observa-se uma pequena cerva estriada orientada para a direita (**Fr08-12**); esta apresenta uma cabeça longa e afilada de tendência subtriangular, onde no interior se observa a boca – representada por um traço simples – e o olho – representado por um ponto; a orelha é foliforme, observando-se por trás o limite da esquerda; o pescoço está bem destacado da nuca; a partir desta desenvolve-se cérvico-dorsal onde se observa bem o garrote e o dorso; a garupa é angulosa e a cauda quase imperceptível; as patas traseiras estão representadas em perfil biangular reto, sendo separadas por arco de círculo; as coxas são de forma subtriangular e as canelas quase retas; a zona inguinal é côncava e a linha ventral convexa; as duas patas dianteiras também se encontram representadas em perfil biangular reto, sendo desta feita a separação dada pela continuidade da linha ventral até ao membro esquerdo; as coxas são mais discretas que as do par posterior, mas a construção das patas é semelhante, sendo no entanto de destacar a diminuta dimensão da esquerda, o que poderá corresponder a uma tentativa de dar perspetiva ao animal; o peito é convexo e o bordo traqueal quase reto; tecnicamente, será de referir que a cabeça do animal é a única zona do corpo não estriada, tendo sido conseguida por contorno simples e múltiplo (na zona da ganacha).

O último animal encontra-se imediatamente à direita e corresponde a um imponente macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**Fr08-13**); a cabeça apresenta tendência triangular, observando-se ligeira inflexão na zona da fronte; o lábio inferior está claramente separado do queixo; a este e ao bordo cranial da pera corresponde um traço só; o bordo caudal da pera e a ganacha – reta – são conseguidos por outro traço; no interior da cabeça deve-se destacar a representação das narinas, da boca e do olho – de forma amendoada – e da fossa orbital; os dois longos cornos em forma de S encontram-se representados de acordo com uma perspetiva biangular oblíqua; a orelha surge atrás do esquerdo, não sendo possível aferir com claridade o remate distal da mesma devido a fratura do suporte; o pescoço é possante só se distinguindo do dorso pela representação clara do garrote; a garupa é algo saliente; a cauda é levantada e definida por dois bordos quase curvos dispostos na horizontal; o ventral liga-se diretamente à nádega direita; a esquerda surge pela frente e prolonga-se até à coxa esquerda; esta arranca ainda do interior do animal, nela se observando claramente o jarrete; a canela parece ser aberta em baixo; a pata direita apresenta forma *grosso modo* triangular se bem que o jarrete parece estar também subtilmente aduzido; conjuntamente encontram-se representadas segundo uma perspetiva uniangular; a linha ventral é convexa; a bainha está representada por um traço; os membros anteriores estão representados também segundo uma perspetiva uniangular; no membro da esquerda observa-se perfeitamente o joelho, prolongando-se o antebraço pelo interior do corpo; o da direita tem tendência triangular; ambos estão abertos na extremidade distal; peito e bordo traqueal são indistintos, apresentando forma convexa; o animal foi definido por contorno simples, descontínuo aqui e ali, porventura por razões de conformidade com o modelo (um bom exemplo é o do bordo traqueal cuja descontinuidade pode evocar a pelagem do animal).

A rocha é também profusamente gravada com unidades não figurativas. No sector esquerdo, associados a **Fr08-01** por sobreposição, encontramos uma unidade gráfica da chave IIb, uma da IIIc, seis da VIIa, uma da VIII, sete da IXa, duas da IXab, quatro da X, vinte da XIa, dez da XIb e oito da XIc, sendo todas incisas. No mesmo painel encontramos ainda uma unidade da chave IIa, uma da IIIc, sete da VIIa, doze da IXa, sete da IXaa, quatro da IXab, sete da IXb, duas da IXba, duas da IXbb, doze da X, cinquenta e seis da XIa, trinta e nove da XIb, vinte e cinco da XIc, seis da XId e uma da XIIc (picotada).

No pequeno painel onde se situam **Fr08-02** e **Fr08-03** encontramos diretamente associados a estas figuras as seguintes unidades gráficas: duas unidades da chave IIb, três da IXa, três da IXb, três da X, quinze da XIa, três da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. No mesmo painel encontramos ainda uma da IXb, quatro da XIa e duas da XIb.

No painel onde se encontra **Fr08-04** podem observar-se associados diretamente a este motivo as seguintes unidades gráficas: três da chave VIIa, quatro da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, duas da IXbb, uma da X, dez da XIa, cinco da XIb, quatro da XIc e duas da XIIIb. Distribuídas pelo resto do painel observa-se ainda duas da Ia, uma da IIb, duas da IIIb, quatro da IIIc, seis da VIIa, cinco da VIII, vinte e três da IXa, onze da IXaa, nove da IXab, dezoito da IXb, sete da IXba, onze da IXbb, treze da X, quarenta e sete da XIa, cinquenta e duas da XIb, quinze da XIc, treze da XId e três da XIIIb.

Associados diretamente a **Fr08-05** e **Fr08-06** foram isoladas uma unidade gráfica da chave IIIc, cinco da VIIa, quatro da IXa, três da IXab, uma da IXbb, cinco da X, catorze da XIa, doze da XIb, uma da XIc e uma da XId. Pelo resto do painel distribuem-se ainda uma da IIIb, três da VIIa, três da IXa, cinco da IXaa, três da IXab, duas da IXb, três da IXbb, duas da X, vinte e duas da XIa, dezanove da XIb, nove da XIc e três da XId. Observa-se ainda no painel vários picotados dispersos, alguns deles associados aos motivos figurativos.

A **Fr08-07** associam-se diretamente uma unidade gráfica da chave IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da XIa, quatro da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIa. Já a **Fr08-08** associam-se uma da IIa, uma da IXab, duas da X, onze da XIa, quatro da XIb e três da XIc. Distribuídos pelo painel encontramos uma da IIa, uma da IIIb, quatro da VIIa, duas da VIII, dez da IXa, cinco da IXaa, cinco da IXab, sete da IXb, sete da IXba, quatro da IXbb, sete da X, trinta e cinco da XIa, catorze da XIb, seis da XIc, quatro da XId e três da XIIIb. Observa-se ainda alguns picotados dispersos.

No painel imediatamente abaixo observa-se duas unidades da chave XIb. Abaixo da da esquerda observa-se uma da IXa,

localizado já noutro painel. Sob o da direita observa-se, também em painel próprio uma da chave XIa.

Para a direita, em painel situado sobre o que contem **Fr08-09**, observa-se as seguintes unidades gráficas: uma da chave IXc, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Já associadas àquele motivo encontramos onze da XIa e uma da XId.

Associados a **Fr08-10**, observa-se uma unidade da chave IXa, uma da XIa e uma da XIIIa. Pelo resto do painel observa-se ainda uma da IIa, três da IIIc, três da VIIa, duas da IXa, três da IXaa, duas da IXab, três da IXb, três da IXba, duas da IXc, duas da X, trinta e três da XIa, dezasseis da XIb, seis da XIc e cinco da XId. Observa-se ainda alguns picotados dispersos pelo painel.

Associadas a **Fr08-11** encontram-se uma unidade gráfica da chave IXaa, uma da IXb e uma da XIa. No resto do painel observa-se ainda duas da IXaa, uma da IXab, uma da X, treze da XIa, seis da XIb e uma da XId.

Já a **Fr08-12** associam-se duas unidades gráficas da chave XIa, três da XIb e duas da XIc. Mais acima observa-se uma da XIa. São todos incisos. A **Fr08-13** associam-se duas da VIIa, uma da IXa, duas da IXb, duas da IXbb, onze da XIa, quatro da XIb e duas da XIc. Pelo resto do painel distribuem-se uma da IXba, uma da X, doze da XIa e duas da XIb.

1.6. Vale de Figueira

Rocha 1 (Figs. 104 a 106): A rocha é conhecida desde 1995 (Rebanda, 1995a, 9; 1995b, 13). Imagens da mesma são dadas a conhecer em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008a, 58; 2008b, 52), mas os seus decalques aí produzidos só são dados a conhecer em 2009 (Baptista, 2009a, 108-111). Esta rocha localiza-se no ângulo formado pelas margens esquerdas da ribeira epónima e do Côa; localiza-se 125 m de altitude; trata-se de um amplo espaço parietal de microtopografia bastante irregular; as suas inflexões e o sistema de fracturas que o percorre permitem a individualização de diversos sectores, encontrando-se seis deles historiados; os quatro da esquerda orientam-se para és-sudeste, encontrando-se ainda dois orientados para leste; as superfícies apresentam texturas algo rugosas e cor castanha. Destes sectores, foram desenhados quatro da esquerda e um da direita, os quais passaremos a descrever.

O primeiro dos sectores (Fig. 104) corresponde ao limite esquerdo da rocha, apresentando forma sub-retangular. Ao centro observa-se a representação parcial de um quadrúpede picotado orientado para a direita (**VF01-01**); da zona dorsal só se observa o dorso côncavo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; da pata traseira só se observa o bordo cranial curvo; a dianteira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; o bordo caudal prolonga-se pelo flanco; observa-se ainda o arranque do peito convexo.

Entre as patas do animal anteriormente referido observa-se um pequeno auroque picotado, orientado para a direita (**VF01-02**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral convexo; no interior observa-se o olho; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito reto e o esquerdo curvo; a cérvico-dorsal é globalmente côncava, apreciando-se, no entanto, uma saliência na zona da cernelha; a garupa é angulosa; a nádega é suave; a cauda é comprida, arrancando da nádega; a pata traseira é definida por dois bordos, sendo aberta na extremidade distal; aprecia-se bem a diferença entre coxa e canela e um esboço de jarrete; a linha ventral é convexa; a pata dianteira desapareceu devido a fratura do suporte; o bordo traqueal é algo convexo.

Para a direita destes animais, em plano algo recuado identifica-se a representação parcial de quadrúpede picotado, orientado para a direita e inclinado para cima (**VF01-03**); da cérvico-dorsal só se observa a extremidade caudal da garupa; a cauda é curta e linear; a nádega é direita; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; na linha ventral observa-se ventre convexo e cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Abaixo de um importante lascamento da rocha existente sob **VF01-02** encontra-se um auroque definido por incisão (variante do contorno múltiplo) e picotagem, orientado para a direita (**VF01-04**); a cabeça é de forma troncocónica, com linha fronto-nasal e focinho retos, e bordo ventral com ganacha reta e queixo côncavo; no interior observa-se o olho; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo ambos curvos; a cérvico-dorsal apresenta cernelha destacada, dorso côncavo e garupa angulosa, encontrando-se a cauda, apenas esboçada, atirada para trás; a pata traseira é definida apenas pelo bordo cranial curvo; a linha ventral é quase reta; a pata dianteira é apenas definida pelo bordo cranial reto; o bordo traqueal é também reto.

Abaixo da figura observa-se o bordo cranial de uma pata traseira e uma linha ventral com ventre convexo e cilhadouro reto de um quadrúpede conseguido por picotagem (linha ventral) e incisão (pata) orientado para a direita (**VF01-05**).

Para a direita de **VF01-03** observa-se representação parcial de um quadrúpede inciso definido por contorno simples, orientado para a direita (**VF01-06**); as zonas da cabeça e dos quartos traseiros encontra-se algo alterada por calcificações posteriores à gravação; a cérvico dorsal apresenta dorso côncavo e bordo cervical reto; o peito é algo convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é convexa.

As restantes gravuras do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **VF01-01** associa-se uma da chave XIa.

Acima daquela observa-se uma da IVb, uma da XIa, e uma da XIIc, as duas últimas picotadas e a primeira picotada e incisa. Entre **VF01-01** e **VF01-03** observa-se duas da XIa. À direita de **VF01-03** observa-se uma da X, duas da XIa, uma da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. A **VF01-04** associam-se uma da VIIa, seis da XIa, quatro da XIb e duas da XId, sendo todas incisas à exceção de uma da chave XIa e uma da XIb que são picotadas. À esquerda de **VF01-04** observa-se uma da VIII, duas da XIa e uma da XIb. À direita de **VF01-04** observa-se uma da XIa. A **VF01-06** associam-se quatro da chave XIa e uma da XIb. Por duas superfícies situadas à direita daquela onde se situam **VF01-04** e **VF01-05**, distribui-se a maior concentração de unidades gráficas não figurativas da rocha; esta concentração é composta por uma da IXa, cinco da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, doze da XIa, três da XIb, uma da XIc e duas da XId, sendo todas picotadas, à execução de uma da XIa picotada. Abaixo destas superfícies encontra-se outra onde se identifica três da XIa e uma da XIb. Para além destas figurações regista-se vários impactos picotados isolados.

O segundo sector (Fig. 104) encontra-se imediatamente à direita, aí se identificando dois auroques orientados para a direita; um deles (**VF01-07**) situa-se no canto superior direito do sector, tendo sido executado maioritariamente por picotagem; no entanto, os dois terço distais da cauda e parte da pata traseira estão definidos por incisão múltipla; a cabeça é de forma campanulada, apresentando linha fronto-nasal reta, focinho algo convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se as duas narinas, dispostas segundo uma perspetiva biangular reta, e o olho; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito curvo e o esquerdo em forma de S tombado; refira-se ainda que o primeiro arranca da extremidade da fronte e o segundo corresponde ao prolongamento da cérvico-dorsal; esta apresenta bordo cervical reto, cernelha convexa, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é curva e a inserção subtriangular; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si, observando-se no bordo caudal o jarrete do animal; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos paralelos entre si, sendo estes tendencialmente retos e infletidos na zona do joelho; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O outro auroque (**VF01-08**) situa-se abaixo do anterior; é definido por picotagem e abrasão e, excepcionalmente, por incisão (variante do contorno simples); o peito, bordo traqueal e a pata dianteira não foram representados, e a cabeça não aparece em continuidade com o bordo cervical, encontrando-se virada para a frente; os cornos encontram-se orientados para baixo e apresentam forma de ténue S; os bordos laterais da cabeça são também em forma de S, sendo o direito inciso; o focinho parece estar apenas sugerido por um traço curvo que sai da narina esquerda do animal; no interior, para além das narinas elípticas, observa-se os olhos; a linha cérvico-dorsal apresenta cernelha convexa, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é curta e incisa e a sua raiz foliforme exageradamente grande; a nádega é quase reta; a pata traseira é definida por dois curtos bordos retos, paralelos entre si, observando-se no bordo cranial o prolongamento da canela sob a forma de coxa convexa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta.

As restantes gravuras do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas; À esquerda de **VF01-07** observa-se alinhadas horizontalmente e por esta ordem: uma unidade da chave XIa, uma da XId e uma da XIb. A **VF01-08** associam-se uma da XIa e uma da XIb, ambas picotadas (e também abradida a da XIb). Abaixo de **VF01-08** observa-se ainda uma associação entre uma unidade gráfica da chave XIc com duas da XIa. Refira-se também a existência de diversos impactos picotados dispersos pelo painel.

O terceiro sector (Fig. 104) localiza-se imediatamente à direita do anterior, sendo o que apresenta a microtopografia mais acidentada; aqui só se identificam, em pequenos painéis isolados uns dos outros, unidades gráficas não figurativas. Assim, num painel localizado na zona superior esquerda observa-se uma da chave IXa e uma da XIc associadas entre si; a uma certa distancia localizam-se duas da XIa; são todas incisas à exceção de uma da chave XIa que é abradida. Num painel mais à direita observa-se um grupo de três traços conseguidos por uma incisão repetida e profunda (dando origem às vulgarmente denominadas "unhadas do diabo"), observando-se sob estes traços e em torno deles, alguns traços incisos que poderão denunciar fases anteriores da cadeia operativa por trás destes motivos; é neste painel que se concentram os impactos picotados existentes no sector. Num outro painel isolado, localizado mais à direita reconhece-se outra destas "unhadas do diabo".

O quarto sector (Fig. 105) localiza-se a uns metros para direita do que acabámos de descrever, correspondendo o espaço entre ambos a uma zona da rocha algo acidentada sem qualquer tipo de grafismos.

Neste sector identificam-se dois quadrúpedes claros e um possível terceiro. Um dos primeiros corresponde à representação parcial de um quadrúpede definido por picotagem e raspagem, orientado para a esquerda (**VF01-09**); encontra-se reduzido ao peito, bordo traqueal, pata dianteira e linha ventral; o primeiro é convexo e o segundo reto; a pata é definida por dois bordos subparalelos entre si, apreciando-se no caudal uma ligeira saliência na zona do antebraço; a linha ventral é reta; um traço reto que se junta à extremidade cranial do bordo traqueal poderá corresponder a um bordo ventral da cabeça reto e exageradamente longo; contudo, estas caraterísticas também nos permitem interpretar esta unidade gráfica como uma não figurativa da chave XIa; acima do animal dois traços retos paralelos poderiam ser interpretados como esboço da crineira do animal, mas a ser assim, a tábua do pescoço seria demasiado delgada, razão pela qual esta unidade pode também ser interpretada como uma não figurativa da chave XIb; a este animal associam-se ainda uma unidade gráfica da chave XIa e uma da IXa picotadas e raspadas e uma da IXab picotada.



Fig. 104: Rocha 1 de Vale de Figueira — sectores 1 a 3 (decalques de Fernando Barbosa, efetuados com o apoio de Manuel Almeida, Dalila Correia, João Félix e do autor).



Fig. 105: Rocha 1 de Vale de Figueira — sector 4 (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e do autor).

O segundo animal claro localiza-se abaixo do previamente descrito, correspondendo a um auroque picotado e raspado, orientado para a direita (**VF01-10**); apresenta-se algo mutilado devido à fracturação do suporte; a cabeça é de configuração campanulada; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o bordo ventral dispõe de ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se as duas narinas dispostas segundo uma perspetiva biangular reta e um olho amendoado; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, apresentado ambos forma de S; da linha cérvico-dorsal só se aprecia o garrote convexo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos subparalelos entre si, sendo o cranial curvo e o caudal em forma de S, de forma a se representar o antebraço; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata traseira é definida por dois bordos retos, dispondo-se o cranial na diagonal.

O quadrúpede provável corresponde a uma cérvico-dorsal picotada, inclinada para cima e orientada para a direita (**VF01-11**); apresenta garrote suave, dorso côncavo e garupa angulosa; a corresponder a um animal, será seguramente a um auroque.

Outros traços picotados e raspados existentes no sector parecem corresponder a unidades gráficas não figurativas; à esquerda de **VF01-09** encontra-se uma da chave XIa; por baixo daquele quadrúpede observa-se outra da mesma chave; acima dele reconhece-se uma da IXa e duas da XIa. Refira-se também a existência de diversos impactos picotados isolados, dispersos em torno de **VF01-09**.

O sector da direita do painel direito da rocha foi decalcado pela primeira equipa responsável pelos trabalhos do Côa, liderada por Nélson Rebanda; aparentemente o trabalho não terá sido acabado, sendo hoje difícil o acesso devido à cota habitual da albufeira do Pocinho; a excentricidade de grande parte das figuras e a pouca experiência que na altura a equipa (e qualquer pessoa no país) tinha relativamente à arte paleolítica de ar livre, leva-nos a um certo cuidado na altura de valorizarmos excessivamente esta rocha (Fig. 106). Assim, para além de relevarmos a presença de diversas "unhadas do diabo", consideraremos apenas três quadrúpedes, ignorando conscientemente toda a gama de unidades gráficas não figurativas que nos aparecem dispersas pelo decalque.

Passemos então à descrição dos zoomorfos. Um destes foi executado por picotagem, correspondendo a um prótomo orientado para a direita (**VF01-12**), localizado junto à base do painel; apresenta cabeça sub-rectangular; a linha fronto-nasal apresenta a fronte e o chanfro separados por um degrau; o focinho é reto; no bordo ventral observa-se também uma distinção entre ganacha e queixo conseguida mediante a existência de um degrau; o pescoço é longo e praticamente disposto na vertical; o bordo dorsal é convexo, assim como o ventral; a goela é côncava; um traço curvo descontínuo arranca da nuca do animal, sugerindo um longo corno de um capríneo; contudo, a forma sub-retangular da cabeça e o longo pescoço induzem-nos a alguma prudência relativamente a esta identificação.

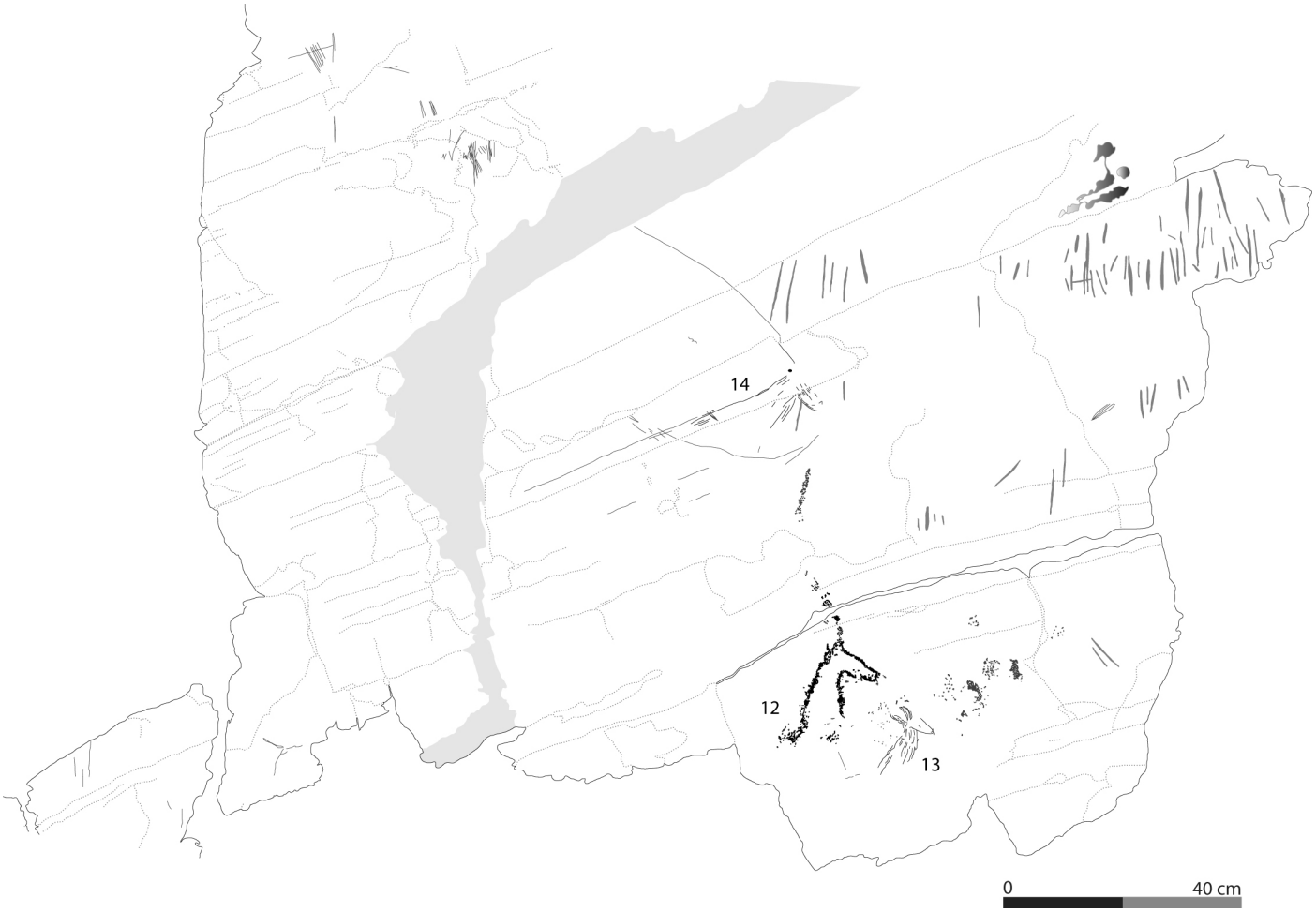


Fig. 106: Sector direito do painel direito da rocha 1 de Vale de Figueira (decalque de Manuel Almeida e João Félix).

O segundo quadrúpede localiza-se imediatamente à direita do anterior, correspondendo a um prótomo de cerva estriado, orientado para a direita (**VF01-13**); apresenta uma cabeça subtriangular com linha fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral convexo; no topo observa-se duas orelhas foliformes dispostas segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o bordo cervical é reto e o ventral convexo.

O terceiro quadrúpede localiza-se sensivelmente a meio do painel, correspondendo a um prótomo de capríneo estriado, orientado para a direita (**VF01-14**); apresenta cabeça oblonga com linha fronto-nasal reta e focinho e bordo ventral convexos; o bordo traqueal é convexo; da linha cérvico-dorsal observa-se ainda um dorso reto.

Rocha 2 (Fig. 107): Referida desde 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008a). Localiza-se a cerca de 50 m para noroeste da rocha anterior, a uma altitude de 145 m; trata-se de uma superfície de configuração sub-retangular orientada para és-sudeste; a superfície é algo irregular e porosa, apresentando cor castanho-acinzentada; refira-se ainda a existência de uma pala sobre o painel.

Na rocha apenas se identifica a representação parcial de um quadrúpede picotado, orientado para a direita (**VF02-01**); está reduzido aos membros, linha ventral, peito e bordo traqueal; ambos os membros (apenas um por par) são definidos por dois bordos retos paralelos entre si, sendo o posterior encimada por uma nádega extremamente convexa; a linha ventral é convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

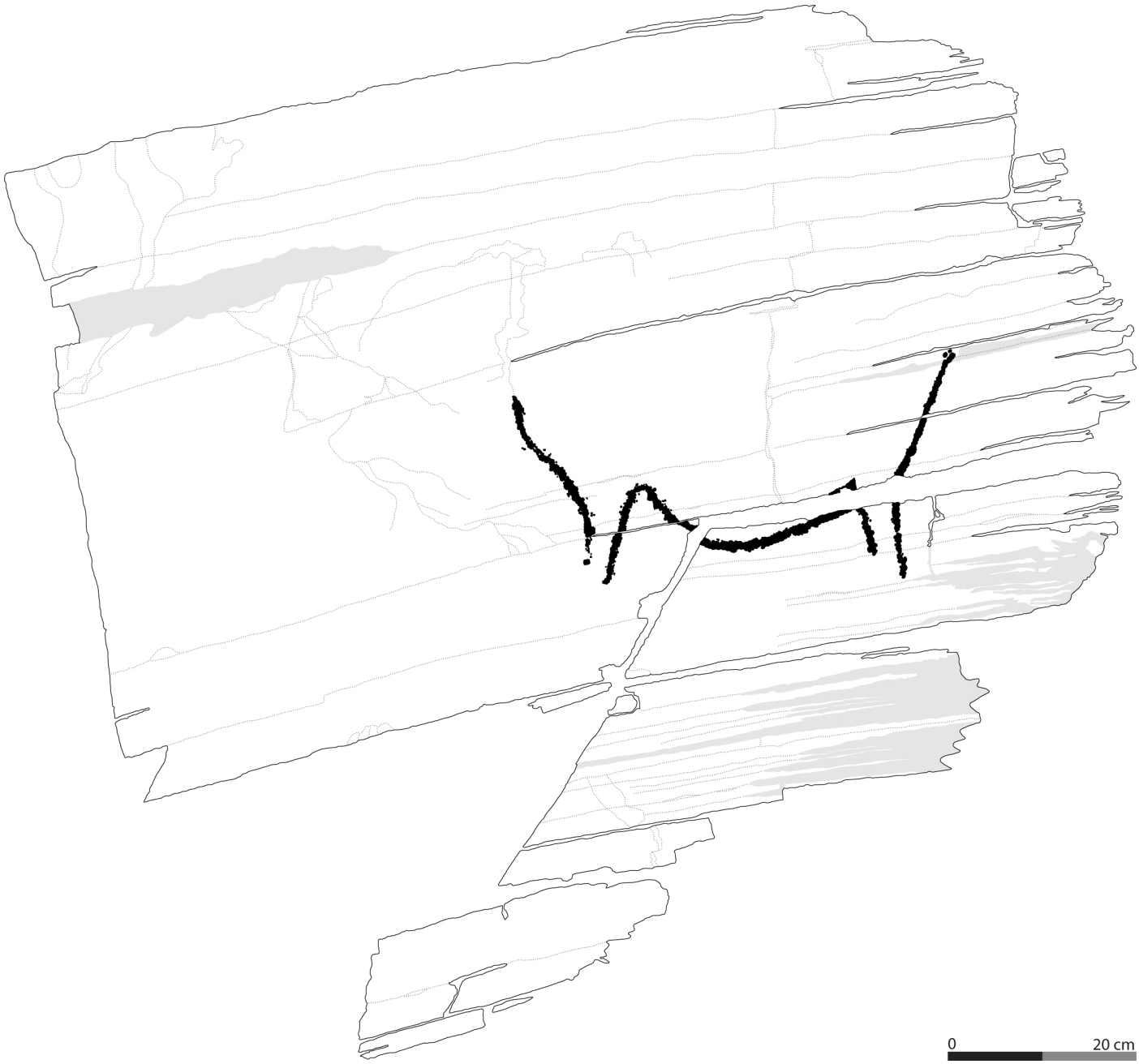


Fig. 107: Rocha 2 de Vale de Figueira (decalque do autor, efetuado com o apoio de Fernando Barbosa e Marcelo Silvestre).

Rocha 5 (Fig. 108): Encontra-se mencionada na bibliografia desde 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008a). Localiza-se a cerca de 150 m da para nor-nordeste da anterior, a uma altitude de 132 m; encontra-se imediatamente frente ao Côa. Corresponde a um amplo paredão orientado para és-sudeste; a superfície é algo irregular e porosa, sendo a cor castanho-alaranjada.

Como no caso, anterior apenas se identifica um motivo gravado, correspondendo este a um prótomo de cerva picotado, orientado para a direita (**VF05-01**); apresenta uma cabeça troncocónica, com fronte algo bombeada, chanfro côncavo, focinho reto e bordo ventral algo côncavo; o bordo cervical é também algo côncavo; as orelhas correspondem a dois traços curvos, arrancando uma da extremidade do pescoço e outra da extremidade da fronte; dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta; o focinho é interrompido por um sulco natural da rocha que poderá ter sido interpretado como língua do animal.

Rocha 6 (Fig. 109): Encontra-se mencionada na bibliografia desde 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008a). Localiza-se entre as duas rochas anteriormente descritas, a uma altitude de cerca de 137 m; corresponde a um painel sub-rectangular, de cor

castanha, orientado para és-sudeste; apresenta superfície regular e algo porosa.

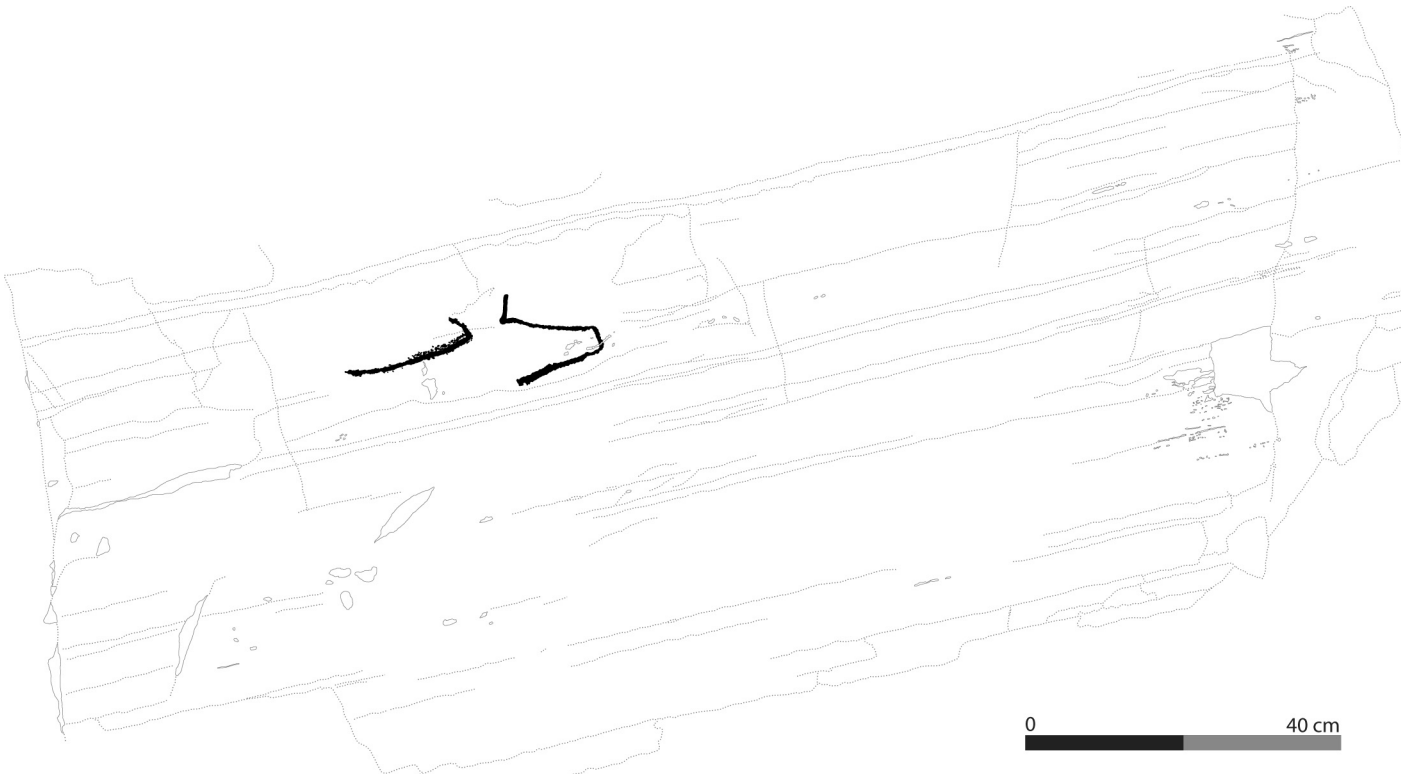


Fig. 108: Rocha 5 de Vale de Figueira (decalque de Marcelo Silvestre, efetuado com o apoio de Fernando Barbosa e do autor).



Fig. 109: Rocha 6 de Vale de Figueira (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Marcelo Silvestre e do autor).

Apenas se identifica um motivo figurativo, correspondendo este a um auroque definido por picotagem e incisão múltipla, orientado para a direita e algo inclinado para baixo (**VF06-01**); está reduzido à sua zona posterior devido a fracturação do suporte; da cérvico-dorsal percebe-se o dorso e a garupa angulosa; a cauda apresenta uma raiz foliforme, sendo maioritariamente definida por incisão múltipla, de forma a ser representada a vassoura; a nádega é convexa; o bordo caudal da pata traseira é definido por incisão múltipla, nele se intuindo o jarrete; o bordo cranial da pata, mediante uma inflexão, apresenta clara distinção entre a coxa e a canela; a linha ventral é convexa; vestígios de incisão (esboço prévio?) são ainda visíveis na nádega, garupa, bordo cranial da pata traseira e ventre.

As restantes gravuras identificadas correspondem a unidades gráficas não figurativas; ao animal associam-se, para além de alguns picotados isolados, dez da chave XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Abaixo dele observa-se duas da XIb e à sua esquerda uma da XIa e duas da XIb.

1.7. Vale de Videiro

Rocha 1 (Fig. 110): A rocha aparece na bibliografia desde 1995 (Rebanda, 1995a, 10; 1995b, 13), sendo o animal nela presente identificado nesses textos como *rangifer*. Uma fotografia do painel foi publicada em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 131). Localiza-se na margem esquerda do Côa, a 95 m para montante da foz atual da ribeira de Vale de Videiro, a cerca de 125 m de altitude; trata-se de um painel vertical orientado para su-sudeste, de cor castanho-acinzentada; apresenta uma superfície regular, se bem que algo erodida; encontra-se atualmente submersa pela albufeira do Pocinho.

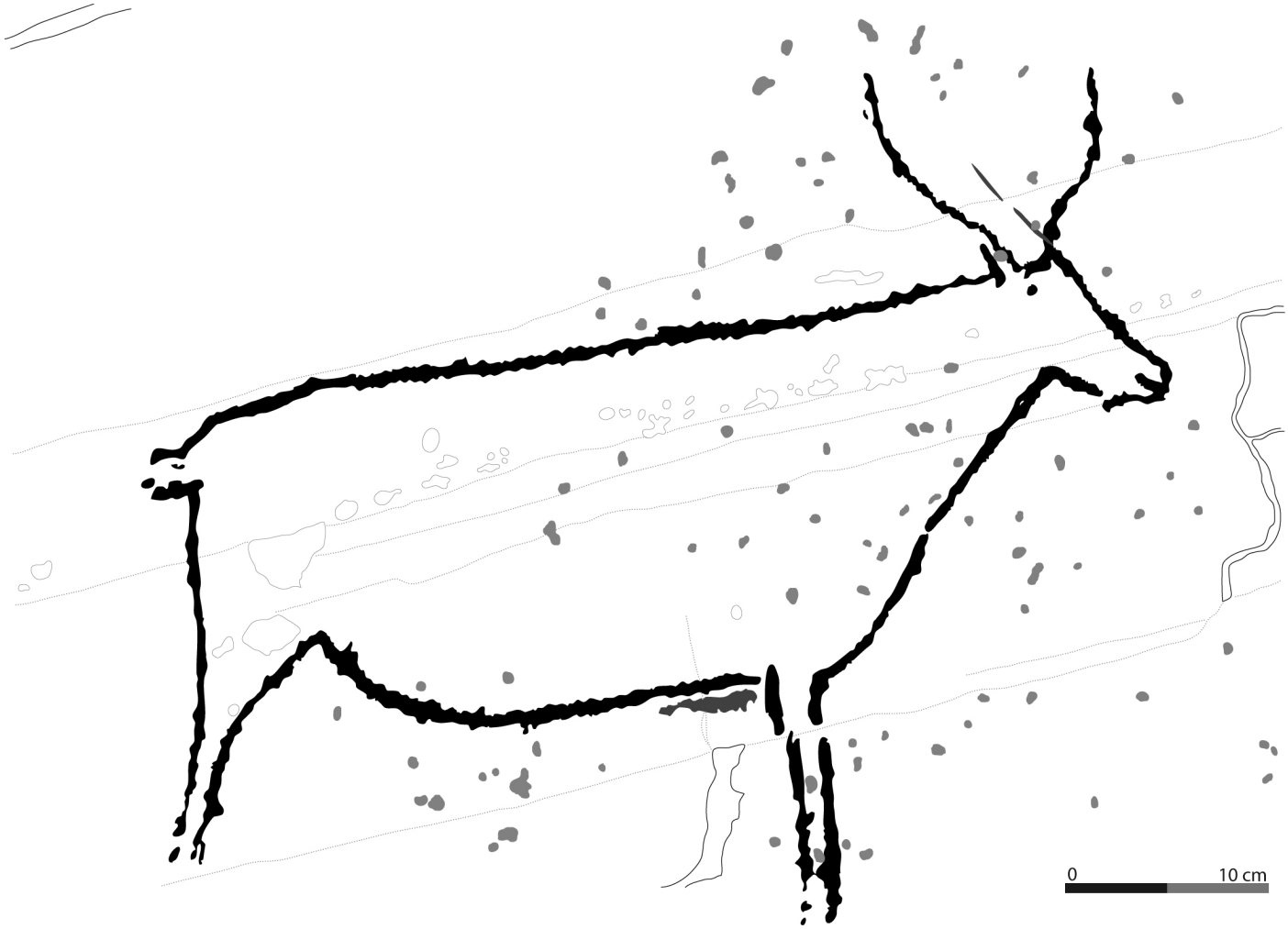


Fig. 110: Rocha 1 de Vale de Videiro (decalque de Fernando Barbosa, completado pelo autor por meio de fotografia de arquivo).

O motivo aqui registado foi-o mediante decalque sobre fotografia. Trata-se de um ser compósito (com características mistas de veado e capríneo), conseguido por picotagem e abrasão, orientado para a direita (**VV01-01**); a sua cabeça á algo alongada; a linha fronto-nasal apresenta fronte reta e chanfro côncavo; o focinho é convexo; o queixo é reto terminando numa subtil pera; a ganacha é algo reta; no interior da cabeça observa-se a boca e um olho; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular reta, sendo em forma de S; atrás do da esquerda observa-se a orelha reta; a cérvico-dorsal é reta, apenas se identificando uma ligeira saliência na

zona do garrote; a cauda é definida por dois traços retos paralelos entre si; a nádega é pouco pronunciada; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; no bordo cranial observa-se a coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é também definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. O animal apresenta corpo e cabeça alongados que remetem mais para um cervídeo; por outro lado, a pera e a cauda são próprios dos capríneos; já os cornos tanto podem corresponder aos de um macho de cabra-montês como a um vareto.

Relativamente ao repertório não figurativo, consideramos, pelo menos, a existência de duas unidades da chave XIa, sendo uma picotada e a outra conseguida por uma incisão profunda e repetida. Refira-se ainda a existência de vários impactos picotados dispersos pelo painel, em particular sobre a zona anterior do animal.

1.8. Canada do Inferno

Rocha 1 (Fig. 111): Trata-se da primeira rocha com grafismos paleolíticos a ter sido divulgada. As primeiras menções na literatura científica surgem em logo em 1995 (Rebanda, 1995a, 6; 1995b, 12), sendo ainda nesse ano dado a conhecer o decalque respetivo (Baptista & Gomes, 1995, Est. III). Localiza-se junto ao limite de cota da albufeira do Pocinho, a uma altitude de 125 m; corresponde a um painel vertical de cor castanha, orientado para su-sudeste; a sua superfície é regular e lisa.



Fig. 111: Rocha 1 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de João Félix e Teresa Fonseca).

A grande maioria das gravuras concentra-se no sector superior do painel, associando-se por sobreposição. Na base da série encontramos um conjunto de figuras incisas definidas por contorno simples e, mais raramente, múltiplo. Sensivelmente ao centro da concentração de motivos, encontramos três animais alinhados horizontalmente. O primeiro da esquerda corresponde a um prótomo de auroque orientado para a esquerda (**CI01-01**); da cabeça observa-se a linha fronto-nasal e o bordo cervical, ambos retos, e conformando a sua união uma nuca angulosa; em cima observa-se os dois cornos dispostos em perfil biangular oblíquo, sendo o da esquerda curvo e o da direita em forma de S; um conjunto de traços parece conformar o bordo traqueal reto.

À direita da figura anterior observa-se outro prótomo, desta feita de espécie indeterminada (**CI01-02**); é definido por contorno múltiplo e orienta-se para a direita; apresenta uma cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, encontrando-se o focinho aberto; dois cornos ou orelhas aparecem representados segundo uma perspetiva biangular oblíqua; o corno (ou orelha) direito corresponde a um traço curvo apontado para cima, enquanto o esquerdo está reduzido a um pequeno traço reto que sai da fronte do animal; o bordo cervical é convexo.

À direita da figura anterior observa-se uma cabra-montês de género provavelmente masculino (**CI01-03**); está definida por contorno simples e múltiplo, orientando-se para a esquerda e inclinando-se ligeiramente para baixo; da cabeça – atirada para a frente – só se observa o focinho pontiagudo; sobre o arranque da linha cérvico-dorsal observa-se uma orelha foliforme; a linha cérvico-dorsal é tendencialmente reta, sobrelevando-se na zona do garrote e arredondando na zona da garupa; sobre a zona do garrote observam-se três traços que poderão corresponder à pelagem do animal; a cauda é definida por dois traços retos paralelos entre si; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal modelado – aí se identificando inclusivamente o jarrete – e um cranial curvo; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos, paralelos entre si; nenhum dos membros dispõe de cascos; o peito é convexo e o bordo traqueal sub-retilíneo; sob o bordo caudal da pata traseira de **CI01-11** poderá encontrar-se o corno do animal, que neste caso disporia de forma em S.

Sobre estes três animais, gravou-se um auroque definido por contorno simples, orientado para a direita (**CI01-04**); esta figura aproveita a linha fronto-nasal de **CI01-01** como bordo ventral da raiz da cauda e o bordo caudal da pata dianteira de **CI01-03** como bordo cranial da sua anterior; apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, podendo o focinho ser configurado por fissuras naturais; os cornos, apenas esboçados, encontram-se representados em perfil biangular oblíquo; da cérvico-dorsal observa-se o bordo cervical, uma cernelha saliente e, depois de uma descontinuidade, a garupa arredondada; da cauda só se observa a raiz alongada; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si, observando-se no cranial a curvatura da coxa; da linha ventral só se observa o ventre convexo; o bordo traqueal é também convexo; da pata anterior só se observa o bordo caudal côncavo.

Um pouco abaixo no painel observa-se outro auroque inciso, definido por contorno simples, desta feita orientado para a esquerda e provido de duas cabeças (**CI01-05**); a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é curta, sendo a sua raiz foliforme; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos curvos de forma a ser representado o jarrete; a linha ventral é convexa; a bainha é definida por vários traços incisos paralelos entre si; a pata dianteira apenas dispõe do seu bordo cranial reto; da cabeça superior observa-se o bordo traqueal côncavo e o peito convexo; a cabeça é possante, apresentando linha fronto-nasal com fronte e chanfro bem definidos por um ligeiro estrangulamento; do bordo ventral só se observa o arranque reto; o focinho encontra-se aberto; a nuca é convexa, não se observando no seu topo qualquer vestígio de cornos; da segunda cabeça observa-se o bordo traqueal convexo; a cabeça é também possante, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho de forma subtriangular; os cornos e nuca são representados por um traço curvo apontado para cima.

Sobre a cernelha do animal anterior observa-se o prótomo de um quadrúpede inciso, definido por incisão simples e múltipla, orientado para a direita (**CI01-06**); apresenta uma longa cabeça de forma sub-retangular; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho e o bordo ventral da cabeça são convexos; o bordo cervical é convexo e o ventral côncavo; a nuca é definida por uma série de traços retos paralelos entre si.

Uma derradeira figura incisa, definida por contorno simples e múltiplo encontra-se acima de **CI01-03**; trata-se de um possível prótomo de cerva orientado para a direita (**CI01-07**); a cabeça está apenas esboçada, sendo de configuração subtriangular; observa-se ainda uma orelha foliforme e uma cérvico-dorsal reduzida ao bordo cervical/ dorso, de forma côncava.

Sobre esta figura foi gravado um macho de cabra-montês orientado para a direita, cuja cabeça, cornos e bordo cervical foram executados por incisão, sendo o resto do animal delineado por picotagem (**CI01-08**); a cabeça é, *grosso modo*, triangular; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é convexo e o bordo ventral algo côncavo; no interior observa-se a boca e a narina (ou as duas narinas numa perspetiva biangular reta); os cornos apresentam-se em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é côncava e a cauda é representada por dois traços curtos paralelos entre si; a nádega é convexa; da pata traseira observa-se o bordo caudal reto da canela e o cranial, disposto na diagonal, da coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a pata da frente é definida por dois bordos algo curvos, paralelos entre si; o peito/ bordo traqueal é convexo.

Mais abaixo foi gravado por picotagem um auroque orientado para a esquerda (**CI01-09**); apresenta cabeça campanulada, com linha fronto-nasal côncava, focinho algo convexo e bordo ventral com clara distinção entre o queixo côncavo e a ganacha convexa; os cornos são em forma de lira, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a nuca é convexa: ao longo da linha dorsal reconhece-se o bordo cervical côncavo, a cernelha proeminente, o dorso suave e a garupa discreta; a cauda é longa, sendo a sua raiz foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo caudal reto e cranial curvo e a dianteira por dois bordos retos; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. Refira-se ainda que os traços que definem a zona anterior do tronco, a cabeça e os cornos foram alvo de abrasão.

Sobre os dois animais previamente descritos foi picotado um auroque orientado para a esquerda e inclinado para cima (**CI01-10**); formalmente é semelhante ao anterior, destacando-se apenas pela sua disposição, dimensões – trata-se da maior figura do painel – e forma atípica da cauda – representada por um traço, primeiro curvo e depois reto, que arranca da zona da nádega; refira-se, no entanto, que o bordo dorsal da raiz da cauda pode corresponder a uma reinterpretação do bordo cranial do membro posterior do animal descrito anteriormente.

Em seguida foi picotado um cavalo (**CI01-11**) com duas cabeças orientado para a direita. As patas, apresentam genericamente as mesmas caraterísticas das dos animais referidos até aqui, destacando-se na traseira a presença do jarrete; na linha ventral – de configuração semielíptica – observa-se a bainha; na cérvico-dorsal é evidente saliência do garrote, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda corresponde ao bordo traqueal do auroque descrito anteriormente; o peito é convexo; o bordo traqueal da cabeça inferior é côncavo e o da segunda reto (surgindo a partir do bordo dorsal da crineira da cabeça superior); as crineiras de ambas as cabeças arrancam do garrote do animal; a cabeça inferior apresenta ganacha convexa e queixo reto; a crineira apresenta delimitação interna; a cabeça superior apresenta crineira convexa, podendo o seu limite interno corresponder a um feixe de traços incisos que, contudo não se ligam ao pescoço do animal; as duas orelhas – representadas por dois pequenos traços retos – estão figuradas em perfil biangular oblíquo; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral convexo.

Após o anterior foi picotada a representação parcial de um cavalo orientado para a direita (**CI01-12**); a cérvico-dorsal apresenta uma garupa convexa, dorso côncavo e crineira convexa; esta termina um pouco atrás das orelhas que se encontram representadas em perfil biangular oblíquo; alguns feixes de traços incisos poderão, como no caso do equídeo anterior, não só marcar o limite interno da crina como respetivo *intugmenta*; a cabeça apresenta linha fronto-nasal e focinho convexos; no bordo ventral observa-se ganacha convexa e queixo reto; no seu interior observa-se a boca; deste animal representou-se ainda o peito reto, o bordo traqueal sub-rectilíneo, a pata dianteira (semelhante às que temos vindo a descrever) e o cilhadouro reto.

Finalmente foi gravada, por picotagem, a representação parcial de um auroque orientado para a direita (**CI01-13**); deste, observa-se a cabeça de forma campanulada; a linha fronto-nasal é côncava a ganacha convexa e queixo reto; no seu interior observa-se o olho e a delimitação interna do focinho; os dois cornos estão representados em perfil biangular oblíquo, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda quase reto; por trás do da direita observa-se as duas orelhas, dispostas também em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal encontra-se parcialmente definida, sendo evidente a cernelha e o dorso (parcialmente inciso); o bordo traqueal, peito e bordo cranial da pata dianteira correspondem ao bordo caudal da coxa de **CI01-09**, à nádega de **CI01-10** e ao bordo cranial da pata traseira de **CI01-09**.

O derradeiro animal do painel encontra-se isolado dos restantes, um pouco à direita e para baixo da concentração a que nos temos vindo a referir; trata-se a um veado picotado com duas cabeças, orientado para a direita e algo inclinado para baixo (**CI01-14**); apresenta um tronco ovoide com linhas cérvico-dorsal e ventral convexas e nádega arredondada; a pata traseira é definida por dois curtos bordos retos paralelos entre si, sendo ainda visível no cranial a configuração da coxa; a cauda é apenas esboçada; a única cabeça completa corresponde à que está virada para baixo: apresenta longo pescoço, observando-se no seu bordo dorsal um ténue garrote; a cabeça é alongada e de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo; as duas hastes são curvas, encontrando-se a esquerda fraturada e não se identificando quaisquer pontas na da direita, sendo razoável supor que nos encontramos perante um vareto; da cabeça superior só se observa uma orelha e o arranque do bordo ventral; o bordo traqueal é côncavo.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI01-01** associam-se uma unidade da chave IXa e uma da XIa. A **CI01-01** e **CI01-03** associam-se duas da XIa. A **CI01-01**, **CI01-10** e **CI01-12** associa-se uma da VIIa. A **CI01-02** e **CI01-10** associa-se uma da XIa. A **CI01-03**, **CI01-04**, **CI01-09** e **CI01-10** associam-se três da XIa e uma da XIb. A **CI01-03**, **CI01-04**, **CI01-09**, **CI01-10** e **CI01-12** associa-se uma da IXaa. A **CI01-03**, **CI01-04**, **CI01-10** e **CI01-11** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **CI01-03**, **CI01-04**, **CI01-10** e **CI01-12** associa-se uma da XIb. A **CI01-03**, **CI01-09**, **CI01-10**, **CI01-12** e **CI01-13** associa-se uma da IIa. A **CI01-03** e **CI01-11** associam-se duas da XIb. A **CI01-04** associam-se uma da IXa e duas da XIb. A **CI01-04** e **CI01-09** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **CI01-04** e **CI01-10** associam-se uma da IXa e uma da XIa. A **CI01-04**, **CI01-09**, **CI01-10** e **CI01-12** associam-se uma da IXbb, uma da X, três da XIa (uma delas picotada), uma da XIb e

uma da XIc. A **CI01-04**, **CI01-09** e **CI01-12** associa-se uma da XIa. A **CI01-04** e **CI01-10** associa-se uma da VIIa. A **CI01-04**, **CI01-10** e **CI01-11** associam-se uma da X e uma da XIa. A **CI01-04** e **CI01-11** associam-se uma da IXaa, cinco da XIa e duas da XIb. A **CI01-04** e **CI01-12** associam-se duas da XIa. Entre **CI01-04** e **CI01-10** encontra-se uma da XIb. À esquerda de **CI01-04** gravou-se uma da XIa. A **CI01-05** associam-se uma da IIb, três da IXaa, uma da IXab, nove da XIa, quatro da XIb e uma da XIIIa. A **CI01-05**, **CI01-06**, **CI01-09**, **CI01-10** e **CI01-12** associa-se uma da XIIIb. A **CI01-05**, **CI01-06**, **CI01-10** e **CI01-12** associam-se uma da IIa, uma da IXc e uma da XIa. A **CI01-05** e **CI01-09** associa-se uma da XIa. A **CI01-05** e **CI01-10** associam-se uma da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **CI01-05** e **CI01-12** associam-se uma da IXab, uma da XIa (picotada) e uma da XIb. A **CI01-05**, **CI01-10** e **CI01-12** associa-se uma da XIa. À esquerda de **CI01-05** observa-se uma da XIa e sob aquela figura uma da IXab e duas da XIa. A **CI01-06** associam-se uma da IXaa, duas da IXb, uma da IXc e uma da XIb. A **CI01-06** e **CI01-09** associa-se uma da X. A **CI01-07** e **CI01-08** associa-se uma de da XIa. A **CI01-08** associam-se duas da XIa. A **CI01-08** e **CI01-10** associa-se uma da IXa. À esquerda de **CI01-08** observa-se ainda uma da XIa (parcialmente picotada) e à sua direita outra da mesma chave. A **CI01-09** associam-se três da XIa (uma delas picotada) e uma da XIb. A **CI01-09** e **CI01-10** associa-se uma da XIc. A **CI01-09**, **CI01-10** e **CI01-12** associam-se uma da IXaa, duas da XIa, uma da XIb e quatro da XIc. A **CI01-09**, **CI01-10**, **CI01-11** e **CI01-13** associa-se uma da XIb. A **CI01-09**, **CI01-12** e **CI01-13** associam-se duas da XIa e duas da XIc. A **CI01-10** e **CI01-11** associam-se seis da XIa. A **CI01-11** associa-se uma da XIa. À esquerda de **CI01-12** observa-se uma da IXa e uma da XIb. A **CI01-14** associam-se uma da IXab, três da IXba, quinze da XIa e três da XIb. Abaixo daquela figura observa-se uma da XIa e acima dela uma da IIb, uma da VIIa, duas da IXab, treze da XIa e três da XIb. Observa-se ainda vários picotados isolados dispersos pelo painel.

Rocha 2 (Fig. 112): Encontra-se publicada desde 1995 (Baptista & Gomes, 1995, Est. VII). Localiza-se a cerca de 9 m para nor-nordeste da rocha anterior, a 125 m de altitude; nesta rocha, de cor castanha e superfície algo irregular e porosa, identifica-se dois painéis verticais orientados para su-sudeste. O da esquerda é de configuração poligonal enquanto o da direita é sub-retangular.

No primeiro destaca-se a representação picotada e abradida de um quadrúpede orientado para a direita (**CI02-01**); infelizmente a fracturação do sector superior do suporte não permite a identificação da espécie; deste animal observa-se o bordo cranial da pata traseira, a linha ventral, a pata dianteira, o peito, o arranque da ganacha e ambos os bordos do pescoço; o bordo cranial da pata traseira é curvo; a linha ventral mostra um ventre convexo e um cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; o arranque da ganacha é reto; o bordo cervical é côncavo; alguns traços incisos sob os traços picotados podem denunciar a existência de um esboço prévio.

Sob este animal observa-se duas possíveis representações parciais de quadrúpedes. Uma destas (**CI02-02**) corresponde à de um equídeo inciso definido por contorno simples, orientado para a direita; está reduzido à cérvico-dorsal – bastante pronunciada –, uma curta cauda algo côncava e à pata traseira; esta é de dimensões algo desproporcionais por excesso, nela se evidenciando a coxa e a canela; todo o membro é definido por dois bordos, encontrando-se o casco ausente.

A outra representação (**CI02-03**) é também incisa e definida por contorno simples, correspondendo à de um quadrúpede acéfalo orientado para a direita; apresenta uma cérvico-dorsal suave, nádega convexa, pata traseira definida por dois bordos retos paralelos entre si, linha ventral convexa, pata dianteira (reduzida ao bordo cranial) e bordo traqueal retos.

Para a esquerda de **CI02-01** encontra-se um equídeo inciso definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI02-04**); apresenta uma cabeça de configuração sub-retangular, com linha fronto-nasal e focinho retos; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e longo queixo reto; no interior observa-se o olho, a boca, e o que poderão ser as duas narinas (esta última leitura é relativa, pois uma narina seria correspondente a um traço reto e a outra a um curvo junto do limite do chanfro); as orelhas dispõem-se em perfil biangular reto; a linha cérvico-dorsal apresenta crineira convexa; dorso reto e imensa garupa arredondada; a cauda é curva; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos com tendência a convergirem na extremidade distal; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; alguns traços junto à pata traseira e um outro paralelo ao bordo cranial da dianteira podem sugerir a presença de uma segunda pata por par; neste caso, estaríamos perante uma representação dos membros em perfil uniangular.

À direita de **CI02-01** observa-se outra figura incisa definida por contorno simples, desta feita correspondente à fêmea de uma cabra-montês orientada para a direita (**CI02-05**); está reduzida à cabeça, linha cérvico-dorsal, nádega e bordo caudal da pata traseira; a primeira é de forma triangular; o corno é curto, curvo e atirado para trás; a cérvico-dorsal é reta, com a garupa convexa e uma saliência imediatamente atrás do corno que poderá representar a orelha; a nádega e o bordo caudal da pata traseira são retos.



Fig. 112: Rocha 2 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M.Almeida e A. M. Baptista).

No sector inferior direito encontra-se a última figuração zoomórfica claramente identificada como tal. Trata-se de um macho de cabra-montês picotado, orientado para a direita (**CI02-06**); apresenta uma cabeça de configuração troncocónica; a linha fronto-nasal é ligeiramente convexa na fronte, tornando-se reta no chanfro; focinho é reto e bordo ventral parece apresentar subtil distinção entre ganacha e queixo; a pera é curta e larga; os dois cornos, em forma de S, dispõem-se em perfil biangular reto; o dorso é reto e a garupa convexa; a cauda é curta e definida por dois bordos retos paralelos entre si; a nádega é direita e a pata traseira definida por dois bordos que parecem esboçar um casco; no cranial é bem evidente a coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira desapareceu devido a fratura do suporte; o bordo traqueal é convexo.

As restantes gravuras do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI02-01** associam-se uma unidade da chave IIa, uma da Vc, uma da IXa, duas da IXab, quatro da XIa e três da XIb. A **CI02-01** e **CI02-02** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **CI02-01**, **CI02-02** e **CI02-03** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **CI02-01** e **CI02-03** associa-se uma da XIa. Abaixo de **CI02-01** identifica-se uma da IXb, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. À direita daquela figura observa-se três da VIIa, duas da IXaa, três da XIa e uma da XId. A **CI02-02** associam-se três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **CI02-02** e **CI02-03** associam-se uma da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da XIa, duas da XIb e uma da XIc. À esquerda de **CI02-02** identifica-se uma da VIIa, uma da IXaa, duas da XIa (uma delas picotada), cinco da XIb e duas da XId. A **CI02-03** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **CI02-04** associam-se uma da IIb, uma da IXa, duas da IXaa, uma da X, seis da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **CI02-05** associa-se uma da XIa. A **CI02-06** associam-se uma da VIIa (estriada e parcialmente picotada), cinco da XIa e uma da XIIc picotada. Para cima daquela figura observa-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc, enquanto que à sua direita se discrimina uma da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, sete da XIa e uma da XIc. Refira-se também os impactos picotados dispersos pelo painel.

No painel da direita encontra-se duas representações parciais de quadrúpedes. Uma destas encontra-se no sector esquerdo, correspondendo à de um cavalo inciso, definido por contorno simples(**CI02-07**); está reduzido à cérvico-dorsal bastante sinuosa, bordo cranial da pata traseira (reto) e linha ventral convexa.

A segunda representação corresponde à cérvico-dorsal picotada (**CI02-08**), muito provavelmente, dada a sua sinuosidade, de um cavalo.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI02-07** associam-se onze da chave XIa (uma delas parcialmente picotada) e uma da XIb. Por cima daquela figura observa-se uma da VIIa, seis da XIa e duas da XIb. A **CI02-08** associam-se uma da XIa e duas da XIIc, todas picotadas. Por baixo da figura inventariaram-se seis da XIa (uma delas picotada), uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIc picotada. À direita foram gravadas duas da XIa (uma delas picotada), uma da XIb e três da XId. Finalmente, por cima do quadrúpede, identifica-se ainda uma da XIa. Refira-se também a existência de diversos picotados isolados distribuídos pelo painel.

Rocha 3 (Fig. 113): Foi dada a conhecer em 1995, tendo o seu decalque sido publicado na ocasião (Baptista & Gomes, 1995, Est. IX). Localiza-se a cerca de 12 m para nor-noroeste da anterior, a cerca de 128 m de altitude; corresponde a uma rocha de cor castanha onde se identifica dois painéis verticais. O da esquerda orienta-se para sudeste, apresentando uma forma poligonal e superfície regular mas algo erodida; o da direita orienta-se para este, apresentando forma subtrapezoidal e superfície regular e lisa.

No painel da esquerda apenas se identifica uma representação picotada de um quadrúpede orientado para a direita e algo inclinado para cima (**CI03-01**); apresenta cabeça globular encimada por duas orelhas dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é algo longo e adelgaçado; o tronco é também alongado, observando-se na cérvico-dorsal a saliência do garrote, o dorso suave e a garupa convexa; já a linha ventral caracteriza-se pelo ventre reto e cilhadouro convexo; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo traqueal é também recto.

Neste painel, para além desta figura, só se observa vários picotados isolados dispersos pelo painel.

O segundo painel é o mais profundamente historiado. Destaca-se pela sua visibilidade a figura de um auroque picotado (se bem que os cornos sejam apenas incisos) orientado para a direita (**CI03-02**); este auroque – localizado no sector inferior do painel – apresenta cabeça campanulada; a linha fronto-nasal é reta e o focinho algo convexo; o bordo ventral apresenta ganacha e queixo convexos, sendo estes separados mediante um estrangulamento do traço; no interior da cabeça observa-se as duas narinas dispostas em perfil biangular reto e a delimitação interna do focinho (representada mediante incisão); os cornos são representados em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; os arranques são picotados, desenvolvendo-se posteriormente os cornos mediante incisão; a linha cérvico-dorsal é longa, apresentando bordo cervical curto e reto; cernelha pronunciada (e parcialmente definida por incisão) e dorso longo e côncavo; os quartos traseiros não se observam, provavelmente devido à fratura do suporte; da pata traseira só se observa, o bordo cranial reto; a linha ventral ventre convexo e cilheira côncava; a pata dianteira é curta e atirada para a frente, sendo definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

No interior desta figura observa-se um quadrúpede inciso muito esquemático, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI03-03**); este quadrúpede apresenta uma cérvico-dorsal que, entre a nuca e a garupa, corresponde a um longo traço reto, arredondando na zona desta última; a cabeça é subtriangular, apresentando linha fronto-nasal convexa, focinho apontado e bordo ventral reto; reto é também o bordo traqueal.



Fig. 113: Rocha 3 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Sob **CI03-02** observa-se duas figuras incisas de grandes dimensões, definidas por contorno simples. Uma destas corresponde a um auroque orientado para a esquerda (**CI03-04**); a cabeça é de forma sub-retangular com linha fronto-nasal côncava e bordo ventral convexo, tendo a ponta do focinho desaparecido devido à fratura do suporte; dos cornos não se observa vestígios; a cérvico-dorsal é reta, observando-se o garrote; a garupa parece aproveitar uma fratura do painel; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa e definida por dois traços descontínuos.

O outro animal corresponde a um macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**CI03-05**); a cabeça é de forma subtriangular; a linha fronto-nasal apresenta fronte reta e chanfro convexo; o focinho é apontado e o bordo ventral é convexo; o corno é direito e atirado para trás; a cérvico-dorsal é algo côncava, sendo a garupa arredondada; da cauda apenas se identificou o curto bordo ventral reto; a nádega é algo reta; a pata traseira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na

extremidade distal; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois traços retos, paralelos entre si, encurvando o interno na extremidade proximal e já no interior do corpo, de forma a representar o antebraço; o peito e o bordo traqueal são convexos.

Sobrepondo estas figuras observa-se um equídeo inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI03-06**); a cabeça é altamente modelada; a linha fronto-nasal é convexa, assim como o focinho; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo côncavo; a crineira sobressai relativamente à fronte do animal, observando-se a delimitação interna da mesma; a cérvico-dorsal é reta e a garupa arredondada; as duas patas traseiras são de forma subtriangular, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras são também subtriangulares, dispondo-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua.

O animal anterior sobrepõe também um cervídeo inciso, definido por contorno simples e múltiplo (nos bordos ventrais do pescoço e da cabeça, e no tronco da haste), orientado para a direita (**CI03-07**); a cabeça – de forma subtriangular – encontra-se levantada e aberta na zona do focinho; linha fronto-nasal e bordo ventral são retos; a haste encontra-se atirada para trás, nela se reconhecendo a ponta intermédia e duas da coroa; a cérvico-dorsal é reta; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Reaproveitando o peito da figura anterior e a linha ventral de **CI03-06** como seus, foi gravado um auroque inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI03-08**); apresenta cabeça sub-retangular; a linha fronto-nasal é algo convexa, assim como o focinho; o bordo ventral é reto; apenas um corno foi gravado, em forma de S e atirado para a frente; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical algo côncavo, cernelha saliente, dorso reto e garupa convexa; a cauda é curta e a sua raiz subtriangular; da pata traseira apenas se gravou o bordo caudal reto.

Acima de **CI03-06** observa-se um equídeo (**CI03-09**) e a cérvico-dorsal de um outro (**CI03-10**), ambos incisos e definidos por contorno simples e orientados para a direita. **CI03-09** apresenta uma cabeça semelhante à de **CI03-06**; a crineira é convexa, sem ressalto frontal nem delimitação interna; o dorso é recto e a garupa convexa; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é de forma subtriangular, com o bordo caudal reto e o cranial convexo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

CI03-10 corresponde a uma cérvico-dorsal semelhante à dos cavalos que temos vindo a descrever; refira-se apenas que a crineira apresenta bordo dorsal subtriangular e delimitação interna.

No sector superior esquerdo observa-se um conjunto composto por três animais que se associam por sobreposição. O primeiro destes animais corresponde à figura localizada na zona mais alta do painel, tratando-se de um equídeo inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**CI03-11**); a sua cabeça é semelhante às que temos vindo a descrever; a crineira, embora apontada em ângulo para a frente da fronte, não possui delimitação interna; o dorso é reto; a zona da garupa/ nádega despareceu devido a fratura do suporte; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; atrás do bordo caudal observa-se um traço que poderá corresponder à extremidade distal da cauda; na linha ventral observa-se a bainha e o cilhadouro convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Em seguida foi gravado um auroque inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI03-12**); a cabeça é de forma sub-retangular com linha fronto-nasal algo convexa e bordo ventral retos; do focinho não se observa vestígios, podendo este corresponder a uma fissura da rocha; apenas um corno curvo foi gravado, sendo todo o seu perímetro delineado; a cérvico-dorsal – que termina na zona inguinal do animal anteriormente descrito – é tendencialmente reta, destacando-se apenas a cernelha; a nádega não foi gravada; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e longo cilheira reta; a pata dianteira é apenas esboçada, dela se observando o curto bordo caudal reto; o peito é côncavo e o bordo traqueal reto.

Sob este animal observa-se um outro quadrúpede inciso, definido por contorno simples e algo inclinado para baixo (**CI03-13**); apresenta uma cabeça troncocónica com linha fronto-nasal côncava, focinho reto e bordo ventral convexo; os cornos são encurvados para cima e dispostos em perfil biangular oblíquo; da cérvico-dorsal observa-se um longo garrote, um dorso curto e a garupa convexa; o bordo traqueal é côncavo e a linha ventral algo convexa.

As restantes gravuras do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas. Assim, a **CI03-02** associam-se uma da chave IXa, uma da IXb, uma da IXbb, dez da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **CI03-02**, **CI03-03**, **CI03-04** e **CI03-05** associam-se uma da IXaa, duas da IXab, uma da X, duas da XIa e uma da XIb. A **CI03-02** e **CI03-04** associam-se uma da VIIa, nove da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **CI03-02**, **CI03-04** e **CI03-05** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, quatro da XIa, duas da XIb, duas da XIc e uma da XId. A **CI03-02**, **CI03-04**, **CI03-05** e **CI03-06** associa-se uma da IIa. A **CI03-02**, **CI03-04**, **CI03-05**, **CI03-06** e **CI03-07** associam-se uma da X, uma da XIa e uma da XIb. A **CI03-02**, **CI03-04**, **CI03-05** e **CI03-07** associa-se uma da XIb. Abaixo de **CI03-02** observa-se uma da IXa (picotada), duas da IXaa, uma da IXba, sete da XIa (duas delas picotadas),

três da XIb (uma delas parcialmente picotada), uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **CI03-04** associam-se uma da IXb, uma da XIa e duas da XIb. A **CI03-04** e **CI03-05** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. A **CI03-04**, **CI03-05**, **CI03-06** e **CI03-07** associam-se quatro da XIa. A **CI03-04**, **CI03-05** e **CI03-07** associa-se uma da XIa. A **CI03-04**, **CI03-06** e **CI03-07** associam-se uma da IXa e uma da XIIIb. A **CI03-04** e **CI03-07** associam-se duas da XIa. A **CI03-05** associam-se quatro da XIa. A **CI03-06** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, sete da XIa e uma da XId. A **CI03-06** e **CI03-07** associam-se uma da IIb, duas da IXab e três da XIa. A **CI03-06**, **CI03-07** e **CI03-08** associam-se uma da VIIa, duas da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, oito da XIa, quatro da XIb e uma da XIIIb. À direita de **CI03-06** observa-se uma da XIa. A **CI03-09** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **CI03-11** associam-se uma da IXa e duas da XIa. A **CI03-11** e **CI03-12** associam-se uma da XIa e uma da XIc. À direita de **CI03-11** observa-se três da XIa. A **CI03-12** associam-se uma da XIb e uma da XId. A **CI03-13** associam-se uma da VIIa, seis da XIa e uma da XIb. Finalmente, perto do limite superior do painel observa-se ainda uma da chave XIc.

Rocha 4 (Fig. 114): Foi dada a conhecer em 1997, no mesmo trabalho em que publica o seu decalque (Baptista & Gomes, 1997, 222, 268). Localiza-se a cerca de 9,5 m para nor-nordeste da anterior, a uma altitude de 123 m de altitude, encontrando-se atualmente no limite de cota da albufeira do Pocinho. Corresponde a um painel vertical, de morfologia sub-retangular, orientado para leste (?). Trata-se de uma superfície profundamente alterada, em que se conservaram apenas alguns sectores do espaço parietal, presumivelmente mais vasto.

No sector da esquerda observa-se um quadrúpede picotado orientado para a direita (**CI04-01**); apresenta cabeça subtriangular e duas hastes retilíneas dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é longo e adelgaçado; o tronco é de morfologia sub-retangular e longo, sendo a cérvico-dorsal reta e a linha ventral ligeiramente convexa; a nádega é direita e as patas (apenas uma por par) definidas por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal encontra-se apenas esboçado, sendo em grande medida substituído por uma fissura natural reta. A este animal associam-se duas unidades gráficas não figurativas incisas, uma da chave XIa e outra da IXb.

No sector abaixo observa-se uma unidade gráfica não figurativas da chave XIa e outra da XIb, ambas incisas. No sector superior direito observa-se as seguintes unidades gráficas não figurativas, todas incisas: seis da chave XIa, duas da XIb, seis da XIc e três da XId. Finalmente, no sector inferior direito identifica-se ainda as seguintes unidades gráficas não figurativas, igualmente todas incisas: oito da chave XIa, três da XIb, cinco da XIc e quatro da XId.

Rocha 5 (Fig. 115): Foto parcial do dispositivo gráfico nela presente foi publicada logo em 1995 (Rebanda, 1995a, 12; 1995b, 15). O seu decalque integral só se veio, contudo, a conhecer em 2009 (Baptista, 2009, 214). Localiza-se a cerca de 7,7 m para norte da anterior, a uma altitude de 123 m, encontrando-se também na linha de cota da albufeira do Pocinho. Trata-se de um painel vertical, de configuração subtrapezoidal, orientado para és-sudeste. Apresenta cor castanha, sendo a sua superfície regular e lisa.

A figura de mais grandes dimensões do painel corresponde a uma cerva incisa (e estriada na zona anterior) orientada para a direita (**CI05-01**); a cabeça é de forma genericamente retangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as orelhas foliformes dispõem-se em perfil biangular oblíquo; o pescoço é longo e adelgaçado; o tronco apresenta uma morfologia sub-retangular; na linha cérvico-dorsal destaca-se o bordo cervical direito, o garrote saliente e o dorso suave; a garupa não foi gravada; a pata traseira está apenas esboçada, observando-se bem a distinção entre a coxa e a canela; esta é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é de morfologia subtriangular, também aí se evidenciando a diferença entre o antebraço e a canela (designadamente mediante o uso do estriado no interior do corpo); na extremidade distal da pata observa-se dois traços quase perpendiculares aquela que poderão representar o casco fendido destes animais; o bordo traqueal é côncavo.

Abaixo observa-se um quadrúpede gravado por picotagem e orientado para a direita (**CI05-02**); apresenta cabeça morfologicamente semelhante à do animal anterior; o pescoço é definido por dois bordos retos paralelos entre si; em cima observam-se duas orelhas subtriangulares dispostas em perfil biangular reto; o tronco é sub-retangular e possante; as linhas cérvico-dorsal e ventral são subconvexas; a nádega é reta, assim como o peito; a pata traseira é de morfologia triangular e a dianteira reta e atirada para a frente; a cauda é longa e atirada para trás; cabeça, pescoço e patas são preenchidos interiormente; no interior do tronco observa-se duas linhas que o atravessam longitudinalmente, situando-se uma praticamente ao nível da cérvico-dorsal e outra um pouco abaixo.

As restantes gravuras são unidades gráficas não figurativas. A **CI05-01** associam-se duas da chave VIIa, quatro da IXa (uma delas parcialmente picotada), quatro da IXaa (uma delas picotada), duas da IXba, uma da X, dezanove da XIa, doze da XIb, três da XIc e seis da XId. À sua direita observa-se uma da IXa, uma da IXaa (parcialmente picotada), uma da IXb, uma da X, dezasseis da XIa, nove da XIb, uma da XIc e três da XId. Por cima daquele zoomorfo observa-se uma da IXa, oito da XIa, três da XIb e uma da XIc. Para a sua esquerda gravaram-se uma da IXab, uma da IXb, quinze da XIa (duas delas picotadas), doze da XIb, uma da XIc e três da XId. Entre **CI05-01** e **CI05-02** observa-se cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Associadas a **CI05-02** identifica-se uma da IXa, três da XIa, seis da XIb, uma da XIc e três da XId. À sua direita foram gravadas uma da IXaa, dezasseis da XIa, nove da XIb,

uma da XIc e duas da XId. Para baixo do último quadrúpede referido identifica-se duas da IXab, uma da IXb, vinte e quatro da XIa, dezoito da XIb, seis da XIc e doze da XId. À sua esquerda observa-se três da IXa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, vinte e três da XIa, catorze da XIb, duas da XIc e onze da XId. Por fim, no sector superior esquerdo da rocha, foram gravadas uma da IXa, uma da IXaa, duas da IXba, uma da IXbb, vinte e uma da XIa, oito da XIb, duas da XIc e seis da XId.



Fig. 114: Rocha 4 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Rocha 6 (Fig. 116): Mencionada na bibliografia desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 261), apenas se veio a conhecer o seu decalque em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 131). Localiza-se a cerca de 10 m para és-sudeste da rocha 1, a uma altitude de 123 m (encontrando-se ao nível da cota de enchimento da barragem do Pocinho), num dos pontos cimeiros do afloramento que constitui o "abrigo das cabras"; corresponde a um painel vertical, orientado para és-sudeste, de configuração subquadrangular.



Fig. 115: Rocha 5 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

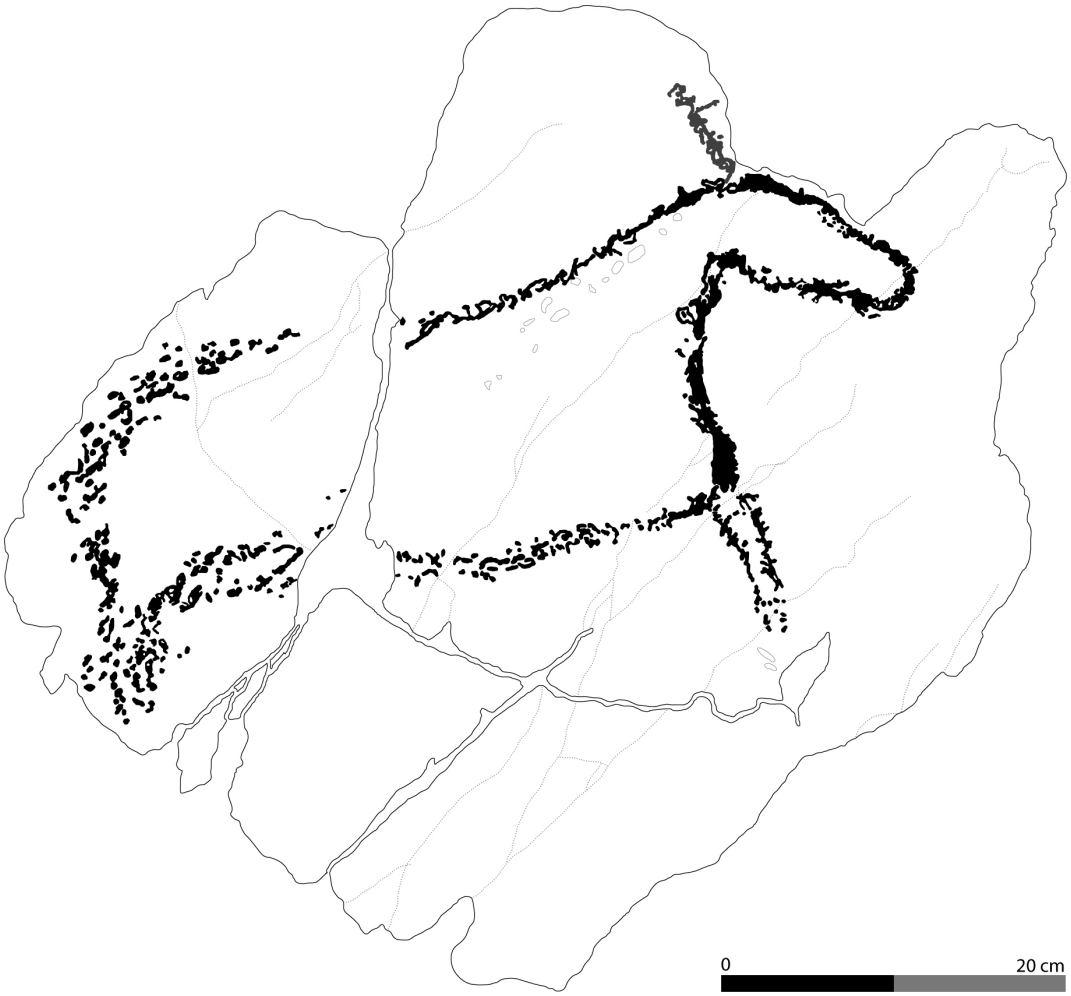


Fig. 116: Rocha 6 da Canada do Inferno (decalque de Manuel Almeida e João Félix).

Nele apenas se identifica uma unidade gráfica figurativa a que se associa uma não figurativa, sendo ambas picotadas. A primeira corresponde a uma representação picotada de um equídeo orientado para a direita (**CI06-01**); apresenta cabeça campanulada e algo longa; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é convexo; o bordo ventral carateriza-se pela ganacha convexa e queixo reto; a crineira não apresenta qualquer descontinuidade relativamente à fronte, sendo reta a partir da nuca do animal, dando a impressão de que o que temos representado é o bordo crinal e não a crineira; o tronco é de tendência sub-retangular; a linha cérvico-dorsal é genericamente reta, arredondando apenas na zona da garupa; a linha ventral é reta; a nádega é convexa; as duas patas traseiras são lineais, encontrando-se representadas em perfil biangular reto; as dianteiras são também lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

A unidade não figurativa corresponde a uma da chave XIa.

Rocha 10 (Fig. 117): Conhecida desde 1997, quando se publicam os seus decalques (Baptista & Gomes, 1997, 223-224, 272-274). Localiza-se a cerca de 10 m para su-sudoeste da rocha 1, a uma cota de cerca de 121 m, encontrando-se, portanto, atualmente submersa. Apenas nos debruçaremos sobre o sector da rocha publicado como 10a, uma vez que é o único com figurações paleolíticas (Baptista & Gomes, 1997, 223-224); corresponde a um painel vertical orientado para és-sudeste, de configuração sub-retangular; a superfície encontra-se bastante alterada por fissuras e lascamentos.

São quatro as figurações claras deste painel, tendo nós ainda considerado outras duas como possíveis. Assim, na metade superior do painel observa-se um peixe inciso definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (**CI10-01**); o animal está apenas esboçado; apresenta cabeça triangular, dorso quase reto e ventre convexo; o bordo ventral da cabeça e um possível barbilhão estão bem marcados mediante a incisão múltipla; no interior do corpo um feixe estriado e alguns traços soltos parecem representar alguma caraterística corporal; um de alguns dos picotados sobre o animal pode corresponder ao olho do mesmo; a forma da cabeça e a existência do barbilhão são argumentos que tornam plausível a identificação da espécie como um barbo.

Um pouco mais abaixo identifica-se um capríneo picotado, orientado para a esquerda (**CI10-02**) e ao qual falta o peito, bordo traqueal e cabeça devido a fratura do suporte; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda é definida por dois traços curvos divergentes; a pata traseira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; a linha ventral é

convexa; a pata dianteira é definida pelo que parece ser um bordo cranial reto um caudal curvo na zona do antebraço e reto na da canela; internamente observa-se um traço curvo que pode corresponder a uma demarcação cromática da pelagem; alguns traços incisos, com particular destaque para os da linha ventral, podem denunciar a existência de um esboço prévio.

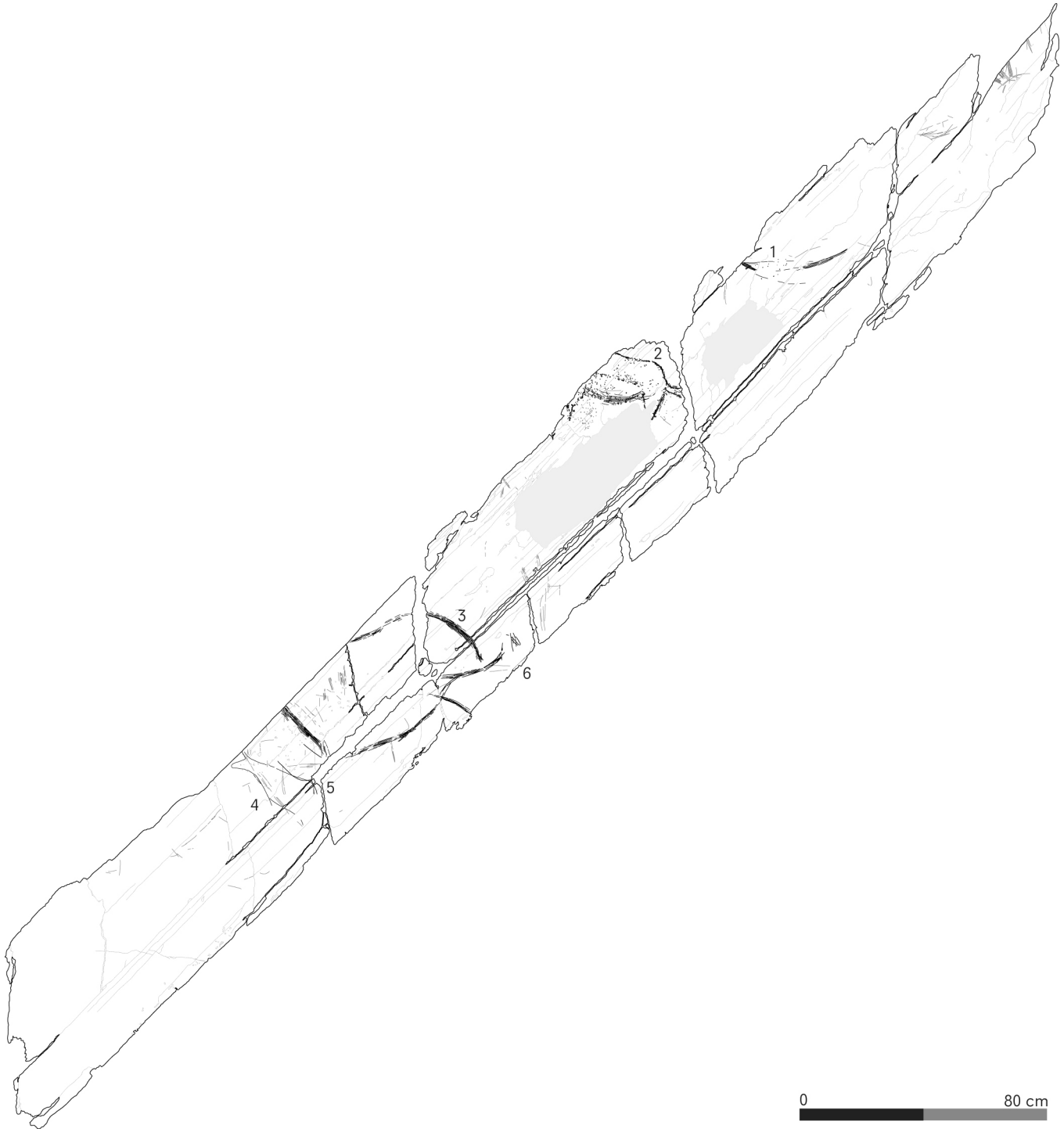


Fig. 117: Rocha 10 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Mais abaixo observa-se um quadrúpede inciso definido por contorno múltiplo, orientado para a esquerda (**CI10-03**); como na situação anterior, a fratura do suporte destruiu a zona da cabeça, facto que dificulta a identificação da espécie; na cérvico-dorsal aprecia-se um dorso suave e uma garupa convexa, convexidade que se prolonga pela nádega; a pata traseira é apenas definida pelo bordo caudal curvo; a linha ventral, pela sua forma subtriangular, apresenta uma distinção clara entre ventre e cilhadouro; a pata dianteira não foi representada para além do arranque do bordo cranial; o peito é convexo.

A quarta figura animal clara encontra-se imediatamente abaixo, correspondendo a uma cerva incisa, definida por incisão simples, orientada para a esquerda (**CI10-04**); o animal encontra-se com a cabeça lançada para a frente; esta é de forma troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as duas orelhas encontram-se atiradas para a frente, encontrando-se representadas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é reta, assim como a nádega; o bordo traqueal é côncavo; a linha ventral

apresenta ventre côncavo e cilheira convexa; o bordo caudal da pata traseira é curvo.

Um dos possíveis animais corresponde à representação parcial de um quadrúpede inciso, definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**CI10-05**); encontra-se entre **CI10-03** e **CI10-04**; está reduzido às linhas cérvico-dorsal e ventral e ao bordo cranial da pata traseira; a primeira é reta; a segunda apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; o último é curvo.

O segundo possível animal encontra-se no espaço deixado vazio pela pata traseira de **CI10-03**; corresponde à representação parcial de um quadrúpede inciso, definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**CI10-06**); a cabeça é de forma ovoide, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho convexo; no topo parece encontrar-se duas orelhas lineais dispostas em perfil biangular reto; o pescoço seria longo; a cérvico-dorsal é côncava, prolongando-se por uma curta cauda; alguns traços curvos paralelos entre si podem configurar quer a nádega do animal, quer a pata traseira; na generalidade, o animal assemelha-se a **QB22-07**.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. No topo do painel observa-se uma da chave IIb, duas da IXa, seis da IXb, uma da IXc, nove da XIa, três da XIb e duas da XIc. A **CI10-01** associam-se sete da XIa e uma da XIc. A **CI10-02** associam-se três da XIa e uma da XIIc picotada. Entre **CI10-02** e **CI10-03** identifica-se uma da IXa, quatro da XIa, duas da XIb e cinco da XIc. A **CI10-03** associam-se uma da IXb, onze da XIa, uma da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **CI10-03** e **CI10-06** associa-se uma da XIa. Entre **CI10-03** e **CI10-04** identifica-se uma da IXa e duas da XIa. A **CI10-04** associam-se uma da IXaa, cinco da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **CI10-04** e **CI10-05** associa-se uma da XIa. À direita de **CI10-04** observa-se uma da mesma chave. Abaixo de **CI10-04** encontra-se uma da IXbb, onze da XIa e duas da XIb. A **CI10-05** associam-se duas da XIa e uma da XIc. A **CI10-06** associa-se uma da XIb.

Rocha 11 (Fig. 118): As primeiras referência a esta rocha datam de 1995, quando se publicam fotos da mesma (Rebanda, 1995a, 7; 1995b, 12). Uma descrição mais aturada, assim como a maior parte dos decalques são publicados em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 224-231, 277-279). O decalque integral apenas se conhece em 2009 (Baptista, 2009a, 52-53), quando se dá igualmente a conhecer parte do espaço parietal não publicado anteriormente, designadamente onde se encontram as nossas unidades **CI11-21** a **CI11-23**. Localiza-se a cerca de 10,70 m para oés-sudoeste da rocha anterior, a cerca de 121 m de altitude, encontrando-se, de igual modo, submersa; corresponde a uma rocha onde se identificaram diversos painéis verticais orientados para és-sudeste (?); a rocha apresenta uma topografia bastante irregular, aparecendo-nos os painéis em planos diversificados; as superfícies são lisas e, maioritariamente de cor vermelho-ferruginosa; de acordo com os autores que primeiro a publicaram, a zona inferior da rocha caraterizava-se pela sua cor "azul quase negro" (Baptista & Gomes, 1997, 224); aqueles mesmos autores dividiram a rocha em A e B, subdividindo a primeira em diversos sectores. Dada a morfologia da rocha pensamos ser mais sensato dividi-la em três sectores (esquerdo, superior central e superior direito), separados entre si por painéis não historiados; dada a organização das gravuras propriamente ditas, podemos dizer que o primeiro dos sectores é composto por dois espaços parietais – um situado na zona superior direita do sector e outro na zona inferior esquerda.

O sector esquerdo apresenta forma sub-rectangular e é composto por cinco painéis que se encontram em diversos planos; esta topografia da rocha condicionou de sobremaneira a disposição das gravuras do primeiro conjunto gráfico. Assim, o painel situado mais à esquerda apresenta um eixo maior em altura que em largura, facto que conduziu à gravação de um auroque acéfalo com este tipo de inclinação. Este auroque (**CI11-01**), orientado para a direita, foi conseguido maioritariamente por picotagem, embora a cauda seja incisa; apresenta cérvico-dorsal com garupa convexa, dorso suave, cernelha pronunciada e bordo cervical côncavo; da cabeça observa-se o que poderá corresponder à orelha e o arranque reto da ganacha; a cauda é curva, arrancado da garupa; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa.

À esquerda da cauda do animal referido anteriormente, observa-se a representação parcial de um auroque picotado, orientado para a direita (**CI11-02**); da linha cérvico-dorsal destaca-se a cernelha proeminente e o curto bordo cervical côncavo; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo ambos em forma de S; da cabeça observa-se a nuca convexa, a linha fronto-nasal reta e o focinho convexo.

Sobre os quartos traseiros de **CI11-01**, observa-se bovino picotado orientado para a esquerda (**CI11-03**); apresenta cabeça subtriangular com fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral convexo: sobre a nuca dois traços poderão corresponder a duas curtas armações ou orelhas dispostas em perfil biangular reto; a cernelha é convexa, o dorso é quase reto e a garupa angulosa; a cauda é direita, e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; reto é também o bordo traqueal; dadas as caraterísticas do animal (designadamente a sua dimensão comparativa, a forma da cabeça, e a inexistência ou pequena dimensão dos cornos), pensamos poder interpretar esta figura como um vitelo.

O painel situado imediatamente à esquerda encontra-se mais recuado; aí encontramos várias figuras zoomórficas, a maior

parte delas incompletas. Assim, no topo do painel observa-se um par de traços picotados, paralelos entre si, que poderão corresponder à extremidade da pata de um quadrúpede (**CI11-04**).

Para a esquerda observa-se a cauda, pata traseira e ventre de quadrúpede picotado e abradido, orientado para a esquerda (**CI11-05**); a cauda é encurvada; a pata é definida por dois bordos curvos divergentes e o ventre é convexo.

Sobrepondo-se à extremidade da pata do animal anteriormente referida, encontra-se um outro auroque de maiores dimensões, gravado por picotagem e orientado para a esquerda (**CI11-06**); a cérvico-dorsal é quase reta e a garupa convexa; o troço da cauda é curvo, sendo foliforme a sua raiz; a nádega é algo convexa; a pata traseira é definida por dois bordos que tendem a convergir na extremidade distal; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por um bordo cranial curvo e um caudal reto na zona da canela e curvo na do antebraço; todo o resto do animal desapareceu devido a fratura do suporte.

Sobre este animal foi gravado por picotagem um auroque orientado para a esquerda (**CI11-07**); a cérvico-dorsal apresenta garupa angulosa, dorso suave e cernelha convexa e pronunciada; da cauda só se observa a raiz foliforme, parecendo-nos que a cauda do animal anterior pode ter sido aqui reutilizada; a nádega é arredondada; a pata traseira é definida por um bordo caudal curvo e por um cranial reto na zona da canela e disposto diagonalmente para delimitar a coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; entre os dois parece definir-se a bainha; da pata dianteira só se observa o bordo caudal reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. Sobre estes animais foram gravados por picotagem dois traços que foram originalmente interpretados como membro pélvico (Baptista e Gomes, 1997, 227); contudo, a excessiva concavidade do que seria a passagem para a nádega após o jarrete, impelem-nos a interpretar a pata como torácica, o jarrete como peito e a passagem para a nádega como um bordo ventral de um quadrúpede orientado para a direita (**CI11-08**).

O painel imediatamente à esquerda corresponde a uma superfície sub-retangular disposta obliquamente, e mais avançada que, inclusivamente, o primeiro painel referido. Nele encontra-se quatro animais. Assim, junto do limite direito observa-se um auroque picotado e abradido, com a cabeça esticada para a frente (**CI11-09**); esta é de forma troncocónica, correspondendo o focinho ao limite de uma fissura; no interior observa-se um olho circular; dos cornos e orelha não se observa vestígios; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente e dorso côncavo; dos quartos traseiros observa-se a nádega convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira quase reta; a pata dianteira é formada por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

Para a sua esquerda observa-se os restos de um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**CI11-10**) e, abaixo deste, um auroque picotado e abradido orientado para a direita (**CI11-11**). Do primeiro observa-se a extremidade distal da pata dianteira, a linha ventral, o bordo cranial da pata traseira, parte da garupa e, eventualmente parte da cauda; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; o bordo da pata traseira é curvo; o traço remanescente da garupa é reto, o que nos remete para uma garupa angulosa; um traço demasiado recuado para corresponder ao bordo caudal da pata traseira poderá corresponder à cauda.

CI11-11 apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, correspondendo o limite do focinho ao limite da fissura; no interior observa-se um olho circular; os cornos dispõem-se perfil biangular oblíquo, sendo o direito curvo e o esquerdo em forma de S; por trás observa-se uma orelha; a linha cérvico-dorsal apresenta bordo cervical quase reto; cernelha e dorso pronunciados e garupa angulosa; a cauda, caída sobre os quartos traseiros do animal, apresenta raiz foliforme; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira está atirada para a frente, sendo definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Para baixo e para a esquerda do animal anteriormente descrito encontra-se o último animal do painel, correspondendo este à zona posterior de um auroque picotado orientado para a esquerda (**CI11-12**); da cérvico-dorsal observa-se o dorso côncavo e a garupa angulosa; a cauda é curta, desenvolvendo-se a partir da garupa; a nádega é convexa; da pata traseira observa-se particularmente bem o bordo cranial curvo; a linha ventral é convexa.

No painel imediatamente abaixo, *grosso modo* da mesma forma do anterior e com a mesma inclinação, observa-se dois auroques picotados e abradidos, orientados para a direita, respeitando ambos a inclinação do painel. O da esquerda (**CI11-13**) apresenta cabeça campanulada, com linha fronto-nasal e focinho retos e bordo ventral com ganacha convexa e queixo algo côncavo; no seu interior observa-se a boca; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o da direita curvo e o da esquerda em forma de S, encontrando-se ambos ligados por uma nuca convexa; atrás do da esquerda observa-se a orelha; a cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada, dorso côncavo e garupa algo angulosa; o troço da cauda é linear, não se observando a raiz; as patas são apenas uma por par, sendo definidas por dois bordos subparalelos entre si; na traseira observa-se o jarrete; a linha ventral é convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo. A cauda do auroque da direita (**CI11-14**) sobrepõe os cornos e cabeça do anteriormente descrito; a cabeça é de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral reto; os cornos são liriformes, dispondo-se em perfil biangular reto e unidos pela nuca convexa; a orelha corresponde a um traço atirado para trás; a cérvico-dorsal

é muito suave; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa; apenas apresenta uma pata por par, sendo ambas definidas por bordos paralelos entre si: curvos os da traseira e retos os da dianteira; a linha ventral e o peito são convexos e o bordo traqueal suavemente côncavo.

O painel situado abaixo apresenta, em termos gerais, a mesma forma e inclinação que os anteriores, correspondendo ao que se encontra mais avançado de todos. Neste painel destaca-se a figura de um possível auroque picotado e abradido orientado para a direita (**CI11-15**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo; a nuca apresenta-se em aberto, observando-se no topo o que poderá corresponder ao esboço de uns cornos; o bordo traqueal é reto, assim como a cérvico-dorsal; a nádega é convexa; das patas só se observa o bordo cranial da dianteira; a linha ventral é vestigial; refira-se ainda que algumas incisões que bordejam a figura podem denunciar a existência de um esboço prévio. Esta figura sobrepõe um traço que pode corresponder à nádega e bordo caudal da pata traseira de um quadrúpede orientado para a direita (**CI11-16**); o "apêndice" localizado perto do topo do traço pode corresponder ao bordo ventral da raiz da cauda. Para a esquerda destas figuras observa-se parte da cabeça, bordo traqueal, peito e pata de um cavalo picotado orientado para a esquerda (**CI11-17**); da cabeça observa-se o focinho algo reto e o bordo ventral onde se observa uma subtil distinção entre ganacha e queixo; no interior observa-se a boca; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira encontra-se algo atirada para a frente, sendo definida por dois bordos com tendência a convergirem na extremidade distal.

O segundo painel do sector encontra-se junto da sua extremidade inferior esquerda; a única unidade gráfica figurativa corresponde a um veado definido por incisão simples e múltipla, orientado para a direita (**CI11-18**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha pronunciada e queixo algo convexo; no interior observa-se a delimitação interna do focinho; as hastes dispõem-se em perfil biangular oblíqua; na esquerda observa-se o estoque, o contraestoque, uma ponta intermédia e três da coroa; na direita observa-se o estoque, o contraestoque, as duas pontas intermédias e as três da coroa; a orelha localiza-se atrás desta e apresenta forma oblonga; o bordo cervical e o dorso apresentam no seu conjunto um contorno côncavo; o peito é convexo, assim como o bordo traqueal; os dois membros anteriores apresentam forma triangular alongada, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral apresenta ventre reto e cilheira convexa; relativamente às traseiras, só se observa um membro, sendo este de forma subtriangular.

Os restantes motivos do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI11-01** e **CI11-03** associam-se uma da chave IXa, uma da XIa e uma da XIb. A **CI11-06** associa-se duas da XIa (uma delas picotada). A **CI11-06** e **CI11-07** associam-se uma da VIII, uma da IXaa, quatro da XIa (uma delas picotada), quatro da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb (picotada). A **CI11-11** associam-se uma da IXa (picotada) e uma da XIa. A **CI11-12** associam-se duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **CI11-14** associa-se uma da XIa. A **CI11-15** associam-se uma da IXa, duas da IXaa, duas da XIa, três da XIb (uma delas parcialmente picotada) e uma da XId. Para baixo e para a direita do último zoomorfo identificam-se uma da VIII, uma da XIa (picotada) e três da XIc. A **CI11-15** e **CI11-16** associa-se uma da XIb. A **CI11-17** associam-se uma da IIIa, uma da IXa e uma da XIa. A **CI11-18** associam-se três da IXaa, uma da IXba, uma da IXbb, uma da IXc e onze da XIa. Em torno do último zoomorfo identifica-se ainda uma da IIIb, uma da VIIa, uma da IXb, uma da X, sete da XIa, duas da XIb e quatro da XId.

O sector superior central apresenta forma subtrapezoidal, nele se distinguindo cinco representações de animais. A que mais se destaca corresponde a um auroque picotado e abradido, orientado para a direita (**CI11-19**); apresenta cabeça ligeiramente campanulada, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha ligeiramente convexa e queixo algo côncavo; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto, sendo unidos por uma nuca larga e convexa; a orelha é linear e atirada para trás; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; da pata traseira só se observa o bordo cranial curvo; a linha ventral é descontínua, apresentando ventre convexo e cilheira reta. Acima da cabeça desta figura observa-se o ventre e pata traseira de um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**CI11-20**); o ventre é convexo e a pata traseira é definida por dois bordos curvos. A pata dianteira de **CI11-19** é sobreposta pelo corno de um auroque picotado e abradido orientado para a esquerda (**CI11-21**); o corno é em forma de S; da cabeça do animal só se observa o focinho reto e o bordo ventral onde a distinção entre a ganacha e o queixo se faz de forma bastante discreta; da cérvico-dorsal observa-se a cernelha suave e dorso reto; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos (o cranial curto e reto, e o caudal mais longo e curvo), subparalelos entre si; da linha ventral só se observa a cilheira convexa e o arranque do ventre côncavo.

Esta figura sobrepõe também um outro auroque picotado e abradido, orientado para a direita (**CI11-22**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo um curvo e o outro em forma de S; a orelha é linear e atirada para trás; a cérvico-dorsal apresenta cernelha suave, dorso reto e garupa angulosa; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa e a pata traseira definida por um bordo cranial curvo, e um caudal modelado onde se observa o jarrete; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos retos,

paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

A última figura animal do sector corresponde a uma linha ventral convexa e bordo cranial de pata traseira de um quadrúpede picotado orientado para a esquerda (**CI11-23**); localiza-se abaixo dos últimos animais descritos.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas; à direita de **CI11-19** identifica-se uma da chave XIa. A **CI11-21** associa-se uma da XIa. A **CI11-22** associam-se uma da IXaa, cinco da XIa, uma da XIc e uma da XId.

O sector superior direito apresenta uma configuração subtrapezoidal; atualmente é composto por vários painéis, avançando uns relativamente aos outros; os motivos, ignoram, no entanto, esta divisão. No painel observa-se uma série de quatro motivos zoomórficos que se associam por sobreposição. Na base da sequência encontramos um veado picotado orientado para a direita (**CI11-24**); a cabeça encontra-se esticada para a frente, apresentando forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; no interior observa-se a boca; da armação observa-se apenas uma haste, parcialmente contornada, onde se identifica o estoque, o contraestoque e duas pontas da coroa; a orelha é linear e atirada para trás; a linha cérvico-dorsal apresenta garrote evidente, dorso suave e garupa arredondada; a pata traseira é curta e delgada, sendo definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; refira-se ainda a existência de algumas incisões junto do bordo traqueal e das patas do animal que poderão denunciar a existência de um esboço prévio à picotagem do motivo.

Sobre esta figura foi gravado um auroque por picotagem e abrasão orientado para a direita (**CI11-25**); a cabeça é algo campanulada, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca e o focinho; os cornos são curvos, dispondo-se em perfil biangular oblíquo, quase reto; a cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada, dorso reto e garupa angulosa; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; em torno da cabeça, dorso e pata dianteira observa-se algumas incisões que denunciam a existência de um esboço. Sobre esta figura foi gravado um quadrúpede (auroque ou cavalo) orientado para a esquerda (**CI11-26**); dele só se observa os quartos traseiros e a metade ventral; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos, paralelos entre si; a pata dianteira é definida também por dois bordos curvos paralelos entre si; o que nos resta do peito corresponde a um traço convexo.

A última figura a ser gravada (**CI11-27**) também está parcialmente mutilada; dela observa-se parte da cabeça (focinho e queixo retos), o peito convexo, o bordo traqueal reto, a pata dianteira definida por dois bordos retos paralelos entre si; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes e a nádega é convexa.

As restantes gravuras são não figurativas. A **CI11-24** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXb, treze da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **CI11-24** e **CI11-25** associam-se uma da VIIa, uma da IXa (estriada), uma da IXaa, duas da IXab, quatro da IXba, uma da IXbb, uma da IXc, duas da X, vinte e sete da XIa, oito da XIb e três da XIc. A **CI11-24**, **CI11-25** e **CI11-26** associa-se uma da XIb. A **CI11-25** associam-se três da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, três da IXbb, sete da XIa, cinco da XIb e duas da XId. À esquerda daquele motivo zoomórfico observa-se três da XIa e uma da XIb, enquanto à sua direita se observa uma da XIa. A **CI11-26** e **CI11-27** associam-se quatro da XIa (duas delas picotadas) e uma da XIb.

Por toda a rocha observa-se ainda diversos impactos picotados isolados.

Rocha 12 (Fig. 119): É conhecida desde 1997, tendo a sua descrição sido publicada quando se deu a conhecer o seu decalque (Baptista & Gomes, 1997, 231-233, 274). Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno, a cerca de 22 m para su-sudoeste da rocha 11, a uma cota de cerca de 120 m de altitude, encontrando-se atualmente submersa. Trata-se de um painel vertical, de configuração subtrapezoidal e superfície muito lisa, orientado para és-sudeste.

Nesta rocha distingue-se dois conjuntos gráficos. O primeiro localiza-se na zona superior da rocha, dele fazendo parte quatro figuras zoomórficas conseguidas por incisão. A que se localiza mais acima corresponde a um pequeno prótomo de quadrúpede (capríneo?) estriado voltado para a direita (**CI12-01**); apresenta uma cabeça esguia com linha fronto-nasal côncava, focinho apontado e bordo ventral com ganacha e queixo separados por inflexão do traço; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; o dorso é reto, arredondando na garupa; os bordos do pescoço são retos.

Um pouco abaixo observa-se uma cerva muito esquemática, conseguida por incisão e com a cabeça estriada, voltada para a direita (**CI12-02**); a cabeça é de forma subtriangular, com bordo ventral convexo e sem delimitação da fronto-nasal; a orelha encontra-se atirada para a frente, sendo definida perimetralmente; o tronco apresenta configuração retangular, sendo a cérvico-dorsal algo sinuosa, o bordo traqueal reto e o que nos resta da linha ventral também reto; apenas as patas traseiras foram representadas, correspondendo estas a dois traços curvos; no seu conjunto encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo.

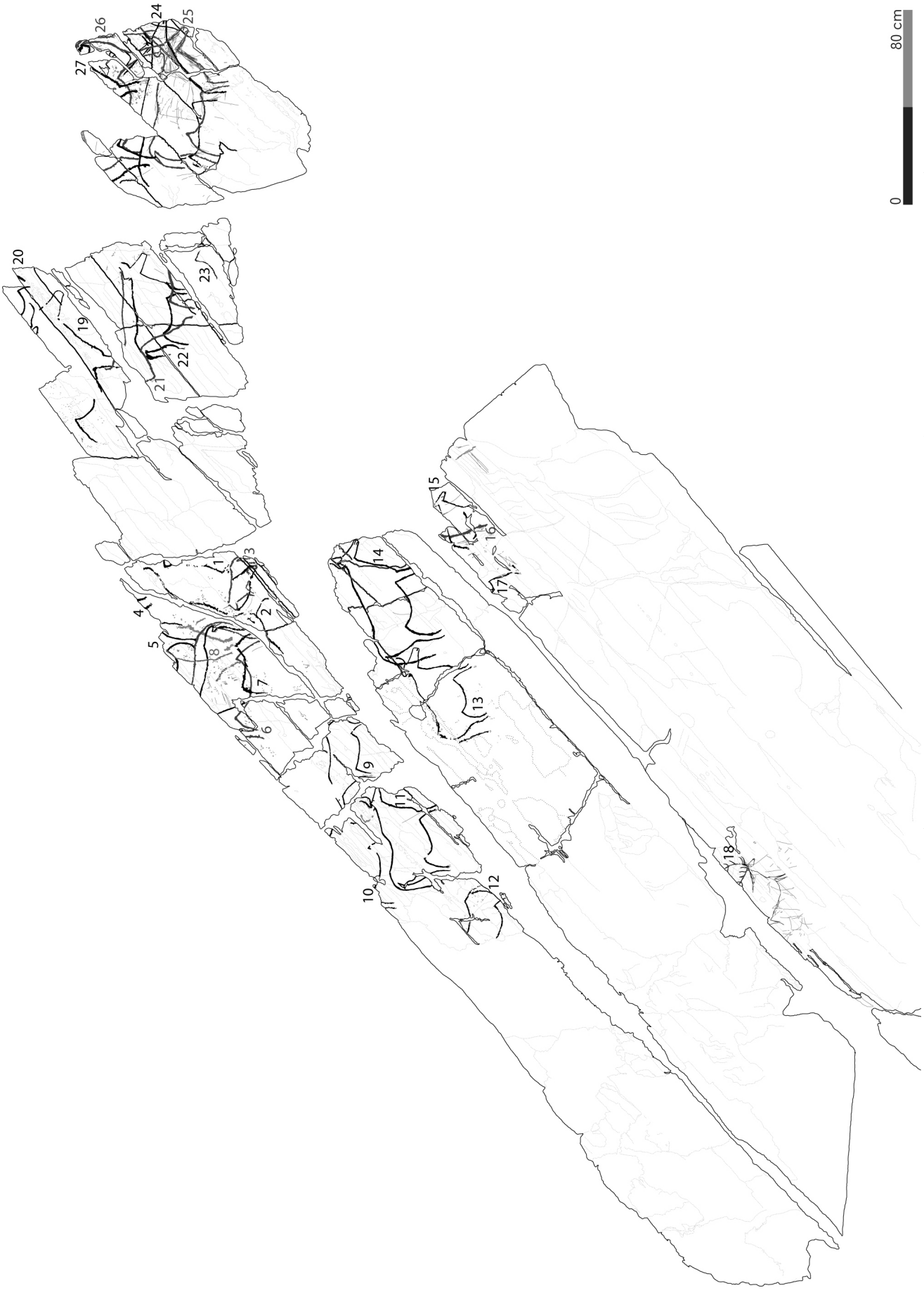


Fig. 118: Rocha 11 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de António Martinho Baptista e João Félix).

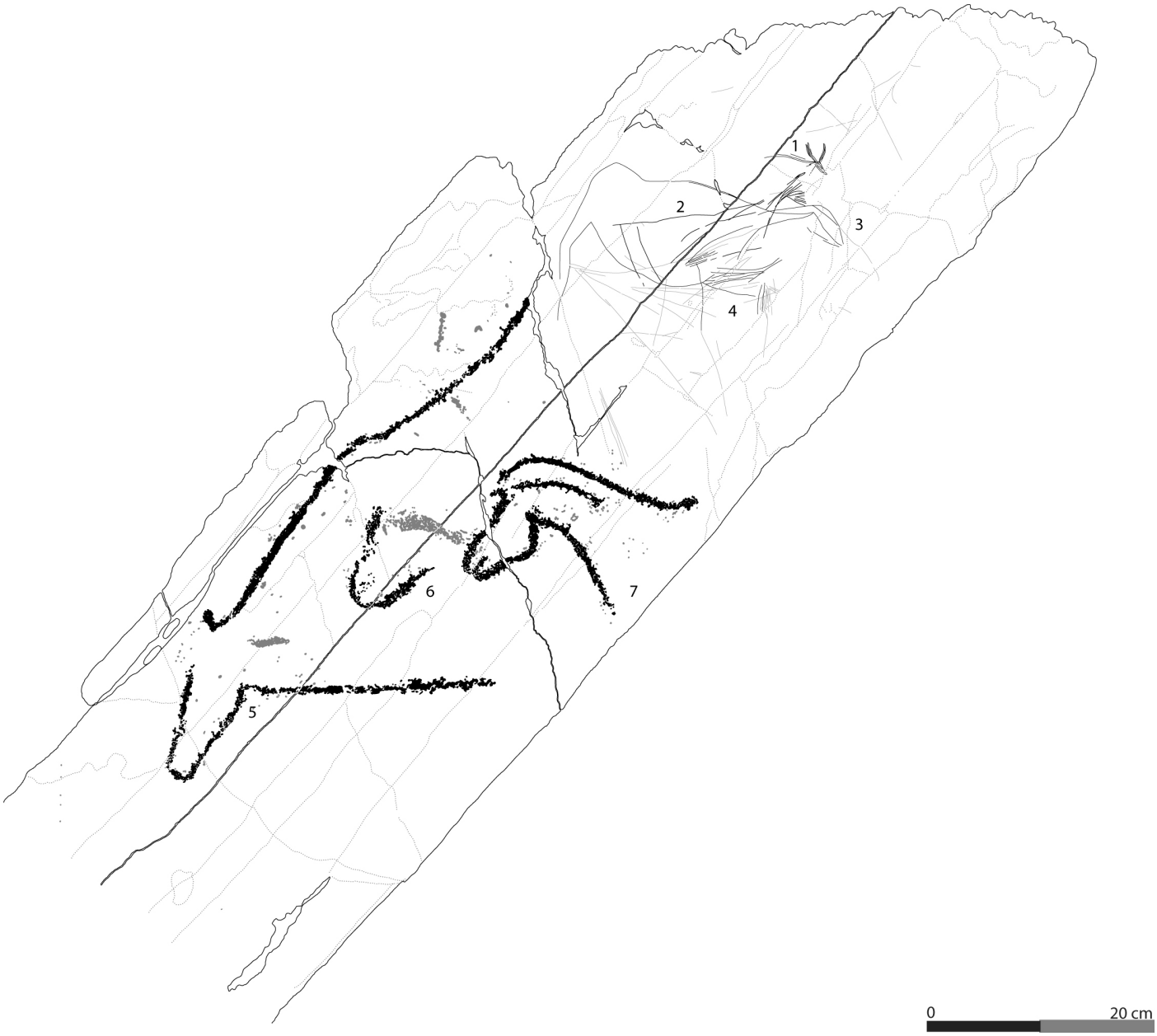


Fig. 119: Rocha 12 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Sob esta figura encontra-se a de um quadrúpede definido por incisão simples, orientado para a direita (**CI12-03**); a cabeça apresenta forma amendoada, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, e focinho apontado; o pescoço é adelgaçado; a linha cérvico-dorsal apresenta garrote pronunciado, dorso e garupa angulosos; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si, nela se observando o esboço do jarrete; a linha ventral é convexo e o peito côncavo.

Sobre a zona ventral desta figura observa-se um macho de cabra-montês estriado, orientado para a esquerda (**CI12-04**); apresenta cabeça triangular e o corno é curvo e longo; o tronco é de tendência retangular; cauda é curta e atirada para trás; a linha ventral é algo convexa; a pata dianteira é linear e reta; as duas traseiras – também lineares – encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo.

O segundo conjunto gráfico encontra-se na metade inferior do painel, dele fazendo parte três figuras zoomórficas; a maior corresponde à figuração parcial de um auroque picotado (variante B da picotagem), inclinado para baixo segundo a orientação do painel (**CI12-05**); a cabeça é de forma campanulada, com linha fronto-nasal reta, focinho algo convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; a orelha é linear e atirada para trás; a linha cérvico-dorsal apresenta garrote pronunciado e dorso côncavo; o bordo cervical é reto.

No interior do animal identifica-se dois prótomos de equídeos picotados (variante B), orientados para a esquerda. Um destes (**CI12-06**) está reduzido à linha fronto-nasal ligeiramente modelada, ao focinho convexo e ao queixo reto. O outro apresenta cabeça com linha fronto-nasal e bordo ventral modeladas e focinho algo convexo; no interior observa-se a boca; no topo da fronte está representada uma orelha; esta é encimada pela ponta da crineira, algo angular; a crineira é convexa e delimitada internamente; o

bordo traqueal é côncavo.

As restantes gravuras do painel conformam unidades gráficas não figurativas; no primeiro conjunto gráfico são exclusivamente incisas; assim acima do conjunto observa-se uma da chave IXa, uma da IXb e três da XIa. A **CI12-02** associam-se duas da XIa. A **CI12-02** e **CI12-03** associam-se uma da IXa e uma da XIa. A **CI12-02**, **CI12-03** e **CI12-04** associa-se uma da IXa. A **CI12-03** associam-se duas da XIa. A **CI12-03** e **CI12-04** associa-se uma da IXb. A **CI12-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXba e uma da XIc. Abaixo do conjunto gráfico observa-se ainda uma da VIIa, uma da IXa e duas da XIa; à sua direita observa-se uma da XIa. Entre os conjuntos gráficos, como que os separando observa-se uma chave XIc. No segundo conjunto gráfico, as unidades não figurativas são exclusivamente picotadas; a **CI12-05** associam-se três da XIa e àquela e a **CI12-06** associa-se outra do mesmo tipo. Refira-se ainda a existência de um grande número de picotados soltos em torno e sobre o segundo conjunto gráfico.

Rocha 13 (Fig. 120): É conhecida desde 1997, tendo a sua descrição sido publicada quando se deu a conhecer o seu decalque (Baptista & Gomes, 1997, 233, 280-281). Localiza-se na vertente, a cerca de 26 m para oeste da rocha 3, a uma altitude de 140 m. Corresponde a um amplo painel vertical orientado para sudeste; apresenta forma sub-retangular e superfície regular e lisa de cor castanho-alaranjada; o jogo de fraturas permite dividi-la em três painéis por onde se distribuem várias gravuras, todas incisas.

O painel da esquerda é de forma *grosso modo* retangular. Nela apenas se encontra uma figura zoomórfica incisa definida por contorno simples; trata-se de um quadrúpede orientado para a direita (**CI13-01**); apresenta cabeça triangular, sendo esta encimada por curta orelha ou corno encurvado para a frente; o pescoço é longo e bombeado para a frente; o dorso é recto. As restantes gravuras conformam unidades gráficas não figurativas.

A **CI13-01** diretamente associam-se uma da chave VIIa e uma da XIb. Distribuídas pelo painel identifica-se ainda uma da IXaa, uma da IXab, duas da IXba, nove da XIa, seis da XIb, duas da XId e três da XIIIb.

O painel central é o de dimensões mais grandes, apresentando forma subtriangular. Aí distingue-se três conjuntos gráficos separados por fissuras. O primeiro destes localiza-se no lado direito do painel, sensivelmente ao centro, correspondendo ao único com figurações zoomórficas.

A que mais se destaca corresponde a uma cerva estriada orientada para a direita (**CI13-02**); apresenta cabeça subtriangular alongada, sendo esta encimada por duas orelhas foliformes dispostas na diagonal e em perfil biangular reto; o pescoço é medianamente alongado, o dorso direito e a garupa convexa; a cauda é representada por simples traço localizado atrás da nádega; as patas apresentam clara distinção entre as coxas (em forma de V) e as canelas (lineares); o par de posteriores está representado em perfil biangular oblíquo e o de anteriores em perfil biangular reto; a linha ventral é profundamente convexa. Sob a pata anterior direita observa-se a representação parcial de um macho de cabra-montês orientado para a direita (**CI13-03**); é conseguido por incisão e definido por contorno simples; apresenta cabeça subtriangular; o corno da esquerda corresponde a simples prolongamento da linha fronto-nasal, sendo o da direita longo e sinuoso, encontrando-se ambos representados em perfil biangular oblíquo; os bordos do pescoço são retos, observando-se no ventral uma convexidade; a goela é também convexa.

As restantes gravuras deste conjunto correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI13-02** associam-se duas da chave IXab, duas da IXba, uma da X, nove da XIa, três da XIb e uma da XIIIb. Acima daquele animal observa-se uma da IXab, oiro da XIa e uma da XIb. À sua direita gravaram-se uma da XIa e três da XIb. À esquerda identifica-se três da XIa. A **CI13-03** associam-se uma da IIIc, uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, duas da XIa e uma da XIb. À sua esquerda observa-se duas da IXb, uma da X, quatro da XIa, três da XIb e uma da XIc. À direita define-se uma da XIa. Finalmente, abaixo do conjunto descriminam-se três da XIa.

O segundo conjunto gráfico localiza-se à esquerda do primeiro, perto do limite do painel. Ao centro do conjunto observa-se uma da chave XIc associada a uma da XId. Em seu torno observa-se uma da IXaa, dezassete da XIa, quatro da XIb e uma da XId.

O terceiro conjunto localiza-se no sector superior, sendo dominado por uma unidade gráfica não figurativa da chave Ia. Em seu torno observa-se três da IXaa, uma da X, trinta e oito da XIa, seis da XIb, três da XId e duas da XIIIb.

O terceiro painel encontra-se à direita, sendo retangular e dispondo-se também obliquamente. Apenas se identifica uma figura zoomórfica, correspondendo esta a uma cerva definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a esquerda (**CI13-04**); falta-lhe a zona anterior; o dorso é direito e o ventre convexo; as patas apresentam-se em perfil biangular oblíquo; a da esquerda apresenta forma em V, correspondendo a da direita a um traço curvo na zona da nádega, tornando-se reto na da perna; um grupo de traços dispostos diagonalmente relativamente à garupa podem configurar a cauda; numa superfície à esquerda observa-se dois traços que poderão corresponder à continuação das linhas cérvico-dorsal e ventral do animal; neste caso, temos que assumir que esta última superfície se terá deslocado após a gravação do motivo.

Associam-se à figura as seguintes unidades gráficas não figurativas: duas da chave IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, nove da XIa, seis da XIb, três da XId e uma da XIIIb.

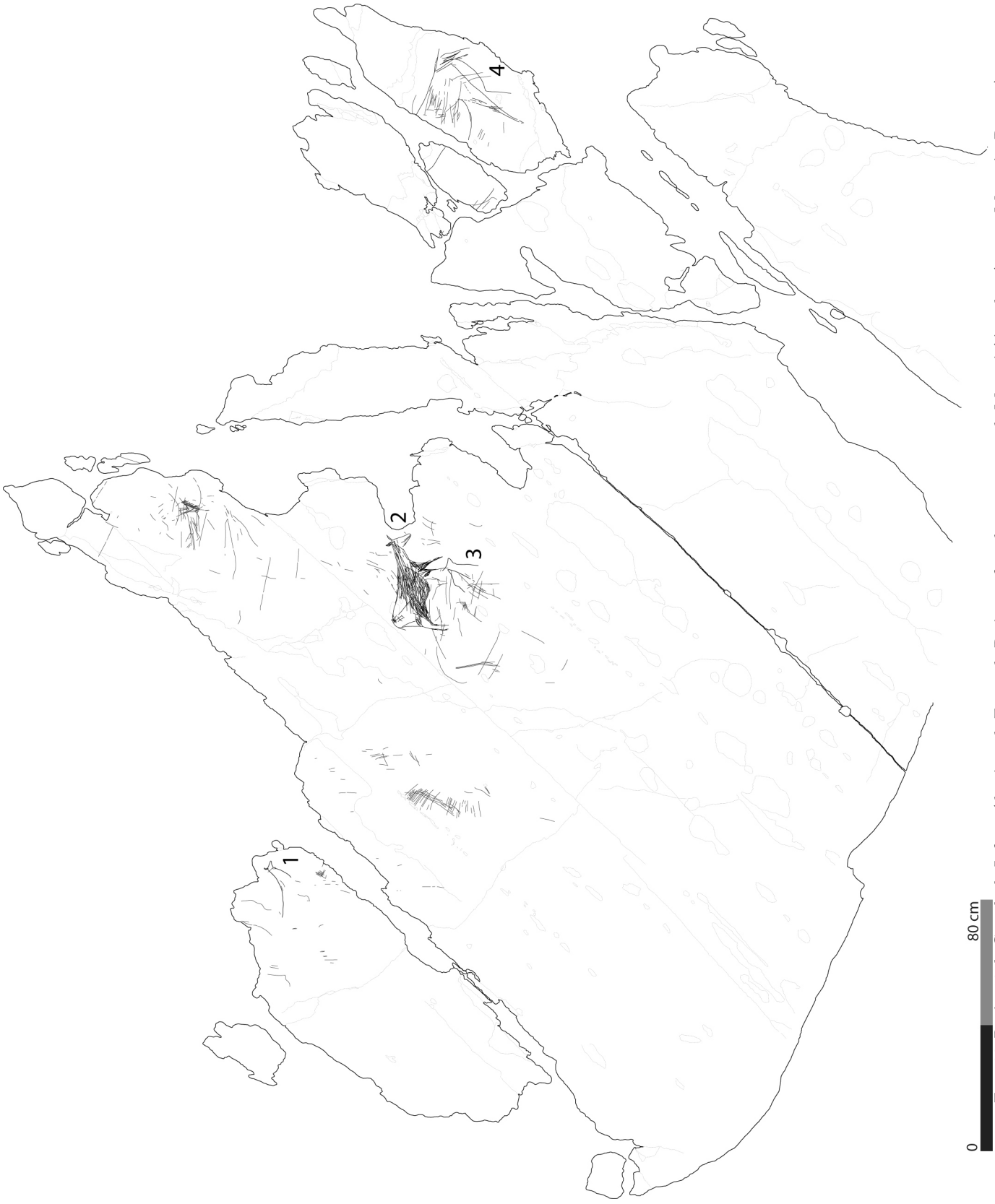


Fig. 120: Rocha 13 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e António Martinho Baptista).

Rocha 14 (Fig. 121): É conhecida desde 1995, ano em que se publicam os decalques dos seus painéis (Baptista & Gomes, 1995, Est. XV). Estes, contudo, aparecem mal posicionados entre si. A descrição aturada da rocha só ocorrerá dois anos mais tarde (*idem*, 1997, 233-236). Um desenho com os painéis bem posicionados será dado a conhecer em 2009 (Baptista, 2009a, 78-79). Localiza-se a cerca de 15 m para nor-nordeste da anterior, a uma cota de 144 m. Apresenta forma subtrapezoidal e cor castanho-alaranjada; a superfície é regular e lisa; orienta-se para sudeste. Fissuras mais marcadas permitem a sua divisão em três painéis.

O primeiro apresenta forma subtrapezoidal, correspondendo ao sector superior esquerdo da rocha. Sensivelmente ao centro encontra-se uma das maiores figuras do painel; corresponde a uma cerva incisa, definida por contorno simples e múltiplo, estriada na zona da cabeça, pescoço e peito, orientada para a direita (**CI14-01**); apresenta cabeça subtrapezoidal; as orelhas "foliformes" dispõem-se em perfil biangular reto; o pescoço é longo e o tronco de tendência retangular; a cérvico-dorsal é direita e a linha ventral em forma de S; as patas traseiras são de forma triangular, dispondo-se em perfil biangular reto; a dianteira é tendencialmente reta; a nádega é arredondada e o peito direito.

O animal anterior sobrepõe a representação parcial de um macho de cabra-montês inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI14-02**); apresenta cabeça subtrapezoidal com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; o corno é longo e curvo, correspondendo a prolongamento da fronte; a cérvico-dorsal é tendencialmente reta, evidenciando-se uma pequena concavidade na zona do pescoço.

Confundindo-se com a pata de **CI14-01**, encontra-se a pata da representação anterior de um cavalo estriado orientado para a direita (**CI14-03**); a cabeça é muito esquemática, de forma *grosso modo* triangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; a crineira é convexa; em frente descobre-se as duas orelhas lineares dispostas em perfil biangular oblíqua; a cérvico-dorsal é reta; o bordo ventral do pescoço é côncavo e o peito convexo; a pata é reta e sem cascos; a linha ventral é também reta; o tronco é retangular e adelgaçado.

Sobrepondo-se a ambas as figuras observa-se um quadrúpede (cerva?) inciso, com o pescoço e zona do peito estriados, orientado para a direita (**CI14-04**); a cabeça é subtriangular; as orelhas são retas, dispondo-se em perfil biangular reto; o pescoço é comprido e adelgaçado; a cérvico-dorsal e o peito são retos, assim como a pata dianteira.

Sobre **CI14-02** e **CI14-03** observa-se o que parece ser uma cabeça estriada orientada para a direita e ligeiramente inclinada para baixo (**CI14-05**); apresenta forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, e focinho apontado; observa-se ainda um corno reto atirado para a frente, correspondendo ele a prolongamento da fronte após inflexão do traço.

Um pouco acima deste conjunto de figuras, e ainda sobrepondo o corno de **CI14-02** observa-se a representação parcial de um auroque inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**CI14-06**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; os cornos são curvos, apontados para cima e dispostos em perfil biangular reto; atrás de cada um deles surge uma orelha reta; a cérvico-dorsal é algo convexa e o arranque do bordo traqueal reto.

Para baixo do conjunto descrito atrás, encontra-se outro dominado pela presença de um grande cavalo estriado, orientado para a direita (**CI14-07**), e ainda sobreposto por **CI14-01**; apresenta cabeça romba com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as orelhas são triangulares e dispostas em perfil uniangular; a crineira é rematada pela orelha esquerda, sendo de forma convexa; a cérvico-dorsal é curta, apresentando dorso côncavo e garupa convexa; as duas patas traseiras estão representadas em perfil biangular reto, sendo no entanto de difícil individualização; a cauda é imperceptível; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é delimitada por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

Confundindo-se com a orelha direita do animal anterior, encontra-se o bordo traqueal de um prótomo estriado de possível equídeo, orientado para a direita (**CI14-08**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho mantém-se em aberto; a crineira é farta e de configuração convexa; o bordo traqueal é reto.

Por cima surge um animal invertido, orientado para a direita e ligeiramente inclinado (**CI14-09**); é conseguido por incisão, sendo definido por contorno múltiplo; é acéfalo e falta-lhe a pata dianteira; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; a nádega é direita; a cérvico-dorsal é algo convexa, assim como a linha ventral.

No interior de **CI14-07** observa-se uma cabeça de cerva incisa, definida por contorno simples, orientada para a esquerda e inclinada para cima (**CI14-10**); a cabeça é subtriangular, com linha fronto-nasal reta, ganacha e queixo convexos; o focinho mantém-se em aberto; as orelhas dispõem-se em perfil uniangular, sendo a da esquerda subtriangular e a da direita reduzida a um traço; os bordos do pescoço são retos e paralelos entre si.

Para a esquerda deste grupo observa-se outras duas figuras zoomórficas; uma destas está reduzida à cabeça, correspondendo a um vareto inciso, definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**CI14-11**); apresenta cabeça alongada, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral reto; no interior observa-se a boca, definida por dois traços; as hastes são lineares, dispondo-se em perfil biangular reto.

Para a sua esquerda observa-se um equídeo inciso, definido por contorno simples e múltiplo e com os quartos traseiros

estriados, orientado para a direita (**CI14-12**); da cabeça só se observa a crineira convexa; a cérvico-dorsal é praticamente reta e a garupa angulosa; as patas traseiras apresentam alguma distinção entre coxa e canela, dispondo-se em perfil biangular reta; do animal observa-se ainda a pata dianteira e o bordo traqueal; aquela é definida por dois bordos retos, com tendência a convergirem na extremidade e este é algo côncavo.

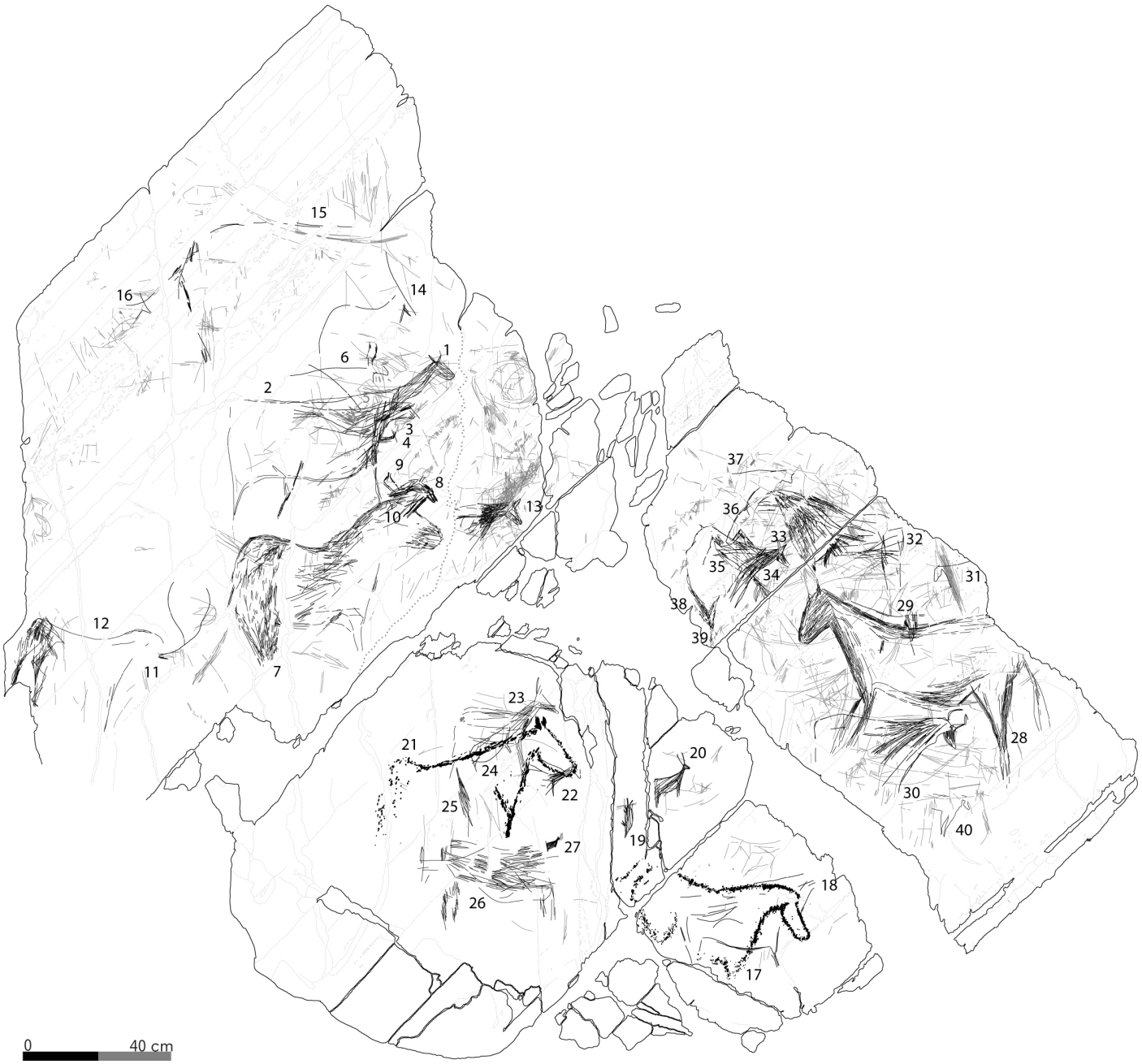


Fig. 121: Rocha 14 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Para a direita da cabeça de **CI14-07** encontra-se a representação anterior de uma cerva estriada, orientada para a direita (**CI14-13**); apresenta cabeça subtroncocónica, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo, ganacha reta e queixo subconvexo; apenas foi gravada uma orelha foliforme, atirada para a frente; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto e dorso convexo; o bordo traqueal é reto e o peito convexo.

Os restantes três animais do painel localizam-se na sua zona superior. Um destes localiza-se acima de **CI14-06**, correspondendo à representação parcial de um macho de cabra-montês inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**CI14-14**); a cabeça é sub-rectangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, não se tendo delimitado a zona do focinho; o corno é curvo, correspondendo ao prolongamento da linha fronto-nasal; a linha cérvico-dorsal apresenta bordo cervical e dorso côncavos, e garupa convexa; a nádega é também convexa; o bordo traqueal é reto.

O segundo animal (**CI14-15**) encontra-se acima do descrito previamente; está reduzido a parte do dorso, garupa, bordo caudal da pata traseira e cauda; foi gravado mediante incisão, sendo definido por contorno múltiplo e orientando-se para a direita; o

dorso é direito, a garupa convexa e o bordo da pata traseira reto; a cauda é curta e tombada sobre a nádega.

O terceiro animal encontra-se para a esquerda deste, correspondendo a um prótomo de capríneo inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI14-16**); a cabeça é subtriangular, com linha fronto-nasal côncava e bordo ventral retos, mantendo-se a zona do focinho em aberto; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; um corresponde ao prolongamento do bordo cervical côncavo e outro ao prolongamento da linha fronto-nasal; o bordo traqueal é reto.

As restantes gravuras do painel conformam unidades gráficas não figurativas. A **CI14-01** associam-se uma da chave IIIc, quatro da IXa, duas da IXaa, três da IXab, duas da IXb, duas da IXba, uma da IXc, três da X, dez da XIa, cinco da XIb, três da XIc e três da XId. A **CI14-01** e **CI14-02** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **CI14-01**, **CI14-02** e **CI14-03** associam-se duas da IXaa e uma da IXab. A **CI14-01**, **CI14-02**, **CI14-03** e **CI14-04** associa-se uma da XIb. A **CI14-01** e **CI14-03** associam-se uma X, duas da XIa e duas da XIb. Associam-se a **CI14-01**, **CI14-03** e **CI14-04** uma da Ia, uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXbb, uma da IXc, uma da XIb e uma da XIc. À direita daqueles motivos zoomórficos descrimina-se uma da IIIb, uma da VIIa, uma da VIII, três da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da X, treze da XIa, cinco da XIb e seis da XId. A **CI14-01**, **CI14-03** e **CI14-05** associa-se uma da XIa. A **CI14-01** e **CI14-06** associam-se uma da IXaa, uma da IXbb e uma da XIc. Entre aqueles dois animais observa-se ainda uma da XIa. A **CI14-01** e **CI14-09** associa-se uma da XIa. Entre **CI14-01** e **CI14-07** observa-se uma XIa. Exclusivamente associada a **CI14-02** encontra-se uma da IXa. A **CI14-02** e **CI14-06** associa-se uma da XIa. A **CI14-03** associam-se uma da VIII, uma da IXab, uma da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **CI14-03** e **CI14-04** associam-se uma da IXa e uma da IXbb. A **CI14-06** associam-se uma da IIb, uma da VIIa, uma da IXb, uma da IXc, seis da XIa, uma da XIb e cinco da XIc. A **CI14-07** associam-se duas da IXb, uma da IXbb, dezassete da XIa, nove da XIb e uma da XIc. Por baixo daquela figura zoomórfica observa-se uma da IXaa, uma da IXb, duas da XIa, duas da XIb e uma da XIc, e, à sua direita, uma da IXab, quatro da XIa e uma da XIb. A **CI14-08** associam-se quatro da IXba. A **CI14-11** associam-se uma da IIa, uma da IXba, uma da X, uma da XIa, uma da XIc e uma da XId. Abaixo daquela figura observa-se uma da IXb e três da XIb. Entre **CI14-11** e **CI14-12** foram gravadas duas da XIa e uma da XIc. A **CI14-12** associam-se uma da X, sete da XIa e duas da XIb. Entre **CI14-12** e **CI14-16** observa-se uma da IIb, uma da IIIc, uma da Vc, duas da IXa, três da IXaa, quatro da IXba, duas da IXbb, quatro da X, dezoito da XIa, dez da XIb, duas da XIc e uma da XId. A **CI14-13** associam-se uma da VIII, duas da IXa, dez da IXaa, nove da IXab, sete da IXba, duas da IXc, duas da X, vinte e cinco da XIa, treze da XIb, seis da XIc e uma da XId. Abaixo daquela figura zoomórfica observa-se sete da XIa. À sua direita inventariou-se uma da XIb. Acima da figura observa-se uma da IIa, duas da IIIc, cinco da VIIa, oito da IXa, quatro da IXb, dez da IXba, quatro da IXbb, quatro da IXc, seis da X, quarenta e quatro da XIa, vinte e quatro da XIb, sete da XIc, cinco da XId e uma da XIIIb. A **CI14-14** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXc e quatro da XIa. À sua direita identifica-se uma da IXbb, uma da XIa e uma da XIb. A **CI14-15** associam-se uma da IIIc, uma da IXa, duas da IXaa, três da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, vinte e uma da XIa, sete da XIb, quatro da XIc e uma da XId. Acima do motivo observa-se uma da IXaa, uma da IXbb, uma da IXc, uma da X, catorze da XIa, seis da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **CI14-16** associam-se duas da IXaa, uma da IXb, seis da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. Acima daquele animal observa-se duas da XIa e cinco da XIb.

O segundo painel considerado encontra-se abaixo e à direita do anteriormente descrito, apresentando forma suboval. Nele destacam-se duas figuras picotadas (variante B) de equídeos, ambas orientadas para a esquerda. Uma delas (**CI14-17**) encontra-se no sector inferior direito do painel; apresenta cabeça alongada com linha fronto-nasal e focinho retos, ganacha convexa e queixo reto; a crineira encontra-se ligeiramente alteada relativamente à fronte do animal, sendo de perfil convexo; cérvico-dorsal é direita e a nádega convexa; a cauda é em forma de S, perfazendo ângulo acentuado uns centímetros após a sua inserção; a coxa está bem definida internamente; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira resume-se a dois curtos bordos retos paralelos entre si; da linha ventral só se observa o cilhadouro reto; as duas orelhas podem corresponder a dois traços paralelos existentes entre a crineira e a fronte, encontrando-se, neste caso, representadas em perfil biangular reto.

Este cavalo é sobreposto por quadrúpede inciso orientado para a direita (**CI14-18**); é definido por contorno simples e múltiplo, sendo acéfalo e apresentando apenas uma pata por par; a traseira define-se por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal, e a dianteira é reta e ligeiramente apontada para a frente; o tronco é genericamente retangular, com cérvico-dorsal reta e linha ventral com ventre côncavo e cilhadouro convexo.

Para cima dos quartos traseiros do equídeo **CI14-17** observa-se duas figuras estriadas. Uma corresponde a um peixe orientado para baixo (**CI14-19**); apresenta dorso reto e ventre reto; observa-se a dupla barbatana caudal, duas barbatanas anais e duas ventrais; a cabeça é em forma de bico; corresponderá a um esturjão?

À direita do animal anterior observa-se um cervídeo estriado orientado nessa direção (**CI14-20**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo; o pescoço é alongado e o tronco genericamente retangular; as patas — duas por par — são retas e representadas em perfil biangular oblíquo; as armações estão em perfil biangular reto, sendo ambas encurvadas; dado o alongamento do pescoço parece-nos estarmos perante um vareto.

No sector esquerdo da rocha destaca-se o cavalo picotado remanescente (**CI14-21**); está apenas parcialmente definido; apresenta cabeça troncocónica, com focinho arredondado e ganacha bem marcada; as duas orelhas estão representadas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é direita, arredondando nos quartos traseiros; a crineira não se encontra gravada e as patas traseira são apenas sugeridas, parecendo encontrar-se em perfil biangular oblíquo; a dianteira corresponde ao prolongamento do bordo traqueal; um traço diagonal permite na pata a distinção entre a coxa e a canela, sendo a primeira triangular e a segunda reta.

Este cavalo é sobreposto por, pelo menos, um motivo, sendo difícil perceber a sua relação com um terceiro; uma das unidades gráficas sobreposta ao cavalo encontra-se sob a zona do focinho/ bordo ventral da cabeça e corresponde a uma possível cerva orientada para a direita (**CI14-22**); a cabeça é subtriangular e o pescoço longo e estriado; a cérvico-dorsal é reta; apenas as patas dianteiras – retas – estão representadas, em perfil biangular oblíquo. Refira-se que originalmente o sentido desta sobreposição foi identificado como inverso ao que aqui defendemos (Baptista & Gomes, 1997, 235). Estas nossas observações foram, no entanto, confirmadas recentemente graças à utilização do RTI, trabalho que tivemos oportunidade de executar com A. Pike, P. Pettitt, M. Díaz-Guardamino e D. Wheatley no ano de 2015. A segunda figura que se sobrepõe ao cavalo encontra-se sob o bordo crinal deste e corresponde a uma outra cerva estriada orientada para a direita (**CI14-23**); a cabeça é também triangular; as orelhas são sugeridas; o pescoço distingue-se facilmente; a linha cérvico-dorsal é direita e a ventral convexa; o peito é algo côncavo; a pata traseira está só definida bordo caudal reto; do bordo cranial resta o arranque da coxa; as duas patas dianteiras são retas e representadas em perfil biangular oblíquo.

A posteridade deste animal relativamente ao cavalo é manifesta na forma como na sua execução se procura evitar as picotagens que definem este último, dando-se o cruzamento dos traços apenas de forma tangencial na zona do peito da figura incisa. No interior de **CI14-23**, e estabelecendo uma relação de sobreposição, difícil de avaliar com o cavalo, observa-se um quadrúpede acéfalo inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**CI14-24**); a cérvico-dorsal é reto, a pata traseira triangular, o bordo traqueal e a linha ventral são convexos; a pata dianteira – definida por dois bordos retos e aberta na extremidade distal – está atirada para a frente.

No interior do cavalo picotado observa-se a figuração estriada de um peixe orientado para cima (**CI14-25**); o dorso e o ventre são convexos; a barbatana caudal é dupla e de lóbulos desiguais; a extremidade da cabeça é afilada; mais uma vez poderemos estar perante um esturjão.

Abaixo do cavalo **CI14-21** observa-se um quadrúpede estriado (**CI14-26**) com tronco sub-retangular e ambos os pares de patas representados em perfil biangular reto; para a esquerda deste observa-se o que pode ser a representação esquemática do seu pescoço e cabeça, dispondo esta de uma orelha foliforme no seu topo; a verificar-se a correspondência entre esta cabeça e o tronco, estamos perante um animal "fantástico", uma vez que a posição da cabeça releva no corpo a existência de um garrote bem marcado, característica não presente entre os cervídeos (espécie sugerida pela cabeça); a linha cérvico-dorsal é sinuosa, assim como a ventral.

À direita deste animal observa-se um pequeno quadrúpede estriado, orientado para a direita (**CI24-27**); trata-se de um animal altamente estilizado, com tronco sub-retangular, pescoço curto, cabeça subtriangular, patas retas e uma possível cauda atirada para cima.

As restantes gravuras do painel configuram unidades gráficas não figurativas incisas. Assim, a **CI14-17** e **CI14-18** associam-se duas da chave XIa e uma da XIb. À direita daquelas figuras identifica-se duas da XIa e acima delas uma da Vc, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, sete da XIa e duas da XIb. A **CI14-18** associa-se uma da XId. A **CI14-19** associa-se uma da X. A **CI14-20** associa-se uma da IXa, uma da IXab e duas da XIa. Abaixo desta figura gravou-se uma da XIa e à sua direita duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **CI14-21** associam-se uma da IXc, duas da XIa e uma da XIb. Acima dela reconhece-se uma da VIIa e uma da XIa. A **CI14-21** e **CI14-23** associa-se uma da IXaa. A **CI14-21**, **CI14-23** e **CI14-24** associam-se três da XIa e uma da XIb. A **CI14-23** associam-se duas da XIa e duas da XIb. A **CI14-26** associam-se uma da XIa e uma da XIb; à sua direita observa-se uma da IXb e uma da XIa e abaixo uma da XIa. A **CI14-27** associam-se uma da XIb e uma da XId.

O painel remanescente encontra-se acima e à direita do anteriormente descrito, apresentando forma sub-retangular e dispondo-se diagonalmente relativamente a um plano horizontal.

A figura que, pelas suas dimensões, mais se destaca corresponde a um equídeo inciso orientado para a esquerda (**CI14-28**); a cabeça é de tendência troncocónica, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; as duas orelhas – de forma subtriangular – estão gravadas em perfil biangular oblíquo; a linha cérvico-dorsal é côncava, sendo a garupa convexa; o bordo traqueal é reto; as duas patas dianteiras estão representadas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; apenas uma pata traseira está representada; a cauda apresenta uma longa vassoura; a nádega aparenta ser convexa; a cabeça é estriada, sendo o resto do animal definido por contorno múltiplo.

A figura anterior é sobreposta na zona do bordo cervical e dorso por uma figura incisa acéfala, orientada para a esquerda

(**CI14-29**); apresenta pescoço longo e reto, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é curta e definida por dois curtos traços paralelos entre si; na pata traseira observa-se uma coxa triangular e uma canela reta; a linha ventral é reta, assim como a pata dianteira; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a figura apresenta a coxa estriada, sendo o resto do corpo definido por contorno simples e múltiplo.

Sobrepondo também as patas dianteiras do equídeo **CI14-28**, encontra-se a figura de um auroque estriado orientado para a direita (**CI14-30**); apresenta uma cabeça de subtriangular com bordo ventral convexo, focinho apontado para cima e linha fronto-nasal côncava; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; o bordo traqueal é côncavo, encontrando-se no sector superior uma saliência subtriangular; o bordo cervical é convexo, o dorso reto, a garupa angulosa e a nádega e bordo caudal da pata traseira retos.

Acima da garupa de **CI14-28** encontra-se a zona anterior de um equídeo inciso, definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**CI14-31**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal e nuca retas, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; o bordo traqueal côncavo, assim como o que resta da linha cérvico-dorsal.

Acima da cabeça de **CI14-28** observa-se um outro cavalo estriado, orientado para a esquerda (**CI14-32**); a cabeça é de tendência troncocónica e aberta na zona do focinho; a crineira é apontada para a frente; o bordo cervical é longo, configurando com o dorso e a garupa uma cérvico-dorsal de curvatura algo acentuada; as duas patas traseiras são retas e dispostas em perfil biangular reto; a linha ventral é direita; só se observa uma pata dianteira de tendência curva formada por uma série de traços paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Ao peito deste cavalo junta-se uma figura pisciforme estriada, orientada para baixo (**CI14-33**); dorso e ventre são convexos; observa-se uma barbatana ventral e outra anal.

Para a esquerda observa-se um conjunto de três figuras que se associam por sobreposição. A figura que mais se destaca corresponde a uma cerva incisa, com a zona anterior estriada e a posterior definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a direita (**CI14-34**); apresenta cabeça triangular e focinho arredondado, observando-se no interior o olho definido por um círculo inciso; as duas orelhas, de feição naturalista, dispõem-se em perfil biangular oblíquo; o tronco é praticamente retangular; as patas dianteiras são retas e gravadas em perfil biangular oblíquo; as traseiras estão representadas em perfil biangular reto, observando-se na da direita clara diferenciação entre coxa e canela; a nádega é arredondada e a cauda filiforme.

No interior do animal anterior, observa-se um peixe estriado orientado para cima e para a esquerda (**CI14-35**); apresenta dorso e ventre convexos, dupla barbatana caudal e ventral reta.

Sob o dorso de **CI14-34** encontra-se o focinho e bordo traqueal de um macho inciso de cabra-montês orientado para a esquerda, definido por contorno múltiplo (**CI14-36**); a cabeça é sub-rectangular, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; apenas tem um corno curvo delineado; o bordo traqueal é também tendencialmente rectilíneo, podendo os traços à sua frente representar a pelagem do animal.

Para cima deste animal e de **CI14-32** encontra-se quadrúpede inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**CI14-37**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; a cérvico-dorsal é reta, com garrote saliente; do bordo traqueal apenas se observa o arranque, de configuração convexa.

Para a esquerda de **CI14-34** observa-se dois peixes estriados ligeiramente dobrados, um destes orientado para baixo (**CI14-38**) e o outro para cima (**CI14-39**); o primeiro apresenta dorso e ventre convexos e longa barbatana caudal; o segundo apresenta dorso convexo, ventre reto, cabeça pontiaguda e uma barbatana caudal também desenvolvida.

A figura remanescente do painel encontra-se abaixo de **CI14-30**, correspondendo à representação parcial de um cavalo inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**CI14-40**); apresenta uma cabeça semelhante à de **CI14-31**, peito convexo e bordo traqueal que, tal como **CI14-30**, apresenta uma saliência triangular. As patas apresentam cascos e estão gravadas em perfil biangular reto.

As restantes gravuras configuram unidades gráficas não figurativas incisas. A **CI14-28** associam-se uma da chave IIIc, três da IXa, sete da IXaa, três da IXab, duas da IXba, uma da IXbb, duas da X, dezanove da XIa, dez da XIb, três da XIc e duas da XId. À esquerda daquele animal encontra-se uma da IIa, uma da VIIb, uma da IXa, três da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, duas da X, dez da XIa, onze da XIb, cinco da XIc e duas da XId. A **CI14-28** e **CI14-29** associam-se uma da VIIa, uma da X, três da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **CI14-28** e **CI14-30** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXba, uma da XIa e duas da XIc. À esquerda daqueles dois animais identifica-se uma da XIa. Entre **CI14-28**, **CI14-30** e **CI14-40** observa-se três da IXaa, duas da IXab, duas da XIa, quatro da XIb e uma da XIc. A **CI14-29** associam-se uma da IXaa, uma da X, uma da XIa e uma da XIc. Entre **CI14-29**, **CI14-31** e **CI14-32** observa-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXc e três da XIa. Entre **CI14-29** e **CI14-32** observa-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da XIa e duas da XIb. A **CI14-30** associam-se uma da VIIa, três da IXa, três da IXaa, nove da IXab, duas da IXb, uma da X, quatro da XIa, treze da XIb, quatro da XIc, uma da XId, uma da XIIc (picotada) e uma da XIIIb. À

esquerda do animal observa-se uma da XIa e uma da XIb. A **CI14-31** associam-se uma da IXbb, três da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **CI14-32** associam-se oito da IXaa, quatro da IXab, quatro da IXba, uma da IXbb, seis da X, dez da XIa, dez da XIb, três da XIc e duas da XId. A **CI14-32** e **CI14-33** associam-se uma da X, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **CI14-32** e **CI14-36** associa-se uma da IXbb. À direita de **CI14-32** encontra-se uma da XIa e acima dela uma da IIa, uma da IIb, duas da IXa, três da IXab, uma da X, nove da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Entre **CI14-32**, **CI14-33**, **CI14-34** e **CI14-36** encontra-se uma da IXb, três da XIa, três da XIb e uma da XId. A **CI14-33** associam-se duas da IXa, uma da IXaa, duas da XIa, duas da XIb e duas da XIc. A **CI14-33** e **CI14-34** associa-se uma da XIb. A **CI14-34** associam-se uma da IIIc, uma da IXa, uma da IXaa, uma da X, seis da XIa, quatro da XIb, uma da XId e uma da XIIc (picotada). A **CI14-34**, **CI14-35** e **CI14-36** associam-se uma da IXbb e uma da XIa. A **CI14-34** e **CI14-36** associam-se uma da IXaa e uma da X. Entre **CI14-34** e **CI14-35** observa-se uma da IXab, uma da X e uma da XIb. Entre **CI14-34**, **CI14-35** e **CI14-39** identifica-se uma da IIIc, uma da IXaa, uma da IXbb, uma da IXc, uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. Entre **CI14-34**, **CI14-36**, **CI14-37** e **CI14-38** discrimina-se uma da VIII, duas da IXa, três da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, duas da IXbb, duas da IXc, sete da XIa, quatro da XIb, duas da XIc e duas da XIIIb. Entre **CI14-34** e **CI14-38** observa-se uma da IIa, uma da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **CI14-35** associam-se duas da XIa e uma da XId. A **CI14-36** associam-se uma da IXa, uma da IXb, duas da X, quatro da XIa, duas da XIb, duas da XIc e uma da XId. A **CI14-37** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, cinco da XIa, quatro da XIb, uma da XIc e duas da XId. Por cima daquele animal observa-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, cinco da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **CI14-38** e **CI14-39** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **CI14-39** associam-se uma da X e duas da XIa. A **CI14-40** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, uma da IXbb, duas da XIa, duas da XIb e uma da XId. À direita daquele animal encontra-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, uma da IXc, uma da XIb e uma da XIc. Abaixo do animal encontra-se uma da IIIc, uma da XIb e uma da XIc. À sua esquerda observa-se uma da XIa. Junto do limite inferior do painel identifica-se ainda uma da XIa.

Refira-se ainda a existência de alguns picotados isolados nos painéis central e direito.

Rocha 15 (Fig. 122): É referida na bibliografia arqueológica desde 1997, datando desse ano a sua descrição aturada e a publicação do seu decalque (Baptista & Gomes, 1997, 236-237, 285). Localiza-se a cerca de 7,8 m para oeste da rocha anterior, a uma cota de cerca de 144 m. Corresponde a um amplo paredão de forma sub-retangular orientado para sudeste. A superfície apresenta uma cor castanho-alaranjada, apresentando-se algo degradada.

Em cima encontramos parte da garupa e nádega convexas de um quadrúpede picotado orientado para a direita (**CI15-01**); dele observa-se ainda a cauda e a sua raiz subtriangular.

Abaixo deste animal encontra-se um auroque picotado orientado para a direita (**CI15-02**); apresenta uma cabeça campanulada; a fronto-nasal apresenta fronte algo convexa e chanfro ligeiramente côncavo; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo côncavo; no interior uma oclusão natural parece ter sido apropriada como olho; os cornos dispõem-se perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha destacada, dorso ligeiramente côncavo e garupa angulosa; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si, curvos na coxa e retos na canela; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira algo reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Abaixo, e sobrepondo parcialmente a pata traseira do bovino descrito anteriormente, observa-se um outro auroque picotado, orientado para a direita (**CI15-03**); apresenta cabeça sub-rectangular com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho também convexo e bordo ventral com ganacha convexa, tendo o queixo desaparecido sob uma fratura; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a orelha é linear e atirada para trás; a cérvico-dorsal só se representou até à zona da garupa, apresentando cernelha saliente e dorso reto; da pata traseira só se observa o bordo cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; refira-se que alguns traços incisos denunciam a existência de um esboço prévio.

No interior de **CI15-03** (embora chegue a ultrapassar os seus limites) observa-se uma figura que tem vindo a ser interpretada como equídeo (cfr. Baptista, 2009a, 160-161, figura vermelha); quanto a nós estamos perante a representação de uma fêmea de cabra-montês, definida por contorno múltiplo, orientada para a direita (**CI15-04**); parece observar-se uma tendência para que os traços que definem este animal não toquem nos que definem o anterior (particularmente evidente na zona da cabeça deste último), razão pela qual, pensamos ser esta uma figura posterior às restantes; observa-se igualmente o aproveitamento de uma fratura para demarcação do bordo ventral da cabeça. Esta encontra-se levantada, apresentando forma triangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral (este correspondente a uma fratura) retos; a zona do focinho é apontada; a nuca é triangular; o corno é em forma de S deitado; o pescoço é alongado; a linha cérvico-dorsal é reta; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois traços retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é também definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é também reto.



Fig. 122: Rocha 15 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

As restantes figuras correspondem a unidades gráficas não figurativas, maioritariamente incisas. Acima de **CI15-01** observa-se sete da XIa (três delas picotadas), uma da XIb e uma da XIc (picotada). A **CI15-02** associam-se três da VIIa, uma da IXa, quatro da IXaa, três da IXab, duas da IXba, uma da IXbb, duas da X, vinte e oito da XIa (uma delas picotada), sete da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. Associadas a **CI15-02** e **CI15-03** associa-se uma da XIb. Para cima de **CI15-02** observa-se oito da XIa (uma delas picotada) e duas da XIb. Entre **CI15-02** e **CI15-03** identifica-se uma da VIIa, três da IXa, uma da X, seis da XIa, uma da XIb, uma da XIc, duas da XId e uma da XIIIb. A **CI15-03** associam-se duas da IXa, uma da IXaa, catorze da XIa, quatro da XIb, três da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. A **CI15-03** e **CI15-04** associam-se duas da IXaa, oito da XIa, dez da XIb, uma da XIc e uma da XId. À direita de **CI15-03** encontra-se uma da IXab, uma da XIa e uma da XIc. À esquerda daquele animal observa-se uma da XIa e uma da XIc. Abaixo dele identifica-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da IXbb, dezoito da XIa, doze da XIb, uma da XIc e cinco da XId. A **CI15-04** associam-se uma da IXa e uma da IXb. Finalmente, no sector direito da rocha identifica-se uma da IIIc, uma da IXa, uma da IXab, uma da IXb, dezoito da XIa, treze da XIb, duas da XIc, seis da XId e uma da XIIIb. Refira-se ainda a existência de alguns picotados soltos, em particular sobre **CI15-02**.

Rocha 16 (Fig. 123): Encontra-se mencionada na bibliografia desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 261), pese embora o seu decalque só venha a ser publicado em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 129). Localiza-se a cerca de 21 m para sudeste da rocha 12, a uma altitude de 119 m, encontrando-se atualmente submersa. Esta rocha constitui um imenso paredão orientado para sudeste, gravado com figurações paleolíticas numa zona delimitada do seu sector superior; a zona historiada apresenta configuração sub-retangular, sendo a sua superfície regular mas algo rugosa; apresenta cor castanho-acinzentada.

Na rocha distinguem-se três painéis individualizados por fraturas de alguma importância. No da esquerda identifica-se cinco animais que se associam por sobreposição. Na base encontra-se um macho de cabra-montês picotado, orientado para a direita (**CI16-01**); da cabeça apenas se aprecia a ponta do focinho (?); os cornos são dois, não permitindo o que deles resta caraterizar quer a forma dos mesmos, quer a perspetiva adoptada para a sua representação; a cérvico-dorsal é algo côncava, observando-se um ligeiro garrote; a cauda corresponde a dois pequenos bordos retos, paralelos entre si e inclinados para baixo; a nádega é convexa e a pata traseira é definida por dois traços curvos paralelos entre si; a coxa está delimitada pelo bordo cranial; a linha ventral é convexa; da pata dianteira só se observa o bordo cranial, algo infletido; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Este animal é sobreposto por duas outras cabras-monteses. Em cima observa-se macho, um picotado e abradido orientado para a direita (**CI16-02**); a cabeça é subtriangular com bordo ventral e linha fronto-nasal reta, sendo o focinho convexo; os dois cornos são em forma de S e dispostos em perfil biangular reto; o dorso é algo côncavo e a garupa convexa; a cauda corresponde a dois curtos traços retos, paralelos entre si, encontrando-se apontada para cima; a nádega é subconvexa; as pata são apenas uma por par, sendo definidas por dois bordos retos paralelos entre si, identificando-se o bordo cranial da coxa na traseira; na linha ventral é convexa, nela se observando o escroto; algumas incisões denunciam a existência de um esboço prévio.

O outro animal, corresponde a uma fêmea, orientando-se para a esquerda, sendo apenas picotado (**CI16-03**); a cabeça está fraturada na zona do focinho; a linha fronto-nasal e o bordo ventral da cabeça são retos; o corno é curto e em forma de S; o dorso é algo recto e a garupa arredondada; a cauda corresponde a dois traços retos paralelos entre si; da pata traseira só se observa o bordo cranial, que é curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por um bordo cranial reto; reto é também o bordo traqueal.

CI16-02 é sobreposto por auroque picotado e abradido orientado para a direita (**CI16-04**); apresenta cabeça campanulada; a fronto-nasal dispõe de fronte convexa e chanfro côncavo; o focinho é convexo; no bordo ventral observa-se a ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se os traços da narina e boca; os cornos são em forma de S e dispostos em perfil biangular oblíqua; a linha cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada e dorso côncavo; a zona da garupa despareceu devido a fratura do suporte; a cauda é linear; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos algo curvos, paralelos entre si, evidenciando-se no bordo caudal a configuração do antebraço; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

CI16-03 e **CI16-04** são sobrepostos por um auroque com duas cabeças, picotado, inciso e abradido, orientado para a esquerda (**CI16-05**); as duas cabeças de cima apresentam forma troncocónica, com linhas fronto-nasais e bordos ventrais retos, sendo convexo o focinho da cabeça inferior; ambas apresentam cornos em forma de S atirados para a frente; na de cima reconhece-se ainda a boca e uma orelha; a terceira cabeça foi definida apenas por incisão, observando-se um chanfro reto, um focinho convexo e um bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; o bordo traqueal da cabeça de cima é reto e os das duas de baixo côncavos; a linha cérvico-dorsal apresenta cernelha suave, dorso côncavo e garupa convexa; o troço da cauda é linear e foliforme a sua raiz; a nádega é convexa e a pata traseira definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira algo côncava; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos, paralelos entre si; algumas incisões denunciam a existência de um esboço prévio.



Fig. 123: Rocha 16 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

As restantes gravuras do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas. Associam-se a **CI16-01** três da chave XIa e uma da XIc. A **CI16-01** e **CI16-02** associa-se uma da XIa. A **CI16-01**, **CI16-02** e **CI16-04** associam-se uma da VIIa, seis da XIa e três da XId. A **CI16-01**, **CI16-03** e **CI16-05** associam-se duas da IXaa, uma da IXab, duas da X, duas da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **CI16-01** e **CI16-05** associam-se uma da IXaa, três da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **CI16-02** associam-se duas da XIa e duas da XIb. A **CI16-02** e **CI16-04** associa-se uma da XIc. A **CI16-03** associam-se duas da IXaa, uma da IXc, uma da X, cinco da XIa e sete da XIb. A **CI16-03** e **CI16-05** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb, uma da X, sete da XIa, cinco da XIb e duas da XIc. Por baixo de **CI16-03** encontra-se duas da IXab e uma da XIb. A **CI16-04** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. À direita daquele animal observa-se duas da XIa. A **CI16-05** associa-se uma da XIa.

No sector central encontramos outros cinco animais. Quatro destes associam-se por sobreposição. Na base da sequência encontramos um auroque picotado orientado para a esquerda (**CI16-06**); da cabeça apenas se observa o focinho algo convexo e o bordo ventral reto; na nuca ainda se percebe o arranque da orelha ou do corno; a cérvico-dorsal apresenta cernelha saliente, dorso reto e garupa convexa; a nádega é suavemente convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Sobre esta figura foi gravado por picotagem e abrasão o prótomo de um equídeo orientado para a direita (**CI16-07**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal, focinho e ganacha convexos, e queixo côncavo; a crineira é ligeiramente alteada em relação à fronte e de forma convexa; no interior da cabeça observa-se a boca e a narina; o bordo traqueal é côncavo.

A sequência é culminada por um macho de cabra-montês picotado e abradido orientado para a direita (**CI16-08**); a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal ligeiramente côncava, focinho convexo e bordo ventral reto; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo reto; a orelha é linear; a cérvico-dorsal é algo côncava; a nádega é convexa; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos paralelos entre si, observando-se na traseira a delimitação da coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

CI16-06 é ainda sobreposto por possível cerva picotada orientada para a direita (**CI16-09**); esta apresenta cabeça troncocónica com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; as orelhas são lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é

côncava e a garupa convexa; a cauda é definida por dois traços retos, paralelos entre si, encontrando-se tombada sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e por um cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O animal remanescente do sector encontra-se à esquerda do previamente descrito, correspondendo a um equídeo picotado, orientado para a direita (**CI16-10**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta, focinho reto, ganacha convexa e queixo algo côncavo; no interior observa-se o olho; a crineira é ligeiramente alteada relativamente à fronte, sendo encimada por duas orelhas lineares dispostas em perfil biangular oblíquo; a crineira é convexa; o dorso é recto e a garupa convexa; a cauda é linear e a nádega convexa; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é semielíptica; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

As restantes gravuras do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão. A **CI16-06** associa-se uma da chave XIa. A **CI16-06** e **CI16-08** associa-se uma da Vc. A **CI16-07** e **CI16-08** associa-se uma da XIa. A **CI16-08** associa-se outra da mesma chave. A **CI16-09** associa-se uma da XIa e abaixo dela uma da IXa, uma da IXab, uma da IXbb e uma da XIa. A **CI16-10** associam-duas da XIa.

No sector direito apenas foi gravado (ou apenas subsiste?) um animal. Trata-se de um capríneo picotado, orientado para a direita, ao qual falta a cabeça devido a fratura do suporte (**CI16-11**); o dorso é reto e a garupa convexa; a cauda corresponde a dois traços retos paralelos entre si; a nádega é reta; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos paralelos entre si, observando-se na traseira a configuração da coxa; a linha ventral é praticamente reta, estrangulando-se ligeiramente na zona inguinal.

Neste sector só se identifica uma possível unidade gráfica não figurativa da chave XIb, desta feita picotada. Contudo, esta unidade poderá corresponder também aos restos de um animal cuja fratura do suporte não permitiu que chegasse até nós.

Refira-se por fim a imensa quantidade de picotados dispersos por toda a superfície historiada.

Rocha 17 (Fig. 124): É mencionada na literatura arqueológica desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 261), pese embora o seu decalque só tenha sido publicado em 2009 (Baptista, 2009a, 130-131). Este decalque não se encontra, no entanto completo, tal como pudemos observar confrontando-o com fotografias de arquivo (uma delas exposta na exposição permanente do Museu do Côa!). O desenho que neste trabalho se apresenta corresponde ao decalque antigo complementado por um de nossa autoria efetuado a partir de uma dessas fotografias. A rocha localiza-se a cerca de 20 m para su-sudeste da anterior, a uma cota de cerca de 115 m. Como a anterior corresponde a um imenso paredão orientado para sudeste, encontrando-se as gravuras no sector superior do mesmo; a superfície encontra-se profusamente martelada, apresentando cor castanho-acinzentada.

A figura que mais se destaca corresponde a um enorme cavalo picotado e abradido (se bem que parte do ventre é apenas inciso), orientado para a direita (**CI17-01**); infelizmente, a figura encontra-se muito incompleta devido a fratura do suporte; assim, da cabeça apenas se observa a ganacha convexa e o queixo reto; pelo que se observa do arranque do focinho, este seria convexo; no interior da cabeça apenas se observa a boca; o que nos resta da cérvico-dorsal corresponde a um traço côncavo que se vai tornando convexo na passagem para a crineira; a pata traseira é definida por um bordo caudal curvo e por um cranial modelado, em que se observa o joelho; a coxa está bem marcada interiormente; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; observa-se também o bordo caudal do antebraço; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

No interior daquele animal, à esquerda, observa-se a pata dianteira (definida por dois bordos retos), peito convexo e bordo traqueal reto de um animal picotado, orientado para a esquerda (**CI17-02**).

Sobreposta (?) por **CI17-01**, encontra-se a representação parcial de um outro equídeo picotado orientado para a direita (**CI17-03**); a cabeça apresenta ganacha convexa e queixo reto; o focinho é convexo; o que nos resta da linha fronto-nasal denuncia uma forma algo côncava; da crineira só se regista a delimitação interna da mesma; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da pata dianteira só nos resta o bordo cranial reto; a linha ventral é algo convexa.

Abaixo da cabeça de **CI17-03**, e sobrepondo-a parcialmente, observa-se a de um auroque picotado (**CI17-04**), orientado para a direita e dispondo-se de forma algo oblíqua no painel; a cabeça é de forma subtroncocónica, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha subconvexa e queixo reto; no interior observa-se o olho, encontrando-se toda a zona do focinho preenchida por picotagem: o corno é em forma de S e atirado para a frente; da cérvico-dorsal observa-se cernelha discreta e garupa arredondada; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida apenas por um bordo cranial reto e pelo arranque do caudal; deste animal observa-se ainda a linha ventral, com ventre convexo e cilheira reta.

Sobre a figura anterior encontra-se os quartos traseiros de um grande auroque, picotado e abradido, orientado para a direita e também algo inclinado para baixo (**CI17-05**); a cabeça é de forma campanulada com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; no interior observa-se o olho, a boca e a narina; o corno remanescente é

curvo, prolongando-se pela nuca; a cérvico-dorsal apresenta cernelha saliente, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é linear; a nádega é convexa, correspondendo ao bordo caudal da pata dianteira de **CI17-01**; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por um bordo caudal reto e um cranial algo modelado onde o joelho é sugerido; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Ainda no interior de **CI17-01** encontramos outro auroque definido por uma incisão larga, orientado para a direita e algo inclinado para baixo (**CI17-06**); a cabeça é de configuração troncocónica, com linha fronto-nasal e focinho retos e bordo ventral algo côncavo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha evidente, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é definida por alguns traços incisos, terminando numa vassoura; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; a linha ventral é convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Sobre **CI17-05** encontra-se outro auroque picotado, orientado na mesma direção daquele e parecendo partilhar os seus quartos traseiros (**CI17-07**); a cabeça é sub-retangular com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se o olho, a boca e a narina; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo ambos, com a nuca, definidos por um traço só; o esquerdo é curvo e o direito em forma de S e atirado para a frente; a orelha é linear; a cérvico-dorsal apresenta garrote convexo e dorso reto; o bordo traqueal é algo convexo.

CI17-05 sobrepõe um pequeno macho de cabra-montês, picotado e orientado para a direita (**CI17-08**); a cabeça é de forma troncocónica, com linha fronto-nasal, focinho e mandíbula rectas; no interior observa-se a narina; a pera corresponde quase a um ponto; os cornos dispõem-se segundo uma perspetiva biangular oblíqua, sendo o direito em forma de S e o esquerdo recto; a orelha é linear; a linha cérvico-dorsal é recta e a garupa arredondada; a cauda corresponde a dois traços rectos, paralelos entre si; a anca é arredondada, a pata traseira é definida por um bordo caudal onde se observa o jarrete e por um cranial algo curvo; o ventre é convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo.

Sobre **CI17-05** encontra-se a representação anterior de um auroque picotado, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**CI17-09**); apresenta uma cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se o olho, a boca e uma narina; o corno é curvo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha convexa e dorso reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida apenas pelo seu bordo cranial, que é reto.

Ainda no interior de **CI17-05** encontra-se um prótomo de auroque picotado, orientado para a direita (**CI17-10**); a cabeça é troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo, sendo este delimitado interiormente; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo reto e o direito em forma de ténue S; o animal apresenta bordo cervical convexo e ventral em ténue S; o arranque do dorso é reto.

Sobreposto pelo focinho de **CI17-01** encontramos um auroque picotado orientado para a direita e inclinado para cima (**CI17-11**); infelizmente a fratura do suporte fez com que o animal nos chegasse sem cabeça; o dorso é côncavo e a garupa angulosa; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal onde se observa o jarrete e por um cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo.

Para a direita dos animais previamente descritos encontramos um prótomo de possível auroque orientado para a direita (**CI17-12**); é gravado mediante uma picotagem menos densa e apresenta uma configuração inabitual; a cabeça é curta, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho algo convexo; os cornos são direitos e dispostos em perfil biangular reto; da cérvico-dorsal só se representou o bordo cervical reto.

Ainda mais para a direita reconhece-se um cavalo picotado orientado para a direita (**CI17-13**); devido a fratura do suporte, só nos resta a zona anterior; a cabeça é algo modelada, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca e a narina; a crineira aparenta encontrar-se algo levantada relativamente à fronte, sendo de configuração convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é reta.

Como referimos de início, esta rocha encontra-se profundamente picotada; este facto aliado à pouca experiência da equipa aquando da feitura deste decalque está por trás da nossa decisão em ignorar as possíveis unidades gráficas não figurativas picotadas. Passemos a inventariar as incisas. Associam-se a **CI17-01** uma da chave IXbb, três da X, doze da XIa, uma da XIb, duas da XIc e uma da XId. Entre **CI17-01** e **CI17-05** encontra-se uma da IXa, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XId. Abaixo de **CI17-01**, **CI17-03** e **CI17-05** identificam-se uma da IIIc, duas da VIIa, uma da IXa, duas da IXab, uma da IXbb, quatro da X, quinze da XIa, oito da XIb e uma da XId. A **CI17-03** associa-se uma da XId. A **CI17-03** e **CI17-05** associam-se uma da XIa e duas da XIb. A **CI17-05** associam-se uma da IXa e duas da XIa.



Fig. 124: Rocha 17 da Canada do Inferno (decalque de Manuel Almeida, Fernando Barbosa e João Félix, completado a partir de fotografia de arquivo, pelo autor).

Rocha 18 (Fig. 125): É referida na bibliografia desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 261), pese embora só se venha a conhecer decalque do painel em 2008 (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 128). Localiza-se imediatamente por trás da rocha anterior, a uma cota de 120 m. Corresponde a uma superfície de configuração sub-retangular, disposta na diagonal. Apresenta uma superfície regular e lisa de cor castanho-acinzentada; orienta-se para sudeste.

Apenas se identifica um macho de cabra-montês inciso e picotado, orientado para a esquerda e ligeiramente inclinado para cima (**CI18-01**); apresenta cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal reta, focinho reto e bordo ventral com ganacha algo convexa e queixo ligeiramente côncavo; no interior observa-se o olho; o corno é praticamente reto e atirado para trás; o tronco é de tendência rectangular; a cérvico-dorsal é direita; a anca é convexa, a linha ventral e o bordo traqueal são reto; a cauda é curta e levantada; as patas são apenas uma por par, sendo curtas e definidas por dois bordos retos paralelos entre si (mais evidente na dianteira).

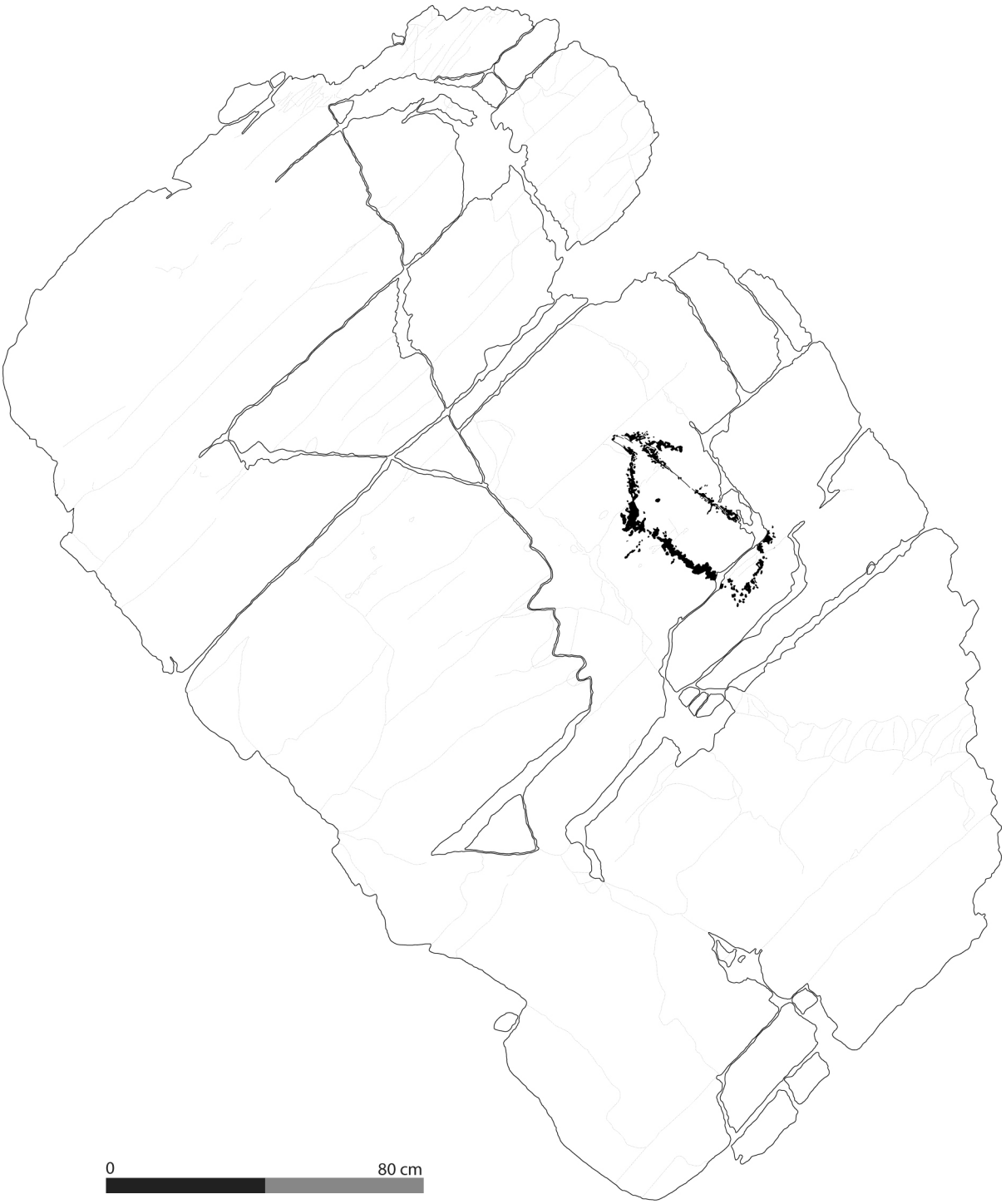


Fig. 125: Rocha 18 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e J. Félix).

Rocha 19 (Fig. 126): É conhecida desde 1997, tendo-se há época publicado a sua descrição e decalque respetivo (Baptista & Gomes, 1997, 237-238). Encontra-se em frente da rocha 17, à sua esquerda, a uma cota de cerca de 113 m. Corresponde a uma superfície de configuração irregular orientada para sudeste. Não havendo da rocha outro registo para além do decalque publicado,

nada mais podemos adiantar. Mesmo o referido decalque é apenas do sector direito do painel, nada se sabendo das gravuras do seu lado esquerdo. Todas as gravuras registadas foram conseguidas por incisão.

Na rocha destaca-se três figuras associadas por sobreposição. Na base da sequência encontramos uma cerva, definida por contorno simples, orientada para a esquerda (**CI19-01**); apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo, ganacha convexa e queixo côncavo; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; o bordo cervical é reto; os bordos do tronco são convexos; a pata dianteira é definida por bordo cranial reto e caudal curvo; o bordo traqueal é reto.



Fig. 126: Rocha 19 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio e M. Almeida e A. M. Baptista).

Sobrepondo-se à figura anterior encontra-se um cervídeo (ou capríneo?) definido por contorno múltiplo, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**CI19-02**); infelizmente, o lascamento do suporte conduziu ao desaparecimento da cabeça do animal; observa-se, no entanto, um corno ou haste, direito(a) e afilado(a), atirado(a) para trás; o pescoço é alongado e de configuração subtriangular; a cérvico-dorsal é convexa; a cauda é curta; a nádega é reta; as patas estão representadas em perfil biangular oblíquo; as traseiras são bastante modeladas, com coxas triangulares, jarretes bem definidos e canelas retas; o mesmo se pode dizer das dianteiras, com coxas, joelhos e canelas bem identificados; refira-se que ambos os pares de patas se encontram fletidos; a linha ventral é convexa; destaque-se ainda o preenchimento estriado das patas e do pescoço do animal.

Junta-se às patas da frente do animal atrás descrito um possível capríneo, de reduzidas dimensões, definido por contorno simples, orientado para baixo, e com a cabeça representada em perfil biangular reto (**CI19-03**); a cabeça apresenta os bordos laterais direitos, e a nuca e focinho convexos, destacando-se este último pelo alargamento do perímetro da cabeça; os cornos são lineares e dispostos em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é côncava, e a nádega convexa; as patas (apenas uma por par) são de forma subtriangular e estriadas; a linha ventral é convexa, assim como o bordo traqueal.

Um pouco para baixo e para a esquerda do conjunto atrás descrito encontra-se um macho de cabra-montês, definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**CI19-04**); da cabeça só se observa a fronte reta e a ganacha convexa; as orelhas são subtriangulares, arrancando a partir delas os cornos curvos, dispondo-se o conjunto em perfil biangular oblíquo; o tronco é sub-retangular e alongado, com cérvico-dorsal reta e linha ventral com ventre côncavo e cilheira convexa; não existe distinção entre a nádega e o bordo caudal da pata traseira do animal; esta é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a pata dianteira é configurada *grosso modo* da mesma maneira; também entre bordo cranial da pata dianteira e o bordo traqueal não se observa qualquer distinção.

A derradeira figuração zoomórfica do painel encontra-se mais abaixo à direita, correspondendo a possível prótomo de cerva, definido por incisão simples e orientado para a esquerda (**CI19-05**); a cabeça é subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, mantendo-se o focinho em aberto; o dorso é algo convexo, perfazendo com a linha fronto-nasal uma nuca angulosa; sobre ela encontra-se uma orelha linear; o arranque do bordo traqueal é convexo.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **CI19-01** uma da VIIa, duas da IXb, uma da IXbb, três da XIa e seis da XIb. Associam-se a **CI19-01** e **CI19-02** uma da IXaa, uma da IXab, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XId. Associa-se a **CI19-01**, **CI19-02** e **CI19-03** uma da IXab, uma da X e uma da XIa. A **CI19-01** e **CI19-03** associam-se uma da IXa e três da XIa. Para cima de **CI19-01** identifica-se uma da IXa, uma da IXbb e uma da XIa. À sua esquerda observa-se duas da XIa. Entre aquele animal e **CI19-04** encontra-se uma da XIa. A **CI19-02** associam-se uma da IXaa e uma da XIa. Acima daquele capríneo identifica-se quatro da XIa e uma da XIb e à direita dele duas da XIa e uma da XId. A **CI19-04** associam-se uma da IXa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XId. à direita do capríneo encontra-se ainda uma da XIb. A **CI19-05** associam-se uma da IXab, três da X, três da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. Abaixo daquele animal observa-se uma da VIIa, duas da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da X, sete da XIa, uma da XIb e uma da XIIIb. Finalmente, acima do mesmo animal, encontramos uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da X, seis da XIa e seis da XIb.

Rocha 20 (Fig. 127): É conhecida desde 1997, quando se publica descrição e decalque da mesma (Baptista & Gomes, 1997, 238, 286). Localiza-se a 3,6m para su-sudeste da anterior, sensivelmente à mesma cota. Corresponde a um painel vertical, orientado para sudeste, de configuração subtriangular e coloração castanho-acinzentada. Apresenta superfície regular e lisa; as gravuras encontram-se no topo do painel, sendo todas conseguidas por incisão. No entanto, alguns picotados dispersos distribuem-se sobre elas.

A figura que mais se destaca corresponde ao prótomo de um veado estriado, orientado para a esquerda (**CI20-01**); a cabeça é bastante modelada, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a zona da boca, cujo interior não foi preenchido pelo estriado; as hastes e as orelhas gravaram-se em perfil biangular oblíquo, aparecendo as orelhas foliformes entre as duas hastes do animal; na da direita observa-se estoque e a ponta intermédia; na da esquerda observa-se estoque, a ponta intermédia e as pontas da coroa; a cérvico-dorsal é reta, observando-se, no entanto, um pronunciamento da zona do garrote; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O animal precedente sobrepõe um cervídeo macho, definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**CI20-02**); a cabeça é de configuração elíptica com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo; a haste apresenta um estoque, uma ponta intermédia e uma coroa em forma de palma, razão porque se levantou a hipótese de corresponder a um gamo (Baptista, 2003, 19-20); a orelha é de forma tubular e encurvada; a linha cérvico-dorsal é côncava no bordo cervical e reta no dorso; a garupa/ nádega é algo angulosa; a cauda é linear; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; o acrescento (ou pré-existência) de uma crineira convexa permite a leitura da figura também como cavalo.

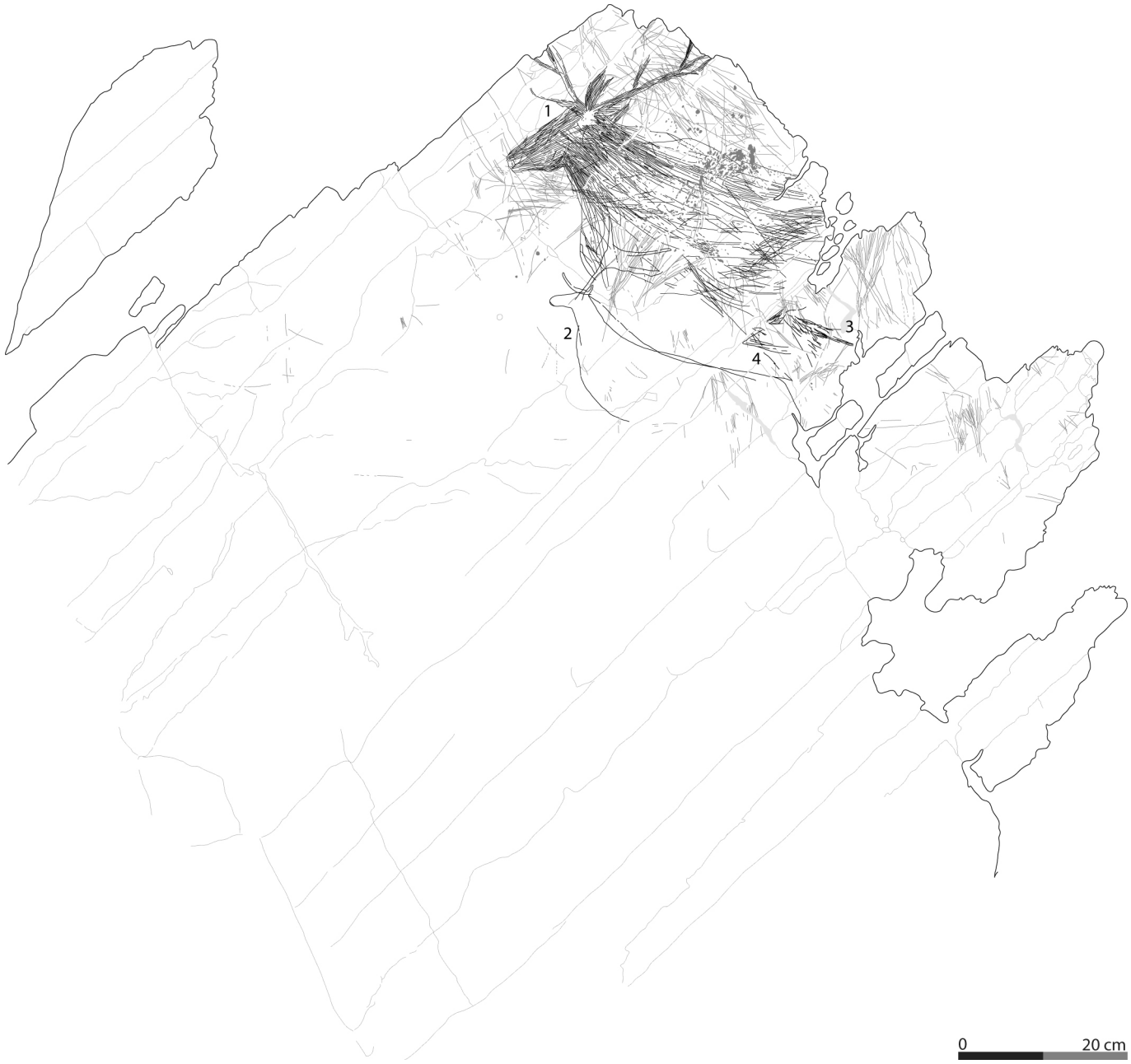


Fig. 127: Rocha 20 da Canada do Inferno (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e A. M. Baptista).

Entre a garupa do cervídeo descrito anteriormente e **CI20-01** encontramos outros dois prótomos de reduzidas dimensões, ambos estriados e orientados para a esquerda. O que se define melhor corresponde a um capríneo (**CI20-03**); apresenta cabeça subtriangular com linhas fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; o corno é em forma de S e atirado para trás; a cérvico-dorsal é direita e o bordo traqueal reto. O outro prótomo encontra-se imediatamente abaixo, podendo corresponder a uma cerva (**CI20-04**); apresenta cabeça triangular e uma orelha foliforme atirada para a frente; os bordos do pescoço são retos.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas, maioritariamente incisas. Assim, a **CI20-01** associam-se uma da chave Ia, uma da IIa, uma da IIb, seis da VIIa, uma da VIII, sete da IXa, onze da IXaa, oito da IXab, cinco da IXb (uma parcialmente picotada), sete da IXba (uma parcialmente picotada), três da IXbb, quatro da X, vinte e nove da XIa, vinte e nove da XIb, dez da XIc, três da XId, uma da XIIc (picotada) e duas da XIIIb. A **CI20-01** e **CI20-02** associam-se duas da Ia, uma da XIa e uma da XIb. A **CI20-01** e **CI20-03** associa-se uma da X. A **CI20-01** e **CI20-04** associam-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. À direita de **CI20-01** encontra-se uma da Ia, três da VIIa, duas da IXaa, três da IXab, uma da IXb, uma da X, três da XIa, quatro da XIb, uma da XIc e uma da XId. À esquerda daquele motivo identifica-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXab, uma da IXba, duas da IXbb, uma da IXc, uma da X, dez da XIa, onze da XIb e três da XIc. Entre **CI20-01** e **CI20-02** encontra-se uma da IXab, quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **CI20-02** associam-se uma da IIb, uma da VIII, duas da IXa, uma da IXaa, quinze da XIa, dez da XIb, uma da XIc e duas da XId. À esquerda daquele motivo encontra-se uma da IXab, uma da X, doze da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Abaixo identifica-se uma da XIa e uma da XIb. Entre **CI20-02**, **CI20-03** e **CI20-04** encontra-se uma da IXb, oito da XIa, sete da XIb, uma da XIc e uma da XId. Entre **CI20-02** e **CI20-04** identifica-se uma da X. A **CI20-03**

associam-se duas da VIIa, uma da IXa, uma da X, seis da XIa, nove da XIb e uma da XIIIb. Entre **CI20-03** e **CI20-04** encontra-se uma da XIa. A **CI20-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXa e duas da XIb. Finalmente, na zona do painel à direita das figurações animais, encontramos ainda uma da IIa, uma da IIb, uma da VIIa, três da IXa, duas da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, onze da XIa, treze da XIb, uma da XIc e duas da XId. Refira-se por fim a existência de vários picotados dispersos sobre **CI20-01**.

Rocha 22 (Fig. 128): É conhecida desde 1997, ano em que se publica descrição e decalque do dispositivo gráfico aí presente (Baptista & Gomes, 1997, 238-241, 275-276). Localiza-se a cerca de 3,25 m para sudeste da rocha 16, a uma cota de 115 m. Corresponde a um conjunto de superfícies verticais, orientadas para sudeste, "dispostas em vários planos e delimitadas por fracturas profundas" (Baptista e Gomes, 1997, 239). Nela observa-se gravuras de cronologia histórica e paleolítica. Apenas nos debruçaremos sobre estas últimas.

No painel localizado no sector superior esquerdo identifica-se dois prótomos de equídeo picotados (variante B). Um destes (**CI22-01**) localiza-se junto do limite superior do painel, encontrando-se orientado para a esquerda; apresenta fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; o bordo traqueal é convexo, sendo a goela muito marcada; as duas orelhas são lineares, dispondo-se sem perfil biangular reto; atrás da orelha direita surge a crineira, subtilmente convexa e delimitada interiormente; no interior da cabeça observa-se ainda o olho. A outra cabeça do sector (**CI22-02**) é de feitura mais "descuidada", orientando-se para a direita; a linha fronto-nasal é reta, o focinho convexo e o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo quase reto; o bordo traqueal está apenas esboçado, sendo semelhante ao da figura anterior; a crineira é em escada e convexa.

No painel situado no canto inferior esquerdo da rocha apenas se identifica um animal; trata-se de equídeo picotado (variante B), muito fraturado, orientado para a direita (**CI22-03**); da cabeça observa-se o arranque da linha fronto-nasal e da ganacha convexa; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a goela corresponde a um ângulo muito marcado; a crineira é convexa e o dorso reto.

No painel imediatamente à direita do descrito inicialmente, observa-se dois conjuntos de zoomorfos; o primeiro destes localiza-se junto do limite superior; aí encontramos dois animais, não sendo explícita a ordem pela qual foram executados; um destes corresponde a um possível prótomo de equídeo picotado (variante B), orientado para a direita (**CI22-04**); apresenta linha fronto-nasal e focinho convexos e bordo ventral reto; sobre a fronte observa-se uma orelha linear; o bordo traqueal é reto; um traço picotado, praticamente paralelo ao bordo referido do pescoço poderá corresponder à delimitação interna da crineira. A outra figura zoomórfica do conjunto está reduzida praticamente aos quartos traseiros, sendo gravada por incisão e definida por contorno simples (**CI22-05**); orienta-se para a direita e inclina-se para cima; o dorso é reto, assim como a linha ventral; a nádega é algo convexa; a pata traseira apresenta coxa subtriangular e canela reta, definida por dois bordos paralelos; a cauda é curta.

O outro conjunto de figurações zoomórficas encontra-se um pouco abaixo; três dos quatro animais que conformam este conjunto encontram-se associados por sobreposição; na base da sequência que conformam encontra-se um veado definido por abrasão, incisão (na sua modalidade de contorno múltiplo) e mesmo picotagem (na zona de passagem do cilheira para a pata dianteira), orientado para a direita (**CI22-06**); apresenta cabeça triangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é apontado; apenas uma haste foi representada, nela se identificando o estoque, o contraestoque (ou ponta intermédia?) e duas pontas na coroa; a cérvico-dorsal é algo côncava, observando-se a saliência do garrote e a convexidade da garupa; a nádega é convexa e a cauda linear e tombada sob aquela; a pata traseira apresenta coxa triangular e canela reta, definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é convexa, assim como o peito; da pata dianteira apenas se percebe a zona de passagem do cilheira para o seu bordo caudal, passagem essa algo angulosa.

Sobre o animal previamente descrito, foi gravada a zona anterior de um cavalo picotado (variante B), orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**CI22-07**); apresenta linha fronto-nasal quase reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; o bordo traqueal é reto; a crineira é reta e a nuca angulosa (como, se mais do que a delimitação externa da crina, se tivesse representado o bordo cervical); o garrote é pronunciado e o dorso reto.

Uma cerva estriada, orientada para a direita (**CI22-08**) sela a série; apresenta cabeça foliforme, com linha fronto-nasal algo convexa, focinho apontado e bordo ventral com ganacha reta e queixo convexo; as duas orelhas são foliformes e dispostas segundo um perfil uniangular; o pescoço é esguio; a linha cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente e dorso côncavo; a nádega é subconvexa; a pata traseira é algo reta e a dianteira de forma triangular; o peito é algo convexo.

À esquerda deste conjunto observa-se um prótomo de veado picotado, orientado nessa direção (**CI22-09**); é de feitura muito esquemática; a cabeça é alongada, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho encontra-se algo levantado; a nuca é angulosa; as duas hastes encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo, encontrando-se reduzidas aos troncos, facto que nos permite levantar a hipótese de nos encontramos perante um vareto.



Fig. 128: Rocha 22 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar); as figuras em degradé são de cronologia histórica.

Nesta rocha apenas se identificou uma figura zoomórfica mais, figura essa que se encontra junto do limite superior direito do painel; corresponde ao prótomo picotado (variante B) de um equídeo, com a cabeça em torção, orientada para a direita (**CI22-10**); a linha fronto-nasal é quase reta e o focinho convexo; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; um traço reto localizado para a esquerda da figura parece representar bordo dorsal da crineira; formalmente, a figura aproxima-se muito de **QB01-34**.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas; uma vez que as figurações de cronologia histórica são todas picotadas e não há forma, com a documentação existente, de as distinguir de possíveis unidades gráficas não figurativas picotadas, apenas teremos em conta as incisas. Assim, por cima de **CI22-01** encontram-se duas da chave XIa; entre **CI22-01** e **CI22-02** observa-se duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, duas da X, quinze da XIa, três da XIb e uma da XId. A **CI22-02** associam-se dez da XIa e três da XIb. Por baixo de **CI22-02** encontra-se uma da XIa e uma da XIIIa, enquanto à sua direita se observa uma da XIa. Associam-se a **CI22-03** uma da IXb, dez da XIa, quatro da XIb e duas da XId. Por cima daquela figura observa-se uma da IXa, duas da IXab, seis da X, vinte e duas da XIa, dez da XIb, uma da XIc e duas da XId; e por baixo dela uma da X, sete da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **CI22-04** associam-se uma da IXa, quatro da XIa, três da XIb e uma da XId. A **CI22-04** e **CI22-05** associam-se duas da IXb, seis da XIa, cinco da XIb e duas da XId. Para cima daqueles dois animais observa-se uma da IXa, uma da IXaa, catorze da XIa, três da XIb e duas da XIc. A **CI22-05** associam-se uma da IXaa, duas da IXab, seis da XIa, três da XIb, uma da XId e uma da XIIIb. À direita do animal observa-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIIIb. Entre **CI22-05** e **CI22-08** identifica-se duas da IIIc, uma da IXa, uma da X, oito da XIa e duas da XIb. A **CI22-06** associa-se uma da XIa. A **CI22-06** e **CI22-07** associam-se duas da IXaa, duas da XIa e uma da XIb. A **CI22-06**, **CI22-07** e **CI22-08** associam-se uma da IXaa e duas da XIa. A **CI22-07** associam-se duas da XIa. A **CI22-07** e **CI22-08** associam-se uma da IXa, uma da IXb, uma da XIa e uma da XIc. Entre **CI22-07** e **CI22-09** encontra-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIb. A **CI22-08** associam-se duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXab, uma da IXbb, três da XIa, três da XIb e uma da XIc, À esquerda daquele animal identifica-se duas da XIa e uma da XIb. Por cima de **CI22-09** observa-se uma da XIb e duas da XIc.

Um último grupo de incisões é identificável no sector inferior direito da rocha, entre várias figuras picotadas de cronologia histórica. Uma vez que não existe referência no relatório de 1997 a incisões de cronologia pós-pleistocénica nesta rocha, considerámo-las paleolíticas. No grupo individualiza-se uma unidade da chave IXb, doze da XIa e uma da XId.

Rocha 26 (Fig. 129): É conhecida desde 1997, quando se publicou decalque e descrição dos seus painéis (Baptista & Gomes, 1997, 244-246). Localiza-se a cerca de 3,80 m para sudeste da rocha 6, a uma altitude aproximada de 115 m. Trata-se de uma rocha de cor castanho-acinzentada onde se observa dois painéis verticais orientados para sudeste, separados entre si cerca de 0,90 m.

O da esquerda apresenta forma irregular, nele se observando os restos de quatro figurações zoomórficas picotadas, três delas integrando a mesma sequência estratigráfica. Na base da sequência encontramos uma fêmea de cabra-montês orientada para a esquerda e ligeiramente inclinada para cima (**CI26-01**); da cabeça observa-se a o bordo ventral reto e um pequeno corno curto; um lascamento da rocha corta toda a zona do peito, pescoço e dorso do animal; a garupa é convexa; a cauda é conformada por dois bordos retos paralelos entre si; a nádega e o bordo caudal da pata traseira corresponde a um traço sinuoso; o outro bordo é curvo, sendo divergente relativamente ao primeiro; a linha ventral é semielíptica; da pata dianteira só se observa a extremidade distal, correspondente a dois bordos retos, paralelos entre si.

Junta-se à garupa do animal anterior um quadrúpede orientado para a esquerda e algo inclinado para baixo, com a cabeça virada para trás (**CI26-02**); da zona da cabeça só se observa o bordo do pescoço e a nuca, configurados pelo mesmo traço que prolonga o peito convexo; a pata dianteira é formada por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes entre si; nádega e garupa são formadas pelo mesmo traço convexo.

Os dois animais anteriores são sobrepostos por capríneo orientado para a direita (**CI26-03**); a cabeça é subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; a boca encontra-se aberta, sendo esta de configuração triangular; a pera corresponde a um prolongamento curvo do queixo; apenas se observa um corno curvo atirado para trás; a cérvico-dorsal é reta, sendo a garupa convexa; a cauda corresponde a dois traços retos, paralelos entre si; a nádega é subtilmente convexa; a pata traseira é definida por dois bordos retos que tendem a convergir na extremidade distal; a linha ventral é praticamente reta, inflectindo ligeiramente na zona inguinal; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O último animal do painel corresponde a um capríneo orientado para a direita (**CI26-04**); está reduzido à zona da garupa, nádega e cauda; os traços que nos restam da garupa e nádega são algo retos; a cauda é formada por três traços retos paralelos entre si.

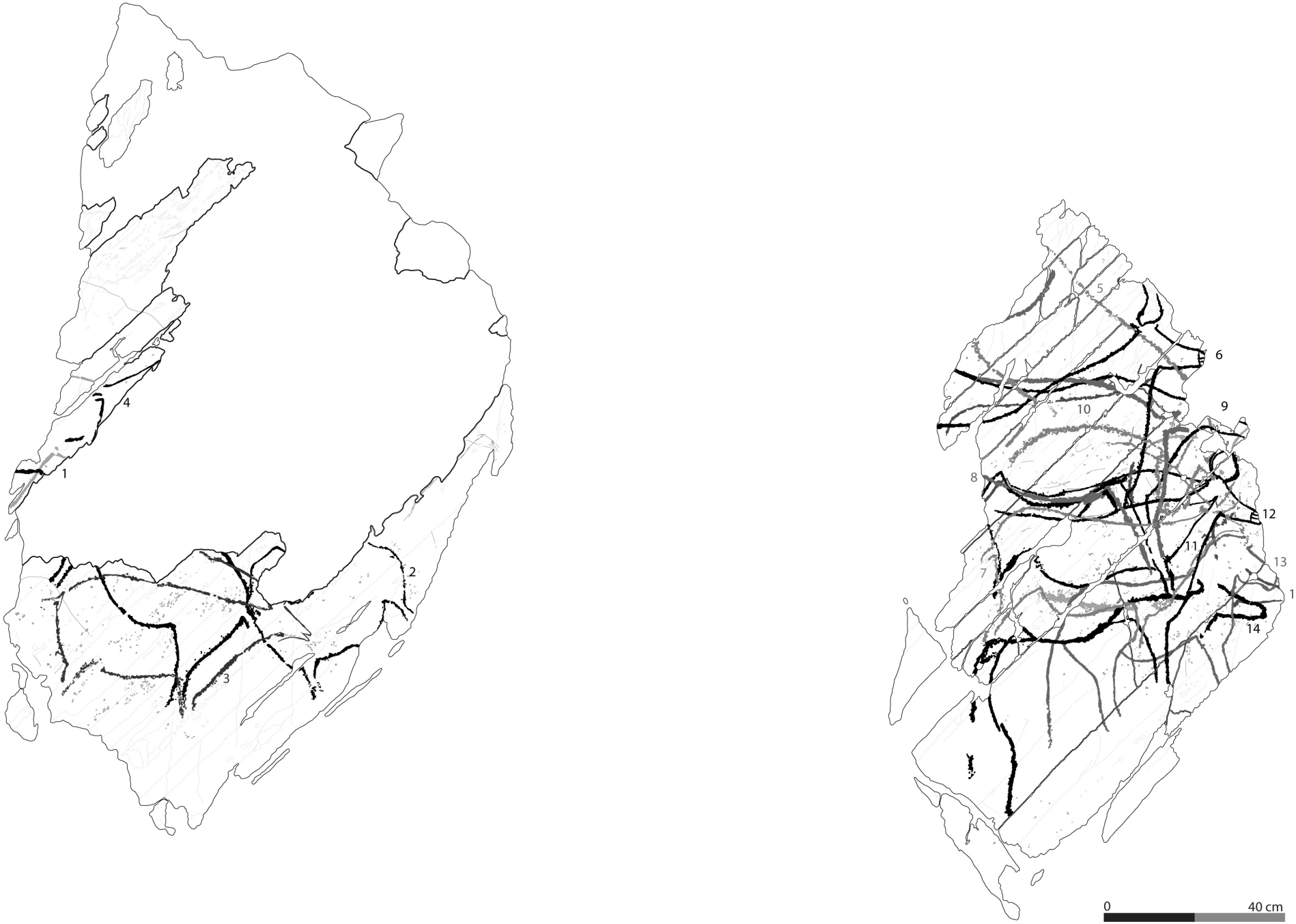


Fig. 129: Rocha 26 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e António Martinho Baptista).

Neste painel, para além de diversos picotados isolados que se dispersam pelo painel, observa-se ainda outros três traços picotados que poderão corresponder a vestígios de um quinto animal e diversas incisões que poderão corresponder a unidades gráficas não figurativas. Relativamente a estas, é a seguinte a sua distribuição: a **CI26-01** e **CI26-03** associa-se uma da chave XIIIb; por cima de **CI26-02** identifica-se uma da VIIa, uma da X, seis da XIa, três da XIb, três da XIc e uma da XIIIb; à esquerda de **CI26-03** observa-se duas da XIa; por cima de **CI26-04** encontra-se uma da XIa e uma da XIIIb.

O painel da direita é de configuração subtrapezoidal. Nele encontra-se onze animais conseguidos por picotagem e picotagem/abrasão que se associam por sobreposição. Infelizmente, pelas razões aduzidas por Baptista e Gomes (1997, 245), as sobreposições não foram estudadas. A este nível apenas sabemos que **CI26-05** corta **CI26-06**. O primeiro corresponde a um equídeo picotado orientado para a direita e inclinado para baixo; a cabeça apresenta linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; a crineira convexa arranca a partir da orelha esquerda; a cérvico-dorsal é reta e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o ventre é convexo e o cilhadouro reto.

CI26-06 corresponde a um auroque definido por picotagem e abrasão, orientado para a direita; a cabeça apresenta linha fronto-nasal côncava e bordo ventral reto; a terminação do focinho encontra-se destruída; identifica-se, no entanto, a delimitação interna deste, a boca e a narina; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo, encontrando-se ambos ligados por uma nuca curva; a orelha linear encontra-se por trás do primeiro; da cérvico-dorsal observa-se a cernelha algo saliente e o dorso côncavo; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a pata é curta e definida por dois bordos retos que tendem a convergir na extremidade distal; da linha ventral só se observa a zona de ligação com a pata dianteira, interrompendo-se na zona de transição para a garupa de **CI26-07**, pressupondo-se, portanto, a pré-existência deste último.

CI26-07 corresponde a um veado picotado orientado para a direita; a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos, no interior parece definir-se a boca do animal; apenas uma haste foi representada, observando-se nela o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia e três pontas na coroa; a orelha é linear; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda é foliforme; a nádega é praticamente reta; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira apresenta bordo caudal curvo e cranial reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Na zona superior do painel (onde se gravou **CI26-05** e **CI26-06**) encontra-se outros três animais. Um corresponde a macho de cabra-montês picotado, orientado para a esquerda (**CI26-08**); da cabeça só se conserva o corno em forma de S; o dorso é reto e a garupa convexa; a cauda corresponde a dois traços curvos divergentes; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo caudal reto e cranial curvo; a linha ventral é convexa.

Outro dos animais aqui presentes corresponde a um auroque picotado orientado para a direita (**CI26-09**); a cabeça encontra-se muito destruída, sendo no entanto possível perceber que apresentaria forma campanulada; da linha fronto-nasal só se observa a zona do focinho, que é reta; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo algo côncavo; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente e dorso côncavo; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos subparalelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; da pata traseira só se observa o bordo cranial curvo.

O terceiro animal referido corresponde a um quadrúpede acéfalo, picotado, orientado para a direita (**CI26-10**); a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; das patas só se observa os respetivos bordos craniais curvos; observa-se ainda a zona inguinal angulosa; o remanescente da linha ventral poderá encontrar-se sob a de **CI26-08**.

Da zona inguinal do animal atrás descrito, surge o arranque da cérvico-dorsal de um auroque picotado orientado para a direita e com a cabeça virada para trás (**CI26-11**); a cabeça do animal apresenta forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal e bordo ventral com ganacha ligeiramente convexa e queixo reto; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente e dorso côncavo; o peito convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o ventre é convexo e a cilheira côncava; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a nádega é algo reta.

Sensivelmente na mesma zona do painel encontra-se um outro auroque picotado, orientado para a direita (**CI26-12**); o auroque apresenta uma cabeça muito semelhante à de **CI26-06**, com linha fronto-nasal côncava e bordo ventral reto; a ponta do focinho encontra-se destruído, subsistindo a sua delimitação interna; no interior observa-se a boca e a narina; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto (confundindo-se com os de **CI26-11**); a nuca é convexa; a orelha linear; a cérvico-dorsal apresenta cernelha convexa e dorso reto; o peito convexo e o bordo traqueal reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o ventre é convexo e a cilheira côncava; da pata traseira observa-se o bordo cranial curvo; algumas incisões na zona do dorso parecem atestar a existência de um esboço prévio.

Abaixo da cabeça de **CI26-07** observa-se a de um equídeo picotado orientado para a direita (**CI26-13**); apresenta cabeça

demasiado robusta por comparação com o corpo de que dispõe; a linha fronto-nasal é reta, assim como o focinho; a ganacha é convexa e queixo côncavo; apenas uma orelha foi representada, sendo linear; a crineira é convexa; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda é linear e encurvada; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si, prolongando-se o cranial pelo flanco do animal; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Abaixo da cabeça do animal anterior, observa-se uma outra de um auroque picotado orientado para a direita (**CI26-14**); esta cabeça é de forma troncocónica e alongada; apresenta linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; os cornos não se representaram; a orelha é linear; a cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente, dorso côncavo (sob a linha ventral de **CI26-12**?) e a garupa reta; a cauda é linear e linear a inserção; a nádega é convexa (encontrando-se em parte sob o bordo cranial da pata traseira de **CI26-12**?); da pata traseira só se observa o bordo caudal reto.

Entre as duas cabeças descritas previamente encontra-se uma outra picotada e orientada para a direita (**CI26-15**); apresenta linha fronto-nasal côncava, ganacha convexa e queixo reto; um pouco atrás, alguns traços parecem configurar a terminação distal de uma haste, com o seu tronco e uma ponta da coroa; a ser assim, este quadrúpede deve ser identificado como veado.

Para além de alguns outros traços picotados, destaque-se a presença de percussões isoladas dispersas pelo painel e algumas incisões que configuram unidades gráficas não figurativas. É a seguinte a sua relação: a **CI26-06**, **CI26-08**, **CI26-09** e **CI26-10** associam-se uma da chave IIb, uma da IXbb, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. A **CI26-06**, **CI26-08** e **CI26-11** associa-se uma da XId. A **CI26-06**, **CI26-09** e **CI26-11** associa-se uma da XIa. A **CI26-07**, **CI26-11** e **CI26-12** associam-se uma da VIII e quatro da XIa. A **CI26-07** e **CI26-12** associam-se duas da XIa. A **CI26-12** associa-se uma da XIa. Abaixo de **CI26-13** encontram-se duas da XIa.

Rocha 27 (Fig. 130): Aparece referida na bibliografia desde 1997, datando dessa época a publicação de uma foto sua identificada erradamente como rocha 30 (Baptista & Gomes, 1997, 263), erro que se repete em 1999 (Baptista, 199b, 78)[178]. localiza-se a cerca de 7,70 m para leste da rocha anterior; corresponde à rocha que bordeja o "abrigo das cabras" pela esquerda; a sua altitude aproximada é de 112 m; apresenta cor castanho-alaranjada e superfícies lisas; é composta por pelo menos dois painéis orientados *grosso modo* para sudeste, localizando-se um acima do outro.

O que se encontra mais acima foi parcialmente decalcado no campo, tendo sido completado em gabinete a partir de fotografia de Fernando Barbosa. Apresenta inclinação subvertical e nela reconhece-se pelo menos três unidades gráficas figurativas. Uma destas corresponde a um cavalo picotado orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**CI27-01**); nem crineira nem cérvico-dorsal se identificam; a primeira pode, no entanto, encontrar-se parcialmente definida pelo limite do painel e por uma fissura entre aquele e a fronte do animal, configurando-se assim uma crineira em escada; a cabeça apresenta linha fronto-nasal e focinho retos, ganacha convexa e queixo reto; o peito é tenuemente convexo e o bordo traqueal algo côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a nádega é convexa.

O segundo animal corresponde a um possível camurça picotada, orientada para a direita (**CI27-02**); apresenta uma cabeça e corno *sui generis*; a primeira apresenta linha fronto-nasal e focinho retos, sendo o bordo ventral marcado por estrangulamento acentuado e anguloso entre a ganacha e o queixo, ambos retos; no decalque original o corno é reto e atirado para a frente; contudo, o confronto deste com a fotografia permite a identificação de um gancho como o das camurças, que aproveita parcialmente fissura da rocha; a orelha parece ser linear; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é definida por dois curtos traços retos, paralelos entre si; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo caudal reto e cranial curvo; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o bordo traqueal é também reto.

O terceiro animal foi conseguido por abrasão, correspondendo a representação parcial de macho de cabra-montês (**CI27-03**); a zona da cabeça foi observada a partir de fotografia. O animal parece corresponder a uma figura do tipo de **CI30-05** ou **Fr01-84**.

As restantes unidades gráficas do painel são não figurativas. A **CI27-01** associam-se duas unidades da chave VIIa, quatro da XIa, três da XIb, quatro da XIc e uma da XId. Acima do animal observa-se uma da chave IXba. Entre **CI27-01** e **CI27-02** observa-se uma da chave IXa, uma da IXab, seis da IXb, uma da IXbb, onze da XIa, quatro da XIb e três da XIc. Entre **CI27-01** e **CI27-03** observa-se uma da chave IXbb, três da XIa (uma delas abradida), três da XIb e uma da XIc. A **CI27-02** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXba, uma da IXbb, dez da XIa, seis da XIb e cinco da XIc (duas delas parcialmente abradidas). Abaixo do animal observa-se quatro da XIa e uma da XIc. A **CI27-03** associam-se uma da chave X, uma da XIa, quatro da XIb e seis da XIc.

178 De facto, o decalque da rocha 30 da Canada do Inferno aparece na publicação de 1997 (cfr. infra) e não tem nada quer ver com a foto a que nos referimos.



Fig. 130: Rocha 27 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e António Martinho Baptista e completado pelo autor a partir de fotografia de arquivo).

O outro painel apresenta forma subtrapezoidal e algum volume que é aproveitado pela figura aqui existente (Baptista & Gomes, 1997, 252); apenas se observa um auroque picotado e abradido, orientado para a direita (**CI27-04**); este animal dispõe de

duas cabeças; a de cima apresenta linha fronto-nasal côncava, focinho reto e bordo ventral convexo; no interior observa-se uma narina; a nuca é convexa e o corno em forma de S; desta cabeça sai um garrote proeminente que termina no do tronco comum; o bordo traqueal é reto e termina no corno da cabeça localizada abaixo; esta apresenta linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha e queixo retos, separados por estrangulamento do traço; a nuca é angulosa e o corno curvo e deitado; o garrote é proeminente e o dorso reto; a garupa é angulosa; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si, sendo evidentes a coxa, canela e jarrete do animal; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

As restantes gravuras do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas. Acima do animal reconhece-se uma da chave XIa e uma da XIc e abaixo dele duas da VIIa.

Rocha 28 (Fig. 131): É conhecida desde 1997, quando se publica descrição aturada e decalque do espaço parietal em causa (Baptista & Gomes, 1997, 246-248, 290-291). Bordeja o "abrigo das cabras" por norte, localizando-se a cerca de 114 m de altitude; corresponde a um par de painéis verticais, orientados a sudeste, sendo as suas superfícies regulares mas algo erodidas; a cor predominante é o castanho-acinzentado.

O painel da esquerda é de forma sub-retangular; nele encontram-se duas concentrações de covinhas picotadas, de perímetro subcircular (chave XIIc?); uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa e uma da XIc, ambas incisas.

O painel da direita apresenta configuração subtrapezoidal, nele se identificando diversos animais. Assim, no sector superior esquerdo observa-se um veado picotado orientado para a esquerda (**CI28-01**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal reta e mandíbula algo côncava; a zona do focinho encontra-se aberta; a nuca é angulosa; apenas uma haste foi efetivamente gravada, nela se observando o estoque, o contraestoque, duas pontas intermédias e duas da coroa; a segunda haste parece corresponder a parte da linha cérvico-dorsal, à qual se juntaram três traços perpendiculares que poderão corresponder à representação das pontas; a orelha é linear e atirada para trás; a cérvico-dorsal é reta e a garupa algo angulosa; a cauda é foliforme; a nádega é convexa; as duas patas traseiras estão representadas em perfil uniangular, sendo a direita definida por dois bordos retos paralelos entre si e a esquerda definida por um bordo cranial reto e um caudal onde se intui o jarrete (representado mediante reaproveitamento de fratura da rocha); a linha ventral é reta, estrangulando-se na zona inguinal; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; algumas incisões em torno do perímetro do animal denunciam a pré-existência de um esboço.

Para a direita da figura anterior observa-se um prótomo de cavalo picotado, orientado para a direita (**CI28-02**); a crineira é convexa; a linha fronto-nasal é algo côncava, sendo a bordo ventral e o focinho retos; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

Um pouco abaixo, e com a cabeça na zona peitoral de **CI28-02**, encontra-se um macho de cabra-montês inciso, definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**CI28-03**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é apontado; os cornos são em forma de S, sendo representados em perfil biangular oblíquo; o tronco é retangular, com linhas cérvico-dorsal e ventral retas; o bordo traqueal é reto; a pata dianteira (a única gravada) é de configuração triangular.

Abaixo de **CI28-02** encontra-se uma cerva incisa orientada para a direita (**CI28-04**); apresenta uma cabeça bastante naturalista; a linha fronto-nasal apresenta a fronte bombeada e o chanfro reto, sendo o focinho convexo; o bordo ventral da cabeça é reto; no interior observa-se a boca e a narina; a orelha é foliforme, encontrando-se representado o pavilhão auricular; o tronco é também sub-retangular, com linhas cérvico-dorsal e ventral ligeiramente convexas; o bordo traqueal é também reto; a cauda é linear e atirada para trás; a pata traseira é definida apenas pelos bordos, sendo aberta na extremidade distal, enquanto a dianteira apresenta forma triangular; são ambas preenchidas interiormente. O animal é definido por contorno simples e múltiplo.

Para a esquerda do animal anterior observa-se um veado inciso, de grandes dimensões, e orientado para a esquerda (**CI28-05**); apresenta uma cabeça de forma sub-retangular, sendo esta demasiado pequena por comparação com o corpo; a linha fronto-nasal é algo modelada, com a fronte ligeiramente modelada; o focinho e o bordo ventral são retos; as duas hastes estão representadas em perfil biangular oblíquo; a haste direita está reduzida ao tronco, enquanto na esquerda se observa o estoque, o contraestoque, duas pontas intermédias e duas da coroa; o tronco é excessivamente alongado; a cérvico-dorsal é algo côncava; a nádega e a linha ventral são convexas; a cauda está apenas esboçada, sendo de configuração foliforme; o bordo traqueal é ligeiramente côncavo; apenas uma pata traseira está esboçada, apresentando forma subtriangular, sendo bordo cranial gravado e o caudal o reaproveitamento de uma fratura; o animal encontra-se estriado na zona da cabeça e hastes, sendo o restante perímetro definido por contorno múltiplo.

Abaixo do anterior observa-se o que poderá ser a linha ventral convexa de um quadrúpede inciso, de grandes dimensões, orientado para a esquerda (**CI28-06**); do animal observa-se ainda o bordo cranial da pata traseira (reto), parte do dorso (reto), a garupa (convexa) e o bordo dorsal da cauda (convexo); a linha ventral e a pata são definidas por contorno múltiplo, sendo os restantes elementos anatómicos definidos por contorno simples.



Fig. 131: Rocha 28 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e António Martinho Baptista.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas, maioritariamente conseguidas por incisão. A **CI28-01** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXba, quatro da XIa, uma da XIb e uma da XIc. À esquerda daquela figura zoomórfica identifica-se uma da XIa; à direita dela uma da IXa (picotada) e quatro da XIa; e por cima uma da XIa e uma da XIc. A **CI28-02** associam-se uma da VIIa, doze da XIa (duas delas picotadas), quatro da XIb e duas da XIc. A **CI28-02** e **CI28-03** associam-se uma da IXb, duas da XIa e duas da XIb. À esquerda de **CI28-02** observa-se uma da XIb e por cima dela quatro da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Entre **CI28-02** e **CI28-04** encontra-se uma da VIIa, duas da IXab, cinco da XIa, quatro da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **CI28-03** associam-se uma da IIa, uma da X, onze da XIa, cinco da XIb e três da XId. À direita daquele animal observa-se uma da XIa. A **CI28-04** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, quatro da XIa, oito da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIIc (picotada). À esquerda do animal observa-se uma da XIa e à sua direita uma da IXaa, uma da XIa e uma da XId. A **CI28-05** associam-se uma da IXa, oito da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, três da IXba, quatro da IXbb, uma da IXc, uma da X, trinta e sete da XIa, quinze da XIb, sete da XIc, uma da XId e uma da XIIIa. A **CI28-05** e **CI28-06** associam-se uma da IXaa, quinze da XIa, duas da XIc e uma da XId. À direita de **CI28-05** observa-se uma da VIIa, uma da IXa, cinco da XIa e uma da XIb. Por cima de **CI28-05** identifica-se uma da VIIa, duas da IXab, uma da IXbb, uma da X, doze da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XId. À esquerda de **CI28-05** identifica-se uma da IXaa, uma da IXbb e cinco da XIa. Finalmente, a **CI28-06** identificam-se uma da Ia, uma da IXab, duas da IXb, uma da X, dezasseis da XIa, nove da XIb, cinco da XIc e uma da XId.

Rocha 30 (Fig. 132): Conhecida da comunidade arqueológica desde 1997, ano em que se publica descrição aturada e decalque do seu dispositivo gráfico (Baptista & Gomes, 1997, 248-249, 292). Localiza-se acima da entrada do "abrigo das cabras", a cerca de 113 m de altitude. Corresponde a um painel vertical, orientado para sudeste; é de forma subtrapezoidal, dispondo-se de forma oblíqua relativamente a um plano horizontal; as superfícies são regulares e lisas, apresentando uma cor castanho-acinzentada.

Identifica-se quatro machos de cabra-montês. Três deles encontram-se dispostos em fila, orientados para a direita, no sector superior direito da rocha. O da esquerda (**CI30-01**) é exclusivamente picotado (embora se detete uma incisão na extremidade distal do corno direito); apresenta uma cabeça oblonga, com linha fronto-nasal reta, focinho e ganacha convexa e queixo côncavo; a pera corresponde a prolongamento do traço do queixo; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo ambos em forma de S; a orelha é linear; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda encontra-se apenas esboçada, sendo definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a nádega é convexa; a linha ventral é reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo traqueal é côncavo.

O animal imediatamente a seguir (**CI30-02**) é definido maioritariamente por picotagem, sendo a cabeça, parte do corno direito e parte do dorso incisos e definidos por contorno simples e múltiplo; a cabeça é de forma triangular, com linha fronto-nasal modelada, bordo ventral reto e focinho apontado; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; no interior da cabeça observa-se o olho; a cérvico-dorsal é convexa; a cauda é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo caudal reto e cranial reto na canela e curvo na coxa; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a pata dianteira é atirada para a frente, sendo definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O macho seguinte (**CI30-03**) é inciso, sendo definido por contorno simples e múltiplo; da cabeça só se observa o arranque da ganacha reta; os cornos são atirados para trás em perfil biangular oblíquo, sendo ambos curvos; a orelha é de forma triangular; a linha cérvico-dorsal é algo côncava; a cauda encontra-se levantada, sendo definida por dois bordos retos; a nádega é algo convexa; a pata traseira é de forma subtriangular (embora termine em aberto) e estriada; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo, sendo ambas estriadas no interior; a direita é de forma triangular, enquanto a da esquerda apresenta coxa triangular e canela; o peito é convexo e bordo ventral reto.

No interior do macho anterior observa-se alguns traços incisos que poderão corresponder a um esboço de quadrúpede definido por incisão simples, orientado para a direita (**CI30-04**); dele observa-se a cérvico-dorsal com garrote proeminente e garupa convexa; a nádega é algo direita; um traço perto da base do painel pode corresponder a parte do ventre convexo e outro quase reto perto da extremidade cranial da cérvico-dorsal a um corno do animal.

O macho de cabra-montês remanescente (**CI30-05**) localiza-se no sector inferior esquerdo do painel, junto à sua base, orientando para a esquerda e encontrando-se algo inclinado para baixo (seguindo a própria inclinação da rocha); é definido por picotagem e incisão (contorno simples e múltiplo), podendo alguns traços no interior da cabeça representar a pelagem do animal; a cabeça é de forma campanulada; a linha fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro côncavo; o focinho e o bordo ventral da cabeça são retos; os cornos são curvos e atirados para trás, sendo dispostos em perfil biangular oblíquo; o dorso e o bordo traqueal são retos.

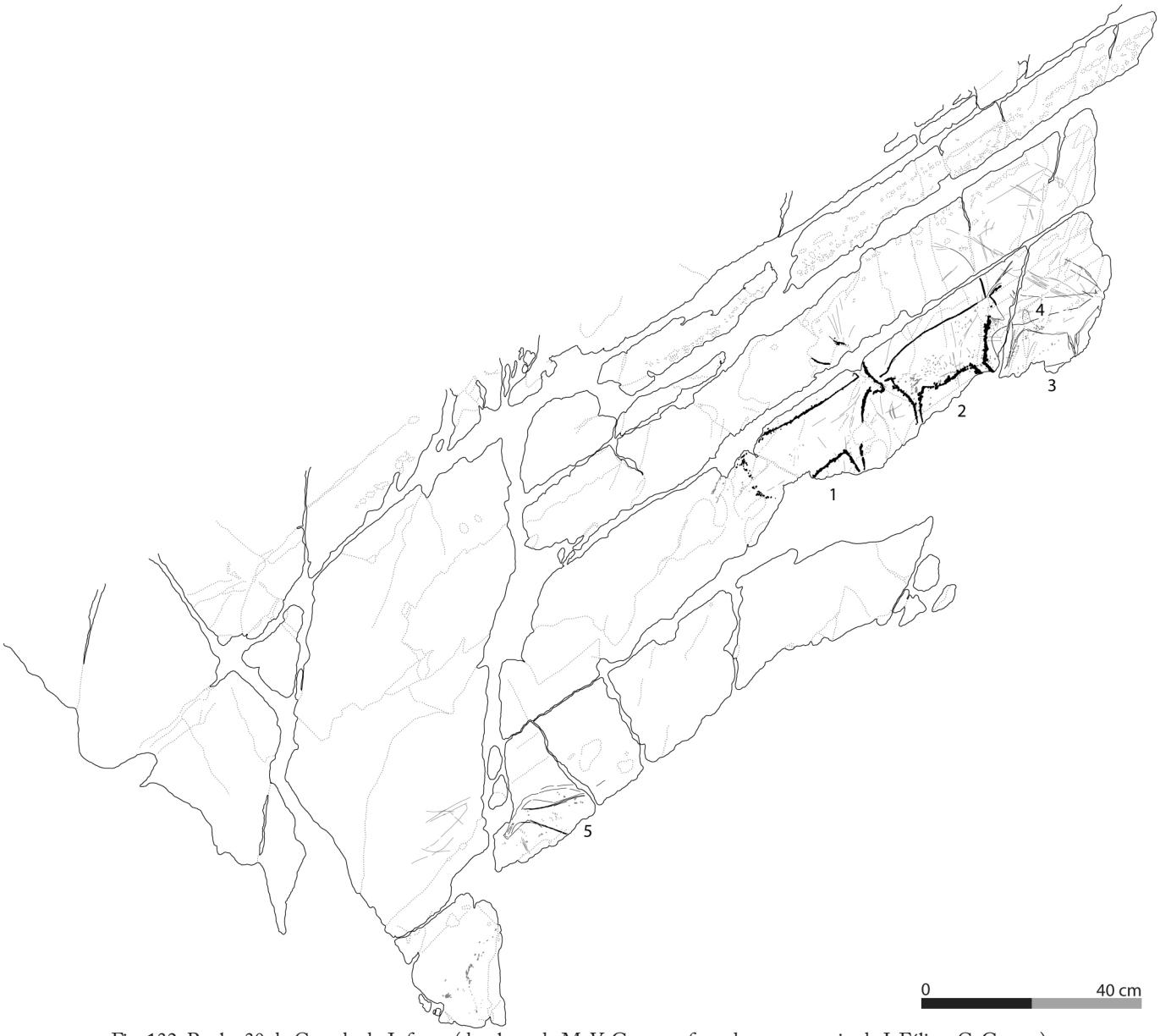


Fig. 132: Rocha 30 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. Assim, associam-se a **CI30-01** uma da chave X, sete da XIa e seis da XIb. À esquerda daquele animal identifica-se duas da XIb (uma delas picotada) e por cima dele duas da XIa e uma da XIc. Entre **CI30-01** e **CI30-02** observa-se duas da IXa e três da XIa. A **CI30-02** associam-se uma da VIIa, quatro da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, uma da X, onze da XIa, sete da XIb, uma da XIc e uma da XIIc (picotada). Por cima daquele animal observa-se duas da X, quatro da XIa e quatro da XIb. A **CI30-02** e **CI30-04** associa-se uma da XIb. A **CI30-03** associam-se oito da XIa, duas da XIb e duas da XIc. Por cima da figura observa-se uma da IIa, uma da IXb, uma da IXbb, cinco da XIa e quatro da XIb. A **CI30-03** e **CI30-04** associam-se uma da IIb (picotada) e três da XIa. A **CI30-04** associa-se uma da XIa. Por baixo de **CI30-05** observa-se uma da XIc e à sua esquerda uma da VIIa, quatro da XIa e duas da XIb. Refira-se, por fim, a existência de uma série de picotados dispersos, sobretudo sobre as figuras animais e no seu entorno.

Rocha 31 (Fig. 133): É conhecida desde 1997, quando se publica descrição e decalque da rocha (Baptista, 1997, 249, 293). Localiza-se imediatamente abaixo da anterior, a cerca de 112 m de altitude. Corresponde a painel vertical, de cor castanho-acinzentada, orientado para sudeste; apresenta forma subtriangular e superfície regular mas algo entrecortada por fissuras e oclusões naturais.

Identifica-se aí dois animais. Um destes localiza-se junto ao bordo direito da rocha, correspondendo a fêmea de cabra-montês com duas cabeças, gravada por abrasão e orientada para a direita (**CI31-01**); a cabeça de cima é de forma triangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, encontrando-se o focinho em aberto; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; a orelha é linear; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda é curta e definida por apenas um traço que se prolonga a partir da garupa; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e por um cranial curvo; a linha ventral apresenta ventre convexo

e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a segunda cabeça está apenas esboçada, apresentando forma subtriangular com bordo ventral algo convexo e nuca angulosa; o bordo cervical é convexo e o ventral reto.

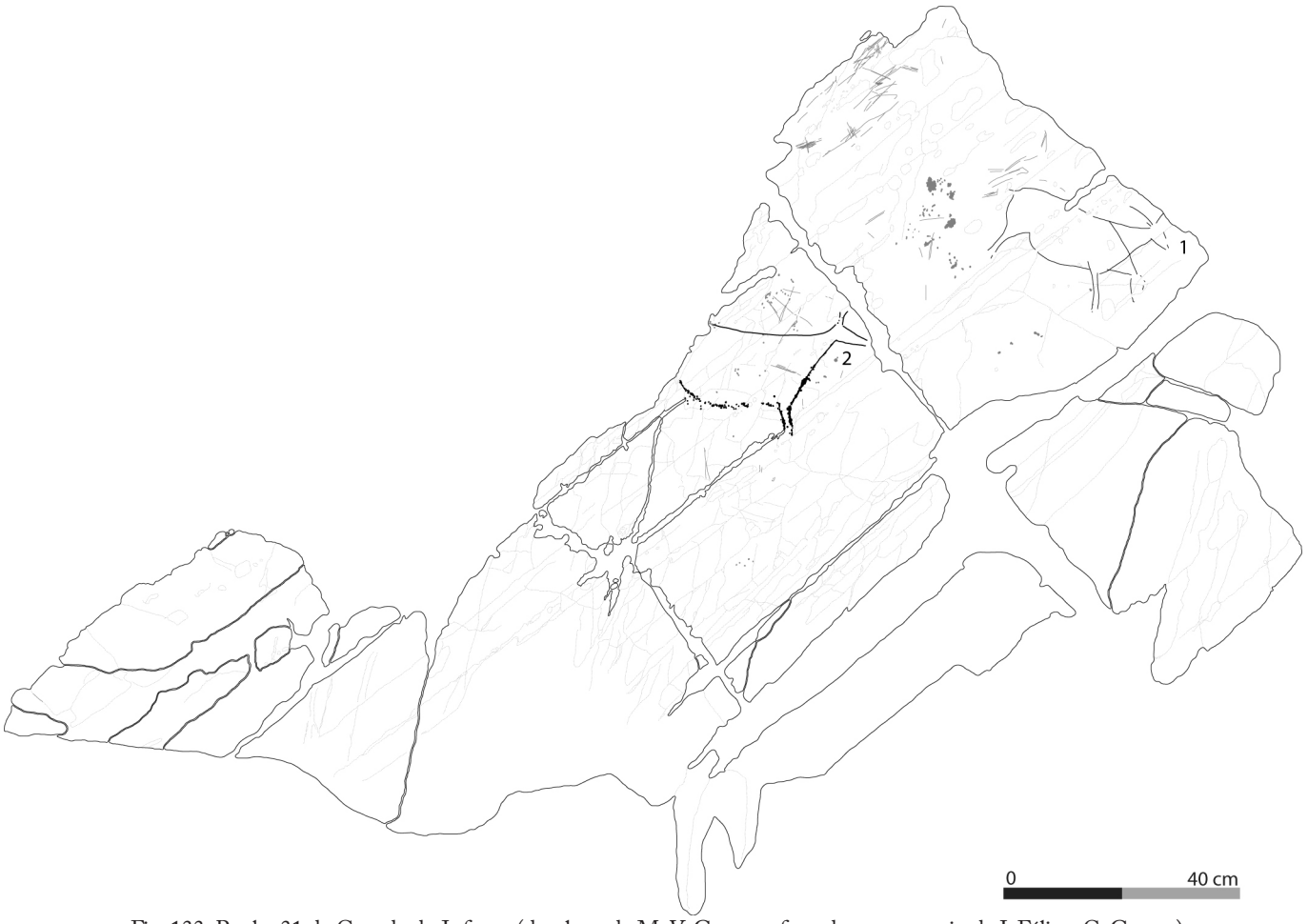


Fig. 133: Rocha 31 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

O outro animal está cerca do limite esquerdo do painel, sendo por ele interrompido; corresponde à figuração anterior de uma cerva definida por picotagem (linha ventral, pata e parte do bordo traqueal) e incisão/ abrasão, orientada para a direita (**CI31-02**); a cabeça é troncocónica, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é reta; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas. Por cima de **CI31-01** identificam-se duas da chave IXaa, uma da IXba, quatro da XIa, três da XIb e uma da XIc. Entre **CI31-01** e **CI31-02** identifica-se uma da IXab, quatro da XIa e uma da XIb. A **CI31-02** associam-se uma da XIa e uma da XIc. Por cima daquela figura observa-se uma da IXab, uma da X, três da XIa e uma da XIb. À direita dela observa-se duas da XIa e por baixo uma da IXab e duas da XIb. Finalmente, na zona superior do painel identifica-se uma da VIIa, sete da IXaa, três da IXab, duas da IXbb, dez da XIa, nove da XIb, cinco da XIc e uma da XIIIb. Refira-se, por fim, a existência de vários picotados dispersos pelo painel.

Rocha 32 (Fig. 134): Conhecida desde 1997, quando se publica descrição e decalque do painel (Baptista & Gomes, 1997, 250, 294). Localiza-se a 2,7 m para norte da anterior, a uma cota aproximada de 113m. Corresponde a um painel vertical orientado para sudeste, de contorno muito irregular; a sua superfície é de cor castanho-acinzentada, bastante regular, mas algo fissurada.

A figura que mais se destaca corresponde a um auroque picotado (variante B), orientado para a esquerda (**CI32-01**); a cabeça é de forma muito irregular e delimitada internamente; a linha fronto nasal é em forma de S; a ganacha é côncava, assim coo o queixo; a zona do focinho encontra-se em aberto e a nuca é sub-retangular; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa angulosa; a cauda é linear; a pata traseira está definida apenas pelo bordo cranial reto; retilínea é também a linha ventral; as duas patas dianteiras são lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é convexo.

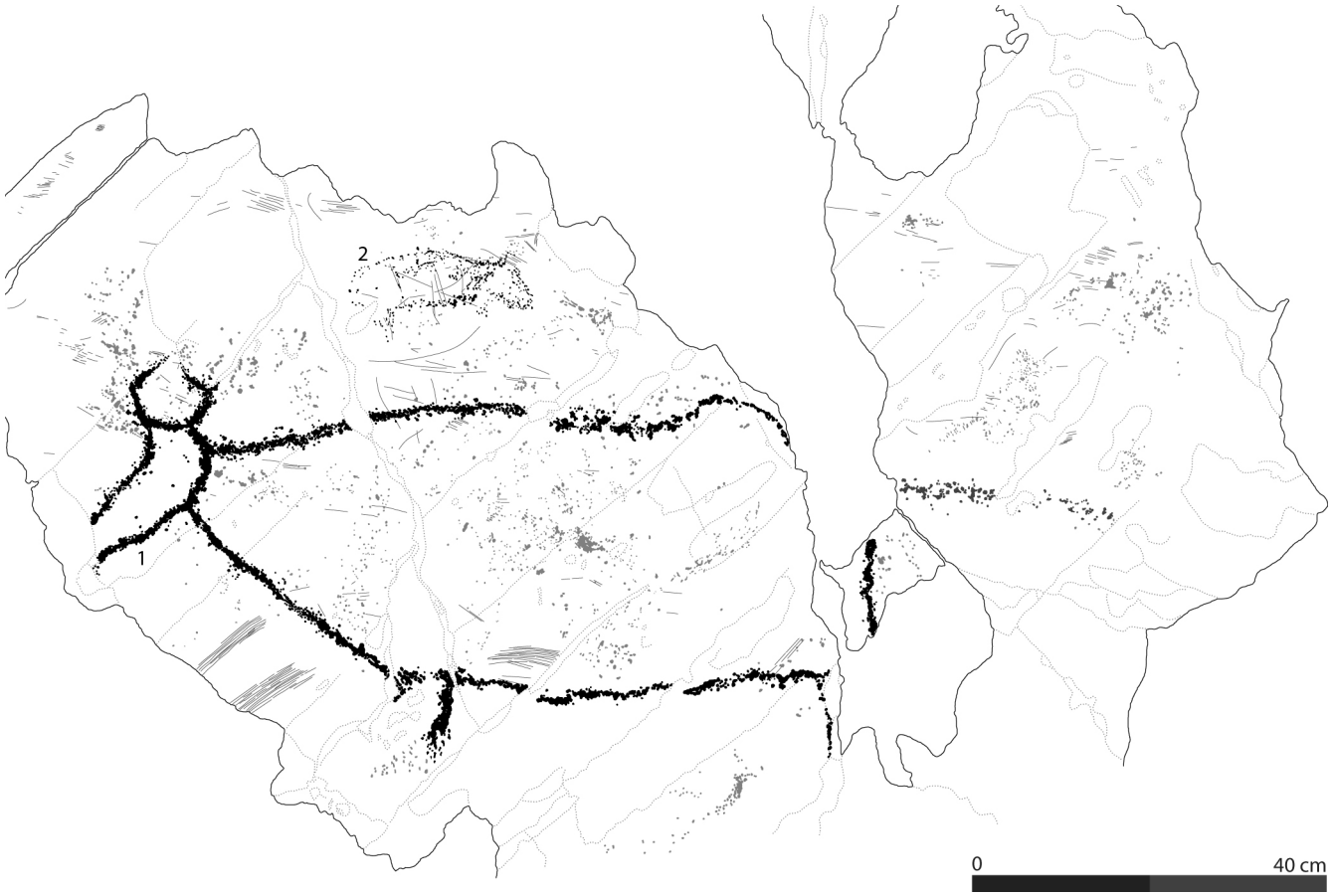


Fig. 134: Rocha 32 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Acima observa-se um quadrúpede conseguido mediante uma picotagem descontínua, orientado para a direita (**CI32-02**); a cabeça apresenta configuração oval, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral convexos; a cérvico-dorsal e nádega são convexos; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos paralelos entre si.

Para além de um grande número de picotados dispersos, observa-se no painel diversas unidades gráficas não figurativas, maioritariamente conseguidas por incisão. A **CI32-01** associam-se uma da chave IXaa, catorze da XIa, catorze da XIb, quatro da XIc e três da XId. À sua esquerda identifica-se uma da VIIa, seis da XIa, duas da XIb, três da XIc e três da XId. Para cima dela observa-se quatro da XIa, uma da XIb e duas da XId. Entre **CI32-01** e **CI32-02** observa-se uma da IXa, uma da IXab, duas da XIa e quatro da XIb. A **CI32-02** associam-se três da IXa, cinco da XIa, cinco da XIb e uma da XId. Para a direita da figura observa-se uma da XIb e acima dela uma da IIa, duas da XIa e duas da XIb. Junto do canto superior esquerdo identifica-se uma concentração composta por uma da XIa, quatro da XIb e duas da XId. Finalmente, pelo sector direito da rocha distribuem-se quinze da XIa (uma delas, picotada), dez da XIb, uma da XIc e seis da XId.

Rocha 33 (Fig. 135): É conhecida desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 250-251, 295). Localiza-se a cerca de 2,7 m para nordeste da anterior. Corresponde a um painel subvertical orientado para sudeste, de cor castanho-acinzentada; apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície regular mas algo cortada por fissuras e outros acidentes naturais.

A figura que mais se destaca corresponde a um veado definido e preenchido por picotagem (variante B), orientado para a direita (**CI33-01**); a cabeça é de forma oblonga, com linha fronto-nasal sub-retilínea; focinho e bordo ventral são convexos; as hastes dispõem-se em perfil biangular reto, observando-se na direita o estoque, o contraestoque e as três pontas da coroa; e na esquerda o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia e duas pontas da coroa; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a nádega é quase direita; as patas traseiras são de forma triangular, dispondo-se em perfil biangular reto; a linha ventral é praticamente reta; as patas dianteiras estão apenas esboçadas, parecendo apresentar a mesma forma e representadas segundo a mesma perspetiva que as posteriores; o peito é convexo e o bordo traqueal curto e reto.

Um pouco abaixo das posteriores da figura anteriormente descrita observa-se um prótomo de equídeo inciso orientado para a direita (**CI33-02**); a cabeça está estriada, sendo de forma subtriangular; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral convexo; o focinho é apontado; o bordo cervical é algo côncavo e ventral convexo.

A terceira e última unidade figurativa desta rocha localiza-se um pouco para a esquerda e para baixo da figura anteriormente

descrita; corresponde a uma cerva incisa, orientada para a direita e inclinada quase na vertical (**CI33-03**); a cabeça é de forma oblonga; a linha fronto-nasal é reta, o focinho convexo e a bordo ventral côncavo; as orelhas são de forma oval e estriadas no interior; são representadas em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é convexa; da figura observa-se ainda a pata traseira, definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a zona inguinal é côncava.



Fig. 135: Rocha 33 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).



Fig. 136: Rocha 34 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Para além de uma série de picotados dispersos, identifica-se várias unidades gráficas não figurativas, maioritariamente incisas. Assim, por cima de **CI33-01** identificaram-se duas da chave XIIc picotadas. Para a esquerda daquele motivo descobre-se uma da IXab, seis da XIa, catorze da XIb, duas da XId e uma da XIIc (picotada). Entre **CI33-01** e **CI33-02** observa-se quatro da XIa, duas da XIb, duas da XId e duas da XIIc (picotada). A **CI33-02** associam-se uma da IXa, duas da XIa, cinco da XIb e uma da XId. Abaixo daquele motivo identificaram-se uma da IIa, duas da IIb (picotadas), uma da VIIa, três da IXaa, três da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, vinte e uma da XIa, oito da XIb, duas da XIc e duas da XId. A **CI33-03** associam-se uma da IXa, uma da IXab, uma da IXba, dezassete da XIa, cinco da XIb e duas da XId. Para a direita daquele animal observa-se duas da Ib, duas da IIa, três da VIIa, uma da VIII, uma da IXa, três da IXaa, quatro da IXba, duas da IXbb, duas da X, trinta e quatro da XIa, vinte e quatro da XIb, duas da XIc e duas da XId. À esquerda dela revela-se duas da IIb (picotadas), uma da X, doze da XIa, seis da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Finalmente, no sector superior da rocha observa-se três da IXa, duas da IXab, duas da IXb, uma da IXba, duas da IXc, quinze da XIa (três delas picotadas), quinze da XIb, duas da XId e duas da XIIc (picotadas).

Rocha 34 (Fig. 136): O seu decalque e respetiva descrição foram dados à estampa em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 251, 296). localiza-se por trás da anterior, a uma cota sensivelmente mais alta; corresponde a um painel vertical, de forma subtriangular, orientado para sudeste e de cor castanho-acinzentada; a superfície é regular e lisa.

Apenas se identifica uma figura. Trata-se da zona anterior de um cavalo gravado por picotagem (variante B), orientado para a direita e disposto praticamente na vertical (**CI34-01**); apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; a boca encontra-se aberta; o olho parece estar representado; as duas orelhas são lineares e atiradas para a frente, dispondo-se aparentemente em perfil uniangular; a nuca é convexa e curta; a linha cérvico-dorsal é convexa e a ventral reta; a pata dianteira é configurada por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo traqueal é reto.

Sobre o animal e à sua volta (especialmente abaixo dele) observa-se várias picotagens, parecendo algumas delas configurarem



Fig. 137: Rocha 35 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

unidades gráficas não figurativas da chave XIIc.

Rocha 35 (Fig. 137): O seu decalque e respetiva descrição foram publicados em 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 251-252, 296). Localiza-se à esquerda do "abrigo das cabras", junto ao solo, a uma cota de cerca de 11m de altitude; corresponde a um painel vertical, orientado a nordeste; é de forma subtrapezoidal; apresenta uma superfície bastante regular, muito polida por ação das águas e altamente afectada por fraturas e outros fenómenos geológicos.

Apenas se identificam duas figurações. Uma delas localiza-se junto da extremidade direita do painel, correspondendo a um auroque inciso com duas cabeças, definido por contorno múltiplo e orientado para a direita (**CI35-01**); a cabeça superior apresenta forma subtrapezoidal com linha fronto nasal e bordo ventral retos e focinho algo convexo; no interior da cabeça observa-se um traço que pode corresponder à boca do animal; os cornos encontram-se representados em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a cérvico-dorsal é interrompida um pouco após o bordo cervical do animal; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira

é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo traqueal é convexo; a segunda cabeça é muito semelhante à anterior, faltando-lhe os cornos e encontrando-se a zona do focinho em aberto; a nuca é angulosa; a linha cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada e o bordo traqueal é convexo.

O outro animal gravado nesta rocha localiza-se mais para a esquerda, correspondendo a um prótomo de quadrúpede (provavelmente cavalo) inciso, definido por contorno simples e orientado para a esquerda (**CI35-02**); a cabeça é de forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal algo côncava, bordo ventral convexo e focinho reto; o pescoço destaca-se pela sua curvatura, sugerindo a Baptista & Gomes (1997, 251) que tal se deverá ao caráter retrospiciente do animal.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas ou a restos de outros animais apagados pela erosão fluvial (Baptista & Gomes, 1997, 251); a **CI35-01** apenas se associa uma unidade gráfica da chave XIa. Entre **CI35-01** e **CI35-02** observa-se uma da IXb, uma da IXbb, dez da XIa (uma delas picotada), oito da XIb, uma da XIc e uma da XId. A **CI35-02** associam-se seis da XIa, quatro da XIb e duas da XId. Para a sua esquerda identifica-se quatro da XIa e uma da XIc; abaixo dela revela-se duas da XIa e uma da XIIc (picotada). As restantes gravuras localizam-se na zona superior do painel, tendo-se descriminado as seguintes: uma da IXba e onze da XIa; são todas picotadas, com exceção de uma da XIa.

Rocha 36 (Fig. 138): É conhecida desde 1997, quando se publicou decalque e descrição do painel (Baptista & Gomes, 1997, 252-253, 297). Localiza-se a cerca de 6 m para és-nordeste da rocha 33. Corresponde a um painel vertical orientado para sudeste; apresenta forma sub-retangular; a superfície é muito fraturada e de cor castanho-acinzentada; os autores que primeiro descreveram a rocha consideraram a existência de dois sectores separados por uma fratura. Seguiremos o mesmo critério, começando pelo esquerdo.

No canto superior esquerdo encontramos um possível capríneo, picotado (variante B), orientado para cima e com as patas viradas para a esquerda (**CI36-01**); apresenta cabeça subtrapezoidal, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; retos são também os cornos, dispostos em perfil biangular reto; o peito é convexo e o boro traqueal reto; a linha cérvico-dorsal é algo côncava e a ventral convexa; as duas patas da frente são lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; a pata traseira é também linear; a nádega é ligeiramente convexa; a meio do corpo reconhece-se uma linha paralela à linha ventral do animal.

Um pouco para a direita observa-se um pequeno prótomo de um equídeo estriado, orientado para a direita (**CI36-02**); apresenta pescoço longo de morfologia subtriangular e cabeça foliforme, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, sendo o focinho reto.

Abaixo de **CI36-01** encontra-se outros dois quadrúpedes associados por sobreposição. O de cima corresponde a outro possível capríneo, definido pela variante B da picotagem e orientado para a direita (**CI36-03**); apresenta cabeça oblonga, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; os cornos são retos e dispostos em perfil biangular oblíquo; o tronco é de tendência sub-retangular e alongado; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso côncavo e garupa convexa; a nádega é direita, assim como a linha ventral; as patas são lineares e representadas em perfil biangular reto; o bordo traqueal é algo convexo.

O outro animal corresponde a um quadrúpede picotado orientado para a direita (**CI36-04**); a cabeça é pequeníssima, quase linear, com dois cornos curtos e também lineares, representados em perfil biangular oblíquo; o tronco é "alongadíssimo", com cérvico-dorsal côncava e linha ventral reta; apenas uma pata traseira – atirada para trás – foi representada; à frente encontram-se as duas – também atiradas para a frente – de forma linear e representadas em perfil biangular reto.

Na zona inferior do painel observa-se um macho de cabra-montês picotado (variante B), orientado para a direita (**CI36-05**); a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho convexo; o pescoço é adelgaçado; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; o tronco é de forma subtriangular; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso reto e garupa angulosa; a nádega é reta; as patas traseiras são curtas e lineares, dispondo-se em perfil biangular reto; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é linear e tendencialmente reta, observando-se uma inflexão na zona do joelho; toda a zona da cabeça e pescoço está preenchida interiormente.

Em frente do animal observa-se os quartos traseiros incisos de um quadrúpede definido por contorno simples, orientao para a direita (**CI36-06**); apresenta bordo cervical reto, dorso côncavo, garupa e nádega convexas; a pata traseira é definida apenas pelo bordo caudal convexo; a cauda é linear; a figura pode corresponder a um equídeo.

As restantes gravuras do sector correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI36-01** associam-se cinco da chave XIa, uma da XIb e uma da XIc. À esquerda daquele motivo observa-se duas da XIa, duas da XIb e duas da XId. Entre **CI36-01** e **CI36-02** encontra-se seis da XIa, cinco da XIb e oito da XId. Entre **CI36-01** e **CI36-03** observa-se catorze da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **CI36-02** associam-se uma da XIa e uma da XIb. Abaixo de **CI36-02** encontra-se uma da XIb e uma da XIIIb. À direita de **CI36-02** encontra-se uma da VIIa, nove da XIa, duas da XIb e três da XId. Entre **CI36-02** e **CI36-03** identifica-se uma da IXb, oito da XIa e uma da XIb. A **CI36-03** associam-se duas da XIa e quatro da XIb. A **CI36-03** e **CI36-04** associa-se uma da XIa. A **CI36-04**

associam-se quatro da XIa e três da XIb. Abaixo de **CI36-04** encontra-se uma da IIb (delas picotada), dez da XIa, uma da XIc e uma da XId. A **CI36-05** associam-se duas da XIa e cinco da XIb. Por cima da figura observa-se uma da IIa (picotada), duas da XIa (uma delas picotada), uma da XIb e uma da XId. À sua esquerda descobre-se uma da XIb e três da XId, e por baixo dela quatro da XIa. A **CI36-06** associa-se uma da XIb. Finalmente, junto da extremidade direita do sector, sensivelmente a meio do painel, observa-se sete da XIa, uma da XIb e duas da XId. Refira-se também a existência de uma grande densidade de picotagens que parecem, por vezes, formar manchas e linhas pouco definidas.

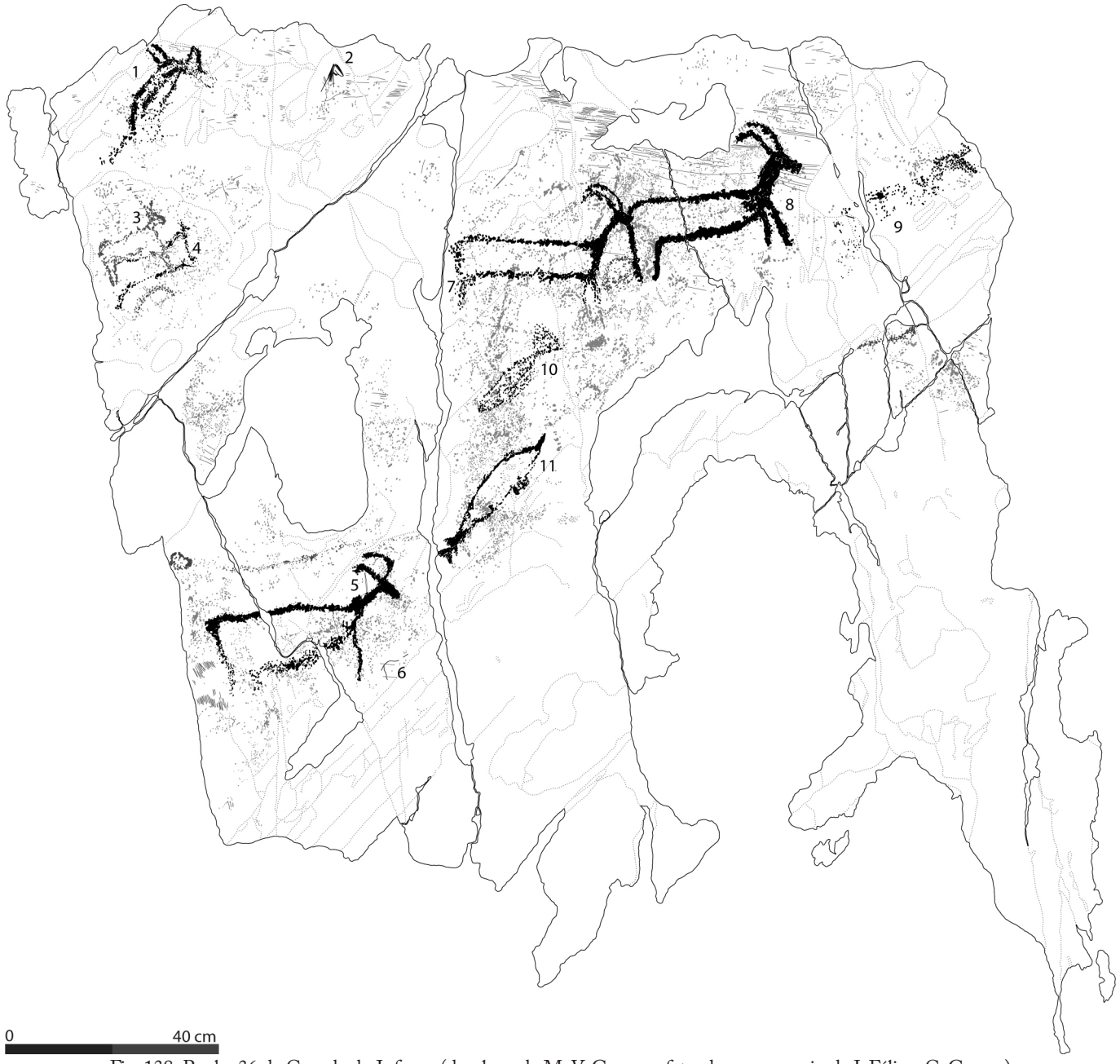


Fig. 138: Rocha 36 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

No sector da direita destaca-se a presença de dois machos de cabra-montês picotados (variante B), orientados para a direita. O que se situa à esquerda (**CI36-07**) sobrepõe a sua cabeça sobre os quartos traseiros do segundo; a cabeça é de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; o pescoço é comprido e adelgaçado; o tronco é de morfologia retangular, com linhas cérvico-dorsal, ventral e peitoral retas; reta é também a nádega e a pata traseira; as duas dianteiras são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; toda a zona do pescoço e cabeça está preenchida interiormente.

O segundo animal (**CI36-08**) é muito semelhante; a cabeça é sub-retangular com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; as diferenças prendem-se apenas com um pescoço mais possante e a existência de duas patas traseiras dispostas em perfil biangular reto.

Em frente deste animal observa-se um conjunto de picotados que parecem esboçar um capríneo preenchido interiormente e orientado para a direita (**CI36-09**); a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é apontado; o corno é curvo; o pescoço é adelgaçado e também curvo; a cérvico-dorsal é algo convexa e a ventral reta; apenas os quartos traseiros estão esboçados, não se definindo, no entanto, as patas com a precisão desejável.

As duas figuras animais remanescentes correspondem a dois peixes picotados (variante B) existentes abaixo de **CI36-07**. O que se situa mais acima (**CI36-10**) encontra-se inclinado para baixo e orientado para a esquerda; apresenta dorso e ventre convexos; a cabeça é apontada e a cauda de forma triangular.

Mais abaixo localiza-se o segundo peixe (**CI36-11**); encontra-se inclinado para cima e orientado para a direita; o dorso é convexo e o ventre quase reto; a cabeça apresenta uma terminação afilada; apresenta pelo menos uma barbatana peitoral, duas dorsais situadas muito atrás e uma caudal; parece identificar-se com um lúcio.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI36-07** associam-se cinco da chave XIa e duas da XIb. Por cima daquele zoomorfo identifica-se uma da IXbb, uma da X, nove da XIa, quatro da XIb e cinco da XId. A **CI36-08** associam-se uma da IIa (picotada), duas da XIa, uma da XIc e uma da XId. Por cima de **CI36-08** identifica-se dez da XIa, nove da XIb, duas da XIc e quatro da XId. Por baixo deste zoomorfo observa-se uma da XIa e uma da XIb. Abaixo de **CI36-09** identifica-se ainda cinco da XIa (sendo uma delas picotada), sete da XIb e duas da XId. Como no sector anteriormente descrito, também aqui a densidade de picotagens dispersas pelo painel é elevada, parecendo por vezes dar origem a formas pouco definidas.

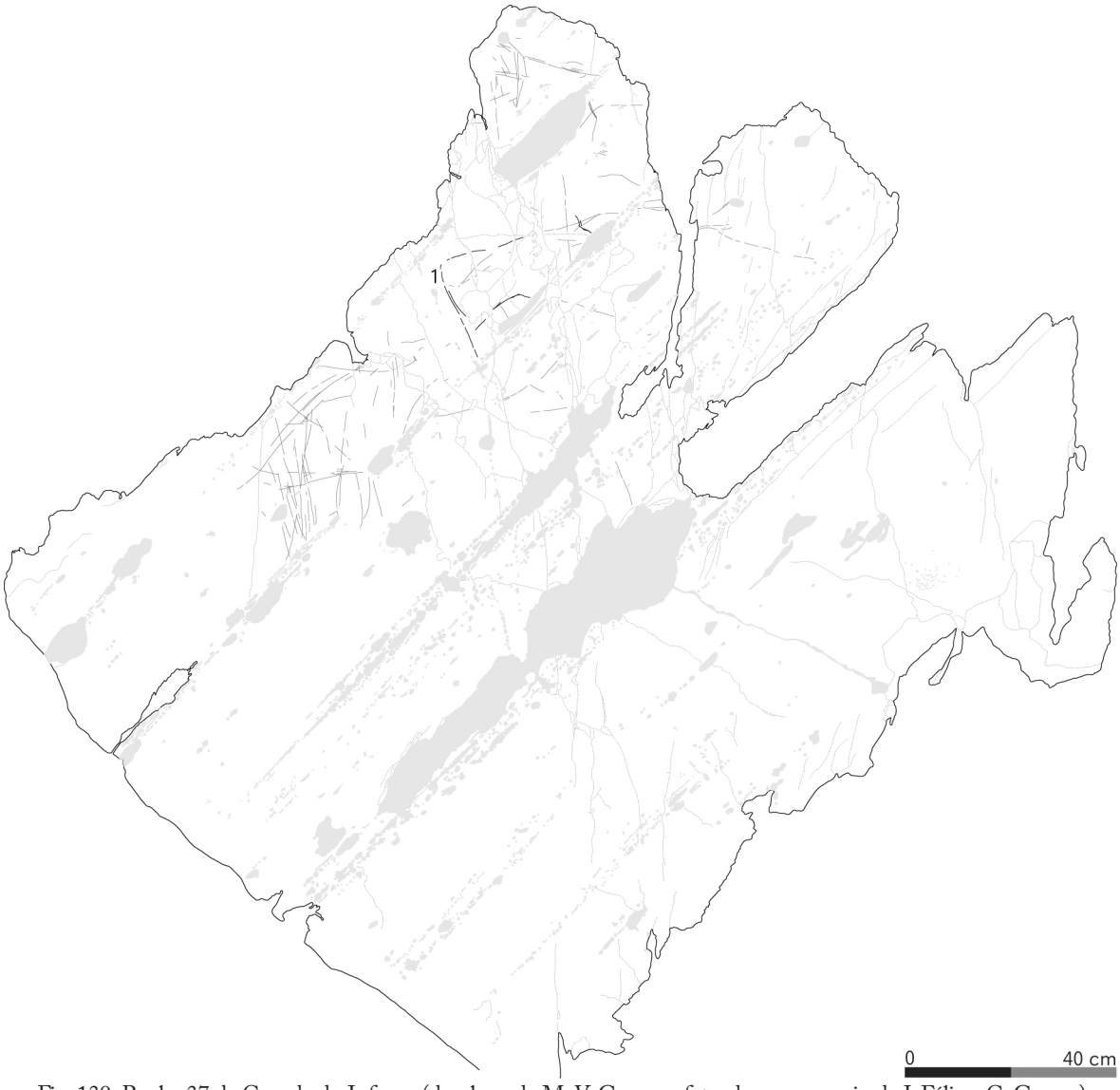


Fig. 139: Rocha 37 da Canada do Inferno (decalque de M. V. Gomes, efetuado com o apoio de J. Félix e C. Gaspar).

Rocha 37 (Fig. 139): Localiza-se a cerca de 1,75 m para nor-noroeste da rocha 28, a uma cota de 118 m. Corresponde a um painel vertical orientado para sudeste; apresenta morfologia sub-retangular e cor castanho-acinzentada; a superfície é regular e algo cortada por fraturas. Todas as unidades gráficas aqui identificadas são incisas.

Apenas se reconhece um possível esboço de quadrúpede que se localiza na zona superior da rocha. É definido por contorno

simples e orientado para a direita, podendo corresponder a uma fêmea de cabra-montês (**CI37-01**); da cabeça observa-se a linha fronto-nasal com fronte côncava e chanfro convexo; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso côncavo e garupa angulosa; a nádega é direita; a pata traseira é linear e a coxa triangular; o ventre está apenas esboçado.

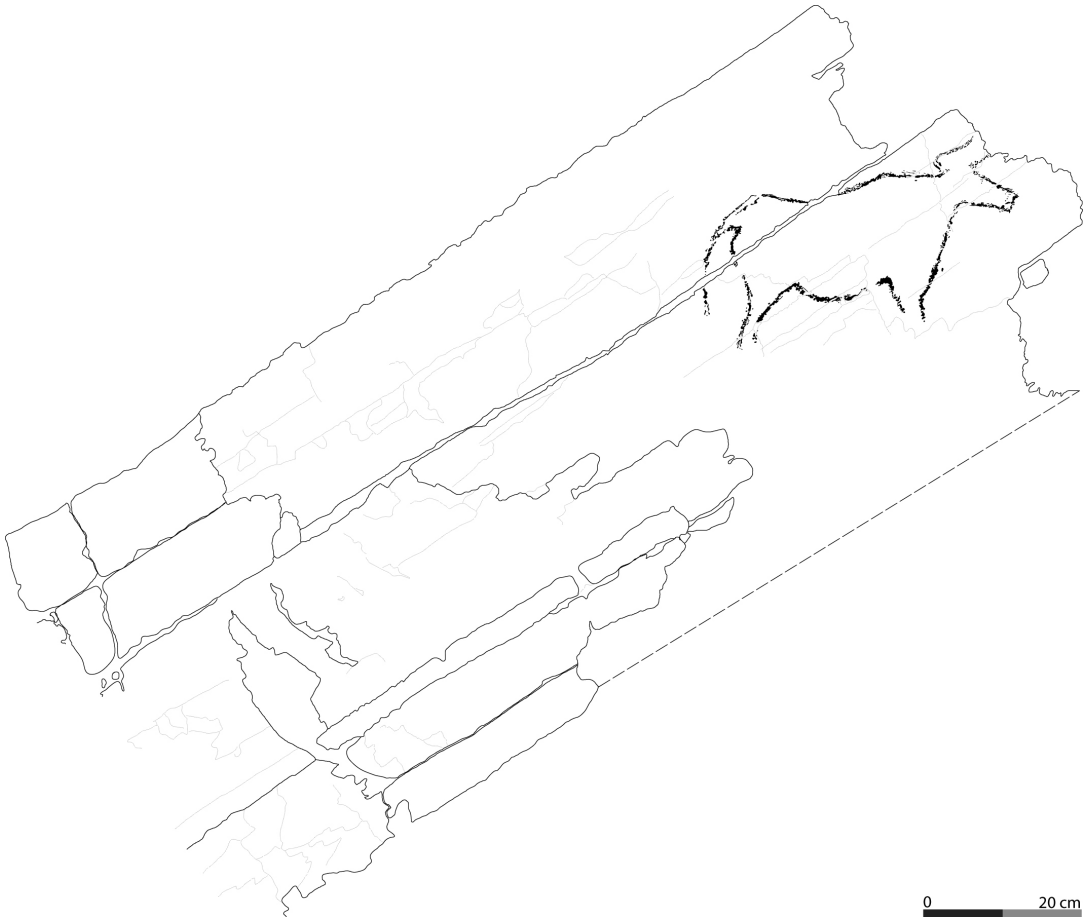


Fig. 140: Rocha 40 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas; associadas diretamente a **CI37-01** encontramos duas da IXaa, cinco da XIa e uma da XIb. Para a sua direita observa-se sete da XIa, duas da XIb e uma da XId. Para cima dela distingue-se-duas da IXaa, uma da IXab, duas da IXba, uma da X, treze da XIa, seis da XIb e uma da XId. À sua esquerda descortina-se uma da VIIa, uma da IXa, cinco da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, duas da IXbb, três da X, vinte e sete da XIa, nove da XIb e uma da XId. Finalmente, por baixo de **CI37-01** identifica-se ainda uma da IXaa, quatro da XIa e uma da XIb.

Rocha 40 (Fig. 140): Foi dada a conhecer em 2008, quando se publicou o seu decalque (Baptista, Santos & Correia, 2008b, 130). Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno, a cerca de 115 m da confluência daquela linha de água com o Côa; localiza-se a cerca de 142 m de altitude; corresponde a um painel vertical orientado para sudeste; apresenta forma sub-retangular e cor castanho-avermelhada; a superfície é regular e algo porosa.

Apenas se identifica uma figura. Trata-se de um auroque picotado orientado para a direita (**CI40-01**); apresenta uma cabeça troncocónica, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; no interior parece esboçar-se a delimitação interna do focinho e a boca; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo curvo; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa angulosa; o troço da cauda é linear, sendo foliforme a sua raiz; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é algo convexo e o bordo traqueal reto.

Rocha 41 (Fig. 141): Foi dada a conhecer em 2008, quando se publicou o seu decalque (Santos, 2008, 10). Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno, a cerca de 83 m da rocha anteriormente descrita e a uma altitude de 150 m. Integra uma bancada de xisto que se desenvolve no sentido sudeste-noroeste; localiza-se numa reentrância dessa bancada, orientando-se para sudeste; a cerca de 1,5 m para baixo localiza-se uma grande fenda na bancada que permite a identificação do painel ao longe. Fenda

ainda maior localiza-se na margem oposta na zona onde a ribeira deixa de correr apertada; corresponde a um painel subtrapezoidal, de cor castanho-alaranjada; a superfície é regular e lisa. Pese embora a existência de alguns picotados dispersos, todas as unidades gráficas identificadas foram conseguidas por incisão.

A figura que mais se destaca corresponde a um cavalo, definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**CI41-01**); a cabeça apresenta uma linha fronto-nasal com fronte convexa e chanfro reto; o bordo ventral apresenta ganacha e queixo convexos, sendo aqueles separados por uma farta barba; no interior reconhece-se a narina – de forma arredondada –, a boca e o olho (com o respectivo lacrimal); a orelha, de forma foliforme é atirada para a frente; a crineira nasce à frente desta e prolonga-se, atravessando-a, até à linha dorsal; esta é suave, arredondando por alturas da garupa; entre o final desta e a nádega arranca a cauda, atirada para trás e encurvada, terminada em vassoura; apenas uma pata traseira foi gravada, nela se reconhecendo o casco e o jarrete; a linha ventral é convexa; as duas patas dianteiras estão representadas em perfil biangular oblíquo, nelas se reconhecendo os cascos e o antebraço de uma delas; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo.

À esquerda do equídeo anterior reconhece-se outros dois, de menores dimensões, definidos por contorno múltiplo. Um destes orienta-se para a direita (**CI41-02**); a cabeça é também extremamente modelada, com uma barba ao longo da ganacha, boca e narina arredondada; o olho apresenta também lacrimal; um segundo olho é observável numa posição mais acima, podendo corresponder a uma primeira tentativa do gravador antes de se aperceber que o estava a fazer demasiado afastado do local indicado; a orelha extremamente realista (inclui inclusivamente o pavilhão auricular) está algo projetada para a frente; a crineira passa em segundo plano relativamente à orelha, atravessando-a; as quatro patas estão representadas em perfil uniangular, nelas se reconhecendo os cascos, machinhos, jarrete na posterior direita, joelhos e antebraços nas anteriores; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; o estriado foi utilizado na zona do ventre, peito, coxas e nádega, de forma a indicar as diferenças cromáticas da pelagem destes animais, assim como para reforçar volumes.

O outro cavalo localiza-se imediatamente abaixo e orienta-se para a esquerda (**CI41-03**); trata-se de um animal formalmente muito parecido com o anterior; as diferenças prendem-se com a existência de pupila no olho e de *intugmenta* verticais na crina, e com a ausência de gravado estriado e de barba na ganacha; as diferenças cromáticas e de volume estão, no entanto, definidas por contorno múltiplo na zona do ventre e das patas.

Para a esquerda e para baixo de **CI41-03** localiza-se o prótomo de outro cavalo orientado para a esquerda (**CI41-4**); trata-se de excelente exemplo de integração de caraterísticas naturais da rocha. Da figura apenas estão gravadas a linha fronto-nasal, a orelha (foliforme) e a crineira (convexa e delimitada interiormente); esta termina num ressalto natural da rocha que acaba por funcionar como linha dorsal neste ponto e como ganacha na zona da cabeça; do animal observa-se ainda sectores do bordo traqueal.

Para cima de **CI41-02** encontra-se uma representação de macho de cabra-montês, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a esquerda (**CI41-05**); a cabeça apresenta linha fronto-nasal algo côncava, focinho e bordo ventral convexos; tem apenas gravado um corno que apresenta a tradicional curvatura em S; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; a linha ventral é reta, nela se evidenciando a bainha sub triangular; a pata dianteira é definida por dois traços retos interrompidos pela fissura da rocha, prolongando-se o bordo caudal pelo flanco do animal; da pata traseira gravou-se o bordo cranial da coxa, que se prolonga pelo flanco e é de forma convexa; da cérvico-dorsal observa-se o dorso reto e o arranque do bordo cervical.

No interior da cabeça do animal anteriormente descrito parece descobrir-se a de um equídeo estriado, orientado para a direita (**CI41-06**); a cabeça é algo modelada, com linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral com ganacha e queixo convexos, sendo ambos separados por um estrangulamento do traço; no topo da cabeça do animal observa-se três traços que poderão corresponder às orelhas, representadas em perfil biangular reto (?).

Para cima e para a esquerda da figura anterior observa-se dois prótomos de cavalo orientados para a direita. Um destes (**CI41-07**) possui uma cabeça extremamente naturalista: linha fronto-nasal e bordo ventral extremamente modelados; boca encurvada; contorno da narina em S; olho amendoado com representação de lacrimal. A crineira está em escada e com as orelhas dá origem a um interessante jogo de perspetiva uniangular; estas últimas são naturalistas, encontrando-se uma em primeiro plano relativamente à crineira e outra no último plano; o limite do painel parece ter sido utilizado como bordo dorsal da crineira.

O outro prótomo (**CI41-08**) é constituído por parte da linha fronto-nasal algo modelada, bordo ventral convexo e duas orelhas naturalistas representadas em perfil uniangular.

Abaixo da dianteira de **CI41-01** encontra-se a representação estriada de um cervídeo orientado para a direita (**CI41-09**); possui cabeça subtriangular, tronco retangular e patas retas, dispostas em perfil biangular reto; apenas uma haste sem pontas para além das da coroa (e mesmo assim, muito esquematizadas) foi gravada.

Imediatamente abaixo reconhece-se outro quadrúpede estriado e acéfalo orientado para a direita (**CI41-10**); possui tronco sub-retangular, patas retas (apenas uma por par), cauda definida por um conjunto de traços dispostos na horizontal e pescoço alongado.

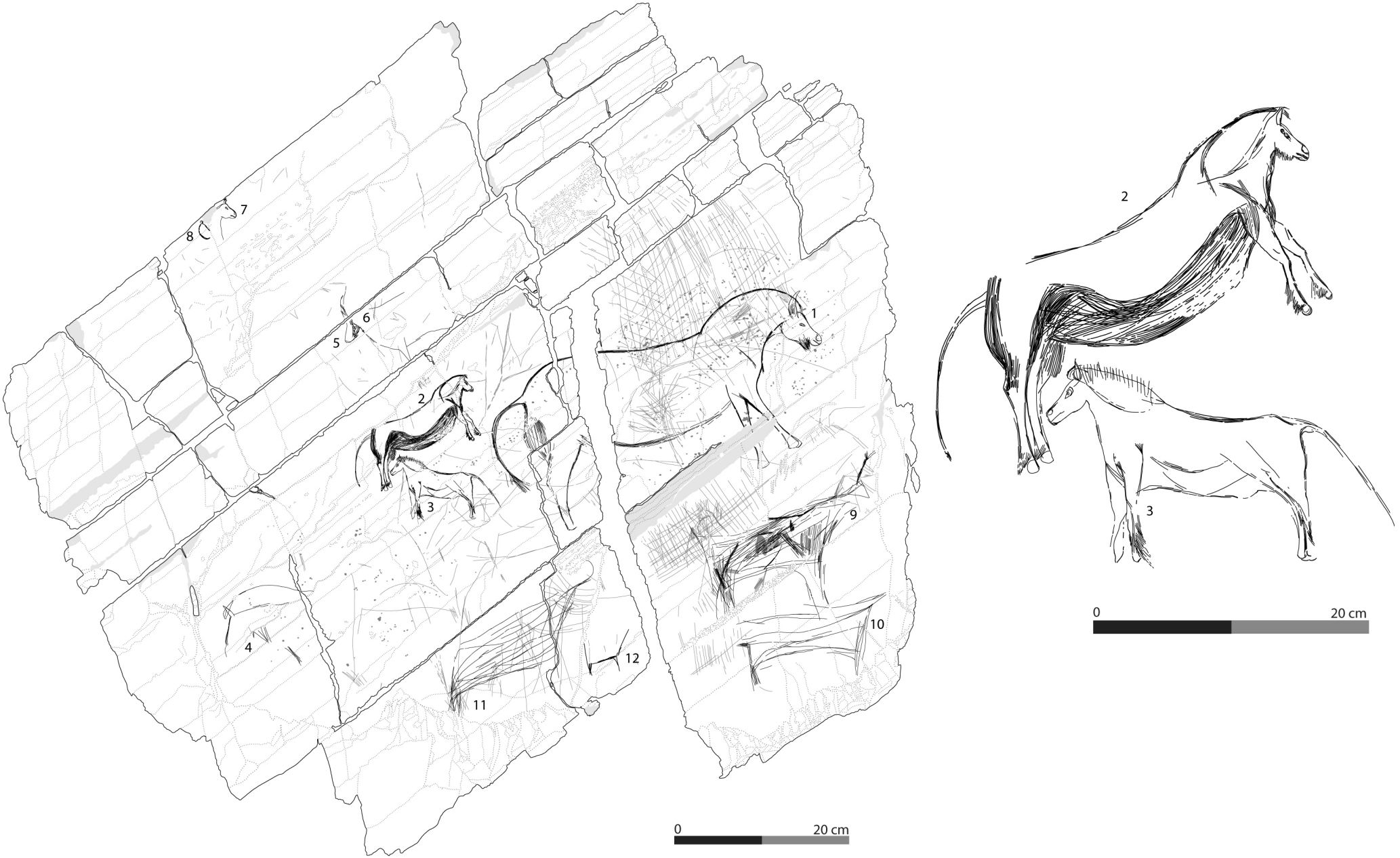


Fig. 141: Rocha 41 da Canada do Inferno (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor), observando-se à direita os cavalos 2 e 3 de forma mais detalhada.

Abaixo da traseira de **CI41-01** observa-se representação muito esquematizada de um auroque estriado orientado para a direita e também acéfalo (**CI41-11**); o corno é encurvado e atirado para a frente; o corpo é de forma subtrapezoidal e as patas retas, encontrando-se as traseiras representadas em perfil biangular oblíquo.

Imediatamente abaixo observa-se um outro quadrúpede orientado para a direita e definido por contorno simples e múltiplo (**CI41-12**); linha ventral e bordo traqueal são retos, dispondo-se este último diagonalmente relativamente ao primeiro; a zona da nádega é também reta; as patas são em V; não possui nem cérvico-dorsal nem cabeça.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **CI41-01** associam-se uma da chave IIb, uma da IIIc, duas da VIIa, duas da IXa, quatro da IXaa, duas da IXab, quatro da IXb, duas da IXba, três da IXbb, uma da IXc, uma da X, vinte e três da XIa, doze da XIb, seis da XIc, uma da XId e duas da XIIIb. A **CI41-01** e **CI41-02** associa-se uma da IXaa. A **CI41-01** e **CI41-03** associa-se uma da IXab. Entre **CI41-01** e **CI41-09** observa-se uma da VIIa, uma da IXb, três da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **CI41-02** associam-se cinco da XIa e uma da XIb. Entre **CI41-02** e **CI41-03** observa-se uma da XIa. Entre **CI41-02** e **CI41-05** identifica-se uma da IXaa, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **CI41-03** associam-se duas da IXab, uma da IXbb, cinco da XIa e uma da XIb. Entre **CI41-03**, **CI41-04** e **CI41-11** observa-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da X, dez da XIa, cinco da XIb, sete da XIc e uma da XId. A **CI41-04** associa-se uma da XIa. A **CI41-05** associam-se uma da IXaa, uma da IXc, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Por cima de **CI41-05** observa-se quatro da XIa. Entre **CI41-05**, **CI41-07** e **CI41-08** observa-se uma da IXb, nove da XIa e três da XIb. À direita de **CI41-08** observa-se três da XIa. A **CI41-09** associam-se uma da Ib, uma da IIa, uma da IIIc, uma da VIIa, três da IXa, três da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, oito da XIa, três da XIb, quatro da XIc, quatro da XId e uma da XIIIb. À esquerda de **CI41-09** identifica-se uma da IXab, quatro da XIa e uma da XIb. A **CI41-10** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **CI41-11** associam-se três da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, duas da X, dez da XIa, sete da XIb, três da XIc e uma da XId. A **CI41-12** associam-se quatro da XIa. No sector superior direito do painel observa-se ainda uma da IIa, três da XIa e uma da XIb. No painel observa-se ainda alguns picotados dispersos, particularmente sobre **CI41-01**, **CI41-02**, **CI41-03** e **CI41-04**. Refira-se por fim a existência de alguns cortes modernos entre **CI41-01** e **CI41-02**.

1.9. Rego da Vide

Rocha 1 (Fig. 142): É conhecida desde 1995 (Rebanda, 1995a, 7; 1995b, 12). O seu decalque e respetiva descrição são dados a conhecer dois anos mais tarde (Baptista & Gomes, 1997, 255-256, 298). Localiza-se uns metros para montante da confluência do curso de água denominado rego da Vide, a cerca de 120 m de altitude; corresponde a um conjunto de três painéis verticais orientados para és-sudeste; apresentam uma cor castanho-alaranjada; as suas superfícies são regulares e algo rugosas. Todas as figurações foram conseguidas por picotagem.

O painel superior é de forma subtriangular, nele se identificando o que poderá corresponder a uma cabeça de quadrúpede orientada para a direita (**RV01-01**); apresenta linha fronto-nasal reta, focinho apontado e ganacha convexa; é notória a semelhança com **RV01-04** que descreveremos adiante; tanto um como outro poderão corresponder a equídeos.

As restantes figuras concentram-se no painel inferior, cuja morfologia é algo irregular. Destaca-se aí um imponente macho de cabra-montês orientado para a esquerda (**RV01-02**); apresenta uma cabeça subtriangular; a linha fronto-nasal é convexa, apresentando o bordo ventral ganacha convexa e queixo reto; o focinho, se bem que aberto, é de tendência reta; no interior identifica-se o olho e a narina; a pera é linear e atirada para a frente; o corno é definido perimetralmente, sendo de forma curva; a orelha é linear; a cérvico-dorsal apresenta ténue garrote, dorso reto e garupa convexa; a cauda é definida por apenas um traço curvo disposto na horizontal; a nádega é côncava, prolongando-se pelo bordo caudal da coxa; esta é triangular, surgindo a partir da sua extremidade distal uma canela linear e dois cascos globulares dispostos em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; das patas da frente observa-se a coxa triangular e duas canelas lineares que se cruzam em perfil biangular oblíquo; são ambas terminadas por dois cascos globulares; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; no interior do animal observa-se o "M ventral" parcialmente preenchido.

O corno do animal anterior sobrepõe um auroque orientado para a esquerda (**RV01-03**); apresenta uma cabeça afilada com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é convexo; os dois cornos são em forma de S, sendo ambos atirados para a frente, em perfil biangular oblíquo; a orelha é globular; a cérvico-dorsal apresenta cernelha saliente, dorso côncavo e garupa convexa; os quartos traseiros praticamente desapareceram devido a fratura do suporte, deles tendo subsistido parte do bordo cranial da coxa (curvo); a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira apresenta bordo caudal algo curvo; o bordo cranial corresponde ao prolongamento do peito que é ligeiramente convexo; o bordo traqueal é reto.

Abaixo do ventre do animal anterior observa-se um quadrúpede orientado para a esquerda, reduzido à cabeça e bordo traqueal reto (**RV01-04**); como referimos já, a cabeça é muito semelhante à de **RV01-01**; como referimos também, pode corresponder a um cavalo.



Fig. 142: Rocha 1 do Rego da Vide (decalque de Fernando Barbosa, apoiado por Manuel Almeida, João Félix e Nélson Rebanda).

Rocha 6 (Fig. 143): É conhecida desde 1997, ano em que se publica o seu decalque e respetiva descrição (Baptista & Gomes, 1997, 259, 303). Localiza-se para jusante da foz do Rego da Vide, a uma altitude de cerca de 120 m. Corresponde a um painel subvertical, orientado a és-sudeste. Apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície castanho-acinzentada de topografia regular mas algo porosa e erodida.

Identifica-se duas figuras zoomórficas. Destaca-se um cavalo picotado e abradido orientado para a direita (**RV06-01**); a

cabeça apresenta forma algo modelada, com linha fronto-nasal convexa, focinho quase reto e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca, a narina e o olho; a crineira é convexa e delimitada internamente; o dorso é côncavo e a garupa convexa; a cauda é linear e atirada para trás, sendo a sua inserção subtriangular; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é convexa, com uma zona inguinal fortemente angulosa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal algo côncavo.

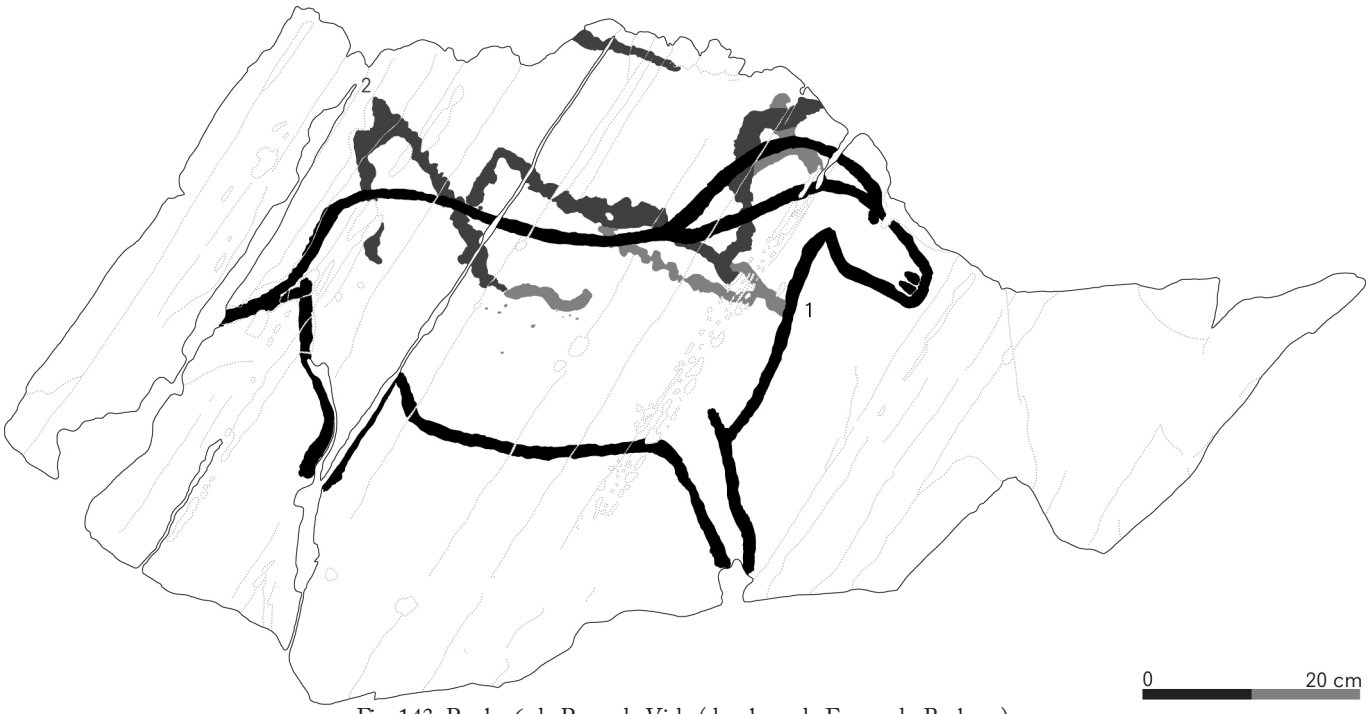


Fig. 143: Rocha 6 de Rego da Vide (decalque de Fernando Barbosa).

Sobrepõe-se (?) a esta figura uma outra, picotada, reduzida praticamente à metade ventral e orientada para a direita (**RV06-02**); apresenta duas patas traseiras representadas em perfil biangular oblíquo, encontrando-se a esquerda reduzida ao bordo cranial; a direita apresenta coxa triangular e canela linear; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; a pata dianteira destaca-se pela sua diminuta dimensão, sendo linear; o peito é convexo e o bordo cervical côncavo; a ganacha é convexa; o dorso é reto. A figura apresenta morfologia similar a **RV07-01**.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas, conseguidas por picotagem. A **RV06-01** associa-se uma da chave XIIIa. A **RV06-01** e **RV06-02** associam-se uma da VIIa e uma da IXab. Em torno da unidade gráfica associada exclusivamente a **RV06-01** identifica-se ainda algumas picotagens dispersas.

Rocha 7 (Fig. 144): É conhecida desde 1997, quando se publica o seu decalque e respetiva descrição (Baptista & Gomes, 1997, 259, 303). Localiza-se entre a foz do Rego da Vide e a rocha anteriormente descrita, sensivelmente à mesma cota. Corresponde a um painel vertical orientado para és-sudeste, de forma subtriangular e superfície regular e algo erodida, de cor castanho-acinzentada. Todas as figurações foram conseguidas por picotagem (variante B).

Destaque-se o equídeo orientado para a direita (**RV07-01**) localizado no sector inferior esquerdo. A cabeça é algo esquemática, com bordo ventral convexo, focinho alto e reto e fronto-nasal curta e também reta; a crineira é curta e de forma convexa, perfazendo um degrau relativamente à fronte; a cérvico-dorsal é tendencialmente reta; a nádega é convexa; as patas traseiras encontram-se em perfil biangular oblíquo, sendo a esquerda curta e linear; a direita apresenta coxa triangular e canela linear; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é curta e linear; o bordo traqueal é quase recto. Como se referiu acima, é notória a semelhança com **RV06-02**.

Para a direita observa-se uma curta linha que pode corresponder a uma orelha, seguida de uma outra que parece corresponder ao bordo dorsal de um pescoço (ou garrote pronunciado) seguido do arranque do dorso de um quadrúpede orientado para a esquerda (**RV07-02**).

Abaixo de **RV07-01** observa-se ainda uma unidade gráfica da chave XIa.

Rocha 9 (Fig. 145): O seu decalque e respetiva descrição encontram-se publicados desde 1997 (Baptista & Gomes, 1997, 260, 305). Localiza-se imediatamente para jusante da rocha 6, sensivelmente à mesma cota. Trata-se de um painel subvertical orientado para és-sudeste; apresenta forma subtrapezoidal e uma superfície regular e algo porosa, de cor castanho-acinzentada.

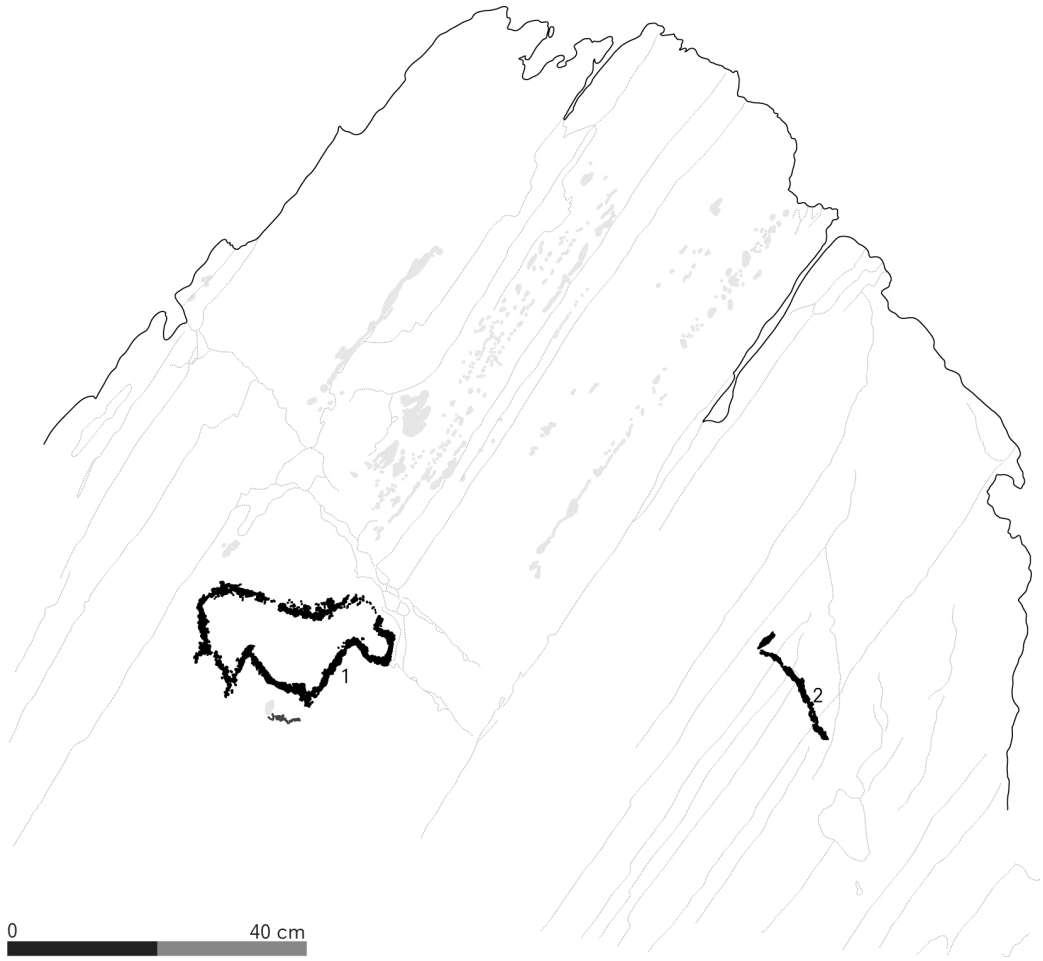


Fig. 144: Rocha 7 de Rego da Vide (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, J. Félix e N. Rebanda).



Fig. 145: Rocha 9 de Rego da Vide (decalque de Fernando Barbosa).

Apenas se observa uma figura animal, localizada junto à base do painel. Trata-se de uma representação parcial de equídeo picotada (variante B), orientada para a direita e ligeiramente inclinada para baixo (**RV09-01**); apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal e focinho retos; o bordo ventral é também reto, sendo a ganacha bem marcada pelo interior; a crineira é curta e de forma convexa, perfazendo um degrau com a fronte do animal; o dorso é sub-retilíneo.

Na zona superior do painel, junto ao seu limite observa-se ainda duas unidades gráficas não figurativas da chave XIc, ambas incisas.

1.10. Vale de Moinhos

Rocha 3 (Fig. 146): É referida na literatura arqueológica desde 2011 (Reis, 2011, 107-108). Localiza-se na margem esquerda da ribeira de Moinhos, a cerca de 325 m de altitude. Corresponde a um amplo paredão vertical, orientado para és-sudeste, de cor castanho-alaranjada. Apresenta uma superfície regular, mas algo lascada e fissurada.

O único motivo figurativo identificado corresponde a um bovino picotado (variante B) orientado para a direita (**VM03-01**); observa-se também algumas incisões que poderão denunciar a existência de um esboço prévio. Da cabeça só se observa um cornos em forma de S, curto e disposto em perfil absoluto; algumas fissuras podem, contudo, ter sido aproveitadas como fronto-nasal do animal; a cérvico-dorsal apresenta uma bossa na zona do bordo cervical, o dorso é reto e a garupa angulosa; a nádega é convexa não se percebendo qualquer distinção entre esta e o bordo caudal da pata traseira; a cauda é curta e enrolada sobre a anca do animal; a pata traseira é definida por dois bordos retos; a linha ventral é subconvexa; a pata dianteira é definida por dois bordos tendencialmente retos, convergindo a extremidade distal do bordo caudal para a extremidade do bordo cranial; o peito é convexo e o bordo traqueal algo sinuoso; algumas caraterísticas do animal impelem-nos a considerá-lo como um possível bisonte (os cornos curtos, a bossa na zona do pescoço, a cauda curta, a forma do bordo traqueal e mesmo a ausência de face).

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas incisas. Associam-se diretamente a **VM03-01** as seguintes: duas da chave IXba, uma da IXbb, uma da X, doze da XIa, três da XIb, onze da XIc e uma da XIIIb. Acima do animal reconhece-se duas da XIa e uma da XIb. À sua direita observa-se quatro da XIa e sob a sua linha ventral uma da IXab, uma da XIb e uma da XIc.



Fig. 146: Rocha 3 de Vale de Moinhos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Marcelo Silvestre e do autor).

Rocha 7 (Fig. 147): localiza-se a cerca de 420 m para leste da anterior, a uma altitude de cerca de 330 m; trata-se uma superfície de forma muito irregular, orientada para és-sudeste; a superfície é regular e de cor castanho-alaranjada. Pelo painel observa-se várias incisões quer de cronologia pleistocénica, quer da idade do Ferro. Apenas nos debruçaremos sobre as primeiras, que se concentram na mesma área do painel.



Fig. 147: Rocha 7 de Vale de Moinhos (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Mário Reis).

As quatro figurações pleistocénicas são todas estriadas e orientadas para a direita; parecem dividir-se em dois conjuntos. Assim, num conjunto superior observa-se dois animais muito esquemáticos; o de cima apresenta um tronco ovoide e um pescoço bem demarcado (**VM07-01**); o remanescente (**VM07-02**) apresenta tronco de configuração subtriangular, pescoço bem demarcado e

cabeça reduzida à linha fronto-nasal reta. À direita deste último motivo reconhece-se ainda uma unidade gráfica da chave XIb.

Os animais do segundo conjunto definem-se um pouco melhor. O que se situa mais acima corresponde a um macho de cabra-montês (**VM07-03**); apresenta cabeça sub-retangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, mantendo-se o focinho em aberto; o corno é linear e atirado para trás; o pescoço é reto; o dorso é também reto e a garupa angulosa; a pata traseira é definida por dois bordos retos; a linha ventral é reta; a pata dianteira está reduzida ao seu sector proximal, sendo configurada por dois bordos retos. Abaixo encontra-se o animal remanescente, correspondendo a uma cerva (**VM07-04**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho apontado; as orelhas são lineares e atiradas para a frente, de acordo com uma perspetiva biangular oblíqua; o pescoço é curto mas bem demarcado; o tronco é de configuração subtrapezoidal, sendo o dorso reto, a garupa angulosa, a nádega e a linha ventral retas; a cauda é curta e linear; o peito é convexo; o animal não dispõe de patas.

As restantes incisões do conjunto correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associada diretamente a **VMo07-03** encontra-se uma da chave XIb e à sua esquerda uma da IXbb. A VMo07-04 associam-se uma da XIa e uma da XIb, enquanto que à sua esquerda se reconhece três da XIa. À esquerda deste conjunto de figuras observa-se ainda duas da chave XIa e uma da XIb.

1.11. Foz do Côa

Rocha 148 (Fig. 148): Aparece referida na bibliografia desde 2008, tendo-se na ocasião publicado algumas fotografias do dispositivo (Baptista & Reis, 2008b, 91-92, figs. 5-6). Localiza-se à cota de cerca de 160 m, a 300 m para montante da confluência do Côa com o Douro. Trata-se de amplo paredão orientado para és-sudeste de superfície regular e lisa e cor castanho-alaranjada.

Apenas se decalcou um animal, fruto das necessidades expositivas do Museu do Côa. Trata-se de um veado estriado orientado para a direita (**FC148-01**); apresenta cabeça oblonga, com fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as hastes dispõem-se em perfil biangular oblíquo, observando-se os estoques, contraestoques, pontas intermédias e duas outras na coroa; apresenta garrote saliente e dorso reto; a cauda é curta, correspondendo a quatro curtos traços curvos, paralelos entre si; a pata dianteira é definida por dois bordos algo curvos, paralelos entre si; a zona inguinal é arredondada e a linha ventral convexa; a pata dianteira é de forma subtriangular, mantendo-se, no entanto, a extremidade distal aberta; o peito é reto e o bordo traqueal convexo.

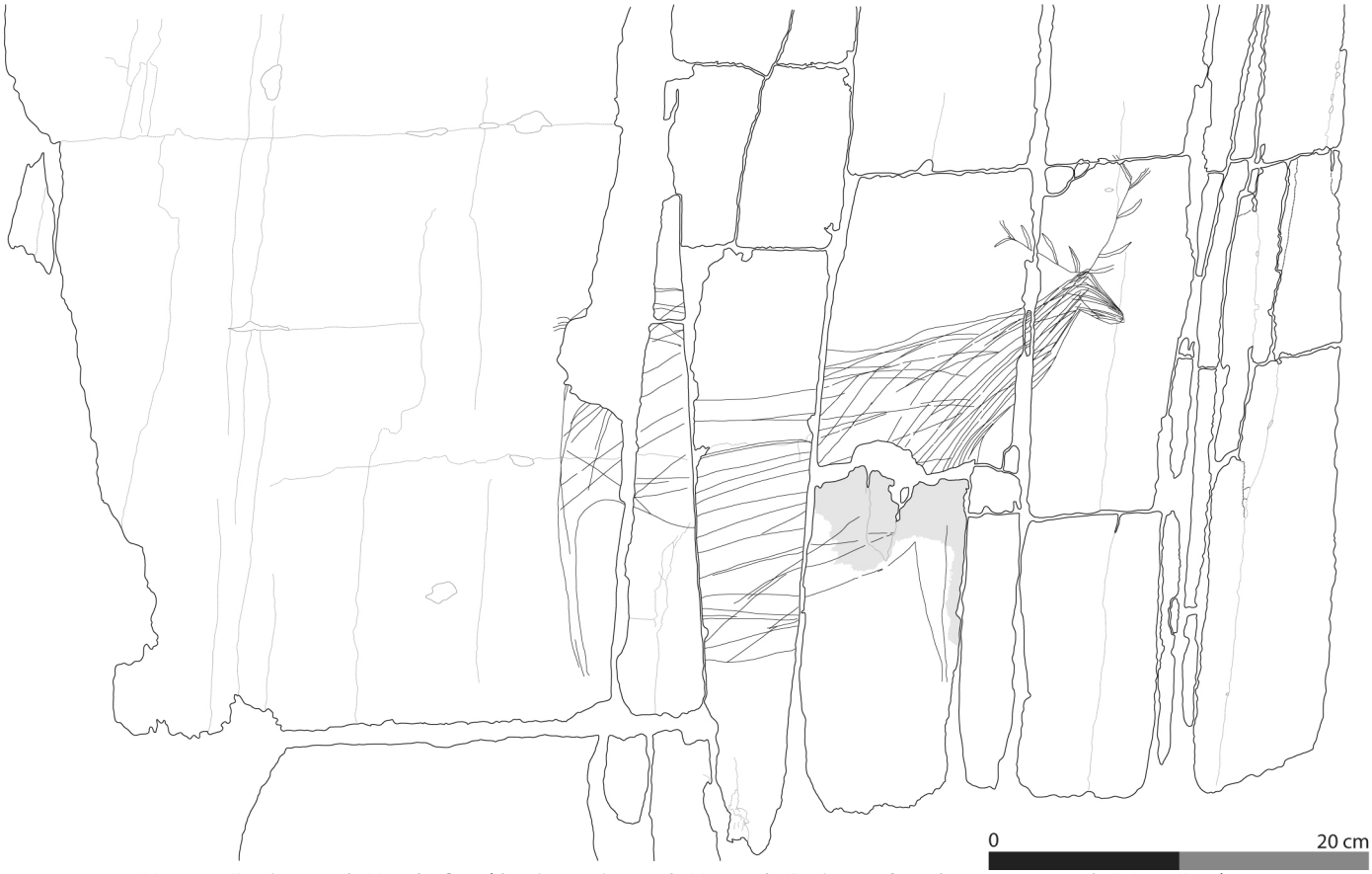


Fig. 148: Rocha 148 da Foz do Côa (decalque seletivo, de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Mário Reis).

Fragmento 1 (Fig. 149): É referido pela primeira vez em 2008 (Baptista & Reis, 2008b, 67). Foi encontrada num muro protetor de uma oliveira, localizado perto da rocha 16. Esta localiza-se a cerca de 150 m de altitude e a 175 m para montante da confluência do Côa com o Douro. Apresenta uma superfície regular e lisa, de cor castanha.

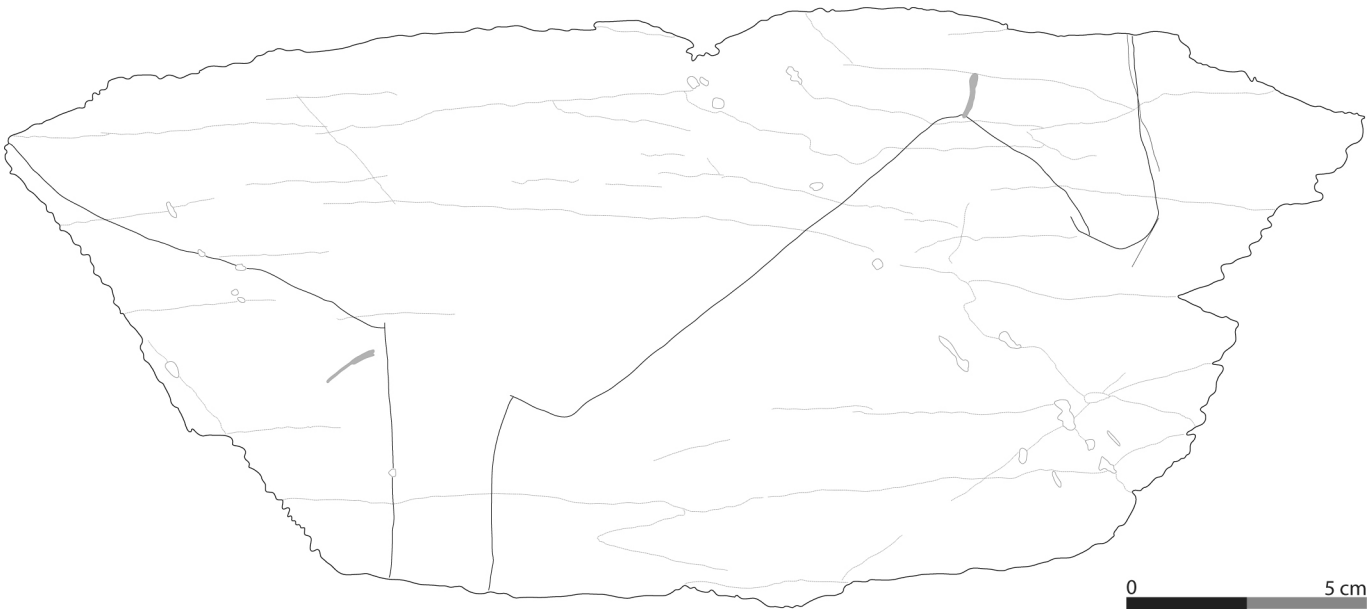


Fig. 149: Fragmento 1 da Foz do Côa (decalque de Mário Reis).

Apenas se observa um cavalo inciso, definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**FC_A-01**); a cabeça é algo modelada; a linha fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro reto; o focinho é convexo; a ganacha é convexa e o queixo côncavo; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. Ao animal associam-se ainda duas unidades gráficas não figurativas da chave XIa.

1.12. Vale de José Esteves

Rocha 4 (Figs. 150-151): A rocha foi identificada por Manuel Almeida e João Félix, tendo sido dada a conhecer apenas em 2015, quando se publicam os dois decalques nela realizados (Santos, 2015b, 24). Localiza-se na margem esquerda do Vale de José Esteves, a cerca de 152 m de altitude: trata-se de um amplo paredão de cor castanho-alaranjada, orientado para és-sudeste. As fissuras e o *toppling* permitem a distinção de vários painéis historiados, dos quais foram desenhados dois. Um destes (Fig. 150) apresenta forma subtrapezoidal, nele se encontrando várias gravuras, exclusivamente incisas, quer pleistocénicas, quer da Idade do Ferro e mesmo contemporâneas. Só nos debruçaremos sobre as primeiras.

A figura que mais se destaca corresponde a cerva inclinada para cima e orientada para a direita, definida por contorno simples e múltiplo (**JE04-01**); a cabeça é extremamente modelada, encontrando-se levantada e com a boca aberta; apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho e o beiço inferior são convexos; a ganacha é também convexa e o queixo côncavo; no interior observa-se olho amendoado e delimitação interna ao longo da bolsa e do chato da bochecha; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil uniangular; a cérvico-dorsal apresenta bordo traqueal côncavo, garrote saliente e garupa convexa; a cauda é foliforme, encontrando-se caída sobre a nádega convexa; a pata traseira é pouco definida mediante dois bordos sub-retilíneos; da linha ventral só se percebe o cilheira reta; as duas patas dianteiras dispõem-se segundo um perfil uniangular, sendo ambas modeladas, com antebraços, coxas, joelhos, canelas e esboços de cascos; o peito é convexo e o bordo traqueal sub-retilíneo; no tronco parece ainda identificar-se a espádua do animal.

Sobreposto pela cabeça do animal anterior observa-se um vareto definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**JE04-02**); a cabeça é de forma subtroncocónica, encontrando-se com a boca aberta; a linha fronto-nasal é côncava, o focinho e o beiço inferior convexos, a ganacha convexa também e o queixo côncavo; a nuca é convexa; no interior observa-se o olho circular e a pelagem da barbada; as hastes são curvas e dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é alongado, apresentando bordo dorsal côncavo e ventral convexo; do dorso e linha ventral só se observa os respetivos arranques; as patas dianteiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo ambas esguias com coxas subtriangulares e canelas direitas; o peito é côncavo.

Sobreposta pelos animais anteriores observa-se cabeça de cabra-montês macho, definida por contorno simples, orientada para a esquerda (**JE04-03**); apresenta forma oblonga com linha fronto-nasal sub-retilínea, focinho convexo e bordo ventral com ganacha e queixo convexos; o bordo cervical é convexo e o ventral reto; o corno é linear e atirado para trás, prolongando a linha fronto-nasal.

Abaixo do animal anterior observa-se a representação parcial de fêmea de cabra-montês, definido por contorno múltiplo orientado para a direita (**JE04-04**); a cabeça é modelada, com fronte convexa, chanfro reto, focinho e ganacha convexas e queixo côncavo; no interior observa-se o olho amendoado, a narina linear e a boca; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto, assim como o dorso; o bordo traqueal é convexo e o bordo cranial da pata dianteira reto.



Fig. 150: Painel C da rocha 4 do Vale de José Esteves (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Silvestre e do autor).

Mais abaixo observa-se cavalo com duas cabeças, definido por contorno múltiplo e orientado para a direita (**JE04-05**); da cabeça superior só se observa a ganacha convexa e o queixo reto; a crineira é convexa, o dorso reto e a garupa convexa; a cauda é linear e longa; a nádega é semielíptica, assim como a linha ventral; as patas dianteiras são definidas por dois bordos retos, dispondo-se em perfil biangular oblíquo, e notando-se na direita o antebraço; o peito é convexo e o bordo traqueal côncavo; refira-se ainda o preenchimento interior da tábua do pescoço. A segunda cabeça encontra-se sobre a zona cranial do tronco do animal; apresenta

forma troncocónica com linha fronto-nasal reta, focinho e ganacha convexas e queixo reto; a crineira é convexa, dispondo-se em escada relativamente à fronte; o bordo traqueal é reto.



Fig. 151: Painel D da rocha 4 do Vale de José Esteves (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Silvestre e do autor).

Sobrepondo todos os animais encontra-se um peixe estriado inclinado para cima e orientado para a esquerda (**JE04-06**); apresenta dorso e ventre convexos, uma cabeça afilada e uma pequena barbatana ventral. Refira-se finalmente possível prótomo de quadrúpede, orientado para a esquerda e definido por contorno simples (**JE04-07**); apresenta nuca convexa e bordo cervical reto; a goela é côncava, o bordo traqueal reto e o peito convexo.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **JE04-01** associam-se uma da chave IIa, duas da IXa, uma da IXb, duas da IXba, uma da X, seis da XIa, cinco da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. A **JE04-01**, **JE04-02**, **JE04-03**, **JE04-04**, **JE04-05** e **JE04-06** associa-se uma da VIII. A **JE04-01**, **JE04-02**, **JE04-03**, **JE04-06** e **JE04-07** associam-se uma da XIa e uma da XId. A **JE04-01**, **JE04-02**, **JE04-06** e **JE04-07** associam-se uma da IXba e uma da XIa. A **JE04-01**, **JE04-02** e **JE04-07** associa-se uma da XIa. A **JE04-01**, **JE04-03** e **JE04-06** associam-se duas da XIa e uma da XIc. A **JE04-01**, **JE04-03**, **JE04-06** e **JE04-07** associam-se uma da VIIa e uma da XId. A **JE04-01** e **JEs04-04** associam-se uma da XIb e uma da XIc. A **JE04-01** e **JE04-06** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da XIa e uma da XIb. Abaixo de **JE04-01** encontra-se uma da VIIa e uma da XIa. A **JE04-02** associam-se duas da XIa. A **JE04-02** e **JE04-03** associam-se uma da IXa, três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **JE04-02**, **JE04-03** e **JE04-06** associam-se uma da IXab, uma da XIb, uma da XIc e uma das XIIIb. A **JE04-02** e **JE04-07** associam-se uma da VIIa e seis da XIa. A **JE04-03** associa-se uma da XIb. A **JE04-03** e **JE04-06** associam-se uma da IXa, uma da XIa e uma da XIIIb. A **JE04-04** associam-se duas da IXaa e três da XIa. A **JE04-04** e **JE04-06** associam-se duas da IXab, uma da XIa e duas da XIc. À direita de **JE04-04** encontra-se uma da XIa e uma da XIb. A **JE04-05** associam-se duas da XIa e uma da XIc. A **JE04-05** e **JE04-06** associam-se uma da XIa e uma da XIb. Abaixo de **JE04-05** encontra-se uma da IXaa, uma da IXba, uma da X, duas da XIa, uma da XIc e duas da XId. À direita de **JE04-05** encontra-se quatro da XIa. A **JE04-06** associam-se uma da IXa, uma da IXba, uma da XIa e uma da XIb. A **JE04-07** associam-se uma da IXaa e uma da XIa.

O segundo painel estudado (Fig. 151) encontra-se à direita do anterior, nele se observando várias gravuras incisas e alguns picotados soltos (exclusivamente sobre **JE04-10**). Destaca-se representação parcial de um macho de cabra-montês definido por contorno simples, inclinado para baixo e orientado para a esquerda (**JE04-08**); apresenta cabeça oblonga com fronto-nasal reta e focinho e bordo ventral convexos; o corno é linear, sinuoso e atirado para trás; apresenta bordo cervical côncavo, dorso reto e garupa convexa; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos; a linha ventral é convexa.

Sobrepondo-se à figura anterior observa-se a representação parcial muito esquemática de um auroque definido por contorno simples e múltiplo (pata traseira) orientado para a direita (**JE04-09**); a cabeça é subtriangular com linha fronto-nasal convexa, bordo ventral reto e goela côncava; o corno é linear, curvo e atirado para a frente; a cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente, dorso reto e garupa convexa; a nádega é direita, assim como a pata traseira.

Mais abaixo observa-se o pescoço e cabeça de uma cerva definida por contorno simples, orientada para a esquerda e ligeiramente inclinada para baixo (**JE04-10**); a cabeça é de forma subtroncocónica; a linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é convexo, assim como a ganacha; o queixo é reto; no interior da cabeça observa-se a boca modelada e o olho circular; as orelhas são foliformes e atiradas para a frente, dispondo-se em perfil uniangular; a nuca é reta e o bordo cervical côncavo; o bordo traqueal é algo côncavo também.

Abaixo observa-se a representação parcial de um cavalo definido por contorno simples e múltiplo (crineira e ganacha), orientado para a direita (**JE04-11**); a cabeça é oblonga, com linha fronto-nasal reta e focinho e bordo ventral convexos; a crineira é definida por três traços dispostos na diagonal, paralelos entre si; o dorso é reto assim como o bordo traqueal e o bordo cranial da pata dianteira; o peito é côncavo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. A **JE04-08** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXa, três da XIa, uma da XId e uma da XIIIb. A **JE04-08** e **JE04-09** associam-se uma da VIII, duas da XIa e uma da XId. A **JE04-08**, **JE04-09** e **JE04-10** associa-se uma da VIII. A **JE04-08**, **JE04-09**, **JE04-10** e **JE04-11** associam-se duas da VIII. Entre **JE04-08** e **JE04-09** encontra-se duas da VIIa, uma da IXaa, uma da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Entre **JE04-08** e **JE04-10** observa-se uma da VIIa, uma da X, duas da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. A **JE04-09** associam-se duas da XIa e uma da XIc. Entre **JE04-09** e **JE04-10** encontra-se uma da XIa. A **JE04-10** associam-se uma da IIa, uma da IIIc, uma da IXa, duas da IXbb, uma da IXc, uma da X, duas da XIa e uma da XIb. À esquerda de **JE04-10** observa-se uma da IXb. Entre **JE04-10** e **JE04-11** identifica-se duas da XIa e duas da XIb. A **JE04-11** associam-se uma da IIa, uma da IXab, duas da IXbb, uma da X, três da XIa, duas da XIb e quatro da XIc. Para a direita de **JE04-11** identifica-se uma da IIb e sete da XIa. Abaixo de **JE04-11** encontra-se uma da IIb, uma da IXa, seis da XIa, quatro da XId e duas da XIIIb.

Rocha 13 (Figs. 152-153): Foi dada a conhecer em 2012, tendo-se nesse ano dado a conhecer decalque parcial do dispositivo parietal (Baptista, 2012, 321). Localiza-se na margem esquerda do Vale de José Esteves, a cerca de 25 m para montante da rocha anterior, a cerca de 155 m de altitude. Corresponde a um amplo paredão vertical, orientado para és-sudeste, de configuração

subtrapezoidal e cor castanho-alaranjada. A superfície é regular e lisa. Identifica-se vários painéis, separados por fraturas de alguma dimensão e pela sua localização em vários planos. Um espaço não historiado permite a divisão da rocha em dois sectores. Entre o reportório figurativo, distingue-se gravuras finipaleolíticas e da Idade do Ferro. Apenas nos debruçaremos sobre as primeiras.

No sector esquerdo da rocha encontramos três concentrações de gravuras. A que se situa mais à esquerda é composta apenas por unidades gráficas não figurativas (uma da chave IXab, duas ad XIb, uma da XId e uma da XIIIb). A segunda concentração encontra-se mais para a direita e para cima, sendo também constituída exclusivamente por grafismos não figurativos incisos, reconhecendo-se três da chave XIa e quatro da XIb. Abaixo observa-se a terceira concentração. Aqui observa-se dois animais. O de maiores dimensões é uma cerva definida por contorno múltiplo, orientada para a direita (**JE13-01**); a cabeça é oblonga com fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; apresenta bordo cervical reto, garrote subtil e dorso reto; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, apresentando antebraços triangulares e canelas direitas; o peito é côncavo e o bordo traqueal reto; observa-se ainda demarcação interna ao nível do ventre.

O segundo animal corresponde a capríneo estriado orientado para a direita (**JE13-02**); apresenta cabeça subtriangular com fronto-nasal reta, focinho e ganacha convexos e queixo reto; os cornos são curvos e dispostos em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto e dorso convexo; a cauda é foliforme; a nádega é direita e a pata traseira linear; a linha ventral é subconvexa; as duas patas dianteiras são lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é convexo.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **JE13-01** duas da chave VIIa, uma da IXb, uma da X e quatro da XIa. A **JE13-01** e **JE13-02** associa-se uma da XIa. Entre os animais descobre-se outra da XIa. A **JE13-02** associam-se uma da IXab, uma da IXba e seis da XIa. Finalmente, para a direita dos animais observa-se outra da XIa.

No segundo sector distinguem-se três painéis. No da esquerda destaca-se um veado estriado, orientado para a direita (**JE13-03**); apresenta cabeça de configuração subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é convexo; as hastes dispõem-se em perfil biangular reto; na esquerda observa-se o estoque, o contraestoque, duas pontas intermédias e três na coroa; na direita observa-se o estoque, o contraestoque, a ponta intermédia (estas, voltadas para fora) e três ponta na coroa; a cérvico-dorsal é praticamente reta; a garupa é algo convexa e a nádega reta, não se distinguindo da pata esquerda; a cauda corresponde a dois traços curvos paralelos entre si; os membros posteriores são retos e dispostos em perfil biangular reto; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é quase reta; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Acima desta figura observa-se uma cerva, também estriada e orientada para a direita (**JE13-04**); a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral algo côncavos e focinho convexo; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal é reta; a garupa é angulosa, a nádega quase direita e a cauda curta, sendo esta definida por uma série de traços incisos paralelos entre si; as patas traseiras dispõem-se em perfil biangular reto; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a pata dianteira apresenta forma subtriangular e o bordo traqueal é algo côncavo.

Para baixo de **JE13-03** observa-se uma cerva incisa, definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a direita (**JE13-05**); aparenta dispor de duas cabeças justapostas, ambas de configuração subtriangular, com linhas fronto-nasais e bordos ventrais côncavos e focinhos convexos; a que se encontra em frente dispõe de duas orelhas definidas cada uma por dois curtos traços retos, paralelos entre si, em perfil biangular reto; o bordo cervical da que se encontra por trás é convexo e o da que se encontra à frente côncavo; o tronco é de morfologia retangular e alongado; o dorso é reto, a garupa angulosa e a nádega quase indistinta da pata traseira esquerda; os membros posteriores dispõem-se em perfil biangular reto, sendo o esquerdo reto e o direito curvo; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é de morfologia subtriangular, encontrando-se atirada para a frente; o bordo traqueal é côncavo.

Para a esquerda observa-se uma série de três animais, associados por sobreposição. Um destes corresponde a quadrúpede estriado (provavelmente um cerva), orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**JE13-06**); apresenta cabeça subtriangular, com fronto-nasal ligeiramente convexa, bordo ventral reto e focinho apontado; as orelhas são esguias e dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é alongado; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa convexa; a nádega e a pata traseira apresentam uma configuração em S; a linha ventral está apenas esboçada, sendo de tendência rectilínea; a pata dianteira é linear e o peito reto.

Sobre (?) a figura anterior, encontra-se uma possível fêmea de cabra-montês estriada, orientada para a esquerda e inclinada para baixo (**JE13-07**); a figura encontra-se muito perdida; da cabeça observa-se uma linha fronto-nasal reta e o que poderá corresponder a um corno curto atirado para trás; observa-se ainda o que poderá corresponder ao arranque do bordo cervical; da cérvico-dorsal só se observa a garupa; a cauda é curta e definida por três traços retos paralelos entre si; a nádega é convexa; as patas traseiras encontram-se representadas em perfil biangular reto, sendo ambas lineares; a zona inguinal é arredondada e a linha ventral algo convexa; a pata dianteira apresenta coxa triangular e perna linear; o bordo traqueal é sub-retilíneo.

A terceira figura é hipotética, correspondendo a um tronco e patas de um quadrúpede inciso, definido por incisão múltipla, orientado para a direita (**JE13-08**); apresenta linha cérvico-dorsal côncava e ventral convexa; a pata traseira é em forma de S; a dianteira é definida por dois traços curvos divergentes.



Fig. 152: Rocha 13 do Vale de José Esteves (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, João Félix e do autor).

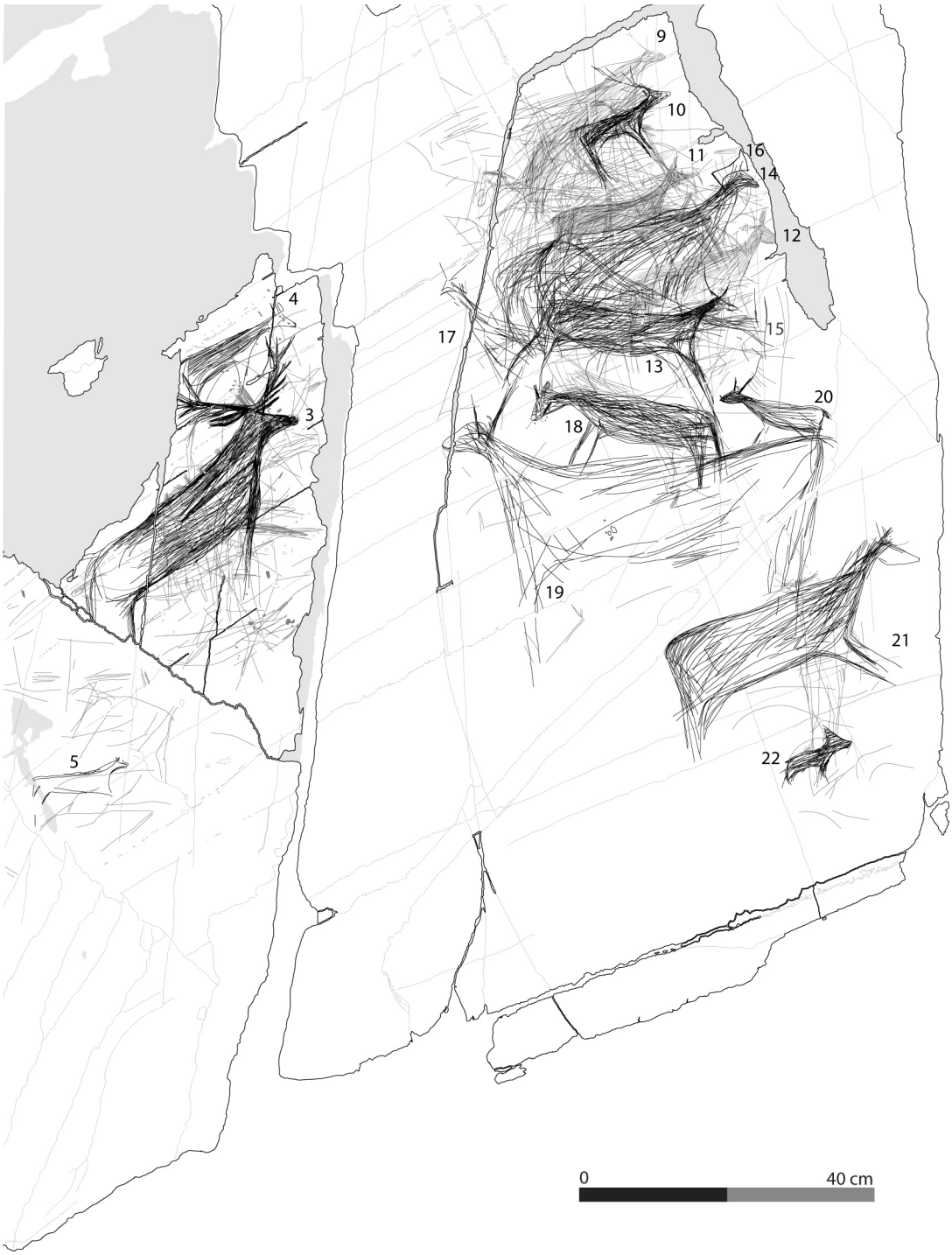


Fig. 153: Detalhe da rocha 13 do Vale de José Esteves (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida, J. Félix e pelo autor).

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas, maioritariamente incisas. Associam-se a **JE13-03** uma da chave Ia, quinze da VIIa, sete da IXa, seis da IXaa, seis da IXab, quatro da IXb, duas da IXba, quatro da IXbb, uma da X, trinta e duas da XIa, catorze da XIb, sete da XIc, uma da XIIc (picotada), duas da XIIIb e uma não inserível. Abaixo daquela figura observa-se duas da VIIa, três da IXaa, cinco da IXab, uma da IXb, oito da XIa, uma da XIb, duas da XIc e duas da XIIIb. À sua esquerda identifica-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXb, duas da X, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XIc. A **JE13-03** e **JE13-04** associam-se uma da VIIa, uma da XIa e uma da XIc. Entre **JE13-03** e **JE13-05** observa-se uma da IIb, uma da VIIa, duas da IXaa, uma da IXbb, quatro da XIa, três da XIb, uma da XIc e duas da XIIIb. A **JE13-04** associam-se uma da IXab e três da XIa. A **JE13-05** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXbb, uma da XIa, uma da XIb, uma da XIc e duas da XIIIb. A **JE13-06** associam-se duas da XIa. Abaixo daquele animal observa-se uma da XIc. A **JE13-06** e **JE13-07** associam-se uma da VIIa, duas da IXaa, duas da IXba, uma da IXbb, uma da X, três da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. A **JE13-07** associam-se uma da VIIa e duas da XIb. Abaixo de **JE13-08** reconhece-se ainda uma da XIa.

O painel central apresenta forma subtrapezoidal, nele se observando uma série de animais estriados. Assim, em cima observa-

se um vareto orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**JE13-09**); apresenta cabeça oblonga com linha fronto-nasal e focinho convexos e bordo ventral algo reto; as duas hastes estão representadas em perfil biangular oblíquo, reconhecendo-se duas pequenas pontas na coroa da da direita; a cérvico-dorsal é reta e a garupa angulosa; a cauda é foliforme; a pata traseira está apenas esboçada, sendo tendencialmente reta; a linha ventral é côncava; a pata dianteira é também reta, sendo atirada para a frente; o peito é reto, assim como o bordo traqueal.

Confundindo-se com o animal anterior, observa-se um pequeno veado, também estriado, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**JE13-10**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho convexo; apenas uma haste foi representada, nela se reconhecendo duas pontas intermédias e duas na coroa; a orelha é foliforme e apontada para cima; o dorso é reto e a garupa angulosa; a cauda é foliforme e apontada para trás; as patas são lineares, sendo as dianteiras gravadas em perfil biangular reto e as traseiras em biangular oblíquo; a linha ventral é reta, e o peito algo convexo; o bordo traqueal corresponde ao prolongamento do bordo ventral da cabeça; o animal encontra-se com a cabeça levantada.

Mais abaixo reconhece-se uma cerva estriada orientada para a direita (**JE13-11**); esta figura parece ser composta por dois animais que se sobrepõem; de facto, no interior da cabeça parece existir uma outra semelhante de menores dimensões, uma cauda foliforme parece detectar-se junto da nádega do animal maior e as patas traseiras são em número de três. Não sendo segura esta interpretação, apenas nos debruçaremos sobre a configuração "externa" do(s) animal(is); a cabeça é de forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos (a cabeça do interior é subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho apontado); as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular oblíquo; o dorso é reto e a garupa convexa; a nádega é marcada; o par de patas traseiras está representado em perfil biangular oblíquo; o direito é modelado, sendo evidente o jarrete do animal; a da esquerda é de forma subtriangular; entre ambas estas patas parece observar-se uma terceira de tendência retilínea; a linha ventral é reta; as patas dianteiras apresentam antebraços triangulares e canelas esguias, encontrando-se estas dobradas; encontram-se representadas em perfil biangular reto.

Sobrepondo (?) parcialmente as patas dianteiras da figura anterior, encontra-se uma cerva estriada orientada para a direita (**JE13-12**); a cabeça encontra-se mutilada na zona do focinho; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral convexo; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é bem destacado, com bordo dorsal côncavo e ventral convexo; o dorso é reto; a garupa/ nádega é convexa; os membros posteriores são modelados, com coxas triangulares e canelas tendencialmente retas, observando-se em ambas o jarrete; dispõem-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; apenas uma pata, de morfologia sub-retilínea, foi representada; o peito é algo convexo.

Esta figura sobrepõe (?) também a representação de um vareto estriado, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**JE13-13**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho apontado; as hastes, são curvas, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o pescoço é bem demarcado; a cérvico-dorsal é tendencialmente côncava, sendo a garupa convexa; a cauda encontra-se reduzida a um traço curvo caído sobre a nádega; esta apresenta uma ligeira convexidade; as patas traseiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, apresentando coxas triangulares e canelas esguias, com demarcação do jarrete; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras dispõem-se em perfil biangular oblíqua, sendo algo encurvadas; o peito é côncavo;

Misturando-se com as três últimas figuras referidas, observa-se um quadrúpede estriado orientado para a direita (**JE13-14**); a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal convexa, focinho apontado e bordo ventral reto; as orelhas são definidas por dois traços paralelos entre si, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo, garrote proeminente, dorso reto e garupa angulosa; a cauda é de forma subtriangular; a nádega é arredondada; a pata traseira é curta, apresentando coxa triangular e canela linear; a linha ventral é algo côncava; as duas patas dianteiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, apresentando antebraços subtriangulares e pernas lineares; o bordo traqueal é convexo.

Também nesta zona se deteta um possível capríneo estriado, orientado para a direita e algo inclinado para baixo (**JE13-15**); a cabeça é de forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho apontado; os cornos são curvos, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a nuca é convexa; o dorso é reto e a zona da garupa/ nádega convexa; as patas traseiras são um pouco definidas, percebendo-se apenas que estão recolhidas para dentro; o ventre não está delimitado; a pata dianteira parece encurvar para o exterior; o peito é reto.

Sobre a cabeça de **JE13-14** detecta-se um pequeno zoomorfo acéfalo inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**JE13-16**); o pescoço é pontiagudo; a linha cérvico-dorsal é côncava e a garupa angulosa; a nádega é direita e a pata traseira subtriangular; a linha ventral é côncava; a pata dianteira é minúscula, correspondendo à junção do ventre com o peito convexo.

Na zona da traseira de **JE13-15** encontra-se a metade anterior de um zoomorfo estriado, orientado para a esquerda (**JE13-17**); apresenta cabeça triangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho pontiagudo; o pescoço é alongado; quer a cérvico-dorsal, quer o peito, são retos.

Entre as patas de **JE13-13** descobre-se uma cerva estriada, orientada para a esquerda, com a cabeça apontada para baixo (**JE13-**

18); esta é de forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho convexo; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é algo convexa; a zona da garupa/ nádega é angulosa; as patas (uma por par) dispõem-se em perfil biangular oblíquo; o membro posterior direito é sub-retilíneo e o esquerdo subtriangular; o anterior esquerdo afila progressivamente até à extremidade distal; o direito é também sub-retilíneo; a linha ventral é de tendência reta.

Imediatamente abaixo observa-se um capríneo (ou vareto) de grandes dimensões, estriado e orientado para a esquerda (**JE13-19**); a cabeça é subtriangular, com linha fronto-nasal algo reta, focinho apontado e bordo ventral convexo; as hastes são retas e dispostas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto, dorso convexo e garupa angulosa; a cauda é curta e formada por várias incisões curvas subparalelas entre si; as duas patas traseiras são subtriangulares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras apresentam antebraços triangulares e canelas lineares, tendo sido gravadas em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é reto.

Um outro capríneo, de menores dimensões, também estriado e orientado para a esquerda (**JE13-20**) localiza-se acima da garupa do animal anterior; apresenta cabeça foliforme, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, sendo o focinho reto; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo curvo e o direito reto; o pescoço é curto; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso côncavo e garupa convexa; a cauda é curta e foliforme; as patas (uma por par) são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral e o bordo traqueal são convexas.

Abaixo das patas de **JE13-19** encontra-se um possível equídeo estriado, orientado para a direita e inclinado para cima (**JE13-21**); apresenta uma cabeça alongada, com linha fronto-nasal reta, focinho apontado e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; a crineira é de forma convexa, ultrapassando ligeiramente as orelhas; o dorso é sub-rectilíneo e a garupa algo angulosa; a nádega é reta; as patas traseiras confundem-se um pouco, sendo de tendência sub-retilínea, e dispondo-se ambas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é algo convexa; as patas dianteiras são sub-retilíneas, sendo atiradas para a frente e dispostas em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é quase reto.

Abaixo daquele animal observa-se um possível canídeo estriado, orientado para a direita (**JE13-22**); apresenta cabeça de forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, sendo o focinho apontado; a orelha é também triangular, sendo algo desproporcionada; a cérvico-dorsal é convexa assim como a nádega; a cauda é curta e de forma oblonga; a pata traseira é formada por um bordo caudal curvo e cranial sub-rectilíneo; a linha ventral é direito; a pata dianteira é subtriangular e o peito reto; o corpo do animal é bastante diminuto, por comparação com a cabeça.

As restantes gravuras configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **JE13-09** uma da chave IIIc, duas da VIIa, três da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, duas da IXb, três da IXba, uma da IXbb, seis da XIa, oito da XIb, três da XIc e uma da XIIIb. À esquerda daquele zoomorfo identifica-se uma da XIa, uma da Vc, duas da IXaa, três da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da X, onze da XIa, cinco da XIb e três da XIc. A **JE13-09** e **JE13-10** associam-se três da IIb, duas da VIIa, duas da IXaa, três da IXab, uma da IXb, uma da IXba, uma da IXbb, uma da IXc, uma da X, cinco da XIa, cinco da XIb e uma da XIc. A **JE13-09**, **JE13-10** e **JE13-11** associam-se duas da XIc. A **JE13-09**, **JE13-10**, **JE13-11** e **JE13-14** associam-se uma da VIII e uma da IXa. A **JE13-09** e **JE13-11** associam-se uma da VIIa e uma da IXaa. A **JE13-09**, **JE13-14** e **JE13-15** associa-se uma da VIIa. A **JE13-09** e **JE13-15** associam-se uma da IXbb e uma da XIb. Entre **JE13-09**, **JE13-10** e **JE13-11** identifica-se uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, duas da XIa e cinco da XIb. A **JE13-10** associam-se duas de tipo uma da IIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXbb, três da XIa, quatro da XIb e uma da XIIc (picotada). A **JE13-10** e **JE13-11** associa-se uma da IXaa. Entre **JE13-10** e **JE13-11** identifica-se uma da IXbb, uma da XIa e duas da XIb. A **JE13-11** associam-se duas da IXa, três da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, duas da IXba, duas da X, cinco da XIa, três da XIb, duas da XIc, uma da XIIc (picotada) e uma da XIIIb. A **JE13-11**, **JE13-12**, **JE13-13** e **JE13-15** associa-se uma da VIIa. A **JE13-11**, **JE13-12**, **JE13-13**, **JE13-15** e **JE13-18** associa-se uma da VIIa. A **JE13-11**, **JE13-12** e **JE13-13** associa-se uma da XIb. A **JE13-11**, **JE13-12** e **JE13-14** associa-se uma da XIb. A **JE13-11** e **JE13-14** associam-se uma da IIa, três da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, duas da IXbb, uma da X, três da XIa e cinco da XIb. A **JE13-11**, **JE13-14** e **JE13-15** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXba, uma da XIa e uma da XIc. A **JE13-11**, **JE13-14** e **JE13-16** associam-se uma da IXaa e duas da XIa. A **JE13-11** e **JE13-15** associa-se uma da XIIIb. Entre **JE13-11**, **JE13-14** e **JE13-16** identifica-se duas da XIa e uma da XIb. A **JE13-12** associam-se uma da IXa, uma da IXab, cinco da XIa, uma da XId e uma da XIIIb. À direita daquele zoomorfo, descobre-se uma da XIIIb. A **JE13-12** e **JE13-13** associam-se uma da VIIa, duas da XIb e uma da XIc. A **JE13-12**, **JE13-14** e **JE13-14** associa-se uma da XIa. A **JE13-12**, **JE13-13**, **JE13-14** e **JE13-15** associam-se uma da VIIa, uma da VIII, uma da IXaa, uma da IXab, uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb, A **JE13-12**, **JE13-13**, **JE13-14**, **JE13-15** e **JE13-17** associa-se uma da IXba. A **JE13-12**, **JE13-13** e **JE13-15** associam-se uma da IXab e três da XIb. A **JE13-12** e **JE13-14** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXba, uma da IXbb e uma da XIc. Entre **JE13-12** e **JE13-14** identifica-se uma da VIII e quatro da XIa. A **JE13-13** associam-se uma da IXa, duas da IXb, três da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIc (picotada). A **JE13-13**, **JE13-14** e **JE13-15** associa-se uma da XIa. A **JE13-13** e **JE13-15** associam-se uma da X e uma da XIb. A **JE13-13**, **JE13-15** e **JE13-17**

associam-se uma da IXba e uma da XIc. A **JE13-13**, **JE13-15** e **JE13-18** associa-se uma da X. A **JE13-13**e **JE13-18** associam-se duas da XIa e uma da XIb. A **JE13-13**, **JE13-18** e **JE13-20** associa-se uma da XIa. Entre **JE13-13**, **JE13-15** e **JE13-18** descobre-se uma da IXaa, uma da IXbb e duas da XIa. Associadas a **JE13-13**, **JE13-18** e **JE13-20** identificam-se uma da IXb e uma da XIb. A **JE13-14** associam-se uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, uma da X, três da XIa, sete da XIb e duas da XIc. A **JE13-14** e **JE13-15** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, uma da X e uma da XIb. A **JE13-14**, **JE13-15** e **JE13-17** associa-se uma da XIb. A **JE13-14** e **JE13-16** associa-se uma da IXbb e uma da XIb. A **JE13-15** associam-se uma da IXa, uma da IXb e uma da XIb. A **JE13-15** e **JE13-17** associam-se duas da XIa. A **JE13-15** e **JE13-18** associam-se uma da X e uma da XIc. A **JE13-16** associa-se uma da IXb. A **JE13-17** associam-se uma da X, duas da XIa e uma da XIb. A **JE13-17** e **JE13-19** associa-se uma da IXba. A **JE13-18** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, três da XIa, três da XIb e uma da XIIc (picotada). A **JE13-18** e **JE13-19** associam-se uma da VIIa, uma da IXbb e uma da XIb. A **JE13-19** associam-se uma da IXaa, duas da IXba, seis da XIa, quatro da XIb e duas da XIc. À esquerda daquele animal observa-se uma da XIa e uma da XIb. A **JE13-19** e **JE13-21** associam-se três da XIa e uma da XIb. Entre **JE13-19** e **JE13-21** identifica-se uma da IXaa, uma da XIa e uma da XIb. A **JE13-20** associa-se uma da XIb e uma da XId. A **JE13-21** associam-se uma da VIII, uma da IXab, três da XIa e uma da XIc. A **JE13-21** e **JE13-22** associam-se duas da Ia; entre aquelas figuras, sem que contudo a elas se associem diretamente, reconhece-se uma da IXaa, duas da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **JE13-22** associam-se duas da VIIa, duas da IXba, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Abaixo daquele zoomorfo identifica-se três da XIa, enquanto à sua direita se observa uma da XIb.

No painel central observa-se no canto inferior esquerdo uma concentração de incisões onde se descobre três animais; o de cima à esquerda corresponde a uma cerva definida por contorno múltiplo, orientada para a direita (**JE13-23**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; as orelhas são triangulares e dispostas em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical côncavo e dorso reto; a cauda é linear e atirada para trás; a nádega é direita; as patas traseiras apresentam coxas lineares e canelas retas, dispondo-se em perfil biangular reto; a linha ventral apresenta ventre côncavo e cilheira convexa; as patas dianteiras são lineares e sinuosas, dispondo-se também em perfil biangular reto; o bordo traqueal é algo côncavo.

Para a direita observa-se um capríneo definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**JE13-24**); apresenta cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos e focinho apontado; o corno é curvo e linear, correspondendo à continuidade da linha fronto-nasal; o pescoço é tubular; na cérvico-dorsal é ainda perceptível um garrote subtil, um dorso reto e uma garupa convexa; as patas (uma por par) são lineares; o peito é convexo.

Mais abaixo descobre-se um quadrúpede estriado orientado para a direita (**JE13-25**); apresenta cabeça oblonga, com linha fronto-nasal e focinho convexos e bordo ventral retos; os cornos são lineares, cruzando-se na área mesial; a linha dorsal é reta e a cauda curta e linear; a nádega é sinuosa; as patas traseiras são subtriangulares, dispondo-se em perfil biangular reto.

As restantes incisões desta concentração correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **JE13-23** associam-se três da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Para a sua direita reconhece-se duas da XIa. A **JE13-24** associam-se cinco da XIa e duas da XIc. Em torno de **JE13-25** observa-se duas da VIIa, onze da XIa, uma da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb.

A segunda concentração de gravuras encontra-se para cima à direita. De figurativo apenas se identifica um equídeo estriado orientado para a direita (**JE13-26**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal reta e bordo ventral convexo, sendo o focinho apontado; as duas orelhas encontram-se atiradas para a frente, em perfil biangular reto; a crineira é convexa; o tronco é alongado; a cérvico-dorsal apresenta garrote proeminente e dorso reto; a nádega é direita; a pata traseira é definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade distal; a linha ventral é reta; as duas patas da frente são lineares e retas, dispondo-se em perfil biangular reto; o peito e bordo traqueal são retos.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. Diretamente a **JE13-26** associam-se uma da chave IXbb, cinco da XIa e três da XIb. Para a esquerda do animal reconhece-se duas da XIa e uma da XIb, para cima dele uma da XIa, para a sua direita outras três da mesma chave e para baixo outras tantas do mesmo tipo.

Rocha 16 (Fig. 154): Foi publicada em 2008, tendo-se nesse ano dado a conhecer decalque e descrição sumária da rocha (Baptista, 2008a, 22-31). Localiza-se na margem direita do Vale de José Esteves, a escassos 5 m da linha de água epónima e a cerca de 186 m de altitude. Trata-se de uma superfície vertical, orientada para oés-sudoeste, de configuração sub-retangular e microtopografia regular e lisa. O sistema de facturas da rocha dividiu-a em vários painéis que condicionaram, parcialmente, a composição aqui presente; por outro lado, a disposição dos animais e unidades gráficas não figurativas, praticamente alinhados independentemente dos painéis em que se encontram, demonstra que o programa figurativo, se bem que condicionado pela existência das fraturas, pressupunha alguma rigidez.

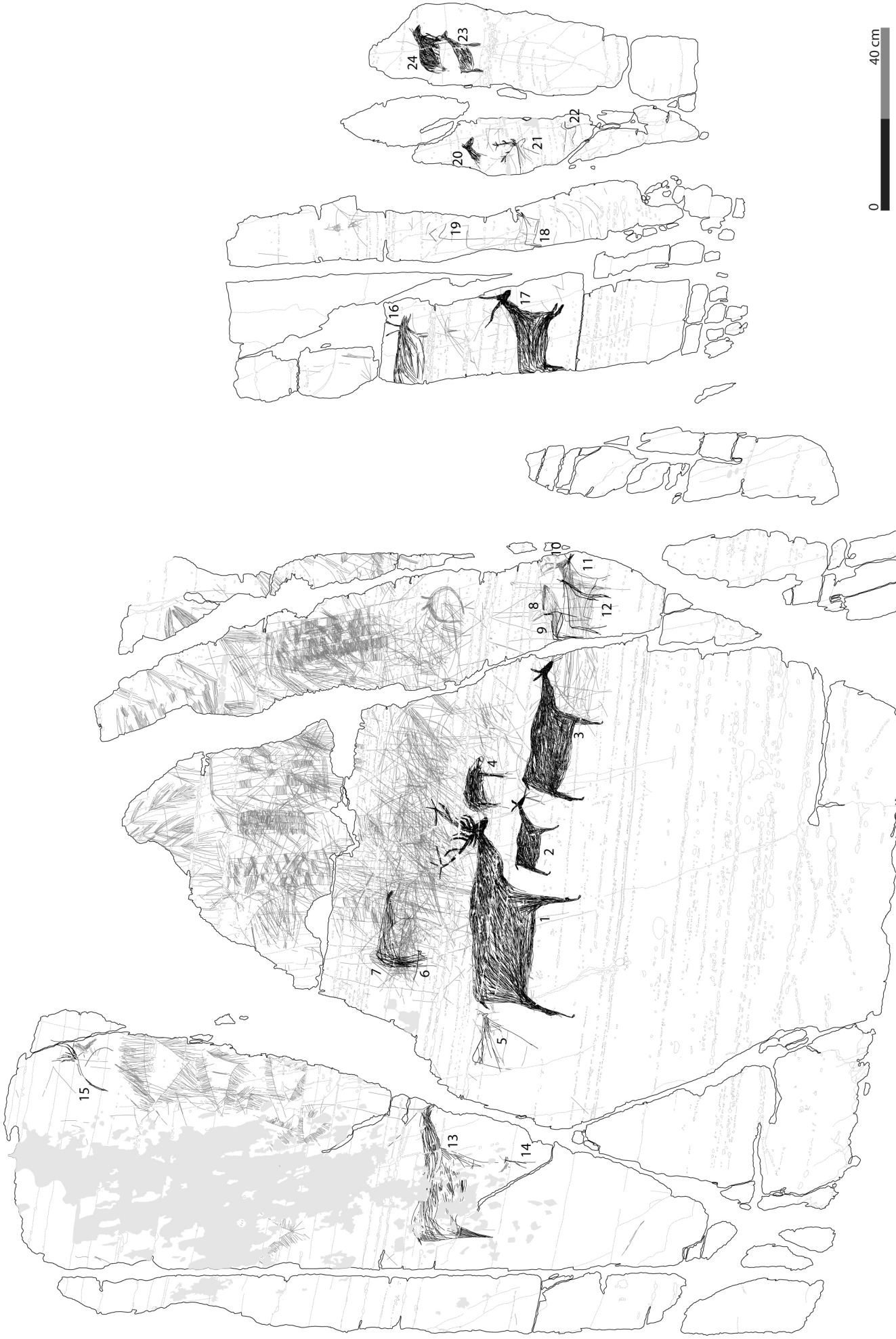


Fig. 154: Rocha 16 do Vale de José Esteves (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, Dalila Correia e do autor).

O centro da composição corresponde a uma família de veados estriados gravados sensivelmente a meio do maior painel (o segundo a contar da esquerda). A maior figura corresponde a um macho orientado para a direita (**JE16-01**); apresenta uma cabeça troncocónica com linha fronto-nasal e bordo ventral retos, e focinho arredondado; as armações dispõem-se em perfil biangular oblíquo; na da direita observa-se o estoque, o contraestoque, uma ponta intermédia e a coroa; na da esquerda observa-se para além daquelas pontas, uma outra intermédia; por trás da da direita observa-se as duas orelhas foliformes atiradas para trás; o pescoço é longo com uma barbela acentuada; a cérvico-dorsal é reta e ligeiramente alteada na zona do garrote; a nádega é muito direita; as patas são tendencialmente triangulares, existindo uma por par; na traseira observa-se o que poderá corresponder à representação do jarrete; os cascos, bifurcados, estão atirados para a frente; a linha ventral é reta; a cauda é foliforme, encontrando-se ligeiramente tombada.

À frente do animal anterior observa-se o que, pelas suas dimensões, corresponderá a um juvenil orientado também para a direita (**JE16-02**); a cabeça é triangular com a ponta do focinho arredondada; as orelhas, foliformes, encontram-se representadas em perfil biangular reto; o pescoço é longo e longilíneo; o resto do corpo é semelhante ao anteriormente descrito, com a diferença do jarrete não se encontrar representado; refira-se ainda a existência de uma série de traços que saem da boca do animal (unidade gráfica não figurativa da chave IXa?).

Em frente observa-se cerva orientada para a direita (**JE16-03**); apresenta cabeça de tendência rectangular com o focinho arredondado; as orelhas, foliformes, são atiradas para trás e dispostas em perfil biangular oblíquo; o corpo é semelhante ao de **JE16-01**, mas com uma barbela menos pronunciada; tal como no caso da figura anterior, observa-se alguns traços a saírem-lhe da boca.

Em frente à cabeça de **JE16-01** observa-se um quadrúpede "fantástico" estriado orientado para a direita (**JE16-04**); uma linha curva define toda a zona dorsal e a nádega do animal; a linha ventral é ligeiramente côncava; as patas (uma por par) são retas; a cabeça é oblonga, fazendo lembrar a glande de um falo.

Por trás de **JE16-01** observa-se um capríneo inciso de feitura muito esquemática (**JE16-05**); orienta-se também para a direita; a cabeça é sub-retangular e o focinho arredondado; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o da esquerda curvo e o da direita quase reto; o bordo cervical é reto e excessivamente longo; o dorso é também reto e a garupa convexa; a cauda é definida por dois traços retos paralelos entre si; as patas (apenas uma por par) são retas e excessivamente alongadas; no interior do animal observa-se algum preenchimento por traços incisos.

Algo acima da garupa de **JE16-01** observa-se uma figuração zoomórfica incisa, definida por contorno simples, orientada para a direita (**JE16-06**); é, formalmente, muito semelhante ao animal previamente descrito, se bem que reduzido às suas formas essenciais; a cabeça é semicircular; os dois cornos são retos e dispostos em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal é sub-rectilínea, assim como o bordo traqueal.

A figura anterior é sobreposta pelas patas traseiras de um animal estriado orientado para a direita (**JE16-07**); apresenta uma cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal, bordo ventral e focinho retos; um corno reto encontra-se atirado para a frente; a cérvico-dorsal é sub-retilínea e a zona da garupa/ nádega convexa; as patas traseiras são retas, não se percebendo bem, dada a sua sobreposição, qual a perspectiva adoptada; a linha ventral é sub-rectilínea; as patas dianteiras são lineares, correspondendo ambas ao prolongamento da linha ventral e peitoral; o peito é côncavo; o bordo traqueal é reto.

Para a direita de **JE16-03**, e separadas do conjunto anterior por uma fratura, identifica-se outras figuras. Assim, em frente à cabeça da cerva observa-se uma figura pisciforme estriada orientada para a direita e ligeiramente inclinada para cima (**JE16-08**); apresenta dorso e ventre convexos, cauda descaída e uma barbatana dorsal longilínea.

Sobrepondo-se a esta figura observa-se a possível representação esquemática de um animal inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**JE16-09**); apresenta pescoço longilíneo, linhas cérvico-dorsal e ventral convexas, e patas retas; das dianteiras apenas se representou uma; as traseiras estão representadas em perfil biangular reto, correspondendo a da esquerda ao prolongamento da linha de dorso após a inflexão da garupa e a da direita a prolongamento da linha de ventre após a inflexão inguinal; a cabeça e os cornos poderão corresponder ao reaproveitamento da barbatana do animal anterior.

Imediatamente abaixo (em frente do ventre da **JE16-03**) observa-se três figuras orientadas para a direita e sobrepostas entre si. A mais antiga corresponde a um capríneo estriado (**JE16-10**); apresenta cabeça triangular e dois cornos curvos representados em perfil biangular oblíquo; o pescoço é comprido, o dorso reto e a garupa angulosa; as patas são retilíneas e resumem-se a uma por par; a linha ventral é convexa e o peito reto. Em seguida foi gravado por incisão um quadrúpede muito esquemático (**JE16-11**) com cabeça estriada e pouco definida, e possíveis cornos quase retos dispostos em perfil biangular reto; a linha cérvico-dorsal é sinuosa e a ventral reta; o peito é côncavo e o bordo traqueal reto; as patas (duas por par) são lineares e dispostas segundo um perfil biangular reto. Por fim foi gravado um quadrúpede acéfalo (**JE16-12**); a cérvico-dorsal é reta e a garupa arredondada; as patas encontram-se representadas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral ventre parece corresponder a releitura do capríneo da base da sequência.

Por trás de **JE16-05**, e dele separado por uma fratura, encontra-se se um possível vareto estriado orientado para a direita (**JE16-13**); apresenta cabeça triangular e hastes, sem pontas, dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é longo e o dorso

sinuoso; as patas são triangulares e o peito convexo; a cauda é pontiaguda e a linha ventral convexa.

Abaixo observa-se a representação da parte anterior de um quadrúpede inciso, definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**JE16-14**); apresenta cabeça triangular e dois cornos retos atirados para trás, em perfil biangular oblíquo; o pescoço é longo e esguio; o arranque do dorso é convexo, assim como o do peito.

Neste painel, observa-se ainda perto do seu topo, uma outra possível figuração animal. Trata-se de um possível cervídeo inciso, definido por contorno simples e múltiplo, orientado para a direita (**JE16-15**); apresenta uma cabeça apenas esboçada, com linha fronto-nasal e bordo ventral algo convexos; as hastes estão representadas de forma não-natural; o bordo cervical é bastante convexo. Abaixo da cabeça deste animal encontra-se uma unidade gráfica da chave XIa; se a integrarmos na figura podemos estar perante um animal visto de trás, com a cabeça virada para a direita (sendo, portanto, aquela unidade gráfica a garupa do animal); esta interpretação tornaria muito mais naturalista o "pescoço" do animal (que passaria assim a pescoço e bordo do flanco esquerdo) e explicaria bem a "aura de estranheza" das hastes do animal.

No terço superior das superfícies que até agora temos vindo a tratar identifica-se maioritariamente unidades gráficas não figurativas incisas; neste caso, porém, as fracturas da rocha condicionaram a composição; assim, o painel da esquerda está dominado por unidades da chave Ia, enquanto que o que se encontra ao seu lado apresenta uma heterogeneidade maior. Assim, no da esquerda, para além de sete motivos da chave Ia, descriminaram-se ainda os seguintes: a **JE16-13** associa-se uma unidade gráfica da chave XIa e uma da XIb; para cima, à sua esquerda observa-se uma da X; entre **JE16-13** e **JE16-14** encontra-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc; a **JE16-15** associam-se quatro da XIb, uma da XIc e uma da XId; à esquerda daquele animal reconhece-se ainda uma da IXa, duas da XIa e uma da XIb; por entre as unidades da chave Ia encontra-se ainda uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da X, duas da XIa e uma da XId. Em volta do painel observa-se umas quantas unidades mais; assim, junto do topo encontra-se uma da chave XIa; no sector superior esquerdo observa-se uma da XIc e uma da XIIIb; junto do limite esquerdo do painel, um pouco abaixo das patas de **JE16-15**, identifica-se uma da XIa; na zona inferior do painel observa-se uma da XIb. No meio da zona lascada observa-se o que neste momento é uma unidade gráfica da chave XIa, mas esta mesma incisão poderá corresponder aos restos de algo mais complexo.

No painel central ignorámos as incisões existentes na base entre **JE16-01** e **JE16-03** devido à extrema confusão que aí se verifica entre traços mais antigos e outros que se reportarão seguramente à Idade do Ferro. Passemos à descriminação das incisões consideradas. A **JE16-01** associam-se uma da chave IIa, quatro da VIIa, três da IXa, sete da IXaa, uma da IXab, quatro da IXb, quatro da IXba, sete da IXbb, quatro da X, vinte e uma da XIa, catorze da XIb, seis da XIc, uma da XId e duas da XIIIb. A **JE16-01** e **JE16-04** associam-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Entre **JE16-01** e **JE16-02** encontra-se uma da XIa. Entre **JE16-01**, **JE16-06** e **JE16-07** identifica-se uma da Ib, uma da IIb, seis da VIIa, três da IXa, quatro da IXaa, duas da IXab, três da IXb, uma da IXba, quatro da IXbb, uma da X, trinta e seis da XIa, treze da XIb, cinco da XIc e duas da XId. A **JE16-02** associam-se cinco da XIa. Entre **JE16-02** e **JE16-03** encontra-se uma da XIa. A **JE16-03** associam-se uma da IIb, duas da VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, uma da IXb, duas da IXba, três da IXbb, doze da XIa, doze da XIb, duas da XIc e uma da XId. À direita daquela figura reconhece-se uma da IXb, seis da XIa e duas da XIc. A **JE16-04** associam-se duas da VIIa, uma da IXab, uma da X, nove da XIa e cinco da XIb. Para a sua direita identifica-se uma da IXa, duas da IXaa, duas da IXb, uma da IXba, uma da X, doze da XIa, sete da XIb e cinco da XIc. A **JE16-05** associam-se uma da IXba, seis da XIa e quatro da XIb. Para a sua esquerda observa-se ainda três da XIa. A **JE16-06** associam-se uma da IXbb e uma da X. A **JE16-06** e **JE16-07** associam-se uma da VIIa, uma da IXaa, uma da IXb, três da XIa e uma da XIb. A **JE16-07** associam-se uma da IIa, uma da IIIb, sete da VIIa, três da VIII, sete da IXa, três da IXaa, seis da IXab, duas da IXb, cinco da IXba, cinco da IXbb, uma da IXc, dezanove da XIa, vinte da XIb, dezoito da XIc e duas da XIIIb. Para cima de **JE16-07** identifica-se duas da VIIa, uma da IXa, duas da X, dezoito da XIa, cinco da XIb e duas da XIc. Para a esquerda de **JE16-06** e **JE16-07** identifica-se uma da VIIa, duas da IXaa, uma da X, catorze da XIa e uma da XIb. Para a esquerda de **JE16-06** e **JE16-07**, acima dos restantes animais, e até uma fissura horizontal que atravessa o painel, observa-se duas da Ib, uma da IIIc, sete da VIIa, uma da VIII, cinco da IXa, doze da IXaa, dezasseis da IXab, três da IXb, seis da IXba, nove da IXbb, nove da X, quarenta e quatro da XIa, vinte e quatro da XIb, vinte da XIc, cinco da XId e duas da XIIIb. Abaixo dos animais, junto do limite esquerdo do painel observa-se uma da XIa. Na zona superior do painel, acima da fissura atrás referida, observa-se uma da Ia, três da IIIb, duas da VIIa, três da VIII, onze da IXa, onze da IXaa, seis da IXab, quatro da IXb, seis da IXba, quatro da IXbb, quatro da X quarenta e cinco da XIa, vinte e duas da XIb, dezassete da XIc, duas da XId e quatro da XIIIb. A **JE16-08** associam-se uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXba, seis da XIa e três da XIb. A **JE16-08** e **JE16-09** associa-se uma da XIb. A **JE16-08**, **JE16-10**, **JE16-11** e **JE16-12** associam-se uma da XIa e uma da XIb. A **JE16-10** associam-se uma da IXaa, seis da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **JE16-10** e **JE16-11** associam-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXbb e uma da XIb. A **JE16-10**, **JE16-11** e **JE16-12** associam-se uma da IXab, uma da IXba, cinco da XIa e uma da XIc. A **JE16-11** associa-se uma da XId. Finalmente, acima dos animais, e até ao limite superior do painel identifica-se uma da Ia, duas da IIa, duas da IIIc, oito da VIIa, quatro da VIII, dez da IXa, dez da IXaa, onze da

IXab, cinco da IXb, seis da IXba, nove da IXbb, uma da IXc, cinco da X, cinquenta e seis da XIa, trinta e cinco da XIb, trinta e quatro da XIc, vinte e uma da XId e sete da XIIIb.

A disposição das restantes figuras da rocha parece já ser condicionada pela fracturação da rocha; de facto os motivos distribuem-se por "colunas", correspondendo os limites destas "colunas" aos limites dos próprios painéis. Estes são em número de quatro e encontram-se para a direita dos que descrevemos até agora. No primeiro destes (o que se situa mais próximo das superfícies descritas até ao momento) destaca-se em cima um possível auroque estriado muito esquemático orientado para a direita (**JE16-16**) e em baixo um macho de cabra-montês também estriado e orientado para a direita (**JE16-17**); o primeiro apresenta cabeça sub-retangular com a zona do focinho em aberto, sendo a linha fronto-nasal e o bordo ventral sub-retilíneos; os dois cornos são curvos, dispostos praticamente na vertical e representados em perfil biangular reto; a linha cérvico-dorsal é quase reta, assim como a ventral; as duas patas da frente dispõem-se em perfil biangular oblíquo; a da direita é definida por um bordo caudal reto e um cranial modelado, onde se observa o antebraço; a da esquerda é linear; os quartos traseiros não estão representados, sendo a figura interrompida pelo limite esquerdo do painel; o bordo traqueal é côncavo. **JE16-17** apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral sinuosos, e focinho apontado; os dois cornos estão representados em perfil biangular oblíquo, sendo o da direita em forma de S e o da esquerda curvo; o pescoço é algo alongado; o dorso é reto, nele se reconhecendo uma banda composta no interior por uma série de traços diagonais paralelos entre si; a garupa é angulosa; apenas se observa uma pata traseira, nela se reconhecendo a coxa; a linha ventral é convexa; as duas patas da frente retas e com cascos, foram gravadas em perfil biangular oblíquo; o peito é reto.

As restantes incisões do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associa-se a **JE16-16** uma da chave XIa. Acima daquela figura observa-se uma da IXb, uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. Entre **JE16-16** e **JE16-17** observa-se uma da IIa, uma da IXb, uma da X, uma da XIa e uma da XIb. A **JE16-17** associam-se uma da VIIa, uma da IXab, uma da IXbb, uma da IXc, uma da X, três da XIa e uma da XId.

Em frente a **JE16-17**, e já no painel à sua direita, observa-se um quadrúpede acéfalo definido por incisão simples e orientado para a direita (**JE16-18**); o pescoço é longo e afilado; o dorso é côncavo e a garupa angulosa; as patas traseiras são também retas e dispostas em perfil biangular oblíquo, correspondendo a da esquerda ao prolongamento da linha da nádega e a da direita ao prolongamento da linha do ventre após a inflexão inguinal; a linha ventral é convexa e o peito quase reto; da pata dianteira apenas se observa o arranque.

Um pouco acima observa-se um prótomo de cavalo muito esquemático orientado para a direita (**JE16-19**); foi conseguido por incisão e a linha fronto-nasal aproveita parte de uma fissura natural aí existente; a nuca é angulosa; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral convexo; o bordo traqueal é longo e reto.

As restantes incisões do painel correspondem a unidades gráficas não figurativas; a **JE16-18** associam-se uma da chave XIa, uma da XIb e uma da XIIb. Abaixo daquele quadrúpede observa-se duas da XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb. Entre **JE16-18** e **JE16-19** observa-se uma da IXba, uma da X e duas da XIa. A **JE16-19** associam-se três da XIa. Acima deste último animal observa-se ainda duas da Ib, uma da IXa, uma da IXab, uma da IXbb, seis da XIa e uma da XIb.

No painel à direita devemos destacar um prótomo de veado inciso (**JE16-20**) e um outro de cavalo estriado (**JE16-21**), ambos orientados para a direita. O primeiro foi gravado mesmo em frente a **JE1617**; apresenta cabeça subtrapezoidal com linha fronto-nasal ligeiramente convexa, focinho e bordo ventral retos; na cérvico-dorsal observa-se o garrote; o bordo traqueal é reto; as hastes dispõem-se em perfil biangular oblíquo, nelas se observando os estoques, contraestoques, pontas intermédias e coroas.

O prótomo do cavalo apresenta uma cabeça semelhante, tendo as orelhas sido gravadas em perfil biangular oblíquo; atrás da da direita surge a crineira, configurada por uma série de pequenos traços dispostos na diagonal e paralelos entre si; o pescoço é longo.

Abaixo de **JE16-20** observa-se um quadrúpede inciso orientado para a direita (**JE16-22**); apresenta cabeça subtrapezoidal, com linha fronto-nasal reta, bordo ventral convexo, mantendo-se o focinho em aberto; o bordo cervical é convexo; o dorso é reto; o a linha ventral é sinuosa; a pata dianteira é linear e o peito reto.

As restantes incisões correspondem a unidades não figurativas. A **JE16-20** associam-se uma da chave IXaa, uma da IXbb, duas da XIa e uma da XIc. Entre **JE16-20** e **JE16-21** observa-se uma da IXa, uma da IXba e uma da XIa.

Em frente ao cavalo foi gravado, já no painel da direita uma camurça estriada orientada para a direita (**JE16-23**); apresenta cabeça subtrapezoidal com linha fronto-nasal convexa, focinho arredondado e bordo ventral convexo: apenas um corno, delimitado por incisão simples, foi gravado; por trás localizam-se as orelhas dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é longo; a linha cérvico-dorsal apresenta ligeira convexidade na zona do garrote, dorso côncavo e garupa reta; esta perfaz um ângulo reto, dela nascendo a cauda, representada por três traços retos inclinados para cima e paralelos entre si; a nádega é ligeiramente arredondada; as duas patas traseiras apresentam-se em perfil biangular oblíquo, sendo a da direita reta e a da esquerda encurvada para a frente; as dianteiras são ambas retas e dispostas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa.

Por cima deste animal encontra-se um auroque estriado voltado para a direita (**JE16-24**); apresenta cabeça subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos, e focinho apontado; os cornos, representados em perfil biangular oblíquo, são curvos; por trás surge uma espécie de "crineira" composta por uma série de pequenos traços paralelos dispostos na diagonal; a cérvico-dorsal é tendencialmente reta, arredondando na zona da garupa; a cauda surge a partir da nádega; as patas traseiras, de forma *grosso modo* triangular, representam-se em perfil biangular oblíquo; relativamente às dianteiras, apenas uma foi gravada; a linha ventral é ligeiramente côncava na zona inguinal; o bordo traqueal é retilíneo.

Associadas a ambos os animais observa-se uma haste de veado isolada; reconhece-se o tronco, a ponta intermédia e a coroa.

A **JE16-24** associa-se ainda uma unidade gráfica não figurativa da chave XIa.

Rocha 17 (Fig. 155a): Localiza-se na margem esquerda do Vale de José Esteves, praticamente em frente da rocha anterior, distanciando-se da ribeira cerca de 5 m; localiza-se a cerca de 187 m de altitude. Trata-se de uma superfície vertical, muito fraturada, orientada para és-nordeste, de configuração irregular e superfície lisa e de cor castanho-avermelhada.



Fig. 155: Rochas 17 (A) e 19 (B) do Vale de José Esteves. A: decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Marcelo Silvestre; B: decalque parcial efetuado pelo autor, com o apoio de Fernando Barbosa.

As unidades gráficas identificadas foram todas conseguidas por incisão. A figura que mais se destaca corresponde a uma cerva estriada, orientada para a direita e reduzida à sua metade cranial devido a fratura do suporte (**JE17-01**); a cabeça é de forma triangular com linha fronto-nasal reta, bordo ventral convexo e focinho apontado; as orelhas são foliformes e atiradas para trás em perfil biangular reto; o bordo cervical é côncavo e o dorso reto, não se observando vestígios de garrote; o bordo traqueal é côncavo, sendo separado da ganacha por goela convexa; convexo é também o peito do animal; as patas dianteiras são esguias, dispondo-se em perfil biangular reto.

Em frente do animal anterior observa-se outra cerva estriada, orientada para a direita (**JE17-02**); este animal é de mais fácil leitura na sua zona anterior, zona essa delimitada por "degrau" existente no painel. A cabeça é de forma oblonga com linha fronto-

nasal e bordo ventral retos e focinho convexo; as orelhas são foliformes e atiradas para trás em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é reto, o garrote ténue e o dorso reto; o bordo traqueal é reto e o peito convexo; as patas dianteiras são retas e dispostas em perfil biangular reto; não se observa qualquer linha ventral; para a esquerda do degrau parece observar-se a pata traseira do animal com coxa triangular e canela reta.

Mais abaixo, misturando-se a sua crineira com as patas dianteiras do animal anteriormente descrito, observa-se um cavalo estriado, também orientado para a direita (**JE17-03**). A cabeça é de forma troncocónica com linha fronto-nasal reta e bordo ventral e focinho convexos; a nuca é convexa sendo bordejada por duas orelhas lineares, dispostas em perfil biangular reto; a crineira é de configuração convexa, sendo preenchida por uma série de traços dispostos diagonalmente e paralelos entre si; o bordo cervical é côncavo; do bordo dorsal do tronco observa-se o garrote algo proeminente e o dorso reto; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo; os membros anteriores dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo reto e o direito configurado por antebraço triangular e canela direita; o bordo ventral do tronco é convexo; apenas uma pata traseira é observável, apresentando-se esta apenas esboçada; os quartos traseiros do animal desapareceram devido a fratura do suporte.

Entre os três animais referidos parece observar-se ainda um equídeo estriado orientado para a esquerda (**JE17-04**); este apresenta uma cabeça de dimensões exageradas relativamente ao resto do corpo; apresenta forma *grosso modo* triangular, com linha fronto-nasal reta, bordo ventral subtilmente convexo e focinho aberto; alguns traços por cima da fronte poderão configurar duas orelhas dispostas em perfil biangular oblíquo às quais se encosta uma crineira tendencialmente reta; não se observa vestígios do bordo cervical nem de garrote; o dorso é reto, assim como a garupa; na extremidade caudal desta parece apreciar-se uma raiz de cauda de forma triangular; dos quartos traseiros do animal observa-se apenas uma nádega convexa e algo desproporcional e o par de membros posteriores, dispostos em perfil uniangular e apresentando ambos algo grau de modelagem; o bordo ventral do tronco é reto; reto é também o bordo traqueal, assim como o peito do animal; do animal observa-se ainda um membro anterior de forma reta e atirado para a frente.

Um possível quinto zoomorfo encontra-se acima das figurações até agora descritas; trata-se de uma possível representação de equídeo reduzido à linha fronto-nasal, crineira e bordo dorsal do tronco (**JE17-05**); encontra-se orientado para a direita e inclinado para cima, tendo sido conseguido por incisão simples (bordo dorsal do tronco), dupla (linha fronto-nasal) e múltipla (crineira); a linha fronto-nasal é reta; a crineira algo convexa e terminada em ponta e o bordo dorsal do tronco reto.

As restantes gravuras correspondem a unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão. A **JE17-01** associam-se uma da chave XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **JE17-01**, **JE17-02** e **JE17-04** associam-se três da XIc. A **JE17-01** e **JE17-04** associam-se uma da IXb, uma da IXba e uma da XIc. A **JE17-02** associam-se uma da IXb e uma da XIc. A **JE17-02**, **JE17-03** e **JE17-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXa, uma da IXbb, uma da XIa e três da XIc. A **JE17-02** e **JE17-04** associam-se uma da VIIa, uma da IXb, duas da XIa, três da XIb e uma da XIc. A **JE17-03** associam-se uma da Ib, três da VIIa, uma da IXa, uma da IXb, uma da IXba, seis da XIa, nove da XIb, duas da XIc e uma da XIIIb. A **JE17-03** e **JE17-04** associam-se uma da IXbb, uma da XIa, duas da XIb e uma da XIc. À direita de **JE17-03** observa-se duas da IXb, uma da IXba, uma da XIa, uma da XIb e uma da XId. Exclusivamente a **JE17-04** associa-se uma da chave IXaa. A **JE17-05** associam-se uma da IXa, quatro da XIa e uma da XIb. À esquerda daquele animal observa-se uma da chave Ib, uma da VIIa, uma da IXa, duas da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, duas da XIa, duas da XIb e cinco da XIc. Já à direita de **JE17-05** observa-se quatro da XIa e duas da XIb. Abaixo das unidades gráficas figurativas observa-se ainda uma da chave Ia, uma da IXb, dezassete da XIa e seis da XIb. Já para cima dos animais reconhece-se uma da IIb, duas da VIIa, duas da IXaa, duas da IXb, sete da XIa, duas da XIb, seis da XIc e uma da XIIIb.

Rocha 19 (Fig. 155b): É referida na bibliografia desde 2002, sendo o sítio então conhecido inventariado como Alto da Bulha (Baptista & García, 2002, 192). Localiza-se na vertente esquerda do Vale de José Esteves, a uma cota de cerca de 290 m de altitude. Corresponde a uma rocha de contorno irregular dividida em vários painéis regulares e lisos, orientados para és-sudeste; apresentam cor castanho-alaranjada. Distribuídas pela rocha observa-se figurações da Idade do ferro e pleistocénicas. Desta últimas apenas se decalcou uma figura existente num pequeno painel de forma subquadrangular. Corresponde a uma cerva estriada orientada para a direita (**JE19-01**); a cabeça encontra-se levantada, apresentando configuração subtriangular; a linha fronto-nasal é algo sinuosa, encontrando-se a fronte algo bombeada; o bordo ventral é reto; a zona do focinho manteve-se em aberto; as orelhas são foliformes e dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é longo e de forma tubular; a linha cérvico-dorsal é algo reta e a ventral convexa; os quartos traseiros encontram-se interrompidos pelo limite esquerdo do painel; a pata dianteira é de forma triangular.

1.13. Vermelhosa

Rocha 1 (Fig. 156): É referida na bibliografia desde 1997 (Zilhão, 1997a, 33). Localiza-se na vertente esquerda da ribeira da

Vermelhosa, a cerca de 160 m de altitude. Corresponde a um imenso painel de cor castanho-alaranjada, orientado para és-sudeste; a superfície é regular e lisa; apresenta gravuras da Idade do Ferro e pleistocénicas; destas últimas apenas se decalcou um macho de cabra-montês estriado, orientado para a direita (**Vr01-01**) que se encontra sobreposto por um cavaleiro de cronologia sidérica. A cabeça do animal encontra-se mutilada na zona do focinho; a linha fronto-nasal é reta e o bordo ventral convexo; os cornos são quase retos e dispostos em perfil biangular (não se percebendo se oblíquo, se reto, devido à interrupção do corno esquerdo pelo limite do painel); a orelha é afilada e atirada para trás; a pera é de forma subtriangular; o pescoço é curto e de configuração tubular; o dorso é de tendência reta e a garupa algo convexa; a cauda é definida por três curtos traços curvos, paralelos entre si; a nádega é reta; a pata traseira é de configuração curva; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é reta.



Fig. 156: Detalhe da rocha 1 da Vermelhosa (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida e J. Félix).

1.14. Vale de Cabrões

Rocha 1 (Fig. 157): É conhecida desde 1995 (Rebanda, 1995a, 13; 1995b, 15). Decalque parcial desta rocha, que aqui reproduzimos, é dado a conhecer em 1999 (Baptista, 1999b, 139). O dispositivo parietal localiza-se na vertente esquerda de Vale de Cabrões, a uma cota de cerca de 232 m. Corresponde a um imenso painel de forma poligonal, orientado para és-sudeste; apresenta cor castanho-alaranjada e uma superfície regular e lisa. Apenas se decalcou duas unidades gráficas.

Uma destas corresponde a um veado picotado (variante B), orientado para a direita, com a cabeça torcida para trás (**VC01-01**); a cabeça apresenta forma subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; a boca encontra-se delimitada e aberta; as hastes dispõem-se em perfil biangular reto, observando-se em ambas os estoques, contraestoques, pontas intermédias e coroas; a orelha é linear; o pescoço encontra-se encurvado sendo de configuração tubular; o corpo é subelíptico, com linhas cérvico-dorsal e ventral algo convexas; a cauda é linear e encurvada; a nádega é convexa; as patas traseiras dispõem-se em perfil biangular oblíquo, nelas se observando as coxas triangulares, os jarretes, as canelas e os cascos fendidos; as da frente apresentam-se também em perfil biangular oblíquo, sendo lineares e terminadas em cascos; entre as patas traseiras parece identificar-se o escroto, observando-se a bainha um pouco à frente da zona inguinal; o peito é algo convexo; parte do corpo do animal (em particular a cabeça, pescoço, quartos traseiros e patas) encontra-se preenchida interiormente quer por picotagens, quer por incisões.

A segunda unidade gráfica decalcada corresponde a uma não figurativa de da chave XIa, associada ao animal, e igualmente conseguida por picotagem.

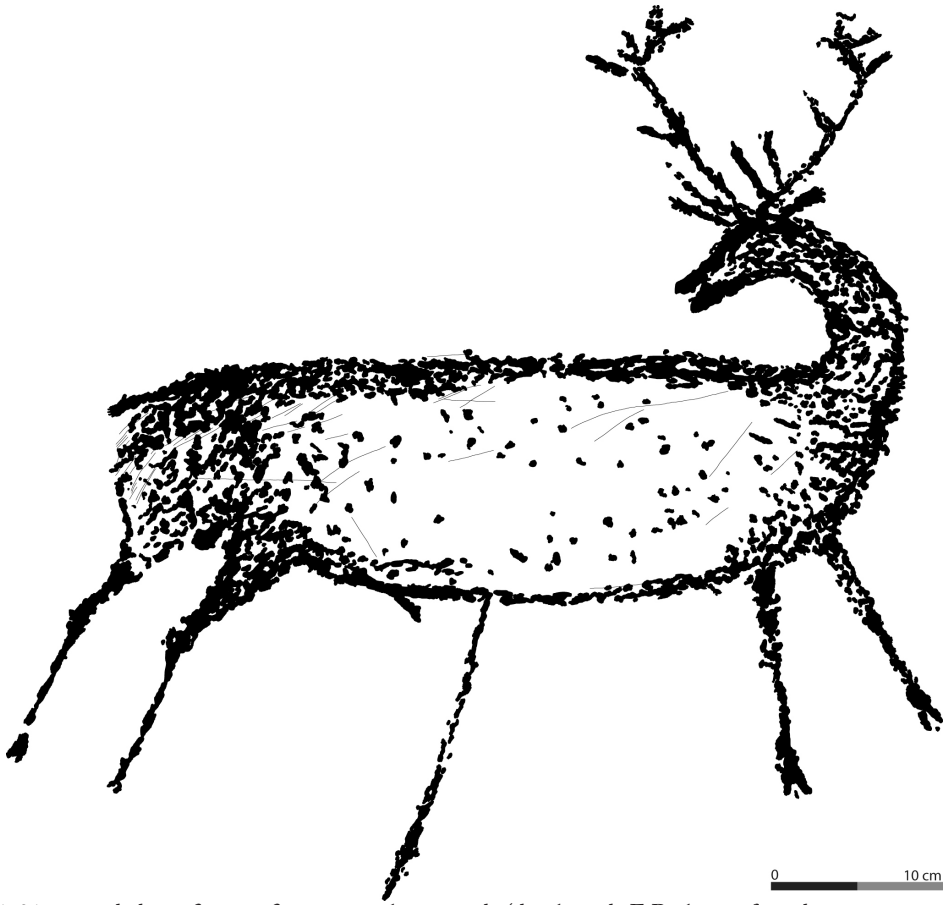


Fig. 157: VC01-01 e a unidade gráfica não figurativa a ela associada (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de A. M. Baptista, M. Almeida e J. Félix).

Rocha 4 (Fig. 158): Foi dada a conhecer em 1999, quando se publicou decalque parcial e algumas fotos do seu dispositivo parietal, interpretado como um rebanho de capríneos (Baptista, 1999b, 134-135). Um decalque mais completo é dado a conhecer em 2009 (*idem*, 2009a, 162). A rocha localiza-se na vertente esquerda de Vale de Cabrões, a cerca de 285 m de altitude; corresponde a um painel de cor castanho-alaranjada e forma sub-rectangular, orientado para és-sudeste; apresenta uma superfície regular e lisa. Contrariamente à interpretação original, consideramos estar perante um conjunto de sete possíveis varetos incisos, definidos por contorno simples, orientados para a esquerda.

Dois deles encontram-se um acima do outro, no extremo esquerdo do conjunto. O de cima (**VC04-01**) apresenta cabeça de forma amendoada, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos; o focinho é algo apontado; no interior observa-se uma boca linear; as hastes são de forma curva, encontrando-se reduzidas aos troncos e dispondo-se em perfil biangular oblíquo; as orelhas são lineares e representadas segundo aquela perspetiva; o pescoço é de forma subtriangular; a linha cérvico-dorsal é reta e a garupa arredondada; a cauda é foliforme e caída sobre a nádega; esta é convexa e a pata traseira definida por dois bordos retos; a linha ventral é convexa; a pata dianteira apresenta uma coxa triangular e uma canela retilínea, fechada na extremidade e dobrada para dentro; o bordo traqueal é reto.

O animal de baixo (**VC04-02**) encontra-se algo inclinado para baixo, com a cabeça levantada; esta apresenta forma sub-retangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho está apenas esboçado; as hastes são curvas e curtas, dispondo-se em perfil biangular oblíquo, perspetiva essa adoptada também na figuração das orelhas lineares; o pescoço é algo curvo, sendo de morfologia tubular; a cérvico-dorsal apresenta um garrote subtil, dorso algo côncavo e garupa convexa; a cauda é definida por dois traços rectos caídos sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira apresenta uma coxa que se prolonga pelo flanco; é definida por dois bordos que se ligam na extremidade distal; o jarrete está representado; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é de forma *grosso modo* triangular e o peito algo convexo.

Atrás de **VC04-01** encontram-se outros dois animais dispostos um acima do outro. O de cima (**VC04-03**) apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal, mandíbula e bordo ventral retos; as hastes são curvas e dispostas em perfil biangular reto; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; o pescoço é curto, curvo e de morfologia tubular; a cérvico-dorsal é algo convexa e a garupa angulosa; a cauda é foliforme e caída sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira é extremamente modelada; observando-se a coxa, joelho e casco; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si, observando-se no caudal a configuração do antebraço; o peito é sub-retilíneo.

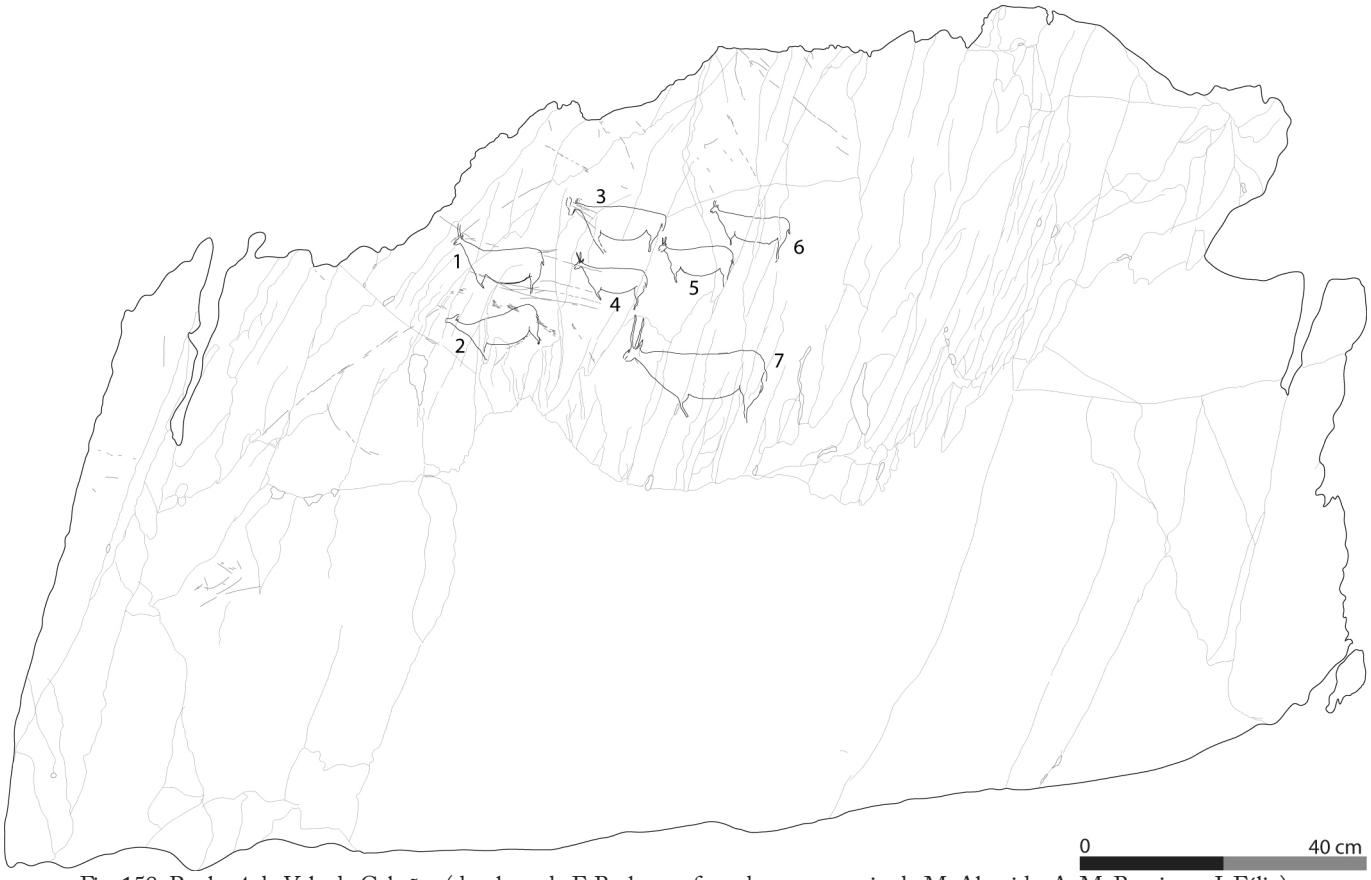


Fig. 158: Rocha 4 de Vale de Cabrões (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. M. Baptista e J. Félix).

O animal de baixo (**VC04-04**) apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral algo modelados; o focinho encontra-se esboçado apenas, entre o queixo e a boca do animal; no interior da cabeça, para além da boca linear, observa-se o olho do animal; as hastes são definidas perimetralmente, sendo retas e dispostas em perfil biangular oblíquo; a orelha é foliforme e atirada para trás; o pescoço é de morfologia subtriangular; o dorso é algo convexo, assim como a garupa; a cauda é foliforme e caída sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira é bastante modelada, com coxa, canela e casco; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é também modelada, com antebraço, canela e casco; o peito é convexo.

Por trás dos dois últimos animais descritos encontra-se um outro (**VC04-05**); apresenta cabeça de forma subelíptica, com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos; o focinho encontra-se em aberto; no interior da cabeça observa-se a boca e o olho do animal; as hastes e orelha são semelhantes às do animal descrito previamente; o pescoço é curto; o dorso é algo convexa, assim como a garupa; a cauda é definida por dois traços retos, paralelos entre si e caídos sobre a nádega; esta é reta; a pata traseira é definida por um bordo caudal reto e um cranial modelado, onde se observa a distinção entre a coxa e a canela do animal; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é modelada, com antebraço, jarrete, canela e casco; o peito é convexo.

Um pouco acima, à direita observa-se um outro animal (**VC04-06**); apresenta uma cabeça oblonga, com linha fronto-nasal sinuosa e bordo ventral algo convexo; o focinho é de tendência oval, sendo interrompido pela boca aberta do animal; as hastes são curvas e curtas, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; as duas orelhas são dispostas segundo a mesma perspetiva; a nuca é convexa; o dorso é reto e a garupa convexa; a cauda é foliforme e caída sobre a nádega; esta é convexa; a pata traseira do animal é modelada, observando.se a coxa, a perna e o casco; a linha ventral é quase reta, observando-se a bainha; a pata dianteira é também modelada, observando-se o antebraço, canela e casco; o peito é convexo.

Por baixo de **VC04-04** e **VC04-05** encontra-se o maior animal do grupo (**VC04-07**); apresenta uma cabeça subelíptica, com linha fronto-nasal convexa e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; a zona do focinho encontra-se em aberto; no interior da cabeça observa-se a boca e o olho elíptico; as hastes são definidas perimetralmente, apresentando forma reta e dispondo-se em perfil biangular oblíquo; a orelha é de forma subtriangular, observando-se no interior o pavilhão auricular; a cérvico-dorsal apresenta garrote subtil, dorso reto e garupa convexa; a cauda encontra-se reduzida a um traço curvo caído sobre a nádega do animal; esta apresenta uma configuração sinuosa; a pata traseira apresenta uma coxa triangular e uma canela definida por dois bordos retos, paralelos entre si; a linha ventral é convexa; a pata dianteira apresenta coxa subtriangular e canela definida por dois traços retos ligados na extremidade distal, encontrando-se esta última dobrada para dentro; o peito é convexo.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **VC04-01** uma da chave IXab, uma da X, uma da XIa, duas da XIb e duas da XIc. Acima daquele animal identifica-se uma da XIa. Entre **VC04-01** e **VC04-02** identifica-se três da XId. A **VC04-02** associam-se duas da XIa, duas da XIb e duas da XIc. À esquerda daquele animal observa-se três da XIa. Entre **VC04-02** e **VC04-07** identifica-se uma da XIa, uma da XIb e uma da XIc. A **VC04-03** associam-se quatro da XIa e uma da XIc. Acima daquele animal reconhece-se nove da XIa, uma da XIb e uma da XId. A **VC04-04** associa-se uma da XIa. A **VC04-05** associa-se uma da XIa. A **VC04-06** associa-se uma da XIa. Acima daquele animal observa-se uma da IXa, uma da IXaa, treze da XIa e quatro da XIb. A **VC04-07** associam-se duas da XIa. Finalmente, no sector esquerdo do painel identifica-se ainda uma da IXaa, treze da XIa, seis da XIb e uma da XIc.

Rocha 5 (Fig. 159): É conhecida desde 1999, quando se publicam decalques parciais e fotos do dispositivo parietal (Baptista, 1999b, 130-131). Em 2009 é dado à estampa decalque mais completo do painel (*idem*, 2009a, 166). Localiza-se a cerca de 68 m para oeste da anterior; corresponde a um painel vertical, de forma subtrapezoidal, que integra uma bancada orientada para és-sudeste; apresenta cor castanho-alaranjada, sendo a sua superfície regular e lisa.

A figura que mais se destaca corresponde a um macho de cabra-montês inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**VC05-01**); apresenta uma cabeça altamente modelada; a linha fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro reto; o focinho é algo convexo; a boca encontra-se aberta, prolongando-se pela bochecha; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo côncavo; no interior observa-se ainda o olho amendoado; o corno é longo e em forma de S; a orelha é de forma triangular; a linha cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto, garrote saliente, dorso reto a garupa convexa; a cauda é de forma subtriangular e apontada para cima; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo cranial curvo e caudal modelado, onde se identifica o jarrete; a linha ventral é convexa; a pata dianteira é subtriangular; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; um traço atravessa o ventre, podendo corresponder a uma demarcação cromática da barriga.

Este animal encontra-se no interior de um auroque macho inciso, definido por contorno simples e orientado para a direita (**VC05-02**); apresenta uma cabeça maciça, de forma sub-retangular, com linha fronto-nasal algo côncava, focinho convexo e bordo ventral reto, embora se observe um traço que poderá corresponder a um queixo convexo; os cornos são em forma de S, dispondo-se em perfil biangular reto; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa convexa; da cauda só se observa o arranque do troço linear; a nádega não foi identificada; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral apresenta ventre algo convexo e cilheira reta; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; da boca do animal parece sair uma unidade gráfica da chave IXa.

O último zoomorfo identificado na rocha corresponde a uma diminuta cerva estriada orientada para a direita (**VC05-03**) que sobrepõe bordo caudal da pata dianteira de **VC05-02**; apresenta uma cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal côncava, bordo ventral reto e focinho convexo; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é longo e de morfologia tubular; o tronco apresenta configuração sub-retangular; o dorso é reto e a garupa angulosa; a cauda encontra-se reduzida a um pequeno traço curvo levantado para cima; a nádega é sub-retilínea; as patas traseiras são lineares, encontrando-se representadas em perfil biangular oblíquo; a linha ventral é convexa; as patas dianteiras são também lineares, adoptando a mesma perspetiva que as traseiras.

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas; a **VC05-01** (e, consequentemente a **VC05-02**) associam-se três da chave XIa e uma da XIc. A **VC05-02**, para além da já referida de tipo IXa, associam-se três da IXaa, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XId. A **VC05-02** e **VC05-03** associa-se uma da XId.

Rocha 6 (Fig. 160): É conhecida desde 1999, ano em que se publica decalques parciais e fotos do dispositivo parietal (Baptista, 1999b, 136-137). Integra a mesma bancada rochosa que o painel anterior, encontrando-se a cerca de 11,5 m para su-sudoeste dele, sensivelmente à mesma altitude; é composta por três painéis verticais orientados para és-sudeste, de cor castanho-alaranjada e superfícies regulares e lisas.

O painel da esquerda apresenta forma subtrapezoidal; do seu repertório figurativo fazem parte gravuras da Idade do Ferro e pré-históricas; apenas nos debruçaremos sobre estas; a figura que mais se destaca corresponde a um possível vareto, definido por picotagem e contorno múltiplo inciso, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**VC06-01**); apresenta uma cabeça globular; a linha fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro reto; o bordo ventral e o focinho correspondem a um traço convexo; as hastes são curvas e dispostas em perfil biangular reto; o pescoço é longo, algo encurvado e de morfologia tubular; o tronco é de configuração sub-retangular; a cérvico-dorsal é sub-retilínea e a garupa angulosa; a nádega é algo convexa; a pata traseira é reta, assim como a linha ventral e a pata dianteira; o peito é convexo.

O animal anteriormente descrito sobrepõe outros dois. Um destes corresponde a um prótomo inciso de macho de cabra-montês, definido por contorno simples e orientado para a direita (**VC06-02**); a cabeça é maciça e algo modelada; a linha fronto-

nasal é reta e o focinho convexo; o bordo ventral apresenta ganacha e queixo retos, sendo estes separados por mudanças de direção angulosas do traço; refira-se ainda que o limite da queixada se prolonga pelo interior do animal; o corno é reto e atirado para trás; a orelha apresenta configuração subtriangular; o bordo cervical é algo retilíneo e o ventral côncavo.



Fig. 159: Rocha 5 de Vale de Cabrões (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. M. Baptista e J. Félix).

O outro animal sobreposto por **VC06-01** corresponde a um auroque inciso, definido por contorno simples, inclinado para baixo e orientado para a esquerda (**VC06-03**); a cabeça apresenta morfologia subtriangular, com linha fronto-nasal e bordo ventral retos; o focinho é convexo; no interior da cabeça observa-se o olho foliforme, a narina e a boca; o corno é em forma de S e definido perimetralmente; a orelha é linear e atirada para trás; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso reto e garupa angulosa; a cauda é linear e atirada para trás; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos paralelos entre si; a linha ventral é semielíptica; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.



Fig. 160: Rocha 6 de Vale de Cabrões (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, António Martinho Baptista e João Félix).

As restantes incisões do painel configuram unidades gráficas não figurativas. A **VC06-01** associam-se uma da chave IIIc, uma da IXa, uma da IXaa, uma da IXbb, duas da X, treze da XIa, cinco da XIb e duas da XIc. À direita daquele animal observa-se uma da IXaa, uma da IXab, uma da IXba, sete da XIa, cinco da XIb, uma da XIc, três da XId e uma da XIIIb. A **VC06-01** e **VC06-02** associam-se uma da IIIc, uma da XIa e uma da XIIIb. A **VC06-01** e **VC06-03** associam-duas da IIIc, uma da VIII, duas da IXba, uma da IXbb, uma da X, oito da XIa, oito da XIb e duas da XIc. Entre **VC06-01** e **VC06-03** encontra-se três da XIa. A **VC06-02** associam-se duas da IXab, uma da X, cinco da XIa e quatro da XIb. Acima daquele motivo descobre-se duas da XIa e uma da XIb. **A VC06-03** associam-se quatro da IXaa, uma da IXab, duas da IXb, uma da IXbb, duas da X, quinze da XIa, doze da XIb, uma da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Para a esquerda daquele animal reconhece-se ainda uma da IIa, uma da VIIa, três da IXa, três da IXaa, três da IXab, uma da IXba, uma da IXc, uma da X, vinte e cinco da XIa, quinze da XIb, seis da XIc, uma da XId e uma da XIIIb. Para além destas incisões reconhece-se ainda vários picotados dispersos.

O painel central é de forma triangular, nele se reconhecendo um animal seguro e um segundo provável. O primeiro localiza-se no sector inferior do painel, correspondendo a um prótomo muito esquemático de um cavalo inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**VC06-04**); a cabeça apresenta forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal, focinho e bordo ventral retos; as orelhas são lineares e dispostas em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é em forma de S e o ventral algo convexo.

O possível animal corresponde a uma forma picotada que poderá corresponder à cabeça e tronco de um quadrúpede orientado para a esquerda e inclinado para baixo (**VC06-05**); apresenta nuca convexa e cabeça subtriangular, com linha fronto-nasal algo côncava, focinho convexo e bordo ventral sub-retilíneo; o tronco apresenta uma cérvico-dorsal convexa, enquanto peito e linha ventral são retos; não se observam patas.

Para além de concentrações de picotados soltos (sobretudo sobre **VC06-05**) observa-se várias incisões que poderão corresponder a unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **VC06-04** uma da chave XIa. A **VC06-05** associam-se uma da IXa, uma da IXaa, três da IXab, uma da IXb, uma da IXc, cinco da XIa, uma da XIb, uma da XIc e uma da XIIIb . À direita daquele motivo observa-se uma da XIa, e à sua esquerda uma da IXaa, cinco da XIa e uma da XIb.

O painel da direita é de forma sub-retangular, nele se identificando dois animais. O de maiores dimensões corresponde a uma fêmea de cabra-montês estriada orientada para a direita (**VC06-06**); a cabeça é de forma subtriangular; a linha fronto-nasal apresenta distinção entre fronte e chanfro mediante estrangulamento do traço; o focinho é convexo e o bordo ventral reto; apenas um corno está representado, sendo delimitado pelos dois bordos; o pescoço é curto e de morfologia tubular; o tronco é de forma sub-retangular; a cérvico-dorsal é reta e a garupa convexa; a cauda é triangular, encontrando-se levantada; a nádega é convexa; a pata traseira é retilínea; a linha ventral apresenta ventre côncavo e cilheira convexa; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo.

O outro animal localiza-se atrás do anterior; corresponde a um quadrúpede estriado orientado para a direita (**VC06-07**); a cabeça é subtriangular com linha fronto-nasal e bordo ventral convexos; o focinho é apontado; a orelha é linear e atirada para a frente; o tronco é de morfologia sub-retangular; o dorso é reto e a garupa angulosa; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes; a linha ventral é côncava; não é claro se o animal dispõe de duas patas dianteiras lineares dispostas em perfil biangular oblíquo, se apenas dispõe de uma definida por dois bordos retos paralelos entre si.

As restantes incisões do painel configuram unidades gráficas não figurativas. Associam-se a **VC06-06** duas da chave XIa. À sua direita observa-se três da XIa e duas da XIb, enquanto acima dela se reconhece duas da XIa. Associam-se a **VC06-07** uma da IXba e duas da XIa. Imediatamente abaixo observa-se uma da IXab, uma da XIa e duas da XIb. Junto ao limite esquerdo do painel foram gravadas uma da IXa, uma da XIb e uma da XIIIb. Na zona superior do painel inventariaram-se uma da IXab e uma da XIa. Finalmente, na zona inferior direita reconhece-se uma da XIb.

Rocha 7 (Fig. 161): Foi dada a conhecer em 2012, ano em que se publica o seu decalque (Santos, 2012, 58). Localiza-se a cerca de 7 m para su-sudeste da bancada onde se integram as rochas previamente descritas, a uma altitude de cerca de 295 m. Corresponde a um painel vertical orientado para és-sudeste, de cor castanho-alaranjada e superfície regular e lisa.

Apenas se identifica um zoomorfo. Corresponde este a um cavalo inciso, definido por contorno simples, orientado para a direita (**VC07-01**); apresenta uma cabeça altamente modelada; na linha fronto-nasal percebe-se bem a diferença entre a fronte e o chanfro; o focinho é convexo; no bordo ventral é evidente a distinção entre a ganacha convexa e o queixo reto; no interior observa-se um olho oval e a boca; a orelha é triangular; a crineira perfaz um degrau com a nuca; é de forma convexa e encontra-se preenchida por alguns traços no interior; o tronco é extremamente alongado; a cérvico-dorsal apresenta garrote saliente, dorso longo e côncavo e garupa convexa; a cauda é linear e a nádega convexa; da pata traseira observa-se o bordo caudal da coxa; a zona inguinal é arredondada; a linha ventral é convexa, assim como o peito/ bordo traqueal (que correspondem ao prolongamento daquele); o animal não dispõe de pata dianteira.

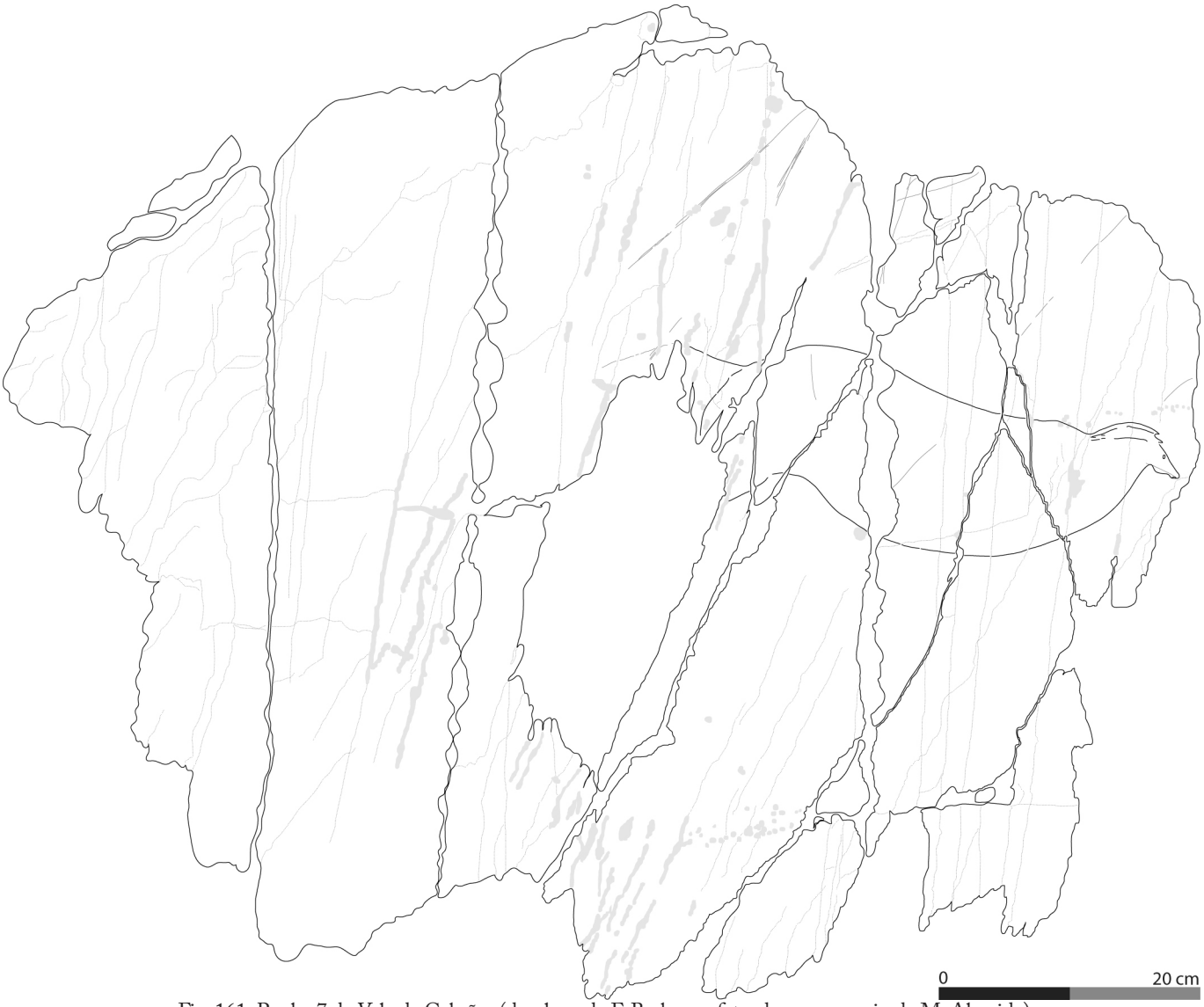


Fig. 161: Rocha 7 de Vale de Cabrões (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida).

As restantes incisões correspondem a unidades gráficas não figurativas; associam-se diretamente a **VC07-01** três da chave XIa. À sua esquerda observa-se duas da XIa e uma da XIc. Por cima do zoomorfo distingue-se ainda uma da IXab, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XIc.

Rocha 32 (Figs. 162 a 164): É conhecida desde 2012, ano em que se publica o seu decalque (Santos, 2012, 60). Embora inventariada como Vale de Cabrões, esta rocha localiza-se no lugar de Relento (informação de A. Jerónimo, a quem agradecemos). Situa-se na vertente esquerda de Vale de Cabrões, a uma cota de x m de altitude. Corresponde a um conjunto de quatro superfícies verticais orientadas para és-sudeste; apresentam cor castanho-alaranjada e uma superfície regular mas por vezes algo rugosa.

O primeiro painel apresenta morfologia irregular; é dominado por auroque macho inciso, definido por contorno múltiplo, orientado para a direita (**VC32-01**); a cabeça apresenta forma subtrapezoidal; a linha fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro reto; o focinho é convexo; a mandíbula apresenta ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se o olho com lacrimal, narina semioval e boca; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito em forma de S e o esquerdo reto; a orelha é de morfologia foliforme; a cérvico-dorsal apresenta cernelha pronunciada, dorso algo côncavo e garupa angulosa; a cauda apresenta inserção foliforme, terminando em vassoura; as nádegas são convexas; as patas traseiras dispõem-se em perfil uniangular, sendo ambas modeladas, com coxas, jarretes, canelas e cascos fendidos; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; a bainha está representada, sendo afilada; as patas dianteiras encontram-se também representadas em perfil uniangular, sendo também ambas modeladas, com antebraços, joelho, cascos e subdedo; a barbela é suavemente côncava e o peito convexo; distingue-se algumas delimitações internas no corpo do animal, destacando-se as coxas, antebraços e zona inguinal.



Fig. 162: Rocha 32 de Vale de Cabrões (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).



Fig. 163: Painel da esquerda da rocha 32 de Vale de Cabrões (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).



Fig. 164: Segundo e terceiro painel da rocha 32 de Vale de Cabrões (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e do autor).

Associam-se a este animal as unidades gráficas seguintes (todas incisas): uma da chave IIIb, uma da VIIa, uma da VIII, quatro da IXa, quatro da IXaa, uma da IXb, nove da XIa, oito da XIb, cinco da XIc e duas da XIIIb. Para a sua esquerda observa-se duas da IXa, quatro da XIa, oito da XIb, sete da XIc e uma da XId. Para baixo do animal observa-se uma da IXa e quatro da XIa. Para a sua direita reconhece-se uma da IXb, cinco da XIa, quatro da XIb e duas da XIIIb.

O painel seguinte apresenta forma subtrapezoidal; nele apenas se reconhece uma possível forma zoomórfica; trata-se dos quartos traseiros de um quadrúpede inciso, definido por contorno simples, orientado para a esquerda (**VC32-02**); a nádega é convexa; a pata é definida por dois bordos curvos divergentes; o ventre é reto.

As restantes incisões conformam unidades gráficas não figurativas. Associam-se diretamente a **VC32-02** quatro da chave IXab, uma da IXb, uma da IXbb, cinco da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Abaixo da figura reconhece-se uma da XIa e para a sua direita uma da IIa, uma da VIIa, uma da IXab, treze da XIa, sete da XIb e três da XIc.

O painel seguinte apresenta forma subtrapezoidal. Nele observa-se dois machos de cabra-montês incisos, definidos por contorno simples, orientados para a esquerda. O que se situa mais à esquerda (**VC32-03**) apresenta cabeça sub-retangular, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ligeira distinção entre ganacha e queixo; no interior observa-se a boca; a pera é linear e encurvada; o corno é longo e em forma de S; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto, garrote proeminente, dorso reto e garupa convexa; a cauda é definida por dois curtos traços curvos paralelos entre si; a nádega é convexa; a pata traseira, pese embora desprovida de casco, é bastante modelada, com representação da coxa, jarrete e canela; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta, destacando-se pela proeminência; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto; no interior do animal observa-se alguns limites corporais, designadamente ao nível do ventre e da coxa.

O outro animal (**VC32-04**) localiza-se imediatamente acima e à direita; a cabeça é de forma subtrapezoidal, com linha fronto-nasal e focinho retos; bordo ventral apresenta ganacha reta e queixo convexo; no interior observa-se o limite interno da mandíbula; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo curvo e o direito reto; a orelha é definida por dois traços retos, paralelos entre si; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical reto, garrote saliente, dorso reto e garupa convexa; a cauda é definida por dois curtos traços paralelos entre si; a nádega é convexa; a pata traseira é modelada, com distinção da coxa, jarrete e canela; a linha ventral é proeminente e algo sinuosa; uma das patas dianteiras apresenta bordo cranial reto e caudal modelado, nele se observando o cotovelo do animal, enquanto da outra só se observa o bordo caudal reto; dispõem-se ambas em perfil uniangular; o bordo traqueal é reto; refira-se também a existência de um limite interno ao nível do ventre.

As restantes incisões configuram unidades gráficas não figurativas; a **VC32-03** associa-se uma da chave XIa. Para a sua esquerda observa-se uma da IIIa e três da XIa. A **VC32-03** e **VC32-04** associam-se uma da IIIa e uma da XIb. Para a direita dos animais reconhece-se ainda uma da Vb, uma da IXc, sete da XIa, três da XIb e uma da XId.

O painel da direita é de forma subtrapezoidal; aí só se identificam unidades gráficas não figurativas conseguidas por incisão. Reconhece-se uma da IXab, uma da IXb, uma da X, catorze da XIa, sete da XIb e uma da XIc.

1.15. Vale da Casa

Rocha 26 (Fig. 165): A rocha encontra-se referida na bibliografia desde 2002 (Baptista & García, 2002, 191). Localiza-se na margem direita do Vale da Casa, a uma cota de 159 m. Corresponde a um painel vertical, orientado para este, de forma subtriangular; apresenta superfície regular e lisa; a cor é castanho-alaranjada; encontra-se mutilada no topo, encontrando-se os fragmentos resultantes dessa mutilação no Museu do Côa.

A única figuração animal identificada corresponde a uma cerva estriada orientada para a direita (**VCs26-01**); a zona da cabeça encontra-se algo destruída, devendo aquela ser de morfologia subtriangular, os arranques da linha fronto-nasal e da ganacha são retas; a orelha é afilada; o pescoço é encurvado e de morfologia tubular; o dorso é algo reto e a garupa convexa; as patas traseiras encontram-se representadas em perfil biangular reto, nelas se reconhecendo as coxas triangulares e as canelas retas; a linha ventral é algo convexa; a pata dianteira é retilínea, terminando num casco fendido; o peito é algo convexo.

As restantes figurações correspondem a unidades gráficas não figurativas. A **VCs26-01** associam-se uma da chave IXbb, três da XIa, três da XIb, duas da XIc, uma da XId e uma da XIII (picotada). Por cima do animal observa-se seis da XIa e quatro da XIb. À direita da figura descortina-se três da VIIa, uma da IXaa, uma da IXab, duas da X, treze da XIa, oito da XIb, duas da XIc, duas da XId e uma da XIIIb. Por baixo do animal identifica-se uma da VIII, duas da IXa, uma da IXaa, duas da IXab, treze da XIa, cinco da XIb, seis da XIc e duas da XIIIb.

1.16. Canada da Moreira

Rocha 7 (Figs. 166 e 167): Está referida na bibliografia desde 2008, ano em que se publica foto dos auroques aí presentes

(Baptista & Reis, 2008a, 178, fig. 14, 189). O decalque com o dispositivo paleolítico é publicado em 2015 (Santos, Sanches & Teixeira, 2015, 128, fig. 5). Localiza-se na margem esquerda da Canada da Moreira (um subsidiário da margem esquerda do Douro), a uma altitude de cerca de 300 m. Corresponde a um amplo paredão de cor castanho-alaranjada onde fraturas e *toppling* permitem a distinção de vários painéis orientados para és-sudeste. Pela rocha distribuem-se gravuras de cronologia paleolítica e da Idade do Ferro. Como tem sido norma neste trabalho apenas nos debruçaremos sobre as primeiras.

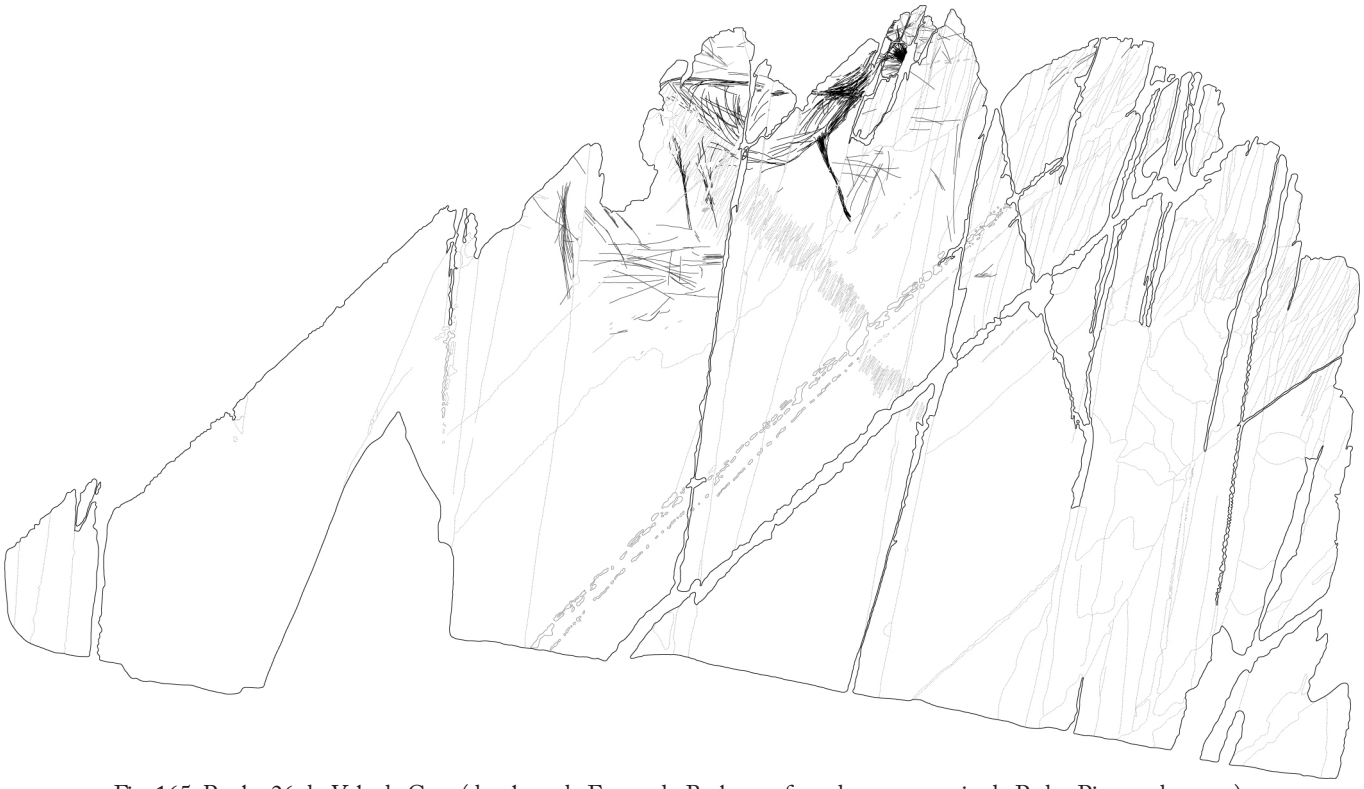


Fig. 165: Rocha 26 do Vale da Casa (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Pedro Pinto e do autor).

Dos painéis decalcados apenas em dois se identificaram gravuras pleistocénicas. Encontram-se ambos sensivelmente ao centro da rocha; um destes apresenta forma sub-retangular, microtopografia regular e textura porosa. Apenas se identifica uma unidade gráfica. Trata-se da cabeça de um auroque definida por contorno simples e múltiplo, orientada para a direita (**CM07-01**); a cabeça é campanulada, com linha fronto-nasal reta, focinho convexo e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca e uma narina; a marrafa é suboval; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o direito curvo e o esquerdo em forma de S; o bordo cervical e o arranque do dorso são definidos por um bordo côncavo.

O outro painel encontra-se imediatamente à direita; dispõe também de forma sub-retangular, apresentando a sua superfície caraterísticas idênticas à do anterior; aí observa-se quatro animais – dois auroque e duas cabras-monteses (Fig. 167). Os auroques, parcialmente sobrepostos, apresentam dimensões mais grandes que as cabras-monteses, sendo ambos definidos por contorno múltiplo e orientados para a esquerda. O que se encontra numa posição mais elevada (**CM07-02**) apresenta cabeça campanulada, com linha fronto-nasal algo côncava, focinho e bordo ventral convexos; no interior observa-se a zona do focinho globular e o olho amendoado; a marrafa encontra-se representada entre os cornos; estes dispõem-se em perfil biangular oblíquo, sendo o esquerdo em forma de S e o direito curvo; a orelha é extremamente realista; a cérvico-dorsal apresenta cernelha saliente e dorso côncavo; da pata traseira observa-se a canela e o esboço do casco e da subunha; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata dianteira é extremamente modelada, com representação do antebraço, joelho, canela, casco e subunha; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

O outro auroque (**CM07-03**) apresenta caraterísticas muito semelhantes; as diferenças prendem-se apenas com os cornos (desta feita representados segundo uma vista zenital em perfil biangular reto), com a garupa angulosa e com a nádega convexa (elementos anatómicos que faltam ao auroque anterior, devido à fratura do suporte).

As duas cabras-monteses são parcialmente sobrepostas pela pata dianteira do animal anterior; encontram-se ambas orientadas para a direita, sobrepondo-se parcialmente; embora se encontrem ambas inclinadas, uma (**CM07-04**) encontra-se mais que a outra (**CM07-05**). A primeira é definida por contorno simples e múltiplo (cabeça e dorso); a cabeça é de forma subtriangular; a linha fronto-nasal é modelada com fronte convexa e chanfro reto; o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; o focinho é convexo; os dois cornos são curtos, curvos e atirados para trás em perfil biangular oblíquo; a cérvico-dorsal apresenta bordo cervical

côncavo, ténue garrote, dorso reto e garupa convexa; a cauda é linear e curta; a nádega é convexa; no bordo cranial da pata traseira observa-se a coxa e a canela; a linha ventral é profundamente convexa; a pata dianteira é subtriangular; o peito/ bordo ventral do pescoço é reto.



Fig. 166: Rocha 7 da Canada da Moreira (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Marcelo Silvestre e do autor).

CM07-05 é muito semelhante; a cabeça é mais oblonga, sendo estriada e nela se reconhecendo o olho; apresenta uma orelha apontada e uma cauda subtriangular; na pata traseira observa-se também o bordo caudal algo modelado; as duas patas dianteiras encontram-se representadas em perfil uniangular; observa-se ainda distinção clara entre o peito convexo e o bordo traqueal reto.

As restantes incisões do painel configuram unidades gráficas não figurativas. A **CM07-02** associa-se uma da chave VIIa. A **CM07-02** e **CM07-03** associam-se cinco da XIa e três da XIb. A **CM07-02**, **CM07-03** e **Co07-04** associa-se uma da IIIc. Acima de **CM07-02** observa-se uma da IXab e uma da XIa. A **CM07-03** associam-se uma da IXaa e duas da XIa. A **CM07-03**, **CM07-04** e **CM07-05** associa-se uma da XIa. Abaixo de **CM07-03** observa-se uma da XIa. Associadas a **CM07-04** e **CM07-05** encontra-se

uma da XIb. À esquerda daqueles capríneos observa-se uma da XIa. Na zona superior do painel encontra-se ainda uma da IXab, oito da XIa, duas da XIb e quatro da XIIIb.



Fig. 167: Detalhe das unidades figurativas do painel direito da rocha 7 da Canada da Moreira.

2. Vale do Águeda

2.1. Redor do Porco

Rocha 1 (Fig. 168): Foi descoberto por Mário Reis em 2011, tendo sido publicado por este autor e por António Martinho Baptista nesse mesmo ano (Baptista & Reis, 2011). Implanta-se em vertente declivosa da margem esquerda do Águeda, entre duas linhas de água que se juntam uns metros abaixo antes de confluírem naquele rio.

Apenas se identificou um espaço parietal onde se observa auroque picotado e abradido, orientado para a direita (**RP01-01**). Apresenta cabeça sub-retangular, com fronto-nasal côncava, bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto e focinho sub-retilíneo: no interior da cabeça observa-se dois traços que poderão representar a boca e uma narina ou duas narinas em perfil biangular reto. Os cornos dispõem-se em perfil biangular reto sendo separados por marrafa convexa. Atrás do corno direito observa-se uma orelha linear. O animal presenta bordo cervical côncavo, cernelha convexa e dorso reto; a garupa é angulosa e a raiz da cauda triangular; o troço da cauda é linear e algo arqueado; a nádega é convexa; a pata traseira é definida por bordo cranial côncavo e caudal convexo, separado da nádega por concavidade profunda; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilheira reta; a pata traseira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o peito é convexo e o bordo traqueal reto.

Para a esquerda do bordo caudal da pata dianteira observa-se um traço curvo subparalelo a esse bordo e algo encurvado que pode representar o segundo membro torácico (aparecendo, neste caso, os dois em perfil uniangular) ou uma unidade gráfica da chave XIa associada ao animal. Um traço inciso subparalelo à cilheira do animal poderá corresponder quer a esboço prévio, quer a outra unidade não figurativa da mesma chave que a anterior.



Fig. 168: Rocha 1 de Redor do Porco (decalque de Fernando Barbosa).

3. Vale do Sabor

3.1. Sampaio

Rocha 1 (Fig. 169): Foi identificada por Mário Reis em 2001, tendo sido dado a conhecer nesse mesmo ano (Baptista, 2001b, 202). Contudo, a rocha só será alvo de tratamento mais aprofundado em 2009 (*idem*, 2009a, 200-203), quando são publicados os desenhos sobre os quais trabalhámos.

Localiza-se na margem direita do Sabor, a pouco menos de um quilómetro para jusante da ponte de Valbom. Localiza-se cerca do leito natural do Sabor a cerca de 495 m. Trata-se de um afloramento de xisto de cor castanho-alaranjada onde se identificam três sectores gravados.

O primeiro encontra-se a uma altitude mais elevada, correspondendo a painel vertical orientado para és-sudeste. Nele apenas se observa auroque picotado, orientado para a esquerda (**Sa01-01**). A cabeça apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é algo convexo e o bordo ventral da cabeça apresenta ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se boca e narina lineares, assim como olho circular; os cornos dispõem-se em perspetiva biangular oblíqua, surgindo a marrafa, parcialmente definida por relevo da rocha; a orelha é contornada e a cérvico-dorsal sinuosa, com cernelha proeminente, dorso suave e garupa angulosa; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo, sendo também convexo o bordo ventral do tronco; apenas uma pata por par foi representada, sendo a dianteira definida por dois bordos retos e a traseira apenas pelo bordo cranial, que é também reto. A este animal associa-se uma unidade gráfica da chave XIa.

O segundo sector encontra-se mais abaixo, correspondendo a painel sub-horizontal orientado para és-nordeste. Observa-se uma cabeça de auroque (**Sa01-02**) e um auroque completo (**Sa01-03**), ambos picotados e orientados para a direita. Do primeiro observa-se o garrote proeminente, o bordo cervical côncavo, a linha fronto-nasal reta, o focinho convexo, a ganacha reta e separada do queixo convexo por estrangulamento pronunciado.

Sa01-03 apresenta cabeça com fronte convexa e chanfro reto, focinho convexo, ganacha convexa e queixo côncavo; no interior da cabeça observa-se delimitação do focinho, boca e narina lineares e olho circular; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo, reconhecendo-se a marrafa convexa entre eles; a cérvico-dorsal apresenta cernelha proeminente, dorso reto e garupa angulosa; a anca é convexa, assim como o ventre; a cilheira é suavemente côncava, assim como o bordo traqueal; o peito é discreto; apenas uma pata por par estão representadas, sendo ambas definidas por bordos simples.

Para além de alguns picotados soltos, observa-se ainda nove unidades da chave XIa localizadas para a direita de **Sa01-03**.

Mais para baixo localiza-se o último sector que atualmente se divide em dois painéis que se dispõem um sobre o outro, encontrando-se o de cima algo deslocado; o de baixo, ainda *in situ*, dispõe-se na vertical e orienta-se para és-sudeste. Observa-se um auroque com duas cabeças, picotado e orientado para a esquerda (**Sa01-04**); as caraterísticas são muito semelhantes às de **Sa01-01**. As diferenças fundamentais prendem-se com a existência de duas patas dianteiras dispostas em perfil biangular oblíquo, observando-se o arranque dos cascos; patas e linha ventral localizam-se no painel inferior, superfície onde se observa ainda o que poderão ser três unidades gráficas não figurativas da chave XIa.

3.2. Pousadouro

Rocha 1 (Fig. 170): A rocha foi descoberta por António Luís Pereira, Celina Martins e Mário Reis em 2001, tendo sido dada a conhecer em 2001 (Baptista, 2001b, 202). Uma publicação mais aprofundada, onde são dados a conhecer os decalques sobre os quais trabalhámos, surge apenas em 2009 (Baptista, 2009a, 204-207). Localiza-se na margem direita da ribeira do Pousadouro, a cerca de 50 m para montante da confluência daquela como o Sabor, que se dá na margem direita deste. Localiza-se na zona mais alta do vale, a cerca de 470 m de altitude absoluta e 20 m acima do leito do Sabor.

Identificam-se dois painéis de xisto subverticais, orientados *grosso modo* para oeste e um sub-horizontal orientado para norte. Estas superfícies encontram-se protegidas pelo paredão ao qual se juntam a sul, e que forma aqui pequeno abrigo.

No maior dos painéis (Fig. 169a) observa-se sete animais. Destes, seis fazem parte de uma sequência estratigráfica. Na base da mesma observa-se dois prótomos de cavalos (**Po01-06** e **Po01-07**), a representação parcial de um veado (**Po01-05**) e a possível representação parcial de uma cerva (**Po01-02**).

O centro do painel é ocupado pelo veado **Po01-05**, picotado e orientado para a direita. Encontra-se praticamente reduzido à sua metade cranial. A cabeça dispõe de fronto-nasal e focinho retos, sendo o bordo ventral da mesma algo côncavo; no interior observa-se boca linear; a cabeça é encimada por estoque e contraestoque, observando-se atrás a orelha linear; a cérvico-dorsal e o bordo traqueal são ambos retos.

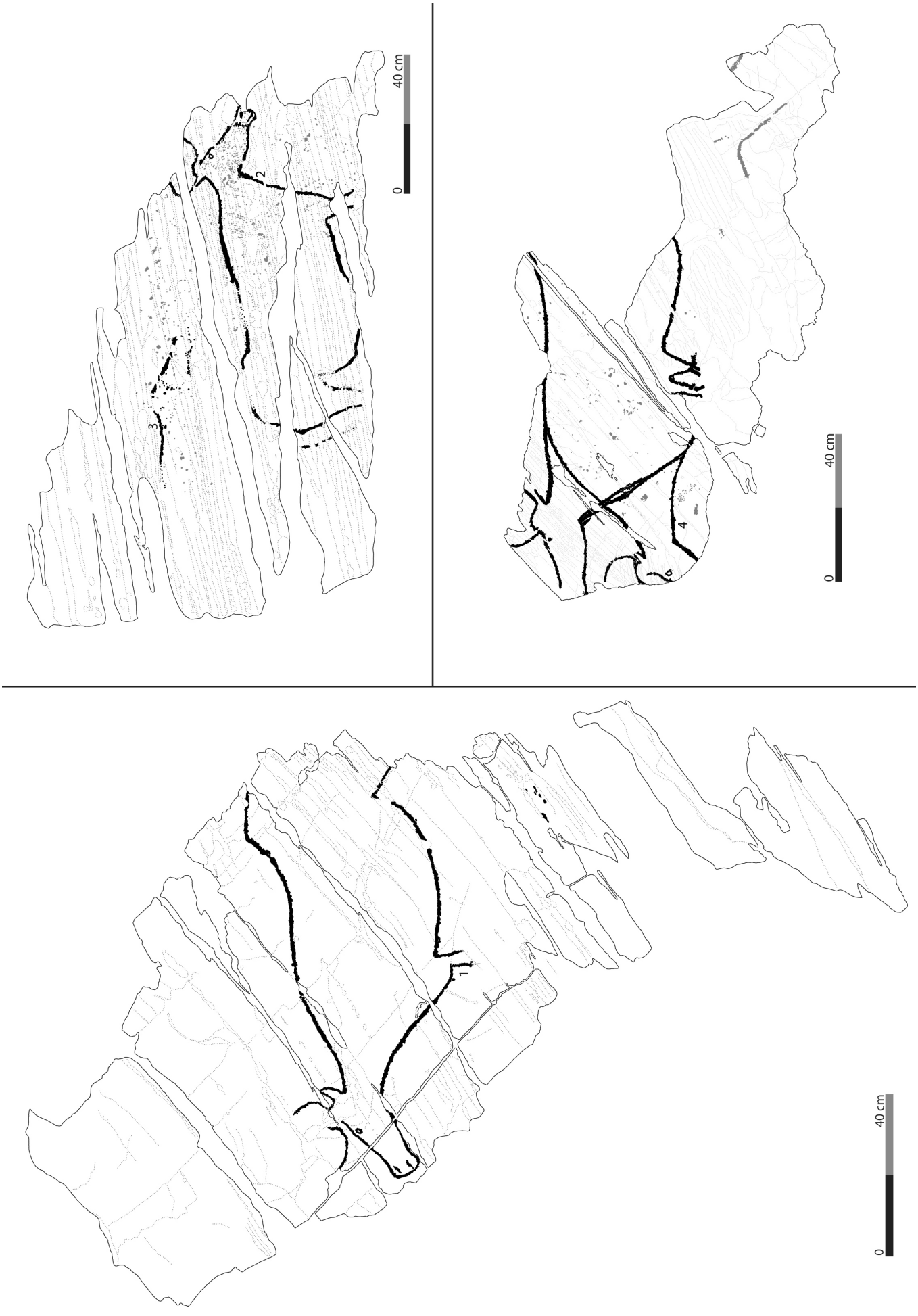


Fig. 169: Os painéis do sítio de Sampaio (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, João Félix e Emmanuel Guy).

Po01-07 encontra-se imediatamente à direita, sendo picotado e orientado para a direita. A linha fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é convexo, apresentando o bordo ventral da cabeça ganacha convexa e queixo reto; na extremidade cranial da fronte observa-se orelha linear e atrás a crineira.

Ainda mais para a direita observa-se **Po01-06**, que se orienta para essa direção e é igualmente picotado. A fronto-nasal apresenta fronte convexa e chanfro reto; o focinho é convexo e o bordo ventral apresenta ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se a boca linear; a crineira é convexa, não chegando a unir-se à fronte; do bordo crinal apenas se observa vestígios, sendo difícil a sua caraterização.

Po01-02 localiza-se para a esquerda de **Po01-05**, sendo picotada e parcialmente abradida. É difícil perceber o sentido das sobreposições que envolvem esta figura e **Po01-03,** que encima a sequência. Parece-nos, no entanto, que é a cerva o animal mais antigo. A sua relação com **Po01-05** parece-nos evidente, quer porque ambos se encontram reduzidos às suas metades craniais, quer porque a justaposição entre os bordos dorsal do veado e ventral da cerva a isso nos impelem.

A cerva dispõe de uma cabeça com fronte convexa e chanfro reto; o focinho e o bordo ventral são igualmente retos; as orelhas são lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é algo côncavo e o garrote evidente; o bordo traqueal é reto e o peito discreto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos e a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira reta.

Sobre **Po01-05**, **Po01-06** e **Po01-07** foi gravado, por picotagem e abrasão parcial, cavalo orientado para a direita (**Po01-04**). Da cabeça só nos resta o focinho reto e o bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto; no interior observa-se boca linear. Da crineira não se observa a extremidade distal, apresentando esta forma convexa e bordo crinal reto; a cérvico-dorsal apresenta dorso côncavo e garupa convexa; a cauda linear é comprida e arqueada; apenas se representou uma pata por par, sendo a traseira definida por dois bordos curvos para o exterior e a dianteira por um bordo caudal curvo para o exterior, e um cranial curvo para o interior; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; o bordo traqueal é algo convexo e o peito proeminente.

A sequência é encimada por grande cavalo picotado e abradido orientado para a esquerda (**Po01-03**). A sua cabeça apresenta fronte reta e chanfro convexo; convexo é também o focinho e a ganacha, sendo o queixo côncavo; no interior observa-se olho oval, a narina e a boca linear; a orelha é também linear, localizando-se atrás dela a terminação da crineira em ponta; esta apresenta perfil convexo e bordo crinal côncavo; a cérvico-dorsal apresenta garrote evidente, dorso reto e garupa convexa; a anca é também convexa e a cauda linear e arqueada; dos membros traseiros apenas se representou uma pata, sendo esta definida por dois bordos curvos e terminada por casco algo naturalista; as duas patas da frente são definidas por dois bordos algo modelados, nelas se reconhecendo os cotovelos. Dispõem-se em perfil biangular oblíquo, parecendo ter sido igualmente terminadas por cascos, hoje desaparecidos devido a fracturação do suporte; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo.

Acima desta sequência observa-se o derradeiro animal do painel que corresponde a cavalo, globalmente picotado e abradido, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para baixo (**Po01-01**). A extremidade distal da pata dianteira e parte de um dos bordos traqueais são definidos por incisão, na sua modalidade múltipla. Possuiria duas cabeças que entretanto terão desaparecido devido a fratura do suporte. Os bordos traqueais remanescentes são retos e o peito discreto; a linha cérvico dorsal apresenta dorso reto e garupa convexa; a cauda é linear e a anca convexa; da pata traseira só se observa com clareza o bordo cranial, que é curvo para o exterior; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos, ligeiramente infletidos na zona do cotovelo.

As restantes unidades gráficas são não figurativas. A **Po01-01** associam-se uma da chave XIa, duas da XIb, duas da XId e uma da XIIIb, sendo esta picotada e as restantes incisas. Entre **Po01-01** e **Po01-04** observa-se uma unidade da chave XIa incisa. A **Po01-04** e **Po01-06** associa-se uma unidade da chave da XIa picotada. A **Po01-06** associam-se duas unidades da chave XIc incisas. A maior parte das unidades encontra-se, acima dos animais, sendo todas incisas: uma da chave Ib, três da VIIa, duas da IXa, duas da IXaa, duas da IXab, uma da IXba, uma da IXbb, uma da IXc, uma da X, dezanove da XIa, onze da XIb, oito da XIc e quatro da XId.

O segundo painel (Fig. 169b) encontra-se num plano mais avançado, a uma altitude mais baixa e algo mais para a direita. Apenas se observa um cavalo picotado orientado para a direita (**Po01-08**), ao qual falta a cabeça por fratura do suporte. A tábua do pescoço é limitada dorsalmente por bordo crinal ou crineira convexa; o bordo traqueal é convexo e indistinto do peito; Observa-se o arranque de duas patas dianteiras e o que poderá corresponder a vestígios de um casco; a linha ventral é convexa, assim como a anca; a pata traseira é bastante modelada, nela se observando representação do jarrete e casco; a cauda é linear.

Na zona da cabeça do animal observa-se outros traços picotados, tendo um destes sido interpretado como focinho do cavalo que se encontraria com a cabeça a olhar para trás (Baptista, 2009, 205). Pensamos ser difícil sustentar esta interpretação, podendo o traço corresponder, por exemplo à cabeça de um outro animal orientado para a esquerda. Dadas estas dúvidas, estes traços, assim como outros vestígios picotados, quer deste painel, quer do constituído pela face setentrional do bloco (Fig. 169c) onde se encontra, não foram por nós considerados na análise.

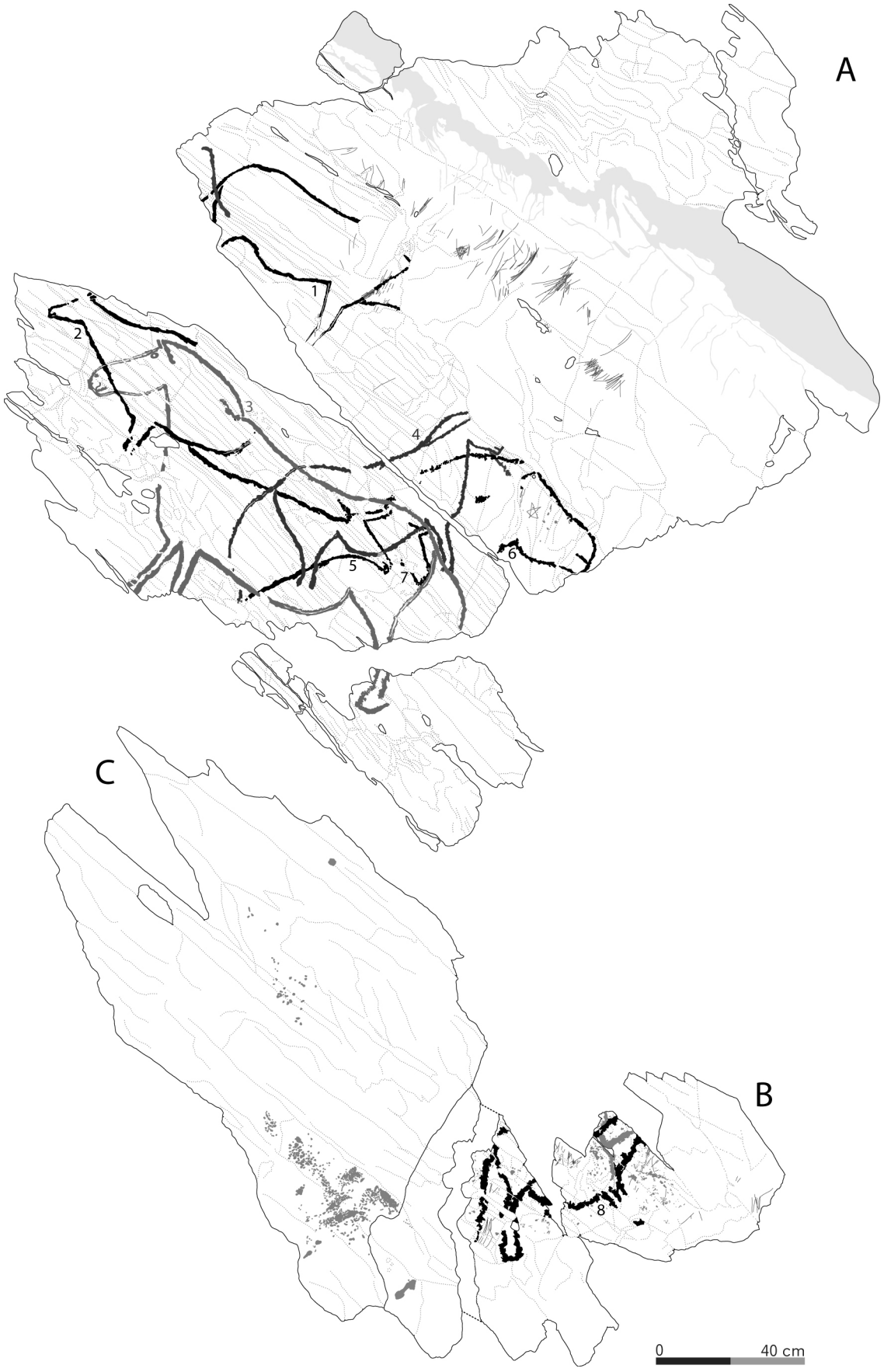


Fig. 170: Painéis do Pousadouro (decalques de F. Barbosa, efetuados com o apoio de M. Almeida, J. Félix e E.Guy).

Como tem sido habitual, apenas teremos em conta as unidades gráficas não figurativas que foram conseguidas por incisão. Associam-se diretamente ao cavalo uma unidade da chave IIa, duas da IXa, uma da IXbb, uma da X, nove da XIa, quatro da XIb e cinco da XIc. À sua volta descobre-se ainda uma da chave VIIa, uma da IXb, oito da XIa, três da XIb e quatro da XId.

3.3. Fraga Escrevida

Rocha 1 (Fig. 171): Foi identificada pelo abade de Baçal (Alves, 1934, 567, 643-644) que, no entanto, apenas observou as figurações históricas aí presentes. Os grafismos paleolíticos apenas foram reconhecidas por Mário Reis em 2001, tendo o sítio sido dado a conhecer nesse mesmo ano (Baptista, 2001b, 202). Como as restantes estações do Sabor que temos vindo a tratar, esta só será alvo de tratamento mais aprofundado em 2009 (*idem*, 2009a, 200-2003), quando é publicado o decalque que utilizámos como referência.

Localiza-se na margem direita do Sabor, em vertente bastante declivosa, sensivelmente a meia-encosta, a uma cota de cerca 450 m. Trata-se de um afloramento integrável no complexo vulcano-silicioso de Trás-os-Montes que se localiza na base de um caos de blocos.

Apenas se observa um painel vertical orientado para sul. Sob um dispositivo gráfico de idade histórica identifica-se vestígios de um mais antigo conseguido por picotagem.

Este é constituído por, pelo menos, dois animais. O mais evidente corresponde a enorme auroque orientado para a direita (**FE01-01**) com uma possante cabeça definida por linha fronto-nasal côncava, focinho convexo e bordo ventral convexo-reto; a presenta bordo cervical côncavo, cernelha proeminente e dorso reto; a zona da garupa desapareceu devido a fratura do suporte; a raiz da causa é triangular e o seu troço linear e de contorno irregular; a pata traseira é definida por dois bordos curvos para o exterior; a linha ventral apresenta ventre convexo e cilheira côncava; à frente observa-se duas patas de forma subtriangular, dispostas em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é côncavo e o peito imperceptível.

Observa-se ainda vestígios de um segundo animal, também orientado para a direita (**FE01-02**), sendo difícil perceber em que sentido se dá a relação de sobreposição estabelecida com a figura antes descrita. Este animal apresenta bordo cervical côncavo, garrote muito proeminente, dorso reto e garupa convexa; observa-se ainda o arranque de uma pata traseira definida por bordos retos e uma linha ventral convexa; à frente observa-se o que poderão ser duas patas lineares dispostas em perfil biangular oblíquo; o peito é indistinto e o bordo traqueal profundamente arqueado; da cabeça apenas se observa a mandíbula com a ganacha convexa e a tábua do queixo reta. Pese embora a garupa convexa, quer o garrote proeminente quer as semelhanças ao nível do pescoço e do bordo ventral da cabeça com **Pi24-19**, levam-nos a interpretar esta figura como um auroque.

Observa-se ainda três traços picotados curvos que poderão corresponder a unidade gráficas não figurativas da chave XIa, associando-se uma a cada um dos animais e a terceira aos dois em simultâneo.



Fig. 171: Rocha 1 da Fraga Escrevida (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida).

3.4. Ribeira da Sardinha

Rocha 1 (Fig. 172): A rocha foi descoberta por Miguel Rodrigues em 1997, tendo sido dada a conhecer em 2001 por Martinho Baptista (Baptista, 2001a, 191-192) e de novo alvo da atenção deste autor em 2009 (*idem*, 2009a, 196-197). Mais recentemente reestudada por Joana Teixeira, que veio a precisar alguns detalhes, tendo esta autora identificado os picotados existentes na extremidade do corno "natural" do animal aqui representado. Localiza-se na margem esquerda da ribeira da Sardinha, um afluente da margem esquerda do Sabor, a cerca de 200 m para sul da confluência natural de ambos. Hoje encontra-se submersa pela barragem do Sabor. Trata-se de um painel de xisto (formação da Desejosa), de cor castanho-acinzentada, orientado *grosso modo* para leste.

Apenas se observa representação parcial de auroque picotado orientado para a esquerda (**RS01-01**). A cabeça é de forma campanulada, com fronto-nasal e bordo ventral convexo-retos e focinho algo convexo e bem destacado; da linha cérvico-dorsal observa-se o bordo cervical côncavo, a cernelha proeminente e o arranque do dorso; o bordo traqueal é reto. Uma fissura é utilizada como corno, aparecendo alguns picotados no que seria a extremidade distal do mesmo.

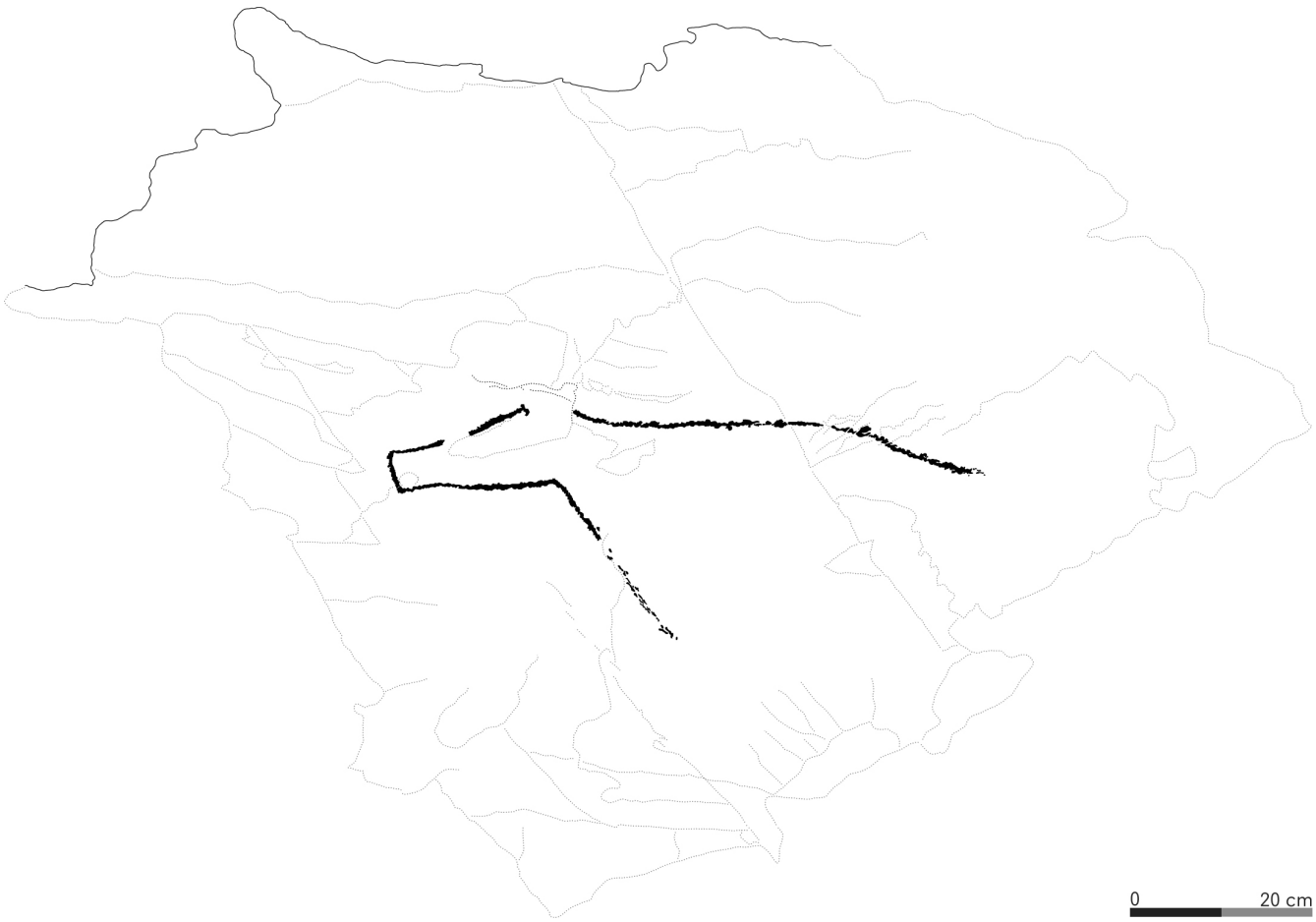


Fig. 172: Rocha 1 da Ribeira da Sardinha (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida e João Félix).

4. Outros sítios isolados do Vale do Douro

4.1. Mazouco

Rocha 1 (Fig. 173): Foi identificada por Nélson Rebanda em 1981, tendo sido dada a conhecer à comunidade científica ainda esse ano (Jorge *et alii*, 1981). O sítio é alvo de diversos trabalhos da responsabilidade da equipa que o publicou originalmente (Jorge *et alii*, 1981-1982; 1982), de Balbín e Alcolea (1992, 436-441), de Mário Varela Gomes (1994) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (Baptista, 2009a, 194-195).

Localiza-se na margem direita da ribeira de Albargueira a poucos metros para montante da sua confluência com o Douro; localiza-se a 215 m de altitude absoluta. Trata-se de um afloramento de xisto (formação de Pinhão) onde se observa três painéis subverticais orientados para su-sudeste.



Fig. 173: Rocha 1 de Mazouco (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. M. Baptista e J. Félix).

O painel que melhor se observa trata-se do que se situa a cota mais baixa e para a esquerda, nele se reconhecendo um equídeo orientado para a direita, que foi até recentemente alvo de reavivamentos (**Ma01-01**). O cavalo começou por ser delineado por incisão múltipla — sendo os vestígios particularmente evidentes na zona dos quartos traseiros — e em seguida picotado e abradido. Como

outras figuras paleolíticas que referimos no momento próprio parece apresentar diversos *layouts* na zona dos quartos traseiros e do bordo ventral do tronco. à cabeça falta-lhe a ponta do focinho, sendo a fronto-nasal reta e a mandíbula convexo-côncava; no interior observa-se um olho em forma de ponto; a crineira é convexa e o bordo crinal reto; o dorso é profundamente côncavo e a garupa convexa; as patas dianteiras, dispostas em perfil biangular oblíquo, são algo modeladas e terminadas em cascos, reconhecendo-se acima do da direita o esporão; o bordo traqueal é côncavo e o peito convexo. Nos quartos traseiros observa-se pelo menos três *layouts*. O mais antigo, definido por incisão simples e múltipla é composto por apenas uma pata traseira definida por bordos simples paralelos entre si e por uma nádega arredondada; um segundo *layout*, executado por picotagem e abrasão, carateriza-se pela existência de duas patas, dispostas em perfil biangular oblíquo, de forma *grosso modo* triangulares, sendo encimadas por cauda arqueada e às quais se junta bordo ventral convexo provido de bainha. O terceiro *layout* (não necessariamente o mais recente) dispõe de cauda linear e arqueada, nádega convexa, uma pata traseira definida por bordo cranial curvo e bordo ventral do tronco convexo.

A esta figura associam-se duas unidades não figurativas da chave VIIa, duas da IXa, uma da IXaa, uma da IXb, uma da IXbb, duas da X, dezassete da XIa, sete da XIb, duas da XIc e uma da XIIc. São todas picotadas com exceção de uma da chave XIc e outra da XIIc. Em sua volta observa-se ainda três da XIa e uma da XIb, todas incisas.

Imediatamente à direita localiza-se outro painel. Aqui observa-se os quartos traseiros de um quadrúpede picotado e abradido orientado para a direita (**Ma01-02**). A pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes, a nádega é arredondada, assim como a garupa; a cauda é linear e curta, e o arranque do ventre é reto.

Para a direita observa-se o que poderá ser o bordo caudal da pata traseira, anca convexa e cauda de animal picotado e abradido orientado para a direita (**Ma01-03**).

O terceiro painel encontra-se acima do primeiro, nele se observando os quartos traseiros de um cervídeo (diagnóstico a partir da cauda) picotado e abradido orientado para a direita (**M01-04**); observa-se uma cauda curta e tombada sobre a nádega convexa, definida por dois traços paralelos; a pata traseira é definida por dois bordos curvos divergentes, formando ângulo apertado com o arranque do ventre. Em cima, à direita observa-se o que poderá ser a haste deste cervídeo, nela se observando a coroa composta por duas pontas e o arranque do contraestoque; a ser correta esta interpretação (lembremo-nos que também Varela Gomes via aqui as hastes de um veado), a haste encontrar-se-ia contornada. Para a esquerda observa-se outros dois traços cujo elevado estado de degradação do painel não permite interpretar com rigor. Refira-se que, pertencendo estas hastes aos quartos traseiros referidos antes, podemos levantar a hipótese da fratura abaixo das hastes ter sido interpretada como dorso do animal.

4.2. Fraga do Gato

Rocha 1 (Fig. 174): A rocha foi identificada por N. Rebanda em 1992 (Gomes, 2006, 104). Foi posteriormente estudada pelo CNART, e publicada em 2009 (Baptista, 2009a, 226-228). Encontra-se em esporão virado a sul, numa bancada de xistos aregianos, de orientação *grosso modo* este—oeste, que definem setentrionalmente uma chã algo aplanada. As figurações encontram-se num painel vertical orientado a leste, existente em recanto dessa bancada. Trata-se de superfície plana e regular, de cora castanho-alaranjada.

Observa-se estrigídeo pintado a negro (**FG01-01**) e possível lontra pintada a vermelho (**FG01-02**). O primeiro encontra-se na base da estratigrafia, dispondo-se em perspetiva frontal Observa-se uma cabeça bem delimitada com olhos circulares e bico linear no interior, sendo encimada pelo par de tufos de penas dispostos na vertical. O corpo é oblongo, encurvando na zona caudal; no interior observa-se várias manchas que poderão representar diferenças cromáticas aí existentes.

FG01-02 apresenta cabeça curta e oblonga com fronto-nasal algo irregular, focinho largo e convexo e bordo ventral reto e curto; a nuca é convexa e o bordo cervical côncavo; a cérvico-dorsal é convexa prolongando-se por pata traseira linear; a linha ventral é tendencialmente reta, observando-se subtil estrangulamento entre o ventre e a cilheira; as patas dianteiras são também lineares, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é algo côncavo e indistinto do peito. Ao nível do repertório não figurativo, registe-se apenas a possível existência de uma unidade da chave XIa pintada a negro mas associada aos dois animais em simultâneo.

4.3. Abrigo de Foz Tua

Painel 31 (Fig. 175): Sítio identificado por Joana Teixeira e Joana Valdez-Tullett em 2010 (Sanches & Teixeira, 2013; Valdez-Tullett, 2013; Santos, Sanches & Teixeira, 2015, 125-127). O painel em causa é de formato vertical e orienta-se a leste, apresentando uma superfície plana mas rugosa. Apresenta uma cor castanho-alaranjada e orienta-se sensivelmente para leste. Destaque-se a forte colonização liquénica que se observa no lado esquerdo do painel.

A figura que se localiza mais à esquerda corresponde a veado picotado orientado para a direita (**FT31-01)**. Apresenta cabeça triangular com bordos dorsal e ventral retos e focinho apontado e convexo; a nuca é triangular, sendo encimada por estoque e duas orelhas dispostas em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical é côncavo e o garrote evidente; a cauda é linear, curta e arqueada; a

nádega é reta, prolongando-se pelo bordo caudal da única pata traseira representada; o bordo ventral do tronco é convexo; a única pata traseira é de configuração linear e o bordo traqueal reto é indistinto do peito.

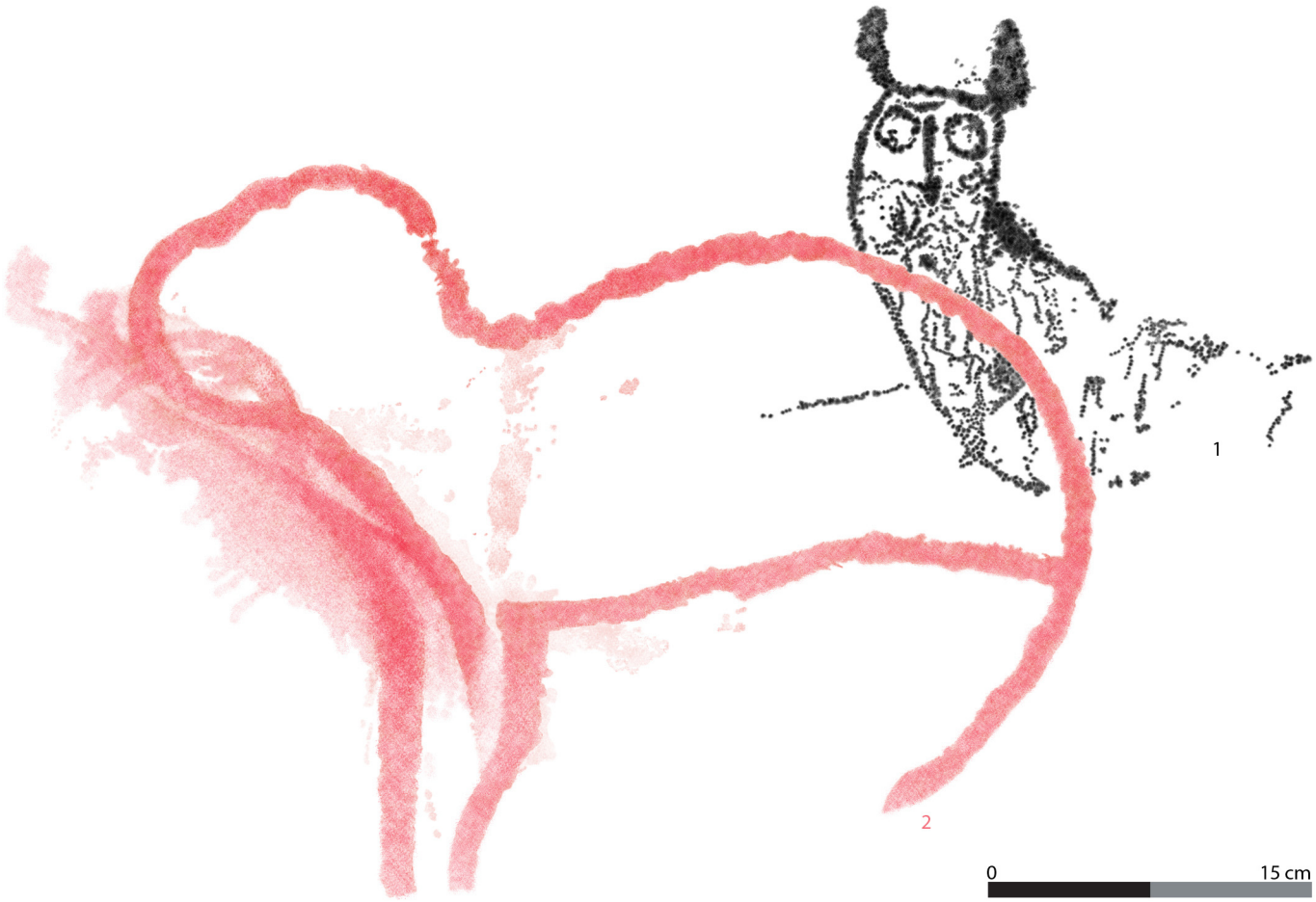


Fig. 174: Unidades gráficas estudadas da Fraga do Gato (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, João Félix, Marcos García e Emmanuel Guy).

Para a direita observa-se a segunda unidade gráfica figurativa do painel, que corresponde a animal fantástico, orientado para a direita, conseguido por picotagem e abrasão, observando-se ainda a incisão pontual (**FT01-02**). O corpo do animal é de cervídeo, apresentando cérvico-dorsal com bordo cervical côncavo, dorso reto e garupa convexa; as patas (apenas uma por par) são definidas por dois bordos retos; no bordo ventral do tronco observa-se a bainha do animal e a cilheira reta. A partir deste corpo desenvolvem-se três zonas capitais de distintos animais. A que se parece relacionar de forma mais direta com o corpo corresponde à de um veado, sendo o seu peito convexo e o bordo traqueal reto; a cabeça é de forma subtriangular com os bordos dorsal e ventral retos e o focinho convexo; no interior observa-se a boca linear e o olho — correspondente a acidente natural da rocha; encima a cabeça uma orelha linear e o arranque do tronco, estoque e contraestoque da haste.

Um segundo pescoço definido por bordo retos sai do corpo do animal, sendo este terminado por duas cabeças que se sobrepõem entre si; a mais antiga é de auroque, apresentando este orelha linear e dois cornos dispostos em perfil biangular oblíquo; a cabeça é maciça, sendo definida por fronto-nasal com clara distinção entre fronte e chanfro, focinho reto e bordo ventral reto, com ressalto entre a ganacha e a tábua do queixo; no interior observa-se delimitação interna do focinho, definida por incisão múltipla. Sobre esta cabeça foi gravada a de um cavalo, com fronto-nasal e focinho convexos e bordo ventral da cabeça com ganacha convexa e queixo côncavo; um traço acima do bordo cervical conforma a crineira que termina um pouco antes da extremidade dos cornos do auroque, que agora poderão ser igualmente lidos como orelhas do cavalo.

Associa-se diretamente a esta figura uma unidade gráfica da chave IXb incisa; para a direita da cabeça do veado observa-se três unidades da chave IXa, três da XIa e duas da XIb, todas incisas. Para baixo de **FT01** observa-se uma unidade não figurativa da chave IXb e duas da XIa, todas picotadas.



Fig. 175: Painel 31 do abrigo de Foz Tua (decalque de Maria de Jesus Sanches, Joana Teixeira, Joana Valdez-Tullett e do autor).

5. Vale do Zêzere

5.1. Costalta

Rocha 1 (Fig. 176): Foi identificado por João Caninas, Francisco Henriques e Armando Barbosa em 2006, e publicado por António Martinho Baptista em 2009 (Baptista, 2009a, 216, 220-223). Trata-se de painel sub-horizontal existente em cima de afloramento alteado em relação aos restantes. Apresenta uma superfície regular e alisada pela ação fluvial. A cor á castanho-acinzentada

Apenas se observa pequeno equídeo picotado orientado para a direita (**Co01-01**); apresenta cabeça com fronto-nasal e ponta do focinho convexos e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; no interior observa-se narina linear e olho em forma de ponto; a crineira apresenta contorno irregular, sendo terminada em ponta e separada do pescoço por bordo crinal côncavo; a linha cérvico-dorsal apresenta contorno irregular, percebendo-se a garupa convexa; a cauda é comprida e pouco definida; a pata traseira é bastante modelada e terminada em caso; a linha ventral é convexa; à frente, as duas patas, ambas lineares, dispõem-se em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal do animal é côncavo e o peito convexo.

Observa-se ainda vários picotados, conformando alguns deles uma unidade gráfica da chave XIIc.

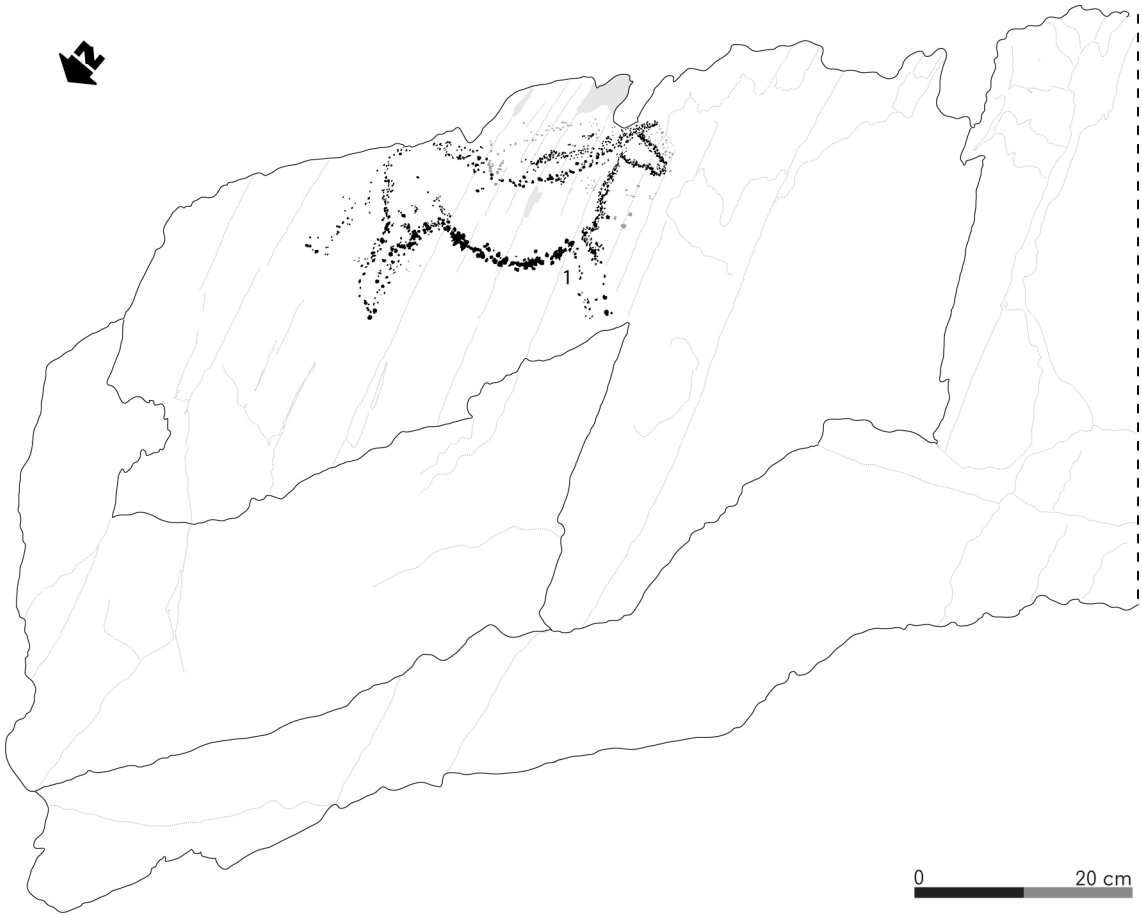


Fig. 176: Rocha 1 da Costalta (decalque de F. Barbosa, apoiado por M. Almeida, A. M. Baptista, D. Correia e pelo autor).

5.2. Poço do Caldeirão

Rocha 1 (Fig. 177): Foi descoberta por Diamantino Gonçalves e Belarmino Lopes em 2003, tendo sido estudada pelo CNART nesse ano e publicada no seguinte (Baptista, 2004). Trata-se de um painel sub-horizontal orientado para noroeste.

A superfície é aplanada e regular, sendo a textura suave. A cor é castanho-acinzentada. Observa-se três equídeos orientados para a direita, executados por picotagem (modalidade B).

O cavalo situado mais à esquerda (**PC01-01**) não dispõe de quartos traseiros, parecendo o animal emergir de uma fissura natural. A cabeça apresenta fronto-nasal convexa. focinho modelado e bordo ventral com ganacha convexa e queixo côncavo; no interior percebe-se a narina, boca e olho; a cabeça é encimada por duas orelhas lineares dispostas em perfil biangular oblíquo; a crineira é convexa vindo a terminar na base da orelha direita do animal; o bordo crinal é convexo e o dorso reto; o bordo traqueal é

também reto e a linha ventral suave; o peito é quase indistinto; a pata dianteira é definida por dois bordos paralelos entre si, nela se observando distinção entre antebraço, cotovelo e braço.

O segundo cavalo localiza-se imediatamente à direita, encontrando-se reduzido à cabeça (**PC01-02**); a cabeça apresenta fronto-nasal profundamente convexa, focinho aberto e bordo ventral reto; distingue-se pelo menos uma orelha; a crineira é reta, assim como o bordo traqueal.



Fig. 177: Rocha 1 do Poço do Caldeirão (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. M. Baptista e J. Félix).

O cavalo remanescente (**PC01-03**) encontra-se algo afastado, aparecendo em posição de salto, com a pata dianteira, definida por dois bordos retos paralelos entre si, lançada para a frente. É muito semelhante a **PC01-01**, encontrando-se igualmente reduzido à metade cranial. Não dispõe, contudo, de detalhes internos na zona da cabeça.

Rocha 2 (Fig. 178): Foi descoberta por Diamantino Gonçalves e Belarmino Lopes em 2003, tendo sido estudada pelo CNART nesse ano e publicada no seguinte (Baptista, 2004). Encontra-se imediatamente em frente do painel anterior, correspondendo a superfície de topografia irregular, muito boleada pela água, de cor castanho-alaranjada. Orienta-se *grosso modo* para sudeste.



Fig. 178: Rocha 2 do Poço do Caldeirão (decalque de Fernando Barbosa, efetuado com o apoio de Manuel Almeida, António Martinho Baptista e João Félix; acrescentos e alterações do autor).

A figura que mais se destaca corresponde a uma cerva picotada orientada para a direita (**Co02-01**). É representada praticamente toda na superfície volta a sudeste, sendo o tronco definido pela vértice formado por este plano e pelo horizontal imediatamente acima, plano esse onde se identificam as orelhas lineares do animal, orelhas essas, dispostas em perfil biangular reto, que não foram registadas no decalque original.

A cabeça é formada por dois bordos retos, paralelos entre si, sendo o focinho deixado em aberto. A cabeça é encimada por duas orelhas lineares, que se dispõem já num plano horizontal da rocha, em perspetiva biangular oblíqua. O bordo cervical é reto e dorso e garupa convexas; a zona da cauda não se representou; a nádega é marcada e a pata traseira definida por dois bordos retos paralelos entre si; a linha ventral é convexa e a pata dianteira definida por dois bordos retos; o peito é côncavo e o bordo traqueal reto; no interior do tronco observa-se o limite da espádua do animal.

Afrontando este animal reconhece-se outra possível cerva picotada, orientada para a esquerda (**Co02-02**); a cabeça apresenta forma sub-retangular com ponta do focinho e bordos dorsal e ventral retos; todo o bordo cérvico-dorsal, zona da nádega e bordo caudal da pata traseira do animal corresponde ao limite entre planos da rocha; o bordo traqueal é reto, a pata dianteira apresenta antebraço triangular e braço linear, o bordo ventral do tronco é sub-retilíneo e o bordo cranial da pata dianteira é reto.

6. Vale do Ocreza

6.1. Foz do Ocreza

Rocha 21 (Fig. 179): Foi identificada em 2000 por Fernando Barbosa, durante um estudo levado a cabo pelo CNART no âmbito dos trabalhos de arqueologia preventiva que se aí se desenrolavam no contexto da construção de troço do IP6, tendo sido publicada no ano seguinte (Baptista, 2001a). Foi posteriormente por Mário Varela Gomes (Gomes, 2010, anexo 2, 551-552). Trata-se de um painel de xisto sub-horizontal, orientado para sudeste; apresenta superfície plana e lisa, sendo esta apenas interrompida por importante lascamento existente no interior do animal.

Apenas se detetou cavalo acéfalo picotado orientado para a direita (**Oc21-01**). Apresenta crineira convexa, dorso reto e garupa convexa, a partir da qual se prolonga cauda linear; a nádega é convexa; da pata traseira apenas se observa o bordo cranial curvo; a pata dianteira é definida por dois bordos algo modelados, paralelos entre si; o bordo ventral do tronco apresenta forma subelíptica; o bordo traqueal é indistinto do peito, sendo ambos os elementos anatómicos indistintos entre si. Observa-se ainda vários picotados dispersos, não formando nenhum deles qualquer forma definível.

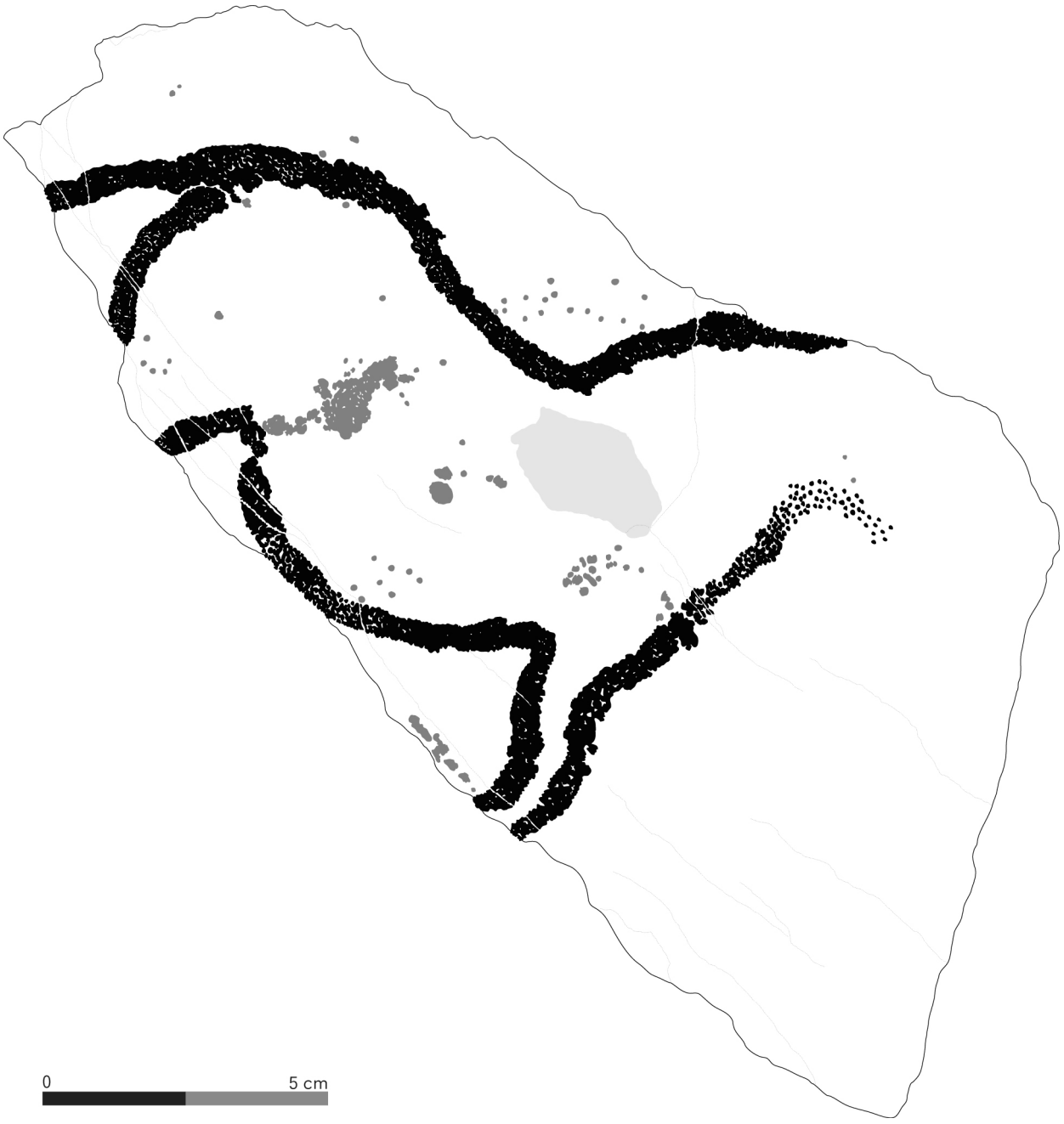


Fig. 179: Rocha 21 do Ocreza (decalque de F. Barbosa, efetuado com o apoio de M. Almeida, A. M. Baptista e J. Félix).

Índice

Agradecimentos..... 5
Resumo..... 7
Abstract..... 8

0. Algumas considerações prévias: notas sobre uma revolução inacabada..... 9
0.1. Os limites geográficos da área de estudo..... 11
0.2. As balizas cronológicas..... 13
0.3. A organização do trabalho..... 14

1. A arte ao ar livre na Europa durante o Paleolítico superior: breve historiografia..... 16
1.1. Suspeições..... 16
1.2. Interlúdio: o estudo da arte paleolítica até 1909..... 17
1.3. De Lalanne a Laming, ou o tempo das exceções..... 21
1.4. 1960-1970: O reinado de Leroi-Gourhan..... 23
1.5. 1981-1994: Do Mazouco ao Côa, ou os antecedentes de uma revolução..... 29
1.6. De 1995 à atualidade, ou da emersão definitiva da arte paleolítica..... 34
1.6.1. O vale do Côa e o seu entorno..... 34
1.6.2. "D. C."... 47
1.7. Em suma..... 51

2. Sobre alguns conceitos e metodologias utilizados ao longo deste trabalho..... 52
2.1. Unidades espaciais de análise..... 52
2.2. As unidades gráficas..... 54
2.2.1 As unidades gráficas figurativas..... 54
2.2.2. As unidades gráficas não figurativas..... 56
2.2.3. A técnica..... 60
2.2.4. As sobreposições..... 63
2.3. As análises estatísticas multivariantes..... 63

3. A classificação do corpus gráfico..... 68
3.1. As abordagens estilísticas nos estudos de arte paleolítica..... 68
3.1.1. Antes das primeiras datações diretas de pinturas..... 68
3.1.1.1. Breuil..... 68
3.1.1.2. Laming-Emperaire..... 70
3.1.1.3. Leroi-Gourhan..... 71
3.1.2. Depois das primeiras datações diretas de pinturas..... 73
3.2. A análise estatística..... 76
3.2.1. Das amostras e dos atributos..... 76
3.2.2. Os resultados..... 79
3.2.2.1. Cavalos..... 79
3.2.2.2. Auroques..... 99
3.2.2.3. Cabras-monteses..... 113
3.2.2.4. Veados..... 125
3.2.2.5. Cervas..... 136
3.2.3 A validação dos resultados..... 145
3.2.3.1. A estratigrafia parietal..... 145
3.2.3.2. A geoarqueologia dos sítios..... 151
3.3. Em suma..... 155

4. A datação das fases....156
4.1. Evidências geoarqueológicas....156
4.2. O contexto arqueológico....158
4.3. Os paralelos estilísticos....166
4.3.1. Fase 1....166
4.3.2. Fase 2....174
4.3.3. Fase 3....185
4.3.4. Fase 4....191
4.4. Em suma....194

5. Análise dos sítios....199
5.1. Vale do Côa....199
5.1.1 Quinta da Moreirola....200
5.1.2. Faia....202
5.1.3. Foz da Ribeirinha....205
5.1.4 Penascosa/Quinta da Barca....206
5.1.4.1 Penascosa....206
5.1.4.1.1. Penascosa (Fase 1)....208
5.1.4.1.2. Penascosa (Fase 2)....214
5.1.4.2 Quinta da Barca....219
5.1.4.2.1 Quinta da Barca (Fase 1)....220
5.1.4.2.2 Quinta da Barca (Fase 2)....231
5.1.4.3 A relação Penascosa/ Quinta da Barca....234
5.1.5 Ribeira das Cortes....236
5.1.6. Ribeira de Piscos....238
5.1.6.1. Ribeira de Piscos (Fase 1)....238
5.1.6.2. Ribeira de Piscos (Fases 2 e 3)....241
5.1.7. Fariseu....254
5.1.7.1. Fariseu (Fase 1)....255
5.1.7.2. Fariseu (Fases 2 e 3)....260
5.1.8. Vale de Figueira....265
5.1.9. Vale de Videiro....268
5.1.10. Canada do Inferno....268
5.1.10.1. Canada do Inferno (Fase 1)....270
5.1.10.2. Canada do Inferno (Fase 2)....276
5.1.10.3. Canada do Inferno (Fase 3)....280
5.1.11. Rego da Vide....280
5.1.12. Vale de Moinhos....282
5.1.13. Moinhos de Cima....284
5.1.14. Broeira....286
5.1.15. Quinta das Tulhas....288
5.1.16. Foz do Côa....288
5.1.17. Canada da Moreira....297
5.1.18. Vale de José Esteves....299
5.1.19. Vermelhosa....302
5.1.20. Vale de Cabrões....302
5.1.21. Tudão....308
5.1.22. Vale Escuro....309
5.1.23. Canada das Corraliças....309
5.2. Vale do Águeda....310
5.2.1 Siega Verde....310

5.2.1.1. Siega Verde (Fase 1)....312
5.2.1.1. Siega Verde (Fase 2)....313
5.2.2 Redor do Porco....321
5.2.3. Arroyo de las Almas....322
5.3. Os sítios em torno de Domingo García....322
5.3.1. Cierro de San Isidro....323
5.3.2. Las Canteras....326
5.3.3. Migueláñez....327
5.3.4. Valdebernardo-Cañamares....327
5.3.5. Río Eresma....327
5.3.6. La Dehesa de Carbonero....328
5.4. Vale do Sabor....329
5.4.1. Sampaio....329
5.4.2 Pousadouro....331
5.4.3. Fraga Escrevida....332
5.4.4. Ribeira da Sardinha....334
5.5. Outras estações isoladas da bacia do Douro....335
5.5.1. Mazouco....336
5.5.2. Fraga do Gato....338
5.5.3. Abrigo de Foz Tua....340
5.5.4. La Salud....341
5.6. Vale do Zêzere....343
5.6.1. Costalta....344
5.6.2. Poço do Caldeirão....344
5.7. Vale do Ocreza....345
5.7.1. Ocreza....345

6. Análise de conjunto....347
6.1. Fase 1....350
6.1.1. Sítios e zonas....350
6.1.2. As relações entre as unidades gráficas....360
6.2. Fases 2 e 3....365
6.2.1. Sítios e zonas....365
6.2.2. As relações entre as unidades gráficas....373
6.3. Em suma....378

7. Balanço e perspectivas....379
7.1. Alargando o olhar....378
7.2. Totemismo: a ilusão, a organização social e a sua latência nos estudos de arte paleolítica....380
7.3. As ontologias de Descola e a sua importância para o estudo da arte paleolítica....381
7.4. Arte rupestre do Paleolítico superior: produção gráfica animista ou totémica?....385
7.5. Do totemismo ao animismo....390

8. Referências bibliográficas....394

Anexo: As rochas estudadas do território português a norte do Tejo

0. Breves considerações prévias....438
0. 1. Os equinos....438
0.2. Os bovinos 440
0.3. Os caprinos e rupicaprinos....440
0.4. Os cervídeos....441
0.5. Os peixes....441
0.6. As aves....441
0.7. Os antropomorfos....441

1. Vale do Côa....441
1.1. Faia....441
1.2. Quinta da Barca....443
1.3: Penascosa....494
1.4. Ribeira de Piscos....532
1.5: Fariseu....601
1.6. Vale de Figueira....633
1.7. Vale de Videiro....640
1.8. Canada do Inferno....641
1.9. Rego da Vide....700
1.10. Vale de Moinhos....704
1.11. Foz do Côa....706
1.12. Vale de José Esteves....707
1.13. Vermelhosa....722
1.14. Vale de Cabrões....723
1.15. Vale da Casa....734
1.16. Canada da Moreira....734

2. Vale do Águeda....738
2.1. Redor do Porco....738

3. Vale do Sabor....739
3.1. Sampaio....739
3.2. Pousadouro....739
3.3. Fraga Escrevida....743
3.4. Ribeira da Sardinha....744

4. Outros sítios isolados do Vale do Douro....744
4.1. Mazouco....744
4.2. Fraga do Gato....746
4.3. Abrigo de Foz Tua....746

5. Vale do Zêzere....749
5.1. Costalta....749
5.2. Poço do Caldeirão....749

6. Vale do Ocreza....752
6.1. Foz do Ocreza....752